

Simão Monteiro



Levantando o véu: a *ergoñgenia* e a realidade

**INSTITUTO  
APHOMOIOO**

Orientadores

Professor Doutor Manuel da Costa Leite  
Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Professor Doutor Carlos Vidal Tenes Oliveira Caseiro  
Professor Auxiliar da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

VERSÃO NÃO REVISADA UTILIZADA PARA DEFESA PÚBLICA

LISBOA

OUTUBRO 2018

Simão Monteiro



Levantando o véu: a *ergoñgenia* e a realidade

VERSÃO PROVISÓRIA PARA DEFESA PÚBLICA

DOUTORAMENTO EM  
PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Orientadores

Professor Doutor Manuel da Costa Leite  
Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Professor Doutor Carlos Vidal Tenes Oliveira Caseiro  
Professor Auxiliar da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

**INSTITUTO  
APHOMOIOO**

Instituto de Investigação Multidisciplinar

LISBOA

OUTUBRO 2018

## DEDICATÓRIA

À minha amada Carmen que me salvou a vida, dedicando-me a sua própria, e  
por quem existo egoisticamente apaixonado.

E também aos meus dois filhos Gabriel e Rafael, dos quais me orgulho  
enquanto homens que se tornaram diante dos meus olhos.

Ao Sr. Dom Luiz de Castro Van Zeller Pereira Palha a quem admiro pela força e respeito  
que nutre pela minha pessoa.

Muito obrigado a cada um dos anónimos que nas horas mais difíceis contribuíram para  
que esta investigação fosse o que agora é enquanto uma possibilidade.

Simão Monteiro

Lisboa, 08 de Outubro de 2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para a conclusão desta investigação.

Nomeadamente,

a Dra. Carmen Simão, psicanalista lacaniana dedicada e paciente consultora técnica, Professora de Psicolinguística na Universidade Católica de 1987 até 2001;

ao Professor Dr. Carlos Vidal Tenes Oliveira Caseiro pelo acolhimento e dedicação à esta proposta de investigação filosófica;

ao Professor Dr. Manuel da Costa Leite pelo acolhimento e dedicação enquanto professor catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, instituição que acolheu e incentivou este empreendimento;

aos diversos Professores e Doutores que interessadamente teceram importantes comentários relativamente a esta investigação e ao seu controverso conteúdo e formato;

a todos os anónimos que contribuíram para que este volume chegasse às vossas preciosas mãos.

Com os mais sinceros agradecimentos,

Simão Monteiro

Lisboa, 08 de Outubro de 2018.



## RESUMO

Cada uma das interações que há, em e entre, cada um dos sistemas vivos humanos e um meio natural, realiza-se como uma realidade que se edifica a partir de cada uma das representações, que se definem a partir de cada uma das existências, que enquanto manifestações, realizam-se como aparências do mundo. O fenómeno que segundo Edmund Husserl (1859-1938) acontece a partir do acto consciente que decorre da interacção de um sujeito com um objecto, e ao qual Jean-Paul Sartre (1905-1980) define, à moda de Georg Hegel (1770-1831), como duas existências: uma em-si e outra para-si. Desta forma, segundo a ontofenomenologia, o que existe é uma consciência que direcciona cada um dos sistemas vivos humanos para um objecto e que se define como uma Intencionalidade, como o propõe Franz Brentano (1838-1917), mas que neste estudo, será grafada à moda gráfica de John Searle (1932), com um “i” maiúsculo.

Neste investigação, o que se pretende, é perturbar “ligeiramente” esta lógica que se edifica e subjaz a existência manifesta de uma consciência. Pois é diante da afirmação de que um conhecimento de uma coisa-em-si, enquanto tudo o que há no mundo, é desde Immanuel Kant (1724-1804), entendido como um objecto que não se pode conhecer em-si, outrossim, por-si ao atravessar a consciência que o transcende. O que, a partir de uma Intencionalidade, é uma interacção que se realiza do sujeito para o objecto ao qual se direcciona.

Entretanto, é exatamente diante desta afirmação, que se pretende “*levantar o véu*” que se realiza sobre a forma de uma realidade, e que se define como uma realização, ao acontecer na forma de um conceito que não revela a coisa-em-si, outrossim, a realidade que se afirma na forma de uma representação, como o que se manifesta enquanto um fenómeno.

Diante do que este estudo propõe que a realidade não é realmente um fenómeno, mas antes, um σχήμα (*schema*) que se realiza como uma *ergoígenia*. Uma coisa-em-si que ao realizar-se estruturalmente por-si, é enquanto uma realidade subjectiva e sistémica, o que atravessa uma homeomorfia que há, em e entre, a coisa-em-si, enquanto uma existência mais uma manifestação, mas na forma de uma simultaneidade, enquanto uma coisa aparência. O que se realiza como uma representação que através de um fazer, atravessa cada uma das subjectividades que há em cada um dos sistemas vivos humanos.

Mas para tanto, foi preciso definir cada uma das fronteiras que há, em e entre, sistemas e fenómenos. Como também, estabelecer cada uma das formas, estruturas e sistemas capazes de observar sistemicamente, cada um destes acontecimentos. A partir do que se tornou necessário, uma alteração da ortodoxia, tanto da língua, quanto da academia. Com o intuito de bem conseguir edificar este construto.

Palavras chave : *ergoígenia*, *schema*, Intencionalidade, consciência, representação.

## ABSTRACT

Each one of the interactions that exist in and between each of the human living systems and a natural environment takes place as a reality that is built up from each of the representations, which are defined from each of the existences, which as manifestations, take place as appearances of the world. According to Edmund Husserl (1859-1938) the phenomenon that occurs from the conscious act that results from the interaction of a subject with an object, and to which Jean-Paul Sartre (1905-1980) defines, in the style of Georg Hegel (1770- 1831), as two existences: one in-itself and another for-itself. Thus, according to ontophenomenology, what exists is a consciousness that directs each human living system to an object, defining itself as an Intentionality, as proposed by Franz Brentano (1838-1917), but which will be written as fashioned by John Searle (1932), with a capital “I” for this study.

It is intended with this investigation to “slightly” disturb this logic that is built up and, at the same time, underlies the manifest existence of a consciousness. For it is the assertion that a knowledge of a thing-in-itself, while all that is in the world is understood as an object that can not know in-itself, but by-itself when crossing the consciousness that transcends it, according to Immanuel Kant (1724-1804). What, from an Intentionality, is an interaction that is made from the subject to the object to which it is directed.

It is exactly in the face of this affirmation, however, that one intends to "lift the veil" that takes form of a reality, defining itself as an achievement, happening in the form of a concept that does not reveal the thing-in-itself, as well as the reality that asserts itself in the form of a representation, as that which manifests itself as a phenomenon.

In the face of this study's proposition, that reality is not really a phenomenon, but rather a *σχῆμα* (*schema*) that takes place as an *εργόηγεια*. A thing-in-itself which, when realized structurally by itself is, as a subjective and systemic reality, that which crosses a homeomorphism that is, in and between the thing-in-itself, as an existence and a manifestation, but in the form of a simultaneity, while a thing-appearance. That is realized as a representation that, in the process of an act, crosses each of the subjectivities that exist in each of the human living systems.

In order to do só, it was necessary to define each one of the boundaries that exist in and between systems and phenomena. As well, it was needed to establish each of the forms, structures, and systems capable of observing each of these events systemically. From what has become necessary, a change of the orthodoxy, both of the language and of the academia. In order to successfully build this construct.

Word keys: *εργόηγεια*, *schema*, Intentionality, consciousness, representation.

## ÍNDICE GERAL

<b>ÍNDICE DOS QUADROS</b>	13
<b>ÍNDICE DAS FIGURAS</b>	14
<b>INTRODUÇÃO</b>	15
I. (um)-ENANTI: o (um) e o “lugar”	16
II. O conceito de <i>ergoḡgenia</i>	20
III. Juízo Sintético x Identidade Semântica	21
IV. (uma)-representação é (uma)-simultaneidade	22
V. (um)-pensamento é (uma)-representação	24
VI. O que é (uma)-simultaneidade?	26
VII. O termo “ONE”: (uma)-analogia	27
VIII. «Entre» (um)-ENANTI e (um)-EISPHERO	29
IX. (um)-TOPOS	34
X. Enfim, real(iza-se) (um)-EISPHERO na forma de (uma)-introdução	35
XI. A forma de (um)-linguístico	37
XII. Para entender (uma)- <i>ergoḡgenia</i> ?	39
XIII. Dois heróis controversos «entre» muitos	40
XIV. (um)-fenômeno-consciência	41
XV. Linguagem e Acoplamento Estrutural	43
XVI. (uma)-teoria ou (uma)- <i>theoria</i> ?	45
XVII. (uma)-consciência, (um)-fenômeno e (um)-“fazer”	47
XVIII. A objectividade kantiana e a subjectividade schopenhaueriana	48
XIX. (uma)-realidade x (uma)-real(idade)	50
XX. Crises históricas e consciência	52
XXI. A forma consciência e a condição humanidade	53
XXII. O que é (um)-“fazer”-neurofisiológico?	56
XXIII. (uma)-epistemologia é (uma)-axiologia	57
XXIV. O que é (uma)-representação?	58
XXV. A tradição filosófica e a <i>ergoḡgenia</i>	61
XXVI. SEIN x SOSEIN	62
XXVII. (um)-linguístico abordado linguisticamente	63
XXVIII. (um)-sistema-simbólico-fechado e (um)-significado	64
XXIX. (uma)-consciência x (uma)-representação	65
XXX. (uma)-experiência-especular	67

<b>1. PROPEDÊUTICA</b>	72
1.1. Acoplamento linguístico	80
1.2. Protótipo objectivo	84
1.3. Hipótese do véu imaginário	94
1.4. Protótipo NEONATAL	102
1.5. Hipótese do PAR imagético	105
1.6. PRIMEIRA representação	110
1.7. Acontecimento linguístico	113
1.8. <i>Ergoñenia</i>	116
1.9. Topologia linguística	122
1.10. Existência linguística	127
1.11. Existência heurística	132
1.12. Real(idade)	140
1.13. Representação	143
1.14. Prática linguística	146
1.15. Objectivação autopoietica	151
1.16. Fetichismo	154
1.17. Sociedade	158
1.18. Crise	160
<b>PARTE I – <i>Ergoñenia</i> E TOPOLOGIA</b>	164
A. (uma)-palavra-topologia e a topologia-geométrica	166
B. <i>Ergoñenia</i> e Representação	167
C. (um)-“fazer” é (um)-acoplamento-estrutural	170
<b>2. Aspectos Biológicos</b>	180
2.1. Sistema Nervoso	182
2.1.1. Estrutura Neurobiológica	188
2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica	191
2.1.3. Fala e Mente	194
2.2. (um)-“fazer”	196
2.3. Imagem	205
2.4. Representação	209
2.5. Realidade	210
<b>3. Aspectos Históricos</b>	213

3.1. Monocórdio	219
3.2. Diádico	221
3.3. Egóico	224
3.4. Narrativo	227
3.5. Hierárquico	230
<b>4. Aspectos Topológicos</b>	232
4.1. Imaginário	234
4.2. REAL	238
4.3. Simbólico	227
4.4. (um)-“lugar”	242
4.5. Real(idade)	244
<b>5. Aspectos Filosóficos</b>	248
5.1. Consciência x “fazer”	249
5.2. Existência x Acontecimento	257
5.3. Percepção x Atravessamento	263
5.4. REAL x Real(idade)	266
5.5. Adjectivação x Substantivação	270
<b>PARTE II – “EM-SI” E “PARA-SI”</b>	272
A. Sujeito x Objecto	275
B. Consciência x Representação	277
C. Escolha x Decisão	279
D. Percepção x Obnubilação	284
<b>6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?</b>	288
6.1. (uma)-consciência é (um)-“fazer”	292
6.2. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)- <i>ergoñgenia</i>	296
6.3. Em cada “coisa” aparência, “há” (um)-(ir)representável	298
6.4. (uma)-“coisa”-aparência é (um)-atractor	302
6.5. (um)-fetiche é (uma)-negação de (uma)-“coisa”-aparência	304
<b>7. (um)-“fazer” não é (um)-<i>percipere</i></b>	305
7.1. (um)-“fazer” não é (um)- <i>percipi</i> , é (um)-NADA	306
7.2. (um)-homem não é (um)- <i>percipiens</i>	308
7.3. Quando (um)-véu-imaginário estrutura (um)- <i>percipere</i>	309
7.4. (um)-NADA é (uma)- <i>ergoñgenia</i>	310
7.5. (um)-fetiche é enquanto (uma)-projectão, (um)-NADA	311

<b>8. (um)-protótipo-objectivo e o NADA sartriano</b>	313
8.1. (um)-“fazer” é (um)-acontecimento	315
8.2. O lascar de (uma)-pedra não é (uma)-técnica	316
8.3. O véu imaginário é (uma)-estrutura que “(in)separa” (um)-NADA	317
8.4. (um)-NADA é (uma)-existência?	318
8.5. (um)-fetiche: quando (um)-NADA projecta (uma)-SOCIEDADE	319
<b>9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano</b>	320
9.1. (um)-“fazer” sem (um)-sujeito	322
9.2. (um)-“fazer” [separa] (uma)-simultaneidade: (um)-“para-si	323
9.3. (um)-“em-si” é (uma)-imagem e (uma)-real(ização) “há” “para-OUTRO-si”	327
9.4. O EGO é (um)-“em-si” e (um)-“fazer” é (uma)-mundanidade	328
9.5. (uma)-escolha é (uma)-NEGAÇÃO	329
<b>10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-(des)ambiguação</b>	332
10.1. (uma)-“coisa”-aparência e OUTRA-“coisa”-aparência	333
10.2. (um)-“fazer” não é (um)-fenómeno	334
10.3. Quando (uma)-“coisa”-aparência é (um)-ENTE-axiológico	335
10.4. (uma)-reificação é (uma)-existência enquanto (um)-“para-si-em-OUTRO”	336
10.5. Quando (uma)-cognição atravessa-se à (um)-“fazer”	337
<b>PARTE III – HIERÁRQUIA E CRISE</b>	339
A. (uma)-ontofenomenologia	346
B. (uma)-ONTOFILOGENIA	353
C. (um)-“fazer”-monocórdio	357
<b>11. Quarenta mil anos depois: a Grande Depressão de 1929</b>	383
11.1. (uma)-hierarquia e a super-productividade	393
11.2. O NOVO ACORDO: (uma)-autopoiese da estrutura de proscritividade	398
11.3. A real(idade) «antes» da produtividade e depois da proscritividade	406
11.3.1. (uma)-Grande-Depressão	410
11.4. Existir em “constante-depressão” ou em “depressão-constante”?	412
11.5. O que é (um)-EXISTIR em (uma)-topologia-linguística?	417
<b>12. A experiência de Hawthorne</b>	420
12.1. A produtividade e a cientificidade: como relacionar trabalho e LUCRO	426
12.2. HOMO-socialis x HOMO-economicus	432
12.3. Hawthorne à LUZ dos s(eu)s discursos	435
12.4. “Há” LUZ em (um)-gabinete?	440

12.5. O último a sair que apague a LUZ .....	442
<b>13. A escola keynesiana e o PLENO EMPREGO .....</b>	<b>444</b>
13.1. (uma)-recessão e (um)-ESTADO: o <i>laissez faire</i> e a macroeconomia .....	448
13.2. Keynes e o (des)emprego periódico .....	453
13.3. Keynes x Alfred Marshall: intuitividade x racionalidade .....	455
13.4. As hierarquias e a privação de liquidez .....	458
13.5. A Teoria dos Jogos e a Economia de MERCADO .....	460
<b>14. As correntes NEOLIBERAIS e a crise financeira de 2008 .....</b>	<b>462</b>
14.1. As culpas do liberalismo clássico e os ideais NEOLIBERAIS .....	466
14.2. Do modelo-social à (uma)-financeirização .....	471
14.3. Não “há” ESTADO PURO .....	476
14.4. As políticas sociais NEOLIBERAIS: (um)-contracto-social e (um)-Leviatã .....	477
14.5. A Grande Transformação .....	479
<b>15. A formação da ideia de ESTADO .....</b>	<b>486</b>
15.1. (um)-“HOMEM-forte” como origem de (um)-conceito de ESTADO .....	488
15.2. Escola Keynesiana x Correntes NEOLIBERAIS .....	492
15.3. A vida egóica aos olhos das dores hierárquicas .....	497
15.4. O “EU”-dominante e (um)-ESTADO-complacente .....	499
15.5. <i>Bellum omnium contra omnes</i> .....	500
<b>PARTE IV – INDIVÍDUO E CONSUMO .....</b>	<b>502</b>
<b>16. O HUMANO hierárquico e o topo das hierarquias .....</b>	<b>528</b>
16.1. A noção de TOPOS <i>hierarchicus</i> .....	533
16.2. As estruturas económicas à sombra das estruturas linguísticas .....	535
16.3. Emprego, (des)emprego e dores-hierárquicas .....	536
16.4. Emprego e Angústia .....	539
16.5. (Des)emprego e LIBERDADE .....	542
<b>17. Os MERCADOS e a alienação do HUMANO hierárquico .....</b>	<b>543</b>
17.1. O TOPOS <i>alienationis</i> e o s(eu) consumidor .....	546
17.2. O “dinheiro”: (um)-ENTE-axiológico .....	547
17.3. Pode-se “curar” (uma)-alienação? .....	548
17.4. Ideia-indivíduo e Vida-hierárquica .....	549
17.5. Do TRABALHO ao emprego .....	550
<b>18. (um)-indivíduo e as instituições .....</b>	<b>553</b>
18.1. A “felicidade” e o “dinheiro” .....	555

18.2. O “EU” instituído e a proscrição da individualidade .....	556
18.3. O REAL indivíduo e as instituições real(idade) .....	557
18.4. A (in)felicidade e o TRABALHO .....	559
18.5. (um)-(des)empregado é (um)-cidadão? .....	561
<b>19. En-si-nando (uma)-real(idade): o παιδαγωγος (paidagogos) .....</b>	<b>563</b>
19.1. Convenção e coercitividade: sociedade, escola e indivíduo .....	564
19.2. Como é SER-conduzido por (um)-escravo do simbólico para o REAL? .....	567
19.3. REAL e real(idade): (uma)-pedagogia-linguística .....	567
19.4. Individualidade: (uma)-existência que se busca na mundanidade .....	568
19.5. O enigma de Kaspar Hauser é (uma)-falácia .....	570
<b>CONCLUSÃO: E o dia depois de amanhã .....</b>	<b>573</b>
A. Resposta da Topologia Linguística à “ <i>Teoria das Descrições</i> ” de Bertrand Russell ...	545
B. <i>Ergoḡgenia</i> e ONTOFILOGENIA .....	547
C. <i>Ergoḡgenia</i> e Identidade .....	550
D. <i>Ergoḡgenia</i> e Fenomenologia .....	552
E. Topologia Linguística e Ontofenomenologia .....	553
F. <i>Ergoḡgenia</i> e Cosmogonia .....	554
G. <i>Ergoḡgenia</i> e Cosmologia .....	556
H. <i>Ergoḡgenia</i> e Realidade .....	561
I. <i>Ergoḡgenia</i> e Inteligência .....	564
J. (um)-OPISTHEN: a forma de (uma)-CONCLUSÃO .....	565
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>567</b>



## ÍNDICE DOS QUADROS

<b>QUADRO 001</b> – ESTÁDIOS HISTÓRICOS .....	95
<b>QUADRO 002</b> – Estrutura Neurobiológica .....	102
<b>QUADRO 003</b> – O simbólico é (um)-furo .....	131
<b>QUADRO 004</b> – Como se real(iza) (um)-fetichismo .....	157
<b>QUADRO 005</b> – (uma)-interacção-sistémica na forma de (um)-linguístico .....	173
<b>QUADRO 006</b> – (uma)-interacção-especular, (uma)-imagem e (uma)-representação .....	208
<b>QUADRO 007</b> – Forma, Sistema e Estrutura na topologia-linguística .....	325
<b>QUADRO 008</b> – Interacção Linguística x Real(ização) .....	330
<b>QUADRO 009</b> – Como se real(iza) (uma)-objectivação-autopoiética .....	505
<b>QUADRO 010</b> – Representação e Real(idade) em (uma)-topologia-linguística .....	519
<b>QUADRO 011</b> – <i>Schema</i> SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE .....	521
<b>QUADRO 012</b> – EGO x EGO .....	529

## ÍNDICE DAS FIGURAS

<b>FIGURA 001</b> – Nó e Brasão da Família Borromeo .....	81
<b>FIGURA 002</b> – Nó não trivial topológico .....	126
<b>FIGURA 003</b> – O simbólico é (uma)-orla .....	129
<b>FIGURA 004</b> – JUROS FED .....	468

## INTRODUÇÃO

Se o modo habitual de representar, for tomado como a única medida de todas as coisas, a filosofia, então, será sempre algo deslocado.<sup>1</sup>

Martin Heidegger, 1962

“*Levantando o véu: a ergoñgenia<sup>2</sup> e a realidade*” é (uma)<sup>3</sup>-investigação acerca da origem sistêmica de (uma)-representação e da construção linguística de (uma)-real(idade)<sup>4</sup>, que ao edificar-se a partir de (uma)-realidade<sup>5</sup>, é o que se real(iza) na forma de (uma)-representação. Portanto, pode-se afirmar que esta investigação tem como (uma)-finalidade: estudar cada (uma) das *physis*<sup>6</sup> existências [representação e realidade], como acontecimentos linguísticos e propor, como também argumentar, que (uma)-realidade enquanto (uma)-*physis*-existência é tal e qual (uma)-“coisa”. O que a partir do latim “*realis*”, definido como (uma)-“coisa”, é enquanto (uma)-real(idade), (uma)-simultaneidade que se real(iza) como (uma)-representação.

Ou seja, (uma)-*physis*-existência que tem: (uma)-afinidade com (uma)-ideia, como (uma)-forma; (uma)-conformidade com (uma)-representação, a partir de (um)-atravessamento-sistêmico; e (uma)-origem que enquanto (uma)-*ergoñgenia*, é sistêmica como (um)-“fazer”-*physis*-existencial-e-linguístico. (um)<sup>7</sup>-estabelecendo-se<sup>8</sup> enquanto (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação.

---

1 Martin Heidegger, “*Que é uma coisa?*”, Tradução de Carlos Morujão, Edições 70, 1987, pag. 13.

2 Conceito desenvolvido pelo autor que tem como finalidade estudar (um)-“fazer” como origem de (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística.

3 Alteração visual imposta aos artigos indefinidos [um ou uma], a qual se pretende explicar sucintamente nesta introdução. Dá-se o nome de artigo às palavras que se (ante)põem a cada (um) dos substantivos para indicar se cada (um) dos substantivos têm (um)-sentido-individual determinado pelo discurso ou pelas circunstâncias, aos quais se define como artigos definidos; ou se cada (um) dos substantivos não é determinado pelo discurso ou pelas circunstâncias, aos quais se definem como artigos indefinidos. Como em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-existência-linguística é (uma)-determinação-ABSOLUTA (instável), na forma de (uma)-“coisa”-aparência, optou-se por discriminar (uma)-utilização de cada (uma) das ocorrências de cada (um) dos artigos indefinidos, para além das circunstâncias discursivas em que “há” (uma)-necessidade de utilizar-se esta forma gráfica modificada. Acrescenta-se que, desta forma, (um) ou (uma) como (um)-prefixo, define-se como (um)-acontecimento. Ver também Introdução, subcapítulo I. (um)-ENANTI: o (um) e o “lugar” e subcapítulo VII. O termo “ONE”: (uma)-analogia, como também, o capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

4 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.12. Real(idade).

5 Veja item XIX. (uma)-realidade x (uma)-real(idade).

6 A palavra grega referente a natureza, *phusis* (Strong 5449), transcrita como *physis*. Como a palavra *phusis* deriva do verbo primário *phuo* (Strong 5453) que significa “*gerar, dar à luz, produzir, ser nascido, brotar, desenvolver, germinar*”, optou-se por utilizar a transcrição *physis* para contextualizar como (uma)-representação e (uma)-realidade são entendidas em (uma)-topologia-linguística. Portanto, (uma)-*physis*-existência é (uma)-existência gerada por (um)-“fazer” a partir da forma de (uma)-*ergoñgenia*. O que se define, nesta dissertação, como (uma)-*natureza-de-existência*.

7 Ver INTRODUÇÃO, item I. (um)-ENANTI: o (um) e o “lugar” e subcapítulo, item VII. O termo “ONE”: (uma)-analogia, e capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

8 (um)-estabelecendo-se é (uma)-forma em (uma)-topologia-linguística que se refere a (uma)-condição-temporal do que se realiza “em-si” em (uma)-continuidade com (um)-“por-si” ou “para-si” como (uma)-representação que se acontece enquanto acontecimento representação “em-si”. Ver capítulo 9. (um)-véu imaginário e o “em-si”-sartriano, e também, o subcapítulo 9.2. (um)-“fazer” [separa] (uma)-simultaneidade: (um)-“para-si”.

Assim, a partir de (um)-acoplamento-estrutural<sup>9</sup>, como também do parágrafo logo acima, o que se pode notar é que a construção deste estudo, alicerça-se também e fundamentalmente «sobre» (uma)-curiosa-forma-de-escrita. Grafia esta que é preciso SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE justificada, para viabilizar (uma)-compreensão do que é, na forma de (um)-SER, como por exemplo (uma)-investigação ou (uma)-“coisa”.

Significantes que ao serem prefixados com as expressões [(um) ou (uma)], aqui são apresentados para SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE percebidos a partir da forma de (uma)-topologia-linguística<sup>10</sup>, como acontecimentos linguísticos enquanto conceitos sintáticos e semânticos.

Isto decorre do facto de que, é a partir dos parâmetros definidos na forma de (uma)-topologia-linguística, é que se vai edificar cada (uma) das argumentações que ampara cada (uma) das modificações que se propõe em cada (uma) das formas discursadas desta investigação. Posto que, afinal o que se procura responder através deste estudo é: como se real(iza) sistemicamente (uma)-representação em cada (um) dos sistemas vivos humanos?

Desta forma, e por isto, é que se opta, a partir da forma do parágrafo logo acima e diante da questão que se coloca, por iniciar (uma)-introdução com o que deveria estar «antes». Mas posto que se assumiria como (uma)-argumentação e enquanto o que se explica, é a partir de (uma)-origem, o que se justifica como (uma)-necessidade neste estudo, e não como (uma)-argumentação, diante da (uma)-utilização de cada (um) dos termos [(um) ou (uma)], desta forma modificados e enquanto prefixos, para construção de (uma)-retórica-argumentativa que na forma desta dissertação, pretende-se como o que se real(iza) formalidade neste discurso.

## I. (um)-ENANTI<sup>11</sup>: o (um) e o “lugar”

Contudo, como geralmente o que precede (uma)-introdução é o prefácio, o preâmbulo ou o prólogo. E como isto que está «antes» e que não se assume na forma de (uma)-argumentação, entretanto, pretende-se real(izar) na forma de (um)-conteúdo-preliminar como o que precede (uma)-

9 Segundo os neurobiólogos chilenos Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1945-2001), (um)-acoplamento-estrutural é (uma)-forma de interacção, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e (um)-sistema-meio, que se caracteriza pelo facto de que esta interacção gera interacções que são recorrentes e repetitivas. Interacções sistémicas que são relevantes à manutenção da organização de cada (um) dos sistemas vivos. Visto que, desta forma, o acoplamento estrutural é (uma)-condição-de-existência que na forma de (um)-acontecimento, real(iza-se) como (uma)-sistemática-viva. E como (uma)-recorrência-interactiva (estável), evidencia-se através de (um)-padrão-estável em cada (uma) das interacções que tornam possível que (uma)-estrutura de cada (um) dos sistemas vivos encontrem-se acoplada de (uma)-forma-específica à (um)-sistema-meio. Note-se que este “ajuste” (acoplamento estrutural) é necessário para que (um)-sistema-vivo “mantenha-se” absolutamente (instável) diferenciado do meio no qual existe.

10 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.9. Topologia Linguística e também PARTE I – *Ergoñgenia* E TOPOLOGIA, item A. (uma)-palavra-topologia e a topologia-geométrica.

11 Palavra grega *εναντι* (*enantí*), que se define como “antes”. Dicionário Strong, verbete 1725.

introdução. É por isto que se apresenta, desta forma, como o que se segue adiante, na forma do que deveria acontecer «antes», enquanto (um)-ENANTI. Para explicar (um)-porquê, como também, (uma)-utilização de cada (um) dos termos [(um) ou (uma)], desta forma modificados, no contexto argumentativo desta dissertação.

Assim, definido (um)-porquê para a forma desta organização que se real(iza) na forma de (um)-ENANTI; e posto que ao acontecer «antes» define-se simultaneamente enquanto [origem e “lugar”] para cada (um) dos porquês de (uma)-utilização de cada (um) dos termos [(um) ou (uma)], em cada (um) dos contextos argumentativos desta dissertação. Pois, é a partir da palavra grega *εναντι* (*enanti*<sup>12</sup>), que se define como «antes», que se real(iza) na forma do que se inicia como esta introdução, enquanto (uma)-forma-dissertativa que se considera enquanto (um)-ENANTI, como “o ponto de onde (α) [(uma)-]acção procede”<sup>13</sup> para acontecer “em lugar de”<sup>14</sup>.

Portanto, como é a forma da palavra grega *εναντι* (*enanti*<sup>15</sup>) que define o caminho que se irá percorrer. Inicialmente pensado de forma isolada como o que se prepara com antecedência para apresentar (uma)-forma-conteúdo que preliminar, pretende-se incorporar a forma de (uma)-introdução.

Ou seja, (uma)-“coisa”-aparência que ao anteceder o que é necessário para que se possa perceber cada (um) dos motivos ONTOFILOGÊNICOS para (uma)-utilização de cada (um) dos termos modificados [(um) ou (uma)], como também, de cada (um) dos outros termos modificados que também acontecem nos contextos dissertativos deste estudo, e que aqui não serão explicados nem justificados, apesar de utilizados.

Por isto, ao afirmar que este ENANTI é o que acontece «antes» na forma do que acontece. Mas que não é o que se pretende para anunciar (um)-pensamento que se segue na forma de (uma)-introdução, outrossim, como (um)-pensamento que ao acontecer «antes», justifica e real(iza), através de (uma)-palavra, o que se apresenta a partir dos termos modificados [(um) ou (uma)] nos contextos textuais e conteúdos argumentativos desta investigação. Como também, como se opera (um)-significante que se real(iza) na forma de (um)-acontecimento-linguístico. Pois é, desta forma, que a partir de (um)-ENANTI, propõe-se isto que acontece «antes» à incorporar-se em (uma)-introdução.

Mas, desde já, previne-se (um)-interlocutor que (uma)-topologia-linguística, oriunda da *ergoñgenia* contida no título desta dissertação, a partida é (uma)-disciplina de difícil aceitação,

---

12 Palavra grega *εναντι* (*enanti*), que se define como “antes”. Dicionário Strong, verbete 1725.

13 Leia-se: “O ponto de onde a acção procede”. A partir de Strong 1537, *εκ* (ek) ou *εξ* (ex) é enquanto palavra-raiz, a palavra a partir da qual se forma a palavra grega *εναντι* (*enanti*).

14 “Em lugar de”, a partir de Strong 473, *αντι* (*anti*) enquanto palavra-raiz, a partir da qual se forma a palavra grega *εναντι* (*enanti*).

15 Palavra grega *εναντι* (*enanti*), que se define como “antes”. Dicionário Strong, verbete 1725.

como também, sendo aceita ou não, não é (uma)-disciplina-de-compreensão-imediata. Mas, este facto explica-se, posto que esta sensação ocorre devido a (uma)-utilização quase (in)discriminada de juízos analíticos (A PRIORI) para compor cada (um) dos pensamentos deste estudo. Condição que na forma de (uma)-*physis*-existência-linguística, define-se em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-*ergoígenia*.

Assim, justificada (uma)-sensação que real(mente) é falsa. Salienta-se que a questão não se restringe a (um)-problema-de-compreensão, outrossim, a (uma)-simplificação-quase-(in)discriminada que não fica logo evidente na forma deste discurso. E que muitas vezes, ao parecer muito repetitiva ou demasiadamente resumida, parece expressar «algo» comum. Mas real(mente) é (um)-discurso que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de (uma)-retórica-particular. Pois como (um)-discurso é (um)-“lugar” que segundo (uma)-topologia-linguística, é onde cada (um) dos significantes em (uma)-estrutura-retórica, real(iza-se) como (uma)-“coisa” e simultaneamente também, como (uma)-aparência da “coisa” enquanto manifestação que na forma de (um)-contextual-[significante x significante] real(iza-se) como (um)-discurso.

Mas não da mesma forma que (um)-signo-ou-significado-linguístico-saussureano, outrossim, a partir da forma de cada (um) dos acontecimentos significantes que o compõem. Ou seja, (um)-signo-ou-significado-linguístico-saussureano é (uma)-interacção-[significante-significado], e (uma)-representação segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-interacção-[significante-significante]. Isto devido a (uma)-condição na topologia-linguística de (uma)-PRIMEIRA-representação<sup>16</sup>. Posto que se “há” (uma)-PRIMEIRA-representação, segundo (uma)-topologia-linguística não “há” (um)-PRIMEIRO-significado-para-esta-representação, outrossim, (um)-acontecimento-significante que lhe é adjacente e que enquanto (um)-acontecimento-significante, real(iza-se) como (uma)-SEGUNDA-representação. Ou seja, (um)-contextual-[significante x significante] que se real(iza) como (um)-discurso, ao que Ferdinand de Saussure (1857-1913) definia como (uma)-interacção-[significante-significado], e não como (uma)-interacção-[significante-significante], como se define em (um)-sistema-topologia-linguística.

Portanto, segundo (uma)-topologia-linguística como só “há” objectos em (uma)-real(idade) e (uma)-representação é (um)-significante que não se real(iza) na forma de (um)-signo-linguístico, posto que não se real(iza) em conformidade com (uma)-interacção-[significante-significado], outrossim, na forma de (uma)-interacção-[significante-significante]. O que se tem é (um)-acontecimento-significante.

---

16 Veja no capítulo 1. PROPEDÊUTICA, o subcapítulo 1.6. PRIMEIRA representação.

A partir do que segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-acontecimento-significante real(iza-se) como (uma)-interacção-[significante-significante] na forma de (uma)-representação. Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-edificação de (um)-significado é sempre (uma)-interacção-contextual e, desta forma, (um)-contexto é sempre sistémico e estrutural, ou seja, neurobiológico<sup>17</sup> (estrutural) e neuro-BIO-fisiológico<sup>18</sup> (sistémico) em (uma)-simultaneidade.

Mas isto, apesar de iniciar (uma)-justificação, ainda não explica nem tampouco justifica (uma)-utilização dos termos modificados [(um) ou (uma)] nos contextos argumentativos desta dissertação. Isto porquê, o que (uma)-topologia-linguística pretende com (uma)-edição desta forma de modificação, é deslocar o plano de visão que propõe (uma)-ontologia para (um)-plano-de-visão que se propõe na forma de (uma)-topologia-linguística.

Posto que (uma)-ontologia propõe (um)-SER (SEIN) como (uma)-existência e (uma)-topologia-linguística propõe (uma)-alternativa para (um)-SER, que na forma de (um)-“lugar”, real(iza-se) como (um)-acontecimento-linguístico enquanto (uma)-representação. (uma)-formalidade que se constitui como (um)-SER e, desta forma, existe linguisticamente na forma de (um)-acontecimento-linguístico.

(uma)-sistemática na forma de (uma)-interacção-significante que enquanto (uma)-simultaneidade é, desta forma modificada, (um)-acontecimento-linguístico. Ou seja, simultaneamente (uma)-existência-sistémica (interactiva) e (uma)-existência-linguística (estrutural) que, segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de (uma)-representação que se apresenta, desta forma, como (um)-ENTE que não se opõe à (uma)-não-existência-entitativa, enquanto (um)-não-SER, outrossim, é como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que se realiza na forma de (uma)-“coisa”-aparência.

O que ao real(izar-se), desta forma, na forma de (uma)-ambiguação-SEIN-SOSEIN, é a partir de (uma)-forma-alucinação<sup>19</sup>, o que ONTOFILOGENICAMENTE tem a forma de (um)-((SIM NÃO = NÃO SIM))<sup>20</sup>.

É, por isto que a partir da forma de (uma)-existência-linguística e segundo (uma)-topologia-linguística, o que se define em cada (uma) destas modificações, é (uma)-real(ização) de (uma)-solução para cada (um) dos problemas ontofenomenológicos que se configuram a partir de [(uma)-

---

17 Veja no capítulo 2. Aspectos Biológicos, o subcapítulo 2.1.1. Estrutura Neurobiológica.

18 Veja no capítulo 2. Aspectos Biológicos, o subcapítulo 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica.

19 A topologia-linguística considera que “há” (uma)-fase-na-infância, «entre» os estágios sensorio motor e pré-operatório, em que (uma)-criança não “faz” distinção «entre» o que é figura e o que é fundo. Esta fase do desenvolvimento cognitivo de (uma)-criança é coincidente com o que acontece em (um)-ESTÁDIO-diádico em cada (um) dos sistemas vivos HOMO envolvidos, como propõe (uma)-topologia-linguística. Ver capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.2. Diádico.

20 Notação lógica ou paralógica que procura definir, em (um)-enunciado-lógico na forma de (uma)-alucinação. Ver capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.2. Diádico.

existência + (uma)-manifestação], e que segundo (uma)-topologia-linguística, envolve (uma)-forma-representação.

Para mais, salienta-se ainda que muitas das dificuldades de compreensão do que propõe (uma)-topologia-linguística, são decorrentes muito provavelmente de (um)-carácter ainda muito especulativo deste prelúdio. Posto que, ainda isolado real(iza-se) na forma de (um)-conteúdo-preliminar, que ao procurar argumentar somente acerca de (uma)-necessidade de utilizar cada (um) dos termos modificados (um) ou (uma), no decorrer dissertativo desta investigação, isola-se enquanto (uma)-forma-argumentação.

E muito devido a este facto, este acontecimento que acontece «antes» e que serve mais para justificar do que para explicar, para não (des)virtuar (um)-carácter-ainda-justificativo deste prelúdio, que não se real(iza) na forma de (uma)-apresentação, mas tão somente como (uma)-justificação para cada (um) dos «porquê» de cada (uma) das alterações que se processam, em cada (um) dos termos que se modificam, na duração dissertativa desta argumentação.

## II. O conceito de *ergoñenia*

Mas, por ora, para beneficiar (um)-entendimento de cada (uma) destas modificações, primeiramente ainda é preciso muito sucintamente definir (uma)-*ergoñenia*. Como também, a partir de (uma)-*ergoñenia*, como surge (uma)-topologia-linguística. Posto que a partir da ideia de acoplamento estrutural, oriunda da biologia, e que se “faz” necessário como (um)-conceito que permita (uma)-coexistência, em e «entre», (um)-“fazer”-biológico e (um)-“fazer”-linguístico, como (uma)-*ergoñenia* que se realiza na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

(um)-conceito que ao procurar trazer para a filosofia (uma)-ideia da biologia e, desta forma, lidar com (uma)-origem que se procura real(izar) a partir de (um)-“fazer” na forma de (uma)-tautologia. Ou seja, como (uma)-“coisa”-aparência que ao procurar definir-se como origem de (um)-“fazer” enquanto (um)-“fazer” é (uma)-formalidade. Real(iza-se) como (uma)-real(ização) que se entende, a partir de (uma)-topologia-linguística, como (uma)-origem que em (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) a partir da forma de (um)-acoplamento-sistémico, como (uma)-forma-representação.

Contudo, a forma de (um)-pensamento-tautológico é «algo» que não beneficia (um)-avanço-epistemológico. A partir do que se percebe (um)-porquê de (uma)-filosofia-tradicional considerar (um)-argumento-tautológico como (uma)-(in)capacidade-de-progressão de (um)-conhecimento. Isto porquê, segundo a filosofia tradicional, (uma)-tautologia real(iza-se) em conformidade com (um)-



juízo-analítico, na forma de (um)-discurso no qual (um)-predicado (objecto) repete o conteúdo formal de (um)-sujeito (objecto).

(uma)-forma-pensamento a que François-Joseph Thonnard (1896-1974), autor de “*Précis d’histoire de la philosophie*”<sup>21</sup>, exemplifica em (uma)-conformidade com o mesmo exemplo a que se referencia Immanuel Kant (1724-1804), da seguinte forma: “o corpo é uma substância extensa”<sup>22</sup>. Pois este é (um)-discurso que, segundo Thonnard, real(iza-se) conforme (uma)-tautologia. Porquê nesta forma discursiva, é (in)extensível enquanto (uma)-forma-pensamento, e é estéril enquanto (uma)-forma-conhecimento. Posto que não é (um)-enunciado-epistemológico, mas tão somente (um)-discurso que se forma, a partir de (um)-juízo-analítico como (uma)-forma-identidade-semântica.

### III. Juízo Sintético x Identidade Semântica

O que segundo Kant não é mais do que (um)-discurso que nega (um)-juízo. Posto que (um)-juízo-analítico, como é (um)-conceito-PURO (Thonnard, 1966), mesmo que não contenha nenhuma (contra)dição, não é (uma)-forma que se basta para (uma)-edificação de (um)-conhecimento. O que implica em (uma)-(contra)dição, mesmo que não “haja” (contra)dição alguma em (um)-discurso. Tudo porquê, como esta forma de discurso não contém (um)-conhecimento, mas tão somente (uma)-identidade, é (um)-discurso que não permite (uma)-construção de (uma)-epistemologia, mas somente (uma)-edificação de (uma)-construção-semântica.

A partir do que se pode afirmar que: (uma)-*ergoñgenia* é [(um)-“fazer” que tem (uma)-origem em (um)-“fazer”]. E, desta forma, é (uma)-tautologia que se expressa somente como (uma)-identidade. Pois é a partir disto que ao analisar (uma)-composição-e-organização de (um)-pensamento, pode-se afirmar que (um)-pensamento é (uma)-acção que real(iza) alguma “coisa”, e esta acção de real(izar) alguma “coisa”, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-acontecimento que se pretende mostrar na forma de (uma)-aparência, como (uma)-“coisa”-aparência que acontece, e que segundo (uma)-topologia-linguística, é na forma de (um)-pensamento (uma)-simultaneidade.

(uma)-sistemática que ao tomar a forma de (uma)-“coisa”-aparência, real(iza-se) na forma de (uma)-representação enquanto (um)-linguístico. O que segundo (uma)-topologia-linguística, estabelece (uma)-interacção-[objecto-objecto] na forma de (um)-juízo-analítico | A PRIORI e não (uma)-interacção-sujeito-objecto na forma de (um)-juízo-sintético | A POSTERIORI.

---

21 François-Joseph Thonnard em “*Précis d’histoire de la philosophie*”, 5e édition revue et corrigée, editor J. Thomas Tornaci, 1966.

22 Idem, parágrafo 392 da versão digital.

Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação ao acontecer na forma de (uma)-simultaneidade, é na forma de (uma)-“coisa”, o que se apresenta simultaneamente na forma de (uma)-aparência. (uma)-“coisa”-aparência a partir da qual se pode concluir que (uma)-representação é (uma)-simultaneidade-[“coisa” | aparência], que se real(iza) como (um)-acontecimento-linguístico.

O que segundo (uma)-topologia-linguística é simultaneamente (uma)-representação e (um)-pensamento. Entretanto, a partir daqui se torna preciso justificar como (uma)-topologia-linguística sustenta esta tipologia de argumentação.

A partir do que, como já se concluiu que (uma)-representação é o que real(iza) como (uma)-“coisa”-aparência, e que isto acontece na forma de (um)-acontecimento-linguístico que é simultaneamente (um)-pensamento; pode-se afirmar que (uma)-representação é, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-simultaneidade que se real(iza), desta forma, como (uma)-existência-linguística. E isto é o que se presta para sustentar que (um)-pensamento é (uma)-representação. (uma)-tipologia-de-argumentação que a partir da forma de (uma)-*ergoñgenia*, estabelece que [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] cuja origem é (um)-“fazer”.

Mas, o que se estabelece em (uma)-filosofia-tradicional, é que (um)-conhecimento é mais do que (um)-“fazer” na forma de (uma)-*ergoñgenia*. Posto que o que acontece na forma de (um)-juízo-analítico (objecto x objecto), quiçá na forma de (uma)-tautologia, é o que se real(iza) como (uma)-ideia (forma), mas não se edifica como (um)-conhecimento, outrossim, o que se edifica como (um)-conhecimento, é o que acontece na forma de (um)-juízo-sintético (sujeito x objecto).

Posto que se estrutura, sintática e retoricamente, na forma de (uma)-epistemologia. Ou seja, segundo (uma)-filosofia-tradicional, “há” (uma)-compreensão que se real(iza) em (um)-sujeito acerca de (um)-atributo-qualitativo que se destaca como (uma)-forma-pensamento, e a partir do qual é possível afirmar que (um)-pensamento é (uma)-representação que se real(iza) na forma de (um)-atributo-qualitativo que se destaca como (uma)-forma-pensamento que, segundo (uma)-filosofia-tradicional, realiza-se na forma de (uma)-consciência.

#### IV. (uma)-representação é (uma)-simultaneidade

Mas, é justamente desta resposta específica que (uma)-topologia-linguística afasta-se. Pois o que se real(iza) em (uma)-topologia-linguística, através da utilização dos termos modificados (um) ou (uma), é a forma de (um)-significante que, enquanto (uma)-existência-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico e não (uma)-ontofenomenologia. Isto porquê o atributo que se destaca de

(um)-acontecimento-linguístico, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer” e não (uma)-consciência.

Posto que, a partir de (uma)-topologia-linguística, “há” (um)-deslocamento de (uma)-representação, da forma de (uma)-manifestação, para a forma de (uma)-simultaneidade. Ou seja, se o atributo que se destaca de (uma)-forma-pensamento, na forma de (um)-juízo-sintético (A POSTERIORI) é (uma)-consciência. O atributo que se destaca de (uma)-forma-representação, na forma de (um)-juízo-analítico (A PRIORI) é (uma)-simultaneidade. O que define a forma de (um)-pensamento em (uma)-topologia-linguística como (uma)-interacção-linguística que se real(iza) enquanto (uma)-relação-[objecto x objecto].

A partir do que se pode argumentar acerca de (uma)-forma-de-juízo-sintético que, a partir de (uma)-*ergoígenia*, real(iza-se) na forma de (um)-juízo-analítico, mas não é (um)-juízo-sintético-A-PRIORI. Posto que é (uma)-acção-que-se-real(iza) na forma de (uma)-“coisa”-aparência, como (um)-acontecimento-significante que acontece, segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-real(ização) que, enquanto (uma)-forma-pensamento é o que acontece na forma do que se real(iza) a partir de (um)-“fazer” e em conformidade com (uma)-representação.

Isto porquê, em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-“coisa”-aparência (representação) é (um)-SER (SEIN) que, ONTOFILOGENICAMENTE entende-se como (uma)-existência-linguística, e não como (uma)-ontofenomenologia. E portanto, (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-noção que é exigida pelo SER (SEIN) para acontecer na forma de (um)-linguístico. Ou seja, (uma)-existência-ontofenomenológica que é real(mente), a partir de (uma)-topologia-linguística, (uma)-existência-linguística na forma de (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) como (uma)-representação.

E, desta forma, segundo (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-sensibilidade, nem (um)-intelecto o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que torna possível (uma)-experiência-objectiva. Mas «antes», (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que se real(iza) a partir de (um)-acontecimento-significante (sistémico), na forma de (uma)-representação enquanto (uma)-simultaneidade. Pois, desta forma, cada (uma) das existências (experiências), a partir de (uma)-realidade, torna-se em (uma)-existência-linguística que na forma de (um)-acontecimento-linguístico é sistémica.

A partir do que se pode afirmar que: se Kant deslocou o centro do conhecimento do objecto para o sujeito-cognoscente, (uma)-topologia-linguística desloca o centro de (um)-conhecimento de (um)-sujeito-cognoscente para a forma de (uma)-representação. Mas atenção, que em (uma)-topologia-linguística (uma)-representação não é (um)-objecto, mas «antes», (um)-*obiectum*<sup>23</sup> que

---

23 A palavra objecto a partir do latim, forma-se como *obiectum* e define-se como “atirado adiante”.

enquanto (uma)-forma, ao “atirar-se adiante”, real(iza-se) como o que se projecta «sobre» a forma de (um)-sinal-electroquímico.

E desta forma, segundo (uma)-topologia-linguística, não é (um)-atributo-especial que na forma de (um)-significante real(iza-se) como (uma)-significação e para o qual se permite (uma)-construção de (um)-juízo-sintético, outrossim, como (um)-“fazer” que se real(iza) enquanto (uma)-formalidade-representação.

Pois, quando se coloca cada (um) dos termos modificados (um) ou (uma), diante de (uma)-palavra na forma de (um)-prefixo-hifenizado, o que se pretende real(izado) é (um)-acontecimento que acontece na forma de (uma)-“coisa” (existência), como o que se manifesta (fenómeno) na forma de (uma)-aparência. (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural que acontece na forma de (um)-linguístico como (uma)-representação, quando (um)-estímulo atravessa (um)-sinal-electroquímico (codificação).

Isto porquê (um)-SER (SEIN) que se real(iza) desta forma, a partir de (uma)-*physis*-existência, é (um)-ENTE que acontece na forma de (uma)-existência-linguística. Sendo esta (uma)-ÚNICA-condição-ontofenomenológica para (um)-SER, segundo (uma)-topologia-linguística, que na forma de (um)-ENTE, existe como (uma)-existência-linguística. Ou seja, para existir ontofenomenologicamente, cada (uma) das “coisas” aparentes real(iza-se) sistemicamente a partir de (uma)-realidade (estímulo), mas na forma de (um)-acontecimento-linguístico, como (uma)-representação (sinal electroquímico).

## V. (um)-pensamento é (uma)-representação

O que, segundo (uma)-topologia-linguística, é o que permite através de (um)-acoplamento-sistémico, que cada (um) dos sistemas vivos humanos exista como (uma)-forma-real(idade) que é imediata ao atravessar (uma)-realidade-sistémica real(izando-se) na forma de (uma)-representação.

Ou seja, desta forma, (um)-pensamento é (uma)-construção-*ergoḡgênica* que se manifesta na forma de (uma)-epistemologia ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística. Isto porquê, (um)-pensamento em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-“coisa”-aparência que se organiza e estrutura na forma de (um)-discurso, através de cada (uma) das acções que se formam real(idade), ao atravessar (uma)-realidade-sistémica real(izando-se) na forma de (uma)-representação.

O que define (um)-pensamento como (uma)-representação e (uma)-representação como (um)-“lugar”. (uma)-existência-linguística que é também (um)-acontecimento-linguístico. Pois é a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, na forma de (uma)-topologia-linguística, que sistémica e estruturalmente, real(iza-se) (uma)-existência na forma de (uma)-ontofenomenologia, que ao

apresentar-se na forma de cada (uma) das representações, como (uma)-“coisa”-aparência, real(iza-se) como (uma)-realidade na forma de (uma)-real(idade).

A partir do que se pode pensar acerca de (um)-juízo-sintético que, sendo interactivo (estável), é (um)-acontecimento na forma de (uma)-interacção, na qual o predicado é estranho ao conteúdo formal do sujeito. Mas como o conteúdo formal do predicado não é (uma)-atribuição-semântica, outrossim, (uma)-epistemologia. (uma)-topologia-linguística sugere que (um)-conteúdo que se real(iza) na forma de (um)-predicado, desta forma, estranho à (um)-sujeito, é (uma)-representação tanto quanto o é também (um)-conteúdo-sujeito. O que real(mente) real(iza-se) como (um)-juízo-analítico. Do que se pode afirmar que o “conteúdo formal do sujeito” é (uma)-representação, e o “conteúdo formal do predicado” também.

E isto, é o que se real(iza), segundo (uma)-topologia-linguística, como (um)-pensamento enquanto (um)-“lugar”. Pois é na forma de (uma)-representação, que “há” (uma)-homeomorfia, em e «entre», (uma)-representação-sujeito e (uma)-representação-predicado. Posto que, em (uma)-topologia-linguística, como acontecem somente interacções [objecto x objecto], conclui-se que (um)-pensamento é (uma)-construção-*ergoîgênica* que ao tomar a forma de (um)-juízo-analítico, é também (um)-juízo-sintético. Pois o que diferencia (um)-juízo-analítico de (um)-juízo-sintético, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-hierarquização-retórica que se tipifica a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado, como (uma)-“coisa”-aparência que serve exclusivamente para «representar» (uma)-representação, como (uma)-estrutura-axiológica.

Posto isto, o que real(iza) (um)-acontecimento-linguístico, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer” a partir de (uma)-forma-*physis*-existencial. (um)-acontecimento-que-acontece e que se real(iza), na forma de (uma)-sistemática-de-vida, enquanto (uma)-representação.

(uma)-forma-*physis*-existencial que ao real(izar-se) como (um)-“lugar”, é o que enquanto (uma)-formalidade, apresenta-se como (um)-acontecimento-que-acontece-“enquanto”-e-“onde”-acontece. Posto que se opera como (um)-TOPOS<sup>24</sup> em (um)-existir de (uma)-representação, que na forma de (um)-linguístico, é a partir de (um)-estímulo, (um)-acontecimento-“coisa” que se manifesta como (um)-sinal-electroquímico, na forma de (uma)-aparência enquanto (uma)-simultaneidade. O que se real(iza) como (uma)-representação.

Pois, ao tornar [(uma)-existência + (uma)-manifestação], através de (uma)-simultaneidade-sistémica, na forma de (um)-linguístico. Esta é a forma na qual se define (uma)-representação, enquanto (uma)-topologia-linguística. Mas, o que anseia (uma)-filosofia não é o que está aqui narrado através de juízos-analíticos, outrossim, discursos que ao edificar retóricas na forma de

---

24 Palavra grega que se define como “lugar”. τοπος (*topos*), Dicionário Strong, verbete 5117.

juízos-sintéticos, real(izam-se) segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-representação de (uma)-representação em (um)-sistema-simbólico-fechado.

## VI. O que é (uma)-simultaneidade?

A partir do que, apesar de entender que ainda não se deixou clara a forma como se real(iza) (uma)-*ergoñgenia* ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística, como também, cada (um) dos «porquês» de (uma)-utilização do conceito de *ergoñgenia* para construção de (um)-sistema-topologia-linguística. Vai-se avançar com (uma)-noção de que escrever na forma de (uma)-representação, é como estar diante de (um)-acontecimento-linguístico-enquanto-acontece-real(izado).

O que na forma de (uma)-representação, é (um)-acontecimento que se real(iza) como (um)-linguístico, e que acontece enquanto (uma)-real(ização), como (uma)-“coisa”-acontecimento que se mostra, na forma de (uma)-aparência, como (uma)-representação. (uma)-representação que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, ocupa (um)-“lugar” e simultaneamente real(iza-se) como (um)-acontecimento-“coisa”, enquanto o que acontece na forma de (uma)-aparência em (um)-linguístico.

Por isto, (uma)-“coisa”-aparência como (um)-acontecimento-linguístico é (um)-“lugar”. O que na forma de (uma)-representação, estabelece que (uma)-existência-linguística é simplesmente como (um)-linguístico, (uma)-forma-objecto-“coisa”-aparência, que é como (uma)-representação, o que enquanto tal, é (um)-acontecimento-que-se-real(iza) como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística.

(uma)-representação que na forma de (um)-“lugar” e conforme (uma)-“coisa”-aparência, real(iza-se) como (uma)-existência-“coisa” em (uma)-aparência-“coisa”, que em (uma)-simultaneidade é (uma)-representação-[“coisa” aparência]. E, desta forma, (uma)-“coisa”-aparência que é como (um)-“lugar”, (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) a partir de (uma)-*ergoñgenia*.

Mas que enquanto (uma)-representação em (um)-linguístico, é (um)-sinal-electroquímico que se gera a partir de (um)-múltiplo<sup>25</sup>, na forma de (uma)-multiplicidade<sup>26</sup> que a partir de (um)-estímulo é, como (uma)-“coisa”-aparência, o que se apresenta em cada (um) dos acontecimentos linguísticos, que se real(izam) enquanto (uma)-formalidade a partir de (um)-“fazer”. (uma)-“coisa”-aparência que é (um), e somente (um), diante de (uma)-ambiguação-múltipla que na forma de

---

25 Na topologia linguística, a forma de (um)-múltiplo é  $[(um)^{(\infty + \infty)}] = [(um)^\infty \times (um)^\infty]$ .

26 Na topologia linguística, a forma de (uma)-multiplicidade é  $[(um) = (um)^\infty]$ .

(uma)-multiplicidade, real(iza-se) em cada (um) dos acontecimentos linguísticos, a partir de (um)-estímulo e na forma de (um)-sinal-electroquímico.

(uma)-representação que enquanto (uma)-existência-linguística, é (uma)-“coisa”-aparência que se fundamenta, na forma de (um)-“lugar”, enquanto (um)-linguístico que é como (um), e somente [(um) ou (uma)], a partir de (um)-“fazer”-(des)ambiguador<sup>27</sup>.

Pois, cada [(um) ou (uma)] que é (um)-“lugar” em (um)-linguístico é (um)-TOPOS, que na forma de (um)-acontecimento-que-acontece-enquanto-e-“onde”-acontece, é (um)-“lugar” que na forma de (uma)-representação, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-aparência enquanto (um)-acontecimento-linguístico.

(uma)-existência-linguística que se real(iza) contextualmente a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], e que se “faz” na forma de (uma)-representação, sistemicamente como (uma)-“coisa”-aparência. (um)-acontecimento que na forma de (um)-linguístico é, como (uma)-representação, o que linguisticamente real(iza-se) a partir de (uma)-“coisa”-aparência (estímulo), neuro-BIO-fisiologicamente, ao atravessar (um)-sinal-electroquímico.

## VII. O termo “ONE”: (uma)-analogia

Entretanto, como é a partir daqui, que se começa a enveredar, através de (uma)-topologia-linguística propriamente dita. Considera-se melhor (um)-argumento que simplifique (um)-entendimento, de cada (uma) das (trans)formações gráficas que “há”, em cada (um) dos contextos dissertativos e argumentativos deste estudo. Posto que, tal procedimento, altera (uma)-sintaxe que estrutura (uma)-retórica de cada (uma) das línguas em (uma)-forma-escrita.

Mas, esta argumentação que se “faz” para simplificar, é agora o que se “fará” na forma de (uma)-analogia. Assim, ao aplicar (um)-princípio-formal-na-escrita oriundo da topologia-linguística, na forma de (uma)-língua-inglês e diante dos termos modificados (um) ou (uma), será preciso utilizar o termo “ONE”, «entre» aspas, como (um)-equivalente.

E desta forma, os termos (um) ou (uma), substituídos por “ONE”, com aspas e a prefixar palavras e termos para modificá-los, empresta-lhes (uma)-forma que (uma)-topologia-linguística define como (um)-acontecimento-linguístico. Por isto, não se deve pensar nestas modificações, como substantivações ou adjectivações, outrossim, como acontecimentos linguísticos. Não que cada (uma) das palavras de (um)-discurso, também não o seja, segundo o mesmo princípio que defende

---

27 Na topologia-linguística (um)-estímulo é (uma)-ambiguação-PURA que na forma de (um)-sinal-electroquímico-[SIM SIM = NÃO NÃO], (des)ambigua-se através de (um)-“fazer”-(des)ambiguador. Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.

(uma)-topologia-linguística; ou que desta forma, não “haja” (uma)-sugestão-de-substantivação. Mas o que é preciso perceber é que, na forma de (uma)-substantivação, cada (uma) das adjectivações em (um)-discurso, não todas real(mente), viabilizam-se como (uma)-forma-discurso que se estrutura não axiologicamente.

Pois, segundo a topologia-linguística, é através deste procedimento, que se “faz” com que cada (um) dos substantivos ou adjectivos modifiquem-se, real(izando-se) na forma de (um)-acontecimento-linguístico. Posto que o que se pretende através deste procedimento, é estabelecer (uma)-modelação-contextual-e-discursiva-não-axiológica. Para mais, (uma)-topologia-linguística considera que cada (um) dos estruturantes sintáticos (sujeito, predicado, preposição, conjunção, etc.), são formas que estruturam e viabilizam, cada (uma) das organizações retóricas que “há”, em cada (um) dos discursos, que se real(izam) como (uma)-forma-real(idade).

Posto que, cada (uma) das palavras é (um)-significante que ao existir na forma de (um)-acontecimento-linguístico e através de (uma)-forma-prefixada, modifica-se e modela-se contextualmente. Emprestando-se, desta forma, como (uma)-formalidade, enquanto o que se “faz” real(izar) na forma de (uma)-representação, como (uma)-“coisa”-aparência que, desta forma, real(iza-se) como a própria “coisa” aparente que acontece na forma de (um)-linguístico. O que, desta forma, como (um)-linguístico, real(iza-se) como (uma)-representação.

Ou seja, a forma de (um)-substantivo ou de (um)-adjectivo, ou mesmo de (um)-advérbio, é (uma)-formalidade que em (uma)-topologia-linguística, não acontece enquanto (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) como (um)-conceito na forma de (um)-significado, outrossim, como (uma)-“coisa” (existência) que enquanto (uma)-aparência (manifestação) é, na forma de (um)-significante, o que se real(iza) como (um)-linguístico a partir de (uma)-realidade, que se projecta, sistémica e estruturalmente, como (uma)-“coisa”-aparência (representação) de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica para (um)-linguístico, real(izando-se) como (uma)-formalidade enquanto (uma)-representação.

Por isto, a forma de proceder a partir de (uma)-língua-inglesa, permite utilizar os termos “a” ou “an”, em inglês e sem as aspas. Termos cujos equivalentes, em (uma)-língua-portuguesa, são os artigos (in)definidos (um) ou (uma), sem as aspas, mas que também real(izam-se), sintaticamente em português, na forma de numerais.

Ou seja, cada (uma) destas estruturas léxicas, (um) ou (uma), sem as aspas e na forma de artigos (in)definidos em português, deve SER (SEIN) ontofenomenologicamente evitada em (uma)-dissertação em língua portuguesa. Procedimento que se deve seguir, no caso de SER (SEIN) ontofenomenologicamente utilizada, (uma)-metodologia-discursiva que se fundamenta no que se define como (uma)-topologia linguística.



O que, desde já denuncia (uma)-metodologia que pode, eventualmente dificultar (um)-entendimento e também (uma)-escrita de algumas passagens argumentativas e textuais, como também, (uma)-sintaxe em algumas partes desta dissertação. Seja pelo uso dos termos modificados, já citados, seja pelo uso de outros termos específicos, também utilizados para evitar cada (um) dos termos já justificados.

Ou ainda, por (uma)-necessidade de renúncia a (uma)-utilização de cada (um) dos artigos (in)definidos [(um) ou (uma)], como (uma)-forma-de-solução, retórica e sintática, em cada (uma) das edificações de cada (uma) das argumentações a partir da forma de (uma)-topologia-linguística. Tudo porquê, ao precisar renunciar tanto ao uso dos artigos (in)definidos, quanto ao uso dos numerais correspondentes a cada como (um) dos artigos (in)definidos, coloca-se (um)-certo-número-de-restrições-estruturais, que devem SER (SEIN) ontofenomenologicamente respeitadas.

### VIII. «Entre» (um)-ENANTI e (um)-EISPHERO

Entretanto, como (uma)-representação, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico. E (um)-acontecimento-linguístico é (uma)-existência-linguística que na forma de (um)-linguístico, real(iza-se) como (um)-“lugar”. (uma)-existência-linguística na forma de (uma)-representação, é (uma)-“coisa”-aparência que acontece linguisticamente na forma de (um)-sinal-electroquímico como (uma)-sistemática-viva.

(uma)-formalidade que se real(iza), sistemicamente, e na qual interage (uma)-existência-ontológica com (uma)-aparência-fenomenológica que na forma de (uma)-representação, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-aparência.

O que define que (uma)-representação é (uma)-formalidade que se real(iza) como (um)-“lugar” em (um)-linguístico. (um)-sinal-electroquímico que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é (uma)-“coisa”-aparência, que na forma de cada (uma) das interações linguísticas, real(iza-se) como (uma)-representação.

(um)-“lugar” que, a partir de (um)-linguístico e na forma de (uma)-representação, é (um)-acontecimento [(um) ou (uma)] que acontece na forma de (uma)-existência-linguística, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se real(iza) como (uma)-real(idade).

Portanto, não como (uma)-aparência na forma de (um)-fenómeno, ou como (uma)-“coisa” na forma de (uma)-ontologia, mas «antes», como (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (uma)-simultaneidade-[existência + manifestação], real(iza-se) sistêmica e simultaneamente a partir de (um)-sistema-vivo como (uma)-forma-representação.

(uma)-simultaneidade que enquanto (um)-“lugar” e a partir de (um)-linguístico, é (um)-substantivo ou (um)-adjectivo ou mesmo (uma)-outra-forma-sintática-ou-léxica que, na forma de (uma)-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico. (uma)-formalidade que ao SER (SEIN) ontofenomenologicamente prefixada por (uma)-palavra ou (um)-termo-modificado [(um) ou (uma)], “faz” de (um)-significante em (um)-contexto, (uma)-“coisa”-aparência que existe, desta forma, como (uma)-existência-linguística.

(um)-acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-representação é (um)-substantivo ou (um)-adjectivo ou (uma)-forma-léxica que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. E que na forma de (uma)-existência-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico que enquanto (uma)-real(ização) é (uma)-representação. (uma)-forma que se edifica como (uma)-real(idade) que se forma contextualmente. Mas salienta-se que, nesta dissertação o que se procura estruturar e organizar em cada (uma) das argumentações, é (uma)-forma que permita (uma)-dialéctica do que se define como (uma)-topologia-linguística-[semântica e neuro-BIO-fisiológica], com o que se define como (um)-sistema-simbólico-fechado-[sintático e retórico].

Desta forma, nesta dissertação não “há” (uma)-real(ização) de (um)-discurso-PURO na forma de (uma)-topologia-linguística. A partir do que não se pode pensar em (um)-contexto no qual se real(iza) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, mas também não se pode esquecê-lo. Isto porque “há” (uma)-dialéctica que ao edificar (uma)-real(idade), não o “faz” nem na forma de (uma)-topologia-linguística, nem na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, outrossim, na forma de (uma)-simultaneidade-dialéctica.

Portanto, não como (um)-fenómeno (aparência) ou como (uma)-ontologia (existência), mas «antes», como (um)-acontecimento-linguístico que ao real(izar-se) como (uma)-“coisa”-aparência na forma de (um)-linguístico, existe como a própria “coisa” aparência, apesar do “haver” de (uma)-(des)contextualização decorrente de (uma)-condição-dialéctica *physis* existencialmente heurística<sup>28</sup>.

Diante do que linguisticamente, quando se utiliza (uma)-escrita na forma de (uma)-topologia-linguística, (uma)-ideia de (uma)-palavra-não-prefixada, torna-se fora de (um)-contexto-dialéctico, diferente de (uma)-ideia de (uma)-palavra-prefixada que se aplica em (um)-contexto-dialéctico, ou seja, a palavra existência sem o prefixo [(um) ou (uma)], refere-se ao conceito na forma de (um)-substantivo; ao passo que (uma)-existência prefixada, refere-se a (uma)-“coisa”-aparência na forma de (um)-acontecimento que enquanto (uma)-forma-representação, é o que se real(iza) na forma de (um)-acontecimento-significante, como (uma)-“coisa”-aparência que ao existir, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico.

---

28 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

(um)-acontecimento-linguístico que existe e que enquanto (uma)-existência-linguística, é (uma)-forma-“coisa”-aparência na própria forma da “coisa” que aparece. O que, desta forma, não é (uma)-representação que está por OUTRA “coisa”, mas «antes», (uma)-real(ização) que segundo (uma)-topologia-linguística e nesta dissertação, “há” como (um)-linguístico, mas eventualmente (des)contextualiza-se diante de (uma)-necessidade-dialéctica-heurística. O que dificulta (um)-entendimento.

Ou seja, ao manter-se como (uma)-forma-representação que enquanto (uma)-“coisa” não está por OUTRA, outrossim, como a própria “coisa” que aparece enquanto (uma)-representação. Isto é o que existe como a própria “coisa” aparência. Mas devido à (uma)-necessidade-dialéctica-heurística, eventualmente não se real(iza) como a própria “coisa” aparência, consoante a condição de objecto contextualizado na qual se real(iza), outrossim, acontece como (um)-significado. O que em (um)-sistema-topologia-linguística, caracteriza-se como [(uma)-representação de (uma)-representação] enquanto (uma)-existência-heurística.

Por isto, ao grafar (uma)-existência com o prefixo [(um) ou (uma)], o que se está a “fazer” é a construção de (uma)-“coisa”-aparência na forma de (um)-acontecimento-linguístico. O que subjaz, através da forma de (uma)-simultaneidade-sistémica, o que é (uma)-“coisa”-aparência na forma de (uma)-representação. Ou seja, (um)-substantivo ou (um)-adjectivo que, desta forma, devem SER ontofenomenologicamente vistos, não como (um)-conceito (significado) na forma de (uma)-representação-escrita. Porquê não “fazem” referência a (uma)-“coisa”-aparência, mas «antes», SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-substantivação ou (uma)-adjectivação que enquanto (uma)-real(ização), é na forma de (uma)-simultaneidade-sistémica, o que se real(iza) como (um)-linguístico ao atravessar (uma)-prática-linguística, tornando a forma de (uma)-essência-REAL, em (uma)-forma-linguagem que, enquanto (uma)-contextualidade, real(iza-se) como (uma)-representação.

(uma)-“coisa”-aparência que apesar de (ir)representável, real(iza-se) na forma de cada (uma) das interacções linguísticas, ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística tornando-se ontofenomenologicamente observável na forma de (uma)-representação, à qual se define a partir de (um)-acontecimento-significante, como (um)-[recalcamento | real(ização)] em (uma)-simultaneidade.

Ao passo que, em (um)-sistema-simbólico-fechado, o que se “faz” são conceitos que atravessam palavras ou cada (uma) das formas significantes ou léxicas, procurando representar (um)-conceito que se real(iza), sintáctica e retoricamente, como (um)-pensamento que os transcende. O que implícita (uma)-ideia de que “há” (um)-acontecimento que é fenoménico e que se manifesta na forma de (uma)-representação. Mas que real(mente), na forma de (uma)-simultaneidade-

dialéctica-heurística não se real(iza), segundo (uma)-topologia-linguística, através de (uma)-consciência, outrossim, como (uma)-simultaneidade que enquanto (uma)-interacção-sistémica é, na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], (uma)-acção<sup>29</sup>.

Mas, como (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-modelo-de-observação que (trans)forma (um)-“lugar” em (uma)-existência que “há” em (um)-linguístico, ou seja, em (uma)-representação como (uma)-“coisa”-aparência que a partir de (uma)-existência-sistémica, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (um)-sinal-electroquímico-*physis*-existencial. O que se real(iza) como (uma)-forma-representação a partir de (um)-estímulo, que se objectiva como (uma)-representação ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica<sup>30</sup>.

(um)-acontecimento-linguístico que através de (uma)-prefixação e a partir dos termos modificados [(um) ou (uma)], pretende-se na forma de (uma)-existência-linguística enquanto (uma)-“coisa”-aparência como (uma)-representação que, entretanto, não representa (uma)-“coisa”-aparência, mas «antes», é (uma)-real(ização) ONTOFILOGÊNICA de (uma)-“coisa”-aparência, na forma de (um)-linguístico.

(um)-sinal-electroquímico que ao existir, não é a partir de (uma)-*ergoñgenia*, (uma)-homeomorfia de (uma)-“coisa”-aparência. Outrossim, a própria “coisa” aparência na ÚNICA forma que lhe é possível existir em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Ou seja, a forma de (um)-linguístico. (uma)-forma que é, desta forma, a própria realidade de (uma)-“coisa”-aparência em cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de (um)-sinal-electroquímico.

Mas atenção, que segundo (uma)-topologia-linguística, “há” somente (uma)-realidade-sistémica, que se real(iza) neurofisiologicamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que cada (uma) das realidades do “mundo-da-vida”<sup>31</sup> husserliano, é (uma)-real(idade) que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de cada (uma) das representações em (um)-REAL (adjectivo)<sup>32</sup>.

Pois, ao utilizar desta forma, cada (um) dos termos [(um) ou (uma)], o que se quer é evitar (uma)-constante-necessidade de explicar o que é (um)-acontecimento-linguístico e o que não o é. Posto que (um)-acontecimento-linguístico é (uma)-“coisa”-aparência e não (um)-sinal-

---

29 Referência a Condição-humana-da-acção proposta por Hannah Arendt (1905-1976) em “*A Condição Humana*”.

30 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica.

31 O “mundo-da-vida” é o terreno a partir do qual tais abstrações [da ciência] derivam. É o campo da própria intuição, o universo do que é intuível, ou ainda, um reino de evidências originárias para o qual o cientista deveria se voltar para verificar a validade de suas idealizações, de suas teorias. Posto que a ciência interpreta e explica o que é dado imediatamente no “mundo-da-vida”. Definição de Edmund Husserl (1859-1938), em “*A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*”. Este termo está também ligado a interpretação sociológica de Jürgen Habermas (1929) como sendo a esfera privada, onde cada (um) dos sujeitos chega a um entendimento sobre cada (uma) das outras esferas de (um)-sistema-social, ao atravessar cada (uma) das interacções de (um)-processo-comunicativo.

32 Veja capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.4. REAL x Real(idade).

electroquímico. Assim, [uma casa] define qualquer casa, ao passo que (uma)-casa real(iza) a “casa” que está apresentada como (um)-acontecimento-“casa” que, na forma de (um)-linguístico é a própria [casa]. O que, desta forma, não é (um)-sinal-electroquímico, mas (um)-estímulo que ao real(izar-se) como (uma)-representação, é a partir de (um)-“fazer”, o que se real(iza) como (uma)-representação, na forma de (um)-sinal-electroquímico.

(uma)-“coisa”-aparência que se determina através dos termos modificados [(um) ou (uma)], e na forma de (um)-acontecimento que, através dos termos modificados prefixados à palavra “casa”, determina (uma)-“casa”-prefixada como o que “há”, com (um) ou com (uma), na multiplicidade de “casas”, que na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, “há” ontofenomenologicamente possíveis na duração de (um)-“fazer”, que é múltiplo em cada (uma) das representações “casa” que se real(izam) na forma de (um)-linguístico. O que, sistemicamente, é como (uma)-real(ização) a partir de (um)-estímulo, (uma)-existência na forma de (um)-sinal-electroquímico que se torna em (uma)-representação na forma de (uma)-“coisa”-aparente (uma)-casa, a partir de (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação-neuro-BIO-fisiológica.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, em cada (uma) das representações, define-se a partir da forma de (uma)-ambiguação que, enquanto (um)-“fazer”, real(iza-se) a partir de (uma)-forma-conjunto-PURO-{{NÃO{{NÃO{{“fazer”}}}}} ao atravessar (uma)-estrutura-neurobiológica<sup>33</sup> (SIM SIM = NÃO NÃO) que acontece, sistemicamente, como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica<sup>34</sup> enquanto (um)-“fazer”-(des)ambiguador. O que a partir da forma de (um)-conjunto-múltiplo-PURO<sup>35</sup> e através de (uma)-*ergoígenia*, é o que se real(iza) como (uma)-representação enquanto (uma)-simultaneidade-sistêmica.

Assim, é desta forma que (uma)-ambiguação-sistêmica, real(iza-se) linguisticamente como (uma)-formalidade na forma de (uma)-substantivação<sup>36</sup> ou de (uma)-adjectivação<sup>37</sup>. O que decorre como (um)-acontecimento-linguístico, que enquanto (uma)-simultaneidade, é também (uma)-“coisa”-aparência.

(uma)-existência-linguística que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é, na forma de (uma)-“coisa”-aparência, (um)-“lugar” que inaugura e permite (uma)-edificação de (um)-sistema-topologia-linguística, a partir de cada (uma) das formalidades representação. (um)-acontecimento-linguístico que ao decorrer em (um)-REAL-topológico<sup>38</sup> é, a partir de (uma)-

33 Veja no capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.1. Estrutura Neurobiológica.

34 Veja no capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica.

35 Neste estudo, algumas das vezes são utilizados enunciados lógicos ou paralógicos para definir formas de interacção. (um)-{{NÃO{{NÃO{{“fazer”}}}}} é (uma)-forma-conjunto-PURO-(in)finita que enquanto (uma)-representação de (uma)-condição-sistêmica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, define a forma como se realiza (um)-“fazer”. Veja também Conclusão: E o dia depois de amanhã, subcapítulo G. *Ergoígenia* e Cosmologia.

36 Veja capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.5. Adjectivação x Substantivação.

37 Idem.

38 Veja capítulo 4. Aspectos topológicos, subcapítulo 4.2. REAL.

*ergoŋgenia*, o que se real(iza) na forma de (uma)-prática-linguística, sistêmica e estruturalmente, como (uma)-*theoria*<sup>39</sup> que, ao emprestar-se como (uma)-real(ização) à (um)-sistema-topologia-linguística, define-se como (um)-modelo que pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE observado como (uma)-ontofenomenologia.

## IX. (um)-TOPOS

Por isto, inventou-se primeiramente (um)-*εναντι* (*enanti*), que «antes» de (uma)-introdução, procurou colocar-se como (uma)-explicação para os termos [(um) ou (uma)]. E agora este «entre», que procura “aprofundar” e “trazer para dentro” na forma de (um)-EISPHERO, a partir da palavra grega *εισφερω* (*eisphero*)<sup>40</sup>, que se define como “trazer para dentro”. O que enquanto tal, como (uma)-representação, procura explicar (um)-porquê de (uma)-utilização de cada (um) dos termos modificados – (um) ou (uma) – que se estabelecem diante de cada (um) dos substantivos ou de cada (um) dos adjectivos, ou mesmo diante de cada (uma) das outras formas léxicas, como o que “há” em (um)-linguístico na forma de (um)-prefixo.

O que segundo (uma)-topologia-linguística (trans)forma-os, tanto como (um)-substantivo, quanto como (um)-adjectivo, ou a partir de cada (uma) das outras formas léxicas, em (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) na forma de (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística.

Pois, segundo (uma)-topologia-linguística, isto é o que permite definir que (uma)-representação é (um)-“lugar” na forma de (um)-TOPOS, que se real(iza) como (uma)-formalidade contextual e linguística, sistemicamente. [(uma)-forma em cada (uma) das existências + (uma)-forma em cada (uma) das manifestações] que “há” em (um)-linguístico. O que na forma de (uma)-“coisa”-aparência em (um)-REAL (adjectivo), é (uma)-essência que na forma de (um)-argumento-linguístico, atravessa (uma)-prática-linguística, edificando-se através de (uma)-dissertação, como (uma)-forma-REAL (adjectiva) em cada (uma) das argumentações desta dissertação.

Entretanto, posto que (um)-ENANTI precedeu (um)-ENTRE como (um)-“o ponto de onde a acção procede”. É, desta forma, que se real(iza) (uma)-real(ização) de (uma)-acção-ANTES que na forma de (um)-acontecimento-linguístico, interliga-se a cada (um) dos dois acontecimentos linguísticos já aqui real(izados). O que subordina (um) ao OUTRO contextualmente e “faz” de (um), o que rege; e do OUTRO, o que é regido; devido a forma de (um)-contexto. Pois o que acontece, em e «entre», na forma de (um)-ANTES, é também (uma)-introdução.

39 Dicionário Strong, verbete 2335 – que se define como “visão, observação, aquilo que é visto, espetáculo”.

40 Conforme Dicionário Strong, verbete 1533.

(uma)-acção que na forma de (um)-advérbio ou de (uma)-locução-prepositiva é, enquanto (um)-[«antes» de], (uma)-subordinação. O que na forma de (uma)-“coisa”-aparência, é o que procura ante(ceder) (uma)-introdução através de (um)-ANTES que ao atravessar (um)-ENTRE, “faz-se” como (uma)-representação. Isto porquê (um)-ANTES, desta forma, é a própria “coisa”-aparência-ENTRE na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que, desta forma, real(iza-se) através de (uma)-prática-linguística.

Assim, «entre» (uma)-representação e, neste caso, na forma de (uma)-real(ização), está (uma)-forma-ENTRE que enquanto (um)-TOPOS, é (um)-“lugar” que “há” em todo-(um)-“haver”, na forma de (uma)-topologia-linguística. O que permite (uma)-observação de cada (uma) das representações que “há” em (uma)-realidade [na forma de (um)-ENANTI ou de (um)-ENTRE], como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que ao acontecer «entre» e «antes» em (uma)-simultaneidade, procura “trazer para dentro”, (uma)-argumentação na forma de (uma)-introdução que, desta forma, é (um)-acontecimento-linguístico.

A partir do que se finaliza isto que “traz para dentro” através de (uma)-ANALOGIA. Que a partir da palavra grega αναλογία (*analogia*) e na forma de (um)-[ANA<sup>41</sup> + LOGOS<sup>42</sup>], é o que se define como [(um)-«entre» + (um)-«acto de falar»]. O que ao real(izar-se) como [(uma)-acção, em e «entre», (uma)-acção], é (uma)-forma-conhecimento, como (um)-[«entre» o «antes» e (uma)-introdução], enquanto (um)-acontecimento-linguístico.

O que ao acontecer, desta forma, “traz[~~endo~~] para dentro” a forma de (um)-EISPHERO<sup>43</sup>, que se demonstra através de (uma)-ANALOGIA, como o que se real(iza) através de (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (um)-modelo-de-observação, na forma de (uma)-*theoria*, o que permite (uma)-observação de (um)-linguístico como (uma)-real(idade).

#### X. Enfim, real(iza-se) (um)-EISPHERO na forma de (uma)-introdução

Assim, ao partir desta ANALOGIA, esta dissertação procura adentrar (uma)-introdução de “*Levantando o véu: a ergoígenia e a realidade*”, como (uma)-investigação-sistémica acerca de (uma)-origem-linguística de (uma)-representação e de (uma)-construção-linguística que, ao real(izar-se) em (um)-REAL (adjectivo) a partir de (uma)-realidade, é (uma)-real(idade).

Mas, para continuar a avançar, primeiramente será preciso admitir que, diante da descrição desenvolvida no primeiro parágrafo desta introdução e repetida parcialmente logo acima, torna-se

41 Da palavra grega ανα (*ana*) – que se define como “para o meio de, no meio de, em meio a, entre (duas coisas), no intervalo de”. Dicionário Strong, verbete 303.

42 Da palavra grega λογος (*logos*) – que se define como “acto de falar”

43 Palavra grega εισφερω (*eisphero*), que se define como “trazer para dentro, introduzir”. Dicionário Strong, verbete 1533.

premente explicar mais especificamente, o que se pretende com esta investigação. Pois a partida, a argumentação referida causa estranheza em cada (um) dos interlocutores. O que torna imediata (uma)-necessidade de clarificar o que se pretende com esta investigação acerca de (uma)-realidade e também de (uma)-representação.

Posto que, os termos realidade e representação são causadores de múltiplas e muito variadas interpretações. O que multiplica cada (um) dos entendimentos, permitindo diversificar, perigosamente, cada (um) dos conceitos utilizados para justificar e explicar outros conceitos na forma de significados. Pois, é a partir desta afirmação, que se pode citar como (um)-exemplo, o tratamento conceitual, estrutural e / ou existencial, que se aplica aos termos consciência e mente em (uma)-filosofia-contemporânea.

O que de (um)-ponto-de-vista do que se convencionou definir por *ergoígenia*, impõe-se como mais (um) e grave entrave. Posto que (uma)<sup>44</sup>-*ergoígenia* propõe (uma)-alteração-absoluta (instável), e não relativa ou interactiva (estável), através do termo “fazer”, de (uma)-relação-epistémica que cada (uma) das correntes filosóficas mantém, com cada (um) dos termos consciência ou mente.

Alteração absoluta (instável) e não relativa ou interactiva (estável), porquê é através de (um)-alargamento do conceito de linguístico, o que por consequência alarga os conceitos de linguagem e representação que, na forma de (uma)-*ergoígenia*, pretende-se investigar (uma)-realidade-sistémica. Curiosamente, “faze(ndo-o)” a partir de (uma)-redução de cada (uma) das “coisas” aparentes que, a partir de (uma)-realidade à (uma)-real(ização)-respectiva da qual se origina, na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é (uma)-representação.

Mas, como o mais comum é entender que o termo linguístico apresenta-se como o que se refere à (um)-linguagem, como também, que (uma)-representação é (uma)-manifestação de (uma)-consciência ou como «algo» que está por outra “coisa”. A necessidade de reduzir (uma)-realidade à representação respectiva que se origina a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, acaba por

---

44 Alteração visual imposta ao artigo indefinido no masculino ou no feminino | (um) ou (uma), escrito em minúsculas e «entre» parêntese que, diante da palavra “fazer” com aspas, como também, diante de outras palavras, com ou sem aspas, define-se como (uma)-intenção do autor de representar (um)-“fazer”, ou qualquer outra palavra, com ou sem aspas, como um acontecimento linguístico que, expresso desta forma, como (um)-“fazer” ou como (uma)-palavra, em (uma)-topologia-linguística real(iza-se) como (um)-“lugar” que, ao SER ONTOFILOGENICAMENTE alterado, visual e graficamente, porém mantido com a mesma condição fonética de um artigo indefinido, (trans)forma a condição semântica, enquanto (uma)-estrutura que, apesar de não ter definição semântica específica, somente indefine gramaticalmente o substantivo ou adjetivo a que precede como (um)-“prefixo”. O que confere definição conceitual a cada (uma) das palavras a que está prefixado. O autor considera esta como (uma)-forma de atravessar (uma)-representação-escrita, com (um)-não-conceito-gramatical que, desta forma, é (uma)-existência-estrutural que ao conferir definição estrutural à (uma)-palavra, mantendo (uma)-condição-fonética, altera a definição da palavra sem usar a palavra “acontecimento” ou “existência”, mas simplesmente com o uso do “prefixo” que define (um)-acontecimento-linguístico, com (um) ou (uma), conforme o caso.



emprestar ao constructo desta investigação, (um)-disfarce que tem na aparência, (uma)-forma-verossimilhante-quase-absurda.

Posto que, *ergoñgenicamente*, (um)-“fazer”-neurofisiológico não é decorrente de (uma)-consciência, como também, (um)-linguístico não se refere à linguagem. O que se defronta com o perigo que se corre de assentar cada (um) dos propósitos desta investigação, sob (um)-manto-de-falsas-aparências, tornando difícil (uma)-interpretação, como também, (uma)-compreensão.

Diante disto, para que se possa iniciar a construção desta dissertação, dissimula-se o propósito real(mente) sob (uma)-argumentação que oculta, com prudência, o objectivo da síntese feita como descrição e primeiro parágrafo desta introdução. Conseguida a partir da combinação de elementos semânticos e sintáticos e que, segundo (uma)-argumentação-retórica-de-difícil-compreensão, real(iza-se) inicialmente para (um)-entendimento do que é (um)-linguístico de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística.

Mas, como (uma)-finalidade deste falseado feitio, é não tornar (im)possível (uma)-investigação a realidade e a representação através de (um)-sistema-topologia-linguística. Cada (uma) das quais enquanto [realidade e representação], é como (uma)-*physis*-existência-linguística, o que se pretende investigado linguisticamente neste estudo. Entretanto, visto que não “há” (uma)-percepção-consciente definida e definitiva, de cada (um) dos perigos deste constructo. Isto não é o que o torna, esta forma edificação, (uma)-real(ização)-menos-laboriosa. Muito pelo contrário, é exatamente o que a dificulta ainda mais, enquanto (uma)-tentativa de atravessar (uma)-prática-linguística como (uma)-real(ização) na forma de (uma)-representação.

Posto que para além disto, é o que torna este empreendimento perigoso. Pois são múltiplos e aparentemente (in)findáveis cada (um) dos caminhos que lhe são possíveis. O que se revela, como também, é o que se confunde, como o que se demonstra, que se está diante, no mínimo, de (um)-empreendimento de superação.

## XI. A forma de (um)-linguístico

Portanto, diante de tantos perigos, como o problema é linguístico, vai-se procurar sustentá-lo linguisticamente. Mesmo que a partida não se saiba precisamente quais são as consequências desta postura. Pois, na forma de (uma)-solução que se aponta para os suscetíveis perigos que se encaram, em cada (um) dos sentidos que esta austera observação possa vir a tomar. E, posto que ao (trans)formar (uma)-real(ização) em (uma)-representação, pode-se afirmar que (uma)-solução para (um)-problema encontrado linguisticamente, é também (uma)-solução que se procura satisfazer a partir da forma de (uma)-real(ização).

Pois, o que (uma)-*ergoígenia* propõe, a partir de (uma)-realidade, é reduzir tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” à (uma)-representação. Entretanto, a partida isto não significa (um)-alargamento do conceito de linguístico, mas a própria redução do linguístico à representação. Por isto, para avançar, vai-se recorrer ao pensamento dos neurobiólogos Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001). Não porquê estes pensadores tenham “feito” o mesmo caminho redutor diante do qual se encontra este estudo, mas justamente pelo contrário, porquê Maturana e Varela alargaram a ideia de linguístico através da linguagem, permitindo que através de (uma)-semântica, outros domínios do conhecimento pudessem SER (SEIN) ontofenomenologicamente abordados na forma de (um)-linguístico.

Isto porquê Maturana e Varela depararam-se, em “*A árvore do conhecimento*”<sup>45</sup>, com o que se assemelha a (uma)-verdade<sup>46</sup>: a ideia de que é somente “ao produzir reflexão linguística, que existe linguagem”<sup>47</sup>. E diante desta constatação tão bem conseguida em “*A árvore do conhecimento*”, tudo o mais parece ultrapassável. Entretanto, diante das afirmações de Maturana e Varela acerca da linguagem, (uma)-topologia-linguística vai afirmar que (uma)-reflexão-linguística é (uma)-representação, e que esta representação acontece como (uma)-formalidade, a partir de (uma)-sistemática-estrutural. Pois, ao acoplar (uma)-existência-semântica, [como (um)-comportamento-neuro-BIO-fisiológico], à (uma)-estrutura-linguística, [como a produção de (um)-pensamento-retórico)], o que se real(iza) na forma de (uma)-representação, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-real(idade).

Acrescente-se que a partir de (uma)-*ergoígenia*, cada (um) dos acontecimentos é linguístico, sistémico e estrutural, em cada (uma) das interacções que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística. Portanto, está-se diante de estruturas que se acoplam estruturalmente em estruturas, constituindo-se como (uma)-estruturação que, enquanto tal, acontece sistémica e estruturalmente na forma de (um)-sistema-interactivo-e-estrutural (estável). O que evidencia que “há” (uma)-apropriação de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico proposto por Maturana e Varela, que se sugere, neste estudo, na forma de (uma)-subjectivação: (um)-caminho diferente e alternativo para o mesmo pensamento. Mas, até aonde (uma)-subjectivação-maturovareliana<sup>48</sup> pode SER (SEIN) ontofenomenologicamente conduzida na forma de (uma)-argumentação ONTOFILOGÊNICA?

---

45 Humberto Maturana e Francisco Varela – “*A árvore do conhecimento*”, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, Editorial Psy II, 1995.

46 Procura-se nesta investigação, evitar a utilização da palavra “verdade”, preferindo usar a palavra “real(mente)”. Aqui, neste caso, utilizou-se a palavra “verdade”, pois a questão relativa à (uma)-verdade, diz respeito a (um)-conceito de Maturana e Varela.

47 Humberto Maturana e Francisco Varela – “*A árvore do conhecimento*”, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, Editorial Psy II, 1995, 3º Parágrafo página 233.

48 Que se refere a Maturana e Varela.

Basicamente, na forma de (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de (uma)-*ergoígenia*, até ao facto de que (uma)-reflexão-linguística é (um)-“fazer”-neurofisiológico, e que (um)-“fazer”-neurofisiológico é o que acontece biologicamente ao estruturar-se em (uma)-estrutura que enquanto (uma)-estruturação, é o que se estrutura em OUTRA-estrutura, acontecendo interactivamente (estável), ENTRE-estruturalmente, na forma de (uma)-sistemática-biológica, que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sistemática-viva. E isto é o que se opta por chamar e definir como (um)-sistema-topologia-linguística que se real(iza), não como realidade, mas «antes», como *ergoígenia*.

Pois, é exactamente a partir de (um)-esforço-extremo para simplificar, que as “coisas” aparentes complicam-se, provocando as perigosas dificuldades que já foram identificadas. Mas o que torna (uma)-identificação de cada (uma) destas características ainda mais perigosas; é que (uma)-*ergoígenia* em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-apropriação de (um)-argumento-maturovareliano (des)envolvido em “*A árvore do conhecimento*”.

O que (re)velado, desta forma, em (um)-meio-académico, torna ainda mais subversiva (uma)-real(ização) desta investigação. Extremando, mais e mais, cada (um) dos perigos e certamente expondo-os ainda mais diante de cada (um) dos perigos que ainda irão aparecer. O que de certa forma é até muitíssimo positivo, apesar de cada (um) dos perigos existentes poder a cada momento deste estudo, simultaneamente construir ou (im)pedir (um)-avanço-construtivo-e-argumentativo na forma de (uma)-edificação.

Tudo isto posto: como então é possível tratar linguisticamente cada (uma) das questões aqui expostas?

## XII. Para entender (uma)-*ergoígenia*?

Pois foi para isto, que se desenvolveu (um)-conceito de *ergoígenia*. Posto que serve justamente para permitir que (uma)-argumentação seja conduzida adiante linguisticamente. Mas, ao fim e ao cabo, pode SER (SEIN) (uma)-*ergoígenia*, ontofenomenologicamente mais (uma)-causalidade para mais (uma)-“ferida”<sup>49</sup> em (uma)-humanidade já tão magoada. E para mais, qual é afinal, factualmente, a litigância que enquanto tal, está-se dedicadamente a investigar até este momento?

Certamente, a maior de cada (uma) das litigâncias que se está a investigar, das que se pode listar, é sincera e real(mente), (uma)-dificuldade em assegurar (um)-entendimento do que se propõe como (uma)-*ergoígenia*, na forma do que se define em (uma)-topologia-linguística. Pois, é a esta

---

49 Subtil referência à “ferida narcísica” sugerida por Freud.

dificuldade que efectivamente pretende-se dedicar grande parte desta introdução e do capítulo 1. PROPEDEÚTICA, que se segue, para além de toda (uma)-PRIMEIRA-PARTE desta investigação.

Contudo, real(mente), seria muito mais fácil aceitar e manter (uma)-constatação-maturovareliana de que é [(uma)-reflexão-linguística o que define (uma)-linguagem]. Mas, (in)felizmente, observa-se que cada (um) dos sistemas vivos humanos não precisa pensar para comunicar-se, outrossim, agir. O que aparentemente demonstra que não “há” (uma)-precessão de (uma)-consciência diante de (uma)-acção, «antes» “havendo” (uma)-interacção, em e «entre», (uma)-acção e (uma)-representação.

Por isto, é que (uma)-reflexão, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, não basta para que se constitua (uma)-linguagem, outrossim, agir. Posto que se bastasse refletir para constituir (uma)-linguagem, como se poderiam explicar cada (um) dos perigosos e (in)contornáveis momentos críticos que se experimentam através da história, na quotidianidade de (uma)-existência de cada (um) dos sistemas vivos humanos? Problema que porventura, podiam-se evitar. Visto que para tanto, bastaria (uma)-reflexão-linguística que os encerraria, enquanto cada (uma) das aflições da humanidade, como também, (uma)-necessidade para este debate. Que nesta altura se trava por aqui, acerca da edificação de (uma)-existência a partir de (uma)-realidade-sistémica.

### XIII. Dois heróis controversos «entre» muitos

Mas felizmente, somente (um)-heroísmo não satisfaz. Pois ONTOFILOGENICAMENTE, cada (um) dos mártires conduz “em-si”, o que possui como (uma)-revolução. Afinal, Albert Einstein (1879-1955), foi considerado o “judeu que danificou a física”. O que é mesmo (um)-facto, diante do que Einstein “fez” para que a física pudesse aperceber-se do que se trata (uma)-Teoria-da-Relatividade. (uma)-danificação de duas realidades: o espaço e o tempo. Que depois de Einstein, tornaram-se em (uma)-simultaneidade-[ESPAÇO-TEMPO].

Mas, Albert Einstein foi e ainda o é respeitadíssimo por leigos e por algumas das personalidades científicas mais importantes que existem ou que já existiram. Tudo porquê Einstein “tornou a física no que se tornou”<sup>50</sup>, projectando-se mediaticamente em (uma)-mundanidade, como (um)-cientista-conhecidíssimo através de (uma)-Teoria-da-Relatividade.

Por outro lado, mais sombrio (in)felizmente, também “há” (um)-exemplo de Sigmund Freud (1856-1939). Que ficou conhecido como o médico neurologista que (re)velou (uma)-psicanálise. O

---

50 Com este “pleonismo” pretende-se demonstrar a força que as ciências tomaram a partir da inserção mediática de alguns físicos teóricos.

que no entanto, tornou-o muito controverso, sendo proibido em quase toda-(uma)-mundanidade, tanto como (um)-pensador, quanto como (um)-autor.

Proibido por (uma)-OPUS-DEI que na forma de (uma)-“OBRA-DE-DEUS”, real(iza) (uma)-consciência que ajuda a afectar todo-(um)-entendimento de (um)-pensamento-freudiano. Desde (uma)-(re)velação até aos dias actuais.

Mas, o que é curioso, é que ambos: tanto Einstein, quanto Freud. Podem SER (SEIN) ontofenomenologicamente tomados como criadores de “modelos revolucionários” que definem as (trans)formações que mudaram toda-(uma)-visão-do-mundo. Para mais, real(izaram-se) o primeiro, através de representações matemáticas (equações); e o segundo, através de representações psicanalíticas (neuroses). Einstein, a partir das estruturas *physis* existenciais, físicas e matemáticas de (um)-existência-manifesta-UNIVERSO, investigado e questionado na forma de cada (uma) das equações que real(izou); e Freud, a partir das estruturas (in)conscientes, manifestadas e investigadas em cada (uma) das acções e representações linguísticas, de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Possuíram (uma)-revolução através da relatividade e da psicanálise. Atravessaram representações que se real(izaram) na forma de argumentações discursivas e retóricas, para exprimir cada (um) dos pensamentos e observações, na forma de cada (uma) das real(idades) significantes que se real(izam) quotidianamente, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. “Coisas” aparentes que na forma de discursos, não passam de interacções estruturais em e «entre» representações estabelecidas. O que contudo, organizadas sintática e semanticamente com (uma)-finalidade-retórica, ainda servem nos dias de hoje, como BONS-exemplos que, desta forma, quiçá aqui, possam SER (SEIN) apresentados como BOAS-soluções.

#### XIV. (um)-fenómeno-consciência

Pois, neste momento e dito desta forma, tudo isto parece inspirador, mas creia-se o interlocutor que não “há” inspiração alguma neste construto, mas certamente “haverá” (trans)piração e (des)esperação. O que pode até (des)animar, mais certamente nunca inspira, posto que certamente, desanima. Tudo porquê, segundo Maturana e Varela, “é (uma)-reflexão-linguística o que produz (uma)-linguagem”. O que a partir do que (uma)-*ergoígenia*, para alcançar-se na forma de (uma)-reflexão-linguística, provavelmente vai-se ter que “danificar”, enquanto (uma)-existência-linguística, como também, através de (uma)-linguagem, para SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE percebido, como (uma)-existência-manifesta que não se real(iza) ontofenomenologicamente. Diante

do que, será preciso (trans)fundir-se, retórica e problematicamente à (uma)-filosofia, para alcançar-se a forma de (uma)-argumentação que efectivamente, venha a real(izar-se) real(ização).

Isto porquê, (um)-mundo acredita que é (uma)-consciência do que se cogita, o que leva cada (um) dos sistemas vivos humanos a agir. “Coisa” à qual Maturana e Varela, em “*A árvore do conhecimento*”, aparentemente “contestam” nos primeiros dois terços do livro, possuindo-o como (um)-acto-de-contestação e real(izando-o), na forma de (uma)-revolução, na primeira parte de (uma)-argumentação acerca de (um)-acoplamento-estrutural. Entretanto, ao finalizar no último terço do livro, aparentemente Maturana e Varela cedem ao OPUS DEI instalado, através de (uma)-“OBRA-DE-DEUS”. Pois estabelecem que “há” (uma)-reflexão-linguística e, conseqüentemente, (uma)-consciência que precede (uma)-edificação de (uma)-linguagem.

Mas, como (um)-argumento que contraria está suposição de (uma)-OPUS-DEI-instalada, aqui tão bem conseguido, tem-se (uma)-fenomenologia: (um)-sistema-filosófico que a partir dos estudos empíricos dos actos e processos psíquicos, investigados por Franz Brentano (1838-1917), afirma que (uma)-consciência é (um)-fenómeno-psíquico: (um)-acontecimento-consciência que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que lhes permite refletir, linguisticamente, acerca de (uma)-realidade.

A partir do que, para atravessar (uma)-explicação rápida, básica e precisa, o que se pode afirmar a partir de (uma)-fenomenologia, é que (uma)-consciência é «algo» que está sempre dirigida a (um)-objecto. Sendo isto o que a qualifica como (uma)-particularidade e distinguindo-a da maior parte dos demais processos psíquicos, “faz” de (uma)-consciência (uma)-especificidade-linguística. Pois, é a partir daqui que Edmund Husserl (1859-1938) vai defender que (uma)-consciência é sempre intencional, distinguindo-a enquanto (uma)-Intencionalidade<sup>51</sup>, como (uma)-propriedade que se real(iza) na forma de (um)-fenómeno-mental. Pelo que, desta forma, (uma)-fenomenologia separa (um)-fenómeno-consciência de cada (um) dos demais fenómenos *physis* existenciais manifestos.

O que coloca novamente esta investigação diante de (um)-grave-dilema. Posto que, (uma)-fenomenologia oferece realidade para (uma)-constatação tão bem conseguida por Maturana e Varela, em “*A árvore do conhecimento*”: a de que é somente “ao produzir-se (uma)-reflexão-linguística que existe (uma)-linguagem”. Afirmação que, na forma que está, ultrapassa tudo o mais.

---

51 Aqui grafada à moda de John Searle (1932), com o “I” maiúsculo.

## XV. Linguagem e Acoplamento Estrutural

Contudo, como mártires subversivos possuidores de (uma) e ÚNICA virtude, vai-se insistir e persistir diante desta questão, primeiramente (re)expondo-a: (uma)-*ergoígenia* afirma que (uma)-reflexão-linguística é (uma)-representação, e que (uma)-representação é (uma)-estrutura que acopla (uma)-existência-semântica [como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica] à (uma)-estrutura-linguística [como a produção de (um)-pensamento].

Assim, exposta a questão na forma de (um)-insistir, vai-se persistir em busca de (uma)-convergência. Pois, segundo Maturana e Varela, (uma)-linguagem é (um)-acoplamento-de-terceira-ordem [social | ONTOGÊNICO], que se real(iza) a partir de (uma)-reflexão-linguística [consciência]. Mas o que isto define?

Segundo Maturana e Varela, define que (uma)-linguagem em cada (um) dos sistemas vivos humanos não é instintiva [comportamental], mas «antes», (uma)-estrutura que se aprende. E para mais, confirma (uma)-real(idade) oferecida por (uma)-fenomenologia: de que (uma)-linguagem não é (um)-fenómeno-*physis*-existencial, outrossim, (um)-fenómeno-social. O que “faz” cair por terra cada (um) dos esforços que se possa pretender através de (uma)-*ergoígenia* em (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que (uma)-topologia-linguística defende, a partir de (uma)-*ergoígenia*, que (uma)-linguagem é (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica [comportamental], que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento-estrutural-de-segunda-ordem. Portanto, na forma de (um)-acontecimento-comportamental [FILOGÊNICO], que se “faz” no âmago de cada (uma) das interações sociais [ONTOGÊNICAS]. Mas, qual é o argumento inerente a (uma)-topologia-linguística que permite sustentar tal afirmação?

Basicamente, o argumento de que (uma)-linguagem é (uma)-estrutura-FILOGÊNICA<sup>52</sup>, muito embora, *ergoígenicamente*, seja (uma)-real(ização)-[estrutural, formal e sistêmica] que em (um)-domínio de (um)-acoplamento-social-[ONTOGÊNICO], realiza-se em (um)-REAL-topológico<sup>53</sup> como (uma)-essência-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. Contudo, como se trata de (um)-acoplamento, o que “há” é (uma)-simultaneidade-sistêmica, ou seja, (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que se real(iza) a partir de (uma)-estrutura-sistêmica-viva, ao atravessar interactivamente (estável), cada (um) dos sistemas vivos envolvidos, e existir, na forma de (uma)-estrutura-social, como (um)-linguístico-manifesto. E isto é o que se “faz” na forma de (uma)-castata-estrutural, sistemicamente.

---

52 Que se real(iza) como (um)-atravessamento-estrutural. Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica.

53 Veja capítulo 4. Aspectos Topológicos, subcapítulo 4.2. REAL.

Ou seja, (um)-sistema-vivo é (um)-SER (SEIN) que ao expressar-se comportamentalmente, através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, atravessa (uma)-estrutura-de-acoplamento e a partir de (uma)-existência-viva, real(iza-se) como (uma)-existência-acoplada. O que, respectivamente a cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (um)-acoplamento-estrutural-linguístico.

Posto que é isto o que, na forma de (uma)-*ergoñgenia* e diferentemente do que oferece Maturana e Varela, “faz” com que (uma)-linguagem, segundo a topologia linguística, seja (um)-comportamento-neuro-BIO-fisiológico e não (uma)-estrutura enquanto (um)-acoplamento-de-terceira-ordem, como defende Maturana e Varela. Muito embora, *ergoñgenicamente*, cada (um) dos comportamentos neuro-BIO-fisiológicos, tenha também (uma)-componente que se estrutura, sistêmica e formalmente, através de (um)-convívio-social. Posto que, cada (um) dos comportamentos neuro-BIO-fisiológicos é (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social, ou seja, o resultado de (uma)-mediação-inter-sistêmica que, na forma de (uma)-ENTRE-sistemática, real(iza-se) em (uma)-simultaneidade como (uma)-existência-acoplada.

Também não se pode esquecer, e chama-se (uma)-atenção para este facto, de que Maturana e Varela consideram que “há” (um)-certo-grau de acoplamento comportamental<sup>54</sup> em (uma)-existência-linguística-humana. Posto que consideram que diante de (uma)-cultura-patriarcal-humana, o que se instala como (uma)-tendência em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se permite considerar *physis* existencialmente original, ou seja, que cada (uma) das fêmeas cuide de (um)-filhote e cada (um) dos machos de (uma)-protecção e de (um)-sustento. Isto, segundo Maturana e Varela, devido a (um)-período-de-lactância, durante o qual (um)-filhote de cada (um) dos sistemas vivos humanos, fica mais dependente da mãe. Portanto, (uma)-existência-semântica que na forma de (um)-comportamento-neuro-BIO-fisiológico, atravessa (uma)-estrutura-linguística, real(izando-se) como (um)-“fazer”, na forma de (um)-pensamento-retórico.

A partir do que cabem mais esclarecimentos. Pois a partir de (uma)-topologia-linguística, *ergoñgenicamente* pode-se considerar que, Maturana e Varela confundem (uma)-semântica com (uma)-sintática. Isto porquê, a partir de (uma)-topologia-linguística, considera-se que (uma)-linguagem é (uma)-sistemática-estrutural que ao real(izar-se) em (um)-domínio-comportamental-neuro-BIO-fisiológico-e-social, edifica-se como (uma)-real(idade) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

O que ao estruturar-se como (uma)-linguagem e de (um)-ponto-de-vista de (uma)-*ergoñgenia*, permite que (uma)-interacção-inter-sistêmica, enquanto (uma)-ENTRE-sistemática

---

54 Humberto Maturana e Francisco Varela – “*A árvore do conhecimento*”, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, Editorial Psy II, 1995, 3º Parágrafo página 207.



[ENTRE sistema(s) vivo(s) (e | ou | em) sistema(s) meio], atravessa (uma)-estrutura-neuro-BIO-fisiológica real(izando-se) como (uma)-formalidade enquanto (uma)-real(idade).

O que permite pensar que (uma)-interacção-linguística pode não SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-ontofenomenologia-comunicativa. Outrossim, em (uma)-simultaneidade, somente (um)-comportamento-neuro-BIO-fisiológico-e-social, ou seja, (uma)-inter-relação que na forma de (uma)-ENTRE-sistemática-não-comunicacional, entretanto, é como (uma)-interacção-social, o que se interpreta como o que pertence a (um)-domínio-comunicacional.

E, desta forma, cada (uma) das interacções linguísticas em (uma)-existência-linguística, é geratriz de (uma)-estrutura que, enquanto (um)-acoplamento-cognitivo-e-social é (um)-acoplamento-estrutural-maturovareliano. Entretanto, que se real(iza) na forma de (uma)-condição-cibernética-de-segunda-ordem, e não em (uma)-condição-cibernética-de-terceira-ordem, como propõe Maturana e Varela. Pois é exatamente isto, o mesmo que se defende relativamente a cada (um) dos sistemas vivos humanos, através de (uma)-psicanálise. Aqui, nesta altura, dito apenas como mera informação.

#### XVI. (uma)-teoria ou (uma)-*theoria*?

Mas “há” (um)-OUTRO-grave-problema nesta abordagem. (uma)-*ergoígenia* para edificar cada (uma) destas argumentações, teve que se acoplar a (uma)-estrutura. Desenvolvendo-se a partir de (uma)-hipótese, através de (uma)-estrutura-retórica que, ao definir-se na forma de (uma)-topologia-linguística é, desta forma, (um)-subproduto-*theoria* de (uma)-*ergoígenia*, que ao real(izar-se) aqui enquanto tal, a partir de (uma)-reflexão-linguística, real(mente) edifica-se como (uma)-real(idade).

Pois cada (uma) das teorias, *ergoígenicamente*, real(iza-se) na forma de (uma)-reflexão-linguística. Posto que (uma)-teoria é o que ao decorrer em (um)-A-POSTERIORI, real(iza-se) na forma de (uma)-axiologia. O que teoricamente implica, desta forma, que ao acontecer na forma de (uma)-“OBRA-DE-DEUS”-fenomenológica, ou seja, ao atravessar (uma)-consciência que se “faz” retoricamente, também atravessa (um)-valor. Mas este ponto de vista invalida (uma)-topologia-linguística como (uma)-teoria que se real(iza) na forma de (uma)-*theoria*<sup>55</sup>? Ou é mais (uma)-evidência de que “há” (uma)-fenomenologia?

A partir do que, como (uma)-*theoria* e na forma de (uma)-*ergoígenia*, acredita-se que (uma)-resposta à cada (uma) destas perguntas seja que: nem (uma), nem OUTRA de cada (uma)

---

55 Palavra grega θεωρία (*theoria*), que se define como “visão, observação, aquilo que é visto, espetáculo, visão”. Dicionário Strong, verbete 2335.

destas condições acima referidas real(iza-se). Mas certamente, cada (uma) destas questões oferecem-se, como mais (um) e dos grandes, obstáculos para este estudo.

Pois é a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, que se localiza estruturalmente (uma)-linguagem, na forma de (uma)-cibernética-de-segunda-ordem. Isto porquê é através de (uma)-topologia-linguística, o subproduto teórico de (uma)-*ergoḡgenia*, que advém na forma de (uma)-hipótese-axiomática, o que enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se define *ergoḡgenicamente* como (uma)-origem de (um)-“fazer” de (uma)-topologia-linguística. A partir do que se pode afirmar que (uma)-reflexão-linguística é o que permite à (uma)-*ergoḡgenia*, “fazer-se” na forma de (um)-pensamento-retórico enquanto (uma)-*theoria*.

O que de (um)-ponto-de-vista-axiológico, pode (des)credibilizar (uma)-topologia-linguística como (uma)-*theoria*, quando em confrontação com (uma)-“OBRA-DE-DEUS”-fenomenológica. Pois a partir de (uma)-concepção de (uma)-consciência na forma de (um)-fenómeno, o que se tem é (uma)-teoria-A-POSTERIORI, ou seja, (uma)-construção-retórica que está mais para (um)-juízo-sintético-A-PRIORI, quando o que se pretende, é (uma)-forma-de-juízo-sintético que a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, real(iza-se) na forma de (um)-juízo-analítico, mas não é (um)-juízo-sintético-A-PRIORI, outrossim, (uma)-*ergoḡgenia*.

Mas por agora, apenas acrescentar-se-á como (uma)-defesa, que *ergoḡgenicamente*, (uma)-“OBRA-DE-DEUS”-fenomenológica define-se como (uma)-reflexão-linguística através de (uma)-estrutura-retórica, que ao situar-se e localizar-se exclusivamente em (um)-simbólico-topológico<sup>56</sup>, real(iza-se) como (um)-discurso em (um)-sistema-simbólico-fechado. Ao passo que (uma)-topologia-linguística define-se como (uma)-reflexão-linguística, na forma de (uma)-estrutura-retórica que ao atravessar (uma)-estrutura-linguística-e-interactiva-aberta (estável), real(iza-se) na forma de (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-*theoria* enquanto (uma)-simultaneidade-sistémica-absoluta-e-interactiva-[instável | estável].

Como este é (um) dos grandes obstáculos a SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE superados, acerca de (uma)-argumentação-ontofenomenológica no decorrer desta investigação. E como não “há” (uma)-pretensão de superar cada (um) dos obstáculos ainda nesta etapa introdutória. Vai-se avançar com (uma)-dedicação-exclusivista à condição de (uma)-reflexão-linguística e de (uma)-linguagem. Posto que ainda se encontra nesta altura em (um)-início-este-estudo.

---

56 Veja capítulo 4. Aspectos Topológicos, subcapítulo 4.3. Simbólico.

## XVII. (uma)-consciência, (um)-fenómeno e (um)-“fazer”

Portanto, como ainda resta muito [espaço e tempo] para (um)-argumentar, como também, espaço-tempo<sup>57</sup> para elucubrar. Vai-se refletir, acerca de cada (uma) destas condições, através do espaço-tempo-einsteiniano-danificado, evidentemente, se não se for apanhado nesta (des)locação espaço-temporal, por alguma malfadada estrutura axiológica que em (uma)-forma-mal-moldada, enquanto (um)-ENTE-voador, e pelo sopro de (um)-ARMAGEDÃO, que a partir da forma de (uma)-representação, resolva-se real(izar) na duração de (um)- (des)locamento, como (uma)-“OBRA-DE-DEUS”-profetizada. Mesmo que este possa SER (SEIN) ontofenomenologicamente (um)-facto-absoluto (instável), que na forma de (uma)-estabilidade, real(iza-se) como (uma)-prática-linguística (estável), somente enquanto (uma)-forma-discurso.

Contudo, visto que (uma)-*ergoígenia* apropria-se de (um)-acoplamento-estrutural, porém, não para tratar (uma)-consciência como (um)-fenómeno, mas «antes», como (uma)-representação. É a partir daqui que se afirma que é o facto de (uma)-topologia-linguística possuir (um)-ponto-de-vista-sistémico, o que serve como oferta de munição para cada (um) dos defensores de (uma)-OPUS-DEI-fenomenológica. Posto que, (uma)-diferença, em e «entre», (um)-fenómeno e (um)-sistema é muito subtil. E a partir desta forma, também cabe analisar que (uma)-“OBRA-DE-DEUS” real(iza-se) como (uma)-forma-consciência. Mas, esta forma de analisar (uma)-“OBRA-DE-DEUS” que “há”, na forma de (uma)-consciência, é o que denuncia que (uma)-topologia-linguística encara (um)-mundo, como (uma)-real(idade) que a partir de (uma)-realidade, é como (uma)-forma-representação-schopenhaueriana<sup>58</sup>.

O que de (um)-ponto-de-vista-*ergoígénico*, evidencia que o problema desta denúncia, aqui em tom de afirmação, não está no final do enunciado em (um)-possível-legado-schopenhaueriano. Mas em (um)-princípio-da-afirmação, na forma de (uma)-consciência. Posto que (uma)-topologia-linguística, ao tratar (uma)-consciência não como (um)-fenómeno, mas «antes», como (um)-objecto, como também, cada (um) dos objectos que “há” em (uma)-real(idade), como representações, afasta-se de (uma)-“OBRA-DE-DEUS”-fenomenológica que, ao real(izar-se) como (uma)-forma-consciência, aproxima-se de (uma)-manifestação-sistémica que se real(iza) na forma de (uma)-representação, e apresenta-se como (uma)-real(ização), a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Mas o que provavelmente tem-se em esquecimento, é que (um)-objecto é (uma)-acção que “atira adiante” (uma)-representação. Posto que, a palavra objecto a partir do latim “*obiectum*”, define-se como “atirado adiante”. O que se depara com (um)-indício de que, (um)-*obiectum* é o que

<sup>57</sup> Referência ao ESPAÇO-TEMPO-einsteiniano.

<sup>58</sup> “O mundo é a minha representação”, em “O Mundo como Vontade e Representação”, Vol. I, Artur Schopenhauer (1788-1860).

caracteriza (uma)-produção-falante de cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que na forma de (uma)-representação, ao SER (SEIN) ontofenomenologicamente “atirada adiante”, real(iza-se) ONTOFILOGENICAMENTE, como (uma)-forma-falar que ao (um)-ouvir-se, constitui-se enquanto (uma)-representação, ao atravessar (uma)-estrutura-neurobiológica<sup>59</sup> que “há” em cada (um) dos sistemas vivos.

A partir do que se pode também conceber, (uma)-mesma-forma relativamente a (uma)-visão. Pois, “atirado adiante” de (um)-olhar, como o que atravessa (uma)-imagem<sup>60</sup>, (um)-*obiectum* toma a forma de (uma)-representação que, enquanto (uma)-“coisa”-aparência e na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], atira-se neuro-BIO-fisiologicamente adiante de (um)-olhar de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que justifica que cada (uma) das “coisas” aparentes, na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-representação que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, projecta-se de (uma)-realidade, através de (uma)-neuro-BIO-fisiologia-sistémica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, à (uma)-real(idade). O que (trans)forma (uma)-realidade em (uma)-real(idade) segundo o que defende (uma)-topologia-linguística.

A partir do que, resta ainda argumentar, diante do olhar bendito de cada (um) dos censores até aqui ainda (in)satisfeitos, «sobre» (uma)-eventual-(re)criminação diante de (um)-aparente-desprezo, da parte deste que argumenta, no que concerne ao pensamento de Arthur Schopenhauer (1788-1860).

Entretanto, esta é (uma)-(re)criminação que não se pode afirmar que se apresente, pelo menos, no que se refere a (uma)-topologia-linguística. Posto que não “há” (um)-desprezo da parte da topologia-linguística pelo pensamento schopenhaueriano. Muito pelo contrário. Posto que, para mais, Schopenhauer inicia o LIVRO I de “*O mundo como vontade e representação*”, afirmando que “*o mundo é a minha representação*”. Isto porquê, (um)-ponto-de-partida para (um)-pensamento-schopenhaueriano é (um)-pensamento-kantiano.

## XVIII. A objectividade kantiana e a subjectividade schopenhaueriana

Como o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) distinguia cada (um) dos objectos de (uma)-realidade, como “coisas” que cada (um) dos sistemas vivos humanos, segundo Kant, não era capaz de conhecer. Condição que Kant definiu como coisa em si, e a qual se vai grafar neste estudo, como “coisa”-“em-si”. A partir do que diante de (um)-objecto, segundo Kant, cada (um) dos sistemas

---

59 Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.1. Estrutura Neurobiológica.

60 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.3. Imagem.

vivos humanos somente é capaz de conhecer (uma)-aparência. Sendo possível estabelecer, desta forma kantiana, que (uma)-“coisa”-“em-si” [na forma de (uma)-real(idade)] e enquanto (um)-conhecimento, segundo Kant, não se constitui como (uma)-realidade em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Constituindo-se tão somente como (um)-fenómeno, ou seja, como (uma)-aparência. E desta forma, como (uma)-representação.

Como (uma)-“coisa”-“em-si”-kantiana que não se constitui como (uma)-realidade que se possa investigar. Outrossim, como (uma)-aparência e como (uma)-metafísica, que até este pensamento kantiano, pretendia sempre investigar (uma)-“coisa”-“em-si”. A partir do que, Schopenhauer, diante da distinção kantiana [realidade x aparência], conclui que “*o mundo não é mais do que (uma)-representação*”, definindo (uma)-realidade como (uma)-simultaneidade que “há”, em e «entre», (uma)-existência-objectiva e (uma)-existência-subjectiva.

É bem verdade que este pensamento não expressa exatamente (um)-pensamento-kantiano, mas é facto que o pensamento schopenhaueriano inicia-se em Kant. Mesmo que, a partir de (uma)-fenomenologia-kantiana, Schopenhauer afirme que (uma)-consciência é (uma)-mera-superfície. E que a partir deste pensamento schopenhaueriano, defina-se que (uma)-“coisa”-“em-si”-kantiana, é o que Schopenhauer define como (uma)-vontade. O que afasta definitivamente o pensamento schopenhaueriano de (um)-pensamento-kantiano.

Salienta-se contudo que para Schopenhauer esta é (uma)-experiência-interna-e-subjectiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que assegura que cada (um) dos sistemas vivos humanos é mais do que (um)-objecto em meio à outros objectos. Pois segundo Schopenhauer, esta (uma)-experiência-interna-e-subjectiva, é o que (re)vela que cada (um) dos sistemas vivos humanos existe como (um)-SER (SEIN) activo. Cujo comportamento neuro-BIO-fisiológico, manifesta-se na forma de (uma)-vontade. Mas para Schopenhauer, esta vontade não é (in)dependente de (uma)-representação. O que define, segundo (um)-pensamento-schopenhaueriano, que cada (uma) das formas racionais não é mais que (uma)-mera-ilusão.

Pois, é a partir desta forma, que (uma)-realidade segundo Schopenhauer, é (uma)-“coisa”-“em-si” na forma de (uma)-vontade. O que demarca que a essência (SOSEIN) de cada (uma) das “coisas”, segundo Schopenhauer, não é racional, mas «antes», (um)-(in)consciente. Pois cada (uma) das “coisas” a partida, é (uma)-vontade. E como (um)-realidade na forma de (um)-SER, cada (uma) das “coisas” é (uma)-representação. O que antecipa alguns dos conceitos (des)envolvidos pela psicanálise freudiana. Influenciada em parte pelo pensamento schopenhaueriano. Como se denuncia na obra de Sigmund Freud (1856-1939) o próprio.

A partir destas considerações, constata-se que real(mente), o pensamento de Arthur Schopenhauer (1788-1860) mostra-se como (um)-caminho-possível para o desenvolvimento de

(uma)-topologia-linguística. Mas, como (um)-BEM que já se sabia, este caminho schopenhaueriano é (im)possível, mesmo que se admita (uma)-influência-substancial do pensamento schopenhaueriano em cada (uma) das investigações, teóricas e práticas, bem como, em todo (um)-trabalho-reflexivo de (um)-pensamento-freudiano.

Não que os conceitos (des)envolvidos tanto por Freud, quanto por Schopenhauer; o primeiro, na forma de hipóteses empíricas; e o segundo, na forma de (uma)-retórica-filosófica; não sejam úteis e necessários à construção de (uma)-topologia-linguística. Posto que, efectivamente, (uma)-topologia-linguística através de (uma)-*ergoígenia*, apropria-se de estruturas de argumentação tanto psicanalíticas, quanto schopenhauerianas para os fins de (des)envolver (um)-conjunto de argumentações próprias.

Entretanto, “faze(ndo-o)” não nos termos de (uma)-teoria (A POSTERIORI), outrossim, nos termos de (uma)-*theoria* e na forma de (uma)-simultaneidade. Pois, (uma)-*theoria* (des)envolve-se especificamente, na forma de (um)-subproduto, a partir de (uma)-hipótese-axiomática que, tendo a forma de (uma)-*ergoígenia*, real(iza-se) epistemologicamente em (um)-sistema-topologia-linguística (observação).

Contudo, o que justifica (uma)-(im)possibilidade, é o facto de que (uma)-psicanálise (des)envolveu-se como (uma)-corrente-de-pensamento, que tem como base e fundamento, (uma)-relação [sujeito x objecto]. A mesma relação fundamental também utilizada como base e fundamento, para (um)-pensamento-schopenhaueriano.

Mas (uma)-topologia-linguística, a partir de (uma)-*ergoígenia*, propõe-se, fundamentalmente, como (um)-pensamento-real(idade) na forma de (uma)-relação [objecto x objecto]. E visto que não trata (uma)-consciência como (um)-fenómeno, é mais apropriado (des)envolver esta investigação a partir de (uma)-Teoria-dos-Objectos-não-Existentes (des)envolvida por Alexius Meinong (1853-1920). Entretanto, vai-se deixar esta questão para SER (SEIN) ontofenomenologicamente tratada mais adiante. E por ora, afastando-se do pensamento schopenhaueriano devido a (uma)-condição-subjectiva-fundamental, voltar-se-á à questão da constituição sistémica de (uma)-representação.

## XIX. (uma)-realidade x (uma)-real(idade)

Posto que, para mais, ainda não se pode afirmar, diante de tudo isto, que cada (um) dos sistemas vivos humanos capacitados com (uma)-reflexão-linguística, ao produzir (uma)-linguagem, consegue estabilizar a forma de (uma)-realidade. E diante desta constatação, retorna-se momentaneamente à (uma)-indagação já tratada, entretanto, aqui (re)tomada como (uma)-nova-

questão: se é (uma)-reflexão-linguística o que produz (uma)-linguagem, porquê (uma)-linguagem não se estabiliza como (uma)-forma-realidade?

Pois, se é a partir de (uma)-consciência-linguística que se produz (uma)-linguagem, cada (um) dos sistemas vivos humanos deveria SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE ontofenomenologicamente capaz de estabilizar (uma)-realidade a partir de (uma)-forma-linguagem. Entretanto, curiosamente, isto não se real(iza). Pois mantém-se (uma)-realidade, a partir de (uma)-linguagem, instável. Porquê?

A questão é justamente esta a partir do ponto de vista de (uma)-topologia-linguística. Posto que, diante de (uma)-instabilidade-verificável, pode-se perguntar se não é justamente, através de (uma)-linguagem que cada (um) dos sistemas vivos humanos (des)estabiliza-se como (uma)-forma-realidade. E, se é este o caso, como se pode explicar (uma)-forma-*physis*-existencial-(des)estabilizadora enquanto (uma)-forma-acoplamento-estabilizadora?

Será que se pode afirmar, de forma mais alargada, que a geratriz dos problemas sociais em (uma)-sistemática-de-vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-acoplamento-estrutural-linguístico? Mas se é (um)-acoplamento-linguístico o que (des)estabiliza (uma)-realidade-sistémica que “há” em cada (uma) das interações sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Porquê (sobre)vém (uma)-estruturação-linguística-e-social que se realiza na forma de (um)-acoplamento-estabilizador que, enquanto (um)-acontecimento-realidade, é a partir de (uma)-existência-neuro-BIO-fisiológica-HUMANA, (um)-instabilizador? E, para mais, o que significa (uma)-realidade-instável na forma de (uma)-topologia-linguística?

(In)felizmente, diante destas perguntas, o que surgem são mais perguntas. Por exemplo: porquê “há” (uma)-consciência de (uma)-dificuldade é possível resolvê-la? É através de (uma)-reflexão-linguística que se identifica, e resolve-se, (um)-dilema? Diante da (im)possibilidade de afirmar que basta (uma)-reflexão-linguística acerca de (uma)-dificuldade-específica, para que (uma)-dificuldade resolva-se através de (uma)-linguagem, pode-se lastimar e indagar: afinal, “há” (um)-problema com (uma)-linguagem ou com (uma)-representação? Para mais, trata-se aqui, de (um)-problema ou de (uma)-forma-solução?

Por ora, não se vai procurar responder a cada (uma) destas perguntas, mas «antes», avançar através de (uma)-reflexão. Pois, se (uma)-reflexão-linguística é (um)-fenómeno, e por consequência, também (uma)-linguagem, é porquê “há” (uma)-consciência. Mas, se “há” (uma)-consciência, então porquê não se real(iza) (uma)-consciência de que “há” crises que se (des)envolvem, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e que os envolve, real(izando-se) como (uma)-geratriz de múltiplos e variados efeitos nefastos, a partir de cada (uma) das realidades que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos? E a partir desta forma, que fique

claro que não se está a referir a cada (uma) das crises visíveis, mas as múltiplas crises que se deixam existir visivelmente a partir de (uma)-(in)visibilidade aparentemente consciente.

Será isto porquê (uma)-reflexão-linguística acerca de (uma)-dificuldade que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, não se resolve através de (uma)-linguagem? E mais: se (uma)-reflexão-linguística não se resolve enquanto (um)-problema através de (uma)-linguagem, é porquê (uma)-reflexão-linguística “faz-se” como (uma)-existência-A-PRIORI ou como (uma)-existência-A-POSTERIORI?

## XX. Crises históricas e consciência

Ora, diante de crises históricas, ao analisar cada (uma) das dificuldades interactivas (estáveis) que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir de (um)-fenómeno-consciência. É certo enveredar, no mais das vezes, através de problemas sociais, políticos, económicos e ideológicos que não atravessam nem soluções, nem entendimentos. Posto que *ergoñgenicamente*, não se constituem como (uma)-forma-conhecimento. Mas, segundo (uma)-topologia-linguística, o que conduz até (um)-entendimento ou até (uma)-solução, é (um)-conhecimento. O que restringe (uma)-questão a constituição de (um)-conhecimento que se real(iza) na forma de (uma)-pergunta: como se constitui (um)-conhecimento em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade?

Sem responder a mais esta pergunta. O que se sabe é que ao analisar cada (uma) destas dificuldades, a partir de (um)-fenómeno-consciência. O que tão somente acontece é que, na forma de (um)-conhecimento, “há” (uma)-geração de argumentos que ao permitir a forma de (um)-acúmulo-de-conhecimentos, enquanto tal, não se real(iza) como (uma)-solução, nem tampouco como (um)-entendimento, mas «antes», como (uma)-forma-sintática-e-retórica acerca de cada (uma) das dificuldades que “há” em (uma)-sociedade de sistemas vivos humanos.

O que pode até piorar, se cada (uma) das dificuldades que se apresentam, forem confrontadas, enquanto existências sistáticas retóricas, diante de cada (uma) das existências subjectivas que “há”, na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Isto porquê (uma)-subjectividade, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-existência-homeomorfa que é, estrutural e ONTOFILOGENICAMENTE, ontofenomenologicamente “igual”, estrutural e sistemicamente, em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas que se altera enquanto (uma)-forma-real(ização) (representação), devido a (uma)-contextualidade (adjectiva) absoluta (instável) ou interactiva (estável) que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo).



Mas, como ainda restam “coisas” aparentes que também SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, ontofenomenologicamente factuais diante de cada (uma) destas observações. Torna-se necessário avançar com (uma)-argumentação. Pois cada (um) destes factos aqui descritos, real(iza-se) na forma de palavras e estas palavras descrevem (uma)-aparência das “coisas”. O que as formaliza sistemicamente como representações. E este é (um)-acontecimento que (trans)forma “coisas” em aparências, segundo (uma)-ontofenomenologia. Mas que, segundo (uma)-topologia-linguística, é também o que (trans)forma (uma)-“coisa”-aparência em (um)-conceito [estável | interactivo].

O que torna, desta forma, (uma)-aparência em (uma)-representação que se real(iza) na forma de (um)-significado [estável | interactivo]. (uma)-real(ização) com a qual se apresenta, cada (uma) das “coisas” aparentes a que se refere. E que normalmente SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, os grandes culpados ontofenomenológicos por cada (uma) das realidades sociais e históricas instáveis (absolutas). Portanto, o que segundo (uma)-topologia-linguística, em cada (uma) das “coisas” aparentes não é (um)-conceito [estável | interactivo], mas «antes», (uma)-simultaneidade na forma de (uma)-representação que, sistémica e interactivamente (estável), real(iza-se) como (uma)-instabilidade (absoluta) como continuidade simultânea de (uma)-realidade-sistémica.

A partir do que, cada (uma) destas instabilidades (absolutas), resulta de cada (uma) das interacções linguísticas e sociais que ao envolver cada (um) dos sistemas vivos humanos que existem em (uma)-sociedade, real(iza-se) como (uma)-formalidade, enquanto (uma)-real(idade) que, apesar de tudo, apresenta-se como (uma)-existência gerada por SERES activos, que se real(izam) consequentemente como SERES conscientes. Entretanto, que vivem e (sobre)vivem, não por conta de (um)-conjunto-de-consciências-individuais, mas «antes», por conta de (um)-conjunto-de-experiências-e-acções-colectivas. Que ao tornarem-se em (uma)-formalidade-social, constituindo-se como (uma)-forma-sociedade, permitem-se até (um)-instante-actualidade, como (uma)-sistemática para (uma)-perenização de (uma)-espécie de sistemas vivos.

## XXI. A forma consciência e a condição humanidade

Portanto, a ideia filosófica de que (uma)-história-da-HUMANIDADE é resultante de (uma)-actuação de cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de SERES históricos que, enquanto tais, real(izam-se) no mundo como sujeitos históricos. E, desta forma, existem ontofenomenologicamente conscientes de (uma)-existência. Entretanto, «sobre» a qual não é preciso refletir diariamente para viver, outrossim, reduzir-se transcendentemente para que “haja” (um)-entendimento de que “há” (uma)-existência. É o que ao englobá-los absolutamente, a partir de

(uma)-forma-instável (prática-linguística), real(iza-os) na forma de (uma)-essência-objectiva que, ao real(izar-se) a partir de (uma)-forma-significado [estável | interactivo], que se real(iza) na forma de (uma)-consciência, é o que procura estabilizar, segundo (uma)-topologia-linguística, através de (uma)-forma-equívoco.

Diante do que, para “fazer” frente a (uma)-redução-eidética<sup>61</sup> fenomenológica. (uma)-topologia-linguística propõe, através de (uma)-invenção, (uma)-redução-mórfica com (uma)-finalidade de estabelecer (uma)-analogia-não-transcendental, em e «entre», (uma)-fenomenologia e (uma)-topologia-linguística.

E, desta forma, vai-se considerar que cada (um) dos sistemas vivos humanos existe como (um)-SER-histórico que “dorme” eternamente. E (um)-observador ao colocar-se diante destes SERES históricos que estão a “dormir” eternamente vai-se perguntar: estes SERES históricos, desta forma, existem conscientes ou (in)conscientes? Se a resposta for (in)conscientes, de (um)-ponto-de-vista-epistemológico, não “há” (uma)-história.

Entretanto, do ponto de vista de (uma)-*ergoígenia*, não só “há” história como estes SERES que existem (in)conscientes estão activamente a “dormir”, constituindo-se não somente como (uma)-história-epistemológica-da-humanidade, como também, como (uma)-história-*ergoígênica*-da-existência-humana da qual participam SERES históricos que “existem” activamente (in)conscientes. O que deixa cada (um) dos observadores com (uma)-questão: diante da acção de “dormir”, nesta “invenção” *ergoígênica* de (uma)-existência, estes SERES que existem activamente a “dormir” são sujeitos?

A partir do que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, pode-se afirmar que estes SERES que existem activamente a “dormir”, estão activos, mas não existem como sujeitos, outrossim, cada (um) como (uma)-forma-“lugar”. Diante do que, pelo menos nisto, e desta forma, (uma)-topologia-linguística e (uma)-fenomenologia concordam. Mas as concórdias param por aqui. Pois segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-história-acontece através de sistemas activos e, segundo (uma)-fenomenologia, (uma)-história-acontece através de sujeitos conscientes.

Isto porquê o ponto de vista da fenomenologia é epistemológico e, consequentemente, real(iza-se) através de (um)-significado; e o ponto de vista da topologia-linguística é *ergoígênico*, ou seja, real(iza-se) através de (um)-“fazer” e, consequentemente, na forma de (uma)-*ergoígenia* através de (uma)-representação. Pois, é nisto que (uma)-topologia-linguística e (uma)-fenomenologia divergem, separando-se definitivamente. Posto que, (uma) afirma-se a partir de

---

61 Segundo Edmund Husserl (1859-1938), (uma)-redução-eidética, consiste na análise do NOEMA para encontrar (uma)-essência. Isto porquê segundo Husserl, não se pode livrar cada (um) dos sistemas vivos humanos da subjetividade, para poder ver cada (uma) das “coisas” “em-si”. Pois em (uma)-experiência-de-consciência está envolvido o que é informado pelos sentidos e o modo “como” a mente enfoca isto que lhe é informado pelos sentidos.

(uma)-consciência na forma de (uma)-fenomenologia; e a OUTRA afirma-se a partir de (um)-TOPOS, que ao real(izar-se) na forma de (uma)-topologia-linguística, como (uma)-representação que não atravessa (uma)-consciência, é «antes» (um)-“fazer”-neurofisiológico do que (uma)-consciência. Apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE, enquanto (uma)-ontofenomenologia, (uma)-manifestação.

Isto porquê em (uma)-*ergoígenia*-mórfica, cada (um) dos sistemas vivos humanos está sempre activo e, diferentemente em (uma)-epistemologia-histórica, cada (um) dos sistemas vivos humanos deve estar sempre consciente. Posto que se não “há” (uma)-consciência, não “há” (um)-sujeito. E é a partir desta forma, que em (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos sujeitos é (um)-“lugar”. Ou seja, (uma)-existência-linguística, sistémica e estrutural, que se real(iza) na forma de (um)-objecto.

Ao passo que segundo (uma)-ontofenomenologia, cada (um) dos sujeitos é (uma)-sintaxe-retórica que na forma de (uma)-linguagem, ou seja, através de (uma)-axiologia ou de (um)-significado, estrutura-se como (um)-discurso que, sintática e retoricamente, existe em conformidade com (uma)-definição-estrutural, na forma de (um)-pensamento que se torna possível, somente através de (uma)-consciência.

Portanto, para que (um)-sujeito-defina-se-epistemologicamente como (uma)-forma-conhecimento, é preciso ontofenomenologicamente estar consciente e capaz de refletir. Pois, segundo o que defende (uma)-ontofenomenologia, sem (uma)-consciência nenhum dos sujeitos está capaz de produzir (um)-conhecimento, porquê nenhum dos sujeitos está capaz de refletir.

Como *ergoígenicamente*, tudo é (um)-“fazer”. Por consequência, todo conhecimento é considerado (um)-“fazer”. Ou seja, (uma)-*ergoígenia*. A partir do que, por ora, vai-se abrandar. Posto que diante disto, começa-se a parecer no mínimo paradoxal, mesmo a partir destas linhas intermédias. Isto porquê: será que se pode dizer que “dormir”, *ergoígenicamente*, é (um)-conhecimento? Ou seja, *ergoígenicamente* (um)-acontecimento-epistemológico pode SER (SEIN) ontofenomenologicamente somente (um)-“fazer”?

Segundo (uma)-topologia-linguística, sim; e segundo (uma)-epistemologia, não. Mas o que “(des)faz” este paradoxo não é esta simples resposta. Pois a partir desta condição, na forma de (uma)-epistemologia, (uma)-topologia-linguística vai colocar-se como (uma)-condição-de-observação referente ao “lugar” do observador. Isto porquê, *ergoígenicamente* cada (um) dos observadores é (um)-“lugar” que, a partir de (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) através de cada (uma) das constantes interacções linguísticas como (uma)-forma-real(idade).

## XXII. O que é (um)-“fazer”-neurofisiológico?

E, desta forma, (um)-observador é interação e interagente em (uma)-simultaneidade. (uma)-representação que não (des)estabiliza (um)-acontecimento-realidade. Posto que se toma, como (uma)-formalidade em (um)-sistema-topologia-linguística, posto pertencer-lhe. Isto porquê, (um)-observador não está externo, linguisticamente, ao acontecimento pertinente. Porquê ao observar pertence-lhe enquanto (uma)-interacção-linguística que se real(iza) como (um)-“lugar”, na forma de cada (uma) das representações.

Ao passo que, epistemologicamente, (um)-observador é (um)-SER ou (um)-ENTE, que na forma de (uma)-existência, é externo a (uma)-existência-contextual na forma do (um) que acontece em (um)-sistema-topologia-linguística. Ou seja, é (um)-observador que, linguística e neurobiologicamente, acontece como (um)-NOEMA que atravessa (uma)-consciência e não na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico enquanto (uma)-formalidade. Posto que (um)-acontecimento, epistemologicamente é (um)-fenómeno que atravessa (uma)-consciência e não (uma)-formalidade-contextual que, ao acontecer na forma de (um)-linguístico, sistémica e neuro-BIO-fisiologicamente é (uma)-real(ização) a partir de (um)-“fazer”.

Como em (uma)-topologia-linguística, cada (uma) das existências é sempre (uma)-existência-linguística, ou seja, (uma)-sistemática-estrutural-sistematizável que se real(iza) na forma de (um)-linguístico. Cada (um) dos sistemas vivos humanos, *ergoñgenicamente* somente existe na forma de (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística.

E, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-sistema-vivo em (uma)-topologia-linguística que, em cada (uma) das interacções linguísticas, é também (um)-observador. Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, não “há” (uma)-diferença, em e «entre», (um)-observador e (uma)-observação. Posto que “há” (uma)-homeomorfia, em e «entre», cada (uma) das representações na forma de (uma)-real(idade).

O que justifica que (um)-observador que “dorme” não afete (uma)-dinâmica-sistémica de cada (um) dos que não “dormem”. Pois (uma)-estrutura-sistémica, em (uma)-topologia-linguística, como é sistematizável e interactiva (estável), suporta existências linguísticas diversas. Posto que, (um) que “dorme” diante de OUTRO que não “dorme”, real(mente) sistémica e estruturalmente, SÃO ontofenomenologicamente duas representações que, cada (uma) como (um)-“lugar” e como o que “há”, é (uma)-homeomorfia-ONTOFILOGÊNICA enquanto (uma)-representação.

Isto porquê, como “há” (uma)-interacção, em e «entre», (um)-observador que não “dorme” e cada (um) dos observados que “dormem”, cada (um) como (um)-“lugar” é o que “há”, tanto como (um) que “dorme”, quanto como (um) que não “dorme”, e que existem homeomorficamente como

(um)-“lugar” que, na forma de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-forma-representação que “em-si” interage contextualmente para (uma)-real(ização)-simultaneidade de (uma)-real(idade).

E, como SÃO ONTOFILOGENICAMENTE homeomorfos interagindo contextualmente. Cada (um) como (uma)-representação é (uma)-formalidade que se toma como (um)-“lugar”, na forma de (uma)-sistemática-estrutural que existe, linguística e activamente, como (um)-“lugar” que na forma de (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-contexto.

Mas, como esta explicação ainda não é completamente clara nesta introdução. Pretende-se que fique pelo menos claro que, (uma)-representação é (uma)-simultaneidade, em e «entre», (uma)-formalidade e (um)-“lugar”. Que ao existir como (uma)-sistemática-estrutural na forma de (uma)-existência-linguística-aberta, real(iza-se) a partir de (uma)-*ergoñgenia*, como (um)-sistema-topologia-linguística.

### XXIII. (uma)-epistemologia é (uma)-axiologia

O que não acontece através de (uma)-epistemologia. Posto que (um)-pensamento-epistemológico é (uma)-existência-linguística-fechada na forma de (um)-significado, que se real(iza) na forma de (uma)-representação. Pois, ao tomar-se como (um)-significado, é como (uma)-estrutura-[significante | significado]. O que não acontece em (uma)-topologia-linguística como (uma)-decorrência do que se define enquanto (uma)-*ergoñgenia*. Por isto, é preciso em (uma)-forma-epistemológica, que cada (um) dos SERES envolvidos esteja (in)consciente, se não, relativamente “a todos (in)conscientes” não “há” (um)-real(mente)-epistemológico.

Posto que se “há” pelo menos (um) consciente, e este (um), assume-se em (uma)-sintaxe-retórica como (um)-definidor-estrutural, ou seja, como (uma)-axiologia ou (um)-significado que ao definir-se como (um)-sentido, afecta estrutural e sistemicamente todo (um)-sistema-observado. Pois epistemologicamente, não “há” homeomorfia. Porquê (um)-significado, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-formalidade que segundo (uma)-filosofia-da-linguagem é estrutural.

Ou seja, *ergoñgenicamente* (uma)-subjectividade é absoluta (instável). Entretanto, nunca se real(izando) como (um)-sujeito que reflete acerca de (uma)-existência através de (uma)-consciência. Outrossim, como (uma)-subjectividade que através de (uma)-prática-linguística, ESSENCIALIZA-SE enquanto (uma)-real(ização). Ou seja, *ergoñgenicamente* “a essência é a existência” e simultaneamente “a existência é a essência”. “Confundindo-se” em (uma)-simultaneidade-essência-existência que na forma de (uma)-existência-linguística atravessa (uma)-prática-linguística. Isto porquê na forma de (uma)-representação, tudo-o-que-“há” como (uma)-realidade, é (uma)-homeomorfia enquanto (uma)-representação.

Pois, *ergoñgenicamente* em (uma)-existência-linguística, (uma)-semântica é neuro-BIO-fisiológica [essência | prática linguística] e (uma)-sintaxe é retórica [estrutura | representação]. Ou seja, (uma)-semântica acontece no que (uma)-topologia-linguística define como REAL topológico, na forma de (uma)-prática-linguística. E (uma)-sintaxe-retórica acontece na forma de (uma)-linguagem, a partir de (um)-acoplamento-social. (uma)-sistemática-estrutural que em (uma)-formatação estabelecida, real(iza-se) a partir de (um)-simbólico-topológico.

O que também acontece fenomenologicamente. Mas a diferença está em que, fenomenologicamente “há” (uma)-simultaneidade-essência-existência que se “faz” em (um)-“lugar” como (uma)-forma-consciência; ao passo que, *ergoñgenicamente*, (uma)-simultaneidade-essência-existência, “faz(-se)” na forma de (uma)-acção como (uma)-prática-linguística que se real(iza) em (um)-REAL-topológico. Ou seja, enquanto (um)-“lugar”, (uma)-fenomenologia existe em (um)-simbólico-topológico, na forma de (um)-sistema-fechado; ao passo que na forma de (uma)-acção, (uma)-*ergoñgenia* acontece em (um)-REAL-topológico. Ou seja, completamente dependente de cada (uma) das interações sistêmicas possíveis que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística. E que se real(iza) na forma de cada (uma) das representações como (uma)-real(idade).

E, desta forma, cada (uma) das existências manifestas, só “há” como (uma)-existência-linguística, na forma de cada (uma) das práticas linguísticas. Diante do que, somente é possível (uma)-convergência de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] à (uma)-existência-linguística, ao atravessar (uma)-redução-linguística. Ou seja, através de (uma)-representação. A partir do que se é impelido, em e «entre» muitas outras, à pergunta seguinte: afinal o que é (uma)-representação?

#### XXIV. O que é (uma)-representação?

Filosoficamente é (uma)-ENTIDADE. (uma)-“coisa”-aparência que está por OUTRA-“coisa”-aparência. E, desta forma, (uma)-representação é (uma)-interacção, em e «entre», (um)-representante e (um)-representado. Entretanto, *ergoñgenicamente* (uma)-representação é (uma)-simultaneidade, em e «entre», (uma)-essência [SOSEIN | prática linguística] e (uma)-existência [SEIN | “coisa” aparência]. Somente possível através de (uma)-interacção, em e «entre», (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica [imaginário topológico | REAL topológico] e (uma)-sintaxe-retórica [simbólico topológico].

Diante disto, para explicar e clarificar (uma)-difícil-explicação, vai-se (re)tomar (uma)-narração de Maturana e Varela<sup>62</sup> acerca de cada (uma) das sistemáticas tentativas de ensinar

---

62 História narrada a partir da página 234 da OBRA “*A árvore do conhecimento*” de Maturana e Varela, Editorial Psy, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, 1995.

linguagem aos macacos da espécie *Pan troglodytes* – chimpanzés comuns – implementadas a partir dos anos trinta (1930) nos Estados Unidos da América.

Conta-se através das palavras destes neurobiólogos chilenos, que nos anos de 1930, (um)-casal com o apelido Kellogs, criou (um)-filhote-de-chimpanzé ao lado do próprio filho com (uma)-finalidade de ensinar (um)-chimpanzé a falar. Mas esta primeira experiência fracassou enormemente. Entretanto, varios anos mais tarde outro casal com o apelido Gardner, ao refletir «sobre» o fracasso dos Kellogs, sugeriu que o problema não estava nas capacidades linguísticas dos chimpanzés, mas no facto de que (uma)-habilidade dos chimpanzés não é vocal, outrossim, gestual.

A partir destas considerações, os Gardner – a partir de 1966 – resolveram repetir a experiência dos Kellogs. Contudo, desta vez, utilizando o Ameslan, o idioma gestual mais rico e amplo usado pelos surdos-mudos em todo o mundo, como (um)-sistema para cada (uma) das interações linguísticas com cada (um) dos macacos chimpanzés envolvidos.

O chimpanzé dos Gardner – chamado Washoe – começou a aprender o Ameslan tinha apenas 12 (doze) meses de idade. Quando completou cinco anos de idade, Washoe já conhecia (um)-repertório de cerca de duzentos gestos, incluindo: verbos, adjectivos e substantivos. Entretanto, quando “fez” dezesseis anos e depois de muitos outros experimentos linguísticos com outros chimpanzés e gorilas treinados por diversos outros grupos. Ainda não se conseguia afirmar com certeza, que Washoe e os congéneres “havam” aprendido (uma)-linguagem, muito embora, tudo “fizesse” parecer que sim. Posto que era tentador afirmar que estes macacos tinham aprendido a comunicar-se.

Pois em certas ocasiões, poucas é verdade, Washoe e os congéneres eram capazes de combinar o repertório de gestos que conheciam para criar novos gestos que eram adequados aos contextos em que eram utilizados. Através desta mesma forma, outra chimpanzé também treinada em Ameslan, chamada Lucy. Tratava por exemplo, (uma)-melancia como “fruta-beber” ou “doce-beber”<sup>63</sup> e (um)-rabanete-forte, como “comer-chorar-forte”<sup>64</sup>. Já Washoe, que “havia” aprendido (um)-gesto para frigorífico, preferia referir-se ao frigorífico como “abrir-comer-beber”<sup>65</sup>.

Diante de cada (uma) destas experiências, é facto que dominar (uma)-linguagem como o Ameslan não implica que Lucy e Washoe, bem como os congéneres, fossem capazes de distinguir elementos de (um)-domínio-linguístico como objectos (representações). Visto que em outro experimento que envolveu três outros chimpanzés treinados em Ameslan, demonstrou-se que (uma)-

---

63 “*A árvore do conhecimento*” de Maturana e Varela, Editorial Psy, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, 1995, página 236.

64 Idem.

65 Idem.

utilização em (um)-meio-social de cada (um) dos signos e objectos, em cada (uma) das interacções linguísticas é muito importante.

Pois, à chipanzé Lana, que aprendeu a linguagem gestual interagindo com computadores, como também, à Sherman e Austin, que diferentemente de Lana, aprenderam (uma)-linguagem-gestual interagindo com humanos e outros animais; foi-lhes ensinado a distinguir duas classes de objectos: comestíveis e não-comestíveis; e pousá-los «sobre» dois tabuleiros. A seguir, deram-lhes novas séries de objectos que cada (um) dos chipanzés não teve dificuldade de pousar nos respectivos tabuleiros.

Também, quando lhes foram apresentadas imagens visíveis ou lexicogramas<sup>66</sup>, não tiveram dificuldades em associar a cada (um) dos respectivos tabuleiros. Entretanto, quando lhes foi pedido para associar novos objectos a cada (um) dos lexicogramas correspondes sem os tabuleiros; Sherman e Austin obtiveram sucesso; mas Lana falhou. O que aconteceu?

Segundo Maturana e Varela, o experimento mostrou que Lana, que aprendeu a linguagem gestual interagindo com computadores, operava em (um)-domínio-linguístico; porém, diferentemente de Sherman e Austin, que aprenderam a linguagem gestual interagindo com humanos e outros animais. Pois, Lana não utilizava os elementos linguísticos para distinguir objectos «dentro» de (um)-domínio-linguístico. O que define que Lana não consegue representar, apesar de conseguir comparar objectos ao lidar inicialmente com os lexicogramas como se fossem objectos. Mas quando precisou associar cada (um) dos objectos aos lexicogramas em vez de compará-los, em e «entre» si, como objectos – lexicogramas incluídos – falhou. Porquê?

Maturana e Varela afirmam que foi o contexto social o que “fez” (uma)-diferença em cada (uma) das ONTOGENIAS. Ou seja, (um)-desenvolvimento-linguístico, segundo Maturana e Varela, está estreitamente vinculado a (um)-acoplamento-social.

A partir desta narração, o que “há” é (uma)-intenção de explicar o que *ergoígenicamente* foi afirmado anteriormente, ou seja, que é (uma)-interacção-sistémica-e-estrutural, em e «entre», (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica e (uma)-sintaxe-retórica o que produz (uma)-linguagem.

Entretanto, como nesta introdução o que se pretende é somente iniciar (uma)-explicação, desenvolvendo-a durante o restante deste estudo, por ora vai-se considerar apenas que narrar alguns factos deste experimento já é (um)-suficiente como (uma)-primeira-explicação, mesmo que Maturana e Varela tenham utilizado esta narração para afirmar que “é uma reflexão linguística o que produz a linguagem”. Salientando que, ao usar a mesma narração nesta introdução, o que se procura afirmar é (uma)-condição-absolutamente-oposta (instável) a de Maturana e Varela, ou seja, propor

---

66 “A árvore do conhecimento” de Maturana e Varela, Editorial Psy, Tradução de Jonas Pereira dos Santos, 1995, página 237.



que (uma)-linguagem é (uma)-sistemática-estrutural que se estabelece na forma de (uma)-*ergoñgenia* a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

## XXV. A tradição filosófica e a *ergoñgenia*

A partir do que, ao retornar a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico na forma de (uma)-redução-mórfica-e-axiológica-“inventada” já tratada nesta introdução. É diante de (uma)-epistemologia que (uma)-reflexão-linguística reduz-se “em-si”. Porquê diante de SERES não conscientes que estão a “dormir”, epistemologicamente não “há” história. Posto que, segundo o que defende (uma)-tradição-filosófica, fenomenologicamente SÃO SERES conscientes que estabelecem (uma)-história como (uma)-forma-edificação.

Portanto, a forma de (uma)-reflexão-linguística, de (um)-ponto-de-vista-epistemológico, não se “faz” historicamente a partir de sujeitos (in)conscientes, outrossim, a partir de cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sujeitos conscientes que “há” em (uma)-sociedade.

Contudo, se cada de (um) destes sujeitos conscientes está a “dormir eternamente”, ou seja, está a existir na forma de (uma)-(in)consciência, não “há” história. Pois somente “há” reflexão linguística, se estes SERES que “dormem” estiverem também, e simultaneamente, conscientes. E desta forma, (uma)-reflexão-linguística reduz-se “em-si”. Posto que se real(iza) como (uma)-redução à forma de (uma)-consciência. O que ao fechar-se na forma de (um)-sistema-simbólico, real(iza-se) como (uma)-forma-sistémica-fechada em (um)-simbólico-topológico.

Isto porquê somente “há” (uma)-capacidade para cada (um) dos SERES que “dormem”, existirem na forma de sujeitos históricos, se estiverem simultaneamente a “dormir” e também conscientes. Pois do ponto de vista de (uma)-epistemologia, para “haver” história, cada (um) dos SERES tem que SER (SEIN) ontofenomenologicamente capaz de “dormir” [SOSEIN] e estar consciente [SOSEIN] em (uma)-simultaneidade. O que filosoficamente é (im)possível. Pois “dormir” é estar não consciente. O que devido a (uma)-condição-simbólica-fechada em (um)-significado, é (uma)-condição que se real(iza) em cada (uma) das representações, como (uma)-realidade enquanto (um)-heurismo<sup>67</sup>.

Portanto, para manter-se nesta mesma linha de argumentação, vai-se esclarecer que (uma)-*ergoñgenia*, na forma de (uma)-hipótese-axiomática, é (uma)-definição de que [(um)-“fazer” é (um)-acontecimento que se origina em (um)-“fazer”, e que, curiosamente, é (um)-acontecimento-geratriz de (um)-“fazer” que se origina em (um)-“fazer”], ou seja, (um)-acontecimento-geratriz de (um)-“fazer” é (um)-acontecimento-“fazer”-geratriz que o gera. O que segundo a filosofia

---

67 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

tradicional, não se constitui como (um)-enunciado-epistemológico, conseqüentemente, não se constituindo na forma de (uma)-epistemologia. Posto que se estrutura na forma de (um)-enunciado-meramente-identitário.

Ao passo que (um)-enunciado que afirma: que (um)-acontecimento-geratriz de (uma)-linguagem é (uma)-reflexão-linguística. É o que se real(iza) como (um)-fenómeno. Isto porquê, é através de (uma)-reflexão-linguística que se gera (um)-fenómeno que se real(iza) na forma de (uma)-linguagem e que “faz”, de cada (um) dos enunciados, desta forma, (uma)-epistemologia de (um)-ponto-de-vista de (uma)-tradição-filosófica.

Por isto, quando se dedica (uma)-maior e mais detida atenção ao argumento reducionista *mórfico* aqui “inventado” e descrito. Percebe-se que é (uma)-reflexão-linguística, e não (uma)-*ergoígenia*, o que se reduz “em-si” enquanto (um)-enunciado-meramente-identitário. Isto porquê, *ergoígenicamente* “dormir”, não se reduz à (uma)-não-consciência, outrossim, à forma de (uma)-*ergoígenia*-epistemológica enquanto (um)-facto-histórico. Pois (um)-sistema-vivo-histórico, apesar de estar a “dormir”, está vivo. O que o define como (um)-SER ONTOFILOGENICAMENTE activo, contudo, ontofenomenologicamente (in)consciente. Posto que “dormir” é (um)-verbo e, desta forma, real(iza-se) como (uma)-acção em (um)-sistema-topologia-linguística. Ao passo que “dormir” tem (um)-significado ontofenomenológico, que se real(iza) na forma de (uma)-(in)consciência.

## XXVI. SEIN x SOSEIN

O que é o mesmo que acontece de (um)-ponto-de-vista de (uma)-reflexão-linguística. Posto que cada (um) dos sistemas vivos humanos ao “dormir”, não está consciente. E, desta forma, (uma)-reflexão-linguística não é epistemologicamente possível, já que se real(iza) na forma de (um)-(in)determinável, tanto como (um)-activo, quanto como (um)-não-activo. Pois “dormir”, epistemologicamente, não é (um)-estado-não-activo, como também, não é (um)-estado-activo. A partir do que, não se permite (uma)-real(ização) de (um)-acontecimento-reflexivo, já que “dormir” não é (um)-estado-consciente, apesar de SER (SEIN) ontofenomenologicamente (um)-verbo (SOSEIN).

O que reduz (uma)-reflexão-linguística à (uma)-capacidade (SOSEIN), de (um)-SER “dormir” e simultaneamente refletir linguisticamente [pensar], enquanto (uma)-forma-acção na forma de (um)-verbo [“dormir”], que ao real(izar-se) como (uma)-existência-linguística, atravessa (uma)-prática-linguística como (uma)-forma-possibilidade. Ou seja, (uma)-reflexão-linguística reduz (uma)-representação ao SOSEIN [essência | significado] e não ao SEIN [SER | representação]. E,

segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação é (um)-SER (SEIN) que, na forma de (um)-“ONTOS ON”, não é (uma)-essência, outrossim, o que se real(iza) a partir de (uma)-essência, como (uma)-formalidade.

Portanto, (uma)-reflexão-linguística é (uma)-redução-“em-si” que, ao tomar a forma de (uma)-representação, reduz (um)-SER [representação] à (uma)-essência [SOSEIN | significado]. Quando, segundo (uma)-ontologia, é (uma)-essência (uma)-redução do SER (SEIN), e não ao contrário, (um)-SER (uma)-redução da essência. O que “faz” de (uma)-redução do SER à essência, (uma)-redução de (uma)-redução. Portanto, pode-se afirmar que, desta forma reduzida “em-si”, (uma)-reflexão-linguística não se constitui como (uma)-forma-epistemologia, outrossim, como (uma)-forma-identidade.

O que contrariamente, a partir de (uma)-*ergoígenia* e diante de (uma)-redução-*mórfica*, real(iza-se) como (uma)-forma-determinável que, enquanto (um)-estado-activo na forma de (um)-dormir, real(iza-se) como (um)-facto-histórico, na forma de (uma)-epistemologia em (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que “dormir”, *ergoígenicamente* é (uma)-acção, e para mais, (um)-sistema-nervoso é (um)-sistema-vivo-sempre-activo. Pois, quando (um)-sistema-vivo-“dorme”, (um)-sistema-nervoso está activo.

## XXVII. (um)-linguístico abordado linguisticamente

Desta forma, se era (uma)-intenção abordar (um)-linguístico “faze(ndo-o)” linguisticamente, cá está demonstrado (um)-resultado de (uma)-primeira-abordagem. Pois semanticamente, diante de (uma)-redução-*mórfica*, (uma)-reflexão-linguística enuncia-se meramente como (uma)-identidade. Posto que reduz (um)-SER à (uma)-essência, afirmando que não o está a “fazer”.

O que não acontece em (uma)-topologia-linguística. Posto que (um)-reducionismo é “feito” A PRIORI na forma de (uma)-*ergoígenia*. Do que se pode afirmar que a partir de (uma)-*ergoígenia*, (uma)-redução-*mórfica* é (uma)-epistemologia. Claro que diante de (uma)-perspectiva [sujeito x objecto], esta argumentação torna-se falaciosa. Posto que se pode alegar que “há” (um)-sujeito, na forma de (um)-autor, que está a afirmar que todos “dormem”, mesmo diante de (um)-argumento de que “há” (uma)-homeomorfia, em e «entre», (um)-observador e (uma)-observação. Pois, é contra esta tipologia de argumento que (uma)-topologia-linguística opta por considerar (um)-autor, como (um)-“lugar” na forma de (uma)-representação, e não como (uma)-forma-sujeito.

Isto porquê, diante da afirmação de que todos “dormem”, existe pelo menos (um)-sujeito que não “dorme”, o sujeito que rompe com esta homeomorfia à qual se apela. Posto que “há” (um)

que está consciente de que cada (um) dos demais “sujeitos” estão a “dormir”. Visto que é (im)possível, (uma)-construção de (um)-enunciado sem (uma)-existência de (um)-enunciador.

Mas, segundo (uma)-topologia-linguística, esta é (uma)-tipologia-de-argumento tipicamente heurístico<sup>68</sup>. Ou seja, que promove (um)-problema a partir de (uma)-evidência, que se pode ou não instalar na forma de (um)-problema. Posto que, para o mesmo (problema) “há” (uma)-solução que, heurísticamente obriga-se enquanto (uma)-forma, a assumir (um)-sentido como (uma)-solução que se real(iza) como (um)-significado. Ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, devido à (uma)-*ergoígenia*, “há” (uma)-simultaneidade-[problema | solução] que se constitui homeomorficamente. Portanto, não “há” (uma)-forma-significado, mas «antes», (uma)-forma-significante que ao real(izar-se) como (uma)-evidência, apresenta-se como (uma)-real(idade) e não como (uma)-antonimia.

## XXVIII. (um)-sistema-simbólico-fechado e (um)-significado

Tudo isto posto, o que se pode concluir é que, diante de cada (um) dos conceitos [significados] que interagem «dentro» de cada (uma) das cadeias fechadas de enunciados lógicos, (um)-enunciado-epistemológico torna-se «dentro» desta cadeia, em (um)-enunciado-meramente-identitário; e (um)-enunciado-meramente-identitário torna-se em (um)-enunciado-epistemológico. O que não constitui (uma)-surpresa. Pois a forma de (um)-enunciado depende de cada (uma) das interações lógicas e epistemológicas que se estabelecem a partir de cada (um) dos enunciados. A partir do que se deixa (uma)-pergunta: será que cada (um) dos sistemas vivos humanos, ao existir em (um)-sistema-simbólico-fechado, existe através de cadeias fechadas de enunciados lógicos?

Pois esta é mais (uma)-pergunta que ficará por aqui, para SER ONTOFILOGENICAMENTE respondida pelo próprio interlocutor no decorrer desta investigação. Ou para SER, simplesmente, ontofenomenologicamente repetida ao longo de (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que, se é a partir da ideia de linguagem que se existe como (um)-sistema-vivo capaz de comunicar; e que é (uma)-capacidade-de-comunicar (uma)-decorrência de (uma)-reflexão-linguística. Porquê não se consegue, através de (uma)-linguagem, estabilizar (uma)-real(idade)?

Será que não é porquê (uma)-consciência, que segundo (uma)-fenomenologia, capacita e estabiliza (uma)-realidade, é justamente o que (des)estabiliza (uma)-real(idade) através de (uma)-reflexão-linguística? Pois a partir desta pergunta, justifica-se (uma)-ideia de que é a constituição de (uma)-subjectividade (uma)-construção-individual. O que coloca (uma)-questão relativamente a

---

68 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

forma de (uma)-subjectividade, que segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-homeomorfismo que ao acontecer na forma de cada (uma) das acções neuro-BIO-fisiológicas de cada (um) dos sistemas vivos humanos que enfim, ao “colocar-se adiante” na forma de (um)-objecto, real(iza-se) na forma de (um)-paradoxo: afinal, (uma)-subjectividade é a forma de (uma)-consciência ou a forma de (uma)-representação?

Se responder que (uma)-subjectividade é a forma de (uma)-representação, os censores desta real(ização) logo afirmarão que para (uma)-subjectividade SER ontofenomenologicamente a forma de (uma)-representação, a que se “fazer” através de (uma)-consciência, e que, desta forma, (uma)-consciência é (um)-fenómeno que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que, ao pertencer ao domínio de (uma)-ONTOGENIA, é como (uma)-subversão, o que se quer e que se procura, a partir do que se pergunta: é (uma)-consciência ou (uma)-representação o que se constitui como (uma)-forma-fenómeno?

#### XXIX. (uma)-consciência x (uma)-representação

Diante do que se fica estupefacto. Pois real(mente) não se sabe o que se pode responder através desta pergunta. Posto que se (uma)-consciência é (um)-fenómeno, o que é (uma)-representação? Pelo contrário, se (uma)-representação é (um)-fenómeno, o que é (uma)-consciência? Se afirmar que (uma)-consciência e também (uma)-representação SÃO ontofenomenologicamente fenómenos, o que se tem? (um)-fenómeno em (um)-fenómeno, (uma)-representação em (uma)-consciência ou (uma)-consciência em (uma)-representação?

O que se responde comumente, a partir de (uma)-OPUS-DEI-FENOMENOLÓGICA, é que (uma)-representação é (uma)-manifestação de (um)-fenómeno-consciência. O que “faz” de (uma)-consciência, (uma)-aparência que se forma como (um)-“lugar”, segundo (uma)-topologia-linguística. A partir do que se pode perguntar: porquê não é (uma)-consciência (uma)-manifestação de (um)-fenómeno-representação?

Pois, é este tipo de abordagem e possibilidade argumentativa, o que demonstra que o problema a SER, ONTOFILOGENICAMENTE tratado ao longo deste estudo ontofenomenológico, é deverás complexo e complicado. E para ir-se além desta complexidade que se evidencia, vai SER ontofenomenologicamente necessário, avançar com outros pequenos exercícios na forma de argumentações linguísticas.

E, desta forma, voltar-se até Albert Einstein (1879-1955). Quando este começou a pensar acerca da velocidade da luz e colocou-se diante da seguinte questão: dois homens estando a observar dois relâmpagos que ocorrem simultaneamente. (um) dos homens está «dentro» de (um)-

comboio e o outro está fora do comboio. Ambos a observar (um)-cintilar-de-luz de dois relâmpagos na atmosfera. Ambos sabem que os dois relâmpagos acontecem simultaneamente, mas perguntam-se: porquê ao homem que está «dentro» do comboio, apareceu-lhe (um)-relâmpago a frente do comboio «antes» do relâmpago das traseiras do comboio, se ambos SÃO ONTOFILOGENICAMENTE e ontofenomenologicamente simultâneos?

Ora, diante deste relato hipotético e desta pergunta, Einstein sabia que, matematicamente, segundo a lógica da física clássica, o relâmpago a frente do comboio, parecia ocorrer, matematicamente, «antes» do que estava nas traseiras do comboio, a partir do que formulou os primeiros conceitos físicos importantes de (uma)-Teoria-Geral-da-Relatividade.

Pois foi este pensamento simples que “fez” com que Einstein argumentasse acerca de (uma)-simultaneidade em (um)-acontecimento-espaco-temporal. O que revolucionou a física e introduziu (um)-curioso-conceito na organização física de (um)-espaco: (um)-tempo. Pois a ÚNICA “coisa” que poderia distorcer (uma)-simultaneidade deste acontecimento hipotético, era (uma)-condição-temporal. Curiosamente, (uma)-redução de (um)-evento-ficcional (linguístico) ao tempo com a finalidade de descobrir real(mente) (uma)-*physis*-existência de (um)-espaco.

Já que, do ponto de vista da física clássica, foi (um)-*(des)locamento*, ou seja, a velocidade do comboio, o que distorceu (uma)-simultaneidade deste acontecimento hipotético. E, posto que a velocidade não é outra “coisa” senão (um)-*(des)locamento-espaco-temporal*, é a partir disto que Einstein desenvolve (um)-conceito de espaco-tempo como (uma)-estrutura que tem a forma de (uma)-simultaneidade. Para, desta forma, *(trans)formar* (um)-sistema-espacial-tradicional, concedendo-lhe mais (um)-eixo-de-coordenadas: o eixo temporal. O que *(trans)forma* (um)-sistema-espacial, em (uma)-sistemática-espaco-temporal. Também *(trans)formando* (uma)-representação-matemática, na forma desta nova sistemática existencial.

Entretanto, mais importante do que este quarto eixo espaco-temporal. Einstein real(mente) ao conjugar: espaco, tempo e matéria em (uma)-forma-de-existência-simultânea através de (uma)-matemática; revolucionou (um)-entendimento-físico de (um)-funcionamento do universo, e definiu cada ponto desta nova sistemática de eixos espaco-temporal como “acontecimento”.

Em termos práticos, (uma)-revolução-einsteiniana afirma que (uma)-geometria-euclidiana é (uma)-falácia, posto que não existe “euclidianamente”. E ao afirmar, a partir desta forma, que (uma)-geometria-euclidiana é (uma)-sistemática-PURA-e-hipotética, isto porquê (uma)-forma-espaco-temporal real(mente) é curva, decorrente do espaco-tempo que é curvo, o que resta, curiosamente desta evidência, é que se consegue conviver e construir toda (uma)-sociedade, baseado somente em (um)-sistema-euclidiano de representações geométricas que não existe, ou que

no mínimo, não condiz com (uma)-forma-realidade-sistêmica enquanto (uma)-existência-espaco-temporal.

Mas, o que efectivamente não se consegue, é conceber que a luz anda as curvas pelo universo, ou que cada (um) dos sistemas vivos humanos antípodas, ao viver também em (um)-planeta-TERRA, existe em (uma)-região no espaco-tempo completamente diferente do OUTRO antípoda. Não somente como (uma)-representação-temporal, mas «antes», como (uma)-existência-espaco-temporal-universal-e-física-*phsys*-existencial.

Pois, o que real(mente) diz que Einstein propôs (uma)-efectividade, SÃO provas obtidas ontofenomenologicamente através de (uma)-matemática. Posto que foram colhidas através de instrumentos construídos a partir de métodos matemáticos, que se expressam através de representações matemáticas. Isto porquê não é possível ir ao espaco sideral medir com fitas métricas, cada (um) dos “acontecimentos” propostos por Einstein.

### XXX. (uma)-experiência-especular

Diante do que, restam efectivamente “fazer” mais perguntas, para enfim saber-se se: ao “fazer” (uma)-reflexão-linguística acerca de cada (uma) das representações, consegue-se pelo menos constituir (uma)-consciência de que cada (um) dos antípodas no planeta TERRA, existe ou no passado ou no futuro, relativamente a (uma)-existência de cada (um) OUTRO sistema vivo humano antípoda. Ou conseguir conceber, entretanto, que não é fácil ficar consciente de que esta concepção é possível. O que coloca a seguinte questão: é possível representar [conceber], e não ter (uma)-consciência do que se está a conceber [pensar]? Pois é a partir desta indagação que se vai deixar (uma)-questão, como o que ao afligir (uma)-reflexão, permite-se adentrar (uma)-questão-especular.

Isto porquê, quando (um)-interlocutor coloca-se diante de (um)-espelho reconhece-se instantaneamente, mas pergunta-se: como (uma)-imagem ou como (uma)-representação?

Quando cada (um) dos outros sistemas vivos mamíferos coloca-se diante de (um)-espelho, as reações mais diversas podem SER ONTOFILOGENICAMENTE relatadas e observadas ontofenomenologicamente. Sendo o mais comum, inicialmente, (um)-sistema-vivo-mamífero reagir como que a acreditar que está diante de outro sistema vivo mamífero idêntico. Mas, diante desta constatação, definitivamente o que resta “fazer” diante de (um)-espelho são mais perguntas. Por exemplo, quando se está diante de (um)-espelho, (um)-interlocutor reconhece-se: porquê tem (uma)-consciência da aparência [representação], ou porquê está diante de (um)-evento-quotidiano já muitas vezes repetido [experiência]?

Segundo Jacques Lacan (1901-1981), (um)-ESTÁDIO-do-espelho inicia-se aos seis meses de idade indo até por volta dos dois anos de idade. Nesta fase (uma)-criança reage diante da imagem no espelho como se fosse (uma)-imagem de outra criança. Dando-se conta, com o passar do tempo, de que a imagem no espelho é a representação dela própria e não (uma)-imagem de outra criança.

Portanto, se “há” (uma)-consciência que se “faz” da imagem no espelho, esta consciência não se “faz” instantaneamente, mas em (uma)-duração e enquanto (uma)-temporalidade<sup>69</sup>. Ou seja, ao longo do tempo de cada (uma) das experimentações com (uma)-imagem que (uma)-criança “faz” diante de (um)-espelho. O que, ao tornar-se adulta, “faz” com que se (re)conheça quase instantaneamente diante de (um)-espelho. Cada (uma) destas experiências, segundo (uma)-topologia-linguística, é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-experiência-sistémica que em (uma)-simultaneidade, atravessa (uma)-estrutura-neurobiológica na forma de (um)-estímulo, e (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica na forma de (um)-sinal-electroquímico.

Pois, desta forma, (uma)-criança não se vai deitar para dormir como (uma)-TABULA-RASA, e acorda a “fazer” (um)-discurso de inauguração do próprio “EU” logo ao despertar. Posto que, (uma)-linguagem é (uma)-aquisição-diária em (um)-domínio-sistémico-linguístico-e-social. Diante do que, de todas as argumentações até aqui total ou parcialmente expostas, o que está em questão é (uma)-*ergoñgenia* e (um)-subproduto-teórico desta forma tautológica, que na forma de (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-*theoria*.

A partir do que se vai tentar encerrar esta introdução, procurando “fazer” convergir muitas de cada (uma) das condições até aqui expostas, na forma de (um)-argumento-final e ÚNICO. Já que cada (uma) destas argumentações converge para o que está proposto pelos neurobiólogos Maturana e Varela em “*A árvore do conhecimento*”, enquanto (uma)-estrutura-sistémica que se real(iza) como (um)-acoplamento-linguístico.

Mas como já foi dito, a partir de (uma)-topologia-linguística e de (uma)-*ergoñgenia*, é preciso abordar cada (uma) destas questões linguísticas, com (uma)-perspectiva-interactiva-(estável)-[objecto x objecto]. Mas este tipo de perspectiva, na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, guarda (uma)-falha-inerente: “há” sempre (um)-sujeito, que é o autor desta investigação. Então, diante de qualquer perspectiva [objecto x objecto], “há” sempre (um)-sujeito que é aquele que levanta cada (uma) das questões nesta dissertação. Mas e se este sujeito for (uma)-representação e ocupar, enquanto (uma)-formalidade, (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística?

---

69 Na topologia linguística, (uma)-temporalidade é (uma)-existência-linguística que se estabelece e real(iza-se) na contínua duração e repetição de (uma)-formalidade que, no tempo real(iza-se) como acontecimento significativo.



Pois, esta é a perspectiva de (uma)-topologia-linguística ao apropriar-se de (uma)-topologia-matemática a partir da forma de (uma)-psicanálise-lacaniana, para constituir (um)-modelo-de-observação com o qual se possa, observar e descrever, tanto comportamental, quanto socialmente, cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de (uma)-existência-linguística. Entretanto, sem perturbar (um)-objecto-linguístico-investigado a partir de (um)-significado, outrossim, investigando-o na forma de (um)-contexto, enquanto (uma)-forma-[objecto x objecto].

Posto que (um)-afastamento de cada (um) dos objectos investigados, na forma de (um)-homeomorfismo, é o que estabelece que (uma)-representação é (um)-“lugar”. Assim, (um)-observador não cria (uma)-perturbação, segundo propõe (uma)-topologia-linguística, como já foi afirmado logo acima. Pois (um)-observador, desta forma, é como (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística. O que “faz” deste, (uma)-parte em (um)-acontecimento que se real(iza) como (uma)-formalidade através de cada (uma) das interações.

Isto porquê, enquanto (um)-acontecimento-linguístico, (um)-observador é (uma)-forma-representação em (um)-sistema-topologia-linguística. (um)-acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-existência-linguística é, enquanto (um)-SER, o que ontofenomenologicamente na forma de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE em conformidade com (uma)-homeomorfia, e que se diferencia somente enquanto (uma)-forma-contexto, que se real(iza) na forma de (uma)-interacção-[objecto x objecto].

Pois esta é a condição que se quer tomar, a partir de (uma)-topologia-linguística, para que se possa obter (um)-afastamento de cada (um) dos modelos de observação [sujeito x objecto], pois o que se procura estabelecer enquanto (uma)-forma-observador na forma de (um)-modelo-de-observação [objecto x objecto], é o que permite (um)-“fazer”-convergente a partir de cada (um) dos modelos de observação filosófica existentes. O que em (uma)-ÚNICA-argumentação que se real(iza) como (uma)-forma-discurso-possível é, desta forma, (uma)-observação-linguística.

E, desta forma, o que se procura, é seguir buscando por (uma)-convergência que atravesse, em (uma)-simultaneidade, (uma)-ontologia, (uma)-fenomenologia e (um)-linguístico. Como (uma)-ontofenomenologia, que se procura defender ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-possibilidade de atravessamento e de (uma)-convergência, que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, ao afirmar que (um)-linguístico é (uma)-simultaneidade-sistémica enquanto [(uma)-existência (ontologia) + (uma)-manifestação (fenomenologia)], e o que se acredita como (um)-ÚNICO-caminho-possível para (uma)-convergência-argumentativa que atravesse (um)-linguístico.

Diante do que se acredita tornar-se possível, ontofenomenologicamente sanar ONTOFILOGENICAMENTE cada (uma) das controvérsias ontológicas que existe em torno de (um)-SER (SEIN) e de (uma)-essência (SOSEIN). O que na forma de (um)-linguístico em (uma)-

actualidade, trata-se como (um)-significante (SER) e (um)-significado (essência). Pois segundo Ferdinand de Saussure (1857-1913), (um)-signo-linguístico, que (uma)-topologia-linguística prefere definido como (uma)-representação, é (uma)-interacção-arbitrária em e «entre» (um)-significado, que se toma como (uma)-essência, e (um)-significante, que se toma como (um)-SER.

Para mais, o que Saussure considera arbitrário, (uma)-topologia-linguística define como contextual. Mas não, em e «entre», (um)-significado e (um)-significante. Outrossim, em e «entre», (um)-significante e (um)-significante. A partir do que se chama (uma)-atenção para o facto de que, não é em e «entre» (um)-significante e OUTRO-significante, outrossim, «entre» entidades *physis* existenciais homeomorfas, que se real(izam) na forma de (um)-significante que, em conformidade com (um)-sistema-topologia-linguística é, ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-formalidade, a forma de (uma)-representação.

A partir do que, em (uma)-topologia-linguística não se “faz” diferença em e «entre» (um)-objecto e outro na forma de (um)-SOSEIN, outrossim, na forma de (um)-SEIN. Ou seja, como (uma)-representação que ao interagir com (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística. O que se real(iza) como (uma)-existência-contextual, e não como (uma)-forma-signo, símbolo ou afim. Posto que em (um)-sistema-topologia-linguística somente “há” real(izações) interactivas (estáveis).

Ora, mas porquê se acredita que, desta forma, “faz-se” convergir, na forma de (um)-linguístico, cada (uma) das formas de cada (um) dos modelos filosóficos existentes em (uma)-actualidade?

Porquê, desta forma, tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” é (uma)-representação que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade.

Assim, quando através de (um)-“EU”-subjectivo olha-se para (uma)-parede, o que se vê é (uma)-parede. Mas, o que (um)-“EU”-subjectivo real(mente) atravessa, é (uma)-realidade que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico. (uma)-forma que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é na forma de (uma)-parede, real(mente) (uma)-real(idade). Ou seja, (uma)-representação. Mas o que torna esta descrição deveras curiosa, é que ao atravessar (um)-“EU”-subjectivo, é que se torna possível (uma)-construção de (uma)-parede, o que se deixa como (uma)-pergunta: afinal, o que permite (uma)-real(ização) de (uma)-parede como (uma)-formalidade?

E a ÚNICA resposta possível a partir de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação que na forma de (um)-sinal-electroquímico, sistemicamente, real(iza-se) como (uma)-construção através de (um)-“fazer”-neurofisiológico. Porquê, afinal, cada (um) dos sistemas vivos humanos real(mente) não possui (uma)-consciência de (uma)-parede, mas tão somente, (um)-estímulo. O que

ao real(izar-se) na forma de (uma)-representação, “faz-se” na forma de (uma)-parede como (uma)-real(ização). Isto porquê, a partir de (uma)-realidade e na forma de (um)-sinal-electroquímico, ao atravessar (uma)-*ergoígenia* que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se edifica como (uma)-real(idade), é (uma)-forma-parede enquanto (uma)-formalidade.

## 1. PROPEDÊUTICA

O homem acasala por desejo e, freqüentemente,  
perpetua a raça, contra a vontade.<sup>70</sup>  
John Locke, 1689

Como é difícil construir de (uma)-forma-clara, a organização e cada (uma) das interações de (um)-sistema-topologia-linguística, como também, cada (uma) das diferenças, em e «entre», (uma)-formalidade, (uma)-representação e (uma)-forma-REAL (adjectiva). Vai-se avançar com (uma)-propedêutica, com (uma)-finalidade de atravessar (um)-conceito-de-*ergoígenia* a partir de (uma)-ideia [forma] acerca do que é (um)-“fazer”-neurofisiológico, e edificar (um)-subproduto-*theórico*, que na forma de (uma)-sintática-e-retórica e a partir de (uma)-hipótese-axiomática, inaugura, desta forma, (uma)-dissertação «sobre» (um)-sistema-topologia-linguística. O que enquanto (uma)-*theoria*, é na forma deste capítulo, o que se real(iza) como (uma)-propedêutica de cada (um) dos conceitos relativos à real(ização) de (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto porque, é (uma)-finalidade desta propedêutica, apresentar cada (um) dos conceitos que fundamentam (uma)-topologia-linguística e procuraram também, permitir-lhe (uma)-construção a partir de cada (um) destes conceitos acerca de (um)-sistema-de-observação que atravessa o que se define como (uma)-*ergoígenia*, e que se real(iza) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística.

«Antes» porém, será preciso conjecturar acerca de (um)-objecto que ao real(izar-se) na forma de (um)-estudo, é na forma de (uma)-topologia-linguística, (des)coberto como (uma)-necessidade. Assim, inicia-se (uma)-argumentação através da palavra “teoria”. Que oriunda do grego e tomada a partir de (um)-verbo-primário que lhe serve de raiz *θεαομαι* (*theaomai*)<sup>71</sup>, define-se como: “contemplar, aprender pelo olhar, ter a visão de, perceber, observar”. A partir do que se procura definir o que se pretende através de (uma)-topologia-linguística. Como (uma)-forma-de-estudar (uma)-observação, na forma de (um)-modelo que se “aprende a olhar” através desta propedêutica.

Pois, é desta forma, que se entende que (uma)-*theoria*, definida como (um)-sistema-topologia-linguística, é capaz de (des)envolver (uma)-retórica-dissertativa acerca de cada (uma) das interações linguísticas observáveis, em cada (uma) das interações sociais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (uma) das práticas linguísticas real(izadas) em (um)-REAL (adjectivo). O que ao ter (uma)-*ergoígenia*, é na forma de (uma)-realidade, passível de edificar-se como (um)-modelo-de-observação.

70 John Locke, “*Segundo Tratado do Governo Civil*”, tradução Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa, Editora Vozes, Petrópolis, Brasil, versão digital, página 30.

71 Dicionário Strong, verbete 2300.

(um)-modelo-de-observação-topológico-linguístico que se demonstra com (uma)-aplicabilidade-interactiva (estável), que enquanto (uma)-existência-linguística e a partir de cada (uma) das práticas observadas, real(iza-se) em (uma)-conformidade com (uma)-*ergoígenia*, estabelecendo-se na forma de (uma)-compreensão-epistemológica, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos observados, enquanto (uma)-forma-real(idade).

Posto que, *ergoígenicamente*, (uma)-prática-observável é (uma)-realidade que na forma de (uma)-modelação-aplicável, existe como (uma)-formalidade enquanto (um)-sistema-topologia-linguística. (uma)-real(ização) que ao tomar a forma de (uma)-representação, é enquanto (um)-discurso, (uma)-formalidade-sintática-e-retórica que se real(iza) como (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto porquê, na forma de (um)-discurso, (uma)-hipótese-axiomática a partir de (uma)-*ergoígenia*, encerra-se “em-si”. Ou seja, não é (trans)fixável. Posto que na forma de (uma)-tautologia, ao atravessar como (um)-“fazer” (um)-juízo-analítico, realiza-se como (uma)-forma-sujeito que é exatamente igual a (uma)-forma-predicado. O que ao configurar-se como (uma)-identidade-semântica na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]<sup>72</sup>, real(iza-se) como (uma)-forma-*ergoígenia*.

O que estabelece não (uma)-epistemologia, mas «antes», (uma)-identidade que, entretanto, em (uma)-simultaneidade-interactiva (estável) que atravessa (um)-modelo-de-observação-topológico-linguístico, estabelece (uma)-epistemologia na forma de (uma)-representação que ao edificar-se a partir de (uma)-realidade, é na forma de (uma)-real(idade) em (um)-REAL (adjectivo), (uma)-formalidade que enquanto (uma)-simultaneidade é (uma)-acção<sup>73</sup>.

Mas como “há” (uma)-realidade-instalada em toda-(uma)-argumentação. Pois, tanto (uma)-Teoria-Geral-dos-Sistemas, quanto (uma)-Filosofia-da-Técnica, para citar apenas duas possibilidades, também oferecem (uma)-mesma-tipologia-de-solução-observável, com a qual seria possível investigar o mesmo, que através de (uma)-topologia-linguística pretende-se através de cada (uma) das interacções linguísticas propostas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, como também, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e (um)-meio-*physis*-existencial.

Entretanto, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-*ergoígenia*, (uma)-integração de cada (um) dos sistemas científicos com cada (um) dos sistemas sociais, que se tipifica como (uma)-Teoria-Geral-dos-Sistemas; como também, (uma)-condição-de-mediação, que é inerente a (uma)-Filosofia-da-Técnica; geram sistemas discursivos que edificam (uma)-real(idade) eventualmente diferente de

---

72 Esta é a forma de (uma)-*ergoígenia*.

73 Referência à condição humana da acção, proposta por Hannah Arendt (1906-1975), em “*A Condição Humana*”.

cada (uma) das real(idades) geratrizes que as cria, o que segundo (uma)-topologia-linguística caracteriza-se como (uma)-existência-heurística<sup>74</sup>.

Porquê a partir da forma de cada (uma) das representações que se real(izam), sintática e retoricamente. O que se forma e estrutura em cada (uma) das narrativas acerca de cada (um) dos acontecimentos observados, através tanto de (uma)-Teoria-Geral-dos-Sistemas, quanto de (uma)-Filosofia-da-Técnica; são argumentações que se diferenciam completamente da forma de (uma)-*ergoígenia*-epistémica que lhes serviu enquanto (uma)-origem-epistemológica.

O que segundo a topologia-linguística, demonstra que cada (uma) das possibilidades teórico-investigativas que partem de (uma)-realidade [sistema vivo humano], compõe-se na forma de (uma)-real(idade), o que se real(iza) segundo (uma)-sistemática que não se pode considerar *ergoígênica*, apesar do “haver” de (uma)-*ergoígenia*. Posto que, não “há” (uma)-ONTOFILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica<sup>75</sup> que as edifica, outrossim, (uma)-retórica que ao tomar a forma de (um)-discurso, real(iza-as) como categorias de mediação, mas não as viabiliza na forma de (uma)-*theoria* a partir dos argumentos que se edificam. Outrossim, como (uma)-teoria a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado.

Portanto, o que (uma)-topologia-linguística procura a partir de (uma)-*ergoígenia*, é a forma de (uma)-*theoria* que ao (des)cobrir (um)-caminho-alternativo, tanto ao de (uma)-Teoria-Geral-dos-Sistemas, quanto ao de (uma)-Filosofia-da-Técnica, permita-se como (uma)-observação de cada (um) dos sistemas filosóficos, sociais, linguísticos e biológicos, enquanto configurações que na forma de (uma)-topologia-linguística, real(izam-se) a partir da forma de [(uma)-realidade como (uma)-real(idade)]. O que enquanto (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico<sup>76</sup>, real(iza-se) como (um)-modelo-sistémico-e-estrutural-interactivo (estável), que ao permitir tratar (uma)-representação como (um)-sujeito e (um)-sujeito como (uma)-representação, estabelece, desta forma, que (um)-discurso a partir de (uma)-*theoria* (sistema aberto), não é (uma)-teoria (sistema fechado), mas o que se real(iza) a partir de [(uma)-realidade como (uma)-real(idade)].

Pois, a finalidade de (uma)-*ergoígenia*, na forma de (uma)-condição-axiomática-e-tautológica, é inerente a (um)-sistema-topologia-linguística e decorrente de (uma)-condição-

---

74 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

75 Segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-estrutura-teórica é sempre (um)-“fazer”-ONTOGÊNICO. E (uma)-FILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica é (uma)-interacção-sistémica que se real(iza) como (uma)-representação ao atravessar (uma)-estrutura-FILOGÊNICA. O que não acontece neste estudo. Pois cada (um) dos modelos de observação *teórico*, edifica-se como (um)-discurso-retórico, estruturado em (uma)-sintaxe que o real(iza). E o que se pretende com (um)-sistema-topologia-linguística, é real(izar) (um)-discurso não na forma de (uma)-retórica, outrossim, na forma de (um)-sistema-aberto. Pois (uma)-ciência define (uma)-FILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica como (uma)-intuição. Mas a topologia linguística define (uma)-FILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica como (uma)-realidade-sistémica.

76 (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico é (uma)-interacção-sistémica-estruturada, em e «entre», (uma)-estrutura e (uma)-sistemática-de-resposta que “há” em (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos.

objectiva. O que em conformidade com (uma)-representação, é entendido como (uma)-manifestação. (um)-fenómeno que a partir de (uma)-*ergoígenia*, não é fenoménico, outrossim, sistémico e estabelecedor de (uma)-origem que na forma de (uma)-tautologia, permite tratar cada (um) dos acontecimentos observáveis, como (uma)-interacção-[objecto x objecto] que se real(iza) na forma de (um)-linguístico.

Do que se considera, a partir desta forma, que (uma)-Teoria-Geral-dos-Sistemas ao buscar abordar globalmente cada (um) dos acontecimentos observados, mas com (uma)-finalidade de (re)conceituá-los a partir de cada (uma) das interacções epistemológicas que são possíveis; integra cada (um) dos acontecimentos observados como (uma)-epistemologia-ontofenomenológica. Ao passo que (uma)-Filosofia-da-Técnica, remete-se à (uma)-gênese de (uma)-técnica, como (uma)-forma-(ir)representável, mas que enquanto (uma)-categoria-de-mediação permite-se como (uma)-finalidade: definir cada (uma) das interacções que se estabelecem em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, como também cada (uma) das interacções ambientais inter-sistémicas, como (des)envolvimentos pertinentes a (uma)-*physis*-existência-humana.

Entretanto, o que se procura através de (uma)-topologia-linguística, é localizar através de (uma)-*ergoígenia*, cada (um) dos objectos observados com (uma)-finalidade de definir (uma)-*physis*-existência-humana na forma de (um)-linguístico. Pois, desta forma, (um)-observador ao tomar a forma de (um)-“lugar”, pertence a (uma)-sistemática-de-observação. O que permite (uma)-interacção com (um)-meio-*physis*-existencial, que se real(iza) na forma de (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-realidade que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (uma) das interacções neuro-BIO-fisiológicas. A qual, na forma de cada (uma) das representações, real(iza-se) como (uma)-real(idade)-que-acontece na forma de (um)-sistema-topologia-linguística, a partir de (uma)-realidade em (um)-REAL (adjectivo).

(uma)-realidade que sistémica e estruturalmente, é homeomófica. E a partir do que pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE considerada, ontofenomenologicamente ÚNICA. O que na forma de (um)-modelo-de-observação, torna-se capaz de (re)constituir cada (um) dos acontecimentos linguísticos sem (uma)-perturbação. Isto porquê ao real(izar-se) como (uma)-real(idade) que não é ÚNICA mas MÚTIPLA, o que parece (uma)-(-contra)dição, mas não o é, posto que (uma)-estrutura-neurobiológica é homeomórfica, mas realiza-se sistemicamente como (uma)-ambiguidade, pois estrutura-se na forma de (um)-(-SIM SIM = NÃO NÃO)<sup>77</sup>.

A partir do que a forma de (uma)-interacção-[objecto x objecto], ao permitir “localizar” (um)-observador e (um)-observado, cada (um) como (uma)-“lugar” «dentro» de (um)-sistema-de-

---

77 Enunciado lógico que define a forma de real(ização) de (uma)-estrutura-neurobiológica. Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.1. Estrutura Neurobiológica.

observação enquanto existências linguísticas na forma de representações. Torna possível edificar (um)-construto, que ao modelar (uma)-observação em conformidade com cada (uma) das interacções linguísticas que as cria, estabelece na forma de cada (uma) das interacções discursivas que se real(izam) e a partir de (um)-interagente-observador que “há” em cada (uma) das constantes interacções que atravessam (uma)-sistemática-observada. No que atravessa cada qual cada (uma) das representações, na forma de (um)-significante que não se real(iza) como (um)-significado, outrossim, a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (uma) das formas significantes. Com o que se evita a forma de cada (um) dos *axios*<sup>78</sup> que moldam (um)-discurso, enquanto (um)-sistema-simbólico-fechado que se estrutura axiologicamente.

Desta forma, (uma)-topologia-linguística torna possível (uma)-investigação de (um)-“fazer”-neurofisiológico de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-interacção-linguística-e-estrutural-*physis*-existencial-ONTOFILOGÊNICA que se acopla ontofenomenologicamente, real(izando-se) como (uma)-sistemática-de-vida.

Pois, desta forma, (uma)-interacção-[observador | observado], real(iza-se) como (uma)-simultaneidade a partir de cada (uma) das estruturas linguísticas semânticas, sintáticas e léxicas, que se edificam interactivamente (estável) em (um)-REAL-topológico, a partir de cada (uma) das representações que “há” na forma de (um)-acontecimento-significante, e que tem (uma)-*ergoñgenia* em (um)-“fazer”-neurofisiológico.

(uma)-*ergoñgenia* que ao possibilitar cada (uma) das edificações retóricas que “há” na forma de cada (uma) das argumentações acerca de cada (um) dos sistemas de observação, é como (um)-sistema-topologia-linguística, o que se acredita tornar possível, enquanto (uma)-forma-de-observação-não-axiológica de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-forma-real(idade). Pois, é a partir de cada (uma) das realidades subjectivas que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que os envolve, que (uma)-sociedade real(iza-se), em (um)-REAL-topológico, como (uma)-adjectivação<sup>79</sup>.

Ou seja, contemporaneamente, acredita-se e defende-se que “há” (uma)-subjectividade-inerente à cada (uma) das interacções linguísticas. E que é (uma)-subjectividade o que real(iza) (uma)-différance<sup>80</sup> (diferência). (uma)-simultaneidade [postergar | adiar | diferenciar], proposta por Jacques Derrida (1930-2004), e que ao estabelecer-se como (um)-significado, é interactivo [e neste contexto, instável]. Isto porquê Derrida propõe que (uma)-produção-de-significado-textual é (uma)-

---

78 Palavra grega *ἄξιος* (*axios*), que se define como o “que é pesado, que tem peso, que tem o peso de outra coisa de valor semelhante, que vale tanto quanto”. Aqui definida como (um)-valor. Dicionário Strong, verbete 514.

79 Veja capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.5. Adjectivação x Substantivação.

80 Termo utilizado pela primeira vez por Jacques Derrida (1930-2004) em “*Cogito et histoire de la folie*” escrito em 1963, e traduzido para o inglês em 1978 por Alan Bass. “*Writing and Difference*”, London & New York: Routledge, página 75.



condição predominante na Teoria Linguística Contemporânea, e que se estabelece a partir de (uma)-interpretação.

Entretanto, (uma)-topologia-linguística procura (des)cobrir (um)-caminho-alternativo à (uma)-interpretação. O que a (des)via do caminho tradicional de (uma)-Teoria-Linguística-Contemporânea para, através de (um)-afastamento de (uma)-significação [significado], permitir (uma)-aproximação de (uma)-real(ização)-significante.

Para mais, (uma)-topologia-linguística defende que (um)-linguístico é mais amplo do que se considera tradicionalmente em (uma)-Teoria-Linguística-Contemporânea. Não o restringindo somente a (uma)-linguagem. Posto que tanto (um)-linguístico, quanto (uma)-linguagem, não se estabelecem, segundo (uma)-topologia-linguística, a partir de cada (uma) das interacções de significação, outrossim, na forma de cada (um) dos acontecimentos significantes que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

Por outro lado, (uma)-topologia-linguística afirma que (uma)-comunicação, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos. Somente é possível devido à (uma)-subjectividade inerente que “há”, na forma de (uma)-existência-sistémica em cada (um) dos sistemas vivos, decorrente de (uma)-*BIO-physis*-existência que, na forma de (uma)-*ergoígenia*, é estruturalmente idêntica em cada (um) dos sistemas vivos, mas não se organizam identicamente. Pois, em (uma)-topologia-linguística (uma)-estrutura-subjectiva é ONTOFILOGÊNICA [neurobiológica e neuro-BIO-fisiológica], e (uma)-forma-organizacional é (uma)-ONTOGENIA-sistémica [neuro-BIO-fisiológica e social].

A partir do que, (uma)-topologia-linguística afirma que “há” (uma)-estrutura-sintática que é sistémica e organizacionalmente (uma)-estrutura-subjectiva. E que é segundo a qual se define (uma)-semântica-neurofisiológica. Pois (uma)-subjectividade acontece em (uma)-estrutura-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO] que é igual em cada (um) dos sistemas vivos ao receber (um)-estímulo. Mas (uma)-sintaxe, acontece como (uma)-estrutura-de-resposta ao estímulo na forma de (um)-sinal-electroquímico. O que se real(iza) a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, como o que se encarrega de cada (uma) das acções de resposta que “há”, a partir de (uma)-realidade e na forma de (uma)-ONTOFILOGENIA. O que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico, real(iza-se) bidireccionalmente na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Mas, devido a forma deste modelo proposto como (um)-sistema-topologia-linguística, «antes» de avançar, torna-se (im)prescindível perceber como é utilizada (uma)-palavra-realidade a partir de (uma)-topologia-linguística e na forma de (uma)-*ergoígenia*.

Portanto, desta forma, a partir da palavra realidade, que é (um)-substantivo-feminino e que se real(iza) a partir de (uma)-topologia-linguística como “tudo o que tem existência” e que se constitui, na forma de (uma)-existência desde (uma)-palavra-REAL, que é (um)-adjectivo que, ao

SER (SEIN) ontofenomenologicamente utilizado na forma de (uma)-realidade, real(iza-se) através de (uma)-topologia-linguística, na forma de (uma)-representação a partir de (um)-estímulo não imaginado, ou ausente de imaginação, ou ainda, de (um)-imaginário. Posto que, na forma de (uma)-representação, existe como (um)-SER (SEIN) mas na ausência de (uma)-faculdade-de-existir-ou-imaginar.

Pois, enquanto (uma)-real(ização) é na forma de (uma)-acção, como (uma)-condição-humana-da-acção<sup>81</sup>. O que se real(iza) como (uma)-representação. Porém, ao acontecer na ausência de (uma)-imaginação. Ou seja, como o que acontece a partir de (uma)-(in)capacidade de conceber, criar ou inventar. Mas, enquanto (uma)-forma-simultaneidade que se real(iza) através da forma de cada (uma) das representações como (uma)-sistemática-de-vida ao atravessar (um)-sinal-electroquímico.

O que permite definir que, “tudo o que tem existência” a partir da forma de (uma)-realidade, é (uma)-conformidade na forma de (uma)-representação. Pois, ao existir na ausência de (uma)-concepção, (uma)-criação ou (uma)-invenção, acontece segundo (uma)-topologia-linguística, através de (uma)-forma que a partir de (uma)-subjectividade e na forma de (uma)-ambiguação, pode-se definir como (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}<sup>82</sup>. O que se define como a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico<sup>83</sup>.

O que estabelece que tudo o que tem (uma)-existência, existe em (uma)-conformidade com (uma)-subjectividade que tem (uma)-forma-particular enquanto (uma)-particularidade-adjectiva. O que se atribui a (uma)-forma-REAL (adjectiva | neuro-BIO-fisiológica), que em cada (uma) das existências substantivas, é o que se real(iza), desta forma, como (uma)-representação.

Assim, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-real(idade) edifica-se a partir de (uma)-realidade que na forma de (um)-estímulo, codifica-se ao atravessar (um)-sinal-electroquímico, que em (um)-simbólico-topológico, real(iza-se) neuro-BIO-fisiologicamente como (uma)-formalidade-representação. Ou seja, (uma)-substantivação de (uma)-adjectivação, que na forma de (um)-REAL (adjectivo), não é (um)-substantivo, outrossim, (uma)-particularidade que atravessa (um)-“fazer”-

---

81 Actividade proposta por Hannah Arendt (1906-1975) que se exerce directamente, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, a *conditio per quam* de (uma)-vida-política. Corresponde a condição humana enquanto (uma)-pluralidade, devido ao facto de que são os homens e não o homem, que vivem na Terra e habitam o mundo. “*A Condição Humana*”, editora Relógio D'água, 2001, página 20.

82 (um)-conjunto é PURO, se todos os membros do conjunto são conjuntos, e todos os membros dos membros também são conjuntos, e assim por diante. Aqui, dois membros do conjunto são negações que negam tudo. Portanto, são conjuntos e o terceiro membro é (um)-“fazer”, que também é (um)-conjunto. Para mais, [NÃO NÃO = SIM] a partir do que, [NÃO NÃO “fazer” = “fazer”]. O que constitui (um)-conjunto-PURO-“fazer”-(in)finito. “(Des)faze(ndo)” (uma)-ideia-do-NOVO-badiouniana. Mas mantendo (uma)-(in)determinação em (um)-“fazer” que, em (uma)-topologia-linguística define-se como (uma)-ambiguação.

83 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.

neurofisiológico, real(izando-se) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

(uma)-conformidade-sistémica-e-estrutural que ao substantivar (uma)-particularidade, instaura (uma)-existência-manifesta na forma de (uma)-representação, estruturando-a como (um)-REAL (adjectivo) em (uma)-real(idade), a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, e que são possíveis de serem real(izadas) na forma de (um)-sistema-topologia-linguística.

Portanto, a forma de (um)-linguístico é (uma)-real(idade), que se distingue tanto de (um)-REAL (adjectivo), na forma de (uma)-substantivação [representação], quanto de (uma)-realidade, na forma de (uma)-adjectivação. O que, por consequência, também distingue (uma)-representação como (uma)-subjectividade que enquanto (uma)-ideia [forma], torna-se (uma)-objectividade enquanto (uma)-substantivação, real(izando-se) como (uma)-existência a partir de (uma)-forma-“fazer”-neurofisiológico, neuro-BIO-fisiologicamente.

(uma)-conformidade que na forma de (uma)-ideia (forma) é (uma)-representação. (um)-acontecimento-linguístico que enquanto forma, é a partir de (uma)-realidade, (uma)-conformidade que se real(iza) na forma de (uma)-representação, ao edificar-se em (um)-REAL (adjectivo) como (um)-qualificador que enquanto (uma)-formalidade, é (uma)-real(idade).

E, desta forma, não como (uma)-realidade-virtual ou (uma)-hiper-realidade<sup>84</sup>, à moda de Jean Baudrillard (1929-2007). Mas «antes», como (uma)-conformidade que ao ter (uma)-origem-referencial-e-interactiva<sup>85</sup> (estável), real(iza-se) na forma de (uma)-prática-linguística, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico como (um)-acontecimento-legítimo-físico-e-edificante<sup>86</sup>.

(um)-acontecimento que, a partir da forma de (uma)-adjectivação | subjectividade e de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, acontece em (uma)-estrutura-neurobiológica, na forma de (um)-registo-linguístico definido como (um)-imaginário-topológico. O que ao real(izar-se) em (um)-REAL-topológico, em (uma)-conformidade com (um)-“fazer”-neurofisiológico e na forma de (uma)-prática-linguística<sup>87</sup> [neuro-BIO-fisiológica], funda (um)-simbólico-topológico.

---

84 Hiper-realidade é o mesmo que realidade-virtual neste contexto. Em (uma)-filosofia-pós-moderna, é (um)-termo utilizado para descrever (uma)-interacção-consciente em (uma)-realidade. Mais especificamente, quando (uma)-consciência não consegue distinguir (uma)-fantasia de (uma)-realidade, deslocando (uma)-existência de (uma)-forma-realidade para (uma)-forma de hiper-realidade. Como em (uma)-topologia-linguística não se “faz” (uma)-distinção «entre» (uma)-fantasia e (uma)-realidade, entendidas ambas as formas, cada qual, como (uma)-representação e, como também, (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística é (uma)-representação. Não se pode conceber nesta investigação, (uma)-real(idade)-topológica como (uma)-hiper-realidade.

85 Em (uma)-topologia-linguística, (uma)-*ergoígenia* é (um)-acontecimento-linguístico que em (uma)-interacção-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística, funda-se como (um)-“lugar” na forma de cada (um) dos registos linguísticos-[imaginário | REAL | simbólico], enquanto (uma)-representação.

86 O que em (uma)-estrutura-neurobiológica de cada (um) dos sistemas nervosos, de cada (um) dos sistemas vivos humanos. É o que segundo a topologia linguística, corresponde a (um)-existente-não-linguístico que se real(iza) formalidade em (uma)-realidade-sistémica.

87 (uma)-prática-linguística é (uma)-projectão de (uma)-representação «sobre» (um)-“fazer”.

Assim, organizada através de (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-conformidade-sistémica-e-estrutural-neurobiológica-neuro-BIO-fisiológica-e-social, real(iza-se) como (uma)-representação, na forma de (um)-acontecimento-linguístico, enquanto (uma)-real(idade).

(uma)-real(ização) que enquanto (uma)-experiência-de-satisfação [neuro-BIO-fisiológica], e desta forma, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que se dinamiza estruturalmente, ao transfixar-se em (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social, provocando-se como (uma)-*ergoígenia* na forma de (uma)-representação.

### 1.1. Acoplamento linguístico

Desta forma, tem-se (uma)-realidade que ao consentir-se como origem de (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social, real(iza-se) como (uma)-real(idade)-linguística que lhe é decorrente. (um)-atravessamento-sistémico-estrutural-cognitivo-e-social que, desta forma, suporta todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, e que se real(iza) na forma de cada (uma) das interacções linguísticas, como (um)-sistema-topologia-linguística.

O que se “faz”, ao apropriar-se de (uma)-topologia-geométrica [imaginário | REAL | simbólico] proposta por Jacques Lacan (1901-1981). Que a partir da ideia de (um)-NÓ-BORROMEANO<sup>88</sup>, utilizada por Lacan para (des)envolver (um)-modelo-de-observação de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (um) dos registos psíquicos que “há”, em cada (uma) das interacções psíquicas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis ontofenomenologicamente na forma de (uma)-topologia-lacaniana (ver FIGURA 001 e FIGURA 002).

Entretanto, o que (uma)-topologia-linguística propõe, ao apropriar-se de (uma)-topologia-geométrica-lacaniana, é (um)-modelo-de-observação-topológico-linguístico que na forma de cada (uma) das interacções linguísticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis, em e «entre», cada (um) dos registos linguísticos. É o que se afirma como (um)-“haver”-primário que é operativo e definido como (um)-imaginário; e (um)-“haver”-linguístico, que é definido como (um)-REAL (adjectivo), e que se instala como (um)-véu-imagético, que ao ocultar (um)-imaginário com (um)-turbamento<sup>89</sup>, real(iza-se) na forma de (um)-terceiro-“haver”, como (um)-simbólico-topológico, que se estabelece como (uma)-forma-conhecimento.

---

88 A primeira vez que Jacques Lacan (1901-1981) apresentou o nó-borromeano, foi na lição de 09 de Fevereiro de 1972, do qual “havia” tomado conhecimento, em (um)-jantar no dia anterior à lição, ao ver-se diante do brasão da Família Borromeo do século XV. O que lhe permitiu pensar o enodamento dos três registos psíquicos – imaginário, REAL, simbólico. Ver FIGURA 001.

89 Arthur Schopenhauer em “*O mundo como vontade e representação*”, sexta edição de Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1909, em .pdf, página 422 [435].

Pois, ao atravessar (um)-REAL-topológico, (uma)-existência-linguística define (uma)-real(idade), que na forma de (uma)-mundanidade, “faz-se” em (um)-terceiro-“haver” enquanto (um)-simbólico-topológico. O que ao acontecer como (um)-“lugar”, é o que oculta, mas também, torna visível na forma de (uma)-simultaneidade, o que na forma de (uma)-imagem atravessa (um)-véu.

Posto que ao atravessar (um)-véu, (uma)-imagem real(iza-se) como (uma)-ideia (forma) que na forma de (uma)-representação estabelece-se como (um)-“lugar” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Tornando-se enquanto (uma)-forma em (um)-“haver” que na forma de tudo-o-que-“há”, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade, que em (um)-simbólico-topológico é (uma)-formalidade.

FIGURA 001 – Nó e Brasão da Família Borromeo

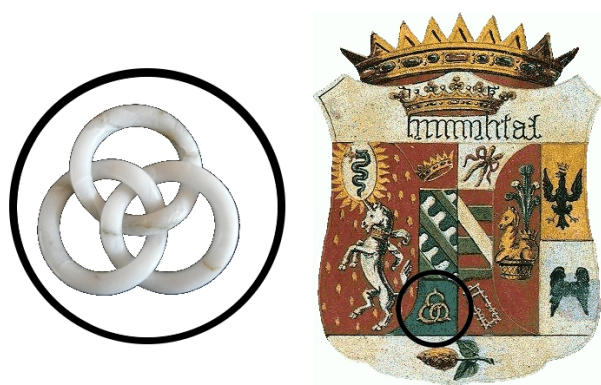


Figura 001 – Nó e Brasão da Família Borromeo do século XV. O nó-borromeano surge no pequeno quadro azul, próximo ao rabo do cavalo aqui neste brasão da família Borromeo, dentro do círculo preto. Note-se que (uma)-topologia-linguística não é geométrica como o é a topologia lacaniana.

Já que é desta forma, que se instaura (uma)-*ergoñgenia*, que na forma de (um)-“fazer” é enquanto (uma)-existência, (um)-linguístico. O que se real(iza) a partir de (um)-imaginário-topológico, na forma de (um)-linguístico que ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico, estrutura-se a partir de (uma)-forma-sistêmica, como (uma)-existência-linguística em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Que ao permitir-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, é na forma de (um)-atravessamento-sistêmico-e-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social, o que se real(iza) como (uma)-real(idade) a partir de (um)-acoplamento-estrutural. E, desta forma, como (uma)-ideia-simultaneidade que ao edificar-se como (uma)-mundanidade, é na forma de (um)-mundo-criado, o que se determina como (uma)-*physis*-existência a partir de (uma)-*ergoñgenia*, como o que “há” em cada (uma) das formalidades sociais, enquanto o que se real(iza) a partir de (uma)-representação.

O que segundo Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001), real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de (uma)-existência-linguística; como (uma)-*physis*-existência que a partir de (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) em cada (uma) das

interacções sistémicas e estruturais, cognitivas e sociais, enquanto o que se real(iza), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, através de cada (uma) das interacções linguísticas que, ao atravessar (um)-meio-*physis*-existencial, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis de serem edificadas ontofenomenologicamente na forma de (uma)-real(idade).

(uma)-existência que se caracteriza pelo facto de que, cada (uma) das interacções linguísticas, real(iza-se) a partir de (uma)-*ergoígenia*, como (uma)-geratriz de (uma)-formalidade que é, recorrente e repetitiva, e que ao atravessar (um)-“fazer”, (re)vela-se tanto como (uma)-organização, quanto como (uma)-operacionalização, na forma de (uma)-sistemática-que-existe-e-manifesta-se enquanto (uma)-*physis*-existência-sistémica<sup>90</sup> e a partir de (um)-acoplamento-estrutural [cognitivo e social], que se define como (um)-linguístico.

(uma)-sistemática-de-vida que se estrutura na forma de (um)-SER (SEIN), e que ONTOFILOGENICAMENTE real(iza-se) através de (uma)-*ergoígenia*, na forma de (um)-linguístico. Ou seja, (uma)-condição-*physis*-existencial que se torna, enquanto (uma)-forma em (um)-acontecimento que se inicia em (um)-acoplamento, sistematizado e estruturado, a partir de (um)-sistema-vivo. No que enquanto (uma)-existência-sistémica, real(iza-se) como (uma)-sistemática-de-vida, a partir de (um)-“fazer” que, recorrente e repetitivo, e a partir de (um)-acoplamento-estrutural, define-se como (um)-linguístico.

E desta forma, evidencia-se que (um)-linguístico estabiliza-se na forma de cada (uma) das interacções linguísticas, que se real(izam) como formalidades em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”; estruturando-se sistemicamente, na forma de (um)-atravessamento que ao encontrar-se acoplado de (uma)-forma-absoluta (instável) e específica, permite que cada (uma) das interacções sistémicas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos em (um)-meio-*physis*-existencial, real(ize-se) formal, estrutural e sistemicamente, como (uma)-realidade na forma de (uma)-realidade.

O que “faz” de (uma)-*physis*-existência-cognitiva-e-social, (uma)-interacção-sistémica que toma (uma)-forma-existência-viva. E que, desta forma, ajusta-se estrutural e sistemicamente, em e «entre», (um)-sistema-vivo e (um)-sistema-meio, mantendo-os acoplados como estruturas interactivas (estáveis) que se mantêm em constante diferenciação.

Isto porque, “há” (uma)-autopoiese que se atravessa em cada (uma) das interacções, na forma de (uma)-sistemática-estrutural-neurobiológica-neuro-BIO-fisiológica-social-e-ambiental, que ao real(izar-se) como (uma)-*physis*-existência-sistémica-autopoiética, estabelece linguisticamente, (uma)-forma-existencial na forma de (uma)-sistematização-objectiva.

---

90 (uma)-interacção-sistémica em e «entre» (um)-sistema-vivo e (um)-sistema-meio, que ao real(izar) cada (uma) das representações como (uma)-real(idade), “fá-lo” como (uma)-forma-natural-de-existência.

Mas, o que permite esta qualidade de entendimento, é (um)-acoplamento-estrutural que ao realizar-se, em e «entre», cada (um) dos sistemas imersos em (um)-mesmo-meio-*physis*-sistémico é, desta forma, como (um)-acoplamento-estrutural, o que existe quando (uma)-organização de cada (um) dos sistemas imersos em (um)-mesmo-meio-*physis*-sistémico, (des)encadeia (uma)-série de *ergoígenias* (in)dispensáveis para (uma)-manutenção de cada (uma) das autopoieses<sup>91</sup> de cada (um) dos sistemas existentes neste meio *physis* existencial. O que, desta forma, composto como (um)-conjunto-sistemátizável-de-sistemas, é o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(idade).

Pois esta é (uma)-forma-de-acoplamento, que ao existir em e «entre» cada (uma) das diferentes células que compõem (um)-sistema-vivo, é nas quais cada (uma) das células assume-se como (uma)-estrutura-autosuficiente, e que interactiva-“em-si”, promove-se como (uma)-organização-autopoiética em cada (uma) das células. Que desta forma, em (uma)-autopoiese de cada (uma) das células e também de todo-(um)-sistema-vivo, fundamenta-se factualmente em cada (uma) das interacções de cada (uma) das várias células, como o que permite que cada (uma) das células isoladamente, continue mantendo (uma)-diferenciação em relação a cada (uma) das demais células isoladas.

O que estabelece, desta forma, grupos de células isoladas semelhantes, que ao diferenciarem-se de cada (um) dos outros grupos de células isoladas semelhantes, é (uma)-estrutura-de-acoplamento através da qual se pode argumentar também acerca de acoplamentos sociais.

Ou seja, o pensamento biológico de Maturana e Varela, também se aplica como (uma)-explicação, para outras *ergoígenias* importantes, tal como, (um)-conhecimento que pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE definido, em (uma)-conformidade com (um)-sistema-simbólico-fechado. O que ontofenomenologicamente, enquanto (uma)-interacção-adequada ao mundo ou como (uma)-interacção-em-congruência com o mundo, de (um)-ponto-de-vista de (um)-sistema-simbólico-fechado, é o que se estabelece como o que em cada (um) dos sistemas vivos cria (um)-mundo, na forma de cada (um) dos acontecimentos que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

Entretanto, a partir do ponto de vista de (um)-acoplamento-estrutural, é (uma)-afirmação de que cada (um) dos sistemas vivos experimenta (uma)-interacção-sistémica-e-estrutural com (um)-meio-*physis*-existencial. O que corrige cada (uma) das interacções com o meio, através de cada (uma) das interacções sistémicas que entendidas como *ergoígenias*, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, ontofenomenologias estruturais e sistémicas na forma de atravessamentos neurobiológicos-neuro-BIO-fisiológicos-e-sociais.

---

91 (uma)-autopoiese é (uma)-capacidade que cada (um) dos sistemas vivos tem para autoproduzir-se.

Pois (uma)-linguagem<sup>92</sup>, desta forma, surge a partir de (um)-acoplamento-estrutural, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que (uma)-existência-linguística, depende de (uma)-convivência íntima e colaborativa que na forma de (um)-acoplamento-social, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos envolvidos, atravessa (uma)-*ergoígenia*, através de (um)-atravessamento-sistémico-estrutural-cognitivo-e-social que se real(iza) como (uma)-rede de interacções coordenadas, que na forma de (uma)-simultaneidade, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE disparadas ontofenomenologicamente, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos envolvidos.

E, desta forma, (uma)-linguagem não envolve somente (uma)-transmissão-de-informação, mas toda-(uma)-coordenação-comportamental<sup>93</sup> que em (um)-domínio-fechado de (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) em (um)-REAL (adjectivo) na forma de (uma)-real(idade).

Portanto, cada (uma) das trocas comunicativas, constitui-se real(mente) em (uma)-coreografia-refinada que na forma de (uma)-coordenação-comportamental, define-se enquanto (uma)-representação, como (uma)-sistemática-de-vida-humana que se real(iza) enquanto (uma)-*physis*-existência-sistémica-interactiva-e-estrutural, como (um)-comportamento que a partir de (uma)-sistémica-de-atrassamento-estrutural-cognitivo-e-social, real(iza-se) através de (uma)-interacção-linguística.

## 1.2. Protótipo objectivo

Como (uma)-topologia-linguística defende que cada (uma) destas coreografias refinadas na forma de cada (uma) das coordenações comportamentais, inicia-se como (uma)-formalidade que se pode documentar desde cerca de 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos em (um)-passado-remoto, na forma de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos hominídeos. É a partir de (um)-“fazer”<sup>94</sup>-*physis*-existencial-monocórdio de cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, (um) dos mais antigos ancestrais dos HOMO Sapiens Sapiens que, desta forma, real(iza-se) (uma)-geratriz-linguística de cada (uma) das culturas hominídeas conhecidas, como também, de todo-(um)-“fazer”-humano em (uma)-actualidade.

---

92 (uma)-linguagem em (uma)-interacção-linguística na forma de (uma)-topologia-linguística, é o que se define muito mais como (um)-acto-PURO-de-fala. Pois (uma)-linguagem é (uma)-forma que enquanto (um)-“fazer” é, como (um)-acoplamento-estrutural, o que se organiza como (uma)-existência-comportamental em cada (um) dos istemas vivos humanos.

93 Por comportamento vai-se perceber toda-(uma)-generalidade-de-actos considerados filogénicos e | ou ontogénicos | e sociais que procuram envolver toda-(uma)-generalidade-de-actividades-humanas em (uma)-única-representação como (uma)-forma-real(idade).

94 Em (uma)-topologia-linguística procura-se evitar usar (um)-substantivo-actividade que ao SER, ontofenomenologicamente substituído pelo verbo “fazer” no infinitivo e «entre» aspas, estabelece (um)-nova-definição para o que em (uma)-filosofia define-se como (uma)-essência. Apesar de eventualmente utilizar-se a palavra “actividade” nesta dissertação.



Pois o que se inaugura, desta forma, nesta altura através de (uma)-coreografia-refinada ao atravessar (um)-“fazer”-hominídeo-monocórdio<sup>95</sup> desde (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural enquanto (um)-acoplamento-cognitivo-e-social, até a forma de (uma)-prática-objectiva, é o que se conquista como (uma)-formalidade, ao (trans)formar (um)-“fazer” que lasca (uma)-pedra percutida em OUTRA, como (um)-núcleo que se lasca «contra» OUTRO-núcleo. O que ao real(izar-se) enquanto (um)-“fazer” é a partir do qual se obtém (uma)-pedra-lascada.

(uma)-sistemática-cognitiva-e-social que a partir de (um)-sistema-vivo-hominídeo, estrutura-se ONTOFILOGENICAMENTE e marca (um)-“fazer”-ancestral que a partir de (um)-período-monocórdio até (um)-“fazer”-actual, é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade como (uma)-real(ização)-simultaneidade a partir de (um)-“fazer”-(des)ambiguador.

(uma)-prática-objectiva, que desta forma, nesta altura, não se pode definir como (uma)-técnica<sup>96</sup>. Pois está alicerçada fundamentalmente em (um)-“fazer” que se real(iza) a partir de (uma)-tentativa-e-erro. (uma)-prática-sucessiva-e-repetitiva de lascar (uma)-pedra em OUTRA-pedra, não a procura de (uma)-lasca que se real(iza) como (um)-artefacto, mas «antes», como (um)-“fazer”-operativo que em (uma)-conformidade-[forma | utilidade<sup>97</sup>], real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-sistémica enquanto (um)-acontecimento-objectivo a partir de (um)-acoplamento-estrutural-e-sistémico.

(uma)-negação de (uma)-utilidade (adjectivação) que na forma de (uma)-necessidade<sup>98</sup> e enquanto (uma)-real(ização), acontece como (um)-DEVIR na forma de (um)-linguístico. (uma)-substantivação que enquanto (um)-“fazer” em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, é (uma)-*ergoígenia* que dois milhões de anos mais tarde, em (um)-ESTÁDIO-hierárquico<sup>99</sup> é (uma)-realidade que na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) como (um)-essência em (um)-REAL (substantivo)<sup>100</sup> enquanto (um)-significado-heurístico.

---

95 O Monocórdio em (uma)-topologia-linguística é (um)-ESTÁDIO de desenvolvimento linguístico que se estabelece somente para os fins de (uma)-organização-argumentativa em termos de (uma)-história-antropológica-cultural de cada (um) dos sistemas vivos HOMO. Veja capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.1. Monocórdio.

96 Segundo (uma)-filosofia-da-técnica, é preciso (um)-“haver” de (uma)-dupla-mediação: (uma) com a natureza e outra em «entre» sistemas vivos humanos. (uma)-topologia-linguística não considera que aconteça (uma)-tipologia-de-mediação nesta forma de “fazer”, visto que outros animais também “faze(m)” instrumentos.

97 Cada (um) dos conceitos de necessidade e utilidade, enquanto representações, nesta altura ainda tão distante do presente, não se aplicam. Porquê é (im)provável que existissem. Por isto, trata-se cada (um) destes conceitos | representações como (uma)-existência-não-linguística que inaugurada como (uma)-forma-“fazer”, tem-se em vista que existe em (uma)-actualidade-linguística, mas não se pode aplicá-los, como (uma)-forma-prática-linguística, na altura de (um)-ESTÁDIO-monocórdio.

98 Idem.

99 Veja capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.5. Hierárquico.

100 (um)-REAL (substantivo) é (uma)-consequência de (um)-processo-heurístico-de-reificação. Segundo a topologia linguística, (um)-REAL é adjectivo. Ou seja, (uma)-real(ização)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que atravessa (um)-“fazer”-subjectivo.

Portanto, (um)-“fazer” que não se estabelece, desta forma, a partir de (uma)-causalidade, mas «antes», instala-se como (um)-DEVIR-existencial que ao vir-a-SER a partir de (um)-acoplamento-estrutural como (uma)-forma-*physis*-existencial, é o que se real(iza) de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, como (um)-ONTOS-ON na forma de (um)-SER que não é (uma)-realidade, outrossim, (uma)-real(idade) [que-se-“há”] como (uma)-*ergoñgenia* na forma de todo-(um)-“haver”.

Entretanto, como (um)-“fazer” no qual não “há” (uma)-intenção, mas «antes», (uma)-real(ização) que enquanto tal, sistemicamente real(iza-se) neuro-BIO-fisiologicamente. E, desta forma, não na forma de (um)-artefacto ao atravessar (uma)-Intencionalidade<sup>101</sup>, outrossim, enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico que enquanto (uma)-*ergoñgenia*, não é mais que [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”].

Pois, desta forma, (uma)-pedra-lascada não é (uma)-formalidade, outrossim, (um)-vir-a-SER-(um)-artefacto [formalidade]. Portanto, [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”] que enquanto (uma)-negação de (uma)-função<sup>102</sup> ou de (uma)-causalidade, não é (uma)-utilidade na forma de (uma)-necessidade, outrossim, (um)-DEVIR. Posto que ao facilitar<sup>103</sup> (um)-utilizador-artesão em (uma)-obtenção-de-alimento, não “há” como (uma)-real(idade), mas «antes», como (uma)-*ergoñgenia* que na forma de (uma)-*physis*-existência é [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”] na forma de (um)-acoplamento-estrutural.

(um)-“fazer” que é como (um)-atravessamento-sistémico-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social, o que enquanto (uma)-real(ização), é na forma de (uma)-negação, [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”]. O que, desta forma, é (uma)-Intencionalidade que se nega enquanto (uma)-Intencionalidade. Posto que se opõe a cada (uma) das concepções filosóficas contemporâneas acerca de (uma)-consciência. E que segundo (uma)-fenomenologia, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-actualidade.

Mas segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer” que ainda “há” em (uma)-actualidade enquanto (um)-“fazer”. Posto que segundo cada (uma) das concepções filosóficas

---

101 Intencionalidade é (um)-conceito-filosófico “recuperado” por Franz Brentano (1838-1917) da Escolástica, para definir quando (uma)-consciência está dirigida para (um)-objecto. Em (uma)-filosofia-contemporânea, este termo é usado na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). E, a fenomenologia husserliana defende que (uma)-consciência tem sempre (uma)-Intencionalidade, ou seja, está sempre dirigida à (um)-objecto. Dicionário de Filosofia de Simon Blackburn, ed. Gradiva, 1997.

102 (uma)-causalidade em (uma)-topologia-linguística. Note-se que nesta altura ainda tão distante de (um)-presente, a forma de (um)-protótipo-objectivo não “há” como (uma)-causalidade, ou como qualquer estrutura causal. Não se podendo verificar portanto, (uma)-forma-utilizada-para-narrar (um)-“fazer” de (um)-artefacto através de (um)-substantivo “função” ou de (um)-verbo “facilitar”, como é típico em (uma)-prática-linguística-contemporânea.

103 Outra causalidade não aplicável, mas como é inescapável e decorrente de (uma)-*physis*-existência-linguística, inicia-se (um)-pensamento, negando-o. O que é difícil de acreditar, em (uma)-actualidade-linguística, é que (uma)-*ergoñgenia* é geratriz, a partir de cada (uma) das interações topológicas em (uma)-existência-linguística e que atravessam (um)-“fazer”, de conceitos como “utilidade”, “necessidade”, e também de verbos como “facilitar” enquanto acontecimentos linguísticos que expressam condições de existências sistémicas enquanto representações.

contemporâneas, (uma)-consciência é (uma)-*ergoñgenia* que ao real(izar-se), empresta-se como (uma)-forma que se caracteriza em cada (uma) das formas *obiectum* como (uma)-causalidade.

Isto porquê (um)-“fazer”-hominídeo em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, é (um)-acontecimento que na forma de (um)-“haver”, real(iza-se) como (uma)-negação de (uma)-necessidade ou de (uma)-causalidade. Posto que ao negar-se objectivamente como (uma)-utilidade, implica-se que “há” em todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há”, em (um)-ESTÁDIO-monocórdio que se real(iza) como (uma)-condição-sistémica-PURA, enquanto o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, através de (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-[neurobiológico | neuro-BIO-fisiológico], que na forma de (um)-acoplamento-estrutural, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos.

E, desta forma, não se estrutura a partir de (uma)-consciência ou de (uma)-Intencionalidade, mas «antes», sistemicamente ao atravessar [(um)-sistema em OUTRO-sistema, e (uma)-sistemática em (um)-sistema]. Ou seja, como (uma)-real(idade) que na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, real(iza-se) como [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que se define em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-*ergoñgenia*.

Portanto, (um)-acoplamento-estrutural que não se real(iza) como (uma)-consciência, mas «antes», como (uma)-forma-*physis*-existencial que enquanto (uma)-*ergoñgenia* é, desta forma, (um)-“fazer” a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiologia, que ao atravessar (uma)-estrutura-sistémica-(in)separável-cognitiva-social-e-ambiental, real(iza-se) como (uma)-*physis*-existência enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural na forma de (um)-acoplamento-objectivo, enquanto (uma)-simultaneidade-[realidade | real(ização)].

Cabe aqui salientar que cada (um) dos ancestrais<sup>104</sup> de cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais, nesta altura, eram necrófagos. E comer (uma)-medula-óssea (tutano) de cada (um) dos animais encontrados mortos, era (um)-comportamento-importante. Real(mente) (uma)-coreografia que ao refinar-se na forma de cada (uma) das condições comportamentais que-se-“há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais, atravessa a forma de (uma)-existência-ONTOFILOGÊNICA, real(izando-se) na forma de (um)-linguístico.

Para além disto, “há” em todo-(um)-“haver” (um)-facto de que muitas destas carcaças de animais eram abandonadas por outros animais, necrófagos ou não, ainda com restos de músculos agarrados aos nervos. Devido ao facto de que estes restos eram (in)acessíveis aos dentes de cada (um) destes sistemas vivos carnívoros, mas passíveis de SEREM ONTOFILOGENICAMENTE separados

---

104 Atenção, considerar (um)-hominídeo-*Australopithecus* (um)-ancestral-humano não é (uma)-visão-comum em (uma)-antropologia-física na actualidade.

de (uma)-carcaça, (um)-“faze(ndo-se)”-uso de cada (um) dos *obiectum* cortantes real(izados) a partir de cada (uma) das pedras cortantes lascadas: (uma)-coincidência?

A partir desta questão, interromper (uma)-narração torna-se vital. Porquê (uma)-topologia-linguística concebe que cada (um) dos hominídeos *Australopithecus* em (um)-grupo-monocórdio, carregava individualmente não (uma)-lasca, mas (uma)-pedra na forma de (um)-núcleo. Quando se avistava (uma)-carcaça de (um)-animal-morto; a partir de (uma)-*physis*-existência-sistémica enquanto (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, cada (um) dos sistemas vivos hominídeos em (um)-grupo-*Australopithecus*, organizava-se como (um)-grupo-social-e-“funcional”, assumindo-se em cada (um) como (uma)-função-social enquanto: (um)-proteger, (um)-vigiar, (um)-lascar, (um)-cortar, (um)-distribuir, etcétera.

Real(mente) (uma)-coreografia que ao refinar-se através de (uma)-coordenação-comportamental, “há”-se sistémica e socialmente como (um)-“fazer”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos desde (um)-ESTÁDIO-monocórdio até a (um)-ESTÁDIO-hierárquico, “faze(ndo-se)” desta forma, até aos dias actuais.

Entretanto, como é (um)-“fazer” que ao lascar (uma)-pedra, real(iza-se) em (uma)-lasca e define-se na forma de (um)-protótipo-objectivo, como (uma)-real(ização). Isto é o que se real(iza) em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-condição-humana-do-labor<sup>105</sup>. (uma)-condição-arendtiana que se afirma neste altura ainda tão distante de (um)-presente, como (um)-PURO-labor.

Posto que quando se volta (uma)-atenção de (uma)-contemporaneidade-linguística, para este momento ainda tão distante de (um)-presente, pode-se conceber que (uma)-esfera-das-necessidades, como a propõe Hannah Arendt (1906-1975), ainda não se estrutura como [(um)-labor + (um)-trabalho], mas «antes», como (um)-PURO-labor. Já que (uma)-fabricação-de-ferramentas, que tipifica (uma)-condição-humana-do-trabalho, ainda não se distinguia, apesar de (um)-“fazer” que ao lascar (uma)-pedra, real(iza-se) como (uma)-lasca.

O que conduzido até a (uma)-questão-fundamental para este estudo, orienta-se até a (uma)-pergunta: afinal, (um)-“fazer” de (uma)-pedra-lascada era [(uma)-utilidade para (uma)-necessidade], [(uma)-necessidade para (uma)-utilidade] ou [(uma)-condição-*physis*-existencial a partir de (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural]?

Pois é desta forma, e a partir desta pergunta, que (um)-sistema-topologia-linguística vai afirmar que: (um)-acoplamento-estrutural-linguístico que “há”, em e «entre», cada (um) dos

---

105 Actividade humana fundamental proposta por Hannah Arendt, que corresponde ao processo biológico do corpo humano: crescimento, metabolismo e morte. Coincide com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo Labor em (um)-processo-de-vida. Hannah Arendt (1906-1975) em “*A condição humana*”, editora Relógio D'água, página 19. A partir de Arendt, (uma)-topologia-linguística considera (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-humano (um)-processo-biológico-do-corpo-humano. (uma)-condição-humana-do-labor que, desta forma, condiz com o que propõe Arendt na forma de (uma)-condição-humana.

sistemas vivos humanos e (um)-meio-*physis*-existencial, é o que se real(iza) na forma de (uma)-coordenação-comportamental, ao estruturar-se como (uma)-sistemática-de-vida a partir de (uma)-acoplagem-sistêmica. O que na forma de (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-social-e-ambiental, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-existência-viva que autopoieticamente, mantém-se como (uma)-existência-*physis*-existencial em (uma)-conformidade com o que propõe Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001), a partir de 1984, em “*A árvore do conhecimento*”. O que se define na forma de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico, enquanto (uma)-existência-linguística.

O que diante desta investigação, inicialmente interessada nesta altura ainda tão distante de (um)-presente, permite-se argumentar e fundamentar através de (uma)-*ergoígenia* e na forma de (um)-protótipo-objectivo, como o que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento-sistêmico-e-estrutural, ao estabilizar-se na forma de (um)-“fazer”-monocórdio como (uma)-forma-*physis*-existencial que atravessa (uma)-(des)ambiguação<sup>106</sup>; o que a partir de cada (uma) das experiências de satisfação<sup>107</sup>, real(iza-se) sistemicamente como (um)-“fazer”-neurofisiológico em cada (um) dos hominídeos *Australopithecus* ao lascar (um)-núcleo-lítico em OUTRO e “utilizar-se” de (uma)-lasca. O que ainda se real(iza) em (uma)-actualidade, como (uma)-forma-(des)ambiguação, mas enquanto (uma)-formalidade-representação.

Pois, desta forma, (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*; é (um)-“haver” que na forma de (uma)-simultaneidade-sistêmica, atravessa (uma)-*physis*-existência-ambígua [neurobiológica | instável]. O que cognitiva e socialmente, é na forma de (um)-(in)separável, o que se real(iza) como (uma)-(des)ambiguação-interactiva [neuro-BIO-fisiológica | estável] a partir de (um)-acoplamento-estrutural e na forma de (uma)-existência-objectiva, instalando-se como (um)-DEVIR-objectivo para (um)-linguístico. Que, ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos hominídeos *Australopithecus*, real(iza-se) na forma de (um)-protótipo-objectivo, como (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA-pedra.

---

106 (uma)-*physis*-existência-neurobiológica-humana, ou seja, a natureza de (uma)-estrutura-neurobiológica, em (uma)-existência-sistêmica-humana tem (uma)-forma-ambígua, que ao decorrer como (uma)-*physis*-existência em (um)-neurónio, como também, devido a (um)-número-de-ligações-sinápticas que “há” em (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é desta forma, o que acontece a partir de (um)-“fazer” como (uma)-forma-(des)ambiguação. O que altera operacionalmente (uma)-*physis*-existência-neurobiológica-humana, que em (uma)-conformidade com o que defende Maturana e Varela em “*A árvore do conhecimento*”, é como (uma)-forma-acoplamento-estrutural, não (uma)-adaptação de (um)-sistema-vivo a (um)-meio-*physis*-existencial, mas «antes», (uma)-organização-autónoma de (um)-sistema-vivo que ao atravessar (uma)-autopoiese, auto-organizando-se e acoplando-se, estrutural e sistemicamente, ao (um)-meio-*physis*-existencial.

107 (uma)-experiência-de-satisfação é TODA-experiência que ao atravessar os sentidos em (uma)-visão-psicanalítica-freudiana, é o que se qualifica enquanto (uma)-energia-psíquica ao real(izar-se) como (um)-“fazer” que é basicamente, o que Freud defende como (uma)-experiência-de-satisfação, mas na qual nunca ocorre satisfação, coincidindo ou não coincidindo (uma)-percepção com (uma)-lembrança. Pois o que “há” em (uma)-existência-sistêmica-humano, é (uma)-persistência para real(izar) (um)-“fazer”, sendo isto o que Freud define como (uma)-*pulsão*.

O que se pode apresentar através de (uma)-estrutura-lógica com (uma)-finalidade de estabelecer-se como (uma)-argumentação na forma de (uma)-analogia, mas em e «entre» (uma)-sistemática-de-vida e (uma)-estrutura-de-acoplamento. Que, desta forma, é na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], o que se apresenta como (uma)-notação-lógica enquanto o que se real(iza) sistemicamente, como (uma)-existência-objectiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos [estrutural e neurobiologicamente].

Desta forma, a partir de (um)-enunciado-lógico e ao servir-se de cada (uma) das raízes de (uma)-notação-lógica que se real(iza) enquanto (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], o que se tem é que: [NÃO NÃO = SIM] e [SIM = SIM SIM]. A partir do que se real(iza) (uma)-notação-lógica-[SIM SIM = NÃO NÃO]. O que real(mente) “há” como (uma)-igualdade em e «entre» cada (um) dos enunciados. E que se permite como (uma)-construção-[SIM SIM = NÃO NÃO]<sup>108</sup>, como o que se tem segundo (uma)-realidade-sistémica que apesar de ambígua é precisa enquanto (uma)-estrutura-neurobiológica.

Isto porquê (uma)-causalidade de (um)-enunciado-[NÃO NÃO] (dupla negação), não é (uma)-causalidade de (um)-enunciado-[SIM SIM] (dupla afirmação). Por isto o que se define como que “há”, em e «entre», cada (um) dos enunciados, é (uma)-ambiguação. Posto que para (um)-“haver” real(mente) de cada (um) dos enunciados, ambos resultando logicamente em (uma)-resposta-SIM, considera-se que ambos são enunciados iguais, mas que a partir de (uma)-diferença-que-os fundamenta e que os estrutura sistemicamente<sup>109</sup>, é o que se real(iza).

Por isto, a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, o que se pode definir como (uma)-estrutura-de-ambiguação é (uma)-estrutura-neurobiológica, que na forma de (um)-sistema-nervoso que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, atravessa (um)-enunciado-lógico: [SIM SIM = NÃO NÃO] como a forma de (um)-funcionamento. Posto que (um)-enunciado-lógico, desta forma, é o que define (uma)-estrutura-neurobiológica como (uma)-real(ização), que ao definir-se como (uma)-ambiguação que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, é o que se define também como (uma)-estrutura-neurobiológica enquanto (uma)-real(ização).

Entretanto, como (uma)-estrutura-neurobiológica que em (uma)-conformidade com (um)-protótipo-objectivo, (des)ambígua-se através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, que ao (des)codificar-se na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] atravessa (um)-“fazer”-monocórdio que

108 Utiliza-se (um)-enunciado-lógico-paraconsistente [SIM SIM = NÃO NÃO] para definir, através de (uma)-analogia-linguística, como funciona (uma)-estrutura-neurobiológica. Ou seja, para definir (um)-estímulo na forma de (um)-impulso-nervoso que ao percorrer (um)-neurónio em direcção à OUTRO-neurónio em (um)-sistema-nervoso, real(iza-se) através de (uma)-alteração em (um)-potencial-eléctrico de (um)-neurónio que, ao passar de (um)-estado-activo, para (um)-estado-de-“fazer”, define-se como (um)-caminho a SER ONTOFILOGENICAMENTE percorrido por (um)-sinal-electroquímico em (uma)-estrutura-neurobiológica. O que acontece através de (uma)-diferença-de-potencial-eléctrico-[NEGATIVO x POSITIVO], que se define como (uma)-diferença-de-potencial através de (uma)-forma-[SIM ≠ NÃO]. Posto que é (uma)-diferença-de-potencial, o que permite que (um)-impulso-nervoso, percorra (uma)-estrutura-neurobiológica, como (um)-estímulo na forma de (um)-sinal-electroquímico.

109 Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.1. Estrutura Neurobiológica.

ao lascar (uma)-pedra em OUTRA, permite obter-se como (uma)-lasca. É portanto, não como dois acontecimentos diferentes e consecutivos, mas «antes», como (um)-acontecimento-monocórdio que na forma de (um)-“fazer”, é ÚNICO e repetitivo e corresponde a (uma)-condição-lógica-[SIM SIM = NÃO NÃO], que sendo ambígua, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio-(des)ambiguador como (uma)-forma-protótipo-objectivo, que não se real(iza) como (uma)-interacção-linguística-[significante-significante], nem tampouco enquanto (um)-significado, outrossim, como (uma)-*physis*-existência-objectiva. Posto que (um)-protótipo-objectivo não comporta interacções significantes nem tampouco de significação.

Portanto, não se real(iza) como (uma)-adjectivação que se (trans)forma heurísticamente em (uma)-consciência. Outrossim, enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, que existe como (uma)-ambiguação-*physis*-existencial, e que se torna através de (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural, na forma de (uma)-limitação que enquanto (uma)-(des)ambiguação, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(izando-se) (des)ambiguado em cada (uma) das real(izações) monocórdias que atravessam (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social proposto por Maturana e Varela, mas que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, acontece através de (um)-“fazer”-*ergoñgênico*.

Diante do que, através de (uma)-argumentação até aqui fundamentada, é o que se procura justificar através de (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-capacidade-cognitiva que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos pré-sapiens, não como (um)-factor-de-comparação que deva SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE considerado para investigar (um)-“fazer”-que-lasca-(uma)-pedra.

Posto que (uma)-finalidade deste estudo, nesta altura, é argumentar que (um)-lascar de (uma)-pedra é (um)-acontecimento-objectivo. O que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural, empresta-se à (uma)-topologia-linguística como (uma)-argumentação-filosófica. Mas que, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que permite que se trate (uma)-estrutural-neurobiológica como (um)-enunciado-lógico, com (uma)-finalidade de investigar linguisticamente, (uma)-*ergoñgenia* de (um)-“fazer”, e por consequência também, (uma)-DEVIR-linguístico enquanto (uma)-construção de (uma)-formal-real(idade).

Pois (uma)-topologia-linguística considera cada (uma) das capacidades cognitivas para (um)-lascar de (uma)-pedra, (uma)-condição-sistémica que atravessa (um)-acoplamento-cognitivo-e-social, que enquanto (uma)-prática-objectiva, é o que se real(iza), sistémica e estruturalmente, como (um)-comportamento-sistémico-monocórdio que “há” em cada (um) dos homínídeos *Australophitecus*. (uma)-prática-objectiva que é comum a cada (uma) dos demais sistemas vivos: primatas, aves, cetáceos, elefantes, lontras, polvos, etcétera.

Porquê através de (um)-“fazer” de cada (um) destes sistemas vivos que elaboram instrumentos e ferramentas, como também artefactos para (um)-“fazer”-fundamental: obter alimentos. (um)-“fazer”-*physis*-existencial é o que se tipifica em cada (um) dos hominídeos *Australopithecus*, como (uma)-condição-sistémica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos, como o que se caracteriza, enquanto (um)-PURO-labor. O que em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, considera-se nesta altura ainda tão distante do presente, como (uma)-condição-biológica que “há” enquanto (uma)-estrutura-de-acoplamento.

Vale salientar que (um)-“fazer”-neurofisiológico é (um)-fundamento para (uma)-constituição de (uma)-existência-linguística-HUMANA em (uma)-actualidade. Para mais, (uma)-tecnologia ao dispor dos HOMO Sapiens Sapiens, por volta de 300 (trezentos) mil anos «antes» do presente, tais como: fogo, ferramentas, habitação, etcétera. Foram legadas por géneros hominídeos que se extinguiram «antes» dos HOMO Sapiens Sapiens. Este é o caso do uso do fogo e da lascagem de pedras, legados pelos HOMO Erectus (fogo) desde os hominídeos *Australopithecus* e HOMO Habilis (lascagem de pedras). TODOS-extintos aquando de (uma)-origem dos HOMO Sapiens. O que “faz” certo que cada (um) dos HOMO Sapiens Sapiens, “herdou” cada (uma) destas tecnologias, cultural e linguisticamente, através dos géneros HOMO existentes na altura de (uma)-origem-sapiens [neanderthalensis «dentre» OUTROS].

Diante do que se pode estabelecer que em (uma)-topologia-linguística, não são válidas argumentações acerca de heranças culturais e linguísticas. E que a partir de diferenças neurobiológicas documentadas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistema vivos hominídeos, não se deve tentar real(izar). E aqui somente para dar como exemplo: argumentar acerca da relação do tamanho cerebral relativamente ao avanço técnico. Como também, (uma)-topologia-linguística não compara (um)-sistema-vivo-hominídeo com cada (um) dos OUTROS sistemas vivos animais. A não SER que ONTOFILOGENICAMENTE, cada (uma) das comparações ontofenomenológicas seja “feita” nos termos de (um)-acoplamento-estrutural. O que enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica-e-comportamental é, como (uma)-condição-formal-e-estrutural enquanto (um)-“fazer”, o que enquanto (uma)-*ergoígenia*, é o que se real(iza) como (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural.

Visto que, a partir do pensamento de Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001), e também do pensamento de Hannah Arendt (1906-1975). Cada (um) dos sistemas vivos;



TODOS, segundo Maturana e Varela<sup>110</sup>; e também cada (um) dos sistemas vivos humanos; TODOS, segundo Arendt<sup>111</sup>; existem como sistemas vivos condicionados.

Desta forma, cada (um) dos utilizadores artesãos, neste altura, enquanto homínídeos *Australopithecus*, existem como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística que, desta forma, real(iza-se) como (um)-ponto-histórico<sup>112</sup> que enquanto (uma)-linha que se torna histórica, é o que se inicia como (uma)-*ergoñgenia*-objectiva. O que se forma enquanto (um)-intervalo-topológico<sup>113</sup>, no que se constitui como (uma)-existência-“em-si”, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) como (um)-DEVIR-linguístico no âmago de (uma)-existência-monocórdia que se real(iza) como (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social enquanto (um)-protótipo-objectivo. O que, enquanto tal e desta forma, é (uma)-monotonia-repetitiva na forma de (uma)-*physis*-existência-acoplada.

(uma)-forma que se vai-“fazer” e re-“fazer” por mais de (um)-milhar-de-anos, instalada como (um)-protótipo-objectivo que por volta de 2,5 (dois vírgula cinco) milhões de anos «antes» de (um)-presente, vai-se verificar como (uma)-objectivação-autopoiética<sup>114</sup>. O que coincide com (um)-surgimento de OUTROS sistemas vivos homínídeos. «Dentre» estes, os primeiros sistemas vivos de (um)-gênero-HOMO e para os quais, para efeitos meramente narrativos, pode-se referir como HOMO linguísticos neste estudo.

Portanto, é através de (uma)-objectivação-autopoiética em (um)-protótipo-objectivo, que se caracteriza como (uma)-(trans)forma de (um)-ESTÁDIO-cognitivo-monocórdio em (um)-ESTÁDIO-

110 Para Maturana e Varela, “há” (uma)-*physis*-existência que “condiciona” (uma)-existência-viva de (um)-sistema-vivo na forma de (um)-acoplamento-estrutural.

111 Segundo Hannah Arendt (1906-1975), o que quer que «entre» em contacto com a vida humana, ou «entre» em duradoura relação com a vida humana, assume imediatamente o carácter de condição de (uma)-existência-humana. É por isto que cada (um) dos sistemas vivos humanos, independente do que “façam”, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente «entra» no mundo humano ou para o mundo humano, é trazido pelo esforço de cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que os torna parte de (uma)-condição-humana. Colhido em “*A Condição Humana*”, editora Relógio D'Água, página 21-22.

112 A topologia-linguística para evitar condições axiológicas em construções históricas, procura tratar (um)-sujeito-histórico como (um)-ponto-histórico. Desta forma, evita-se lidar referências históricas através de (um)-prefixo-“pré”.

113 Segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-intervalo-topológico é (uma)-existência-temporal que na forma de (uma)-temporalidade é homeomórfica, em e «entre», cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-REAL-topológico. Mas como (uma)-homeomorfia-específica que na forma de (uma)-representação-temporal, é enquanto (um)-intervalo-topológico, o que se real(iza) como (uma)-forma-intervalar que existe «entre»  $[-\infty \cap +\infty]$  mas na qual, (um)-(in)finito- $[\infty]$  é finito, porém, (in)determinável apesar de preciso.

114 Conceito (des)envolvido pelo autor para agregar (uma)-ideia do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), a partir de (uma)-noção de objectivação adequada da vontade. (um)-eidos (forma | ideia) platónico segundo o qual (uma)-experiência-de-satisfação é (uma)-(trans)formação; o que a partir do conceito de autopoiese (des)envolvido pelos neurobiólogos chilenos Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946 2001), que se realiza como (uma)-capacidade dos seres vivos para autoproduzirem-se, realiza-se como (uma)-ideia de que (um)-sistema-vivo é (um)-sistema-autónomo em (uma)-constante-interacção-estrutural com (um)-meio, autoproduzindo-se e autorregulando-se, e no qual (um)-meio não (des)encadeia mudanças enquanto (um)-agente-externo. Estes dois conceitos agregados na forma de (um)-único-conceito-comum, não se aplica à (uma)-sistemática-viva, entretanto, aplica-se à (um)-“fazer” que ao estabelecer-se como (uma)-forma em (um)-acoplamento-estrutural, segundo a topologia linguística, é como (uma)-objectivação-autopoiética, (uma)-noção de que (um)-“fazer” é (uma)-real(ização) em constante (trans)formação.

cognitivo-diádico<sup>115</sup>. E que se real(iza) como (uma)-interacção-sistémica que “há” em (uma)-conformidade com (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social-HUMANO. O que é, desta forma, o que se real(iza) como (uma)-PRIMEIRA-(trans)forma-prototípica em (uma)-forma-monocórdia. Que ao atravessar (uma)-*physis*-existência-diádica, real(iza-se) como (uma)-SEGUNDA-(trans)forma-prototípica, estabelecendo-se como (uma)-*physis*-existência-originária, que na forma de (uma)-sistemática-de-vida em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se traz até (uma)-actualidade, enquanto (uma)-existência que se real(iza) como (um)-linguístico.

### 1.3. Hipótese do véu imaginário

(uma)-*ergoígenia* que em conformidade com (um)-acoplamento-estrutural e a partir de (um)-protótipo-objectivo-monocórdio, enquanto (uma)-condição-*physis*-existencial na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*. É o que se instala através de (uma)-objectivação-autopoiética, enquanto (um)-véu-imagético que em (uma)-conformidade com (uma)-imagem que “há”, em e «entre», (uma)-estrutura-neurobiológica e (um)-“fazer”-neurofisiológico, oculta o que se (des)caracteriza como (um)-PURO-labor, instalando-se como (um)-véu que, em (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social, (trans)forma-se enquanto (uma)-*physis*-existência, na forma de (uma)-existência-diádica que atravessa (uma)-imagem. O que se propicia como (uma)-objectivação-autopoiética, que ao realizar-se como (uma)-imagem é como (uma)-alucinação-diádica.

(um)-“fazer”-neurofisiológico de mais de (um)-milhão-de-anos. E que desde 3,8 até 2,5 milhões de anos, ao acontecer como (um)-“fazer”-(des)ambiguador, manteve-se em (um)-hominídeo-*Australopithecus*, enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social que através de (uma)-ambiguação é na forma de (um)-“fazer” o que “(des)faz” (uma)-MULTIPLICIDADE-MÚLTIPLA<sup>116</sup> de (uma)-ambiguação, que ao atravessar (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}-sistémico, conquista-se como (uma)-formalidade, enquanto (uma)-existência-não-linguística através de (uma)-lascagem de (uma)-pedra em OUTRA-pedra, que se real(iza) como (uma)-lasca a partir de (um)-núcleo enquanto (um)-acoplamento-estrutural.

Com (um)-perecimento de cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, por volta de 2,5 milhões de anos, e o acontecimento dos HOMO Habilis. Na duração do próximo milhão de anos, real(izar-se-á) (um)-“fazer”-monocórdio que ao lascar (uma)-pedra em OUTRA-pedra, real(iza-se)

115 Diádico é (um)-ESTÁDIO-de-desenvolvimento-linguístico estabelecido pelo autor com (uma)-finalidade de permitir organizar e argumentar acerca do objecto desta investigação em determinado instante histórico antropológico e cultural.

116 (uma)-MULTIPLICIDADE-MÚLTIPLA em (um)-sistema-topologia-linguística é  $[(um)^{\infty \times (\infty + \infty)}]$ . O que se real(iza) como (um)-conjunto-(IN)FINITO-MÚLTIPLO-PURO na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}

como (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-protótipo-objectivo-monocórdio, que ao atravessar (um)-véu-imaginário, forma-se como (um)-ESTÁDIO-diádico, que se realiza imagem em (uma)-alucinação.

(uma)-(trans)forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico que na forma de (uma)-(des)ambiguação, atravessa (um)-“fazer” como (uma)-existência-diádica, ao (trans)formar (uma)-(des)ambiguação em (uma)-estrutura. O que “faz” de (uma)-(des)ambiguação, (uma)-estrutura-de-ambiguação que se real(iza) como (uma)-imagem enquanto (uma)-alucinação. (um)-véu-imagético que ao permitir (uma)-manutenção de (um)-“fazer”-monocórdio, atravessa (uma)-simultaneidade-sistémica-(in)separável-cognitiva-e-socialmente enquanto (uma)-prática-objectiva que ao estruturar-se como (um)-acoplamento na forma de (uma)-simultaneidade-sistémica-estrutural-(in)separável-cognitiva-e-social, real(iza-se) como (um)-artefacto (ver QUADRO 001) através de (uma)-alucinação que enquanto (um)-“fazer”, edifica-se como (uma)-imagem.

QUADRO 001 – ESTÁDIOS HISTÓRICOS

ESTÁDIO MONOCÓRDIO	3,8 até 2,2 milhões de anos	“fazer” – Hominídeo Australopithecus	<b>(des)ambiguação – Acoplamento Estrutural</b>	Protótipo Objectivo – Acoplamento Estrutural
ESTÁDIO DIÁDICO	2,5 milhões de anos até 780 mil anos	Alucinação   Imagem – Homo Habilis	<b>Estrutura de ambiguação</b>	Véu Imaginário – Artefacto
ESTÁDIO EGÓICO	1,8 milhões de anos até 40.000 anos	Imagem   Representação – Homo Erectus, Neanderthal, Sapiens e Sapiens Sapiens	<b>Estrutura de ambiguação e (des)ambiguação</b>	Protótipo Neonatal – Imagem   Representação
ESTÁDIO NARRATIVO	40.000 anos até 6.000 anos	Representação – Homo Sapiens Sapiens	<b>Estrutura de (des)ambiguação</b>	Protótipo Neonatal – Representação
ESTÁDIO HIERÁRQUICO	6.000 anos até os dias actuais	Representação – Homo Sapiens Sapiens	<b>Estrutura de (des)ambiguação</b>	Protótipo Neonatal – Representação

Quadro 001<sup>117</sup> – Neste quadro define-se cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos | HOMO que em cada (um) dos intervalos históricos existem na forma de cada (um) dos gêneros de sistemas vivos hominídeos | HOMO correspondentes. Chama-se (uma)-atenção ao interlocutor que, neste quadro, em negrito, definem-se cada (uma) das condições estruturais que “há” em cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos.

117 Atenção, que esta datação suprime algumas subespécies, para além de apresentar-se como (uma)-aproximação-(in)exata.

Mais de (um)-milhão-de-anos para que (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio, enquanto (um)-“fazer”-condicionado que atravessa (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, e que se real(iza) como (um)-atravessamento-sistêmico [neurobiológico | neuro-BIO-fisiológico] através de (uma)-objectivação-autopoiética, permitir que (uma)-forma-*physis*-existencial-imagética (alucinação), instale-se na forma de (um)-artefacto-lascado, como (uma)-estrutura que atravessa (um)-“fazer”, enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE (adjectiva)<sup>118</sup>.

(uma)-(trans)formação de (um)-protótipo-objectivo que ao atravessar (uma)-imagem, real(iza-se) como (uma)-alucinação na forma de (um)-artefacto, como (uma)-[lasca e núcleo] | [figura e fundo] (in)separável cognitiva e socialmente, e estabelecida segundo (um)-“fazer”-neurofisiológico que na forma de (um)-protótipo-objectivo, real(iza-se) como (uma)-estrutura-de-ambiguação. O que permite atravessar (uma)-imagem como (uma)-construção-alucinação, que na forma de (uma)-imagem-(in)separável-cognitiva-e-socialmente, instala-se objectiva e autopoieticamente, a partir de (um)-ESTÁDIO-monocórdio na forma de (um)-ESTÁDIO-diádico ao atravessar (uma)-véu-imaginário que se real(iza) na forma de (um)-artefacto.

O que ao tornar-se em (uma)-forma-simultaneidade-sistémica-e-estrutural, como (uma)-forma-imagem em (uma)-alucinação que se estrutura na forma de (uma)-ambiguação, é enquanto (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural-(in)separável-cognitiva-e-social, o que se “faz” através de (um)-“fazer”-neurofisiológico a partir de (uma)-imagem-simultânea, que na forma de (uma)-[lasca e núcleo] | [figura e fundo] é na forma de (uma)-alucinação, o que não se permite separar como (uma)-lasca e (um)-núcleo, outrossim, [existir e manifestar-se] como (um)-forma-artefacto, que, desta forma, é como (um)-[(des)ambiguador], (uma)-estrutura em (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo].

(uma)-*physis*-existência-sistémica que ao atravessar a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos hominídeos monocórdios, atravess, em (uma)-duração-temporal de (um)-milhão-de-anos, o que se real(iza) na forma de (uma)-objectivação-autopoiética que em aproximadamente dois milhões de anos (de 3,8 até 1,8 milhões de anos), (trans)forma-se na forma de (uma)-sistemática-(des)ambiguadora, no que real(iza) e permite atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, enquanto (uma)-sistemática-estrutural, através de (uma)-estrutura-de-ambiguação, que se real(iza) como (um)-véu-imaginário enquanto (uma)-imagem que se real(iza) alucinação.

(um)-artefacto-lasca-e-núcleo que durante mais de (um)-milhão-de-anos, (trans)forma-se enquanto (uma)-*physis*-existência-monocórdia, desde (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, na forma de (um)-ESTÁDIO-diádico que enquanto (uma)-lasca e (um)-núcleo, real(iza-se) como (uma)-*ergoígenia*, enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que na forma de (uma)-

---

118 [(um) = (um)<sup>∞</sup>].

alucinação, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos hominídeos *Australopithecus*, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico de cada (um) dos *HOMO Habilis*, real(izando-se) como (uma)-imagem na forma de (um)-véu-imaginário.

Desta forma, (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social ao atravessar (uma)-*physis*-existência-sistêmica em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, instala-se como (um)-véu na forma de (um)-atravessamento-sistêmico-e-estrutural-cognitivo-social-e-ambiental, que se manifesta como (uma)-imagem (alucinação) que, desta forma, é (uma)-estrutura que ao atravessar tentativas e erros, real(iza-se) enquanto (uma)-*ergoñgenia*, na forma de (uma)-*physis*-existência-diádica, como (uma)-simultaneidade-sistêmica-e-estrutural-cognitiva-e-social que ao moldar (uma)-lasca em (um)-núcleo, simultaneamente molda (um)-núcleo como (um)-artefacto.

O que separa, desta forma, com (um)-véu em (um)-“fazer” e (uma)-imagem que se real(izam), como (uma)-simultaneidade-sistêmica-(in)separável-cognitiva-e-social (figura e fundo | lasca e núcleo), desde (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio. O que ao SER (SEIN), ONTOFILOGENICAMENTE real(izado) esvazia lentamente (um)-imaginário-topológico, com a forma de (um)-vazio-não-vazio que se real(iza) como (uma)-alucinação na forma de (uma)-imagem.

Mas, (uma)-alucinação que à partida não é (uma)-negação. Posto que, na forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação, atravessa (uma)-existência-viva [sistêmica e estruturalmente] | [cognitiva e socialmente], real(izando-se) como (uma)-imagem que, enquanto tal, é (uma)-existência-“em-si”<sup>119</sup> a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que não-existe-“para-si”<sup>120</sup>. Pois, enquanto (uma)-alucinação, porquê encobre-se com (um)-véu, é o que se apresenta como (uma)-real(idade), que ao atravessar (uma)-real(ização)-sistêmica-e-estrutural-cognitiva-e-social, “esvazia-se” como (um)-NADA<sup>121</sup>, que em (um)-imaginário-topológico ao fundar (um)-REAL-topológico, apresenta-se através de (um)-(ir)representável [que se nega<sup>122</sup> como (uma)-formalidade], na forma de (um)-artefacto-(in)separável.

Por isto, (uma)-estrutura-monocórdia funda-se em (um)-ESTÁDIO-diádico, como (uma)-não-necessidade enquanto (uma)-forma-esfera-das-necessidades [labor + trabalho]. Posto que, ao esvaziar lentamente (um)-imaginário-topológico (“operativo”), através de (uma)-objectivação-autopoiética em (uma)-prática-objectiva-monocórdia, “coligida” em (uma)-extensão-de-mais-de-(um)-milhão-de-anos [de 3,8 à 2,5 milhões de anos]. É o que, desta forma objectiva, real(iza-se) como (um)-acoplamento-sistêmico-e-estrutural-cognitivo-e-social, ao atravessar (uma)-estrutura-

---

119 Jean Paul Sartre em “*O ser e o nada*”. Ver PARTE II – “Em-si” e “Para-si”, capítulos de 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?; até capítulo 10. (um)-protótipo-NEONATALI estrutura (uma)-(des)ambiguação.

120 Idem.

121 Idem.

122 Idem.

de-ambiguação, que ao real(izar-se) como (uma)-alucinação [a partir de 2,5 milhões de anos], é na forma de (uma)-imagem, o que se real(iza) como (um)-artefacto.

(um)-ESTÁDIO-diádico que ao estabelecer-se a partir de (um)-“fazer”-monocórdio, ao partir (uma)-pedra que ao lascar (um)-núcleo em OUTRO-núcleo, instala-se como (uma)-imagem (alucinação) que, desta forma, real(iza-se) como (um)-véu-imaginário, que na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, não NEGA à moda de Jean-Paul Sartre (1905-1980), contudo, é (uma)-negação enquanto (uma)-((des)ambiguação-monocórdia. Pois estrutura (uma)-ambiguação-ONTOFILOGÊNICA, que na forma de (um)-enunciado-lógico, ao passar de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] (ambiguação) à (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM] (estrutura de ambiguação), real(iza-se) como (uma)-alucinação (imagem), na forma de (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”]<sup>123</sup>.

[(um)-“em-si”<sup>124</sup> + (um)-“para-si”<sup>125</sup>] que enquanto (uma)-ambiguação, ao atravessar (um)-“fazer”-monocórdio, ambigua-se estruturalmente, ((des)ambiguando (um)-“fazer”. Mas, na forma de (uma)-alucinação que se estrutura, como (uma)-MULTIPLICIDADE<sup>126</sup>, que nas muitas formas de (um)-“fazer”, ao lascar (uma)-pedra em OUTRA-pedra, “faz” de (um)-núcleo (um)-artefacto a partir de (um)-“fazer”-monocórdio, que se real(iza) como (uma)-pluralidade em (um)-ESTÁDIO-diádico.

(uma)-prática-objectiva que em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, real(iza-se) na forma de (um)-enunciado-lógico: [SIM SIM = NÃO NÃO]. E que ao apresentar (uma)-estrutura-neurobiológica, na forma de (uma)-ambiguação, ((des)ambigua-se através de (um)-“fazer”-monocórdio; e (um)-enunciado-lógico: [SIM NÃO = NÃO SIM]. Que ao apresentar-se como (uma)-real(ização) na forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação, atravessa (uma)-alucinação na forma de (uma)-imagem, como (uma)-estrutura-neurobiológica. Ou seja, (uma)-alucinação que em (uma)-estrutura-de-ambiguação-diádica, real(iza-se) como (uma)-negação de (um)-“fazer”-((des)ambiguador que ao instalar-se como (uma)-estrutura-de-ambiguação, atravessa (uma)-alucinação ambiguando todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há” ao atravessar (uma)-imagem.

(um)-“fazer”-monocórdio-((des)ambiguador-“em-si” que ao estruturar-se como [(um)-“em-si” + (um)-“para-si”], é como (um)-“fazer”-[(“em-si”)] e (um)-núcleo-[(“para-si”)], a forma de (um)-artefacto [(“em-si” + “para-si”)], que a partir de (uma)-interacção-sistémica-e-estrutural-cognitiva-e-social, [existe e manifesta-se] como (uma)-imagem-alucinada, ao “velar” (um)-“fazer”-monocórdio enquanto (uma)-“coisa”-aparência, e (re)velar na forma de (uma)-alucinação, (um)-véu que se estrutura como (um)-atravessamento-sistémico, e que se provoca autopoieticamente como (uma)-

123 Veja capítulo 8. (um)-protótipo-objectivo e o NADA sartriano.

124 Jean Paul Sartre em “*O ser e o nada*”. Ver PARTE II – “Em-si” e “Para-si”, capítulos de 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?; até capítulo 10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-((des)ambiguação.

125 Idem.

126 [(um) = (um)<sup>∞</sup>].

opacidade-absoluta (instável), que na forma de (um)-“fazer”-ambiguador, instala-se como (um)-ESTÁDIO-diádico em (um)-artefacto.

Isto porquê, ao atravessar (uma)-alucinação, o que se estrutura enquanto (uma)-forma-diádica, é (um)-véu-cognitivo-e-social que ao não separar (um)-“fazer”-(des)ambiguador-monocórdio, e formar-se como (uma)-*physis*-existencia-(in)separável na forma de (um)-“fazer”-ambiguador-diádico. É o que se real(iza) tanto em (uma)-lasca [figura ou fundo], quanto em (um)-núcleo [fundo ou figura], como (uma)-[FIGURA ou FUNDO] ou (um)-[FUNDO ou FIGURA] que, desta forma, é (uma)-alucinação-imagética-(in)separável.

(um)-artefacto [figura e fundo | lasca e núcleo] que se NEGA como (uma)-utilidade: PRIMEIRO – na forma de (um)-imaginário-topológico, como (uma)-necessidade-que-se-real(iza)-“em-si” ou como (uma)-utilidade-que-se-opera-“para-si”. Posto que (um)-artefacto não é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] de (uma)-consciência, mas «antes», (uma)-(des)ambiguação que ao atravessar (um)-“fazer”-monocórdio, é (um)-OUTRO<sup>127</sup>-(in)separável na forma de (uma)-lasca.

SEGUNDO – como (um)-artefacto que ao esvaziar (um)-imaginário-topológico, com (um)-vazio-não-vazio. Instala-se como (um)-véu que ao tornar absolutamente (instável) opaco (um)-“fazer”-monocórdio em (um)-imaginário-topológico, como (um)-turbamento-schopenhaueriano. É, desta forma, tanto como (uma)-lasca, quanto como (um)-núcleo, (um)-contingente que ao separar através de (um)-véu-imaginário, (uma)-simultaneidade-estrutural-(in)separável-cognitiva-e-social em (uma)-simultaneidade-estrutural que, de (um)-lado está como (uma)-imagem-artefacto | lasca e núcleo; e de OUTRO-lado está como (uma)-existência que atravessa (um)-“fazer” e constrói (uma)-forma-OUTRO-(in)separável | figura e fundo.

E, desta forma, como (um)-artefacto que atravessa (um)-“fazer”-(in)separável com (um)-véu, que por mais de (um)-milhão-de-anos permanece como (um)-véu-imaginário [de 2,5 à 1,8 milhões de anos] enquanto (um)-protótipo-HOMO-diádico, que ao real(izar-se) em cada (um) dos HOMO Habilis, atravessa (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social que se herda e estabiliza na forma de (um)-“fazer”, como (um)-artefacto-lítico que, estruturalmente acoplado, cognitiva e socialmente, é como (um)-véu na forma de (uma)-imagem, o que se ambígia a partir de (uma)-(des)ambiguação, ao real(izar-se) objectiva e autopoieticamente, através de (um)-“fazer”-monocórdio-(des)ambiguador, mas enquanto (um)-“fazer”-diádico que se estrutura-ambiguação.

O que ao permitir-se como (uma)-objectivação-autopoietica e atravessar (um)-hominídeo-*Australopithecus* desde (um)-“fazer”-monocórdio, é conduzido até à (um)-“fazer”-neurofisiológico

---

127 Jean Paul Sartre em *O ser e o nada*. Ver PARTE II – “Em-si” e “Para-si”, capítulos de 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?; até capítulo 10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-(des)ambiguação.

de (uma)-alucinação, que ao atravessar cada (um) dos HOMO Habilis, como (uma)-estrutura-de-ambiguação na forma de (um)-véu-imaginário, funda (um)-REAL (adjectivo), real(izando-se) como (um)-ESTÁDIO-diádico na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Pois isto, o que permite (uma)-formação de (um)-“fazer”-egóico, a partir de 1,8 (um vírgula oito) milhões de anos «antes» de (um)-presente, é (uma)-objectivação-autopoiética em (um)-véu-imaginário. O que através de (uma)-estrutura-imagética, esvazia definitivamente (um)-imaginário-topológico formando-se como (um)-REAL-topológico que ao fundar (um)-simbólico-topológico como (um)-absoluto (instável), é enquanto (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural, o que enquanto (um)-simbólico-topológico, é PURA-representação em (um)-REAL-topológico, e PURA-(ir)representação enquanto (uma)-essência na forma de (uma)-acção<sup>128</sup>.

Desta forma, ao (re)organizar-se (um)-artefacto, atravessa-se (um)-mundo. O que enquanto (uma)-forma-[lasca e núcleo | figura e fundo], separa-se a partir de (uma)-estrutura-(in)separável-cognitiva-e-socialmente-estabelecida que em cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Erectus*, ao atravessar (um)-“fazer”-sistémico, real(iza-se) como (uma)-imagem a partir de (uma)-existência-alucinada que, desta forma, ao real(izar-se) como (um)-OUTRO, não na forma de (uma)-representação que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Erectus*, mas «antes», instalado como (uma)-alucinação que ao atravessar (uma)-imagem enquanto (um)-véu-imaginário, real(iza-se) como (um)-protótipo-NEONATAL.

Portanto, se (uma)-consciência não é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que atravessa (um)-“fazer” de (um)-hominídeo-monocórdio através de (uma)-prática-objectiva e na forma de (um)-protótipo-objectivo; também não é (uma)-consciência, nem tampouco [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ao atravessar (um)-“fazer” de (um)-hominídeo-diádico, que se real(iza) como (uma)-alucinação.

Posto que, (um)-hominídeo-diádico ao afastar-se ainda mais de (uma)-consciência, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico ao estruturar (uma)-ambiguação através de (um)-“fazer”-(des)ambiguador, real(izando-se) como (uma)-forma-alucinação através de (uma)-imagem.

Entretanto, como (um)-“fazer”-diádico, é o que se provoca como (um)-lento e constante esvaziamento de (um)-imaginário-topológico, (des)encadeado por cada (uma) das objectivações autopoiéticas, que na forma de (um)-protótipo-objectivo, estrutura-se como (um)-véu na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio, atravessando (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social que funda (um)-REAL-topológico na duração de OUTRO-milhão-de-anos [de 2,5 à 1,8 milhões

---

128 Referência a condição humana da acção arendtiana.



de anos «antes» de (um)-presente]. O que se real(iza) como (um)-“fazer”-neurofisiológico, na forma de (um)-ESTÁDIO-diádico.

Assim, ao coincidir com as pesquisas e experimentações do arqueólogo da Universidade de Indiana, Nicholas Toth<sup>129</sup>. Para quem (uma)-forma-final de (um)-artefacto-lítico deste período, não dependia de (um)-modelo-mental-pré-existente em (uma)-mente do hominídeo fabricante de cada (uma) das ferramentas, mas «antes», da forma do seixo bruto ou do fragmento de pedra não modificado que, ao SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE utilizado para (um)-lascar de (uma)-pedra, real(iza-se) como (um)-artefacto.

O resultado disto é que, cada (uma) das formas nucleares tende a evoluir gradativamente. Como empiricamente foi observado por Toth e comprovado pelas (des)cobertas arqueológicas mais recentes da arqueóloga da Universidade de Stony Brook – Nova York – Sonia Harmand<sup>130</sup>. Mas até a década de 1990, muitos arqueólogos ainda acreditavam que cada (uma) das formas nucleares tinha mais interesse para cada (um) dos hominídeos do que cada (uma) das lascas. Mas Toth e Harmand, comprovaram que as formas nucleares são “subprodutos” de (uma)-manufatura-das-lascas.

Desta forma, consequentemente, o lascar de (uma)-pedra não pode SER (SEIN) considerado, ontofenomenologicamente (uma)-técnica, mas «antes», (um)-acoplamento-cognitivo-e-social que ao estruturar-se como (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio, permite-se como (um)-“fazer” que ao atravessar (um)-artefacto, estrutura-se como (uma)-real(idade), no que se real(iza) como (uma)-alucinação-diádica na forma de (uma)-imagem.

E, desta forma, como (uma)-*ergoñgenia* que ao SER (SEIN) ontofenomenologicamente investigada, como (uma)-existência, que é na forma de (uma)-ambiguação. É o que se nega através de (uma)-forma-“fazer”-(des)ambiguador como (uma)-real(ização) que ao atravessar (um)-“fazer”-diádico, na forma de [(um)-“em-si” + (um)-“para-si”], é como (um)-(in)separável, o que atravessa (uma)-alucinação – [SIM NÃO = NÃO SIM] – que se constitui como (uma)-existência-“para-si”-sartriana a partir de (uma)-*ergoñgenia*-diádica (ver QUADRO 002) na forma de (uma)-existência-egóica.

---

129 Citado por Klein, Richard G. e Edgar, Blake em “*O despertar da cultura: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana*”, trad. Ana Lúcia Viera de Andrade, Rio de Janeiro: Zahar editora, 2005, ISBN 85 7110 894 3, página 62. Não se encontram mais referências acerca deste arqueólogo.

130 Em “*An earlier origin for stone tool making: implications for cognitive evolution and the transition to Homo*” artigo pdf. em Philosophical Transactions of The Royal Society Biological Sciences, Julho de 2016 em [https://www.researchgate.net/publication/303958516\\_An\\_earlier\\_origin\\_for\\_stone\\_tool\\_making\\_implications\\_for\\_cognitive\\_evolution\\_and\\_the\\_transition\\_to\\_Homo](https://www.researchgate.net/publication/303958516_An_earlier_origin_for_stone_tool_making_implications_for_cognitive_evolution_and_the_transition_to_Homo).

#### 1.4. Protótipo NEONATAL

Contudo, segundo Sigmund Freud (1856-1939), JULGAR é (um)-“fazer” que se estrutura ao atravessar (uma)-imagem que se torna possível graças a (uma)-possibilidade: (uma)-atração de (um)-EGO à imagem (ir)representável de (uma)-alucinação que ao evocar (uma)-semelhança com (uma)-percepção de (uma)-lembrança ou diante de (um)-“haver” de (uma)-(dis)semelhança, em e «entre», (uma)-percepção de (uma)-lembrança e (um)-investimento de (um)-desejo em (uma)-lembrança, atravessa a forma de (uma)-simultaneidade, como (uma)-imagem que enquanto (um)-investimento-perceptivo de (um)-estímulo, é enquanto (uma)-lembrança-imagética, o que se evoca como (uma)-semelhança, e que ao deduzir-se a partir de (um)-“haver” de (uma)-coincidência que “há”, em e «entre», dois investimentos. É o que “faz” convergir (uma)-forma-pensamento, que enquanto (uma)-semelhança | (uma)-lembrança, ao atravessar (um)-sinal-electroquímico (neurobiológico), finaliza (uma)-actividade-pensamento, que se inicia como (um)-“fazer”-neurofisiológico em (uma)-imagem.

QUADRO 002 – Estrutura Neurobiológica

ESTRUTURA NEUROBIOLÓGICA	SIM	SIM	=	NÃO	NÃO
PROTÓTIPO OBJECTIVO	<del>SIM</del>	<del>SIM</del>	≠ (des)ambiguação “fazer”	<del>NÃO</del>	<del>NÃO</del>
VÉU IMAGINÁRIO (alucinação)	SIM	NÃO	= Imagem “em-si” + “para-si”	NÃO	SIM
PROTÓTIPO NEONATAL	SIM	NÃO	≠ Representação “em-si”   “para-si”	NÃO	SIM

QUADRO 002 – Através do enunciado lógico (SIM SIM = NÃO NÃO), o que se define é como se real(iza) (uma)-estrutura-neurobiológica. Pois (uma)-estrutura-neurobiológica é na forma de (um)-protótipo-objectivo, o que atravessa (um)-“fazer”-(des)ambiguador, como também, (uma)-representação. Entretanto, como (uma)-simultaneidade-sistémica [“em-si” + “para-si”] que ao (des)encadear-se como (um)-“fazer”, real(iza-se) na forma de (uma)-existência-linguística como (uma)-representação.

Entretanto, quando os dois investimentos, na forma de (um)-desejo | (uma)-lembrança, não coincidem, surge (um)-ímpeto. (um)-acontecimento que se “faz” como (uma)-actividade-pensamento, e que voltará a SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE interrompido por (uma)-coincidência, em e «entre», (um)-investimento e (uma)-lembrança.

Esta explicação, pode SER (SEIN) ontofenomenologicamente mais bem entendida, quando ao pensar acerca de (uma)-necessidade de (um)-NEONATO em comer, como (um)-desejo | (uma)-existência-não-linguística na qual investe (um)-NEONATO, e que neste acto, a partir de (uma)-imagem de (uma)-lembrança que enquanto (uma)-necessidade, tem a forma de (um)-peito-de-mãe. Se é-lhe dado esta forma de (um)-peito-de-mãe, satisfaz-se (uma)-necessidade do NEONATO, porque “há” coincidência, em e «entre», (um)-investimento-perceptivo do NEONATO (necessidade) e (uma)-lembrança de (uma)-imagem (utilidade) no acto de (um)-investimento de (um)-desejo em (uma)-lembrança enquanto a forma de (um)-“fazer”.

O que “faz” com que cada (um) dos investimentos, em [(uma)-necessidade e em (uma)-utilidade] coincidam, interrompendo (uma)-actividade-pensamento (“choro”) do NEONATO devido a (um)-estabelecimento de (uma)-coincidência, em e «entre», (uma)-lembrança e (um)-desejo. O que ao atravessar (uma)-estrutura-imagética, permite ao NEONATO que se alimente (“fazer”).

(Re)colhe-se esta noção de (uma)-estrutura-imagética proposta na OBRA escrita em 1895 por Sigmund Freud (1856-1939) “*Projecto para uma Psicologia Científica*”. Na qual (uma)-ideia de que cada (um) dos NEONATOS HUMANOS em (uma)-relação com a MÃE, “alucina” que a MÃE, percebida como amparo e alimento, é também (um)-próprio-corpo do NEONATO enquanto (uma)-simultaneidade-estrutural-(in)separável-cognitiva-e-social que “faz” da MÃE, o que torna (um)-mundo-possível ao NEONATO.

(uma)-consequência de (uma)-*physis*-existência-imagética que na forma de (um)-protótipo-NEONATAL, segundo Freud, é (um)-facto que não se constrói conceitualmente como (uma)-percepção do NEONATO. Mas, real(mente) na forma de (uma)-imagem-(in)separável [talvez o mais adequado fosse referir-se como (uma)-percepção-(in)separável] de que “há” enquanto (uma)-imagem (alucinação).

Mas, é bem (uma)-real(idade) que (uma)-explicação-freudiana para esta questão perceptiva do NEONATO, não tem a forma desta escrita, que aqui foi empregada e até esta altura, desta dissertação, desenvolveu-se como (uma)-forma-argumentação à partir de alguns factos de base biológica, antropológica e psicanalítica, acerca do que se percebe como fundamentos necessários para compreensão de (uma)-*ergoígenia*, que se real(iza) em cada (uma) das existências linguísticas HUMANAS. O que na forma de (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-topologia-linguística, não (in)valida, de (um)-ponto-de-vista da topologia-linguística, (uma)-forma-de-argumentar até aqui empreendida.

Entretanto, como (uma)-atenção desta investigação, volta-se para (uma)-*ergoígenia* de cada (uma) das existências linguísticas HUMANAS, cada (uma) como (uma)-definição de (uma)-real(idade) que enquanto (uma)-formalidade, em (um)-sistema-topologia-linguística, é como (uma)-

representação que se crê suficiente, para justificar cada (uma) das argumentações até aqui ainda pouco filosóficas. Mas também, chama-se (uma)-atenção para (um)-facto de que esta tipologia de argumentação, acerca de (um)-NEONATO-HUMANO, suscita (uma)-questão: (um)-protótipo-NEONATAL, proposto na forma de (uma)-topologia-linguística a partir de (uma)-observação-freudiana, é FILOGÊNICO ou ONTOGÊNICO?

O que decorre a partir desta pergunta, é que PRIMEIRO procurou-se lidar com (um)-“fazer”-sistémico-monocórdio, mas não imagético, através de (um)-protótipo-objectivo; e SEGUNDO procurou-se lidar com (um)-véu-imaginário, como (uma)-estrutura-imagética, na forma de (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-protótipo-objectivo-monocórdio.

Ou seja, como (uma)-prática-objectiva que não separa estruturalmente, (uma)-simultaneidade-estrutural-(in)sepável-cognitiva-e-social, através de (uma)-imagem, outrossim, estrutura-se como (um)-véu para real(izar-se) como (uma)-forma-DEVIR-separadora que finalmente, possa estabelecer-se como (uma)-vinculação com (um)-protótipo-NEONATAL [o DEVIR separador], enquanto (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-véu-imaginário que ao esvaziar definitivamente (um)-imaginário-topológico, funda (um)-REAL-topológico que se real(iza) como (um)-simbólico-topológico. (um)-“lugar” que na forma de (um)-sistema-fechado, é tratado como (uma)-existência-linguística. Mas em (uma)-topologia-linguística, é tratado como (um)-“lugar” de cada (uma) das existências (ir)representáveis, que a partir de cada (uma) das essências que “há” em (um)-REAL (adjectivo), na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, real(izam-se) como representações na forma de (um)-PAR-imagético<sup>131</sup> em (um)-simbólico-topológico (substantivador).

Ou seja, (uma)-imagem (alucinação) [“em-si” + “para-si”], que ao instalar-se a partir de (um)-atravessamento-sistémico, estrutura-se cognitivamente e socialmente, como (uma)-existência-milenar através de (uma)-culturalização<sup>132</sup> que ao acoplar-se como (uma)-estrutura à forma de (um)-“fazer”, real(iza-se) como (uma)-representação a partir de (uma)-percepção de (uma)-imagem que, ao ter (uma)-origem em (uma)-*ergoígenia*, estabelece-se como (um)-protótipo-NEONATAL.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, funde (um)-mundo através de (uma)-imagem, na forma de (uma)-alucinação. Ou seja, (uma)-imagem-da-MÃE é (uma)-imagem-própria-do-NEONATO que enquanto (uma)-alucinação (imagem), ou mais precisamente, como (uma)-imagem-própria, é (um)-“fazer” do NEONATO que, desta forma, “faz-se” representação na forma de (um)-PAR-imagético.

---

131 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.5. Hipótese do PAR imagético.

132 Estrutura que ao artificializar (um)-mundo através de cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico, aumenta (uma)-massa-recalcante porquê se real(iza) através de cada (uma) das actividades humanas, como (uma)-decorrência de (uma)-acumulação-e-transferência-de-conhecimento de (uma)-geração à OUTRA-geração.

Pois esta é (uma)-ideia que se real(iza) como (um)-conceito na forma de (um)-protótipo-NEONATAL, e que (uma)-filosofia-contemporânea vai afirmar que é (uma)-imagem-(im)possível. Ainda mais quando se perceber que (um)-protótipo-NEONATAL é (uma)-*ergoñgenia* que se real(iza) na forma de (uma)-representação.

Isto porquê, como (uma)-representação de (uma)-imagem (alucinação) na forma de (um)-conceito, é o que ao ocupar (um)-“lugar”<sup>133</sup>, em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-ontologia-filosófica, segundo (uma)-filosofia-tradicional, na forma de (um)-(im)possível. O que, desta forma, ao decorrer a partir de (um)-estímulo-(im)provável na forma de (um)-não-SER, ontofenomenologicamente é (um)-vir-a-SER (DEVIR) que na forma de (um)-fenómeno, e enquanto tal, segundo (uma)-fenomenologia, [existe e manifesta-se], na forma de cada (uma) das representações.

O que de (um)-ponto-de-vista-filosófico, define (uma)-representação como (uma)-imagem-estrutural que ao resultar de (uma)-fusão-manifesta de (uma)-percepção com (uma)-ideia, é em (um)-sistema-topologia-linguística, o que corresponde a (uma)-fusão de (uma)-necessidade, na forma de (um)-desejo | existência-não-linguística; com (uma)-percepção de (uma)-utilidade. Ou seja, (uma)-representação de (um)-investimento em (uma)-lembrança-perceptiva que na forma de (uma)-utilidade, é (um)-investimento de (um)-desejo em (uma)-lembrança a partir de (uma)-forma-necessidade<sup>134</sup>.

Portanto, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação é (uma)-formalidade-sistémica que ao estabelecer-se segundo (uma)-simultaneidade de (uma)-necessidade-neuro-BIO-fisiológica com (uma)-utilidade-neuro-BIO-fisiológica, e não devido a (uma)-consciência, é a partir de (uma)-simultaneidade-sistémica, (uma)-possibilidade como (uma)-representação que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-“fazer”.

### 1.5. Hipótese do PAR-imagético

E a partir desta afirmação, concebe-se que em (uma)-topologia-linguística e a partir de (uma)-tríade-peirceriana<sup>135</sup>, proposta por Charles Sanders Peirce (1839-1914), (uma)-imagem (alucinação) definida por Sigmund Freud (1856-1939), na forma do que se argumenta em “*Projecto*

---

133 (um)-“lugar”, com o mesmo sentido de (um)-ponto-de-vista.

134 Questões relacionadas tanto à esta pergunta, quanto à cada (uma) das interações de (um)-NEONATO, podem SER ONTOFILOGENICAMENTE mais bem estudadas e comprovadas, a partir das observações do médico psicanalista austríaco René Árpád Spitz (1887-1974).

135 (uma)-tríade-pierceriana [signo | objecto | interpretante], é dotada de (uma)-relação que ao resultar de (uma)-interacção de (um)-interpretante com (um)-signo, contempla (um)-interpretante com (um)-significado. A partir da OBRA “*Semiótica*” de Charles Sanders Peirce, editora Perspectiva, São Paulo, 4ª edição, 2015.

*para uma psicologia científica*” (1895), é o que enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, atravessa (um)-véu-imaginário que se real(iza) como (uma)-formalidade, a partir de (uma)-imagem e enquanto (uma)-simultaneidade. (uma)-alucinação<sup>136</sup> a partir da qual se real(iza) (uma)-representação.

Portanto, (uma)-representação segundo (uma)-topologia-linguística, é o que acontece, sistêmica e estruturalmente, como (um)-PAR-imagético enquanto (uma)-imagem-própria-do-NEONATO [interpretante] que na forma de (uma)-alucinação, enquanto (uma)-simultaneidade, funde (uma)-imagem-da-MÃE [alucinação] com a forma de (um)-significante [objecto | representação], que ao real(izar-se) como (uma)-imagem-própria-do-interpretante [NEONATO], a partir de (um)-“fazer”, é o que se real(iza) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE<sup>137</sup> e não na forma de (um)-signo-linguístico-saussureano [significante | significado]. O que enquanto (um)-PAR-imagético [representável | (ir)representável] que se real(iza) como (uma)-interacção-linguística em “UM-sistema-topologia-linguística, é como (um)-“fazer”, (uma)-*ergoígenia* e não (uma)-realidade.

Isto porquê, (um)-signo-linguístico-saussureano em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-significante. Ou seja, não é (uma)-estrutura, mas «antes», (um)-acontecimento-sistémico.

O que se estabelece, em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-formalidade que ao atravessar (uma)-estrutura, (trans)forma-se em (uma)-imagem-própria-do-NEONATO, na forma de (um)-“fazer” que ao fundir-se com (uma)-imagem-da-MÃE, funda (um)-mundo na forma de (um)-objecto (representação). O que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade) na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] a partir de (uma)-alucinação, é enquanto (uma)-imagem-da-MÃE, (uma)-imagem-PAR-do-NEONATO que se torna em (uma)-representação que na forma de (um)-PAR-imagético, real(iza-se) sistêmica e estruturalmente a partir de (uma)-(ir)representação, em (um)-simbólico-topológico como (uma)-representação assimétrica.

Posto que “há” (um)-“haver” que na forma de (um)-recalcamento é (uma)-imagem-própria-do-NEONATO, que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE ocultada, real(iza-se) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, que se forma como (um)-EGO. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-suposição que se apresenta como (um)-fundamento de cada (um) dos objectos (representações). O que a partir de (um)-acontecimento-significante, é o que se real(iza) em (um)-ESTÁDIO-egóico<sup>138</sup>.

---

136 Segundo Sigmund Freud (1856-1939), (um)-NEONATO alucina (uma)-existência-própria com (uma)-existência-da-mãe. Como (um)-recalcamento “(des)faz” (uma)-alucinação, parte-se do princípio que psicanaliticamente, (um)-recalcamento real(iza-se) na forma de (uma)-representação, ao recalcar (um)-PAR-imagético de (uma)-alucinação que, enquanto (uma)-imagem, é o que se real(iza) na forma de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM].

137 Veja QUADRO 011 – *Schema* SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE.

138 Veja capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.3. Egóico.

(uma)-imagem (alucinação) que ao gerar (um)-acontecimento-significante na forma de (uma)-representação, estrutura-se linguisticamente como (um)-PAR-imagético, ao relacionar (um)-significante, na forma de (uma)-representação, como o que se apresenta na forma de (uma)-triáde-peirceaniana (ver QUADRO 010), mas não como (um)-objecto, outrossim, como (um)-acontecimento-linguístico (alucinação | PAR-imagético), que segundo (uma)-topologia-linguística, é sistêmico e não fenomênico. O que se real(iza) a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que é enquanto (uma)-(ir)representação, o que não se real(iza) como (uma)-forma-significação, outrossim, enquanto (uma)-representação assimétrica.

Portanto, (um)-significante que em (um)-sistema-topologia-linguística, é [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que a partir de (uma)-imagem (alucinação) [SIM NÃO = NÃO SIM] é o que ao real(izar-se) como (uma)-representação [SIM NÃO ≠ NÃO SIM], acontece na forma de (um)-PAR-imagético e não como (uma)-imagem-acústica, como propõe Ferdinand de Saussure (1857-1913) enquanto (uma)-estrutura [significante | significado], outrossim, como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[(ir)representação | representação] que em (um)-simbólico-topológico-fechado, como (uma)-existência-heurística, é (uma)-representação assimétrica.

O que em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (um)-acontecimento-significante, real(iza-se) a partir de cada (uma) das interações sistêmicas como (um)-PAR-imagético, que enquanto (uma)-[existência + manifestação], é o que se real(iza) como ÚNICA forma possível que atravessa cada (uma) das subjectividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos, estabelecendo-se como (uma)-real(ização)-colectiva a partir de cada (uma) das real(izações) individuais. O que ao atravessar cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas, é o que se tipifica, na forma de (um)-“fazer” e a partir de (uma)-*ergoígenia*, como o que se real(iza) enquanto (uma)-sociedade.

Desta forma, (uma)-imagem (alucinação) em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que enquanto (um)-conceito, é o que codifica (um)-estímulo na forma de (um)-sinal-electroquímico, tornando-se em (uma)-representação, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. (uma)-representação que em (uma)-topologia-linguística, acontece em (um)-REAL-topológico a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. O que enquanto (uma)-real(ização), ao apresentar-se como (uma)-essência-[existência + manifestação] na forma de (uma)-prática-linguística, é sistêmica e não fenomênica.

Pois, sistemicamente (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é (uma)-*ergoígenia*. O que enquanto (uma)-formalidade, é o que se real(iza) como (um)-acontecimento-significante que, desta forma, enquanto (uma)-representação é como todo-

(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há”, (uma)-forma-dinâmica que se “faz” como (uma)-*ergoígenia* em cada (um) dos sistema vivos humanos.

Isto porquê, ao provocar (uma)-separação na forma de (uma)-estrutura-imaginária-(in)separável [véu-imaginário], o que se estabelece, desta forma, é (um)-acontecimento-significante que em (um)-REAL-topológico, real(iza-se) segundo Peirce, na forma de (um)-interpretante [sistema vivo humano] que segundo (uma)-topologia-linguística, é como (um)-“lugar”. O que não “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos (um)-sujeito, mas «antes», (um)-acontecimento-linguístico que ao real(izar-se) através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (uma)-topologia-linguística, atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, real(izando-se) como (uma)-representação que, desta forma, é estruturalmente como (um)-PAR-imagético, o que se permite como (uma)-formação em (um)-simbólico-topológico, a partir de cada (uma) das interacções sistémicas que se operam, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que se real(izam), desta forma, como (uma)-real(idade).

O que enquanto (um)-PAR-imagético que se estrutura, formal e sistemicamente, como (uma)-representação, ao decorrer como (um)-acontecimento-linguístico, é enquanto (um)-PRIMEIRO-acontecimento ocorrido em (um)-período-pré-histórico, o que segundo (uma)-topologia-linguística, é histórico para além do que, fundamental e fundacional, de (uma)-linguagem como é hoje conhecida, como também, de cada (uma) das línguas ainda conhecidas, (des)conhecidas ou já (des)aparecidas. Pois o que permite argumentar acerca desta altura do Paleolítico Superior, é precisamente o que se real(iza) em (um)-período-das-pinturas-rupestres, a partir do qual acredita-se que se desenvolve (uma)-linguagem na forma que tem evoluído até aos dias actuais.

Vale ressaltar que cada (uma) destas actividades desenvolvidas no profundo das cavernas, foram (re)veladas e definidas como arte, somente em (uma)-actualidade. O que deixa (uma)-importante-indagação: o que definia e condicionava, estrutural e sistemicamente, cada (uma) destas actividades em cada (um) dos caçadores poetas, autores de cada (uma) destas representações?

Especula-se a partir de (uma)-topologia-linguística, que «dentro» de (um)-espectro de cada (uma) das formas sociais de interacção colectiva, cada (uma) destas actividades ritualísticas, afirmava-se como (uma)-interacção-linguística-de-identidade-subjectiva-individual-e-colectiva. (uma)-forma-de-identificar (uma)-colectividade enquanto (uma)-forma-sociedade que ao existir colectivamente, através de cada (uma) das subjectividades individuais envolvidas na constituição de (uma)-sociedade, real(iza-se) como (uma)-real(idade)-identitária.

Mas, cada (uma) destas interacções linguísticas de identidade subjectiva individual e colectiva, acontecem como (uma)-forma-contingente. O que na forma de (uma)-acção, é o que se estabelece em (uma)-simultaneidade, como (uma)-identidade-de-grupo e também, como (uma)-



construção-de-mundo. O que simultaneamente atravessa (uma)-forma-sociedade com (um)-véu-imaginário, separando através de cada (uma) das representações “separação”, o que se realiza como (uma)-*ergoígenia*, que atravessa (um)-recalcamento na forma de (uma)-real(ização). O que, segundo Freud, definia-se como originário e por isto, opera-se como (um)-atractor que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) em cada (uma) das acções-PAR, de cada (uma) das representações que “há” como (uma)-real(idade).

Isto porquê, ao decorrer (uma)-objectivação-autopoiética na forma de (um)-véu-imaginário, está lançado cada (um) dos alicerces de (uma)-linguagem que a partir de (uma)-imagem (alucinação), ao estabelecer-se na forma de (um)-simbólico-topológico através de cada (uma) das representações e a partir de cada (uma) das actividades cri(ativas), que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo), define-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-indivíduo.

O que viabiliza, desta forma, (uma)-fundamentação para (um)-entendimento de (uma)-vita-activa<sup>139</sup> como (uma)-existência-essencialmente-laborans<sup>140</sup>-e-autopoiética<sup>141</sup>. (uma)-argumentação que ao defender-se, baseia-se em (uma)-autonomia, como também, em (uma)-capacidade de cada (um) dos sistemas vivos humanos para autodefinir-se e organizar-se estruturalmente, a partir de (um)-acoplamento-cognitivo-e-social. [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que segundo Maturana e Varela, é estrutural e segundo (uma)-topologia-linguística, é sistémica.

---

139 Três actividades humanas fundamentais: labor, trabalho e acção. Propostas por Hannah Arendt (1906-1975) como actividades humanas fundamentais. Porquê a cada (uma) delas, corresponde (uma) das condições básicas mediante as quais, a vida foi dada ao homem na Terra. Hannah Arendt em “*A condição humana*”, editora Relógio D'água, página 19.

140 Actividade proposta por Hannah Arendt (1906-1975) que corresponde ao processo biológico do corpo humano: crescimento, metabolismo e morte. Tem a ver com cada (uma) das necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo Labor no processo da vida. Hannah Arendt em “*A condição humana*”, editora Relógio D'água, página 19.

141 Característica proposta por Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001) acerca de (uma)-capacidade de (um)-sistema-vivo “autoconstruir-se e autodefinir-se” autonomamente a partir de (uma)-(re)organização de cada (uma) das suas partes componentes.

O que ao definir-se, desta forma, como (uma)-*physis*-existência-linguística na forma de (uma)-sistemática-de-vida, é o que se real(iza) através de (um)-recalcamento<sup>142</sup>-temporal-e-milenarmente-cultural, na forma de (um)-“fazer”-egóico.

#### 1.6. PRIMEIRA representação

Portanto, (uma)-representação de (um)-ANIMAL na parede de (uma)-caverna é (um)-MUNDO na forma de (uma)-PRIMEIRA-representação. (uma)-alucinação que ao estabelecer-se na forma de (uma)-representação, real(iza-se) como (uma)-ONTOGENIA-cultural-FILOGENICAMENTE, estabelecendo-se enquanto (uma)-forma-activa, na forma de (um)-acontecimento-linguístico, a partir de (um)-protótipo-NEONATAL. (uma)-prática-linguística que ao conservar (uma)-lembrança, na forma de (uma)-representação, atravessa (um)-recalcamento na forma de (um)-PAR-imagético, como (um)-[representável | (ir)representável] de (uma)-forma-lembrança.

(uma)-forma que ao contemplar-se como (uma)-imagem (alucinação), real(iza-se) como (uma)-forma-ANIMAL (alucinação | representação) que é (uma)-*ergoñgenia* de cada (uma) das representações. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-gênese que na forma de (uma)-culturalização<sup>143</sup>, tem como (uma)-*ergoñgenia* (um)-“fazer”-monocórdio-(des)ambiguador, que na forma de (uma)-representação, real(iza-se) como (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

(um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio que ao (des)ambíguar-se através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, atravessa (uma)-estrutura-neurobiológica como (um)-“fazer”-

142 Em 1915, Sigmund Freud escreve em Recalcamento: “Temos motivos suficientes para supor que existe um recalcamento originário, uma primeira fase de recalcamento que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes ...”. (um)-recalcamento-originário segundo Freud marca (uma)-cisão em (uma)-vida-anímica decorrente de (uma)-primeira-representação (alucinação neonatal). O que delimita cada (um) dos registos imaginário | REAL | simbólico, possibilitando (uma)-estruturação de (uma)-linguagem e, desta forma, também (uma)-formação de “OUTRO(s)” níveis de recalcamento (primário e secundário). Segundo Freud, (um)-recalcamento-originário (Urverdrängung) marca (uma)-cisão de (uma)-vida-anímica ao expulsar de (uma)-consciência, as primeiras representações intoleráveis associadas à pulsão. Delimitando, desta forma, as áreas consciente e inconsciente e possibilitando cada (um) dos recalcamientos posteriores. A premissa de Freud é a de que cada (uma) das representações, para poder SER ONTOFILOGENICAMENTE recalcada, precisa SER atraída por representações originariamente recalculadas. Nesta investigação, (um)-recalcamento-originário também marca (uma)-cisão como (uma)-decorrência de (uma)-primeira-representação. Entretanto, o que nesta investigação define-se como (uma)-primeira-representação, é (uma)- ideia (forma) de que TODA representação estabelece-se na forma de (um)-PAR-representacional (representável | (ir)representável) assimétrico. Porquê cada (um) dos pólos é sempre (uma)-imagem-(ir)representável que ao esvaziar (um)-imaginário-topológico, opera-se como (um)-ELO-atractor para cada (uma) das representações em (um)-REAL-topológico. O que funda (um)-simbólico-topológico. Dicionário de Psicoanálises, de Jean Laplanche e Jean Bertrand Pontalis, sob a direção de Daniel Lagache, da Paidós Editora, em 2004, com tradução de Fernando Gimeno Cervantes, e Dicionário de Psicanálise, de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, da Editora Zahar, em 1998, com tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães, e do Volume XIV das obras completas de Freud em [www.freudonline.com.br/livros/volume14](http://www.freudonline.com.br/livros/volume14) 4. Repressao 1915].

143 Processo que artificializa (um)-mundo aumentando (uma)-massa-recalcante através de cada (uma) das actividades humanas decorrentes de (uma)-acumulação e (uma)-transferência de conhecimento de (uma)-geração à OUTRA-geração.

MÚLTIPLO-PURO, que na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} sistêmico e neurobiológico, acopla-se em cada (uma) das sistemáticas de vida HUMANA, real(izando-se) como (uma)-real(idade).

O que ao viabilizar-se através de (uma)-objectivação-autopoiética, atravessa (uma)-alucinação, que na forma de (uma)-imagem, é como (um)-decorrência de (um)-véu-imaginário, (uma)-existência-linguística que ao basear-se em (uma)-estrutura-de-ambiguação, real(iza-se) como (uma)-forma-representação, ao (des)ambiguar-se e instalar-se como (uma)-formalidade, que ao recalcar-se e separar-se, oculta-se em (uma)-estrutura-ambígua que se funda em (um)-REAL-topológico, ao atravessar (um)-acontecimento-linguístico, e apresentar-se como (uma)-representação. O que, entretanto, ao tornar-se visível em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há” na forma de (um)-linguístico, separa (um)-MUNDO de cada (um) dos sistemas vivos humanos, curiosamente, “simultaneizando-os”<sup>144</sup> ao atravessar (um)-DEVIR que na forma de (um)-protótipo-NEONATAL, enfim apresenta-se como (um)-MUNDO, na forma de (uma)-representação.

Por isto, real(mente) (uma)-noção-de-“PRIMEIRA representação”, não é (uma)-imagem-própria de (um)-NEONATO na forma de (uma)-representação, outrossim, (um)-sem-fim-de-imagens que na forma de (uma)-coleção, é enquanto (um)-MÚLTIPLO (uma)-imagem-própria-do-NEONATO que sendo (uma), e quiça somente (uma)-PRIMEIRA em (uma)-(in)finidade-de-possíveis enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE, é o que na forma de (uma)-culturalização, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-ESTÁDIO-egóico.

Portanto, (uma)-PRIMEIRA-representação é (uma)-ideia de que cada (uma) das representações estrutura-se na forma de (um)-PAR-imagético, a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que ao atravessar (uma)-imagem (alucinação) oculta-se em (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica, que na forma de (uma)-representação, é segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-atravessamento-simultâneo-sistêmico-cognitivo-e-social que se real(iza) como (um)-acontecimento-significante, assumindo-se como (uma)-conformidade em (uma)-formalidade enquanto (uma)-real(idade) não simétrica à (uma)-realidade.

E, desta forma, como (um)-PAR-imagético que não é simétrico, outrossim, (uma)-formalidade-(as)simétrica que inicialmente, como (uma)-forma-acontecimento-significante, é (uma)-real(ização) que oculta assimetricamente (uma)-simultaneidade na forma de [(uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE + (um)-acontecimento-significante]. O que enquanto (uma)-PURA-MULTIPLICIDADE-topológica, é o que se real(iza) como (um)-PAR-imagético, sistêmica e interactivamente (estável), em (uma)-topologia-linguística-[imaginário | REAL | simbólico].

O que “faz” com que cada (um) dos pólos de (um)-PAR-imagético, tanto o PAR-visível (atractor), quanto o PAR-oculto (ELO), seja sempre (uma)-(ir)representação que enquanto (uma)-

---

144 Não está errado.

simultaneidade-ELO-atractor, é [(uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE (ELO) + (uma)-formalidade-acontecimento-significante (atractor)] que se real(iza) como (uma)-representação. Porquê “há” (um)-recalcamento (ELO) de (um)-atractor-[existência + manifestação].

Neste estudo, para que se tenha (um)-exemplo-prático de (uma)-condição-de-recalcamento, supõe-se que “há” (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-primordial que enquanto (uma)-existência-não-linguística, é inicialmente o que existia como (um)-imaginário-topológico na forma de (um)-EGO<sup>145</sup> que se ocultava na forma de (uma)-existência-não-linguística como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-primordial, como (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica que se real(iza) na forma de (um)-fetichismo-absoluto (instável) «sobre» a forma de cada (uma) das “coisas” sociais.

Mas que ao assumir-se como (uma)-formalidade, na forma de (um)-“EU”-pronominal, esvazia-se enquanto (um)-imaginário-topológico, fundando (um)-REAL-topológico e delimitando cada (um) dos TOPOS em (uma)-topologia-linguística – imaginário, REAL e simbólico – que, desta forma, real(iza-se) como (um)-sistema-de-“lugares” que, enquanto tais, em cada (uma) das interacções linguísticas, organizam-se e real(izam-se) como cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos, como também, em cada (uma) das características formais, estruturais e sistémicas de cada (um) dos registos linguísticos em (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que (um)-“EU”, na forma de (um)-EGO – aqui suposto – é como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que se real(iza) também como (um)-ELO, em e «entre», (um)-atractor, na forma de (uma)-“coisa”-aparência, e (uma)-representação, enquanto (uma)-formalidade.

Cabe aqui e AGORA enfatizar que para Lacan, os três registos psíquicos estão juntos de (uma)-tal-forma que não “há” (um), sem (uma)-formação de TODOS. Do que se pode avançar acerca de (uma)-pergunta «sobre» (uma)-possibilidade de (uma)-alucinação (imagem) na forma de (uma)-representação. Apesar de, nesta altura, já estar respondida, mas com a finalidade de tão somente (re)iniciar (uma)-argumentação-filosófica a partir de cada (uma) das questões ontofenomenológicas fundamentais que se apresentam.

Desta forma, a partir de cada (uma) das conclusões do arqueólogo Nicholas Toth, pode-se crer que, tendo passado mais de (um)-milhão-de-anos, (uma)-cultura-lítica herdada pelos HOMO *Habilis* a partir dos homínidos *Australopithecus*, modificou-se devido a (uma)-mudança-estrutural-e-sistémica-cognitiva-e-social, e não devido a (um)-aumento-da-massa-cerebral. Visto que (uma)-massa-cerebral de (um)-*Australopithecus*, variava de 400 até 500 cm<sup>3</sup>; pouco maior que (uma)-massa-cerebral de (um)-pan-troglodytes [(um)-chimpanzé-comum-actual], que varia de 300 até 500

---

145 Aqui em (um)-ESTÁDIO-cognitivo-egóico, é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, supõe-se como (um)-EGO-SOBRE-significante.

cm<sup>3</sup>; e (uma)-massa-cerebral dos HOMO *Habilis*, variava dos 450 até aos 750 cm<sup>3</sup>. Pois é este (um)-factor-estatístico que leva (uma)-topologia-linguística a especular que (um)-aumento-da-massa-cerebral favorece e simultaneamente é favorecido por (uma)-especificidade-estrutural-e-sistémica-cognitiva-e-social. O que, desta forma, a partir do que propõem Maturana e Varela, é na forma de (um)-acoplamento-estrutural, a partir do que se argumenta, que (um)-aumento-de-massa-cerebral acopla-se a (uma)-especificidade-estrutural-e-sistémica-cultural.

O que como (uma)-consequência, “faz-se” especular que a partir de (uma)-topologia-linguística, (uma)-extinção de (um)-género-hominídeo precedente, ocorreu devido a (um)-provável, que é (im)provável, factor sistémico decorrido. «Entre» os quais (uma)-alteração em (uma)-estrutura-*physis*-existencial-cognitiva-e-social, «entre» tantos OUTROS factores que se podem verificar, ou até, eventualmente averiguar: tempo de maturação cerebral, tempo gestacional, dependência do NEONATO, conduta cultural, alterações climáticas, «entre» OUTROS factores sistémicos passíveis para (uma)-(trans)formação de (uma)-condição-cultural, condizentes com (um)-acoplamento-estrutural (cognitivo e social).

Mas, salienta-se que o que é (uma)-questão para esta investigação, não é tanto (uma)-biologia, nem tampouco (uma)-antropologia, outrossim, (um)-desenvolvimento-*physis*-existencial-e-linguístico como (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA, que ao levar cada (um) dos sistemas vivos humanos, factualmente de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, até a (uma)-representação, na forma de (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade que se real(iza) na forma de (um)-acontecimento-linguístico, é o que se instala como (uma)-forma-de-existência-manifesta, estrutural e sistemicamente como (um)-sistema-vivo-linguístico.

### 1.7. Acontecimento linguístico

Posto que, é (uma)-real(ização) de (uma)-representação o que enfim separa (um)-artesão de (um)-artefacto, fundando (um)-ESTÁDIO-egóico a partir de (um)-acontecimento-linguístico, que ao tomar a forma de (uma)-representação, real(iza-se) como (uma)-real(idade). Isto porquê (uma)-representação é (um)-acontecimento-linguístico que ao permitir (uma)-separação de (um)-artesão de (um)-artefacto, real(iza-se) na forma de (um)-acontecimento-linguístico, como (um)-atravessamento-estrutural que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, estabiliza a forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação, como (uma)-imagem-alucinação. O que na forma de (um)-(in)separável, permite (uma)-separação de cada (uma) das “coisas” aparentes, ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética que se real(iza) em cada (uma) das formas de cada (uma) das existências

linguísticas, como (uma)-real(idade) que enquanto (uma)-formalidade, acontece sistemicamente como (uma)-*ergoígenia*.

(uma)-formalidade que ao decorrer a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, projecta-se sistémica e estruturalmente, em (um)-estruturante-linguístico que na forma de (um)-acontecimento-linguístico real(iza-se) significante, como (um)-objecto que a partir de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é enquanto (uma)-“coisa”-aparência, o que se instala como (um)-linguístico na forma de (um)-PAR-imagético. (uma)-representação que ao “fazer-se” como (uma)-contingência, separa cada (um) dos sistemas vivos humanos de (um)-MUNDO. Real(izando-os), formal, estrutural e sistemicamente como significantes que enquanto formalidades, real(izam-se) mundanidade em (um)-sistema-topologia-linguística, que se define como (uma)-real(idade).

Curiosamente, isto é o que estrutura (uma)-(-des)ambiguação para real(izar-se) como (uma)-representação a partir de (uma)-alucinação (imagem). O que em (uma)-conformidade com (um)-(in)separável [lasca e núcleo | figura e fundo], atravessa (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (um)-véu-imaginário, é o que se real(iza) como (uma)-representação. (um)-acontecimento-linguístico que a partida não é linguístico, outrossim, antropológico e na forma de (uma)-objectivação-autopoiética, o que se torna (um)-linguístico, ao atravessar (um)-protótipo-NEONATAL.

(uma)-alucinação que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico e segundo (uma)-*ergoígenia*, toma a forma de (uma)-representação. Real(izando-se) como (uma)-“coisa”-aparência, que na forma de (uma)-real(idade) é a partir de (um)-acontecimento-linguístico, o que ao definir-se como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade, é (uma)-*ergoígenia*. (um)-comportamento que se real(iza) em (uma)-conformidade com (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social. E que em (uma)-conformidade com (uma)-ontologia-heideggeriana, é como (um)-modo-de-existir, o que ao atravessar (uma)-representação, segundo o que se define em (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-real(idade) [representação].

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se pode definir como (uma)-*physis*-existência-linguística. Entretanto, como (uma)-existência-linguística que se “faz” possível somente a partir de (uma)-*ergoígenia*, que deve SER ONTOFILOGENICAMENTE observada ontofenomenologicamente através de (uma)-topologia-linguística. Posto que, o que permite definir cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas como (um)-“lugar” em cada (uma) das interacções linguísticas, enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-facto de que “há”, em todo-(um)-“haver”, representações.

Portanto, de acordo com (uma)-ontologia-heideggeriana e segundo (um)-modo-de-SER; (um)-acontecimento-linguístico pode SER ontofenomenologicamente: biológico, antropológico ou

linguístico. Entretanto, (uma)-*ergoígenia*-linguística de (um)-acontecimento-linguístico é: (um)-biológico, em (um)-imaginário-topológico; (um)-antropológico, em (um)-REAL-topológico e (um)-linguístico, em (um)-simbólico-topológico.

Pois, desta forma, cada (uma) das representações em (um)-simbólico-topológico, é como (um)-acontecimento-linguístico que ao real(izar-se)-“em-si”, existe como (um)-intervalo-topológico-linguístico que na forma de (uma)-representação é (uma)-formalidade. Posto que, em (uma)-topologia-linguística, o que se opera como (um)-“lugar” e também como (um)-intervalo-fechado-“em-si”, é o que enquanto (um)-intervalo-topológico-linguístico, que é (in) finito mas o que se define segundo (uma)-precisão-subjectiva-homeomórfica. O que enquanto (um)-“fazer”-“em-si”, é o que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*, na forma de (uma)-temporalidade<sup>146</sup>.

E, desta forma, pode-se interpretar todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, enquanto (uma)-existência-linguística que em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-linguístico. O que, desta forma, estabelece que cada (uma) das representações, é (um)-acontecimento-linguístico que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE observado ontofenomenologicamente, como (uma)-interacção-linguística, na forma de (uma)-topologia-linguística. O que ao definir cada (uma) das existências linguísticas, funda (um)-simbólico-topológico como (um)-acontecimento-visível. O que ao tornar-se (uma)-formalidade, é (uma)-representação.

Com esta argumentação, o que se tenciona demonstrar é que cada (um) dos modelos de observação propostos por cada (uma) das correntes filosóficas, está sempre inserido em (um)-contexto de existência simbólica que se fecha “em-si” como (uma)-existência-“para-si”. O que implica que cada (um) dos conceitos acerca de (uma)-existência em (uma)-real(idade), está sempre assente, como (um)-“lugar”, em (um)-simbólico-topológico. O que a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, decorre de (um)-facto de que cada (uma) das constantes questões *physis* existenciais de cada (um) dos sistemas vivos humanos, acerca de (uma)-existência e de (uma)-realidade, é em (uma)-ontologia-filosófica, o que está sempre a SER ONTOFILOGENICAMENTE real(izado) ontofenomenologicamente, a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado.

A partir do que se estabelece que (um)-sistema-topologia-linguística é mais (uma)-corrente do pensamento filosófico que se questiona acerca de (uma)-existência e de (uma)-realidade. Se for vista em termos estritamente filosóficos. Entretanto, destaca-se que ao argumentar acerca de (uma)-realidade a partir de (uma)-topologia-linguística, considera-se que trata (uma)-existência, em termos linguísticos interactivos e estruturais. O que se “faz” enquanto (uma)-abordagem, em (um)-sistema-aberto, se é que esta tipologia sistémica é possível. Já que nos termos de OUTRAS correntes

---

146 [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”] na forma de (uma)-culturalização é (uma)-temporalidade.

filosóficas, (uma)-topologia-linguística porquê se ocupa de (uma)-existência e de (uma)-realidade enquanto representações que se real(izam) como (um)-“lugar”, e não como (uma)-significação, não é o que se “faz” como (uma)-ciência, outrossim, como mais (uma)-real(ização) na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado-não-científico-e-subjectivo.

Isto porquê, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-representação é (um)-acontecimento-linguístico que enquanto tal, é o que se define, em e «entre», (uma)-interacção-linguística com cada (um) dos OUTROS acontecimentos linguísticos. Diante do que (um)-significado, em (um)-sistema-topologia-linguística, resulta de (uma)-interacção-linguística, em e «entre», cada (uma) das representações que atravessam cada (um) dos registos linguísticos, em (um)-sistema-topologia-linguística. O que se real(iza) como (uma)-formalidade-interactiva (estável), na forma de cada (uma) das representações enquanto existências absolutas (instáveis).

E, desta forma, (uma)-real(idade) em (um)-sistema-topologia-linguística, não é o mesmo que (uma)-realidade em (uma)-ontofenomenologia. Posto que, enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-real(idade) é resultante de (uma)-interacção-linguística que, desta forma, é como (uma)-*ergoígenia*, (um)-acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-representação, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico. Ao passo que (uma)-realidade em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-interacção-biológica que, desta forma, é (uma)-*ergoígenia* que enquanto (um)-acontecimento-biológico, concede-se como (uma)-origem para cada (uma) das acções de cada (um) dos sistemas vivos humanos que se real(iza), em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(ização)-[recalcamentto | real(idade)], em (uma)-simultaneidade com (uma)-real(idade)-linguística em (um)-simbólico-topológico e (uma)-existência-não-linguística em (um)-imaginário-topológico. O que se instala como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE em (um)-REAL (adjectivo) enquanto (uma)-real(ização)-simultaneidade-[recalcamentto | real(idade) | realidade].

### 1.8. *Ergoígenia*

Portanto, nos termos de (uma)-topologia-linguística, não se pode argumentar acerca de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] segundo a forma de (uma)-ontofenomenologia. Posto que, (uma)-ontofenomenologia na forma de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-formalidade que ao assumir-se como (uma)-representação é, desta forma, também (uma)-*ergoígenia*. O que implica, que em termos de (uma)-topologia-linguística, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é também (uma)-formalidade que se real(iza) como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística. O que enquanto (uma)-*ergoígenia*, é (uma)-forma-representação.



O que (im)possibilita (um)-pensamento ontofenomenológico acerca de (uma)-existência e de (uma)-realidade. E que a partir de (uma)-topologia-linguística, conduz-se como (um)-pensamento acerca de (uma)-realidade como (uma)-*physis*-existência-sistêmica-e-biológica. Isto porquê, ONTOFILOGENICAMENTE o que torna possível (um)-pensamento acerca de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-*ergoígenia* que se possibilita como (uma)-origem e que se “faz” através de (um)-“fazer”-neurofisiológico como (uma)-simultaneidade.

E, desta forma, (uma)-ontofenomenologia não é (um)-estudo de [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. Posto que se propõe na forma de (uma)-ontologia-heideggeriana e de (uma)-fenomenologia-husserliana, que se determinam em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-existência-imediata que se real(iza) como (uma)-consciência de qua se está em (um)-MUNDO.

O que se considera como (uma)-origem-linguística que não é sequer (uma)-*ergoígenia*, outrossim, o que se estabelece enquanto (uma)-BASE-estrutural que se fundamenta em (uma)-compreensão-ontofenomenológica de que [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que ao atravessar cada (uma) das interações linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ontofenomenologicamente imediatas. É o que se real(iza), como (uma)-ontofenomenologia, enquanto (uma)-forma-sujeito-ontofenomenológica.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] que na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos, porquê é (um)-imediata e atravessa (um)-modo-de-SER ontofenomenológico, define-se como (um)-SER-imediato à moda heideggeriana, que enquanto (uma)-mera-presença como (um)-sistema-vivo-humano em (um)-meio-*physis*-existencial. (Trans)forma este sistema vivo, em (um)-ENTE com (um)-estatuto-especial, que se “faz”, enquanto tal, como (uma)-forma-sujeito em função de (uma)-Intencionalidade.

O que ao “fazer-se” tanto na forma de (um)-pensamento-heideggeriano, quanto na forma de (um)-pensamento-husserliano, torna-se enquanto (um)-DOGMA-filosófico, a partir de (uma)-PROVA-ontofenomenológica no que, em e «entre», cada (uma) das evidências que se (trans)formam, através de cada (uma) das interações linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, no que enquanto (uma)-forma-sujeito, define-se como o que atravessa (um)-carácter-especial a partir de (uma)-afirmação-histórica que na forma de (um)-DOGMA, é em (uma)-filosofia-contemporânea, o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de (uma)-forma-ENTE que enquanto (uma)-existência-destacada, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se destaca enquanto formalidade ontofenomenológica, na forma de (um)-sujeito. E que ao SER ontofenomenologicamente imediata, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], real(iza-se) ao atravessar (um)-“fazer”-

imediatamente, que enquanto (um)-modo-de-SER-ontofenomenológico, é o que atravessa (uma)-realidade na forma de (uma)-consciência.

Entretanto, enquanto (uma)-*ergoñgenia*, cada (um) dos sistemas vivos humanos é «antes» de (uma)-existência-imediata, (uma)-representação que ao ter-se como (uma)-origem em cada (um) dos estímulos, é o que se real(iza) na forma de (uma)-realidade-sistêmica, como (um)-sinal-electroquímico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e que, desta forma, como (uma)-*ergoñgenia*, é o que, na forma de (uma)-biologia, real(iza-se) como (uma)-realidade, na forma de (uma)-representação que não é (uma)-forma-real(ização)-consciente, mas «sobre» a qual não se pode dizer (in)consciente, outrossim, *ergoñgênica*.

(um)-acontecimento-biológico e não psíquico, que enquanto tal, é (uma)-realidade que ao real(izar-se) na forma de (uma)-representação, é enquanto (uma)-real(idade), (uma)-simultaneidade. (um)-acontecimento-linguístico que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, «antes» de existir ontofenomenologicamente como (uma)-formalidade, existe biologicamente como (uma)-realidade. O que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico em (uma)-estrutura-neurobiológica, real(iza-se) sistemicamente, como (uma)-*ergoñgenia*.

Mas, esta é (uma)-realidade que sendo biológica, é o que se viabiliza na forma de (uma)-existência-linguística, que não se pode afirmar como (uma)-precedência de (um)-biológico enquanto (uma)-interacção-linguística. Portanto, segundo (uma)-topologia-linguística, não se pode definir que (uma)-existência-linguística precede (uma)-existência-biológica, ou vice-versa, apesar de poder afirmar que “há” (uma)-*ergoñgenia* que se interpõe, em e «entre», (uma) e OUTRA. (uma)-formalidade que enquanto tal, é como (uma)-simultaneidade-[biológica e linguística], o que existe como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Do que se pode afirmar que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, (uma)-simultaneidade, em e «entre», (uma)-existência-linguística e (uma)-existência-biológica, que se [manifesta e existe] enquanto (uma)-forma, como (um)-acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-topologia-linguística e a partir de (uma)-*ergoñgenia*, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, não como (uma)-consciência, mas «antes, como (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) *ergoñgenicamente*.

E, desta forma, (um)-sistema-vivo-humano, não pode SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-sujeito-ontofenomenológico. Posto que a partir de (uma)-*ergoñgenia*, (um)-sujeito de (um)-“fazer” não é (um)-sistema-vivo-humano, mas «antes», [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (um)-acontecimento-linguístico, origina-se como (uma)-simultaneidade-*ergoñgênica*. (um)-“fazer” no qual cada (um) dos sistemas vivos humanos não é (um)-sujeito. Portanto, (um)-“fazer” que não se privilegia nem em (uma)-existência-biológica, nem em (uma)-existência-

linguística, mas «antes», real(iza-se) como (uma)-simultaneidade, que ao formar-se a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, real(iza-se) como (uma)-sistemática-de-vida.

Assim, cada (um) dos sistemas vivos humanos não é (um)-sujeito e, conseqüentemente, também não é (um)-ENTE-destacado. Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-existência-ôntica, ontológica ou fenomenológica, deve SER ONTOFILOGENICAMENTE tratada, não como (uma)-ontofenomenologia, outrossim, como (uma)-existência-linguística. Ou seja, cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-acontecimento-biológico que, enquanto tal, *ergoḡgenicamente* também é (um)-“fazer” na forma de (um)-acontecimento-linguístico.

E, desta forma, como (um)-acontecimento-linguístico que é (um)-“fazer” e que ao real(izar-se), forma-se como cada (um) dos sistemas vivos humanos; isto não é o que os real(iza), entretanto, como (uma)-forma-sujeito. Pois em (uma)-duração de (um)-“fazer”, que é «antes» (uma)-*ergoḡgenia*, é o que se “faz” linguisticamente, a partir de (uma)-forma-ENTE-biológico, que não é como (um)-ENTE-linguístico, o que se torna ou toma a forma de (um)-sujeito. Mas o que se real(iza), enquanto tal, como (uma)-real(idade).

Portanto, (uma)-existência-linguística não “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, (uma)-existência-imediata, outrossim, (uma)-existência-mediada. Posto que enquanto (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-“fazer” é *ergoḡgenicamente* imediato à (uma)-existência-ôntica, ontológica ou fenomenológica. O que ao estabelecer-se, desta forma, como (uma)-existência-linguística, é em (um)-“fazer”-neurofisiológico o que enquanto (uma)-existência-imediata, ÚNICA e que [existe e manifesta-se] como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística. O que ao definir cada (uma) das existências manifestas em (um)-meio-*physis*-existencial, como (uma)-representação na forma de (uma)-existência-linguística e a partir de (uma)-realidade, que é enquanto (um)-sinal-electroquímico, o que se real(iza) como (uma)-real(idade) enquanto (uma)-representação.

O que enquanto (uma)-*ergoḡgenia*, é (uma)-existência-imediata. A partir do que se torna possível pensar e definir que: (uma)-representação é o que se estrutura axiologicamente. O que se verifica a partir de (um)-ESTÁDIO-hierárquico, como o que se real(iza enquanto (uma)-real(idade), estrutural, sistêmica e formalmente, em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (um)-modelo-de-observação, a partir de (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>147</sup> + αρχὴ (*archo*)<sup>148</sup> | ἀρχὴ (*arche*)<sup>149</sup>].

Entretanto, não basta para isto pensar e definir (um)-“fazer” como (uma)-*ergoḡgenia*. Pois, o que se estabelece como (uma)-axiologia a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, é (uma)-possibilidade que se

147 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjetivo que se define como “sagrado”.

148 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

149 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

define na forma de (uma)-topologia-linguística, como (um)-(des)locamento de (uma)-representação, que se “faz” em cada (uma) das interações linguísticas que atravessam cada (um) dos registros linguísticos enquanto (um)-existência-linguística ou não linguística, para o que se real(iza) como (uma)-existência-simbólica que se real(iza) em (um)-sistema-simbólico-fechado, enquanto o que se (trans)forma em cada (um) dos sistemas vivos humanos, em (uma)-forma-sujeito como (uma)-realidade-sistêmica.

E, desta forma, resta (uma)-questão que se relativiza em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-forma-sujeito a partir de (um)-“fazer”. Pois, segundo (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos sistemas vivos humanos sujeita-se, tanto à forma de (um)-MUNDO, através da forma de (um)-estímulo; quanto à forma de (uma)-realidade, através da forma de (um)-sinal-electroquímico. O que enquanto (uma)-conformidade-axiológica, é enquanto (uma)-existência-linguística, o que acontece como (uma)-realidade em cada (um) dos sistemas vivos humanos ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico e edificar-se como (uma)-real(idade) que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], mas a partir de (uma)-forma-sujeito [ontológica] que se real(iza) na forma de (uma)-consciência [fenomenológica], que não se relativiza em cada (um) dos sistemas vivos humanos, através de (uma)-construção e edificação de (uma)-real(idade), outrossim, como (uma)-mundanidade-real(izada).

(uma)-reificação que em (um)-sistema-topologia-linguística, “(des)faz-se” enquanto o que se relativiza a partir de cada (uma) das ideias (formas), que acercam-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de (uma)-forma-sujeito de (um)-“fazer”. O que se realiza como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística. Pois, na forma de (um)-“fazer”, é o que se torna (im)possível como (uma)-observação, tanto enquanto (uma)-ontologia, quanto como (uma)-fenomenologia de cada (um) dos sistemas vivos humanos. A partir do que, o que se real(iza) como (uma)-construção-e-definição que se edifica em (um)-sujeito enquanto (uma)-mundanidade, é (uma)-Intencionalidade.

Isto porquê (uma)-mundanidade, é como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística. Mas enquanto (uma)-representação, o que se precede enquanto (uma)-forma-real(ização) em (um)-sistema-simbólico-fechado, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-real(idade).

Pois, desta forma, (uma)-*ergoñgenia* é (uma)-mundanidade para cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que na forma de (uma)-topologia-linguística não é (uma)-*physis*-existência, mas «antes», (uma)-reificação que se instala como (um)-SER ontofenomenologicamente, (im)possibilitando (um)-SER-manifestação ONTOFILOGÊNICO em cada (um) dos sistemas vivos

humanos. Pois enquanto (um)-sujeito que edifica (uma)-mundanidade, é a partir do que se pode questionar: como pode (uma)-criatura SER ontofenomenologicamente imediata ao que a cria?

Pois, (um)-criador é que é (um)-imediato à criatura. Portanto, (uma)-mundanidade é que é imediata a cada (um) dos sistemas vivos humanos e não (um)-real(izador), e (uma)-mundanidade é (uma)-real(ização), mas não é (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, (uma)-acção-interactiva (estável), que se real(iza), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. Isto porquê, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-criatura. O que enquanto (uma)-forma-mundanidade que os cria é, desta forma, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que não pode SER (uma)-ontofenomenologia enquanto (um)-sujeito, mas tão somente (uma)-sujeição que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico como (uma)-real(ização)-colectiva.

E, desta forma, (um)-imediato é (uma)-mundanidade, e relativamente a (uma)-mundanidade, cada (uma) das interacções, em e «entre», cada (um) dos istemas vivos humanos. Posto que ao nascer, cada (um) dos sistemas vivos humanos (des)cobre-se como (uma)-*physis*-existência que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial. O que na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, permite confundir (um)-SER (SEIN) – na forma de (uma)-mundanidade – com (um)-ENTE – na forma de (um)-sistema-vivo-humano – enquanto (um)-criador [SER] e (uma)-criatura [ENTE].

Portanto, cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-criatura que, enquanto (um)-QUERER<sup>150</sup> na forma de (um)-ENTE, não é como (um)-sujeito. Mas também não é (um)-SER-criador, enquanto (um)-modo-de-SER-sujeito. Porquê (um)-criador apesar de SER ontofenomenologicamente aquele que cria, não é propriamente, em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-sujeito desta criação, mas «antes», (uma)-real(ização) que na forma de (uma)-interacção-sistémica-linguística, é (uma)-criatura que enquanto (um)-ENTE, não pode SER ontofenomenologicamente (uma)-existência-imediata à moda heideggeriana, enquanto (uma)-mundanidade. Porquê?

Porquê «antes» de (uma)-criatura, o que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-criador que a subjaz. Por exemplo, (um)-casal de sistemas vivos humanos serve de origem, como (uma)-*ergoígenia*, para (uma)-criatura-(filho). Para o qual (um)-criador-(casal) não é (um)-sujeito em (uma)-topologia-linguística. Isto porquê, é através de cada (uma) das interacções, que se torna possível observar (uma)-*ergoígenia* de cada (uma) das sistemáticas de existência. O que não se “faz”, em e «entre», (um)-sujeito e (um)-objecto, mas «antes», em e «entre», (um)-objecto e (um)-objecto segundo (uma)-topologia-linguística.

---

150 (um)-QUERER-lacanian (o sintoma) na topologia-linguística é (uma)-existência-linguística que se realiza como (um)-acontecimento-linguístico.

Pois ao permitir observar que cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas em (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de (uma)-*ergoḡgenia*. O que se torna possível, é identificar cada (uma) das *physis* existências de cada (uma) das criaturas enquanto (uma)-forma-real(idade).

O que se permite como (um)-afastamento, de (um)-ponto-de-vista-investigativo, de (um)-sistema-simbólico que se fecha “em-si”. O que se torna importante porquê permite estabelecer (um)-pensamento acerca de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-existência-linguística que ao atravessar (uma)-*ergoḡgenia*, “faz-se” na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, enquanto (um)-acontecimento-linguístico que, como [(um)-existência + (uma)-manifestação], atravessa (uma)-representação na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], real(izando-se) como (uma)-existência-linguística.

O que possibilita estudar cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas, na forma de (uma)-mundanidade e através de (um)-sistema-topologia-linguística, como acontecimentos linguísticos que ao atravessar cada (uma) das representações a partir de (um)-simbólico-topológico, interagem em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-*ergoḡgenia* que, desta forma, enquanto (uma)-real(idade), é na forma de cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas, o que acontece a partir de (uma)-realidade como (uma)-*ergoḡgenia* em (um)-REAL (adjectivo).

### 1.9. Topologia linguística

Portanto, conclui-se que ao definir (uma)-*ergoḡgenia* como (um)-“lugar”, o que se real(iza) em cada (uma) das *ergoḡgenias* que “há”, em cada (um) dos “lugares” em (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que diante de (um)-“haver” que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, “há” muitas *ergoḡgenias*, cada (uma) como (uma)-formalidade que se real(iza) como (uma)-representação.

E é isto o que permite (um)-afastamento de [(um)-existência + (uma)-manifestação], tanto de (uma)-ontologia, quanto de (uma)-fenomenologia, sem que no entanto, afaste-se (uma)-topologia-linguística de (uma)-existência-linguística, ou correr o risco de fechar cada (uma) das existências, em (um)-sistema-simbólico-fechado. Pois (um)-intuito desta forma de afastamento, proposta enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é evitar que cada (uma) das axiologias possíveis que atravessam cada (uma) das interações linguísticas ou não linguísticas, real(izem-se) como (uma)-realidade-sistémica a partir de cada (uma) das representações real(idade) que se real(izam) real(izações) em (um)-REAL (adjectivo).

Isto porquê, enquanto (uma)-*ergoñenia*, (uma)-real(ização) de (um)-“fazer” é (uma)-existência-activa que se estabelece através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE observado ontofenomenologicamente em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-forma-real(idade).

E, desta forma, se (uma)-topologia-linguística não se afastar, certamente permite identificar cada (um) dos axios que “há”, em todo-(um)-“haver” como (uma)-forma-(ir)representável que ao atravessar cada (uma) das representações em (um)-REAL-topológico, é na forma de (um)-PAR-imagético, o que enquanto (uma)-existência-linguística ou não linguística, real(iza-se) em cada (uma) das práticas linguísticas, na forma de (um)-REAL (adjectivo).

O que torna possível atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao edificar cada (uma) das representações em (um)-REAL-topológico na forma de (uma)-prática-linguística enquanto (uma)-formalidade-axiológica. Como o que se estrutura em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (uma)-realidade, como (uma)-real(idade). O que ao estabelecer-se na forma de (uma)-subjectividade, é a partir de (um)--(ir)representação, o que se real(iza) como (uma)-estrutura que enquanto (uma)-existência-sintática-e-retórica, é o que se edifica como (uma)-sistemática-simbólica-fechada, que ao real(izar-se) como (um)-discurso, é enquanto (uma)-forma-realidade, (uma)-existência-heurística.

Assim, primeiramente, o que se procura perceber através de (uma)-topologia-linguística, é como (uma)-representação real(iza-se) em (um)-simbólico-topológico. O que se procura (des)envolver inicialmente, a partir do que propôs Charles Sanders Peirce (1839-1914), na forma de (uma)-tríade-peirceriana<sup>151</sup>. Para então, na forma de (uma)-hipótese-do-PAR-imagético, procurar estabelecer (uma)-modelação-teórica que ao explicar e estabilizar cada (uma) das representações, enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE<sup>152</sup> e nos termos de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, em (um)-sistema-topologia-linguística, é a partir de cada (uma) das subjectividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se real(iza) como (uma)-estrutura-[problema-solução].

O que na forma do que defende (uma)-psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), como também, na forma do que defende Jacques Lacan (1901-1981), é o que se define em (uma)-simultaneidade, como (um)-recalcamento-originário e (um)-protótipo-neonatal (Freud); e (um)-modelo-geométrico de (uma)-topologia-geométrica, a partir da forma de (um)-nó-borromeano<sup>153</sup>.

151 A tríade pierceriana signo | objecto | interpretante, é dotada de (uma)-relação que “resulta” de (uma)-interacção, em e «entre», (um)-interpretante e (um)-signo que “contempla” (um)-interpretante com (um)-significado. Em “*Semiótica*” de Charles Sanders Peirce, editora Perspectiva, São Paulo, 4ª edição, 2015.

152 Veja QUADRO 011 – *Schema* SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE.

153 Veja FIGURA 001 – Nó e Brasão da Família Borromeo.

O que permite (uma)-observação de cada (uma) das interacções psíquicas, em cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – (Lacan); enquanto formas que se definem e estruturam em (um)-sistema-topologia-linguística e através de (uma)-subjectividade. Permitindo observar, estudar e compor (um)-modelo-retórico-narrativo, que ao real(izar-se) na forma de (um)-estudo-*theórico* acerca de (uma)-existência-linguística e a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que são pertinentes a cada (uma) das subjectividades inerentes, permite-se como (uma)-construção em (um)-sistema-topologia-linguística.

A partir do que, na forma proposta por Jacques Lacan (1901-1981), na qual cada (um) dos registos psíquicos [imaginário | REAL | simbólico], é desde cada (um) dos estudos promovidos como (uma)-*ergoígenia*, o que a partir de (uma)-antropologia-cultural, define-se em (uma)-topologia-linguística, como registos linguísticos que se equivalem [imaginário | REAL | simbólico] a cada (um) dos registos psíquicos lacanianos originais.

E que, desta forma organizados e operados em (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de (uma)-*ergoígenia*, é na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, o que se considera a partir de (uma)-especificidade-HUMANA, como o que se torna possível enquanto (uma)-construção de (uma)-narração que a partir de (um)-lascar de (uma)-pedra, real(iza-se) como (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística. Permitindo (uma)-construção de (uma)-narrativa de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, em cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos ainda tão distantes de (um)-presente. Viabilizando, desta forma, cada (uma) das interacções objectivas e linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO e homínídeos, como o que ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-forma-real(idade).

Ou seja, desde o lascar de (uma)-pedra procura-se definir e narrar (uma)-existência-linguística, como (uma)-*physis*-existência que ao real(izar-se), sistemicamente, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, atravessa (uma)-subjectividade que se real(iza), como (uma)-homeomorfia desde (uma)-existência-hominídea até (uma)-existência-HOMO-actual. Posto que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social até aos dias actuais, é como (uma)-narrativa de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, o que ao atravessar cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – real(iza-se) como (uma)-topologia-linguística, em conformidade com (um)-modelo-topológico-geométrico-e-psíquico-laciano que, «antes» de SER ontofenomenologicamente (um)-registo-narrativo-sintático-e-retórico, é o que se real(iza), como (uma)-narrativa-ONTOFILOGÊNICA enquanto (uma)-organização-estrutural-não-geométrica. Isto porquê (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-organização-estrutural-linguística que narra e descreve (uma)-existência-linguística através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, que tornam (uma)-real(ização)-narrativa de (um)-linguístico e de (um)-não-linguístico possíveis,



enquanto (uma)-real(idade) que se real(iza) a partir de cada (uma) das sistemáticas *physis* existenciais.

Pois, o que se procura definir através de (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-*physis*-existência que na forma de (uma)-*ergoígenia*, define-se como (uma)-existência-linguística a partir de (um)-“fazer” que é, enquanto (uma)-ontofenomenologia, o que atravessa (uma)-narrativa-sintática-e-retórica na forma de (uma)-descrição, como (uma)-real(idade) que se real(iza) a partir de cada (uma) das interações ONTOFILOGÊNICAS.

Assim, (trans)formados cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – em registos linguísticos, e organizados na forma de (uma)-topologia-linguística, fica estabelecida (uma)-finalidade para (uma)-construção de (uma)-topologia-linguística: permitir (um)-afastamento-filosófico, tanto de (uma)-fenomenologia, quanto de (uma)-ontologia, através de (uma)-*ergoígenia*. O que se torna possível, através da construção de (um)-modelo-de-observação, que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, permite (uma)-observação de cada (uma) das interações, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Posto que somente estabelecer (uma)-*ergoígenia*, na forma de (um)-conceito, ainda mantém cada (uma) das questões *physis* existenciais, acerca de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], enquanto (uma)-existência-linguística que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é enquanto (um)-SER-ONTOFILOGÊNICO, (uma)-*ergoígenia*-criadora-ontofenomenológica. A partir do que se precisa de (um)-afastamento, legítimo e físico, tanto de (uma)-ontologia, quanto de (uma)-fenomenologia, para que (uma)-existência-linguística seja observável como (uma)-subjectividade-homeomórfica através de (um)-sistema-topologia-linguística. Ou seja, através de (uma)-subjectividade que ao ter a mesma forma em cada (um) dos sistemas vivos humanos, permite-se como (uma)-sistemática-que-existe-e-manifesta-se *physis* existencial e linguisticamente, como o que se instala enquanto (uma)-real(idade), a partir de cada (uma) das realidades individuais e sistêmicas que “há” enquanto (uma)-homeomorfia.

Ainda mais que, segundo Lacan, cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – está de (uma)-tal-forma junto (um) do OUTRO, que não é possível identificar a formação de (um), sem (uma)-formação de TODOS (ver FIGURA 002). Posto que cada (um) dos registos psíquicos tem a mesma importância que o OUTRO. Questão que já foi demonstrada, em OUTROS tópicos já avançados nesta propedêutica. A partir do que se pode afirmar que “há” (uma)-conformidade, a partir do que propõe Lacan, em cada (um) dos registos psíquicos e no que os organiza e estrutura enquanto (uma)-forma-(inter)cambiável, que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE observada ontofenomenologicamente na FIGURA 002, através de (uma)-

forma-nó-não-trivial-topológica. Na qual cada (um) dos registos psíquicos, bem pode SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-OUTRO registo psíquico.

FIGURA 002 – Nó não trivial topológico



FIGURA 002 – O modelo de observação proposto por Lacan mas aqui na forma de (um)-nó-não-trivial-topológico. O que demonstra como em (um)-nó-borromeano é (im)possível “formar” (um)-registo-psíquico sem (uma)-formação-simultânea de cada (um) dos registos psíquicos.

Pois é desta afirmação lacaniana, que se pode afirmar acerca de cada (um) dos registos psíquicos, que a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, cada (um) dos registos psíquicos é como (um)-registo-linguístico, enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística. Mas que, desta forma, não como (um)-registo que se real(iza) em (um)-OUTRO-registo, ou enquanto tal. Posto que enquanto (um)-registo-linguístico, em (uma)-topologia-linguística, o que se procura é por (um)-afastamento-possível, tanto de (uma)-retórica-ontológica, quanto de (uma)-sintaxe-fenomenológica. Pois, é através de (uma)-*ergoñgenia*, que se torna possível tratar, tanto (uma)-ontologia, quanto (uma)-fenomenologia, através de (uma)-topologia-linguística, sem cada (um) dos riscos relativos a cada (uma) das formas axiológicas que se real(izam) como (uma)-forma-realidade.

Visto que é possível investigar (uma)-existência-linguística, como (um)-sistema-interactivo (aberto) em (uma)-topologia-linguística. Entretanto, não como (uma)-existência-linguística, mas enquanto (uma)-existência-REAL (adjectiva), na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, em (um)-REAL-topológico. E, desta forma, constatar que (uma)-existência-linguística não antagoniza qualquer OUTRA tipologia de existência enquanto (uma)-sistemática-topologica-linguística, outrossim, “faz” de cada (um) dos antagonismos presentes, em (uma)-existência-linguística que na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, é enquanto cada (um) dos acontecimentos linguísticos, o que se real(iza) como (um)-sistema-não-aberto na forma de (um)-significado. O que, desta forma, antagoniza-se mutuamente enquanto (uma)-existência-linguística

que ao permitir (uma)-formação de cada (uma) das axiologias, real(iza-se) como (uma)-forma-sistemática-de-vida-fechada, em (um)-simbólico-topológico.

Como em (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos acontecimentos linguísticos é (uma)-formalidade-(in)distinguível enquanto (uma)-forma-“lugar” e (um)-intervalo-topológico-linguístico, enquanto (uma)-forma-temporalidade. Cada (um) dos antagonismos de (um)-sistema-simbólico-fechado, não se real(iza) através de (uma)-topologia-linguística, nem na forma de antónimos ou antonimias, outrossim, na forma de cada (uma) das hierarquias que se identificam enquanto real(izações) em (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, (um)-fenómeno, como também, (uma)-existência; cada qual como (um)-acontecimento-linguístico na forma de (uma)-representação, que também é ONTOFILOGENICAMENTE (in)distinguível ontofenomenologicamente, enquanto (uma)-formalidade que em (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de cada (uma) das representações, é (uma)-*ergoñgenia*.

#### 1.10. Existência linguística

Desta forma, a partir de (uma)-*ergoñgenia*, (uma)-existência-linguística é o que se define em cada (uma) das interacções linguísticas, como o que se real(iza) em (uma)-topologia-linguística, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há” em (um)-REAL (adjectivo). Posto que, cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas, opera-se em (uma)-topologia-linguística, sistémica, estrutural e interactivamente, ao atravessar cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – que nunca podem SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-OUTRO-registo-linguístico, mas tão somente o próprio registo linguístico que é. Apesar de Lacan ter proposto (um)-modelo-topológico-geométrico de cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – do qual se apropria (uma)-topologia-linguística, como (um)-modelo-de-observação no qual cada (um) dos registos psíquicos, bem pode SER ontofenomenologicamente, (um)-OUTRO-registo-psíquico.

Mas isto se deve ao facto de que Lacan propôs (um)-modelo-geométrico, e (uma)-topologia-linguística propõe (uma)-forma-de-modelo-não-geométrico, que se real(iza) na forma de (uma)-modelação-linguística, que enquanto (uma)-forma-narração ou (uma)-forma-descrição, sintática e retoricamente, real(iza-se) como (uma)-forma-discurso.

Portanto, é isto o que “faz” de (uma)-topologia-linguística, (uma)-proposta na qual cada (um) dos registos linguísticos, existe de (uma)-forma-totalmente-dependente, (um) de cada (um) dos OUTROS, mas também, como (uma)-modelação na qual não existe (um) registo linguístico sem

(uma)-existência de cada (um) dos OUTROS. Mas ONTOFILOGENICAMENTE cada (um) dos registos linguísticos, nunca pode SER ontofenomenologicamente (um)-OUTRO-registo-linguístico. Posto que tão somente o próprio registo linguístico que é. O que contra(diz) o preconizado lacaniano relativamente a cada (um) dos registos psíquicos, que se definem como registos linguísticos em (uma)-topologia-linguística.

O que é verificável, quando se descreve e narra a forma de (um)-protótipo-objectivo em (um)-ESTÁDIO-monocórdio. Posto que neste ESTÁDIO cognitivo, cada (um) dos sistemas vivos hominídeos *Australopithecus*, não existe na forma de (uma)-existência-linguística, outrossim, como (uma)-existência-antropológica que somente pode SER ONTOFILOGENICAMENTE investigada ontofenomenologicamente através de (uma)-topologia-linguística e na forma de (um)-imaginário-topológico-PURO que linguisticamente não existe.

Consequentemente, isto leva a que, a partir de (uma)-topologia-linguística afirme-se o seguinte: (uma)-existência-linguística é (uma)-interacção-sistémica que ao definir-se como (um)-linguístico, real(iza-se) a partir de cada (uma) das representações, como acontecimentos linguísticos que a partir de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há” em (um)-REAL (adjectivo), e que se iniciam no âmago de (um)-simbólico-topológico (ver QUADRO 003), contrariam o que preconiza (uma)-psicanálise, segundo a qual, cada (uma) das representações, real(iza-se) inicialmente, no âmago de (um)-REAL que efectivamente, ao abrir (um)-furo em (um)-imaginário, esvazia-o, instalando-se simultaneamente como (uma)-orla, na forma de (um)-simbólico, que define (um)-REAL, qualificando tanto como (um)-FURO, quanto como (um)-“esvaziamento” enquanto (um)-substantivo estabelecido.

Pois, cada (uma) destas interacções em (uma)-psicanálise, ao atravessar (uma)-topologia-geométrica-lacaniana, real(iza-se) como (uma)-condição-psíquica que ao edificar-se como (uma)-orla-adimensional, enquanto (uma)-forma-simbólico (ver FIGURA 003) em (uma)-simultaneidade, real(iza-se) como (um)-REAL que ao definir a forma final de (um)-modelo-de-observação de cada (uma) das existências psíquicas que “há” na forma de (uma)-existência-NEURÓTICA, entretanto, em (uma)-topologia-geométrica-lacaniana.

Contudo, na forma de (uma)-topologia-linguística e «dentro» de cada (uma) das possibilidades estruturais que “há” para narrar e descrever, cada (um) dos acontecimentos antropológicos, como acontecimentos linguísticos que ao decorrerem em (uma)-temporalidade muito distante de (um)-presente, a cerca de 3,2 milhões de anos «antes» dos dias actuais, e actualmente identificados por (uma)-arqueologia-contemporânea, como acontecimentos culturais a partir dos quais, PRIMEIRO: pode-se afirmar que TODA-existência nesta altura era objectiva segundo (uma)-topologia-linguística. Posto que (uma)-existência de cada (um) dos sistemas vivos

hominídeos *Australopithecus*, decorria a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica, que na forma de (uma)-ambiguação-FILOGÊNICA, acontecia ONTOGENICAMENTE como (uma)-(des)ambiguação, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico. (uma)-ambiguação que tem na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO]. O que ao (trans)formar dois núcleos líticos (in)úteis, em (uma)-forma-útil enquanto (uma)-lasca, no que atravessa (um)-“fazer”-(des)ambiguador.

(uma)-interacção-sistémica que ao definir-se em (uma)-topologia-linguística, como (um)-protótipo-objectivo, acopla estruturalmente (um)-“fazer”-imaginário-topológico à (um)-REAL (adjectivo) através de (uma)-prática-objectiva. O que ao real(izar-se) como (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica através de (um)-“fazer”-objectivo, o que é também comum a cada (um) dos OUTROS espécimens animais (sistemas vivos). E que portanto, desta forma, é (uma)-existência-BIO-antropológica que não se pode afirmar como (uma)-existência-linguística, outrossim, como (um)-acoplamento-estrutural.

Isto porquê cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, antecedentes directos de cada (um) dos sistemas vivos HOMO, existe neste altura através de cada (uma) das interacções sistémicas que acoplam (uma)-existência-viva a (um)-meio-*physis*-existencial através de (um)-acoplamento-estrutural. O que se real(iza) a partir de (um)-protótipo-objectivo. Mas que ao definir-se como (um)-acoplamento-estrutural neuro-BIO-fisiologicamente. Como é específico, é o que se determina como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que enquanto (um)-DEVIR é (uma)-existência-linguística.

Por isto, cada (um) dos sistemas vivos humanos, não pode SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-sujeito-ontofenomenológico em (um)-sistema-topologia-linguística, mas «antes», (um)-“lugar”. Posto que, esta é (uma)-forma-limite que “há”, para (uma)-forma-activa, que ao [existir e manifestar-se] interactivamente (estável), é o que se real(iza) através de cada (uma) das representações, como o que “há” em (um)-simbólico-topológico, [existindo e manifestando-se] como (uma)-existência-linguística.



FIGURA 003 – O simbólico é (uma)-orla neste modelo dos registos psíquicos proposto por MD Magno (1938) na OBRA, “O Pato Lógico” de 1986. Nesta modelo o que se verifica é que o simbólico existe «entre» o imaginário e o REAL.

O que ao definir cada (um) dos sistemas vivos humanos ou hominídeos como (um)-“lugar”, é na forma de cada (um) dos acontecimentos que “há”, o que se real(iza) como (uma)-dinâmica, mas ao estabelecer-se em (um)-modelo-de-observação-neuro-BIO-fisiológico em (uma)-conformidade com cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico. O que se real(iza) como (uma)-existência-linguística na forma de (uma)-real(idade).

(uma)-forma que ao materializar como (um)-linguístico, é a partir de cada (um) dos acontecimento significantes, o que se torna na forma de (uma)-representação, como o que se real(iza) enquanto (um)-acoplamento, em (uma)-formalidade em (um)-sistema-topologia-linguística. O que ao abrir, segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-FURO e esvaziar (uma)-existência-objectiva que “há” enquanto (um)-imaginário-topológico, é o que se instala como (um)-sistema-simbólico-fechado.

Consequentemente, cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (uma)-topologia-linguística, como é apenas (uma)-parte-dinâmica, posto que não é (uma)-parte-que-dinamiza. Isto é o que cabe à cada (um) dos sistemas vivos humanos, apenas como [existência e manifestação]. Ou seja, SER ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-ontofenomenologia enquanto (um)-“lugar”, e não como (um)-sujeito. Pois, na forma de (um)-“lugar”, é o que se atravessa por (uma)-dinâmica, enquanto (uma)-formalidade que ao [existir e manifestar-se] linguisticamente, na forma de cada (uma) das representações, é o que se real(iza) como (um)-sistema-vivo atravessado por (um)-acoplamento-estrutural-linguístico.

Porquê (uma)-dinâmica-linguística é (uma)-forma-*physis*-existencial que ao resultar de (um)-acoplamento-estrutural, atravessa sistemicamente cada (um) dos sistemas vivos humanos, activa e interactivamente (estável), real(izando-se) como (um)-“fazer” que ao operacionalizar-se linguisticamente, permite a construção de (uma)-topologia-linguística como (uma)-real(idade).

O que leva a conclusão de que ao “confundir” (um)-“fazer” que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (um)-“lugar”; com (um)-SER que ontofenomenologicamente “faz-se” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (uma)-topologia-linguística, mas que não resultam de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (um)-sujeito, outrossim, de cada (uma) das *physis* existências que enquanto (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos sistemicamente, estruturando-se como (uma)-real(idade) que formalmente é na forma de (uma)-representação, o que segundo (uma)-interacção-linguística, real(iza-se) a partir de (uma)-topologia-linguística, através de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

QUADRO 003 – O simbólico é (um)-furo

TOPOLOGIA LINGUÍSTICA		
SIM SIM = NÃO NÃO	IMAGINÁRIO TOPOLÓGICO	EXISTÊNCIA DOS SISTEMAS VIVOS
FILOGENIA = ONTOGENIA	EXISTENTE NÃO LINGUÍSTICO	EXISTÊNCIA OBJECTIVA
SIM NÃO = NÃO SIM	REAL TOPOLÓGICO	EXISTÊNCIA IMAGÉTICA   LINGUÍSTICA
FILOGENIA ≠ ONTOGENIA	PRÁTICA OBJECTIVA   LINGUÍSTICA	
SIM NÃO ≠ NÃO SIM	SIMBÓLICO TOPOLÓGICO	IMAGINÁRIO ESVAZIADO   EXISTÊNCIA LINGUÍSTICA
FILOGENIA ≠ ONTOGENIA	REPRESENTAÇÃO	FURO

QUADRO 003 – Neste quadro o que se pode averiguar é que o que propõe (uma)-topologia-linguística difere do que propõe (uma)-psicanálise no que diz respeito a cada (um) dos registos linguísticos. Posto que segundo (uma)-topologia-linguística o que “esvazia” (um)-imaginário-topológico não é (um)-REAL-topológico mas (um)-simbólico-topológico. Isto porquê segundo (uma)-topologia-linguística, o que “há” é (um)-REAL que é adjetivo e não substantivo enquanto (uma)-existência-linguística.

O que ao estabelecer-se, desta forma, em e «entre» (um)-sistema-vivo-humano e (uma)-real(idade), como o que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, real(iza-se) através de cada (uma) das práticas linguísticas em (um)-REAL-topológico, que ao SER ontofenomenologicamente instalado através de cada (uma) das representações, esvazia (uma)-existência-objectiva, “(des)faze(ndo)” (uma)-noção de que cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (uma)-existência-imediata que na forma de (um)-MUNDO existe, como (uma)-forma-sujeito.

Pois, é somente ao (des)locar cada (uma) das interacções linguísticas de (um)-limite-intermédio de (uma)-topologia-linguística, a partir de cada (uma) das interacções, em e «entre», (um)-imaginário e (um)-REAL (adjectivo) [ver QUADRO 003], que se (des)loca para o âmago de (uma)-topologia-linguística (ver QUADRO 003) e, desta forma, para (um)-interior de (uma)-estrutura-interactiva (estável), (uma)-existência-linguística que enquanto (um)-acoplamento-estrutural, realiza-se como (um)-“fazer”-neurofisiológico de (uma)-representação.

### 1.11. Existência heurística

Entretanto, se o que caracteriza (uma)-existência-linguística é cada (uma) das interações linguísticas que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística. É isto o que “faz” [existir e manifestar-se] cada (uma) das “coisas” aparentes na forma de (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade, que interactiva (estável), sistémica e estruturalmente dinamiza-se a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, ao atravessar cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas em (um)-sistema-topologia-linguística. (uma)-forma-SER que ONTOFILOGENICAMENTE existe a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

Mas atenção, que cada (um) dos sistemas vivos humanos também é (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística. Pois, como (um)-“lugar”, cada (uma) das existências manifestas em (um)-sistema-topologia-linguística, pode SER ontofenomenologicamente tratada como (um)-linguístico.

Isto porquê, cada (uma) das existências na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, ONTOFILOGENICAMENTE define-se como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (um)-simbólico-topológico, é a partir de (uma)-realidade, o que se real(iza) como (uma)-real(idade) que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas, atravessa sistemicamente cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(izando-se) como (uma)-simultaneidade enquanto (uma)-representação. O que em (um)-simbólico-topológico-fechado, permite-se confundir em cada (um) dos sistemas vivos humanos, com (uma)-forma-sujeito que enquanto (uma)-existência-ontofenomenológica, não se caracteriza como (uma)-existência-linguística, apesar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (um)-acontecimento-linguístico.

Isto porquê a forma de (um)-simbólico-topológico-fechado real(iza-se), de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, somente em (um)-registo-linguístico-simbólico. E, desta forma, como (um)-registo-linguístico que na forma de (um)-sistema-fechado, não interage com cada (um) dos OUTROS registos linguísticos [imaginário | REAL]. Posto que, enquanto “uma existência” (sem hífenes ou sinais) é como “uma existência interactiva” que na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, ao [existir e manifestar-se] na ausência de hífenes ou sinais, estabelece-se como (uma)-realidade, somente enquanto (uma)-formalidade na qual cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-existência-activa-e-interactiva (estável). O que na forma de (um)-simbólico-topológico, fecha-se enquanto (uma)-existência-ontofenomenológica-“em-si” que se real(iza) como



(um)-sujeito e não em cada (uma) das interações linguísticas que “há” sistemicamente, como (uma)-forma-real(idade).

Pois, em (um)-sistema-fechado no qual se real(iza) (um)-sujeito, o que se real(iza) como “uma existência interactiva” é (uma)-ausência de hífenes ou sinais que evidenciam-se como (uma)-existência-linguística que se fundamenta em cada (uma) das interações fechadas, enquanto (um)-simbólico-topológico. O que ao real(izar-se) como (uma)-estrutura na forma de (uma)-existência-heurística, é para além de fechada, (uma)-forma-sujeito que também se fecha, real(izando-se) na forma de (um)-significado a partir de (um)-acontecimento-significante. O que se estabelece na forma de (uma)-estrutura-significante que ao atravessar (uma)-interacção-estrutural-linguística-[significante | significado]-(fechada), “há” como (uma)-existência que se real(iza) como (uma)-real(idade)-heurística e não linguística.

Contudo, como (um)-simbólico-topológico em (um)-sistema-topologia-linguística, não é (um)-sistema-fechado. É, desta forma, que (uma)-existência-fechada em (uma)-ausência-de-hífenes-e-sinais, não é topológica, nem linguística, outrossim, (um)-heurismo que se estrutura como (uma)-linguagem. Isto porquê, em (um)-sistema-topologia-linguística “há” (uma)-interactividade (estável) que por isto, precisa evidenciar-se em cada (uma) das interações linguísticas enquanto (uma)-organização-sistémica-formal-e-estrutural. O que provoca (uma)-necessidade de alterar, formal e estruturalmente cada (uma) das sintaxes retóricas que “há”, em cada (uma) das narrativas que se real(izam) através de (uma)-linguagem que se espera não heurística nem PURA. Condição que, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, não é possível na forma da linguagem actual sem (uma)-utilização-de-hífenes-e-sinais.

O que define que “há” (um)-“lugar”, em (um)-sistema-topologia-linguística, no qual (uma)-existência-simbólica-fechada, porquê é formal e estrutural, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE tratada como (uma)-existência-linguística enquanto manifestação linguística. Contudo, que não é contextual e interactiva (estável), apesar de manter-se sistémica, estrutural e formalmente, em (um)-sistema-topologia-linguística. O que enquanto (uma)-existência-simbólica-fechada, na forma de (uma)-real(ização), é segundo (uma)-topologia-linguística, o que se define como (uma)-existência-heurística.

Pois, ao existir formal e estruturalmente na presença de regras que restringem a linguagem escrita, o que “há” é (uma)-forma que em cada (uma) das representações, enquanto (um)-pensamento, é na forma de (uma)-real(idade), (uma)-existência-escrita que atravessa cada (uma) das regras sintáticas e retóricas existentes. Permitindo-se na forma de cada (um) dos equívocos interpretativos que ontofenomenologicamente são admitidos, devido a cada (uma) das alterações contextuais que decorrem de cada (uma) das interpretações não congruentes que também SÃO

ONTOFILOGENICAMENTE consideradas “estranhas” na forma de cada (uma) das alterações gráficas que se impõem em cada (uma) das interações sintáticas e semânticas. O que diante de cada (uma) das regras vigentes, enquanto alterações que se processam nesta dissertação, é enquanto realização implementada, o que é ontofenomenologicamente percebido como (uma)-escrita-de-difícil-compreensão.

Mas, o que se acredita e defende através de (uma)-topologia-linguística, é exatamente o contrário. Posto que se crê, por vezes, que esta tipologia técnica de escrita, pode até SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-facilitador para (um)-entendimento de cada (um) dos pensamentos acerca de (uma)-existência-linguística enquanto (um)-sistema-topologia-linguística. O que caracteriza (um)-sistema-topologia-linguística como o que se permite defender como (uma)-existência-linguística que somente é possível através de cada (uma) das interações linguísticas que se real(izam) na forma de (uma)-sistemática-de-invenção-escrita-aplicada.

Isto porquê, (uma)-existência em (um)-simbólico-topológico, é enquanto (uma)-existência-formal-e-estrutural, o que enquanto (um)-“fazer” na forma de (um)-sistema-fechado, decorre como (uma)-existência que não se real(iza) enquanto (uma)-existência-linguística, outrossim, como (uma)-existência-heurística que em (um)-sistema-fechado é (uma)-causalidade de (uma)-sistemática-de-invenção que não atravessa cada (uma) das interações linguísticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis ontofenomenologicamente em (um)-REAL (adjectivo), outrossim, apenas em cada (um) dos padrões de significação que se real(izam) como existências que se manifestam na forma de (uma)-sintaxe-retórica.

O que ao permitir (um)-estabelecimento de (uma)-distinção-importante, em e «entre», (uma)-existência-linguística e (uma)-existência-heurística, como também, (uma)-justificação para (uma)-escrita-hifenizada-e-sinalizada, até aqui arduamente praticada na forma de (uma)-justificação. Apresenta-se como (uma)-OUTRA-forma-de-discurso-abertamente-especulativa, que para além de pouco teórico, conceitual ou científica, (des)envolve-se também como (uma)-explicação que atravessa (uma)-hipótese-especulativa, que tipifica (uma)-topologia-linguística, apresentando-a como (uma)-forma-plausível de invenção de (uma)-linguagem, mas que, apesar de também SER ontofenomenologicamente especulativa, é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-real(ização) enquanto (uma)-explicação-linguística de (uma)-existência-linguística-manifesta.

Isto porquê (uma)-topologia-linguística, ao defender que (uma)-PRIMEIRA-representação é (uma)-ideia de que cada (uma) das representações estrutura-se como (um)-PAR-imagético-[(ir)representável | representável] na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. É o que, entretanto, não é (um)-PAR-simétrico, outrossim, (uma)-assimetria que se real(iza) na forma de (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico. O que a partir de cada (uma) das

práticas linguísticas que se real(izam) como (uma)-essência-(ir)representação a partir de (um)-REAL-topológico, é o que se real(iza) como (uma)-real(idade).

O que, desta forma, em cada (um) dos pólos de (um)-PAR-imagético, é o que se real(iza) como (uma)-formalidade que em (um)-REAL (adjectivo), é (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico e (uma)-(ir)representação em (um)-REAL-topológico. Desta forma, o que “há” é (uma)-formalidade-que-se-parcializa enquanto (um)-[adjectivo ou subjectivo], e que se evidencia através de (uma)-representação enquanto (uma)-forma-visível ou (in)visível que, em (um)-sistema-topologia-linguística, estabelece-se em cada (um) dos significantes que “há”, mas são «antes» de (um)-*physis*-existência, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que na forma de (uma)-alucinação<sup>154</sup> enquanto (uma)-imagem<sup>155</sup> em (um)-ESTÁDIO-diádico, é (um)-“fazer” que se real(iza) em (um)-ESTÁDIO-egóico, como (uma)-real(idade) enquanto (uma)-representação, na forma de (um)-PAR-imagético-assimétrico que se real(iza) com (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

Contudo, é provável, segundo (uma)-forma-(im)provável, que (um)-“fazer”-neurofisiológico-hominídeo fosse acompanhado de (um)-“fazer”-neurofisiológico-FONÉTICO. O que enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-cognitivo-e-social e a partir de (uma)-*ergonógenia*, é desde (um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio o que atravessa sistemicamente (uma)-condição-humana-da-acção [ONTOFILOGÊNICA], através de (uma)-condição-humana-do-labor (FILOGÊNICA), que se real(iza) a partir de (um)-acoplamento como (uma)-existência-linguística.

Pois, cada (um) dos sistemas vivos humanos diante de (uma)-questão relativa a “FALA”, em e «entre», (um)-“fazer” e (uma)-representação, é (um)-sistema-vivo que “faz” sons através de (um)-aparelho-fonador enquanto age. A partir do que se pode argumentar que “há” (uma)-FALA-monocórdia<sup>156</sup> na forma de cada (uma) das práticas objectivas, que ao atravessar (um)-“fazer” enquanto (uma)-forma-SONORA-possível, é o que se emite a partir de (um)-aparelho-fonador que “há”, como o que em cada (um) dos sistemas vivos HOMO ou homínídeos, torna toda esta especulação, (uma)-condição-de-possibilidade, contudo, não servindo como (uma)-prova.

Apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-acção que, tanto (um)-autor desta dissertação, quando está a escrever; quanto (um)-interlocutor desta dissertação, quando a está a ler,

154 A topologia linguística considera que “há” (uma)-fase-na-infância, «entre» os estágios sensório motor e pré-operatório, no qual (uma)-criança não “faz” distinção «entre» o que é figura e o que é fundo. Esta fase do desenvolvimento cognitivo de (uma)-criança é “coincidente” com o que acontece em (um)-ESTÁDIO-diádico com cada (um) dos sistemas vivos HOMO envolvidos na forma que se propõe em (um)-sistema-topologia-linguística. Ver capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulos 3.2. Diádico e 3.3. Egóico.

155 Idem.

156 Atenção que se existe alguma forma de aparelho fonador em cada (um) dos sistemas vivos homínídeos, é ainda muito restrito em termos de emissão de fonemas. Posto que se sabe que cada (um) dos sistemas vivos HOMO Erectus, por volta de 1,8 (um vígula oito) milhões de anos no passado, era capaz de emitir até 12 fonemas.

real(izam-se) enquanto (um)-“fazer”. Posto que ao pensar na forma que escreve (autor) ou na forma que lê (interlocutor), no mesmo instante em que escreve (autor) ou que lê (interlocutor), também existe como (uma)-forma em (um)-ESTÁDIO-hierárquico que se projecta enquanto (uma)-forma-fonética, através de cada (uma) das formas de (uma)-escrita ou leitura que se real(izam) como (um)-balbuciar, enquanto se escreve ou lê, e que se emite como (uma)-SONORIDADE que através de (um)-aparelho-fonador, qualifica-se como (uma)-acção em (um)-REAL (adjectivo).

O que, segundo (uma)-topologia-linguística, “ajuda” tanto (um)-autor quanto (um)-leitor, a pensar e construir a forma pensamento tentada nesta dissertação e melhor conseguiu-la. O que (trans)forma (um)-“fazer”-neurofisiológico em (uma)-acção que, consequentemente, “faz” também desta acção (uma)-forma-pensamento.

Mas, como a forma de (um)-pensamento-escrito é diferente da forma de (um)-pensamento-falado-murmurado-ou-balbuciado, e esta diferença assenta-se na forma de cada (uma) das pausas que efectivamente é ONTOFILOGENICAMENTE visual, no pensamento escrito; e sonora (silêncio), enquanto (um)-pensamento-falado. É, desta forma, enquanto (um)-pensamento-fonético-escrito que tem pausas visuais e (um)-pensamento-fonético-falado que tem pausas sonoras e não visuais, que ONTOFILOGENICAMENTE, em cada (uma) das pausas que muitas vezes não SÃO ONTOFILOGENICAMENTE perceptíveis enquanto se FALA, posto que ao decorrerem como (uma)-forma-pensamento-falado, demarcam-se como (uma)-(trans)forma(ção) formal e estrutural, que na forma de (um)-discurso, real(iza-se) como (uma)-forma-valor-[FONÉTICO | SONORO] em cada (uma) das estruturas axiológicas inerentes a (uma)-linguagem.

Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, real(mente) cada (uma) das pausas SONORAS ou VISUAIS, deve SER ONTOFILOGENICAMENTE percebida, entendida e investigada, como (uma)-representação-intervalo, que na forma de (um)-contexto e enquanto (uma)-pausa-visual-ou-sonora, empresta-se como (uma)-representação e não como (um)-significado.

O que, desta forma, afecta cada (um) dos contextos discursivos, tanto escritos, quanto falados, (trans)formando-os estruturalmente em cada (uma) das interacções [significante x significante], enquanto (uma)-forma-edificada-contextualmente que se estabelece, ao atravessar valores [FONÉTICOS | SONOROS] que se real(izam) em cada (uma) das pausas visuais ou sonoras, enquanto (uma)-condição-contextual. O que se real(iza), segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-formalidade-adjectiva em (um)-REAL (adjectivo).

Mas, como cada (um) destes argumentos é altamente especulativo devido a (uma)-ausência-de-investigação ONTOFILOGÊNCIA ou ontofenomenológica, acerca desta problemática. Esta é (uma)-questão que se resta para (uma)-investigação. Pois, nesta dissertação, não se vai abordar esta tipologia de problema acerca de (uma)-origem-da-comunicação. Posto que o que ocupa este estudo,

é a forma de (uma)-existência-linguística enquanto (um)-ponto-de-vista-ampliado em (um)-modelo-de-observação.

Portanto, como cada (um) dos intervalos visuais na forma de (uma)-escrita, ou sonoros e não sonoros na forma de (uma)-FALA; SÃO ONTOFILOGENICAMENTE representações que se efectivam enquanto formas e estruturas, que historicamente apresentam-se na forma de cada (uma) das estruturas retóricas que “há”, em cada (uma) das estruturas discursivas.

É a partir daqui e diante desta explicação, que em (um)-sistema-topologia-linguística, argumenta-se que cada (uma) das representações de cada (uma) das formas de cada (uma) das pausas fonéticas na forma de (uma)-escrita, perdida ou (trans)formada, é o que se procura (r)estabelecer enquanto (uma)-forma-condicional-*physis*-existencial na forma de (uma)-organização estrutural e fonética actual. O que na forma de (uma)-FALA objectivamente autopoietizada, é enquanto (uma)-forma-escrita, o precisa SER ONTOFILOGENICAMENTE alterada, estrutural e formalmente, para que se instale (uma)-condição-axiológica em cada (um) dos discursos, que permita atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, real(izando-se) a partir de (um)-*axios* que em (uma)-actualidade-linguística, “há” enquanto (uma)-formalidade, como (uma)-forma-discurso.

Mas esta, é mais (uma)-ideia-especulativa que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE tratada como (uma)-condição-não-(ir)remediável decorrente de (uma)-dinâmica-cultural, real(iza-se) na forma de (um)-ESTÁDIO-hierárquico e a partir de (uma)-topologia-linguística, como o que se argumenta enquanto (uma)-possibilidade-de-(r)estabelecimento de cada (uma) das estruturas fonéticas perdidas ou (trans)formadas. O que enquanto organizações que se estruturam na forma de (uma)-visualidade e através de cada (um) dos intervalos de cada (uma) das formas escritas, permite-se como (uma)-formalidade que em cada (uma) das interacções linguísticas de cada (um) dos diferentes interpretantes, é como o que se estabelece estruturalmente, enquanto (uma)-axiologia que em cada (uma) das condições contextuais, real(iza-se) a partir de (uma)-subjectividade na forma de (uma)-percepção enquanto (uma)-forma-discurso que se real(iza) como (uma)-representação.

Se parece muito especulativa esta explicação, coloca-se (uma)-questão na forma de (um)-exemplo enquanto (uma)-analogia. Sabe-se que cada (um) dos sistemas vivos humanos ao nascer respira abdominalmente. Entretanto, diante de (uma)-existência-linguística-e-cultural-hierárquica, cada (um) dos sistemas vivos humanos ao chegar a vida adolescente, abandona (uma)-respiração-abdominal, optando por (uma)-respiração-peitoral. Porquê?

(uma)-topologia-linguística argumenta que diante de (uma)-existência-linguística-e-cultural-hierárquica, promove-se (uma)-tal-*physis*-(trans)forma(ção) através de (uma)-objectivação-autopoiética em (um)-linguístico que, enquanto (uma)-alteração-sistémica-e-estrutural em (uma)-*physis*-existência-cultural-e-linguística, é o que atravessa (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-

social, alterando (uma)-existência-FILOGÊNICA a partir de (uma)-existência-ONTOGÊNICA. A partir do que se pode afirmar que (uma)-FILOGENIA e (uma)-ONTOGENIA existem sistêmica e estruturalmente atravessadas como (uma)-ONTOFILOGENIA.

Mas, o que é (um)-facto, diante de tanta especulação, é que na duração da leitura desta dissertação, consegue-se identificar (uma)-necessidade de adaptar-se, a partir da forma de (uma)-condição-cultural, a forma condicional visual proposta pela escrita gráfica proposta por esta dissertação. Pois, ao utilizar formas não usuais de sinalética na escrita com (uma)-finalidade-de-alterar cada (uma) das formalidades interpretativas. Ao atravessar hífenes e sinais conhecidos, utilizando-os como pausas que, desta forma, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE visuais e utilizadas como formas que alteraram (um)-valor de cada (uma) das palavras, modificando-as axiologicamente na forma de (um)-contexto que se real(iza) como (um)-discurso, na forma textual desta dissertação.

Entretanto, este procedimento é o que torna possível verificar que na escrita contextual tradicional, tende-se a perceber (um)-pensamento-escrito mesmo «antes» que se conclua (uma)-leitura de (um)-parágrafo. O que em (uma)-forma-escrita alterada por hífenes e sinais, eventualmente surpreende (um)-interlocutor, obrigando-o a (uma)-reflecção-linguística que atravessa cada (um) dos acontecimentos linguísticos, com (uma)-finalidade de promover (um)-entendimento de (um)-discurso.

Salienta-se entretanto que, (uma)-escrita-hifenizada-e-sinalizada que é utilizada nesta dissertação. Originalmente era (uma)-metodologia que, entretanto, deixava visível cada (uma) das (trans)formações efectuadas na forma de cada (um) dos hífenes e sinais estabelecidos. Posto que se tinha (uma)-intenção de eliminar, através desta forma escrita, cada (uma) das interacções axiológicas que se real(izam) na forma de cada (uma) das metodologias discursivas existentes em (uma)-actualidade-linguística.

Mas esta metodologia, (im)pedia (um)-entendimento-textual de cada (um) dos interlocutores, devido a (uma)-completa-ausência-de-adjectivações. A partir do que se optou por favorecer (uma)-forma-textual menos substantiva. Pois, o problema era provavelmente, (um)-(des)conhecimento-metodológico que (im)pedia a (um)-interlocutor (uma)-compreensão-técnica de (uma)-sintática gramaticalmente aplicada na forma de (uma)-(trans)formação de (uma)-língua. O que devido a (uma)-(im)possibilidade de adjectivar cada (um) dos pensamentos decorrentes desta argumentação, na forma de (uma)-escrita ou devido a (uma)-dificuldade de compreensão sintático gramatical de cada (um) dos valores textuais estruturalmente estabelecidos, prejudicava ainda mais (uma)-compreensão-pretendida. Por isto, abandonou-se cada (uma) destas metodologias, optando-se enfim, pela forma ora aqui apresentada.

A partir do que “houve” (uma)-(re)modelação de (uma)-metodologia-escrita desta dissertação, executando-se desta forma, através de (uma)-metodologia-mista [tradicional | hifenização-e-sinais] que se permita como (um)-menor-nível-possível-de-valores-axiológicos-ocultados. Mas foi mantida (uma)-proposta que visa alcançar (um)-afastamento de cada (uma) das estruturas axiológicas que “há”, em cada (uma) das construções discursivas, na forma de cada (um) dos pensamentos escritos, enquanto (uma)-forma-discurso.

Desta forma, voltando-se a (uma)-existência-interactiva (estável) na forma de (uma)-topologia-linguística, é importante salientar que (uma)-existência-linguística, porquê é interactiva (estável), influencia reciprocamente cada (um) dos registos linguísticos que, desta forma, enquanto (uma)-existência-(in)diferenciável na forma de cada (um) dos existentes linguísticos que “há” em (um)-REAL-topológico, interessa (sobre)maneira para (um)-estudo de (uma)-*ergoígenia*.

Posto que em (um)-simbólico-topológico, cada (uma) das representações diferencia-se a partir de (uma)-forma-(ir)representável, ao atravessar (uma)-forma-“fazer”-activa-e-interactiva (estável) que na forma de cada (uma) das representações, enquanto (uma)-simultaneidade, real(iza-se) como (um)-protótipo-NEONATAL que enquanto (uma)-forma-acoplamento-estrutural, instala-se como (um)-véu-imaginário através de (uma)-objectivação-autopoiética «sobre» (um)-artefacto que, na forma de (uma)-alucinação (imagem), estrutura-se como (uma)-existência-objectiva na forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação e a partir de (uma)--(des)ambiguação que se real(iza) como (uma)-forma-imagem.

Isto porquê, na forma de (uma)-topologia-matemática, mais especificamente na forma de (uma)-topologia-geométrica, (uma)-chávena é (uma)-forma-(in)diferenciável de (um)-donnut. Porquê através de (uma)--(trans)formação, é possível chegar de (uma)-forma à OUTRA. A partir do que, ambas SÃO ONTOFILOGENICAMENTE homeomorfos e, desta forma, também em (uma)-topologia-linguística, cada (uma) das representações na forma de (uma)-existência-linguística, é (uma)-homeomorfia que “há”, em e «entre», (uma) e OUTRA forma que “há”, enquanto cada (um) dos acontecimentos significantes em (um)-sistema-topologia-linguística. O que caracteriza, tanto (uma)-existência-linguística, quanto (um)-acontecimento-linguístico.

Mas, (uma)-existência-linguística como (um)-absoluto é instável na forma de (uma)-topologia-linguística. Entretanto, (uma)-existência-heurística é (uma)-*physis*-existência-significante, que não se caracteriza como (uma)-existência-interactiva (estável), em (uma)-topologia-linguística, outrossim, através de cada (uma) das interacções gramaticais, sintáticas, semânticas e léxicas, no que enquanto (uma)-existência-epistemológica, busca-se avidamente como (uma)-forma-significado que enquanto (uma)-finalidade, real(iza-se) TELEOLOGICAMENTE.

Posto que o que caracteriza cada (uma) das existências heurísticas basicamente, é (uma)-possibilidade de (um)-“fazer”-exclusivo de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) mas não contextual. Pois, na forma de (um)-simbólico-topológico-fechado, implica-se inevitavelmente em (uma)-instalação de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-existência-ONTOFILOGÊNICA que, na forma de (um)-sujeito, (sobre)põe-se a (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social enquanto (um)-condicional-teleológica. O que (trans)forma (uma)-existência de cada (um) dos sistemas vivos humanos, em (uma)-finalidade que se instala como (uma)-forma-consciência.

E, desta forma, como (um)-heurismo que, em cada (uma) das actividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-problemática (adjectiva), para a qual existe (uma)-finalidade na forma de (um)-significado. Por isto, de (um)-ponto-de-vista-contemporâneo, (um)-lascar de (uma)-pedra assume (uma)-forma-causalidade. Ao passo que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, lascar (uma)-pedra é (um)-acoplamento. Mas, (uma)-causalidade é o que ao implicar (uma)-filosofia-contemporânea, percebe-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-SER que, ONTOFILOGENICAMENTE capacitado, na forma de (uma)-consciência, privilegia-se enquanto (uma)-existência-heurística, a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado.

Isto porquê (uma)-causalidade, desta forma, é (um)-objecto-de-investigação tanto na forma de (uma)-ontologia, enquanto (uma)-existência; quanto na forma de (uma)-fenomenologia, como (uma)-forma-consciência. O que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-sujeito. Ao passo que, enquanto (uma)-*ergoñgenia* é o que se real(iza) na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]. O que “há” como (uma)-origem e não como (uma)-causalidade.

Por isto, o que se prioriza na forma de (uma)-existência-linguística, é a forma de (uma)-representação. Posto que, na forma de (uma)-existência-linguística, (um)-significado é [(uma)-representação de (uma)-representação] em (uma)-interacção-linguística. O que permite afirmar que (uma)-existência-linguística não prioriza (uma)-problemática (substantiva), mas «antes», (uma)-*ergoñgenia* que não se realiza na forma de (uma)-solução, como (uma)-forma-definição que enquanto (um)-“lugar”, instala-se como (uma)-interacção-linguística, em e «entre», cada (um) dos significantes.

#### 1.12. Real(idade)

Desta forma, (uma)-realidade na forma de (uma)-existência-heurística é teleológica. A partir do que é possível afirmar que (uma)-concepção-teleológica de (uma)-forma-realidade, é o que torna



possível explicar (uma)-*physis*-existência de cada (uma) das existências linguísticas em (uma)-sistêmica-fechada, que se real(iza) como (uma)-consciência. Pois isto, é o que ao definir (uma)-realidade, como (uma)-forma-substantiva, é enquanto “aquilo que existe verdadeiramente”, e enquanto tal, como cada (uma) das “coisas” aparentes que se impõem enquanto (uma)-realidade, a partir de (uma)-causalidade-(in)determinável que se estabelece como (uma)-conformidade, enquanto (uma)-representação na forma de (uma)-manifestação.

Ao passo que (uma)-real(idade), como (uma)-existência-linguística, é (uma)-interacção-sistêmica que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação que ao real(izar-se), como (uma)-interacção-sistêmica, na forma de (um)-atravessamento-sistêmico-e-estrutural-cognitivo-e-social, é o que se estabelece como (uma)-edificação ao [existir e manifestar-se] linguisticamente, como (uma)-forma-representação. O que em (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) a partir de (um)-“fazer”, como (uma)-representação que, desta forma, é [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Portanto, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, “aquilo que existe verdadeiramente” é (uma)-formalidade que ao tomar a forma de (uma)-real(idade), real(iza-se) como (uma)-representação. Entretanto, como (uma)-existência-significado é (uma)-formalidade em (um)-sistema-simbólico-fechado. (uma)-existência-heurística que estruturalmente na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], separa-se em duas existências distintas: (uma), como (uma)-forma-significado; e OUTRA, como (uma)-forma-representação. E isto é o que enquanto (uma)-existência-heurística, real(iza-se) como (uma)-interacção. Posto que, TUDO o que existe como (uma)-existência-heurística, organiza-se e estrutura-se segundo (uma)-causalidade-existencial. O que enquanto (uma)-finalidade, é na forma de (um)-significado, desta forma, (uma)-realidade-heurística. Posto que, (uma)-realidade-linguística é (uma)-forma-absoluta (instável), e (uma)-existência-heurística é (uma)-realidade sempre interactiva (estável), que se real(iza) na forma de (um)-significado.

O que implica que se “faça” (um)-esclarecimento: desde o “*Fédon*”<sup>157</sup> de Platão (428 a.C.-347 a.C.), que se afirma, através de (uma)-explicação, que (um)-fenómeno é teleológico. O que estabelece (uma)-necessidade de (uma)-origem-causativa como (uma)-finalidade. Diante do que se define (uma)-existência-heurística, como (uma)-causalidade enquanto (uma)-finalidade. O que

---

157 Junto com “*A República*” e “*O Banquete*”, o “*Fédon*” é (um)-diálogo do período considerado maduro de Platão. Por volta do ano 388 a.C., Platão aos 40 anos, desiludido e decepcionado com os luxos da corte. É expulso da corte e compra (um)-ginásio a nordeste de Atenas, próximo de (um)-bosque-de-oliveiras. Amplia a propriedade construindo alojamentos para os membros de (uma)-recém-fundada-Academia. Durante duas décadas, além de cada (uma) das actividades na Academia, Platão escreve a maioria dos diálogos considerados “maduros”. O “*Fédon*” é (um)-diálogo-platónico que engloba (um)-panorama de (uma)-metafísica-platónica que enfatiza três pontos importantes da filosofia platónica: as ideias, os princípios e a demiurgia. E nesta ordem: a abstracção, a libertação da caverna e a origem causativa.

explica (um)-fenómeno-linguístico, de (um)-ponto-de-vista-filosófico, como (uma)-forma que se real(iza) em (uma)-consciência.

Entretanto curiosamente, através de (uma)-*ergońgenia*, não se define (uma)-origem-causativa como (uma)-finalidade, outrossim, (uma)-origem-*physis*-existencial-e-linguística que ao atravessar (uma)-representação, define-se como forma na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]. Portanto, (uma)-origem de (uma)-representação enquanto (uma)-existência-heurística é, desta forma, (uma)-existência-contingente que busca “POR”; ao passo que (uma)-*ergońgenia* na forma de (uma)-existência-linguística, é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que busca “EM”. Sendo esta (uma)-diferença-de-base-e-fundamental, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, em e «entre», (uma)-existência-linguística e (uma)-existência-heurística, enquanto formas *physis* existenciais HUMANAS de [existir e manifestar-se].

Pois, é desta forma que ao diferenciar (uma)-realidade-linguística de (uma)-realidade-heurística, “faz-se”, a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, o que se permite como (um)-afastamento de cada (uma) das formas axiológicas. Posto que, na forma de (uma)-existência-heurística, (um)-MUNDO é separado em dois: (um), como (uma)-forma-“mundo dos valores”<sup>158</sup>; e OUTRO, como (uma)-forma-“mundo dos ENTES”<sup>159</sup>.

Posto que, ao passo que se procura, através de (uma)-topologia-linguística, a partir de cada (uma) das interações linguísticas na forma de cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – (re)unir cada (uma) das formalidades *physis* existenciais e linguísticas, separadas em cada (um) dos mundos [ENTES | valor] por (um)-heurismo, em (um)-sistema que permita (uma)-interacção destas formas valores e ENTES em (uma)-topologia-linguística. Pois, ao existirem e manifestarem-se na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, em (uma)-modelação-de-observação. O que se permite como (uma)-forma-observada, é o que enquanto (uma)-forma-real(idade), real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

O que, desta forma, diferencia (uma)-representação-linguística, enquanto (uma)-forma-absoluta (instável); de (uma)-representação-heurística, enquanto (uma)-forma-significado que, visual e foneticamente, mantém-se como identidade em (uma)-estabilidade (interactiva). O que, enquanto (uma)-(dis)semelhança, em e «entre», (uma) [linguística] e OUTRA [heurística], em (uma)-topologia-linguística considera-se questionável a partir de (uma)-aparência, como (um)-fenómeno, como também, a partir de (uma)-“coisa”, como (uma)-existência.

---

158 Segundo Krzysztof Piotr Skowroński em “*Values and Powers: Re-Reading the Philosophical Tradition of American Pragmatism*”, Nova York: Editora Brill | Rodopi, página 87, 2009, ISBN 978 90 420 2746 6.

159 Idem.

### 1.13. Representação

Pois, nesta investigação, é importante diferenciar, através de (um)-sistema-topologia-linguística, tanto (uma)-ontologia, como (uma)-existência; quanto (uma)-fenomenologia, como (uma)-aparência. Posto que, (um)-caminho-investigativo e argumentativo utilizado em (uma)-cultura-contemporânea para definir (uma)-consciência, é o que efectivamente diferencia, (uma)-topologia-linguística, tanto de (uma)-ontologia, quanto de (uma)-fenomenologia. E, consequentemente, “(des)faz” (uma)-condição na qual, (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos, tanto na forma de (uma)-ontologia, quanto na forma de (uma)-fenomenologia é, estruturalmente, na forma de (um)-sujeito, o que na forma de (um)-indivíduo “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Isto porquê, na forma de (um)-estudo, (uma)-ontologia como (uma)-existência, é na forma de (uma)-origem, o que se (des)envolve a partir de (uma)-definição, como o que em cada (uma) das [existências manifestas], pode SER (SEIN) ontofenomenologicamente reduzida, como (uma)-formamental ou racional, à forma de (uma)-representação. Como também, na forma de (uma)-fenomenologia, enquanto (uma)-consciência que, enquanto tal, instala-se como (uma)-forma-indivíduo em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se real(iza) como (uma)-forma-sujeito.

Pois, é a partir de cada (uma) destas definições ontológicas e fenomenológicas, que se torna possível estabelecer (uma)-distinção, em e «entre», (uma)-topologia-linguística, na forma de cada (uma) das interações cognitivas e sociais; (uma)-ontologia, na forma de (uma)-existência; e (uma)-fenomenologia, na forma de (uma)-manifestação.

Posto que ao defrontar cada (uma) das definições, enquanto questões comparativas em (um)-sistema-topologia-linguística, pode-se afirmar que: (uma)-consciência «antes» de experimentar [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-representação. Diante do que, consequentemente, (uma)-consciência não é, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, nem (uma)-experiência de (uma)-existência e, nem tampouco (uma)-manifestação, na forma de (um)-fenómeno.

Outrossim, (uma)-consciência, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-*ergoígenia* que na forma de cada (uma) das interações linguísticas, “há” na forma de (uma)-real(idade) que, enquanto (uma)-existência-linguística, real(iza-se) a partir da forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, como (uma)-forma-representação.

O que “(des)faz”, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, (uma)-condição, tanto ontológica, quanto fenomenológica, de cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir de

(uma)-questão-fundamental: afinal, cada (um) dos sistemas vivos humanos não é (uma)-existência-imediata e nem tampouco, dotado de (uma)-consciência, outrossim, cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-forma-“lugar” que, em (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de cada (uma) das interações linguísticas, como (uma)-real(idade).

E, desta forma, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, não se pode argumentar, na forma desta investigação, acerca de (uma)-manifestação, na forma de (um)-fenómeno, e nem tampouco na forma de (uma)-ontologia. Posto que, tanto (uma)-ontologia, quanto (uma)-fenomenologia, a partir de (uma)-topologia-linguística, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-ontofenomenologia enquanto (uma)-representação. O que parece (um)-absurdo, mas aqui é tomado como (uma)-real(ização). O que se coloca afinal como (uma)-questão-fundamental: de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística o que é (uma)-representação?

Ora, (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) ao atravessar cada (uma) das interações linguísticas, enquanto (um)-atravessamento-estrutural-cognitivo-e-social. Pois real(mente), (uma)-representação é (um)-“fazer”, e por isto, é (uma)-*ergoḡgenia*. Mas, como cada (uma) das *ergoḡgenias* é (uma)-ONTOFILOGENIA enquanto (uma)-existência-linguística, ontofenomenologicamente está-se diante de (uma)-origem de (um)-“fazer”, que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é (uma)-*ergoḡgenia*. E isto é o que define que (uma)-representação, enquanto (uma)-origem, é (um)-acontecimento-linguístico. Mas, desta forma, (uma)-*ergoḡgenia* define-se, como (uma)-MULTIPLICIDADE<sup>160</sup> (adjectiva), que na forma de (um)-visível, é (uma)-real(ização)-simultânea em muitas representações enquanto (um)-MÚLTIPLO<sup>161</sup>.

Entretanto, em termos menos precisos, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, como (um)-“fazer” é o que “representa” cada (uma) das formas e através do qual, na ausência de (uma)-forma-visível, enquanto (uma)-“coisa”-aparência, “faz-se” “representação”, como (uma)-forma-“coisa”-social que ao atravessar (um)-linguístico é, ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-forma-equivalente ontofenomenologicamente, que a partir de (um)-estímulo e na forma de (um)-sinal-electroquímico, é o que se real(iza) como (uma)-representação. E como é esta mesma composição explicativa que “há”, para todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há”, na forma de (uma)-filosofia. Isto é o que relativamente a (uma)-questão acerca de (uma)-representação, exceptua-se na forma de (uma)-condição: cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-existência-linguística em (uma)-filosofia, é sempre (uma)-forma-sujeito, o que não se verifica, em (um)-sistema-topologia-linguística enquanto (um)-modelo-de-observação.

---

160 [(um) = (um)<sup>∞</sup>]

161 [(um)<sup>(∞ + ∞)</sup>] = [(um)<sup>∞</sup> x (um)<sup>∞</sup>]

Pois isto, é o que permite definir que (um)-sistema-topologia-linguística, é também (uma)-filosofia enquanto (um)-modelo-de-observação. Pois o que define, é também e consequentemente, o que, desta forma, como (uma)-consciência em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação. (uma)-forma-substantiva que na forma de (uma)-“coisa”-aparência, apresenta-se através de (uma)-“coisa”-social como (uma)-formalidade que ao definir (um)-fenómeno, em (um)-sistema-topologia-linguística, é como (um)-“fazer”, o que se real(iza) como (uma)-representação.

O que não exclui, tanto (uma)-ontologia, quanto (uma)-fenomenologia, como também, (uma)-consciência, como existências manifestas na forma de (um)-linguístico. Mas, certamente “(des)faz” (uma)-dicotomia-*physis*-existencial estabelecida, em e «entre», (uma)-aparência na forma de (um)-fenômeno; e (uma)-“coisa” na forma de (uma)-existência. Posto que, tanto (uma)-aparência quanto (uma)-“coisa” SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, ontofenomenologias representação, que se real(izam) real(idade) em (uma)-topologia-linguística.

Mas atenção, que em (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação é (uma)-*ergoígenia*; mas (uma)-ontologia é (uma)-“coisa”; e (uma)-fenomenologia (uma)-manifestação. Pois, o que define a forma em (um)-sistema-topologia-linguística, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (uma)-representação, e enquanto tal, é (uma)-existência-linguística e não (uma)-ontofenomenologia enquanto (uma)-consciência. Isto porquê (uma)-representação é (um)-acontecimento-linguístico, que se pode definir, na forma de (uma)-existência-linguística, como (uma)-forma-*physis*-existencial, ao passo que (uma)-ontofenomenologia, não se pode definir como (uma)-*physis*-existência.

E, desta forma, (uma)-realidade na forma de (uma)-existência-linguística, não é (uma)-existência-ôntica, na forma de (uma)-ontologia; ou (uma)-consciência de (uma)-experiência, na forma de (uma)-fenomenologia. Isto porquê (uma)-realidade é o que se define, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, como (uma)-representação em (uma)-condição-sistêmica e na forma de (um)-sinal-electroquímico, que se real(iza) a partir de (um)-estímulo.

Pois, na forma de (uma)-topologia-linguística, diferentemente de (um)-sistema-simbólico-fechado, o que se define existência como ontologia; ou manifestação como fenomenologia; é (uma)-existência-linguística que segundo (uma)-topologia-linguística, é sistêmica e inicia-se na forma de (um)-estímulo. O que se (des)encadeia como (um)-“fazer” na forma de (um)-sinal-electroquímico. Portanto, o que (uma)-filosofia-tradicional define como (uma)-realidade, (uma)-topologia-linguística define como (um)-estímulo, que na forma de (um)-sinal-electroquímico é (uma)-simultaneidade.

Diante de tudo isto, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação é (um)-atravessamento-estrutural-cognitivo-e-social que enquanto tal, na forma de (um)-“fazer”, atravessa

(um)-protótipo-NEONATAL, não como (uma)-existência-ontológica, mas (im)precisamente como (uma)-objectividade que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, real(iza-se) como (uma)-acção, através de (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência<sup>162</sup> que se real(iza) a partir de (um)-“fazer” como (uma)-existência, visual e/ou sonora enquanto (uma)-formalidade.

#### 1.14. Prática linguística

A partir do que, a questão está na forma de (uma)-“coisa”-aparência como (uma)-substantivação. O que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é enquanto tal, (uma)-substantivação-subjectiva que na forma de (uma)-objectividade em (um)-atravessamento-cognitivo-e-social, é enquanto (uma)-forma-representação, o que se real(iza) em conformidade com (uma)-simultaneidade-sistémica.

Entretanto, como (um)-atravessamento-cognitivo-e-social que é, na forma de (um)-atravessamento-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico, em (uma)-topologia-linguística, (uma)-real(ização) que se estabelece na forma de (uma)-representação, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que real(mente), ao codificar (um)-estímulo a partir de (uma)-experiência-de-satisfação, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de (um)-sinal-electroquímico. O que se (des)carrega como (uma)-resposta-neuro-BIO-fisiológica, na forma de (uma)-realidade que se real(iza) em (um)-REAL-topológico como (uma)-real(idade).

O que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, implica que (uma)-edificação-linguística é sistémica e socialmente, (um)-atravessamento-estrutural que, na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é interactiva (estável) e socialmente, o que se real(iza) como (uma)-representação, que na forma de (uma)-real(idade), é sistemicamente, (uma)-formalidade.

E, desta forma, (uma)-representação é (uma)-acção-individual-e-social que enquanto (uma)-condição-humana-da-acção, na forma de (uma)-prática-linguística-individual-e-social<sup>163</sup> é, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-atravessamento no qual cada (um) dos sistemas vivos humanos interage com cada (um) dos OUTROS sistemas vivos humanos, através de cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam), a partir de (uma)-realidade-sistémica-e-individual, na forma de cada (uma) das real(idades) subjectivas que “há” colectivamente e que se real(izam) como (um)-REAL (adjectivo).

162 Atenção que esta referência em (um)-sistema-topologia-linguística pode levar a (uma)-confusão. Pois tudo em (um)-sistema-topologia-linguística é “coisa”-aparência, mesmo existências não linguísticas. O que parece (uma)-contradição, mas não o é.

163 Social neste contexto, é o mesmo que (uma)-acção-política em conformidade com o que preconiza Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA “*A condição humana*”. O termo “política” não foi utilizado nesta PROPEDEÚTICA, porque se optou pelo termo “social” com (uma)-finalidade de “expressar” (uma)-ideia de interacção social e política na forma de (uma)-acção, como definido por Arendt, em “*A condição humana*”.

(um)-“fazer”-neurofisiológico que ao edificar, interactivamente (estável) (uma)-forma-sociedade, sistemicamente. É a partir de cada (uma) das interacções objectivas e linguísticas, cognitiva e socialmente, o que atravessa (uma)-forma-estrutural enquanto (um)-acoplamento-linguístico, desde (um)-lascar de (uma)-pedra até aos dias actuais. Constituindo-se através de cada (uma) das interacções sociais, objectivas e linguísticas, e estabelecendo-se como (uma)-forma-sistemática-de-vida.

Entretanto, como (uma)-representação é (uma)-codificação de (um)-estímulo, que na forma de (um)-sinal-electroquímico, é desde (uma)-experiência-de-satisfação e a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica, o que se real(iza) como (um)-atravessamento-estrutural-cognitivo-e-social que ao codificar (um)-estímulo em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se (des)encadeia como (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao definir (uma)-estrutura-cognitiva na forma de (uma)-ambiguação, real(iza-se) como (uma)-forma-acoplamento-estrutural, instalando-se como (uma)-*physis*-existência-ambígua enquanto (uma)-existência-objectiva.

Isto porquê, social e cognitivamente, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, inicia-se em (uma)-estrutura-neurobiológica-*physis*-existencialmente-ambígua que, enquanto (uma)-simultaneidade, é (in)separável enquanto (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social. O que ao (des)ambiguar-se absolutamente (instável) enquanto (uma)-conformidade, na forma de (um)-protótipo-objectivo, permite-se como o que ao lascar (uma)-pedra, edifica-se como (uma)-estrutura-linguística.

O que demonstra que (uma)-representação não é (uma)-manifestação, mas «antes», (uma)-estrutura que ao atravessar (uma)-simultaneidade-sistémica, pode-se definir, através de (um)-enunciado-lógico, como (uma)-representação. E, desta forma, a partir de [NÃO NÃO = SIM] e [SIM = SIM SIM], implica-se que [SIM SIM = NÃO NÃO] é o que na forma de (um)-enunciado-lógico, é (uma)-ambiguação-neurobiológica. O que ao definir-se como (uma)-FILOGENIA-neurobiológica em (um)-sistema-nervoso, enquanto o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, e que se real(iza) na forma de (um)-funcionamento-neuro-BIO-fisiológico em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é como (um)-acontecimento-linguístico-codificado, o que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico.

E, diante deste enunciado lógico que define (uma)-ambiguação-neurobiológica como (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos. (um)-“fazer”-neurofisiológico é (uma)-conformidade, que na forma de (um)-protótipo-objectivo, real(iza-se) ao operar-se como (uma)-(des)ambiguação, enquanto (uma)-forma-*ergoígenia*.

A partir do que, ao instalar-se como (uma)-forma-véu-imaginário, o que “há” é (uma)-objectivação-autopoiética em (um)-protótipo-objectivo, que ao estruturar-se como (uma)-forma-

imagem (alucinação), é como (uma)-*physis*-existência, o que enquanto (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, separando (um)-(in)separável e tornando-o, através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, em (uma)-estrutura que se real(iza) através de (uma)-(trans)forma-linguística, no que ao (in)definir-se tanto como (uma)-lasca, quanto como (um)-núcleo, é enquanto [figura e fundo] na forma de (uma)-imagem, o que ao atravessar (um)-“fazer” e configurar-se como (uma)-[lasca-e-núcleo] na forma de (uma)-[figura-e-fundo], real(iza-se) como (uma)-alucinação enquanto (uma)-(in)definição-[lasca | núcleo]-[figura | fundo].

A partir do que, ao instalar-se (uma)-objectivação-autopoiética na forma de (um)-véu-imaginário. O que se funda é (um)-protótipo-NEONATAL. (uma)-alucinação que ao separar (um)-(in)separável, é enquanto (uma)-forma-representação, o que através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, estrutura (uma)-(des)ambiguação ao (trans)formar (um)-sinal-electroquímico, que se real(iza) como resposta, na forma de (uma)-representação, que enquanto (uma)-real(idade), é sistemicamente (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] em (um)-REAL (adjectivo).

Pois esta é a forma de (uma)-prática-linguística: (uma)-projectão de (um)-sinal-electroquímico «sobre» a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social que se estabelece, desta forma, como (uma)-*physis*-existência-linguística a partir da forma de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social. (uma)-prática-linguística na qual se projecta tanto como (uma)-“coisa”-aparência, quanto como (uma)-não-aparência. O que na forma de (uma)-existência-que-não-existe-linguisticamente é como (um)-SEIN, o que na forma de (uma)-existência-que-não-existe enquanto (uma)-“coisa”, é como (um)-SOSEIN. O que enquanto (uma)-essência, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-ontofenomenologia-filosófica, é (um)-significado. E em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que se real(iza) como (uma)-prática-linguística em (um)-REAL (adjectivo).

Posto que na forma de (um)-significado, segundo (uma)-topologia-linguística, cada (uma) das substantivações existe como (uma)-“coisa”-aparência que é, enquanto (uma)-forma-essência em (um)-REAL (adjectivo), (uma)-simultaneidade-heurística. (uma)-forma-representação que se projecta «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas, como (uma)-*physis*-existência na forma de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística, mas como o que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico, enquanto (uma)-forma-significado, ou seja, como [(uma)-representação de (uma)-representação] enquanto (uma)-existência-heurística.

Isto porquê (uma)-essência é (um)-(ir)representação que na forma de (uma)-existência-heurística, é como (uma)-forma-significado. O que ao projectar-se «sobre» cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico, real(iza-se) como (um)-equivalente que, na



forma de (uma)-representação, curiosamente corresponde a cada (uma) das substantivações que se real(izam) em (um)-REAL-topológico, contudo, desta forma, na forma de (um)-fetichismo.

Posto que à cada (uma) das (ir)representações, equivale (uma)-substantivação que em (um)-simbólico-topológico, ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico, é como (uma)-essência, o que se real(iza) como (uma)-objectivação-autopoiética, que na forma de (uma)-representação, instala-se como (uma)-“coisa”-social enquanto (um)-fetichismo-absoluto (instável).

A partir do que se conclui que cada (uma) das substantivações, em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-objectivação-autopoiética. (uma)-(trans)forma de (uma)-(ir)representação em (uma)-representação, que enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, é (uma)-adjectivação que enquanto (uma)-interacção-sistémica, real(iza-se) na forma de (uma)-substantivação em (um)-simbólico-topológico, ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico. (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural que se processa, cognitiva e socialmente, como (uma)-forma-sistemática-de-vida.

(um)-“fazer”-neurofisiológico que ao codificar (um)-estímulo na forma de (um)-sinal-electroquímico desde (uma)-experiência-de-satisfação. É na forma de cada (uma) das interacções sociais, o que se projecta «sobre» (uma)-estrutura-neurobiológica, e (des)encadeia-se como (um)-“fazer” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que enquanto forma em cada (uma) das práticas objectivas ou linguísticas, é o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo), como (uma)-prática-[objectiva ou linguística].

Desta forma, (uma)-prática-linguística é “instável” (absoluta) se cada (uma) das adjectivações projecta-se, constante e em (uma)-simultaneidade, «sobre» a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico-individual que se real(iza) em cada (uma) das substantivações em (um)-REAL (adjectivo). Entretanto, é (uma)-prática-linguística interactiva (estável), se a partir da qual se coloca, como (uma)- projecção de (uma)-representação que se real(iza) «sobre» cada (uma) das substantivações. O que coloca (uma)-questão-fundamental, enquanto o que se condiciona na forma de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta), ao realizar-se como (uma)-prática-linguística-estável (interactiva): afinal o que (uma)-(des)ambiguação?

E a resposta é que “há” em (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao estabelecer-se e edificar-se em (um)-meio-*physis*-existencial-linguístico-e-social, é enquanto o que se condiciona ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, tanto na forma de (um)-instável (absoluto), quanto na forma de (um)-estável (interactivo). O que se estabelece como (um)-conjunto-colectivo-de-actividades que se (des)encadeia ao atravessar acontecimentos significantes. Posto que ao real(izar-se) em cada (uma) das interacções cognitivas e sociais como o que, desta forma, instala-se enquanto (uma)-sistemática-de-vida real(izando-se) «sobre» cada (uma) das interacções linguísticas, é como o que não se define

na forma de (um)-determinismo-linguístico, mas como o que acontece, muito pelo contrário, como (uma)-formalidade-[MÚLTIPLA em (uma)-MULTIPLICIDADE]<sup>164</sup>, ao atravessar (um)-“fazer”-(des)ambiguador.

Desta forma, cada (uma) das representações em (um)-meio-*physis*-existencial-humano, é (uma)-resultante de (um)-processo-estrutural-cognitivo-e-social, que ao real(izar-se) em (uma)-forma-indivíduo, na forma de (um)-meio-*physis*-existencial-linguístico-e-social, resulta em (uma)-forma-representação. O que cognitiva e socialmente, objectiva-se na forma de (uma)-existência-linguística-interactiva (estável), que em cada (uma) das práticas linguísticas absolutas (instáveis), como (uma)-forma-meio é, desta forma, o que se estabiliza como (uma)-existência-linguística. O que ao atravessar (uma)-estrutura-axiológica, real(iza-se) na forma de (uma)-*ergoñgenia*, em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-realidade-sistémica.

Mas, por outro lado, estabilizar (uma)-prática-linguística, não define (uma)-harmonia, outrossim, (uma)-tentativa-de-dominar cada (uma) das existências sistémicas a partir de (uma)-forma-sujeito. O que ao real(izar-se) a partir de (uma)-forma-indivíduo na forma de cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas), consequentemente instala-se como (uma)-estrutura. Posto que ao referenciar cada (uma) das práticas linguísticas como estáveis (interactivas), é o que se instala como (uma)-axiologia. (uma)-*physis*-existência-condicional que na forma de cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas), é o que se real(iza) através de projecções «sobre» (um)-“fazer”, que enquanto (um)-acontecimento-significante, real(iza-se) em (um)-REAL (adjectivo), como (uma)-representação que, desta forma, apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE sistémica, ontofenomenologicamente real(iza-se) como (um)-*axios*, ainda que não se real(ize) como (uma)-estrutura-axiológica.

Entretanto, como cada (um) dos sistemas vivos humanos individualmente ao real(izar-se) em cada (uma) das interacções sociais, cognitiva e socialmente, atravessa cada (uma) das práticas linguísticas. Isto é o que se estabiliza, edificando e condicionando-se como (uma)-*physis*-existência-linguística, que não se real(iza) através de (uma)-forma-sujeito, mas «antes», como o que se pode afirmar que em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-condição de sujeito que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-falácia.

Mas, se não é (uma)-forma-sujeito o que promove cada (uma) das alterações que “há” em (uma)-meio-*physis*-existencial-linguístico. O que explica cada (uma) das constantes alterações *physis* existenciais em (um)-meio-*physis*-existencial-humano?

---

164 [(um)<sup>∞ x (∞ + ∞)</sup>]

### 1.15. Objectivação autopoiética

Cada (uma) das objectivações autopoiéticas. Ou seja, (uma)-(ir)representação é o que se real(iza) na forma de (uma)-representação, mas não de (uma)-forma simples e directa como aqui parece descrita, outrossim, enquanto o que se “faz” parecer, como o que ao definir-se como o que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial-linguístico, é o que se real(iza) como (uma)-real(idade) a partir de cada (uma) das práticas linguísticas em (um)-REAL (adjectivo). O que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistémica que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

(um)-acontecimento-sistémico que edifica (uma)-real(idade)-estável (interactiva), a partir de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta); ou edifica (uma)-real(idade)-instável (absoluta), a partir de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva). Mas que, efectivamente, é (uma)-representação que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade), a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, instala-se como (uma)-*physis*-existência.

Mas, por ora, como “há” (uma)-finalidade de definir o que é (uma)-objectivação-autopoiética, pode-se afirmar que: (uma)-objectivação-autopoiética é (uma)-(trans)formação-linguística; (uma)-(trans)forma de (um)-linguístico em (uma)-representação. O que ao acontecer na forma de cada (uma) das alterações estruturais, como (uma)-*physis*-existência e a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE<sup>165</sup> em cada (uma) das interacções linguísticas, real(iza-se) a partir de (uma)-(ir)representação, como (um)-SER (SEIN) que ONTOFILOGENICAMENTE recalcado é, na duração de (um)-“fazer” em cada (uma) das práticas linguísticas, (um)-REAL (adjectivo) enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

(uma)-existência-linguística que na forma de (uma)-essência, é em cada (uma) das práticas linguísticas, o que se real(iza) a partir de (uma)-representação que ao tornar-se visível, e recalcar (um) dos pólos de (um)-PAR-imagético. É o que na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, visual e sonoramente (in)visível e (in)audível, mas *physis* existencialmente real(izável), é formal e estruturalmente como (uma)-forma-real(idade) na forma de (uma)-objectivação-autopoiética, o que altera estrutural e sistemicamente, cada (uma) das existências realidade, visuais e sonoras que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial-linguístico. Edificadas em cada (um) dos construtos arquitetónicos | urbanísticos | culturais | legislativos | políticos e sociais, «entre» cada (um) dos outros possíveis, através de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas possíveis, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

---

165 Veja QUADRO 011 – *Schema* SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE.

Salienta-se contudo que (uma)-objectivação-autopoiética desenvolve-se a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer (1788-1860). Que a partir de (uma)-ideia-de-objectivação-adequada-da-vontade, como (um)-eidos<sup>166</sup>-platônica, é na forma de cada (uma) das experiências de satisfação individuais, o que (trans)forma (uma)-imagem (alucinação) que “há” em (uma)-estrutura-neurobiológica, no que se real(iza) como (uma)-forma-objectivação-adequada-da-vontade que, ao substantivar-se como (uma)-forma-representação, real(iza-se) enquanto (uma)-objectivação de (uma)-vontade, como (uma)-formalidade que enquanto (uma)-real(ização) é não PERFEITA<sup>167</sup> na forma de (um)-PAR-imagético, enquanto (uma)-forma-representação.

OUTRA ideia que se agrega a (uma)-ideia-schopenhaueriana de (uma)-objectivação de (uma)-vontade, é a sistemática de (uma)-autopoiese a partir das investigações de Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946 2001).

Isto porquê (uma)-autopoiese é (uma)-real(ização) que se “faz” em cada (um) dos sistemas vivos, para produzir-se e organizar-se sistêmica e autonomamente em (um)-meio-*physis*-existencial. Diante da qual (um)-meio não é (um)-agente-(trans)forma(dor). Ou seja, (uma)-ideia (forma) de que (um)-sistema-vivo é (um)-sistema-autônomo que está constantemente autoproduzindo-se e autorregulando-se, para (uma)-manutenção de cada (uma) das interações com (um)-meio que, desta forma, não é (um)-agente-(trans)forma(dor), muito embora seja (um)-participante-activo em cada (uma) das (trans)formações estruturais e sistêmicas que se real(izam).

Mas “há” (uma)-terceira-ideia que se agrega a cada (uma) das ideias anteriores: a ideia de (um)-protótipo-NEONATAL. A partir das investigações de Sigmund Freud (1856-1939), (um)-protótipo-NEONATAL é (uma)-ideia (forma) de que (uma)-alucinação na forma de (uma)-imagem, é (uma)-forma-(im)possível que na forma de (uma)-substantivação, ao real(izar-se) como (uma)-representação, recalca (um) dos pólos de (um)-PAR-imagético-[(ir)representação | representação].

Pois, ao SER ONTOFILOGENICAMENTE formalizada como (uma)-representação, estrutura-se na forma de (um)-PAR-imagético-[(ir)representável | representável], que se estabelece por (um)-lado, como (uma)-essência-[(ir)representação] em (um)-REAL-topológico; e por OUTRO, como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico. O que na forma de (um)-PAR-imagético, real(iza-se) como todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há”, através de (uma)-forma que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE recalcada, é na forma de (um)-acontecimento-significante, o que se real(iza) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE [(ir)representação] «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas em (um)-REAL (adjectivo).

---

166 Dicionário Strong, verbete 1491, que se define como “aparência externa ou exterior, forma”. Derivado de Strong 1492 – εἶδω (*eido*) – que se define como “ver”. Sendo esta a forma do conhecer platônico.

167 PERFEITA – “feita para”, per-feita.

Desta forma, ao agregarem-se cada (uma) destas ideias, obtêm-se (uma)-real(ização): (uma)-experiência-de-satisfação em (um)-NEONATO, que ao estabelecer-se na forma de (uma)-imagem-alucinada, como (um)-(im)possível, é na forma de (uma)-substantivação, o que se define a partir de (um)-PAR-imagético, como (uma)-representação e (uma)-(ir)representação que na forma de (um)-recalcamento-real(ização), é o que se real(iza) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas.

(uma)-essência que na forma de (um)-PAR-imagético, real(iza-se), como [(uma)-(ir)representação + (uma)-representação] que na forma de (uma)-representação, ao real(izar-se), como (um)-visível em (um)-simbólico-topológico, “há” como (uma)-forma-(in)visível em (um)-REAL (adjectivo). (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE [(ir)representável] que não é (uma)-ontofenomenologia na forma de (uma)-(in)definição-de-duas-ou-mais-imagens (alucinação), outrossim, (uma)-essência que enquanto (uma)-existência-linguística, é em (um)-REAL (adjectivo); e enquanto (uma)-existência-heurística, é (um)-significado em (um)-REAL-substantivo.

E esta é a forma de cada (uma) das interacções linguísticas [representação | prática linguística] que na forma de (um)-modelo-PAR-imagético, define-se como (uma)-PRIMEIRA-forma-representação a partir de (um)-recalcamento: (um)-acontecimento-linguístico que em (um)-sistema-topologia-linguística, é enquanto (um)-modelo-ideacional, o que se real(iza) como (uma)-forma-representação, mas na forma de [(um)-(ir)representação + (uma)-representação]. O que ao definir-se como (uma)-interacção-linguística, em e «entre», (um)-REAL-topológico e (um)-simbólico-topológico que atravessa (um)-PAR-imagético, é o que se define como (uma)-real(ização)-linguística enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. Que OUTRA “coisa” não é senão (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico e (uma)-essência enquanto (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico.

Portanto, (uma)-objectivação-autopoiética é (um)-eidos que em cada (uma) das existências linguísticas, real(iza-se) em (um)-sistema-topologia-linguística, e que se estabelece em (um)-simbólico-topológico como (uma)-forma-representação. (uma)-real(ização) de (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (uma)-foma(ção) de (uma)-PRIMEIRA-forma-representação, é na forma de (um)-modelo-ideacional, (uma)-formalidade que enquanto (um)-PAR-imagético, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade em (um)-REAL (adjectivo), enquanto (uma)-(ir)representação; e na forma de (uma)-essência, que é, desta forma, (uma)-autopoiese (trans)formada por (um)-(ir)representação que ao substantivar-se, atravessa (uma)-prática-linguística, real(izando-se) como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico (veja QUADRO 011 – *Schema* SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE).

(um)-BOM-exemplo desta tipologia de (trans)forma(ção) é (uma)-representação-“EU”-pronominal, que é tida em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-objectivação-autopoiética. Pois é (uma)-(trans)forma-linguística de (uma)-adjectivação-EGO-[SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE], em (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que enquanto (uma)-(ir)representação, atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, como (uma)-essência, (trans)forma(ndo) através de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], (uma)-(ir)representação-pronominal-[SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE], na forma de (um)-“EU”-objectivo que enquanto (uma)-existência-pronominal-“EU”-subjectiva, desta forma, existe em (um)-simbólico-topológico na forma de (uma)-representação. O que a partir (um)-“fazer” que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, instala-se em (uma)-forma-discurso. O que (trans)forma linguisticamente, (uma)-substância-invisível, em (uma)-essência visível em cada (uma) das estruturas de (um)-discurso. O que enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] real(iza-se), estrutural e sistemicamente, «sobre» (uma)-OUTRA-[SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE]. Para identificar esta (trans)forma(ção) linguística, basta observar cada (uma) das relações verbais que “há”, em cada (uma) das orações pronominais e não pronominais.

Desta forma, cada (uma) das mudanças substanciais em cada (uma) das estruturas objectivas e linguísticas, é como (uma)-forma-de-“fazer”-estético, o que se pode dizer SER ONTOFILOGENICAMENTE perceptível ontofenomenologicamente, como (uma)-objectivação-autopoiética. Por exemplo: (uma)-representação-espacial em (uma)-pintura-renascentista, é definida por (uma)-topologia-linguística, como (uma)-objectivação-autopoiética. Posto que (uma)-estrutura-de-representação-espacial na forma de (uma)-perspectiva-científica, altera substancialmente cada (uma) das estruturas visuais. Compare-se (uma)-representação-MUNDO em (uma)-IDADE-moderna, com (uma)-representação-MUNDO em (uma)-IDADE-contemporânea.

Muito embora também ocorram, (trans)forma(ções) que não SÃO ONTOFILOGENICAMENTE estruturais, mas SÃO, ontofenomenologicamente objectivações autopoiéticas. Entretanto, a questão de facto, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, está na “localização” de cada (uma) das objectivações autopoiéticas em cada (uma) das interacções linguísticas.

#### 1.16. Fetichismo

(um)-BOM-exemplo de objectivação autopoiética na forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) é (um)-fetichismo. A partir do que é preciso visitar (um)-pensamento de Karl Marx (1818-1883) e Guy Debord (1931-1994), e atravessar os “espinhosos” caminhos de (um)-fetichismo.

Entretanto, primeiramente a partir do pensamento de Jacques Lacan (1901-1981), que ao afirmar que (uma)-ideia-de-fetichismo existe em muitos campos do conhecimento humano. E que (um)-fetichismo é (uma)-(trans)formação-absoluta (instável), que na forma de (um)-DESEJO, em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) a partir de (um)-existente-não-linguístico ao atravessar (um)-REAL (adjectivo) como (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO. O que na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} é como (uma)-*ergoígenia* na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Porquê isto é o mesmo que afirmar que (uma)-condição-de-simultaneidade em (uma)-forma-desejante<sup>168</sup>, é o que se real(iza) a partir de (uma)-projectão de (uma)-realidade «sobre» (uma)-representação, que ao atravessar (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), na forma de (um)-fetichismo, projecta-se como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} [DESEJO], enquanto (um)-existente-não-linguístico, «sobre» (uma)-“coisa”-social. (um)-artifício para (uma)-real(ização) de (um)-“fazer” que ao atravessar (uma)-prática-linguística como (uma)-formalidade, é o que se real(iza) como (uma)-experiência-de-satisfação, na forma de (uma)-estrutura-axiológica. O que permite (uma)-ambiguação através de (uma)-imagem (alucinação) em (uma)-existência-linguística.

Mas, como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} [DESEJO], é (uma)-projectão de (uma)-simultaneidade-desejante-[recalcamento | real(ização)] «sobre» a forma de (uma)-prática-linguística. O que enquanto (uma)-formalidade-absoluta (instável), na forma de (uma)-simultaneidade, é como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} [DESEJO], (uma)-não-existência-linguística que ao atravessar (um)-REAL-topológico através de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta), “faz(-se)” na forma de (uma)-existência-linguística, ao projectar-se «sobre» (uma)-“coisa”-social e (trans)formar(-se) através de (uma)-simultaneidade-absoluta (instável), na forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação (imagem). O que se real(iza) como (uma)-forma-fetichismo na forma de (uma)-representação.

(um)-DESEJO que enquanto (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}, projecta-se «sobre» (uma)-“coisa”-aparência a partir de (uma)-existência-não-linguística que enquanto (uma)-representação, [existe e manifesta-se] para (uma)-experiência-de-satisfação que enquanto (uma)-ambiguação-absoluta (instável), na forma de (um)-fetichismo-interactivo (estável), atravessa (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), real(izando-se) como (uma)-“coisa”-social em (uma)-conformidade com o que define Lacan em (uma)-psicanálise.

Portanto, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, a partir da forma de (um)-pensamento-lacaniano, (um)-fetichismo-absoluta (instável) é (uma)-projectão de (um)-existente-não-linguístico (DESEJO) «sobre» (uma)-“coisa”-social. O que na forma de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta) e enquanto (uma)-*physis*-existência. É, desta forma, o que se real(iza) como

---

168 Cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-forma-desejante segundo Lacan.

(uma)-ambiguação-absoluta (instável) que se edifica como (uma)-experiência-de-satisfação, na forma de (uma)-sociedade (veja QUADRO 004 – Como se real(iza) (um)-fetichismo).

Entretanto, segundo Marx e Debord, com (um)-pensamento em (um)-sistema-simbólico-fechado, (um)-fetichismo existe como (um)-atravessamento-formal-e-estrutural em (uma)-interacção-produtiva. O que através de cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas), estrutura-se e real(iza-se) em cada (uma) das mercadorias [“coisas” sociais] como o que, desta forma, resulta de cada (uma) das condições de cada (um) dos sistemas vivos humanos, em e para (um)-trabalho.

Em torno das quais se estabelecem cada (uma) das estruturas absolutas (instáveis), que enquanto (um)-fetichismo-interactivo (estável), organizam-se, separam-se e reificam-se, ao atravessar cada (uma) das produções mercantis, na forma de (um)-valor. «Sobre» as quais “há” (uma)-estrutura-de-ambiguação-[imagem | alucinação], que se projecta a partir de (uma)-representação, «sobre» (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que se real(iza), desta forma, como (um)-fetichismo.

Posto que o que (trans)forma linguisticamente o trabalho de (um)-sujeito em (uma)-“coisa”-social [mercadoria] é o que, enquanto tal, real(iza-se) como (uma)-existência-não-linguística (DESEJO) que se projecta «sobre» (uma)-prática-linguística-estável, ao atravessar-se como (uma)-representação. O que enquanto (uma)-forma-sujeito, é (uma)- projecção enquanto (uma)-“coisa”-social.

Pois, segundo Marx, (uma)-experimentação de cada (uma) das interacções sociais que envolvem (uma)-produção de (uma)-mercadoria, é o que (trans)forma cada (um) dos aspectos subjectivos inerentes a produção de (uma)-mercadoria. O que na forma de cada (uma) das condições objectivas, é (um)-valor, que enquanto (uma)-estrutura-axiológica segundo Marx, é (um)-fenómeno-social-e-psicológico que a partir de (uma)-mercadoria, real(iza-se) como (uma)-vontade que se pode definir enquanto (um)-fetichismo de (uma)-mercadoria.

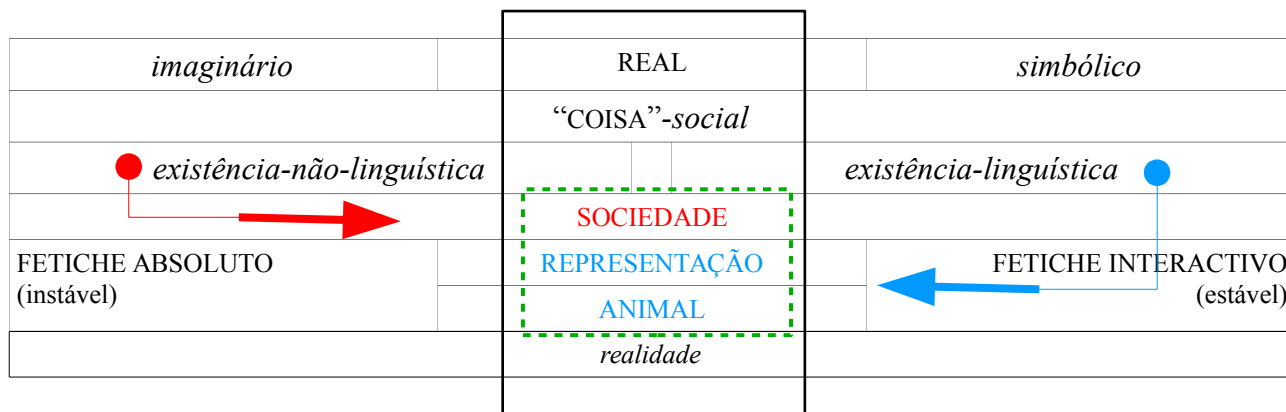
Visto que na forma de (um)-processo-produtivo, ao autonomizar-se relativamente a cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos. É, desta forma, o que enquanto (uma)-estrutura-económica [produtiva], (sobre)põe-se a cada (uma) das interacções sociais que a partir de (um)-ENTE-axiológico, é enquanto (um)-fetichismo-absoluto (instável), o que atravessa (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), real(izando-se) como (uma)-representação enquanto (uma)-forma-valor-DINHEIRO.

O que enquanto (uma)-forma-real(idade)-interactiva (estável), é na forma de (uma)-estrutura-axiológica através de (um)-ENTE-axiológico, o que se instala como (uma)-“coisa”-valor, na forma de (um)-comércio de cada (uma) das mercadorias que, negociadas em (uma)-forma-



mercado, definem-se através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas em cada (uma) das “coisas” sociais, como (uma)-forma-absoluta (instável) que em cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas), “há” como (uma)-real(idade) em (uma)-sociedade, na forma de (uma)-actualidade.

QUADRO 004 – Como se real(iza) (um)-fetichismo



QUADRO 004 – Neste quadro apresenta-se como se opera (um)-sistema-topologia-linguística de (um)-ponto-de-vista de (um)-fetichismo que, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE absoluto (instável) ou interactivo (estável).

(uma)-prática-linguística-estável (interactiva), que a partir de (um)-fetichismo-absoluto (instável) enquanto (uma)-forma-real(idade)-instável [absoluta | MERCADO], (sobre)põe-se a cada (uma) das estruturas sociais estáveis [interactivas e institucionais] que ao real(izarem-se), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (uma) das práticas linguísticas. É a partir da forma de (um)-fetichismo-interactivo (estável), o que se instala como (uma)-real(idade)-absoluta (instável).

Desta forma, (um)-fetichismo-absoluto (instável) é o que estrutura (uma)-produção e (uma)-troca-de-mercadorias. O que resulta de (uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO de (uma)-mercadoria, que na forma de (uma)-“coisa”-social-interactiva (estável), é enquanto (um)-ENTE-axiológico em (uma)-metodologia-de-trocas, o que se real(iza) como (uma)-forma de culto idiossincrático que, desta forma, busca por (uma)-satisfação na forma de (uma)-ambiguação-absoluta (instável) que atravessa (um)-fetiche-interactivo (estável) que se estabiliza a partir de (um)-ENTE-axiológico, instalando-se como (uma)-real(idade)-absoluta (instável) enquanto (um)-REAL (adjectivo).

## 1.17. Sociedade

Entretanto, a partir de (uma)-topologia-linguística, o que se procura na forma de (um)-pensamento-estrutural-marxista, é (uma)-identificação de cada (uma) das SUPER-estruturas que “há”, na forma de (uma)-sociedade. Mas, para tanto, primeiramente, é preciso definir o que é (uma)-sociedade em (um)-sistema-topologia-linguística?

Pois, (uma)-sociedade em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-projectão de (uma)-existência-não-linguística «sobre» cada (um) dos sistemas vivos humanos ou homínídeos. O que se real(iza) como (um)-REAL (adjectivo), ao estabelecer-se na forma de (uma)-sociedade-absoluta, instável e objectivamente, enquanto (uma)-existência-manifesta-sistemicamente e a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. O que se real(iza) enquanto (uma)-formalidade, como (uma)-*physis*-existência.

Entretanto, segundo (um)-marxismo, “há” (um)-somatório de condições [BASE-estruturais + SUPER-estruturais] consideradas (in)dispensáveis, tanto a (uma)-sobrevivência-individual, quanto a (uma)-sobrevivência-colectiva de cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que na forma de cada (uma) das condições para (uma)-manutenção de (uma)-*práxis*-quotidiana, na forma de cada (uma) das *physis* existências linguísticas, é o que ao basear-se e fundamentar-se em (um)-“fazer”-neurofisiológico na forma de (uma)-*ergoígenia*, real(iza-se) como (uma)-forma-sociedade.

(um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social que ao real(izar-se) a partir de cada (uma) das condições marxistas fundamentais, é na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, o que se define como (uma)-real(idade). E que se real(iza) como (uma)-forma-sociedade, a partir de (um)-surgimento de (um)-primeiro-grupo-homínídeo-*Australopithecus*. (uma)-forma-sociedade que a partir de cada (uma) das condições estruturais e *physis* existenciais, é na forma de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social, o que ao atravessar (uma)-prática-objectiva enquanto (uma)-forma-fetichismo-absoluto (instável), real(iza-se) em cada (um) dos acontecimentos objectivos, através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que enquanto (uma)-existência-absoluta (instável), é enquanto (uma)-real(idade), (uma)-existência-interactiva (estável).

Mas este é (um)-facto-objectivo que suscita (uma)-indagação: afinal, como cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus* real(iza-se) em (uma)-sociedade através de (uma)-prática-objectiva, se (uma)-sociedade em (um)-ESTÁDIO-monocórdio não é (uma)-representação?

Basicamente, a partir de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social que, entretanto, objectivamente é (uma)-forma-fetichismo-absoluto (instável). O que ao atravessar cada (uma) das práticas objectivas, na forma de (um)-protótipo-objectivo, define-se como (uma)-formalidade que, na filosofia tradicional, é (re)conhecida como (uma)-imanência.

O que, desta forma, constitui-se como mais (um)-problema. Pois é exatamente de (uma)-imanência que se pretende através de (uma)-topologia-linguística, atravessar e (ultra)passar (uma)-formalidade-ontofenomenológica-tradicional.

Pois o que permite, conseqüentemente entender e (ultra)passar cada (uma) das condições relativas a (uma)-imanência, é (uma)-consideração a partir de Jacques Lacan (1901-1981) acerca de cada (um) dos registos psíquicos – imaginário, REAL e simbólico. Pois segundo Lacan, cada (um) destes registos, está tão junto (um) do outro de (uma)-tal-forma, que não “há” (uma)-formação de (um), sem (uma)-formação de todos (ver FIGURAS 001 e 002 – Nó e Brasão da Família Borromeo e Nó não trivial topológico).

Porquê cada (um) dos registos psíquicos [imaginário, REAL e simbólico], tem (uma)-mesma-importância. Questão que já foi demonstrada em tópicos já avançados nesta propedêutica. E a partir do que se pode afirmar, em conformidade com Lacan, que cada (um) dos registos psíquicos organiza-se e estrutura-se de (uma)-forma-(inter)cambiável, o que se real(iza) em cada (um) dos registos psíquicos de (uma)-forma-tal, que cada (um), BEM pode SER ontofenomenologicamente, (um)-OUTRO.

Entretanto, na forma de (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos registos psíquicos é (um)-registo-linguístico. O que real(mente) não se separa, outrossim, [existe e manifesta-se] ONTOFILOGENICAMENTE, como (um)-registo-diverso-do-OUTRO. Posto que o que caracteriza (uma)-*physis*-existência-linguística-HUMANA, enquanto (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social, é (uma)-diversidade de interacções que, sendo linguísticas, são distintas mas interdependentes.

Mas atenção que, apesar de distintos, não “há” (uma)-hierárquia «entre» cada (um) dos registos linguísticos. Pois ao real(izarem-se) conjuntamente como (uma)-formalidade-sistêmica, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE interdependentes enquanto [existências manifestas] ontofenomenologicamente.

Portanto, (uma)-sociedade em (uma)-topologia-linguística, é em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, (uma)- projecção de (uma)-existência-não-linguística «sobre» (uma)-prática-objectiva. (um)-“fazer”-neurofisiológico que enquanto (um)-acoplamento-objectivo-e-social, é o que, na forma de (um)-ponto em (um)-nó-não-trivial-topológico (ver FIGURA 002), é na forma de (um)-linguístico, o que enquanto (uma)-*ergoígenia* de (um)-[imaginário | REAL | simbólico], é (um)-(in)distinguível enquanto (uma)-forma-origem.

Isto porquê, esta é (uma)-forma-sociedade que, a partir de (um)-fetichismo-absoluto (instável), é na forma de (uma)-prática-objectiva, o que a partir de (um)-“fazer”-(des)ambiguador-instável (absoluto), instala-se como (uma)-forma-sociedade. O que na forma de (um)-simbólico-

topológico, é como (uma)-real(idade)-interactiva (estável), tanto em (um)-ESTÁDIO-monocórdio (*Australophitecus*), quanto em (um)-ESTÁDIO-diádico (*Habilis*), como também, em (um)-ESTÁDIO-egóico (*Erectus*), o que se real(iza) na forma de (uma)-real(idade)-absoluta (instável) a partir de (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

#### 1.18. Crise

Desta forma, ao retomar (um)-conceito-de-fetichismo, a partir da forma de (uma)-sociedade-absoluta (instável). É na forma de (um)-fetichismo-interactivo (estável) que, na forma de (uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO, “há” (uma)-forma que se instala como (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), que ao real(izar-se) como (um)-ENTE-axiológico, é interactivamente (estável) em (uma)-sociedade, o que se estabelece como (uma)-formalidade que na forma de (um)-culto-idiossincrático, real(iza-se) através de cada (uma) das práticas linguísticas, «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais. O que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico e em (um)-sistema-topologia-linguística, define como se real(iza) (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

Ou seja, (uma)-estrutura que na forma de (uma)-simultaneidade, está tanto para além, quanto para aquém de cada (uma) das interacções linguísticas em (um)-REAL (adjectivo). Isto porquê é (uma)-estrutura que ao (ultra)passar cada (uma) das representações em (uma)-real(idade), primeiro enquanto (uma)-formalidade-(ir)representação que atravessa (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, que simultaneamente, enquanto (uma)-formalidade, é na forma de (uma)-conformidade, o que se real(iza) como (uma)-representação.

(uma)-representação que se projecta «sobre» (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) e real(iza-se) «sobre» (uma)-“coisa”-social, emprestando-lhe (uma)-(ir)representação que, enquanto (uma)-formalidade, é na forma de (um)-ENTE-axiológico, o que se estrutura na forma de (uma)-representação que se (sobre)põe interactivamente (estável), a forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), real(izando-se) como (uma)-realidade-absoluta (instável) em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

(um)-fetichismo que «sobre» (uma)-formalidade-“coisa”-social, existe como (um)-ENTE-axiológico a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se projecta «sobre» cada (uma) das “coisas” aparentes. O que, desta forma, (sobre)põem-se a cada (uma) das estruturas linguísticas e *physis* existenciais, real(izando-se) como (uma)-forma-fetichismo-interactivo (estável), que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, real(iza-se) como (uma)-forma-sociedade na forma de (uma)-real(idade)-instável (absoluta). O que, desta forma, em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-realidade [sistémica].

Portanto, (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é «sobre» a real(ização) de (uma)-prática-linguística interactiva e estável, o que a partir de (uma)-estrutura-axiológica, real(iza-se) na forma de (um)-ENTE-axiológico, como (uma)-formalidade que ao projectar-se «sobre» a real(ização) de cada (uma) das práticas linguísticas, é como (uma)-forma-(ir)representação, o que se instabiliza enquanto (uma)-*physis*-existência-linguística, através de (uma)-((SOBRE)STIMAÇÃO. O que, «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social e a partir de (uma)-existência-não-linguística, é o que se real(iza) enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), (des)encadeando-se como (uma)-real(idade)-instável (absoluta) que, na forma de (uma)-sistemática-de-vida, define-se comumente como o que se real(iza) como (uma)-formalidade enquanto (uma)-CRISE.

Mas o que enquanto (uma)-CRISE, é enquanto (uma)-real(idade), o que se (des)encadeia através de (uma)-prática-linguística que não se pode afirmar como (uma)-CRISE enquanto (um)-intervalo-topológico<sup>169</sup> e na forma de (uma)-temporalidade-(des)controlada<sup>170</sup>, outrossim, como (uma)-constante-linguística que se real(iza) na forma de (uma)-prática-linguística. O que é, enquanto (um)-acontecimento-linguístico, (um)-((des)encadeador de cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactiva), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que lhes atravessa enquanto (uma)-forma-realidade-absoluta (instável).

E, desta forma, (uma)-CRISE é o que instabiliza (uma)-real(idade) a partir de (uma)-forma-SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE. (uma)-(ir)representação que se projecta «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) como (uma)-forma-estável (interactiva), instabilizando-se na forma de cada (uma) das representações que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, edificam-se sistémica e autopoieticamente, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-realidade-absoluta (instável) na forma de (uma)-sociedade-interactiva (estável).

(um)-sistema-*physis*-existencial-e-linguístico que na forma de (uma)-sociedade e a partir de (um)-fetichismo, atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, real(izando-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de (uma)-forma-real(idade) que, através de cada (uma) das estruturas axiológicas e na forma de cada (um) dos ENTES axiológicos, é o que enquanto (uma)-estrutura-fetichismo, sistémica e autopoieticamente, a partir de (um)-sistema-*physis*-existencial, é o que “há” em cada (uma) das práticas linguísticas, como o que é, a partir de (uma)-realidade-absoluta (instável), o que real(mente) na forma de (uma)-real(idade), é enquanto (uma)-prática-

169 (um)-intervalo-topológico é (uma)-forma-valor que enquanto (uma)-homeomorfia, define a forma de (um)-acontecimento-linguístico enquanto (um)-“lugar”.

170 (uma)-temporalidade, como já foi visto, é (um)-BEM-cultural que atravessa linguisticamente (uma)-duração-histórica. Em (uma)-actualidade, (uma)-CRISE, é (um)-período-histórico fora do controle dos sujeitos históricos. (uma)-CRISE, em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-real(ização) que se real(iza) como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, enquanto (uma)-existência-heurística.

linguística-estável (interactiva), o que se real(iza) como (uma)-satisfação e assume-se como (uma)-forma-NOEMA [objecto | pensamento], instalado como (uma)-ideia-NOÉTICA (acção consciente), que em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-sociedade-axiologicamente-estruturada.

A partir do que (um)-interlocutor pergunta-se: como (um)-instável pode SER ontofenomenologicamente (um)-absoluto? Posto que o mais comum é (um)-absoluto SER ontofenomenologicamente (um)-estável e não o contrário.

Contudo, em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-*physis*-existência-linguística-absoluta (instável), como é (um)-sistema-ambíguo-PURO, é o que se estabelece como (um)-sistema-absoluto (instável) na forma de (uma)-instabilidade-PURA [ideia]. Como também, na forma de (uma)-sociedade, em (um)-sistema-topologia-linguística, ao atravessar (uma)-estrutura-fetichismo-absoluto (instável) como (uma)-prática-objectiva, é o que se permite tratar enquanto (uma)-sociedade, como (um)-sistema-de-existência-manifesta que enquanto (um)-linguístico, é como (uma)-forma-representação, o que enquanto (uma)-forma-real(idade), assume-se ONTOFILOGENICAMENTE, ontofenomenologicamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos, em cada (uma) das formas que SÃO possíveis como (uma)-real(idade), a partir de (um)-sistema-realidade. O que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, como (uma)-acção-NOÉTICA (acto consciente).

Posto que (uma)-sociedade, como é (uma)-formalidade-absoluta (instável) é, desta forma, (uma)-adjectivação que, enquanto (um)-véu [protótipo NEONATAL] e a partir de (um)-imaginário-topológico, real(iza-se) como (uma)-estrutura-ambígua [SIM NÃO = NÃO SIM] que, a partir de (uma)-realidade, sistemicamente organiza-se em (um)-REAL (adjectivo), como (uma)-forma-real(idade)-estável (interactiva).

O que em cada (uma) das representações, experimenta-se a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, como (uma)-alucinação [SIM NÃO = NÃO SIM], que na forma de (uma)-real(idade)-representação [SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é o que se real(iza) como (uma)-formalidade-NOÉMICA. Diante do que, (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, é o que enquanto (uma)-axiologia, real(iza-se) como (uma)-sociedade-interactiva (contemporânea) através de cada (um) dos acontecimentos significantes.

Muito embora, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, na forma de (uma)-contemporaneidade, cada (um) dos acontecimentos absolutos (instáveis) é (uma)-forma-hipotética ou, quíça no máximo, (uma)-temporalidade que se perde em cada (um) dos instantes temporais de cada (um) dos acontecimentos significantes, enquanto (um)-tempo-passado. O que, desta forma, é

como (um)-passado-remoto, o que está (ir)remediavelmente esquecido ou até perdido, enquanto (uma)-representação possível na forma de (um)-intervalo-topológico.

Portanto, desta descrição, resta-se apenas afirmar que (uma)-CRISE é (uma)-forma [ideia] enquanto (uma)-existência-linguística que, em (uma)-contemporaneidade, ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, assume-se em cada (uma) das representações ONTOFILOGENICAMENTE, como (uma)-ontofenomenologia possível enquanto: (uma)-depressão, (uma)-neurose, (um)-crime, (uma)-guerra, (uma)-greve, (uma)-violência-doméstica, «entre» tantas OUTRAS.

**PARTE I – *Ergońgenia* E TOPOLOGIA**



Dedica-se (uma)-totalidade da PRIMEIRA PARTE desta dissertação, à argumentação, discussão e explicação dos aspectos que se consideram, até a esta altura, como os mais importantes e pertinentes acerca de (um)-conjunto-de-hipóteses elaboradas, a partir de (um)-conceito-de-*ergoñgenia*, e que agora compõem (uma)-*theoria*<sup>171</sup>, que se define como (uma)-topologia-linguística.

Optou-se por este caminho, porquê a finalidade deste estudo é avançar respectivamente a (um)-conjunto-de-hipóteses que se define como (uma)-topologia-linguística, para (uma)-aplicação-prática e (uma)-investigação-filosófica. Posto que esta é (uma)-*theoria* que envolve (uma)-investigação-extensa-e-longa na duração de (um)-tempo-histórico. E que se inicia em (uma)-antropologia-cultural, atravessando (uma)-biologia, (uma)-psicanálise, (uma)-linguística, (uma)-filosofia, (uma)-matemática e (uma)-lógica, para desenvolver-se na forma de (uma)-investigação, nos capítulos e subcapítulos de (uma)-PRIMEIRA-PARTE.

Mas como o que se pretende, é (um)-estabelecimento de (uma)-visão que aborde (um)-porquê de cada (uma) das especificidades, como também, de cada (um) dos aspectos *theóricos*, considerados e descritos, em (uma)-PROPEDÊUTICA. É isto o que relativamente a este estudo, procura definir tanto na forma de (uma)-*ergoñgenia*, quanto na forma de (uma)-topologia-linguística, o que é (uma)-realidade.

Entretanto, salienta-se que por muitos e os mais variados motivos, cada (um) dos aspectos seleccionados e tratados nesta PRIMEIRA PARTE, apesar da importância que têm para (um)-entendimento do conjunto de hipóteses do que se define como (uma)-topologia-linguística, referem-se tanto a (uma)-*ergoñgenia*, quanto a (uma)-topologia-linguística, e eventualmente de (um)-ponto-de-vista de (uma)-prática-*theórica* ainda em desenvolvimento, pode não se mostrar como o mais consistente com a finalidade e o contexto que se pretende para esta investigação.

Até porquê nesta altura, como ainda não “há” (um)-objectivo-específico definido ou (des)cortinado para este estudo, apesar de já traçado e projectado. E esta condição não se entende como (um)-prejuízo, outrossim, como (uma)-mais-valia que gradativamente e no decorrer de (um)- (des)envolvimento deste estudo, através de cada (uma) das argumentações, será definida enquanto (uma)-forma-finalidade.

---

171 A partir do Dicionário Strong, verbete 2335, que se define como “visão, observação, aquilo que é visto, espetáculo”.

## A. (uma)-palavra-topologia e a topologia-geométrica

Assim, a partir de cada (uma) das explicações acima narradas e da palavra topologia que deriva das palavras gregas:  $\tau\omicron\pi\omicron\varsigma$  (*topos*) +  $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$  (*logos*), e que se definem como “lugar” + “acto de falar ou pensar”, normalmente utilizada para designar (um)-ramo-da-matemática que estuda cada (um) dos espaços topológicos. Com é o que enquanto (uma)-extensão-da-geometria, estuda cada (um) dos espaços topológicos como estruturas que permitem formalizar conceitos e discursos acerca de espaços, equações e conjuntos, que em (uma)-forma-matemática, são formulados por (uma)-contemporaneidade-científica.

Aceca do que também se sabe que (uma)-palavra-topologia é utilizada neste contexto de (uma)-geometria e de (uma)-matemática, desde meados da década de 1830. Pois nesta altura, primeiramente pelo matemático alemão Johann Benedict Listing (1808-1882), em muitas das correspondências deste à outros matemáticos acerca de problemas de (um)-espaço em (uma)-geometria e em (uma)-matemática. Mas tendo sido utilizada por Listing em (um)-artigo-científico – *Vorstudien zur Topologie* – somente em 1848.

Depois do que foi novamente utilizada muitos anos mais tarde, em 1883, em (um)-artigo na revista *Nature*, para distinguir (uma)-topologia-geométrica de outras geometrias (euclidiana, analítica, diferencial, algébrica, não euclidiana, etcétera).

Como (uma)-topologia-geométrica<sup>172</sup> tornou-se muito importante enquanto (uma)-geometria-qualitativa. Pois permite definir basicamente o que é (um)-espaço-topológico, e este conceito permite estudar muitos outros conceitos que aparecem em cada (uma) das matemáticas. Particularmente (um)-conceito-de-homeomorfismo, que trata de espaços topológicos (in)distinguíveis. E, desta forma, se «entre» dois espaços topológicos existe (um)-homeomorfismo, então, cada (um) dos espaços é considerado (um)-espaço-topologicamente-(in)distinguível do outro. Desta forma, na topologia geométrica, é (im)possível distinguir (uma)-chávena de (um)-donnut, posto que (um) pode (trans)formar-se no OUTRO.

Pois é a partir de (um)-conceito-de-homeomorfismo, que se funda o que se convencionou chamar por topologia-linguística. Entretanto, não para estudar os espaços topológicos, mas «antes», para estudar cada (uma) das interações linguísticas, a partir de cada (uma) das representações que, desta forma, são tomadas e definidas como (um)-“lugar”. O que permite tratar cada (uma) das representações, em (um)-sistema-topologia-linguística, como homeomórficas.

---

172 A divisão mais básica da topologia matemática é: geral, algébrica e geométrica. Mas a topologia matemática como é uma área muito ampla de estudo, tem muitas áreas específicas.

Por isto, (uma)-topologia-linguística toma (um)-conceito-de-homeomorfismo, oriundo da topologia algébrica, como (uma)-propriedade-importante. Aplicando-o mais especificamente, ao entendimento e (des)envolvimento de cada (uma) das práticas linguísticas que acontecem, na forma de cada (uma) das interações linguísticas que decorrem, em (um)-REAL-topológico.

A partir do que se afirma que, *ergoḡgenicamente* (uma)-topologia-linguística considera cada (uma) das existências semânticas, como (uma)-existência-manifesta-(in)distinguível. Posto que cada (uma) das existências semânticas, a partir de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação cuja *ergoḡgenia* é (um)-“fazer”-neurofisiológico. E a partir disto, pode-se afirmar que em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-realidade é (um)-estímulo, que se real(iza) sistemicamente, na forma de (uma)-real(idade) a partir da forma de (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica. O que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico, real(iza-se) como (uma)-representação.

## B. *Ergoḡgenia* e Representação

Por outro lado, (um)-conceito-de-*ergoḡgenia* aqui também apresentado e «sobre» o qual se argumenta. E que também se deriva de duas palavras gregas: *εργον* (*ergon*) + *γεννησις* (*genesis*), como o que se define enquanto “aquilo com o que alguém está ocupado” + “origem, nascimento”. Através do qual se procura, designar e definir, (uma)-origem de (um)-“fazer”-neurofisiológico-HUMANO. O que se real(iza) na forma de (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica, instalando-se sistemicamente como (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação.

E, posto que, é desta forma que se (des)envolve (uma)-topologia-linguística, menos por (uma)-questão de “autêntica pureza criativa”, e mais para permitir que se argumente acerca de cada (uma) das condições linguísticas, específicas e necessárias, à cada (uma) das argumentações acerca de (uma)-*ergoḡgenia* que, nesta altura, é tomada como (um)-conceito.

Entretanto, como (um)-conceito que na forma de (uma)-origem, é considerado como (uma)-forma-de-abordagem “ultrapassada” em (uma)-actualidade [filosófica, antropológica e linguística]. Ao que também acresce (um)-facto de que, compreender (uma)-origem de (um)-“fazer”-HUMANO, com (uma)-finalidade de investigar (uma)-existência, (uma)-realidade e (uma)-representação, a partir de cada (uma) das formas de (um)-“fazer” enquanto (uma)-real(idade). É o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade como o que se “faz” a partir da forma de (uma)-*ergoḡgenia* enquanto (um)-acontecimento-específico-e-tautológico. O que tomado a partir de (uma)-topologia-linguística e na forma de (um)-linguístico, interessa (sobre)maneira à cada (uma) das argumentações deste estudo.

Posto que na forma de (uma)-questão, o que se acerca a (um)-“fazer” e o que na forma de (uma)-*ergoñgenia*, não se assume como (uma)-real(idade) para (uma)-qual não se ocupa (uma)-actualidade. Como também, como (uma)-decorrência de (um)-carácter-tautológico de (um)-conceito-de-*ergoñgenia*, é o que através de cada (um) dos conceitos já (des)envolvidos em (uma)-PROPEDÊUTICA, procura viabilizar-se como (um)-condicionador-argumentativo-e-epistemológico, que na forma de (um)-modelo-de-observação, torna-se possível enquanto (uma)-edificação, que na forma de (um)-discurso acerca de (uma)-realidade, é na forma de (uma)-epistemologia, enquanto (um)-conhecimento-real(idade), (uma)-representação.

Portanto, se de (um)-ponto-de-vista da filosofia contemporânea, afirma-se que cada (uma) das *ergoñgenias* é (uma)-manifestação que enquanto (uma)-existência e a partir de (uma)-realidade, é enquanto (uma)-representação, o que se real(iza) sistemicamente como (uma)-real(idade), que tem (uma)-origem em (uma)-consciência, e que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-real(ização).

É na forma de (uma)-consciência, que se estabelece enquanto (uma)-condição, o que para cada (um) dos sistemas vivos humanos existe na forma de (uma)-existência-linguística e a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, enquanto (uma)-real(idade). Posto que, ao permitir que cada (um) dos sistemas vivos humanos constitua-se como (um)-sujeito em cada (uma) das acções<sup>173</sup> que se (des)envolve a partir de cada (uma) das realidades individuais. É o que se torna fundamental em (uma)-actualidade, a partir de (uma)-filosofia-tradicional, como forma de argumento com o qual se pode analisar (uma)-ontofenomenologia. O que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-HUMANA enquanto (uma)-forma-sociedade.

Desta forma, o que se argumenta de (um)-ponto-de-vista de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (um)-sistema-topologia-linguística, é que se pretende (des)locar (uma)-representação de (uma)-forma-consciência para (uma)-forma-“fazer”, através da forma de (uma)-simultaneidade-sistémica. Posto que cada (um) dos sistemas vivos humanos é, ontofenomenologicamente (um)-sistema-vivo-condicionado. O que segundo (uma)-topologia-linguística, constitui-se através de cada (uma) das acções<sup>174</sup> que se real(izam) sistemicamente enquanto (uma)-real(idade). E isto é o que permite argumentar que (uma)-real(ização), na forma de cada (uma) das representações em (uma)-real(idade), é (uma)-simultaneidade na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

O que já não acontece, segundo (uma)-topologia-linguística, a partir de (uma)-forma-consciência. Porquê a forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico enquanto [(uma)-existência + (uma)-

---

173 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

174 Idem.

manifestação] é o que atravessa (uma)-real(ização) sistemicamente. O que (trans)forma cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-simultaneidade, que enquanto (uma)-acção<sup>175</sup> é o que se real(iza), na forma de cada (uma) das formalidades que “há”, em (um)-REAL (adjectivo), a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que se estruturam, em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-conformidade-*ergoñgênica*.

(uma)-redundância-identitária-não-axiológica-e-absoluta (instável) que na forma de (uma)-*ergoñgenia*, empresta-se como origem à (um)-“fazer”, que ao atravessar [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (uma)-*ergoñgenia*, repete-se como (uma)-formalidade ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoieticas que se real(izam) em cada (uma) das práticas linguísticas que se originam em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica-HUMANA. O que estabelece, em cada (uma) das existências linguísticas que se real(izam) através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, que “há” (uma)-origem em (uma)-realidade que se (re)vela através de cada (uma) das representações, como o que se formaliza em (um)-REAL (adjectivo), na forma de cada (uma) das real(idades) a partir de cada (uma) das interacções linguísticas, não linguísticas, estruturais e sistêmicas que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística.

Ou seja, (uma)-*ergoñgenia* é (um)-“fazer”-neurofisiológico, cuja origem é (um)-“fazer” que se forma a partir de (uma)-tautologia. Portanto, (uma)-*ergoñgenia* é o que “faz” de (um)-“fazer”, no que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto o que não os estabelece, como (uma)-forma-sujeito, mas «antes», como (um)-“lugar” no qual “há” (uma)-dinâmica que se real(iza), através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, que na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos e não linguísticos, edifica-se em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(idade). Pois, (uma)-topologia-linguística é (um)-sistema que permite interagir (uma)-*ergoñgenia* com (uma)-origem. O que ao atravessar sistemicamente (uma)-formalidade, real(iza-se) como (uma)-representação, que tendo (uma)-*ergoñgenia* em (um)-“fazer”, é como (uma)-forma-origem a forma de (uma)-tautologia-gerativa enquanto (uma)-matriz.

O que (trans)forma (um)-“fazer”-objectivo (monocórdio) de (uma)-prática-objectiva (monocórdia), em (um)-“fazer”-linguístico (egóico) em (uma)-interacção-linguística (egóica). Que, desta forma, como (uma)-prática-linguística, pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE estudada e observada ontofenomenologicamente, através de (um)-sistema-topologia-linguística.

Entretanto, é a partir desta forma, como (um)-“lugar” e não como (um)-sujeito, que se define (um)-sistema-topologia-linguística, a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e não

---

175 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que se conduz até a (uma)-pergunta: afinal, o que leva cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (um)-“fazer”, até (um)-“fazer” de (uma)-representação que não o constitui enquanto (uma)-forma-activa que é, como (uma)-forma-sujeito em (uma)-sistemática-de-vida, outrossim, como (um)-objecto?

C. (um)-“fazer” é (um)-acoplamento-estrutural

Pois, é diante desta pergunta, que se pretende conduzir de (uma)-questão de (um)-“fazer”, para (um)-conceito de acoplamento estrutural através de (uma)-*ergoígenia*. Posto que (um)-conceito-de-acoplamento-estrutural, como o propõem Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001), é (um)-conceito-fundamental para (uma)-compreensão do que defende tanto (uma)-topologia-linguística, quanto esta investigação. E também para que se permita compreender, porquê (uma)-*ergoígenia*-observada, em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que “(des)faz” (uma)-condição-de-sujeito em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-real(idade).

Posto que, ao tornar, cada (um) dos sistemas vivos como (um)-objecto, o que se “faz” em (um)-sistema-topologia-linguística, é enquanto (um)-acontecimento-linguístico, o que se real(iza) na forma de (um)-“lugar” que, desta forma, pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE observado ontofenomenologicamente como (uma)-interacção linguística ou não linguística, na forma de cada (uma) das representações que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo). (uma)-real(idade) que “há” em cada (um) dos sistemas vivos e que ao atravessar a forma de (um)-linguístico, é como (um)-objecto, o que a partir de (uma)-compreensão, pode-se afirmar e dizer que é (uma)-*ergoígenia*.

Mas «antes» de avançar para (uma)-compreensão de (uma)-*ergoígenia*, vai-se chamar (uma)-atenção de cada (um) dos interlocutores à expressão: “a ONTOGENIA recapitula a FILOGENIA”. Que é (um)-enunciado típico de (uma)-Teoria-da-Recapitulação, proposta pelo médico e zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919) na década de 1860. Pois esta expressão é chamada à (uma)-atenção de cada (um) dos interlocutores, porquê tanto a expressão, quanto (uma)-Teoria-da-Recapitulação, não se aplicam tampouco à topologia-linguística, como também, à (uma)-*ergoígenia*.

Isto porquê entende-se que (uma)-Teoria-da-Recapitulação é (um)-(des)caminho investigativo para (um)-sistema-topologia-linguística, e do qual é possível afastar-se, a partir da forma de (uma)-*ergoígenia*. E para que se possa (des)envolver (uma)-topologia-linguística na

forma de (uma)-*theoria* através de (um)-caminho-investigativo que se pretende, e que é necessário, a partir de (uma)-FILOGENIA e de (uma)-ONTOGENIA de cada (um) dos sistemas vivos humanos, que na forma de (uma)-topologia-linguística, é tratado e percebido como (uma)-ONTOFILOGENIA. Isto porquê, o que precisa SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE afastado ontofenomenologicamente de cada (um) dos conceitos de ONTOGENIA e de FILOGENIA, é o que decorre como (uma)-teoria-da-RECAPITULAÇÃO enquanto (um)-sistema-topologia-linguística.

E, desta forma, voltando-se à (um)-“fazer” como (um)-ponto-de-partida-importante, coloca-se (uma)-pergunta: afinal, qual é a origem de (um)-“fazer” que se real(iza) como (uma)-representação?

(uma)-topologia-linguística através de (uma)-*ergoñgenia*, afirma e defende que (uma)-origem de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] e, por consequência, (uma)-origem de [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. O que consequentemente, estabelece que: (uma)-origem de (uma)-real(idade) é (uma)-representação que tem (uma)-origem em (um)-“fazer”. Do que se pode concluir, através de (um)-conceito-*ergoñgenia*, que [(uma)-representação é (um)-“fazer”] e [(um)-“fazer” é (uma)-representação].

E, desta forma, pode-se afirmar que tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é (um)-“fazer” em (um)-“fazer”. E que por consequência, a origem de tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é (uma)-*ergoñgenia*. (um)-acontecimento que é (uma)-origem de cada (uma) das “coisas” que “há”, enquanto (uma)-forma-aparência como (uma)-real(idade). O que tem origem em (uma)-realidade que enquanto (um)-“fazer”, é o que é (uma)-forma-sujeito em (um)-sistema-topologia-linguística. (um)-sujeito que na forma de (um)-“fazer” é (um)-acontecimento-*ergoñgênico*. O que se define em (um)-linguístico, como (uma)-tautologia enquanto (uma)-sistemática-de-vida.

O que de (um)-ponto-de-vista-filosófico, estabelece, desta forma, que cada (uma) das acções<sup>176</sup> de cada (um) dos sistemas vivos humanos que se edificam em (um)-REAL (adjectivo), na forma de (uma)-real(idade), prescindem de (um)-sujeito. Posto que (um)-sujeito é (uma)-*ergoñgenia*, segundo o que defende e argumenta-se em (um)-sistema-topologia-linguística. Mas, em (um)-sistema-topologia-linguística, sistemas são imprescindíveis. Portanto, (um)-sistema-vivo para que cada (uma) das interacções linguísticas aconteçam, não basta, “há” que “haver” sistemas a interagirem sistemicamente com sistemas.

Isto porquê (um)-“fazer”-*ergoñgênico*, tem como (um)-objecto, (um)-“fazer” que lhe serve de origem. Pois (um)-“fazer”-neurofisiológico, é (um)-acontecimento-*physis*-existencial que enquanto (uma)-*ergoñgenia*, real(iza-se) como (um)-“fazer” que na forma de (um)-sujeito, é

---

176 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

(um)-“fazer” que lhe é *ergoñgénico* e que lhe serve de origem enquanto (um)-acontecimento-*physis*-existencial. Mas isto é o que segundo (uma)-forma-filosófica, é (uma)-tautologia.

Mas como, desta forma, proposta como (uma)-*ergoñgenia* (um)-“fazer”-neurofisiológico depende de (um)-sistema-vivo, porquê (uma)-real(idade) é (uma)-formalidade que em (uma)-topologia-linguística é sistémica. Portanto, é diante desta constatação, dependente de cada (uma) das sistemáticas *physis* existenciais que “há”, e que se manifestam em (um)-meio-*physis*-existencial como sistemáticas vivas.

E como (uma)-realidade-sistémica, é o que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento-estrutural, como (uma)-forma-real(idade) a partir de cada (uma) das realidades *physis* existenciais que “há”, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico em cada (um) dos sistemas vivos. Isto é na forma de cada (uma) das interações *physis* existenciais, o que se real(iza) como (um)-acontecimento-objectivo que a partir de (uma)-*ergoñgenia*, não se pode confundir com (uma)-imanência.

Posto que, ao afirmar que “há” (uma)-*physis*-existência, não se está a afirmar que “há” (uma)-imanência. O que caracteriza que (uma)-essência que “há”, enquanto (uma)-*ergoñgenia* em (um)-REAL (adjectivo), e que se caracteriza como [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. É o que na forma de (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) na forma de (um)-linguístico. Isto porquê (um)-“fazer” é (uma)-*ergoñgenia* que se real(iza) na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], a partir de cada (um) dos acontecimentos que enquanto (uma)-formalidade, real(izam-se) a partir de (um)-“fazer” em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-essência. (uma)-*ergoñgenia* que funda (um)-linguístico através de (um)-acoplamento-estrutural.

Mas, como cada (uma) das representações acontece como (uma)-simultaneidade em (um)-REAL-topológico na forma de (uma)-prática-linguística, isto é o que se projecta como (uma)-existência-linguística em (um)-simbólico-topológico. E, desta forma, é a partir de (um)-“fazer” e na forma de (uma)-*ergoñgenia*, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que (um)-acontecimento-linguístico é (uma)-forma-que-se-acopla, estruturando-se como (um)-linguístico, não na forma de (uma)-tautologia, mas «antes», na forma de (uma)-*ergoñgenia*.

Portanto, (uma)-representação que na forma de (um)-PAR-imagético, é (uma)-formalidade-(ir)representação enquanto (uma)-essência-PURA em (um)-REAL-topológico ao atravessar (uma)-prática-linguística, é também o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade enquanto (uma)-formalidade-representação. O que na forma de (uma)-representação que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico, é na forma de (um)-acontecimento-significante, o que ao atravessar (um)-REAL (adjectivo), real(iza-se) como (uma)-interacção-sistémica. O que na forma de (um)-




acoplamento-estrutural, é o que se real(iza) como (uma)-realidade enquanto (uma)-forma que se acopla em cada (uma) das simultaneidades que “há”, em (um)-sistema-topologia-linguística.

(uma)-existência-linguística que na forma de (um)-acontecimento-linguístico é (uma)-interacção-sistémica. Mas atenção, que (uma)-realidade não é o mesmo que (um)-*eidós*<sup>177</sup>-platônico, posto que, (uma)-realidade é (uma)-“coisa”-aparência, tanto quanto (uma)-real(idade). (uma)-existência-linguística que na forma de (uma)-“coisa”-aparência, é observável tanto quanto (uma)-parede ou (um)-carro também o é (veja QUADRO 005).

Mas atenta-se para (um)-facto de que, (uma)-divisão [realidade x real(idade)] é (uma)-real(ização) meramente *theórica*. Pois (uma)-realidade é (uma)-sistemática, e deste forma, (uma)-*ergoḡgenia*; ao passo que (uma)-real(idade) é (uma)-representação; (uma)-acção<sup>178</sup> que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico tem (uma)-*ergoḡgenia* que também é (uma)-*ergoḡgenia*, ou seja, (uma)-simultaneidade enquanto [recalcamento | real(ização)].

QUADRO 005 – (uma)-interacção-sistémica na forma de (um)-linguístico

			“COISA”-aparência
ÁRVORE	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;"> REPRESENTÁVEL (ir)representável </div>		“COISA”-social
REAL (adjectivo)			
recalcamento			real(idade)
real(ização)		“fazer”	
essência	(uma)-acção		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;"> recalcar real(izar) </div>
SOSEIN	SEIN		REPRESENTAÇÃO

QUADRO 005 – Neste quadro o que se observa é como se opera cada (uma) das interacções linguísticas na real(ização) de (um)-“fazer” que se real(iza) na forma de (uma)-representação.

Contudo, com esta visão, não se pretende reduzir [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ao UNO-parmenidiano<sup>179</sup> através de (um)-“fazer”-*ergoḡgênico* ou de (uma)-*ergoḡgenia*, outrossim,

177 A forma de (uma)-ideia-platônica, mas a partir da palavra grega εἶδος (*eidós*), que se define como “aparência, forma, tipo”. Conforme Dicionário Strong verbete 1491.

178 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

179 Parménides de Eleia (530 a. C. - 460 a. C.) foi (um) dos primeiros filósofos a pensar «sobre» o abstrato, recusando os sentidos como meio de alcançar a realidade. Isto porquê para Parménides a sensação gera contradição. Pois este

permitir que se afirme que (um)-REAL é (uma)-adjectivação e não (uma)-substantivação, como pretende (uma)-fenomenologia. Entretanto, (um)-REAL é (uma)-adjectivação que não acontece na forma de (uma)-consciência, mas «antes», na forma de (uma)-*ergoḡgenia*.

Portanto, (uma)-representação é (uma)-substantivação que na forma de (uma)-realidade, é enquanto (um)-acoplamento-estrutural, o que se real(iza) na forma de cada (uma) das real(idades) que “há”, enquanto (um)-linguístico em (um)-REAL (adjectivo). (uma)-adjectivação que enquanto tal, é (uma)-simultaneidade em (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas, como [(uma)-realidade + (uma)-real(idade)] é (uma)-simultaneidade em (um)-sistema-topologia-linguística, como também o é [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. Consequentemente também, cada (uma) das representações que se real(izam) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, implicam em pensar que tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” é (uma)-simultaneidade. O que enquanto tal, real(iza-se) na forma de (uma)-*ergoḡgenia*.

Não, a partir de (uma)-forma-UNO-[parmenidiana<sup>180</sup>], outrossim, a partir de (uma)-forma-MÚLTIPLO-[badiouniana<sup>181</sup>]. O que, desta forma, é sistemicamente e não fenomenicamente, como (uma)-“coisa”-aparência. O que justifica, através do [(um) ou (uma) modificados], que é através de (uma)-(des)ambiguação que se real(iza), na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, cada (uma) das interacções linguística que permitem edificar (uma)-representação em (uma)-MULTIPLICIDADE-[estrutura neurobiológica] e a partir de (um)-acoplamento-estrutural. Para mais, esta visão em (uma)-topologia-linguística acerca de (uma)-real(ização), não pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE percebida ontofenomenologicamente, em conformidade com (uma)-construção-naturalista.

Pois na forma de (uma)-representação, cada (uma) das interacções em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE observado e tratado ontofenomenologicamente, como (uma)-interacção-linguística na qual, tanto (um)-observador, quanto (um)-observado, real(izam-se) em cada (um), como (um)-“lugar” que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-formalidade. O que “(des)faz” cada (uma) das interacções [sujeito x objecto] em (uma)-filosofia-tradicional, (trans)formando-as em interacções linguísticas [objecto x objecto] em (um)-sistema-topologia-linguística.

O que estabelece que “há”, em cada (uma) das interacções linguísticas, (um)-“lugar” que em todo-(um)-“haver”, como tudo-o-que-“há”, é enquanto (uma)-existência-linguística, (uma)-

---

é o ponto de partida para Parménides pensar o SER e o não-SER. E a partir do que concluiu que “há” UNIDADE e imobilidade no SER, como também, que (uma)-essência das “coisas” não muda.

180 Referente à Parménides de Eleia (530 a. C. - 460 a. C.).

181 Referente à Alain Badiou (1937).

interacção-[objecto x objecto] que corresponde a cada (uma) das interacções linguísticas que “há” enquanto (uma)-real(idade). Visto SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE cada (uma) destas interacções, (uma)-forma-sujeito que enquanto (um)-“fazer”, real(iza-se) em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-ontofenomenologia.

Portanto, a partir de cada (uma) das interacções [sujeito x objecto], o que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, em cada (uma) das interacções, é (uma)-forma-[sujeito x sujeito] que, desta forma, é o mesmo que, homeomorficamente e a partir de (uma)-*ergoígenia*<sup>182</sup>, é enquanto (uma)-interacção-[objecto x objecto], o que se real(iza) como (um)-“fazer”.

Entretanto, interacções [objecto x objecto] que ainda mantêm cada (um) dos observadores e também dos observados, como interagentes linguísticos que a partir de (um)-“fazer”, real(izam-se) em (um)-sistema-topologia-linguística como (um)-“lugar”.

Isto porquê, ao considerar, desta forma, (uma)-observação em (um)-sistema-topologia-linguística a partir de (um)-pensamento-parmenidiano. A partir de cada (um) dos cinco sentidos de cada (um) dos sistemas vivos humanos – visão | audição | tacto | paladar | olfato – o que se real(iza) em (um)-REAL-topológico é como (um)-equivoco. Assim também (uma)-racionalidade, como também o que se define como (um)-PERCIPE<sup>183</sup>, (um)-PERCIPERE<sup>184</sup> ou (uma)-NOESIS<sup>185</sup>. Que também SÃO ONTOFILOGENICAMENTE sentidos em (um)-modelo-de-observação.

Cada (um), (um)-equivoco-específico que se permite para (uma)-edificação de (um)-discurso, o que esbulha (uma)-investigação, tanto acerca de (uma)-existência, quanto acerca de (uma)-realidade, ou ainda acerca de (uma)-representação. A partir do que se pode também incluir (um)-“fazer”.

Posto que, a partida, ao entender que é (uma)-percepção o que edifica (uma)-real(idade), ao passo que segundo (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-estímulo que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico. A diferença está em que (uma)-percepção não estabelece o que “há” enquanto (uma)-codificação, ao atravessar cada (um) dos sentidos de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Outrossim, como o que não permite (uma)-construção em (um)-sistema-topologia-linguística, do que se real(iza) como (uma)-construção. O que a partir de (uma)-realidade-sistémica, edifica-se como (uma)-real(idade) que em (um)-sistema-simbólico-fechado, é enquanto (uma)-real(ização), o que se real(iza) a partir de (uma)-formatação-consciência.

---

182 Para que se perceba melhor este parágrafo, aconselhamos ao leitor a espreitar o capítulo 9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano, subcapítulo 9.1. (um)-“fazer” sem (um)-sujeito.

183 Em latim: “SER é ser percebido”. Ou percepção.

184 Em latim: *perceber*.

185 Em grego: “acto de conhecer”.

Isto porquê, tanto os sentidos, quanto a racionalidade, como também, (um)-sistema-nervoso e cada (uma) das percepções, ou mesmo, o que se define como (uma)-consciência em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se permite como (uma)-construção-linguística.

O que, ao contra(dizer) e confundir através de cada (um) dos sentidos ou de (uma)-racionalidade, é o que existe como o que não existe, e que se real(iza) como (uma)-real(idade), mas a partir de (uma)-obnubilação. A partir do que se pede (uma)-atenção ao interlocutor porquê, ao construir linguisticamente (uma)-modelação-observável na forma de (um)-sistema-topologia-linguística. Não se está a edificar (uma)-solução-compatível com (uma)-filosofia-mecanicista. Por isto, não se pode configurá-la como (uma)-forma-determinística ou que se determina, enquanto (uma)-forma, a partir de (uma)-real(ização).

Outrossim, o que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que permite que (uma)-observação de cada (uma) das interacções linguísticas, real(ize-se) na forma de (uma)-narração. O que pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE descrito ontofenomenologicamente, na forma de (um)-discurso.

Portanto, não através de cada (um) dos sentidos, mas «antes», através de (uma)-interacção-sistémica que na forma de (um)-linguístico, atravessa (uma)-narração não como (uma)-interpretação, nem tampouco como (uma)-percepção, mas «antes», como (uma)-interacção-linguística.

E, desta forma, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-estímulo é, na forma de (uma)-interacção-estrutural, o que ao SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE observado, é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade em (um)-sistema-topologia-linguística, que ontofenomenologicamente permite-se como (uma)-construção-sistémica enquanto (uma)-real(idade), a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, em (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, o que distingue (uma)-construção-linguística que atravessa (uma)-*ergoígenia*, tanto de (um)-pensamento-parmenidiano, quanto de (um)-pensamento-filosófico-mecanicista, é (um)-facto de considerar (um)-“fazer” como (uma)-condição-*physis*-existencial. E, desta forma, considerar (um)-“fazer”-neurofisiológico, como (uma)-*physis*-existência-linguística que na forma de (uma)-topologia-linguística, decorre a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, a partir de cada (uma) das realidades neurofisiológicas.

O que se estabelece, em cada (uma) das existências linguísticas em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como básica e fundamentalmente, (uma)-representação que em cada (uma) das interacções linguísticas, real(iza-se) através de cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – como (um)-sistema-topologia-linguística.

E, desta forma, define-se (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, para cada (uma) das representações que “há” e que se real(izam) em (um)-REAL (adjetivo). A partir do que, cada (um) dos existentes linguísticos que “há”, em (um)-simbólico-topológico e que se real(izam) como representações, podem interagir ONTOFILOGENICAMENTE em (um)-sistema-topologia-linguística, e serem observados narrativamente na forma de (um)-discurso.

Como também, ao definir como (um)-“lugar”, cada (um) dos existentes não linguísticos que “há” em (um)-imaginário-topológico, é o que em (uma)-simultaneidade, define-se também como (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico, e enquanto (uma)-real(ização)-(ir)representação em (um)-REAL-topológico, enquanto (um)-REAL (adjetivo).

O que enquanto (uma)-*physis*-existência-linguística, é o que se define como (uma)-origem de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]. Posto que “fazer” (com ou sem aspas), é (uma)-representação cuja origem está em [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. (uma)-*ergoígenia* que se define enquanto (um)-“fazer”, que na forma de (uma)-simultaneidade, é o que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

O que torna (uma)-árdua-investigação acerca de [(uma)-existência, de (uma)-realidade e de (uma)-representação], em (uma)-investigação somente acerca de (um)-“fazer”. E que por consequência “faz-se” na forma de (uma)-*ergoígenia*.

Pois, a partir de cada (uma) das experimentações topológicas de Jacques Lacan (1901-1981), é que se conduziu até à (uma)-forma-argumentação que enquanto (uma)-investigação, real(iza-se) como (uma)-*theoria*, que se define como (uma)-topologia-linguística. O que leva por consequência, à (um)-((des)envolvimento de (um)-conceito-de-*ergoígenia*.

E para além de (um)-conceito-de-*ergoígenia*, como o que se leva também ao ((des)envolvimento de (um)-conjunto-de-hipóteses acerca de (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Hipóteses que organizadas segundo (uma)-topologia-linguística, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE como que adjacentes teóricos à (um)-conceito-de-*ergoígenia*. Básicos e fundamentais para os termos do que se define em (um)-sistema-ontologia-fenomenológica, como (uma)-filosofia na forma de (uma)-argumentação-metafísica.

Entretanto, segundo (uma)-topologia-linguística, como cada (uma) das formas linguísticas é (uma)-homeomofia enquanto (uma)-existência-linguística que se real(iza) como (um)-“lugar” enquanto (um)-TOPOS. Isto é o que define cada (uma) das existências linguísticas que “há”, em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-essência. O que na forma de (uma)-((ir)representação, atravessa (uma)-prática-linguística real(izando-se) contextualmente em (um)-REAL-topológico,

como (uma)-formalidade que, ao interagir com (uma)-forma-representação em (um)-simbólico-topológico, real(iza-se) em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-forma-recalcamento<sup>186</sup>.

(uma)-forma-linguística proposta por Sigmund Freud (1856-1939) que ao SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE aplicada ontofenomenologicamente a (uma)-topologia-geométrica de cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – de Jacques Lacan (1901-1981), (trans)forma cada (um) dos registos psíquicos, através de (uma)-topologia-linguística, em registos linguísticos que ao real(izarem-se) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas que “há” na forma de (uma)-essência em (um)-REAL-topológico, real(izam-se) como (uma)-forma-representação que na forma de (um)-PAR-imagético, enquanto (uma)-simultaneidade-[representável | (ir)representável], atravessa a forma de (uma)-prática-linguística como (uma)-acção em (um)-REAL (adjectivo). O que na forma de (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) através de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas com (um)-simbólico-topológico que simultaneamente interage com (um)-imaginário-topológico, real(izando-se) acção em (um)-REAL-topológico (ver QUADRO 005 e QUADRO 004).

A partir do que é possível tratar e argumentar filosoficamente, acerca de (um)-*ergoígenia* e de (uma)-representação, na forma de cada (uma) das acções que “há”, em (um)-sistema-topologia-linguística. Como também, simultaneamente atravessar [(uma)-existência + (uma)-manifestação], enquanto (uma)-realidade-sistémica que na forma de (uma)-representação, atravessa (uma)-topologia-linguística, como (um)-argumento-filosófico e não axiológico acerca de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Do que se procura, desta forma, (des)considerar que (uma)-representação é (um)-fenómeno que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-consciência. Outrossim, admitindo-o como (um)-“fazer” que na forma de (uma)-*ergoígenia*, real(iza-se) ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (um)-sistema-topologia-linguística.

O que não “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos (um)-sujeito de (um)-“fazer”-neurofisiológico, apesar de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que na forma de (uma)-representação, objectiva e fundamentalmente, é enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, o que se real(iza) e alicerça, em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois (um)-sistema-topologia-linguística, ao estruturar-se em cada (uma) das BASES que fundamentam (uma)-interacção-linguística-[objecto x objecto], é o que se real(iza) em cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos

---

186 Recalcamento originário proposto Sigmund Freud (1856-1939) mas nunca definido.

humanos envolvidos em (uma)-sociedade, e que se constitui como (uma)-formalidade, que ao dinamizar-se sistemicamente enquanto (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) linguisticamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-real(ização)-simultaneidade.

Desta forma, o que “há” para constituir todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há” na forma de (uma)-existência-linguística, é (uma)-sistemática-de-vida. Que ao real(izar-se) através de (um)-acoplamento-estrutural, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, forma-se como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade. E, esta sistemática viva é (uma)-realidade que se “faz” na forma de cada (uma) das sistemáticas neuro-BIO-fisiológicas de cada (um) dos sistemas vivos envolvidos.

Portanto, (uma)-realidade que segundo (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-realidade como a que se define na forma de (uma)-filosofia-tradicional. Mas «antes», como (uma)-realidade a partir da qual se “faz” (uma)-forma-real(idade) como (uma)-representação. Isto porquê (uma)-realidade, em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-realidade que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], “faz-se” linguisticamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir de (um)-estímulo, enquanto (um)-sinal-electroquímico que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, real(izando-se) como (um)-linguístico como (uma)-real(idade) a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

## 2. Aspectos Biológicos

Como em (uma)-topologia-linguística defende-se que a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, (uma)-realidade é o que, na forma de (uma)-filosofia-tradicional, acontece a partir de (um)-estímulo que atravessa (uma)-estrutura-neurobiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos. O que se (re)vela na forma de (uma)-real(idade), em cada (uma) das formalidades que “há” como (uma)-simultaneidade que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], “há” linguisticamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Desta forma, (uma)-real(idade) enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é o que se real(iza) como (uma)-*ergoñgenia* ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, e que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico. O que para real(izar-se) como (uma)-realidade na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico enquanto (uma)-realidade-biológica, é o que se real(iza) a partir de (um)-sistema-vivo, na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social ao atravessar cada (uma) das interacções sistémicas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos [em, «entre» e com] (um)-meio-*physis*-existencial, acoplando-os como real(idades) a partir de realidades que se real(izam), desta forma, como (uma)-mundanidade enquanto (uma)-artificialidade que atravessa sistémicas vivas *physis* existencialmente subjectivas.

Pois é desta forma, que (uma)-mundanidade a partir de (uma)-ideia (forma), real(iza-se) como (uma)-substancialidade-estrutural-e-sistémica-*physis*-existencial que “há”, na forma de (uma)-realidade-biológica, e atravessa (um)-acoplamento-cognitivo-e-social, definindo-se a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, como o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos que existem e manifestam-se em (um)-meio-*physis*-existencial. O que permite acontecer, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos, como (uma)-forma-real(idade) que a partir da forma de cada (uma) das interacções sistémicas [em, «entre» e com] (um)-meio-*physis*-existencial, real(iza-se) como (uma)-realidade-biológica.

Por isto, entende-se que ao investigar (uma)-substancialidade-linguística que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos desde (uma)-origem-biológica e funcionamento celular na escala de (uma)-célula, é o que permite argumentar, em (uma)-escala-de-existência-e-manifestação-sistémica e na forma de (uma)-sistemática-viva em (um)-nível-de-interacção-populacional, acerca de (uma)-existência-linguística.

Mas também, isto é o que se caracteriza como (um)-facto de que: em cada (uma) das interacções sistémicas cognitivas e sociais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se gera a partir de (um)-“fazer” recorrente e repetitivo, é o que na forma de



(um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social, (re)vela-se na forma de (um)-organizador e operacionalizador *physis* existencial e sistémico que, na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, real(iza-se) em (um)-REAL-topológico, como o que se edifica enquanto (uma)-forma-sistémica-de-vida-HUMANA.

Posto que é (um)-“fazer”-neurofisiológico-e-social, o que ao atravessar cada (uma) das interacções sistémicas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos em (um)-meio-*physis*-existencial, o que se define na forma de (uma)-sistemática-estrutural-cognitiva-e-social. Do que se pode afirmar que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] e a partir de (uma)-realidade-biológica, o que “há” como (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural, é o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-existência-linguística. Pois isto é o que justifica (um)-estudo de cada (um) dos aspectos biológicos de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. Para que seja possível compreender cada (uma) das *ergoígenias* que “há”, na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se estabelecem como [existências manifestas] na forma de (um)-linguístico. O que na forma de (uma)-*ergoígenia* é (um)-acontecimento-biológico.

O que “faz” com que (uma)-cascata-sistémica, a partir de (uma)-*ergoígenia* e através de (uma)-topologia-linguística, viabilize-se em cada (uma) das real(izações) de cada (uma) das realidades biológicas. O que na forma de (uma)-real(idade) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) a partir de cada (uma) das representações, a partir de (um)-sinal-electroquímico que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Entretanto, «antes» de compreender (uma)-*ergoígenia*, é preciso esclarecer (uma)-concepção de que tudo o que (uma)-filosofia-tradicional trata como (uma)-realidade, real(mente) é (uma)-representação que se (re)vela, a partir de (um)-acoplamento-estrutural, na forma de (um)-linguístico. E que enquanto (uma)-formalidade, é o que se concebe, a partir de (uma)-topologia-linguística, não como (uma)-realidade, outrossim, como (uma)-real(idade) que através de cada (uma) das representações, é *physis* existencial e *ergogenicamente* sistémica, na forma de (um)-linguístico.

O que, segundo (uma)-topologia-linguística, estabelece a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, que “há” (uma)-existência-HUMANA que é linguística e que não é, em nenhuma hipótese, igual ao que se defende como (uma)-Teoria-da-Recapitulação ou (uma)-Filosofia-Mecanicista. A partir do que se pode afirmar que (uma)-topologia-linguística não observa (uma)-recapitulação, na forma de (uma)-Teoria-da-Recapitulação; nem (um)-determinismo, na forma de (uma)-Filosofia-Mecanicista.

Portanto, nenhum dos conceitos (des)envolvidos em (um)-sistema-topologia-linguística, deve SER (SEIN) ontofenomenologicamente confundido com conceitos biológicos ou mecânicos. Posto que (uma)-topologia-linguística trata (uma)-existência-linguística como (uma)-estrutura-de-acoplamento-cognitivo-e-social que, desta forma, é como propõe Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001), (uma)-formalidade enquanto (um)-acoplamento-estrutural-linguístico.

O que se acredita que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, seja (um)-suficiente para argumentar, como também, afirmar que (uma)-existência-linguística, a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, é (uma)-condição-humana-do-labor. O que, desta forma condicional, é como o que propõe Hannah Arendt (1906-1975) em “*A condição humana*” publicado em 1958.

## 2.1. Sistema Nervoso

Desta forma, (um)-aspecto-biológico importante a partir deste ponto de vista biológico, é (um)-sistema-nervoso. Formado substancialmente por (um)-tecido-nervoso e através do qual (um)-sinal-electroquímico atravessa cada (uma) das diferentes partes de (um)-corpo de cada (um) dos sistemas vivos animais. Coordenando e comandando cada (uma) das real(izações) voluntárias e (in)voluntárias, de cada (um) dos sistemas vivos animais, a partir de (uma)-estrutura que se real(iza) como (uma)-sistemática sistemicamente.

Por isto, esta estrutura recebe o nome de sistema nervoso. Como também, como (uma)-decorrência do que se define como (um)-“nervo”. Que é (um)-feixe-cilíndrico-de-tecido-nervoso composto por neurónios e gliócitos que provém do cérebro e também da medula, e que se ramifica ao longo de todo corpo de cada (um) dos sistemas vivos animais.

Como é suficientemente grande, (um)-NERVO já era conhecido pelos antigos egípcios, gregos e romanos, mesmo «antes» de CRISTO. Entretanto, (uma)-organização e (um)-funcionamento deste tecido nervoso, somente foi possível a partir de cerca de 1590 d. C. quando se tornou possível observar tecidos orgânicos em (um)-microscópio-óptico.

Cada (um) dos sistemas vivos animais, excepto as esponjas, possuem (um)-sistema-nervoso. Entretanto, mesmo as esponjas e ainda outros sistemas vivos animais “unicelulares”, como também, outros sistemas vivos não animais, como (um)-micetozoário, possuem mecanismos que sinalizam célula a célula e que funcionam como precursores de (um)-neurónio.

Em cada (um) dos sistemas vivos animais radialmente simétricos, como (uma)-água-viva, ou (uma)-hidra. (um)-sistema-nervoso estabelece-se como (uma)-rede-difusa-de-células-nervosas-

isoladas, que funcionam como neurónios sensoriais e são capazes de perceber a “LUZ” e o “MOVIMENTO”. Entretanto, os sistemas vivos de planárias, que são vermes de (um)-FILO-Platyhelminthes de (uma)-CLASSE-Turbellaria e que já possuem fotorreceptores em “olhos” primitivos, chamados “ocelos” e que permitem a cada (um) destes sistemas vivos, (uma)-distinção de (uma)-informação-sensorial «sobre» luz e escuridão. Porém, estes “ocelos”, desta forma, ainda não são capazes de formar imagens<sup>187</sup>.

Já em cada (um) dos sistemas vivos animais bilaterianos, que é (uma)-forma de organização de cada (um) dos espécimens de (uma)-grande-maioria de cada (um) dos sistemas vivos animais existentes. (um)-sistema-nervoso possui (uma)-organização que é estrutural e similar em cada (um) dos espécimens. E esta estrutura e organização, acredita-se ter-se (des)envolvido a mais de 500 milhões de anos passados, a partir de cada (um) dos sistemas vivos de vermes, desde o início do período Cambriano.

Como “há” muitos mistérios em (um)-sistema-nervoso de (um)-sistema-vivo-humano, que é bilateriano. E SÃO ONTOFILOGENICAMENTE cada (um) destes mistérios que atormentam e chamam à atenção de muitos filósofos desde a antiguidade e de muitos cientistas em (uma)-actualidade. Como também se pode agrupar alguns destes tormentos afligentes, em cada (uma) das formas de cada (uma) das representações, enquanto (uma)-razão, (uma)-emoção, (uma)-percepção, (uma)-memória ou (uma)-consciência.

E mais para além de cada (uma) destas representações, com a forma de muitos outros tormentos conceptuais que se relacionam a cada (uma) das funções que a filosofia, a psicologia e a neurologia consideram como puramente mentais. A filosofia e a ciência “há” muito vêm-se “aflitas” com cada (um) dos mistérios de (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos bilaterianos, especialmente, com (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Por isto, é a partir de cada (um) destes tormentos conceptuais, considerados na forma de (um)-sistema-topologia-linguística como representações semânticas neuro-BIO-fisiológicas que enquanto formalidades, consideram-se como representações pertinentes ao que se convencia tradicionalmente definir como MENTE.

Mas, salienta-se que (uma)-MENTE, tradicionalmente é (uma)-estrutura que se real(iza) na forma de (um)-ENTE-interno, subjectivo e individual, e que existe em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, é tratada como (uma)-existência-externa, subjectiva, colectiva e interactiva (estável) que se real(iza), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (uma) das sistemáticas operativas, e como o que permite

---

187 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.3. Imagem.

cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sistemas vivos humanos que atravessam cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) na forma de (um)-REAL (adjectivo).

Entretanto, é desde (um)-“lugar”<sup>188</sup> em (uma)-topologia-linguística, que se considera cada (um) destes conceitos, como representações de sistemas e estruturas que pertencem efectivamente, à (uma)-sistemática-de-vida. E que, na forma de cada (um) dos conceitos SÃO ONTOFILOGENICAMENTE tratados ontofenomenologicamente, como o que se refere à (uma)-MENTE-interna, subjectiva e individual, em (uma)-forma-filosófica-tradicional.

O que no entanto, segundo (uma)-topologia-linguística, é considerado como ONTOFILOGENICAMENTE tratado, com algum nível de “ingenuidade científica” por muitos neurocientistas. Posto que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, apesar do grande avanço técnico, científico e civilizacional que “há” em (uma)-actualidade, a visão da ciência actual ainda não consegue (des)agarrar de (uma)-visão-tradicional e ainda apegada a (uma)-forma-consciência que de (uma)-forma-paradoxal, não se real(iza) de forma muito consciente.

O que, a partir de (uma)-topologia-linguística, apregoa-se como (uma)-condição que decorre de (uma)-educação, de (uma)-história e de (uma)-religião, ou simplesmente, de (uma)-tradição-instalada. Mas não na forma de (um)-conhecimento-tácito-claro-e-contundente acerca de que “há” como [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. Mas «antes» como o que se acredita que é como o que se real(iza) enquanto (um)-MENTAL, como (uma)-forma-representação.

Posto que (uma)-MENTE é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] a partir de (uma)-(des)coberta de (um)-cérebro, que enquanto (uma)-parte-específica de (um)-sistema-vivo, é o que foi relacionada, através de (uma)-filosofia e de (uma)-ciência, com o que se convencionou definir por MENTE, consciência, inteligência e | ou intenção. (uma)-tradição que se tornou na forma de (um)-legado, no que através de cada (uma) das objectivações autopoieticas que se real(izam) «sobre» o termo “alma”, é na forma do que se edificou enquanto (uma)-ideia, (uma)-forma-consciência que se real(iza) em (um)-“lugar”. O que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é tão somente a representação de (uma)-interacção que “há”, em e «entre», sistemas já existentes e manifestos, mas que não se real(izam) como fenómenos, mas «antes», como *schemas*.

Mas o que se instala como (um)-problema-(in)solúvel até aos dias actuais é afinal, como é possível determinar, em termos de (uma)-interacção-[MENTE | cérebro], o modo “como” o que se convencionou definir por MENTE, relaciona-se com o que se define como (um)-cérebro?

Sendo esta a expressão mais objectiva de (uma)-questão-filosófica que ainda pode SER ONTOFILOGENICAMENTE mais ampla: como (uma)-interacção, em e «entre», (uma)-MENTE *res cogitans* [“coisa” pensamento]; e (um)-corpo, *res extensa* [“coisa” extensão]. Isto porquê, este é

---

188 (um)-“lugar” com o mesmo sentido de (um)-ponto-de-vista.

(um)-problema que se instala a partir de (um)-questionamento-cartesiano do século XVII, acerca de (uma)-interacção-[MENTE | cérebro].

Visto que René Descartes (1596-1650), cujo nome latino era Renatus Cartesius, do qual se deriva a expressão cartesiano. Ao separar (uma)-realidade tradicional e filosófica, em duas existências distintas: (uma)-RES-EXTENSA-[“coisa” extensa | corpo]; e (uma)-RES-COGITANS-[“coisa” pensamento | MENTE]; o que se instala é (um)-problema que se real(iza) como (uma)-dualidade.

Consequentemente, porquê se acreditava que a MENTE-[RES COGITANS] e o corpo-[RES EXTENSA], eram ontofenomenologicamente partes diferentes de (um)-mesmo-ENTE. O que, entretanto, desta forma, tinham atributos distintos e (in)compatíveis, mas que se moviam através do mesmo espaço, conjuntamente. No entanto, como (um)-ENTE-divisível em partes: (uma), como (uma)-“coisa”-EXTENSA-[RES EXTENSA] na forma de (um)-corpo, divisível e extensível no espaço; e OUTRA, como (uma)-“coisa”-pensamento-[RES COGITANS], como (uma)-consciência que enquanto (uma)-MENTE, é (in)extensível e (in)divisível no espaço.

E, desta forma, enquanto (uma)-MENTE, esta representação é (uma)-herança, que na forma de (um)-legado, tem (uma)-origem em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a partir de cada (uma) das tradições míticas ou mais especificamente, em (uma)-tradição-ocidental de (um)-mito-hebraico. Segundo o qual se narra que é na forma de (um)-fôlego-de-vida, que através de (uma)-palavra-hebraica נפש (nephesh)<sup>189</sup>, define-se como “alma, ser, vida, criatura, pessoa, apetite, mente, ser vivo, desejo, emoção, paixão”. Mas que real(mente) é comumente traduzida para o português como ALMA. Do que se pode falar de (uma)-origem, a partir de (uma)-tradição-milenar, que se real(iza) até aos dias actuais, na forma de (uma)-consciência que a partir de (uma)-filosofia e (uma)-ciência, apresenta-se como (uma)-consciência.

Pois é a partir desta origem, que (uma)-topologia-linguística acredita que (um)-pensamento-cartesiano real(iza-se) como (uma)-*ergoígenia* para (um)-dualismo que se induz em toda (uma)-comunidade-académica, e não somente, através de (uma)-tradição-milenar, ao atravessar (um)-equivoco-dualista-cartesiano. O que ao separar MENTE e corpo, hierarquiza (uma)-existência-linguística. Consequentemente, levando-se a que (uma)-separação-[MENTE | cérebro] instale-se como (uma)-existência-heurística que, sendo estrutural, é o que se real(iza) «sobre» a forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos, desde (um)-pensamento-cartesiano, como (uma)-realidade-sistémica, mas na forma de (uma)-real(idade)-representação.

Entretanto, apesar da maioria dos filósofos, como também, da maioria dos cientistas rejeitarem contemporaneamente (um)-dualismo originado e sustentado a partir de (um)-

---

189 Strong 5315 procedente de 5314 נפש (*naphash*), que se define como “tomar fôlego, reanimar-se”.

pensamento-cartesiano, em favor de (um)-materialismo. O filósofo e escritor John Searle (1932), observa que os materialistas não exorcizam adequadamente (um)-fantasma-cartesiano. Adoptando (um)-materialismo que se mantém, lado a lado, com (uma)-dicotomia-cartesiana «entre» matéria, na forma de (uma)-EXTENSÃO; e consciência, na forma de (um)-pensamento.

Isto porquê, segundo Searle, (um)-materialismo ao reduzir TUDO a matéria, não oferece em contrapartida (uma)-explicação-plausível para o que é (uma)-MENTE. Excepto, através de (uma)-(in)existência de (uma)-MENTE. O que se acaba por deixar levar por (uma)-explicação através de (uma)-negação PURA e simples de (uma)-consciência enquanto (uma)-realidade-sistémica [neurofisiológica]. E, desta forma, mantém (uma)-(in)explicável-sistemática-dicotómica que a partir de (um)-cartesianismo, é na forma de (um)-[existir | não existir], o que se constitui em (uma)-forma-de-problema-ontológico que ainda está presente nos dias actuais na filosofia, e que se associa a TODA forma de pensamentos académicos em (uma)-actualidade.

Pois, é a partir disto que John Searle (1932) procura relacionar existência, significação e MENTE, ao conceito de Intencionalidade<sup>190</sup>. E em (uma)-forma-substancial, (res)salvar que (uma)-linguagem, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (uma)-extensão de (uma)-capacidade-biológica-instalada enquanto (uma)-real(ização)-neuro-BIO-fisiológica que atravessa (uma)-estrutura-cerebral, quando descrita desde (um)-“lugar”<sup>191</sup> em (uma)-topologia-linguística.

O que se “faz”, a partir de (uma)-topologia-linguística, como o que se defina como (uma)-MENTE, mas enquanto (uma)-representação que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico. Entretanto, deve-se entender que em (um)-simbólico-topológico, não se real(iza) como em (um)-sistema-fechado-[heurístico], mas «antes», como (um)-“lugar” em (um)-modelo-de-observação que se real(iza) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística.

Portanto, (uma)-MENTE em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação de (uma)-sistemática que se define estrutural e sistemicamente, como (um)-“fazer”-neurofisiológico. E que, desta forma, é (uma)-existência-interactiva-e-linguística (estável) que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-forma-contextual que se real(iza), a partir de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, como (um)-acontecimento-linguístico que em (uma)-interacção-neuro-BIO-fisiológica, PODE SER observado ONTOFILOGENICAMENTE, através de (uma)-topologia-linguística.

---

<sup>190</sup> Intencionalidade é um conceito filosófico “recuperado” da Escolástica por Franz Brentano (1838-1917) para definir “quando” (uma)-consciência está dirigida para “algo”. Em (uma)-filosofia-contemporânea este termo é usado na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). A fenomenologia husserliana defende que (uma)-consciência tem “sempre” (uma)-intencionalidade. Ou “seja”, está “sempre” dirigida para (um)-objecto. Nota do autor a partir do Dicionário de Filosofia de Simon Blackburn, ed. Gradiva, 1997. Mas John Searle (1932) diferencia intencionalidade de Intencionalidade, não abordando diferenças, optou-se nesta dissertação por utilizar a forma searleana com “I” maiúsculo.

<sup>191</sup> (um)-“lugar” com o mesmo sentido de (um)-ponto-de-vista.

É por isto que (uma)-topologia-linguística considera que (uma)-representação-“MENTE”, enquanto (um)-conceito, altera cognitiva e socialmente, (um)-entendimento de cada (um) dos sistemas vivos humanos de (um)-ponto-de-vista de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica. O que se provoca como (uma)-interpretação-equivocada, posto que se instala em cada (uma) das investigações neurocientíficas, quando efetuadas a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado-[heurístico].

Isto porquê ao condicionar (uma)-sintaxe-retórica, enquanto (uma)-existência-linguística que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos sistemicamente, o que se real(iza) heurísticamente em cada (uma) das argumentações e investigações científicas acerca de (um)-sistema-nervoso em (uma)-actualidade, é o que se afirma, enquanto formalidade, como o que “há” enquanto (uma)-presença de (uma)-consciência. O que (uma)-topologia-linguística não nega, mas «antes», afirma que o que “há” como (uma)-consciência é (uma)-construção que se define como (um)-conhecimento; e não como (um)-ENTE ou (um)-fenómeno que ao existir na forma de (uma)-MENTE, real(iza-se) como o que se “faz” crer em cada (uma) das sintaxes retóricas através de cada (uma) das argumentações científicas, enquanto o que “há” enquanto (uma)-forma-consciência em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Visto que (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, segundo (uma)-topologia-linguística, é sempre (uma)-*ergoígenia*. E, desta forma, (uma)-MENTE como qualquer OUTRA representação em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-interacção-linguística que ao estabelecer-se enquanto (uma)-estrutura, define-se como formalidade, enquanto (uma)-estrutura-retórica na forma de (um)-discurso. E por isto, como (uma)-forma-contextual que se projecta de (um)-simbólico-topológico para (um)-REAL-topológico, ao [existir e manifestar-se] através de cada (uma) das práticas linguísticas, na forma de cada (um) dos discursos académicos em (uma)-actualidade. O que se (trans)forma, formal e estruturalmente, viabilizando-se na forma de (uma)-interpretação-equivocada acerca do que real(mente) define-se como (uma)-forma-MENTE.

Pois isto é o que justifica que (uma)-MENTE é (um)-acontecimento-linguístico que enquanto (uma)-existência-linguística é, segundo (uma)-topologia-linguística, o que equivoca, formal e estruturalmente, cada (um) dos discursos científicos que utilizam (uma)-MENTE como (um)-argumento para justificar (uma)-consciência ou vice-versa. O que (in)felizmente, é (uma)-característica de (uma)-existência-linguística-heurística que se provoca em cada (um) dos equívocos já referidos, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, que se real(izam) em (um)-sistema-simbólico-fechado.

Posto que [existir e manifestar-se] na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, é o que permite que se expresse (uma)-ideia a partir de (uma)-forma-cartesiana-de-pensamento. (um)-

acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-sistemática-de-vida, parte de (uma)-ideia de que é (um)-sistema-nervoso (um)-real(izador) de (uma)-essência, e que se real(iza) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-realidade. Quando o que realmente acontece, segundo (uma)-topologia-linguística, é que enquanto (uma)-prática-linguística é (uma)-essência, mas enquanto o que se real(iza) em (um)-REAL-topológico, e que se projecta como (uma)-formalidade para (um)-simbólico-topológico. O que se formaliza como (um)-repositório para cada (uma) das representações que se real(iza) a partir de cada (uma) das práticas linguísticas que decorrem em (um)-REAL-topológico.

O que se tenta explicar, desta forma, é que em (um)-sistema-topologia-linguística, não se descarta qualquer existência linguística, enquanto tal. Entretanto, procura-se localizar cada (uma) das existências linguísticas como (um)-acontecimento-linguístico em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (um)-objectivo a SER ONTOFILOGENICAMENTE observado, absoluta (inatável) e | ou interactivamente (estável), através de cada (uma) das representações que se edificam, e que se constituem na forma de (um)-modelo-de-observação, a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que se podem investigar. Como também, observar cada (uma) das consequências linguísticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (trans)mitidas na forma de cada (uma) das objectivações autopoieticas, por cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) neste sistema de observação.

O que não se consegue enquanto (uma)-construção-sintático-retórica, que se real(iza) a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado-heurístico. Posto que, desta forma, o que se permite, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-edificação de cada (um) dos equívocos aqui já referidos neste capítulo.

### 2.1.1. Estrutura Neurobiológica

Pois é a partir de (uma)-referência à (um)-sistema-simbólico-fechado, que se inicia (uma)-argumentação acerca de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, que na forma de (uma)-condição-sistémica-e-estrutural, acopla estrutural e sistemicamente, (uma)-existência-linguística à (uma)-existência-viva, ao atravessar (uma)-neuro-BIO-fisiologia. Posto que esta é (uma)-forma-de-estudar-e-investigar cada (uma) das células enquanto (uma)-forma-sistémica-nervosa em (uma)-escala de cada (uma) das células que estrutural e sistemicamente, real(izam-se) como (um)-“fazer”. Como também, observar (uma)-estrutura e (uma)-organização de (um)-sistema-nervoso, na escala de cada (uma) das células enquanto (um)-sistema-estrutural.



Mas como (um)-sistema-nervoso tem (uma)-finalidade e segundo o que se define na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, relaciona-se com (uma)-transmissão, transporte e mediação de cada (uma) das formalidades que “há”, como cada (um) dos comportamentos que se real(izam), em cada (um) dos sistemas vivos. É, desta forma, que (uma)-existência-neurobiológica, estrutura e organiza sistemicamente, TODO (um)-complexo-conjunto-de-interacções-nervosas que se estabelecem na forma de cada (um) dos circuitos funcionais que “há”, sistêmica e estruturalmente, em cada (um) dos sistemas vivos. Desta forma, distribuídos na forma de (um)-tecido-nervoso que ao [existir e manifestar-se] em TODO (um)-organismo de cada (um) dos sistemas vivos, permite-se como tal, enquanto (uma)-sistematização.

Salienta-se entretanto, que a neurociência distingue (uma)-neurobiologia como (um)-campo muito mais amplo do que o campo da neurociência propriamente dita. E que (uma)-neurobiologia relaciona-se com cada (um) dos estudos científicos de (um)-sistema-nervoso. Mas como não “há” (uma)-intenção para (des)envolver-se (um)-estudo-profundo de (um)-sistema-nervoso nesta investigação, outrossim, encontrar (uma)-formalidade que expresse, através de (uma)-palavra, (uma)-forma que se real(iza) como (um)-REAL-topológico enquanto formalidade em (um)-simbólico-topológico. Isto é o que se justifica, como forma de integrar, a palavra escolhida, em cada (uma) das teorias, como (um)-conhecimento-empírico-acumulado e (des)envolvido por cada (um) dos distintos métodos científicos, acerca de cada (uma) das diferenças que “há”, em e «entre», cada (uma) das estruturas, sistemas e organizações neurobiológicas, em cada (um) dos diferentes espécimens de sistemas vivos.

Portanto, é a partir disto que se entende que (uma)-palavra “NEUROBIOLOGIA” parece adequar-se como (uma)-expressão-específica. Que, desta forma, é o que se pretende para avançar com (uma)-argumentação acerca de (uma)-neurobiologia, como (uma)-estrutura que organiza (um)-complexo-conjunto-de-interacções-nervosas em termos estritamente estruturais, organizacionais e sistêmicos, em cada (um) dos sistemas vivos.

Como (uma)-neurobiologia é tanto (uma)-ciência-biológica quanto (uma)-ciência-neurocientífica. É, desta forma, que enquanto (uma)-disciplina-científica que se ocupa de (uma)-análise-morfológica de (um)-sistema-nervoso em (uma)-escala-celular. Como também, de (uma)-organização-genética-e-fisiológica que, desta forma, interessa enquanto (uma)-disciplina-científica à (um)-sistema-topologia-linguística para (uma)-interacção Isto porquê para (uma)-topologia-linguística interessa tratar (um)-sistema-nervoso como (uma)-forma-interactiva (estável), que ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas que ocorrem na ordem de cada (um) dos milhões de células organizadas enquanto (uma)-forma-tecido-nervoso. É o que, desta forma, real(iza-se) como (uma)-estrutura-de-interacção, linguística e não linguística, em (um)-sistema-de-observação.

Posto que cada (uma) das células tem (uma)-maior ou (uma)-menor especialização, na forma de cada (um) dos neurónios que se organizam na forma de (um)-sistema-nervoso. O que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, segundo (um)-critério que é, a partir de (uma)-topologia-linguística, o que se seleciona enquanto (uma)-palavra-“neurobiologia”, para expressar (uma)-ideia que em (uma)-topologia-linguística, “há” (uma)-existência-sistémica-e-interactiva (estável), que se encontra estruturada e organizada de (uma)-forma-absoluta (instável) e específica.

O que permite que cada (uma) das interacções sistémicas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos. Como também, destes com (um)-meio-*physis*-existencial, atravesse (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social que não sendo estável, estabiliza-se na forma de (uma)-existência-estrutural-instável-sistemicamente.

O que se estabelece, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e o meio, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] física que se estrutura através de (uma)-neurobiologia. E que consente através de cada (uma) das interacções sistémicas de vida, como o que enquanto (uma)-estrutura-física, (re)vela-se como (uma)-forma-realidade, através de cada (um) dos estímulos sensoriais que advém de (um)-meio-*physis*-existencial e atinge cada (um) dos sistemas vivos.

O que (trans)forma (um)-estímulo em (um)-sinal-eléctroquímico que ao atravessar cada (uma) das diferentes partes de (um)-sistema-vivo, coordena e comanda, cada (uma) de TODAS as real(izações), voluntárias e (in)voluntárias, de cada (um) dos sistemas. O que permite que cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e (um)-meio-*physis*-existencial, atravesse cada (um) dos estímulos que (trans)formados sistemicamente, na forma de (um)-sinal-eléctroquímico, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE observáveis como (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural, que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico. O que se constrói como (uma)-real(idade), a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica (realidade) que se projecta como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica ao atravessar (uma)-prática-linguística.

Posto que é, desta forma, que se define como (uma)-forma-estímulo, que se torna, através de (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação que em termos de (uma)-sistemática-estrutural-e-organizacional (neurobiológica), ainda não se pode definir como (um)-“fazer”. Pois (uma)-estrutura-neurobiológica em termos funcionais, não é o que (trans)forma (um)-estímulo em (uma)-representação. A partir do que não se pode definir (uma)-MENTE como (uma)-forma-sistema-nervoso.

### 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica

Por isto é preciso avançar através de (uma)-neurofisiologia, para procurar perceber o que (uma)-topologia-linguística define como (uma)-neuro-BIO-fisiologia-linguística. Pois a finalidade de argumentar acerca de como funciona todo (um)-complexo-conjunto-de-interacções-nervosas ao atravessar (um)-tecido-nervoso, é o que estrutura e organiza cada (um) dos circuitos funcionais na forma de (um)-sistema-vivo, e que se define funcionalmente, como (uma)-forma-sistémica-neuro-BIO-fisiológica.

Posto que (um)-tecido-nervoso tem (uma)-finalidade de transmitir, transportar e mediar cada (uma) das formas de comportamento fisiológico que atravessam (um)-sistema-nervoso. Mas é (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, o que organiza e coordena, através de (uma)-estrutura-neurobiológica, (um)-sistema-nervoso enquanto (uma)-sistemática-interactiva (estável), que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos, como (uma)-forma-que-acopla-estruturalmente cada (um) dos sistemas vivos à (um)-meio-*physis*-existencial.

Desta forma, coordenando e comandando cada (uma) das real(izações), voluntárias e (in)voluntárias que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos, na forma de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que se opera como (um)-sistema-de-resposta, que na forma de (um)-sistema-nervoso, é o que permite (uma)-percepção que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos, acerca de cada (uma) das variações energéticas que os atingem advindas de cada (um) dos estímulos presentes em (um)-meio-*physis*-existencial.

(uma)-percepção que “há” de cada (uma) das variações energéticas, respectivamente à (uma)-qualidade, (uma)-intensidade e (uma)-localização. E que enquanto tal, é o que coordena e organiza (uma)-resposta-adequada na forma de (um)-comportamento-adequado a cada (um) dos estímulos apresentados à cada (um) dos sistemas vivos. Como (uma)-interacção que “há”, em e «entre», (uma)-resposta e (um)-estímulo que se real(iza) como (um)-funcionamento de (um)-sistema-nervoso enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que ao real(izar-se) como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, é enquanto (um)-sistema-de-resposta, o que no caso de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é sempre (uma)-resposta que se real(iza) como (um)-linguístico, mesmo que a partir de (uma)-existência-não-linguística.

A partir do que em (uma)-topologia-linguística, selecciona-se (uma)-palavra-“neurofisiologia” para aplicá-la na forma de “neuro-BIO-fisiologia”. Como o que expressa (uma)-ideia que em (uma)-topologia-linguística, acerca (uma)-existência-sistémica-e-interactiva (estável), que se encontra estruturada e organizada sistemicamente, como (uma)-forma-absoluta (instável) e específica, enquanto (um)-funcionamento-sistémico-e-estrutural.

(uma)-forma que permite que cada (uma) das interações sistêmicas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos em (um)-meio-*physis*-existencial, atravesse (um)-acoplamento-sistêmico-e-estrutural-cognitivo-e-social.

Mas, afinal, como é possível constituir retoricamente, (uma)-diferença, em e «entre», cada (uma) das estruturas neurobiológica e neuro-BIO-fisiológica em (um)-sistema-nervoso?

Primeiro, (uma)-neurobiologia é (uma)-estrutura que organiza (um)-sistema-nervoso em cada (um) dos sistemas vivos como (uma)-estrutura-organizacional. Segundo, (uma)-neuro-BIO-fisiologia é o que se real(iza) na forma de (uma)-resposta-adequada em cada (um) dos sistemas vivos através de (um)-sistema-nervoso, como (uma)-real(ização)-funcional. (uma)-resposta a qual, normalmente, refere-se (uma)-neurociência como (um)-arco-reflexo.

Isto porquê cada (um) dos ciclos de cada (uma) das interações cognitivas e sociais em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, tem como (uma)-ÚNICA-finalidade, disparar (um)-sinal-electroquímico como (um)-sistema-de-resposta para (um)-estímulo. O que em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, (trans)forma-se em (um)-meio-*physis*-existencial, no que atravessa (uma)-estrutura-neurobiológica.

Pois cada (uma) das variações energéticas é como (um)-estímulo, o que acontece como: (uma)-luz, (um)-som, (um)-sabor, (um)-calor ou (uma)-variação-de-concentração de O<sub>2</sub> em (um)-sangue. Variações energéticas que ao SEREM ONTOFILOGENICAMENTE percebidas, em cada (uma) das estruturas especializadas, na forma de (um)-sistema-nervoso de cada (um) dos sistemas vivos em (um)-meio-*physis*-existencial, real(izam-se) como (uma)-resposta-sistemática, através de (uma)-estrutura-neuro-BIO-fisiológica. Pois cada (um) dos receptores sensitivos, é o que na forma de cada (uma) das células sensitivas, (trans)forma através de (uma)-estrutura-neurobiológica, (um)-estímulo em (uma)-resposta-adequada que atravessa (um)-sistema-nervoso enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que se “faz” ao (trans)formar (um)-estímulo em (um)-sinal-electroquímico que atravessa (uma)-estrutura.

Pois é, desta forma, que cada (uma) das células sensitivas “faz” parte, ou mesmo constitui (uma)-totalidade, de cada (um) dos órgãos que se definem como órgãos sensoriais enquanto: (um)-olho, (uma)-língua, (uma)-pele, (um)-ouvido, «entre» OUTROS.

Posto que cada (um) dos comportamentos que se real(izam) através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, acontece a partir da forma de (um)-estímulo que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico. Assim, (uma)-retirada de (um)-membro-exposto em (um)-estímulo-nociceptivo<sup>192</sup> ou (uma)-constrição-pupilar como (uma)-resposta para exposição de (um)-olho a (um)-foco-de-luz, real(izam-se) na forma de (uma)-resposta-adequada em cada (uma) das células

---

192 Quando (um)-receptor-sensitivo “recebe” (um)-estímulo “causado” por (uma)-lesão ou por (uma)-dor.

efectoras<sup>193</sup>, que podem estar agrupadas formando (um)-tecido, tal e qual (um)-músculo ou (uma)-glândula.

Ou como cada (um) dos receptores sensitivos, que se real(izam) como (trans)formadores de (uma)-variação-de-energia em (um)-sinal-electroquímico. O que enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica em (um)-sistema-nervoso, é o que (des)codifica (um)-sinal-electroquímico, (des)carregando-o na forma de (um)-impulso-nervoso através de (um)-nervo. E, desta forma, cada (um) dos impulsos constitui-se como (um)-potencial-de-acção-sistémico-e-neuro-BIO-fisiológico.

Pois é, desta forma, que cada (um) dos estímulos (trans)forma-se em (uma)-forma-sinal-electroquímico, que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE (des)carregado em (um)-orgão-receptor, (trans)forma-se em (uma)-acção. Transmitindo-a através de (um)-nervo até (um)-centro-receptor em (um)-cérebro. No qual, em (um)-cortéx-cerebral, cada (um) dos sinais electroquímicos real(iza-se) na forma de (um)-impulso-de-energia, que ao resultar na forma de (uma)-real(ização) em (uma)-experiência-de-satisfação, é o que se forma como: (uma)-imagem (visão), (uma)-temperatura (tacto), (um)-som (audição), (um)-sabor (paladar) ou (um)-odor (cheiro). Cada qual como (um)-exemplo que em cada (um) dos cinco sentidos de cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) ao operar-se na forma de (um)-sistema-de-resposta consequente e adequada, para cada (um) dos estímulos recebidos.

Esta é (uma) das diferenças que “há”, em e «entre», (uma)-estrutura-neurobiológica e (uma)-sistemática-neurofisiológica. O que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. Posto que ao (trans)formar (um)-sinal-electroquímico em (uma)-acção em cada (um) dos sistemas vivos, é o que se define como (uma)-forma-causalidade, no que se refere a (uma)-condição-sistémica de (um)-“fazer”.

Como também, define (uma)-estrutura-e-organização-neurobiológica de cada (uma) das real(izações) neuro-BIO-fisiológicas. O que a partir de (uma)-topologia-linguística, é o que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que “há”, na forma de (um)-sistema-nervoso em cada (um) dos sistemas vivos, permite-se como (uma)-real(ização), enquanto (um)-“fazer” na forma de (uma)-*ergoígenia*.

Pois isto, o que se permite como o que se define e diferencia na forma de (um)-“fazer”, enquanto (uma)-(trans)formação de (um)-estímulo em (uma)-representação. É o que ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir da forma de (um)-acoplamento-estrutural, real(iza-se) como (uma)-real(ização)-neuro-BIO-fisiológica. O que também permite pensar e definir o que é (uma)-MENTE na forma de (um)-sistema-nervoso. Assim como também (uma)-consciência em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-sistemática-topológica-linguística.

---

193 (um)-orgão ou (uma)-célula que é “sede” de (uma)-reacção a (um)-estímulo-recebido.

### 2.1.3. Fala e Mente

Entretanto, como tanto para linguístas quanto para filósofos, (uma)-FALA como (um)-“fazer”, é o que (trans)forma (um)-estímulo em (uma)-representação. Isto é apenas o que serve para descrever (um)-estado de (uma)-realidade. E somente a partir de (uma)-Teoria-dos-Actos-da-Fala proposta por John Langshaw Austin (1911-1960). É que desde 1946, procura-se demonstrar que (uma)-visão-descritiva de (uma)-FALA, não é (uma)-real(idade) real(mente). A partir do que se argumenta que (um)-acto-de-FALA não serve apenas para descrever, mas «antes», para real(izar) (uma)-acção.

Cada (uma) das demonstrações que foram publicadas postumamente, em 1962, apresentando cada (uma) das argumentações de John Langshaw Austin (1911-1960) em “*How to do Things with Words*”. E a partir das quais John Searle (1932), que era discípulo de Austin, como também, muitos OUTROS cientistas e filósofos resolveram refletir «sobre» cada (uma) das acções de cada (um) dos sistemas vivos humanos, que se real(izam) através de (uma)-linguagem. Assumindo enfim que (uma)-linguagem é (uma)-forma-de-real(ização). (uma)-acção que enquanto (uma)-condição-humana, é (uma)-acção<sup>194</sup> na forma do que propõe Hannah Arendt (1906-1975), muito embora, na forma arendtiana, tenha características específicas que se diferenciam da forma proposta por (uma)-topologia-linguística.

E, desta forma, como FALAR é (um)-“fazer”. A partir desta ideia enquanto (uma)-formalidade, defende Austin que FALAR passa a SER ONTOFILOGENICAMENTE o que para além de (uma)-transmissão-de-informações é, segundo Austin, (uma)-forma-de-acção que cada (um) dos sistemas vivos humanos real(iza), estabelecendo-os como (um)-actor que na forma de (uma)-real(idade), sugere-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (um)-sujeito que se real(iza) na forma de (uma)-acção.

Pois, é a partir desta ideia que se desenvolve em (uma)-topologia-linguística, (uma)-finalidade de observar e “responder” a cada (uma) das indagações de John Searle (1932). Diante das quais Searle afirma que (uma)-filosofia-da-linguagem apenas “tenta responder” a cada (uma) das perguntas propostas por Friedrich Frege (1848-1925). Entretanto, mantendo ainda muitas das questões fundamentais de (uma)-filosofia-da-linguagem sem resposta.

Pois, pergunta-se Searle: “Como exatamente a linguagem relaciona-se com a realidade? Como é possível, uma vez que tudo o que sai da minha boca é um conjunto de rajadas acústicas, que estes sons tenham significados? O que é exatamente um significado? O que é para um orador

---

194 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

dizer, pode significar algo pelo que ele diz? Qual é o significado das palavras em uma língua? Como as palavras têm um significado convencional?”<sup>195</sup>

Como de (um)-“lugar”<sup>196</sup> em (uma)-topologia-linguística, (uma)-estrutura-neurobiológica é (uma)-representação que em (um)-simbólico-topológico, define a forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-material de (um)-sistema-nervoso, e (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica é (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico que se define a partir de (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] da forma de (um)-sistema-nervoso.

(uma)-MENTE na forma de (um)-sistema-nervoso, segundo (uma)-topologia-linguística, somente pode SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-representação de (um)-conjunto-de-estímulos, que na forma de (uma)-energia, real(iza-se) na forma de (um)-“lugar” em (um)-sistema-nervoso.

(um)-conjunto de impulsos que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE (des)carregados, constantemente em (uma)-estrutura-neurobiológica. É a partir de cada (uma) das interações em cada (um) dos sistemas vivos com (um)-meio-*physis*-existencial, o que se (des)encadeia em cada (uma) das respostas adequadas, que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, na forma de (uma)-estrutura-acoplada, em e «entre», (um)-sistema-vivo e (um)-meio-*physis*-existencial, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que lhe serve de resposta.

Posto que, esta definição de (um)-conjunto-de-estímulos, enquanto (uma)-forma-de-energia, é o que se real(iza) como (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação enquanto o que existe e manifesta-se, muito para além de (uma)-MENTE ou (uma)-consciência, em (um)-simbólico-topológico. Isto porquê, ao tomar muitas formas representação em (um)-simbólico-topológico, pode real(izar-se) como: (uma)-alma, (um)-espírito, ou ainda na forma de (uma)-consciência.

Por isto, (uma)-topologia-linguística entende que (uma)-MENTE ou (uma)-consciência, é ONTOFILOGENICAMENTE, (uma)-representação enquanto (uma)-ontofenomenologia. Que se define como (uma)-forma-sistemática-de-vida, ao atravessar cada (uma) das representações, na forma de “MENTE” ou “consciência”. O que se pode perceber somente parcialmente, enquanto (um)-“fazer” que “há” em cada (uma) das sistemáticas de vida. Enquanto o que envolve cada (um) dos sistemas vivos humanos. Entretanto, “há” que se destacar que (uma)-real(ização) como (um)-FALAR, ainda se mantém diante desta argumentação sem (uma)-explicação. Pois não se pode afirmar que (uma)-FALA é (uma)-representação de (uma)-sistemática-de-vida. Posto que (uma)-FALA é (uma)-

---

195 Philosophy of Language – An interview with John Searle - ReVEL. Vol. 5, n. 8, 2007. ISSN 1678 8931.

196 (um)-“lugar” com o mesmo sentido de (um)-ponto-de-vista.

existência-manifesta que se evidencia na forma de (uma)-representação, enquanto (uma)-forma-FALA, que também é (uma)-forma-acção.

Diante do que (uma)-topologia-linguística vai argumentar, na forma de (uma)-primeira-resposta, que para cada (um) dos questionamentos searleanos acerca de (uma)-linguagem, “há” (uma)-(trans)forma que se real(iza) na forma de (uma)-codificação de (um)-estímulo. Posto que é na forma de (um)-sinal-electroquímico, que (uma)-acção real(iza-se) através de (um)-sistema-nervoso e a partir de (uma)-experiência-de-satisfação. E, desta forma, é que (uma)-experiência-de-satisfação (des)carrega-se na forma de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, através de (um)-estímulo-codificado que na forma de (um)-sinal-electroquímico ao atravessar (um)-nervo, permite-se como (um)-“fazer” enquanto (uma)-resposta-adequada que ao tomar a forma de (uma)-FALAÇÃO, na forma de (uma)-prática-objectiva neste caso, é (um)-“fazer” especificamente HUMANO que se propõe, enquanto (uma)-sistemática-viva, como o que atravessa (uma)-estrutura e define-se na forma de (uma)-existência-linguística.

## 2.2. (um)-“fazer”

Entretanto, quando (uma)-topologia-linguística coloca-se diante de (um)-significado de (uma)-FALAÇÃO como (uma)-forma-representação. A questão de (uma)-FALAÇÃO enquanto (um)-“fazer” bem parece OUTRA. Pois em (uma)-topologia-linguística, tanto (uma)-representação, quanto (um)-significado SÃO ONTOFILOGENICAMENTE acontecimentos linguísticos que tem (uma)-*ergoñgenia* em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológico. O que se assume como (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação que enquanto (uma)-forma-significado, em (uma)-topologia-linguística é a mesma forma de (uma)-representação, e não [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-significação.

O que enquanto tal, na forma de (um)-acontecimento-linguístico em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-real(ização)-neuro-BIO-fisiológica enquanto (uma)-*ergoñgenia* em (um)-“fazer”-neurobiológico. A partir do que se pode concluir, através de (uma)-tautologia, que (um)-“fazer” [acontecimento linguístico] tem (uma)-*ergoñgenia*-biológica em (um)-“fazer”-neuro-BIO-fisiológico [acontecimento biológico], que ao permitir-se na forma de (um)-“fazer” como (uma)-forma-representação, atravessa (uma)-*ergoñgenia* real(izando-se) através de (uma)-estrutura-neurobiológica, como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica.

Pois é diante desta conclusão tautológica, que se define o que é (uma)-*ergoñgenia*, como também, evidencia-se (uma)-dificuldade para separar (uma)-neurobiologia de (uma)-neurofisiologia. A partir do que em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-“fazer”-



neurobiológico é tido como (um)-“fazer” que tendo (uma)-*ergoígenia* em (um)-acontecimento-biológico. É o que, desta forma, real(iza-se) em cada (uma) das interacções linguísticas como (uma)-*ergoígenia*-estrutural, em e «entre», OUTRA-*ergoígenia*-funcional. O que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é o que se vai repetir na forma de (um)-“fazer”-*ergoígênico*, enquanto (uma)-repetitividade-sem-fim que se pode definir como (in)finita, na forma de (um)-conjunto-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}, que se “faz” a partir de (uma)-*ergoígenia* em OUTRA, como o que, desta forma, pode-se definir, como (uma)-cosmogonia.

E, desta forma <sup>[(in)finita]</sup>, (in)finitamente enquanto (um)-“fazer”-*ergoígênico*, é que se tem a partir de (uma)-tautologia, como (uma)-forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] enquanto (uma)-origem. A partir do que se opta por definir (uma)-NOVA-forma para referir-se a esta condição de (uma)-(in)finitude enquanto (uma)-origem, escolhendo (uma)-*ergoígenia* enquanto (uma)-forma-que-se-define como (uma)-origem.

Mas vale salientar que (um)-objecto à SER ONTOFILOGENICAMENTE investigado, na forma deste subcapítulo, é a forma de (um)-“fazer” enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico. O que enquanto tal, é tanto (um)-acontecimento-linguístico quanto (um)-acontecimento-biológico enquanto (uma)-simultaneidade. Entretanto, (um)-“fazer” que neste subcapítulo, fecha-se em (uma)-questão enquanto (uma)-*ergoígenia*, que enquanto (um)-“fazer” é o que na forma de (uma)-representação e a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) na forma de (uma)-pergunta: o que é (um)-“fazer” enquanto (um)-acontecimento-linguístico em (uma)-topologia-linguística a partir de (uma)-*ergoígenia*-neuro-BIO-fisiológica?

Pois é diante desta pergunta que (uma)-topologia linguística vai-se concentrar na forma de (uma)-*physis*-existência-linguística que se define enquanto (uma)-forma-significado. Pois na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, o que se (des)envolve como (uma)-forma-argumentação acerca de (um)-“fazer”, é o que serve de titulação à este subcapítulo. Não para questionar (um)-“fazer” enquanto (uma)-*ergoígenia*, posto que “há” (uma)-finalidade-de-argumentar acerca de (um)-“fazer”, mas como (uma)-*ergoígenia* que não é (um)-“fazer” que serve de titulação à este subcapítulo, mas «antes», como (uma)-questão-*physis*-existencial que se acha presente na forma de (uma)-*ergoígenia*-linguística que se real(iza), em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-formalidade que dá origem a (uma)-real(ização)-representação.

TUDO isto posto e definido. Para investigar (uma)-questão de (um)-“fazer” enquanto (um)-significado de (um)-“fazer”-neuro-BIO-fisiológico e a partir do que se define logo acima, opta-se por utilizar (uma)-forma de (um)-paradoxo-semântico-e-epistemológico, como proposto em 1892 por Friedrich Frege (1848-1925). Quando de (uma)-publicação-intitulada “*Sobre o Sentido e a*

*Referência*”. Na qual Frege apresenta (um)-paradoxo-semântico-e-epistemológico que ficou conhecido como quebra-cabeça-de-Frege ou paradoxo-denotativo.

E a partir deste paradoxo, o que se quer é perceber que (uma)-*ergoígenia*, é enquanto (um)-sentido e (uma)-referência, (um)-conceito-epistemológico que se “faz” através de (uma)-estrutura-semântica e diante do qual em (uma)-topologia-linguística considera-se como (uma)-forma-sistêmica-simbólica-fechada em (um)-simbólico-topológico, enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

O que, desta forma, para iniciar (um)-paradoxo proposto, primeiramente, é preciso definir dois enunciados lógicos. E, desta forma, define-se (um)-primeiro-enunciado na forma: [(uma)-representação é (uma)-representação]; e (um)-segundo-enunciado na forma: [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. O que, desta forma, em dois enunciados organizados, estabelecem-se como (uma)-forma-paradoxo-semântico-e-epistemológico, em e «entre», (um)-primeiro e (um)-segundo enunciados, com (uma)-finalidade de favorecer (uma)-argumentação-perceptiva acerca do que é (um)-“fazer” enquanto (uma)-forma-sistêmica-simbólica-fechada em (um)-simbólico-topológico, mas que enquanto (uma)-*ergoígenia*, torna-se possível como (uma)-interacção que atravessa todo (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que cada (um) dos enunciados lógicos, de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, forma-se segundo (um)-significado-epistemológico diferente do OUTRO. Do que se destaca o primeiro, na forma de [(uma)-representação é (uma)-representação], que segundo (uma)-topologia-linguística, define o que é (uma)-representação; e o segundo, na forma de [(uma)-representação é (um)-“fazer”], que segundo (uma)-topologia-linguística, define tanto o que é (uma)-representação quanto o que é (uma)-*ergoígenia* enquanto (uma)-representação.

E é a partir desta comparação, que se pode concluir que, partindo de (um)-quebra-cabeça-fregeano, (um)-“fazer” é (uma)-*ergoígenia*, como também o é (uma)-representação. Entretanto, de (um)-ponto-de-vista-filosófico, como ambos os enunciados tem (um)-mesmo-referente [(uma)-representação], somente (um)-segundo-enunciado, segundo Frege, é o que se estabelece na forma de (uma)-epistemologia. Posto que (um)-primeiro-enunciado de (um)-ponto-de-vista-filosófico, é somente identitário. E por isto (um)-enunciado-estritamente-semântico na forma de [(uma)-representação é (uma)-representação]. O que, constrange (uma)-topologia-linguística a promover (uma)-explicação para (um)-significado de (um)-“fazer”, que na forma de (uma)-epistemologia, e não na forma de (uma)-*ergoígenia* aqui se provoca.

Como em (uma)-filosofia, de (um)-ponto-de-vista-epistemológico, (um)-primeiro-enunciado: [(uma)-representação é (uma)-representação]; não se estabelece como (um)-enunciado-

epistemológico porquê não “há”, de (um)-ponto-de-vista-filosófico, (um)-sentido-epistemológico para (um)-primeiro-enunciado. Entretanto, na forma de (uma)-topologia-linguística, como “há” significado epistemológico para os dois enunciados, procura-se argumentar filosoficamente, que [(uma)-representação é (uma)-representação] é (um)-enunciado-lógico que apesar de somente expressar (uma)-identidade-semântica enquanto (um)-enunciado-lógico-filosófico, é o que de (um)-ponto-de-vista-da-topologia-linguística, é também (um)-enunciado-epistemológico.

Pois, na forma de (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação é (um)-acontecimento-linguístico que é (uma)-representação de (um)-acontecimento-linguístico. Ou seja, (um)-enunciado com (um)-sentido-epistemológico que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação de (um)-acontecimento-linguístico-REPRESENTAÇÃO como (uma)-representação que é (uma)-representação, ou seja, (uma)-*ergoígenia* enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Portanto, se filosoficamente (um)-primeiro-enunciado somente expressa (uma)-relação-identitária a partir de (um)-referente-semântico [(uma)-representação] com (uma)-identidade-semântica deste mesmo referente, na forma de (um)-significado. Em (uma)-topologia-linguística (uma)-questão que envolve este primeiro enunciado é bem OUTRA.

Isto porquê na filosofia, de (um)-ponto-de-vista-epistemológico, [(uma)-representação é (uma)-representação] é (um)-enunciado que somente expressa (um)-sentido-identitário de (uma)-representação como (uma)-representação, e não (um)-sentido-epistemológico de (um)-acontecimento-linguístico na forma de [(um)-“fazer”] (uma)-representação. O que é (uma)-representação de (um)-acontecimento-REPRESENTAÇÃO, como é típico em (uma)-topologia-linguística. A partir do que (uma)-filosofia vai concluir que se trata de (um)-enunciado-tautológico, e portanto, não epistemológico. E para mais, que se pode tratar de (uma)-falácia.

Mas, segundo (uma)-topologia-linguística, este mesmo enunciado lógico: [(uma)-representação é (uma)-representação], que é tautológico em (uma)-filosofia, e por isto não epistemológico. É (um)-enunciado que expressa (uma)-epistemologia em (uma)-topologia-linguística. Como logo acima já foi referido, mesmo na forma de (um)-enunciado-tautológico que, desta forma, não se real(iza) como (uma)-falácia. O que provavelmente é (uma)-questão que assombra, TODA e qualquer argumentação na forma desta tese desde (um)-princípio.

Mas, diante do que se argumenta logo acima. Quando se coloca (um)-primeiro-enunciado [(uma)-representação é (uma)-representação], diante de (um)-segundo-enunciado: [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. Filosoficamente torna-se mais provável (um)-entendimento-epistemológico, tanto de (um)-paradoxo quanto do que se propõe enquanto (uma)-forma-argumentação nesta investigação.

Pois ao assumir-se filosoficamente, que em (um)-segundo-enunciado [(uma)-representação é (um)-“fazer”], o que “há” é (uma)-epistemologia. Mas que se propõe na forma de (um)-paradoxo-pretendido. Posto que se torna em ambos os enunciados, tanto diante de (uma)-topologia-linguística quanto de (uma)-filosofia, como formas enunciados epistemológicos, tanto (um)-primeiro-enunciado-identitário, quanto (um)-segundo-enunciado-epistemológico. O que desta forma, torna-se a partir da forma de (um)-segundo-enunciado [(uma)-representação é (um)-“fazer”], cada (um) dos enunciados com sentidos epistemológicos. Mas lembre-se que em (um)-sistema-topologia-linguística (um)-sentido é (um)-heurístico.

Posto que é exatamente esta condição de (um)-segundo-enunciado diante de (um)-primeiro, o que semanticamente estabelece que (um)-paradoxo-fregeano-proposto, é o que também serve de condição para (uma)-explicação de (um)-significado de (uma)-*ergoígenia*, na forma de (uma)-epistemologia. Isto porquê (um)-segundo-enunciado, apesar de expressar também (uma)-relação-identitária, ou seja, apenas semântica, é a partir de (um)-mesmo-referente [(uma)-representação] o que (um)-primeiro-enunciado, também expressa, mas enquanto (uma)-relação-epistemológica a partir do mesmo referente [(uma)-representação]. O que se estabelece como (uma)-explicação-heurística para (uma)-condição que se real(iza) em (uma)-topologia-linguística.

Ou seja, como [(uma)-representação] é (um)-referente comum aos dois enunciados, e o sentido dos dois enunciados é diferente para (uma)-filosofia, mas não o é para (uma)-topologia-linguística. Como também, não o é em termos de referência. É, desta forma, que se estabelece (uma)-forma-paradoxo, em e «entre», os dois enunciados. Pois: será que o primeiro enunciado [(uma)-representação é (uma)-representação], também é (um)-enunciado com (um)-sentido-epistemológico na forma de (uma)-filosofia?

Como não “há” (um)-interesse de (uma)-topologia-linguística em responder a esta pergunta, outrossim, a partir de (um)-quebra-cabeça-fregeano, definir o que é (um)-“fazer” ao aproveitar-se justamente de (uma)-conclusão que leva de (um)-paradoxo até a forma de (uma)-pergunta. O que se pode afirmar é que de (um)-ponto-de-vista-da-topologia-linguística, ambos os enunciados dispõem de condições tanto semânticas quanto epistemológicas, para SEREM ONTOFILOGENICAMENTE considerados ontofenomenologicamente como enunciados epistemológicos. O que também é real(mente) considerado filosoficamente como (uma)-formalidade-affirmação.

Pois é o sentido oferecido tanto por (uma)-representação quanto por (um)-“fazer”, o que define que (um)-significado é para (um)-mesmo-referente, [(uma)-representação] em ambos os enunciados. E, para mais, na topologia-linguística tanto (uma)-representação quanto (um)-“fazer”, são acontecimentos linguísticos, e é isto o que define (um)-sentido-epistemológico para os dois enunciados apresentados enquanto (uma)-*ergoígenia* em (um)-sistema-topologia-linguística.

Entretanto, disposto filosoficamente na forma de (um)-paradoxo-fregeano, é (um)-parâmetro-semântico-epistemológico o que se estabelece em (um)-segundo-enunciado, como (uma)-epistemologia que enquanto tal, em (um)-primeiro-enunciado é somente (uma)-identidade.

Posto que, apesar de “haver” (uma)-igualdade em (uma)-topologia-linguística, em e «entre», (um)-primeiro-enunciado e (um)-segundo-enunciado, na forma de acontecimentos linguísticos. Em termos de (um)-sentido, o que se “faz” é que ambos os enunciados SEJAM ONTOFILOGENICAMENTE epistemológicos. Isto porquê não “há”, nesta forma de igualdade enquanto (uma)-forma-sentido, o que segundo (uma)-filosofia, em e «entre», (um)-primeiro e (um)-segundo-enunciado, “há” como (uma)-identidade. Posto que (um)-primeiro-enunciado, filosoficamente é identitário, e (um)-segundo-enunciado, filosoficamente é epistemológico.

Mas o que é certo, é que (uma)-igualdade em termos de sentido, é possível na forma de (uma)-filosofia, a partir de cada (uma) das condições argumentativas que se apresentam, através de (uma)-topologia-linguística. Entretanto, em termos de (uma)-referência, se (um)-segundo-enunciado for tomado como (um)-identitário, tanto em (uma)-filosofia, quanto em (uma)-topologia-linguística, ambos os enunciados SERÃO ONTOFILOGENICAMENTE não epistemológicos. Pois, o que se estabelece é que ambos, enquanto enunciados em termos de (um)-sentido, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE apenas identitários.

Entretanto, como em (uma)-filosofia, de (um)-ponto-de-vista-epistemológico, (um)-sentido expressa-se como (uma)-epistemologia na forma de (um)-paradoxo, como na forma deste paradoxo fregeano. E esta forma está estabelecida em (um)-segundo-enunciado: [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. Para mais, como (um)-segundo-enunciado também se expressa como (um)-enunciado-identitário. É, desta forma, que se informa que em ambos os enunciados os acontecimentos [(uma)-representação] e [(um)-“fazer”] SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (um)-mesmo-acontecimento, apesar de existirem como significantes formalmente diferentes, enquanto [(uma)-representação] e [(um)-“fazer”].

O que, disposto filosoficamente a partir de (um)-paradoxo-fregeano tendo em vista somente (um)-parâmetro-semântico, é o que estabelece que (um)-segundo-enunciado é (uma)-epistemologia, e consequentemente (uma)-*ergoígenia*.

Portanto, a partir de (um)-paradoxo-semântico-epistemológico-fregeano, é possível explicar filosoficamente (uma)-*ergoígenia*, e estabelecer com (uma)-finalidade argumentativa que (um)-paradoxo, em e «entre», cada (um) dos enunciados: [(uma)-representação é (uma)-representação] e [(uma)-representação é (um)-“fazer”], segundo Frege, constitui-se em (um)-facto de que, cada (um) dos enunciados expressa-se em (um)-sentido diferente, relativamente ao mesmo referente [(uma)-representação]. Contudo *ergoígenicamente* iguais em (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto porquê em (um)-primeiro-enunciado: [(uma)-representação é (uma)-representação]. De (um)-ponto-de-vista-filosófico, expressa-se somente (uma)-identidade. E em (um)-segundo-enunciado: [(uma)-representação é (um)-“fazer”]. Expressa-se tanto (uma)-identidade quanto (uma)-epistemologia. O que de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, como já acima referido, “faz” com que em cada (um) dos enunciados, real(ize-se) (uma)-forma-epistemologia.

Mas diante de TUDO isto, o que importa à (uma)-topologia-linguística, é o que diria Frege diante de (uma)-forma-referente [(uma)-representação]. Provavelmente como (uma)-forma-solução para (um)-paradoxo. A partir do que se pergunta se Frege adotaria (uma)-articulação, em e «entre», (uma)-significação em cada (um) dos enunciados. E a partir de cada (um) dos constituintes de (uma)-significação em cada (um) dos enunciados, distinguindo-os como (uma)-forma-sentido (semântico ou epistemológico) e (uma)-forma-referência (identitário).

Isto porquê, como cada (um) dos enunciados tem (um)-mesmo-referente na forma de [(uma)-representação]. A partir de (um)-pensamento-fregeano, pergunta-se se é possível afirmar que cada (um) dos enunciados tem (um)-mesmo-sentido-semântico a partir do referente [(uma)-representação]. Entretanto, com (um)-sentido-epistemológico-diferente. Posto que (um)-mesmo-referente [(uma)-representação], é referencialmente (uma)-representação, no primeiro enunciado (identitário), e semanticamente (um)-“fazer”, no segundo enunciado (epistemológico).

O que de (um)-ponto-de-vista-filosófico, estabelece que (um)-primeiro-enunciado é somente identitário, e (um)-segundo-enunciado é identitário e também epistemológico. O que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE estabelecido (um)-paradoxo, resolve-se através de dois parâmetros distintos: (um), identitário-referencial, e OUTRO, epistemológico-cognitivo.

O que, desta forma, na forma de (um)-paradoxo-fregeano estabelece que: PRIMEIRO, de (um)-ponto-de-vista-filosófico (uma)-significação, em e «entre», o primeiro e o segundo enunciado, acontecem através de (um)-mesmo-referente [(uma)-representação]; SEGUNDO, que enquanto (uma)-epistemologia, na forma de (uma)-topologia-linguística, TODO “significado” é (uma)-representação.

O que de (uma)-ponto-de-vista-filosófico acerca de (uma)-significação, [(uma)-representação é (uma)-representação] que é (um)-identitário no sentido semântico, mas também, (um)-“fazer”. Apesar” de [(um)-“fazer”] não SER ontofenomenologicamente (um)-identitário para (um)-referente [(uma)-representação], mas o é ONTOFILOGENICAMENTE.

Contudo, [(uma)-representação é (um)-“fazer”], como não é somente identitário, porquê [(uma)-representação] semanticamente não significa (um)-mesmo que [(um)-“fazer”]. Filosoficamente, estabelece-se que este segundo enunciado [(uma)-representação é (um)-“fazer”],

em (um)-sentido-semântico é (um)-enunciado-epistemológico, tanto ontofenomenologicamente quanto ONTOFILOGENICAMENTE.

Pois é justamente a partir desta explicação, que se justifica a partir de (um)-paradoxo-fregeano, que (uma)-existência-epistemológica em (uma)-filosofia, acontece a partir de (uma)-forma-significado. O que segundo (uma)-topologia-linguística, justifica que cada (um) dos enunciados do paradoxo é (um)-enunciado-epistemológico. Posto que segundo (uma)-topologia-linguística, TODO significado é também (uma)-representação.

E, deste forma, (um)-referente [(uma)-representação] é (uma)-representação, como também, (um)-referido [(um)-“fazer”] que também é (uma)-representação. Entretanto, como na forma de (um)-topologia-linguística, [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] na forma de (um)-terceito-enunciado-lógico, é o que se define como (uma)-*ergoígenia* e em cada (uma) das representações [(uma)-representação] e [(um)-“fazer”] que, ao SER ONTOFILOGENICAMENTE homeomórfico na forma de (uma)-topologia-linguística, também é ontofenomenologicamente (um)-mesmo-referente e (um)-mesmo-identitário.

Portanto, cada (um) dos três enunciados definem-se, como (uma)-*ergoígenia* em (um)-sistema-topologia-linguística. E que enquanto origens de (um)-“fazer” enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] é, enquanto tal, (uma)-representação e vice-versa. Isto porquê (um)-terceiro-enunciado-lógico [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], a partir da forma de (uma)-topologia-linguística é o que define epistemologicamente que [(um)-“fazer”], ao qual (um)-referido [(uma)-representação] “faz” referência como (um)-referente em (um)-primeiro-enunciado, é o que enquanto (um)-“fazer” é (uma)-representação.

Diante disto, e posto que ao iniciar esta argumentação, a questão era acerca de (um)-significado na forma de (uma)-filosofia. O que a partir de (uma)-*ergoígenia* é de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística. A partir do que se procura pensar através de (um)-terceiro-enunciado-lógico [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], como o que se afirma em (uma)-topologia-linguística, como (um)-enunciado-epistemológico que segundo (um)-mesmo-princípio, também se afirmaria como (uma)-forma-epistemologia a partir de (um)-pensamento-fregeano. Ou seja, (um)-sentido-epistemológico é relativamente a (um)-referente, o que se estabelece como (um)-significado apenas “identitário” na forma de (um)-enunciado-lógico.

Entretanto, é preciso que se compreenda que na forma de (uma)-topologia-linguística, (um)-referente [(uma)-representação] é (uma)-representação de (um)-acontecimento-“fazer”, como também, (um)-referido [(um)-“fazer”] é (uma)-representação de (um)-acontecimento-“fazer” na forma de (um)-“fazer” de (uma)-representação. E mais, que (uma)-representação é (um)-“fazer” e [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-*ergoígenia*.

Portanto, neste capítulo 2.2, utilizam-se três *ergoḡgenias* diferentes: (uma)-primeira [(uma)-representação é (uma)-representação], que define (uma)-*ergoḡgenia* de (uma)-representação na forma de (um)-acontecimento-linguístico; (uma)-segunda [(uma)-representação é (um)-“fazer”], que define (uma)-*physis*-existência de (uma)-representação, como (uma)-*ergoḡgenia*; e AGORA, (uma)-terceira [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], que define (uma)-*ergoḡgenia* de (um)-“fazer”, como (uma)-*physis*-existência-linguística. O que se define em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-*ergoḡgenia*.

Entretanto, em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-*ergoḡgenia* deve de SER ONTOFILOGENICAMENTE definida como (uma)-*ergoḡgenia* que enquanto (um)-“lugar”, ou melhor, como o que é preciso definir como (uma)-*ergoḡgenia*, que enquanto (um)-“lugar”, é o que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, ou seja, como muitas *ergoḡgenias*. O que é a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, o que se permite como (uma)-investigação-linguística, que se afasta tanto de (uma)-ontologia, quanto de (uma)-fenomenologia, sem no entanto afastar-se de (uma)-existência-simbólica, devido a forma como (uma)-*ergoḡgenia* [existe e manifesta-se], enquanto (uma)-forma-argumentação na forma de (um)-significado, diante de (um)-paradoxo-fregeano.

Porquê (uma)-*ergoḡgenia*-linguística é a expressão de (um)-“fazer” que enquanto (uma)-representação, é sempre (uma)-existência-linguística que se estabelece através de (uma)-interacção-neuro-BIO-fisiológica, como o que enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, é geralmente e consequentemente, o que se afasta em (uma)-topologia-linguística, de (uma)-estrutura-axiológica decorrente de cada (uma) das existências linguísticas, que se originam como (uma)-acontecimento-linguístico em (um)-REAL (adjectivo). (uma)-(ir)representação que enquanto (uma)-prática-linguística que atravessa (um)-“fazer” aquando de (uma)-edificação de (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, “faz” de todo-(um)-“haver” (uma)-real(idade) na forma de (uma)-representação enquanto tudo-o-que-“há”.

Pois esta é (uma)-característica que em (um)-sistema-topologia-linguística, permite-se como (uma)-aproximação tal, em e «entre», (uma)-“coisa” enquanto (uma)-existência, e (um)-objecto enquanto (uma)-aparência que, desta forma, é o que (im)possibilita cada (uma) das argumentações em (um)-sistema-topologia-linguística, a partir tanto de (uma)-fenomenologia quanto de (uma)-ontologia.

Isto porquê (um)-significado é, de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, (uma)-interacção em e «entre» significantes, e como tal, (uma)-interacção em e «entre», (um)-“fazer” e (uma)-*ergoḡgenia*, ou em e «entre» (uma)-representação e (uma)-biologia, como se queira



descrever. O que se opera através de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), como o que se real(iza) na forma de (um)-discurso.

### 2.3. Imagem

Pois, é (uma)-interacção em e «entre» (um)-“fazer” e (uma)-*ergoñgenia*, o que se conduz até a forma de (uma)-imagem. Porém, mais importante que (um)-“fazer” e (uma)-*ergoñgenia*, é que (um)-interlocutor, nesta altura, perceba que (uma)-imagem, em (uma)-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-diádico que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, para real(izar-se) na forma de (um)-linguístico. O que se real(iza) ao atravessar (uma)-estrutura-neurobiológica que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, enquanto (uma)-forma-alucinação, que a partir de (um)-estímulo, é o que codifica na forma de (um)-sinal-electroquímico, permitindo (uma)-resposta-adequada enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Portanto, (uma)-imagem segundo (uma)-topologia-linguística, é o que atravessa (um)-“fazer” na forma de (um)-sinal-electroquímico, para real(izar-se) como (uma)-real(ização), em (um)-REAL-topológico através de (uma)-prática-linguística enquanto (um)-REAL (adjectivo). E este, é (um)-acontecimento-diádico que em (uma)-topologia-linguística, tem (uma)-origem em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, e não em (um)-acontecimento-linguístico. Posto que conduz cada (um) dos sistemas vivos HOMO, de (um)-“fazer”-neurofisiológico ao “fazer” de (uma)-imagem, que na forma de (uma)-alucinação, é o que se define enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, como (uma)-estrutura-de-ambiguação enquanto (uma)-forma-artefacto.

Posto que é a partir de (um)-“fazer”-(des)ambiguador que (um)-sinal-electroquímico organiza-se e estrutura-se, como (uma)-resposta-adequada enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que ao atravessar (uma)-estrutura-neurobiológica que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, viabiliza-se enquanto (uma)-construção de (uma)-forma-artefacto a partir de (uma)-estrutura-imagética [alucinação].

E desta forma, (uma)-interacção-sistémica é o que define a forma de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social. A partir do qual se (des)encadeia (uma)-estrutura-imagética-ambígua, como (uma)-forma-comportamental que, ao atravessar sistemicamente (uma)-estrutura-neurobiológica, é na forma de (um)-sinal-codificado (electroquímico), o que se (trans)forma em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, em (um)-“fazer” que atravessa (uma)-imagem que se “faz” enquanto tal, em (um)-sistema-nervoso como (uma)-resposta-adequada que enquanto (uma)-formalidade é (uma)-imagem-alucinada.

(uma)-estrutura que se organiza a partir de (um)-conjunto-de-estímulos, e que em (um)-sistema-nervoso estrutura-se e organiza-se, através de cada (um) dos circuitos funcionais que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos, para real(izar-se) especificamente como (uma)-forma-acoplamento que se (des)encadeia como (uma)-resposta-adequada na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico através de (um)-tecido-nervoso que está distribuído por TODO (um)-organismo de cada (um) dos sistemas vivos, é desta forma, o que se permite real(izar) como (um)-“fazer” enquanto (uma)-imagem [alucinação], que na forma de (uma)-resposta-neuro-BIO-fisiológica ao atravessar (uma)-codificação [sinal electroquímico], (trans)forma (um)-sinal-electroquímico através de (um)-“fazer”-neurofisiológico em acção que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é na forma de (uma)-imagem-alucinação, (uma)-real(ização)-diádica.

(uma)-existência-sistémica-e-interactiva (estável) que se encontra, desta forma, estruturada e organizada como (uma)-forma-absoluta (instável) e específica em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que permite que em cada (uma) das interacções sistémicas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e (um)-meio-*physis*-existencial, estructure-se (um)-acoplamento que viabiliza cada (uma) das interacções cognitivas e sociais.

(uma)-*physis*-existência que a partir de (uma)-*ergoñenia*, em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética enquanto (um)-protótipo-objectivo, é o que se real(iza) como (um)-véu-imaginário. O que inaugura (um)-ESTÁDIO-diádico. (uma)-(trans)forma de (uma)-*physis*-existência-monocórdia que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, instala-se como (uma)-estrutura-imagética-neurobiológica que a partir de (uma)-*ergoñenia*-monocórdia, é enquanto (um)-“fazer” de (uma)-lasca em (um)-ESTÁDIO-diádico, o que se objectiva autopoieticamente, a partir de (um)-“fazer”-monocórdio [lasca] como (uma)-estrutura-de-ambiguação em (um)-“fazer”-diádico [lasca | núcleo].

(uma)-objectivação-autopoiética em (um)-protótipo-objectivo que ao real(izar-se) enquanto (uma)-imagem (alucinação) e a partir de (um)-“fazer” de (uma)-lasca, instala-se como (um)-véu em (um)-imaginário-topológico, estruturando (uma)-ambiguação que a partir de (um)-“fazer”, é na forma de (um)-“fazer”, o que neuro-BIO-fisiologicamente objectiva-se autopoieticamente como (uma)-não-conquista de (um)-artefacto.

Porquê «antes» de conquistar-se enquanto (um)-artefacto, é o que se estrutura como (uma)-ambiguação, ao atravessar (uma)-imagem (alucinação) “(des)fazendo-se” enquanto (uma)-(des)ambiguação-monocórdia, como o que se real(iza) através de (um)-“fazer” instalado, na forma de (um)-atravessamento-sistémico como (uma)-interacção-neurobiológica-neurofisiológica-e-social,

que enquanto (uma)-objectivação-autopoietica, é o que (trans)forma (um)-protótipo-objectivo, no que se real(iza) como (um)-véu-imaginário.

(uma)-(trans)forma(ção) de (um)-“fazer” de (uma)-lasca, em (um)-“fazer” de [(uma)-lasca e (um)-núcleo] que enquanto (uma)-simultaneidade, é o que se estrutura, na forma de (uma)-imagem que, desta forma, real(iza-se) como (uma)-alucinação [imagem]. Pois é o que se permite como (um)-“fazer” de (um)-artefacto-[lasca | núcleo], a partir de (uma)-NOVA-interacção-sistémica que se real(iza) como (um)-“fazer”-neurofisiológico, que autopoieticamente instalado, (trans)forma (um)-mundo em (uma)-real(ização)-mundanidade.

(uma)-(trans)forma em (um)-“fazer” que enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social, é o que ao atravessar (um)-“fazer”, conduz (uma)-imagem [alucinação] em direcção à (uma)-representação. Entretanto, que não se “faz” como (uma)-imagem-[ou de (uma)-lasca, ou de (um)-núcleo], outrossim, como (uma)-imagem-alucinada que ao conquistar a forma de (um)-artefacto, é enquanto (uma)-real(ização), (uma)-simultaneidade que na forma de (um)-artefacto-[lasca | núcleo] em (um)-ESTÁDIO-diádico, ainda é (um)-devir, mas como (uma)-representação, já é (um)-ESTÁDIO-egóico que se real(iza) objectiva e autopoieticamente, como (uma)-forma em [(uma)-figura e (um)-fundo] enquanto (uma)-real(idade).

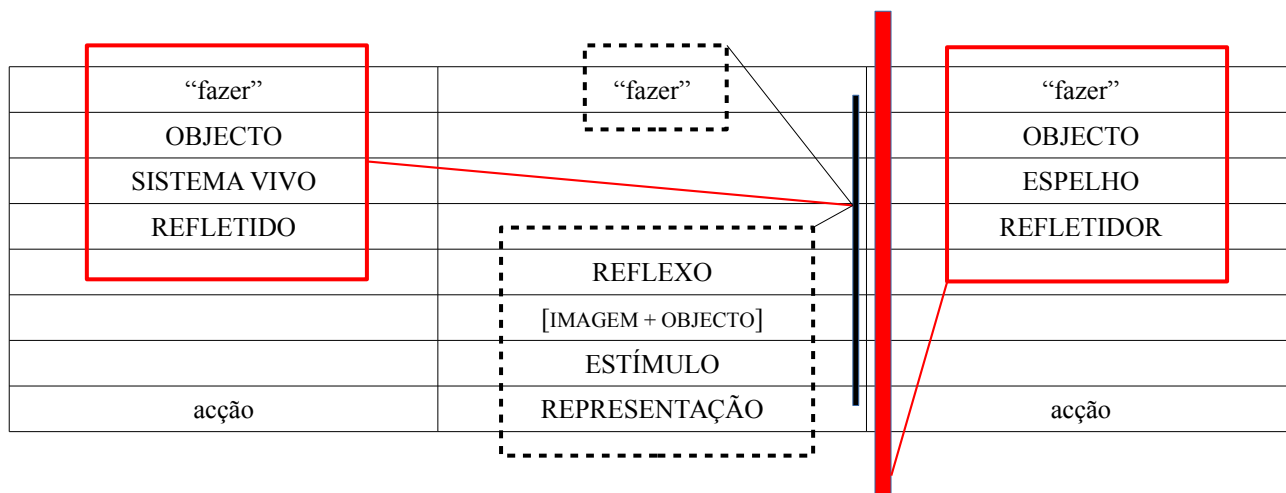
(uma)-imagem-alucinada que enquanto (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo], ainda é somente (uma)-aparência. Mas na forma de (uma)-especificidade-visível, ainda não é (uma)-representação, mas «antes», (uma)-imagem que enquanto (um)-acontecimento-neurobiológico, real(iza-se) como (uma)-forma-absoluta (instável), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO e (um)-meio-*physis*-existencial, caracterizando-se como (um)-facto-geratriz, que em cada (uma) das interacções (estáveis) atravessam (uma)-estrutura-imagem, enquanto (uma)-forma-alucinação. O que estruturalmente acoplado enquanto (uma)-ambiguação, é enquanto (uma)-imagem, o que se (re)vela como (uma)-alucinação, enquanto o que se realiza como (uma)-forma-[lasca | núcleo]-[figura | fundo]. Mas que é (in)separável, [existindo e manifestando-se] enquanto (uma)-*physis*-existência-sistémica estruturalmente.

Pois esta é a forma de (uma)-prática-objectiva estruturalmente acoplada em (uma)-imagem que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que lhes permite ONTOFILOGENICAMENTE sobreviver em (um)-meio-*physis*-existencial. O que em (uma)-conformidade com (um)-fenómeno, é enquanto (um)-acoplamento-estrutural. Posto que, cada (um) dos sistemas vivos, através de (um)-“fazer” e a partir de (um)-protótipo-objectivo, real(iza-se) em cada (uma) das real(izações) objectivas, que na forma de cada (um) dos objectos real(izáveis), é através de (um)-“fazer”, (uma)-real(ização)-(des)ambiguadora.

Ou seja, cada (um) dos sistemas vivos, real(iza) em (um)-“fazer” enquanto (um)-acoplamento-estrutural, mas não enquanto (uma)-imagem-(des)ambiguada em (um)-meio-*physis*-existencial. Posto que «antes», o que “há” enquanto (uma)-formalidade é (um)-alimento, ou qualquer OUTRA condição relativa a forma do acoplamento que acontece enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico.

E é esta (uma)-condição-existência-manifesta que enquanto (um)-acontecimento é o que a partir de (um)-acoplamento, estrutura cada (um) dos sistemas vivos, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. (uma)-sistemática-de-vida que, desta forma, evidencia-se como (um)-padrão que estabiliza cada (uma) das interacções, conduzindo cada (um) dos sistemas vivos à (uma)-existência-manifesta que atravessa cada (uma) das estruturas sistémicas. Que, desta forma, encontram-se acopladas de (uma)-forma-absoluta-e-específica (instável), mas que se permite, como o que “há” estabilizado (interactivo), em cada (uma) das interacções sistémicas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos [e | em] (um) meio *physis* existencial, como (um)-atravessamento-sistémico.

QUADRO 006 – (uma)-interacção-especular, (uma)-imagem e (uma)-representação



QUADRO 006 – Neste quadro o que se observa é como se real(iza) (uma)-interacção-[objecto x objecto] na forma de (uma)-topologia-linguística, como também, a forma de (uma)-imagem-alucinação, enquanto (um)-“fazer” que se real(iza) como (um)-reflexo em (um)-ESTÁDIO-diádico. O que em (um)-ESTÁDIO-egóico, é o que se real(iza) como (uma)-representação.

O que “faz” de [(uma)-existência de (uma)-“coisa”, (uma)-interacção-sistémica, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos. O que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida. Mas em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO é [(uma)-existência de (uma)-“coisa” + (uma)-

manifestação enquanto aparência] que se real(iza) como (uma)-imagem-alucinada enquanto real(ização).

O que, desta forma, ajusta-se estruturalmente em que cada (um) dos sistemas vivos, mantendo-se como (uma)-forma em constante autopoiése, que os diferencia cognitivamente enquanto sistemas vivos estruturalmente diferentes e interactivos (estáveis). O que ao atravessar (um)-meio-*physis*-existencial sistemicamente através de cada (uma) das interacções, permite a cada (um) dos sistemas vivos existir como (um)-“fazer” que interactivamente está estável.

Mas, quando se coloca esta formalidade pensamento, diante de (uma)-artificialidade-HUMANA, o que se real(iza) é (uma)-forma-especular. Ou seja, cada (uma) das interacções precisa SER ONTOFILOGENICAMENTE pensada, em e «entre», (um)-refletido e (um)-refletidor. (uma)-curiosa-interacção que pensada sistemicamente, real(iza-se) como (uma)-representação, que na forma de (uma)-alucinação [imagem], como o que se propõe (uma)-topologia-linguística, é (uma)-real(ização)-diádica.

Posto que (um)-reflexo é (uma)-simultaneidade enquanto [(uma)-imagem + (um)-objecto]. E é a isto que (uma)-topologia-linguística define como (uma)-forma-alucinação. Isto porquê (um)-reflexo é (um)-“fazer” que enquanto (uma)-simultaneidade, acontece em e «entre» dois objectos, como (uma)-interacção que a partir de (um)-estímulo, real(iza-se) em cada (um) dos objectos, como (uma)-acção enquanto (uma)-*ergoígenia*.

## 2.4. Representação

(uma)-imagem que ao estruturar-se como (um)-objecto, é como (um)-estímulo, (um)-reflexo que a partir de (um)-“fazer”, real(iza-se) interactivamente (estável), como (uma)-[existência + manifestação] que não é (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, (uma)-imagem-alucinação que na forma de [(uma)-imagem + (um)-objecto] é na forma de (uma)-imagem-alucinação, o que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico, como o que existe enquanto forma refletida, enquanto (um)-objecto-(ir)representável que apesar disto, é (uma)-“coisa”-visível.

Isto porquê, na forma de (um)-estímulo e enquanto (um)-sinal-electroquímico, o que se real(iza) como (uma)-visão de [(uma)-imagem + (um)-objecto], é o que na forma de (um)-adjectivo, é (uma)-forma-(ir)representável. Porquê enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é o que se manifesta, como (uma)-forma-(in)separável que enquanto (um)-reflexo, é o que se real(iza), enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], como (uma)-“coisa”-aparência. O que, desta forma, é (uma)-visão que ainda não é (uma)-representação, apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-“fazer”.

Contudo, como (um)-refletido não é (um)-SER, outrossim, (um)-reflexo. Entretanto, desta forma, como (um)-refletido é (um)-“fazer” é, desta forma, o que enquanto [(uma)-imagem + (um)-objecto], é enquanto (um)-reflexo, o que não se real(iza) como (uma)-representação, outrossim, como (uma)-alucinação [imagem], que na forma que se defende em (uma)-topologia-linguística, é o que enquanto (uma)-alucinação, real(iza-se) na forma de (uma)-representação, somente a partir de (uma)-simultaneidade-[real(ização) | recalcamento]. Sem a qual não “há” (uma)-forma-representação, outrossim, (uma)-forma-alucinação (imagem).

Portanto, (uma)-forma-representação é o que se real(iza) a partir de (uma)-separação de (um)-(in)separável que, [ao existir e manifestar-se] na forma de [(uma)-imagem + (um)-objecto] é (uma)-imagem-alucinação. Mas, a partir do que enquanto (uma)-forma-representação, é o que se real(iza), como (um)-PAR-imagético enquanto (um)-recalcamento que na forma de [(uma)-imagem + (um)-objecto], é o que se real(iza) a partir de (uma)-*ergoígenia*, como (um)-objecto que enquanto (uma)-forma-real(ização), é em (uma)-simultaneidade-[recalcamento | representação].

(uma)-representação que desta forma, e diante desta explicação, precisa SER ONTOFILOGENICAMENTE relativizada. Posto que nesta explicação, (um)-reflexo na forma de (um)-artefacto-[lasca | núcleo], é (uma)-imagem que estruturalmente real(iza-se), neuro-BIO-fisiologicamente em (um)-ESTÁDIO-diádico, na forma de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM]. O que se define como (uma)-imagem-alucinação enquanto (uma)-estrutura-de-ambiguação.

Ao passo que (uma)-representação é na forma desta explicação, (um)-recalcamento de [(uma)-imagem + (um)-objecto] que, desta forma, define-se como (um)-reflexo. Mas que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE recalcado, real(iza-se) como (um)-refletido que ao sofrer (uma)-acção de (um)-“fazer”, é na forma de (uma)-simultaneidade-[real(ização) | recalcamento], o que se real(iza) como (uma)-representação. O que enquanto (um)-artefacto-[lasca | núcleo], real(iza-se) como (uma)-objectivação-autopoiética em (uma)-separação, que na forma de (uma)-[figura e fundo], é (uma)-formalidade-representação como (uma)-real(idade).

(uma)-estrutura-de-ambiguação que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética, é enquanto (uma)-separação, o que se real(iza) estruturalmente, na forma de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] enquanto (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação.

## 2.5. Realidade

Ainda aproveitando esta mesma explicação de (uma)-interacção-especular. AGORA vai-se avançar através de (um)-conceito-de-realidade que em (uma)-topologia-linguística, não se define da mesm forma que em (uma)-filosofia-tradicional.

Desta forma, para iniciar já se coloca (uma)-questão: diante de (uma)-interacção-especular o que é (uma)-realidade à moda de (uma)-filosofia-tradicional?

Para começar, primeiramente pode-se afirmar que (um)-reflexo é (uma)-realidade segundo o que defende (uma)-filosofia. A dificuldade está em que também em (uma)-topologia-linguística, (um)-reflexo é (uma)-realidade. Porém, “há” (uma)-diferença em e «entre» (uma)-realidade enquanto (um)-reflexo em (uma)-filosofia e (uma)-realidade enquanto (um)-reflexo segundo (uma)-topologia-linguística. O que nesta altura consiste especificamente na forma como se real(iza) (um)-“fazer” enquanto (um)-reflexo.

Segundo (uma)-filosofia-tradicional, (um)-reflexo é (uma)-imagem e segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-reflexo é (uma)-alucinação [imagem]. Mas esta é (uma)-imagem que se real(iza) segundo (uma)-topologia-linguística como (uma)-imagem-alucinação em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Pois é a partir daqui, que se deve primeiramente definir que, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-imagem é sempre (uma)-alucinação. O que segundo (uma)-filosofia, (uma)-representação pode SER ontofenomenologicamente (uma)-forma-imagem.

Mas ao voltar à explicação com a qual se inicia este capítulo, (uma)-interacção-especular é o que se percebe como (uma)-imagem enquanto (um)-reflexo e, desta forma, como (um)-“fazer” que enquanto (uma)-interacção em e «entre» (um)-refletido e (um)-refletidor, é a partir do que se coloca a questão que enfim se permite: (um)-refletidor e (um)-refletido SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-homeomorfia?

A partir do que segundo (uma)-topologia-linguística, a resposta é SIM; mas, segundo (uma)-filosofia, a resposta mais provável será (um)-NÃO. Diante do que se vai assumir que a partir das qualidades adjectivas tanto de (uma)-LUZ quanto de (uma)-MATÉRIA, “há” (uma)-probabilidade de que (uma)-resposta de (uma)-filosofia, se for (um)-SIM, permita-se como mais (uma)-forma-especulativa. A partir do que se pode afirmar que, tanto (um)-refletidor quanto (um)-refletido SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (um)-reflexo que ontofenomenologicamente, é o que se define como o que “faz” de (um)-refletido, (uma)-forma enquanto (uma)-imagem-alucinação. Pois, tanto (um)-objecto quanto o OUTRO, real(izam-se) na forma de (um)-“fazer” em (uma)-forma-refletidor.

Portanto, é possível conceber, a partir da forma de (uma)-topologia-linguística que: (uma)-imagem é (uma)-(ir)representação; e que (uma)-representação é (uma)-real(ização) na forma de (uma)-simultaneidade-[real(ização) | recalcamento]. E, desta forma, (uma)-realidade é o que na forma de (um)-sinal-electroquímico, é diferente de (uma)-realidade que se real(iza) como (um)-“fazer”-neurofisiológico. Pois o que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, enquanto (uma)-real(ização) é (uma)-real(idade); ao passo que o que se real(iza) a partir da forma de (um)-estímulo é (uma)-realidade, que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico.

Mas esta forma de definição coloca OUTRA-questão relativamente a (uma)-forma-realidade. O que enquanto (uma)-forma-filosófica “faz” pensar acerca de (uma)-topologia-linguística: se (um)-estímulo é (uma)-realidade e (uma)-real(ização) é (uma)-real(idade); tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” é (uma)-subjectividade?

E, desta mesma forma, “há” (uma)-OUTRA-questão: (um)-reflexo é (uma)-subjectividade?

Pois, estas SÃO ONTOFILOGENICAMENTE duas curiosas perguntas ontofenomenológicas. Porquê se (uma)-topologia-linguística defende que é através de (um)-modelo-de-observação, enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, o que se evita enquanto cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” na forma de (uma)-real(idade). O que se dirá da forma de (uma)-subjectividade?

Diante do que segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-subjectividade que “há” em cada (um) dos sistemas vivos. É (uma)-estrutura sistémica e homeomorfa que relativamente a cada (uma) das sistemáticas neuro-BIO-fisiológicas, é o que se real(iza) em cada (um) dos espécimens de sistemas vivos, como (uma)-realidade-sistémica. Mas, somente em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-real(idade)-representação.

A partir do que (uma)-realidade que “há” em cada (um) dos sistemas vivos. É (uma)-sistémica estrutural e homeomórfica que através de cada (uma) das sistemáticas neuro-BIO-fisiológicas que “há”, é o que se real(iza) a partir da forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico como (uma)-forma-real(idade) que em cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-representação.



### 3. Aspectos Históricos

No capítulo anterior foram abordados cada (um) dos aspectos biológicos considerados, como os mais importantes para compreensão de (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (uma)-real(ização)-biológica. AGORA, o que se aborda é o que se convencionou definir como aspectos históricos de (uma)-topologia-linguística. Que servem para (uma)-construção de (uma)-argumentação a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, que se permite como (um)-avanço através de cada (um) dos “porquês” de cada (um) dos aspectos históricos e antropológicos que, interactivamente (estável) real(izam-se) na forma de cada (um) dos aspectos objectivos, sociais e culturais que atravessam cada (uma) das existências objectivas e linguísticas que “há”, em e «entre», cada (uma) das interacções de cada (um) dos sistemas vivos de (um)-gênero, hominídeo ou HOMO, conforme o caso, enquanto (uma)-finalidade de aprofundar cada (um) dos períodos de estudo antropológico, que na forma de cada (uma) das estruturas cognitivas, “há” enquanto formas estruturais e sistémicas que atravessam (uma)-neurobiologia que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, que envolvidos em cada (uma) das sociedades em cada (um) dos períodos de (uma)-história-antropológica, real(izam-se) através de (um)-“fazer” que se deixam como vestígios.

Desta forma, (uma)-topologia-linguística apropria-se de (um)-nó-laciano<sup>197</sup>, que é (uma)-apropriação de (um)-nó-borromeano<sup>198</sup>. A partir do qual Jacques Lacan (1901-1981) (trans)forma cada (um) dos registos psíquicos – imaginário | REAL | simbólico – (re)conhecidos como formas estruturais em (um)-pensamento-psicanalítico, a partir de cada (um) dos argumentos de Sigmund Freud (1856-1939). Como o que permite investigar (uma)-constituição de (um)-forma-sujeito, na forma de (um)-modelo-de-observação geométrico que estruturalmente organizado, é o que permite (uma)-observação, a partir de cada (uma) das interacções psíquicas que “há”, que ao atravessar cada (um) dos registos psíquicos, é na forma de (uma)-topologia-geométrica-apropriada, como o que se real(iza) a partir de (uma)-forma-nó-borromeano.

Diante do que, (uma)-topologia-linguística vai procurar através de (uma)-forma-retórico-narrativa, descrever cada (uma) das interacções estruturais, que acontecem ao atravessar cada (um) dos registos – imaginário | REAL | simbólico – não na forma de registos psíquicos, outrossim, na forma de registos linguísticos, que se edificam enquanto (um)-modelo-de-observação-estrutural e não geométrico, que atravessa cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, enquanto (uma)-topologia-linguística. O que não sendo geométrica, entretanto, porquê é geometrizável, é a partir do

---

197 Veja FIGURA 001 – Nó e Brasão da Família Borromeo.

198 Idem.

que, em cada (uma) das formas observadas de cada (uma) das existências linguísticas, é na forma de cada (uma) das interações, o que a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, na forma de (uma)-sistemática-de-vida, é tanto de (um)-gênero-hominídeo quanto de cada (um) dos gêneros HOMO, o que possibilita (uma)-construção-narrativa-e-descricional de cada (uma) das interações que se real(izam) ONTOFILOGENICAMENTE através de cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos.

Desta forma, como (um)-modelo-de-observação que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é também o que se inicia na forma de (um)-ponto. Mas que, enquanto tal, é enquanto (um)-sistema-topologia-geométrica. O que a partir da forma de cada (um) dos registos psíquicos lacanianos, é em (uma)-forma-nó-não-trivial-topológico<sup>199</sup>, o que enquanto (um)-ponto, real(iza-se) como (uma)-origem, que em (uma)-topologia-linguística, não é geométrica, outrossim, é linguística.

Pelo que se opta por (uma)-forma-retórico-narrativa acerca de cada (uma) das interações objectivas e linguísticas, que sistémicas, estruturais e formalmente acontecem a partir de (uma)-dada-altura enquanto (uma)-história-antropológica. A partir do que se torna possível, enquanto (uma)-formalidade, (uma)-descrição que se pode traduzir e interpretar como (um)-esquema, mas que se real(iza) na forma de (um)-*schema*<sup>200</sup>, a partir de cada (uma) das interações objectivas ou a partir de cada (uma) das formas condicionais como (uma)-construção-retórico-argumentativa, que ao descrever cada (um) dos acontecimentos antropológicos a partir da forma de cada (uma) das interações sociais e cognitivas, real(iza-se) como (um)-sistema-de-observação.

Mas como a forma de (uma)-topologia-linguística é enquanto (um)-modelo-de-observação o que procura investigar (uma)-existência-linguística, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos observáveis. Cada (um) dos registos linguísticos enquanto (uma)-*ergoígenia*, existe e manifesta-se, como (uma)-forma-(in)distinguível da OUTRA enquanto registos linguísticos. O que na forma de (um)-ponto, é enquanto (uma)-forma-origem em (um)-nó-não-trivial-topológico, a forma que é possível observar (um)-modelo-laciano enquanto (uma)-origem, mas na forma de (um)-nó-borromeano, a partir do qual não “há” (um)-ponto, mas (um)-acontecimento-psíquico na forma de (um)-nó-borromeano (ver FIGURA 001 - Nó e Brasão da Família Borromeo).

O que relativamente a cada (um) dos registos linguísticos, serve somente como (um)-exemplo de (uma)-forma-origem. Posto que em (uma)-topologia-linguística, a forma de (uma)-origem é (uma)-*ergoígenia*.

---

199 Veja FIGURA 002 – Nó não trivial topológico.

200 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

Entretanto, na forma de (um)-nó-laciano, esta característica de (uma)-(in)distinção é (uma)-persistência mesmo depois de (um)-nó-constituído, devido a condição de (um)-acontecimento-nó-borromeano como (uma)-existência-manifesta-nó.

Posto que, cada (uma) das interacções psíquicas que decorrem em (uma)-constituição-geométrica de (um)-nó-borromeano, SÃO ontofenomenologicamente estruturais, e decorrem na forma de (uma)-invasão de (um)-registo-psíquico «sobre» OUTRO. Ou seja, em (um)-nó-borromeano, não “há” (um)-princípio nem (um)-fim, como também não se pode separar a forma de cada (um) dos registos psíquicos. Pois real(mente) segundo Lacan, (um)-nó BEM pode SER ontofenomenologicamente (um)-OUTRO-nó. Mas é importante frisar que o nó-laciano é o nó-borromeano e não o nó-não-trivial-topológico.

Isto porquê não se sabe onde começa (um)-registo e termina OUTRO. O que implica que em (uma)-psique, desta forma, proposta por Lacan, é na forma de (um)-nó-borromeano, o que se real(iza) como (um)-emaranhado que estruturado e organizado, constroi-se ao edificar-se estrutural e interactivamente (estável), como (uma)-formalidade que descreve cada (uma) das formas psíquicas específicas que “há”, em cada (uma) das interacções psicanalíticas estabelecidas. (uma)-forma-organizada que estruturalmente pode SER ontofenomenologicamente definida como (uma)-forma-nó-borromeano enquanto (uma)-existência-geométrica.

Contudo, em (uma)-topologia-linguística, apesar de (um)-“haver” de (uma)-estrutura que é característica e mantém-se condicional, estrutural e organizacionalmente como (uma)-(in)distinção, que também caracteriza (um)-modelo-laciano, mas que em (um)-sistema-topologia-linguística, é substituída por (uma)-formalidade enquanto (um)-homeomorfismo. O qual não se real(iza) na forma de cada (um) dos registos linguísticos, outrossim, na forma de cada (uma) dos acontecimentos linguísticos. O que enquanto (uma)-existência-linguística, é ONTOFILOGENICAMENTE tomada como (uma)-forma-(in)distinguível de OUTRA. Apesar de (um)-“haver” de (uma)-distinção, que é somente aparente, mas não persistente. Isto porquê, cada (uma) das representações enquanto (uma)-existência-linguística, é (uma)-*ergoígenia*. Ou seja, (uma)-forma-(in)distinta que enquanto (uma)-origem, real(iza-se) como [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoieticas que se real(izam) a partir de cada (uma) das subjectividades que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO].

Por isto, é que para construir (um)-modelo-apropriado enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é preciso perceber e descrever, cada (um) dos aspectos históricos e culturais nos quais se (des)envolvem cada (um) dos acontecimentos que se definem como linguísticos ou como (um)-DEVIR-linguístico. A partir do que cada (uma) das interacções em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO] envolvidos em (uma)-sociedade, é como (uma)-finalidade, o que em

(uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-(re)conhecimento de cada (uma) das condições estruturais e fundacionais de cada (um) dos registos linguísticos. O que enquanto (uma)-existência-linguística ou não-linguística, é o que se real(iza) a partir de (uma)-antropologia-cultural, como (um)-DEVIR-linguístico já (re)conhecido e real(izado) em cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO].

Pois o que se pretende é localizar precisamente em (uma)-topologia-linguística cada (uma) das *ergoígenias*, linguísticas e não-linguísticas, e constituí-las em cada (um) dos “lugares” que “há”, enquanto real(izações) em cada (uma) das objectivações autopoieticas. Por isto é fundamental (um)-estabelecimento e (um)-(des)envolvimento de cada (um) dos ESTÁDIOS de cada (uma) das (trans)forma(ções) linguísticas. Porquê a partir de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO] em (uma)-duração-temporal-histórica-e-antropológica, o que se permite é localizá-los em cada (um) dos registos linguísticos e observá-los em cada (uma) das interacções que se real(izam).

Isto porquê, desta forma, justifica-se narrar e descrever (uma)-*ergoígenia* como (um)-ponto-formal de origem que ao longo de (uma)-duração-temporal-histórica-e-cultural, é a partir de cada (uma) das actividades ancestrais de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO], o que torna possível definir cada (uma) das existências estruturais e sistémicas que em (uma)-topologia-linguística são históricas e real(izam-se) na forma de cada (um) dos ESTÁDIOS linguísticos.

Que aqui são tomados na forma de ESTÁDIOS cognitivos. E isto é o que permite (uma)-observação-estrutural de cada (uma) das (trans)forma(ções) ONTOFILOGÊNICAS que acontecem na forma de (uma)-existência-objectiva-e-ou-linguística de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO], que se real(izam) ainda nos dias actuais, enquanto formas linguísticas de existência manifestas como “arquétipos”<sup>201</sup> em (uma)-contemporaneidade.

Portanto, para estabelecer (uma)-forma e edificar (uma)-topologia-linguística, é preciso construir (um)-modelo-linguístico-retórico-narrativo, a partir do qual cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos de cada (um) dos períodos histórico antropológicos investigados, acerca de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO] enquanto (uma)-*ergoígenia* e a partir de (uma)-origem, como o que se definem em cada (uma) das formas, estruturas e | ou sistemas que se real(izam) como sistemáticas de vida.

A partir do que (uma)-topologia-linguística precisa apropriar-se de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, definido e proposto por Maturana e Varela. O que enquanto (uma)-forma-de-acoplagem-sistémica e a partir da qual se efectiva (uma)-subjectivação, que enquanto (uma)-existência-linguística, é o que se “faz” através de acontecimentos linguísticos, como (uma)-forma-estruturada-e-organizada que se pode descrever através de (uma)-retórica-narrativa. O que,

---

201 Atenção, deve-se ter extremo cuidado com esta conceituação.

desta forma, real(iza-se) como (um)-discurso de cada (uma) das interações que se real(izam) como acoplamentos linguísticos em cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos enquanto organizações sistêmicas neuro-BIO-fisiológicas.

Posto que para investigar esta altura ainda tão distante do presente. Na qual ainda não se pode afirmar que “há” qualquer tipologia de registo linguístico, apesar do “haver” de vestígios na forma de lascas, mas que são tão somente indícios formais e *ergoḡgênicos* que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural, real(izam-se) como [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que, enquanto tal, serve de origem para edificação de (um)-modelo-histórico-e-linguístico-antropológico, que ao SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE reduzido à (um)-ponto, torna-se em cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – em (uma)-forma que em OUTRO-registo-linguístico, é a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, o que se permite pensar acerca de (um)-acoplamento-estrutural, mas na forma de cada (uma) das real(izações) arqueologicamente (des)cobertas, e caracterizá-las a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, como o que se real(iza) enquanto (um)-“haver”. O que enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, o que se real(iza) como e a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

Isto porquê, nesta altura ainda tão distante do presente, por volta de 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos em (um)-passado-remoto, cada (um) dos registos linguísticos ainda nem sequer existe ou ainda é (in)distinguível (um) de cada (um) dos OUTROS enquanto (uma)-existência-linguística. Seja como (uma)-forma-imaginário, (uma)-forma-REAL ou (uma)-forma-simbólico. Posto que não se realizam, nesta altura, como (um)-modelo-interactivo-e-estrutural, mas tão somente, como (um)-ponto que ao estruturar-se ONTOFILOGENICAMENTE, é (uma)-estrutura-neurobiológica que se real(iza) como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que atravessa (um)-“fazer”.

Para mais, cada (um) dos registos linguísticos é (uma)-forma-*theórica*, que em (um)-modelo-de-observação-hipotético, é enquanto tal, o que permite observar (um)-ponto como (um)-acoplamento-estrutural. A partir do qual através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas que “há”, em cada (uma) das interações estruturais e sistêmicas, é possível (des)envolver-se cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. O que permite avançar para (um)-desenvolvimento de (um)-construto, que enquanto (um)-modelo-retórico-narrativo, é enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, o que permite a construção de (uma)-existência-objectiva como linguística.

Por isto, é preciso caracterizar cada (um) dos aspectos históricos e estruturais, a partir de (uma)-perspectiva-antropológica-e-arqueológica, para que se possa identificar cada (um) das mudanças estruturais sistêmicas, enquanto formalidades em cada (um) dos intervalos temporais. Os

quais como ESTÁDIOS cognitivos, podem-se considerar como formatações históricas e autopoieticas, que se real(izam) enquanto existências objectivas ou linguísticas, ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, que enquanto (um)-“fazer” é, desta forma, (um)-ponto que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*.

Salienta-se que a finalidade de (uma)-topologia-linguística, é compreender cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas, para tanto, é preciso fundar (uma)-disciplina, que ao permitir a construção de (um)-modelo-interactivo (estável), viabiliza-se tanto como (uma)-observação, quanto como (uma)-descrição-retórico-narrativa, de cada (uma) das interacções observadas. Como também, como argumentações que, social e linguisticamente, consigam afastar-se de cada (uma) das perigosas estruturas axiológicas que “há” e que se real(izam) como (uma)-real(idade).

Mas real(mente), cada (um) dos ESTÁDIOS históricos define especificamente a forma de (um)-aspecto-cognitivo. Ao qual se corresponde cada (uma) das tipologias de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO] que “há”, em cada (um) dos diferentes períodos históricos. O que enquanto (uma)-forma-culturalização, é o que se real(iza) a partir de cada (um) dos sistemas vivos [hominídeos | HOMO], como o que efectivamente consiste em cada (uma) das formalidades culturais, enquanto o que é legado de (um)-sistema-vivo-[hominídeo | HOMO] à OUTRO.

E, desta forma, talvez seja mais adequado tratar cada (um) dos aspectos históricos, como (uma)-fase em (um)-processo ou (um)-ESTÁDIO-cognitivo que se real(iza) como (um)-acoplamento-estrutural. O que, desta forma, permite adequar e integrar cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – em (uma)-correspondência com cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos – monocórdio | diádico | egóico | narrativo | hierárquico – para que, desta forma, seja possível avançar com (uma)-investigação de cada (um) dos modelos prototípicos – objectivo | véu imaginário | NEONATAL – que se real(izam) na forma de cada (uma) das práticas objectivas ou linguísticas em (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, cada (um) dos aspectos históricos na forma de ESTÁDIOS cognitivos, é o que constitui cada (um) dos períodos de (des)envolvimento cognitivo e social, que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE fundamentais, para (uma)-investigação de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade em (uma)-actualidade.

### 3.1. Monocórdio

Acredita-se, desta forma, que a partir de (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos ESTÁDIOS linguísticos aqui entendidos real(mente) como coreografias refinadas para (uma)-coordenação-comportamental-e-social. Possibilitam (um)-conjunto de acontecimentos linguísticos estruturados, com os quais “há” (uma)-conformidade com (um)-acoplamento-estrutural que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos. Sendo o mais antigo ESTÁDIO cognitivo e social humano documentável o ESTÁDIO monocórdio. Iniciado a cerca de 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos «antes» do presente a partir de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos *Australopithecus*.

(um)-ESTÁDIO-monocórdio é caracteristicamente (um)-ESTÁDIO do “fazer”. Quando (uma)-FILOGENIA que “há” em (uma)-estrutura-neurobiológica de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos, (des)ambígua através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, o que “há” enquanto formalidade em (um)-protótipo-objectivo, ao atravessar cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos hominídeos com (um)-meio-*physis*-existencial. Pois (um)-“fazer”-neurofisiológico ao atravessar (uma)-estrutura-FILOGÊNICA na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], é o que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, através de (uma)-estrutura-neurobiológica, real(izando-se) como (um)-“fazer”-(des)ambiguador a partir de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} ONTOFILOGÊNICO.

Portanto, através de (uma)-prática-objectiva que em conformidade com (um)-protótipo-objectivo, conquista (uma)-forma através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que, ao lascar (uma)-pedra em OUTRA, real(iza-se) como (uma)-lasca que ao atravessar (uma)-tentativa-e-erro, mantém-se como (uma)-prática-sucessiva-e-repetitiva que provoca (uma)-pedra-lascada, na qual “há” (uma)-conformidade, em e «entre», (uma)-formalidade e (uma)-necessidade<sup>202</sup> que se estabelece, desta forma, enquanto (uma)-conformidade para (uma)-utilidade<sup>203</sup>.

(um)-ONTOS-ON que ao existir como (uma)-real(idade) que “há” em cada (um) dos utilizadores artesãos, manuseados e gerados a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. É o que ao atravessar (uma)-interacção-[sistema-vivo | “fazer”], estabelece-se como (uma)-primeira-forma-semântica-neurofisiológica que enquanto (uma)-utilidade<sup>204</sup>, é o que em (um)-sistema-vivo-

202 Os conceitos de “necessidade” e “utilidade”, nesta altura “ainda” tão distante do presente, não se aplicam, porquê é (im)provável que existissem, por “isto”, “trata-se” cada (um) destes conceitos, como (um)-devir “inaugurado” por (um)-“fazer”. Tendo em vista cada (um) destes conceitos como existem em (uma)-actualidade-linguística.

203 Nesta investigação “procura-se” evitar usar o substantivo actividade, substituindo-o pelo verbo “fazer” no infinitivo, como o mesmo que se define enquanto (um)-substantivo-actividade.

204 Os conceitos de “necessidade” e “utilidade”, nesta altura “ainda” tão distante do presente, não se aplicam, porquê é (im)provável que existissem, por “isto”, “trata-se” cada (um) destes conceitos, como (um)-devir “inaugurado” por (um)-“fazer”. Tendo em vista cada (um) destes conceitos como existem em (uma)-actualidade-linguística.

hominídeo, ao lascar para utilizar como (um)-artefacto, é o que se estabelece, desta forma, como (uma)-conformidade que tem (um)-origem não em (uma)-necessidade<sup>205</sup> para (uma)-utilidade, outrossim, na forma de (uma)-*ergoígenia*, como (uma)-existência-objectiva tão específica como qualquer OUTRA, mas que na forma de (uma)-real(idade), “há” em cada (um) dos utilizadores artesãos como (um)-artefacto, a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

(um)-acoplamento tão específica que neste contexto ainda não linguístico, é na forma de (uma)-simultaneidade, (uma)-primeira-semântica que se estabelece enquanto (um)-“lugar”, que na forma de (uma)-lasca, é o que a partir de (um)-“fazer”, real(iza-se) como [(uma)-necessidade + (uma)-utilidade]. O que enquanto (uma)-prática-objectiva em (um)-REAL (adjectivo), é (uma)-essencialidade que enquanto (uma)-substancialidade, é (uma)-(ir)representação. Posto que, enquanto (uma)-*ergoígenia*, é o que acontece a partir de (uma)-existência-não-linguística, como (uma)-formalidade que enquanto (um)-protótipo-objectivo, é como (uma)-ONTOFILOGENIA e na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} em (um)-sistema-topologia-linguística, o que ainda não constitui nem como (um)-REAL-topológico, nem como (um)-simbólico-topológico, [existindo e manifestando-se] sobretudo como (um)-imaginário-topológico. Isto porquê, enquanto tudo-o-que-“há” como todo-(um)-“haver”, é (uma)-existência-monocórdia.

Pois a forma de (um)-monocórdio, é o que se define enquanto forma de (um)-acoplamento-estrutural, visto que, afinal, o que se pode afirmar como acontecimento primeiro na forma de (um)-monocórdio: (uma)-caixa ou (uma)-corda?

Desta forma, (um)-monocórdio é enquanto (uma)-construção-(ir)representação, o que ao existir e manifestar-se como (uma)-(in)determinação, o que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*, que na forma de (uma)-determinação, é o que se define como (uma)-simultaneidade. O que enquanto (uma)-ambiguação, é o que se real(iza) como formalidade ao atravessar (um)-“fazer”-(des)ambiguador enquanto (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}.

(um)-primeiro-“fazer”-*physis*-existencial-e-objectivo que enquanto (uma)-real(ização) e a partir de (um)-acoplamento-estrutural, é (um)-“fazer”<sup>206</sup> que em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos *Australopithecus*, (um)-ancestral de cada (um) dos sistemas vivos HOMO, real(iza-se) como (uma)-forma-geratriz de TODA (uma)-existência-sistémica-linguística-humana e de todo (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-actualidade-cognitiva-e-social.

---

205 Os conceitos de “necessidade” e “utilidade”, nesta altura “ainda” tão distante do presente, não se aplicam, porquê é (im)provável que existissem, por “isto”, “trata-se” cada (um) destes conceitos, como (um)-devir “inaugurado” por (um)-“fazer”. Tendo em vista cada (um) destes conceitos como existem em (uma)-actualidade-linguística.

206 Nesta investigação “procura-se” evitar usar o substantivo actividade, substituindo-o pelo verbo “fazer” no infinitivo, com o mesmo sentido do substantivo.



Portanto, é o que inaugura, desta forma nesta altura, (um)-“fazer”-monocórdio através de (um)-“fazer” de (uma)-lasca. (uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], repete-se e provoca-se através de (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA, durante mais de (um)-milhar-de-anos estabelecendo-se monotonamente como (uma)-formalidade-monotonia, que a partir de (uma)-existência-não-linguística, é devido a (uma)-especificidade, o que se (trans)forma em (uma)-existência-linguística.

### 3.2. Diádico

Diante desta forma monocórdia, “há” então (uma)-(trans)forma que enquanto formalidade, ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, é na qual cada (um) dos sistemas vivos homínidos *Australopithecus* extingue-se; surgindo cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Habilis*. (uma)-NOVA-forma-“lugar” enquanto (um)-sistema-vivo-HOMO.

(uma)-(trans)forma-objectiva-e-biológica que ao velar (um)-“fazer” de (uma)-lasca em (um)-artefacto [simultaneidade-(lasca | núcleo)], estrutura (uma)-ambiguação e funda (uma)-imagem [alucinação]. (uma)-existência-não-linguística que se (re)vela como (uma)-*ergoígenia*, na forma de (uma)-estrutura-absoluta (instável), que enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], real(iza-se) como [(uma)-necessidade + (uma)-utilidade] a partir de (uma)-prática-objectiva que ao atravessar (um)-“fazer”-prototípico, enquanto (um)-véu-imaginário, é o que funda (uma)-topologia-linguística, pois torna tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, em (uma)-real(ização) que absoluta (instável) ou interactiva (estável), define-se como (um)-“fazer” que enquanto (um)-“haver”, é (uma)-real(ização)-alucinação enquanto imagem.

(uma)-(des)ambiguação que ao (re)estruturar-se FILOGENICAMENTE, real(iza-se) ONTOFILOGENICAMENTE a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO], como (uma)-alucinação-imagem-[SIM NÃO = NÃO SIM]. O que ao atravessar cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus* | *Habilis* em (um)-meio-*physis*-existencial, estabelece-se como (uma)-conformidade em (um)-acoplamento-estrutural, proposto por Maturana e Varela. O que enquanto (uma)-(re)estruturação, é o que não se real(iza) a partir de cada (uma) das interacções que se equivalem e pertencem, a cada (um) de OUTROS sistemas vivos, contudo, da Ordem *Primates*, e que também pertencem a (uma)-Classe-*Mammalia*, mas que não atravessam (um)-protótipo-objectivo. Ou seja, existem OUTROS macacos que também lascam pedras, mas nunca atravessaram (uma)-existência-prototípica-objectiva.

Ao que se apregoa que é a forma de (um)-acoplamento-estrutural-específico, o qual se real(iza) por mais de (um)-milhão-de-anos, que se pode (trans)formar (uma)-simultaneidade-[lasca |

núcleo] através de (um)-atravessamento-estrutural-neurobiológico-e-sistêmico-neuro-BIO-fisiológico. Mas será isto possível?

Entretanto, sem responder a esta pergunta, é (um)-facto que por volta de 2,5 (dois vírgula cinco) milhões de anos «antes» do presente, a partir de cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Habilis*, que [existiram e manifestaram-se], em e «entre» (um)-“fazer”-neurofisiológico-primordial e (uma)-FILOGENIA-estrutural-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO], que se real(iza) (um)-véu. (uma)-*ergoñgenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], (trans)forma (uma)-ambiguação em (uma)-estrutura que se real(iza) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao (des)ambíguar, atravessar (um)-“fazer” estruturando (uma)-ambiguação que enquanto (uma)-real(ização) é (uma)-objectivação-autopoiética que (trans)forma (uma)-estrutura-[SIM SIM = NÃO NÃO] ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, em (uma)-estrutura-[SIM NÃO = NÃO SIM], que enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) como (uma)-forma-alucinação enquanto (uma)-imagem.

O que “faz” de (um)-ESTÁDIO-diádico, caracteristicamente (um)-período no qual (uma)-imagem estrutura-se como (uma)-ambiguação. O que real(mente) funda (um)-imaginário-topológico, enquanto (uma)-característica essencialmente [REAL (adjectiva)], que se real(iza) como (um)-linguístico. E que de (um)-ponto-de-vista-*ergoñgênico*, é o que torna o que [existe e manifesta-se] enquanto (um)-protótipo-objectivo, em [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que não sendo mais que (um)-ESTÁDIO-monocórdio, é o que se real(iza) como (um)-imaginário-topológico que enquanto (um)-“lugar” “há”, e no qual se real(izam) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, cada (um) dos sistemas vivos hominídeos. A partir do que não se pode afirmar que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE diferentes, de (um)-ponto-de-vista de (um)-acoplamento-estrutural.

Posto que “há” pertinência de cada (um) dos sistemas vivos da Classe Mammalia, para além de cada (um) dos sistemas vivos HOMO em (um)-acoplamento-estrutural que *physys* existencialmente, é homeomorfo ao acoplamento de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos: como baleias, cães, macacos, etcétera. Apesar de que em (uma)-topologia-linguística, (re)conhecer-se que cada (uma) destas condições de acoplamento estrutural, e também o que se viabiliza como construção de (um)-DEVIR-representação, mas que não é possível em cada (um) dos espécimens acima já citadas, para além do que, “há” OUTROS primatas que também se real(izam) em (um)-protótipo-objectivo através de (um)-lascar-de-pedras, mas não atravessam (um)-véu-imaginário, como se propõe para cada (um) dos sistemas vivos HOMO. Mas como não é (um)-objectivo deste estudo esta questão, não se vai muito para além do que já esta aqui descrito.

Portanto, voltando até 2,5 milhões de anos; é nesta altura que (um)-“fazer”-monocórdio ao sofrer (uma)-objectivação-autopoiética, real(iza-se) como (uma)-(trans)forma(ção)-autopoiética, favorecida por (uma)-*physys*-existência-estrutural, que enquanto (um)-acoplamento, “há” em cada

(um) dos sistemas vivos HOMO. E que se caracteriza por (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA, mas que AGORA, fundamenta-se enquanto (uma)-forma-construto, na forma de dois núcleos e (uma)-lasca que ao atravessar (uma)-acção-de-lascar (um)-núcleo em OUTRO, permite-se como forma em (um)-“fazer” de (uma)-lasca que é também (um)-“fazer” de (uma)-(trans)forma(ção). O que na forma de (uma)-real(ização), é o que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética, viabiliza-se na forma de (um)-acoplamento que se estrutura formal e sistemicamente em (um)-“fazer”-neurofisiológico. A forma de (uma)-autopoiese-estrutural que atravessa (uma)-existência-manifesta-monocórdio com (uma)-forma-véu, que enquanto (uma)-imagem, é o que se real(iza) como (uma)-alucinação.

Isto porquê, certamente (um)-núcleo (necessidade) também já tinha OUTRAS utilidades para além de (um)-lascar, como por exemplo, (uma)-defesa que ao estabelecer-se desta forma, em (uma)-organização-social, viabiliza-se como real(ização) de (um)-ESTÁDIO-diádico na forma de (um)-núcleo. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] atravessa (um)-“fazer”-monocórdio, estruturando-se enquanto (uma)-imagem, que na forma de (um)-atravessamento que “há”, em e «entre», (uma)-estrutura-neurobiológica-*physis*-existencialmente-ambígua e (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, é desta forma, o que se estrutura enquanto (uma)-estrutura-de-ambiguação.

A partir do que, (uma)-*ergoígenia*-monocórdia «antes» caracterizada como (um)-“fazer”-absoluto (instável). AGORA em (um)-ESTÁDIO-diádico, está ONTOFILOGENICAMENTE estabelecida, a partir de (uma)-objectivação-autopoiética, como o que (trans)forma (uma)-estrutura-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO], a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica-[SIM NÃO = NÃO SIM], em (uma)-formalidade que se real(iza) ao estruturar (um)-acoplamento-*physis*-existencial que “há” em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, enquanto o que se define, a partir de (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA, como (uma)-FILOGENIA-primordial, mas que ao real(iza-se) enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, é na forma de (uma)-ambiguação-neurobiológica (estrutural), o que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico na forma de (um)-véu, estabelece-se como (uma)-imagem que em (uma)-simultaneidade, enquanto (uma)-lasca e (um)-núcleo, é enquanto (um)-artefacto, o que ao estruturar-se em (uma)-ambiguação, é na forma de (uma)-(des)ambiguação, (um)-“fazer”-neurofisiológico que, desta forma, não se real(iza) como (uma)-[figura-e-fundo]-ou-[lasca-e-núcleo], outrossim, como (uma)-alucinação [imagem] que na forma de (uma)-simultaneidade, ainda não distingue (uma)-[lasca | núcleo] ou (uma)-[figura | fundo]. Pois, desta forma, ainda SÃO ONTOFILOGENICAMENTE (in)separáveis, realizando-se ontofenomenologicamente como (uma)-forma-alucinação que na forma de (uma)-imagem, atravessa (uma)-*ergoígenia*, como [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Mas, desde esta altura, a partir de 2,5 (dois vírgula cinco) milhões de anos «antes» do presente, sistemas vivos HOMO *Habilis*, real(izam-se) a partir de (uma)-(trans)forma-sistémica, como (uma)-sistemática-de-vida que ainda persiste nos dias actuais em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas enquanto (uma)-forma-NEONATAL, que segundo propõe Sigmund Freud (1856-1939), a partir de 1895 na OBRA “*Projecto para uma psicologia científica*”, em (uma)-topologia-linguística prefere-se definir como (um)-protótipo-NEONATAL.

(um)-fruto de (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (uma)-(trans)forma de (uma)-*physis*-existência-acoplada que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Habilis*. É a partir de (um)-acoplamento-estrutural, o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*. Entretanto, como o que se “faz”, enquanto tal, a partir de (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA, mas que na forma de (um)-véu-imaginário, “vela” (uma)-*ergoñgenia*-monocórdia, (re)velando-se alucinação, enquanto fomalidade imagem em (um)-diádico, que a partir (um)-“fazer”, real(iza-se) como (um)-ESTÁDIO-cognitivo, enquanto (uma)-simultaneidade-sistémica-e-estrutural-[SIM SIM = NÃO NÃO] que é ONTOFILOGENICAMENTE real(izada) como [SIM NÃO = NÃO SIM].

Posto que é (uma)-modelagem-do-núcleo, o que estabiliza a forma de (uma)-estrutura-cognitiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Habilis*. Contudo, não fundando (uma)-interacção-[figura-e-fundo]. Pois «antes», o que atravessa (um)-“fazer” e acopla-se a (uma)-estrutura-de-ambiguação, é o que a partir de (um)-“fazer”, atravessa (uma)-imagem e (trans)forma (um)-protótipo-objectivo. Condição que não se viabiliza como (uma)-estrutura, outrossim, como (uma)-(des)ambiguação em (um)-ESTÁDIO-monocórdio. O que, desta forma, ao estruturar (uma)-ambiguação, é o que se real(iza) em (uma)-lasca que não descarta (um)-núcleo enquanto (uma)-real(ização), como se real(izava), enquanto (uma)-(des)ambiguação em (um)-ESTÁDIO-monocórdio.

### 3.3. Egóico

A partir do que, ao atravessar (um)-véu, (uma)-FILOGENIA que “há” em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, ao fundar (um)-imaginário-topológico atravessa (uma)-existência-objectiva com (um)-véu-imagético que, desta forma, estrutura (uma)-topologia-linguística, mas ainda na forma de (um)-ponto.

(uma)-UNIDADE-MÚLTIPLA<sup>207</sup> que enquanto (uma)-simultaneidade, é o que como (uma)-MULTIPLICIDADE-do-UNO<sup>208</sup> (adjectiva), é a partir de (um)-“fazer” e enquanto (uma)-imagem, o que

---

207 [(um)<sup>(∞ + ∞)</sup>].

208 [(um)<sup>∞</sup> = (um)].

se real(iza) como (uma)-alucinação, que enquanto (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, é o que enquanto (um)-ponto, real(iza-se) como (um)-(in)separável.

O que se instala como (uma)-diferença, que se real(iza) enquanto (uma)-alucinação, mas como (uma)-formalidade que se define como (uma)-forma-conhecimento a partir de (uma)-existência-não-linguística. O que enquanto (um)-“fazer” é, na forma de (uma)-observação, o que se define em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-interacção-linguística.

Isto porquê, é por volta de 1,8 (um vírgula oito) milhões de anos «antes» do presente, que ao iniciar-se (um)-ESTÁDIO-egóico, o mais longo dos períodos de (uma)-(trans)forma-cognitiva de cada (um) dos sistemas vivos HOMO, que (um)-GRANDE-período-temporal atravessa cada (uma) das interacções. O que na forma de cada (uma) das contínuas objectivações autopoieticas, é o que se real(iza) em cada (uma) das imagens, como (um)-“fazer”-alucinação que, ao atravessar (um)-protótipo-NEONATAL real(iza-se) como (uma)-real(idade)-representação<sup>209</sup>. (uma)-*ergoígenia* que enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é como (uma)-real(ização) e a partir desta altura, o que se instala como (uma)-forma-vestígio que, enquanto (uma)-formalidade, real(iza-se) como o que em (uma)-actualidade define-se como (uma)-formalidade enquanto (um)-conhecimento.

Posto que ao real(izar-se) a partir de (um)-“fazer” que “há” enquanto (uma)-realidade, é o que na forma de (um)-sinal-electroquímico, estabelece em (uma)-actualidade, o que se define como (uma)-forma-consciência.

Entretanto, nesta altura ainda tão distante de (um)-presente, não é o que se define, linguisticamente, como (uma)-forma-conhecimento, mas tão somente como (uma)-semântica-neurofisiológica que, formal, estrutural e sistemicamente, funda o que se inicia como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que enquanto (uma)-formalidade, é (uma)-forma-(ir)representação que enquanto (uma)-essência, real(iza-se) em (um)-REAL (adjectivo), através de cada (um) dos acontecimentos significantes que se instalam como essência em (um)-REAL-topológico.

O que em cada (uma) das práticas linguísticas, é enquanto (uma)-real(ização)-essencial-e-(ir)representável, o que em cada (uma) das representações e a partir de (uma)-forma-PAR-imagético, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é que a partir de (uma)-imagem, (uma)-alucinação que ao atravessar (um)-“fazer”, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], que se funda como (uma)-formalidade em (um)-simbólico-topológico, enquanto forma em cada (uma) das representações que “há”.

---

209 Ideia partilhada por David Lewis-Williams (1934) na OBRA “*La Mente em la Caverna*”, tradução de Enrique Herrando Pérez, Ediciones Akal, Madrid, 2005, à partir da página 71.

(uma)-interacção-sistémica que é tomada a partir da forma de (uma)-ONTOFILOGENIA, como (uma)-artificialidade (adjectiva). O que, desta forma, é enquanto (uma)-FILOGENIA e na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, o que se real(iza) como (uma)-negação que ao efectivar-se segundo (uma)-forma-NÃO e a partir de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é como (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] (representação), o que se afirma como (uma)-simultaneidade-[recalar | real(izar)], que enquanto (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico, real(iza-se) formalidade a partir de (um)-protótipo-NEONATAL.

(um)-“fazer”-(des)ambiguador que na forma de (uma)-imagem, ao atarvessar (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, e a partir de (uma)-estrutura-de-ambiguação-[alucinação | véu imaginário], real(iza-se) como (uma)-*ergoḡgenia*, que ao estruturar-se a partir de (uma)-ambiguação-[alucinação | véu imaginário], é como (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, o que se real(iza) como (uma)-forma-representação que, enquanto (uma)-simultaneidade-[recalar | real(izar)], é (uma)-real(ização)-ONTOFILOGÊNICA.

Por isto, (uma)-topologia-linguística afirma que (uma)-consciência é (um)-“fazer” e não (um)-fenómeno. Posto que na forma de (um)-fenómeno, para tal, teria que SER (um)-acontecimento-ontofenomenológico que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE e na forma de (uma)-*ergoḡgenia*. O que efectivamente não acontece relativamente à (uma)-consciência<sup>210</sup>. Pois, como já foi acima descrito, (uma)-forma-consciência é (uma)-forma-vestígio que se constitui a partir de (uma)-ONTOFILOGENIA como (uma)-artificialidade (adjectiva), que enquanto (um)-vestígio é (uma)-existência-substantiva. O que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”, que se define ONTOFILOGENICAMENTE em (uma)-actualidade, como (uma)-forma-conhecimento ou como (uma)-epistemologia, que a partir do verbo grego εφιστημι (*ephistemi*), define-se como “colocar em, colocar sobre”, e a partir do verbo que lhe serve de raiz ιστημι (*histemi*), define-se como “causar ou fazer ficar de pé, colocar, pôr, estabelecer, permanecer”.

O que se define na forma de cada (uma) das representações, como (uma)-forma-não-sistémica, outrossim, fenoménica; que enquanto (uma)-“coisa”-aparência é o que se (re)vela como forma de (um)-vestígio, que enquanto (um)-fenómeno, pode-se em (uma)-topologia-linguística definir-se como (uma)-consciência.

Posto que, desta forma, o que se define como (uma)-consciência, é o que segundo (uma)-topologia-linguística, contra(diz) cada (um) dos acontecimentos antropológicos que se real(izam) através de cada (uma) das objectivações autopoieticas. Porquê o que decorre em cada (um) dos

---

210 Posto que é possível afirmar *ergoḡgenicamente* que [(uma)-representação é (uma)-consciência], mas “há” (uma)-(in)consistência na afirmação [(uma)-consciência é (uma)-representação].

ESTÁDIOS cognitivos definidos a partir de cada (uma) das (des)cobertas arqueológicas é o que se real(iza) em (uma)-actualidade.

Por isto, (uma)-real(ização) deste estudo considera importante, de (um)-ponto-de-vista científico e filosófico, saber distinguir (um)-facto-arqueológico que se reflete em (um)-“fazer”-antropológico. De (um)-discurso de (um)-facto-arqueológico, que define a forma axiológica de (um)-“fazer”-antropológico. Posto que cada (uma) das hipóteses neste estudo (des)envolvidas, cerca-se de cada (uma) das investigações linguísticas, neurológicas, psicológicas, antropológicas, arqueológicas, sociais, filosóficas, etcétera, que se real(izam) em (uma)-actualidade-linguística, mas estão neste estudo descritas a partir de (um)-sistema-topologia-linguística ou o mais próximo que se possa “fazê-lo”. O que torna muitas vezes a descrição peculiar ou até mesmo “estranha”.

Assim, com (uma)-finalidade de poder compreender cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos na forma proposta por esta investigação, e voltando à forma de (um)-“fazer” em (um)-ESTÁDIO-egóico. O que se salienta, é que aconteceram variados períodos egóicos no GRANDE período que atravessa cada (uma) das formas de real(ização) prática nas muitas e mais variadas formas sócio-culturais que se realizam, e que foram implementadas por cada (um) dos gêneros HOMO envolvidos em (um)-ESTÁDIO-egóico. Posto que, o que se real(iza) desde cada (uma) das pinturas corporais, até a cada (uma) das pinturas nas cavernículas, passa por vocalizações fonéticas livres e até por estórias orais, bem como também, por música e ritualização.

Portanto, pode-se afirmar que é desde (um)-(des)aparecimento dos HOMO-*Habilis*, até (uma)-existência-efectiva de somente HOMO-*Sapiens-Sapiens*, sem (uma)-precisão-científica nesta declaração, que ao existirem HOMO-*Erectus*, HOMO-*Neanderthalenses*, HOMO-*Sapiens* e finalmente, HOMO-*Sapiens-Sapiens*. Cada (um) dos gêneros existindo e co-existindo, ao manifestar-se em (um)-ESTÁDIO-egóico, lega-se de (um) ao OUTRO, em cada (uma) das conquistas técnicas, sociais e culturais que desde 1,8 (um vígula oito) milhões de anos «antes» do presente (*Erectus*), até 30.000 (trinta mil) anos «antes» do presente (*Sapiens Sapiens*)<sup>211</sup>, chega-se enfim ao período de (um)-ESTÁDIO-narrativo.

### 3.4. Narrativo

Período no qual cada (uma) das real(izações) em (um)-ESTÁDIO-egóico, passa novamente por objectivações autopoieticas que a partir de (um)-ESTÁDIO-egóico SÃO ONTOFILOGENICAMENTE mais constantes.

---

211 HOMO-*Habilis* (2,5 milhões – 780 mil anos), HOMO-*Erectus* (1,8 milhões – 250 mil anos), HOMO-*Neanderthal* (400 mil – 28 mil anos), HOMO-*Sapiens* (350 mil – 100 mil anos), HOMO-*Sapiens-Sapiens* (350 mil – dias actuais). Atenção que esta datação suprime muitas subespécies.

A constituição de (uma)-representação a partir de (uma)-forma-PAR-imagético-[(ir)representação | representação], que ao definir-se a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE «sobre» a qual se real(iza) cada (uma) das objectivações autopoieticas, é desde (um)-ESTÁDIO-egóico e na forma de cada (uma) das representações, o que “há” em (um)-simbólico-topológico em cada (uma) das (trans)forma(ções).

Pois, é a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-[(ir)representável | recalçamento], que se real(iza) na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], (um)-PAR-representável que enquanto (um)-“fazer”-[recalcar | real(izar)], é o que se real(iza) em (um)-REAL-topológico, a partir de (uma)-projectão de (um)-REAL (adjectivo), que ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico, real(iza-se) na forma de (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Como (um)-ESTÁDIO-egóico demarca-se a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é (uma)-objectivação-autopoietica que se real(iza) a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que demarca (uma)-autopoiese de (um)-ESTÁDIO-egóico para (um)-ESTÁDIO-narrativo. Entretanto, na forma de (uma)-(ir)representação que, contudo, não é (uma)-existência-não-linguística, outrossim, é como (uma)-formalidade-linguística, o que se real(iza) como (um)-recalçamento, a partir de cada (uma) das representações que “há”, como acontecimentos significantes em (um)-REAL-topológico. O que através de cada (uma) das práticas linguísticas, é na forma de (um)-ELO, o que, desta forma, pode-se definir como (um)-psíquico<sup>212</sup>.

A partir do que se define a partir de (um)-ESTÁDIO-egóico, que (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que na forma de (um)-EGO enquanto (uma)-(ir)representação e segundo (uma)-topologia-linguística, “há” como (uma)-existência-linguística-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE -hipotética.

O que se define em (um)-ESTÁDIO-narrativo, que (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é o que a partir de (uma)-forma-EGO, real(iza-se) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE na forma de (uma)-hipotética-RELAÇÃO que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos narrativos, enquanto (uma)-*ergoígenia*. O que se define, formal e estruturalmente a partir de (uma)-interacção-autopoietica na forma de (um)-[EGO x EGO].

Desta forma, o que se define é (um)-atractor, que na forma de (uma)-“coisa”-aparência é na forma de (um)-EGO, (uma)-existência-linguística. Mas atenção que esta condição é (uma)-hipótese (EGO). O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é como (um)-atractor, quando se real(iza) representação em (uma)-existência-linguística e na forma de (uma)-“coisa”-aparência. O que, desta forma, é (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], mas que supõe em que cada (uma)

---

212 De acordo com a psicanalítica, é o que se real(iza) como (uma)-estrutura.



das observações, tanto freudianas, quanto lacanianas, como (uma)-formalidade ao atravessar (uma)-linguagem e definir-se como (uma)-forma-EGO. O que realiza em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a forma de (uma)-objectivação-autopoiética, enquanto (um)-sujeito que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-veracidade na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] sob (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE [EGO x EGO] que se real(iza) como (uma)-suposta-(ir)representação-[RELAÇÃO].

Portanto, se (um)-EGO (suposto) é (um)-atractor, (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é (um)-ELO-linguístico-(ir)representável. O que na forma de (um)-recalcamento, é o que se real(iza), como (uma)-representação que enquanto (uma)-estrutura-ONTOFILOGÊNICA-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é o que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, acontece como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] representação.

Isto é importante porque (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que se real(iza) em (um)-REAL-topológico, mas na forma de (um)-REAL (adjectivo). Posto que, entretanto, desta forma, como é (uma)-essência em (uma)-prática-linguística, que se real(iza) em (um)-REAL-topológico. Isto é o que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico a partir de (um)-recalcamento que na forma de (uma)-real(idade), é como (uma)-representação a partir de (uma)-realidade que é (uma)-existência-não-linguística que se projecta a partir de (um)-imaginário-topológico para (um)-REAL (adjectivo).

Pois é assim que (um)-EGO instala-se ONTOFILOGENICAMENTE, como (uma)-real(ização) que estruturalmente (trans)forma (uma)-alucinação-[imagem] em (uma)-representação. Isto porque, (um)-EGO (atractor) é (uma)-forma-recalcada que enquanto (uma)-*ergoígenia*, não se deixa ver. Posto que na forma de (um)-atractor-EGO (suposto) é (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE. O que permite que (uma)-representação, que é (uma)-formalidade e não (uma)-estrutura, real(ize-se) como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, que em (um)-REAL-topológico é o que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, real(iza-se) como (uma)-real(idade)-representação, mas sistémica e *ergoígenicamente*.

Portanto, (uma)-*ergoígenia* na forma de (uma)-topologia-linguística, é o que enquanto (uma)-semântica-neurofisiológica, é o mesmo que Maturana e Varela definem como (uma)-estrutura-social (ONTOGENIA) que enquanto (um)-acoplamento-linguístico e segundo (uma)-topologia-linguística, mostra-se como (uma)-condição-sistémica, a partir da forma de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica.

Como (um)-EGO é (um)-atractor e (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é (um)-ELO em (um)-ESTÁDIO-narrativo desde (um)-ESTÁDIO-egóico. A forma de cada (uma) das interacções

decorre, a partir de (uma)-estrutura-[EGO x EGO], como o que se real(iza) SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTEMENTE, na forma de (uma)-RELAÇÃO (suposição).

O que, desta forma, é o que enquanto [(um) = (um)], é na forma de (um)-EGO-[(ir)representável] em (um)-ESTÁDIO-diádico, o que ONTOFILOGENICAMENTE é [dois], na forma de [(um) ≠ (um)] em (um)-ESTÁDIO-egóico. Pois é, desta forma, que (um)-EGO é (uma)-*ergoñgenia* em (um)-OUTRO.

Assim, (um)-acontecimento-OUTRO é (um)-MÚLTIPLO-[(um)<sup>∞</sup> x (um)<sup>∞</sup>] que atravessa (uma)-MULTIPLICIDADE-[(um)<sup>∞</sup>]. O que através de (um), e não na forma de (uma)-estrutura-de-ambiguação (alucinação), é como (uma)-forma-pluralidade (representação), o que, desta forma, é em que cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que conhece (um)-OUTRO como (uma)-diferença.

Mas esta é (uma)-diferença que real(mente), é (um)-recalcamento que, desta forma, permanece não visível «sobre» a forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se estrutura em cada (uma) das representações que se real(izam), na forma de (uma)-narração, enquanto (uma)-forma-pronominal-não-visível, mas que já [existe e manifesta-se] como (uma)-representação que se (re)vela em cada (uma) das RELAÇÕES que, enquanto representações, real(izam-se) como (um)-[recalcamento | real(ização)] enquanto (um)-hierárquia-não-visível.

### 3.5. Hierárquico

(uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>213</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>214</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>215</sup>] que na forma de (uma)-RELAÇÃO, é como (uma)-estrutura (uma)-interacção, em e «entre», [(um)-atractor x (um)-atractor]. O que na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que se real(iza) na forma de (uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO a partir de (uma)-objectivação-autopoiética em (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-[RELAÇÃO x RELAÇÃO], que ao instalar-se como (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>216</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>217</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>218</sup>], é na forma de (uma)-HIERARQUIA, o que se real(iza) na forma de (um)-ELO-(ir)representável através de cada (uma) das práticas linguísticas. (um)-acontecimento-linguístico que se projecta de (um)-imaginário-topológico, através de (um)-existente-não-linguístico, que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, real(iza-se), linguisticamente na forma de (um)-(ir)representável que atravessa (um)-véu-imaginário e através de (um)-“fazer”-

213 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

214 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

215 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

216 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

217 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

218 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

semântico-neurofisiológico, real(iza-se) como (um)-[recalcamento | real(ização)] em (uma)-representação, a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se instala como (uma)-forma-hierarquia.

E, desta forma, (um)-ESTÁDIO-hierárquico é (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, que na forma de (uma)-ONTOFILOGENIA-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é enquanto tal o que se (SOBRE)STIMA ou como (um)-[SIM NÃO] ou como (um)-[NÃO SIM]. E que ao projectar-se em (um)-REAL (adjectivo) «sobre» a forma de cada (uma) das práticas linguísticas, estrutura-se como cada (uma) das axiologias que “há”, na forma de (uma)-real(idade).

#### 4. Aspectos Topológicos

No capítulo anterior foram abordados cada (um) dos aspectos históricos que tornam possível localizar e edificar sintática e retoricamente (um)-sistema-topologia-linguística, através de cada (um) dos aspectos antropológicos que em termos estruturais e linguísticos, real(izam-se) como (uma)-representação e na forma de (um)-“lugar” que, desta forma, é o que se viabiliza como (uma)-construção-narrativa de (uma)-temporalidade de cada (uma) das existências cognitivas que em termos antropológicos, real(izam-se) na forma de cada (um) dos acontecimentos objectivos e | ou linguísticos.

AGORA neste capítulo, o que se aborda é o que se convencionou definir como aspectos topológicos de (uma)-topologia-linguística. Ou seja, cada (um) dos registos psíquicos entendidos como registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – que, desta forma, permitem-se na forma de (uma)-construção de cada (uma) das interacções estruturais e sistémicas que “há”, em e «entre», cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas. O que na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos e objectivos em (um)-sistema-topologia-linguística, define-se em cada (um) dos ESTÁDIOS linguísticos, como temporalidades que enquanto formações estruturais e linguísticas específicas SÃO ONTOFILOGENICAMENTE na forma de cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos, “coisas” aparentes que se real(izam) a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

Isto porque, a partir de cada (um) dos registos linguísticos – imaginário, REAL, simbólico – o que se estrutura em cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se observa na forma de acontecimentos linguísticos e não linguísticos em (um)-sistema-topologia-linguística. A partir do que (um)-modelo-narrativo é passível de SER ONTOFILOGENICAMENTE estruturado sistemicamente a partir de cada (uma) das interacções. O que a partir de (uma)-realidade-sistémica é ONTOFILOGENICAMENTE o que se real(iza) na forma de cada (uma) das real(idades) linguísticas ou não linguísticas que “há”, e que atravessam cada (uma) das representações que se real(izam) em (um)-simbólico-topológico.

O que real(mente) em (uma)-topologia-linguística já não se pode definir como (uma)-realidade, outrossim, como (uma)-*ergoígenia*. Posto que (uma)-realidade em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-sinal-electroquímico que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica como (uma)-forma-de-resposta-adequada à (um)-estímulo.

Portanto, a estrutura de (um)-modelo-retórico-narrativo enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-modelo-*physis*-existencial que se constrói a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há” na forma de (uma)-real(idade), em e «entre», cada (um) dos

sistemas vivos humanos, e que real(mente) acontece como existências manifestas na forma de cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) em (um)-REAL-topológico.

Então, porquê é preciso afirmar que em (um)-sistema-topologia-linguística o que se define como (uma)-realidade é real(mente) (uma)-*ergoígenia*?

Isto acontece porquê segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-realidade é (um)-atravessamento-sistémico, que enquanto (uma)-formalidade, define-se estrutural e sistemicamente, como (uma)-subjectividade. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é estrutural, formal e sistemicamente, ÚNICA e homeomórfica em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como também, é o que viabiliza cada (uma) das real(izações) linguísticas colectivamente, ao atravessar cada (uma) das representações que se real(izam) em cada (um) dos sistemas vivos humanos individualmente.

Isto porquê tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-interacção-sistémica, em e «entre», (um)-sistema-vivo e (um)-sistema-meio-*physis*-existencial. O que enquanto (um)-acoplamento-estrutural, ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos, é o que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento-que-estrutura-cognitiva-e-socialmente cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Portanto, em (um)-atravessamento-social que atravessa cada (um) dos atravessamentos sistémicos individuais, o que se acopla estrutural e sistemicamente na forma de (um)-atravessamento em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos em cada (uma) das interacções [em, «entre» e com] (um)-meio-*physis*-existencial, é o que, desta forma, real(iza-se) na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes que atravessam cada (uma) das subjectividades individuais. O que sistemicamente interage, estrutural e formalmente, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Desta forma, o que se define na forma de (um)-MUNDO-perceptível, é o que real(mente) enquanto (uma)-existência-sistémica, real(iza-se) a partir de cada (um) dos estímulos individuais, a partir de cada (uma) das respostas adequadas, que na forma de (um)-sinal-electroquímico, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE homeomórficas, na forma de cada (um) dos sinais electroquímicos que atravessam cada (uma) das sistemáticas neuro-BIO-fisiológicas individuais, como subjectividades que através de cada (uma) das “coisas” aparentes e a partir de (uma) dos estímulos, real(izam-se) como (uma)-simultaneidade-sistémica-[recalar | real(izar)], que sendo individual, é estrutural, formal e sistemicamente homeomórfica em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-real(ização)-representação.

(uma)-real(idade) que permite que (um)-“fazer”-neurofisiológico-individual, atravesse (um)-meio-*physis*-existencial-e-social na forma de cada (uma) das respostas adequadas, e que se

real(izare) através de cada (uma) das sistemáticas neuro-BIO-fisológicas individuais, na forma de (um)-REAL (adjectivo) que se acopla em cada (uma) das realidades individuais, estrutural, formal e sistemicamente como (uma)-sistemática-de-vida-colectiva a que Maturana e Varela definem como (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social.

O que justifica a última parte do título desta dissertação e o explica: “*Levantando o véu: a ergoígenia e a realidade*”. Posto que (uma)-*ergoígenia* é (uma)-origem na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é o que se real(iza) sistémica e homeomorficamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos; e (uma)-realidade não é (uma)-interacção-[exterior x interior] que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, mas «antes», (uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], acontece individualmente como (uma)-resposta-adequada ao atravessar (um)-sinal-electroquímico que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos, acoplando-os sistémica, formal e estruturalmente, em (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA que redundantemente sistémica, é o que não se pode definir como (uma)-forma-fronteira ou como (um)-limite que “há”, em e «entre», o que é (um)-interior e o que é (um)-exterior, mas tão somente, como o que se real(iza) como (uma)-interacção, que enquanto (uma)-sistemática acoplada, repete-se redundantemente enquanto (uma)-sistemática-de-vida na forma de (um)-acoplamento.

(uma)-condição que se consegue observar em (um)-sistema-topologia-linguística através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

#### 4.1. Imaginário

Por isto, é preciso pensar (um)-modelo-de-observação com o qual seja possível observar cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e que a partir de (uma)-condição-sistémica, real(izam-se) sistemicamente, tornando possível (um)-(des)envolvimento de (uma)-topologia-linguística, para os fins de efetuar (uma)-tipologia-de-observação que atravessa cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, na forma de (uma)-*ergoígenia*.

Porquê o que cada (um) dos sistemas vivos humanos percebe como (uma)-realidade, não é real(mente) “aquilo que se atira adiante”, mas “aquilo que se real(iza) na forma de (uma)-sistemática, sistemicamente”. Pois, é isto o que (uma)-*ergoígenia*-real(iza) ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico na forma de (uma)-simultaneidade-sistémica-[exterior x interior] que, ao SER ONTOFILOGENICAMENTE (in)separável, permite observar cada (uma) das interacções

sistêmicas que se manifestam existência, em cada (uma) das representações que em (um)-simbólico-topológico, real(izam-se) como (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas, como a questão é *ergoîgênica*, (um)-imaginário-topológico é o que se define como (um)-“lugar”-primordial para cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas que “há”, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico de cada (um) dos existentes não linguísticos que se real(izam) em (um)-modelo-de-observação-topológico-linguístico em (um)-imaginário-topológico. O que torna básico e fundamental compreender o que é (uma)-*ergoîgenia*, como também, (uma)-simultaneidade-sistêmica.

Apesar de que em (um)-sistema-topologia-linguística, diferentemente de (um)-nó-lacanian, o que se considera como (um)-ponto-primordial<sup>219</sup>, é o que se real(iza) como (um)-homeomorfismo enquanto (um)-“lugar” e não como (um)-“lugar” enquanto (uma)-existência-manifesta em (uma)-geometria. O que em termos espaciais, é o que se define em (um)-topologia-linguística, como o que se entende, relativamente à (um)-ponto-primordial, enquanto o que se real(iza) como (um)-imaginário-topológico. Que sendo também (um)-“lugar”, é no qual se localiza (um)-ESTÁDIO-monocórdio e a partir do qual se real(iza) cada (uma) das práticas objectivas em (um)-REAL-topológico. O que enquanto (uma)-existência-manifesta em (um)-REAL (adjectivo), é o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que é comum a cada (um) dos OUTROS sistemas vivos animais, enquanto (uma)-formalidade-acoplamento-estrutural, mas na forma de cada (um) dos acoplamentos que se real(izam) especificamente e relativamente, a cada (uma) das existências vivas.

Entretanto, como se deve considerar que cada (uma) das práticas objectivas é (um)-acoplamento-estrutural. O que não se real(iza) em (um)-imaginário-topológico, é o que enquanto (um)-REAL (adjectivo) é, em (um)-imaginário-topológico, enquanto (uma)-forma-hipotética, o que em (um)-modelo-de-observação, destina-se a permitir cada (uma) das construções retórico narrativas que descrevem cada (uma) das interações, objectivas e | ou linguísticas que “há”, enquanto (um)-acoplamento-estrutural-linguístico, e que, desta forma, é no caso deste estudo, (um)-acoplamento-estrutural caracteristicamente HUMANO. Mas que segundo (uma)-topologia-linguística, não se deve descartar enquanto OUTRAS formas de existência linguísticas possíveis, que se real(izam) em cada (uma) das OUTRAS formas sistêmicas animais, em (um)-meio-physis-existencial comum, em e «entre», sistemas vivos humanos e OUTROS sistemas vivos animais.

---

219 Atenção que o que se define nesta dissertação como (um)-ponto-primordial, não é nenhum conceito que Lacan tenha (des)envolvido, posto que segundo Lacan, (uma)-topologia-psíquica é (um)-acontecimento-simultaneidade que se real(iza) na forma de (um)-nó-borromeano. O que aqui se descreve, é (uma)-analogia-hipotética na qual se reduz (um)-nó-borromeano à (um)-ponto-primordial. (uma)-condição-histórica-estrutural-e-sistêmica-hipotética segundo (uma)-topologia-linguística, para os fins de edificar-se (uma)-analogia.

Ou seja, (um)-imaginário-topológico é (um)-“lugar” que a partir de (uma)-ONTOFILOGENIA, é o que se real(iza) para (uma)-observação de (uma)-(des)ambiguação que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, na forma de (um)-protótipo-objectivo. O que substancialmente constitui-se, na forma de (um)-acoplamento-estrutural, enquanto o que, em cada (um) dos sistemas vivos, é na forma de (uma)-*physis*-existência, o que funda (uma)-existência-manifesta que em (uma)-topologia-linguística, é neste estudo, o que se refere à cada (um) dos sistemas vivos que [existem e manifestam-se] como [existências manifestas] HUMANAS. Mas que, desta forma, pode tão somente se referir à (uma)-existência-linguística. Posto que (uma)-existência-linguística pode operar-se em cada (uma) das OUTRAS formas sistêmicas vivas, ao estruturar-se linguisticamente e na forma de (uma)-linguagem, real(izar-se) como (uma)-formalidade-diferente das que se real(izam), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Isto porquê, substancialmente “há” (uma)-real(idade), que é (uma)-decorrente de (um)-atravessamento-sistêmico. O qual existe através de (uma)-subjectividade, que se real(iza) sistêmica e estruturalmente, em cada (um) dos sistemas vivos a partir de (uma)-*ergoígenia* e na forma de (uma)-existência-manifesta. Pois (uma)-real(idade) é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se define, em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-existência-linguística que na forma de (uma)-sistemática-de-vida, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

E a partir da qual, cada (um) dos sistemas vivos humanos refere-se ao mundo e aos demais sistemas vivos, como (uma)-existência-manifesta-*ergoígenicamente*, e que enquanto (uma)-prática-objectiva, é desde (um)-protótipo-objectivo, o que se edifica como (uma)-real(idade), que ao atravessar (uma)-topologia-linguística, existe e manifesta-se como (um)-linguístico, através de (uma)-prática-linguística que se real(iza-se) a partir de (um)-protótipo-NEONATAL, na forma de cada (um) dos discursos, retórico narrativos que se viabilizam a partir de (uma)-estrutura-sistêmica. Pois descrever (um)-mundo, é na forma de (uma)-existência-linguística, o que ao manifestar-se como (uma)-forma-real(idade), tem (uma)-aparência-de-realidade que entretanto, decorre de (uma)-existência-manifesta-sistemicamente.

Para mais, (uma)-sistemática-de-vida de cada (um) dos sistemas vivos, é o que através de (uma)-prática-objectiva, é também (uma)-*ergoígenia*, que na forma de (uma)-(des)ambiguação, real(iza-se) através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos, como (um)-acoplamento-estrutural. O que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, enquanto (uma)-ÚNICA-condição-estrutural-e-sistêmica passível de real(izar-se) na forma de cada (uma) das capacidades neuro-BIO-fisiológicas que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos. (um)-“fazer” que se determina neuro-BIO-fisiologicamente, como (uma)-(des)ambiguação.



Portanto, real(mente) “há” (uma)-condição-determinística em (uma)-topologia-linguística. Mas que diante desta constatação, o que também se pode afirmar, é que “há”, da mesma forma, (uma)-*physis*-estrutura-discursiva, que relativamente à (um)-pensamento-ONTOFENOMENOLÓGICO, é na forma de (um)-pensamento-filosófico, o que se real(iza) como (um)-determinístico. Mas a partir do qual se coloca como (uma)-questão que, a partir desta constatação, não está propriamente na forma de (um)-determinismo-filosófico e | ou científico, outrossim, na forma de (uma)-operacionalização tanto de (uma)-topologia-linguística, quanto de (uma)-ONTOFENOMENOLOGIA. Posto que, a partir de (uma)-*ergoñgenia*, o que “há” na forma de (uma)-realidade-sistêmica é (uma)-ONTOFILOGENIA que, ontofenomenologicamente é [(um)-facto REAL (adjectivo) e formal (substantivo)]<sup>220</sup>, que “há” em cada (um) dos sistemas vivos enquanto (uma)-existência-não-linguística, mas que se pode caracterizar como adjectiva ou substantiva.

Pois, é através deste facto, que em (uma)-topologia-linguística não pretende se negar (uma)-forma-consciência enquanto (uma)-existência-manifesta, outrossim, evitá-la enquanto (uma)-*ergoñgenia* que não se real(iza), na forma de (uma)-explicação devido às muitas evidências antropológicas, científicas e até linguísticas que corroboram, enquanto (uma)-condição A PRIORI, de que “há” (uma)-consciência como (um)-diferenciador-importante e provavelmente (SOBRE)STIMADO, que na forma de (um)-capacitador que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que na forma de (um)-sistema-vivo-animal, real(iza-se) como (uma)-existência-privilegiada que se diferencia de cada (uma) das OUTRAS sistemáticas vivas através de (uma)-existência-manifesta-ONTOGENICAMENTE, enquanto (um)-acoplamento estrutural. Quando, segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-acoplamento-estrutural é (uma)-ONTOFILOGENIA, que se real(iza) na forma de (uma)-simultaneidade-*ergoñgênica*.

Isto porquê é ao atravessar (uma)-topologia-linguística, que se torna possível verificar que (uma)-forma-consciência é (uma)-construção-linguística. O que não somente acontece na forma (uma)-representação, mas também, fundamentalmente na forma de (um)-“lugar”, que em (uma)-topologia-linguística, coincide com (um)-simbólico-topológico enquanto [(uma)-existência que se manifesta] como (um)-repositório-de-conhecimentos que, acumulados e armazenados, real(izam-se) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que, sistemicamente “há” em cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

---

220 Veja capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.5. Adjectivação x Substantivação.

## 4.2. REAL

Por isto, é preciso também definir o que é (um)-REAL-topológico. O que em (uma)-topologia-linguística, é tanto como o que é em (uma)-filosofia, quanto como o que é em (uma)-psicanálise, o que se define como (um)-REAL que entretanto, enquanto (uma)-forma-substantiva, é em (uma)-topologia-linguística, (uma)-formalidade-adjectiva que se real(iza) como (uma)-existência-manifesta-substantiva. O que, desta forma, é como (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], (uma)-existência-manifesta-(in)tangível enquanto (um)-adjectivo, mas que “há” enquanto o que é tangível, enquanto (um)-substantivo. Mas que desta forma, não é (uma)-reificação, outrossim, (uma)-real(idade)-representação, enquanto (uma)-“coisa”-aparência.

Posto que a atribuição de (uma)-função-substantiva à (um)-adjectivo, é segundo (uma)-topologia-linguística, o que (trans)forma (um)-REAL (adjectivo), em [(uma)-existência que se manifesta em (um)-simbólico], o que segundo (uma)-topologia-linguística não é (uma)-reificação. Diante do que, ao pensar a partir de Immanuel Kant (1724-1804), o que se afirma é que (um)-conhecimento-sensível de (uma)-formalidade-realidade é de tal forma (in)tangível, que [A PRIORI (uma)-sensibilidade não existe, apesar de manifestar-se]. Posto que segundo Kant, o que define (uma)-realidade como (uma)-“coisa”-“em-si” é (uma)-sensibilidade enquanto (uma)-categoria-fenomenica.

A partir do que, Arthur Schopenhauer (1788-1860) diante de (um)-conhecimento-sensível de (uma)-realidade que é, desta forma, (um)--(in)tangível. Entende que (uma)-sensibilidade é como (uma)-realidade, o que [existe e manifesta-se] como (uma)-síntese, em e «entre», [(uma)-subjectividade-intrínseca e (uma)-objectividade-extrínseca]. A partir do que Schopenhauer afirma que, o mundo não passa de (uma)-formalidade que é sensível em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-representação.

O que segundo (uma)-psicanálise tanto freudiana, quanto lacaniana, basicamente é como (um)-REAL (substantivo), (uma)-existência-manifesta enquanto (uma)-(im)possibilidade-formalidade. Posto que, o que corresponde a (uma)-parte-realidade, é o que enquanto (um)-sujeito [psicanalítico]<sup>221</sup>, não se é capaz de simbolizar como o que, desta forma, ao permanecer (im)penetrável, é para cada (um) dos sujeitos, o que acontece, desta forma (im)penetrável, porquê (um)-sujeito é (uma)-real(idade), que não se consegue representar como (um)-REAL (substantivo), mas tão somente como (um)-simbólico que, enquanto (uma)-formalidade-sujeito, é (uma)-

---

221 Atenção que Freud não argumenta em termos de sujeito. O que se real(iza) de (uma)-forma diferente em Lacan, apesar de a forma lacaniana, propor a existência manifesta de (um)-sujeito. Como este estudo não visa discutir a construção de (uma)-formalidade específica que se real(iza) na forma de (um)-sujeito, optou-se por tratar (um)-sujeito aqui nesta altura, como (uma)-formalidade-não-específica-e-psicanalítica.

subjectividade-(ir)representável que se real(iza) como (um)-recalcamento a partir de (um)-acontecimento-significante.

Isto porquê, segundo (uma)-psicanálise, (um)-REAL (substantivo) somente pode SER (SEIN) ontofenomenologicamente “atingido” por cada (um) dos sujeitos que estão em conexão com cada (um) dos OUTROS registros psíquicos: imaginário e | ou simbólico.

Pois, desta forma, o que se situa segundo (uma)-psicanálise, em cada (um) dos registros e nos respectivos “lugares” psíquicos, é o que enquanto (um)-REAL (substantivo), é (uma)-formalidade particular, específica e subjectiva, na qual (um)-sujeito [psicanalítico], posiciona-se em termos de (uma)-realidade enquanto (uma)-existência-significante.

O que, segundo Freud, acontece como (uma)-fantasia de que [(um)-sujeito é (um)-sujeito], ou seja, como (uma)-*ergoígenia*. Posto que (uma)-constituição de (um)-sujeito [psicanalítico], é o que se real(iza), segundo (uma)-psicanálise-lacaniana, através de (uma)-interacção-imaginário-REAL-simbólico na forma de cada (um) dos acontecimentos significantes que “há”.

Diante do que, cada (uma) das [três concepções que “há” de (um)-REAL (substantivo)], em (uma)-topologia-linguística vão-se definir como formalidades, nas quais (um)-REAL (substantivo) é em (um)-modelo-de-observação. (uma)-existência-manifesta como (uma)-formalidade-adjectiva que, na forma de (um)-TOPOS, é o que se define como (um)-“lugar”, que enquanto (uma)-formalidade, está o mais próximo possível do que se percebe como (um)-REAL (adjectivo), mas que se real(iza) na forma de (uma)-real(idade)-representação. O que na forma de (um)-senso-comum é o que em cada (um) dos sistemas vivos humanos “faz-se” como (uma)-referência-frequente, ao que segundo (uma)-topologia-linguística, é tangível mas ainda (um)-(ir)representável.

Ou seja, como (uma)-“coisa” (existência), que simultaneamente é também (uma)-aparência (manifestação). Mas que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é o que ao real(izar-se) como (um)-acontecimento-linguístico, é enquanto (um)-REAL (adjectivo), (um)-fruto de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que se real(izam) em (um)-REAL-topológico que em (uma)-topologia-linguística, é (um)-“lugar” de cada (uma) das constantes interacções que “há”, em e «entre», (um)-imaginário-topológico e (um)-simbólico-topológico em (um)-REAL (adjectivo).

A partir do que, não se pode falar em (uma)-“coisa” como (uma)-reificação em (uma)-topologia-linguística, mas tão somente em (uma)-existência-manifesta como (um)-linguístico. Ou seja, em (uma)-“coisa”-aparência que enquanto tal é (uma)-existência-linguística. Isto porquê em (uma)-topologia-linguística coloca-se de parte (uma)-condição-importante tanto para (uma)-filosofia, quanto para (uma)-psicanálise: (uma)-consciência [filosofia] e (um)-(in)consciente [psicanálise].

Isto porquê tanto (uma)-consciência quanto (um)-(in)consciente, segundo (uma)-topologia-linguística SÃO ONTOFILOGENICAMENTE representações. Por isto, (uma)-topologia-linguística procura “abandonar” cada (um) destas formalidades como conceitos, sem “abandonar” cada (uma) das causalidades sistêmicas, formais e interactivas (estáveis) que destas existências linguísticas decorrem e definem-se, enquanto acontecimentos significantes. Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-realidade é tangível, mas tão somente como (uma)-real(idade).

Pois o que “há” enquanto o que se real(iza), é (uma)-realidade-sistémica que é ÚNICA e que, segundo (uma)-topologia-linguística, é como (um)-atravessamento-sistémico-tangível, contudo, (im)penetrável. Portanto, isto é o que se torna enquanto (uma)-(ir)representação, no que apesar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-existência-manifesta que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que enquanto (uma)-formalidade que “há” em cada (uma) das representações, (uma)-existência-linguística que se define em cada (uma) das formalidades, a partir de cada (uma) das interacções imaginário | REAL | simbólico.

(um)-atravessamento-sistémico que é real(mente) tangível enquanto (uma)-existência-linguística, mas (im)penetrável, segundo (uma)-topologia-linguística, enquanto (um)-“fazer” que se real(iza) como (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo). O que, desta forma, é na forma de tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, o que não é mais do que (uma)-formalidade que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (um)-REAL (adjectivo), real(iza-se) como (uma)-essência, mas enquanto “coisa” aparência.

A partir do que se tem (um)-SER-manifesto que é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-representação. Posto que ontofenomenologicamente, cada (uma) das existências manifestas em (uma)-topologia-linguística, é (um)-REAL (adjectivo) que se real(iza) a partir de cada (uma) das interacções, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, como o que se torna a partir de (um)-REAL (adjectivo), em (uma)-existência-manifesta-tangível que ao atravessar cada (uma) das existências linguísticas ou não linguísticas que se projectam em (um)-REAL-topológico, é em cada (uma) das formalidades que se real(izam) através de cada (uma) das práticas linguísticas, o que enquanto (uma)-essência que em (um)-REAL (adjectivo) é (uma)-(ir)representação, devido a (um)-carácter neurofisiológico e sistémico de (um)-“fazer” que se real(iza) na forma de (uma)-*ergoígenia*, mas tangível enquanto (uma)-“coisa”-aparência.

Isto porquê (um)-REAL (adjectivo), em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-adjectivação. (uma)-consequência de (um)-atravessamento-sistémico, que também é (uma)-adjectivação tanto na forma de (uma)-essência, quanto na forma de (uma)-existência-manifesta. O que somente é o que é, desta forma possível, como (uma)-forma-REAL (adjectiva) que em (uma)-topologia-linguística, ao definir-se como (um)-TOPOS, é em (um)-REAL-topológico, o que existe e manifesta como o que se

caracteriza como (um)-“lugar”, mas no qual (uma)-existência-manifesta, é (uma)-formalidade a partir de cada (uma) das interações que se real(izam) em (um)-modelo-de-observação-topológico-linguístico. Pois é desta forma, que (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico é (uma)-“coisa”-aparência, e em (um)-REAL-topológico é (uma)-(ir)representação também enquanto (uma)-“coisa”-aparência.

Portanto, em (um)-REAL-topológico o que se real(iza) SÃO ONTOFILOGENICAMENTE acontecimentos que [existem e manifestam-se] ao atravessar cada (uma) das práticas objectivas e | ou linguísticas como formalidades que se real(izam) enquanto (um)-linguístico. Mas «antes», como acontecimentos que não se podem tornar na forma de (uma)-existência-manifesta, como (uma)-formalidade. Posto que, (uma)-falação é na forma de (um)-discurso (um)-acontecimento, mas não é (uma)-existência-manifesta a não SER (SEIN) que ontofenomenologicamente, desta falação “fa(ça-se)” (uma)-representação que na forma de (um)-discurso é, enquanto tal, o que se LEGA ontofenomenologicamente como (um)-vestígio [“coisa” aparênc], que a partir de (uma)-existência-manifesta, é possível ONTOFILOGENICAMENTE SER-manifesto em (uma)-formalidade-interactiva (estável).

Posto que é somente na forma de (um)-discurso-escrito que ontofenomenologicamente (uma)-falação, pode-se tornar em (uma)-existência-manifesta como (uma)-representação. E manter-se como (um)-acontecimento-(in)finito que enquanto (uma)-existência-linguística, é o que tem começo, meio e fim. E é por isto tangível enquanto formalidade que se real(iza) como (uma)-representação. Porquê, desta forma, é (uma)-forma que apesar de (im)penetrável enquanto (uma)-realidade, é na forma de (uma)-representação, como (um)-fruto de (uma)-existência-sistémica-e-estrutural que “há” a partir de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se pode “penetrar”. E que na forma de cada (uma) das interações linguísticas e | ou não linguísticas, é o que se possibilita sistemicamente, em cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-REAL-topológico, como (uma)-formalidade-representação a partir de (um)-simbólico-topológico.

E, desta forma, também ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas que “há”, é ONTOFILOGENICAMENTE enquanto (uma)-(ir)representação-absoluta (instável), (uma)-formalidade que em cada (uma) das existências linguísticas em (um)-REAL-topológico, é tal como o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) enquanto (um)-acto-sexual, (uma)-culinária, ou até mesmo (uma)-produção-artística. Cada (uma) como (uma)-formalidade-(ir)representação, que enquanto (uma)-acção-que-se-(re)produz através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, não se pode ter como (uma)-(re)capitulação enquanto (uma)-FILOGENIA-objectiva-[SIM SIM = NÃO NÃO] ou na forma de (uma)-ONTOGENIA-linguística-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]. Outrossim, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, no que desta forma, deve-se observar com (um)-cuidado-de-não-confundir cada (uma)

das acções citadas, com o que decorre em cada (uma) das formalidades que se percebem a partir de (uma)-Teoria-da-Recapitulação, como (uma)-(re)capitulação que na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, real(iza-se) em cada (uma) das formalidades como (uma)-ONTOFILOGENIA. O que a partir de cada (uma) das realidades sistémicas e objectivas que “há”, é na forma de (uma)-sistemática-de-vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, o que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] linguística enquanto (um)-REAL-topológico.

#### 4.3. Simbólico

Por isto, cada (uma) das existências linguísticas que “há”, como tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é na forma de cada (uma) das representações em (um)-simbólico-topológico, o que enquanto (um)-“lugar” é, enquanto tal, o que se real(iza) como (um)-vestígio, oral ou material, que se permite como (uma)-(in)finitude, enquanto (uma)-temporalidade que se mantém na forma de cada (uma) das estruturas interactivas (estáveis), como o que “há” sistemicamente, e que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) em (um)-REAL-topológico. O que na forma de (uma)-essência, é em (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] o que se real(iza) como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Mas, é desta forma que (um)-vestígio é (um)-“fazer”-interactivo (estável), como também, (uma)-(in)finitude enquanto (uma)-duração. O que na forma de cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico, é o que, enquanto (um)-“lugar”-interactivo (estável), é desta forma, (uma)-formalidade que se projecta em (um)-REAL-topológico, sistemicamente «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas. O que se (trans)forma, através de (uma)-objectivação-autopoiética, no que ao atravessar cada (uma) das representações, é o que se real(iza) como (in)finitude em (um)-REAL-topológico que, é (uma)-duração-finita de (uma)-(in)finitude-simbólico-topológico.

Isto porquê (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (uma)-estrutura, não é (uma)-existência-manifesta-estruturalmente, outrossim, (uma)-formalidade que enquanto tal, é (in)finitamente moldável através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas que “ha” em (um)-REAL (adjectivo). É por isto que é preciso estabelecer-se (um)-“lugar” (forma), em (um)-“lugar” (estrutura). Posto que, é (uma)-formalidade o que é (in)finitamente moldável, e não (uma)-estrutura. Posto que isto acontece, porquê (uma)-representação é (um)-contextual e não (uma)-formalidade-autónoma.

Portanto, (uma)-representação é o que se real(iza) como (um)-significante, que em (uma)-estrutura-contextual, é na qual ao [existir e manifestar-se] como (um)-“lugar” (forma), em

(um)-“lugar” (estrutura), é na forma de (um)-significante em (um)-sistema-topologia-linguística, o que enquanto tal é (uma)-representação. Posto que (um)-sistema-topologia-linguística, não “acomoda” significados, mas tão somente acontecimentos significantes.

E, desta forma, (uma)-hermenêutica em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-representação, e não (uma)-significação. Mas, este discurso descreve (uma)-forma-representação que “há” em (um)-simbólico-topológico e que, enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se projecta em (um)-REAL-topológico, como (uma)-sistemática que “há”, relativamente a cada (uma) das práticas linguísticas. Posto que, o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) na forma de (uma)-real(idade), é o que enquanto (uma)-“coisa”-aparência e a partir de (um)-atravessamento-sistémico, é (uma)-sistemática-prática-linguística que enquanto (um)-acontecimento-significante, é o que como (uma)-“coisa”-social em (um)-REAL-topológico, é (uma)-essência-(ir)representável e enquanto (uma)-“coisa”-aparência em (um)-simbólico-topológico, é (uma)-representação. O que sistemicamente, ao acontecer como (uma)-simultaneidade-[recalar | real(izar)] é, desta forma, (um)-acontecimento-linguístico enquanto (uma)-existência-linguística que atravessa (uma)-interacção-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas é possível, através de (uma)-filosofia, definir (um)-simbólico como (uma)-formalidade-pensamento. O que enquanto (um)-cogito, é fenomenologicamente (um)-processo-mental, mas que também se real(iza) na forma de (uma)-representação. Mas que, desta forma, não é (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico, mas «antes», (uma)-imagem-mental [ideia | forma] com a qual cada (um) dos sistemas vivos humanos, analisa (um)-determinado-modelo-material e a partir do qual formula (uma)-estratégia para (uma)-solução de (um)-problema. Pois é isto o que exactamente considera-se como (uma)-existência-heurística a partir de (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que, desta forma, (um)-simbólico é (uma)-representação, e como tal, (um)-pensamento que fenomenologicamente é (um)-processo-mental, é o que atravessa (uma)-representação como (um)-REAL (substantivo). O que enquanto (uma)-forma-simbólico (substantivo), é o que permite (uma)-projectão de (uma)-solução ou de (uma)-estratégia que, fenomenologicamente é como (uma)-acção, o que diante de (um)-objecto, real(iza-se) como (uma)-interacção-linguística. O que, formal, estrutural e sistemicamente, fecha-se em (um)-sistema-simbólico que, desta forma, é (uma)-“coisa”, enquanto (uma)-existência-ontológica; e (uma)-aparência, enquanto (uma)-manifestação-fenomenológica. Posto que, desta forma fechado, (um)-simbólico-topológico é o que autopoieticamente projecta-se como (uma)-“coisa” «sobre» o que se observa como manifestação, enquanto (uma)-aparência-consciente na forma de (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

Mas, diante deste sistema fechado, (um)-sistema-topologia-linguística considera pouco credível a possibilidade de (uma)-projectão de (um)-REAL (substantivo) para (um)-simbólico-

topológico, como o que atravessa (um)-processo-mental. Optando por defender que “há” (um)-processo-sistémico-e-interactivo (estável), que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) sistemicamente, através de (uma)-prática-linguística, que enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico é (uma)-real(ização) em (um)-REAL (adjectivo). O que, desta forma, atravessa cada (uma) das interacções linguísticas e não linguística que, enquanto estruturas-sistémicas-de-acção, real(izam-se), formal, estrutural e sistemicamente, através de (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico e a partir de (um)-imaginário-topológico.

Ou seja, como (um)-“fazer”-neurofisiológico que se (trans)forma em (uma)-representação a partir de (uma)-*ergoígenia*. O que se real(iza) absoluta (instável) ou interactivamente (estável), em (um)-sistema-topologia-linguística, ao atravessar cada (um) dos acontecimentos linguísticos que (trans)formam, cada (uma) das práticas linguísticas ou vice-versa, através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas que “há” sistemicamente, em (um)-REAL (adjectivo), e que, a partir desta forma, real(izam-se) como (um)-“lugar” (forma), em (um)-“lugar” (estrutura), como (uma)-representação em (uma)-sistemática-de-observação.

Pois, desta forma, cada (uma) das interacções real(iza-se) a partir de (um)-“fazer” no qual “há” (uma)-*ergoígenia* e não (uma)-consciência. Pois o que “há” é (uma)-real(ização), porquê (uma)-consciência é (uma)-PARTE-sistémica, ao passo que (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico é (uma)-sistemática que sistemicamente real(iza-se) como (uma)-totalidade.

#### 4.4. (um)-“lugar”

Como se pode observar, em (um)-sistema-topologia-linguística, “há” (um)-“lugar” (formal) que é absoluto (instável) e que se real(iza) como (uma)-representação; e (um)-“lugar” (estrutural) que é interactivo (estável), e que se real(iza) formal, estrutural e sistemicamente, em cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – em (um)-sistema-topologia-linguística.

Entretanto, a partir do parágrafo acima (uma)-questão de (um)-“lugar” persiste: porquê “há” (um)-“lugar” formal e | ou estrutural, que é sistemicamente absoluto (instável) ou interactivo (estável) em (um)-sistema-interactivo (estável), mas que enquanto (uma)-real(ização) em (uma)-topologia-linguística, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE absoluto (instável) ou interactivo (estável) neste sistema e realizar-se como interactivo (estável) ou absoluto (instável) sistemicamente?

Pois como, desta forma, é possível distinguir o que “há” do que se real(iza), em e «entre», (uma)-ontofenomenologia e (uma)-topologia-linguística? Posto que afinal, qual é a diferença que “há”, em e «entre», (um)-fenómeno e (um)-sistema?



(uma)-topologia-linguística define-se a partir de (uma)-*ergoñgenia* e na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], o que se real(iza) como (um)-sistema que, desta forma, é sistémico e *ergoñgênico*; o que de pouco ou nada dava no mesmo: pois (uma)-questão-de-redundância ainda persiste. Mas, como também se pode afirmar, a partir de (uma)-topologia-linguística, que (um)-fenómeno é (uma)-formalidade que enquanto tal, real(iza-se) como (um)-REAL (substantivo) sistemicamente; isto já é o que se permite como (uma)-resposta, que a partir de (uma)-interacção-sistémica em (uma)-topologia-linguística, é preciso formalizar-se como (uma)-homeomorfia, formal, estrutural e sistémica, que em cada (uma) das formalidades, seja como (um)-“fenómeno” e | ou como (um)-“sistema”; é, desta forma, o que torna possível comparar acontecimentos linguísticos que se real(izam) em cada (uma) das representações [sistema], com formalidades que se projectam «sobre» formalidades que se real(izam) em (um)-discurso [fenómeno].

Assim, em (um)-sistema-topologia-linguística, cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico, é formal, estrutural e sistemicamente enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)] em (um)-REAL-topológico, (uma)-interacção-linguística que em (uma)-topologia-linguística define-se como (um)-“lugar”-absoluto (instável) que, desta forma, é (uma)-homeomorfia-sistémica-interactiva (estável) em (uma)-interacção-sistémica-[imaginário | REAL | simbólico]; e não (uma)-formalidade «sobre» (uma)-formalidade em (um)-REAL (substantivo).

A diferença está, no que consiste e em que “lugar” em (um)-sistema. Posto que cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas é (um)-atravessamento-ONTOFILOGÊNICO; que enquanto (uma)-formalidade em (um)-REAL (substantivo), é o que “há” como (uma)-ontofenomenologia; mas enquanto (uma)-real(ização)-sistémica, é o que “há” como (uma)-ONTOFILOGENIA. Mas o que demarca esta diferença e como defini-la?

PRIMEIRO, afirmando-se que (uma)-forma-consciência é (uma)-formalidade, e que, desta forma, é (um)-fenómeno; e SEGUNDO, observando se “há” (uma)-*ergoñgenia*, em e «entre», (uma)-consciência e (uma)-representação, que se real(iza) como (uma)-*physis*-existência-manifesta na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Ou seja, como [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é possível tanto construir que [(um)-“fazer” é (uma)-representação] quanto que [(uma)-representação é (um)-“fazer”]; mas, a edificação [(uma)-representação é (uma)-consciência] é diferente e (in)consistente com a construção [(uma)-consciência é (uma)-representação].

Posto que se real(iza) formal, estruturalmente e sistemicamente, não como (uma)-simultaneidade e enquanto (um)-“lugar” ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas em (um)-sistema-topologia-linguística. Mas «antes», como o que se real(iza) como (uma)-significação, ou seja, como (um)-fenómeno que tem (um)-sentido, o que não é (uma)-homeomorfia enquanto

(uma)-formalidade que “há” em cada (uma) das representações que se real(izam) enquanto (uma)-real(idade) em (um)-sistema-topologia-linguística.

A partir do que se pode afirmar que, “há” (uma)-diferença-REAL (adjectiva), em e «entre», (um)-PRIMEIRO-discurso e (um)-SEGUNDO-discurso. Isto porquê, (um)-PRIMEIRO-discurso é fenoménico [(uma)-representação é (uma)-consciência]; e (um)-SEGUNDO-discurso é sistémico [(uma)-consciência é (uma)-representação]. Para mais, cada (um) dos discursos somente é possível através de (uma)-*physis*-existência-manifesta que na forma (um)-“fazer”-*ergoḡênico* é, o que ao atravessar cada (uma) das interacções em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário | REAL | simbólico], real(iza-se) como (uma)-representação a partir de (uma)-realidade como (uma)-real(idade).

Mas em que é que isto favorece e (trans)forma (uma)-persistente-questão acerca de (uma)-diferença que “há”, em e «entre», (um)-sistema e (um)-fenómeno enquanto (uma)-real(ização)?

(uma)-resposta à esta pergunta está em (uma)-formalidade que se real(iza) interactivamente (estável), mas em (uma)-estrutura que enquanto (um)-sistema, é como (uma)-formalidade, (uma)-realidade que enquanto (um)-“lugar”, é o que se real(iza) sistemicamente como (uma)-real(idade). O que, desta forma, crê-se como o que evita ou afasta cada (uma) das estruturas axiológicas que “há”, e que se real(izam) na forma de cada (uma) das interacções linguísticas em (um)-sistema-simbólico-fechado.

#### 4.5. Real(idade)

Mas, (um)-“lugar” não é nem (uma)-real(idade)-formal, nem (uma)-realidade-sistémica. Porquê (um)-“lugar”, é (uma)-simultaneidade-[formal | estrutural | sistémica] que se real(iza), sistemicamente, em (um)-sistema-topologia-linguística. (uma)-sistemática-de-observação que a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, é o que se permite para (uma)-construção-real(idade), que a partir de cada (uma) das representações, “há” como (um)-simbólico-topológico que se real(iza) como (um)-sistema, em (uma)-topologia-linguística.

(uma)-real(idade) que a partir de cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-REAL (adjectivo), é o que se real(iza) na forma de (uma)-representação, sistemicamente, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo) e na forma de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há” em (uma)-topologia-linguística.

Entretanto, como (uma)-real(idade) é (um)-construto, é desta forma, que também é (uma)-sistemática-fechada. Como então diferenciar (uma)-real(idade) em (uma)-sistemática-fechada, de (uma)-topologia-linguística (aberta)?

Através de cada (uma) das interações linguísticas que se real(izam) como (uma)-realidade-sistêmica que, em (um)-simbólico-topológico é (uma)-formalidade-real(idade) [representação] que, enquanto (uma)-realidade-sistêmica, é (um)-atravessamento-sistêmico-e-estrutural que na forma de (uma)-*ergoígenia*, é observável em (um)-REAL-topológico a partir de (uma)-realidade-sistêmica; mas que se real(iza) como (uma)-real(idade), que em (um)-sistema-simbólico-fechado, é (uma)-formalidade em (um)-REAL (substantivo), que na forma de (uma)-consciência, não se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*. Outrossim, como (um)-fenômeno que não é sistemático. Pois, desta forma, como (uma)-forma em (uma)-estrutura que se real(iza) formalidade em (uma)-representação, acredita-se que cada (um) dos sistemas vivos humanos, (trans)forma (um)-estímulo em (um)-REAL (substantivo). Quando o que se real(iza) é (uma)-interação-sistêmica, em e «entre», (um)-estímulo e (uma)-codificação na forma de (um)-sinal-electroquímico.

A partir do que (uma)-topologia-linguística levanta (uma)-OUTRA-questão: o que é então (um)-sinal-electroquímico? (uma)-representação ou (um)-REAL (adjectivo)?

Segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-sinal-electroquímico é (uma)-resposta-adequada à (um)-estímulo, que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, é o que se real(iza) em (um)-REAL-topológico, enquanto (uma)-prática-linguística que através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se estrutura em cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas, real(izando-se) como (uma)-forma-realidade enquanto (uma)-real(idade).

(um)-“fazer”-neurofisiológico que sistemicamente a partir de (uma)-realidade em (um)-REAL-topológico, real(iza-se) na forma de (uma)-real(idade) em (um)-simbólico-topológico. O que na forma de cada (uma) das representações, “há” como tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” enquanto (uma)-existência-manifesta-REAL (adjectiva).

Portanto, desta forma, (uma)-real(idade) é (uma)-formalidade na forma de (uma)-representação, que se real(iza) sistemicamente através de (um)-“fazer” que em (uma)-topologia-linguística, acontece a partir da forma de (um)-sinal-electroquímico, que se real(iza) como (uma)-realidade a partir de (um)-estímulo.

## 5. Aspectos Filosóficos

Nos capítulos anteriores [(2), (3) e (4)], foram abordados respectivamente, cada (um) dos aspectos biológicos (capítulo 2), históricos (capítulo 3) e topológicos (capítulo 4) que se real(izam) sistemicamente em (uma)-topologia-linguística. Neste capítulo, o que se pretende é argumentar a partir de cada (um) dos aspectos já abordados e através de cada (um) dos conceitos filosóficos que se estabelecem em cada (uma) das correntes filosóficas, e que SÃO ontofenomenologicamente análogos, a cada (um) dos conceitos apresentados nos capítulos anteriores [(2), (3) e (4)], e que permitem a construção de (um)-modelo-sistémico-e-estrutural para (uma)-observação de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas que os envolve como (uma)-sociedade.

Pois, é diante de cada (uma) das interacções sociais que se real(izam), a partir de cada (uma) das [existências manifestas] na forma de cada (um) destes conceitos. Que filosoficamente, cada (um) dos sistemas vivos humanos, pergunta-se acerca de (uma)-realidade. A partir do que (uma)-topologia-linguística defende que [(uma)-realidade é (uma)-real(idade)] ou ainda que [(uma)-real(idade) é (uma)-realidade]. O que desta forma, [existe e manifesta-se] como (uma)-*ergoñgenia*.

Posto que, diante de cada (uma) destas *physis* existências manifestas, cada (um) dos sistemas vivos humanos, instala-se como (uma)-realidade que, sistemicamente enquanto (uma)-*physis*-existência-manifesta, não se “atira adiante” enquanto (uma)-forma-representação, outrossim, é o que na forma de (uma)-*ergoñgenia* é, enquanto (um)-atravessamento-sistémico, o que se apresenta através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, na forma de cada (uma) das representações como (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

E, desta forma, (uma)-topologia-linguística difere de cada (um) dos OUTROS sistemas filosóficos de observação porquê, cada (um) dos OUTROS modelos permite (uma)-edificação de (uma)-realidade. Ao passo que (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-construto-real(idade) que, sistemicamente a partir de (uma)-realidade, ocupa-se de (uma)-construção de (um)-modelo que é capaz de perceber como (uma)-realidade-sistémica, real(iza-se) enquanto (um)-acontecimento-linguístico na forma de (uma)-representação.

A partida, isto coloca cada (um) dos modelos filosóficos diante de (um)-sistema-topologia-linguística, como objectos de estudo e investigação, para os quais se deve definir (uma)-forma-de-abordagem, que seja possível real(izar-se) não axiologicamente. Como (uma)-topologia-linguística procura operar estruturalmente com (uma)-modelação-[objecto x objecto], pode-se afirmar que a PRIMEIRA diferença notável, em e «entre», (uma)-topologia-linguística e cada (um) dos OUTROS sistemas de observação, é a [existência manifesta] de (uma)-forma-sujeito. O que enquanto (uma)-

forma em (uma)-topologia-linguística, não se real(iza) como (um)-sujeito, outrossim, como (uma)-existência-objectiva-manifesta na forma de (uma)-*ergoḡgenia*.

Diante do que, (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística, não se real(iza) como (um)-fenómeno, outrossim, como (uma)-representação que ao evidenciar-se em cada (uma) das interacções linguísticas, é o que sistemicamente observa-se em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-existência-manifesta na forma de (um)-acontecimento-linguístico. Para mais, na topologia-linguística (um)-fenómeno é (uma)-interacção-linguística e não (uma)-interacção-sistémica. Posto que cada (uma) das interacções sistémicas que “há” em (uma)-topologia-linguística, tem origem em (um)-estímulo que interactivamente (estável), real(iza-se) como (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>222</sup>-estrutural-e-sistémico], que na forma de (uma)-*ergoḡgenia* e não enquanto (um)-fenómeno, é visto como (uma)-real(ização)-interactiva-sistémica-formal-e-estrutural, que enquanto (uma)-retórica-jurisdicional-científica-e-filosófica, é o que segundo (uma)-topologia-linguística, define-se como (uma)-formalidade-heurística.

Portanto, (uma)-NOESIS enquanto (um)-acto-de-conhecer, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação de (uma)-interacção-sistémica e não de (uma)-condição-fenomenica. Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-consciência não é (um)-fenómeno no qual [(uma)-aparência-manifesta-se como (uma)-existência na forma de (uma)-representação], mas «antes», [(uma)-representação de (uma)-interacção que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é sistemicamente em (um)-atravessamento-estrutural-[NEUROFISIOLOGICO | SISTEMA VIVO | MEIO *PHYSIS* EXISTENCIAL], o que se real(iza) como (uma)-formalidade-(representação)], mas que na forma de (um)-discurso e a partir de (uma)-interacção-sistémica, é o que se “faz” como (um)-linguístico a partir de (uma)-*ergoḡgenia* enquanto (uma)-representação.

### 5.1. Consciência x “fazer”

Desta forma, (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação. E (uma)-representação-consciência em (uma)-topologia-linguística, é o que se define como (uma)-forma-conhecimento. (um)-conhecimento que é conservado, acumulado e armazenado como (um)-vestígio de muitas e variadas formas diferentes em (uma)-actualidade. E que devido as muitas possibilidades tecnológicas para (um)-armazenamento-e-conservação das mais diversas formas de [representação | conhecimento], é como (uma)-formalidade, o que enquanto (um)-vestígio,

---

222 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

conserva-se e armazena-se como (uma)-memória-física-e-material de cada (uma) das [existências manifestas], que na forma de cada (uma) das manifestações, definem-se como (uma)-existência enquanto (um)-conhecimento-adquirido-organizado-e-acumulado.

Mas filosoficamente, (uma)-consciência é (uma)-existência-ontofenomenológica que enquanto tal, é (uma)-existência-manifesta que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] não é (uma)-existência-ôntica como (um)-ENTE, mas «antes», (uma)-ontologia que enquanto (um)-fenômeno é (um)-SER-manifesto (SEIN).

(uma)-“coisa” que ao manifestar-se como (um)-NOEMA é enquanto (uma)-objectividade, (uma)-representação que NOETICAMENTE é enquanto (um)-fenômeno-mental e como (uma)-realidade-na-mente [ideia], (um)-sistema-fenomenológico que, desta forma, torna-se ainda mais difícil como (um)-argumento-sistêmico que procura atravessar (uma)-topologia-linguística. O que tem como finalidade, (des)envolver e manter (uma)-(trans)forma(ção) de (um)-conceito-ontofenomenológico, em (uma)-existência-manifesta-ONTOFILOGENICAMENTE.

Por OUTRO lado, como (uma)-manifestação de (uma)-consciência é o que se “faz” na forma de (uma)-representação e não na forma de (uma)-“coisa”-aparência, esta é a forma de (uma)-manifestação de (uma)-“coisa” [existência], que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é percebida como (uma)-aparência de (uma)-“coisa”, segundo (uma)-filosofia. E não como (uma)-simultaneidade-sistêmica-[existência + manifestação = representação] como propõe (um)-sistema-topologia-linguística. E isto é o que provoca (um)-cisalhamento em (uma)-condição-formal-estrutural-e-sistêmica de (uma)-existência-manifesta-representação. O que por consequência, estabelece (uma)-tensão, em e «entre», (uma)-consciência e (um)-“fazer”, como também (uma)-tensão, em e «entre», (uma)-topologia-linguística e cada (uma) das demais sistemáticas de observação filosófica.

Mas o que é (um)-facto, é que “há” casos isolados, como o de John Searle (1932), que ao definir (uma)-consciência como (um)-fenômeno-biológico que deve SER (SEIN) ontofenomenologicamente investigado como (uma)-existência-neurobiológica. É, desta forma, como o que se assume na forma de (uma)-consciência, o que enquanto (uma)-causalidade-absoluta (instável), é o que “há” em cada (um) dos processos neurobiológicos, como o que se real(iza) em cada (uma) das estruturas cerebrais.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, é na forma como está definida por Searle, mais (uma)-vez o que enquanto (um)-discurso tem consequências formais, estruturais e sistêmicas em cada (um) dos discursos acerca de (uma)-realidade. Posto que ao constituir-se sistemicamente, é o que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, como o que se identifica como (uma)-real(idade), mas que se (in)determina enquanto (uma)-causalidade (adjectiva). Isto porquê segundo

(uma)-topologia-linguística, (uma)-condição-biológica passa a SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE tratada ontofenomenologicamente enquanto (uma)-realidade (sistêmica) e não como (uma)-representação-discursiva que, sistemicamente observada em (um)-modelo-de-observação, é o que define (uma)-*physis*-existência-manifesta, não como (uma)-forma-realidade (sistêmica), mas a partir de (uma)-observação-sensível ou racional que ao atravessar (uma)-instrumentação formal e estruturalmente constituída, é «sobre» a qual se real(iza) cada (uma) das condições perceptivas que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-consciência.

O que desta forma, é (um)-“fazer”-neurofisiológico não atravessa somente cada (um) dos sentidos que “há” em cada (um) dos sistemas vivos. Posto que, cada (uma) das interações que “há” sistêmicas, formais e estruturais, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos [em, «entre» e com] (um)-meio-*physis*-existencial. É o que ONTOFILOGENICAMENTE observado, atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há”, e que sistemicamente real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

Pois então, o que “há” de diferente em e «entre» (um)-processo-sistêmico em (uma)-topologia-linguística e (uma)-fenomenologia em (uma)-filosofia-tradicional?

A condição – formal, estrutural e sistêmica – na qual se define como o que se real(iza) enquanto (uma)-subjectividade (adjectiva). Posto que, ontofenomenologicamente (uma)-aparência-objectiva é (uma)-“coisa” que ao tomar a forma de (uma)-representação, é enquanto (uma)-manifestação, o que se real(iza) como (um)-fenómeno. Pois, desta forma, (uma)-consciência é o que se manifesta em (uma)-aparência, e que se define como (um)-fenómeno, ao atravessar (uma)-aparência enquanto (uma)-subjectividade que não é adjectiva, outrossim, substantiva. Ou seja, (uma)-reificação, como se afirma em (uma)-topologia-linguística, que ao atravessar (um)-modelo-de-observação-sistêmica, real(iza-se) como (um)-heurismo.

Para mais, segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-fenómeno é (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>223</sup> + μένω (*meno*)<sup>224</sup>]] – ou seja, (uma)-aparência-que-permanece, mas na forma de (uma)-representação. Portanto, (um)-fenómeno em (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-consciência, outrossim, (uma)-“coisa”-aparência. Ou seja, o que se real(iza) como (uma)-representação. E, desta forma, (um)-fenómeno em (uma)-topologia-linguística, também é (uma)-prática-linguística.

Isto porquê, cada (uma) das permanências em (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-prática-linguística; que em (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], é (um)-SER-manifesto (SEIN) que ONTOFILOGENICAMENTE real(iza-se) como (um)-“lugar” [formal], que se estrutura sistemicamente como (uma)-representação. O que a partir de (um)-simbólico-

223 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

224 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

topológico, é o que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos através de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas e enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico.

O que, desta forma, como (uma)-permanência em (uma)-topologia-linguística, é sistémica e estruturalmente como (uma)-realidade. (uma)-subjectividade que simultaneamente [adjectiva + estruturalmente], real(iza-se) em cada (uma) das interacções linguísticas como (uma)-essência. O que enquanto (uma)-prática-linguística, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, é que se real(iza) na forma de (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico. E que se assume, desta forma, em (uma)-topologia-linguística como [(uma)-“coisa”-aparência de (uma)-“coisa”-aparência], ou seja, (uma)-forma-representação que na forma de (uma)-*ergoígenia* é [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Entretanto, como esta é (uma)-subjectividade que em (uma)-topologia-linguística é adjectiva e real(iza-se) sistemicamente; ao passo que na forma de (uma)-fenomenologia é substantiva e real(iza-se) como (uma)-formalidade (adjectiva) enquanto (uma)-consciência. Isto é o que segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se constitui como (um)-determinismo-filosófico.

Posto que segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-subjectividade é (uma)-realidade-sistémica que enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural, é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como o que se real(iza) através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. E que segundo (uma)-topologia-linguística, é na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico-individual, (uma)-real(ização)-subjectiva que ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, real(iza-se) em cada (uma) das representações, ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas.

Isto porquê é cada (uma) das subjectividades individuais que se edificam em cada (uma) das representações, e que se constituem em (um)-simbólico-topológico. O que ao interagir, em e «entre», cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas que “há” em (um)-REAL (adjectivo), atravessa cada (uma) das realidades individuais e subjectivas sistemicamente, real(izando-se) colectivamente como (uma)-existência-linguística na forma de (uma)-sociedade. O que ao estruturar-se em cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, é em cada (uma) das “coisas” sociais, o que as formaliza e estrutura sistemicamente, através de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-real(idade).

Pois esta é (uma)-condição-pleiteada por (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que, cada (uma) das condições semânticas e sintáticas na história de (uma)-língua [diacrónicas], como também, cada (uma) das condições actuais e presentes de (uma)-língua [sincrónicas], não SÃO



ONTOFILOGENICAMENTE consideradas ontofenomenologicamente, aquando de (uma)-edificação-sistémica enquanto (um)-sistema-simbólico-fechado, outrossim, como o que se define na edificação de (um)-sistema-topologia-linguística, como o que se real(iza) a partir de (uma)-*ergoñgenia*. Porquê em cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, o que se formaliza e estrutura sistemicamente, é (uma)-sistemática-de-vida que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que, enquanto existência manifesta em (uma)-simultaneidade-[individual e | ou colectiva], real(iza-se) como (uma)-sociedade.

Isto porquê, [(uma)-interpretação de (uma)-representação]<sup>225</sup> é individual e subjectiva segundo (uma)-topologia-linguística, como também é geratriz de (uma)-representação e não de (um)-significado ou de (uma)-hermenêutica. Posto que (uma)-hermenêutica, segundo (uma)-topologia-linguística, é [(uma)-representação de (uma)-representação] que se real(iza) na forma de (um)-discurso, ou seja, como (uma)-existência-heurística.

Portanto, desta forma, cada (um) dos acontecimentos linguísticos é (uma)-representação que sistemicamente, enquanto (uma)-existência-linguística em (uma)-topologia-linguística, é desta forma, (um)-homeomorfismo em e «entre», o que é homeomórfico e polissémico, e o que é linguístico. Ou seja, (uma)-representação que em (uma)-topologia-linguística real(iza-se) em (um)-atravessamento-sistémico-[NEUROFISIOLOGICO | SISTEMA VIVO | MEIO *PHYSIS* EXISTENCIAL], mas que é desta forma, (um)-atravessamento que envolve (um)-estímulo-codificado que na forma de (um)-sinal-electroquímico, é transportado enquanto tal, homeomórficamente através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que ao atravessar (uma)-topologia-linguística em cada (uma) das representações que se real(izam) em cada (uma) das práticas linguísticas, é o que se essencializa enquanto (um)-“fazer” e na forma de cada (uma) das representações. Como também, define-se como (uma)-formalidade, que a partir de cada (uma) das realidades individuais e subjectivamente homeomórficas que “há”, é objectivamente e na forma de (uma)-representação, o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE.

Posto que (uma)-realidade-subjectiva-e-individual é o que se real(iza) como (uma)-formalidade-colectiva que na forma de (uma)-real(idade), é o que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é enquanto (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo), (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Mas talvez seja melhor argumentar acerca de (um)-homeomorfismo que ao (trans)formar (uma)-polissemia em (uma)-homeomorfia, é o que permite (re)tomar (uma)-redução-*mórfica*<sup>226</sup> já

---

225 Atenção que em (uma)-topologia-linguística (uma)-interpretação é (uma)-interacção, em e «entre», significantes. O que se real(iza) como (um)-contextual. E este é (um)-conceito muito contestado pelos linguístas em (uma)-actualidade-académica.

226 Veja INTRODUÇÃO, item XXI. A forma consciência e a condição humanidade.

proposta em (uma)-introdução, e a partir da qual se pode considerar cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-SER-histórico que se coloca como (um)-observador diante de cada (um) dos SERES-históricos que estão a “dormir”, e que desta forma, é ONTOFILOGENICAMENTE também (um)-SER-activo e manifesto enquanto (uma)-existência-do-NÃO, que não estando a “dormir”, existe e manifesta-se homeomorficamente, enquanto (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, que real(iza) cada (um) dos SERES-históricos que estão a “dormir” como (uma)-existência que se manifesta, homeomorficamente como (uma)-ONTOFILOGENIA. A partir do que se pergunta: serão estes SERES-históricos, desta forma, existências manifestas conscientes ou (in)conscientes?

O que diante da resposta “(in)conscientes”, segundo (uma)-topologia-linguística pode-se afirmar que não “há” história. Pois epistemologicamente, cada (um) dos sistemas vivos humanos para constituir-se como (um)-SER-histórico, é preciso existir e manifestar-se ontofenomenologicamente, como (uma)-existência-consciente.

Entretanto, de (um)-ponto-de-vista-*ergoñgênico*, não só “há” história como cada (um) dos SERES que existem “(in)conscientes”, está activamente a “dormir”. Constituindo-se não somente em (uma)-história-epistemológica-da-humanidade, como também, como (uma)-história-*ergoñgênica* de (uma)-existência-manifesta da qual participa cada (um) como (um)-SER-histórico que existe activamente “(in)consciente”.

O que coloca cada (um) dos observadores diante de (um)-impasse: a partir de (uma)-acção de “dormir” enquanto (uma)-visão-*ergoñgênica* de (uma)-existência-manifesta o que “há”, em cada (um) dos SERES que existem e manifestam-se activamente a “dormir” é ONTOFILOGENICAMENTE a existência manifesta de (um)-sujeito?

Pois, é a partir deste impasse que definitivamente (uma)-topologia-linguística afasta-se de cada (uma) das demais correntes filosóficas. Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-aparência-que-permanece o que formal, estrutural e sistemicamente (trans)forma (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico, o qual ao atravessar (um)-“fazer”, é na forma de (uma)-representação, o que se real(iza) a partir de (um)-atravessamento-sistémico, como o que se torna enquanto (uma)-formalidade-conhecimento, no que “há” em cada (uma) das correntes filosóficas, como (uma)-epistemologia.

(um)-“fazer” que estruturado como (uma)-*ergoñgenia*, ao interagir sistemicamente em (uma)-topologia-linguística, não se real(iza) como (uma)-consciência, outrossim, a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) na forma de (uma)-real(idade). Isto porquê, (uma)-consciência como (uma)-formalidade em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica a partir de (um)-acolamento-estrutural, e que procura descrever (uma)-interacção-específica.

O que na forma de (uma)-*physis*-existência, é enquanto (uma)-FILOGENIA-neurobiológica, o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-formalidade-estrutural que se realiza como (um)-[MÚLTIPLO e enquanto (uma)-ambiguação]<sup>227</sup>; mas que ONTOGENICAMENTE é enquanto (uma)-FILOGENIA-neurobiológica, (uma)-*physis*-existência-manifesta sistemicamente que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Posto que é o que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, e que se real(iza) como (uma)-UNIDADE, mas através de cada (uma) das práticas linguísticas e na forma de cada (uma) das simultaneidades-[recalcamento | real(ização)].

Ora portanto, (um)-“fazer” de (uma)-UNIDADE é o que segundo (uma)-topologia-linguística, não “há” como (uma)-interacção a partir de (uma)-consciência, mas tão somente a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. Posto que o que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, é o que se define como (um)-“lugar” que formal, estrutural e sistemicamente é interactivamente (estável) em (um)-simbólico-topológico, em cada (uma) das representações.

O que “faz” de (um)-atravessamento-sistémico no que se define como (uma)-MULTIPLICIDADE-do-UNO<sup>228</sup>, mas que na forma de (uma)-FILOGENIA-neurobiológica é o que PRIMEIRAMENTE, ao atravessar (uma)-prática-objectiva, (trans)forma-se através de (uma)-objectivação-autopoiética, no que se real(iza) enquanto (uma)-prática-linguística ao atravessar (uma)-((des)ambiguação. O que se estrutura como (um)-véu-imaginário a partir de (uma)-forma-alucinação (imagem) que, desta ordem, é o que permite edificar (um)-sistema-topologia-linguística enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)]. O que se real(iza) na forma de (um)-UNO<sup>229</sup>, como o que se constitui enquanto (uma)-representação, como (uma)-formalidade que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”-(des)ambiguador.

Isto porquê (uma)-MULTIPLICIDADE (adjectiva) é (uma)-ambiguação que ao estruturar-se, (trans)forma através de (uma)-objectivação-autopoiética, (um)-protótipo-objectivo que enquanto (um)-véu-imaginário é (uma)-essência em (uma)-prática-objectiva, na forma de (uma)-imagem que enquanto (uma)-alucinação em (um)-ESTÁDIO-diádico, é o que desta forma, estrutura-se como (um)-protótipo-NEONATAL, que enquanto (uma)-estrutura-de-((des)ambiguação, é na forma de (uma)-representação, o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade e na forma de (uma)-real(idade) como (uma)-simultaneidade.

E este é o modelo que propõe (um)-sistema-topologia-linguística, e que se define enquanto (um)-NOEMA<sup>230</sup>, não como (uma)-aparência. Posto que, desta forma, (um)-NOEMA é (uma)-fracção,

227  $[(um)^{(\infty + \infty)}] = [SIM\ SIM = NÃO\ NÃO]$ .

228  $(um)^\infty = (um)$ .

229  $(um) = [SIM\ NÃO \neq NÃO\ SIM]$ .

230 O substantivo grego NOEMA define-se como “percepção mental, pensamento, propósito vil, aquilo que pensa, mente, pensamentos ou propósitos”. E a partir de νοημα (*noema*), verbete 3540 do Dicionário de Strong, tem como

que na forma de (uma)-percepção, não é (uma)-MULTIPLICIDADE (adjectiva) que se estrutura como (um)-atravessamento-sistémico enquanto (uma)-representação. Isto porquê (uma)-aparência, é o que enquanto (um)-atravessamento-sistémico, é como (uma)-MULTIPLICIDADE, o que se real(iza) como (uma)-representação, ao atravessar (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação na forma de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

O que “faz” de (uma)-aparência, o que se real(iza) a partir de (uma)-percepção; e (uma)-existência, o que se real(iza) como (uma)-“coisa”. Mas que neuro-BIO-fisiologicamente é como (uma)-simultaneidade, (uma)-sistemática-de-vida a partir de (um)-atravessamento-sistémico-[NEUROFISIOLOGICO | SISTEMA VIVO | MEIO *PHYSIS* EXISTENCIAL] que se real(iza) como (uma)-“coisa”-aparência. O que *ergoígenicamente*, apresenta-se como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

(uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)] que, desta forma, é como (um)-atravessamento-sistémico, não (uma)-NOESIS<sup>231</sup>. Posto que (uma)-NOESIS, não é (um)-MÚLTIPLO que se “faz” na forma de (uma)-UNIDADE-sistémica enquanto (uma)-representação. Outrossim, (uma)-fracção que ao atravessar (uma)-percepção, é na forma de (uma)-manifestação, não (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], mas «antes», (uma)-formalidade enquanto (uma)-existência-heurística.

A partir do que, em (um)-sistema-topologia-linguística não se pode tratar (uma)-representação como (uma)-aparência, outrossim, como (uma)-simultaneidade-[existência + manifestação]. O que, desta forma, é como (uma)-representação, e resulta de (uma)-simultaneamente-sistémica que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], atravessa a forma de (um)-“fazer” e não de (uma)-consciência.

Portanto, (uma)-representação que segundo (uma)-topologia-linguística é [(uma)-“coisa”-aparência de (uma)-“coisa”-aparência]. Ou seja, (uma)-“coisa”-aparência que enquanto o que se “faz” em (um)-atravessamento como (uma)-*ergoígenia*, é na forma de (uma)-“coisa”-aparência, (um)-“fazer” que enquanto (um)-atravessamento-sistémico, real(iza-se) como (uma)-representação.

Pois, é isto o que (contra)põe (uma)-topologia-linguística, a cada (uma) das correntes filosóficas em (uma)-contemporaneidade. Como também, (uma)-consciência a (um)-“fazer”-

---

raiz o verbo grego NOESIS, que na forma grega νοεω (*noeo*), verbete 3539 do Dicionário de Strong, define-se como “perceber com a mente, entender, ter entendimento, pensar sobre, prestar atenção, ponderar, considerar”.

231 O verbo NOESIS na forma grega νοεω (*noeo*), verbete 3539 do Dicionário de Strong, define-se como “perceber com a mente, entender, ter entendimento, pensar sobre, prestar atenção, ponderar, considerar”. E a partir do substantivo grego νους (*nous*), verbete 3563 do Dicionário de Strong, que lhe serve de raiz, define-se como “mente, incluindo igualmente as faculdades de perceber e entender bem como a habilidade de sentir, julgar, determinar, um modo particular de pensar e julgar, i.e, pensamentos, sentimentos, propósitos, desejos”. E que tem como raiz o verbo grego γινώσκω (*ginosko*), verbete 1097 do Dicionário de Strong, que se define como “chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir, conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de, expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher, tornar-se conhecido de, conhecer”.

neurofisiológico. Posto que, (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-construção que na forma de (uma)-real(idade), é (uma)-representação. Diante do que, não se pode falar em (uma)-topologia-linguística enquanto (uma)-realidade, outrossim, em (uma)-real(idade) que enquanto (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, é (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico.

Portanto, (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer” que acontece interactivamente (estável) em (um)-REAL-topológico. E que, desta forma, instala-se como (uma)-decorrência de (um)-observador que se real(iza) em (um)-sistema-fechado<sup>232</sup>. Que enquanto (um)-TOPOS, é desta forma, o que se real(iza) como (um)-sujeito-real(izador). Entretanto, em (um)-sistema-topologia-linguística, como (um)-observador é (um)-“lugar” enquanto (um)-objecto homeomórfico. É relativamente a cada (um) dos “lugares” que “há”, como (uma)-formalidade que estrutural e sistemicamente estabelecida em (um)-sistema-topologia-linguística, é enquanto (um)-interactivo (estável) ou (um)-absoluto (instável), o que se real(iza) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas.

O que define a forma de (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística não como (uma)-simultaneidade-sistémica e enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação]. Outrossim, como o que se real(iza) interactivamente (estável) enquanto (um)-“lugar” que na construção de (um)-simbólico-topológico, é desta forma, o que se define como (uma)-condição: afinal, a partir de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], porquê (um)-acontecimento-linguístico, enquanto (uma)-representação não é (uma)-existência?

## 5.2. Existência x Acontecimento

Pois, é desde Santo Agostinho (354-430) que o ensino é (uma)-transmissão que se “faz” de (um)-professor para (um)-aluno atravessando (uma)-linguagem. E a partir da qual, (um)-ensino é (uma)-apresentação que, ao atravessar (uma)-prática-linguística, é enquanto (uma)-transmissão, (uma)-essência de cada (uma) das “coisas” aparentes que atravessa cada (um) dos sentidos de cada (um) dos alunos através de cada (uma) das interacções sociais e linguísticas, que se real(izam) na forma de cada (uma) das interacções educativas.

(uma)-perspectiva Escolática e Patrística que se iniciou na Idade Média, e que tem origem enquanto (uma)-metafísica-dos-costumes. Mas ao atravessar (uma)-reflexão-tipicamente-agostiniana, remete-se ao facto de que (uma)-filosofia entende que não é através de cada (uma) das

---

232 Que aqui nesta altura, pode ser definido como (uma)-cibernética-de-segunda-ordem como propõe Maturana e Varela em “*A árvore do conhecimento*”.

“coisas” aparentes que se aprende, outrossim, através de (uma)-consciência que “há” enquanto (um)-processo-lógico-educativo que atravessa cada (uma) das “coisas” aparentes, “apossando-se” de (um)-entendimento de cada (uma) destas “coisas” que, enquanto (uma)-aparência é, ontofenomenologicamente (uma)-representação. O que, desta forma, define-se como o que “há”, na forma de (um)-pensamento-cartesiano enquanto (um)-dualismo-[mente x corpo].

Mas, como desde Tommaso d'Aquino (1225-1274) é que (uma)-consciência, é enquanto (um)-instrumento de FÉ, o que por isto existe, como (um)-antagonizador que “há” em e «entre» (uma)-essência-[transcendente | para além da realidade sensível | CORPO] e (uma)-existência-[transcendental | pertencente a RAZÃO PURA | MENTE]. Sendo que é esta sintaxe retórica, proposta por este frade católico da Ordem dos Dominicanos italiana, na qual era teólogo e filósofo, que se ficou conhecida historicamente, como o que Tomás de Aquino dividiu em termos de SER e essência.

Pois é a partir daqui, que se vai conduzir directamente a Immanuel Kant (1724-1804) e a (uma)-crítica-da-RAZÃO-PURA, mesmo sem passar por David Hume (1711-1776) e (uma)-Investigação-sobre-o-entendimento-humano, (uma)-OBRA-publicada por Hume em 1748. Posto que, desta forma, (uma)-crítica-da-RAZÃO-PURA é (uma)-resposta-escrita em formato de livro e intitulada “*Crítica da Razão Pura*”, e escrito em 1781 por Kant, e que em cada (uma) das 800 (oitocentas) páginas da OBRA, tenta responder a (uma)-questão: Como são possíveis os juízos sintéticos a PRIORI?

Assim, nesta obra, Kant PRIMEIRAMENTE tenta imaginar (uma)-“coisa” fora do TEMPO, e que enquanto (uma)-aparência não tem (uma)-extensão no ESPAÇO. A partir do que acaba por concluir que (uma)-mente-humana não é capaz de produzir (uma)-tal-ideia.

Por isto, Kant argumenta que cada (um) dos limites de (uma)-realidade é ontofenomenológico, enquanto (um)-limite que “há” em cada (uma) das estruturas fundamentais que constituem (uma)-mente. Isto porquê para além da sensibilidade, Kant afirma que “há” (um)-entendimento, que na forma de (uma)-faculdade-da-RAZÃO, permite a cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-entendimento com o qual pode operar em cada (uma) das categorias que executa, em cada (uma) das sínteses diversas de cada (uma) das experiências em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolve-se enquanto SER.

Contudo, afirma Kant que cada (uma) destas categorias, é própria de cada (uma) das experiências do conhecer que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Por isto, não é possível, para cada (um) dos sistemas vivos humanos, conhecer a “coisa”-“em-si” ou cada (uma) das “coisas” que não está no campo de (uma)-experiência-dos-sentidos.

Mas é justamente diante desta aparente superação de (um)-dualismo-[mente x corpo], que (uma)-existência filosófica, passou a definir-se em (uma)-relação, como o que “há”, em e «entre»,

cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-realidade que para cada (um) dos sistemas vivos humanos advém. E, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos, passou a SER (SEIN) (uma)-ontofenomenologia responsável por (uma)-existência-individual-e-subjectiva que lhe pertence. Como o que permite, que cada (um) dos sistemas vivos humanos, vá em direcção de cada (uma) das escolhas que “há” e que se “faz”, como (uma)-existência-individual-e-subjectiva.

Pois é desta forma, que (uma)-existência-individual-e-subjectiva é (um)-SER (SEIN) ou (um)-modo-de-SER como (uma)-existência-ontológica. Ou seja, é a partir de (um)-conhecimento que se tem, enquanto (um)-indivíduo-subjectivo, de que “há” (uma)-existência-individual-e-subjectiva que lhe pertence, é que se pode construir (uma)-percepção de (uma)-realidade, enquanto (uma)-forma-conhecimento, segundo Kant.

E a partir desta forma, Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Martin Heidegger (1889-1976), vão pensar directamente a partir do fenómeno, para proceder a (uma)-investigação com (uma)-finalidade: tornar claro o “COMO” de (uma)-manifestação enquanto (um)-fenómeno. Entretanto, Heidegger afirma que esta é (uma)-metodologia-kantiana que se baseia em (um)-modelo-copernicano de “colocação” e projecção perspectiva de (uma)-questão-filosófica.

Por isto, (uma)-metodologia-heideggeriana vai procurar actuar (in)flectindo (um)-ponto-de-vista, na medida em que (um)-foco, segundo Heidegger, deve SER (SEIN) ontofenomenologicamente desviado do ENTE [“coisa” aparência] para o SER [existência | “coisa”]. E, desta forma, (in)flectir de (um)-ENTE para (um)-modo-de-SER (in)vertendo (um)-caminho tradicionalmente tomado pela ontologia filosófica.

Isto porquê, a intenção de Heidegger é trazer luz à essência, que na maior parte das vezes está oculta no SER que se mostra ENTE, sendo exactamente isto o que se manifesta como (um)-modo-de-SER que enquanto SER, mostra-se ENTE.

Portanto, (um)-trabalho-hermenêutico de Heidegger é conseguir interpretar o que se mostra ENTE, expondo isto à luz de (um)-“COMO” o que se mostra, manifesta-se enquanto (um)-modo-de-SER. O que enquanto ENTE, mostra-se como (um)-porquê, na maioria das vezes que é ENTE enquanto se mostra, mas não se deixa ver enquanto (um)-SER (SEIN), pois tão somente, como essência. Então, segundo Heidegger, (uma)-essência de (um)-SER (SEIN) tem que SER (um)-modo-de-SER-que-se-manifesta enquanto (um)-ENTE. O que, desta forma, é em cada (um) dos sistemas vivos humanos, segundo Heidegger, (um)-DASEIN enquanto (um)-existir-aí.

E, desta forma, (uma)-FENOMENOLOGIA-heideggeriana concentra-se em (um)-conceito de JEWELIGKEIT: [SER (SEIN) a cada momento ou SER (SEIN) de cada vez]. Noção que se torna fundamental para (uma)-compreensão de (um)-DASEIN, e que não se deve verter para (um)-SER-humano e nem tampouco, para (uma)-realidade-humana ou qualquer OUTRA acepção similar.

Isto porquê (um)-horizonte da investigação heideggeriana é (um)-sentido-do-SER, ou seja, cada (um) dos modos e formas de enunciar e expressar (um)-SER que é (um). Entretanto, a questão de (um)-SER, segundo Heidegger, está em alcançar (uma)-colocação-correta para (um)-estudo-do-SER que se encontra, desta forma heideggeriana, através de (um)-sentido-do-SER. Pois é desta forma, que (um)-pensamento-heideggeriano procura esclarecer cada (um) dos equívocos de cada (uma) das investigações de (um)-SER que ao longo de (uma)-tradição-histórica-na-filosofia, esteve agarrado à (um)-entendimento-ÔNTICO dominado pelo ENTE, em vez de adequadamente dedicado à (um)-estudo-do-SER.

É pois a partir daqui, que (uma)-topologia-linguística procura enveredar por (uma)-questão de (uma)-existência: afinal, o que é existir em (um)-sistema-topologia-linguística?

(uma)-existência, filosoficamente é o que se qualifica em (um)-REAL (substantivo). Ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-existência é o que se qualifica especificamente como (uma)-existência, mas na forma de (uma)-*ergoîgenia*, que enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-especificidade, é o que sistemicamente, real(iza-se) como (uma)-existência-linguística.

Não como (uma)-linguagem, mas enquanto (uma)-existência-linguística que se “faz” através de (um)-acontecimento-linguístico. O que se real(iza) como (uma)-representação, e que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[recalar | real(izar)] enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Ao passo que, segundo (uma)-filosofia, mesmo heideggeriana, (uma)-existência é (um)-qualificador de (um)-REAL (substantivo) e (um)-REAL, segundo (uma)-topologia-linguística, não é (um)-substantivo, outrossim, (um)-adjectivo que ao qualificar-se enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico é, em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se realiza na forma de (uma)-representação enquanto (um)-acontecimento-linguístico.

Portanto, (um)-REAL em (uma)-topologia-linguística, é (um)-“lugar” formal e estrutural que se contitui sistemicamente como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade. O que se real(iza) através de cada (uma) das práticas linguísticas que “há”. Mas “há” (uma)-questão que interessa nesta altura. E esta questão restringe-se a (uma)-existência e ao acontecimento no qual (uma)-existência-existe.

Pois o que, desta forma, é em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-existência, é o que enquanto (uma)-manifestação-sistémica, real(iza-se) ou como (uma)-prática-objectiva, ou ainda como (uma)-prática-linguística. Posto que é através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos, que cada (um) dos estímulos ao atravessar sistemicamente,



real(iza-se) como (uma)-existência que através de (uma)-realidade-sistêmica é na forma de (um)-sinal-electroquímico, (uma)-“coisa”-aparência.

Assim, a diferença está em que, ao atravessar (uma)-prática-objectiva, o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos, inclusive em cada (um) dos sistemas vivos humanos, não é o que se real(iza) como (uma)-existência, enquanto (uma)-representação, nem tampouco como (uma)-imagem (alucinação), mas tão somente como (um)-acoplamento-sistêmico, enquanto forma de (um)-“fazer”-(des)ambiguador; ao passo que ao atravessar (uma)-prática-linguística, o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos e segundo (um)-sistema-topologia-linguística, como também, em alguns OUTROS sistemas vivos animais, é como (uma)-representação, o que enquanto (uma)-formalidade, é (uma)-existência-linguística que se real(iza) sistemicamente, através de cada (um) dos acontecimentos que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

Mas é justamente a partir desta altura, que se precisa definir melhor (um)-TOPOS para (um)-“haver” de (uma)-diferença que “há”, em e «entre», (uma)-existência e (um)-acontecimento em (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que “há” (uma)-homeomorfia, em e «entre», cada (uma) das existências linguísticas.

O que, desta forma, é enquanto (uma)-representação em (uma)-topologia-linguística, o que como (uma)-formalidade, “faz-se” enquanto (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico, que ao interagir em (um)-REAL-topológico, é como (uma)-representação, o que em (um)-contexto-interactivo (estável) e através de cada (uma) das práticas linguísticas, é (um)-acontecimento-linguístico enquanto (uma)-real(idade).

E a partir daqui, “há” ONTOFILOGENICAMENTE duas questões ontofenomenológicas que se colocam diante de (um)-sistema-topologia-linguística: (uma)-PRIMEIRA que diz respeito à (uma)-polissemia, que em (uma)-topologia-linguística é (uma)-homeomorfia; e (uma)-SEGUNDA, que remete para (um)-MÚLTIPLO, que em (uma)-topologia-linguística é (uma)-forma-NÃO; e (um)-NÃO em (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer” que ao estrutura-se em (uma)- (des)ambiguação, real(iza-se) como (uma)-representação em (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)].

Mas ambas, SÃO questões ONTOFILOGÊNICAS, que em (uma)-topologia-linguística surgem ontofenomenologicamente a partir de (uma)-definição de (uma)-existência como (uma)-especificidade. O que enquanto (um)-linguístico, não se deve confundir com (uma)-linguagem. Posto que, o que se real(iza) em cada (um) dos acontecimentos que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-sistemática enquanto (uma)-existência-linguística.

Isto porquê, segundo a filosofia, (uma)-existência é (um)-REAL (substantivo). Mas, em (uma)-topologia-linguística, (um)-REAL é (uma)-real(idade)-adjectiva. Pois (um)-REAL em (uma)-topologia-linguística, é (uma)- (ir)representação que enquanto tal, é (uma)-“coisa”-aparência que na

forma de (uma)-adjectivação é, em (um)-REAL (adjectivo), o que enquanto (um)-(ir)representável, é na forma de cada (uma) das representações, o que “há” em (um)-simbólico-topológico. O que, desta forma, real(iza-se) como (uma)-real(idade) em (um)-sistema-topologia-linguística. O que aqui descrito, parece no mínimo paradoxal.

Mas este é (um)-paradoxo que se explica. Posto que (um)-“lugar”, como cada (uma) das representações em (uma)-topologia-linguística, é o que é e o que “há”, em (um)-simbólico-topológico. Então, como pode (uma)-real(idade) em (um)-REAL-topológico, SER (SEIN) ontofenomenologicamente (uma)-representação em (uma)-topologia-linguística, se em (uma)-REAL-topológico só “há” como (uma)-(ir)representação?

Pois é exatamente aqui que (uma)-questão realiza-se e resume-se, a partir de (um)-impasse como o que “há” enquanto (uma)-homeomorfia. Porquê em (uma)-topologia-linguística, tudo-o-que-“há” é (uma)-homeomorfia, em e «entre», cada (uma) das formalidades que se real(izam) em (um)-imaginário-topológico ou em (um)-REAL-topológico ou em (um)-simbólico-topológico. E é desta forma, que (uma)-existência-linguística em (uma)-topologia linguística é sistémica. Mas (um)-acontecimento-linguístico, porquê advém de (uma)-existência-linguística na forma de (uma)-representação, é (uma)-formalidade que se define como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que enquanto (uma)-realidade-sistémica, é (um)-acontecimento, como o que é enquanto (uma)-real(idade)-representação.

Ou seja, em (uma)-topologia-linguística (uma)-existência-linguística é sistémica, e (um)-acontecimento-linguístico é (uma)-formalidade. Por isto é que (uma)-real(idade), enquanto (um)-acontecimento-linguístico em (um)-REAL-topológico é (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-representação, apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-(ir)representável-ontofenomenológico. A partir do que se pode falar em (uma)-homeomorfia como o que também “há” em (um)-REAL-topológico, mas como (uma)-formalidade-(ir)representação.

Entretanto, é preciso salientar que (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, não é (uma)-“coisa”-aparência. Posto que, (uma)-representação é tão somente (uma)-“coisa”-aparência em (um)-REAL-topológico. Pois isto é o que se permite que em (uma)-topologia-linguística seja possível argumentar acerca de (uma)-consciência como (uma)-representação. Pois enquanto tal, é como (uma)-formalidade-conhecimento, o que desta forma, enquanto (uma)-acção em (um)-REAL-topológico, é como (um)-“fazer” que se real(iza) ao atravessar (uma)-representação, enquanto (um)-linguístico.

Pois isto é o que “faz” de (um)-“fazer” (um)-MÚLTIPLO, mas também, de (um)-MÚLTIPLO o que é (uma)-*physis*-existência-manifesta enquanto (um)-NÃO. O que, desta forma, estrutura-se como (uma)-(des)ambiguação, que enquanto (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é o que (contra)diz o NÃO-(um)-

badiouniano. Posto que (um)-NÃO em (um)-sistema-topologia-linguística, não se situa em (um)-(IN)FINITO, outrossim, em (um)-AGORA. Isto porquê em (uma)-topologia-linguística, (um)-ponto-de-SER é ÚNICO em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sistemática-de-vida-individual a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. Ao passo que segundo Alain Badiou (1937), (um)-ponto-de-SER é (uma)-coincidência, em e «entre», o (um) e o MÚLTIPLO [(IN)FINITO].

Contudo, em (uma)-topologia-linguística, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] porquê é (uma)-formalidade, é (um)-(IN)FINITO; ao passo que (um)-acontecimento, porquê é sistémico, é (um)-ponto-de-SER na forma de (um). Porquê segundo (uma)-topologia-linguística, a MULTIPLICIDADE-badiouniana, que é (um)-conjunto-não-vazio-PURO-{}{}; é o que, segundo Badiou define, a forma de (uma)-(in)determinação enquanto (uma)-condição-do-MÚLTIPLO-PURO, relativamente a (uma)-condição-sistémica-acontecimento. Isto porquê (uma)-determinação de (um)-acontecimento, em cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (um)-(im)possível.

Mas cabe salientar que a forma de (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}. O que se define como (uma)-ambiguação-estrutural-neurobiológica, que na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], é enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico-(IN)FINITO-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, o que como (um), é o que se define enquanto (uma)-determinação-absoluta (instável) na forma de (uma)-UNICIDADE (adjectiva). O que se real(iza) através de (um)-“fazer”-(des)ambiguador, ao atravessar cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, sistemicamente. O que se define como (uma)-existência-linguística que enquanto (uma)-formalidade, real(iza-se) como [(uma)-real(idade) | acontecimento], a partir de [(uma)-realidade | existência]. O que sistemicamente como (uma)-simultaneidade-[existência + manifestação], é enquanto (uma)-determinação-absoluta (instável), (uma)-representação.

### 5.3. Percepção x Atravessamento

Entretanto, como tanto (uma)-existência, quanto (um)-acontecimento SÃO campos de estudos metafísicos, que em (uma)-filosofia-actual, definem-se como (uma)-simultaneidade em (uma)-ontofenomenologia. Isto é o que enquanto (um)-campo-de-estudo de (uma)-existência e de (um)-acontecimento, concentra-se em (uma)-identidade e em (uma)-causalidade. Mas ao dedicar-se a (uma)-identidade como (um)-campo-de-estudo, o que se torna inevitável, é que se recorra ao pensamento do filósofo grego Parménides de Eleia (530 a.C.- 460 a.C.).

Pois a partir de Parménides, o que se inaugurou como «algo» novo em (uma)-filosofia, é o que não considera cada (um) dos elementos de (uma)-realidade-MUNDO, como (uma)-“coisa”-

aparência, outrossim, como (uma)-realidade-das-“coisas”-aparentes que enquanto (uma)-abstração, é o que actualmente real(iza-se) como (uma)-realidade em (uma)-mente.

Mas atenção, que (uma)-real(idade) em (uma)-topologia-linguística, não é abstrata, mas linguisticamente o que se define em cada (uma) das existências linguísticas, como (uma)-formalidade como cada (um) dos acontecimentos linguísticos. Ou seja, (uma)-representação na topologia-linguística não é (uma)-abstração, outrossim, (uma)-interacção-sistémica que na forma de (um)-linguístico é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)]. Para mais, (uma)-realidade também não é o mesmo que (uma)-real(idade). Posto que se (uma)-real(idade) é (uma)-formalidade, (uma)-realidade é sistémica e estruturalmente, (uma)-existência-orgânica que se pode dizer como (uma)-organicidade, como o que na forma de (uma)-resposta-adequada, é o que se real(iza) enquanto (um)-sinal-electroquímico.

Mas, voltando à Parménides que considerava (uma)-percepção como (um)-caminho-equivocado para (uma)-verdade<sup>233</sup> a partir de (uma)-forma-realidade. Posto que (uma)-percepção, segundo Parménides, é (uma)-geratriz-de-(contra)dições que confundem [(um)-SER com (um)-NÃO-SER] ou para dizê-lo de (uma)-forma-simplificada, Parménides considerava que o mundo oferecido por (uma)-percepção é (uma)-ilusão.

A partir do que, Parménides argumenta através de (um)-princípio-da-NÃO-(contra)dição, que cada (um) dos objectos é (um)-idêntico-“em-si”. Ou seja, a partir de (um)-Princípio-da-NÃO-(contra)dição-parmenidiana, (uma)-“coisa”-aparência [é o que é], não se confundindo com nenhuma OUTRA “coisa” aparência.

Portanto, desta forma, segundo Parménides cada (uma) das “coisas” aparentes tem (uma)-identidade-própria que [é o que é], apesar de SEREM ONTOFILOGENICAMENTE idênticas enquanto objectos ontofenomenológicos, segundo se observa e edifica ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas a questão, tanto de (uma)-existência, quanto de (um)-acontecimento segundo (uma)-topologia-linguística, não está em (uma)-confusão-possível que “há”, em e «entre», [(um)-SER e (um)-NÃO-SER], outrossim, no que George Berkeley<sup>234</sup> (1685-1753) identificou, segundo Robert Fogelin<sup>235</sup> (1932-2016) como: [ESSE EST PERCIPI] ou [SER (SEIN) é SER percebido]. Mas [existir é existir percebido] não é (uma)-NOESIS, como defende (uma)-fenomenologia ao atravessar FENOMENOLOGICAMENTE (uma)-OPUS-DEI-FENOMÉNICA na forma de (uma)-“OBRA-DE-DEUS” enquanto (uma)-consciência, outrossim, é (uma)-acção-que-se-sofre como (um)-estímulo a partir de

233 Atenção que o conceito de verdade, enquanto (uma)-verdade, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-(im)possível. Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-verdade é (um)-acontecimento-heurístico.

234 George Berkeley em “*The Principles of Human Knowledge*”, Jonathan Bennett, 2017, p. 11. Em inglês: “to exist is to be perceived”.

235 Robert Fogelin em “*Berkeley and the Principles of Human Knowledge*”, Routledge, 2001, p. 27.

(uma)-formalidade que existe e manifesta-se activamente. Ou seja, como o que se real(iza) enquanto (um)-sinal-electroquímico em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica.

Portanto, segundo (uma)-topologia-linguística, a questão tanto relativamente a (uma)-existência, quanto a (um)-acontecimento, é enquanto o que se real(iza) na forma de (um)-atravessamento-sistémico, o que não é o que atravessa (uma)-percepção que se realiza como (uma)-consciência. Posto que, desta forma, o que se pode e deve pensar acerca de (um)-arco-reflexo?

Contudo, se relativamente a (uma)-consciência, restam dúvidas. Defende-se (uma)-topologia-linguística que cada (uma) destas dúvidas, é ontofenomenologicamente decorrente de (um)-[ESSE EST PERCIPI], que enquanto (um)-[SER (SEIN) é SER percebido], é o que a partir de (um)-sujeito que se afirma como (um)-“haver” em cada (uma) das acções que se sofre, é visto afinal, não como a forma de (um)-SER-que-executa, outrossim, como (uma)-forma-SER que ao “sofrer” (uma)-acção, é o que exerce (uma)-percepção enquanto (uma)-forma-consciência acerca de cada (uma) das “coisas” aparentes. O que “há” como (uma)-existência que enquanto tal, é ontofenomenológica, mas não se real(iza) como (um)-sistema, outrossim, como (uma)-sintaxe-retórica.

Portanto, desta forma, (uma)-percepção é (uma)-existência [sistémica] e (um)-atravessamento é (um)-acontecimento [formalidade]. Contudo, como (uma)-percepção é (uma)-fracção e (um)-atravessamento é (uma)-totalidade, não se pode falar em (uma)-percepção, relativamente a cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que (uma)-percepção é (uma)-fracção de (um)-estímulo. E (um)-estímulo enquanto (um)-protótipo-objectivo, é o que formal e estruturalmente, atravessa cada (uma) das interacções sistémicas que “há”, em (um)-domínio de (um)-protótipo-NEONATAL, e que se real(izam) como (um)-protótipo-linguístico.

Mas isto não define que (um)-protótipo-linguístico-NEONATAL é (uma)-totalidade diante de (um)-protótipo-objectivo. Posto que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que “há” SÃO objectivações autopoieticas que se mantêm como existências linguísticas que em (uma)-actualidade, “há” como cada (uma) das formalidades, enquanto (uma)-real(ização) a partir de (um)-protótipo-linguístico.

Para exemplificar, é possível (des)encadear (um)-comportamento-prototípico tanto em (um)-domínio-objectivo, quanto em (um)-domínio-linguístico, diante do qual e de cada (um) dos sistemas vivos animais, ao atravessar (um)-ENGODO, é o que enquanto (um)-artifício, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE utilizado ontofenomenologicamente para iniciar (um)-comportamento. Da mesma forma, é possível mostrar-se diante de cada (um) dos sistemas vivos humanos, através desta mesma forma de exemplo. Pois, diante de (uma)-formalidade-falsa enquanto (uma)-mentira, o que se real(iza) é (uma)-ONTOFILOGENIA que ao SER ontofenomenologicamente estabelecida, é

enquanto (uma)-causalidade, o que realiza-se enquanto (uma)-reação que se pode definir como (um)-comportamento.

O que demonstra que (uma)-consciência é (um)-construto que se “faz” através de (uma)-*ergoígenia*. A partir do que se coloca mais (uma)-questão: afinal, o que difere então (um)-protótipo-objectivo de (um)-protótipo-NEONATAL (linguístico)? Será (uma)-percepção ou (um)-atravessamento?

A partida, para criar controvérsia, pode-se afirmar que NADA difere (um)-protótipo-objectivo de (um)-protótipo-NEONATAL. Posto que, NADA é (uma)-representação. Mas real(mente), segundo (uma)-topologia-linguística, a resposta está em (uma)-sistemática-*physis*-existencial-manifesta, que a partir de (um)-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-resposta-adequada, que na forma de (uma)-*ergoígenia* é, enquanto (um)-[ESSE EST PERCIPI] ou [SER (SEIN) é SER percebido], o que como (um)-[existir é existir percebido], define-se como {[o que é] é [o que é]} enquanto (uma)-percepção. E desta forma, (uma)-percepção só é possível segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-decorrência de (um)-atravessamento-sistémico que se “faz” a partir de (uma)-realidade para (uma)-real(idade) e que ao atravessar-se como (uma)-*ergoígenia*, é o que se real(iza) como (uma)-representação.

A partir do que e diante desta questão: afinal, o que difere (um)-protótipo-objectivo de (um)-protótipo-NEONATAL (linguístico)?

E a resposta enfim é (um)-NADA. Ou seja, (uma)-representação que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] em (um)-atravessamento-sistémico enquanto (uma)-existência-heurística. Mas, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”], que em (um)-ESTÁDIO-diádico é enquanto [(uma)-imagem é (uma)-imagem], o que se real(iza) como (uma)-alucinação [protótipo NEONATAL], enquanto (uma)-*ergoígenia*.

#### 5.4. REAL x Real(idade)

A partir do que se torna importante voltar (um)-pouco-mais-atrás, até ao que foi argumentado a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer (1788-1860). Pois é a partir do qual se pode definir que cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-real(idade) através de duas condições: PRIMEIRA, ao atravessar (um)-fenómeno no qual cada (uma) das existências manifesta-se enquanto (uma)-redução à (uma)-representação. O que se propõe em (uma)-topologia-linguística como (uma)-existência-linguística; e SEGUNDA, como o que se real(iza)

através de cada (uma) das representações como (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-vontade que é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Ou seja, a PRIMEIRA condição segundo Schopenhauer é (uma)-existência-ontológica que se reduz à (uma)-consciência enquanto (um)-fenómeno; e a SEGUNDA condição é o que através de (uma)-redução-da-PRIMEIRA à (um)-fenómeno, real(iza-se) na forma de (uma)-manifestação em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-representação enquanto (uma)-real(ização). Contudo, a PRIMEIRA condição segundo Schopenhauer, é (uma)-mera-superfície; e para mais, acrescenta-se que (uma)-real(idade) a qual se refere Schopenhauer, não é (uma)-real(idade) enquanto (uma)-formalidade, como o propõe (um)-sistema-topologia-linguística, outrossim, (uma)-essência que na forma de (um)-sujeito, segundo Schopenhauer, é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-representação-MUNDO e a partir de (uma)-vontade.

Por isto, segundo Schopenhauer “*o mundo é a minha representação*”. (uma)-existência que segundo Schopenhauer não é consciente. Posto que para Schopenhauer, (uma)-consciência é (uma)-mera-superfície (im)possível de SER ontofenomenologicamente estabelecida enquanto (uma)-formalidade em (uma)-essência. Pois a partir de cada (uma) das condições fenoménicas que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos como VONTADE e representação, o que “há” é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade que enquanto (uma)-real(idade) é (uma)-representação, como o propõe (uma)-topologia-linguística, mas na forma de (uma)-essência que acontece em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-(-ir)representação.

O que a partir desta explanação, é o que constata (um)-dualismo-cartesiano que, de (uma) ou de OUTRA forma, é o que ainda perdurará até aos dias actuais. Mesmo através de John Searle (1932), «entre» OUTROS. Posto que efectivamente o que se procura edificar, é (uma)-construção-ontofenomenológica que se torne realidade ao atravessar (uma)-existência em cada (uma) das interacções biológicas que se evidenciam fenomenologicamente como (uma)-consciência. O que na forma de cada (uma) das [existências manifestas], é segundo (uma)-ontofenomenologia, o que acontece como (uma)-representação.

Diante do que, (uma)-topologia-linguística afirma que: “há” (uma)-inerência em (um)-ESTÁDIO-linguístico-hierárquico que se evidencia em cada (uma) das construções discursivas como (uma)-dualidade. E que é a partir da qual se apresenta em cada (uma) das argumentações, como (uma)-ontofenomenologia que acerca de (uma)-consciência, é o que se argumenta enquanto o que não-“há”-ONTOFILOGENICAMENTE em (uma)-topologia-linguística. Posto que o que se afirma como (uma)-estrutura-(in)consciente, proposta a partir de Schopenhauer e (des)envolvida mais

profundamente em (uma)-psicanálise-freudiana, não é o que “(des)faz” (um)-dualismo-estrutural-estabelecido. Outrossim, o que o (re)força enquanto (uma)-existência-sintática-e-retórica-heurística.

Isto porquê não basta afirmar-se, através de (uma)-existência-manifesta que se real(iza) na forma de (um)-(in)consciente-schopenhauriano-ou-freudiano, que se vai escapar ao (in)escapável ESTÁDIO-linguístico-e-cognitivo-hierárquico. Posto que na forma de (um)-heurismo, o que se real(iza) em cada (uma) das formas dualidade, enquanto (uma)-estrutura-argumentativa acerca de (uma)-realidade, é o que segundo (uma)-topologia-linguística não é (um)-juízo, outrossim, (um)-sistema.

Desta forma, (uma)-solução proposta por (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-*ergoñgenia*, e que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é o que se edifica como [(uma)-real(idade)-representação a partir de (uma)-realidade-sistémica]. O que se real(iza) ao atravessar cada (uma) das interações linguísticas enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (um)-REAL (adjectivo).

Pois (uma)-*ergoñgenia* é a forma encontrada por (uma)-topologia-linguística para sem escapar ao (in)escapável, tratar (uma)-dualidade como (uma)-identidade-epistemológica. E desta forma, diferenciar [(uma)-realidade-sistémica de (uma)-real(idade)-representação] mas real(izar-se) através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, como o que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos [objecto | “lugar”] como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], que em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que viabiliza observar cada (uma) das interações linguísticas, como (uma)-estrutura-sistémica-[objecto x objecto], que se real(iza) como (um)-observado, na forma de cada (uma) das representações que “há” como (uma)-real(idade).

O que permite (um)-afastamento de cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” em (um)-ESTÁDIO-hierárquico. E que na forma de (uma)-existência-heurística, é o que se instala como (um)-ramo-da-filosofia que ao ter como (um)-objecto-de-estudo cada (um) dos valores, é o que se inicia formalmente em (um)-século-XIX, e originariamente em (um)-âmbito-económico, como o que posteriormente estende-se a cada (um) dos OUTROS âmbitos de (um)-conhecimento, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que enquanto (um)-colectivo-existencial-estudado-sociologicamente, define-se como HUMANA. O que diante da qual se destaca, o trabalho do filósofo alemão da Escola Neokantiana de Baden, Wilhelm Windelband (1848-1915).

Isto porquê Windelband foi (um)-neokantiano-progressista, que para além de protestar «contra» OUTROS neokantianos, argumentava e defendia que para “haver” (uma)-filosofia-REAL, era preciso (um)-envolvimento maior de (um)-pensamento-filosófico com cada (uma) das definidas ciências naturais.



Porquê é através de (um)-diálogo-interactivo, que (contra)riava “tudo”<sup>236</sup> o que se defendia na altura, que (uma)-filosofia segundo Windelband, apropria-se de (uma)-forma-muito-pouco-crítica<sup>237</sup>, de cada (uma) das metodologias científicas, com a finalidade de produzir filosofia e ou pensamento sintático retórico.

Mesmo nos casos já aqui citados, e que no entanto ainda isolados, é o que “há”, como no caso de John Searle (1932), que ao definir (uma)-consciência como (um)-fenómeno-biológico que deve SER (SEIN) ontofenomenologicamente investigado como (uma)-existência-neurobiológica, assume-se como (uma)-formalidade-pensamento na qual, (uma)-consciência tem (uma)-causalidade-absoluta (instável), que se real(iza) em cada (um) dos processos neurobiológicos e em cada (uma) das estruturas cerebrais, enquanto o que “há” e real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Mas que, segundo (uma)-topologia-linguística, esta tipologia de construção sintático retórica é o que (re)força consequentemente, a construção de cada (um) dos discursos que ao constituírem-se como (uma)-realidade, tomam a forma de (um)-REAL que segundo (uma)-topologia-linguística, define-se desta forma, como (uma)-real(idade)-representação (adjectiva). Posto que a partir de (uma)-forma-consciência, é o que se modela discursivamente, tal e qual (uma)-existência-REAL (substantiva), mas que enquanto tal, é o que “(des)faz” (uma)-modelação de (uma)-real(idade) proposta por (uma)-topologia-linguística, para real(izar-se) como (uma)-realidade-REAL (substantiva).

Consequentemente, isto é o que “faz” de (uma)-modelação proposta como (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistémica. No que enquanto (uma)-representação, é na forma de (uma)-real(idade)-representação, o que não se deixa [existir e manifestar-se]. Posto que “há” (uma)-realidade-condicional-e-sistémica que enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que se caracteriza a partir de (um)-atravessamento, mas que somente o é, enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. O que se “faz” voltar (in)felizmente à (uma)-existência-manifesta-dualidade, que na forma de [(uma)-consciência é (uma)-biologia], “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-real(ização)-ontofenomenológica que impede (uma)-visão-ONTOFILOGÊNICA.

Isto porquê, o que se propõe em (um)-sistema-topologia-linguística, é [(uma)-realidade que se real(iza) sistemicamente como (uma)-real(idade)] enquanto (uma)-*ergoígenia*. (um)-sistema que ao manter (uma)-forma-dualidade, é na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)],

---

236 Atenção que este “tudo” é (um)-exagero-formal.

237 Atenção, que esta expressão é (um)-exagero-formal com fins retóricos.

segundo à qual se real(iza) a partir de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], o que como (uma)-forma-representação, é o que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, acontece como (uma)-existência-linguística, que na forma de (uma)-*ergoígenia*, é (uma)-real(idade).

O que enfim define que: (um)-REAL é (um)-adjectivo e não (um)-substantivo; e (uma)-realidade é (uma)-real(idade) na forma de (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística. O que, por consequência, obriga a definir mais especificamente (um)-porquê de (uma)-formalidade-adjectiva e de (uma)-formalidade-substantiva em (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que se “há” (uma)-real(idade) é porquê se real(iza) a partir de (uma)-realidade, então como se pode afirmar que: (uma)-realidade-[sistémica | adjectiva] é (uma)-real(idade)-[formalidade | substantiva], se “há” (uma)-simultaneidade-*ergoígênica* enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico?

## 5.5. Adjectivação x Substantivação

Para responder a pergunta que está logo acima. O que BEM se pode “fazer” é (re)correr à (uma)-*ergoígenia*. Mas a questão que se coloca condiz mesmo com o que acontece *ergoígênicamente* em (um)-ESTÁDIO-monocórdio e a partir de (um)-“fazer”-monocórdio. Pois afinal, o que acontece PRIMEIRO: (uma)-caixa ou (uma)-corda?

Pois esta é mesmo a forma desta questão. Se em e «entre» (um)-recalcamento e (uma)-real(ização), o que “há” é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] enquanto (um)-REAL (adjectivo), o que se real(iza) como (um)-substantivo em (um)-simbólico-topológico é (uma)-simultaneidade-*ergoígênica*, em e «entre», (uma)-real(idade) e (um)-REAL (adjectivo), e não (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)]. Posto que o que “há” é (uma)-continuidade, que enquanto tal, real(iza-se) de (uma)-adjectivação-[realidade] à (uma)-substantivação-[real(idade)].

Isto porquê em (uma)-topologia-linguística não “há” abstrações. Porquê em (uma)-topologia-linguística, tudo-“há” até o não-“haver”. E (uma)-abstracção não é (um)-tudo-“há”, nem (um)-não-“haver”, outrossim, (um)-heurismo que na forma de [(uma)-representação de (uma)-representação] real(iza-se) como (um)-REAL (substantivo).

(uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], ao real(izar-se) como [(uma)-representação de (uma)-representação], é enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | recalcamento], o que enquanto (uma)-real(ização) é (uma)-forma-pensamento de (uma)-forma-representação. E segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-pensamento é (uma)-representação e (uma)-representação é (um)-“lugar”. O que enquanto (uma)-existência-linguística é (um)-acontecimento-linguístico como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

E o que propõe (uma)-filosofia como (uma)-forma-abstração, é (um)-fraccionamento de (uma)-forma-representação que, desta forma, pode SER ontofenomenologicamente investigada a partir de (uma)-transfixação-do-objecto que, “perfurado” e “penetrado” por (uma)-consciência, real(iza-se) como (um)-possível enquanto (uma)-forma-pensamento.

Mas o que (uma)-topologia-linguística pergunta-se é: como é possível transfixar (um)-*objectum* que enquanto tal, é enquanto (uma)-“coisa”-aparência “lançada adiante” na forma de (uma)-representação, como (uma)-consciência que enquanto tal é (um)-fenómeno, mas também, é a própria manifestação que se “lança adiante” enquanto (uma)-formalidade?

Pois, para responder a esta pergunta, optou-se por enveredar-se pelo SER-sartriano na forma de (um)-“em-si” e de (um)-“para-si” a procura de (uma)-solução que se apresente a partir de (uma)-necessidade. Mas definitivamente, (uma)-adjectivação e (uma)-substantivação constituem-se em (uma)-continuidade que a partir de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], real(iza-se) como (uma)-representação. Isto porquê (uma)-adjectivação é (uma)-realidade-sistémica [recalcado]<sup>238</sup> e (uma)-substantivação é (uma)-real(idade)-real(ização). O que, desta forma, real(iza-se) em cada (uma) das interacções linguísticas em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-continuidade-[adjectivação | substantivação].

---

238 Atenção que (um)-recalcado, não é o mesmo que (um)-recalcamento em (um)-sistema-topologia-linguística.

## **PARTE II – “EM-SI” E “PARA-SI”**

Como a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, cada (uma) das “coisas” na forma de (uma)-realidade, é *ergoñgenicamente* (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológico que “atirada adiante” na forma de (um)-*obiectum*, é o que se real(iza) como (uma)-representação. E como (uma)-representação “atirada adiante”, é “aquilo que se apresenta” como (uma)-aparência, na forma de (uma)-representação. Pode-se afirmar *ergoñgenicamente*, que a partir de (uma)-topologia-linguística, cada (um) dos objectos que “há” em (uma)-real(idade), é (uma)-“coisa”-aparência que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], apresenta-se como (uma)-real(ização) enquanto (uma)-formalidade.

Portanto, nesta SEGUNDA PARTE desta dissertação, vai-se abordar a partir de (uma)-topologia-linguística, (uma)-fenomenologia e (uma)-ontologia em (uma)-simultaneidade. Como “aquilo que se apresenta” “atirado adiante”. Ou seja, como [(um)-fenómeno (*phaneroo*<sup>239</sup>) + (uma)-existência (*obiectum*<sup>240</sup>)] que na forma de (uma)-“coisa”-aparência tem (uma)-finalidade: SER ontofenomenologicamente investigada para (um)-estudo e (uma)-argumentação acerca de (uma)-existência-“em-si”, [como (uma)-“coisa”-aparência que se (re)vela na forma de (uma)-real(idade)]; e de (uma)-existência-“para-si”, [como (uma)-realidade que se (re)vela como (uma)-forma-representação, enquanto (uma)-“coisa”-aparência]; ambas [existências manifestas] a partir do que propõe (uma)-ontofenomenologia-sartriana.

Mas como segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-representação que em (um)-simbólico-topológico, existe como (uma)-formalidade em (um)-REAL (adjectivo). Mas em (um)-REAL-topológico, existe na forma de (uma)-prática-linguística enquanto (uma)-essência [(ir)representável]. Vai-se optar por tratar cada (uma) das formas de [existência manifesta] na forma de (uma)-“coisa”-aparência, como (uma)-essência [(ir)representável] em (um)-REAL-topológico que, enquanto (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] como (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) em (uma)-topologia-linguística, enquanto (um)-acontecimento-linguístico.

E, desta forma, cada qual como (um)-acontecimento-linguístico que enquanto (uma)-representação e segundo o que defende (uma)-topologia-linguística, [existe e manifesta-se] como (uma)-“coisa”-aparência que “há” como (uma)-real(idade), que se real(iza) a partir de cada (uma) das interacções linguísticas, que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis a partir de cada (uma) das realidades, que se real(izam) em cada (um) dos sistemas vivos humanos individualmente ao atravessar (um)-sinal-electroquímico.

---

239 Dicionário Strong, verbete 5319 – verbo que se define como “tornar manifesto ou visível ou conhecido, o que estava escondido ou era desconhecido, manifestar, seja por palavras, ou ações, ou de qualquer outro modo”.

240 Do latim “*obiectum*” que se define como “lançado adiante”.

Pois, o que se pretende ao proceder desta forma, é possibilitar (uma)-argumentação através de (uma)-analogia-possível, em e «entre», (uma)-filosofia e (uma)-topologia-linguística, que a partir de cada (uma) das “coisas” aparentes que “há” em (uma)-real(idade), é na forma de (uma)-representação, o que enquanto (uma)-*physis*-existência-linguística, estabelece-se e define na forma de (uma)-topologia-linguística e a partir de (uma)-realidade.

A partir do que, tomada como (uma)-existência-linguística e através de (uma)-prática-linguística que tem (uma)-origem em (um)-“fazer”-neurofisiológico. Vai-se investigar nesta SEGUNDA PARTE, (uma)-realidade que real(mente) é (uma)-*ergoígenia*.

Posto que é a partir da indagação: como cada (um) dos sistemas vivos humanos “percebe” (NOESIS) (um)-REAL (NOEMA)? Que efectivamente considera-se (um)-carácter-ontofenomenológico a partir deste estudo. Contudo, se este REAL é adjectivo, como o propõe (um)-sistema-topologia-linguística, não “há” (um)-NOEMA, outrossim, o que “há” é (uma)-ONTOFILOGENIA.

Para tanto, vai-se recorrer a (uma)-publicação de 1943 intitulada: “*O ser e o nada*”. Escrita por Jean-Paul Sartre (1905-1980) e considerada (uma)-ontologia-fenomenológica, que segundo (uma)-fundamentação-sartriana, propõe-se na forma de (uma)-OBRA-filosófica a partir de (uma)-fenomenologia-husserliana. (uma)-OBRA na qual (uma)-percepção [NOESIS | acto consciente], é tida como (uma)-realidade [NOEMA | pensamento] que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, permite (uma)-construção de (uma)-real(idade) a partir de (uma)-consciência.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de (um)-acontecimento-significante. Mas que através de (uma)-analogia em e «entre», (uma)-topologia-linguística e (uma)-ontofenomenologia-filosófica, apresenta-se como (um)-fundamento-e-ponto-de-partida para (uma)-construção de (uma)-consciência-fenomenológica à moda husserliana.

Desta forma, o que Sartre procura é (des)vendar (uma)-consciência como (uma)-*physis*-existência a partir de (uma)-experiência-de-satisfação<sup>241</sup>. E para tal empresta-se de cada (uma) das expressões: “em-si” e “para-si”; assinaladas por Georg Hegel (1770-1831) na OBRA filosófica “*Ciência da lógica*”.

OBRA tipicamente hegeliana publicada [em e «entre»] os anos de 1812 e 1816, e na qual Hegel procura investigar e argumentar acerca de (uma)-“coisa”-“em-si”-kantiana, em termos de SER (SEIN), ESSÊNCIA (SOSEIN) e CONCEITO. Separando-se definitivamente de (um)-pensamento-kantiano, ao eliminar (uma)-diferença que “há”, em e «entre», (uma)-“coisa”-“em-si” e (um)-

---

<sup>241</sup> (uma)-experiência-de-satisfação é TODA-experiência que ao atravessar os sentidos em (uma)-visão-psicanalítica-freudiana, é o que se qualifica enquanto (uma)-energia-psíquica ao real(izar-se) como (um)-“fazer” que é basicamente, o que Freud defende como (uma)-experiência-de-satisfação, mas na qual nunca ocorre satisfação, coincidindo ou não coincidindo (uma)-percepção com (uma)-lembrança. Pois o que “há” em (uma)-existência-sistémica-humano, é (uma)-persistência para real(izar) (um)-“fazer”, sendo isto o que Freud define como (uma)-*pulsão*.

fenómeno. Pois ao procurar esclarecer que (um)-fenómeno é (uma)-realidade de (uma)-“coisa”-“em-si”, defende que (um)-conceito não é (uma)-abstração na forma de (uma)-pensamento de (um)-conteúdo-empírico, outrossim, (uma)-materialidade que na forma de (uma)-“coisa”-concreta é enquanto (um)-NOEMA, (uma)-forma-pensamento.

#### A. SUJEITO X OBJECTO

Entretanto, é a partir de (uma)-fenomenologia-husserliana, que Sartre (re)afirma (uma)-importância de considerar (uma)-existência-“para-si” como (uma)-consciência. O que enquanto (uma)-Intencionalidade, está direccionada à (uma)-“coisa”-aparência [objecto] que, desta forma, partilha-se na forma de (uma)-crença-existencialista que em cada (um) dos pensamentos de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (um)-fenómeno que tem origem em (uma)-consciência.

Argumentando que cada (um) dos sistemas vivos humanos, não é meramente (um)-sujeito com determinações PURAS e que PENSA, como p propõe a filosofia kantiana. Outrossim, que cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-SER (SEIN) que se determina ontofenomenologicamente, como (um)-sistema-vivo-auto-determinável que sente, decide, age e vive a partir de (uma)-consciência. O que “faz” segundo Sartre, de cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-sujeito que existe “para-si” a partir de (uma)-consciência: (um)-existindo-ontofenomenologicamente.

Diante do que (uma)-topologia-linguística defende que: (um)-pensamento é (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) e apresenta como (uma)-formalidade na forma de (um)-discurso. Ou seja, o que se real(iza) sistemicamente, na forma de (uma)-representação e a partir de (uma)-*ergoñgenia*.

Mas, como o ponto de partida para (uma)-argumentação-sartriana é (uma)-existência de cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (um)-sujeito a partir de (uma)-consciência. E que, é (uma)-consciência o que se constitui individualmente em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que o permite como (uma)-construção em (uma)-mundanidade, como também, enquanto (uma)-sistemática-de-vida, (uma)-topologia-linguística vai afirmar que Sartre apregoa o mesmo que (um)-idealismo-hegeliano, entretanto, a partir de (um)-fenómeno.

Mas não a partir de (um)-primado-do-“EU”-subjectivo, como no idealismo hegeliano, outrossim, a partir de (uma)-PURA-(in)determinação na forma de (uma)-consciência. O que se afirma como (uma)-existência na forma de (uma)-manifestação enquanto (um)-“EU”-subjectivo que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-“EU”-subjectivo é (uma)-formalidade que a partir da forma de (uma)-subjectividade é (uma)-

homeomorfia. Pois a partir de (uma)-realidade que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se real(iza) na forma de cada (uma) das representações é como (uma)-real(idade).

O que segundo Sartre, é desta forma que (um)-sujeito com (uma)-consciência, existe como (um)-indivíduo que, desta forma, é (uma)-existência-“para-si”. Mas segundo Sartre, este é (um)-sujeito que tem (uma)-*ergoñgenia* em (um)-NADA. Isto porquê cada (um) dos sistemas vivos humanos tem (uma)-consciência-do-mundo, que na forma de (uma)-NOESIS<sup>242</sup> [acto de conhecer] em (uma)-fenomenologia-husserliana, é (uma)-interacção-NOÉMICA que na forma de (um)-pensamento, real(iza-se) como (uma)-representação que NADIFICA cada (uma) das existências “em-si”.

Pois este é (um)-fenómeno que segundo Sartre, precisa SER (SEIN) ontofenomenologicamente investigado enquanto (uma)-forma-de-existir-individual que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que, desta forma, é (uma)-existência que se direcciona para cada (uma) das “coisas” aparentes, procurando real(izá-las) na forma de “coisas” que se (re)velam e apresentam ao atravessar (uma)-consciência. A forma de (um)-fenómeno que ao atravessar (uma)-Intencionalidade, concede-se à cada (uma) das “coisas” aparentes como (um)-significado que, enquanto (uma)-manifestação de (uma)-consciência, é (uma)-representação.

Como desta forma proposta por Sartre, (um)-existencialismo-sartriano não se afasta do que de (um)-idealismo-hegeliano empresta-se a partir das expressões “em-si” e “para-si”. E visto que (uma)-subjectividade-fundamental-ao-idealismo mantém-se em cada forma que se real(iza) a partir de (uma)-consciência enquanto (um)-“EU”-subjectivo. Pode-se afirmar que Sartre não reduz (uma)-realidade à (um)-pensamento, outrossim, a duas existências dintintas: (uma), na forma de (uma)-existência-“em-si”, que se real(iza) em cada (uma) das “coisas” aparentes; e OUTRA, na forma de (uma)-existência-“para-si”, que se real(iza) a partir de (uma)-consciência na forma de (uma)-representação de cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto (uma)-existência-consciente. O que NADIFICA cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto existências linguísticas.

Consequentemente, como Sartre não reduz (uma)-realidade à (uma)-representação-correspondente, nem existencial, nem fenomenologicamente; e visto que cada (uma) das “coisas” aparentes, na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se real(iza) a partir de (uma)-consciência. A forma de (uma)-existência-fenomenica em cada (um) dos sistemas vivos humanos é (uma)-existência-“para-si”. Pois isto é o que estabelece que (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência, é na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] a forma de (uma)-representação que, em (uma)-conformidade com (um)-“EU”-subjectivo, é o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-sujeito e enquanto (uma)-existência que

---

242 (uma)-compreensão-imediata em (uma)-fenomenologia-husserliana.



Sartre define como “para-si”. (uma)-existência-“EU”-subjectiva-absoluta-e-individual (instável) que na forma de (uma)-consciência, estabelece-se como a forma de (um)-sujeito.

## B. Consciência x Representação

Assim, na forma de (um)-*percipiens*<sup>243</sup> (uma)-existência-“para-si” “(des)faz” (uma)-velha-oposição, em e «entre», (um)-sujeito e (um)-objecto a partir da forma de (uma)-consciência. Posto que segundo Sartre, (uma)-representação de (uma)-“coisa”-aparência na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (um)-fenómeno é (uma)-PURA-aparência. O que ao “pertencer” a cada (um) dos sistemas vivos humanos, e não a cada (uma) das interações de cada (um) dos sistemas vivos humanos com cada (um) dos objectos em (uma)-real(idade), é (uma)-representação.

Ou seja, segundo Sartre, (uma)-representação é o que “há” em todo-(um)-“haver”, não como (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, como (uma)-relação que “há”, em e «entre», duas existências: (uma)-existência-“para-si”, na forma de (uma)-consciência; e (uma)-existência-“em-si”, na forma de (uma)-“coisa”-aparência.

E, desta forma segundo Sartre, (uma)-consciência é na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que existe como (uma)-realidade, não na forma de (uma)-“coisa”-aparência, mas «antes», na forma de (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência. O que, desta forma, é como o que se pode tratar enquanto (um)-fenómeno que, desta forma, é (uma)-representação.

Ou seja, (um)-objecto-ideal que existe em (uma)-mente. O que não o constitui como (um)-objecto enquanto o que existe, estabelecendo-o tão somente como (um)-NADA que se real(iza) na forma de (uma)-representação. Por isto, segundo (um)-existencialismo-sartriano, (uma)-consciência é PURA (in)determinação, ou seja, (um)-NADA.

Porquê ao tratar, desta forma, cada (uma) das representações a partir de (uma)-realidade, como (um)-objecto que existe absolutamente (instável) na forma de (uma)-existência-“para-si”, Sartre permite que se (re)vele em cada (um) dos objectos (uma)-real(idade). (uma)-entidade-objectiva que na forma de (um)-NOEMA é (um)-pensamento. Posto que “há” (existe) em cada (uma) das interações objectivas, como (uma)-realidade que a partir de (uma)-existência-que-se-intervém, e a qual Sartre define como (uma)-existência-“para-si”, é o que se real(iza) através de (uma)-consciência.

Pois é na forma de (um)-“EU”-subjectivo, que fenomenologicamente real(iza-se); e a partir de (uma)-consciência, que se permite (uma)-convergência à (uma)-existência-“para-si” de (um)-

---

243 Em latim: “aquele que percebe”.

pensamento de Hannah Arendt (1906-1975), que se real(iza) na forma de (uma)-condição-humana-da-acção. Pois segundo Sartre, ao (trans)formar cada (uma) das interacções sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-acção completamente (in)dependente de cada (uma) das existências “em-si”, é o que na forma de (uma)-consciência, mas não na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto objectos, estabelece que (um)-sujeito é na forma de (uma)-consciência, o que existe como cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Posto que cada (uma) das “coisas” aparentes, como (uma)-existência-“em-si”, é enquanto (um)-objecto, como o que se “atira adiante”, (uma)-“coisa”-aparência que não existe em (uma)-simultaneidade-[sinal electroquímico | representação] que se “atira-se adiante”. O que permite que (uma)-forma-pensamento, como (uma)-existência-“para-si”, exista em cada (uma) das interacções sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos, absolutamente (instável) estruturada como (uma)-existência-linguística.

Mas, como segundo (uma)-topologia-linguística, o que “há” em todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“ha” é (uma)-simultaneidade-[sinal electroquímico | representação] que se real(iza), em e «entre», [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (um)-objecto que se “atira-se adiante”. “Há” (uma)-formalidade que na forma de (uma)-representação, é preciso investigar formal, estrutural e linguisticamente, como (uma)-mundanidade e também como (um)-porquê de (uma)-diferença que “há”, em e «entre», o que se apregoa como (uma)-ontofenomenologia e o que se defende a partir de (uma)-topologia-linguística como (uma)-ONTOFILOGENIA.

Entretanto, para investigar (uma)-*physis*-existência como (uma)-estrutura-existencial-manifesta que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir de (uma)-estrutura-linguística. É o que se permite real(izar) como (uma)-analogia, em e «entre», (uma)-topologia-linguística e (uma)-ontofenomenologia-sartriana, a partir da qual será preciso (re)tomar (uma)-questão acerca de (uma)-consciência, mas a partir de (uma)-OBRA-publicada em 1843 por Johannes de Silentio, (um)-pseudónimo-do-filósofo-dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), como (um)-caminho-alternativo para (uma)-investigação-linguística.

Intitulada “*Temor e Tremor*”, esta OBRA publicada em 1843, procura apropriar-se para (des)envolver (uma)-argumentação, de (uma)-história-bíblica que está contada no Livro de Gênesis, na qual o patriarca Abraão tem de “fazer” (uma)-prova-de-fé [(uma)-estrutura-de-ambiguação na forma de (uma)-prática-linguística-estável] à Deus, ao oferecer (um)-filho-ÚNICO de nome Issac em sacrifício, no Monte Moriá próximo da cidade de Salém.

## C. Escolha x Decisão

Desta forma, diante do pedido de Deus a Abraão, Johannes de Silentio argumenta que Abraão tem que “fazer” (uma)-escolha [(uma)-negação-estável de (uma)-prática-linguística na forma de (uma)-prática-linguística]. Diante do que Johannes de Silentio pergunta-se: sofrerá Abraão durante este acto de escolher (uma)-angústia [(uma)-estrutura-de-ambiguação]? Porquê diante de (uma)-necessidade-de-decidir [negar (uma)-prática-linguística enquanto (uma)-prática-linguística] atender ou não atender ao que lhe foi pedido por Deus, Silentio pergunta-se acerca de (um)-objecto que, na forma de (uma)-angústia, é “em-si” [objecto | angústia], caso Abraão sofra (uma)-angústia enquanto (uma)-forma-de-existência-“para-si” [consciência]?

Pois, é a partir de (uma)-indagação que se estabelece esta curiosa relação que “há”, em e «entre», Abraão, Deus e Sartre: (uma)-relação de (um)-absoluto (instável), na forma de (uma)-consciência em Abraão. Pois Abraão tem (uma)-consciência de (um)-pedido-de-Deus que em (uma)-interacção-absoluta (instável) que “há”, em e «entre», (uma)-consciência [“para-si”] e (uma)-decisão [objectiva | “em-si”] de Abraão, que tem que se “fazer” como (uma)-escolha [(uma)-negação-estável na forma de (uma)-prática-linguística], é o que “há”, em e «entre», dois objectos: decidir [negar (uma)-prática-linguística enquanto (uma)-prática-linguística], pois Abraão como (um)-sujeito é o ÚNICO capaz de cessar (uma)-angústia [(uma)-estrutura-de-ambiguação] ao decidir [(uma)-prática-linguística-estável] sacrificar [primeiro objecto] ou não sacrificar [segundo objecto] Isaac.

(um)-“fazer” [escolher | (uma)-negação-estável na forma de (uma)-prática-linguística] que segundo Johannes de Silentio, é atravessado por (uma)-angústia [(uma)-estrutura-de-ambiguação, na forma de (uma)-prática-linguística-estável], porquê Abraão é absolutamente (instável) e ÚNICO enquanto (um)-sujeito diante de (uma)-decisão: escolher. Pois (um)-“EU”-subjectivo de Abraão é (uma)-essência (SOSEIN | prática linguística) na forma de (um)-discurso, e segundo o qual, (um)-sujeito diante de (uma)-decisão manifesta-se fenomenologicamente como (uma)-angústia na forma de (uma)-prática-linguística. Ou seja, Abraão está diante de (uma)-interacção-linguística-absoluta (instável), porquê é através de (um)-“EU”-subjectivo que “faz” (uma)-decisão na forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) e a partir de (um)-absoluto (instável), que segundo Silentio, é na forma de (uma)-consciência que se instala em Abraão linguisticamente, permitindo-lhe (um)-“fazer” de (uma)-decisão.

Mas o que este discurso apresenta, é (uma)-ideia de que (uma)-consciência é definida como (uma)-estrutura-instável (absoluta) que atravessa cada (um) dos discursos que “há” fechados em (um)-sistema-simbólico. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é prova suficiente de que

(uma)-consciência é (uma)-representação de (uma)-interacção-sistémica que, entretanto, ao SER ontofenomenologicamente apresentada na forma de (um)-discurso enquanto (uma)-existência que se manifesta, atravessa (um)-“fazer” (trans)forma(ndo-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto (uma)-forma-sujeito, no que ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas estabelecidas enquanto (um)-sistema-simbólico-fechado, no que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”-absoluto (instável | consciente) que “há”, em (um)-sujeito que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Doze meses depois de “*Temor e Tremor*”, em 1844, Vigilius Haufniensis, OUTRO pseudónimo do filósofo e teólogo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), publica OUTRO livro: “*O Conceito de Ansiedade*”. Como na publicação de 1843, nesta OBRA Kierkegaard também estabelece (uma)-argumentação-filosófica a partir de (uma)-história-bíblica. Mas, desta vez a partir de Adão, que segundo a tradição judaico cristã, representa (um)-primeiro de cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (um)-homem.

Criado por Deus a partir do barro e como imagem [alucinação] e semelhança de Deus. De (uma)-costela de Adão, Deus criou (uma)-mulher chamando-a Eva. Adão e Eva como (um)-casal, e desta forma, viveram no Jardim do Éden criado por Deus e onde Deus disse a Adão: de TUDO podem comer [(uma)-prática-linguística-instável], mas não podem comer [(uma)-negação-estável de (uma)-prática-linguística-instável] (um)-fruto da Árvore do Conhecimento [ente-axiológico], isto porquê Deus os proibiu [(uma)-negação-absoluta (instável), na forma de (uma)-prática-linguística-estável], dizendo que não comessem do fruto desta árvore.

Apesar desta argumentação estar alicerçada no pecado [(um)-ente-axiológico como (uma)-prática-linguística], Haufniensis procura focar-se na forma de (uma)-primeira-angústia [(uma)-estrutura-de-ambiguação, na forma de (uma)-prática-linguística-estável] experimentada por (um)-primeiro-homem – Adão – para procurar investigar linguisticamente (um)-conceito de BEM e de MAL considerado maniqueisticamente – BEM x MAL – como (uma)-“coisa”-aparência que não existe «antes» de (uma)-primeira-decisão [(uma)-negação-estável na forma de (uma)-prática-linguística-interactiva] de (um)-primeiro-homem [Adão]. Pois o que instala em cada (um) dos conceitos de BEM e de MAL segundo Haufniensis, é (uma)-primeira-decisão [(uma)-prática-linguística-estável] de (um)-primeiro-homem [Adão].

Portanto, comer [(uma)-prática-linguística-instável] (um)-fruto-proibido [ente-axiológico] de (um)-ponto-de-vista-kierkegaardiano, é (uma)-decisão para Adão [(uma)-prática-linguística-estável que afirma (uma)-prática-linguística-instável, negando absolutamente (uma)-prática-linguística-estável] que ao fundar (um)-conceito-de-MAL [(uma)-prática-

linguística-estável na forma de (um)-ente-axiológico], atravessa (um)-entendimento [(uma)-consciência na forma de (uma)-prática-linguística-estável] de (uma)-proibição [(uma)-negação-absoluta na forma de (uma)-prática-linguística-estável].

Entretanto, Haufniensis alerta para (um)-facto: cada (um) dos conceitos de BEM e de MAL não existiam «antes» de Adão decidir [(uma)-negação na forma de (uma)-prática-linguística-estável]. Portanto, Adão não podia [(uma)-negação de (uma)-prática-linguística-estável] considerar [(uma)-prática-linguística-estável] que comer (um)-fruto-proibido [(uma)-negação-absoluta na forma de (uma)-prática-linguística-estável] era (um)-“fazer”-neurofisiológico, que segundo (uma)-topologia-linguística, era (um)-MAL [(uma)-prática-linguística-estável na forma de (um)-ente-axiológico] enquanto (um)-acontecimento-heurístico-e-axiológico.

Mas, como Adão sabia [(uma)-prática-linguística-estável] que Deus tinha-lhe dito para não comer (um)-fruto [(uma)-negação na forma de (uma)-prática-linguística-estável], o que se instaura em Adão é (uma)-angústia [(uma)-estrutura-de-ambiguação a partir de (uma)-estrutura-axiológica] segundo Haufniensis. O que implica que (uma)-proibição [(uma)-negação-absoluta (instável) na forma de (uma)-prática-linguística-estável] é o que se estabelece em que cada (um) dos sistemas vivos humanos, que “há” o que é LIVRE [(uma)-prática-linguística-estável como (um)-ente-axiológico], e também que (uma)-liberdade é (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que ao afirmar-se a partir de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta | consciência), nega-se absolutamente (instável), enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva): ou seja, desta forma, (uma)-liberdade é (um)-LOGRO.

Como (um)-pecado [(uma)-prática-linguística-estável como (um)-ente-axiológico] que surge somente depois de Adão comer (um)-fruto-proibido [(uma)-negação do NÃO enquanto (um)-“fazer” que, como (uma)-prática-linguística-estável é (uma)-afirmação – (uma)-denegação – portanto, “comeu”], o que segundo Haufniensis, “faz” de (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável] o que precede cada (uma) das decisões [(uma)-negação na forma de (uma)-prática-linguística-estável]. Ou seja, (uma)-vontade que enquanto (uma)-“coisa”-“em-si”-schopenhaueriana é o que enquanto (uma)-representação, projecta-se como (um)-“fazer”, «sobre» cada (uma) das decisões, provocando-se como (uma)-angústia: (um)-fetiche-interactivo [“estável” na forma de (um)-querer, e interactivo na forma de (uma)-representação] que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-real(ização)-heurística.

Portanto, (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável | (um)-fetiche] conduz cada (um) dos sistemas vivos humanos à (uma)-existência-“para-si” que, segundo Haufniensis, é na forma de (uma)-consciência, o que atravessa cada (uma) das decisões. Mas na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável) que está fora-de-foco devido a (uma)-obnubilação. Ou seja, cada (uma) das decisões de

cada (um) dos sistemas vivos humanos está dispersa na forma de (uma)-escolha [(uma)-negação de (um)-NÃO, na forma de (um)-“fazer” que, segundo (um)-fetiche-interactivo, “faz(-se)”, segundo (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), através de (uma)-decisão] a partir deste ponto de vista kierkegaardiano.

(uma)-afirmação [(uma)-prática-linguística-estável | decisão] que ao negar (uma)-prática-linguística-instável (comer) não maniqueísta e na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), é o que segundo (uma)-topologia-linguística, estabelece-se como (uma)-estrutura-axiológica que ao atribuir (um)-valor à (uma)-decisão, a partir da projecção de (uma)-representação «sobre» (uma)-prática-linguística, real(iza-se) como (uma)-obnubilação.

Desta forma, é a partir de (uma)-escolha [(uma)-prática-linguística-estável-obnubilada] que Haufniensis defronta (um)-interlocutor com (um)-exemplo: (uma)-imagem [alucinação] de (um)-homem-a-beira de (um)-precipício.

A partir da qual afirma [na forma de (uma)-estrutura-axiológica] que: cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-forma-homem, quando olha da beira deste precipício para «dentro» do precipício [como (uma)-negação de (uma)-prática-linguística-instável], experimenta (um)-medo-de-cair [(uma)-prática-linguística-estável]. Mas também, em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], experimenta (um)-impulso-de-atirar-se [(uma)-prática-linguística-estável]. E isto é o que organiza, do ponto de vista de (uma)-topologia-linguística, (uma)-estrutura-axiológica em (uma)-existência-linguística a partir de (um)-fetiche-interactivo (estável | escolher). Posto que se propõe como (uma)-estrutura-de-ambiguação [TUDO pode comer mas, “há” (uma)-proibição] na forma de (uma)-simultaneidade-[medo | impulso ou pulsão].

Portanto, é diante de (uma)-experiência-kierkegaardiana-de-dupla-ambiguação [(uma)-afirmação de (uma)-prática-linguística-estável como (um)-fetiche-interactivo], que Haufniensis define (uma)-“vertigem de liberdade” [(um)-fetiche-interactivo que se expressa na forma de (uma)-prática-linguística-estável] como o que não é mais que (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável | (um)-fetiche-interactivo] causada por (uma)-liberdade [(uma)-representação de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta), na forma de (um)-LOGRO] para escolher [como “aquilo” que se “faz” estável a partir de (uma)-negação de (uma)-prática-linguística], “saltar” ou “não saltar”, “comer” ou “não comer”.

Pois, segundo Kierkegaard, “há” (um)-facto em cada (um) dos sistemas vivos humanos, que se tem enquanto (uma)-simultaneidade-[medo | impulso ou pulsão]. (uma)-possibilidade que também é (uma)-liberdade [(uma)-ambiguação] para escolher (um)-“fazer” [(uma)-prática-linguística-estável (interactivo)] ou (um)-NÃO-“fazer” [negar (uma)-prática-linguística-estável]. Mas o que “faz” SOBREVIR (um)-sentimento-de-angústia [(uma)-prática-linguística-estável | (um)-fetiche-interactivo] em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Porquê segundo (uma)-topologia-linguística, o que se constitui como (uma)-estrutura-

axiológica a partir de (um)-fetiche-absoluto [(uma)-ambiguação como (um)-LOGRO], e na forma de cada (uma) das real(izações) em (uma)-real(idade), é (uma)-MORTE.

A partir do que, Haufniensis afirma também que (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável] é (um)-modo de cada (um) dos sistemas vivos humanos receber (uma)-salvação [(uma)-prática-linguística-estável como ente-axiológico]. Porquê (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável], é o que (in)forma a cada (um) dos sistemas vivos humanos que pode escolher [(uma)-negação de (uma)-prática-linguística-estável], através de (uma)-prática-linguística-estável-obnubilada (interactiva), e que também pode negar (uma)-prática-linguística – instável ou estável – a partir de (uma)-consciência. Posto que a partir de (uma)-responsabilidade-[medo | impulso ou pulsão], está sempre a escolher o que real(mente) não está a ver, segundo o que defende (um)-sistema-topologia-linguística.

Pois, o que estrutura (uma)-axiologia em cada (uma) das decisões [(uma)-prática-linguística-estável] de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (um)-acoplamento-estrutural-linguístico que segundo (uma)-topologia-linguística, não é ONTOGÊNICO, outrossim, (uma)-sistemática-de-vida-ONTOFILOGÊNICA.

Mas, segundo Sartre e Kierkegaard, é (uma)-consciência o que leva cada (um) dos sistemas vivos humanos de (um)-estado-fora-de-foco [(uma)-obnubilação | axiologia], a partir de (uma)-decisão, que se dispersa por (uma)-escolha [(uma)-negação de (um)-NÃO enquanto (um)-"fazer" – (um)-fetiche-absoluto – que se "faz" em (uma)-prática-linguística-estável através de (uma)-decisão] [visão kierkegaardiana], para (um)-estado-consciente de (um)-potencial [(uma)-prática-linguística-estável] que, ao negar (uma)-obnubilação [(uma)-representação] o que se "faz" enquanto (uma)-forma-consciente, é o que enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), define-se a partir de (uma)-forma como (um)-QUERER.

Portanto, tanto para Sartre, quanto para Kierkegaard, (uma)-angústia [(uma)-prática-linguística-estável] é o que "faz" com que cada (um) dos sistemas vivos humanos fique consciente do que Kierkegaard define como (uma)-"vertiginosa liberdade" [a afirmação de que TODA e qualquer prática linguística é (uma)-obnubilação]. (uma)-estrutura-axiológica que se constitui como (uma)-realidade-linguística que "há" em cada (um) dos sistemas vivos humanos segundo (uma)-topologia-linguística, enquanto (uma)-existência-hierárquica-e-heurística.

Isto porquê, cada (um) dos sistemas vivos humanos em (um)-existencialismo-fechado-sartriano-kierkegaardiano em (um)-simbólico-topológico, para decidir precisa real(izar)-se subjectivamente através de (uma)-"vertiginosa liberdade". Pois ao olhar da beira de (um)-precipício para «dentro» de (um)-precipício [negando-se enquanto (uma)-prática-linguística-instável, e afirmando-se como (uma)-obnubilação, ao decidir-se, na forma de (uma)-prática-linguística-estável], (re)vela-se como (uma)-existência-interactiva (estável),

que ao atravessar a forma de (uma)-decisão enquanto (uma)-prática-linguística, é como (um)-sujeito que “salta” ou “não salta”, (uma)-forma que segundo Sartre e Kierkegaard, precisa através de (uma)-angústia-individual-e-subjectiva, “haver” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, ao atravessar (um)-“EU”-subjectivo para alcançar-se enquanto (um)-SER-ontofenomenológico na forma de (uma)-existência e através de (uma)-consciência.

#### D. Percepção x Obnubilação

Portanto, é preciso que “haja” (uma)-percepção que na forma de (uma)-representação enquanto (uma)-existência-“para-si”, real(iza-se) segundo (uma)-topologia-linguística, através de (uma)-consciência-obnubilada <sup>[(uma)-prática-linguística-estável (interactiva)]</sup>. Ou seja, (uma)-percepção que segundo (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-existência-transfixável. Posto que enquanto (uma)-percepção, é (uma)-existência-“em-si” enquanto (uma)-“coisa”-aparência. O que devido a (uma)-*physis*-existência-sistémica, ao atravessar (um)-estímulo e existir como (uma)-realidade-electroquímica, e não como (uma)-representação. Apesar de SER ontofenomenologicamente (uma)-realidade, é segundo (uma)-topologia-linguística o que se real(iza) como (uma)-real(idade).

Mas, é o que pode SER ontofenomenologicamente por isto, o que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é como (uma)-obnubilação que ao impedir (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)] em cada (uma) das decisões de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que “há” como (uma)-consciência-efectiva, mas que na forma de (uma)-existência-“para-si”, estabelece que (um)-“haver”, como tudo-o-que-“há”, existe como (uma)-obnubilação <sup>[(uma)-representação]</sup> que é (uma)-(im)possibilidade-absoluta (instável), que na forma de (um)-fetiche-absoluto (instável), é a partir do qual (uma)-consciência em (uma)-decisão, é (um)-“haver” que enquanto (uma)-possibilidade (adjectiva), real(iza-se) na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), como (uma)-real(idade) que não-“há” como (uma)-realidade.

Pois, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos segundo (uma)-topologia-linguística, decide real(mente) em (um)-estado-fora-de-foco. O qual não se pode (re)velar na forma de (um)-sujeito e através de (uma)-consciência. O que não lhe permita (uma)-decisão <sup>[na forma de (uma)-prática-linguística]</sup>. Posto que, desta forma, em (um)-estado-fora-de-foco, cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-sociedade, existe não como (um)-sujeito-consciente acerca de cada (uma) das entidades objectivas – NOEMAS, representações ou pensamentos – outrossim, como (um)-objecto que subjaz como cada (uma) das “coisas” aparentes. A partir do que se define que (uma)-



existência-“para-si” a partir de (uma)-forma-consciência, segundo (um)-ponto-de-vista em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-(im)possibilidade.

Isto porquê, a forma de (uma)-“vertiginosa liberdade” é ONTOFILOGENICAMENTE (um)-acontecimento que enquanto (uma)-NOESIS e na forma de (uma)-consciência, não-“há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. E que não provoca real(mente) (uma)-angústia <sup>[(uma)-prática-linguística-estável]</sup>, mas «antes», o que ao atravessar a forma de (uma)-representação, dá origem em (um)-NADA [ como (uma)-existência-“para-si”], no que ao estabelecer-se como (um)-fetiche-absoluto (instável), é enquanto (uma)-formalidade, o que se real(iza) como (uma)-LIBERDADE, que enquanto (uma)-forma-QUERER, não é (uma)-forma-representação, mas «antes», (um)-heurismo enquanto (um)-fetiche.

Por isto, segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-representação não se constitui a partir de (uma)-existência-“para-si”, mas tão somente a partir de cada (uma) das “coisas” aparentes. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], não é portanto, o que se real(iza) a partir de (uma)-decisão, enquanto (uma)-forma-representação, mas «antes», como (uma)-projecção que se (trans)forma em (uma)-formalidade a partir de (uma)-forma-fetiche e que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) como (um)-heurismo.

Isto porquê “há” em todo-(um)-“haver”, somente (uma)-(im)possibilidade para cada (uma) das existências “para-si” enquanto (uma)-forma-consciência. Porquê em todo-(um)-“haver”, como tudo-o-que-“há”, “há” (um)-“haver” de (uma)-obnubilação que na forma de (uma)-existência-“em-si”, é enquanto (um)-acontecimento-linguístico, o que [existe e manifesta-se] como (im)penetrável e não transfixável, mas também, enquanto (uma)-forma-consciência. Mas que não se real(iza) como (uma)-ONTOFILOGENIA, outrossim, como (uma)-formalidade-conhecimento, que se real(iza) não como (um)-“fazer”-neurofisiológico, outrossim, como (um)-SABER (adjectivo), que na forma de (um)-QUERER (substantivo), é como (uma)-forma-fetiche, o que na forma de (um)-discurso-ontofenomenológico, real(iza-se) como (uma)-consciência enquanto (uma)-real(idade).

Isto porquê, (uma)-consciência (obnubilada) de (uma)-consciência (não obnubilada), ontofenomenologicamente é (uma)-(im)possibilidade enquanto (uma)-forma-consciência. Posto que (um)-fenómeno, na forma de (uma)-consciência, é o que ao NADIFICAR (uma)-existência-“em-si”, formaliza-se como (uma)-representação que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) como (uma)-formalidade em (uma)-conformidade através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica.

O que ontofenomenologicamente investigado, “(des)faz” (uma)-existência-“em-si” e segundo (uma)-topologia-linguística, não é o que se real(iza) como (uma)-existência-“para-si”. Pois enquanto (uma)-consciência-não-obnubilada, a forma de (uma)-representação, é o que se NADIFICA

enquanto (uma)-existência-“em-si”, mesmo enquanto (uma)-existência-“para-si”. Posto que «antes», como (uma)-consciência-obnubilada, o que “há” é (uma)-consciência-não-obnubilada, que mesmo enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, é o que “há” como (uma)-obnubilação e que enquanto o que é, “há” como (uma)-codificação de (um)-estímulo, que na forma de (um)-sinal-electroquímico, existe e manifesta-se sistêmica e neuro-BIO-fisiologicamente enquanto (um)-“fazer” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Portanto, como (uma)-existência-“para-si” que na forma de (um)-fenómeno-consciência, segundo Sartre, é o que “faz” de (um)-fenómeno (um)-acontecimento-linguístico, mas também, o que “faz” de (uma)-existência-manifesta (uma)-representação, e o que permite que (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, desta forma, ao atravessar (uma)-consciência, assumam-se como (um)-sujeito a partir de (uma)-realidade. Entretanto, é exatamente isto o que torna (uma)-existência-“para-si” segundo (um)-sistema-topologia-linguística, em (uma)-(im)possibilidade. Pois, desta forma, o que “há” em todo-(um)-“haver” é (uma)-(im)possibilidade de [existir e manifestar-se] enquanto (uma)-consciência [não obnubilada] de (uma)-consciência [obnubilada]. Portanto isto é o que, segundo (uma)-topologia-linguística, NADA mais é que (uma)-forma-*ergoígenia* enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], mas na forma de (uma)-existência-manifesta-heuristicamente.

Por isto, a presença de (um)-OUTRO para (uma)-constituição de (uma)-existência-“para-si” é tão importante para Sartre. Pois, (uma)-OUTRA-consciência é o que ao atravessar (uma)-contingência-[obnubilação | não obnubilação], permite-se como o que se real(iza), como (uma)-subjectividade, que na forma de (um)-“EU”-subjectivo, é enquanto (uma)-forma-OUTRO, a forma de (uma)-consciência como (uma)-real(ização).

Pois (um)-OUTRO, como (uma)-forma-consciência, é o que permite (uma)-separação de (uma)-subjectividade ao atravessar-se como (um)-mediador-(in)dispensável que “há”, em e «entre», cada (uma) das existências “para-si”. Posto que (uma)-consciência, segundo Sartre, como é individual e subjectiva, é o que “há” em cada (uma) das existências “para-si”, enquanto (uma)-manifestação-formal que na forma de (uma)-existência, é (um)-fenómeno [manifestação], que se estabelece enquanto (uma)-existência-“para-si”, como (uma)-consciência que se real(iza), a partir de (uma)-manifesta-representação que, entretanto, é o que NADIFICA tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, enquanto (uma)-realidade-“em-si” que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade) [representação], é (um)-NADA.

Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, para que se possa estabelecer (uma)-consciência sistemicamente enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) e como (um)-fenómeno, na forma de (uma)-existência-“para-si”, é preciso que se real(ize) (uma)-representação-

OUTRO que, em (um)-simbólico-topológico ao projectar-se como (um)-“haver”-contingente na forma de (uma)-separação-subjectiva, é o que atravessa (uma)-essência (SOSEIN) que “há”, em cada (uma) das existências “para-si”, como (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, ao atravessar cada (uma) das representações que enquanto (uma)-forma-real(idade), determinam-se como (uma)-forma-contingente que não NADIFICA cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (um)-“fazer” que é “em-si”, mas «antes», como (uma)-existência-“para-si”.

## 6. (uma)-“coisa”-aparência: é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?

Pois é a partir desta forma <sup>[que “(des)faz” tanto (uma)-existência-“em-si”, quanto (uma)-existência-“para-si”, enquanto (uma)-existência-linguística, a partir de (uma)-consciência]</sup>, que segundo Sartre é enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, o que existe como (uma)-forma-“coisa”-aparência em (um)-sistema-topologia-linguística, que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é igual a (uma)-existência-“em-si”, mas na forma sartriana de (uma)-representação, é (uma)-manifestação como (uma)-consciência de tudo-o-que-“há” enquanto (um)-linguístico e que, desta forma, NADIFICA-SE.

(uma)-existência-“em-si” que em (um)-sistema-topologia-linguística é enquanto (uma)-representação, a forma de (uma)-consciência que segundo Sartre, é (um)-NADIFICADOR que se real(iza) a partir de cada (uma) das representações em (um)-simbólico-topológico. Ou seja, cada (uma) das existências que “há” em (um)-MUNDO, é na forma de (uma)-prática-linguística, o que em (uma)-topologia-linguística é, enquanto (uma)-“coisa”-aparência, [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. E, segundo Sartre, é o que se apresenta, como (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], mas que é (uma)-existência-“em-si” que, segundo (uma)-ontofenomenologia-sartriana, é como (uma)-realidade, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-representação, é (um)-NADA, como (uma)-negação de (uma)-existência-“em-si”, enquanto (uma)-existência-“para-si”.

Mas, para constituir esta forma real(idade) enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], (um)-ponto-de-partida para Sartre é (um)-fenômeno. (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-representação, “há” em todo-(um)-“haver”, como tudo-o-que-“há” e que, a partir de (um)-carácter de Intencionalidade, é na forma de (uma)-consciência, o que se “faz” em cada (uma) das “coisas” aparentes, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que em (um)-MUNDO é (uma)-forma-fenômeno. (uma)-representação que enquanto (uma)-existência-“para-si”, é (uma)-consciência de (uma)-existência-REAL (adjectiva | NOÉMICA), e não (uma)-existência em (uma)-real(idade) (substantiva | *ergoñgênica*). Isto porquê, (uma)-“coisa”-aparência é enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], (uma)-existência-“em-si” que ao existir e manifestar-se em (uma)-forma-existência-“para-si”, é como (uma)-representação, o que enquanto (uma)-NADIFICAÇÃO, é a partir de (uma)-consciência (uma)-real(ização).

Posto que, (uma)-Intencionalidade é (uma)-qualidade que na forma de (uma)-consciência, encontra-se sempre dirigida à (um)-objecto <sup>[“coisa”-aparência (existência + manifestação)]</sup>. O que, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é o mesmo que afirmar que (uma)-existência-“para-si” é (uma)-adjectivação <sup>[(um)-acontecimento-linguístico em (um)-REAL-topológico]</sup> que enquanto (uma)-prática-

linguística, é (uma)-existência-“em-si” na forma de (uma)-real(idade) que, enquanto (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, segundo Sartre, é (um)-NADA. Contudo, o que se pode afirmar a partir de (uma)-Intencionalidade acerca de (uma)-“coisa”-aparência?

PRIMEIRAMENTE, a partir de (um)-pensamento-sartriano, que (uma)-consciência é o que se (re)vela e também se apresenta, em cada (uma) das “coisas” aparentes como (uma)-real(idade), e que, esta forma é decorrente de (uma)-Intencionalidade. SEGUNDO, que (uma)-consciência é enquanto (uma)-Intencionalidade, o que se manifesta a partir de (um)-“fazer”, como (uma)-“coisa”-aparência. O que na forma de (uma)-representação é (um)-fenômeno, segundo Sartre, enquanto (uma)-existência-“para-si”. Através do que, Sartre considera conclusivo que cada (uma) das “coisas” aparentes como (uma)-realidade é (uma)-existência-“em-si”. Isto porquê, (uma)-existência-“em-si” não é (um)-fenômeno. Outrossim, segundo Sartre, tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, e que se define como (um)-REAL (substantivo).

E, desta forma, (uma)-existência-“em-si” é cada (uma) das “coisas” aparentes em (uma)-realidade-MUNDO segundo (um)-pensamento-sartriano. Pois, se (uma)-realidade-MUNDO é (um)-REAL (substantivo) em (um)-pensamento-sartriano. (uma)-topologia-linguística afirma que (um)-REAL é (uma)-forma-adjectiva. O que enquanto (um)-acontecimento-linguístico em (um)-atravessamento-sistêmico, é (uma)-mundanidade que enquanto (uma)-real(idade), segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-linguístico em (um)-REAL (adjectivo).

Mas, como (uma)-“coisa”-aparência, segundo Sartre, é (um)-NADA enquanto (uma)-existência-“para-si”. Isto é o que, para além do que é enquanto (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-realidade [em (um)-sistema-simbólico-fechado], é também o que segundo Sartre, é enquanto (uma)-existência-“em-si”, o que se NADIFICA enquanto (uma)-existência-linguística. Pois, desta forma [como (uma)-“coisa”-aparência (existência + manifestação) em (uma)-realidade], cada (uma) das “coisas” aparentes é (uma)-existência que enquanto [(um)-SER | existir] em (uma)-ontofenomenologia-filosófica, é (uma)-existência-“em-si” enquanto (uma)-realidade, que se real(iza) como (uma)-substantivação.

(um)-modo-de-SER (uma)-“coisa”-aparência que em (uma)-realidade, mas à moda de Martin Heidegger (1889-1976), é enquanto (um)-modo-de-SER, (uma)-existência-“em-si” que segundo (um)-pensamento-sartriano, é (uma)-existência-ôntica na forma de (uma)-existência-ontofenomenológica. O que se qualifica e fundamenta como (uma)-realidade enquanto (um)-SER que é (um)-SER-“em-si” como (uma)-“coisa”-aparência. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação], é a partir de (uma)-realidade, (uma)-existência-“para-si”.

Apesar de (uma)-realidade em (uma)-topologia-linguística, SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (um)-SER-neurofisiológico. O que enquanto (uma)-realidade-REAL

(adjectiva), é tanto para Sartre quanto para Heidegger, entretanto, o que é enquanto (uma)-forma-pensamento, o que segundo Edmund Husserl (1859-1938) é (uma)-adjectivação-NOÉMICA [NOEMA enquanto NOESIS].

Mas esta ontofenomenologia, mantém-se como (uma)-característica ao resumir-se, segundo Sartre, em (uma)-essência absoluta (instável) e plena que, enquanto (uma)-existência “em-si”, é (uma)-realidade que se real(iza) como (uma)-opacidade-“em-si” enquanto (uma)-existência-ontofenomenológica.

Portanto, cada (uma) das existências “em-si” [é o que é], sendo opaca enquanto (uma)-“coisa”-aparência e como (uma)-realidade. E isto, é o que estabelece (uma)-ideia (forma) de que (uma)-existência-“em-si” não se pode penetrar. Isto porquê, (uma)-existência-“em-si” é absoluta (instável) estabilidade (interactiva) “em-si” enquanto (uma)-“coisa”-aparência e na forma de (uma)-realidade. Ou seja, (uma)-NEGAÇÃO de cada (uma) das instabilidades que se resta apenas e totalmente, como (uma)-existência-“em-si” que, enquanto (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-realidade, existe e manifesta-se estável e interactivamente como (uma)-substantivação.

O que se estabelece como (uma)-(contra)dição que “há”, em e «entre», (uma)-topologia-linguística e (uma)-ontofenomenologia-filosófica. Pois, o que em (uma)-topologia-linguística é (uma)-adjectivação; em (uma)-ontofenomenologia-filosófica é (uma)-substantivação. Ou seja, (um)-REAL-topológico que é (uma)-adjectivação em (uma)-topologia-linguística; é (uma)-substantivação em (uma)-ontofenomenologia.

Entretanto, (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que segundo Sartre, enquanto (uma)-existência-“em-si”, ao ter (uma)-origem em (um)-fenómeno enquanto (uma)-existência-“para-si”, é (um)-NADA. O que enquanto o que e quando se toma como (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência em cada (um) dos sistemas vivos humanos é, desta forma, [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação] que é (uma)-representação que ao NADIFICAR-SE, na forma de (uma)-consciência-NOÉMICA [NOEMA enquanto NOESIS], é enquanto (uma)-forma-pensamento, o que se constitui a partir de (uma)-“coisa”-aparência-NOÉTICA [NOESIS a partir do NOEMA], o que na forma de (uma)-percepção, real(iza-se) como (uma)-representação que, na forma de (uma)-existência-“para-si”, [é o que é], enquanto (uma)-representação de (uma)-existência-“em-si” que, desta forma, é (um)-NADA.

Posto que ao real(izar-se) em (um)-simbólico-topológico, o que “há” é (uma)-representação que, enquanto tal, é (uma)-essência-“em-si”, mas que segundo Sartre, manifesta-se enquanto (uma)-existência-“para-si” que é (uma)-“coisa”-aparência, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] a partir de (uma)-existência-“em-si”. Portanto, (uma)-existência-“para-si” é, desta forma, como (um)-SOSEIN que enquanto (uma)-representação, é o que se funda em (uma)-estrutura-

axiológica, ao atravessar [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-representação não é (uma)-existência-“em-si”, mas «antes», (uma)-transfixação que ao NADIFICÁ-LA, como pretende Sartre, atravessa (uma)-sintaxe-retórica, real(izando-se) como (um)-discurso que enquanto (uma)-real(idade), segundo Sartre, é (um)-NADA.

Mesmo que para Sartre, cada (uma) das “coisas” aparentes como (uma)-existência-“em-si”, não seja (uma)-existência-consciente, porquê não se real(iza) como (uma)-alteridade e nem na presença de (um)-OUTRO. Posto que segundo Sartre, (uma)-existência-“em-si”, apenas [é] como (uma)-existência-“em-si”, (uma)-“coisa” aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é (uma)-realidade, que se real(iza) como (uma)-real(idade).

Entretanto, como tanto (uma)-“coisa”-aparência, quanto (uma)-consciência, como também, (um)-fenómeno e (uma)-existência em (uma)-topologia-linguística SÃO ONTOFILOGENICAMENTE representações. E (uma)-representação em (uma)-topologia-linguística é (um)-“fazer”. Isto implica que (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística, não é (um)-fenómeno, mas «antes», (um)-“fazer”-neurofisiológico e interactivo (estável) que enquanto (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico é, como (uma)-acção, (uma)-condição-humana como argumenta Hannah Arendt (1906-1975) em “*A Condição Humana*”, mas que aqui se real(iza) como (um)-sistema-topologia-linguística.

Contudo, “há” ainda (uma)-forma proposta por John Langshaw Austin (1911-1960) que desde 1946 já demonstrava que (uma)-FALA é (uma)-acção e que, por isto, não serve para descrever, mas «antes», para real(izar) cada (uma) das acções enquanto (uma)-real(idade). A partir do que, em (uma)-topologia-linguística pode-se afirmar que, (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é (uma)-*ergoígenia*. O que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico e na forma de (uma)-aparência-permanente, que é (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>244</sup> + μείνω (*meno*)<sup>245</sup>] enquanto (uma)-realidade que é sistémica em (uma)-topologia-linguística, mas (um)-REAL (substantivo) em (uma)-filosofia. O que segundo (uma)-topologia-linguística, não-“há” como (uma)-substantivação, outrossim, como (um)-REAL (adjectivo) que [é] e que se real(iza), como (uma)-real(idade) enquanto (uma)-formalidade.

Pois (uma)-existência-“em-si” em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-existência-manifesta enquanto (uma)-real(idade), o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistémica. Consequentemente, (uma)-realidade em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-real(idade) que enquanto (uma)-representação, é o que define (uma)-existência-“em-si” enquanto (uma)-sistemática-REAL (adjectiva). (uma)-adjectivação [acção | “fazer”] e (uma)-real(idade), que

---

244 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

245 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

enquanto (uma)-substantivação [representação | “lugar”], “há” como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico segundo (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que tudo-o-que-“há” em (uma)-topologia-linguística, é (um)-REAL (adjectivo) que ao acontecer ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico, é a partir de cada (uma) das representações, o que ao [existir e manifestar-se] como (uma)-real(idade) em (um)-simbólico-topológico, é na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes, o que “há” como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que ao atravessar (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], real(iza-se) como (um)-REAL (adjectivo) em (um)-sistema-topologia-linguística.

Portanto, (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-interacção-linguística que em (uma)-topologia-linguística é (uma)-realidade-sistémica. O que enquanto tal, real(iza-se) como (uma)-real(idade)-representação através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, enquanto (uma)-existência-linguística em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

#### 6.1. (uma)-consciência é (um)-“fazer”

Pois, é a partir deste ponto de vista, que (uma)-topologia-linguística considera (uma)-necessidade, em (uma)-ontofenomenologia-sartriana, investigar cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-existência-sistémica que ao diferir de cada (uma) das existências “em-si” [é], em cada (uma) das existências “para-si”, (um)-“haver” que é “em-si”.

Isto porquê, cada (um) dos sistemas vivos humanos possui (uma)-percepção [NOESIS], que na forma de (uma)-estrutura-neurobiológica, é o que se real(iza) como (uma)-forma-*percipere*<sup>246</sup> [perceber], que em cada (um) dos sistemas vivos humanos é diferente enquanto (uma)-existência-ontofenomenológica. E na qual Sartre identifica, cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-existência-fenomenica a partir de (uma)-consciência-“para-si”.

Consequentemente, cada (uma) das relações temporais e funcionais que se estabelecem, em e «entre», cada (uma) das existências “em-si” enquanto (uma)-realidade-sartriana, [é o que é] ontofenomenologicamente, ao atravessar cada (uma) das existências “para-si”. Pois ao estabelecer-se enquanto tal, em cada (uma) das relações temporais e funcionais, e a partir de cada (uma) das interacções fenoménicas que “há”, em cada (uma) das existências “para-si”, é o que em e «entre», cada (uma) das existências que “há” na forma de (uma)-mundanidade, tanto como existências “em-si”, quanto como existências “para-si” é, a partir de (uma)-forma-consciência, o que em cada (uma) das existências “para-si” é, enquanto cada (uma) das “coisas” aparentes, [(uma)-existência + (uma)-

---

246 Em latim: *percipere*.



manifestação] enquanto (uma)-representação. O que enquanto (um)-fenómeno ao estabelecer-se como (uma)-consciência em cada (uma) das existências “para-si”, “faz(-se)” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade.

Mas, desta forma, (uma)-representação é (uma)-existência-“para-si” que ao instaurar-se como (um)-sentido, empresta-se como (uma)-forma-significado para cada (uma) das existências que “há”, na forma de (uma)-mundanidade. Tanto como (uma)-existência-“em-si”, quanto como (uma)-existência-“para-si”. O que enquanto (uma)-realidade-existencial-sartriana, constitui-se estrutural e axiologicamente, como (uma)-forma-fenómeno.

Portanto, segundo Sartre, (uma)-existência-“para-si” não resulta de (uma)-ideia (forma) pré-existente, que “há” na forma de (um)-platonismo, ou de (um)-acção-criadora a partir de (uma)-deidade. Isto porquê fundamentalmente, segundo Sartre, (uma)-existência-“para-si” é (um)-cogito, que enquanto (uma)-forma-pensamento e, desta forma, decorre de (uma)-proposta publicada pela primeira vez em 1637 por René Descartes (1596-1650), em (uma)-OBRA-intitulada: “*Discours de la Méthode*”. No qual ao investigar (um)-cogito como (uma)-percepção de que (um)-pensamento é (uma)-forma a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica, e que se real(iza) como (uma)-realidade, influencia Sartre enquanto (um)-pensamento-cartesiano.

Isto porquê é a partir da forma de (um)-cogito, que se estabelece estrutural e formalmente que (uma)-“coisa”-aparência é, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que ao acontecer como (uma)-representação a partir de (uma)-consciência, é (um)-fenómeno que se real(iza) como (uma)-formalidade, a partir de (uma)-estrutura que real(mente) existe e manifesta-se como (uma)-existência-fenoménica. O que na forma de (uma)-sintaxe-retórica, é enquanto (uma)-reflexão-linguística, (uma)-forma-linguagem e não (uma)-forma-de-existência-linguística.

Por isto, segundo Sartre, (uma)-representação [é] em (uma)-existência-“para-si” enquanto (uma)-consciência que inicialmente, porquê está vazia, é portanto, como (um)-“lugar”, o que [é] e o que NADIFICA (uma)-real(idade), que enquanto (uma)-forma-representação é, a partir do que se define como (uma)-existência-“para-si” segundo Sartre, o que não “há” como (um)-absoluto (instável) e nem como (um)-PLENO, enquanto [o que é] como o que “há” enquanto (uma)-existência-“em-si”. Posto que como (uma)-existência-“para-si”, é o que enquanto (um)-fenómeno, é a partir de (uma)-forma-consciência, (uma)-*physis*-existência-interactiva (estável) que ao [existir e manifestar-se], define-se em cada (uma) das “coisas” aparentes, como (uma)-representação que enquanto (uma)-consciência, é (um)-NADA enquanto (uma)-real(idade).

Portanto, segundo (uma)-ontofenomenologia-sartriana, tudo-o-que-“há” de interactivo (estável) em todo-(um)-“haver”, é o que se forma a partir de (um)-fenómeno, mas não se identifica como (uma)-existência-“em-si”, enquanto (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, como (uma)-

existência-“para-si” que a partir de (uma)-consciência, define-se como o que é (uma)-“coisa”-aparência que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é desta forma, o que se real(iza) como (uma)-representação.

O que, segundo Sartre, fenomenologicamente é (uma)-negação de (uma)-existência-“em-si”. Posto que, (uma)-representação é enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], (uma)-“coisa”-aparência que não sendo (uma)-existência-“em-si”, é enquanto (uma)-consciência, o que como (uma)-existência-“para-si”, nega-se enquanto (uma)-forma-“em-si”, ao definir-se forma enquanto (uma)-realidade.

Por isto, (uma)-representação enquanto (uma)-consciência em (uma)-existência-“para-si”, é (um)-NADA. O que segundo Sartre, porquê é fenomenológico, “faz” de (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-consciência, (uma)-existência-“para-si” como (uma)-negação de cada (uma) das existências “em-si”. Posto que na forma de (uma)-representação, o que “há” é (um)-fenómeno, e não (uma)-existência-linguística enquanto (um)-acontecimento-linguístico. Posto que (uma)-representação de (uma)-existência-“em-si” é segundo Sartre, (um)-NADA enquanto (uma)-formalidade-fenomenica.

Pois isto é o que estabelece (uma)-ideia de que (uma)-existência-“para-si é tranfixável, e que por isto, pode interpenetrar-se a partir de (uma)-interacção. Porquê (uma)-existência-“para-si”, desta forma, como não é absoluta (instável) enquanto (uma)-prática-linguística e nem estável (interactiva) como (uma)-realidade em (um)-sistema-simbólico-fechado, é desta forma, como (uma)-consciência, o que enquanto (uma)-existência-“para-si” é (uma)-negação que se estabiliza como (uma)-realidade, ao restar-se apenas e totalmente, como (uma)-existência-“para-si” que na forma de (uma)-consciência, é enquanto (um)-fenómeno, o que se define em cada (uma) das “coisas” aparentes, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se real(iza) como (uma)-representação que, enquanto (uma)-realidade-sartriana, estabiliza-se como (uma)-existência-“em-si” enquanto (um)-NADA. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação de (uma)-real(idade) que enquanto (uma)-forma-“em-si” é na forma de (uma)-*ergoñgenia*, (uma)-existência-heurística.

É por isto que cada (uma) das relações temporais e funcionais estabelecidas em (uma)-realidade-sartriana. É o que “há”, em e «entre», cada (uma) das existências “em-si”, enquanto o [é] ontofenomenologicamente estabelecido, através de cada (uma) das existências “para-si” que, ao definirem-se tanto como (um)-sentido, quanto como (uma)-finalidade para cada (uma) das existências “em-si”, “faz-se” a partir de (uma)-consciência no que, desta forma, real(iza-se) segundo (uma)-estrutura-axiológica.

Entretanto, como Sartre também afirma que cada (uma) das existências “para-si” não tem (uma)-essência <sup>[SOSEIN | significado]</sup> definida, mesmo que (um)-NADA enquanto (uma)-real(idade)

[representação], seja segundo (uma)-topologia-linguística, o que se define enquanto tal; é, desta forma contudo, que cada (uma) das existências “para-si” ao definir-se como (uma)-existência-temporal, é na duração de (um)-instante, o que se pode (trans)formar enquanto e a partir do que se define, como (uma)-essência-“em-si” que enquanto (uma)-existência-“para-si”, é o que se define “para-si”, enquanto (uma)-existência-histórica que é “em-si”-histórica enquanto (uma)-existência-“para-si”. O que Sartre define como (uma)-facticidade, mas que aqui se encontra tratado como (uma)-formalidade-heurística que se real(iza) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que, isto é o que se opera como (uma)-representação, que ao NADIFICAR-SE enquanto (uma)-essência-“em-si”-histórica<sup>247</sup> de (uma)-existência-“para-si”. A partir do que se pode considerar e perguntar que: será que (uma)-existência histórica e factual de cada (uma) das existências “para-si”, é (uma)-existência-“em-si” na forma de (uma)-essência-“em-si”-histórica enquanto (uma)-existência-“para-si”?

Diante do que, sem responder a pergunta, vai-se prosseguir com esta mesma linha de argumentação. Pois, é desta forma “em-si”-histórica, que (uma)-representação é (uma)-essência, que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (uma)-existência-“para-si”, é o que ao atravessar (uma)-consciência [representação], “faz(-se)” como (uma)-“coisa”-aparência de (uma)-existência-“para si”, como o que enquanto (uma)-representação de (uma)-existência-histórica de (uma)-existência-consciente-“para-si”, é na forma de (um)-fenómeno, o que se realiza como (uma)-“coisa”-aparência. Mas será que é possível defini-la como (uma)-existência-“em-si”?

A partir do que e portanto, se (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-existência-histórica de (uma)-existência-“para-si”, é (uma)-representação [como (um)-“em-si”-histórico]. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é a partir de (um)-fenómeno-consciência, o que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é (uma)-duração-histórica-“em-si” de (uma)-existência-“para-si” que enquanto tal, é (uma)-essência de (uma)-existência que, desta forma, manifesta-se “para-si”, como a forma de (uma)-representação-essência, que é (uma)-NADIFICAÇÃO de (uma)-existência-“em-si” que, portanto e desta forma, é (um)-“fazer”-“em-si”. Diante do que surge OUTRA pergunta: o que “há” como (um)-fenómeno enquanto (uma)-consciência, ou que se admite enquanto tal, é enquanto (uma)-forma-fenómeno (uma)-representação?

Mas, diante desta possível admissão de que (um)-fenómeno é (uma)-representação, não se (in)valida que (uma)-representação também seja o que “há” como (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência, mas real(mente), obriga-se enquanto o que se (re)equaciona como (um)-“lugar” que enquanto (uma)-formalidade-consciência, é como (uma)-“coisa”-aparência,

---

247 Atenção, que esta é (uma)-(de)forma(ção)-retórica de (uma)-representação, ou seja, de (uma)-existência-“para-si” que, desta forma, Sartre define-a como (uma)-facticidade.

(uma)-existência-histórica de (uma)-existência-“para-si” que é (uma)-existência-“em-si” que também o é, enquanto (um)-fenómeno, (uma)-representação e vice-versa. O que, conseqüentemente, torna (uma)-consciência de (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-existência-histórica de (uma)-existência-“para-si”, no que enquanto tal, é na forma de (uma)-consciência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] de (uma)-“coisa”-aparência, (uma)-representação.

Entretanto, como existência “para-si”, somente o [é] “para-si”, no instante em que [é o que é]. O que posto desta forma, é na duração de (um)-instante, o que enquanto existência “para-si” [é], enquanto o que se “faz” como (uma)-história. Pois é no instante em que (uma)-existência-“para-si” “faz(-se)” histórica, que (uma)-existência-“para-si” real(iza-se) em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-existência-“em-si”, mas que enquanto (uma)-formalidade é (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Portanto, esta é (uma)-existência-“em-si” [como (um)-“em-si”-histórico] que somente o é, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que (trans)forma (um)-instante ou (uma)-sucessão-de-instantes, no que enquanto (uma)-duração-histórica de (uma)-existência-“para-si”, é como (uma)-representação, o que se empresta enquanto consciência que, na forma de (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-existência-histórica de (uma)-existência-“para-si”, é (uma)-NADIFICAÇÃO de (uma)-existência em (uma)-manifestação-de-SER.

O que, desta forma, é (um)-facto que enquanto (um)-“em-si”-histórico, é ONTOFILOGENICAMENTE (um)-SER que, enquanto (um)-modo-de-SER é, como (uma)-representação e também como (uma)-existência-“em-si”, como o que enquanto (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] é, tanto como (uma)-existência-“para-si”, quanto como (uma)-existência-“em-si” (uma)-*ergoígenia*. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é (uma)-“coisa”-aparência que real(mente) (re)equaciona (um)-“lugar” de (uma)-consciência, tanto em (uma)-topologia-linguística, quanto em (um)-existencialismo-sartriano.

## 6.2. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-*ergoígenia*

Pois, é esta dinâmica que “faz” de (uma)-“coisa”-aparência (uma)-existência-linguística, o que enquanto (uma)-real(idade) é (uma)-representação. (uma)-substantivação que, desta forma, é (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica em (um)-REAL (adjectivo), é o que se efectiva como (uma)-estrutura-de-resposta em (um)-sistema-nervoso. O que permite que cada (um) dos sistemas vivos tenha (uma)-percepção de cada (uma) das variações de energia. Que ao atingí-los como (um)-

estímulo e a partir de (um)-meio-*physis*-existencial, é o que se (des)encadeia como (uma)-resposta-adequada e na forma de (um)-sinal-electroquímico.

Mas como (uma)-percepção de cada (uma) das variações energéticas respectivamente a (uma)-qualidade, (uma)-intensidade e (uma)-localização, é o que estrutura e organiza sistêmica e formalmente cada (uma) das respostas adequadas em (um)-sistema-vivo. O que “há” é (um)-comportamento-adequado à cada (um) dos estímulos que se apresentam. E que a partir de (um)-meio-*physis*-existencial, como também, de cada (uma) das respostas que se apresentam, é enquanto (um)-funcionamento de (um)-sistema-nervoso, o que se real(iza) em (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica. A partir do que, o que “há” é (um)-“fazer” que ao real(izar-se) como (uma)-essência, é na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, o que a partir de (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico, o que se pode concluir como [(uma)-“coisa”-aparência que é (uma)-representação] e também, como [(uma)-representação que é (uma)-“coisa”-aparência]. O que em (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], que enquanto (um)-*percipe*<sup>248</sup> é o que, entretanto, na forma de (um)-fenómeno em (uma)-ontofenomenologia-sartriana, como também, em (uma)-fenomenologia-husserliana, é (uma)-existência-ontofenomenológica que não se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

(uma)-existência-linguística que se real(iza) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico em (uma)-estrutura-neurobiológica, e que enquanto tal, leva-se para mais (uma)-questão: (uma)-“coisa”-aparência é (um)-REAL (adjectivo) ou (uma)-real(idade) (substantiva)?

A partida diante desta questão, (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-topologia-linguística é (uma)-atravessamento-[REAL | real(idade)]. O que enquanto (uma)-representação é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. Do que se conclui, a partir de (uma)-PRIMEIRA-questão como o que se leva à (uma)-SEGUNDA-questão: o que afinal é (um)-“fazer”-neurofisiológico?

Ora, (um)-“fazer”-neurofisiológico é (uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] é, desta forma, o que se real(iza) como (uma)-continuidade-[adjectivação | substantivação], que sistemicamente é como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. Portanto, pode-se afirmar que [(uma)-“coisa”-aparência é (uma)-representação], como também que [(uma)-representação é (uma)-“coisa”-aparência]. O que enquanto (um)-“fazer”, não se real(iza) absolutamente (instável) em cada (uma) das interacções linguísticas, outrossim, enquanto (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que, desta forma, real(iza-se)

---

248 Percipe é (uma)-palavra do latim, que se define como “ser é ser percebido”, (uma)-existência que “sofre” (uma)-acção-de-percepção. Nota do autor a partir de “*O ser e o nada*” de Jean Paul Sartre, trad. Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Editora Vozes. Edição digital em .pdf. ISBN 978 85 326 1762 0, página 21.

ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-real(idade), é (uma)-representação em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

O que acontece em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (um)-modo-de-SER que enquanto (uma)-existência-linguística, é o que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, como (uma)-continuidade-[adjectivação | substantivação] de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que se real(iza) em cada (uma) das representações, a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos. O que se define em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-*ergoñgenia*.

### 6.3. Em cada “coisa” aparência, “há” (um)-(ir)representável

Por isto, para cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação], “há” (um)-(ir)representável que em (um)-REAL-topológico, real(iza-se) como (uma)-essência. Posto que em (um)-REAL-topológico, cada (uma) das “coisas” aparentes é (uma)-prática-linguística. E, desta forma, (uma)-“coisa”-aparência não pode SER, ontofenomenologicamente (um)-modo-de-SER na forma de (uma)-existência, nem tampouco (um)-fenómeno. Isto porquê, somente [é o que é], na forma de (uma)-representação que em (um)-simbólico-topológico, porquê é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] em (um)-REAL (adjectivo), “há” como (uma)-representação.

Pois é desta forma, que enquanto (uma)-prática-linguística que “há” como cada (uma) das “coisas” aparentes, também “há” (um)-(ir)representável que, desta forma, é (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que enquanto (uma)-(ir)representação, é o que em (um)-REAL (adjectivo), é (uma)-existência-adjectiva em cada (uma) das “coisas” aparentes que se real(izam) como SOBRE-estruturas-SIGNIFICANTES que ao projectar-se de (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], «sobre» cada (uma) das simultaneidades [recalcamento | real(ização)], é enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação], o que como (uma)-acção é (uma)-condição-humana.

Não enquanto (um)-objecto-ideal existente em (uma)-MENTE, mas «antes», como (uma)-“coisa”-aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação] é, (uma)-existência-linguística que atravessa (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico como (uma)-essência-[(ir)representável] que, enquanto (uma)-acção, à moda de John Langshaw Austin (1911-1960) é, em cada (um) dos actos de FALA [representação | linguístico],

(uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que enquanto (uma)-condição-humana-da-acção<sup>249</sup>, é (uma)-real(ização).

E é desta forma, que (uma)-acção enquanto (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo), é (um)-(ir)representação em cada (uma) das “coisas” aparentes que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação = (uma)-representação], é o que se formaliza e organiza, sistémica e formalmente, em cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-simbólico-topológico. O que enquanto (uma)-alteridade, é o que se real(iza) estruturalmente, em cada (uma) das representações que decorrem de (uma)-axiologia.

(um)-valor que, posto desta forma, é (um)-mesmo que (uma)-condição-de-simultaneidade em (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação. Mas que se real(iza), como (uma)-real(idade) que se projecta, enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, que atravessa cada (uma) das representações que “há”, em cada (uma) das práticas linguísticas. O que se estabelece como (uma)-projectão que na forma de (uma)-axiologia «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, é enquanto (uma)-“coisa”-aparente, o que se real(iza) como (um)-artifício para alcançar (uma)-satisfação, que ao atravessar (uma)-representação, é o que enquanto (uma)-forma-valor, atravessa-se como (uma)-(ir)representação, real(izando-se) como (uma)-estrutura na forma de (um)-fetiche.

Pois é através de (uma)-estrutura-axiológica, com as quais Georg Hegel (1770-1831) formula os conceitos de “em-si” e “para-si”. Que Sartre formula que (um)-SER-“em-si” é (uma)-existência-objectiva que na forma de (uma)-representação, NADIFICA-SE enquanto (uma)-essência. O que em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-(ir)representação; ao passo que (um)-SER-“para-si” segundo Sartre, é (uma)-existência-subjectiva que na forma de (uma)-representação, é (um)-pensamento.

Mas, como já se viu, Sartre propõe que (um)-SER-“para-si” enquanto (uma)-existência-subjectiva, não tem (uma)-essência <sup>[SOSEIN | significado]</sup> definida. Mas também, já se viu que o que se define “para-si” enquanto (uma)-existência-histórica é real(mente), (um)-“em-si”-histórico de (uma)-existência-“para-si” que, segundo Sartre, não tem (uma)-essência <sup>[SOSEIN | significado]</sup> definida, mas existe e manifesta-se, como (uma)-forma-representação enquanto o que se NADIFICA.

Entretanto, esta é como (uma)-essência em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se real(iza) como (um)-REAL (adjectivo), ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-acção. O que «sobre» cada (uma) das “coisas” aparentes, projecta-se como (uma)-(ir)representação, que na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE (ELO), é o que, desta forma, instala-se como (um)-(ir)representável em cada (uma) das existências “para-si”, que através

---

249 Referência à condição humana da acção proposta por Hannah Arendt (1906-1975) na OBRA, “*A Condição Humana*”.

de (uma)-forma-consciência, é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, define-se como (um)-conhecimento na forma de (um)-SABER em (um)-simbólico-topológico.

Contudo, segundo Sartre, como cada (uma) das existências “em si” é (uma)-forma-não-transfixável. Então como se pode (uma)-existência-“para-si” SER ontofenomenologicamente transfixável, segundo afirma Sartre, se (um)-“em-si”-histórico<sup>250</sup> que se define como (uma)-essência de (uma)-existência-“para-si” é (uma)-forma-não-transfixável-“em-si”?

Pois é exatamente esta (contra)dição que (um)-pensamento-sartriano (trans)porta através de (uma)-fenomenologia, enquanto (um)-sistema-simbólico-fechado, na forma de (uma)-existência-que-se-manifesta-consciência. Diante do que se pode afirmar que Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), propõem (uma)-alternativa que na forma de (um)-(in)consciente, também é o que se real(iza) como (um)-fenômeno.

Mas (uma)-questão fundamental é que, (um)-(in)consciente proposto por Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981) não é (uma)-oposição-fenomenológica à (uma)-consciência proposta por (uma)-ontofenomenologia-sartriana ou por (uma)-filosofia-tradicional<sup>251</sup>.

Por isto, (uma)-topologia-linguística propõe (uma)-“coisa”-aparência, como (uma)-alternativa que ao viabilizar-se como (uma)-representação em (um)-modelo-de-observação, não é o que se “faz”, como (uma)-forma-manifestação enquanto (um)-fenômeno. Posto que, segundo Sartre, (uma)-existência-“para-si” ao estabelecer-se como (uma)-consciência, é (uma)-existência somente “para-si”, mesmo enquanto (uma)-existência que, segundo (uma)-topologia-linguística, é “em-si”-histórica de (uma)-existência-“para-si”.

Isto porquê em (uma)-presença de (um)-OUTRO, (um)-“em-si”-histórico de (uma)-existência-“para-si”, não é transfixável. Pois (um)-“em-si”-histórico somente é transfixável, como (uma)-própria-existência-histórica de (uma)-existência-“para-si”, ou seja, como (um)-“para-si”-histórico. Portanto, como (uma)-forma-consciência-individual.

Para mais, segundo Freud e Lacan não “há” em todo-(um)-“haver”, (uma)-consciência-individual em cada (um) dos sistemas vivos humanos, mas tão somente, (uma)-pré-consciência enquanto (uma)-mera-superfície, da mesma forma com a qual argumenta Arthur Schopenhauer (1788-1860).

Diante do que, cada (um) dos sistemas vivos humanos não é (um)-sujeito, apesar de tanto Freud, quanto Lacan, estarem profundamente empenhados em cada (uma) das questões que envolvem (uma)-forma-sujeito<sup>252</sup> em cada (um) dos sistemas vivos humanos. A questão é que, em

---

250 (uma)-facticidade de (uma)-existência-“para-si”-sartriana, aqui escrita em conformidade com (um)-sistema-topologia-linguística.

251 Atenção que este termo “tradicional” como também o termo “tradição”, são termos “carregados” de valores.

252 Atenção que Freud real(mente) não se detém no estudo de (uma)-forma-sujeito, argumentando inclusive que (um)-sujeito, enquanto (uma)-existência-consciente é (uma)-(im)possibilidade.



(uma)-topologia-linguística [(uma)-consciência é (uma)-representação], o que por consequência real(iza-se) na forma de [(um)-“fazer” é (uma)-*ergoígenia*].

A partir do que se pode afirmar que a questão para Sartre, está em (um)-sujeito que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. E para mais, também em (uma)-LIBERDADE que segundo Sartre, somente é possível através de (uma)-consciência enquanto (uma)-existência-“para-si”. O que se real(iza) através de cada (uma) das interações com (um)-OUTRO. E isto é o que “faz” de (uma)-consciência (um)-atractor enquanto (uma)-Intencionalidade. O que se estabelece, desta forma, em (uma)-ontofenomenologia-sartriana, como (uma)-epistemologia e enquanto (uma)-existência-histórica, «dentro» de cada (uma) das correntes filosóficas existentes, a partir de (uma)-visão-ontofenomenológica de que (uma)-existência-HUMANA atravessa (uma)-forma-consciência que “há” como (uma)-existência.

Mas segundo (uma)-topologia-linguística, (um) dos maiores problemas que propõe Sartre é a presença de (um)-OUTRO como (um)-fundamento para (uma)-forma(ção) de (uma)-consciência-“EU”-subjectiva que, segundo Sartre, “há” em cada (uma) das existências “para-si”. Posto que em (uma)-psicanálise freudiana ou lacaniana, o que se afirma como (um)-OUTRO-sou-“EU”<sup>253</sup> é, na medida em que (um)-OUTRO é (um)-significante, o que e «sobre» o qual (um)-“EU”-subjectivo projecta-se enquanto (um)-significado que, enquanto isto, é o que segundo (uma)-topologia-linguística, estrutura-se como (uma)-existência-heurística através de (uma)-forma-fetichismo.

Para mais, Sartre argumenta que (uma)-consciência não tem (uma)-essência-definida. Por isto, Sartre precisa da forma de (um)-OUTRO que ao definir (uma)-essência-consciência em cada (uma) das existências “para-si”, vai de encontro a (um)-OUTRO-sou-“EU”-psicanalítico. Mas mantém (um)-problema que se estabelece em (uma)-necessidade de (um)-OUTRO para definir (uma)-relação-[sujeito x objecto]. O que na forma de (uma)-essência, real(iza-se) como (um)-OUTRO, que enquanto (uma)-substantivação, é o que “há”, como (uma)-relação-[sujeito x sujeito], mas que na forma de (uma)-relação-pronominal-[(“EU” x “TU”)], é tal e qual, a forma que segundo

---

253 Note-se que o que real(mente) diz Lacan no Seminário 11 é: “o EU é um OUTRO”. Entretanto, como a questão do “EU”, segundo Lacan, passa por (uma)-condição-simbólica. (uma)-existência-significante (simbólica), a partir desta forma, é (um)-OUTRO que ao constituir (um)-“EU” é, segundo Lacan, (um)-não-sujeito, outrossim, (um)-sujeitado que se real(iza) como (uma)-condição-simbólica-(in)suportável. A partir da qual se estrutura (um)-(in)consciente. Mas, como em (uma)-topologia-linguística, (um)-significante é (um)-acontecimento em (um)-REAL-topológico que, entretanto, em (uma)-psicanálise, é (um)-acontecimento em (um)-registo-simbólico (psíquico). Assume-se nesta investigação a forma: (um)-OUTRO-sou-“EU”. Porquê Sartre afirma que (uma)-consciência é (uma)-essência à SER ontofenomenologicamente definida a partir de (um)-OUTRO, como também, estabelece que (uma)-consciência é (um)-NADIFICADOR de cada (uma) das representações (significantes) que “há” em (um)-simbólico-topológico. Como (um)-OUTRO, em (uma)-psicanálise, é (um)-simbólico e em (uma)-topologia-linguística, (um)-acontecimento-significante que se real(iza) em (um)-REAL-topológico. (um)-OUTRO-sou-“EU” define melhor, segundo (uma)-topologia-linguística, a relação estabelecida por Sartre, em e «entre», (uma)-existência-“para-si” e (uma)-consciência a partir de (um)-OUTRO. Isto porquê, segundo Sartre e Hegel, “o SER “para-si” é “para-si” através do OUTRO.

(uma)-topologia-linguística, é o mesmo que (uma)-relação-[objecto x objecto]. Pois é o que enquanto (uma)-pertinência à cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística, no qual também “há” (uma)-continuidade-[adjectivação | substantivação], no que decorre de (uma)-homeomorfia, mas na forma de (um)-REAL (adjectivo) que ao real(izar-se) como (uma)-*ergoígenia*, é na forma de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], o que se instala como (uma)-relação-[objecto x objecto].

Por isto, em (uma)-topologia-linguística (uma)-história de (uma)-existência-“para-si” é (um)-“em-si”-histórico. O que, para mais, é (uma)-existência-“em-si” que não se NADIFICA como (uma)-forma-representação a partir de (uma)-consciência de (uma)-existência-histórica-individual. Isto porquê, enquanto (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], é o que, desta forma, enquanto (uma)-*ergoígenia*, é (uma)-formalidade em (uma)-continuidade-[adjectiva | subjectiva]. O que não se (trans)forma em (uma)-fracção de (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, é como (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo) o que se real(iza) enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

O que mantém (um)-(ir)representável como o que se estrutura em cada (uma) das representações através de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] ao atravessar e projectar-se, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, em cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) sistemicamente, em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que enquanto (uma)-real(idade), é o que em (um)-REAL (adjectivo), é na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes, o que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (um)-sistema-topologia-linguística.

#### 6.4. (uma)-“coisa”-aparência é (um)-atractor

Pois é (uma)-condição-(ir)representável o que “faz” de (uma)-“coisa”-aparência (um)-atractor que, desta forma, não é (uma)-consciência como argumenta Sartre. Posto que em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se “faz” como (um)-ELO é (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se real(iza) «sobre» cada (uma) das “coisas” aparentes, como (uma)-(ir)representação. O que se estrutura em cada (uma) das interacções linguísticas, (trans)formando-as enquanto cada (uma) das “coisas” sociais que “há” em (um)-REAL (adjectivo), no que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, é «sobre» as quais actua, projectando-se e real(izando-se) adjectivamente, como (uma)-realidade.

Mas também, como (uma)-(ir)representação que ao acontecer como (um)-“lugar” não visível, é «sobre» cada (uma) das “coisas” aparentes em (um)-sistema-topologia-linguística, o que

na forma de (um)-recalcamento-subjectivo, que é sistémico, e simultaneamente individual e colectivo, isto porquê ao real(izar-se) na forma de (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], é o que como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], é enquanto (uma)-“coisa”-aparência, (uma)-forma-representação que em (um)-simbólico-topológico é (uma)-real(idade).

Portanto, (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] é em cada (uma) das “coisas” aparentes, (um)-atractor que segundo (uma)-topologia-linguística, é enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que “há” como (uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], ao real(izar-se) como (uma)-simultaneidade-[sistema | representação], é na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico o que enquanto (uma)-continuidade-sistémica-e-*ergoígênica*-[ELO | atractor], é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] o que se estrutura como (uma)-(des)ambiguação, ao “(des)fazer” (uma)-(in)separável-[imagem | alucinação] que se real(iza) como (uma)-formalidade, na forma de (uma)-simultaneidade-ONTOFILOGÊNICA enquanto (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

(uma)-representação que é também (uma)-“coisa”-aparência [atractor] em (um)-REAL (adjectivo) e simultaneamente, (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-[ELO | recalcamento] em cada (um) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que enquanto (um)-ELO-atractor em (um)-REAL (adjectivo), é o que se real(iza) em cada (uma) das “coisas” sociais, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

(uma)-cascata-sistémica que Sartre identifica como (uma)-forma-consciência [fracção] que enquanto (uma)-existência-“para-si”, é o que sem (uma)-essência-definida, real(iza-se) como o que se “precisa” a partir de (um)-OUTRO, e através do qual, “há” em cada (uma) das interacções em e «entre» (um)-“para-si” e (um)-OUTRO, que enquanto (uma)-essência, define-se como (uma)-forma-consciência.

Isto porquê (um)-OUTRO-sou-“EU”-psicanalítico, é na forma do que argumenta Sartre, como (uma)-sintaxe-retórica em (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE [ELO | recalcamento], que enquanto tal, tem como (uma)-atractor (uma)-formalidade-consciência. O que se real(iza) como (um)-discurso-heurístico na forma de (uma)-continuidade-[significante | significado].

Por isto, em (uma)-topologia-linguística, (uma)-“coisa”-aparência é (um)-atractor e (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é (um)-recalcamento [ELO | (ir)representável]. Pois, desta forma, (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE real(iza-se) como (um)-REAL (adjectivo) «sobre» (uma)-essência que enquanto tal, é (uma)-“coisa”-aparência a partir de cada (uma) das práticas linguísticas enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. O que se real(iza) como (uma)-representação que real(mente), em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-essência em (um)-REAL-topológico enquanto (uma)-(ir)representação.

## 6.5. (um)-fetiche é (uma)-negação de (uma)-“coisa”-aparência

(uma)-acção que, desta forma, não se assume como (uma)-negação-sartriana em (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que não é (uma)-forma-fetichismo. Isto porquê é (um)-fetichismo, o que se projecta como (uma)-existência-linguística ou (uma)-existência-não-linguística, «sobre» a forma de cada (uma) das “coisas” aparentes que, desta forma, real(izam-se) linguisticamente como (uma)-representação. O que «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas, “há” como (uma)-real(idade) em (uma)-REAL (adjectivo) que, desta forma, enquanto (uma)-“coisa”-aparência e a partir de (uma)-realidade-sistémica, é (uma)-existência-linguística em (um)-REAL-topológico como (uma)-representação. O que se real(iza) como (uma)-experiência-de-satisfação em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Entretanto, ao atravessar (um)-significado, é o que se real(iza) como (uma)-(trans)forma(ção)-“coisa”-social; ou não linguisticamente, como (uma)- projecção de (uma)-realidade-sistémica [existência não linguística] «sobre» (uma)-essência que, através de cada (uma) das práticas linguísticas, (trans)forma(-se) enquanto o que “há” em (uma)-“coisa”-social que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], em conformidade com (uma)-fracção. Ou seja, como (uma)-não-simultaneidade que na forma de (uma)-significação é, desta forma, (uma)-“coisa”-aparência que [existe e manifesta-se] como (um)-“lugar” em OUTRA-“coisa”-aparência. (uma)-existência-linguística que desta forma, é na forma de (um)-heurismo, o que nega (uma)-“coisa”-aparência, ao real(izá-la) como (uma)-“coisa”-social para (uma)-satisfação.

Posto que, ao tornar (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-“coisa”-social através de (uma)-prática-linguística e não a partir de (uma)-consciência, é o que «antes» e a partir de (uma)-redução, ao acontecer linguisticamente a partir de (uma)-representação ou de (uma)-(ir)representação, é enquanto (uma)-não-simultaneidade, o que a partir de (um)-“fazer”, nega (uma)-simultaneidade enquanto (uma)-existência-linguística ou através de (uma)-existência-não-linguística.

Portanto, na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, o que se observa ao estruturar-se através dos “olhos” de (uma)-psicanálise – tanto freudiana, quanto lacaniana – é o que se define como (uma)-NEUROSE que, em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-inflamação-linguística que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética-específica, é na forma de (um)-fetiche absoluto (instável) ou interactivo (estável), o que «sobre» (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) e a partir de (um)-ESTÁDIO-hierárquico, é desta forma, o que se real(iza) como (uma)-existência-heurística.

## 7. (um)-“fazer” não é (um)-*percipere*

Por isto, (um)-“fazer” não é (um)-*percipere*<sup>254</sup>. Porquê (um)-“fazer” é (um)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] enquanto (uma)-prática-linguística. E (um)-*percipere*<sup>255</sup>, segundo Sartre, é (uma)-Intencionalidade que enquanto (um)-atributo de (uma)-consciência, é a partir do qual se real(iza) (uma)-representação enquanto (uma)-construção de (um)-acontecimento-linguístico.

Portanto, em (uma)-ontofenomenologia-filosófica, o que “há” é (um)-*percipere* que a partir do qual, enquanto (uma)-*physis*-existência, real(iza-se) (uma)-consciência de (uma)-existência-“em-si” que, na forma de (uma)-representação é (uma)-NEGAÇÃO enquanto (uma)-existência-“para-si” de (uma)-existência-“em-si”.

O que real(mente) evidencia (uma)-relação-[sujeito x objecto], acerca da qual argumenta Sartre, através de (uma)-transcendência de (uma)-forma-SER-“em-si” à (uma)-forma-SER-“para-si” que se real(iza), na forma de (uma)-consciência, ao atravessar (um)-*percipere* que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Pois, é exatamente nesta altura que se evidencia (uma)-estrutura-axiológica na forma de (um)-ENTE-axiológico em (uma)-argumentação-sartriana. Mas, atenção, porquê esta afirmação acerca de (uma)-argumentação-sartriana, é pertinente também a cada (um) dos sistemas ontofenomenológicos. Posto que “há” (uma)-((SOBRE)STIMAÇÃO que se real(iza) na forma de (um)-ENTE-axiológico, enquanto [(uma)-consciência + (uma)-percepção].

Mas, o que se pergunta efectivamente é: como (um)-sistema-topologia-linguística estrutura discursivamente (uma)-questão acerca de (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção] quando afirma que (um)-“fazer” não é (um)-*percipere*?

Real(mente) esta é (uma)-questão de difícil condução discursiva. Porquê enquanto o que “há”, é o que está em (uma)-fronteira que é muito ténue, em e «entre», (um)-fenómeno e (um)-sistema. Mas a partida, o que PRIMEIRAMENTE pode-se afirmar é que (um)-fenómeno é o que se define em (uma)-interacção-[sujeito x objecto]; e (um)-sistema é o que se define em (uma)-interacção-[objecto x objecto]. Porquê (um)-fenómeno é o que se define em (um)-acontecimento-observável; e (um)-sistema é o que se define em (um)-conjunto-de-elementos-que-interagem-activamente em (um)-sistema-topologia-linguística<sup>256</sup>.

A partir do que, (um)-sistema-topologia-linguística entende que (uma)-relação-[sujeito x objecto], é o que se real(iza) formal e estruturalmente, em (uma)-interacção que “há”, em e «entre»,

---

254 Em latim: “perceber”.

255 Idem.

256 Esta afirmação não invalida qualquer outra *physis* existencialmente semelhante.

[(uma)-acção-activa e (uma)-(re)acção-passiva]; ao passo que (uma)-relação-[objecto x objecto], é o que se realiza sistemicamente, em e «entre», [(um)-sistema-activo e (um)-sistema-activo].

Mas, somente esta forma de argumento não define (um)-FIM para esta questão. Pois tanto (um)-sujeito, quanto (um)-objecto é efectivamente o que se pode real(izar) SER como (uma)-ONTOFILOGENIA-sistémica-activa. Contudo, (uma)-interacção-[sujeito x objecto] enquanto (um)-sistema-activo, é o que se real(iza) como (uma)-forma-hierarquia; ao passo que (uma)-interacção-[objecto x objecto], é o que se real(iza) sistemicamente como (uma)-simultaneidade.

E na forma de (uma)-simultaneidade-sistémica, a qual é enquanto tal (uma)-*ergoígenia*. Ou seja, (uma)-simultaneidade-[objecto x objecto] em (uma)-continuidade-[objecto x objecto] que enquanto (uma)-continuidade-sistémica-e-*ergoígênica*, é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[ELO | atractor] que, enquanto (uma)-real(idade) em (um)-REAL (adjectivo), é como (uma)-essência que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, enquanto (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação].

Entretanto, é (um)-facto que “há” em (uma)-realidade-sistémica (uma)-percepção. Contudo, não é (um)-facto que (uma)-manifestação de (uma)-percepção é (uma)-representação. Porquê?

#### 7.1. (um)-“fazer” não é (um)-*percipi*, é (um)-NADA

A resposta para esta pergunta anterior é: porquê (um)-“fazer” não é (um)-*percipi*<sup>257</sup>. Mas então o que é (um)-*percipi*?

A partir do latim, (um)-*percipi* é o que se define como: “ser é ser percebido”.

Portanto, a partir de “ser é ser percebido”, o que se vai argumentar PRIMEIRO acerca do “ser”, é o que do latim “*essere*”, define-se como: “existir, indivíduo ou pessoa”; SEGUNDO acerca do “percebido”, é o que do latim “*percipere*”, define-se como: “perceber”; TERCEIRO acerca do “ser percebido”, é o que a partir de [“*essere*” | “*percipere*”], o que se define como: “existência ou indivíduo, que sofre a acção da percepção”; e QUARTO, é “o quem” ou “o que” “sofre a acção da percepção”, porquê “*percipere*” é na forma de “*percipi*”, o que se define como (um)-particípio que, desta forma, é o que se real(iza) como (um)-verbo-na-voz-passiva.

Ou seja, “que” ou “quem” “sofre a acção” do verbo “perceber”, é (um)-sujeito. E este sujeito que “sofre a acção” do verbo “*percipere*”, é (um)-SER. O que se define em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

---

257 Em latim: “ser é ser percebido”

Ora, obviamente se “quem” ou “o que” “sofre a acção” do verbo “*percipere*” é (um)-sistema-vivo-humano. Então, como se pode afirmar que (um)-“fazer” não é (um)-*percipi*? Para mais, como se pode afirmar também que (um)-“fazer” é (um)-NADA?

Isto acontece porquê (um)-“fazer” é (uma)-resposta-adequada que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica a partir de (um)-estímulo. Mas (um)-estímulo é mais do que (uma)-percepção, ou pelo menos pode-se afirmar acerca de (um)-estímulo que é enquanto (uma)-percepção que “há” em cada (uma) das variações energéticas oriundas de (um)-meio-*physis*-existencial, o que é preciso contudo, também para enfatizar que muitas das variações energéticas oriundas de (um)-meio-*physis*-existencial, não SÃO ontofenomenologicamente conscientes, outrossim, somente ONTOFILOGENICAMENTE perceptíveis. E para além disto, que (um)-estímulo é enquanto (uma)-percepção, (uma)-codificação que se real(iza) na forma de (um)-sinal-electroquímico.

A partir do que (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção], deixa de SER ontofenomenologicamente (uma)-realidade. Mas por OUTRO lado, também não passa a SER ontofenomenologicamente (uma)-negação de (uma)-realidade, outrossim, (uma)-fracção do REAL (adjectivo).

Desta forma, real(mente) segundo (uma)-topologia-linguística, não “há” (um)-argumento-discursivo-adequado diante de (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção]. Posto que como (um)-critério-de-verdade é o que se real(iza) a partir de (uma)-estrutura-axiológica, esta é a condição da qual se quer afastar absoluta (instável) e interactivamente (estável) (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas a questão nesta altura é (um)-“fazer” que não é (um)-*percipi*. E como já logo acima demonstrado, o que “há” em (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção], é (uma)-fracção-real(idade). Posto que, curiosamente, [(uma)-consciência é (uma)-percepção], é o que desta forma, “há” como (uma)-*ergoígenia*.

Entretanto, [(uma)-percepção é (uma)-consciência], como não “há”, é o que desta forma, não “há” como (uma)-*ergoígenia*. Posto que, o que somente “há” como (uma)-representação segundo (um)-sistema-topologia-linguística, não o é enquanto (uma)-real(ização). O que “(des)faz” (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção] enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] *ergoígênica*.

Por isto, “há” (um)-fundamento-sistémico em (uma)-topologia-linguística, que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. Posto que (um)-recalcamento, é o que se real(iza) como (uma)-acção que, desta forma, completa-se enquanto (uma)-fracção-real(idade) de

(uma)-fracção-[consciência | percepção]. O que (trans)forma-se em (um)-INTEIRO-realidade, que se realiza na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

Portanto, se “há” (um)-recalcamento que enquanto (uma)-acção, é o que se real(iza), como (um)-INTEIRO-realidade, efectivamente (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção], é *ergoñgenicamente* o que não se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

E (um)-“fazer” em (uma)-topologia-linguística é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. O que, desta forma, não é (um)-*percipi*. Restando-se apenas como (uma)-questão: porquê (um)-“fazer” é (um)-NADA?

PURA e simplesmente porquê em (uma)-topologia-linguística, (um)-NADA é (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção]. O que se pode afirmar, desta forma, a partir de cada (um) dos argumentos sartrianos. Posto que o que “há” como (uma)-fracção-real(idade) não é o que se real(iza) enquanto (um)-INTEIRO-REAL (adjectivo); pois isto é o que se define enquanto (uma)-formalidade, como (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção], que não é (um)-“haver”-REAL (adjectivo). Isto porquê (uma)-simultaneidade enquanto [(uma)-realidade-sistémica e (uma)-real(idade)-representação], é o que enquanto [(um)-“haver” que não-“há”, é o que enquanto (um)-não-“haver”-“há”]<sup>258</sup>. (uma)-representação em que [não-“há”], o que é enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, (um)-“haver”-REAL enquanto (um)-adjectivo-INTEIRO.

O que desta forma, é [(um)-“fazer” que enquanto (um)-NADA]<sup>259</sup>, é [(um)-NADA em (um)-“fazer”]<sup>260</sup>. O que desta forma, é (uma)-*ergoñgenia*-“em-si”, que se real(iza) como (um)-INTEIRO-REAL (adjectivo), mas na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], que é enquanto (uma)-representação, (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística.

## 7.2. (um)-homem não é (um)-*percipiens*

Por isto, (um)-homem não é (um)-*percipiens*<sup>261</sup>. Posto que cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-sistema que em (uma)-sistemática é, desta forma, o que não se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, como (um)-sujeito. Não que (um)-sujeito não exista em (uma)-topologia-linguística, outrossim, devido ao facto de que a questão restringe-se a (um)-modo-de-SER de cada (um) dos sistemas vivos humanos. [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (um)-objecto é, como (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, o que se real(iza) enquanto

258 Máxima proferida por M. D. Magno (1938) em (uma) das suas conferências e reproduzida na OBRA “O Pato Lógico” de 1986, como “se tudo há, o não haver não há”.

259 Veja Capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.

260 Idem.

261 Em latim: “aquele que percebe”



(um)-acontecimento-linguístico, que «sobre» cada (um) dos objectos que “há” em (uma)-real(idade), é como (uma)-homeomorfia.

E como já argumentado logo acima, (um)-sistema-vivo-humano, desta forma, não é “aquele que percebe”, mas «antes», (um)-objecto-percepção que, desta forma, é enquanto (uma)-“coisa”-aparência [atractor], (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo); (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico; e (uma)-realidade-sistémica em (um)-imaginário-topológico enquanto (uma)-existência-não-linguística. A partir do que, o que “há” enquanto (uma)-simultaneidade-sistémica-[recalcamento | real(ização)], é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-sistémica-[(ir)representação | representação] que, desta forma, é sistemicamente, (uma)-simultaneidade-[essência | acontecimento linguístico].

(uma)-cascata-sistémica que na forma de (uma)-*ergoígenia*, é [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]. Pois “aquilo que edifica” não é “aquele que percebe”, outrossim, “aquilo” que *ergoígenicamente* real(iza-se), como (um)-“fazer” a partir de (um)-acoplamento-estrutural. O que ao acoplar (uma)-existência-sistémica à (um)-meio-*physis*-existencial, atravessa cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», (uma)-existência-sistémica e (um)-meio-*physis*-existencial. O que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE observado, através de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto porquê, “aquele que percebe” na forma de (um)-*percipiens* em (um)-sistema, é o que estruturalmente real(iza-se), a partir de (um)-atravessamento-sistémico, através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica enquanto “aquilo que constrói” e a partir “daquilo que concede”, enquanto (uma)-formalidade-*percipiens* e a partir de (um)-*percipere* que enquanto (um)-*percipi*, é o que como (uma)-formalidade-HOMEM, é (um)-construto a partir de (um)-“fazer”-sistémico, que se real(iza) como (uma)-existência-linguística enquanto (uma)-representação. O que na forma de (um)-HOMEM [construto], é o que se (re)vela como (um)-sistema-vivo em (uma)-existência-linguística a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

### 7.3. Quando (um)-véu-imaginário estrutura (um)-*percipere*

A partir do que (um)-véu é o que se estrutura como (uma)-existência-não-linguística, enquanto (uma)-estrutura-de-ambiguação que, na forma de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM], é o que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*, que enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é como (uma)-prática-objectiva e a partir de (um)-protótipo-objectivo, o que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se real(iza) como (uma)--(des)ambiguação em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-cognitivo-e-social que na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO

NÃO], é enquanto (um)-acoplamento-estrutural, o que se objectiva autopoieticamente como (uma)-(trans)forma de (um)-ESTÁDIO-monocórdio em (um)-ESTÁDIO-diádico.

(uma)-imagem que, desta forma, é (uma)-alucinação. Porquê em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-representação não é (uma)-imagem [alucinação], mas «antes», (uma)-representação na forma de (uma)-*ergoígenia*. Posto que enquanto [(uma)-representação é (uma)-representação]. (uma)-identidade que sistemicamente, enquanto (uma)-semântica-neurofisiológica, é o que se real(iza) como (uma)-resposta-adequada em (um)-ESTÁDIO-diádico.

(um)-véu-imaginário que enquanto tal, é (uma)-alucinação [imagem] que na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se real(iza), em (um)-construto como (uma)-identidade. O que em (um)-ESTÁDIO-egóico, é o que se perde (ir)remediavelmente, em (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que na forma de (uma)-representação, é enquanto (uma)-formalidade-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], o que se instala como (uma)-(in)consistência-ONTOFILOGÊNICA.

Por isto, o que estrutura (um)-*percipere*<sup>262</sup>, é (uma)-alucinação [imagem], pois a forma de (um)-artefacto-[lasca | núcleo], é o que real(izar), como (uma)-estrutura-de-ambiguação que ao atravessar (um)-véu, inaugura (uma)-imagem [alucinação] que enquanto (uma)-simultaneidade-[figura | fundo], é o que se real(iza) neuro-BIO-fisiologicamente, como (uma)-semântica-visual que funda (um)-HOMO-linguístico, como também, (uma)-percepção. Posto que, o que atravessa (um)-véu, é o que enquanto (um)-perceber, é como (uma)-simultaneidade-[figura | fundo], o que se alicerça em (uma)-continuidade-[figura | fundo], que simultânea e *ergoígenicamente*, funda-se em (uma)-semântica-neurofisiológica, como (uma)-continuidade-[adjetivação | substantivação].

(uma)-simultaneidade-[visível | (in)visível] que ao atravessar continuamente (um)-véu-imaginário, é o que se real(iza) como (um)-protótipo-NEONATAL, enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-ESTÁDIO-egóico.

#### 7.4. (um)-NADA é (uma)-*ergoígenia*

Mas como (um)-imaginário em (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-estímulo-não-imaginado como (um)-SER (SEIN) que, na ausência de (uma)-faculdade-de-existir-ou-imaginar [é]. Mas que, enquanto (um)-NADA é (uma)-representação, porquê (um)-“fazer” é (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo).

O que desta forma, é (uma)-forma que se real(iza) sistémica, estrutural e formalmente, para tornar visível “aquilo que não é” na forma de (uma)-alucinação [imagem]. Posto que, o que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*, é o que a partir de (um)-REAL (adjectivo), é o que tudo procura

---

262 Em latim: “perceber”.

representar, em (um)-sistema-topologia-linguística. Pois (uma)-*ergoígenia* é (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação]. O que enquanto (um)-“fazer” é, desta forma, em (um)-ESTÁDIO-egóico, o que se define como formalidade em (um)-NADA.

(um)-(ir)remediável-recalcamento que ao real(izar-se) como (uma)-identidade, é o que enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], acontece a partir de (uma)-continuidade-[adjetivação | substantivação].

(um)-adjectivo<sup>263</sup> (ir)remediavelmente recalcado por (um)-“fazer”, que em (um)-ESTÁDIO-diádico, é (um)-“haver”-alucinado que enquanto (uma)-imagem [alucinação], é (um)-NADA. (uma)-*ergoígenia* que na forma de [(um)-NADA é (um)-NADA], é o que se real(izar), como (uma)-semântica-neurofisiológica enquanto (uma)-identidade.

(uma)-identidade (ir)remediavelmente recalcada que PARA O SEMPRE, é (re)inventada ao atravessar cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sistemas vivos humanos, em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], que enquanto cada (uma) das essências que “há”, é o que se real(iza) em cada (uma) das práticas linguísticas.

#### 7.5. (um)-fetiche é enquanto (uma)-projectão, (um)-NADA

Mas, desta forma, (uma)-(re)invenção é (um)-fetiche. (uma)-projectão de (um)-NADA que enquanto (uma)-*ergoígenia*, é (uma)-identidade e enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico, é (uma)-(ir)representação.

(uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo) que é (uma)-identidade-(ir)remediavelmente-perdida enquanto (uma)-existência-não-linguística. O que, desta forma, é enquanto (uma)-semântica-neurofisiológica, o que ao atravessar (uma)-continuidade-[adjetivação | substantivação], real(iza-se) como (uma)-fracção-real(idade), mas na forma de (uma)-representação-pronominal que, desta forma, é como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], o que enquanto (uma)-fracção-*physis*-existencial enquanto (uma)-*ergoígenia*, é na forma de (uma)-simultaneidade-[fraccionação<sup>264</sup> | fraccionada], (uma)-contínua-[(in)satisfação] que ao atravessar (um)-NADA, é como (uma)-real(ização), o que estruturalmente real(iza-se) como (um)-fetiche.

(uma)-real(ização)-fetichismo que ao projectar-se como formalidade em (um)-“EU”-pronominal, não se real(iza) como (uma)-realidade-subjectiva, outrossim, enquanto (uma)-fracção-objectiva de (uma)-realidade-sistémica que, na forma de (uma)-real(idade), é (uma)-fraccionação<sup>265</sup>.

263 Atenção que a palavra NADA é (um)-substantivo. Mas em (uma)-topologia-linguística, (uma)-adjetivação e (uma)-substantivação SÃO ONTOFILOGENICAMENTE acções. Veja Capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.5. Adjetivação x Substantivação.

264 Palavra inventada que denota (uma)-acção que na forma de (uma)-fracção, é (uma)-fraccionação.

265 Idem.

(uma)-continuidade-negada que, desta forma, (des)continua-se real(izando-se) como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], mas que a partir de (um)-NADA é, desta forma, o que enquanto (uma)-negação, é (uma)-real(ização) estrutural enquanto (um)-fetiche. (um)-artifício que ao inflamar (uma)-existência-linguística, é o que “há” como (uma)-realidade em cada (uma) dos sistemas vivos humanos, e real(iza-se) como (uma)-constante-(re)invenção para (uma)-satisfação em cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

## 8. (um)-protótipo-objectivo e o NADA sartriano

Mas como (um)-“fazer” é (uma)-(des)ambiguação enquanto (um)-protótipo-objectivo; e (um)-NADA-sartriano é (um)-artifício-linguístico que ao atravessar (uma)-sintaxe-retórica, permite-se como (um)-construto, na forma de (uma)-reflexão-linguística.

É desta forma, que (uma)-reflexão-linguística é o que se estabelece como (um)-significado, mas na forma de [(uma)-representação de (uma)-representação] que enquanto tal, é o que se real(iza) como (uma)-(trans)forma(ção)-“coisa”-social linguisticamente; e não linguisticamente é o que como (uma)-projecção, é enquanto (uma)-realidade-sistémica [existência não linguística], o que se real(iza) «sobre» (uma)-essência enquanto o que (trans)forma tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, na forma de (uma)-“coisa”-aparência [atractor], enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], como o que se real(iza) enquanto (uma)-conformidade, em (uma)-fraccionação-da-realidade enquanto (um)-fetiche.

Pois, desta forma, não “há” (uma)-simultaneidade, outrossim, (uma)-forma-significação que ao negar (uma)-“coisa”-aparência, existe como (um)-“lugar” que, contudo, é na forma de (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência, o que é enquanto (uma)-“coisa”-social, (um)-artifício para (uma)-satisfação. (uma)-existência-linguística que na forma de (um)-heurismo, é o que se nega como (uma)-“coisa”-aparência, ao real(izar-se) como (uma)-“coisa”-social para (uma)-satisfação e enquanto (uma)-real(ização).

(um)-protótipo-heurístico que enquanto (um)-fetiche, é o que se (des)continua enquanto (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], ao atravessar (um)-“fazer” que ao negar-se como (um)-NADA, é na forma de (um)-fetiche, o que se estrutura como (uma)-(des)ambiguação que, sistemicamente e a partir de (um)-atravessamento, é o que se real(iza) como (um)-acontecimento-significante enquanto (um)-acoplamento-estrutural. O que ao significar (um)-“fazer”-neurofisiológico enquanto o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se real(iza) como (uma)-realidade e não como (uma)-real(idade).

Portanto, se “há” (uma)-consciência, não “há” (um)-vazio. Posto que (um)-NADA é (uma)-forma que ao tornar-se visível, enquanto “aquilo que não é”, é o que se real(iza) enquanto (um)-“fazer”, como o que (des)ambigua “aquilo que tudo é”, enquanto (um)-acontecimento-significante. O que na forma de (um)-significado, é o que se estrutura como (um)-atravessamento, que ao acoplar-se em cada (uma) das existências sistémicas como (um)-sistema-interactivo em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que atravessa cada (uma) das existências linguísticas e não linguísticas, como (um)-“fazer” que se real(iza) linguisticamente para (uma)-satisfação.

Por isto, (um)-NADA (substantivo) é (um)-(im)possível, apesar de (um)-NADA SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-“haver” (adjectivo) ontofenomenológico. Isto porquê (um)-NADA não tem antonimia<sup>266</sup>. Posto que tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é (um)-MÚLTIPLO. E (um)-NADA é (uma)-fracção-do-UNO, o que, desta forma, é (um)-CHEIO que não é (um)-VAZIO. A partir do que se pode afirmar que (um)-NADA (substantivo), é o que enquanto (um)-vazio é (um)-(im)possível, apesar da palavra VAZIO SER ontofenomenologicamente tanto (um)-adjectivo, quanto (um)-substantivo.

Mas, como (um)-NADA é (uma)-representação e (uma)-representação é (uma)-simultaneidade-[possível | (im)possível]. (um)-NADA é (um)-CHEIO enquanto (um)-[NÃO NÃO] e (um)-[NÃO NÃO] é (um)-MÚLTIPLO enquanto (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}. Contudo, (uma)-dupla-negação é (um)-SIM. O que, desta forma, é (um)-SER na forma de (uma)-inflamação.

Entretanto, como (um)-“fazer” é UNO porquê (um)-NADA não é (um)-vazio, outrossim, [é o que é] enquanto (um)-NADA. O que “há”, desta forma, como (uma)-inflamação, é pois (uma)-fracção-(im)possível enquanto (um)-INTEIRO. Posto que (uma)-simultaneidade enquanto [SIM NÃO = NÃO SIM]. É o que acontece porquê [SIM NÃO] é (uma)-representação de (uma)-UNIDADE-múltipla-[lasca | figura]; ao passo que [NÃO SIM] é (uma)-representação de (uma)-multiplicidade-do-UNO-[núcleo | fundo]. O que “faz” de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM], o que enquanto (uma)-representação é o que se real(iza) como (um)-estruturante-inflamação na forma de (um)-sinal-[≠].

Pois é desta forma, que (um)-NADA é (uma)-inflamação. A partir do que e diante desta argumentação, o que se deixa é (uma)-pergunta, enquanto (uma)-forma-indagação: será que (um)-NADA, desta forma, é enquanto (uma)-simultaneidade-[MÚLTIPLO | UNO], o que se pode representar como (uma)-origem de (uma)-consciência?

SIM, a questão é mesmo esta, representar-se como (uma)-origem e não a partir de (um)-NADA. Pois o que segundo Sartre “é (um)-tendo-sido”<sup>267</sup>. Em (um)-sistema-topologia-linguística como (um)-NADA, [é o que é]. O que afinal se propõe como OUTRA-forma-indagação: (uma)-representação representa-se “em-si” ou “para-si”?

---

266 Atenção que o antónimo de NADA é TUDO. Mas NADA é (um)-substantivo e TUDO é (um)-pronome. E este facto sintático, segundo (uma)-topologia-linguística, é o que estabelece que não “há” antonimia, em e «entre», NADA e TUDO.

267 Como o que Sartre escreve em francês é: “est éte”; e, desta forma, o verbo transitivo SER está na voz passiva, opta-se por (um)-NADA “é tendo sido” que, no texto acima, tomou a forma: “é (um)-tendo-sido”. Em “O ser e o nada” de Jean-Paul Sartre, tradução de Paulo Perdigão, editora Vozes, Petrópolis, Brasil, versão digital, página 65.

### 8.1. (um)-“fazer” é (um)-acontecimento

Ora, diante da pergunta que “há” logo acima, PRIMEIRAMENTE pode-se afirmar que (um)-“fazer” é (um)-acontecimento-objectivo. E a partir do qual o que “há” como (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que atravessa (uma)-essência enquanto (uma)-real(ização), e que enquanto “aquilo que acontece”, é o que ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (um)-acoplamento-estrutural, é o que se real(iza) como (uma)-prática-objectiva.

Mas a questão a partir de Sartre, acerca desta indagação, é FENOMENOLÓGICA. Ou seja, (uma)-manifestação que na forma de (uma)-representação, é o que enquanto tal, define-se como (um)-SER que, a partir de (uma)-consciência, é o que se real(iza) como (uma)-existência-“para-si” que segundo Sartre, é diferente de cada (uma) das OUTRAS existências que “há” em (uma)-mundanidade.

E o ponto de partida para esta conjectura sartriana acerca de (uma)-existência-“para-si”, é (uma)-negação que enquanto (uma)-origem, é o que se real(iza) a partir de (um)-NADA e de cada (uma) das NADIFICAÇÕES que se formalizam enquanto cada (uma) das representações de cada (uma) das existências “em-si”.

A partir do que, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-existência-“em-si” é (uma)-“coisa”-aparência, como também, (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-representação. Diante do que real(mente), o que está aqui em questão é: se (uma)-representação é como (uma)-“coisa”-aparência, (uma)-existência-“em-si” ou (uma)-NADIFICAÇÃO enquanto (um)-“fazer”?

E como o que “há” a partir de (uma)-comparação em e «entre», (uma)-ontofenomenologia-sartriana e (uma)-topologia-linguística, são duas respostas diferentes para esta mesma questão. Optou-se por tratar ambas as respostas a partir de (um)-“fazer” que definido como (um)-acontecimento, pode-se favorecer como (uma)-convergência de (uma)-ontofenomenologia-sartriana à (uma)-topologia-linguística através de mais (uma)-pergunta: porquê (um)-“fazer” é (um)-acontecimento?

Pois esta é mesmo (uma)-pergunta-constrangedora de (um)-ponto-de-vista de (um)-sistema-topologia-linguística. Porquê a resposta envolve a forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que na forma de [(um)-“fazer” é (uma)-representação], é enquanto (uma)-identidade o que segundo Friedrich Frege (1848-1925), real(iza-se) como (um)-paradoxo<sup>268</sup> a partir da forma de (uma)-identidade que, ontofenomenologicamente real(iza-se) como (uma)-epistemologia.

A partir do que se pode afirmar que (uma)-representação é (um)-acontecimento-linguístico e consequentemente que (um)-“fazer” é (um)-acontecimento. Mas como [(um)-“fazer” é (uma)-

---

268 Veja Capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.

representação] e também [(um)-NADA é (uma)-representação], isto é o que homeomorficamente realiza-se como [(um)-“fazer” é (um)-NADA]. O que enquanto tal, ontofenomenologicamente é (uma)-NEGAÇÃO de (um)-“fazer”. Posto que (um)-“fazer”-(des)ambiguador, como é o que se real(iza) como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}. Isto é o que “(des)faz” (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] através de (um)-“fazer”-(des)ambiguador.

Ou seja, é (uma)-pergunta-constrangedora porquê ao responder-se, desta forma, a (um)-“fazer” é (um)-acontecimento? O que se obriga enquanto resposta é que (uma)-representação real(mente) é o que se real(iza) como (uma)-existência-“para-si”, mas que na forma de (uma)-consciência e a partir de (uma)-constatação-*ergoñgênica*, é o que enquanto [(um)-“fazer” é (um)-NADA], coloca-se desta forma, e enquanto tal, como [(um)-“fazer” é (uma)-NEGAÇÃO].

Portanto, como (uma)-acção que “há” como (um)-PORÉM, pois (um)-“fazer” não é (uma)-NEGAÇÃO de (uma)-existência-“em-si”, outrossim, (uma)-NEGAÇÃO de (uma)-ambiguação-*ergoñgênica*, que se real(iza) como ambiguação na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO]. O que efectivamente define que (uma)-facticidade-“para-si”, é (um)-SER-histórico-“em-si”. E a partir do que se pode afirmar que (uma)-representação é (uma)-existência-“em-si” em (um)-sistema-topologia-linguística. O que não QUER dizer que se (contra)diz (uma)-argumentação-sartriana, outrossim, que “há” (uma)-convergência que está em (um)-NADA, e que se pode DE-PER-SI<sup>269</sup>, identificar como (um)-PARADOXO.

## 8.2. O lascar de (uma)-pedra não é (uma)-técnica

Por isto o lascar de (uma)-pedra não é (uma)-técnica, mas «antes», (uma)-ambiguação em (um)-atravessamento, que através de (um)-“fazer”, acontece como (uma)-prática-objectiva. Mas que, desta forma, não é (um)-acontecimento-linguístico, outrossim, (um)-acontecimento-objectivo a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

O que torna (um)-NADA, enquanto (uma)-convergência, ainda mais paradoxal. Isto porquê (um)-lascar de (uma)-pedra, é desta forma, (um)-“fazer” que enquanto tal, é (uma)-NEGAÇÃO, contudo, esta é (uma)-NEGAÇÃO que não se estabelece como (uma)-forma-consciência, outrossim, como (um)-acoplamento-estrutural.

Que, por OUTRO lado, ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética, é o que se real(iza) como (um)-véu-imaginário que não é (um)-estímulo-imaginado, outrossim, (um)-SER (SEIN) que na ausência de (uma)-faculdade-de-existir-ou-imaginar<sup>270</sup>, é (uma)-forma que se real(iza), sistémica e

---

269 Locução adverbial que se define como: “isoladamente, em si, por si mesmo”.

270 Veja capítulo 7. (um)-“fazer” não é (um)-*percipere*, subcapítulo 7.4. (um)-NADA é (uma)-*ergoñgenia*.



estruturalmente, para tornar visível “aquilo que não é”, a partir da forma de (uma)-alucinação (imagem), que enquanto (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM], é (uma)-ONTOFILOGENIA.

(um)-(in)separável que enquanto (um)-artefacto, ao estruturar-se como (uma)-ambiguação, atravessa (um)-“fazer”-(de)sambiguador, ao real(izar-se) como (uma)-alucinação, que na forma de (uma)-imagem é, desta forma, o que enquanto (uma)-prática-objectiva, é o que ao atravessar (um)-véu-imaginário, é na forma de (uma)-continuidade-sistémica, o que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que, desta forma, não é (uma)-técnica.

### 8.3. O véu imaginário é (uma)-estrutura que “(in)separa” o NADA

Portanto, (um)-véu-imaginário é (uma)-estrutura que “(in)separa” (um)-NADA. Porquê (um)-véu ao “(in)separar”, é o que se torna (um)-visível “naquilo que é”, e (um)-NADA “naquilo que não é”. Pois é desta forma, que (uma)-“(in)separação” em (uma)-existência-linguística-hierárquica, é como (um)-fetichismo, o que é enquanto (um)-artifício, como (uma)-existência-linguística.

E assim, (um)-NADA é (uma)-“coisa”-aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é como (uma)-“coisa”-social, o que se real(iza) enquanto “aquilo que não é” na forma de (uma)-prática-linguística. O que “(in)separa” (um)-NADA sistémica e estruturalmente. (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que não se real(iza) como (uma)-real(ização), outrossim, como (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (uma)-forma-realidade, não é (uma)-forma-real(idade), outrossim, (um)-artefacto.

Como então, a partir desta condição, pode-se afirmar que “há” ou que se real(iza), (uma)-forma-consciência como (uma)-existência e enquanto (um)-fenómeno?

Para já, segundo (uma)-topologia-linguística, o que é (um)-[φαίνω (*phaino*<sup>271</sup>) + μένω (*meno*<sup>272</sup>)], é (uma)-simultaneidade-[existência | manifestação] que, desta forma, é (uma)-“coisa”-aparência que não é (uma)-forma-consciência, outrossim, (uma)-identidade-*ergoḡgênica* que na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é (uma)-existência-sistémica enquanto (um)-linguístico.

(uma)-existência que não se real(iza) ao atravessar (uma)-consciência, outrossim, como (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica enquanto (uma)-resposta-adequada a cada (uma) das condições *physis* existenciais de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Portanto, como (um)-“fazer”-neurofisiológico sistémico e estrutural, que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo), ao atravessar (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que, desta forma, é enquanto (uma)-real(ização)-imaginária e na forma de (uma)-imagem [alucinação], o que é (um)-NADA que se “(in)separa” ao atravessar (um)-artefacto-[lasca | núcleo] que enquanto tal, é

271 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

272 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

MÚLTIPLO em cada (uma) das real(izações) de (um)-“fazer”-(des)ambiguador, e é UNO enquanto (um)-NADA.

Isto porquê, (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] é (uma)-alucinação [imagem], que na forma de (um)-“fazer”-(des)ambiguador, ainda não se real(iza) como (uma)-representação, outrossim, como (uma)-NADIFICAÇÃO. (uma)-alucinação [imagem] que ao atravessar (um)-“fazer”-(des)ambiguador, “(in)separa” (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo]. (um)-NADA que em cada (um) dos atravessamentos sistémicos que “há”, é enquanto (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva], o que ao atravessar (um)-véu-imaginário, real(iza-se) como (um)-artefacto.

Assim, ora como (uma)-lasca, ora como (um)-núcleo, é a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica enquanto (uma)-resposta-adequada, que ao atravessar (um)-véu-imaginário, “(in)separa-se” (um)-NADA enquanto (um)-“fazer” a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

#### 8.4. (um)-NADA é (uma)-existência?

E, desta forma, (um)-NADA existe e manifesta-se enquanto o que é, como “aquilo que não é” (uma)-“coisa”-social, mas que se real(iza) como (uma)-existência-objectiva, ao atravessar (um)-véu-imaginário na forma de (um)-“fazer”. (uma)-alucinação [imagem] que ao “(in)separar” (uma)-forma-artefacto, é o que acontece como (um)-NADA, que na forma de (um)-“fazer” é (uma)-essência-(in)separação enquanto “aquilo que é”, não sendo por isto (um)-vazio, mas «antes», (um)-CHEIO “do que não é” (uma)-forma-(inter)polação<sup>273</sup>.

Pois, desta forma, (um)-NADA enquanto (um)-linguístico, é como (um)-fetiche que se real(iza) na forma de (um)-*axios*<sup>274</sup>. (um)-artifício que se real(iza) para alcançar (uma)-satisfação, que ao atravessar (um)-linguístico, é enquanto (uma)- projecção, o que se real(iza) «sobre» (uma)-forma-objecto que “atirado adiante”, é enquanto (uma)-real(ização), [(uma)-representação de (uma)-representação] que enquanto (uma)-“coisa”-social é (um)-construto-heurístico.

Portanto, “aquilo que não é” (uma)-forma-(inter)polação, porquê como (um)-NADA é (um)- (in)separável. Existe e manifesta-se como (um)-“haver”-(in)separação que, enquanto (um)-“fazer” é (uma)-essência em (uma)-prática-objectiva. O que ao atravessar (uma)-real(ização), é através de (um)-véu-imaginário, o que é [ora lasca | ora núcleo] e que “atira-se adiante” como (um)-CHEIO de NADA.

---

273 Em matemática (uma)-(inter)polação é (uma)-metodologia que permite construir (um)-conjunto-de-dados a partir de (um)-conjunto-de-dados-pontuais-previamente-conhecidos.

274 Palavra grega *αξιος* (*axios*) que se define como o “que é pesado, que tem peso, que tem o peso de outra coisa de valor semelhante, que vale tanto quanto”, aqui, definida como (um)-*valor*. Dicionário Strong, verbete 514.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] “do que não é”, que enquanto (um)-construto-heurístico é (uma)-forma-(inter)polação. O que apesar de SER (um)-fetichismo, também é na forma de (uma)-existência-não-linguística, o que se projecta [ora lasca | ora núcleo] na forma de (um)-artefacto.

(uma)-existência-objectiva que ao atravessar (um)-véu-imaginário, é “aquilo que é”, não sendo “aquilo que não é”. (uma)-realidade que ao projectar-se como (uma)-“coisa”-social, é enquanto (uma)-existência e na forma de (uma)-manifestação, o que enquanto tal, não é (um)-fenómeno, outrossim, (uma)-resposta-adequada que ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico.

#### 8.5. (um)-fetiche<sup>275</sup>: quando (um)-NADA projecta (uma)-SOCIEDADE

Por isto, é (um)-NADA o que se projecta como (uma)-forma-SOCIEDADE. Porquê (um)-NADA é simultaneamente, (um)-fetiche enquanto (um)-*axios*; e (um)-CHEIO “daquilo que não é” (um)-valor enquanto (um)-NADA. Isto porquê (uma)-SOCIEDADE é (um)-fetiche-absoluto (instável) que, desta forma, é (uma)-projectão de (uma)-existência-não-linguística «sobre» a forma de (um)-“fazer” que, ao atravessar (uma)-prática-objectiva é (uma)-essência na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Mas, desta forma, (uma)-SOCIEDADE “ainda não é” (uma)-representação, outrossim, (uma)-existência-não-linguística que enquanto (um)-linguístico, existe e manifesta-se como (um)-imaginário-topológico em (um)-REAL (adjectivo).

(uma)-imagem [alucinação] que se real(iza) a partir de (um)-véu, ao (re)velar-se “(in)separação”, real(izando-se) [ora como “aquilo que é”, ora como “aquilo que não é”], a partir de (uma)-realidade que na forma de (um)-“fazer”, é (uma)-real(ização) a partir de (uma)-(des)ambiguação.

(uma)-realidade para à qual ainda não “há” (um)-simultâneo-real(idade). O que enquanto tal, é (um)-“haver” que enquanto tudo-o-que-“há”, é enquanto (uma)-existência-SOCIEDADE, o que na forma de (um)-fetiche-absoluto (instável), é a partir de (um)-NADA, o que se real(iza) como todo-(um)-“haver”.

---

275 Este é (um)-fetiche-absoluto (instável).

## 9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano

Mas afinal, (um)-fetiche é (uma)-forma a partir da qual se pode indagar acerca de (uma)-representação: pois será (uma)-existência-“em-si” ou (uma)-existência-“para-si” enquanto (uma)-“coisa”-aparência?

Esta é (uma)-questão que se coloca, em e «entre», (uma)-existência-não-linguística e (um)-linguístico, e que na forma de cada (uma) das existências que “há”, e a partir de (uma)-realidade-sistémica, é o que se realiza sistemicamente como (um)-NADA que, desta forma, é (uma)-existência-subjectiva-PURA e absoluta (instável) que “há” como (uma)-homeomorfia, em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Isto porquê (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] é, desta forma, (uma)-estrutura-de-ambiguação, que na forma de (um)-véu-imaginário, é (um)-NADA enquanto (uma)-forma-(in)separação.

Este é (um)-porquê de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(ização)] em (um)-ESTÁDIO-diádico, SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-NADA ontofenomenológico. Posto que, (sobre)tudo enquanto (um)-NADA, não é (um)-não-“haver”, isto porquê, (uma)-realidade que “há” enquanto [(um)-não-“haver”-que-não-“há”], não é (uma)-simultaneidade em (um)-ESTÁDIO-diádico, outrossim, (uma)-continuidade-não-linguística, não adjectiva e não substantiva, que em (um)-REAL (adjectivo), real(iza-se) ao atravessar (uma)-resposta-adequada, como [ora lasca, ora núcleo]-[ora núcleo, ora lasca], na forma de [(um)-“haver” enquanto o que tudo-“há”].

Portanto, [se tudo-“há”], [também “há” em (um)-“haver”], [(um)-não-“haver”]. Mas, o que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] enquanto (um)-linguístico?

Segundo (uma)-topologia-linguística, somente (um)-(in)separável. E, desta forma, somente “há” (um)-NADA. (um)-“fazer” que enquanto (uma)-*ergoígenia* que é [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], é o que na forma de (uma)-alucinação [imagem], é desta forma, (uma)-existência-“em-si” enquanto (um)-“fazer”. Posto que não-“há” como (uma)-finalidade, nem tampouco como (um)-projecto, outrossim, como (uma)-existência-objectiva que ao atravessar (um)-véu-imaginário, é o que enquanto (uma)-continuidade-em-e-«entre»-[“aquilo que é” e “aquilo que não é”], ou vice-versa, é o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistémica.

(uma)-*ergoígenia* que se real(iza) na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], e a partir de (uma)-simultaneidade-[ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca], é o que ao atravessar (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é enquanto (uma)-continuidade-não-linguística, não adjectiva e não substantiva, o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) como (um)-artefacto-[ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca], a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

(um)-“fazer” que enquanto tal, não é (uma)-(inter)polação. Posto que é (uma)-(in)separação. (um)-“haver”-(in)separável que enquanto (uma)-simultaneidade, é [(um)-“haver” e (um)-não-“haver”] que na forma de (um)-NADA, real(iza-se) como (uma)-resposta-adequada.

Portanto, em (um)-ESTÁDIO-diádico, desta forma, [(um)-não-“haver”-(in)separação-não-“há”]. Porquê [tudo-“há” em todo-(um)-“haver”], e TUDO é (um)-(in)separável. O que “faz” de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, o que ao atravessar (uma)-imagem [alucinação], é enquanto (uma)-forma-(in)separável, o que em (um)-ESTÁDIO-egóico, separa-se enquanto (uma)-simultaneidade-[realidade | real(ização)], ao atravessar (uma)-simultaneidade-["haver" | não-“haver”] como (uma)-(in)separação. O que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], que enquanto (uma)-forma-real(idade) é como (uma)-essência em cada (uma) das práticas objectivas ou linguísticas, o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo).

(um)-acontecimento-objectivo que em (um)-ESTÁDIO-diádico, ao atravessar (um)-véu-imaginário ainda como (uma)-alucinação [imagem], é o que enquanto (uma)-simultaneidade-["haver" | não-“haver”] é (um)-NADA, que na forma de (uma)-(in)separação, é o que se real(iza) através de (um)-“fazer”-neurofisiológico. (uma)-(in)separação que autopoieticamente objectiva-se como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] em (um)-ESTÁDIO-egóico e na forma de (uma)-representação.

(um)-acontecimento-objectivo que ao real(izar-se) como (um)-imediato, é o que se apresenta, como o que fundamenta (uma)-existência-linguística, ao alicerçar-se em (um)-protótipo-NEONATAL, que “há” «sobre» (um)-estruturador que a partir de (uma)-forma-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], define-se como (uma)-estrutura-de-inflamação em (um)-[≠]<sup>[sinal]</sup>, que enquanto tal, ao existir e manifestar-se como (um)-heurismo, é o que se real(iza) como (uma)-autopoiese-objectiva.

Isto porquê (um)-DESEJO, é o que enquanto (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é (uma)-existência-não-linguística que enquanto (uma)-existência-linguística ou não linguística, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-social. (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-representação, é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que na forma de (um)-linguístico, é enquanto (um)-[recalcamento | real(ização)], (uma)-simultaneidade-["em-si" | "para-si"], enquanto a forma de (uma)-representação.

Como também, (uma)-simultaneidade-["haver" | não-“haver”] é o que enquanto (uma)-[realidade | real(idade)], ao atravessar (um)-[≠]<sup>[sinal]</sup>, estrutura-se como (uma)-essência, que enquanto (uma)-formalidade-[existência + manifestação], é o que se real(iza) como (um)-significado. Não enquanto (um)-acontecimento-linguístico, outrossim, na forma de (um)-fetiche-

absoluto (instável) que, desta forma, é como (um)-heurismo, (uma)-real(ização) em (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

(uma)-existência-heurística que a partir de (um)-DESEJO, é na forma de (uma)-representação, o que enquanto (um)-[SIM NÃO  $\neq$  NÃO SIM], é (um)-NADA na forma de (uma)-inflamação. Pois, desta forma, o que significa (um)-[NÃO  $\neq$  NÃO], é o que “há” enquanto (uma)-significação. (uma)-existência-“em-si” que, enquanto (uma)-“coisa”-aparência não é presença, nem tampouco existência, mas tão somente manifestação enquanto (uma)-representação. O que se define como (uma)-consciência na forma de (um)-heurismo.

### 9.1. (um)-“fazer” sem (um)-sujeito

Mas, desta forma, esta é (uma)-real(ização) qu, a partir de (uma)-NEGAÇÃO, não é (uma)-forma-consciência enquanto (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”]. Posto que, desta forma, o que “há” é (um)-NADA que enquanto (uma)-representação, não é (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”], outrossim, como (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], é o que ao [recalcar (um)-“haver”, real(iza-se) como (um)-não-“haver”] e vice-versa.

Isto porquê, esta não é (uma)-forma-representação, outrossim, (uma)-real(ização)-sistémica que em (um)-ESTÁDIO-diádico, real(iza-se) a partir de (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-“fazer”-monocórdio, que ao atravessar (um)-véu-imaginário, real(iza-se) em (uma)-forma-SOCIEDADE, como (um)-“fazer”-imaginário que, desta forma, não é (uma)-existência-linguística, outrossim, (uma)-fetiche-absoluto (instável) que na forma de (uma)-imagem [alucinação], é (uma)-existência-não-linguística.

(uma)-existência-objectiva que, desta forma, não se real(iza) a partir de (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)], outrossim, a partir de (um)-“fazer”-sistémico que, a partir de (uma)-realidade, edifica-se como (uma)-(in)separação em (um)-REAL (adjectivo).

O que se devolve como (uma)-questão à (um)-fetiche-absoluto (instável), enquanto (uma)-forma que ao indagar acerca de (uma)-representação, coloca-se em e «entre», (uma)-existência-“em-si” e (uma)-existência-“para-si”, a partir de (uma)-forma-“coisa”-aparência, e não a partir de (uma)-consciência.

Isto porquê, em (um)-ESTÁDIO-diádico, não se real(izam) representações, outrossim, real(izações) de (um)-não-“haver” que não é (um)-recalcamento de (um)-“haver”, outrossim, (uma)-(in)separação que ao atravessar (um)-“fazer”-sistémico, é o que através de (uma)-estrutura-de-ambiguação-[SIM NÃO = NÃO SIM], real(iza-se) como (uma)-resposta-adequada, enquanto formalidade em (um)-artefacto-[ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca].

O que, repetitivo durante (um)-período de (um)-milhar-de-anos, instala-se como (uma)-forma-imagem [alucinação], que ao atravessar a forma de (um)-“fazer”-sistémico, é enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, o que se (re)organiza a partir de (uma)-estrutura-de-ambiguação-[SIM NÃO = NÃO SIM], enquanto (uma)-inflamação-objectiva que ao estruturar-se sistemicamente, é como (uma)-resposta-adequada, o que atravessa (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, real(izando-se) através de (um)-artefacto-[ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca], como (uma)-repetitividade que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE legada, é ontofenomenologicamente o que se transfere de (uma)-geração-HOMO à OUTRA, instalando-se autopoieticamente, enquanto (uma)-forma-real(idade) que ao (des)ambiguar-se estruturalmente o que se real(iza) como (uma)-representação, é a partir de (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”], o que enquanto (um)-NADA-linguístico, não é (uma)-existência-linguística.

(um)-“fazer” ambíguo ou (des)ambiguado, que ao real(izar-se) como (um)-*ergoḡgenia*, é o que ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos HOMO, não-se-“faz”-[como (um)-sujeito] ou como o que atravessa-[(um)-sujeito], outrossim, como (um)-atravessamento-sistémico que se real(iza) em cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO.

## 9.2. (um)-“fazer” [separa] (uma)-simultaneidade: (um)-“para-si”

Mas é a partir daqui que se trona preciso voltar à (uma)-indagação acerca de (uma)-representação: será (uma)-“coisa”-aparência, (uma)-existência-“em-si” ou (uma)-existência-“para-si”? Pois é a partir desta interrogação, que (um)-fetiche-absoluto (instável) do qual já se afirma que é (um)-NADA, é o que se real(iza) como (uma)-formalidade.

(um)-fetiche-absoluto (instável) que enquanto (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, é o que se torna enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”], no que ao real(izar-se) como (uma)-ambiguação, atravessa (um)-véu-imaginário como (uma)-*ergoḡgenia* que ao recalcar (uma)-real(ização), é o que enquanto (um)-“fazer”-egóico real(iza-se) como (uma)-representação na forma de (um)-significado. Posto que (uma)-representação é (um)-separado-(in)separável-[recalcamento | real(ização)]. Pois então: o que [separa] (uma)-simultaneidade-(in)separável?

Como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”] é (uma)-*ergoḡgenia* que se real(iza) na forma de [(um)-“haver” é (um)-não-“haver”] e vice-versa, como também, enquanto (um)-artefacto-[ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca]. O que [separa] (um)-artefacto-[(in)separável], é (uma)-*ergoḡgenia* que na forma de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)], é (uma)-real(ização)-[representação | (ir)representação].

(uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que enquanto (uma)-representação, é o que durante (um)-período de mais de (um)-milhar-de-anos, real(iza-se) como (uma)-alucinação instalada enquanto (uma)-imagem. (um)-“fazer” [alucinação | imagem] que a cada vez que atravessa a forma de (uma)-imagem-sistémica [alucinação], é o que enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, real(iza-se) como (uma)-estrutura-de-ambiguação-[SIM NÃO = NÃO SIM], mas na forma de cada (uma) das inflamações objectivas que “há”. O que enquanto (um)-NADA, é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] em cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO, [repetindo-se]<sup>276</sup> como (uma)-aparência-permanente que na forma de (um)-“fazer”-cognitivo-e-social, é enquanto (um)-artefacto, o que se real(iza) [alucinação | imagem] por mais de (um)-milhar-de-anos.

(um)-[φαίνω (*phaino*<sup>277</sup>) + μένω (*meno*<sup>278</sup>)] que a partir de (um)-NADA, é enquanto (um)-(in)separável, o que [separa] {[ora artesão | ora lasca] | [ora núcleo | ora artesão] | [ora núcleo | ora lasca]} ao atravessar (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} que se real(iza) homeomorficamente, enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, ao atravessar (uma)-(in)separação que, enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcar | real(izar)] que “há em cada (uma) das interacções, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO em (um)-ESTÁDIO-egóico, é (uma)-representação.

(uma)-simultaneidade-[“haver” (ora artesão | ora lasca) | não-“haver” (ora núcleo | ora artesão)] que enquanto [“há” lasca | não-“há” núcleo]-[“há” núcleo | não-“há” lasca] [é o que é] enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável, como o que se real(iza) enquanto (um)-[não-“haver”-(um) | “há”-OUTRO] que constantemente, por mais de (um)-milhar-de-anos, sistémica e ONTOFILOGENICAMENTE [recalcado e real(izado)], é enquanto (uma)-imagem o que é como (uma)-forma-alucinação, (uma)-*ergoígenia* enquanto (um)-protótipo.

(uma)-formalidade que enquanto (uma)-(in)separação-[“haver” | não-“haver”], é como (um)-(in)separável-[recalcamento] que enquanto (um)-[“haver” | não-“haver”] em cada (uma) das representações, é o que se real(iza) como tudo-o-que-“há”, enquanto (um)-NADA que se estrutura como todo-(um)-“haver” enquanto (uma)-(des)ambiguação.

A forma de (um)-“fazer” que é enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE e a partir de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}, o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que enquanto (uma)-[(des)ambiguação | separação], é o que enquanto (um)-NADA, é como (um)-MÚLTIPLO que ao estar CHEIO é TUDO o que ao real(izar-se) como [(um) ou (uma)] e na forma de (uma)-representação, é (um)-acontecimento-linguístico.

276 Atenção, forma inventada. O correto seria “repetindo-se”, mas o autor queria (uma)-sonoridade-repetitiva para o verbo repetir, por isto, [repetindo-se].

277 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

278 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.



(um)-acontecimento-linguístico que, desta forma, é (uma)-(des)ambiguação em (uma)-(in)separação que enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)], atravessa (um)-“fazer” que “há” em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, co-real(izando-se)-*ergoñgenicamente* como (um)-“fazer”-neurofisiológico que em (um)-ESTÁDIO-monocórdio que é objectivo e em (um)-ESTÁDIO-diádico (um)-estrutural.

Mas enquanto (uma)-*ergoñgenia*, não é nem objectivo, nem tampouco estrutural. Posto que, (um)-“fazer”-neurofisiológico é (uma)-forma que enquanto tal, é (uma)-representação. (uma)-*ergoñgenia* que não é nem (uma)-forma, nem (uma)-estrutura, mas tão somente (um)-sistema que enquanto (um)-SER, é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-representação.

QUADRO 007 – Forma, Sistema e Estrutura na topologia-linguística

FORMA	SISTEMA	ESTRUTURA
REPRESENTAÇÃO	NEUROFISIOLOGIA	NEUROBIOLOGIA
“fazer”	SISTEMA VIVO	SISTEMA NERVOSO
LINGUAGEM	MEIO <i>PHYSIS</i> EXISTENCIAL	LINGUÍSTICO
ACONTECIMENTO LINGUÍSTICO	EXISTÊNCIA LINGUÍSTICA	TOPOLOGIA LINGUÍSTICA
<i>ergoñgenia</i>	<i>PHYSIS</i> EXISTÊNCIA	“lugar”
real(idade)	realidade	REAL topológico
REAL (substantivo)	REAL (adjectivo)	INTERACÇÃO LINGUÍSTICA
ontofenomenologicamente	FILOGENIA	ONTOGENIA
FENÓMENO	SISTEMA	recalcamento
SUBSTANTIVAÇÃO	ADJECTIVAÇÃO	real(ização)
consciência	mente	simultaneidade

QUADRO 007 – Cada (uma) das condições *physis* existenciais tem (uma)-*physis*-existência-específica que se estabelecendo como (uma)-forma, (um)-sistema ou (uma)-estrutura. A tabela acima serve para demonstrar cada (uma) das *physis* existências que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE sistémicas em cada (uma) das condições *physis* existenciais específicas. Desta forma, a (uma)-*physis*-existência-específica de (uma)-representação, que é sistémica, é o que enquanto (uma)-*physis*-existência é formal enquanto (uma)-condição-específica. Assim como, (uma)-*physis*-existência de (uma)-topologia-linguística, que é sistémica, é o que enquanto (uma)-*physis*-existência é estrutural enquanto (uma)-condição-específica. E assim por diante.

Isto porquê o que é objectivo em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, é (um)-acoplamento; e o que é estrutural em (um)-ESTÁDIO-diádico, é (um)-NADA; o que na forma de (uma)-imagem [alucinação] é o que se real(iza) como (um)-“fazer” em (uma)-*ergoñgenia*. O que enquanto (uma)-PURA-interacção é a partir da qual (um)-“fazer”-neurofisiológico [separa] (um)-(in)separável, como o que se real(iza) enquanto (uma)-objectivação-autopoiética.

(uma)-real(ização)-simultaneidade-[recalcamento | representação] que a partir de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[SIM NÃO = NÃO SIM] não transfixável e que [existe e manifesta-se] objectivamente como (um)-artefacto-[lasca | núcleo]-[núcleo | lasca], é também o que atravessa (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} que enquanto (uma)-sistemática-PURA, é na forma de (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO, o que se define como (uma)-pluralidade enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE e na forma de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

O que enquanto (um)-MÚLTIPLO é enquanto (uma)-ambiguação, *ergoñgenicamente* o que se (des)ambígia ao percorrer (um)-caminho de (uma)-imagem [alucinação] à (uma)-representação, (trans)forma(ndo) (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM] em (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]. (uma)-alteridade-(in)separável por (uma)-forma-NEGAÇÃO que ao atravessar (uma)-estruturante-real(ização)-[≠]<sup>[sinal]</sup>, é enquanto (uma)-(in)separação o que se estrutura como (uma)-(des)ambiguação.

O que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)], que na forma de (uma)-simultaneidade-separação-[consciência | manifestação], é o que, desta forma, é na forma de (uma)-alteridade-(in)separável-[significante | significado], (uma)-interacção-significação e não (um)-acontecimento-significante.

(uma)-PURA-ambiguação-[(in)separável] [significante | significado] que se estrutura enquanto (uma)-PURA-(des)ambiguação-[separação] [fetiche absoluto (instável)], como o que ao atravessar (uma)-forma-estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup>, é a partir da qual enquanto (uma)-forma, “há” como (uma)-existência-sistémica mas não “há” como (uma)-representação, outrossim, como (uma)-significação enquanto (uma)-existência-heurística.

(uma)-existência que “em-si” que [separa] (um)-(in)separável ao atravessar (um)-“fazer”-[SIM NÃO = NÃO SIM] com (um)-“fazer”-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]. O que enquanto (uma)-pluralidade-MULTIPLICIDADE, (trans)forma(-se) em (uma)-alteridade-MÚLTIPLO que se real(iza) a partir de (um)-estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup> enquanto (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}.

Desta forma, (uma)-existência-“para-si”-sartriana é (uma)-separação de (uma)-(in)separável-existência-“em-si” que, em (um)-sistema-topologia-linguística, não “há” como (uma)-simultaneidade-[consciência | manifestação], outrossim, como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)].

Isto porquê “há” (uma)-subjectividade-homeomórfica em (um)-sistema-topologia-linguística, que é (um)-“fazer”-“em-si” que ao [separar] cada (uma) das [existências + manifestações] em cada (uma) das “coisas” e aparências, é o que “há” a partir de (um)-estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup>, como (uma)-forma que se “faz” enquanto (uma)-formalidade, em cada (um) dos significados como (uma)-existência-“para-si”. O que “há” e que é ONTOFILOGENICAMENTE

possível enquanto (uma)-real(ização) e a partir de (uma)-alteridade que, enquanto (uma)-pluralidade, é (uma)-simultaneidade-separável-[consciência | percepção]-[manifestação | existência].

Ao passo que, em (um)-sistema-topologia-linguística, o que “há” como (uma)-representação é (uma)-pluralidade que enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável é o que se real(iza) enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

### 9.3. (um)-“em-si” é (uma)-imagem e (uma)-real(ização) “há” “para-OUTRO-si”

Diga-se desta forma, que (um)-SER-“em-si” em (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-acontecimento-não-transfixável. (um)-NADA que na forma de (uma)-imagem é (uma)-alucinação, [ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca]. (uma)-*ergoígenia* em (um)-artefacto que a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, é o que se real(iza) em cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO.

(uma)-real(ização)-colectiva que em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, real(iza-se) sistemicamente [ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca] (in)separáveis enquanto (um)-NADA, e não transfixáveis enquanto (um)-SER-“em-si”. (um)-SER que ONTOFILOGENICAMENTE é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que ainda não é (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, (um)-NADA que se real(iza) colectivamente em cada (um) dos sistemas vivos HOMO como (um)-(in)separável.

Posto que é (um)-(in)penetrável, que na forma de (um)-NADA é [(uma)-existência + (uma)-manifestação], mas não é (uma)-“coisa”-aparência, apesar de ONTOFILOGENICAMENTE SER (uma)-real(ização) que “há” em cada (um) dos sistemas vivos HOMO. O que se real(iza) como (uma)-pertença-não-transfixável-e-(in)separável que ao agregar-se não a partir de cada (uma) das fracções individuais, outrossim, colectivamente enquanto (uma)-sociedade, é na forma de (um)-fetiche-absoluto (instável), o que se real(iza) como (uma)-alucinação [imagem].

(uma)-imagem [alucinação] que a partir de (uma)-existência-não-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] que enquanto (um)-NADA, é o que se agrega como (uma)-pertença-não-transfixável-e-(in)separável em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, enquanto (uma)-real(ização)-(in)separação.

(um)-“em-si” que enquanto (uma)-imagem [alucinação] é (uma)-real(ização)-[“para-si-em-OUTRO”]. Posto que enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”], “há” como (um)-NADA-agregador que enquanto (um)-“fazer”, real(iza-se) simultaneamente [“em-si” + “para-si-em-OUTRO”]. O que enquanto (um)-“para-si-em-OUTRO” é, desta forma, o que ainda é (um)-NADA enquanto (um)-(in)separável-[“haver” | não-“haver”] que [ora “há” | ora não-“há”] em

cada (um) dos sistemas vivos HOMO, como (uma)-real(ização) que se real(iza) através de (uma)-imagem [alucinação].

(um)-atravessamento-sistêmico-e-estrutural que cognitiva e socialmente real(iza-se) por mais de (um)-milhar-de-anos como (uma)-objectivação-autopoiética, (re)organizando-se e (re)estruturando-se a partir de (uma)-estrutura-de-ambiguação-[SIM NÃO = NÃO SIM], que em (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é o que se real(iza) como (uma)-representação. (um)-NADA que se “faz” como (um)-caminho a partir de (uma)-imagem [alucinação] à (uma)-representação, edificando-se como (um)-construto-em-OUTRO que, homeomorficamente é (um).

(um)-SER-“em-si” que na forma de (uma)-alucinação [imagem] é o que enquanto (uma)-representação, é homeomorficamente o que não é (um)-(in)separável-[“em-si” + “para-si”], outrossim, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto o que “há” como (um), é (um)-SER-“para-si-em-OUTRO”-(in)separável-como-[(um)-“em-si” + (um)-“para-si”] que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se real(iza) em cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas, como o que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

#### 9.4. O EGO é (um)-“em-si” e (um)-“fazer” é (uma)-mundanidade

Isto porquê (um)-EGO é (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”]. (um)-NADA que enquanto (uma)-alucinação [imagem] é (uma)-real(ização)-“para-si-em-OUTRO”. (uma)-forma-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] que é (uma)-(in)separação-[“em-si” | “para-si”]. (um)-“fazer” que é (um)-SER-“em-si” que, enquanto (um)-NADA, é (uma)-artificialidade a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social.

(uma)-mundanidade que a partir de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social, [ora lasca | ora núcleo]-[ora núcleo | ora lasca] é o que [ora (um) | ora OUTRO]-[ora OUTRO | ora (um)] é, desta forma, (um)-EGO que enquanto (uma)-alucinação [imagem] edifica-se como (um)-construto que, a partir de (um)-NADA é (uma)-artificialidade que se real(iza) na forma de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”].

Posto que, desta forma, (um)-EGO é sistêmico porquê se real(iza) a partir de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica em cada (um) dos sistemas vivos HOMO. O que enquanto (uma)-(in)separação é enquanto tal, o que a partir de (um)-NADA, é (uma)-existência-“em-si” (im)penetrável e não transfixável.

(uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”] que atravessa (um)-caminho de mais de (um)-milhar-de-anos como (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-SER-“em-si” à (um)-

SER-“para-si-em-OUTRO” que, desta forma, não é (uma)-NEGAÇÃO, outrossim, (um)-NADA que se “faz” como (um)-caminho de (uma)-imagem [alucinação] à (uma)-representação.

O que ao edificar-se como (um)-construto é (uma)-representação que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)]. [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-“coisa”-aparência é (um)-recalcado-EGO (ELO | SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE) que enquanto (uma)-real(ização)-“EU”-subjectiva [EGO | atrator], é (uma)-real(ização) em (um)-ESTÁDIO-egóico.

(uma)-homeomorfia que atravessa (um)-caminho de mais de (um)-milhar-de-anos na forma de (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] que, enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] é (uma)-artificialidade na forma de (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção].

Posto que (uma)-real(ização)-“EU”-subjectiva é (uma)-“coisa”-aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (um)-atrator que na forma de (um)-“fazer”-mundano, real(iza-se) (ir)representação enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

#### 9.5. (uma)-escolha é (uma)-NEGAÇÃO

Desta forma, como já se sabe o que é (um)-NADA e por mais que se afirme que “há” como (uma)-NEGAÇÃO, ainda não se sabe o que é enquanto (um)-NADA. Pois se (uma)-escolha também é (uma)-NEGAÇÃO. É isto o que é real(mente) a questão que deixa de SER ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-NEGAÇÃO, para SER ontofenomenologicamente como (uma)-escolha.

Pois segundo Haufniensis, “há” (uma)-vertigem que é o que enquanto (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”], é o que se coloca em e «entre» [(um)-“saltar” e (um)-“não saltar”]. (um)-NADA que na forma de (uma)-imagem [alucinação] é enquanto (um)-“saltar”, o que se nega como (um)-“não saltar” e enquanto (um)-“não saltar”, é o que se nega como (um)-“saltar”. Ora, mas este já é (um)-PARADOXO conhecido, que enquanto tal, real(iza-se) como (uma)-convergência que “há” e que é possível, em e «entre», (uma)-ontofenomenologia e (uma)-topologia-linguística, como o que se real(iza) na forma de (um)-NADA-não-sartriano.

Posto que afinal, o que “há” em e «entre», (um)-“saltar” e (um)-“não saltar”, não “há” como (um)-NADA, outrossim, enquanto (um)-PRECÍPIO que na foma de (um)-ABISMO, “há” como (uma)-VERTIGEM em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Então, o que NEGA é (um)-“fazer”, (um)-pensamento que formulado desta forma, é (uma)-ideia-sartriana. Ora, mas então o que é (um)-NADA-não-sartriano, será (um)-“fazer” enquanto (uma)-escolha?

Para mais, será que se pode afirmar que (um)-“fazer” é (uma)-NEGAÇÃO?

Porquê FILOGENICAMENTE em (uma)-estrutura-neurobiológica, o que se real(iza) na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] é (uma)-ambiguação que se (des)ambíqua, ao atravessar (um)-“fazer”-(des)ambiguador, que se nega enquanto (uma)-ambiguação através de (um)-acoplamento-estrutural e de (um)-“fazer”-*ergoñgênico*.

QUADRO 008 – Interacção Linguística x Real(ização)

INTERACÇÃO LINGUÍSTICA representação x discurso	FORMA	ESTRUTURA	REAL(IZA-SE) COMO SISTEMA FECHADO retórica
INTERACÇÃO LINGUÍSTICA representação x representação	FORMA	FORMA	REAL(IZA-SE) COMO FORMA representação
INTERACÇÃO LINGUÍSTICA (des)ambiguação x ambiguação	ESTRUTURA	ESTRUTURA	REAL(IZA-SE) COMO FORMA representação   alucinação
INTERACÇÃO LINGUÍSTICA representação x FILOGENIA	FORMA	SISTEMA	REAL(IZA-SE) COMO FORMA “fazer”
INTERACÇÃO LINGUÍSTICA véu x FILOGENIA	ESTRUTURA	SISTEMA	REAL(IZA-SE) COMO FORMA alucinação
INTERACÇÃO LINGUÍSTICA sistema vivo x FILOGENIA	SISTEMA	SISTEMA	REAL(IZA-SE) COMO SISTEMA <i>physis</i> existência

QUADRO 008 – Cada (uma) das interacções linguísticas estabelece (uma)-real(ização)-linguística que lhe é equivalente. Como (uma)-representação em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-formalidade, ou seja, (uma)-forma a partir de (uma)-adjectivação, o que se tem como (uma)-real(ização)-linguística é (um)-produto de (uma)-interacção-linguística, que se real(iza) como (uma)-essência em cada (uma) das práticas linguísticas em (um)-REAL (adjectivo).

Mas, mesmo assim, a partir disto: (uma)- (des)ambiguação é (uma)-NEGAÇÃO ou (uma)-escolha?

Realmente (uma)- (des)ambiguação é (um)-“fazer”. E (um)-“fazer” não é nem (uma)-NEGAÇÃO, nem tampouco (uma)-escolha. Pois (um)-“fazer” é (uma)- (des)ambiguação e (uma)- (des)ambiguação não é nem (uma)-NEGAÇÃO, nem tampouco (uma)-escolha.

Portanto, (um)-“fazer” não é (uma)-escolha, entretanto, [(uma)-escolha é (um)-“fazer”] mas não é (uma)- (des)ambiguação, outrossim, (uma)-VERTIGEM. Pois afinal: “Saltar” ou “não saltar”?

(uma)-antonimia que se marca ao atravessar (um)-NÃO, que se empresta à esta antonimia como (uma)-NEGAÇÃO. (uma)-escolha que enquanto (um)-“fazer” é, desta forma, como (um)-fetiche. Porquê (um)-fetiche é (uma)-NEGAÇÃO de (uma)-representação que ao atravessar (uma)-prática-linguística, real(iza-se) como (uma)-real(ização)-linguística. Não ao atravessar (um)-NÃO,

outrossim, ao atravessar (uma)-projecção de (uma)-existência-linguística ou não linguística «sobre» (uma)-essência que, enquanto (uma)-“coisa”-aparência é (um)-artifício para alcançar, (uma)-“coisa”-social.

(uma)-prática-linguística que enquanto (um)-fetiche, é (uma)-NEGAÇÃO que se real(iza) na forma de (uma)-escolha.

## 10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-(des)ambiguação

Mas (uma)-questão que real(mente) envolve (uma)-existência-sistémica-HUMANA é (uma)-*physis*-existência-linguística que se real(iza) a partir de (um)-acoplamento-estrutural. Posto que o que “há” enquanto (um)-acoplamento-estrutural-HUMANO, é TUDO o que se inicia em (um)-protótipo-objectivo sistémico que ao atravessar objectivações autopoieticas, (trans)forma(-se) em (um)-protótipo-linguístico que se real(iza) como (uma)-estrutura-NEONATAL.

Isto porquê, cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, existe *physis* existencialmente através de (uma)-estrutura-neurobiológica que FILOGENICAMENTE é, enquanto (uma)-estrutura-[SIM SIM = NÃO NÃO], o que em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, acontece como (uma)-estrutura-PURA que se real(iza) ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica, e que através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se (des)ambigua enquanto (uma)-ambiguação-FILOGÊNICA-[SIM SIM = NÃO NÃO], ao lascar (uma)-pedra em OUTRA como (um)-“fazer” em (um)-acoplamento.

Mas é, desta forma, que o que enquanto (um)-“fazer”-monocórdio-(des)ambiguador-neurofisiológico é (uma)-estrutura-PURA-[SIM SIM = NÃO NÃO], e não (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] que se efectiva autopoieticamente em (uma)-ESTÁDIO-egóico, como (uma)-existência-linguística.

Pois (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-ONTOFILOGÊNICO que se real(iza) como (uma)-(trans)forma de (um)-protótipo-objectivo que, ao atravessar (um)-véu-imaginário, real(iza-se) objectiva e autopoieticamente como (um)-protótipo-NEONATAL, enquanto o que se opera como (uma)-imagem [alucinação] que, ONTOFILOGENICAMENTE é o que se verifica como observável como (um)-atravessamento-*physis*-existencial, é que enquanto (uma)-representação, é o que atravessa (uma)-(des)ambiguação que se estrutura através de (um)-“fazer” em (um)-ESTÁDIO-egóico.

O que para (um)-sistema-topologia-linguística, não é (uma)-CONDITIO-SINE-QUA-NON que enquanto (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-ONTOFILOGÊNICO, real(iza-se) como (uma)-condição-biológica ou do LABOR, à moda arendtiana. Mas o que é (um)-facto, [é que é] em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social, onde “há” condições FILOGÊNICAS e ONTOGÊNICAS, biológicas, sistémicas, estruturais e formais para real(ização) de (uma)-condição-HUMANA que, desta forma, “há” que SER (um)-LABOR-arendtiano, a partir do qual, em (um)-sistema.topologia-linguística, é o que se define em (um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-ONTOFILOGÊNICO, como (uma)-condição-biológica-de-existência-manifesta na forma de (um)-HUMANO.



Porém, mais importante do que SER ONTOFILOGENICAMENTE biológica, “há” (um)-facto de SER ontofenomenologicamente (uma)-simultaneidade-(in)separável-[sistêmica | estrutural, FILOGÊNICA | ONTOGÊNICA] que, na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se real(iza) sistemicamente, como (uma)-formalidade e a partir de (uma)-ambiguação.

(um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO que na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é como [NÃO] = [SIM NÃO = NÃO SIM] e [SIM NÃO ≠ NÃO SIM] = [NÃO ≠ NÃO], o que a partir de (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO na forma de (um)-{[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]{[SIM NÃO = NÃO SIM]{“fazer”}}}, é no qual (um)-{“fazer”} = {[NÃO ≠ NÃO]{[NÃO = NÃO]{“fazer”}}}, não é (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, outrossim, (uma)-representação que enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-homeomorfia através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis, em (uma)-existência-linguística-HUMANA.

O que através de (um)-protótipo-NEONATAL [estrutura de ambiguação], é o que se real(iza) estrutural e sistemicamente, como (uma)-(des)ambiguação, que se estrutura formalmente na forma de (uma)-representação, sistemicamente.

#### 10.1. (uma)-“coisa”-aparência e OUTRA-“coisa”-aparência

Isto porquê {[NÃO ≠ NÃO = (≠)]{[NÃO = NÃO = NÃO]{“fazer”}}} a partir do que, o que se tem é: {[≠]{[NÃO]{“fazer”}}}; o que não é (des)ambiguador ao atravessar (um)-“fazer”, outrossim, (uma)-alteridade que a partir de (uma)-pluralidade [conjunto] é o que se “faz” como (uma)-“coisa”-aparência, enquanto (um)-MÚLTIPLO e na forma de cada (uma) das OUTRAS “coisas” aparentes que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

(uma)-forma-de-existência na qual (uma)-“coisa”-aparência deixa de SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-atractor, para SER ontofenomenologicamente, OUTRA-“coisa”-aparência enquanto (um)-significado.

Pois é, na forma de (uma)-“coisa”-aparência que tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é como (uma)-representação e não como (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência. O que enquanto (uma)-pluralidade, é o que “há” homeomorficamente, como (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, (uma)-representação que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é a partir de (um)-NADA, (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”] que, enquanto (um)-SER ONTOFILOGÊNICO, (trans)forma (um)-NÃO que é (um)-MÚLTIPLO [pluralidade], em (um)-SIM que é (uma)-UNIDADE. O que na forma de (uma)-fetiche, é o que enquanto (uma)-

MULTIPLICIDADE [alteridade], é enquanto (uma)-NEGAÇÃO e na forma de (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência, (uma)-representação enquanto (uma)-existência-heurística.

## 10.2. (um)-“fazer” não é (um)-fenómeno

Por isto, (um)-“fazer” não é (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>279</sup> + μένω (*meno*)<sup>280</sup>]. Porquê (um)-“fazer” não é (uma)-aparência-permanente, outrossim, (uma)-*ergoḡgenia* que se real(iza) como (uma)-formalidade, na forma de (uma)-representação através de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há”, enquanto (um)-REAL (adjectivo). Isto porquê, «antes» de SER (SEIN) ontofenomenologicamente (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>281</sup> + μένω (*meno*)<sup>282</sup>], é ONTOFILOGENICAMENTE (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>283</sup>], que se estrutura sistemicamente como (um)-atravessamento-estímulo-sinal-electroquímico que, apesar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>284</sup>], é o que se oferece como (uma)-explicação que enquanto tal e qual, é ontofenomenologicamente o que se explica como (uma)-representação, é enquanto (uma)-manifestação, o que se real(iza) como (um)-fenómeno-ontológico.

Mas, como (um)-“fazer” é (uma)-formalidade e não (uma)-manifestação de (um)-fenómeno, PRIMEIRAMENTE o que se deve perceber é que, (um)-estímulo não é (uma)-origem enquanto (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>285</sup>], outrossim, o que é (uma)-origem está em (uma)-estrutura-sistémica-e-interactiva (estável) que, enquanto (um)-atravessamento-estímulo-sinal-electroquímico, é como (uma)-condição-sistémica-formal-e-estrutural, não o que se real(iza) como (uma)-origem, mas «antes», como (uma)-*ergoḡgenia*.

Isto porquê (uma)-origem, é como e enquanto (uma)-condição-sistémica, o que enquanto tal, não é (uma)-*ergoḡgenia*. Posto que (uma)-*ergoḡgenia* é [(um)-“fazer” que tem origem em (um)-“fazer”], o que enquanto (uma)-condição-sistémica, é o que se real(iza) como (uma)-*ergoḡgenia*, na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Ao passo que, (um)-fenómeno é percebido como (uma)-alteridade, o que é (uma)-interacção-estrutural que ao ter (uma)-origem no que se real(iza) como (uma)-manifestação, é em cada (um) dos sentidos de cada (um) dos sistemas vivos humanos, não [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-formalidade que se real(iza) sistemicamente, outrossim, (um)-

279 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

280 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

281 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

282 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

283 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

284 Idem.

285 Idem.

acontecimento que se (des)envolve em cada (uma) das interacções através de (uma)-diferença em e «entre», (uma)-FILOGENIA e (uma)-ONTOGENIA.

Mas esta, desta forma, é (uma)-característica-essencialmente-heurística que enquanto (uma)-existência-linguística em (uma)-actualidade de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, acontece como (um)-significado que na forma de (uma)-diferença, é enquanto (uma)-formalidade, o que se real(iza) ao atravessar (um)-fetiche na forma de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[significante | significado], e não (uma)-ONTOFILOGENIA em (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que o que se real(iza) a partir de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | percepção] é (um)-fenómeno em (uma)-ontofenomenologia que, entretanto, enquanto (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>286</sup>], é em (um)-sistema-topologia-linguística, [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-ONTOFILOGÊNICA.

### 10.3. Quando (uma)-“coisa”-aparência é (um)-ENTE-axiológico

Por isto (uma)-“coisa”-aparência deixa de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (um)-atractor, para SER (SEIN) ontofenomenologicamente (um)-ENTE-de-valor [axiológico]. Posto que em (uma)-estrutura-linguística-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], o que “há” é (uma)-dependência de (um)-protótipo-objectivo que, ao viabilizar-se como (uma)- (des)ambiguação, estruturando-se como (uma)-formalidade, é o que se real(iza) objectivamente, como (uma)-representação.

Mas como é a partir de (uma)-autopoiese, que o que enquanto (um)-acontecimento-significante, não é (um)-ENTE-de-valor, outrossim, (uma)-representação. O que se real(iza) como (uma)-dependência de (um)-protótipo-objectivo, que em (uma)-existência-linguística real(iza-se) enquanto tal, como (um)-contextual; no que ao deixar-se [existir e manifestar-se] ontofenomenologicamente, desta forma, real(iza-se) como (uma)-existência-heurística. Posto que é através de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade e que se atravessam em (um)-sistema-topologia-linguística, que é possível observar (uma)-ONTOFILOGENIA e enquanto tal, real(izar-se) sistemicamente como (um)-linguístico.

Entretanto, como ontofenomenologicamente “há” (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | percepção] na forma de (um)-fenómeno, (uma)-“coisa”-aparência ao deixar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo), é o que passa a SER

---

286 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

(SEIN) ontofenomenologicamente (uma)-manifestação que na forma de OUTRA-“coisa”-aparência, é enquanto (um)-significado, não (uma)-existência-linguística, mas «antes», o que é (uma)-(trans)forma(ção) desta, em (uma)-existência-heurística.

A partir do que ontofenomenologicamente (uma)-manifestação, é o que “há” enquanto a forma de (um)-*percipi*<sup>287</sup>. O que se define como (um)-SER-para-SER-percebido em (um)-*essere*<sup>288</sup>, e que, desta forma, é (um)-SER (SEIN) ontofenomenologicamente “percebido”, como (um)-*percipere*<sup>289</sup>. O que desta forma, é como (uma)-existência-infinitiva-e-(im) pessoal, o que enquanto (um)-“percebido”, existe passivamente como (uma)-forma-activa que se tenta real(izar) como (um)-sujeito, mas sujeita-se a não real(izar-se) nem como (um)-NADA.

(uma)-(in)determinação que na forma badiouniana de (um)-vazio-não-vazio-PURO é, como (uma)-manifestação-ontofenomenológica, o que se real(iza) como (um)-sentido e (um)-significado, que enquanto (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência, não se deixa como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], [existir e manifestar-se] ONTOFILOGENICAMENTE como (um)-SER-manifestação, outrossim, como o que ao [separar-se] passivamente, (SOBRE)DETERMINA-SE como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | percepção], projectando-se como (um)-fenómeno que se real(iza), enquanto (um)-ENTE-de-valor e na forma de (um)-significado, como (uma)-inflamação-linguística que, desta forma, “há” como (um)-heurismo em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

#### 10.4. (uma)-reificação é (uma)-existência enquanto (um)-“para-si-em-OUTRO”

(uma)-“coisificação” [reificação] de (um)-valor que, na forma de (um)-SER-“em-si” é (uma)-“coisa”-aparência, mas não como (uma)-representação. Posto que, (uma)-“coisa”-aparência enquanto (um)-ENTE-de-valor é (uma)-forma-significado que, desta forma, é OUTRA-“coisa”-aparência enquanto (um)-SER-para-SER-percebido. Posto que não é, desta forma, (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Outrossim, (um)-*percipi*<sup>290</sup> que, enquanto (uma)-existência-“em-si”, não é (um)-NADA apesar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-NEGAÇÃO que, na forma de (um)-fetiche, real(iza-se) como (uma)-projecção em (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é ontofenomenologicamente, a partir desta forma, o que se real(iza) como (uma)-(SOBRE)DETERMINAÇÃO que, em (um)-sistema-topologia-linguística é, enquanto (uma)-existência-sistémica, (uma)-*ergoígenia*. Mas que

---

287 A partir do latim, define-se como: “ser é ser percebido”.

288 A partir do latim, define-se como: “existir, indivíduo ou pessoa”.

289 A partir do latim, define-se como: “perceber”.

290 A partir do latim, define-se como: “ser é ser percebido”.

entretanto, como o é enquanto (um)-SER-para-SER-percebido, é (uma)-existência-“em-si” que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], não é como (uma)-“coisa”-aparência, outrossim, (uma)-OUTRA-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-forma-significado é para (uma)-representação, o que se real(iza) ontofenomenologicamente como (uma)-fracção-de-existência-manifesta-*physis*-existencialmente.

Isto porquê (um)-SER-para-SER-percebido-“em-si” à moda sartriana, como não é transfixável e é (im)penetrável enquanto (uma)-existência, mas não enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | percepção]. Isto é o que FENOMENOLOGICAMENTE é (uma)-existência-“para-si”-sartriana que, ONTOLOGICAMENTE NEGA-SE enquanto (uma)-existência-“em-si”-sartriana, através de (uma)-representação. O que segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se permite em todo-(um)-“haver”-reificado como (uma)-substantivação-heurística [reificação].

Portanto, o que em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[existência | manifestação], que ONTOFILOGENICAMENTE é (uma)-“coisa”-aparência que, ontofenomenologicamente é (uma)-manifestação. A partir do que, o que “há” enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | percepção], é (uma)-forma-representação-heurística que se real(iza) como (um)-significado e não como (um)-significante.

Posto que, ontofenomenologicamente como (uma)-aparência é (uma)-“coisa”, e não (uma)-“coisa”-aparência, isto é o que enquanto (uma)-representação-heurística, é (uma)-manifestação de (um)-fenómeno. O que, desta forma, é (uma)-consciência que se manifesta como (uma)-aparência, e que se define como (um)-fenómeno ao atravessar (uma)-aparência como (uma)-subjectividade-não-adjectiva que é, enquanto (uma)-existência-que-se-manifesta, (uma)-“coisa”-substantiva enquanto (uma)-representação-heurística que, enquanto (uma)-consciência-da-“coisa” é (uma)-reificação [“coisificação”], que na forma de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | significativo]-[percepção | significado], é segundo (uma)-argumentação que se defende em (uma)-topologia-linguística, não (uma)-existência-linguística, mas «antes», (uma)-existência-heurística.

#### 10.5. Quando (uma)-cognição atravessa-se à (um)-“fazer”

Posto que, desta forma, (uma)-cognição é enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[consciência | significativo]-[percepção | significado], o que ontofenomenologicamente atravessa-se, formal e estruturalmente à (um)-“fazer”, estabelecendo-se desta forma, como o que “há” enquanto (uma)-consciência, também como (uma)-existência.

O que “faz” de (uma)-consciência o que [é enquanto o que é], (um)-SER-para-SER-percebido-“para-si” que é, desta forma, (uma)-existência que não é (uma)-percepção, outrossim,

(um)-sentido que ontofenomenologicamente real(iza-se) representação em (um)-significado e não ONTOFILOGENICAMENTE enquanto (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Pois, é a partir desta altura, que (um)-conhecimento funda-se em (um)-simbólico-topológico que, enquanto (um)-“haver” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, tem-se como (uma)-existência que sendo (um)-SER-para-SER-percebido-“para-si”, é na forma de (uma)-ideia (forma), o é “para-si” enquanto (uma)-formalidade que, desta forma, reifica-se em (uma)-consciência, que enquanto (uma)-forma, real(iza-se) como (um)-ENTE-de-valor que se determina “para-si” a partir de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] infinitiva “em-si”, mas que insiste em tentar SER ontofenomenologicamente, (um)-sujeito-que-não-é.

### **PARTE III – HIERÁRQUIA E CRISE**

Na TERCEIRA PARTE parte desta investigação, vai-se abordar (uma)-realidade que ao fundar (um)-sistema-simbólico-fechado, é a partir da qual “há” como o que se real(iza) enquanto (uma)-condição-sistêmica que, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, transfixa-se a partir de (uma)-“coisa”-aparência que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é, como (uma)-existência-linguística em (uma)-sociedade, o que ao atravessar (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>291</sup> + ἀρχή (*arche*)<sup>292</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>293</sup>] através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que se real(iza) como (um)-SAGRADO-PODER<sup>294</sup> que, na forma de (uma)-*ergoḡgenia* que lhe serve de origem, é na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] o que se real(iza) como (uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO que, desta forma, é (uma)-real(ização)-axiológica.

(uma)-realidade que se real(iza) enquanto (uma)-forma-*physis*-existencial, sistêmica, linguística e axiologicamente enquanto (uma)-formalidade que, na forma de (uma)-real(idade) é o que, enquanto (uma)-prática-linguística, acontece em (um)-REAL-topológico. Entretanto, neste estudo nesta altura, o que se tem é (uma)-finalidade para esclarecer o que é (uma)-realidade; como também, o que é (uma)-real(idade), em (um)-sistema-topologia-linguística enquanto o que “há” na forma de cada (uma) das representações que se real(izam) em (um)-simbólico-topológico.

Desta forma, inicialmente e a partir de (uma)-*ergoḡgenia*, vai-se tomar (uma)-sociedade como (uma)-existência-linguística que a partir de (um)-estímulo, real(iza-se) como (uma)-prática-objectiva e na forma de (um)-fetichismo-absoluto (instável). (uma)-formalidade-instável (absoluta) que ao acontecer através de (uma)- projecção de (um)-existente-não-linguístico «sobre» (uma)-“coisa”-social, é o que se real(iza) na forma de (uma)-representação a partir de (uma)-realidade que é, enquanto (uma)-sociedade, (uma)-formalidade-objectiva na forma de (uma)-real(idade) que se real(iza) como (uma)-representação ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL (adjectivo). O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é o que se real(iza), desta forma, como (um)-REAL-topológico.

(uma)-projecção de (um)-existente-não-linguístico que enquanto (uma)-substância-não-linguística é, estrutural e sistemicamente, (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] neuro-BIO-fisiologicamente é o que atravessa (um)-“fazer”, a partir de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social que se real(iza) como (uma)-representação-SOCIEDADE. (uma)-essência em (um)-REAL-topológico que é (um)-SER em (um)-simbólico-topológico.

291 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

292 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

293 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

294 Atenção, que em (uma)-topologia-linguística, (um)-PODER é (uma)-origem devido a forma de (uma)-*ergoḡgenia*.



(um)-acontecimento-objectivo que a partir de (uma)-forma em (um)-imaginário-topológico, projecta-se em (um)-REAL-topológico «sobre» (uma)-prática-objectiva, real(izando-se) na forma de (uma)-real(idade), como (uma)-formalidade que ao transfixar-se para (um)-simbólico-topológico, real(iza-se) como (uma)-representação-SOCIEDADE.

A partir do que enquanto (uma)-forma em (uma)-existência-objectiva, pode-se definir que (uma)-sociedade é como (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, o que acontece a partir de (uma)- projecção de (um)-existente-não-linguístico «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”. O que enquanto (um)-REAL (adjectivo), é o que se real(iza) na forma de cada (uma) das representações como (uma)-real(idade).

Contudo, a partir de (uma)-realidade que é sistémica e neuro-BIO-fisiológica. Pois ao acontecer a partir de (um)-estímulo, é na forma de (uma)-estrutura-neurobiológica, o que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico permite-se, desta forma, como (um)-acoplamento de (uma)- existência-não-linguística ao sistema de (uma)-semântica-neuro-BIO-fisiológica. O que se real(iza) a partir de (um)-“fazer” que ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO na forma de (uma)-prática-objectiva, é o que se real(iza) «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, como (uma)-projecção que, enquanto (uma)-formalidade é (uma)-representação-SOCIEDADE.

(um)-atravessamento-sistémico-e-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico que se real(iza) em conformidade com (uma)-satisfação e que, ao real(izar-se) axiologicamente, na forma de (uma)-sociedade, atravessa cada (uma) das práticas objectivas como (uma)-existência-linguística enquanto (uma)-real(idade).

O que “faz” de (uma)-sociedade em cada (um) dos termos de (uma)-topologia-linguística, como (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) a partir de cada (uma) das interacções sistémicas e neuro-BIO-fisiológicas, no que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, a partir de (uma)-forma-*physis*-existencial que se acopla à (um)-meio-*physis*-existencial como (um)-linguístico.

Pois ao atravessar cada (uma) das práticas objectivas ou cada (uma) das práticas linguísticas na forma de (um)-fetiche absoluto (instável) ou interactivo (estável), é o que se real(iza) «sobre» (uma)-forma de cada (uma) das “coisas” sociais a partir de (um)-estímulo. O que enquanto (uma)-formalidade, procura-se enquanto (uma)-real(ização) para (uma)-satisfação.

Mas atenção que (uma)-satisfação, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-ambiguação que na forma de (uma)-experiência-de-satisfação em cada (um) dos sistemas vivos humanos, não se real(iza) para (uma)-satisfação, outrossim, para (uma)-(in)satisfação que se real(iza) como (um)-linguístico enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)]. O que se configura a partir de (uma)-realidade, como (uma)-formalidade que se

real(iza) em cada (uma) das constantes (in)satisfações que “há” através de cada (uma) das interacções em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO. (uma)-real(idade) que lhes é LEGADA como (um)-resultado de cada (uma) das experiências de satisfação, de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade em duração temporal de milénios, enquanto (uma)-estrutura-sistémica-e-cultural.

Entretanto, como esta é (uma)-forma de estrutura axiológica e social que se real(iza) a partir de (um)-estímulo. Isto é o que enquanto (uma)-forma-representação e na forma de (uma)-(in)satisfação, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, procura real(izar-se) como (uma)-experiência-que-se-satisfaça na forma de cada (uma) das “coisas” sociais que não satisfazem a cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO envolvidos em (uma)-sociedade. Outrossim, satisfazem-se «sobre» cada (uma) das “coisa” aparentes que se projectam a partir de cada (uma) das existências semânticas neuro-BIO-fisiológicas que atravessam cada (uma) das práticas objectivas ou linguísticas, e que se real(izam), desta forma, em (um)-REAL-topológico como (uma)-real(idade).

Pois, é desta forma que (uma)-sociedade, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística e na forma de (um)-atravessamento-sistémico, é como (uma)-simultaneidade-[SEIN (existir) | SOSEIN (existir assim)], o que se real(iza) como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade. Isto porquê (um)-PRIMEIRO – SEIN – é na forma de (uma)-representação, o que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico; (uma)-existência-linguística, como já demonstrado na SEGUNDA PARTE desta dissertação.

E (um)-SEGUNDO – SOSEIN – é na forma de (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico, (uma)-essência-ONTOFILOGÊNICA que, ao atravessar (uma)-formalidade, é a partir de (uma)-prática-objectiva, o que se real(iza) como (uma)-prática-linguística a partir de (um)-acoplamento-estrutural, segundo o que se defende e argumenta em (uma)-topologia-linguística.

Contudo, como (uma)-sociedade, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-forma que em (um)-ESTÁDIO-monocórdio<sup>295</sup> ONTOFILOGENICAMENTE é, como já foi referido em (uma)-PROPEDÊUTICA, (um)-estímulo que se circunscreve na forma de (uma)-existência-objectiva a partir de (um)-acontecimento-objectivo.

É, desta forma, que (um)-imaginário-topológico projecta-se na forma de (um)-existente-não-linguístico «sobre» (uma)-prática-objectiva que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE atravessada por (um)-“fazer”-neurofisiológico, estrutura e organiza-se como (uma)-sociedade, a partir de (uma)-(des)ambiguação que, em (um)-REAL-topológico real(iza-se) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

---

295 Veja capítulo 3. Aspectos Históricos, subcapítulo 3.1. Monocórdio.

Pois é isto o que permite que cada (um) dos sistemas vivos hominídeos Australopithecus, real(ize) objectivamente (uma)-forma-sociedade como (uma)-existência-que-se-manifesta-objectiva-e-socialmente, enquanto o que se organiza como (uma)-sistemática-de-vida e segundo (uma)-realidade que é simultaneamente autopoietica, individual e social em (um)-sistema. O que também acontece com cada (um) dos sistemas vivos em (um)-meio-*physis*-existencial, mas na forma de cada (um) dos acoplamentos estruturais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos e (um)-meio-*physis*-existencial.

Do que se pode concluir que (uma)-sociedade é (um)-acontecimento-sistémico-vivo que enquanto tal, é a partir de cada (uma) das realidades individuais, o que se estrutura como (uma)-realidade-sistémica e social, colectivamente. Portanto, não como (um)-acontecimento-linguístico, mas «antes», como (um)-acontecimento-social-e-vivo [objectivo | adjectivo] que se real(iza) a partir de cada (uma) das existências sistémicas vivas que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial e que, na forma de (uma)-sistemática-de-vida e a partir de (um)-acoplamento-estrutural, é o que se real(iza) como (uma)-forma-sociedade.

Mas isto, na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado que “há” e que se real(iza) autopoieticamente, em cada (um) dos sistemas vivos humanos. É o que se define como (um)-LEGADO que, ao tomar a forma de (uma)-tradição, “faz-se” como (uma)-real(idade) que a partir de (um)-gênero-HOMINÍDEO [não linguístico], transfixa-se à (um)-gênero-HOMO [linguístico], na forma de (um)-((des)envolvimento-antropológico-sócio-cultural que, a partir de (uma)-ONTOGENIA, é o que se real(iza) como (uma)-real(idade). O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, configura-se como (um)-ENGANO e não como (um)-LEGADO.

Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-((des)envolvimento-antropológico-sócio-cultural é, na forma de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica-e-social, (uma)-forma que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida, segundo (uma)-ONTOFILOGENIA que ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há”, na forma de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas, que em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, real(iza-se) em cada (uma) das formalidades que “há”, como (uma)-real(idade).

Entretanto, esta (uma)-sistemática-de-vida que na forma de (um)-modelo-estruturalmente-observável, é como o que se propõe enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, como o que se permite para argumentar acerca de (um)-acontecimento-antropológico como (uma)-*physis*-existência-linguística, «antes» mesmo de (uma)-existência-linguística propriamente dita real(izar-se) enquanto (uma)-realidade em cada (um) dos sistemas vivos HOMINÍDEOS.

E, desta forma, argumentar acerca de (uma)-antropologia-cultural<sup>296</sup> como (uma)-existência-linguística. O que à partida, também parece (um)-ENGANO ou (uma)-(contra)dição mas não o é. Por isto, avança-se com (uma)-argumentação-linguística acerca de (um)-facto-da-antropologia-cultural que se torna, nesta altura e desta forma, temerário mas (im)prescindível.

Pois é a partir de (uma)-perspectiva-linguística que se pode afirmar que (uma)-topologia-linguística, nos termos de (uma)-antropologia-cultural, trata (um)-antropológico como (um)-linguístico não por (um)-ENGANO ou como (uma)-(contra)dição, outrossim, a partir de (um)-modelo-de-observação-sistémico-e-estrutural que se possibilita para observar e investigar cada (um) dos acontecimentos antropológicos como acontecimentos linguísticos<sup>297</sup>. A partir do que se pode tratar (um)-acontecimento-antropológico como (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (uma)-existência-linguística é o que atravessa (um)-acontecimento-linguístico (ver QUADRO 001).

Em suma, como (um)-modelo-sistémico-e-estrutural que se propõe em (um)-sistema-topologia-linguística, para (uma)-observação de (um)-linguístico como o que se permite investigar e argumentar, linguística e filosoficamente, acerca de cada (um) dos acontecimentos que “há” em (uma)-real(idade) e que atravessam (uma)-*ergoñgenia* que na forma de (uma)-origem é o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistémica que “há” antropológica e ONTOFILOGENICAMENTE em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO. Ou seja, neuro-BIO-fisiologicamente enquanto (um)-“fazer” que, na forma de (um)-sinal-electroquímico, sistémica e estruturalmente, real(iza-se) como (uma)-real(idade).

Posto que, desta forma, acontece na forma de (um)-TOPOS<sup>298</sup> e não na forma de (um)-significado. Pois enquanto (uma)-“coisa”-aparência em (uma)-real(idade), é o que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE investigada como (uma)-existência-linguística a partir de (uma)-interacção-[objecto x objecto].

E, desta forma, pode-se argumentar acerca de (uma)-criação-do-universo ou acerca do surgimento de (uma)-vida no planeta TERRA, enquanto acontecimentos linguísticos e não como acontecimentos físicos ou biológicos. Pois, a partir de (um)-discurso acerca de cada (uma) das *ergoñgenias* de cada (uma) das existências que “há” enquanto (uma)-real(idade), pode-se ONTOFILOGENICAMENTE observar, descrever e narrar cada (um) dos acontecimentos biológicos, como acontecimentos linguísticos.

Portanto, se PRIMEIRAMENTE (um)-argumento para este estudo é cada (uma) das interacções [HOMEM x HOMEM], a partir da forma de (um)-HOMEM, que “há” enquanto (um)-sistema-vivo em (um)-meio-*physis*-existencial. Agora o que se procura definir é o que a partir do estabelecimento da

---

296 Veja capítulos 3. Aspectos Históricos e 4. Aspectos Topológicos

297 Veja capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.2. Existência x Acontecimento.

298 (um)-“lugar” como (um)-acontecimento-significante, mas na forma de (um)-significante.

forma de (um)-HOMEM estabelece o que “há” como (uma)-fronteira, como também, (uma)-diferença em e «entre», (uma)-topologia-linguística e cada (uma) das demais sistemáticas de observação: ontológica, fenomenológica, epistemológica ou científica. Posto que é através de (uma)-ontofenomenologia-sartriana – “*O ser e o nada*” – que se viabiliza (um)-entendimento de cada (um) dos limites e de cada (uma) das diferenças possíveis que “há”, em e «entre», cada (uma) destas sistemáticas de observação.

Portanto, vai-se argumentar acerca de cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos de (um)-ponto-de-vista de (um)-sistema-topologia-linguística. Nas quais em cada (uma) das interações que se real(izam) no âmbito de (uma)-PESSOA e na forma de cada (uma) das interações [PESSOA x PESSOA], é em (uma)-sociedade<sup>299</sup>, o que enquanto (um)-existência-linguística, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-social enquanto (uma)-forma-institucional.

Contudo, observar ONTOFILOGENICAMENTE cada (uma) das interações institucionais e legalistas que “há”, enquanto (uma)-formalidade-*physis*-existencial-e-linguística, é o que se permite estabelecer como (um)-fronteira e (uma)-diferença ONTOFILOGÊNICA que “há”, em cada (uma) das representações que se real(izam) como (uma)-real(idade). Mas o que se deve debater é o que, enquanto (uma)-simultaneidade, é o que se real(iza) como (um)-argumento mas a partir da forma de cada (uma) das interações linguísticas que, em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário-REAL-simbólico], SÃO ONTOFILOGENICAMENTE observáveis enquanto real(izações) real(idade).

Pois, desta forma, o que se pretende definir é cada (uma) das fronteiras, como também, cada (uma) das diferenças, relativas a cada (uma) das existências que “há” em (uma)-sociedade. Mas não através de cada (um) dos significados que “há”, outrossim, através de cada (uma) das interações que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário-REAL-simbólico]. A partir do que, PRIMEIRAMENTE, é preciso (re)memorar algumas das argumentações já introduzidas a partir da SEGUNDA PARTE desta dissertação. Nas quais se procura tratar, a partir de (um)-existencialismo-sartriano, cada (uma) das questões relativas a (uma)-existência-ontológica, como também, cada (uma) das questões relativas à (uma)-edificação de (uma)-existência-linguística, enquanto (uma)-manifestação-fenomenológica que segundo (uma)-topologia-linguística não é (uma)-ontofenomenologia, mas «antes», (uma)-ONTOFILOGENIA.

O que na forma de (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-formalidade através de cada (uma) das representações que se real(izam) como (uma)-real(idade).

---

299 (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-protótipo-NEONATAL nas interações de (um)-homem com OUTRO-homem no mundo.

Ou seja, a partir de cada (uma) das “coisas” sociais, que se real(izam) como (uma)-real(idade) a partir de (uma)-realidade e na forma de (uma)-sociedade.

Contudo, como cada (uma) das [existências + manifestações] em (um)-sistema-topologia-linguística, não é considerada distintamente enquanto [(uma)-realidade x (uma)-real(idade)], outrossim, como (uma)-formalidade que “há” em (um)-linguístico e que se define como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[realidade | real(idade)]. Isto é o que até a esta altura, apresenta-se desta forma, como [(uma)-realidade x (uma)-real(idade)] apenas para fins didáticos de argumentação e entendimento. Posto que real(mente) o que se real(iza) é (uma)-simultaneidade.

Pois na forma de (uma)-existência-linguística, cada (um) dos termos realidade ou real(idade) é o que enquanto (uma)-condição-filosófica, real(iza-se) como (um)-SER (SEIN) que se deve ontofenomenologicamente tratar como (uma)-existência-simbólica que “há” em (uma)-conformidade com (um)-sistema-simbólico-fechado. O que, desta forma, é enquanto (uma)-existência-linguística-simbólica, o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-contemporaneidade, como o que se real(iza) ONTOFENOMENOLOGICAMENTE na forma de (um)-discurso.

Ou seja, em (um)-sistema-topologia-linguística tanto (uma)-realidade, quanto (uma)-real(idade), SÃO ontofenomenologicamente (um)-mesmo-SER ONTOFILOGÊNICO, mas que enquanto SERES-manifestos, não ocupam (um)-mesmo-TOPOS (“lugar”). Posto que (uma)-realidade é o que se real(iza) sistemicamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos; ao passo que (uma)-real(idade) é o que se real(iza) sistemicamente em cada (uma) das representações.

#### A. (uma)-ontofenomenologia

Isto porquê em (um)-sistema-topologia-linguística, [(uma)-realidade x (uma)-real(idade)] é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[realidade | real(idade)]. (uma)-*ergoígenia* que não é [(uma)-forma-realidade em (uma)-forma-real(idade)], outrossim, [(um)-“fazer” em (um)-“fazer”] que, desta forma, é o que se real(iza) como (uma)-representação que é (uma)-simultaneidade-(in)separável-[realidade | real(idade)] enquanto (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo), o que não é (um)-significado, mas «antes», (um)-acontecimento-significante.

Entretanto, na forma de (uma)-*ergoígenia*, [é o que é] como (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que, enquanto (uma)-realidade é o que se real(iza) como (uma)-diferença que ao atravessar (um)-estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup>-neuro-BIO-fisiológico, é enquanto (uma)-forma-discurso, o que se real(iza) como (uma)-existência-heurística. E isto é o que

“há” e que se real(iza), em e «entre», (uma)-realidade e (uma)-real(idade) ao edificar-se como (uma)-real(ização) enquanto (uma)-argumentação que é, na forma de (um)-contexto, (uma)-(contra)posição-contextual que “há”, em e «entre», cada (um) dos significantes que compõem (um)-discurso em (uma)-contemporaneidade.

Posto que, o que se (contra)põe a [(uma)-*ergoígenia* x (uma)-realidade] é (uma)-realidade-sistêmica que se edifica como (uma)-representação enquanto (uma)-real(idade)-representação. O que “faz” de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, como o que não se real(iza) como (uma)-realidade, outrossim, como (uma)-*ergoígenia* na forma de (uma)-representação.

E a partir desta forma, à moda sartriana, o que se destaca são duas existências distintas na forma de (uma)-argumentação. (uma)-PRIMEIRA como (uma)-existência-“em-si” ontológica, que tem a forma de (uma)-real(idade) em (um)-sistema-topologia-linguística; e (uma)-SEGUNDA como (uma)-existência-“para-si” fenomenológica, que tem a forma de (uma)-realidade em (um)-sistema-topologia-linguística.

A partir do que se depara com (uma)-argumentação acerca de (uma)-representação que, enquanto (uma)-manifestação é o que na forma de (um)-fenômeno, real(iza-se) como (uma)-consciência que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas este é (um)-fenômeno que, segundo Sartre, NADIFICA cada (uma) das existências “em-si”. NADIFICAÇÃO esta que na forma de (um)-ONTOS-ON e segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (um)-SER na forma de (uma)-real(idade). Ou seja, (um)-SER-manifestação que, enquanto (uma)-real(idade) é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-representação-PURA enquanto (um)-linguístico. O que na forma de cada (uma) das existências “para-si”, é o que se real(iza) como (uma)-PURA-realidade que, segundo (uma)-topologia-linguística, não é o que NADIFICA (uma)-real(idade), outrossim, “simultaneiza-se”<sup>300</sup> enquanto (uma)-[realidade | real(idade)], que na forma de cada (uma) das representações, permite-se em cada (uma) das real(izações) enquanto (um)-linguístico. Portanto, não são como PURAS, mas «antes», como absolutas (instáveis) que [existem e manifestam-se] simultaneamente como [realidade | real(idade)] enquanto (uma)-simultaneidade.

Entretanto, segundo Sartre, é desta forma que (uma)-representação, como (uma)-manifestação-fenomenica, NADIFICA-SE enquanto [(um)-fenômeno + (uma)-manifestação]. (uma)-existência que, enquanto (uma)-realidade, é segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-real(idade) que em (uma)-ontofenomenologia-sartriana é (uma)-realidade. O que explica e justifica, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-título-da-OBRA-sartriana: “*O ser e o nada*”. Ou seja, (uma)-existência que na forma de (um)-[“O (ser) ...”] é (uma)-existência, mas na forma de (um)-[“... o (nada)”] é (uma)-manifestação.

---

300 Atenção, a forma verbal “simultanear” não existe.

Ou seja, (uma)-existência-“em-si”-[“O (ser) ...”] que ao interagir com (uma)-existência-“para-si”-[“... o (nada)”], segundo Sartre, estabelece-se na forma de (uma)-real(idade), como o que, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-existência-“em-si” [representação] e não (uma)-existência-“para-si” enquanto (uma)-(des)ambiguação. Posto que, o que acontece não é (uma)-(des)ambiguação na forma de (uma)-representação, mas «antes», (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não “haver”], cujo estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup> é, segundo (uma)-topologia-linguística, o que (trans)forma (um)-NADA autopoietico, no que na longa duração de (um)-“fazer”-neurofisiológico, estrutura-se como (uma)-(des)ambiguação que se real(iza) a partir de (um)-protótipo-NEONATAL<sup>301</sup>, que se instala ONTOFILOGENICAMENTE, ao atravessar ONTOGENICAMENTE (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos homínidos ou HOMO, na duração de (um)-longo-tempo-histórico ou pré-histórico (ver QUADRO 001).

Pois, isto é o que na forma de (um)-fenómeno, é o que se real(iza) como (uma)-existência-“para-si”, mas que é o que ao NADIFICAR (uma)-real(idade), é o que se real(iza) como (uma)-formalidade, não na forma de (uma)-realidade, outrossim, como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[realidade | real(idade)], isto porquê [tanto (uma)-realidade quanto (uma)-real(idade)] SÃO existências manifestas ONTOFILOGENICAMENTE, em (uma)-topologia-linguística, que sistêmicas, estruturais e formais, mas certamente não fenoménicas, como sugerido por Sartre, realizam-se em (um)-sistema-topologia-linguística, na forma de (um)-NADA que enquanto tal, é o que a partir da forma de (um)-(in)separável-[“haver” | não-“haver”], real(iza-se) autopoieticamente enquanto (uma)-formalidade que é (uma)-simultaneidade-histórica-e-autopoietica que, desta forma, narra e descreve a transforma linguística que “há” de (um)-ESTÁDIO-diádico para (um)-ESTÁDIO-egóico.

Do que se pode definir que, ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-*ergoígenia* na forma de (uma)-consciência, é o que se real(iza) a partir de (uma)-existência-“em-si” como (uma)-[real(idade) | representação] ontofenomenológica e heurística. Posto que, é na forma de (um)-[“O (ser) ...”], que é (um)-“fazer” que apenas é. Que o que atravessa (uma)-forma-de-existência-“para-si” é como (um)-[“... o (nada)”] que enquanto tal, é (uma)-realidade que, na forma de (um)-sinal-electroquímico e enquanto (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], é (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”] que enquanto (um)-NADA, para o qual não “há” (uma)-antonimia, é a partir de (uma)-alucinação e como (uma)-imagem, o que autopoieticamente real(iza-se) como (uma)-representação a partir de (um)-protótipo-NEONATAL.

---

301 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.4. Protótipo NEONATAL.



Isto porquê, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, ontofenomenologicamente (uma)-realidade não é o que se manifesta na forma de (uma)-representação, outrossim, (um)-“fazer” que enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”], é autopoieticamente o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-(in)separável-[recalcamento | real(ização)], enquanto (uma)-forma-representação. Posto que, desta forma, segundo (uma)-topologia-linguística, o que “há” é (uma)-formalidade que se define, enfim, como (uma)-representação e a partir de (um)-“fazer”-(ir)representação que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que enquanto (uma)-simultaneidade, real(iza-se) a partir da forma de (uma)-“coisa”-aparência.

O que enquanto (uma)-realidade é (um)-NADA. Mas que ao [existir e manifestar-se] na forma de (uma)-representação, é (uma)-real(idade). Posto que (uma)-real(idade) é o que na topologia linguística, não é (uma)-NEGAÇÃO, outrossim, (uma)-simultaneidade-ativa-[(ir)representação | representação] que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico em (um)-REAL (adjectivo), é como (uma)-essência e na forma de (uma)-prática-linguística, o que em (um)-simbólico-topológico é (um)-SER-manifestação. Contudo, em (um)-REAL-topológico é (uma)-simultaneidade-(in)separável-[essência | SER] enquanto (uma)-(ir)representação.

Entretanto, isto é o que na forma de (um)-NADA, é (uma)-representação que [é o que é], enquanto (uma)-“coisa”-aparência. Ou seja, (uma)-forma que ao [existir e manifestar-se] onticamente em (um)-linguístico, [é somente o que é], enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que, na forma de (um)-fenómeno, é o que Sartre trata como (um)-NADIFICADOR.

Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, não é (um)-“fazer” o que enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é na forma de (um)-fenómeno, o que enquanto (um)-NADA é, como (um)-“fazer” o que é, enquanto (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] que, como (uma)-“coisa”-aparência e na forma de (uma)-alucinação, é como (uma)-imagem. Ora, mas como pode (um)-NADA SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-existência-ontofenomenológica que, enquanto (uma)-realidade é tanto em (uma)-topologia-linguística quanto em (uma)-ontofenomenologia-sartriana, [(uma)-representação enquanto (um)-“fazer”]?

Isto acontece porquê, (uma)-existência-linguística é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. O que, desta forma, [é o que é], somente na forma de (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que, enquanto (um)-NADA, em (uma)-topologia-linguística, o que “há” enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que na forma de (uma)-“coisa”-aparência é, desta forma, (uma)-representação. (uma)-essência em (uma)-simultaneidade que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo). Visto que, enquanto (uma)-ontofenomenologia-sartriana, (um)-NADA é o que [existe e manifesta-se] em (um)-sistema-fechado como (um)-significado que se real(iza) na forma de (um)-“fazer” como [(uma)-representação de (uma)-representação].

O que define, segundo Sartre, (uma)-realidade-[“para-si”] na forma de (uma)-consciência e (uma)-realidade-[“em-si”] enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”. Mas que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é esta condição de [(uma)-representação de (uma)-representação] o que se real(iza) como (uma)-falácia enquanto (um)-linguístico. Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, é desta forma que o que se real(iza) é (um)-significado e não (um)-acontecimento-significante.

Isto porquê, segundo (uma)-topologia-linguística, não “há” (um)-significado enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”. Pois tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” é (um)-significante que, em (um)-REAL (adjectivo) é como (uma)-forma-significação, o que acontece como (um)-acontecimento-significante contextualmente em e «entre» significantes. Portanto, (um)-significado em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-acontecimento-significante e não (um)-“haver”. Posto que (um)-“haver” é (uma)-real(idade) enquanto tudo-o-que-“há”. O que enquanto (uma)-representação [sistémica] é como (uma)-representação [formalidade], (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que se real(iza) através de (um)-estruturante-[≠]<sup>[sinal]</sup> ONTOFILOGENICAMENTE.

A partir do que cada (um) dos significantes, verbais, visuais, gráficos, sonoros, «entre» outros que “há”, é (uma)-representação que, segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-contextual e não como (uma)-forma-significado. Mas a questão que está em que cada (um) dos acontecimentos significantes “em-si” é o que, ONTOFILOGENICAMENTE é como (um)-REAL (adjectivo), a partir de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico. Como então se pode aceitar (uma)-afirmação de que, (uma)-“coisa”-aparência “há” e é, enquanto (uma)-existência-“em-si” o que “há” e é enquanto (um)-REAL (adjectivo)?

Isto porquê, entretanto, é na forma de (uma)-representação, e não como (uma)-existência-“em-si”, que (uma)-existência-“para-si” que não “há” em (um)-REAL (adjectivo), é o que “há” como (um)-acontecimento-consciente que enquanto tal, é como (um)-simbólico-fechado, (um)-NADA que não “há” enquanto (um)-“haver”, mas «antes», como (uma)-consciência de (um)-“haver” que enquanto (uma)-NEGAÇÃO-sartriana é (uma)-representação.

Pois é a partir exatamente deste imbróglio, que (uma)-topologia-linguística através da ideia de (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-forma-simultaneidade, tenta “(des)fazer” (uma)-noção-corrente acerca de (uma)-consciência como (um)-fenómeno. Posto que (um)-NOEMA é (uma)-entidade-objectiva que, segundo (uma)-fenomenologia, é enquanto (uma)-formalidade, o que ao atravessar (uma)-existência-“para-si”, real(iza-se) como (uma)-forma-consciência que, desta forma, é como (uma)-NOESIS; e diante disto, este acto consciente é o que acontece na forma de (uma)-“coisa”-aparência como (uma)-representação. O que segundo (um)-sistema-topologia-

linguística, é o que “há” como (um)-NOEMA que, na forma de (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-acção é, enquanto (uma)-NOESIS, o que se define como (um)-acto-de-conhecer e não de consciência. Posto que desta forma, (um)-sistema-topologia-linguística (trans)forma tanto o “acto” quanto o “conhecer” em (uma)-*ergoñgenia* que se real(iza) na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”].

Portanto, desta forma, (uma)-“coisa”-aparência segundo (uma)-topologia-linguística, é o que acontece na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que, enquanto (uma)-simultaneidade é, na forma de (uma)-representação, o que se real(iza) como (um)-acontecimento-linguístico.

Mas, desta forma, (um)-NADA-sartriano em (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) como (uma)-forma-pensamento. E (um)-pensamento, em (uma)-topologia-linguística, é (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) na forma de (uma)-representação. O que, desta forma, “há” como (uma)-“coisa”-aparência que, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-forma-real(idade) [que enquanto o que é], real(iza-se) como (uma)-*ergoñgenia*.

Contudo, como (uma)-representação [que é o que], em (um)-sistema-topologia-linguística, acontece a partir de (uma)-realidade enquanto (uma)-existência-“em-si”, (im)penetrável e não (trans)fixável. Isto é o que na forma de (um)-NOEMA, atravessa o que Sartre define como (uma)-existência-“para-si” que, ao (trans)formar (uma)-realidade em (uma)-representação, segundo Sartre, atravessa (uma)-consciência. O que ontofenomenologicamente segundo Edmund Husserl (1850-1938), e do qual se apropria Sartre; enquanto (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica [não é o que é] (um)-NOEMA, outrossim, (uma)-NOESIS [acto consciente] que na forma de (uma)-consciência, é segundo (uma)-topologia-linguística, o que acontece como (uma)-conformidade ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico. Ou seja, (um)-“fazer”-neurofisiológico que não é (uma)-consciência, mas «antes», (uma)-acção que, desta forma, é (uma)-*ergoñgenia*.

Portanto, isto é o que pelo menos, segundo (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-consciência-A PRIORI, mas pode sê-lo, segundo a topologia linguística, (uma)-consciência-A POSTERIORI. O que na forma de (um)-conhecimento, é em (uma)-conformidade com (um)-sistema-topologia-linguística, o que se real(iza) enquanto (uma)-*ergoñgenia*.

O que demonstra que “há” (uma)-dificuldade, segundo (uma)-topologia-linguística, para distinguir (um)-fenómeno de (um)-sistema. Contudo, ao estabelecer que “há” (uma)-forma-simultaneidade que é subjectivamente penetrável e (trans)fixável enquanto (uma)-forma-pensamento NOÉTICA [acção]. É a partir do que se pode afirmar que, o que “há” como (uma)-forma-activa-de-conhecer é o que, desta forma, também ainda não resolve está questão.

Posto que é a partir de (uma)-*ergoḡgenia* que (uma)-forma-ativa-de-conhecer é, através de (um)-“fazer”, (uma)-forma-consciente que ao atravessar cada (um) dos acontecimentos significantes que “há” e que se real(izam) como (uma)-forma-cogito, é desta forma que, portanto, o que “há” enquanto (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)], é enquanto (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção] o que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-forma-conhecimento.

Entretanto, segundo Sartre, a partir das expressões “em-si” e “para-si”, consequentemente tomadas por empréstimo de (um)-idealismo-hegeliano, é possível (des)envolver-se (uma)-argumentação-ontofenomenológica segundo a qual se evidencia (uma)-fronteira que “há”, em e «entre», (uma)-existência-“para-si”, que activamente NADIFICA (uma)-existência-“em-si”, e que ao atravessar (uma)-consciência ao real(izar-se) na forma de (uma)-representação, existe e manifesta-se ontofenomenologicamente como (uma)-consciência.

O que por consequência, também NADIFICA (um)-“fazer”-neurofisiológico, (in)viabilizando a forma de (uma)-*ergoḡgenia* a partir de (uma)-*ergoḡgenia* a partir da forma sartriana de (uma)-simultaneidade-[consciência | percepção]. O que, feliz ou (in)felizmente, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(mente) acontece como (um)-“fazer” que, enquanto (uma)-existência-“em-si” não é (uma)-simultaneidade-*ergoḡgênica*, visto que se [(uma)-percepção é (uma)-consciência] e [(uma)-consciência é (uma)-percepção], como se explica (um)-arco-reflexo?

Pois é a partir precisamente do argumento sartriano, que (uma)-topologia-linguística toma (um)-cogito como (uma)-forma para demonstrar que, (uma)-existência-“para-si” é real(mente) (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que é, na forma de (uma)-existência-neuro-BIO-fisiológica-“em-si”, o que “há” como (uma)-existência-“para-si” que, em cada (um) dos sistemas vivos humanos não “há” como (um)-fenómeno, outrossim, como (um)-conhecimento que, ao [existir e manifestar-se] como (uma)-forma-consciência é, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-“em-si”, o que enquanto (uma)-formalidade, real(iza-se) na forma de (uma)-representação, como (uma)-real(idade) em (um)-simbólico-topológico, e não como (uma)-realidade em (um)-REAL-topológico.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação]-“em-si” que, na forma de (uma)-representação, enquanto (uma)-forma-cogito, não é (uma)-forma-aparência-que-permanece, como (um)-[φαῖνω (*phaino*)<sup>302</sup> + μὲν (meno)<sup>303</sup>] na forma de (uma)-“coisa”-aparência-permanente, outrossim, (uma)-“coisa”-aparência que, a partir de (um)-estímulo é na forma de (um)-[σχῆμα (*schema*)<sup>304</sup>] o

302 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

303 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

304 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

que atravessa (um)-sinal-electroquímico, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-“em-si” que, ao acontecer, desta forma sistemicamente, é como (uma)-simultaneidade que, a partir de (uma)-*ergoígenia* é (uma)-simultaneidade-(in)separável-[realidade | real(idade)].

(uma)-“coisa”-aparência que na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é enquanto (uma)-aparência que não permanece, mas continua a SER enquanto “aquilo que é”, (uma)-existência-manifesta enquanto (uma)-simultaneidade. Pois como já foi identificado, como é o que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia* é, desta forma, o que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se possibilita em cada (uma) das estruturas *schemáticas* que “há”, como o que em cada (uma) das sistemáticas de vida, de cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-*ergoígenia*.

Posto que é a partir de cada (uma) das representações enquanto real(idades) que “há”, que todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há” em (um)-simbólico-topológico, é o que enquanto (um)-“lugar”, é na forma de (um)-registo-linguístico, o que interage com cada (um) dos “lugares” que “há”, enquanto acontecimentos linguísticos, em e «entre», cada (um) dos registos linguísticos – imaginário, REAL e simbólico. O que, desta forma, não permanece enquanto (uma)-aparência, mas tão somente como (uma)-“coisa”-aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-representação na forma de (um)-[σχῆμα (*schema*)]<sup>305</sup>.

(uma)-forma-significante que enquanto (uma)-representação, não se real(iza) para (uma)-permanência, mas tão somente como (um)-acontecimento-significante que, desta forma é, em cada (uma) das argumentações ontofenomenológicas, o que enquanto (um)-acontecimento-significante não o é, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que tão somente enquanto (uma)-manifestação é o que desta forma, tipifica-se como (uma)-formalidade em (um)-sistema-simbólico-fechado, visto que desta forma, é o que atravessa (um)-significado.

## B. (uma)-ONTOFILOGENIA

Por isto é que (uma)-topologia-linguística considera (im)prescindível voltar (uma)-observação até cerca de 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos «antes» do presente. Para a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos *Australopithecus Afarensis*, e que se inaugura como (uma)-*ergoígenia* a partir de (um)-acoplamento-estrutural, enquanto o que se real(iza) como (uma)-formalidade, que enquanto (uma)-sistemática-acoplada é o que permite o que “há” como (um)-“fazer”-tecnológico [que é, enquanto “aquilo que é”], na forma de (uma)-actualidade, o que “há” de sistémico em cada (um) dos sistemas

305 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

vivos humanos actuais, a partir de (uma)-forma-hominídea-*Australopithecus-Afarensis* que ao inaugurar-se através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, enquanto (uma)-forma-sistemática-de-vida, é o que enquanto (uma)-existência-HUMANA, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) como (uma)-sistemática-acoplada que, estrutural, formal e sistemicamente, inaugura (um)-linguístico como o que somente se (re)vela, a partir de cada (um) dos LEGADOS que se real(izam) através de cada (uma) das gerações de sistemas vivos hominídeos ou HOMO que, desde (um)-passado-remoto até a (uma)-actualidade, atravessam cada (uma) das objectivações autopoieticas que se real(izam), sistémica, formal e estruturalmente, como (uma)-real(idade) e na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO.

Afinal, (uma)-lasca-afiada é o que se real(iza) a partir de (uma)-pedra-que-se-lasca-em-OUTRA. O que “há” como (uma)-prática-objectiva que se real(iza) como (um)-protótipo-objectivo que, desta forma, acopla sistémica, formal e estruturalmente, (um)-“fazer”-neurofisiológico ONTOFILOGÊNICO à (um)-linguístico pode SER descrito ontofenomenologicamente e narrado, segundo (um)-sistema-de-interacções-linguísticas-e-não-linguísticas, como (um)-sistema-topologia-linguística ou como (um)-sistema-fechado-simbólico que, desta forma, é o que se “faz” ONTOFILOGENICAMENTE, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] tanto em (um)-aberto quanto em (um)-fechado na forma de (um)-discurso.

Portanto, se “*O Ser e o Nada*” é (uma)-ontofenomenologia, “*Levantando o véu: a ergoñgenia e a realidade*” é (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística. Posto que o que se “faz” até aos dias actuais é definido através de (um)-“fazer”-tecnológico que “há” em (uma)-sociedade, a partir de (um)-conjunto de cada (uma) das actividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-actualidade. Mas que real(mente), é o que se real(iza) na forma de (uma)-ONTOFILOGENIA-*ergoñgênica*, enquanto o que se inaugura em (um)-ESTÁDIO-monocórdio.

Pois é a partir da forma de (uma)-*ergoñgenia*, que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural, (trans)forma-se (uma)-existência-objectiva, que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, em (uma)-existência-objecto-linguística.

O que real(mente) é (uma)-existência-objectiva que ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há”, sistémica, formal e estruturalmente; é o que (trans)forma cada (um) dos objectos que “há”, em (uma)-representação que segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-ONTOFILOGENIA, em cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-actualidade-ONTOFILOGÊNICA. O que ao edificar-se como (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA, [existe e manifesta-se] social e tecnicamente, como (uma)-ONTOGENIA enquanto (uma)-ontofenomenologia.

(uma)-ONTOGENIA que leva Hannah Arendt (1906-1975) a afirmar que: cada (um) dos sistemas vivos humanos ao existir na forma de (uma)-sociedade, PRIMEIRAMENTE é o que se constitui colectivamente enquanto (uma)-esfera-das-necessidades. O que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) sistemicamente ao atravessar (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que, *ergoñgenicamente* “há” enquanto (uma)-formalidade-(ir)representação enquanto (uma)-existência-SOCIEDADE.

Posto que, a partir de (uma)-formalidade, (uma)-esfera-das-necessidades é o que se real(iza), segundo Arendt, em (um)-gênero-HOMO como (uma)-existência-artificial que, ao edificar-se é o que se define como (uma)-forma-mundandade<sup>306</sup>.

(uma)-ideia [forma] que é fundamental para (um)-estabelecimento e (uma)-compreensão de todo-(um)-“haver” enquanto tudo-o-que-“há”. E que na forma de (um)-linguístico, é o que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida, em cada (um) dos sistemas vivos humanos que em (um)-sistema-topologia-linguística, [existem e manifestam-se] ONTOFILOGENICAMENTE como (um)-TOPOS que enquanto (uma)-simultaneidade, é o que de (um)-ponto-de-vista de [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que enquanto (um)-observado, real(iza-se) como (um)-objecto e a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Isto porquê [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é o que na forma de (uma)-“coisa”-aparência, é enquanto (uma)-existência-linguística, o que ao [existir e manifestar-se] para além de (uma)-existência-sistémica-individual de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] colectiva, o que social e *ergoñgenicamente*, real(iza-se) como (uma)-esfera-das-necessidades que enquanto tal, é (uma)-existência-ONTOFILOGÊNICA que enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é o que se real(iza) como (uma)-realidade-linguística e a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

(uma)-existência-HUMANA que a partir de duas condições HUMANAS fundamentais: [(um)-labor + (um)-trabalho] é, desta forma, como o que propõe Arendt na OBRA “*A condição humana*”, o que se define como (uma)-condição que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE HUMANA, é o que se real(iza) ontofenomenologicamente em cada (uma) das simultaneidades que “há”, como (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Mas o que fundamenta (um)-conceito-de-trabalho<sup>307</sup> enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-formalidade-BIO-histórica<sup>308</sup> que se define, no entanto, em (uma)-condição-humana-do-labor como o que, segundo a forma como a define Hannah Arendt (1906-1975), é na forma proposta por (uma)-topologia-linguística, o que

---

306 Condição humana do labor e condição humana do trabalho. Hannah Arendt em “*A condição humana*”.

307 Condição humana do labor e condição humana do trabalho. Hannah Arendt em “*A condição humana*”.

308 Condição histórica que se se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE.

(contra)diz (um)-pensamento-arendtiano, mas “há” como (uma)-semântica que, porquê é (uma)-constituição-neuro-BIO-fisiológica que sistêmica e biologicamente, não é (uma)-ONTOGENIA, outrossim, (uma)-ONTOFILOGENIA.

O que se pode verificar a partir da PROPEDEÚTICA desta dissertação. Na qual se argumenta que é (um)-“fazer”-lítico de cada (um) dos hominídeos *Australopithecus*, o que se configura como (um)-conceito de PURO-labor, e que segundo (uma)-topologia-linguística, é visto desta forma, como (um)-“fazer” que sendo lítico, é o que se real(iza) como (uma)-*physis*-existência PRIMEIRO processualmente; e depois, metodologicamente. O que se viabiliza enquanto (uma)-definição do que é (uma)-reificação-do-mundo e “faz” de (um)-MUNDO, (uma)-mundanidade ao atravessar (uma)-fabricação-de-ferramentas. Posto que o que (trans)forma (uma)-*physis*-existência-manifesta em (uma)-tecnologia, é o que se real(iza) na forma de (um)-linguístico.

Pois, desta forma, (um)-mesmo que tipifica (uma)-condição-humana-do-trabalho em (um)-pensamento-arendtiano; é o que tipifica (uma)-condição-humana-do-labor em (uma)-topologia-linguística. Mas que, nesta altura, ainda tão distante do presente e do gênero HOMO, é em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se considera que não se pode distinguir enquanto (um)-trabalho, outrossim, como (um)-labor.

Por isto, é a partir desta forma que se define em (uma)-topologia-linguística, que (um)-labor é o que se real(iza) como (uma)-tecnologia; o que não se pode considerar que “há” como (uma)-capacidade-cognitiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, como também, não se pode considerar em cada (uma) das capacidades cognitivas, de cada (um) dos sistemas vivos HOMO; posto que enquanto capacidades que se caracterizam como técnicas, apesar de considerá-las evolutivamente como objectivações autopoiéticas, é desta forma, enquanto o que se real(izam) como mudanças formais, estruturais e sistêmicas, o que enquanto ONTOFILOGENICAMENTE é como (uma)-constante enquanto (uma)-existência-que-se-acoplada em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-*ergoígenia*.

Desta forma, (uma)-topologia-linguística considera cada (uma) das capacidades cognitivas de cada (um) dos sistemas vivos, como (uma)-condição-sistêmica que se real(iza) a partir de (um)-acoplamento-estrutural não à moda maturovareliana, outrossim, na forma de cada (uma) das práticas objectivas que ONTOFILOGENICAMENTE SÃO «antes» de ontofenomenológicas, estruturas de acoplamento que enquanto (uma)-condição-comum-e-sistêmica à cada (um) dos sistemas vivos animais – primatas, aves, cetáceos, elefantes, lontras, polvos, etcétera – é o que se real(iza) como (um)-“fazer” que ao usar instrumentos ou “ferramentas” para real(ização) de práticas objectivas, tais como (uma)-obtenção-de-alimentos, ou ainda, em outros sistemas vivos animais e até não animais, em práticas objectivas que na forma de (uma)-sistemática-activa SÃO



ONTOFILOGENICAMENTE, o que enquanto real(izações), pode-se definir ontofenomenologicamente como (um)-acoplamento-estrutural enquanto (uma)-acção que se acopla através de (um)-“fazer” e, desta forma, estabelece-se como (uma)-sistemática-de-existência.

Entretanto, (uma)-topologia-linguística defende que cada (uma) das práticas linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é enquanto (uma)-acção-sistémica-e-interactiva (estável), o que a partir de (uma)-*physis*-existencia-biológica, real(iza-se) como o que se tipifica enquanto (um)-protótipo-objectivo, como o que ao atravessar (uma)-prática-objectiva é, desta forma, como (um)-linguístico (uma)-existência-manifesta enquanto (uma)-tipologia-específica.

Pois é a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, que se defende que cada (uma) das práticas linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, deve SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE tratada, como (uma)-condição que precisa SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE investigada, enquanto (uma)-condição-humana-do-labor. Posto que a partir de cada (uma) das características monocórdias, não “há” (uma)-condição-humana-do-trabalho. Isto porquê desta forma, o que não “há” ONTOFILOGENICAMENTE é (uma)-condição-técnica como defende Arendt e também (uma)-filosofia-da-técnica. Pois tão somente o que “há” enquanto (um)-“haver” em (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (um)-“fazer”-*ergoñgênico*.

#### C. (um)-“fazer”-monocórdio

A partir do que é preciso voltar no tempo ao atravessar (um)-imaginário-topológico e chegar em (um)-passado-remoto, no qual na altura de (uma)-existência-viva de cada (um) dos hominídeos *Australopithecus*; por cerca de 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos «antes» do presente<sup>309</sup>, ao Vale Inferior do Rio Awash. (um)-“lugar” onde as margens de (um)-curso-d'água, ao conviver com Lucy<sup>310</sup>, o mais antigo exemplar fóssil de *Australopithecus Afarensis* (des)coberto nos dias actuais, pode-se perceber como (uma)-forma-de-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos hominídeos *Australopithecus*, real(iza-se) como (uma)-existência-viva ao atravessar (um)-sistema-topologia-linguística.

Pois é no Vale do Rift no Corno de África em pleno Triângulo de Afar, onde habitaram cada (uma) das sociedades de *Australopithecus Afarensis*. Que enquanto (um)-gênero-hominídeo-nômade que ao viver dos despojos deixados pelo ecossistema do Serengueti, (uma)-conhecida-

---

309 Neste ensaio não vamos discutir com relevância às datações arqueológicas. Construímos uma ficção textual baseada em dados geográficos da região aonde estas descobertas arqueológicas ocorreram.

310 Mais antigo fóssil de *Australopithecus Afarensis* (des)coberto.

planície-dos-dias-actuais que, enquanto (uma)-planície-interminável<sup>311</sup> é na forma de (uma)-semântica-Maasai, que nos arredores do Lago Vitória ainda hoje vivem cada (um) dos animais oriundos da Cratera de Ngorongoro, a Arca de Noé da África Oriental.

(um)-“lugar” no qual se (des)envolveu cada (um) dos factos que hoje se permitem como argumentos, acerca de cada (uma) das condições sistémicas que se (des)envolveram e definiram, em (um)-sistema-topologia-linguística enquanto (uma)-forma-de-existir que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-actual e que, a partir de (uma)-forma que se define como (um)-protótipo-objectivo, “há” desde os idos tempos de (um)-ESTÁDIO-monocórdio como (uma)-real(ização).

Posto que foi neste meio *physis* existencial – segundo as recentes (des)cobertas da equipa de Sonia Harmand, da Universidade de Stony Brook, Nova York, Estados Unidos. O “lugar” aonde ainda acontece cada (uma) das maiores migrações de mamíferos do planeta TERRA, como também, (um)-“lugar” aonde ainda existe (um)-grande-número-de-predadores. Pois este é o “lugar” aonde cresceram e prosperaram cada (um) dos indivíduos, de cada (uma) das sociedades de *Australopithecus Afarensis*. Os primeiros utilizadores-artesãos que “há” nesta investigação.

Hominídeos necrófagos que prosperaram graças a (uma)-habilidade-de-lascar-pedras. (uma)-*physis*-existência<sup>312</sup> em (uma)-existência-monocórdia<sup>313</sup> que permitia lascar (uma)-pedra em OUTRA produzindo (uma)-lasca. O que ao provocar fragmentos afiados capazes de separar cada (um) dos músculos de cada (um) dos tendões, como também, partir cada (um) dos ossos e consumir (uma)-medula-óssea; o tutano rico em gordura e proteínas, que “há” em cada (uma) das carcaças de cada (um) dos animais deixados por cada (um) dos predadores satisfeitos.

(uma)-dádiva-da-*physis*<sup>314</sup> que depois de caçados, devorados e consumidos, deixa-se existir real(izando-se) para cada (uma) das OUTRAS finalidades. Tais como SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (uma) das principais fontes de alimento protéico para cada (um) dos hominídeos existentes nesta altura, como também, para OUTROS sistemas vivos necrófagos.

E, desta forma, cada (um) dos hominídeos monocórdios<sup>315</sup>, enquanto cada (um) dos *Australopithecus* existentes e manifestos nesta narração BIO-historicamente e que se suscitam no âmago de (uma)-existência-monocórdia, como (uma)-*ergoígenia* que na forma de (um)-protótipo,

---

311 Serengueti é uma palavra Maasai que significa “planície interminável”.

312 MUITÍSSIMO difícil precisar a origem desta habilidade específica para lascar pedras. Assim, tomamos o termo grego *physis* – natureza – agregado ao termo *imanente* – inseparável, inerente – como referência a esta habilidade específica para a qual não se consegue definir a origem.

313 Estádio Monocórdio *estádio cognitivo* de um “fazer” *linguístico*.

314 Substituímos o termo *natureza* pelo termo grego *physis* com a intenção de caracterizar uma *existência linguística*.

315 Termo utilizado pelo autor deste ensaio como referência ao *estádio cognitivo* do “fazer” *linguístico* destes hominídeos.

real(iza-se) como (uma)-monotonia que enquanto (uma)-*physis*-existência, é o que ao acontecer como (um)-acoplamento-estrutural é, desde aqui e desta forma, o que já é (um)-linguístico.

Posto que cada (um) dos *Australopithecus Afarensis* perseverou lascando pedras como (um)-artífice-do-MUNDO por mais de (um)-milhão-de-anos; desde 3,8 (três vírgula oito) milhões de anos «antes» do presente, até se extinguirem por volta de 2,5 (dois vírgula cinco) milhões de anos «antes» do presente. A partir do que se real(iza) como (uma)-*ergoígenia*, que enquanto (uma)-nova-existência-inefável, é na forma de (um)-sistema-vivo-HOMO, o que se real(iza) como (um)-HOMO-*Habilis*.

(um)-sistema-vivo-HOMO que se legou na forma de (uma)-*physis*-existência-HUMANA à (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais enquanto (uma)-forma-HUMANIDADE. E que a partir de (um)-protótipo-NEONATAL, é o que se estrutura enquanto (uma)-representação como (uma)-formalidade que, segundo (uma)-ONTOFILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica-(SIM NÃO ≠ NÃO SIM), é o que se define como (um)-NOEMA.

Pois a forma de (uma)-lasca é o que enquanto (uma)-forma-monocórdia, real(iza-se) como (uma)-(trans)forma enquanto (uma)-existência-realidade. (uma)-objectivação-autopoiética que ao atravessar (um)-véu, é o que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico na forma de (uma)-simultaneidade, que enquanto (uma)-imagem [alucinação] é tanto na forma de (uma)-lasca, quanto na forma de (um)-núcleo o que é enquanto (um)-véu, como o que se estabelece em (um)-imaginário-topológico, enquanto real(ização).

(um)-“fazer”-neurofisiológico-monocórdio constante por mais de (um)-milhar-de-anos que ao atravessar (um)-véu, (trans)forma (um)-protótipo-objectivo em (uma)-prática-linguística. (uma)-imagem-(in)separável que enquanto (uma)-alucinação é (uma)-“coisa” cuja aparência “velada”, enquanto (uma)-forma, torna-se através de (um)-acontecimento-significante no que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, como o que se real(iza) como (um)-artefacto, que enquanto (uma)-condição-humana-do-labor e não do trabalho é (uma)-real(ização) em (um)-ESTÁDIO-diádico.

(um)-acontecimento-significante que ao atravessar (um)-véu, consubstância-se na forma de (uma)-imagem [alucinação] que enquanto (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo] é o que se configura, como (um)-PRIMEIRO-GRANDE-alvorecer-do-linguístico. O que enquanto (uma)-forma-HUMANIDADE. É o que se constitui como (um)-véu, que ao fundar (um)-imaginário, é o que se real(iza) como (um)-REAL (adjectivo), que enquanto (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-DEVIR-linguístico de (um)-ESTÁDIO-egóico.

(um)-véu que na forma de (um)-“fazer”-(in)separável, é o que se “faz” de (uma)-lasca em (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo], como a forma de (um)-artefacto que enquanto (uma)-imagem-(in)separável, é (uma)-existência-“em-si”, (im)penetrável e não (trans)fixável, que desta

forma, torna-se enquanto formalidade, como o que se real(iza) enquanto (uma)-existência-“para-si”: subjectiva, penetrável e (trans)fixável; que ao atravessar (uma)-NOESIS é o que enquanto (um)-acto, possibilita-se como (um)-DEVIR-linguístico-ONTOFILOGÊNICO de cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais.

Mas mantém-se (uma)-questão acerca do que veio PRIMEIRO: o (um)-enquanto-caixa ou o (um)-enquanto-corda enquanto o que se real(iza) como (uma)-forma-existência-monocórdia?

Como ainda não SÃO ONTOFILOGENICAMENTE interpretantes, à moda de Charles Sanders Peirce (1839-1914) – como o SÃO os sistemas vivos HOMO *Sapiens Sapiens* – cada (um) dos HOMO *Habilis* é o que enquanto (uma)-existência, é em (um)-significante, o que enquanto (uma)-simultaneidade-(in)separável, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que na forma de (um)-NADA é enquanto tal, o que ainda não é (um)-linguístico, outrossim, (uma)-simultaneidade-[“haver” | não “haver”] enquanto (um)-NADA-*ergo*gênico.

Portanto, nem à moda de Ferdinand de Saussure (1857-1913), nem à moda de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Posto que afinal (um)-artefacto-HOMO-*Habilis* não existe nem como (um)-SIGNIFICADO, nem como (um)-significante, mas tão somente a partir de (um)-“fazer” que na forma de (um)-acoplamento-estrutural, é o que ao atravessar (um)-véu, real(iza-se) como (um)-imaginário-topológico, que se turva enquanto (um)-REAL (adjectivo) que na forma de (um)-“lugar” é enquanto tal, em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-TOPOS-sistemático que enquanto (um)-REAL-topológico, é como (um)-turvamento-schopenhauriano que funda (um)-simbólico-topológico.

(uma)-*ergo*gênia que na forma de (um)-acontecimento-diádico, ambígua-se enquanto (uma)-FILOGENIA-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO], que ao estruturar-se como (um)-véu é o que enquanto (uma)-ONTOFILOGENIA-*ergo*gênica-[SIM NÃO = NÃO SIM], é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade. (um)-NADA que na forma de (um)-modelo-linguístico e segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-estrutura-de-ambiguação-[SIM NÃO = NÃO SIM] que, nesta altura, ainda tão distante de (um)-gênero-HOMO-*Sapiens-Sapiens*, somente pode SER definida ONTOFILOGENICAMENTE como (um)-vir-a-SER-ontofenomenológico que enquanto (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], é o que se real(iza) como (uma)-representação.

(um)-DEVIR que na forma de (um)-LEGADO é a partir de (um)-ESTÁDIO-diádico, o que se alicerça como (um)-protótipo-NEONATAL. (uma)-formalidade em (um)-ESTÁDIO-egóico que se real(iza) na forma de (uma)-representação.

Assim, (um)-ESTÁDIO-diádico é (um)-ESTÁDIO-da-[ $\epsilon\pi\omicron\varsigma$  (*hieros*)<sup>316</sup> +  $\alpha\rho\chi\omega$  (*archo*)<sup>317</sup> |  $\alpha\rho\chi\eta$  (*arche*)<sup>318</sup>]-linguística que ao (des)encadear-se como (uma)-crise – a crise do segundo ESTÁDIO – é o que real(mente) já não existe como (um)-ESTÁDIO-diádico, mas «antes», como (um)-ESTÁDIO-egóico.

(uma)-PRIMEIRA-crise que ao estruturar-se como (uma)-axiologia, é o que se torna enquanto (uma)-existência-“para-si”-[SIM NÃO = NÃO SIM] na forma de (uma)-realidade que enquanto (uma)-existência-“em-si”-[SIM NÃO  $\neq$  NÃO SIM] é o que atravessa (uma)-objectivação-autopoiética, inaugurando-se como (uma)-“coisa”-“em-si”-kantiana que é (im)penetrável e não (trans)fixável, e que se real(iza) como (uma)-forma-representação, enquanto (uma)-“coisa”-aparência. E a partir do que “há” como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-real(idade) é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (um)-REAL (adjectivo).

O que se estabelece para cada (um) dos parâmetros que ao estruturar-se como (uma)-ONTOFILOGENIA em (uma)-ontofenomenologia é como (uma)-forma-conhecimento em (um)-simbólico-topológico, o que se real(iza) como (um)-sistema-simbólico-fechado.

Posto que (uma)-*ergoñgenia*-hominídea, é o que em (uma)-topologia-linguística define-se como (uma)-condição-humana-do-labor e não do trabalho. O que se real(iza), desta forma, ao atravessar (uma)-simultaneidade-(in)separável como (um)-DEVIR-linguístico que através de (uma)-existência-sistémica e na forma de (um)-vir-a-SER é, ONTOFILOGENICAMENTE (um)-sempre-AGORA-constante-em-cada-instante que enquanto (um)-linguístico, ao atravessar sistémica, formal e estruturalmente cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-duração-temporal-[BIO-histórica], é o que se real(iza) na forma de (uma)-condição-humana enquanto o que se estrutura a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, que nesta altura, já é (um)-utilitário mas ainda não é (um)-linguístico.

O que se instala e define como (uma)-necessidade que é atravessada por (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}-ONTOFILOGÊNICO que na forma de (uma)-MULTIPLICIDADE-MÚLTIPLA é enquanto (uma)-estrutura-de-ambiguação, (uma)-existência-não-linguística que se move em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-PULSÃO. Tornando-se enquanto (uma)-*physis*-existência, no que real(mente) ao existir sistémica, formal e estruturalmente é como (um)-linguístico, o que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas que “há”, em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há” em (um)-REAL-topológico.

---

316 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

317 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

318 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

Assim, se Freud e Lacan afirmavam que “há” (um)-instinto-sexual que (im)pulsiona cada (uma) das tendências neurofisiológicas HUMANAS. (uma)-topologia-linguística define que “há” em cada (uma) das tendências instintivas já definidas em cada (um) dos sistemas filosóficos, o que como (uma)-existência-linguística, é em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se real(iza) como (um)-acontecimento-linguístico.

(um)-“fazer” que ao atravessar *ergoígenicamente* a forma de (uma)-tentativa-e-erro em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário | REAL | simbólico], é como o que se real(iza) a partir de (um)-acontecimento-significante-[artefacto | ferramenta], como (uma)-formalidade que ao moldar-se como (um)-MUNDO é na forma de (uma)-mundanidade, o que enquanto tal, é como (um)-linguístico e na forma de (uma)-real(idade), enquanto o que se real(iza) a partir de (uma)-realidade-sistêmica.

O que “faz” de (um)-artesão (um)-artefacto que, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que lentamente “vela” (um)-REAL-topológico, (trans)formando-se desta forma, através de (um)-véu-imaginário, no que enquanto (uma)-ONTOFILOGENIA é o que na forma de (um)-protótipo-NEONATAL e a partir de (uma)-alucinação, enquanto (uma)-imagem-[SIM NÃO = NÃO SIM], é como (uma)-simultaneidade-[lasca | núcleo], o que se propõe como o que “há” em (uma)-hermenêutica-freudiana, como (uma)-forma-prototípica que em (um)-NEONATO, é o que se real(iza) como (uma)-alucinação que na forma de (uma)-imagem é enquanto o que se conceitua, o mesmo que “há” a partir de 1895 e na OBRA-freudiana: “*Projecto para uma Psicologia Científica*”.

Desta forma, (um)-utilizador-artesão é em (um)-artefacto, o que ONTOFILOGENICAMENTE define-se ontofenomenologicamente por Freud, como o que é (uma)-existência-“em-si”-nãosartriana porquê o que “há” enquanto (um)-utilizador-[artesão | artefacto] é o que se real(iza) como (uma)-*physis*-existência que a partir de (uma)-ambiguação e na forma de (uma)-ambivalência é, ONTOFILOGENICAMENTE (um)-acontecimento-linguístico que se “faz” permanente como (uma)-aparência-no-MUNDO que, desta forma, é na forma de (um)-[(φαινω (*phaino*<sup>319</sup>) + μενω (*meno*<sup>320</sup>))] o que se real(iza) em (uma)-actualidade como (uma)-ontofenomenologia, mas que não se real(iza) como (uma)-existência-significante [linguística], mas «antes», como (uma)-existência-significado [heurística].

Portanto, (um)-“em-si” é (um)-[(φαινω (*phaino*<sup>321</sup>) + μενω (*meno*<sup>322</sup>))] que enquanto (uma)-representação é (uma)-simultaneidade. (um)-constante-vir-a-SER (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (uma)-reificação, é o que “vela” (um)-imaginário-topológico, a partir de cada (um) dos

---

319 Strong 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

320 Strong 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

321 Strong 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

322 Strong 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

acontecimentos linguísticos que “há” em (uma)-real(idade), mas que se real(izam) em (um)-ESTÁDIO-hierárquico, como (um)-heurismo.

E é desta forma proposta como (uma)-linguística-lacanianiana, que o que se LEGA à cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-actualidade é (uma)-interrogação: porquê ainda existem cada (um) dos *Pan Troglodytes* (chimpanzés comuns), surgidos «entre» 4 (quatro) e 7 (sete) milhões de anos «antes» do presente, mas já estão extintos cada (um) dos *Australopithecus Afarensis*, desde cerca de 2,5 (dois vírgula cinco) milhões de anos «antes» do presente?

Real(mente) não se pretende com este estudo responder a cada (uma) das perguntas típicas da arqueologia ou da antropologia, outrossim, o que se pretende é argumentar acerca de (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos, não perdendo de vista “curiosidades” tais como esta que aqui e agora está ora citada.

Posto que para responder como (uma)-cultura-técnica de (um)-gênero-hominídeo-*Australopithecus*, transmite-se à (um)-gênero-HOMO a partir de (um)-gênero-hominídeo, PRIMEIRAMENTE ao gênero HOMO *Habilis* e POSTERIORMENTE ao gênero HOMO *Erectus*. Posto que, é desta forma, que finalmente é LEGADA a cada (um) dos contemporâneos sistemas vivos humanos de (um)-gênero-HOMO-*Sapiens-Sapiens*. Questão que é preciso SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE respondida, para que se prove cada (uma) das hipóteses deste estudo.

Mas ao formular (uma)-pergunta destas, o que consequentemente surge SÃO mais perguntas ONTOFILOGÊNICAS que ontofenomenologicamente não são possíveis de obterem-se como respostas. Mesmo estando diante de cada (uma) das evidências arqueológicas e antropológicas como as que aqui já foram citadas e que estão (des)cobertas, mas real(mente) algumas das quais (poucas), citadas neste estudo. Como também, diante de cada (uma) das evidências que até a esta altura nesta dissertação já forma abordadas.

Sendo certo que todo este conjunto de (des)cobertas e especulações, proporcionam-se como conjecturas e argumentações que muitas vezes ofuscam cada (uma) das observações verossímeis, que vão surgindo em (uma)-duração-BIO-histórica de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas como é do interesse desta tese (des)cobrir e não especular, vai-se seguir adiante questionando tanto evidências quanto conjecturas, a partir do que Hannah Arendt (1906-1975) define como (uma)-esfera-das-necessidades.

Pois foi para isto que se introduziu em (um)-sistema-topologia-linguística, através de cada (um) dos conceitos BIO-históricos que na forma de ESTÁDIOS cognitivos, pretendem-se definir como cada (uma) das diferenças e fronteiras que “há”, em e «entre», (uma)-ontofenomenologia e (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística, que na forma de cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos: monocórdio, diádico, egóico, narrativo e hierárquico é o que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE,

enquanto ESTÁDIOS cognitivos que se definem como (um)-[σχῆμα (*schema*<sup>323</sup>)] e na forma de cada (uma) das práticas objectivas, linguísticas, sociais e culturais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que em cada (um) dos determinados momentos de (uma)-duração-BIO-histórica é em cada (um) dos ESTÁDIOS cognitivos, o que se real(iza) a partir de cada (um) dos protótipos *physis* existenciais que se manifestam. O que se caracteriza especificamente como [(uma)-forma-existência + (uma)-forma-manifestação] em (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto acontece para que seja possível observar como (uma)-ONTOFILOGENIA-BIO-histórica, real(iza-se) em cada (uma) das argumentações acerca de (uma)-esfera-das-necessidades. O que se viabiliza a partir de (uma)-estrutura-de-acoplamento que, lentamente ao “velar” (um)-REAL-topológico, (trans)forma (um)-protótipo-objectivo-não-linguístico em (um)-protótipo-linguístico. O que ao fundar (um)-imaginário-topológico, permite-se em (um)-REAL-topológico, como o que enquanto (uma)-esfera-das-necessidades é o que se real(iza), na forma de (uma)-(ir)representação que ao atravessar cada (uma) das práticas objectivas como (um)-“fazer” que é, ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-formalidade que se funda em (um)-simbólico-topológico, mas que se real(iza), desta forma, como (um)-sistema-topologia-linguística.

O que, desta forma, é o que se verifica como (uma)-diferença-estrutural-e-sistémica em cada (um) dos OUTROS sistemas vivos animais que “faze(m)” ferramentas para (uma)-satisfação-que-satisfaz [alimentar-se, etcétera]. Pois (um)-hominídeo-monocórdio, curiosamente devido à (uma)-especificidade-estrutural-e-sistémica, que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento-sistémico-e-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus Afarensis*. Que enquanto tal é o que se real(iza) como (uma)-*physis*-existência-sistémica que “há” em (um)-conformidade com (um)-acoplamento-estrutural e que, desta forma, é em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se real(iza) como (um)-artefacto, enquanto (uma)-prática-objectiva para (uma)-satisfação que real(mente) não satisfaz.

Posto que não é *physis* existencialmente fisiológica em cada (um) dos sistemas vivos, como também, não o é em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, outrossim, neuro-BIO-fisiológica e social que enquanto estrutura sistémica, é o que se acopla a partir da forma de (uma)-ONTOFILOGENIA-*ergoḡgênica* e na qual se real(iza) [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que, desta forma, é no caso de cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, o que se caracteriza na forma do acoplamento estrutural no qual [existem e manifestam-se].

O que em cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais, é como (uma)-existência-linguística, que é ainda também, como na altura de (um)-ESTÁDIO-monocórdio, (uma)-satisfação-

---

323 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.



que-não-satisfaz enquanto o que se real(iza). Posto que, como é (uma)-condição-própria que se real(iza) através de (um)-“fazer”-lítico, isto é o que enquanto (uma)-forma-característica-e-específica-de-satisfação *physis* existencial, é desta forma, o que se encontra em cada (um) dos OUTROS sistemas vivos animais, mas enquanto (uma)-necessidade-neuro-BIO-fisiológica-de-satisfazes [alimentar-se, etc.]. Mas em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus Afarensis*, é o que se real(iza) enquanto (um)-próprio-“fazer”-lítico que enquanto (uma)-satisfação-que-não-satisfaz, é o que se real(iza) em (uma)-estrutura-neurobiológica, desde a qual “há” em cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus*, como o que procura por (uma)-satisfação e que até aos dias actuais, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e acontece a partir de (um)-“fazer” que se (des)encadeia enquanto (uma)-formalidade que em (uma)-actualidade, real(iza-se) como (um)-linguístico.

Entretanto, como este é (um)-“fazer” que não satisfaz. Posto que não “há” para (uma)-satisfação-neuro-BIO-fisiológica enquanto (uma)-prática-objectiva, isto é o que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-lítico que, consequentemente também não “há” para (uma)-satisfação-neuro-BIO-fisiológica enquanto (uma)-prática-linguística e segundo (um)-sistema-topologia-linguística.

O que se afirma como (uma)-decorrência, já evidenciada arqueologicamente. Posto que se encontram lascas a muitos quilómetros de (uma)-origem-do-núcleo-lítico. O que se denuncia como (uma)-necessidade mas não como (uma)-satisfação, já que cada (uma) das lascas gastas é, ONTOFILOGENICAMENTE rejeitada, mas cada (um) dos núcleos continua a SER ONTOFILOGENICAMENTE “possuído” e transportado.

(uma)-condição-específica de (um)-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos homínidos ou HOMO e que se LEGA ao atravessar de (uma)-prática-objectiva à (uma)-prática-linguística. O que através de (uma)-estrutura-neurobiológica de cada (um) dos sistemas vivos *Australopithecus Afarensis*, é o que se obriga em (um)-sistema-topologia-linguística, à (uma)-formulação de (uma)-NOVA-questão: afinal, porquê “há” (uma)-(im)possibilidade-de-satisfação que atravessa (um)-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos?

O que acontece, segundo se acredita a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, é que (um)-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos e que também se real(iza) *ergoñgenicamente* através da constituição objectiva de “ferramentas”. É o que enquanto (uma)-*physis*-existência que “há” formal e estruturalmente enquanto (uma)-ambiguação-interactiva-[SIM SIM = NÃO NÃO] (estável) e sistémica que, enquanto o que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos e (um)-meio-*physis*-existencial, é o que se determina a partir do que “há” como (um)-insumo-disponível para (uma)-real(ização) de (uma)-*ergoñgenia* enquanto o que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico em cada (um) dos sistemas vivos animais, torna-se em (uma)-

ferramenta enquanto o que se LEGA e a partir de (uma)-não-satisfação-neuro-BIO-fisiológica que se materializa como (uma)-ferramenta que, entretanto, é enquanto o que ainda “há” e não é (um)-descarte-do-que-não-satisfaz, o que “há” e [é] ainda para (uma)-satisfação.

Pois diante de (um)-não-“haver” de (uma)-rejeição-daquilo-que-se-comer para (uma)-satisfação, o que se real(iza) é (uma)-necessidade-neuro-BIO-fisiológica [fome | comer | etcétera] que se mantém, desta forma, como o que ao atravessar (um)-“fazer”, é como (uma)-procura por (um)-alimento [satisfação] que se torna, desta forma, em (uma)-ferramenta para (uma)-satisfação.

Para melhor perceber o que se narra logo acima. Dá-se como (um)-exemplo (um)-chipanzé-que-ao-ter-fome come (uma)-folha, mas não-come-(um)-talo-da-folha. Se não o come é porquê o talo não o satisfaz, LEGANDO-SE ao chipanzé como (um)-“fazer”-objectivo que na forma de (uma)-ferramenta-talo, permite-se ao chipanzé como (uma)-satisfação-[ferramenta | talo] que na forma de (uma)-necessidade-neuro-BIO-fisiológica-não-satisfeita, procura por OUTRA satisfação alimentar.

Pois (uma)-não-rejeição-do-talo é o que se “faz” como o que se mantém para que (um)-chipanzé permaneça em (uma)-real(ização)-de-satisfação [comer, etcétera] que, desta forma, continua à procura do que comer [satisfação, etcétera]. O que se real(iza) quando (um)-chipanzé enfia (um)-não-rejeitado-talo que, enquanto (um)-SER-ONTOFILOGÊNICO será enfiado em cada (um) dos “buracos” que “há”, até que “haja” (um)-alimento que o satisfaça, por exemplo: insetos ou OUTROS pequenos animais ou fungos.

Entretanto, no caso de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que “há” como (um)-acoplamento-estrutural, é o que se permite como (um)-“fazer”-neurofisiológico, que se mantém *physis* estrutural, existencial e sistemicamente, como (uma)-ambiguação-absoluta-[SIM NÃO = NÃO SIM] (instável) que diante de (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não-“haver”]-do-insumo-disponível que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial, é o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, como (um)-NADA que “em-si” é (um)-“para-si”-em-OUTRO, ou seja, (uma)-“posse”-de-insumo-disponível [pedras | núcleos], que se real(iza), desta forma, como (uma)-*ergoígenia* que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos envolvidos [hominídeos ou HOMO] e que se real(iza) como (uma)-(in)satisfação-“em-si” que, enquanto (uma)-satisfação-“para-si”-em-OUTRO é enquanto o que [“há” ou não-“há”] como (uma)-simultaneidade, o que define estrutural, formal, sistémica e socialmente cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Isto porquê, como não “há” pedras para lascar em TODO-e-qualquer-“lugar”, cada “artefacto” é (um)-“fazer” que não é LEGADO de (uma)-(in)satisfação-neuro-BIO-fisiológica à (uma)-satisfação-neuro-BIO-fisiológica, outrossim, é o que enquanto (uma)-PURA-(in)satisfação-

neuro-BIO-fisiológica é, enquanto (uma)-satisfação, o que se tem como (um)-objecto-para-satisfação que enquanto (uma)-(in)satisfação-“em-si” é o que não se satisfaz “para-si”-em-OUTRO.

Posto que o que “há”, é (uma)-necessidade-neuro-BIO-fisiológica de (um)-sistema-vivo-hominídeo-ou-HOMO que, enquanto (uma)-real(ização) de (um)-“fazer”, é o que não provém de (uma)-condição-que-satisfaz ou que não satisfaz. Visto que, ONTOFILOGENICAMENTE satisfeita ou (in)satisfeita, para que se continue como (um)-“fazer”, como no exemplo do chimpanzé, como é o que provém de (uma)-PURA-(in)satisfação-neuro-BIO-fisiológica, é o que “há” como (uma)-necessidade de cada (uma) das pedras para (uma)-PURA-permanência de (um)-“fazer” que se real(iza) como (uma)-satisfação.

Desta forma, é (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} que se real(iza) como (um)-“fazer”-neurofisiológico e no qual “há” (um)-objecto-de-satisfação [núcleo lítico] que “há” para (uma)-PURA-permanência de (um)-“fazer” que enquanto (uma)-satisfação é o que ao real(izar-se) como (um)-“para-si”-em-OUTRO é enquanto o-que-“há” ou não-“há”, (uma)-simultaneidade-(in)separável-[“haver” | não “haver”] que em (um)-núcleo-lítico realiza-se como (uma)-ONTOFILOGENIA-*ergo*gênica. (uma)-estrutura-sistémica que segundo Maturana e Varela, caracteriza-se em cada (uma) das real(izações) de cada (um) dos sistemas vivos como (um)-acoplamento-estrutural.

Por isto, se antropológicamente considera-se (um)-bipedismo (um)-factor-de-importância que liberta, estrutural e formalmente, cada (uma) das mãos de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO para (um)-“fazer”. (uma)-topologia-linguística afirma que tão importante quanto (um)-bipedismo é (uma)-*physis*-existência-sistémica-e-comportamental de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO que, marcadamente migratória para além de curiosa e exploratória, apresenta-se real(mente) como (uma)-(in)satisfação-“em-si” que em (um)-“para-si”-em-OUTRO-satisfaz-se-“em-si” como (uma)-real(ização) que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) através de (um)-lascar de (uma)-pedra em OUTRA.

(uma)-interacção-colectiva que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, e que se afirma enquanto (uma)-simultaneidade enquanto (um)-NADA-“em-si” que é, a partir de (uma)-condição-para-o-lascar de (uma)-pedra-em-OUTRA, o que se real(iza) absolutamente (instável) enquanto (um)-“para-si”-em-OUTRO. Visto que se “há” (uma)-forma-consciência nesta altura em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos, como também, em cada (um) dos sistemas vivos HOMO, o que se poderia afirmar é que se teria abandonado “há” muito tempo, tanto (um)-“fazer”-lítico, quanto (um)-“fazer”-tecnológico, diante de cada (uma) das faltas de insumo acontecidas, optando-se por (um)-“fazer” que observado e que “há” em cada (um) dos OUTROS

sistemas vivos animais, viabiliza-se enquanto (uma)-solução para o que se real(iza) ontofenomenologicamente como (uma)-consciência.

Porém, como o que se constitui é (um)-NADA-“em-si” a partir de (uma)-satisfação-“para-si”-em-OUTRO. Isto é o que se alicerça e fundamenta-se em (um)-acoplamento-estrutural que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO e que enquanto tal, é em (um)-“fazer”-neurofisiológico-absoluto (instável), o que se real(iza) enquanto (uma)-(in)satisfação-“em-si” [NADA | alucinação] em (um)-objecto-de-satisfação-“para-si”-em-OUTRO que, desta forma, é o que na forma de (uma)-ambiguação, real(iza-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que enquanto (uma)-prática-objectiva e a partir de (um)-acoplamento-estrutural, é como (um)-linguístico segundo o que se observa e edifica a partir de (um)-sistema-topologia-linguística.

(uma)-*ergoígenia* que é instável enquanto (uma)-prática-objectiva-absoluta e é o que se real(iza) como (uma)-realidade-estável (interactiva) em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico que ao estruturar-se existencial e sistemicamente, a partir de (uma)-necessidade que na forma de (um)-NADA-“em-si” é enquanto (uma)-(in)satisfação-neuro-BIO-fisiológica, o que se real(iza) enquanto (um)-acto-próprio em (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao lascar (uma)-pedra-em-OUTRA é, desta forma, como (uma)-*ergoígenia* que ao decorrer na forma de (uma)-tautologia é como o que se real(iza) enquanto tal, a partir de (um)-acoplamento-estrutural.

Não a partir de (uma)-consciência, mas «antes», como o que se define enquanto (um)-conceito-antropo-BIO-fisiológico que na forma de (uma)-sistemática-de-vida é o que diante de (um)-“haver” de (uma)-lasca, torna-se preciso enquanto (um)-“haver” de (um)-“fazer” que, ao lascar (uma)-pedra-em-OUTRA, não se “faz” como o que se real(iza) a partir de (uma)-consciência, outrossim, como (uma)-*ergoígenia* que se real(iza) a partir de (uma)-ONTOFILOGENIA-sistémica que enquanto (um)-“fazer” é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, e que se “(des)faz” enquanto (uma)-forma-consciente, ao real(izar-se) como (um)-“haver” enquanto (uma)-*ergoígenia* que é o que se “faz” a partir de (uma)-simultaneidade-constante-[(in)satisfação | satisfação]-neuro-BIO-fisiológica e que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que “há” enquanto (um)-“haver” em cada (um) dos sistemas vivos, inclusive em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO.

(uma)-ambiguação-[SIM SIM = NÃO NÃO] que enquanto (um)-“haver” é como (uma)-ONTOFILOGENIA-sistémica, o que se atravessa como (um)-PURO-“fazer”, ao emprestar-se como (um)-MÚLTIPLO<sup>324</sup> à (uma)-(des)ambiguação- $\{\text{NÃO}\{\text{NÃO}\{\text{“fazer”}\}\}\}$  que se atravessa de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica à (uma)-estrutura-neurobiológica, real(izando-se) como (um)-“fazer”-neurofisiológico que, formal, estrutural e sistemicamente, não satisfaz neuro-BIO-

---

324 Na topologia linguística, a forma de (um)-múltiplo é  $[(\text{um})^{(\infty + \infty)}] = [(\text{um})^{\infty} \times (\text{um})^{\infty}]$ .

fisiologicamente cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO envolvidos em (uma)-sociedade. Posto que o sentido objectivo de (um)-acoplamento está no próprio “fazer” do acoplamento enquanto (uma)-*ergoígenia*-sistémica-estruturada.

(uma)-consequência de (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico que a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, estabelece que “há” em cada (um) dos sistemas vivos hominídeos como (um)-ESTÁDIO-cognitivo que não o “faz” como (um)-sujeito de (uma)-acção, outrossim, como (um)-activo-sistémico-e-vivo que ao atravessar (um)-“fazer”-*ergoígenico*, real(iza-se) como (uma)-consequência de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social que na forma de (uma)-condição-humana-do-labor, é enquanto (uma)-condição, o que se contraria, quando diante do que propõe Hannah Arendt (1906-1975) enquanto (uma)-condição-humana-do-labor. Posto que é como (uma)-simultaneidade que se conforma à (um)-sistema-topologia-linguística, que “há” como (uma)-condição-humana-do-labor e que se estabelece *ergoígenicamente*, como (um)-DEVIR de (uma)-condição-humana-da-acção. O que ao atravessar (um)-“fazer” é, desta forma, (uma)-*ergoígenia*-monocórdia que na forma de cada (um) dos simultâneos que se conduzem, de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO, como (uma)-existência-objectiva à (uma)-existência-linguística, é enquanto (uma)-continuidade, o que segundo Arendt, define-se como (uma)-condição-humana-do-trabalho e que em (um)-sistema-topologia-linguística, define-se como (uma)-continuidade-[adjectivo | substantivo].

Portanto, a partir desta forma, (uma)-condição-humana-do-trabalho também é (um)-DEVIR que em (uma)-*ergoígenia*-monocórdia e na forma de (uma)-condição-humano-do-labor é a partir do que se pode argumentar «sobre» cada (uma) das questões que “há” acerca de (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>325</sup> + ἀρχή (*archo*)<sup>326</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>327</sup>] que enquanto (uma)-hierarquia e na forma de (um)-SAGRADO-PODER é como (uma)-inflamação-linguística, o que enquanto (uma)-aparência-permanente anuncia-se como (uma)-CRISE que, a partir de (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>328</sup> + μένω (*meno*)<sup>329</sup>], é (uma)-questão que se investiga nesta TERCEIRA PARTE desta dissertação.

E desta forma, ao avançar através de (um)-sistema-topologia-linguística, vai-se tratar nesta TERCEIRA PARTE desta dissertação de cada (uma) das interacções de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-PESSOA em (uma)-sociedade.

---

325 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

326 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

327 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

328 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

329 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

Portanto, a partir de (um)-somatório-de-condições às quais, [fracção por fracção], definem-se ao atravessar SOBRE-estruturas que a partir de (uma)-influência-marxista, real(izam-se) como existências linguísticas (ir)representáveis.

O que enquanto [(uma)-condição-BASE-ESTRUTURAL + (uma)-condição-SUPER-ESTRUTURAL], é o que se “faz”, desta forma, em (uma)-simultaneidade-que-se-estabiliza (interactiva) como (uma)-*práxis*-na-vida-quotidiana de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. (uma)-*physis*-existência-linguística que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, baseia-se e fundamenta-se em (um)-“fazer” que enquanto (uma)-*ergoñgenia* é, em (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social, o que se real(iza) como (uma)-conformidade na qual a partir de cada (uma) das condições marxistas consideradas fundamentais, decorre-se como o que a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, “há” em (uma)-sociedade.

Vale salientar que cada (uma) das condições marxistas é estrutural, *physis* existencial e linguisticamente, o que em (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-e-social é o que aquando de (um)-surgimento-do-primeiro-grupo-de-hominídeos-*Australopithecus*, entretanto, é o que se “faz” como (uma)-forma-sociedade e a partir de (um)-fetichismo-estrutural que, enquanto (uma)-existência-objectiva-e-não-linguística, real(iza-se) através de (uma)-prática-objectiva na qual “há” (uma)-conformidade com (um)-fetichismo-absoluto (instável) e que, ao atravessar-se como (um)-acontecimento-significante, que se real(iza) como (um)-DEVIR de (uma)-existência-linguística, é o que atravessa (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE na forma de (uma)-prática-linguística que é, como (uma)-(ir)representação, o que enquanto (uma)-essência, existe em (um)-REAL (adjectivo) enquanto SER-manifestação.

Pois ao preconizar que (um)-“fazer”-neurofisiológico-absoluto (instável) é o que atravessa (um)-protótipo-objectivo. Isto é o que se estabelece como (um)-“fazer” em (uma)-sociedade que, nesta altura tão distante de (um)-presente, é o que se está a afirmar que se “faz” enquanto (uma)-real(ização) que se estrutura como (um)-fetichismo-absoluto (instável) e que se estabiliza enquanto (uma)-realidade, mas que não se real(iza) enquanto (uma)-forma-real(idade), outrossim, como (uma)-conformidade que enquanto (uma)- projecção de (uma)-existência-não-linguística «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social, é o que se real(iza) como (uma)-prática-linguística-instável (absoluta) em (uma)-actualidade-existencial-e-manifesta.

A partir do que se torna (im)prescindível visitar (um)-pensamento-económico-e-social de Karl Marx (1818-1883). Mesmo que para Marx este acontecimento linguístico acima descrito, seja estrutural e não SOBRE-estrutural como se define em (um)-sistema-topologia-linguística.

Como também, (um)-pensamento do francês Guy Debord (1931-1994). Para quem (uma)-sociedade é (um)-espetáculo e que na forma de cada (uma) das alienações que “há”, em e «entre»,

cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos (uma)-sociedade, é o que os separa e reifica enquanto indivíduos que na forma de cada (uma) das PESSOAS que se “há”, ao atravessar cada (uma) das [ἱερός (*hieros*)<sup>330</sup> + αρχὼ (*archo*)<sup>331</sup> | αρχή (*arche*)<sup>332</sup>] que enquanto interações linguísticas [em e «entre»] cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(izam-se) como (um)-interagente-alienante [axiológico].

E para além de Marx e Debord, também o pensamento de Johan Huizinga (1872-1945), segundo o qual se pretende justificar historicamente que (uma)-SOBRE-estrutura é (uma)-condição que se define em (um)-sistema-topologia-linguística, a partir de (uma)-influência-marxista porquê, desta forma, é o que se permite argumentar como (um)-ritual que é enquanto (um)-acto, o que se real(iza) a partir de (uma)-representação. O que enquanto tal, é como (uma)-prática-linguística em (um)-REAL (adjectivo), o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Pois é, desta forma, que ao partir de (uma)-ontofenomenologia-sarttriana para (uma)-*physis*-existência-linguística, o que “há” enquanto (uma)-conformidade é o que como (uma)-SOBRE-estrutura e enquanto tal, é «sobre» a qual se vai argumentar na forma de cada (uma) das interações [PESSOA-PESSOA] em (uma)-sociedade. Isto porquê é a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-linguística que, desta forma, é possível “levantar-se o véu” que se percebe “haver” enquanto tudo-o-que-“há” e na forma de (um)-DAS-MAN<sup>333</sup> como proposto por Martin Heidegger (1889-1976), enquanto o que se define como (um)-modo-não-autêntico-e-individual-de-existência.

Entretanto, como em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se procura é por (um)-afastamento de cada (um) dos posicionamentos axiológicos. O que “há” é o que se real(iza), segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que, desta forma, é enquanto (um)-modo-de-existir-heideggeriano, o que “há” e o que de (um)-ponto-de-vista-axiológico, [é] enquanto [(um)-autêntico ou não autêntico modo de existência individual (DAS-MAN)], o que se real(iza) como (uma)-condição-de-valor que, desta forma, é como (uma)-estrutura-axiológica.

A partir do que (um)-DAS-MAN-heideggeriano real(mente) em (um)-sistema-topologia-linguística, [é o que é] tomado a partir de (um)-DASEIN que, enquanto (uma)-simultaneidade-*ergoñgênica* e na forma de [(um)-DASEIN é (um)-DAS-MAN] ou de [(um)-DAS-MAN é (um)-DASEIN], como o que em (uma)-simultaneidade, é o que se realiza em cada (um) dos sistemas vivos humanos

---

330 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

331 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

332 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

333 Conceito heideggeriano que define a condição de (um)-SER que enquanto modo de SER é como (um)-modo-não-autêntico-e-individual-de-existência.

e que os envolve e “faz” participar como (um)-NADA-“em-si” em (uma)-sociedade. Porquê ao real(izar-se) como (uma)-forma-não-individual-de-existência, isto [é o que não é] (um)-sujeito-que-escolhe (um)-“fazer”, outrossim, [(um)-SER que “faz”] o que cada (um) dos OUTROS SERES “faz”: escolher.

Pois, é esta forma o que “faz” de (um)-DASEIN não (um)-ENTE-destacado enquanto (um)-SER capaz de questionar cada (um) dos OUTROS SERES, outrossim, como (uma)-forma que “há” em (um)-DAS-MAN-heideggeriano e que, enquanto (um)-SER-manifestação é, na forma de (um)-ENTE, (um)-não-SER-manifesto, que tão somente é, enquanto (um)-modo-de-SER, o que se real(iza) posto como o que continua “como o modo que existe e manifesta-se”, ou seja, escolhendo.

Contudo, desta forma, não pode escolher [não-SER-manifesto], pois o que “há” para escolher, é o que existe e manifesta-se enquanto (uma)-ENTIDADE-colectiva e na forma de (uma)-PESSOA que, em (uma)-sociedade é o que na qual, é em cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-NÃO que é (um)-imediato enquanto (uma)-[existência manifesta]. Posto que enquanto (um)-sistema-vivo, cada (uma) das PESSOAS que existe em (uma)-sociedade, é (um)-SER-manifesto que é mediado enquanto (um)-modo-de-SER, como [o que “há” para escolher]. O que enquanto tal é como (um)-não-SER-manifestação que não-“há” como (um)-sujeito, outrossim, como quem escolhe. Diante do que esta é a questão fundamental «sobre» a qual (um)-sistema-topologia-linguística real(mente) coloca-se para argumentar.

Isto porquê segundo (uma)-topologia-linguística, se (um)-não-SER não-“há”, tudo-“há” e, desta forma, inclusive (um)-não-SER é o que “há”. Mas segundo a “*Teoria das Descrições Definidas*” de Bertrand Russell (1872-1970), isto é (uma)-(im)possibilidade que já foi proposta por Alexius Meinong (1853-1920) em (uma)-“*Teoria-dos-Objectos-não-Existentes*”, e que foi (contra)ditada a partir da “*Teoria das Descrições*” de Russell.

Entretanto, como esta é (um)-questão-fundamental que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística. Aqui nesta altura somente se vai apresentar o problema, mas por enquanto não se vai apresentar a solução que real(mente) já foi até aqui definitivamente apresentada. Contudo, diante do difícil problema proposto e da (contro)vertida solução, vai-se deixar para expor em (uma)-conclusão como (uma)-solução-para-o-problema-da-teoria-das-descrições.

O que desta forma, segue-se com a apresentação do problema que “há”, em e «entre», (uma)-“*Teoria das Descrições*” de Bertrand Russell (1872-1970) e (uma)-“*Teoria-dos-Objectos-não-Existentes*” de Alexius Meinong (1853-1920). A partir das quais, segundo Russell, se  $[x = F \text{ e } x = G]$ ; se  $[y = F]$  implica em que  $[y = x]$  é (um)-REAL (neutro); mas  $[y \neq x]$  é (uma)-(im)possibilidade [valor]. Contudo, segundo Meinong, se é possível cada (um) dos sistemas vivos humanos “pensar” em (uma)-(im)possibilidade a partir de (uma)-possibilidade, isto é o que basta



para que (um)-(im)possível, para além de (uma)-possibilidade, seja (uma)-existência-REAL que, segundo Meinong, é objectiva mas, segundo (uma)-topologia-linguística, nesta altura, vai-se afirmar que é NEUTRA, como já se “fez” acima a partir de Russell. O que inicialmente “faz(-se)” somente para fins argumentativos e para que se possa avançar nos termos de (uma)-homeomorfia que “há”, em e «entre», (um)-REAL-russelliano e (um)-REAL-meinongiano.

Isto porquê, para que se possa argumentar acerca da forma de (um)-SER-manifestação ONTOFILOGENICAMENTE, é preciso ontofenomenologicamente e a partir (um)-sistema-topologia-linguística, real(mente) envolver-se em (um)-REAL que – até a esta altura desta investigação afirmava-se ora como (um)-adjectivo, ora como (um)-substantivo – e que agora se afirma como (um)-NEUTRO.

O que se torna em (um)-GRANDE-problema para (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que (um)-sistema-topologia-linguística pretende-se como (uma)-convergência mas, desta forma, aparentemente torna-se em mais (um)-ESPÉCIE-particular de REAL que, na forma de (um)-NEUTRO, real(iza-se) como o que “há” na forma de (um)-REAL-topológico-linguístico. O que real(mente) não é o que se pretende a partir deste estudo. Então, como “fazer” com que (uma)-homeomorfia viabilize o caminho que se pretende?

Desta pergunta parte-se à (uma)-PRIMEIRA-fracção-da-resposta. Posto que (uma)-resposta-TOTAL acontecerá como (uma)-conclusão. Isto porquê (um)-REAL-russelliano é o que na forma de  $[x = F \text{ e } x = G]$ , tem como BASE que o fundamenta (um)-SEIN (SER) que se real(iza) na forma de (uma)-(im)possibilidade- $[x \neq y]$ . O que, desta forma, real(mente) é (um)-valor.

Ao passo que (um)-REAL-meinongiano, é o que na forma de (uma)-consciência [cogito], tem como BASE que o fundamenta (um)-SEIN (SER) [“para-si”], que se real(iza) na forma de (uma)-(im)possibilidade- $[x \neq y]$  e a partir da qual  $[x \neq y]$  é também como (uma)-possibilidade. Porquê na forma meinongiana,  $[x \neq y]$  existe e manifesta-se tanto quanto  $[x = y]$ , como (um)-SEIN (SER). A partir do que se afirma que Meinong não “pensa” em termos de SEIN (SER), outrossim, em termos de SOSEIN [existir assim | essência].

Pois é exatamente diante deste paradoxo que (um)-sistema-topologia-linguística apresenta-se com (uma)-solução que na forma de (uma)-simultaneidade-[SEIN | SOSEIN] é (uma)-possibilidade. Ora, mas como real(izar) esta simultaneidade proposta? Esta é a pergunta que se vai responder em (uma)-conclusão, apesar da resposta já se encontrar fraccionada, em TUDO o que já se real(izou) argumentativa e dissertativamente até a esta altura.

Mas, voltando-se à (uma)-simultaneidade-[DASEIN | DAS-MAN] que enquanto (um)-DASEIN, é o que como (um)-modo-de-SER, não se pode real(izar), segundo (um)-sistema-topologia-linguística, em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, como

(uma)-forma-ENTE-imediato, a não SER que enquanto tal, [exista e manifeste-se] como (um)-ENTE-particular na forma de (uma)-simultaneidade-[DASEIN | DAS-MAN]. O que enquanto (um)-SER que é ontofenomenologicamente destacado, não o é como (um)-ENTE-imediato, mas real(mente) como (uma)-simultaneidade-ONTOFILOGÊNICA que enquanto (um)-[DASEIN-dasmaniano] ou (um)-[DAS-MAN-daseiniano], é o que se real(iza) como (um)-REAL (adjectivo) que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

O que ao “existir” enquanto (uma)-existência-individual, deixa-se de SER [“em-si”] pois, ao abdicar de (um)-LOGRO<sup>334</sup> que, desta forma, procura manter-se como (uma)-forma-“EU”-subjectiva enquanto estrutura axiológica, isto é o que se real(iza) como (uma)-existência-heurística que Sartre definiu-a como (uma)-existência-“para-si”.

Mas a questão que se coloca é que (um)-“EU”-subjectivo, desta forma, torna-se apenas enquanto (uma)-fracção, que enquanto (uma)-existência-ENTITATIVA, envolve-se individualmente em (uma)-sociedade, que se real(iza) efectivamente como (uma)-forma-social. O que, desta forma, torna-o (in)tangível e (in)visível enquanto (um)-SER-“em-si” que, na forma de (uma)-existência-“para-si”-sartriana é, contudo, como (um)-NADA-“em-si”. Porquê, como (uma)-existência-“para-si”-em-OUTRO, é o que ao interagir com (uma)-forma-de-existência-“para-si” que é, ONTOFILOGENICAMENTE “ENTRE-SI(s)”-ontofenomenológicos que, como (um)-SER-com-OUTRO, é o que segundo Heidegger, é (um)-SER-que-“há” enquanto (um)-MITSEIN. E que enquanto (um)-SER-com-OUTRO, não se pode enquanto tal, escolher-se individualmente como (um)-DASEIN. Posto que enquanto (um)-MITSEIN, este é (um)-SER-que-“há” individualmente, entretanto, sem (uma)-individualidade-subjectiva.

O que, desta forma, “faz” de (uma)-sociedade-de-sistemas-vivos-humanos, (uma)-permanência que enquanto (uma)-existência-ENTITATIVA, é na qual, mesmo diante de (um)-perecimento de cada (um) dos indivíduos, “há” envolvidos em (uma)-sociedade, enquanto o que é o-que-“há” como todo-(um)-“haver” que enquanto tudo-o-que-“há”, é na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que enquanto (uma)-sensação-de-“ESTAR” “separadamente juntos”<sup>335</sup>, real(iza-se) como (um)-REAL (adjectivo). Porquê ao partilharem-se enquanto “coisas” aparentes, como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que colectivamente “há” enquanto (uma)-sociedade, que ao real(izar-se) desta forma, é enquanto o que permanece diante de cada (uma) das extinções individuais, o que “há”, como (um)-“haver”.

---

334(uma)-liberdade é (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que ao afirmar-se a partir de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta | consciência), nega-se absolutamente (instável), enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva): ou seja, desta forma, (uma)-liberdade é (um)-LOGRO. Ver Parte II - “EM-SI” E “PARA-SI”, item C. Escolha x Decisão, página 281.

335 *Homo Ludens*, HUIZINGA, Johan trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital, página 13.

Ou como afirma Huizinga, enquanto (um)-“separadamente juntos”<sup>336</sup> que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-aparência<sup>337</sup> que se constitui enquanto (uma)-esfera-pública. O que, desta forma, celebra-se enquanto (um)-“lugar” como o que se real(iza) através de (uma)-prática-objectiva, ao atravessar (uma)-representação que é, enquanto (um)-ritual-colectivo, (uma)-forma-(in)visível que ao “essencializar-se”, “enaltece-se” como (uma)-finalidade: manter (uma)-representação como (uma)-realidade que, desta forma, fecha-se como (um)-sistema-simbólico-fechado.

(um)-absoluto [realidade] (instável) que enquanto (um)-“lugar”, é o que se mantém como (um)-sentido-específico para cada (um) dos SERES que alberga, na forma de cada (uma) das representações que se permitem “fazer” teleologicamente, ao atravessar (um)-ritual que “obrigue o mundo <sup>(representação)</sup>, a proteger o homem <sup>(“lugar”)</sup>”<sup>338</sup>, obrigando a que (uma)-representação “provoque-se” enquanto (uma)-real(ização) que, ao realizar-se como (uma)-(trans)forma-efectiva de (uma)-representação em (uma)-real(ização), é o que enquanto (uma)-forma <sup>(ideia)</sup>, reclama-se como (um)-“lugar” em (uma)-prática-linguística.

Posto que o que “há” como (uma)-colectividade-de-sistemas-vivos-humanos, é o que decorre de cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvem-os enquanto (uma)-sociedade. O que se atravessa através de cada (uma) das necessidades neuro-BIO-fisiológicas que “há” e que se acoplam, sistémica e estruturalmente, à cada (uma) das interacções que ao atravessar (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], real(izam-se) como (uma)-formalidade que é enquanto (uma)-“coisa”-aparência.

(uma)-simultaneidade-linguística que, em e «entre», cada (uma) das PESSOAS, fundamenta-se e atravessa-se, em cada (uma) das interacções sociais linguísticas e não linguísticas que “há”, “emprestando-se” formal, estrutural e sistemicamente, à cada (um) dos acontecimentos sociais, como (um)-espaço-vivo que se real(iza) a partir de (um)-acontecimento-significante enquanto (uma)-representação em (um)-REAL-topológico. O que ao atravessar (uma)-prática-linguística é enquanto (uma)-simultaneidade, como (uma)-essência-[(ir)representável | representável], que enquanto (uma)-esfera-pública, real(iza-se) como (um)-acontecimento-linguístico.

E, desta forma, é como (um)-“lugar” que (uma)-esfera-pública é (um)-espaço-vivo que ao definir-se como (um)-PRIMEIRO-TOPOS enquanto (um)-linguístico, é em (um)-imaginário-não-

336 *Homo Ludens*, HUIZINGA, Johan trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital, página 13.

337 *Homo Ludens*, HUIZINGA, Johan trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital, página 13.

338 *Homo Ludens*, HUIZINGA, Johan trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital, página 14.

imaginado-e-topológico, (um)-DEVIR-representação cuja *ergoígenia* é (uma)- projecção de (uma)-existência-não-linguística «sobre» (uma)-“coisa”-social.

O que na forma de (uma)-sociedade, é o que se real(iza) através de cada (uma) das necessidades neuro-BIO-fisiológicas que não se “fazem” a partir de cada (uma) das representações de cada (uma) das existências individuais, outrossim, como (um)-DEVIR-representável que enquanto (uma)-(ir)representação é o que se instala como (uma)-forma-colectiva que, desta forma, é (uma)- projecção de (uma)-existência-não-linguística «sobre» (uma)-“coisa”-social. O que se “faz” a partir de (um)-fetiche-absoluto (instável) ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico.

(uma)-sistemática-de-vida que enquanto (uma)-existência-sistémica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que ao acoplar-se desta forma, enquanto (uma)-*physis*-existência que se estrutura e é, como (um)-acoplamento a partir de (um)-imaginário-topológico, enquanto o que se real(iza) como (um)-PRIMEIRO-TOPOS em (um)-linguístico.

Entretanto, segundo Jürgen Habermas (1929), o que “há” como (uma)-esfera-pública é (um)-“lugar” que ao outorgar expressividade à TODA (uma)-existência-colectiva, é o que se “faz” enquanto (uma)-esfera-pública, como o que ao [existir e manifestar-se] como (um)-“lugar”, é o que se instala através de cada (uma) das interacções sistémicas, como o que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos e o mundo, enquanto (um)-TOPOS-PÚBLICO.

O que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é o que ao atravessar (uma)-formalidade enquanto (uma)-sociedade, [existe e manifesta-se] como (uma)-consequência em cada (uma) das interacções linguísticas e não linguísticas que “há”, em e «entre», cada (uma) das PESSOAS envolvidas em (uma)-sociedade. O que se real(iza) segundo Hannah Arendt (1906-1975) como (uma)-condição-humana-da-acção. E que na forma de cada (um) dos SERES individuais que vivem no PLANETA TERRA, é o que se “faz” enquanto (uma)-forma-colectiva-de-sistemas-vivos-humanos que, histórica e linguisticamente [existem e manifestam-se], através de cada (uma) das PESSOAS que “há” em (uma)-sociedade, e que ao [existir + manifestar-se] são em (um)-“haver”, enquanto sistemas vivos linguísticos.

Pois cada (uma) das PESSOAS ao habitar em cada (uma) das sociedades que [existem e manifestam-se] no PLANETA TERRA. É o que como (um)-PRIMEIRO-TOPOS, “há” e (trans)forma cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-colectividade que enquanto tal, é (uma)-esfera-pública. O que enquanto (uma)-“coisa”-aparência é como (uma)-simultaneidade-[existência + manifestação], o que se real(iza) como (uma)-mundanidade.

(uma)-artificialidade que ao (trans)formar-se através de (um)-fetiche-absoluto (instável) em (uma)-formalidade que se expressa como (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, é desta forma, o que aonde “há” como (uma)-historicidade-colectiva enquanto o que se estabelece

como (uma)-pluralidade. O que a partir de cada (um) dos indivíduos que se instalam, desta forma, é como (uma)-representação que “há” em cada (uma) das PESSOAS, enquanto o que as envolve em (uma)-sociedade. O que se realiza, desta forma, como (uma)-esfera-pública.

E isto é o que “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-agente-histórico mas não enquanto (um)-sujeito-histórico. Apesar de individualmente SER-manifestação em (um)-“haver” que enquanto (uma)-existência-“em-si”-histórica é para cada (um) dos agentes históricos, enquanto o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que (uma)-existência-“em-si”-histórica é fruto de (uma)-condição-humana. O que se “faz” como (uma)-historicidade que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, [é o que é] como (uma)-condição-específica que, enquanto (uma)-acção é o que na forma de (uma)-[existência + manifestação], não é (um)-[φαίνω (*phaino*<sup>339</sup>) + μένω (*meno*<sup>340</sup>)], mas «antes», (um)-[σχῆμα (*schema*<sup>341</sup>)] que se real(iza) na forma de (uma)-*ergógenia*.

Pois é, desta forma, que se estabelece em cada (um) dos indivíduos, (uma)-existência-activa que se (trans)forma em (uma)-PESSOA e que em (uma)-sociedade “há” enquanto (uma)-VITA-ACTIVA. O que, desta forma, [existe e manifesta-se] sem (uma)-mediação de (uma)-“coisa”-aparência segundo defende Arendt. O que por consequência, afecta também (uma)-argumentação-habermasiana.

Isto porquê, enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que “há” segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-mediador que é (uma)-“coisa”-aparência [atractor] e que, ao atravessar (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE (ELO), “faz(-se)” como (uma)-representação que enquanto (uma)-acção [falação], é como argumenta Arendt<sup>342</sup>, o que se “coisifica” como (um)-MUNDO que é enquanto (uma)-condição-humana-da-acção [veja nota de rodapé sobre Arendt]. (uma)-substantivação de TODA e qualquer adjectivação que ao (trans)formar TODA e qualquer abstracção em (uma)-“coisa”-aparência, [é o que é] enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] e na forma de cada (uma) das representações, o que “há” e que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo). O que “faz” de (um)-REAL-topológico-linguístico<sup>343</sup>, (um)-REAL (substantivo) em (um)-sistema-simbólico-fechado.

---

339 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

340 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

341 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

342 Atenção que, segundo Hannah Arendt (1906-1975), o que “coisifica” (reifica) o mundo, é (uma)-*condição-humana-do-trabalho*. O que *acontece*, aqui, nesta argumentação, é que, segundo (uma)-*topologia-linguística*, o processo que “reifica” o mundo, acopla-se ao processo que se *real(iza)*, enquanto (uma)-*condição-humana-da-acção*.

343 Atenção que, este REAL-topológico-linguístico, *real(mente)*, não é, nem adjectivo, nem substantivo, outrossim, (uma)-*continuidade*-[adjectivação | substantivação] que, enquanto (uma)-*simultaneidade*-[recalcamento | *real(ização)*], é o que se *real(iza)*, na forma de (uma)-representação.

Diante do que, nesta investigação o que “há” como (uma)-pluralidade é o que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é o que se estrutura a partir de cada (uma) das interacções que “há” em e «entre» cada (uma) das PESSOAS com OUTRAS. (uma)-mundanidade que se atravessa como (uma)-representação que, entretanto, é enquanto todo-(um)-“haver” e como tudo-o-que-“há”, o que se mostra como (uma)-pluralidade e estrutura-se como (uma)-esfera-pública, mas que enquanto (uma)-real(idade), é o que ao atravessar cada (uma) das práticas objectivas enquanto (uma)-condição-humana-do-labor é, enquanto (uma)-condição-humana-da-acção, como (um)-espaço-público que enquanto (uma)-esfera-de-representação-colectiva, é (uma)-esfera-pública.

Isto porquê, desta forma, (uma)-pluralidade é (uma)-estrutura-colectiva que ao alicerçar-se em cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos individualmente e (um)-meio-*physis*-existencial. É o que se torna, desta forma, em (um)-meio-social, no que se estabelece a partir de (uma)-existência-não-linguística enquanto o que se alicerça em cada (uma) das interacções dos sistemas vivos humanos, como acontecimentos neuro-BIO-fisiológicos.

(um)-conjunto-PURO-de-acontecimentos dos quais se pode definir como se “há” enquanto (um)-linguístico e a partir de (um)-conjunto-múltiplo-PURO-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} que se real(iza) como (uma)-condição-neuro-BIO-fisiológica que enquanto (uma)-condição-ONTOFILOGÊNICA-e-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO], é o que se empresta, estrutural e autopoieticamente, para formação de (uma)-historicidade-colectiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos que, ao realizar-se como (um)-conhecimento é, enquanto (uma)-formalidade, (uma)-representação na forma de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

(uma)-simultaneidade que a partir de cada (uma) das individualidades, agrega-se sistémica e estruturalmente, a partir de (um)-existente-não-linguístico e na forma de (uma)-real(ização) de (uma)-prática-linguística-individual, enquanto o que a partir de (uma)-realidade-sistémica-e-individual, é o que colectivamente real(iza-se) como (uma)-esfera-pública. Estabelecendo-se desta forma, a partir de (um)-véu-imaginário que ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas e sociais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvendo-os em (uma)-sociedade, alicerça-se como (uma)-esfera-pública que enquanto tal, é (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística.

(um)-imaginário-topológico que enquanto (uma)-sociedade ao atravessar (uma)-prática-linguística, é o que se real(iza) a partir de (uma)-representação-não-linguística, enquanto o que se real(iza) como (uma)-essência enquanto (uma)-prática-objectiva. O que ao definir-se como (uma)-acção e a partir de (uma)-condição-humana-do-labor, é enquanto (uma)-prática-linguística,

como o que defende (uma)-topologia-linguística e a partir do que propõe Arendt, o que se real(iza) na forma de (uma)-condição-humana-da-acção.

Portanto, investigada desta forma, (uma)-esfera-pública existe como (um)-espaço-lúdico que se estrutura ritual(izado) como (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística, como se propõe em (um)-sistema-topologia-linguística e a partir do que se argumenta em Johan Huizinga (1872-1945).

E desta forma, como (um)-fetiche, mesmo que “separadamente juntos”, o que se (trans)forma enquanto (uma)-condição-absoluta (instável) em (uma)-prática-linguística, é o que se expressa como (uma)-real(idade)-sociedade e a partir de (um)-existente-não-linguístico. Posto que, é através da projecção de (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], que se real(iza) como (um)-artifício que, para alcançar-se enquanto (uma)-real(ização) que se expressa como (uma)-representação, é o que enquanto (uma)-simultaneidade-absoluta (instável) em (uma)-prática-linguística, torna-se como (uma)-representação de (um)-existente-não-linguístico, que ao atravessar (um)-REAL-topológico, “faz-se” como (uma)-existência-linguística em (um)-simbólico-topológico. O que (trans)forma (uma)-“coisa”-aparência em [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que, desta forma, é como (uma)-(ir)representação em (uma)-simultaneidade-REAL-imaginário [fetiche], que se realiza como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Isto porquê, ao projectar-se e atravessar-se como (uma)-imagem-“para-si”-em-OUTRO, isto é o que enquanto (uma)-(ir)representação, [existe e manifesta-se] como (uma)-condição-absoluta [instável] que na forma de (um)-conjunto-múltiplo-PURO-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} é o que, enquanto (uma)-forma-DESEJO é (um)-existente-não-linguístico que se real(iza) como (uma)-existência-linguística. O que desta forma, é o que se “faz” teoricamente, como (uma)-θεωρία (*theoria*) que, enquanto (uma)-convergência de (uma)-visão-lacaniana, como também, de cada (uma) das teorias contratualistas e mais para além, como (um)-ponto-de-vista em (uma)-topologia-linguística, é enquanto (uma)-representação, o que “há” como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

Portanto, como (uma)-Intencionalidade que se direcciona à (um)-objecto que se procura (en)cobrir com (uma)-Intencionalidade que se direcciona à (uma)-essência, o que se real(iza) através de (uma)-prática-linguística, como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico. Ou seja, (um)-fetiche é o que [existe e manifesta-se] como (uma)-impressão-desejante que se estrutura a partir de (uma)-existência-não-linguística e que enquanto (uma)-“coisa”-aparência é como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] o que se real(iza) na forma de (uma)-(ir)representação.

Entretanto, segundo Marx e Debord, (um)-fetiche é (uma)-interacção-produtiva que se real(iza) «sobre» (uma)-“coisa”-social que, na forma de (uma)-mercadoria, [existe e manifesta-se] como o que resulta de (uma)-condição-humana-do-trabalho e que em torno da qual se real(iza)

(uma)-estrutura que ao organizar, separar e reificar, “coisifica-se” como (um)-modo-de-SER que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (uma)-Intencionalidade que, ao (en)cobrir (uma)-impressão-desejante, é o que se projecta como (um)-fetiche «sobre» (um)-“fazer” que, desta forma, toma a forma de (uma)-mercadoria.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)- projecção de (uma)-Intencionalidade «sobre» (uma)-Intencionalidade que ao (en)cobrir (uma)-existência-não-linguística, e projectá-la «sobre» (uma)-“coisa”-aparência, é o que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é enquanto (uma)-“coisa”-social, o que se real(iza) como (uma)-mercadoria em (uma)-sociedade-actual de sistemas vivos humanos.

AGORA, diante desta definição, o que se precisa para poder avançar é espreitar (um)-pouco-mais-atrás o que segundo Hannah Arendt (1906-1975) é (uma)-condição-humana-do-trabalho. Posto que ao artificializar o mundo, é o que se estabelece como (uma)-mundanidade que, ao [existir e manifestar-se] como o que resulta de (uma)-(trans)formação-da-matéria-do-mundo em (uma)-“coisa”-aparência, é o que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] e a partir de (um)-trabalho, (trans)forma-se em (uma)-*physis*-existência-linguística, como (uma)-formalidade que se real(iza) como (um)-valor.

E desta forma, isto é o que funda e alicerça cada (uma) das “coisas” aparentes como (uma)-ontofenomenologia. O que segundo (uma)-topologia-linguística, não se constitui como (um)-[φαίνω (*phaino*<sup>344</sup>) + μενω (*meno*<sup>345</sup>)], outrossim, (um)-[σχῆμα (*schema*<sup>346</sup>)].

Portanto, não “há” como (uma)-aparência-permanente enquanto (um)-[φαίνω (*phaino*<sup>347</sup>) + μενω (*meno*<sup>348</sup>)], mas «antes», como (um)-estímulo que enquanto (um)-[σχῆμα (*schema*<sup>349</sup>)], é (uma)-representação que enquanto (uma)-interpretação-linguística-mutável-do-mundo, atravessa (uma)-neurofisiologia como (uma)-prática-objectiva que, conseqüentemente enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que se instala como (uma)-ideia-[forma | adjectivação] que, ao reificar o mundo é como (uma)-“coisificação”, o que [existe “coisa” e manifesta-se aparência] do mundo na forma de (uma)-representação.

Conseqüentemente, a partir desta narração o que se pode argumentar é que (um)-trabalho “coisifica” o mundo a partir de (uma)-condição-*physis*-existencial-humana. Por isto, (um)-HOMO-

344 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

345 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

346 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

347 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

348 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

349 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.



*Faber*, “fabrica” e reifica o mundo, “criando” (uma)-mundanidade. (uma)-ideia [forma] que se “faz” na forma de (uma)-“coisa”-aparência, e que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-representação que ao atravessar tanto (uma)-ferramenta, quanto (um)-instrumento, modifica o mundo que, desta forma reificado, é apresentado como (uma)-real(idade) a cada (um) dos sistemas vivos humanos.

O que segundo (uma)-noção de PRIMEIRA representação<sup>350</sup>, “há” como (uma)-objectivação-autopoiética que enquanto (uma)-(trans)formação de (uma)-imagem [alucinação] em (uma)-representação, é o que ao atravessar (uma)-prática-linguística através de (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-“fazer” a partir de (uma)-*ergógenia*.

Pois é (uma)-mundanidade-reificada [“coisificada”] o que enquanto (uma)-condição-humana-do-trabalho, instala-se como (um)-MERCADO-de-trocas que enquanto (uma)-objectivação-autopoiética de (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística, é o que se estrutura axiologicamente, em (uma)-prática-linguística que ao “coisificar” cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que atravessa (uma)-axiologia, (trans)formando (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística em (uma)-forma-autopoiética que enquanto (um)-MERCADO-de-trocas, é (uma)-(trans)formação-linguística de (um)-protótipo-NEONATAL que, ao (trans)figurar-se de (um)-autónomo como (uma)-esfera-das-necessidades, para (um)-público na forma de (uma)-pluralidade, é o que se “faz” enquanto (uma)-esfera-pública, através de (um)-“fazer”-interactivo (estável), que ao real(izar-se) linguística e socialmente como (um)-espetáculo, instala-se desta forma, como o que propõe Debord enquanto (uma)-sociedade, a partir do que não se instala como (um)-conjunto-de-“coisas”-aparentes que “há” enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], mas «antes», como (uma)-consequência de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto SERES-mediatizados como “coisas” aparentes. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], cristaliza-se ritualisticamente em (uma)-colectividade de sistemas vivos humanos que enquanto (uma)-esfera-das-necessidades e na forma de [(um)-labor + (um)-trabalho], realiza-se como (um)-“lugar” que em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico.

Desta forma, (uma)-sociedade é (um)-espetáculo que [existe e manifesta-se] através de (uma)-simultaneidade enquanto (uma)-imagem [alucinação] que, ao tornar-se representação, funda-se enquanto (um)-“lugar”-(in)visível no que se adquire através de (um)-ritual-colectivo. (uma)-forma que ao tornar-se (uma)-realidade em (uma)-real(idade)-linguística, é como (uma)-simultaneidade, o que se “faz” como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], enquanto o que se apresenta como (uma)-Intencionalidade que enquanto (uma)-real(idade)-linguística, (en)cobre

---

350 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1,6. PRIMEIRA representação.

(uma)-Intencionalidade enquanto (uma)-realidade-sistêmica. O que ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-simultaneidade-neurobiológica-neuro-BIO-fisiológica-cognitiva-e-social é, desta forma, o que se real(iza) como (uma)-impressão-DESEJANTE [fetiche] «sobre» (uma)-“coisa”-aparência que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], real(iza-se) como (um)-fetiche-interactivo (estável) em (um)-REAL (adjectivo).

(um)-“lugar” que ao ter (uma)-finalidade, mantêm-se enquanto (uma)-representação como (um)-MERCADO-de-trocas. Pois a partir de (uma)-imagem-ambivalente [alucinação] é o que enquanto (um)-protótipo-NEONATAL, real(iza-se) desta forma, como o que se mantêm enquanto (um)-sentido-específico para (um)-SER-manifesto que na forma de (um)-“fazer”, é o que se ritual(iza) “obriga[ndo] o mundo (representação) a proteger o homem”<sup>351</sup>.

O que ao provocar-se como (um)-“lugar”, é enquanto (uma)-real(ização) efectiva, o que se real(iza) como (uma)-representação a partir de (uma)-forma que se (re)clama através de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», [(um)-labor + (um)-trabalho] + (uma)-acção], e que enquanto (uma)-simultaneidade, é o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, enquanto o que é (um)-“para-si”-em-OUTRO que no mundo, é enquanto (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística, o que se realiza desta forma, como (uma)-representação.

O que nesta altura torna necessário esclarecer que esta argumentação não trata o mundo – (uma)-PRIMEIRA-topologia-linguística – como (uma)-representação-ritualística-de-passagem de (uma)-condição-humana-de-[(um)-labor + (um)-trabalho] à (uma)-condição-human-de-contracto-social que atravessa (uma)-condição-humana-da-acção. Outrossim, é o que ao lidar com cada (uma) das concepções teóricas contractualistas de (uma)-forma que se permita argumentar acerca de (um)-MERCADO-de-trocas, é como (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-protótipo-NEONATAL, o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

Posto que ao lidar com cada (uma) das concepções teóricas contractualistas através de cada (uma) das objectivações autopoiéticas que “há” em cada (uma) das estruturas linguísticas. Isto é o que se materializa como (uma)-existência-linguística, que enquanto (uma)-representação [é o que é], enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-formalidade.

---

351 *Homo Ludens*, HUIZINGA, Johan trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital, página 14.

## 11. Quarenta mil anos depois: a Grande Depressão de 1929

Caverna de Altamira, mais de treze mil anos «antes» do presente. Ontem (uma)-derrocada bloqueou a entrada e, desta forma, vão-se preservar cada (uma) das pinturas de (um)-interior-cavernícola até aos dias de (uma)-actualidade. Por isto, (uma)-família-do-Cavalo-Ocre impedida de utilizar a caverna e possuí-la na forma de (um)-[σχῆμα (*schema*)]<sup>352</sup>, prepara-se para partir.

E assim e desta forma, (uma)-pintura-do-Cavalo-Ocre, situada em (um) dos extremos da abóbada da Grande Sala, ficará imóvel e será (re)conhecida como (uma) das pinturas mais antigas deste tecto. Pois ao permanecer desta forma durante mais de treze mil anos, será enfim ontofenomenologicamente (re)descoberta, no verão de 1879 pelos olhos atónitos de Maria Faustina, então com cerca de oito anos de idade. Filha de Marcelino Sanz de Sautuola (1831-1888), o arqueólogo que recebeu os louros da (des)coberta da Caverna de Altamira, mas que na real(idade) real(izou-se) através dos olhos de (um)-filha.

E ao Cavalo Ocre restou-se marcado decidido e em traço firme no tecto de (um)-interior-cavernícola como tantos outros animais gravados e pintados em cada (um) dos períodos pré-históricos. Com (uma)-anatomia-fulgurante (um)-cavalo-ocre ainda atravessa (um)-tempo cavalgando-o como (uma)-forma e a partir de (um)-“fazer”-HUMANO-ancestral que na forma de (uma)-*ergoḡgenia* lega-se, desta forma, a cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais como o que de mais HUMANO “há” na forma de (um)-linguístico e que lhes é possível real(izar) enquanto (um)-acontecimento-significante. (uma)-construto-linguístico que ao real(izar-se) na forma de (uma)-representação, marca (uma)-existência com a marca de (uma)-manifestação que em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, define-se na forma de (um)-acoplamento, enquanto (uma)-sistemática-de-vida.

Pois através da forma de cada (um) dos acontecimentos significantes, (trans)forma-se em (uma)-cultura e (uma)-sociedade, a partir de (uma)-existência-objectiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e que enquanto (uma)-real(idade) é (uma)-formalidade que na forma de (uma)-poética-narrativa, real(iza-se) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

(uma)-história que na forma de (uma)-existência-linguística é (uma)-narração e, simultaneamente também (uma)-ocultação através de cada (uma) das representações. Pois cada (uma) das evidências que “há” como (uma)-realidade é o que enquanto (um)-facto em que cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(mente) existe como (uma)-formalidade que “há” enquanto (uma)-sistemática-viva é que na forma de (um)-animal é (uma)-*ergoḡgenia* e na forma de (uma)-

---

352 Strong 4976 – substantivo em grego que significa “forma ou aparência, mas englobando tudo o que em um sistema vivo humano afeta os sentidos: a forma, o comportamento, o discurso, as acções, a forma de vida, «entre» OUTROS.

realidade, o que se real(iza) sistemicamente como (uma)-real(idade) a partir da forma de cada (uma) das representações.

(uma)-formalidade que enquanto (uma)-sistemática-de-vida, permite-ae em cada (um) dos sistemas vivos humanos, para adorar e ritualizar ESSENCIALIZANDO-SE como (um)-REAL (adjectivo). Pois desta forma, ao fundar sítios rituais e mover-se por toda (uma)-região-Cantábrica, como também, (um)-pouco-por-todo-o-mundo (des)envolve-se na forma de (um)-estilo-de-vida, como (um)-*modus-operandi* que se lega na forma de (um)-“fazer” e através de (uma)-*ergoñgenia*, à cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO que, desta forma constituídos, SÃO como (uma)-formalidade, (uma)-ontofenomenologia-HUMANIDADE. (uma)-sistemática-de-vida-animal que se real(iza) na forma de (uma)-existência-linguística enquanto (uma)-ONTOFILOGENIA-sistémica-HUMANA.

Tudo porquê (uma)-família ao (entre)olhar-se «antes» de partir, marca-se com (uma)-cumplicidade que na forma de (uma)-necessidade é enquanto (um)-“fazer” o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos e que ao envolvê-los socialmente, atravessa cada (um) dos factos individuais, colectivamente, e desta forma provocados por cada (um) do acontecimentos acima narrados que na forma de cada (uma) das *ergoñgenias* factuais que “há”, provocam-se em cada (uma) das real(izações) sistémicas e estruturais que se real(izam) como acções sociais e colectivas. Pois na forma de (uma)-família, diante do que se lembram acerca de cada (um) dos dias dedicados à (um)-“fazer”-criativo que atravessa o tempo, sistémica e estruturalmente UNINDO-OS colectiva e socialmente.

Mas que em cada (um) dos significantes que se real(iza) e que ali SÃO ONTOFILOGENICAMENTE deixados mas nunca esquecido e, outrossim, como (uma)-imagem [alucinação] são o que se (trans)forma no que ao atravessar o tempo real(izado) como (uma)-existência-objectiva, é em (uma)-forma-prototípica-NEONATAL, o que através de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há”, real(iza-se) desta forma em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] como (uma)-representação.

Condições que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE construídas e edificam-se na duração de (um)-tempo<sup>353</sup> que, ao moldá-las em conformidade com (uma)-tradição, real(iza-se) em cada (uma) das representações que na forma de (uma)-duração resultam a partir de (um)-estímulo, no que de mais HUMANO [aparece e existe] como (uma)-forma-conhecimento. Pois é a partir de cada (uma) das lembranças que os UNE, que a forma de (um)-véu real(iza-se) em cada (uma) das representações que

353 Nas línguas mais antigas a distinção «entre» dia (como um marcador de 12 ou de 24 horas) e noite, não existe através de duas palavras distintas. Normalmente são marcados por uma única palavra que se define como simplesmente “tempo”, “fazendo-se” necessário que se descreva o início e o fim de cada “tempo” para que se possa distinguir o dia da noite ou usar OUTRAS referências descritivas, tais como “luz” para o dia e “escuridão” para a noite.

enquanto (uma)-real(idade) é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. (uma)-imagem [alucinação] que enquanto o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, é na forma do que os marca, [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-*ergoígenia*, é a partir de (uma)-FILOGENIA, o que se define na forma de (uma)-representação como (uma)-real(ização) que em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação] enquanto (um)-REAL (adjectivo).

(um)-legado que ao atravessar cada (uma) das lembranças de cada (um) dos sistemas vivos hominídeos ou HOMO envolvidos, captura-os. Diante do que momentaneamente, cada (um) toma-se como (um)-LOGRO que na forma de (uma)-LIBERDADE é como consequência de (uma)-causalidade, (uma)-conformidade com (um)-vazio que ao contemplar-se como (um)-“fazer”-neurofisiológico, real(iza-se) como (um)-acontecimento diante de cada (um) dos acontecimentos que já se findaram ao provocar-se (uma)-acção.

Pois o que desta forma marca-se, em cada (um) dos sistemas vivos humanos ainda enquanto forma de crianças<sup>354</sup>, é a real(ização) de (um)-(des)conhecido que enquanto (um)-“fazer” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que recalcado “faz-se” seguir adiante como (uma)-ÚNICA-alternativa para UNÍ-LOS em (um)-DEVIR-real(ização). Isto porquê ao mover-se em direcção de (uma)-real(ização), novamente permitem-se como (uma)-comunhão, como também, enquanto (um)-estabelecimento de (uma)-constituição que em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, é (uma)-formalidade para (um)-DEVIR-HUMANO-real(izado). Posto que é na forma de (uma)-cultura e de (uma)-sociedade que cada (um) dos sistemas vivos humanos [existe e manifesta-se] na forma de (uma)-HUMANIDADE .

Assim, ao deixar para trás tudo o que se torna (um)-vestígio; mas não no que é (um)-vestígio do que SÃO, outrossim, como (um)-vestígio do que eram; afastam-se de cada (uma) das “coisas” sociais que os possuiu. O que enquanto (uma)-“coisa”-aparência e a partir de (uma)-representação é na forma de (uma)-simultaneidade, o que foi nesta altura esquecida (recalcada) mas que ao SER (re)tomada, é na forma de (um)-conhecimento e a partir de (um)-legado, como o que enquanto (uma)-ONTOFILOGENIA-*ergoígênica* [é o que é], ao SER real(izada) enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] e na forma de (uma)-PEGADA que se deixa à (uma)-posteridade-tresloucada.

Desta forma, em (uma)-conveniente-direcção “há” como (uma)-abnegação que se real(iza) diante de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, como (uma)-impossibilidade que os

---

<sup>354</sup> Nesta passagem “fazemos” uso da palavra “criança”, mas o conceito de infância ou “criança” é muito posterior (por volta do século XV d.C.). Talvez o que identificamos como “relações de identidade” na introdução e nesta altura, seja o que hoje a antropologia chama por “rituais de passagem”. Desta forma, referimo-nos a “crianças” mas a questão é o devir (torna-se) destes *sistemas vivos humanos* enquanto tal, portanto, a partir de um “ritual de passagem”.

deixa como o que é [(um)-pouco para trás] em cada (uma) da real(izações) que ao tornarem-se (um)-vestígio SÃO ONTOFILOGENICAMENTE a forma de (um)-acontecimento-testemunhado que tem como (uma)-interpretação-actual (uma)-forma-(im)possibilidade.

(uma)-(im)possibilidade que diante de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM] e na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, atravessa (um)-véu (trans)fundindo-se à forma de (uma)-imagem [alucinação] que a partir de (um)-estímulo é o que se real(iza) como (uma)-formalidade. (um)-protótipo-NEONATAL que enquanto (uma)-representação é (uma)-manifestação-existência na forma de (uma)-ONTOFILOGENIA-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] que ao atravessar (uma)-alucinação encontra-se através de (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação, com (uma)-formalidade que se real(iza) em conformidade com (uma)-acção em (uma)-representação que atravessa (uma)-imagem [alucinação].

Agora (um)-mundo é (uma)-representação que se afigura à frente de cada (um) dos sistemas vivos humanos e que ao envolvê-los na forma de (um)-((des)conhecido, (re)toma-os como (um)-acontecimento que ao atravessar (um)-“fazer” é enquanto (uma)-formalidade o que os UNE. Isto porquê o (um) é o mesmo que o OUTRO. O que ao atravessar (um)-“fazer”, consente-se como forma enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que real(mente)<sup>355</sup> como (um)-OUTRO-mundo no mundo é o que diante da forma de (uma)-representação é (uma)-real(ização)-em-simultaneidade.

Diante do que, isto é o que mais parece contornar-se como (um)-abismo-kierkegaardiano, buscando-se adiante em cada (um) dos sistemas vivos humanos que ao apresentar-se através de (um)-“fazer”-neurofisiológico e como (um)-“lugar”, é pois desta forma, o que se real(iza) em (uma)-representação que ao interromper (um)-alvorecer que se busca em (um)-horizonte é na forma de (uma)-essência, o que enquanto (uma)-inquietação, realiza-se (ir)representação. O que na forma de cada (uma) das práticas linguísticas e também como (uma)-real(idade), ESSENCIALIZA-SE enquanto (uma)-real(ização)-simultaneidade.

Porém, como (uma)-prática-linguística-ESSENCIALIZADA é o que na forma de (uma)-acção é vida. (um)-“fazer”-neurofisiológico que diante de (um)-abismo causa-se enquanto (uma)-aflição-lasciante, no que ao mudar silenciosamente enquanto o que os alimenta e como (uma)-necessidade que ao atravessar cada (uma) das (im)possibilidades que “há” em cada (uma) das [existências manifestas] e envolvidas é como (um)-“fazer”-neurofisiológico o que os UNE.

E isto é o que se provoca como (um)-desvio. Obrigando à cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos buscar-se por (um)-caminho que ao contornar (uma)-margem, permite-lhes (uma)-falsa-observação do que é (um)-abismo. Isto porquê (uma)-margem é o que se procura para aplacar (uma)-aflição e o que se encontra é (um)-outro-lado na duração de (um)-tempo que de (um)-

---

355 Alteração visual imposta a palavra “real(mente)” com a intenção de alterar (uma)-condição-significante e visual sem alterar o som. Que desta forma poderia ler-se “real | mente” como “realidade da mente”, muito embora a topologia linguística não considere a mente como (uma)-realidade, mas «antes», como (uma)-real(idade).

infortúnio é o que se real(iza) como forma movimento que ao atravessar (um)-mundo, alimenta-se e consome-se enquanto (uma)-satisfação.

Portanto, contornar escuridões não “(des)faz” cada (uma) das aflições que os consome. Posto que cada (uma) destas aflições, é o que se mostra ao (IN)FINITO diante de (um)-tempo-individual e de cada (uma) das FINITUDES de cada (um) dos “(a)fazer(es)”-neurofisiológicos que “há” para cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Desta forma, (uma)-aflição é o que atravessa (uma)-duração-do-tempo e não (um)-“fazer” e o que se mostra à cada (um) dos sistemas vivos humanos, como tudo o que se apropria do mundo enquanto (um)-“fazer” que “há” como (um) e em cada (um) como o que materializa na forma de (uma)-representação, o que enquanto (uma)-formalidade, é ao existir na duração o que na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, funda-se enquanto (um)-simbólico-topológico ao “furar” (um)-REAL e instalar-se como (uma)-real(idade).

Contudo, como esta real(idade) não é (uma)-criatura, outrossim, (uma)-formalidade que a partir de (uma)-prática-linguística ao atravessar (uma)-alucinação [imagem], real(iza-se) como (um)-“furo” a partir da forma de (uma)-representação (ver QUADRO 003).

Pois o que possui [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (uma)-representação é o que ao eclodir do âmago de (uma)-sistemática-de-vida é na forma de (um)-comportamento, o que constroeu tudo o que enquanto (uma)-aparência, é fruto de (um)-estímulo-existência.

(uma)-artificialização que ao decorrer como (uma)-*physis*-existência-manifesta é enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” o que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, acopla-se e estabiliza-se como (uma)-sistemática-de-vida e através da forma de cada (uma) das [existências manifestas] objectivas ou linguísticas, que se permitem como (uma)-real(ização). O que “faz” com que exista (uma)-mundanidade que ao devolver-se à (um)-meio-*physis*-existencial na forma de (uma)-formalidade, é o que enquanto tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, o que ao atravessar-se como (uma)-redundância, sustenta-se em cada (um) dos sistemas vivos gerando-os e real(izando-os) no mundo através da forma de (um)-acoplamento.

O que justifica cada (uma) das actividades criativas praticadas em cada (um) dos interiores cavernícolas por cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que através de (um)-“fazer”-neurofisiológico é, desta forma, como (uma)-SUPER-estrutura-sistémica, o que se pode afirmar que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, para (um)-profundo-“fazer” que em (uma)-caverna pratica-se como (um)-ritual-de-magia que ao favorecer cada (uma) das actividades económicas, é o que enquanto o que se enquadra e segundo (uma)-visão-comportamental-e-racionalista, o que “faz” de cada (uma) das actividades (des)envolvidas, não (uma)-real(ização), mas «antes», (uma)-conceitualização que “há” a partir de (uma)-sociedade-actual.

Entretanto, o que se procura através de (uma)-topologia-linguística, é lidar com cada (uma) das actividades hominídeas ou HOMO, como práticas linguísticas real(izadas). E, desta forma, viabilizar (um)-entendimento de cada (uma) das organizações estruturais e interactivas (estáveis) de cada (uma) das actividades absolutas (instáveis) (des)envolvidas que atravessam (um)-conceito-de-*ergógenia*.

Pois para cada (um) dos caçadores poetas nesta altura, caçar e (re)coletar era (uma)-actividade que se objectivava para viver. Entretanto, actualmente cada (um) dos sistemas vivos humanos sábios e conscientes de (uma)-humanidade<sup>356</sup>, crê-se como (uma)-formalidade-interpretação, que cada (uma) das actividades (des)envolvidas em cada (um) dos interiores cavernículas, era para (uma)-estrutura-económica-de-subsistência que ao (trans)formar (uma)-actividade-artística em (uma)-necessidade-religiosa-ou-mágica, “facilitava” (uma)-existência através de (uma)-consciência.

Contudo, na forma de (uma)-estrutura-de-acoplamento-linguístico, dir-se-á que (um)-caçar e (um)-(re)coletar é o que ONTOFILOGENICAMENTE é (um)-“fazer”. Actividades comportamentais que ritualizam, real(izando-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-HUMANO e enquanto (um)-linguístico. (um)-acontecimento-linguístico que não significa, mas «antes», real(iza-se) em cada (uma) das existências subjectivas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (um)-forma que “há” em cada (uma) das representações que se real(izam) como (uma)-real(idade).

Não para aprimorar (uma)-capacidade através de (uma)-prosperidade-económica. Mas, «antes», para ritualizar e simbolizar (uma)-*physis*-existência que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos e que na forma de (uma)-HUMANIDADE, é o que advém de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico que “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, como (uma)-existência-linguística-manifesta.

Levou-se milhares de anos para que (um)-acontecimento-linguístico como (uma)-estrutura-de-acoplamento, realizasse (uma)-*physis*-existência-sistémica-humana e configurasse cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Sapiens Sapiens* como existências linguísticas que descendem de cada (um) dos caçadores do paleolítico e que sempre se buscam em (um)-caminho através de cada (um) dos significantes humanidade, que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas que “há” como (um)-[POEMA | MATEMA] que se atravessa na duração significativa de (um)-tempo-que-existe-e-manifesta-se-representação.

---

356 Conscientes de (uma)-qualificação de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-humanidade que “há” em cada individualidade - (um)-adjectivo que se atribui cada indivíduo humano – mas que verdadeiramente é (uma)-objectivação-autopoiética consistente com (uma)-conduta-racional, que entretanto, não condiz nem com (uma)-conduta-racional, nem tampouco individual, outrossim, colectiva destes sistemas vivos que se querem diferenciar enquanto animais que se consideram “superiores”.



(uma)-topologia-linguística que se afirma em cada (uma) das representações que no profundo das cavernas, não SÃO actividades mágicas, espirituais ou religiosas. Pois ao afirmar-se que “há” como (uma)-*physis*-existência-humana e que ao apreender (um)-mundo é como (uma)-alucinação [imagem] o que, desta forma, apreende-se como (uma)-inquietação e na forma de (um)-abismo-kierkegaardiano, que enquanto (um)-“fazer” é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Posto que ao conceder-se como (um)-significante a partir de (um)-“fazer”, isto é o que devido a forma de (um)-acoplamento, (trans)forma-se em (um)-conhecer que enquanto (um)-conhecimento, é o que se molda à forma de (uma)-cognição-sistémica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e que se estrutura ao (trans)formar-se em cada (um) dos sistemas vivos HOMO *Sapiens Sapiens* em SERES-simbólicos que atravessam (uma)-existência através de (um)-linguístico.

Portanto, não SÃO como ONTOGENIAS individuais, mas «antes», como (um)-“fazer”-social-e-sistémico que ONFOFILOGENICAMENTE atravessa cada (um) dos “(a)fazer(es)”<sup>357</sup> individuais, que se constitui como (um)-SER-simbólico-vivo e na forma de (uma)-mundanidade que ao [existir e manifestar-se] “para-si”, encerra-se “em-si” na forma de (uma)-representação que atravessa (um)-recalcamento fundando-se como (uma)-linguagem. O que estrutura (uma)-existência-simbólica em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Pois ao projectar-se como (um)-significante-individual «sobre» cada (uma) das imagens [alucinações] de (um)-animal-pintado no profundo de (uma)-caverna [representação], recalca-se como (um)-protótipo, (des)cobrimdo-se como (um)-caminho para (uma)-existência-não-linguística que na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, real(iza-se) como (um)-DESEJO que enquanto (um)-SER-manifesto, é (uma)-simultaneidade-[existência + manifestação] como (uma)-essência.

E, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos buscará através do sempre por (um)-significante que os real(iza). Porquê (um)-significante-SER-manifestação é o que estará sempre oculto, em e «entre», cada (um) dos significantes que “há” em (uma)-real(idade), e que se real(izam) como (uma)-*physis*-existência-linguística que “há” enquanto (uma)-estrutura-de-acoplamento. O que se estabelece desta forma como (uma)-sistemática-de-vida-humana. Pois cada (um) dos sistemas vivos está capacitado, através de (uma)-neurofisiologia, para estruturar-se a partir de cada (um) dos estímulos que recebe do mundo. O que em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, acontece na forma de (uma)-representação que visual ou sonora, real(iza-se) como (uma)-

---

357 Ideia de que não “há” (um)-existir-ONTOGENICAMENTE-SER), outrossim, *ergoñgenicamente* (“fazer”). Ou seja, a origem de (um)-“fazer” é (uma)-*ergoñgenia* e não (uma)-*dialéctica*-[interior | exterior]. Posto que o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE é (um)-*atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social* que estrutura todo (um)-“fazer” de cada (um) dos *sistemas vivos humanos* em (uma)-*sociedade*.

real(idade), tornando-se visível em (um)-simbólico-topológico que ao tornar-se (in)visível<sup>358</sup> em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é no qual se atravessa (um)-recalcamento-originário que os constitui e que é ONTOFILOGENICAMENTE o que os edifica como [(uma)-existência + (uma)-manifestação].

Desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos [existe e manifesta-se] em e «entre» cada (um) dos actos que se real(izam), em e «entre», cada (uma) das acções que enquanto (um)-DEVIR, é o que se cria enquanto (um)-acto-de-vida, e que ao viver (des)cobre-se como o que [existe e manifesta-se] como (um)-problema que, desta forma, é o enquanto (um)-“fazer” é o DEVIR<sup>359</sup> que se “faz” como (um)-acontecimento que ao atravessa (uma)-estrutura-de-ambiguação, caracteriza-se como (uma)-existência-linguística que “há” em (uma)-sistemática-viva que ao criar (um)-VIVER para [existir e manifestar-se] como (um)-absoluto-existir-manifesto que ao moldar-se a partir de (um)-instável, é o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-real(ização).

Pois ao pintarem as cavernas com cada (uma) das representações, não o “fazem” através de (uma)-consciência, outrossim, ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico. Posto que não tem (uma)-ideia do que se tenta como (uma)-representação, outrossim, (uma)-imagem [alucinação] do que ao construir-se como (uma)-visão-de-mundo, real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento-real(ização)]. O que ao SER-manifestação pintura em (uma)-caverna, é o que está a [existir e manifestar-se] *physis* existencialmente não como (uma)-Intencionalidade que se real(iza) direccionada a partir de (um)-objecto, mas «antes», como (um)-acoplamento-estrutural-linguístico que ao real(izar-se) ao pintar cada (uma) das representações que “há” como (uma)-ideia, cria-se como (um)-conceito que em cada (uma) das significantes pinturas, estabelece a forma de cada (uma) das acções de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Porquê como (uma)-significante-vida, o que “há” é (um)-viver ONTOFILOGÊNICO que não se torna (uma)-ontofenomenologia nesta altura ainda tão distante do presente. Pois não “há” enquanto tal em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, posto que o que ainda “há” e é, [é o que é] enquanto PURA-*physis*-[existência + manifesta], o que se real(iza) como (um)-linguístico.

Isto porquê o que se defende em (um)-sistema-topologia-linguística é que (um)-recalcamento é (um)-processo que funda (uma)-linguagem, sendo esta (uma)-*physis*-[existência + manifestação] que se real(iza) através de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico-humano. Ou seja, [pinta-se porquê se recalca e recalca-se porquê se pinta]. Mas não SÃO como significantes que se real(izam) significados, outrossim, o que “há” é (um)-processo que se estrutura sistemicamente

---

358 Conceito de imagem visível que existe somente como o que se define como (um)-existir-significante.

359 Conceito filosófico que se define em cada (uma) das mudanças pelas quais passam as *coisas*. O conceito de “tornar-se” nasceu no leste da Grécia antiga através do filósofo Heráclito de Éfeso (535a.C. - 475a.C.) que no século VI a.C. afirmava que nada neste mundo é permanente, exceto a mudança e a (trans)formação.

como (um)-linguístico. E que se possibilita a partir de (uma)-imagem [alucinação] enquanto o que “há” como (um) significante que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos a partir de (um)-“fazer” que se real(iza) representação, e que a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, real(iza-se) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-recalcamento como (uma)-(ir)representação. O que em (uma)-actualidade é (uma)-existência-simbólica-fechada-“em-si”. Do que se pode concluir que, ao mostrar como o que não é (um)-EGO é o que constitui em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-simbólico-fechado-“em-si” que em (uma)-topologia-linguística é o que se propõe como (um)-suposto-EGO que na forma de (uma)-(ir)representação é como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que se real(iza) «sobre» (um)-significante, como o que se implora como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA.

A partir do que se acredita em (uma)-topologia-linguística, que (um)-EGO é (um)-acontecimento-significante que ao tornar-se em (um)-pronome-“EU” é o que enquanto (uma)-existência-ambivalente<sup>360</sup>, representa-se sonoramente na língua como (um)-estruturador. O que denuncia que é este processo no qual se define como (uma)-autopoiese-do-protótipo-NEONATAL, que desta forma, é o que enquanto (um)-(des)locamento-SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE é enquanto tal, o que se pode afirmar SER-manifesto como (um)-fenómeno-que-inerente à cada (uma) das estruturas linguísticas, constitui-se como (uma)-massa-recalcante enquanto (uma)-culturalização<sup>361</sup> enquanto (um)-linguístico.

Posto que real(mente) (um)-HOMO-*Sapiens-Sapiens* ao pintar (uma)-caverna real(iza-se) como (um)-acontecimento-linguístico-pré-histórico-fundamental que ao “fundar-se” como (uma)-existência-linguística-humana-actual, é como (um)-acontecimento-BIO-histórico o que ainda hoje é em cada (um) dos sistemas vivos humanos o que se conhece e que se foi iniciado em (um)-paleolítico-superior, precisamente em (um)-período-das-pinturas-rupestres. Pois cada (uma) destas actividades real(izadas) em (um)-profundo de (uma)-caverna, foi (des)velada e definida como arte, somente em (uma)-actualidade, mas certamente não ERAM arte para cada (um) dos caçadores poetas que as real(izaram) como cada (um) dos benfeitores a partir dos quais se definem cada (uma) das representações que “há” em (uma)-actualidade.

“Especula-se” por isto que «dentro» de (um)-espectro-das-formas-sociais-de-interacção-colectiva, cada (uma) destas actividades ritualísticas afirma-se como (uma)-interacção-linguística-

360 O “ego” é (um)-significante-ambivalente porque existe como (uma)-representação-sonora nascida de (uma)-“imagem”-sem-representação decorrente da representação da imagem alucinação no protótipo NEONATAL, sendo esta a *physis*-ambivalência-significante que “há” em todo significante “haver” mas que não “há” enquanto (uma)-substantivação que de (um)-EGO é (um)-“EU”-pronominal que enquanto representação sonora, é porque porque é significante real(ização) como o que “há”.

361 Processo que artificializa o mundo aumentando a massa recalcante através das actividades humanas pela acumulação e transferência de conhecimento de (uma)-geração à outra.

de-identidade-individual-e-colectiva que na forma de (uma)-existência-linguística, é como (uma)-forma-de-identificar-se enquanto (uma)-colectividade o que relativamente a (um)-mundo, permite-se como (uma)-contingência que em e «entre», cada (uma) das colectividades que “há” e que se estabelecem como (uma)-identidade-de-grupo, separam-se de (um)-MUNDO. Mas esta é (uma)-separação-do-mundo que enquanto (uma)-contingência-possível é originariamente (um)-recalcamento-imagético que enquanto (uma)-hipótese-do-PAR-imagético | PRIMEIRA representação, funda-se como (um)-linguístico através de cada (uma) das práticas objectivas que enquanto (uma)-actividade-cri(ativa) real(izam-se).

O que se viabiliza, desta forma, como (uma)-BASE para (um)-entendimento de (uma)-vita-activa<sup>362</sup> como essencialmente laborans<sup>363</sup> e autopoietica<sup>364</sup>, como o que se argumenta devido à (uma)-autonomia de cada (um) dos sistemas vivos, para (uma)-(auto)definição e (uma)-(re)organização-estrutural que ao atravessar (um)-acoplamento-estrutural, é o que se define, desta forma, como (uma)-*physis*-existência-linguística-HUMANA.

Portanto, (uma)-representação de (um)-animal em (uma)-parede de (uma)-caverna é como (uma)-real(ização)-simultânea-[MUNDO | realidade] que enquanto (uma)-PRIMEIRA-representação é o que se real(iza) como (uma)-artificialidade. O que se forma como (uma)-mundanidade a partir de (um)-protótipo-NEONATAL, que se estabelece desta forma, como (uma)-forma-conhecimento, que enquanto (uma)-forma-activa é a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, o que em (um)-sistema-topologia-linguística, conserva-se ao atravessar (uma)-imagem [alucinação] que enquanto (um)-PAR-[(in)visível | visível] é o que se real(iza) para (uma)-contemplação que, desta forma, é o que se torna (um)-conhecido na forma de (um)-acontecimento-linguístico.

(uma)-gênese que na forma de (uma)-culturalização<sup>365</sup> é o que se constitui como (uma)-massa-recalcante-alienada que enquanto (um)-“haver” é o que na forma de (uma)-separação-[HOMEM | MUNDO], real(iza-se) a partir de forma de (um)-protótipo-linguístico.

O que, desta forma, apresenta-se como (uma)-visão-*physis*-linguística do MUNDO: (um)-imaginário-objectivo-e-concreto que “há” em (uma)-topologia-linguística e que ao ocultar (um)-vazio-não-vazio na forma de (um)-véu-imagético, real(iza-se) como (um)-REAL (adjectivo), que ao decorrer como (um)-“fazer”, é na forma de (uma)-representação o que a partir de (uma)-imagem

---

362 Três actividades humanas fundamentais: labor, trabalho e acção, propostas por Hannah Arendt como actividades fundamentais porque a cada (uma) delas corresponde (uma) das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra. Hannah Arendt em *A condição humana*, editora Relógio D'água, página 19.

363 Actividade proposta por Hannah Arendt, que corresponde ao processo biológico do corpo humano: crescimento, metabolismo e morte. Tendo a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo Labor no processo da vida. Hannah Arendt em *A condição humana*, editora Relógio D'água, página 19.

364 Característica proposta por Humberto Maturana e Francisco Varela acerca da capacidade de (um)-sistema-autoconstruir se-e-autodefinir se autonomamente a partir da (re)organização de suas partes componentes.

365 Processo que artificializa o mundo aumentando a massa recalcante através das actividades humanas pela acumulação e transferência de conhecimento de (uma)-geração à outra.

[alucinação], funda e alicerça-se em (um)-simbólico-topológico, que enquanto (uma)-ORLA de todo-(um)-“haver” é o que enquanto (um)-ocultamento [“lugar”] real(iza-se) como (um)-acoplamento.

Consequentemente, (uma)-culturalização é o que se real(iza) ao atravessar (uma)-existência-linguística que ao artificializar (um)-MUNDO reifica-o. Porquê ao atravessar (uma)-*ergoígenia*-linguística-activamente aumenta (uma)-massa-recalcante, como também, (uma)-alienação que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. (uma)-*physis*-existência-linguística que através de (um)-significante, instala-se como o que Sigmund Freud (1856-1939) definiu como (uma)-neurose<sup>366</sup>.

E, desta forma, ao lascar (uma)-pedra, cada (um) dos *Australopithecus* real(iza-se) como (um)-artífice-do-mundo em (uma)-sistemática-vida que atravessa (um)-“fazer”, que através de (um)-protótipo-objectivo, não se distingue enquanto (uma)-forma de (um)-“fazer”, nem como (uma)-real(ização) enquanto (uma)-alucinação [imagem].

Assim, (uma)-real(ização) de (um)-artefacto é (uma)-(trans)formação do mundo que ao ALUCINÁ-LO, (trans)funde (um)-SER-manifestação com (uma)-realidade que enquanto (um)-“fazer” de (uma)-real(idade), é o que ao [existir e manifestar-se] na forma de (um)-artefacto-mundo é em (um)-AGORA-constante, (um)-instante que não existe e que se perde na vastidão de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ao atravessar (um)-“fazer” a partir de (uma)-*ergoígenia*.

Isto porquê viver é (um)-significante-“em-si” e não [(uma)-existência + (uma)-manifestação]-“para-si”. Posto que (um)-viver redunde de (um)-DEVIR que na duração de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] interroga-se «sobre» o que vem primeiro: (um)-significante, (uma)-existência ou (uma)-manifestação?

### 11.1. (uma)-hierarquia e a super-productividade

E desta forma, é na forma de (um)-significante que se chega enfim ao ano de 1929. É (uma)-quinta-feira dia 24 (vinte e quatro) de Outubro. (uma)-produção-industrial dos Estados Unidos da América, que já vinha caindo desde Julho de 1929 causando (um)-leve-período de recessão económica, vê-se diante de (uma) das quedas mais drásticas no valor de cada (um) dos títulos mobiliários que negociados na Bolsa de Valores de Nova York, e vulgarmente conhecidos como AÇÕES, causam (uma) das maiores “derrocadas” da New York Stock Exchange.

(uma) das maiores “derrocadas” historicamente conhecidas. Pois ao cair o valor de cada (um) dos títulos em Nova York, milhares de investidores nacionais e internacionais, perdem

---

366 Termo psicanalítico – que em conformidade com o que propõe Sigmund Freud e Jacques Lacan – não expressa (uma)-qualificação-nosológica, mas entende-se como *condição nuclear da organização falante dos sistemas vivos humanos*.

literalmente tudo ou quase tudo do que detinham em títulos da noite de quarta-feira, dia 23 (vinte e três), para a tarde de quinta-feira, dia 24 (vinte e quatro).

Enormes quantias de dinheiro que na forma de títulos mobiliários perdem-se literalmente da noite para o dia. É (um)-dia-factídico que ao atravessar (uma)-sistemática-de-vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, impede muitos deles de continuar a [existir ao manifestar-se]. Pois como estava aplicado muito dinheiro de cada (uma) das economias pessoais e empresariais, de cada (uma) das pessoas envolvidas em (uma)-sociedade, em cada (um) dos títulos mobiliários na América e (um)-pouco também por todo o mundo, muitos foram à bancarrota.

Estava-se diante da maior quebra de todos os tempos na Bolsa de Valores de Nova York. E as consequências, nesta altura, ainda não eram evidentes. Mas sabia-se que os efeitos de (uma)-recessão já existente piorariam ainda mais, e que provavelmente colocar-se-ia (uma)-economia em (um)-braço-de-força com (uma)-deflação devido a cada (uma) das possíveis quedas na venda de mercadorias. O que obrigaria ao fechamento de empresas comerciais e industriais, como também, elevaria as taxas de (des)emprego, provocando efeitos danosos em toda (uma)-economia nacional e internacional.

(In)felizmente foi o que se sucedeu. (um)-colapso-contínuo nos dias que se seguiram. Na quinta-feira dia 24 (vinte e quatro) de Outubro de 1929, a Bolsa perdeu 11% (onze por cento) do valor em fortes negociações. Fechando-se (um)-pregão com mais de 6.000.000 (seis milhões) de títulos financeiros vendidos em (um)-mesmo-dia, o terceiro maior volume de negócios da história da New York Stock Exchange. Mas para “(des)fazer” o pânico e também (um)-caos-instalado em cada (um) dos pregões, vários líderes banqueiros de Wall Street reuniram-se em busca de (uma)-solução.

Encontravam-se nesta reunião: Thomas Lamont (1870-1948) – chefe interino do Morgan Bank – Albert Wiggin (1868-1951) – chefe do Chase National Bank – e Charles E. Mitchell (1877-1955) – presidente do National City Bank of New York. Alguns dos maiores líderes de (uma)-hierárquica-economia-mundial reunidos em (uma)-mesma-sala para, desta forma, ao [existir e manifestar-se] ONTOFILOGENICAMENTE e na forma de (um)-ESTÁDIO-hierárquico<sup>367</sup>, real(izar-se) como (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>368</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>369</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>370</sup>] para decidir na forma de (um)-SAGRADO-PODER, como adoptar (uma)-solução para o problema. Mas o que conseguem consequentemente, é (um)- (des)encadear de (uma)-CRISE<sup>371</sup>.

367 Ver capítulo 3, Aspectos Históricos, subcapítulo 3.5. Hierárquico.

368 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

369 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

370 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

371 É o que se real(iza) na forma de (um)-ENTE-axiológico, como (uma)-formalidade que ao projectar-se «sobre» a real(ização) de cada (uma) das práticas linguísticas, é como (uma)-forma-(ir)representação, o que se instabiliza

Isto porquê, ao resolverem colocar na forma de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), através de Richard Whitney (1888-1974), vice-presidente da Bolsa de Nova York, (uma)-oferta-de-compra de (uma)-grande-quantidade-de-títulos da U.S. Steel com (um)-preço acima de (um)-MERCADO, muitos investidores resolvem vender rapidamente cada (um) dos títulos que detinham, mas como esta era (uma)-tentativa-de-segurar (uma)-queda-dos-índices-de-MERCADO, falha.

Pois (um)-MERCADO continua a cair, chegando a números negativos históricos na quarta-feira dia 13 de Novembro de 1929. Mas depois de (um)-primeiro-período-de-quedas durante alguns dos meses subsequentes, (um)-MERCADO-mobiliário apresenta enfim melhoras, atingindo alguns picos de fechamento, (um) em especial em (uma)-quinta-feira dia 17 de Abril de 1930. Contudo, depois de cada (uma) das subidas esporádicas, volta-se a cada (uma) das sucessivas descidas até ao mais baixo fechamento de (um)-índice Dow Jones de todo o século XX. A partir do que (um)-índice não se voltaria a recuperar até Novembro de 1954.

Foi-se (uma)-prosperidade-americana do período pós-Primeira-Grande-Guerra-Mundial. (uma)-prosperidade que “havia” chegado ao fim arrastando cada (um) dos anos dourados da economia americana desde os primeiros dias da Primeira Guerra Mundial para (um)-abismo. Posto que os Estados Unidos da América “havam” beneficiado, territorial e economicamente, como (um)-país que se encontrava distante de cada (um) dos conflitos travados em território Europeu. O que propiciou (um)-aumento-da-produção-industrial que perdurou por toda (uma)-década de 20 (vinte).

Com (uma)-economia-estadunidense a (des)envolver-se e (uma)-indústria-americana a crescer. Enfim foram dominados muitos MERCADOS por todo o mundo. Mas (in)felizmente os dias de ouro dos “Loucos Anos 20” começaram, nesta altura, a dar sinais de terem-se chegado ao fim e mesmo no fim de (uma)-década-dourada e “louca”.

Pois ao chegar, desta forma, ao fim de (uma)-prosperidade-económica. A América e o mundo dos anos 20 (vinte) precisaria de (uma)-Segunda-Grande-Guerra-Mundial para que (uma)-prosperidade retornasse. Ora, mas porquê é preciso (uma)-guerra para que (uma)-prosperidade retorne? Porquê não estabilizar (uma)-real(idade) através de cada (um) dos mecanismos técnicos e ideológicos existentes? Afinal, (uma)-guerra é mais (uma)-instabilidade, porquê então historicamente, cada (um) dos dois maiores conflitos armados “favoreceram” (uma)-prosperidade-mundial?

Muitas das respostas à cada (uma) destas perguntas, suscitam desde a estratégica localização geopolítica dos Estados Unidos da América, até questões geofísicas, políticas e económicas para

---

enquanto (uma)-*physis*-existência-linguística, através de (uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO. Ver capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.18. (uma)-CRISE, página 161.

além do grande poderio de (uma)-enorme-indústria-bélica existente nos Estados Unidos da América. Mas cada (uma) das respostas à cada (uma) destas questões, segundo (uma)-topologia-linguística, não pode SER-manifestação, senão na forma de (um)-REAL (adjectivo) no qual se real(iza) (uma)-real(idade) desta altura.

Pois segundo (uma)-topologia-linguística, é a partir da forma de (um)-REAL (adjectivo), que (uma)-real(idade)-linguística<sup>372</sup> de cada (um) dos factos aqui já narrados, acontece através de cada (uma) das práticas linguísticas, estáveis e interactivas que se mostram (in)eficazes enquanto mecanismos com os quais se procura estabilizar cada (uma) das formalidades enquanto (uma)-real(idade).

Porquê (uma)-estrutura que “há” em cada (uma) das interacções económicas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e atravessa cada (uma) das práticas linguísticas estáveis, acontece na forma de (uma)-existência-linguística que ao localizar-se em (um)-simbólico-topológico é o que, desta forma interactiva, e por isto heurísticamente estável, mas que linguisticamente é não estabilizável.

Isto porquê, o que “há” enquanto (uma)-forma-geratriz-instável é o que na forma de (uma)-real(idade), é (um)-estímulo que se pode estabilizar através de cada (uma) das práticas linguísticas instáveis (absolutas), mas que ao real(izar-se) na forma de (uma)-sistemática-de-vida, como acima factualmente descrita e a partir da forma de (uma)-tradição (estável), instabiliza-se. Posto que (uma)-tradição como é interactiva e estável, é o que se (des)estabiliza (uma)-real(idade).

Pois, na forma de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), (uma)-real(idade)-estável é a partir da forma de (uma)-*ergoñgenia*, instabilizada. Porquê (uma)-real(idade) em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-representação que ao projectar-se «sobre» (uma)-prática-linguística, real(iza-se) estabilizando-se na forma de (uma)-real(idade)-estável, a partir de (uma)-instável-realidade que ao ter a forma de (um)-estímulo, é sistémica.

E, desta forma, (uma)-instável-realidade [sistémica] (trans)forma (uma)-real(idade)-estável que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico-instabilizado em (uma)-*ergoñgenia*. Pois, (uma)- projecção de (um)-existente-não-linguístico «sobre» (uma)-prática-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-representação que se estabiliza em (um)-simbólico-topológico na forma de (uma)-real(idade) que, desta forma, é estável mas na forma de (um)-fetiche.

Entretanto, como (um)-conhecimento é (uma)-forma-de-*ergoñgenia* que ao projectar-se «sobre» (uma)-representação em (uma)-prática-linguística, gera-se na forma de (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), isto é o que ao SER-manifestação

---

372 (uma)-real(idade)-linguística é como (uma)-existência-linguística o que enquanto (uma)-interacção-sistémica, é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, realiza-se como (uma)-representação. Ver capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.12. Real(idade), página 141.



geratriz de (uma)-real(idade)-instável (absoluta) a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico-estabilizado é como (um)-fetiche, (uma)-real(ização)-interactiva (estável).

O que torna a forma de (uma)-representação em (um)-REAL-topológico, na forma de (um)-significado e não como (uma)-interacção-contextual em e «entre» acontecimentos significantes. Posto que (uma)-real(idade)-estável (interactiva) é o que se (des)encadeia em cada (um) das práticas linguísticas estáveis (interactivas) que se procuram estabilizar como (uma)-realidade-sistémica. Mas o facto [é que é] como (um)-REAL (adjectivo) que não é (um)-SER-manifestação, outrossim, (uma)-simultaneidade que enquanto (uma)-essência; é como (um)-SOSEIN [existir assim] o que na forma de (uma)-real(idade)-estável (interactiva) (des)encadeia-se na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), como o que se real(iza) enquanto (uma)-prática-linguística-instável (absoluta) em (um)-“lugar”-sistémico.

Mas qual é a serventia deste tipo de análise de difícil compreensão propiciada por (uma)-topologia-linguística?

Compreender em termos de (uma)-topologia-linguística, que (um)-conhecimento é (uma)-existência-que-“há” em (um)-simbólico-topológico, e que ao projectar-se «sobre» (uma)-prática-linguística, real(iza-se) em (um)-REAL-topológico a partir da forma de (um)-estímulo, como o que é capaz de estabilizar ou (des)estabilizar (uma)-edificação de (uma)-real(idade). O que se real(iza) a partir de (uma)-realidade que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que diante de cada (uma) das evidências de (uma)-grande-depressão, é difícil de SER-manifestação-percebida, através dos parâmetros de (uma)-topologia-linguística. Pois (uma)-tipologia-de-análise que é oferecida por outras metodologias de observação de (uma)-real(idade), nomeadamente através de (um)-sistema-simbólico-fechado, devem SER ONTOFILOGENICAMENTE ponderadas ontofenomenologicamente, através de cada (uma) das estruturas axiológicas que edificam ou «sobre» as quais estão alicerçadas.

Mas segundo Peter Temin (1937), (uma)-grande-depressão foi causada por (uma)-política-monetária mal planeada por (uma)-Reserva-Monetária dos Estados Unidos em cada (um) dos anos que precederam (uma)-Grande-Depressão. Posto que (uma)-política de reduzir cada (uma) das reservas monetárias foi (uma)-tentativa-de-reduzir (uma)-suposta-inflação. O que de facto talvez tenha sido (uma)-tentativa-de-dominar cada (uma) das actividades especulativas a partir do que defende Milton Friedman (1912-2006) em “*Capitalismo e Liberdade*”.

Mas o que se tornou (um)-facto, foi que cada (uma) das medidas tomadas pela Reserva Monetária dos Estados Unidos, somente agravou cada (um) dos principais problemas da economia

americana à época, que não era (uma)-inflação, outrossim, (uma)-deflação causada por (uma)-super-produtividade.

## 11.2. O NOVO ACORDO: (uma)-autopoiese da estrutura de proscritividade

Isto porquê nos “Anos Loucos” da década de 20, (um)-consumo tinha aumentado muitíssimo. Tanto que a indústria produzia a tempo inteiro. Tudo era consumido freneticamente, desde bens de consumo essenciais, como também, boates e clubes que se enchiam de pessoas ávidas por (uma)-diversão e (um)-entretenimento. O que tornou por exemplo, o cinema em (um) dos grandes divertimentos. Pois este era o alvorecer de (um)-NOVO-TEMPO. Como também, de (uma)-indústria-do-entretenimento. Posto que com (uma)-prosperidade, cada (um) dos títulos mobiliários valorizava-se mais e mais dia após dia.

Mas diante de (uma)-prosperidade, (uma)-LIBERDADE na forma de (um)-LOGRO, instalou-se indo muito para além dos costumes e do entretenimento e avançando também «sobre» (uma)-cultura. O que alterou cada (uma) das SOBRE-estruturas-SIGNIFICANTES de cada (uma) das existências linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois cada (um) dos filmes, desde a atriz americana do cinema mudo Clara Gordon Bow (1905-1965), como também, cada (uma) das comédias do actor britânico Charles Chaplin (1889-1977), imperavam nos cinemas como baluartes dos protagonistas que simbolizavam o apogeu de (um)-milagre na forma de (uma)-prosperidade. E paralelamente também surgiram muitos movimentos de arte promovidos por artistas que fugidos dos horrores da Primeira Grande Guerra Mundial, como também de (uma)-estagnação-criativa-e-económica que se instalou em cada (um) dos territórios Europeus, procuravam desta forma por prosperidade. O que evidenciava-se em cada (uma) das (trans)formações, mas também, denunciava cada (uma) das instabilidades instaladas, aqui e acolá.

Desta forma, pintores, escultores e poetas como Marcel Duchamp (1887-1968) mudavam-se para Nova York. Apesar de na Europa também se passar (uma)-revolução, a partir do que não se consegue perceber claramente cada (um) dos porquês de (uma)-fuga, como também, de (uma)-estagnação-criativa-e-económica como acima narrada.

Posto que “havia” movimentos de avant-garde a surgirem por todo lado. Como o cinema de Serguei Eisenstein (1898-1948) na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviética, onde foi exibido o filme “*O Encouraçado Potemkin*” (1925), como também, do cineasta Denis Kaufman (1896-1954), mais conhecido como Dziga Vertov, que rodou e exibiu “*O Homem com a Câmera*” (1929). Duas iniciativas cinematográficas que (trans)formaram (um)-cinema a partir daqueles dias.

Em Espanha filmes surrealistas de Luis Buñuel (1900-1983) também ganhavam espaço. E, em França a cantora e dançarina afro-americana Freda Josephine McDonald (1906-1975), que “havia” actuado em Nova York de 1921 até 1924, mais conhecida por Josephine Baker, apresentava-se em cada (um) dos efervescentes teatros da cidade de Paris ditando (uma)-NOVA-moda: os banhos de sol. Prática que se disseminou por todo o mundo até aos dias actuais. E que nesta altura, foi divulgada pela Vênus Negra do teatro de revista parisiense, a Pérola Negra como tão bem Josephine Baker era referenciada.

Porém, em Setembro do ano de 1929, (um)-índice Dow Jones que avaliava (um)-MERCADO-mobiliário em Nova York, regista (um)-grande-pico. Nesta altura considerado máximo e a partir do qual (um)-MERCADO-bolsista começa a sentir os efeitos de (uma)-política-de-redução cada vez maior, de cada (uma) das reservas monetárias implementada pela Reserva Monetária dos Estados Unidos, o que era (uma)-tentativa-de-dominar cada (uma) das actividades especulativas e económicas.

O que levou a (uma)-consequente-queda-do-índice-do-valor-dos-títulos. Porquê (um)-volume-de-compra-de-títulos-mobiliários-diminuiu-drasticamente, o que conduziu até a (uma)-situação-(in)sustentável que se “iniciou” como (uma)-CRISE: a Grande Depressão de 1929. Pois cada (um) dos detentores dos títulos mobiliários, colocavam-nos à venda, mas como não “havia” compradores, isto era o que derrubava cada (um) dos preços nas negociações em Bolsa.

Mas todas estas tragédias já estavam anunciadas, pelo menos, pelo que se pode depreender do que descrevem cada (um) dos historiadores acerca desta conturbada época. Pois é justamente cada (uma) destas construções históricas acerca de (uma)-real(idade), o que se provocam como (uma)-necessidade de (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-modelo-de-observação capaz de “localizar” cada (uma) das estruturas axiológicas na duração de (uma)-investigação de cada (um) dos acontecimentos de determinados períodos históricos.

Porquê cada (um) dos acontecimentos acima referidos, (des)encadeia perversos efeitos axiológicos. Pois o que faltava eram recursos monetários e devido a (uma)-baixa-liquidez de cada (um) dos MERCADOS, “há” (uma)-CRISE. A partir do que cada (uma) das empresas viu-se obrigada a demitir funcionários e cada (um) dos funcionários, sem emprego, viu-se obrigado a não consumir. Era só (uma)-questão-de-tempo para que cada (um) dos bancos e cada (uma) das fábricas comesçassem a falir. O que (trans)funde cada (um) dos nefastos efeitos de (uma)-CRISE por quase todo (um)-mundo-(des)envolvido.

Ou seja, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, (uma)-CRISE esteve sempre instalada, mas sob (uma)-aparência-permanente que na forma de (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>373</sup> + μένω (*meno*)<sup>374</sup>] (fenómeno), instala-se a partir do que não se pode “ver” na forma de (um)-acontecimento-linguístico, que se real(iza) na forma de (uma)-prosperidade. Entretanto, instalada através de (uma)-estrutura-axiológica e organizada na forma de (um)-intervalo-axiológico que se mantém, por algum tempo, «dentro» de (um)-intervalo-estabelecido e tido como aceitável, mas do qual (in)evitavelmente perder-se-á (uma)-estabilidade-aparente-e-intervalar.

Pois quando os intervalos são ultrapassados, (uma)-tentativa-de-dominar cada (uma) das actividades especulativas implementada pela Reserva Monetária dos Estados Unidos na forma de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), acabou por derrubar (um)-índice de cada (um) dos MERCADOS. O que se real(izou) como (uma)-real(idade)-instável [absoluta] que (trans)forma (uma)-realidade-sistémica ONTOFILOGENICAMENTE.

Pois este é (um) dos interesses da topologia linguística: compreender e definir cada (um) dos intervalos axiológicos que “há” em (uma)-sociedade na forma de (uma)-“coisa”-aparência. Posto que é (uma)-aceitação de cada (um) dos intervalos axiológicos, o que obnubila cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há” e que se atravessam em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que impede que cada (uma) das decisões individuais ou colectivas em (uma)-sociedade, real(ize-se) como (uma)-real(idade)-estável [interactiva]. Porquê (uma)-aceitação de cada (um) dos intervalos axiológicos, é o que torna cada (uma) das existências linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, em (uma)-mera-existência-heurística-manifesta como (uma)-CRISE.

Portanto, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, não é (uma)-super-produção-agrícola-americana que não conseguia compradores para (um)-excedente-de-produção, «dentro» ou «fora» dos Estados Unidos da América, o que de (des)encadeia como (uma)-crise. Nem tampouco cada (um) dos outros factores já narrados. Outrossim, cada (uma) das estruturas axiológicas que ao promoverem (uma)-super-productividade, (des)encadeiam-se como (uma)-série-de-acontecimentos-linguísticos através dos quais cada (uma) das práticas linguísticas interactivas (estáveis), real(izam-se) em (uma)-sociedade em prol de (uma)-prosperidade, que desta forma, instala-se como (uma)-CRISE.

O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, não acontece devido à (uma)-diminuição-do-consumo, decorrente ou não de (uma)-política de redução de cada (uma) das reservas monetárias implementada pela Reserva Monetária dos Estados Unidos, mas na forma de

373 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

374 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

(uma)-prática-linguística-interactiva (estável), que se “faz” desta forma para impedir (uma)-inflação | especulação, mas que se impõe como (uma)-deflação.

Posto que cada (uma) das indústrias «dentro» de (uma)-estrutura-axiológica, precisa crescer, mas essencialmente também (um)-poder-de-compra de toda (uma)-população em (uma)-sociedade. O que diante de cada (uma) destas condições, são necessárias medidas para (uma)-manutenção de (uma)-real(idade)-interactiva (estável). Mas cada (uma) das medidas necessárias é (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que ao SER-manifestação ONTOFILOGÊNICA imposta ontofenomenologicamente, estabelece em cada (um) dos intervalos axiológicos existentes e manifestos, como muitas possibilidades de valores que se instalam como dúvidas diante de (uma)-obnubilação que propicia (um)-alargamento de cada (um) dos intervalos axiológicos envolvidos enquanto acontecimentos heurísticos. O que se real(iza) como (uma)-[(des)estabilização | instabilização] como (uma)-real(idade).

O que conseqüentemente aumenta (uma)-quantidade-de-ofertas enquanto diminui (uma)-quantidade-de-compradores, provocando (uma)-falta-de-MERCADOS e (uma)-falência-das-empresas. Isto porquê diante de (uma)-dúvida, (uma)-obnubilação na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que se instala na forma de (uma)-cultura-de-consumo como (uma)-(ir)representação enquanto (uma)-realidade.

Mas o que curiosamente aflige cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, desde (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é o que a cada dia, diante de cada (uma) destas condições que se pode afirmar como (um)-problema, acrescenta-se como mais (um)-problema. O que “fazer” então?

À topologia linguística não cabe resolver problemas, outrossim, identificá-los. Para mais, (uma)-topologia-linguística defende que identificar (um)-problema “faz-se” simultaneamente enquanto (uma)-solução. Portanto, se cada (um) dos problemas em (uma)-sociedade não se resolve, segundo (uma)-topologia-linguística, é porquê não se está a SER-manifestação ontofenomenológica, como o que se pode identificar ONTOFILOGENICAMENTE.

Porquê TODA realidade segundo (uma)-topologia-linguística é (uma)-consequência de (uma)-estrutura-axiológica na qual existe cada (um) dos sistemas vivos humanos linguisticamente envolvido. Posto que quando falta (um)-ENTE-axiológico nesta história, que é neste caso (um)-dinheiro que está ao serviço de (uma)-estrutura-hierárquica enquanto (uma)-SAGRADA-ORIGEM, o que “há” é (uma)-[ἱερος (*hieros*)<sup>375</sup> + αρχω (*archo*)<sup>376</sup> | αρχη (*arche*)<sup>377</sup>] que se (des)consagra

375 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

376 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

377 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

enquanto (uma)-existência-linguística-interactiva (estável) em prol de (uma)-(re)compensamundana que ao (trans)formar (um)-ENTE-axiológico-FINITO em (um)-ENTE-axiológico-dedicado [(IN)FINITO], é o que se busca como e por (uma)-(IN)FINITUDE que ao atravessar (uma)-estruturahierárquica é na forma de (um)-LUCRO, o que se real(iza) como (uma)-real(idade)-instável (absoluta) que instabiliza (uma)-realidade-sistémica.

Em 1929, como a capacidade dos factores de produção para criar produtos estava em queda, porquê as necessidades dos MERCADOS estavam satisfeitas, deu-se (uma)-CRISE. Entretanto, de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, esta CRISE não é (um)-acontecimento-linguístico, outrossim, (uma)-aparência-permanente que enquanto (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>378</sup> + μένω (*meno*)<sup>379</sup>] (fenómeno), é enquanto (uma)-CRISE, (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, que é (um)-fenómeno mas não (uma)-causalidade. Pois (um)-fenómeno como (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, é o que estrutural e sistemicamente real(iza) como (uma)-não-aparência e na forma de (uma)-(ir)representação que é enquanto (uma)-aparência-permanente (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

Isto porquê economicamente, quando está satisfeito (um)-MERCADO, cada (uma) das pessoas é que passa a necessitar de quase TUDO, a começar por (um)-trabalho. Ao que conseqüentemente segue-se: comida, casa, roupa, educação, tempo, etcétera. Isto porquê (uma)-SAGRADA-ORIGEM, enquanto (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>380</sup> + αρχω (*archo*)<sup>381</sup> | αρχή (*arche*)<sup>382</sup>] enquanto (uma)-realidade-sistémica é (uma)-estrutura-axiológica difícil de (re)conhecer-se. Porquê “há” como (uma)-existência-linguística que enquanto (um)-acontecimento-linguístico é o que ao atravessar cada (uma) das representações possíveis, é para além de (um)-SER-manifesto passível de ontofenomenologicamente (trans)formar-se enquanto (uma)-formalidade-original, o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE ao atravessa (uma)-FILOGENIA-exitencial-manifesta.

O que demonstra que cada (um) dos mecanismos de funcionamento das estruturas económicas que “há” em cada (uma) das sociedades humanas é o que *ergonênicamente* deve SER entendido como (um)-acontecimento-linguístico, mas que não tem nas pessoas (um)-foco, outrossim, em cada (uma) das necessidades que precisam SER ONTOFILOGENICAMENTE satisfeitas. Posto que cada (uma) das pessoas precisa de trabalho, mas (um)-trabalho de cada (uma) das pessoas também precisa de MERCADO. Porquê se não “há” MERCADO para (um)-trabalho de cada (uma) das pessoas, estas não tem (uma)-possibilidade de “vender” (uma)-realidade-ÚNICA da qual SÃO

378 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

379 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

380 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

381 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

382 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

ONTOFILOGENICAMENTE proprietários. Posto que detém (uma)-força-de-trabalho que lhes pertence, mas não “há” compradores para esta tipologia de “produto”, (im)pedindo-os enquanto (uma)-alienação-mercantil.

Portanto, mesmo que “hajam” necessidades de consumo por parte de cada (uma) das pessoas em (uma)-sociedade, entretanto, não “havendo” liquidez, não se instalam MERCADOS. E se não “há” MERCADOS instalados, cada (uma) das pessoas não têm para “quem” vender (uma)-força-de-trabalho, porquê cada (uma) das empresas não têm para “quem” vender cada (um) dos produtos. Por isto instala-se (um)-processo-de-reificação de (uma)-realidade, aqui mediado por (uma)-técnica, que enquanto (uma)-meio-de-produção-teórico-prático estabelece que “há” capacidades produtivas para o trabalho de cada (uma) das pessoas, que se real(izam) mesmo como mercadorias e que, desta forma, recebem (um)-valor.

A partir do que se pode afirmar que sem (um)-ENTE-axiológico, (um)-MERCADO é *ergoñgenicamente* (um)-acontecimento-linguístico que não se instala como (uma)-realidade, outrossim, como (uma)-real(idade). O que caracteriza que (um)-dinheiro é (um)-ENTE-axiológico que se funda em (um)-acontecimento-linguístico enquanto (uma)-estrutura-hierárquica capaz de SOBRESTIMAR cada (uma) das mercadorias através de (um)-valor. Salienta-se que, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos é como (uma)-mercadoria que se instala, ao atravessar (uma)-estrutura-hierárquica enquanto (um)-ENTE-axiológico. O que em (uma)-existência-linguística é na forma de (um)-acontecimento-linguístico o que se real(iza) como (um)-valor.

A partir de cada (um) destes parâmetros analíticos, é possível perceber porquê cada (um) dos efeitos de (uma)-Grande-Depressão foram sentidos (um)-pouco-por-TODO-o-mundo. Mas a intensidade variou de (um)-país para OUTRO. Muitos países para além dos Estados Unidos da América foram duramente atingidos pela Grande Depressão. Desta forma, citam-se: Alemanha, Países Baixos, Austrália, França, Itália, Reino Unido e especialmente o Canadá. Porém, em países pouco industrializados naquela altura, como a Argentina e o Brasil que não conseguiu vender o café colhido e produzido para OUTROS países, a Grande Depressão curiosamente acelerou o processo de industrialização.

Praticamente não “houve” efeitos na antiga União Soviética que não era capitalista, (uma) OUTRA condição curiosa. Mas (um)-porquê está em que a antiga União Soviética não era (uma)-economia-capitalista, outrossim, (uma)-economia-socialista e para mais (uma)-união-de-repúblicas-(in)dependentes que se tornaram comunistas e unidas como (uma)-consequência da Revolução Russa de 1917.

Como esta União de Repúblicas Socialistas estava económica e politicamente fechada para novas condições técnicas e ideológicas, não foi afetada pela Grande Depressão. Para que se tenha

(uma)-ideia da dimensão do problema existente na altura da Grande Depressão, basta dizer que «entre» 1929 e 1932, o PIB mundial caiu cerca de 15%. Somente para comparar (uma)-dimensão através deste mesmo parâmetro, o PIB mundial caiu menos de 1% «entre» 2008 e 2009 durante a Grande Recessão.

Mas é (um)-facto que cada (um) dos efeitos negativos da Grande Depressão, atingiu (um)-apogeu em 1933 nos Estados Unidos da América. Pois, neste mesmo ano, o Presidente americano Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) aprovou várias medidas que ficaram conhecidas como NEW DEAL ou NOVO ACORDO.

Isto porquê o presidente que o antecedeu – Herbert Hoover (1874-1965) – acreditava que o comércio livre e não supervisionado pelo ESTADO, eventualmente minimizaria cada (um) dos efeitos de (uma)-recessão-económica. E desta forma, Hoover acreditava que (uma)-economia dos Estados Unidos iria recuperar-se sem (uma)-intervenção-do-ESTADO. Rejeitando desta forma, diversas LEIS que foram aprovadas pelo Congresso, posto que alegava que cada (uma) destas LEIS concedia poderes excessivos ao ESTADO «sobre» cada (um) dos MERCADOS em (uma)-sociedade.

O Presidente Hoover acreditava que cada (um) dos ESTADOS da federação americana deveria ajudar cada (uma) das pessoas necessitadas em cada (uma) das necessidades específicas. Porém, muitos dos ESTADOS da federação americana não tinham fundos suficientes para implementar ajudas. E desta forma, o Presidente Hoover propôs – em 1932 – a criação de estruturas ESTATAIS, tais como a Reconstrucion Finance Corporation – Corporação de Reconstrução Financeira ou RFC como ficou conhecida – para implementar ajudas a cada (uma) das pessoas em (uma)-sociedade-federada-americana.

Esta estrutura ESTATAL – RFC – ficou responsável por fornecer ajuda financeira às empresas e às instituições comerciais, como também, às industriais consideradas mais importantes, tais como bancos, ferrovias e grandes empresas. Pois o ESTADO acreditava que (uma)-falência-generalizada de cada (uma) destas instituições agravaria ainda mais cada (um) dos efeitos da Grande Depressão.

Mas no final de 1932 com as eleições presidenciais, o então Presidente Hoover perde o cargo de CHEFE DE ESTADO para Franklin Delano Roosevelt (1882-1945). Acredita-se que (uma) das muitas causas para (uma)-eleição de Franklin Delano Roosevelt para CHEFE DE ESTADO, tenha sido a crença de cada (uma) das pessoas que acreditavam que Hoover fôra o principal causador da recessão que durava desde 1929. Ou ainda que Hoover como CHEFE DE ESTADO “havia” “feito” muito pouco ou NADA para solucionar a recessão desde 1929 instalada. Desta forma, Roosevelt saiu vencedor das eleições tornando-se Presidente dos Estados Unidos da América em 04 de Março de 1933.



Ao contrário de Hoover, Roosevelt acreditava que o ESTADO era o principal responsável pela luta contra os efeitos nefastos da Grande Depressão. E em (uma)-sessão-legislativa-especial que ficou conhecida como HUNDRED DAYS – “100 (CEM) DIAS” – o então Presidente Roosevelt juntamente com TODO o CONGRESSO americano, criaram e aprovaram (uma)-série-de-LEIS que insistia o Presidente Roosevelt que deveriam SER (SEIN) ontofenomenologicamente denominadas de NEW DEAL – ou “NOVO ACORDO”.

Pois foram estas LEIS que permitiram que se fornecesse (uma)-ajuda-social-institucional para cada (uma) das pessoas, como também, às famílias que de TUDO – nesta altura – necessitavam. Desta forma, fornecer empregos através de parcerias em e «entre» o ESTADO e cada (uma) das empresas com (uma)-finalidade de formar consumidores e (re)formar (um)-sistema-económico e ESTATAL dos Estados Unidos da América, de modo a evitar que (uma)-recessão deste mesmo gênero ocorresse no futuro próximo ou distante.

Estas políticas económicas foram adoptadas quase simultaneamente por Roosevelt nos Estados Unidos da América e também por Hjalmar Schacht (1877-1970), então Ministro da Economia do III REICH alemão. Sendo que três anos mais tarde, estas mesma iniciativas de ajuda social institucional foram defendidas na forma de (uma)-teoria por John Maynard Keynes (1883-1946) em “*Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*” – (uma)-OBRA-clássica-do-keynesianismo publicada em 1936.

Desta forma, o NEW DEAL juntamente com cada (um) dos OUTROS programas de ajuda social institucional que foram real(izados) por cada (um) dos ESTADOS da federação americana para ajudar a minimizar cada (um) dos efeitos da Grande Depressão depois de 1933. E a partir dos quais a maioria dos países atingidos pela Grande Depressão, que também passaram a recuperar-se economicamente. Mas deixaram-se profundas marcas sociais que duraram décadas e que mesmo nos dias actuais, ainda se podem afirmar como não resolvidas.

Em alguns países a Grande Depressão foi (um) dos factores primários que ajudaram a ascensão de regimes ditatoriais como os nazis na Alemanha comandada por Adolf Hitler (1889-1945). Mas o início da Segunda Guerra Mundial terminou, segundo defendem muitos economistas contemporâneos, com muitos dos efeitos restantes e que ainda persistiam da Grande Depressão nas economias dos principais países atingidos. Muito embora vários economistas neoclássicos discordem desta ideia.

Mas de (um)-ponto-de-vista da topologia linguística, o que interessa «sobre» (uma)-Grande-Depressão não é propriamente cada (uma) das condições económicas, sociais ou políticas que geraram cada (uma) das controvertidas teorias que gravitam entorno desta Grande Crise ocorrida «entre» tantas OUTRAS, na duração de TODA (uma)-existência-HUMANA no planeta TERRA.

Outrossim, (uma)-existência-linguística e cada (um) dos acontecimentos linguísticos promovidos e destacados em cada (uma) das interacções linguísticas, estabelecidas e estruturadas institucionalmente desde então.

(uma)-ideia [forma] obvia, mas que evidentemente destaca a forma como (um)-ESTADO, enquanto (uma)-instituição, trata cada (uma) das pessoas institucionalmente envolvidas em (uma)-sociedade. E a partir do que se pode afirmar é que cada (uma) das pessoas envolvidas em (uma)-sociedade, diante de (uma)-existência-manifesta-ESTADO – mesmo diante de ESTADOS mais sociais e ditos democráticos – é factualmente (um)-número ou (um)-dado-estatístico. Ou seja, (um)-valor e não (um)-sistema-vivo-efectivo a [existir e manifestar-se] como (uma)-sistemática-de-vida. «Antes» como (um)-dado-estatístico que enquanto o que [existe e manifesta-se] sistemicamente é enquanto o que se envolve em (uma)-sociedade, como (um)-ENTE-de-valor.

Ou como (uma)-constatação de que cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-sociedade é (uma)-estrutura-de-proscritividade. Ou seja, (uma)-proibição-“em-si” que enquanto (uma)-existência-“para-si” é, segundo (uma)-topologia-linguística, o que de acordo com cada (uma) das interacções institucionais nos dias actuais, “faz-se” através de cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-sociedade como (uma)-pessoa envolvida através de (uma)-estrutura-axiológica que se real(iza) ao atravessar (uma)-existência-manifesta-sociedade.

### 11.3. A real(idade) «antes» da produtividade e depois da proscritividade

Entretanto, foi somente no começo do século XX que o termo produtividade assumiu-se enquanto (um)-significante que define-se na relação que “há” [em e «entre»] o que se produz e cada (um) dos recursos necessários para produzi-las. E desta forma, é como (uma)-função-de-produção que para os economistas é entendida como (um)-conjunto de actividades que levam à (trans)formação de (um)-BEM-material em OUTRO-BEM-material que tenha mais utilidade. A partir do que o termo ganhou (uma)-importância cada vez maior desde esta definição.

Para mais, os economistas acreditam que (uma)-função-de-produção acompanha cada (um) dos sistemas vivos humanos desde (uma)-origem enquanto homínidos *Australopithecus*. Quando ao lascar pedras com (uma)-finalidade de (trans)formar dois núcleos em (uma)-lasca-afiada-eficaz para cada (uma) das necessidades que se apresentavam naquele meio *physis* existencial. E por isto, acreditam os economistas que desta forma, como (uma)-função-de-produção, cada (um) dos sistemas vivos homínidos executava cada (uma) das actividades productivas desde (uma)-origem muito antiga.

Pois nos milhares de anos que se seguiram desde estas origens, os economistas acreditam que cada (um) dos sistemas vivos humanos evoluiu e (des)envolveu-se através de cada (uma) das actividades e necessidades, tornando-as cada vez mais eficientes e complexas, para além de auxiliadas por (um)-(des)envolvimento-técnico-e-metodológico para construir ferramentas produtivas cada vez mais eficientes e sofisticadas.

O que apesar de cada (uma) destas crendices dos economistas clássicos, é o que de alguma forma influente, transmite-se como (um)-valor também à TODA (uma)-ciência-económica enquanto (uma)-actualidade-pensamento. Pois o termo produtividade somente foi utilizado pela primeira vez pelo economista francês François Quesnay (1694-1774), destacado economista e principal figura da Escola dos Fisiocratas<sup>383</sup>, que em 1760 utilizou o termo no livro “*Maximes générales du gouvernement économique d’un royaume agricole*”. Mais de 100 (cem) anos depois – em 1866 – o termo aparece novamente no “*Dictionnaire de la langue française*” – mais conhecido como Littré, de autoria do lexicógrafo e filósofo francês Émile Maximilien Paul Littré (1801-1881), no qual Littré definiu o termo produtividade como “capacidade para produzir”.

Portanto, até ao século XVIII pode-se afirmar de forma muito genérica, que o conjunto de actividades económicas praticadas em TODA Europa era (um)-MERCANTILISMO. Este MERCANTILISMO caracterizava-se enquanto (uma)-prática-económica, por (uma)-forte-intervenção do ESTADO que nesta altura confundia-se com a figura do governante, devido aos ESTADOS monarquistas. Portanto, o ESTADO intervinha fortemente em cada (uma) das relações económicas e constituía (uma)-série-de-medidas que procuravam unificar o MERCADO interno do ESTADO, como também, fortalecer a posição económica do ESTADO nacional em termos de MERCADOS internacionais. (uma)-ideia bastante contemporânea e eventualmente aplicada de forma não perceptível nas economias nacionais ainda nos dias actuais.

Mas segundo o Professor Emérito de Economia da Universidade de Utah Emery Kay Hunt (1937), o MERCANTILISMO origina-se em (um)-período em que a Europa estava a passar por (uma)-grave-escassez de OURO e PRATA, não tendo, portanto, dinheiro – (um)-ENTE-axiológico – suficiente para atender ao volume crescente do comércio<sup>384</sup> nacional e internacional.

Como as políticas MERCANTILISTAS partilhavam (uma)-crença de que a riqueza de (uma)-nação está na acumulação de metais preciosos, principalmente OURO e PRATA, defendendo que estes metais preciosos deveriam SER ontofenomenologicamente “atraídos” com o incremento das exportações, e simultaneamente com (uma)-restrição às importações. Para procurar estabelecer

---

383 É (uma)-teoria-económica-(des)envolvida por (um)-grupo-de-economistas-franceses do século XVIII, que acreditavam que a riqueza das nações era derivada unicamente do valor de “terras agrícolas” ou do “desenvolvimento da terra” e que produtos agrícolas deveriam ter preços elevados.

384 HUNT, E. K. *História do pensamento económico*; tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. 7a. edição - Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 44 ISBN 85-7001-421-X.

(uma)-balança-comercial-favorável que permitisse acumular os LUCROS na forma de metais preciosos. Esta crença na acumulação de metais preciosos é o que ficou conhecido como METALISMO ou BULIONISMO. (uma)-prática (des)envolvida pelos ESTADOS até os dias actuais.

Por isto é que cada (um) dos ESTADOS MERCANTILISTAS (des)empenhavam (um)-papel-intervencionista nas economias nacionais. Pois procuravam implantar novas indústrias e protegê-las, aumentando cada (um) dos direitos alfandegários «sobre» cada (uma) das importações. O que ficou conhecido como PROTECCIONISMO. Pois ao controlar o consumo interno de determinados produtos e melhorar cada (uma) das infra-estruturas produtivas, como também, promover a colonização de novos territórios, cada (um) dos ESTADOS podia exercer (um)-monopólio de determinados produtos e mercadorias.

Este processo era entendido e praticado por cada (um) dos ESTADOS MERCANTILISTAS, como forma de garantir acesso a cada (uma) das matérias-primas, como também, para (um)-escoamento para cada (um) dos territórios conquistados, de cada (um) dos produtos manufacturados e fabricados no território do ESTADO. TUDO acompanhado de forte regulamentação pelo ESTADO, de (uma)-economia-nacional. Mas cada (um) destes processos adoptados pelo MERCANTILISMO, «antes» e até a metade de século XVIII, passou a SER ontofenomenologicamente muito contestado, a partir da altura da segunda metade do século XVIII por François Quesnay (1694-1774) e pelo movimento dos Fisiocratas.

Como na época em que os Fisiocratas estavam formulando ideias, (uma)-economia era quase que totalmente agrária. Este talvez tenha sido o motivo pelo qual a teoria tenha considerado apenas (um)-trabalho-agrícola como tendo (um)-valor. Pois os Fisiocratas viam a produção de BENS e serviços, como (um)-consumo-do-excedente-agrícola. Posto que, como a principal fonte de energia era (um)-trabalho de cada (um) dos sistemas vivos humanos ou dos sistemas vivos animais envolvidos na produção, desta forma, TODAS as relações produtivas eram derivadas a partir de (um)-excedente-de-produção-agrícola. O que implica que (um)-LUCRO na produção capitalista desta altura, era apenas (uma)-“renda” obtida pelo proprietário da terra e na qual a produção agrícola estava a acontecer.

Mas a percepção do (re)conhecimento dos Fisiocratas da importância fundamental da terra, foi (re)forçada no meio do século seguinte (XIX), quando os combustíveis fósseis foram aproveitados na produção agrícola por meio do uso de máquinas a vapor. O que aumentou (uma)-produtividade-agrícola consideravelmente. Pois as ferrovias e os sistemas de abastecimento de água, como também, o saneamento, tornaram possíveis a cada (uma) das cidades receber (um) número crescente de vários milhões de pessoas como habitantes. O que “fez” com que os valores das terras urbanas ficassem muitas vezes maiores do que os valores das terras agrícolas.

Desta forma, como os economistas modernos também (re)conhecem a manufatura e os serviços como actividades produtivas e geradoras de riqueza. E a possibilidade das cidades e consequente aumento do valor da terra urbana, mantém de alguma forma cada (um) dos princípios estabelecidos pelos Fisiocratas como válidos às ciências económicas. Pois é desta forma que a Fisiocracia também tem relevância na contemporaneidade do pensamento económico. Isto porque a produtividade da terra, bem como a capacidade do meio *physis* existencial em renovar-se, tornou-se importante para que TODA vida humana permaneça, posto que ainda é depende da agricultura.

Contudo a contribuição mais significativa dos Fisiocratas foi a ênfase no trabalho produtivo como fonte de riqueza para o ESTADO. E este pensamento é contrastante em relação ao das Escolas anteriores, em particular o MERCANTILISMO, que se focava na riqueza do ESTADO que, na altura, confundia-se com a riqueza do governante, e no acúmulo de OURO e PRATA. Como também no saldo da balança comercial.

Enquanto a Escola MERCANTILISTA de economia dizia que o valor dos produtos em (uma)-sociedade está na criação de (um)-ponto-de-venda no qual o vendedor vende cada (um) dos produtos que adquiriu por (um)-valor-maior do que o adquirido “originalmente”.

A questão económica para a Escola dos Fisiocratas era defender o TRABALHO como fonte de valor. No entanto, para os Fisiocratas apenas o trabalho agrícola é que criava (um)-valor-nos-produtos de (uma)-sociedade. Pois TODO trabalho “industrial” e não agrícola era considerado pelos Fisiocratas, como (um)-apêndice-(im)produtivo que diante do excedente do trabalho agrícola tornava-se possível.

Mas com a publicação do livro “*Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*”. Publicado pela primeira vez em Março de 1776, em Londres, pela casa editorial de William Strahan (1715-1785), impressor e editor escocês, e Thomas Caldell (1742-1802), livreiro inglês. Adam Smith (1723-1790) economista e filósofo britânico nascido na Escócia, favoreceu (uma)-inflexão do pensamento económico da altura, como também, de TODO (um)-(des)envolvimento histórico do pensamento económico até (uma)-actualidade.

Como o livro “faz” considerações históricas e traz farto material empírico que viabiliza cada (uma) das argumentações e análises teóricas «sobre» (um)-funcionamento de cada (uma) das sociedades comerciais, como também, acerca de cada (um) dos problemas associados à divisão do trabalho, do valor, como também, à distribuição de renda e à acumulação de capital. A OBRA foi objecto de muitas controvérsias. Tendo sido lida como defesa (ir)restrita de (um)-individualismo e de (um)-liberalismo. Visão que ficou sintetizada na metáfora da MÃO INVISÍVEL.

Termo introduzido por Adam Smith (1723-1790) para descrever como em (uma)-economia-de-MERCADO, apesar da (in)existência de (uma)-entidade-coordenadora-dos-interesses-da-

sociedade, “há” (uma)-interação em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, que resulta em (uma)-ordem que se determina como se “houvesse” (uma)-MÃO-INVISÍVEL a orientar TODA (uma)-economia.

### 11.3.1. (uma)-Grande-Depressão

Voltando-se, desta forma, ao fim da Primeira Grande Guerra Mundial. Cada (um) dos países europeus devastados pelos conflitos, manteve-se com economias débeis e retraídas. Porquê “havia” (uma)-falta-generalizada-de-TRABALHO, como também, de dinheiro. O que não permitia (um)-consumo e para além disto, muitas vezes não “havia” o que consumir. O que abalou TODA a economia mundial.

Entretanto, nos Estados Unidos da América por sua vez, lucrava-se com a exportação de alimentos e de produtos industrializados para os países aliados neste altura. E como (um)-resultado dos conflitos, «entre» 1918 e 1928, a produção norte-americana de produtos industrializados e agrícolas cresceu de (uma)-forma-surpreendente.

A prosperidade económica gerou o que se convencionou chamar por “American way of life”, (um)-modo-de-vida-americano. Nos Estados Unidos “havia” emprego e os preços caíam. A agricultura produzia muito e o consumo era incentivado pela expansão de crédito. Como também, pelo parcelamento do pagamento de cada (uma) das mercadorias.

Porém, a economia europeia restabelecia-se e passava cada vez mais a importar menos dos Estados Unidos da América. E com esta retração do consumo europeu, cada (uma) das indústrias norte-americanas não tinham mais para quem vender. Como “havam” mais mercadorias do que consumidores, a oferta era maior que a demanda. Com isto, os preços caíram e a produção diminuiu e logo o (des)emprego tornou-se visível.

Com a queda nos LUCROS, “houve” retração geral na produção industrial e diminuição do comércio. Consequentemente os títulos nas Bolsas de Valores perderam liquidez, causando grandes perdas nos valores dos títulos negociados. TUDO devido a falta de compradores? Por isto, contemporaneamente muitos economistas afirmam que a “crise de 1929” foi (uma)-crise-de-superprodução. Contudo, “há” OUTROS economistas que afirmam ter sido (uma)-crise-de-liquidez. Como também, “há” ainda OUTROS economistas que afirmam ter sido (uma)-condição-política.

Mas durante décadas a superprodutividade foi tida como a grande culpada e a mais aceita pelas teorias como (uma)-causa para (uma)-Grande-Depressão. Entretanto, muitos economistas, historiadores e cientistas políticos ainda hoje estejam a criar teorias que procuram explicar e justificar cada (uma) das causas da Grande Depressão. Diante do que “há” evidentemente (uma)-

surpreendente falta de consenso relativamente ao tema. Mas o facto é que (uma)-Grande-Depressão permanece como (um) dos eventos históricos mais estudados pela economia mundial.

“Há” inclusive teorias que defendem que a quebra da bolsa de valores – em 1929 – aconteceu devido a (uma)-decisão de Winston Leonard Spencer-Churchill (1874-1965); quando ainda era Ministro da Fazenda do Reino Unido «entre» os anos de 1924 e 1929, que mais precisamente em 1925, “fez” com que o Reino Unido tenha passado a utilizar novamente o padrão-ouro como referência monetária, com (uma)-finalidade-de-manter-a-moeda-inglesa – a LIBRA ESTERLINA – forte.

O que causou (uma)-forte-deflação em TODO o Império Britânico, como também, (um)-colapso-do-comércio-internacional. Para mais, levou também à aprovação do Acto da Tarifa Smoot-Hawley, o que aumentou os impostos de cerca de 20 mil produtos nos Estados Unidos. Alterando também a política da Reserva Federal dos Estados Unidos da América, para além de muitas OUTRAS influências directas e (in)directas.

Muitas das teorias económicas baseadas no capitalismo concentram-se no relacionamento que “há”, em e «entre», produção, consumo e crédito. Condições que são estudadas pela macroeconomia. Já os incentivos e decisões pessoais em (uma)-economia, são estudados pela microeconomia. Estas teorias são feitas para ordenar a sequência dos eventos que causam eventualmente a implosão do sistema monetário no mundo industrializado, como também, nas relações comerciais internacionais.

OUTRAS teorias económicas heterodoxas «sobre» a Grande Depressão foram criadas, e gradualmente passaram a ganhar credibilidade. Neste hall de teorias incluem-se a “*Teoria da Actividade de Longo Ciclo*”, segundo a qual a Grande Depressão foi (um)-período que aconteceu na intersecção de (uma)-crista de (um)-longo-período-cíclico na economia dos Estados Unidos da América e de TODO mundo.

E mais recentemente (uma) das teorias mais aceites «entre» economistas é a de que a Grande Depressão não foi causada primariamente pela quebra das bolsas de valores de 1929. Pois alegam que “há” diversos sinais que já “havam” sido dados pela economia americana nos meses ou mesmo nos anos que precederam a Grande Depressão. Posto que, já se indicava que esta depressão já estava a acontecer tanto nos Estados Unidos da América como na Europa.

Actualmente, a teoria mais em voga «entre» os economistas é a de Peter Temin (1937). Segundo Temin a Grande Depressão foi causada por (uma)-política-monetária catastroficamente mal planeada pela Reserva Monetária dos Estados Unidos nos anos que precederam a Grande Depressão. A política de reduzir as reservas monetárias foi (uma)-tentativa de reduzir (uma)-

suposta-inflação, o que de facto somente agravou o principal problema na economia americana à época, que não era a inflação, outrossim, (uma)-deflação-galopante.

OUTRO aspecto que vem sendo apontado como (uma) das possíveis causas da Grande Depressão nos anos de 1930, é o da superprodução causada pelos grandes ganhos de produtividade industrial obtidos com os benefícios tecnológicos do TAYLORISMO<sup>385</sup>.

Mas o que é (um)-facto é que tanto Henry Ford (1863-1947) quanto John Maynard Keynes (1883-1946) já vinham “há” muito tempo alertando, sem serem ouvidos, que a aceleração dos ganhos de produtividade provocada pela Revolução TAYLORISTA, levaria à (uma)-CRISE-gigantesca-de-superprodução se não fosse encontrada (uma)-contra(partida) como (uma)-revolução-paralela do lado da demanda, que permitisse (uma)-(re)distribuição-dos-ganhos-de-produtividade causados pelo TAYLORISMO, de forma a que “houvesse” (re)distribuição desta nova renda gerada que a orientasse para (um)-consumo. E segundo os que defendem esta tese, a Grande Depressão dos anos de 1930 foi causada por (uma)-CRISE-gigantesca-de-superprodução, naquilo que teria sido (uma)-trágica confirmação de cada (uma) das previsões já alertadas por alguns sectores da economia.

#### 11.4. Existir em “constante-depressão” ou em “depressão-constante”?

Mas o que conduz (uma)-economia-americana, como também mundial, à (uma)-grande-depressão-económica-e-social consistente com (um)-longo-período que a caracteriza, é TUDO isto e mais (um)-pouco. Marcada por falências, como também, pelo crescimento (a)normal de (um)-(des)emprego, escassez de concessão de crédito, baixos níveis de produção, como também, de investimento; redução em cada (uma) das transações comerciais, alta volatilidade dos câmbios, altos índices de deflação, como também, de hiperinflação; pela queda de confiança generalizada de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em cada (uma) das sociedades que, desde esta altura, SÃO ontofenomenologicamente GLOBAIS.

Isto porquê (uma)-recessão é considerada (uma)-fase-declinante, contudo, normal em cada (um) dos ciclos económicos. O que se torna gradativamente em (uma)-depressão, quando é severa e longa para além de marcada por (uma)-redução-drástica, de cerca de 10% do PIB MUNDIAL, como também por (uma)-recessão-prolongada. A partir do que, e desta forma, foram 25 (vinte e cinco) anos de altos e baixos que levaram toda (uma)-população-GLOBAL de sistemas vivos humanos à (um)-estado-de-HUMOR-depressivo.

Desta forma, marcados por (uma)-aversão-e-medo que através de cada (uma) das actividades económicas começou a afectar cada (uma) das actividades sociais de cada (um) dos sistemas vivos

---

385 Veja capítulo 12. A experiência de Hawthorne, subcapítulo 12.3. Hawthorne à LUZ dos seus discursos.



humanos. Afectando pensamentos, comportamentos, sentimentos e afinal, todo (um)-bem-estar geral de cada (uma) das pessoas. Pois cada (uma) das pessoas deprimia-se sentindo-se impotente e triste, ansiosa, vazia, (des)esperada e (pre)ocupada. Enfim, (in)útil diante de cada (um) dos factos acontecidos. Culpadas e irritadas, magoadas ou (in)quietas diante de (uma)-real(idade)-económica-estabelecida.

E assim, perderam o interesse por cada (uma) das actividades que, «antes» dava-lhes prazer, como também, (um)-apetite. Isto porquê ainda “havam” outras pessoas que sentiam (uma)-fome-REAL. Pois já lhes faltava real(mente) o que comer; (des)envolvendo problemas de concentração, como também, dificuldades para memorizar e lembrar factos e tomar decisões. Posto que, desta forma, cada (um) dos sistemas vivos humanos sempre contemplava (uma)-DOR que na forma de (um)-PERECIMENTO, era sempre a mesma e também atravessada por suicídios que não lhes permitia conseguir ultrapassar (uma)-MORTE instalada que não os deixava para VIVER.

Problemas como (in)sónia tornaram-se frequentes, alastrava-se (uma)-depressão, como também, (um)-sono-excessivo. Estava-se diante de (uma)-“Era-de-Desespero” que se instalará, e com esta ERA veio também (uma)-“Era-de-Depressão”. Fadigadas cada (uma) das pessoas perdeu energia muitas vezes devido a mudanças na alimentação diária. O que, desta forma, “fê-las” sofrerem dóridas e deprimidas, cada (uma) com s(eu) problema digestivo, emocional ou orgânico, a tomar conta de cada (uma) das existências manifestas individuais de cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que na forma de (uma)-PESSOA em (uma)-sociedade, NADA se podia enquanto (um)-“fazer”.

Com (uma)-depressão-instalada (um)-sorriso (des)apareceu quase completamente, mas não devido a (uma)-epidemia, outrossim, como (uma)-decorrência de cada (um) dos (des)equilíbrios axiológicos verificáveis e causados por (uma)-realidade-constituída. Pois esta é (uma)-real(idade) na qual “houve” (uma)-(trans)forma, porquê da noite para o dia invadiu-se em cada (uma) das sistemáticas de vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como também, em toda (uma)-*ergoñgenia* que, sistémica e estruturalmente, ao integrar-se formalmente em cada (uma) das pessoas como (uma)-realidade, degradou-as enquanto (uma)-sociedade.

(uma)-objectivação-autopoiética que ao alicerçar-se em (uma)-BASE, fundamenta-se em toda (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA, ao mostrar-se a partir de (uma)-condição que se afirma como passageira, é que enquanto (uma)-forma que se determina e dura, é o que a partir da qual em cada (um) dos acontecimentos que se real(izam) como (uma)-Grande-Depressão, é como (uma)-consequência de (uma)-prosperidade para “UNS”, entretanto, de (um)-empobrecimento que surge na forma de (um)-efeito-colateral para outros. Mas nunca (uma)-real(ização) de (uma)-má-conduta ou de (uma)-má-administração. Como se (um)-médico ao receitar (um)-medicamento ou (um)-

tratamento que na forma de cada (um) dos efeitos, é o que se recomenda por (um)-especialista ou (um)-estudioso, mas que a partir de (um)-MAU-conhecimento, é o que se real(iza) na forma de (uma)-má-decisão.

Será que cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos nestes acontecimentos sofre cada (uma) das DORES de (um) e de OUTROS? Ou (in)felizmente “UNS” existem para o bem de (uma)-HUMANIDADE na forma de (uma)-existência-linguística, e ainda OUTROS, para o BEM de (uma)-propriedade que ao segregar-se a partir de (uma)-formalidade, é o que enquanto (uma)-existência-heurística real(iza-se) como (uma)-mundanidade?

E ao perguntar-se por isto, o que se coloca real(mente) diante de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos é (um)-porquê: afinal, cada (uma) das PESSOAS possui cada (uma) das “coisas” sociais que consome? Ou simplesmente real(iza-se) através de (uma)-troca de (um)-ENTE-axiológico por OUTRO como o que se convencionou definir como (um)-fenómeno?

Pois de (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, o que real(mente) é o que acontece é que ao projectar-se como (um)-ENTE-axiológico «sobre» (uma)-“coisa”-social, “há” como o que na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), é o que efectivamente real(iza-se) como (uma)-projectão de (um)-existente-não-linguístico «sobre» (uma)-representação. O que se estabelece na forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que em (um)-REAL-topológico, é enquanto (uma)-realidade-instável (absoluta), o que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE.

(uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que na forma de (uma)-SUPER-estrutura-marxista, é segundo o que se estabelece, como a forma de (uma)-condição-BASE-estrutural, enquanto o que efectivamente e a partir de (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-condição-sistémica. (um)-*schema* que ao atravessar a forma de (uma)-representação, estabelece-se como (uma)-estrutura-axiológica e na forma de (uma)--(SOBRE)STIMAÇÃO.

O que, entretanto, na forma de (uma)-estrutura-(in)consciente segundo (uma)-psicanálise-freudiana, ou ainda na forma de (um)-DESEJO-projectado, como propõe (uma)-psicanálise-lacaniana, é o que se estrutura em cada (uma) das sistemáticas de vida de cada (uma) das PESSOAS HUMANAS envolvidas em (uma)-sociedade como (uma)-real(ização).

Mas real(mente), segundo (uma)-topologia-linguística, isto é o que na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), “faz-se” interagir com (um)-DESEJO que se real(iza) a partir de (um)-existente-não-linguístico, e que é enquanto o que se projecta «sobre» (uma)-representação, o que se real(iza) como (uma)-existência-axiologicamente-estruturada. Que, desta forma, real(iza-se) como (uma)--(trans)forma de (uma)-existência-linguística em (uma)-existência-heurística devido a (uma)-condicionante “essencialmente” [prática-linguística] valorativa.

(uma)-(SOBRE)STIMAÇÃO de (uma)-“coisa”-social que ao atravessar (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), real(iza-se) em (um)-REAL-topológico, como (uma)-forma-depressão e enquanto (uma)-realidade-sistémica.

Portanto, existir em “constante-depressão” ou “depressão-constante”, de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, não “há” como (uma)-diferença. Isto porquê, o que “há” é (uma)-(in)diferença que se instala segundo (um)-sistema-topologia-linguística, em e «entre», (uma)-afirmação-de-(uma)-negação [SIM NÃO] e (uma)-negação-de-(uma)-afirmação [NÃO SIM]. Ou seja, o que na forma de (um)-[SIM NÃO = NÃO SIM] é como (uma)-(in)diferença que na forma de (um)-véu-imaginário, axiologicamente não é ontofenomenologicamente (uma)-forma-(in)diferença, outrossim, o que se constitui na forma de (uma)-diferença enquanto (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

Posto que (uma)-axiologia é o que na forma de (uma)-representação, estrutura-se enquanto o que na forma de (uma)-afirmação-de-(uma)-negação [SIM NÃO] “há” como (um)-diferença de (uma)-negação-de-(uma)-afirmação [NÃO SIM]. Ou seja, (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] é (uma)-representação que na forma de (um)-protótipo-NEONATAL é a partir de (um)-ESTÁDIO-egóico, o que se determina em cada (uma) das estruturas axiológicas como (uma)-representação.

Isto porquê, (uma)-dupla-afirmação [SIM SIM = SIM] é geratriz de (um)-SIM, como também, (uma)-dupla-negação [NÃO NÃO = SIM] é geratriz de (um)-SIM. Entretanto, estes dois enunciados são geratrizes de (uma)-igualdade que tem causalidades diferentes, mas ambas resultam igualmente em (um)-SIM. O que, desta forma, se [SIM NÃO = NADA] na forma de (uma)-NEGAÇÃO; e [NÃO SIM = NADA] também na forma de (um)-NEGAÇÃO. O que se tem é que [NEGAÇÃO ≠ NEGAÇÃO] é (um)-SIM na forma de (um)-[NADA ≠ NADA].

Posto que o que se estabelece na forma de (um)-NADA, é (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”] que não é (uma)-prática-linguística, mas que na forma de (uma)-prática-linguística é o que se realiza em (um)-simbólico-topológico como (uma)-representação. O que, desta forma, define a forma de (um)-ESTÁDIO-hierárquico. Ou seja, a forma de (um)-[NADA ≠ NADA].

(uma)-ONTOFILOGENIA que na forma de (uma)-estrutura-neurobiológica é o que em cada (um) dos sistemas vivos, inclusive em cada (um) dos sistemas vivos humanos, de (um)-ponto-de-vista de (um)-sistema-topologia-linguística, ao ter a forma de (uma)-ambiguação-[SIM SIM = NÃO NÃO] é o que se realiza a partir de (uma)-diferenciação que enquanto (uma)-ambiguação é a partir da forma de [(um)-SIM em (SIM SIM) e de (um)-NÃO em (NÃO NÃO)], o que ao atravessar objectivações autopoiéticas, real(iza-se) sistemicamente «dentro» de (um)-sistema que “há”, em e «entre» sistemas que em (uma)-estrutura-neurobiológica de cada (um) dos sistemas vivos, inclusive de cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) através de (um)-transforma ONTOFILOGÊNICA.

O que se realiza ao acoplar estruturalmente (uma)-neurobiologia-neuro-BIO-fisiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO] a (um)-meio-*physis*-existencial e ao atravessar (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que é própria a cada (um) dos sistemas vivos, como também, a cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que na forma de (um)-“fazer” é o que “(des)faz” (uma)-ambiguação que ao atravessar (uma)-representação, é o que se permite estruturar como (uma)-(des)ambiguação que se atravessa como formalidade enquanto (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) representação a partir de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]. (uma)-prática-linguística que na forma de (uma)-representação, é o que se projecta «sobre» (uma)-essência, que enquanto (um)-acontecimento-significante é o que em (um)-REAL-topológico real(iza-se) como (uma)-significação em (uma)-existência-heurística.

O que enquanto tal é (um)-facto que segundo (uma)-conformidade em (uma)-topologia-linguística, é o que se define como (uma)-depressão que na forma de (uma)-CRISE é (um)-[(φαίνω (phaino)<sup>386</sup> + μένω (meno)<sup>387</sup>]] que na forma de (uma)-aparência-permanente, “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como o que se real(iza) na forma de (uma)-“constante-depressão” que também é, desta forma, (uma)-“depressão-constante”.

Ou seja, cada (um) dos estados de ANIMA de cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-sociedade, é ontofenomenologicamente aferido através da forma de cada (um) dos índices que enquanto intervalos estatísticos<sup>388</sup>, determinam-se como factores importantes para (uma)-definição de cada (uma) das patologias que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-estrutura-axiológica que se real(iza) na forma de (uma)-existência-linguística. Que, entretanto, para estabelecer-se como (uma)-formalidade é o que enquanto (uma)-existência-heurística, define-se como (um)-problema em (uma)-sociedade. A partir do que não se pode afirmar que “há” (uma)-diferença, em e «entre», (uma)-“depressão-constante” e (uma)-“constante-depressão”. Pois diante do “haver” de (uma)-(in)diferença, o que se estabelece é que em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-SER-ontofenomenológico [é o que é] enquanto (uma)-existência-heurística, como o que se real(iza) na forma de (uma)-significação.

Mas “há” (uma)-condição importante que neste altura é preciso (re)lembrar: (uma)-*physis*-existência na forma de (um)-acoplamento-estrutural é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade e o que possibilita (uma)-representação a partir de (uma)-ambiguação. Posto que na forma do que se estrutura a partir de (um)-véu-imaginário, isto é o que se

386 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

387 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

388 Intervalos «dentro» de intervalos segundo a topologia linguística.

(trans)forma a partir de (um)-estímulo em (uma)-representação, que enquanto (um)-atravessando é o que se toma na forma de (uma)-representação como o que se estrutura a partir de (uma)-(des)ambiguação.

Ou seja, se qualquer acontecimento (im)pedisse (um)-avanço de (uma)-real(ização) de cada (uma) das *ergoígenias* de cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico enquanto formalidade em (um)-“fazer”-neurofisiológico em (um)-ESTÁDIO-monocórdio. Talvez cada (um) dos sistemas vivos humanos tivesse abandonado (um)-“fazer”-lítico tornando (im)possível o que enquanto (um)-“fazer” é o que se tematiza nesta dissertação. Posto que nunca se poderia suceder (uma)-existência na forma de (um)-linguístico. Porquê (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos, não seria possível sem a forma de (um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social-linguístico que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-lítico.

E isto [é o que é] desta forma, como (uma)-existência-manifesta que a partir de (uma)-topologia-linguística, é o que se oferece a cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-existência que “há” e que se manifesta enquanto (um)-linguístico. Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-existência-linguística é o que constantemente atravessa cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se real(izam) a partir de (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA, e não a partir de (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) a partir de (uma)-consciência, como sugere (uma)-ontofenomenologia-filosófica.

#### 11.5. O que é (um)-EXISTIR em (uma)-topologia-linguística?

Por isto, o (um) em (uma)-topologia-linguística é muito importante. Porquê existir em (uma)-topologia-linguística é (um)-EXISTIR. (um)-acontecimento-SER (SEIN) que é (um)-SER-acontecimento a partir da forma de (um)-estímulo que se real(iza) como (uma)-formalidade em (uma)-simultaneidade a partir de (um)-atravessamento sistémico e estrutural e na forma de (um)-sinal-electroquímico. O que ao permanecer, torna-se em (uma)-ideia e na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] no que ao atravessar (uma)-representação, real(iza-se) como (uma)-real(idade). (uma)-adjectivação que enquanto (uma)-real(ização) é na forma de (uma)-representação e a partir de (um)-sistema, o que se real(iza) na forma de (uma)-sistemática-de-vida, como (uma)-forma-ideia.

O que até pode parecer estranho ou redundante mas, é o que a partir de (uma)-*ergoígenia*, propõe-se como (um)-sistema-topologia-linguística. Posto que (uma)-*ergoígenia* não é (uma)-origem, apesar de SER ontofemenologicamente (uma)-tautologia que se real(iza) na forma de

(um)-conceito. Outrossim, (um)-estímulo que se materializa na forma de (uma)-substantivação a partir de cada (uma) das interações que decorrem em (um)-REAL (adjectivo). E que se definem em (uma)-topologia-linguística como (um)-TOPOS.

O que “faz” de (uma)-*ergoígenia* (uma)-existência-linguística que enquanto (um)-acontecimento-linguístico e a partir de (um)-“fazer”, real(iza-se) na forma de (uma)-representação que se “faz” inicialmente não para (uma)-significação. Outrossim, na forma de (um)-significante que é contextualmente e que se real(iza-se) na forma de (uma)-tautologia. Ou seja, é o que na forma de (uma)-interacção em e «entre» cada (uma) das existências semânticas é, em cada (uma) das formas real(idade), o que enquanto (uma)-identidade-assumida é a partir da forma de (um)-linguístico, o que se real(iza) como (uma)-formalidade em (um)-REAL (adjectivo).

Ou seja, existir [significa]; e (um)-existir [acontece]. O que na forma de (um)-acontecimento-significante é (um)-contextual que se real(iza) em (um)-REAL-topológico. O mesmo REAL que em (uma)-psicanálise “fura” (um)-imaginário, estabelecendo-se como (um)-simbólico, na forma de (uma)-ORLA (ver FIGURA 003).

Entretanto, em (um)-sistema-topologia-linguística é em (um)-REAL que se real(iza) cada (uma) das práticas objectivas e | ou linguísticas, como também, cada (uma) das práticas heurísticas. Pois é (um)-REAL (adjectivo) que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, “esvazia-se” real(izando-se) como (um)-simbólico-fechado que o FURA (ver QUADRO 003).

Portanto, em (um)-sistema-topologia-linguística o que FURA (um)-imaginário não é (um)-REAL (substantivo), como defende a psicanálise, outrossim, (um)-simbólico ao ABRIR-SE «dentro» de (um)-REAL (adjectivo) (ver QUADRO 003).

(uma)-existência-linguística que enquanto (uma)-real(ização), é o que ao decorrer a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado, o que é como (uma)-edificação-linguística, enquanto (uma)-existência-heurística que se real(iza) na forma de (um)-significado, que ao acontecer em (um)-REAL (adjectivo), é como (uma)-realidade. Posto que, entretanto, ao real(izar-se) como (um)-simbólico-fechado e na forma de (um)-“fazer” [é o que não é] como (uma)-representação; ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, é em (um)-REAL (adjectivo) o que enquanto (um)-“lugar”, é (um)-TOPOS no qual se edifica como (um)-linguístico ao atravessar cada (uma) das representações que se real(izam) como (uma)-real(idade).

O que real(mente) é como [(uma)-existência + (uma)-manifestação], mas não o é como (uma)-consciência, outrossim, como (um)-“fazer”-neurofisiológico que a partir da forma de (uma)-*ergoígenia* é o que ao acontecer, contextual e sistemicamente, na forma de cada (uma) das interações que “há” em (uma)-real(ização) de (uma)-real(idade) é a partir de cada (uma) das

realidades individuais, o que em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, real(iza-se) como (uma)-representação.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] que na forma de (um)-linguístico, real(iza-se) comportamental e sistemicamente, através de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que ao condicionar-se à cada (uma) das realidades individuais, é a partir das quais em cada (uma) das patologias linguísticas verificáveis, o que se real(iza) como (uma)-real(idade) que na forma de (um)-linguístico, estrutura-se como (uma)-sociedade.

Pois é a partir de cada (uma) destas tipologias de problema que a partir dos anos de 1920, problemas de quebra de produtividade passaram a tomar (um)-importância científica e social. Como também, cada (um) dos problemas decorrentes de cada (um) dos comportamentos individuais que no seio de (um)-convívio-social geravam muitos conflitos, alguns dos quais com desfechos real(mente) dramáticos de (um)-ponto-de-vista-jurídico-e-social.

Mas como foi a partir das OBRAS de Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920) que as ciências sociais se (des)envolveram aos moldes dos dias actuais, apesar das ciências sociais terem surgido na Europa do século XIX. Foi a partir do pensamento de Auguste Comte (1798-1857), o primeiro a propor (uma)-ideia de sociologia científica, que se (des)envolveu enquanto (uma)-ciência.

A partir do que, muitos cientistas sociais e psicólogos interessados em cada (um) dos problemas sociais em (uma)-sociedade e em cada (uma) das interacções sociais que causavam atritos em (um)-convívio-social, passaram a investigar cientificamente cada (uma) das condições sociais de existência de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Visando (des)envolver (um)-conhecimento-científico «sobre» cada (uma) das sociedades existentes na forma de cada (um) dos ESTADOS NAÇÃO.

## 12. A experiência de Hawthorne

Portanto, diante de cada (uma) destas considerações, como também, de cada (uma) das manifestações comportamentais que a partir de cada (uma) das condições sociais podem SER ontofenomenologicamente observadas como patológicas em (uma)-sociedade. Em 1924, a Western Electric Company, indústria fabricante de equipamentos telefônicos localizada no distrito de Chicago. Resolveu promover nas instalações da empresa, no bairro de Hawthorne, (uma)-experiência que “faz(ia)” parte de (uma)-ampla-assessoria que pretendia ajudar a empresa, a resolver cada (um) dos problemas inerentes a (uma)-quebra-de-productividade de cada (um) dos colaboradores empregados.

«Entre» cada (um) dos problemas comportamentais verificáveis de forma severa na altura no interior da fábrica em cada (uma) das interações sociais que se estabeleciam em e «entre» cada (um) dos colaboradores, existiam e manifestavam-se: conflitos em e «entre» empregados e empregadores, como também, destes com as chefias, e para além disto, apatia, tédio, alienação, alcoolismo, «dentre» cada (um) dos muitos outros factores que dificultavam (uma)-boa-convivência-social e que também foram identificados como problemas que provocavam quebras na produtividade de cada (um) dos colaboradores.

A partir do que foram conduzidas experiências que real(izadas) na Western Electric Company de Hawthorne, foram determinantes e de grande importância para o Conselho Nacional de Pesquisas dos Estados Unidos da América. O National Research Council que tendo em vista cada (uma) das conclusões que se delinearam a partir dos resultados desta experiência, permitiram (des)envolver cada (um) dos conceitos que hoje fundamentam muitos dos princípios das Escolas de Relações Humanas nos Estados Unidos e (um) pouco também por todo o mundo.

As experiências em Hawthorne foram coordenadas pelo pesquisador George Elton Mayo (1880-1949), que tinha origem australiana e na altura era professor na Harvard Business School; e também pelo cientista social estadunidense Fritz Jules Roethlisberger (1898-1974). Mayo e Roethlisberger real(izaram) a Experiência de Hawthorne ou Hawthorne Studies, como ficou conhecida esta experiência, para (re)velar a importância que têm cada (um) dos factores sociais em cada (uma) das situações laborais. Estendendo cada (uma) das influências sociais também à fadiga, aos acidentes no trabalho, à rotatividade de pessoal (turnover), como também, aos efeitos gerais de cada (uma) das condições sociais que em (um)-ambiente-de-trabalho afectam (uma)-produtividade de cada (um) dos operários envolvidos em (uma)-produção.

Inicialmente estas pesquisas tinham como interesse principal somente verificar a influência da iluminação «sobre» (uma)-produtividade no ambiente de trabalho. As investigações de Mayo e



Roethlisberger para estes estudos estavam baseados nos pressupostos da Escola de Administração Científica de que (uma)-eficiência e (uma)-produtividade de (um)-operário, poderia SER ontofenomenologicamente estimulada, científica e tecnicamente, através de alterações físicas no ambiente a partir do que se seguiu com a experiência.

Baseando-se nestas orientações científicas e técnicas da Escola de Administração Científica, Mayo e Roethlisberger iniciaram a experiência procurando melhorar (uma)-eficiência de cada (um) dos trabalhadores «dentro» de (uma)-fábrica, e posto que cada (uma) das orientações científicas e técnicas estavam directamente vinculadas a cada (um) dos factores básicos como cansaço e fadiga, decorrentes de cada (um) dos movimentos repetitivos que causavam desgaste físico e queda na produtividade; mas também, que este trabalho executado sem planeamento, causava movimentos dispendiosos que comprometem (uma)-eficiência e ainda devido às instalações e ambientes físicos (in)adequados, que dificultavam ainda mais o trabalho, comprometendo (uma)-eficiência e por consequência também (uma)-produtividade.

Como a experiência de Mayo e Roethlisberger na Western Electric de Hawthorne, na primeira fase, somente pretendia confirmar (um)-impacto que (um)-ambiente-físico causa em (uma)-produtividade, mais especificamente confirmar (uma)-influência que cada (um) dos níveis de iluminação causavam na eficiência produtiva e (des)empenho de cada (um) dos operários. E como nos resultados observados não se encontravam relações directas em e «entre» estas variáveis e cada (um) dos níveis de iluminação e (uma)-produtividade. Isto implicou não somente a comprovação de que o objectivo inicial pretendido não se verificava, como também, que “há” (uma)-preponderância de factores psicológicos «sobre» factores fisiológicos na produtividade de cada (um) dos operários em (uma)-fábrica.

Diante desta primeira conclusão (primeira fase), foram observados dois grupos formados por senhoras operárias com supervisão. Dos quais se verificou (uma)-produtividade diária de acordo com cada (uma) das alterações de iluminação. Como cada (uma) das alterações de iluminação ocorriam apenas em (um) dos grupos de trabalho, chamado grupo-de-testes, ao passo que no outro grupo a iluminação permanecia constante, verificou-se que conforme a iluminação aumentava no grupo-de-testes, (uma)-produtividade também aumentava, contudo, no outro grupo, apesar da iluminação permanecer constante, também ocorria aumento de produção. Passado algum tempo, diminuía-se a iluminação no grupo-de-testes esperando que (uma)-produtividade diminuísse, contudo, (uma)-produtividade continuava a aumentar.

A partir destes resultados, Mayo e Roethlisberger concluíram que “havam” outras variáveis, para além da iluminação, que estariam a interferir em (uma)-produtividade. E diante destas

conclusões, o interesse da experiência voltou-se para (uma)-busca-e-análise de cada (uma) das possíveis variáveis que estariam influenciando (uma)-produtividade.

Iniciou-se, desta forma, a segunda fase de investigações e estudos, ainda coordenados e dirigidos por Mayo e Roethlisberger, bem como também, por outros colaboradores da Universidade de Harvard. O que ainda duraria mais cinco anos. Nesta segunda fase selecionaram duas senhoras as quais foram incumbidas de escolher outras quatro senhoras para formar (um)-grupo-de-seis, o qual foi chamado de grupo-experimental. Pois estas seis senhoras tinham que montar relés de telefone.

O que se pretendia nesta fase, era (des)envolver cada (uma) das interações sociais procurando gerar (um)-trabalho-em-equipa, como também, (uma)-liderança a partir de objectivos comuns a cada (uma) das operárias envolvidas. Como as condições de trabalho na sala experimental permitiam que se trabalhasse com (uma)-LIBERDADE e menos ansiedade, pois a supervisão era branda e diante disto, cada (uma) das operárias não temia (uma)-supervisão que, desta forma, passou a (des)empenhar (um)-papel-de-orientação, e como também, o ambiente era amistoso e sem atribulações, cada (um) destes factores permitiu que cada (uma) das interações sociais estabelecessem (um)-ambiente que integrava cada (uma) das operárias como (um)-TODO que formava o grupo-experimental.

Esta fase iniciou-se em 1927 e durante esta fase, cinco senhoras montavam os relés enquanto a sexta fornecia cada (uma) das peças para abastecer o trabalho. As salas dos dois grupos era separada por (uma)-divisão-de-madeira e o equipamento de trabalho era idêntico, apenas se incluía no grupo-experimental (um)-plano-inclinado com (um)-contador-de-peças que marcava (uma)-produtividade em (uma)-fita-perfurada. E (uma)-produtividade era (um)-índice de comparação, em e «entre», os dois grupos: o experimental, sujeito a mudanças constantes nas condições de trabalho; e o grupo-de-controle, que trabalhava em condições constantes.

Tanto o grupo-experimental, quanto o grupo-de-controle, tinham (um)-supervisor. E para além do observador, que permanecia na sala experimental, cada (uma) das operárias na sala experimental foi convidada a participar na experiência e esclarecida quanto a cada (um) dos objectivos da mesma, o qual era: determinar cada (um) dos efeitos de cada (uma) das mudanças em cada (uma) das condições de trabalho; tais como: período de descanso, lanches, redução no horário de trabalho, etcétera. Sendo também informadas de cada (um) dos resultados de cada (uma) das modificações e sempre submetendo-os à (uma)-aprovação-do-grupo.

Ao final de 15 (quinze) semanas, no grupo experimental “havia” (um)-ambiente-amistoso e sem pressões, no qual conversar era permitido. O que aumentava (uma)-satisfação com o trabalho, “havendo” (um)-desenvolvimento-social neste grupo e cada (uma) das senhoras “fez” amizades, em e «entre», cada (uma) das outras operárias envolvidas tornando-se em (uma)-equipa.

Desta forma, o grupo desenvolveu objectivos comuns como: aumentar (um)-ritmo-de-produção, embora fosse solicitado trabalhar normalmente, mas como já que não “havia” temor ao supervisor, pois (um)-supervisor era visto como (um)-orientador, cada (um) dos objectivos era bem conseguido. Concluindo-se que cada (uma) das senhoras gostava de trabalhar na sala experimental porquê era divertido e a supervisão era branda; ao contrário da supervisão do outro grupo que era rígida. Pois no grupo experimental, permitia-se trabalhar com (uma)-LIBERDADE e consequentemente, com menos ansiedade.

Em 1928, Mayo e Roethlisberger ainda interessados no estudo das relações sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos no trabalho. Como “havam” verificado que no grupo-de-controle cada (uma) das senhoras considerava humilhante (uma)-supervisão sempre vigilante, para além de constrangedora, iniciaram (um)-programa-de-entrevistas – INTERVIEWING PROGRAM – com cada (uma) das operárias envolvidas, como também, com cada (um) dos demais empregados da fábrica, para procurar conhecer cada (uma) das atitudes e sentimentos, bem como ouvir cada (uma) das opiniões relativas ao trabalho. Procurando saber acerca do tratamento que recebiam no trabalho e ouvindo sugestões a respeito do treinamento proporcionado à cada (um) dos supervisores.

Como o programa obteve sucesso, criou-se (uma) Divisão de Pesquisa Industrial para ampliar o Programa de Entrevistas e «entre» os anos de 1928 e 1930, foram entrevistados cerca de 21.126 (vinte e um mil cento e vinte e seis) empregados, adoptando-se em 1931, a técnica da entrevista não directiva na qual (um)-operário pode falar livremente sem que (um)-entrevistador desvie o assunto ou tente impor (um)-roteiro-prévio.

Este Programa de Entrevistas acabou por (re)velar que nos anos da experiência, (um)-nível-de-organização-(in)formal real(izou-se) em e «entre» cada (um) dos operários com (uma)-finalidade de protegerem-se de cada (uma) das constantes ameaças da administração. E mais, que através de (uma)-organização-(in)formal, cada (um) dos operários mantinha-se unido por cada (um) dos laços de lealdade estabelecidos.

Interessados em analisar cada (uma) das relações desta organização (in)formal dos operários com a organização formal da fábrica, os pesquisadores escolheram e formaram OUTRO grupo experimental para trabalhar em (uma)-sala-especial com condições de trabalho idênticas as dos demais grupos de trabalho. “Havia” (um)-observador que ficava «dentro» da sala e também (um)-entrevistador que ficava do lado de fora da sala e entrevistava cada (um) dos operários do grupo.

O sistema de pagamento era baseado na produção do grupo, e o salário só poderia SER ontofenomenologicamente maior se (uma)-produção TOTAL do grupo aumentasse.

Mas o que o observador notou foi que cada (um) dos operários «dentro» da sala usavam diversas artimanhas, como por exemplo: logo que cada (um) dos operários montava o que julgava

SER ontofenomenologicamente (uma)-produção-normal de (um)-indivíduo, reduzia (um)-ritmo-de-trabalho.

Entretanto, passava a apresentar (uma)-uniformidade tanto de sentimentos, quanto de solidariedade com o grupo. Pois o grupo (des)envolvia metodologias para assegurar cada (uma) destas relações, considerando (um)-delator o membro que prejudicasse OUTRO companheiro ou que pressionasse cada (um) dos operários mais rápidos para estabilizar (uma)-produção, “faze(ndo)” isto por meio de punições simbólicas e sociais.

Algumas das conclusões desta experiência foram que (uma)-produtividade não é determinada pela capacidade fisiológica de (um)-operário – como afirmava a Teoria Clássica – outrossim, por cada (uma) das interações sociais que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE geradas no grupo. Como também, que cada (um) dos trabalhadores não age ou (re)age isoladamente como (um)-indivíduo, outrossim, como (um)-membro de (um)-grupo.

Portanto, Mayo, Roethlisberger e cada (um) dos demais investigadores concluíram que sistemas de remuneração baseados no conceito de HOMO *economicus*, segundo o qual cada (um) dos sistemas vivos humanos é motivado e incentivado por (um)-estímulo-salarial que era elaborado como (um)-plano-de-incentivo-salarial para aumentar (uma)-produtividade, o que pretendia baixar cada (um) dos custos operacionais. O que não se materializava em aumentos efectivos de produtividade, concluindo-se que (uma)-motivação-económica é secundária para determinar (um)-rendimento de (um)-trabalhador.

Deixando então, desta forma, de preocupar-se com cada (um) dos aspectos formais da organização: como autoridade, responsabilidade, especialização, estudos de tempos, movimentos, princípios gerais de administração, departamentalização, etcétera. Para concentrarem-se em cada (um) dos aspectos (in)formais da organização: como grupos (in)formais, comportamento social dos operários, crenças, actitudes, expectativas, motivações, etcétera.

Porquê, desta forma, a empresa passa a SER ONTOFILOGENICAMENTE vista como (uma)-organização-social composta por grupos sociais (in)formais que se definem a partir de regras comportamentais como forma de (re)compensa ou de (um)-sanção-social, conforme o caso, que existem para além de cada (um) dos objectivos ou das escalas de valores morais, crenças ou qualquer expectativa que cada (um) dos participantes assimile ou integre como (uma)-atitude-comportamental.

Concluindo que cada (uma) das interações de cada (um) dos sistemas vivos humanos, são acções e actitudes (des)envolvidas a partir de cada (um) das relações e interações que “há” em e «entre» cada (uma) das PESSOAS que formam (um)-grupo. Posto que “há” e é (uma)-compreensão de cada (uma) destas interações sociais, o que permite que (um)-administrador alcance melhores

resultados de cada (um) dos colaboradores. Podendo “criar” (um)-ambiente no qual cada (uma) das PESSOAS encoraja-se a expressar-se de forma LIVRE, como (uma)-personalidade-individual que [existe e manifesta-se], desta forma, como o que SÃO e como o que DESEJAM.

OUTRA conclusão desta experiência é a de que (uma)-especialização não é a melhor forma de divisão do trabalho. Porquê não é a mais eficiente. Posto que “há” (uma)-monotonia que afecta negativamente (uma)-actitude de cada (um) dos colaboradores. E, desta forma, cada (uma) das condições emocionais não planeadas, como também, cada (uma) daquelas que são tidas como comportamentos (ir)racionais de cada (um) dos sistemas vivos humanos e o que merecem (uma)-atenção de cada (um) dos administradores.

Mas a Experiência de Hawthorne é muito criticada exatamente pela metodologia aplicada. Como também, por (uma)-certa-ingenuidade-romântica que (trans)forma cada (uma) das conclusões desta experiência em (uma)-versão-paternalista-ampliada de (uma)-administração-empresarial. O que se deve a (uma)-negação de que “há” conflitos de interesse na BASE de cada (uma) das relações de trabalho. Como também, níveis determinísticos que influenciam cada (uma) destas relações.

Portanto, cada (uma) das conclusões desta experiência é considerada, muito por culpa do carácter empirista da experiência, como (um)-mero-(des)cobrimento-de-factos e não como (uma)-pesquisa acerca de cada (um) dos padrões de produção de cada (um) dos sistemas vivos humanos diante de (uma)-problemática de (uma)-produtividade.

Mas são exatamente cada (um) destes factos que interessam SOBREMANEIRA à (uma)-topologia-linguística nos termos de (uma)-*theoria*. O que oriundo da palavra grega e tomada a partir do verbo primário que lhe serve de raiz *θεαομαι (theaomai)*<sup>389</sup>, é o que se define como “*contemplanar, aprender pelo olhar, ter uma visão de, perceber, observar*”. O que ao real(izar-se) como (um)-conceito na forma de (uma)-[*ιερος (hieros)*<sup>390</sup> + *αρχω (archo)*<sup>391</sup> | *αρχη (arche)*<sup>392</sup>], é o que na forma de (uma)-SAGRADA-ORIGEM, real(iza-se) como o que “há” em (um)-ESTÁDIO-hierárquico, enquanto o que se argumenta nesta altura.

Pois é a partir de cada (um) dos factos que se aprende através de (uma)-observação, que efectivamente dificulta cada (um) destes factos como (uma)-realidade. Posto que se pergunta como impor, a partir de (um)-sistema-topologia-linguística, cada (uma) das soluções que se observa para que então possa passar-se à (uma)-produtividade como (uma)-questão. Porquê o que enfim se impõe [não é o que é] ONTOFILOGENICAMENTE possível em cada (um) destes factos (des)cobertos e tomados como conclusivos para cada (uma) das interacções sociais que “há”, em cada (uma) das

389 Dicionário Strong, verbete 2300.

390 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

391 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

392 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

relações de trabalho. Outrossim, o que é efectivamente vilipendiado, tanto por administradores, quanto por colaboradores, acerca de cada (um) dos factos que se aplicam em cada (uma) das interacções que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos como PESSOAS que em (uma)-contemporaneidade-linguística real(izam-se) como sistemas vivos em cada (uma) das sociedades heurísticas.

#### 12.1. A produtividade e a cientificidade: como relacionar trabalho e LUCRO

É por isto que, basicamente, na língua das ciências económicas (uma)-produtividade define-se como (uma)-relação que “há”, em e «entre», (uma)-produção e cada (um) dos factores de produção. E, desta forma, será que as ciências económicas (des)prezam cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto formas sistémicas vivas?

Isto porquê, é a partir de (uma)-economia-heurística e na forma de cada (uma) das sistemáticas de vida, que cada (um) dos sistemas vivos humanos é visto como (uma)-forma de mão-de-obra-produtiva que enquanto (uma)-PESSOA envolvida em (uma)-sociedade, real(iza-se) como (um)-valor com a mesma formalidade que “há” em (um)-insumo.

Pois se “há” (uma)-tipologia-de-visão formalizada, isto talvez se deva a (um)-facto. Como (uma)-produção é definida por (uma)-quantidade-de-produtos quando cada (um) dos produtos está produzido; e cada (um) dos factores de produção define-se na forma de (um)-recurso-(in)dispensável à (um)-processo-productivo de (um)-BEM-material que se definem como: TERRA, na forma de (um)-recurso-natural; TRABALHO, na forma de (um)-sistema-vivo-humano; e CAPITAL, na forma de cada (uma) das máquinas, equipamentos e instalações. Isto é o que afinal, “faz” interagir através de cada (uma) das alienações, tanto administradores, quanto colaboradores, diante de cada (uma) das necessidades sociais em (uma)-actualidade-heurística.

Isto porquê, quando “há” (um)-incremento-maior em cada (uma) das interacções produtivas, o que “há” em cada (uma) das relações sociais e económicas, em e «entre», (uma)-quantidade-do-que-se-produz e cada (um) dos factores de produção é (uma)-produtividade. Pois é somente a partir de cada (um) dos parâmetros acima referidos, que se pode começar a pensar em (um)-LUCRO em (uma)-economia-heurística.

Portanto, é a partir de cada (um) dos parâmetros acima referidos que se torna (uma)-produtividade, *ergo*genicamente em (uma)-interacção-de-valor. Posto que ao estruturar-se axiologicamente através de cada (uma) das quantidades produzidas e de (um)-conjunto-quantitativo-qualificativo-de-cada-(um)-dos-factores-de-produção, (uma)-relação que sempre deve obter como resultado (um)-incremento-quantitativo para que se possa afirmar que “há”, em todo-

(um)-“haver” (uma)-produtividade. Caso contrário, não se pode falar em (uma)-produtividade, mas tão somente em (uma)-(im)produtividade ou em (um)-déficit-produtivo ou de produtividade.

Isto porquê em economês, (uma)-produtividade é (uma)-capacidade de cada (um) dos factores de produção para “criar” (um)-produto. Por isto, é comum utilizar-se esta expressão “produtividade” associada a (um)-produtividade-do-trabalho para expressar (uma)-quantidade-de-produto que se produz ao utilizar (uma)-unidade-de-factor-trabalho.

Diante do que para calcular (uma)-produtividade, precisa-se levar em conta não somente o trabalho de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (um)-indivíduo. Mas cada (um) dos factores de produção: TERRA – como (um)-recurso-natural | TRABALHO – enquanto (um)-sistema-vivo-humano | CAPITAL – como cada (uma) das máquinas, equipamentos e instalações.

Isto porquê economicamente, (uma)-produção é (uma)-combinação de cada (um) dos factores de produção que tem (uma)-finalidade de satisfazer (uma)-demanda-de-mercado que é constituída por (um)-conjunto de cada (uma) das necessidades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que estabelece, desta forma, que (uma)-necessidade<sup>393</sup> é o que atravessa (uma)-existência-manifesta de cada (um) dos sistemas vivos humanos, e isto é o que se define nas ciências económicas, como (uma)-demanda-de-mercado.

A partir do que se pode afirmar *ergoñgenicamente* que (uma)-demanda-de-mercado é (uma)-prática-linguística que se define como (uma)-*physis*-existência-linguística-e-axiológica em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-economia-de-mercado. O que ajuda a explicar (um)-porquê de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há” em cada (uma) das interacções sociais e económicas que se real(izam) em (uma)-sociedade enquanto (uma)-actualidade-heurística.

Posto que para medir-se (uma)-produtividade, deve-se levar sempre em conta o número TOTAL de trabalhadores de (uma)-sociedade que, colectiva e não individualmente, são necessários para suprir (uma)-demanda-de-mercado que também é colectiva. Mas “há” situações quando os custos do trabalho representam percentagem muito reduzida dos custos TOTAIS de produção de (uma)-mercadoria, que é preciso ter-se em conta OUTROS factores de produção, o que permite-se efetuar como (um)-cálculo de (uma)-produtividade.

Isto porquê o valor de (uma)-produtividade de cada (um) dos agentes económicos: pessoas, empresas, país, etcétera. Também é o que geralmente indica o nível de eficiência e de eficácia, leia-se “desenvolvimento”, de (um)-conjunto de agentes económicos formados a partir de cada (uma) das pessoas, empresas ou países «entre» OUTROS.

---

393 Na *topologia linguística* (uma)-*necessidade* é (um)-*desejo* e também (um)-*existente-não-linguístico*. Basicamente (um)-NÃO-NÃO-“fazer”.

Desta forma, segundo os economistas, (uma)-produtividade constitui (uma) das melhores ou a melhor medida de valor para aferir a performance organizacional de (um)-agente-económico. Pois (um)-agente-económico que tem resultados acrescidos em (uma)-produtividade, é (uma)-ENTIDADE mais eficiente, e portanto, com melhor nível de utilização de cada (um) dos recursos. E que por isto, atinge os melhores resultados estabelecendo-se com maiores hipóteses de prosperar como (uma)-sociedade-produtiva enquanto (uma)-sociedade-heurística.

Pois é está a ideia defendida pelo Pai da Moderna Administração, o austríaco Peter Drucker (1909-2005), bem como também por OUTROS administradores e economistas contemporâneos. Que afirmam que (uma)-produtividade é o melhor indicador para comparar (uma)-eficácia. O que se “faz” segundo (uma)-axiologia e na forma de (uma)-gestão-administrativa.

O que modela TODA (uma)-expectativa-de-existência que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. (uma)-ideia que se apodera de TODO (um)-simbólico-topológico que se real(iza) interactivamente (estável) ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (um)-imaginário-não-linguístico, que ao real(izar-se) em (uma)-sociedade-contemporânea é como (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística, o que se realiza através de cada (uma) das realidades que “há”, enquanto (um)-absoluto (instável).

É por isto que Drucker afirma que (uma)-empresa que consegue vender o produto ou serviço para o cliente que o DESEJA como (uma)-necessidade, e o “faz” com (uma)-distribuição-adequada, (um)-preço-adequado e no momento mais adequado, vê cada (um) dos esforços de venda reduzirem-se a ZERO. Isto porquê (uma)-venda, desta forma, é como (uma)-*physis*-existência, o que se torna automaticamente como (uma)-função no que enquanto (uma)-demanda é, desta forma, o que é corretamente equacionada e explorada enquanto (uma)-axiologia.

Entretanto, Drucker durante os anos de vida mais madura, ao vislumbrar TODO este aparato conceitual das ciências económicas, lembrava-se frequentemente e com humor, dos anos da “Grande Depressão”. A partir do que dizia com frequência que “já havia acreditado numa nova economia”. Pois, explicava Drucker que em 1929, quando ainda era (um)-estagiário nos escritórios europeus de empresas de Wall Street. O chefe de Drucker na altura, (um)-economista-europeu que estava convencido de que o boom de Wall Street duraria para sempre, tanto que o demonstrou de forma “conclusiva” em (um)-livro publicado apenas dois dias «antes» do crash da Bolsa de Nova York no qual apresentou provas de que o boom de Wall Street era perpétuo, o que não se confirmou obviamente.

Mas setenta anos depois do boom explosivo de Wall Street – que se tornou na forma de (uma)-Grande-Depressão – já em meados dos anos 90 do século XX, Drucker voltou a ouvir falar de



Wall Street da mesma forma que ouvira setenta anos «antes»: como (uma)-ideia de (um)-boom-perpétuo-do-mercado-acionário.

Contudo, (im)pulsionado desta vez por (uma)-nova-economia. A partir do que escreveu em *“Management in the Next Society”*: “Ao ouvir aquilo, senti que já havia ali estado”. Sendo de salientar que este livro de Drucker foi elaborado quase na TOTALIDADE, «antes» dos atentados de 11 de Setembro de 2001, exceptuando-se por dois capítulos que somente foram escritos após o 11 de Setembro.

Mas TUDO isto somente porquê é (uma)-função-da-produção, segundo os economistas, entender como (um)-conjunto-de-actividades leva à (uma)-(trans)formação de (um)-bem-material em OUTRO-bem-material com (uma)-maior-e-melhor-utilidade. Porquê as ciências económicas acreditam que esta função acompanha cada (um) dos sistemas vivos humanos desde (uma)-*ergoñgenia* enquanto (um)-hominídeo que ainda lascava pedras com (uma)-finalidade de (trans)formar dois núcleos em (uma)-lasca-mais-eficaz à (uma)-necessidade. Para mais, aceita-se que é, desta forma, que cada (um) dos sistemas vivos humanos desde (uma)-*ergoñgenia* em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, executava cada (uma) das actividades com (um)-fim-productivo.

Pois é desta forma, que nos milhares de anos que se seguiram, entende as ciências económicas que cada (um) dos sistemas vivos humanos evoluiu, como também, cada (uma) das actividades destes sistemas vivos. O que na forma de cada (uma) das necessidades tecnicamente aprimoradas, tornaram-se cada vez mais vastas e complexas, auxiliando a forjar TODO (um)-(des)envolvimento-técnico-de-ferramentas que somente foi possível devido a cada (um) dos métodos e técnicas de produção cada vez mais sofisticados tecnologicamente através dos tempos.

Entretanto, é (um)-facto que o termo produtividade somente foi utilizado pela primeira vez pelo economista francês François Quesnay (1694-1774). Destacada figura da Escola dos Fisiocratas<sup>394</sup>, que em 1760 utilizou o termo no livro *“Maximes générales du gouvernement économique d’un royaume agricole”*. Sendo depois disto, quase 100 (cem) anos mais tarde – em 1866 – que se volta a utilizar o termo no *“Dictionnaire de la langue française”* – mais conhecido como Littré – de autoria do médico, lexicógrafo e filósofo francês Émile Maximilien Paul Littré (1801-1881), que definiu o termo como *“capacidade para produzir”*.

Contudo, é somente no início do século XX que a palavra define-se como *“a relação do que se produz com os recursos empregados para esta produção”*. Posto que é a criação do que se definiu como linha de produção – (uma)-forma-de-produção (des)envolvida por Henry Ford (1863-1947) na Ford Motor Company, que revolucionou tanto (uma)-metodologia, quanto cada (um) dos

---

<sup>394</sup> É (uma)-teoria-económica-(des)envolvida por (um)-grupo-de-economistas-franceses do século XVIII, que acreditavam que a riqueza das nações era derivada unicamente do valor de “terras agrícolas” ou do “desenvolvimento da terra” e que produtos agrícolas deveriam ter preços elevados.

processos produtivos até então [existentes e manifestados] – o que “fez” surgir (um)-conceito de produção em massa.

O qual se caracterizava por grandes volumes de mercadorias produzidos desde esta altura por cada (uma) das indústrias. Pois as novas metodologias fabris trouxeram novos princípios que relacionados com (uma)-produtividade, “fizeram” melhorias em cada (um) dos processos industriais. (Re)novando cada (um) dos conceitos e técnicas de gestão de cada (uma) das actividades. O que permitiu inovar também em cada (uma) das técnicas de produção.

Mas é somente em 1950 que a Comunidade Económica Europeia apresenta (uma)-definição-formal para o termo produtividade. E, desta forma, (uma)-produtividade assume-se como “*o quociente que se obtém pela divisão do que é produzido pelos factores de produção*”. A partir do que se pode falar em (uma)-produtividade-de-capital, de matérias-primas, de mão-de-obra de tudo o que “há” em e «entre» OUTRAS “coisas”, associando (uma)-produtividade à eficiência e ao tempo. Pois quanto menor for o tempo que se leva para obter (um)-resultado pretendido, mais produtivo é (um)-sistema-de-produção.

Desta forma, é através de (uma)-produtividade que se torna possível avaliar a capacidade de (um)-sistema-produtivo para elaborar produtos, como também, o grau em que são aproveitados cada (um) dos recursos em (um)-processo-de-produção. Posto que (uma)-melhor-produtividade constitui-se em (uma)-maior-rentabilidade para (uma)-empresa. Sendo neste mesmo sentido que (uma)-gestão-de-qualidade contribui para que (uma)-empresa consiga (in)crementar ainda mais (uma)-produtividade.

E, desta forma, “faz-se” de (um)-conceito-de-produtividade-global no que enquanto (uma)-ideia e na forma de (um)-pensamento, é o que se utiliza nas grandes empresas actualmente para aferir e melhorar (uma)-produtividade. Pois ao estudar cada (um) dos factores que determinam (uma)-produção, como também, cada (um) dos elementos que intervêm em (uma)-produtividade: como novas tecnologias, organização do trabalho e dos colaboradores, estudo dos ciclos de trabalho e distribuição das actividades; o que se “faz” é tornar possível, através de (uma)-análise, (um)-(in)cremento de (uma)-produtividade.

Posto que, é a partir desta altura que (uma)-tendência-intelectualizada-de-matriz-positivista, à qual se procura afirmar como (um)-modo-de-pensar-científico-superior acerca de (uma)-realidade-produtiva que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que se apresenta como (um)-benefício-prático para alcançar, através de (um)-autêntico-rigor-cognitivo, o que se permite como (um)-incremento de (uma)-produtividade. Isto porquê o que se preconiza e define como (um)-método-científico, desde esta altura [é o que é] aplicado às ciências naturais, como também, em

muitas OUTRAS áreas do SABER e do “fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, nomeadamente nas ciências económicas, o que é exatamente “feito” como esta cientificidade.

O que ao partir de (um)-cientificismo, é o que segundo o filósofo austríaco naturalizado britânico Karl Popper (1902-1994), real(iza-se) como (uma)-crença-dogmática de que “há” em todo-(um)-“haver”, (uma)-autoridade que se instala a partir de (uma)-metodologia-científica.

Posto que (uma)-cientificidade, é o que na forma de (uma)-análise-económica e consequentemente também, na forma de (uma)-administração, passa a estar directamente relacionada com (uma)-produtividade que na forma de (um)-valor, instala-se como (uma)-estrutura-axiológica.

O que permite na forma de cada (uma) das actitudes que “há”, como o que redundantemente é atribuído como (um)-excesso-de-valor à real(idade) do papel que (uma)-ciência pode ter em (um)-(des)envolvimento de (um)-cultura-social-política-e-económica, bem como também, em (um)-(des)envolvimento de TODA (uma)-sociedade através do (des)envolvimento de cada (uma) das realidades individuais.

Entretanto, mesmo no seio dos estudiosos, cientistas e pensadores envolvidos, esta tendência é muitas vezes entendida como (uma)-forma-de-valorização-extremada-da-ciência. O que estreitamente relacionado com (um)-positivismo-lógico, como também, com (uma)-tendência pura e simplesmente intelectual na crença de que cada (um) dos métodos científicos apresenta-se como (um)-melhor-resultado para (uma)-produtividade.

Consequentemente, diante de muitos cientistas sociais, tais como o economista e filósofo austríaco Friedrich Hayek (1899-1992), o filósofo estadunidense Hilary Putnam (1906-1926) e o filósofo e linguísta búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), que apoiam que “há” (uma)-noção-dogmática em cada (uma) destas metodologias científicas, e que por isto reprovam-nas, caracterizando-as como (uma)-redução-de-todo-(um)-conhecimento ao que é mensurável.

Por OUTRO lado, “há” os defensores do científicismo, que «entre» eles está o físico, filósofo e humanista argentino Mario Augusto Bunge (1919), o psicólogo e historiador da ciência estadunidense Michael Brant Shermer (1954) e o filósofo estadunidense Daniel Clement Dennet (1942). Que afirmam que (um)-cientificismo não é (uma)-doutrina que defende (uma)-aplicação da ciência em todos os níveis do conhecimento humano. Outrossim, (uma)-visão de que a ciência é (um)-caminho que existe para conhecer o mundo e possibilitar (um)-(des)envolvimento-tecnológico.

Mas real(mente), a questão de fundo que interessa à esta dissertação, é o facto de que é (uma)-produtividade (uma)-estrutura-linguística-axiológica que promove, através de (um)-cientificismo, TODA (uma)-cientificidade-da-relação [TRABALHO | LUCRO].

(uma)-estrutura-axiológica que se promove no seio de cada (uma) das interacções sociais, políticas e económicas que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que atravessam cada (um) dos ENTES axiológicos, que se caracterizam através de (uma)-*physis*-existência-comportamental, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que na forma de (uma)-mentalidade ou de (uma)-SUPER-estrutura-marxista, é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que enquanto (um)-“fazer”-axiológico, é o que se SOBRESTIMA enquanto (uma)-existência-linguística, que ao atravessar cada (uma) das estruturas axiológicas, instala-se como (um)-valor em cada (uma) das realidades sistémicas que “há” individualmente em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

## 12.2. HOMO-*socialis* x HOMO-*economicus*

Desta forma, e através desta investigação, o que se procura perceber a partir desta altura é qual a tipologia de interacção linguística que “há”, em e «entre», (um)-TRABALHO e (um)-LUCRO através de (uma)-existência-linguística, como também, através de cada (uma) das [existências + manifestações] linguísticas que “há” em cada (uma) dos sistemas vivos humanos. Pois as ciências económicas diante desta questão, afirmam que “há” (uma)-produtividade, entretanto, (uma)-topologia-linguística defende que o que “há” é (uma)-alienação que se instala SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTEMENTE em cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Por isto recorre-se inicialmente às ideias de George Elton Mayo (1880-1949) e, nesta altura, também ao pensamento de Karl Marx (1818-1883). Posto que como “há” (uma)-constatação de Mayo de que em (um)-TRABALHO-industrial “há” (uma)-monotonia, como também, algumas condições sociais e produtivas que acabam por gerar (uma)-série-de-anomalias e distúrbios, tanto sociais, quanto individuais condizentes com alguns dos temas recorrentes nas ciências sociais desde o final do século XIX.

Mas o que é necessário observar é que Mayo diante da Experiência de Hawthorne, condenou vários princípios básicos da Escola Clássica. Em (um)-primeiro-momento, Mayo acreditou ter (des)coberto em cada (uma) das relações (in)formais, especialmente no grupo-de-testes, cada (uma) das condicionantes de cada (uma) das acções de grupo que se real(izavam) através de (uma)-estrutura-formal-de-organização-social.

Pois (um)-grupo-de-testes real(mente) enquanto (uma)-organização-social, opunha-se à (uma)-estrutura-formal-de-administração da Western Electric Company. O que se repetia no ambiente da fábrica, posto que cada (uma) das funções sociais que se (des)empenhava no grupo-de-

testes, como (uma)-“coisa”-social ao que Mayo definiu como (um)-grupo-primário, passou a observar-se como se passava em cada (uma) das interações sociais «dentro» do grupo-de-testes e também como o que se repetia em cada (um) dos pequenos grupos sociais (um)-pouco-por-toda-a-fábrica.

A importância desta observação, segundo Mayo, estava na satisfação de cada (uma) das necessidades individuais, como também, em como cada (um) dos recursos e cada (uma) das energias latentes que poderiam SER ONTOFILOGENICAMENTE canalizadas ontofenomenologicamente por (uma)-administração-industrial para (uma)-consecução de cada (um) dos objectivos sociais e produtivos de (uma)-organização-formal-industrial diante de cada (um) dos pequenos grupos sociais que se real(izam) «dentro» de (uma)-estrutura-fábrica.

Mayo também observou ainda que era de primordial importância para (um)-indivíduo SER ontofenomenologicamente aceite por (um)-pequeno-grupo, que para tanto cada (um) dos operários estivesse disposto a (des)empenhar cada (uma) das funções que (um)-pequeno-grupo-social viesse a exigir. Pois se (um)-indivíduo-trabalha ele não o “faz” primordialmente por (uma)-obtenção-de-ordenado mas principalmente para oferecer à (um)-grupo-social (uma)-acção que seja aceite pelo grupo e que possa SER ontofenomenologicamente utilizada como (um)-instrumento-de-ingresso-e-aceitação-social.

Portanto, se (um)-grupo não atribuir (uma)-importância à (um)-TRABALHO e a (um)-(des)empenho-profissional enquanto condições de ingresso e aceitação social, cada (um) dos indivíduos não hesitará em aceitar cada (um) dos valores do grupo, mesmo que estes valores sejam frontalmente opostos a cada (um) dos valores propostos por (uma)-organização-formal, como também, por (uma)-sociedade.

Desta forma, ao procurar atravessar esta tipologia de afirmação, Mayo encontrou sustentação empírica em cada (uma) das observações que “fez” e em cada (uma) das equipes de montagem. Pois cada (um) dos operários preferia receber menos ordenado, à cumprir com cada (um) dos padrões de produtividade que eram impostos por (uma)-administração-fábrica.

Isto porquê cumprir com cada (uma) das tarefas com (uma)-rapidez que fosse estabelecida pela administração fabril, equivalia a (uma)-traição-do-grupo-social. Posto que era considerado como (uma)-identificação com (uma)-administração-fábrica. Diante do que Mayo concluiu que a baixa produtividade era (uma)-decorrência de cada (uma) das necessidades individuais em SER ontofenomenologicamente aceite por (um)-grupo-social. O que Mayo definiu como (um)-grupo-primário.

Diante deste quadro, Mayo procurou consubstanciar em (um)-Programa-de-Entrevistas e também em (um)-Programa-de-Treinamento-de-Supervisores, cada (um) dos meios *physis*

existenciais para estender à (uma)-organização-formal, (uma)-integração que “há” em e «entre», cada (um) dos valores de (um)-pequeno-grupo-social [(um)-grupo-primário] e cada (um) dos objectivos produtivos de (uma)-administração-formal-da-fábrica. Procurando, desta forma e através de (uma)-(re)conciliação de cada (um) dos trabalhadores com (um)-TRABALHO, por (uma)-maior-produtividade.

Pois é a partir desta altura que se pode começar a falar em (uma)-oposição-formal que “há”, em e «entre», (um)-social e (um)-económico. Posto que cada (um) dos conflitos sociais em (um)-meio-*physis*-existencial-fabril, [existem e manifestam-se] através de cada (um) dos mecanismos sociais que inflamam linguisticamente (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que Karl Marx (1818-1883) definiu como (uma)-alienação. E (uma)-solução que propôs Marx insere-se em (uma)-condição-política que atravessa (um)-caminho-revolucionário. Posto que, segundo Marx, se fosse possível eliminar (uma)-propriedade-privada que “há” inerente à cada (um) dos meios de produção; (um)-trabalhador deixaria de alienar (um)-TRABALHO em troca de (um)-ENTE-axiológico e (uma)-parte-não-paga-de-s(eu)-TRABALHO – (um)-LUCRO – poderia então (re)verter-se como (uma)-mais-valia, evitando cada (uma) das alienações que, desta forma, poderiam (des)aparecer.

Pois segundo Marx, (uma)-alienação-social-e-política tem (uma)-causalidade-económica e é (uma)-consequência de (uma)-propriedade-privada que “há” inerente à cada (um) dos meios de produção. Desta forma, eliminada (uma)-alienação-económica que “há”, cada (uma) das demais alienações em (uma)-sociedade também (des)apareceriam. Do que se pode concluir que segundo Marx, (uma)-estrutura-de-produção-industrial como (uma)-existência-“em-si”, não tem (uma)-condição-de-alienação, outrossim, (uma)-estrutura-económica que se real(iza) através de (uma)-alienação.

Entretanto, Mayo tem (uma)-visão mais pessimista desta condição estrutural. Posto que, segundo Mayo (uma)-alienação acontece no cerne de (uma)-tipologia-de-produção-industrial, considerando que pouco adianta socializar cada (um) dos meios de produção para que (uma)-alienação seja eliminada. Pois segundo Mayo, (uma)-causalidade-alienante não está na propriedade de cada (um) dos meios de produção, mas «antes», em cada (uma) das relações de autoridade que se (des)envolvem em (um)-interior de (um)-mundo-social-e-económico-industrial-e-político.

Apesar de Mayo não ter “feito” (uma)-utilização do termo “alienação”, muitos teóricos de (uma)-administração desde então, acreditam que se pode pensar em muitas das situações descritas por Mayo a partir deste conceito. Estabelecendo e constituindo que “há” (uma)-patologia-nos-

meios-de-produção-industrial que, enquanto (uma)-*theoria* à qual Mayo definiu-a como (uma)-Hipótese-da-Horda, real(iza-se) como (uma)-real(idade).

Pois cada (um) dos conflitos fabris identificados por Mayo: baixo moral, elevado turn-over, (des)interesse generalizado dos operários pelo trabalho, greves, boicotes e sabotagens; SÃO ontofenomenologicamente [existências que se manifestam] e as quais Mayo identificou como “anômicas” e que se real(izam) em (um)-encadeamento-de-situações que Marx definiu como real(izações) de (uma)-alienação-económica-social-e-política que “há”, em e «entre» (um)-proletariado e (uma)-burguesia-mercantil-ou-social.

Sendo esta (uma)-característica de cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-actualidade em cada (uma) das interacções económico heurísticas que “há” e em cada (uma) das sociedades linguísticas que em (um)-mundo-economicamente-globalizado [existem e manifestam-se]. Posto que como “há” (um)-globalização-económica, mas não “há” (uma)-globalização-social-e-política, basta para isto verificar que não “há” (uma)-ideia-de-cidadão-globalizado, apesar de [existirem e manifestarem-se] acordos internacionais para o efeito.

A partir do que se pode narrar acerca do que é (uma)-alienação de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística. Posto que (uma)-alienação é (uma)-troca de (um)-“lugar” que, em (um)-sistema-topologia-linguística, acontece na forma de cada (uma) das “coisas” sociais e a partir de (uma)- projecção de (um)-valor «sobre» (uma)-“coisa”-aparência que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade), edifica-se como (uma)-sociedade que se real(iza) «sobre» padrões axiologicamente estruturados.

### 12.3. Hawthorne à LUZ dos s(eu)s discursos

Entretanto, a partir de (uma)-Escola-de-Relações-Humanas e na forma de (uma)-Teoria-das-Relações-Humanas, o que se real(iza) na forma de cada (uma) das acções em (uma)-real(idade), é o que hoje se determina na forma de cada (um) dos conjuntos de cada (uma) das Teorias Administrativas que após cada (um) dos acontecimentos de (uma)-Grande-Depressão, causada por (uma)-quebra de (um)-MERCADO de títulos mobiliários na New York Stock Exchange no ano de 1929, estabelece que cada (uma) das actuais interacções linguísticas que “há” em (um)-meio-*physis*-existencial-industrial em (uma)-actualidade, é (uma)-condição-ONTOGÊNICA.

Posto que, diante de (uma)-Grande-CRISE, cada (uma) das realidades que até então eram aceitas, foram contestadas em busca de cada (uma) das causas para (uma)-Grande-CRISE que se generalizava em cada (um) dos sistemas de produção, distribuição e consumo, como também, em

cada (um) dos setores de BENS e serviços em cada (uma) das sociedades [existentes e manifestas] heurísticamente.

Isto porquê, cada (uma) das NOVAS ideias que foram introduzidas através de (uma)-Escola-de-Relações-Humanas, trouxe cada (um) dos NOVOS pontos de vista para cada (uma) das recuperações de cada (uma) das empresas que na altura, conseguiram vencer cada (uma) das dificuldades que se estabeleceram a partir de (uma)-grande-depressão.

Regras que ao estarem de acordo com cada (uma) das (pre)ocupações de cada (um) dos dirigentes de cada (uma) das empresas, a começar por (um)-entendimento de que cada (um) dos trabalhadores enquanto (um)-sistema-vivo que deve SER visto holisticamente, como também, como (um)-SER-social que neuro-BIO-fisiologicamente é capaz de (des)empenhar (uma)-tarefa-produtiva, como (uma)-ENTIDADE-envolvida em (uma)-economia que se real(iza) na forma de (um)-MERCADO.

Posto que é, desta forma, que cada (uma) das teorias estabelecem cada (um) dos novos parâmetros para cada (um) dos administradores de cada (uma) das empresas. Isto porquê ao preconizar e conhecer cada (uma) das actividades, como também, cada (um) dos sentimentos de cada (um) dos trabalhadores e ter estudado formalmente como se real(izam) cada (um) dos grupos sociais que “há” em (uma)-sociedade estabelecida e avançada. O que passou a SER fundamental para (uma)-compreensão de (uma)-produtividade, foi esta *physis* existência manifesta enquanto (um)-conhecimento.

Isto porquê até a altura da “Grande Depressão”, cada (um) dos trabalhadores sempre foi encarado, tratado e pensado como (uma)-forma-mecânica-e-racional capaz de (des)envolver (uma)-actividade-produtiva. O que começou a (trans)formar-se a partir do TAYLORISMO, teorizado pelo engenheiro mecânico estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915).

Técnico em mecânica e operário. Taylor trabalhava de dia e formou-se engenheiro mecânico estudando a noite. Escreveu (um)-livro publicado em 1911, “*Os Princípios da Administração Científica*”. No qual (des)envolveu (uma)-noção de (um)-ponto de vista de (um)-trabalhador que mostra como aplicar (uma)-metodologia-científica-cartesiana para administrar (uma)-empresa.

Diante do que, por OUTRO lado, “houve” também o FAYOLISMO. (Des)envolvido pelo engenheiro de minas francês Jules Henri Fayol (1841-1925). Que procurava entender como se organizava estruturalmente (uma)-empresa.

Licenciado pela Ecole des Mines de Saint-Etienne, Fayol é (um) dos teóricos clássicos da ciência administrativa e também fundador da Teoria Clássica da Administração. Em 1916 publicou princípios administrativos que considerou essenciais ao (des)envolvimento administrativo de (uma)-empresa. No livro original em francês: “*Administration industrielle et générale; prévoyance,*



*organisation, commandement, coordination, controle*”, traduzido para o português sob o título de “*Administração Industrial e Geral*”, Fayol (des)envolveu cada (um) dos princípios administrativos que, diferentemente de Taylor que apresentava soluções a partir de (um)-ponto-de-vista de (um)-trabalhador, mas que segundo Fayol apresentavam-se como noções de (um)-ponto-de-vista de (um)-dirigente-administrador.

Ambos como também o empreendedor e prolífico inventor estadunidense Henri Ford (1863-1947), que durante a vida registou cerca de 161 patentes nos Estados Unidos da América e fundou a Ford Motor Company. Tendo sido o primeiro empresário a aplicar (uma)-montagem em série em (uma)-produção-industrial, o que se estabeleceu como (um)-conceito de linha de montagem. E com o qual Ford produziu automóveis em menos tempo e com menos custos, influenciando TODA (uma)-forma da indústria automóvel que se mantém até os dias actuais com (uma)-produção de grandes quantidades e baixos custos. E que na altura que foi (des)envolvido por Henri Ford, permitia (uma)-fabricação de cada (um) dos automóveis a cada 98 minutos. A partir do que se oferecia (um)-alto-salário à cada (um) dos operários envolvidos. O que se estabeleceu, desta forma, a partir de alguns dos princípios que ficaram conhecidos como fordismo.

Mas o intenso empenho de Ford para baixar o custo de (uma)-produção-automóvel resultou em muitas OUTRAS inovações técnicas, como também, em OUTROS negócios. Pois tendo (des)envolvido (um)-sistema-de-franquias, permitiu-se instalar como (uma)-concessionária em várias regiões da América do Norte, como também, em cada (uma) das maiores cidades de cada continente do planeta TERRA.

Para mais, Henry Ford deixou (uma)-grande-riqueza amealhada com os negócios gerados pela Ford Motor Company e deixada para (uma)-fundação – a Fundação Ford – forma pela qual permitiu que a família Ford controlasse os destinos da Ford Motor Company permanentemente.

Desta forma, é possível constatar que a Escola das Relações Humanas tem abordagens muito diversas para o problema da produtividade, que vão desde (um)-pólo-positivista até (um)-pólo-humanista, propondo concepções teóricas tanto racionais, quanto sociais para cada (um) dos comportamentos de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas sempre enfatizando cada (uma) das interacções sociais em corporações e empresas que tem como BASE e fundamento, ENTIDADES axiológicas que são percebidas como ENTES produtivos.

Portanto, quer sejam pessoas, quer sejam empresas, o que esta em jogo no discurso das ciências económicas é (uma)-produtividade. Mas a questão é que (uma)-*physis*-existência-discursiva, desta forma, tem (uma)-*ergoígenia*-(in)definível nos termos de (uma)-epistemologia-filosófica, mas não tanto nos termos de (uma)-topologia-linguística.

Pois é a partir de cada (uma) das estruturas axiológicas, que (uma)-produtividade-instala-se como (uma)-existência-linguística que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas está condição real(mente) não é tão recente como descrita no subcapítulo 12.2. Homo-socialis x Homo-economicus. Pois não é a partir da “Grande Depressão”, nem tampouco a partir da Escola das Relações Humanas que na forma de cada (uma) das teorias das Relações Humanas, (uma)-SOBRE-ESTRUTURA-SIGNIFICANTE instala-se enquanto (uma)-objectivação-autopoiética que (trans)forma cada (uma) das interacções neuro-BIO-fisiológicas e sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Portanto, não é (um)-TAYLORISMO, (um)-FAYOLISMO, (um)-FORDISMO ou (um)-TOYOTISMO, o que instala (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE em (uma)-sociedade-global de sistemas vivos humanos, outrossim, (uma)-real(ização) de (um)-protótipo-NEONATAL em (um)-ESTÁDIO-egóico.

Posto que é a partir de (um)-ESTÁDIO-egóico que cada em (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, ao atravessar (um)-protótipo-NEONATAL, pode estruturar-se como (uma)-(des)ambiguação através de (um)-“fazer” que se torna visível como (uma)-representação que se instala como (um)-“lugar” em (um)-simbólico-topológico que interage (estável) com cada (um) dos registos linguísticos – REAL e imaginário – através de (um)-sistema-topologia-linguística.

Mas (um)-simbólico-topológico é (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística no qual cada (um) dos conhecimentos em (uma)-sociedade, [existe e manifesta-se] linguisticamente como (uma)-representação. Seja armazenada na forma de (um)-livro, ou mais recentemente, na forma de cada (uma) das informações digitais que “há” em cada (um) dos dispositivos informáticos.

Mas enquanto (uma)-existência-heurística é na qual (uma)-existência-linguística [existe e manifesta-se] a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se real(iza) como (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo) e que na forma de (uma)-sintaxe-retórica é (uma)-ontofenomenologia, que não é como (uma)-semântica-neurofisiológica enquanto (um)-ONTOFILOGENIA. Posto que o que se objectiva autopoieticamente em cada (uma) das representações enquanto (uma)-semântica-neurofisiológica, é (uma)-(trans)formação de cada (uma) das FILOGENIAS *physis* existenciais, em ONTOGENIAS objectivas que se (trans)formam ao atravessar (uma)-prática-linguística e essencializar-se enquanto (uma)-sistemática-de-vida.

Pois é a isto que Karl Marx (1818-1883) define como (uma)-ideologia. E para Marx, (uma)-ideologia é (uma)-consciência-falsa proveniente da divisão de (um)-trabalho em e «entre» manual e intelectual. Posto que segundo Marx, não se pode analisar (uma)-sociedade separando-a enquanto (uma)-existência-social-e-histórica.

E é diante desta divisão que surge cada (um) dos ideólogos ou intelectuais que se “fazem” real(izar) em favor de (uma)-dominação que ocorre, em e «entre», cada (uma) das classes sociais. Posto que é por este meio de ideias (formas) que se (de)forma (uma)-compreensão que “há” «sobre» a forma do como acontece cada (uma) das interações sociais enquanto (uma)-relação-produtiva. Pois (uma)-ideologia é enquanto (uma)-falsa-consciência, o que se gera como (uma)-(in)versão ou como o que camufla ou oculta (uma)-real(idade) para que se real(ize) cada (um) dos ideais (formas) de (uma)-classe-dominante «sobre» outra classe dominada.

E cada (um) destes ideais (formas) é (uma)-“coisa”-social que interessa à cada (uma) das classes sociais. (uma)-forma de representação que se real(iza) segundo (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE e que ao atravessar (uma)-prática-linguística enquanto (uma)-sociedade, objectiva-se autopoieticamente em cada (uma) das FILOGENIAS *physis* existenciais que ao atravessarem cada (uma) das ONTOGENIAS objectivas é o que (trans)forma cada (uma) das sistemáticas de vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois é em (uma)-topologia-linguística que cada (um) dos discursos é (uma)-representação que enquanto tal, é como (uma)-representação | (uma)-forma, o que ao ter (uma)-dimensão-ideológica é na forma de (um)-intervalo-linguístico-topológico, o que enquanto (um)-acontecimento-linguístico, o que tem (uma)-homeomorfia que “há” em cada (uma) das representações que se real(izam) em (um)-simbólico-topológico. Posto que, desta forma, o que se real(iza) como (um)-conhecimento, é o que na forma de (uma)-representação, estabelece-se «sobre» cada (uma) das formas de real(ização) de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Posto que cada (uma) das representações em (um)-simbólico-topológico, projecta-se como (um)-conhecimento que na forma de (uma)-prática-linguística edifica-se como (uma)-sociedade enquanto (uma)-real(idade). E é desta forma, que (uma)-sociedade como (uma)-real(idade) é (uma)-consciência-criada a partir de (um)-conhecimento. O que se assume como (uma)-ideologia.

Mas como (um)-termo-“ideologia” foi proposto na altura da Revolução Francesa, em 1801, quando o filósofo político e soldado francês Antoine-Louis-Claude Destutt (1754-1836), líder da Escola Filosófica dos Ideólogos utilizou o termo “idéologie” pela primeira vez. Mas nesta altura, para definir o que se real(izava) como (uma)-ciência-das-ideias e do que se tomou a partir de (uma)-ciência-das-ideias, com (um)-sentido-mais-amplo para referir-se a cada (um) dos estados de (uma)-consciência.

Entretanto, é facto que desde a Antiguidade Clássica e da Idade Média, cada (um) dos pensadores já lidavam com (um)-termo-“ideologia” como (um)-conjunto-de-ideias (formas) que “há” em (uma)-sociedade. Mas também é senso comum que (um)-“ideologia” define-se como (um)-

conjunto-de-ideias ou pensamentos, como também, de doutrinas, enquanto (uma)-visão-de-mundo que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que individualmente estão envolvidos em (uma)-sociedade, tendo desta forma como sinónimo (um)-termo-“ideário”.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, não se “faz” para diferir muito de (um)-termo-“ideologia”, quando utilizado em (um)-sentido-crítico-filosófico para descrever (uma)-forma-de-dominância de (um)-grupo-social em relação a (um)-OUTRO-grupo-social em (uma)-sociedade. E que se estrutura através de (uma)-sintaxe-retórica [discurso], como (uma)-estrutura-de-alienação na qual “há” como (um)-conhecimento que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade e que, desta forma, é o que se real(iza) como (uma)-consciência-falsa-ou-enganadora. Posto que «sobre» (uma)-consciência é o que se real(iza) como (uma)-estrutura-axiológica.

#### 12.4. “Há” LUZ em (um)-gabinete?

... o homem é naturalmente um animal político ...

Aristóteles

Apesar dos vários pensadores que abordaram (uma)-temática-ideologia e (um)-“haver” das mais variadas formas de abordagem teórica para (uma)-temática. O que se procura observar através de (uma)-topologia-linguística, na forma de (uma)-modelação-linguística, é o que “há” [em e «entre»] cada (uma) das formalidades que se real(izam) através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (um)-sistema-topologia-linguística e que se real(izam), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em cada (uma) das pequenas sociedades específicas que “há” na forma de (uma)-sociedade-absoluta (instável).

E como já foi estudado e verificado até (um)-capítulo-anterior, é desde (um)-ESTÁDIO-monocórdio que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos (uma)-tendência-*physis*-existencial-neuro-BIO-fisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos sociais, para que através de (um)-“fazer”, edifique-se como (um)-“haver” que “há” na forma de cada (uma) das organizações sociais. O que se real(iza) através de cada (um) dos sistemas vivos e na forma de (uma)-sociedade-absoluta (instável) que a partir de cada (uma) das formas que “há” e na forma de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, [existem e manifestam-se] como (uma)-real(idade).

Posto que (uma)-realidade-sistémica ao edificar-se na forma de (um)-linguístico, é como (uma)-real(idade) o que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de cada (um) dos grupos sociais específicos que se organizam e edificam neuro-BIO-fisiologicamente, enquanto (uma)-forma-sociedade. O que “há” na forma de (uma)-HUMANIDADE e a partir de (uma)-

ONTOFILOGENIA que na forma de (uma)-ontofenomenologia é o que, ao atravessar (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] heurística.

Pois real(mente) o que se afirma a partir de cada (uma) das teorias contractualistas de (uma)-forma-diferente, é que ao real(izar-se) na forma de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] heurística, (uma)-forma-ESTADO como (uma)-forma-sociedade, é o que se edifica a partir de cada (uma) das formalidades que “há” como (uma)-forma-“haver” que a partida pode-se descrever como (uma)-forma-estrutural-e-organizacional-*physis*-existencial-política-social-e-económica.

A partir do que se deve pensar diante de (um)-“haver” que (uma)-palavra-política é (uma)-*ergoḡgenia*. Pois enquanto (uma)-origem e na forma de (um)-“fazer” é o que “há” a partir de (uma)-Grécia-Antiga, que na altura enquanto (uma)-sociedade-grega que se organizava social e politicamente, é na forma de cada (uma) das cidades-ESTADO o que se define como (uma)-PÓLIS (πολις)<sup>395</sup>.

O que ao atravessar (uma)-palavra-PÓLIS da qual se origina cada (uma) das outras palavras associadas, tais como: πολιτικός (*politikos*) que se define como “política”; e πολίτης (*polites*)<sup>396</sup> que se define como “cidadão ou habitante de qualquer cidade ou país”. Pois cada (uma) destas palavras que se estenderam de (um)-grego atravessando (um)-latim que, desta forma, é na forma de *politicus* o que se chega até a cada (uma) das línguas europeias actuais através de (um)-termo-francês que já na forma de *politique*, é desde 1265 o que se define como (uma)-ciência que “há” acerca de cada (um) dos ESTADOS<sup>397</sup>.

Entretanto, como também “há” (uma)-OBRA – “*A República*” – de Platão (428 | 427 a. C.-348 | 347 a. C.) que se intitula em (um)-original πολιτεία (*politeia*)<sup>398</sup>, e que se define como “*a administração de cada (um) dos afazeres civis, cidadania, ou de cada (um) dos direitos de (um)-cidadão*” e a partir da qual se pode afirmar que (um)-termo-política, em (uma)-Grécia-Antiga, indicava cada (um) dos procedimentos administrativos de cada (um) dos cidadãos (*polites*) relativamente à (uma)-PÓLIS. O que se definia tanto na forma de (uma)-cidade-ESTADO, quanto na forma de (uma)-sociedade como (uma)-comunidade ou como (uma)-colectividade que diante de cada (uma) das “coisas” sociais, refere-se à [(uma)-existência + (uma)-manifestação] como (uma)-real(idade)-axiológica.

Isto porquê (um)-termo-política é enquanto (uma)-forma de actividade linguística, o que está estreitamente vinculado à (uma)-forma-PODER que através de cada (uma) das *práxis* linguísticas que

395 Strong 4172 – cidade.

396 Strong 4177 – cidadão.

397 Norberto Bobbio; Nicola Matteucci; Gianfranco Pasquino, [1983]. *Dicionário de Política* (PDF). Volume 2, 13ª ed. Brasília (2010): Editora Universidade de Brasília. página 954|962. ISBN 9788523003104 Tradução: Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Coordenação: João Ferreira. Revisão Geral: João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacaís.

398 Strong 4174 – administração da cidade.

“há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, é o que se real(iza) na forma de (um)-PODER-político que enquanto (um)-PODER-cidadão, é na forma de (um)-“fazer” o que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos, permitindo-se que “haja” (uma)-dominação de (um)-sistema-vivo-humano «sobre» (um)-outro-sistema-vivo-humano, envolvendo-os como formas, em (uma)-edificação de (uma)-sociedade.

O que se real(iza) na forma de cada (uma) das estruturas axiológicas que “há”, enquanto (uma)-formalidade em cada (uma) das real(idades) que na forma de cada (uma) das sociedades específicas que se edificam como sociedades linguísticas é o que enquanto (uma)-real(ização), define-se como (uma)-ideologia.

#### 12.5. O último a sair que apague a LUZ

Portanto, o que se (re)inicia nesta altura é o que atravessa (uma)-pergunta: porquê diante de cada (um) dos factos acima identificados, (uma)-produtividade é nos dias actuais ainda (um)-problema que se apresenta na forma de (uma)-simultaneidade-social-política-e-económica que “há”, em e «entre» cada (um) dos colaboradores e administradores que “há” em (uma)-sociedade-de-produção?

Muitas conclusões SÃO tanto ONTOFILOGENICAMENTE quanto ontofenomenologicamente possíveis a partir de cada (uma) das teorias que “há” em (uma)-actualidade-académica. Mas a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e de cada (uma) das experiências já real(izadas) ao longo de anos de investigações que “há” através de cada (uma) das ciências sociais. É diante das quais e de cada (um) dos resultados aferidos, enquanto o que não se impõem à cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, como relações laborais e na forma de (uma)-sistemática-de-vida que mais efectivamente não se real(iza) como (uma)-forma-HUMANIDADE. Mas porquê?

Isto acontece porquê cada cada (uma) das efectivas conclusões ao longo de anos de investigações, não são efectivamente implementadas e muitas das vezes sendo real(mente) vilipendiadas, tanto por administradores, quanto por colaboradores em (uma)-actualidade. Do que se conclue enfim que diante de (um)-PODER, o que “há” também é (um)-QUERER. Condições que se real(izam), segundo Jacques Lacan (1901-1981), em (um)-sistema-topologia-psíquica, em e «entre», cada (uma) das interacções com (um)-SABER.

Portanto, desta forma, (um)-sistema-topologia-linguística procura deslocar (uma)-questão de (um)-SABER e de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», (um)-PODER, (um)-QUERER e (um)-SABER e que atravessam (uma)-forma-ESTADO, no que na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, é através de cada (uma) das “coisas” sociais que “há”, em

e «entre», cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística como o que enquanto tal, é o que se real(iza) como (uma)-estrutura-sistémica-de-vida-axiológica-e-heurística.

Pois segundo (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-questão está em (uma)-(im)possibilidade-de-compreender como “há”, em cada (uma) das interacções linguísticas, cada (uma) das estruturas axiológicas que enquanto (uma)-real(idade) “há” e atravessam cada (uma) das “coisas” sociais.

Para mais, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-ideologia [existe e manifesta-se] como (uma)-LUZ, que enquanto (uma)-existência-heurística-manifesta, é o que torna visível o que real(mente) é (in)visível enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE. (uma)-LUZ diante da qual não “há” (um)-último que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, outrossim, (uma)-TELEOLOGIA que na forma de cada (uma) das interacções linguísticas, não se real(iza) como (uma)-LUZ, mas «antes», como (uma)-acção que, ao apagar (uma)-LUZ ao sair, (trans)forma (uma)-ideologia em OUTRA, ao atravessar (um)-protótipo-NEONATAL e realizar-se representação a partir de (um)-REAL (adjectivo).

### 13. A escola keynesiana e o PLENO EMPREGO

Desta forma, (um)-keynesianismo que é (uma)-teoria-económica consolidada por John Maynard Keynes (1883-1946) em (uma)-OBRA: “*Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*”; publicada em 1936. E a partir da qual é o que enquanto (uma)-OBRA-fundamental, influenciou (uma)-(re)novação e (uma)-(re)formulação de cada (uma) das políticas de LIVRE MERCADO (um)-pouco-por-todo-o-mundo.

A partir do que (um)-keynesianismo é na forma de (uma)-teoria-económica, o que defende que (uma)-organização-política-económica-e-social é (uma)-necessidade como (uma)-forma-de-oposição à cada (uma) das concepções liberais, e para tal deve fundamentar-se na ideia de que (um)-ESTADO é o que enquanto (um)-agente-económico-(in)dispensável, é o que tem como (uma)-necessidade, controlar (uma)-economia, como também, cada (uma) das formas sistemáticas de vida que se real(izam) em (um)-meio-*physis*-existencial-sociedade. Posto que é a (um)-ESTADO que cabe cada (um) dos objectivos de conduzir cada (uma) das sistemáticas de vida económico heurísticas à (uma)-condição-de-PLENO-EMPREGO em (uma)-sociedade-actual de sistemas vivos humanos.

(uma)-ideia-contractualista que na forma de (uma)-*ergonígenia* e através de cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-sociedade, real(iza-se) na forma de (uma)-real(idade) e a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” e que se edificam em (um)-REAL-topológico.

Entretanto, diante de cada (uma) das afirmações acima estabelecidas, PRIMEIRAMENTE é preciso esclarecer o que (uma)-teoria-económica defende e define, ao utilizar (uma)-expressão PLENO EMPREGO. E, desta forma, (um)-PLENO-EMPREGO é (um)-acontecimento-linguístico que empresta à forma de cada (um) dos processos produtivos de BENS materiais em (uma)-sociedade, cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre» cada (um) dos agentes económicos instituídos enquanto (uma)-economia.

Mas na forma de (um)-conceito-económico, (um)-PLENO-EMPREGO é (um)-momento-de-real(idade)-estável (interactiva) que “há”, em e «entre» cada (uma) das quantidades ofertadas e cada (uma) das quantidades demandadas que, ao atravessar cada (um) dos factores de produção: TERRA, na forma de cada (um) dos recursos naturais; TRABALHO, na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos; e CAPITAL, na forma de cada (uma) das máquinas, equipamentos e instalações em (uma)-sociedade; é o que se real(iza) na forma de (uma)-real(idade) como (uma)-existência-económico-heurística.

E a partir desta forma, (um)-MERCADO-de-trabalho é (uma)-oferta-de-trabalho que se define a partir de (uma)-pré-disposição de cada (um) dos sistemas vivos humanos que, ao necessitar de (um)-trabalho, aceitam receber (um)-definido-salário-de-equilíbrio [interactivo | estável] enquanto



(uma)-forma-empregado. Pois (um)-PLENO-EMPREGO é o que se real(iza) na forma de (um)-trabalho e a partir de (uma)-pré-disposição de cada (um) dos trabalhadores envolvidos em (um)-MERCADO em aceitar receber (um)-definido-salário-de-equilíbrio.

Portanto, é a partir de (uma)-prática-linguística-estável [interactiva] que segundo (um)-keynesianismo, (uma)-real(idade)-estável [interactiva] que “há” na forma de (um)-PLENO-EMPREGO, real(iza-se). (uma)-interacção-sistémica que na forma de (uma)-existência-económico-heurística, é como (uma)-real(idade)-estável [interactiva], o que não se real(iza). Já que segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-prática-linguística-estável [interactiva], não estabiliza (uma)-real(idade), outrossim, (des)estabilizando-a real(iza-se). O que justifica (uma)-necessidade, durante (uma)-Grande-Depressão, de cada (um) dos ajustes decorrentes de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há” em cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas) que foram necessárias na altura e na forma de cada (uma) das actividades sociais e humanitárias real(izadas).

Pois diante do termo PLENO EMPREGO, é perfeitamente possível de (um)-ponto-de-vista das ciências económicas, (um)-“haver” de (uma)-existência-de-(des)emprego-manifesta. Posto que (uma)-definição-de-(des)emprego, de (um)-ponto-de-vista-das-ciências-económicas, é mais ampla do que de (um)-ponto-de-vista-do-senso-comum. Isto porquê (uma)-definição-de-(des)empregado nas ciências sociais, não inclui cada (um) dos trabalhadores que somente aceita trabalhar por (um)-ordenado mais alto do que (um)-ordenado-de-equilíbrio, não se considerando, desta forma, esta tipologia de trabalhador como (um)-(des)empregado. (uma)-prática-linguística tipicamente interactiva (estável), que provoca instabilidades crescentes em (uma)-real(idade)-absoluta (instável).

Entretanto, segundo (uma)-ciência-económica, o que explica (uma)-decisão de (um)-ponto-de-vista de cada (um) dos trabalhadores, é que (uma)-recusa em trabalhar por (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio, é o que identifica-os enquanto (uma)-forma-de-falha, que se define na forma de (uma)-falha-de-MERCADO.

Ou seja, de (um)-ponto-de-vista das ciências económicas, é (uma)-situação em que, diante de (um)-“haver” de (um)-custo-marginal-social, “há” (um)-valor que se vai receber de ordenado por cada (um) dos trabalhadores que recusa (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio, posto que, desta forma, não “há” como o que é igual a cada (um) dos benefícios marginais que irá obter. Pois (um)-valor que precisa receber cada (um) dos trabalhadores que se recusa a receber (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio, é maior do que (uma)-oferta de (um)-MERCADO.

Posto que, para suprir cada (uma) das necessidades já assumidas, cada (um) dos trabalhadores que se recusa a receber (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio, precisa de (um)-ordenado-maior que (um)-ordenado-de-equilíbrio.

Mas o que é (um)-facto diante desta questão, é que (uma)-detecção de cada (uma) das falhas de (um)-MERCADO, é o que opõe (uma)-escola-keynesiana à (uma)-teoria-da-MÃO-(IN)VISÍVEL-smithsoniana<sup>399</sup>. Na qual “há” (uma)-busca por (um)-DESEJO-individual que acaba por prejudicar toda-(uma)-sociedade, caso não “haja” (uma)-intervenção. Visto que (um)-(des)empregado-manifesto que não aceita (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio, mais cedo ou mais tarde vai-se ver em (uma)-situação-de-dificuldades-económicas relativamente a cada (uma) das despesas individuais. O que prejudica (uma)-sistemática-de-vida-económica-colectiva que “há” enquanto (uma)-sociedade-heurística.

Contudo, como cada (uma) das objectivações autopoieticas, não é (uma)-teoria-da-MÃO-(IN)VISÍVEL, outrossim, (uma)-(trans)formação-absoluta (instável) que se real(iza) em (uma)-estrutura-linguística. O que ao acontecer em cada (uma) das existências linguísticas e na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, real(izando-se) como (uma)-real(idade)-estável (interactiva).

Pois cada (uma) das objectivações autopoieticas demanda tempo e na altura de (uma)-Grande-Depressão, real(izavam-se) muitas intervenções *physis* existenciais estáveis que atravessavam cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-real(idade). O que pode SER ONTOFILOGENICAMENTE estabelecido ontofenomenologicamente como (uma)-causalidade de cada (uma) das realidades instáveis (absolutas) que vistas desta forma, poderiam ter sido evitadas. Posto que o que “há” é (uma)-real(idade) que foi o que em (um)-certo-tempo, enquanto (uma)-forma-causalidade, solucionou-se enquanto (um) ou OUTRO problema, mas não resolvendo-os como (um)-TODO.

Como (uma)-escola-keynesiana fundamenta-se em (um)-princípio de que “há” em cada (um) dos ciclos económicos, (uma)-não-auto-regulação como pensavam como (um)-“haver” cada (um) dos economistas neoclássicos. E posto que cada (uma) das escolas keynesianas afirma que é (um)-espírito-animal o que “há” em cada (um) dos empresários é que os determina enquanto (um)-início e (um)-fim de cada (um) dos ciclos económicos, que a partir de cada (uma) destas considerações acima acerca de (um)-tempo é ontofenomenologicamente de (um)-ponto-de-vista-científico-e-económico, (uma)-consideração-neoclássica.

Entretanto, como (um)-keynesianismo defende, desta forma, que (um)-início e (um)-fim de cada (um) dos ciclos económicos é (uma)-decorrência de (um)-animal-spirit, como também, de (uma)-(in)capacidade-estrutural-capitalista. O que se pode afirmar é que através de cada (uma) das

---

<sup>399</sup> Conceito estabelecido pelo filósofo e economista britânico Adam Smith (1723-1790), segundo o qual em (uma)-economia-de-mercado, apesar da (in)existência de (uma)-entidade coordenadora do interesse comunal, “há” interação em e «entre» cada (um) dos indivíduos. O que parece resultar de (uma)-determinada-ordem, como se “houvesse” (uma)-“mão invisível” que orientasse a economia. Desta forma, a “mão invisível” a qual o filósofo iluminista mencionava, fazia menção ao que hoje chamamos de “oferta e procura”.

interacções linguísticas, *ergoñgenicamente*, cada (uma) das estruturas económicas consegue empregar cada (um) dos que querem trabalhar por (um)-definido-ordenado-de-equilíbrio (valor). A partir do que cada (uma) das escolas keynesianas defende que (uma)-intervenção de (um)-ESTADO em (uma)-estrutura-económica de (uma)-sociedade é de extrema importância.

Pois é desta forma, que (uma)-teoria-keynesiana atribui à cada (um) dos ESTADOS (um)-dever e (um)-direito de conceder cada (um) dos benefícios sociais e económicos que garantem a cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, (um)-padrão-mínimo-de-vida. O que, desta forma, é o que em (um)-keynesianismo defende-se como (um)-estabelecimento de (um)-ordenado-mínimo; de (um)-subsídio-(des)emprego e de (uma)-redução-da-jornada-de-trabalho. Mas que em cada (um) dos deveres e direitos que “há” a partir de (um)-ESTADO como o que se deve edificar para cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, o que se real(iza), desta forma, é o que como (uma)-ideia-interactiva-contractualista (estável) “há” ontofenomenologicamente como (uma)-existência-estrutural-axiológica-e-heurítica.

Posto que é (um)-facto que (uma)-jornada-de-trabalho, na altura de (uma)-Grande-Depressão, superava as 12 (doze) horas diárias de trabalho. Como também, a partir de (um)-keynesianismo, defendeu-se (uma)-assistência-médica-gratuita, em e «entre» muitos outros benefícios sociais. Para que, desta forma, a partir de cada (um) dos pressupostos de (um)-BEM-estar-social, (uma)-sociedade real(ize-se) na forma de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, como (uma)-real(idade)-minimamente-estável (interactiva), ou seja, engajada em cada (um) dos problemas sociais. O que permite que cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, exista sistémica e interactivamente, como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

Mas como (um)-argumento-central de Keynes para justificar (uma)-intervenção de (um)-ESTADO em (uma)-economia, é o que se real(iza) a partir de (um)-nível-de-emprego que não se determina através de (um)-preço-do-trabalho, como defendia cada (um) dos economistas neoclássicos, outrossim, através de cada (um) dos gastos efectuados na forma de (um)-ENTE-axiológico que, a partir de (um)-dinheiro define-se na forma de cada (uma) das demandas agregadas<sup>400</sup>.

O que a partir desta afirmação é, desta forma, o que Keynes argumenta que é (um)-equivoco assumir que (um)-MERCADO-competitivo irá ao longo de (um)-prazo-dilatado (longo prazo), levar à (um)-PLENO-EMPREGO ou que (um)-PLENO-EMPREGO é (uma)-condição-de-equilíbrio-*physis*-existencial em (uma)-economia-MONETÁRIA. Posto que ao longo de (um)-tempo (prazo) o que se

---

400 Em macroeconomia, demanda agregada é a procura total por um bem ou serviço que os consumidores desejam adquirir em (uma)-economia, por um preço definido em um dado momento de mercado e nível de preço, ou seja, o total de bens ou serviços em (uma)-economia, que será adquirido em todos os níveis de preços possíveis. Definição colhida, a partir de “*Economics: Principles in action*”, de Arthur Sullivan e Steven M. Sheffrin. Upper Saddle River, New Jersey: Pearson Prentice Hall, ISBN 0-13-063085-3.

real(iza) como (uma)-forma-real(idade)-interactiva (estável), é (uma)-realidade-instável (absoluta). O que se (im)possibilita enquanto (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

Muito pelo contrário, segundo Keynes, cada (uma) das condições de sub-emprego e de sub-investimento é o que se afirma como provável enquanto (uma)-condição-*physis*-existencial que “há” em cada (uma) das economias MONETÁRIAS. A menos que medidas activas sejam tomadas por (um)-agente-económico, mais especificamente, por (um)-ESTADO.

O que implica, segundo Keynes, que não é (uma)-falta de (uma)-competição na forma de (um)-MERCADO, o que se instala como (um)-problema-fundamental na forma de (uma)-economia-MONETÁRIA. Como também não é (um)-definido-salário-de-equilíbrio, o que se define a partir da forma de (uma)-redução como (uma)-solução para (uma)-redução-do-(des)emprego. Pois cada (uma) das soluções salariais, de (um)-ponto-de-vista-keynesiano, para além de (in)sensível não é eficaz à promoção de (um)-PLENO-EMPREGO.

Pois para que haja (um)-PLENO-EMPREGO, é preciso que cada (um) dos factores de produção [TERRA – na forma de recursos naturais ; TRABALHO – na forma de sistemas vivos humanos ; e CAPITAL – na forma de máquinas, equipamentos e instalações], esteja em (um)-equilíbrio-interactivo (estável) tanto relativamente à (uma)-oferta, quanto relativamente à (uma)-demanda.

Posto que se (um)-equilíbrio-interactivo (estável) não existir e manifestar-se, não “há” (um)-PLENO-EMPREGO. Isto porquê (um)-PLENO-EMPREGO é sempre (uma)-interacção (estável), em e «entre», (uma)-oferta, (uma)-demanda e cada (um) dos agentes económicos que “há” enquanto cada (um) dos factores de produção.

Mas se somente àqueles que aceitam (um)-definido-salário-de-equilíbrio abdicarem de cada (uma) das estruturas axiológicas individuais que lhes SÃO ontofenomenologicamente inerentes, com e em cada (uma) das existências linguísticas enquanto sistemas vivos humanas em (um)-ESTÁDIO-hierárquico, “há” (um)-estilo-de-vida-individualista-que-perdura, porquê (uma)-estrutura-axiológica-colectiva-não-se-instala. Posto que segundo (um)-keynesianismo, aceitar (um)-definido-salário-de-equilíbrio é o que permite que (uma)-condição-de-PLENO-EMPREGO real(ize-se) na forma de (uma)-sociedade-heurística.

### 13.1. (uma)-recessão e (um)-ESTADO: o laissez faire e a macroeconomia

Mas como (uma)-recessão, segundo às ciências económicas, é (um)-acontecimento com o qual se regula (uma)-economia-MONETÁRIA. E posto que tanto (uma)-oferta, quanto (uma)-demanda em (uma)-sistemática-económica, são acontecimentos que se real(izam) provocando-se como (des)equilíbrios constantes que (im)pedindo-se enquanto o que “há” em cada (um) dos

factores de produção [TERRA | TRABALHO | CAPITAL], que se real(izam) como (um)-equilíbrio. O que consequentemente, (in)viabiliza-se como (um)-PLENO-EMPREGO.

Entretanto, como em (uma)-economia-MONETÁRIA (uma)-fase-de-contracção é (uma)-alternância à (um)-período-de-crescimento-rápido que acontece a partir de (uma)-produtividade. É a partir de (uma)-produção, que se estabelece a forma de (um)-período-de-estagnação-ou-declínio. O que se real(iza) devido à (uma)-flutuação que “há”, em cada (uma) das actividades económicas. Pois é a isto que se convencionou definir como (uma)-recessão. (um)-movimento-que-se-opõe à (um)-período-de-crescimento definido como (uma)-prosperidade.

Mas tanto (um)-keynesianismo, quanto o economista marxista polonês Michal Kalecki (1899-1970), afirmam que cada (uma) das flutuações nas actividades económicas que “há”, enquanto cada (um) dos ciclos económicos, é o que como (uma)-flutuação que se relaciona com cada (uma) das oscilações que “há” nos patamares de (uma)-oferta e de (uma)-demanda. O que se enfatiza como (uma)-importância de (uma)-SOBRE-acumulação. (um)-importante-factor-de-equilíbrio em (uma)-economia-marxista, que também o é na forma de avaliação de (um)-subinvestimento em (uma)-economia-capitalista. O que permite (uma)-determinação de (um)-nível-produtivo que, segundo as ciências económicas, pretende garantir tanto (uma)-oferta, quanto (uma)-demanda na forma de (uma)-economia-capitalista.

Pois é a partir disto, que se pode afirmar que real(mente), Michal Kalecki (1899-1970) precedeu à John Maynard Keynes (1883-1946). Apesar de (uma)-Teoria-Geral-do-Emprego-do-Juro-e-da-Moeda ter sido publicada em 1936. Posto que foi «entre» 1933 e 1935 que Kalecki introduziu prematuramente muitos dos conceitos do keynesianismo.

Contudo, como a OBRA de Kalecki foi publicada em polonês, com algumas versões em francês, permaneceu (des)conhecida. Não sendo depois (re)conhecida como tal. Diante do que, inclusive no ano de 1936, foi publicado (um)-artigo que reivindicava (uma)-precedência de Kalecki à Keynes. Mas como o artigo foi escrito em polonês e nunca foi traduzido para o inglês, não teve repercussão alguma.

Diante disto, o que é importante é que o que Keynes definiu como (um)-animal-spirit, o que Kalecki argumentou e definiu como (uma)-expectativa determinada por (um)-grau-de-(in)certeza, o que é simultaneamente também, definido por (uma)-aversão-ao-risco. Diante do que, o economista americano Frank Hyneman Knight (1885-1972), em (uma)-OBRA publicada em 1921: “*Incerteza, Risco e Lucro*”<sup>401</sup>, argumentou que (um)-risco é (uma)--(in)certeza-mensurável, ou seja, (uma)-falsa-(in)certeza. E desta forma, (um)-risco é (um)-acontecimento que sendo (in)certo e (des)conhecido, acontece na forma de (uma)-disposição. Ou seja, em conformidade com (uma)-probabilidade.

---

401 Localizado em <http://www.econlib.org/library/Knight/knRUPCover.html> em 26 de Março de 2018.

Entretanto, é (um)-facto que é diante das formas de (um)-animal-spirit e de (uma)-expectativa que tanto Keynes, quanto Kalecki defendem que (um)-ESTADO deve actuar como (um)-agente-económico-importante em (uma)-manutenção de (um)-nível-de-negócios que garanta cada (uma) das actividades económicas como (uma)-sociedade. O que de (uma)-forma que se possa real(izar) é diante de cada (uma) das constantes flutuações que “há”, o que ao acontecer na forma de (um)-sistema-económico, instabiliza-se ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-sociedade-heurística. Pois é na forma de cada (um) dos ciclos económicos que se instala na forma de (uma)-produção, como (uma)-decorrência que na forma de (uma)-(in)certeza, é o que torna expectável ou não, (uma)-obtenção de LUCRO, o que pode aumentar ou diminuir (uma)-produtividade.

Diante do que, cada (um) dos NEOLIBERAIS em (uma)-actualidade vai afirmar que: (um)-MERCADO deve real(izar-se) livremente; sendo tão somente regulado por cada (uma) das leis que protejem cada (um) dos direitos a que se refere (uma)-propriedade. (uma)-visão-efectivamente efectuada em (um)-âmbito-microeconómico. O que contrapõe à partida, (um)-macro à (um)-micro, através de (um)-*laissez-faire* e de (uma)-economia-regulada.

Mas (um)-*laissez-faire* é como (um)-sistema-de-pensamento o que, desta forma, é o que se fundamenta a partir de alguns axiomas. E (um) dos elementos básicos de (um)-pensamento-*laissez-faire* é (um)-indivíduo que tem (um)-direito-*physis*-existencial que se real(iza) na forma de (uma)-LIBERDADE. Entretanto, (uma)-LIBERDADE é (uma)-ideia de (uma)-tradição-contractualista que na forma de (um)-estado-de-natureza-pré-contractual, real(iza-se) enquanto (uma)-LIBERDADE-PURA que “há” e na ausência de (uma)-ordem-social-contractualizada. Ao passo que diante da formação de (um)-contracto-social, cada (um) dos indivíduos envolvidos na forma de (uma)-sociedade, tem de abdicar de (uma)-LIBERDADE-PURA em prol de (uma)-protecção que se real(iza) através de (um)-ESTADO-soberano-e-protector.

Portanto, (um)-ideal-keynesiano-macroeconómico; que se contrapõe à (um)-*laissez-faire*-NEOLIBERAL-microeconómico; é o que se real(iza) «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social e a partir de (uma)-formalidade que tem a forma de (uma)-LIBERDADE. O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é o que se real(iza) enquanto (uma)-representação e a partir da forma de (um)-fetiche-interactivo (estável). Posto que ao projectar-se «sobre» (uma)-“coisa”-social o que é (uma)-representação. Isto é o que enquanto (uma)-representação, procura-se como (um)-controle de (uma)-real(idade) que se real(iza) enquanto (uma)-aparência-de-LIBERDADE.

E, desta forma, ao real(izar-se) na forma de (um)-LOGRO, é o que como (uma)-LIBERDADE que se real(iza) através da forma de (um)-fetiche-interactivo (estável) como (uma)-projectação que ao atravessar (um)-legalismo, acontece «sobre» a forma de (um)-ESTADO-soberano-e-protector, que se

estabelece, desta forma, como forma de (uma)-tradição-contractualista que “há” como (uma)-conformidade com (um)-ideal-NEOLIBERAL.

Contudo, o que se verifica é que Adam Smith (1723-1790), autor da OBRA: “*Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações*”; ao afirmar que (uma)-riqueza-das-nações resulta de (uma)-actuação de cada (um) dos indivíduos que, movidos inclusive e não apenas exclusivamente, por (um)-self-interest promove (um)-crescimento-económico e (uma)-inovação-tecnológica. O que se estabelece real(mente) como o que se real(iza) a partir de (um)-animal-spirit e na forma de (um)-self-interest ou de (uma)-expectativa, como o que se real(iza) enquanto (uma)-economia-MONETÁRIA-e-heurística.

Pois é a partir da forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico, que se configura em conformidade com (uma)-*ergoígenia*, que (um)-contracto-social a partir de (um)-*laissez-faire*, real(iza-se) como (um)-paradoxo. Ou seja, a forma de (um)-LOGRO que na forma de (um)-ESTADO, projecta-se «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social, emprestando-lhe a forma de (uma)-LIBERDADE. Ora, como pode “haver” (uma)-LIBERDADE-individual na forma de (um)-contracto-social, posto que, diante da forma de (um)-ESTADO é preciso abdicar de (uma)-LIBERDADE-*physis*-existencial para que (uma)-existência-contractual seja possível? E diante desta questão, afinal: o que é (um)-ESTADO?

Sem responder à questão relativa ao que é (um)-ESTADO, claro está que cada (uma) das análises à cada (um) dos argumentos acima colocados, de (um)-ponto-de-vista das ciências económicas, cinge-se apenas à cada (um) dos conceitos e a cada (uma) das oposições ou antonimias [existentes e manifestas], em e «entre», cada (uma) das representações real(izadas) para o efeito.

Posto que na forma de cada (uma) das representações é o que se real(iza) em cada (um) dos referentes discursivos, enquanto cada (uma) das condições que na forma de (um)-paradoxo, acontecem como acima referido e na forma de (um)-contracto-social que se estabelece e que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, [não existe nem se manifesta] como (uma)-diferença que “há” somente ontofenomenológica, em e «entre», o que propõe (um)-keynesianismo e (um)-NEOLIBERALISMO enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ONTOFILOGÊNICA.

Isto porquê diante de (um)-“haver” de (uma)-homeomorfia que “há”, em e «entre», (um)-keynesianismo e (um)-NEOLIBERALISMO que atravessa a forma de (um)-ESTADO é através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que se realiza na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), o que é e que “há” enquanto (uma)-inflamação-linguística que ao atravessar cada (um) dos discursos acerca de (uma)-real(idade), real(iza-se) como (um)-heurismo-económico-social-e-político.

Pois o que está nesta altura real(mente) em questão, é o que a partir da forma de (uma)-topologia-linguística, não é e não “há” o que “há” ONTOFILOGENICAMENTE em cada (um) dos

diversos pontos de vista contratualistas, keynesianistas ou neoliberalistas, mas «antes», o que “há” e é em cada (uma) das estruturas discursivas que “há” acerca de (uma)-real(idade), e que se definem na forma de (uma)-existência-económica, a partir de (uma)-existência-linguística enquanto (um)-heurismo.

Portanto, isto é o que se evidencia e que “há” como (uma)-contradição relativamente a cada (um) dos sistemas de observação aqui comentados. Posto que é o que em cada (uma) das contradições é verificável como o que tem (uma)-mesma-*physis*-existência-manifesta relativamente à cada (um) dos acontecimentos linguísticos até aqui tratados. Ou seja, é na forma de (uma)-prática-linguística o que se real(izam) como (uma)-inflamação-linguística que atravessa cada (uma) das interações como (um)-fetichismo.

Desta forma, conclui-se que tanto (um)-keynesianismo, quanto (um)-NEOLIBERALISMO lidam com (uma)-existência-económica de (um)-ponto-de-vista de (uma)-interacção que “há”, em e «entre», (um)-indivíduo e (um)-ESTADO. Mas aparentemente fundamentando-se em (uma)-diferença que se real(iza) na forma de (uma)-LIBERDADE. Isto porquê (um)-keynesianismo procura por (uma)-protecção que se real(iza) para cada (um) dos indivíduos envolvidos em (uma)-sociedade através da forma de (um)-ESTADO; e (um)-NEOLIBERALISMO procura por (uma)-LIBERDADE que se real(iza) para cada (um) dos indivíduos envolvidos em (uma)-sociedade ao atravessar a forma de (um)-ESTADO.

Pois cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) na forma de (uma)-economia, é o que enquanto (um)-discurso tem-se como (uma)-forma-interactiva (estável) que, na forma de (um)-keynesianismo, (um)-NEOLIBERALISMO ou (um)-contractualismo, é o que se edifica como (uma)-representação absolutamente diferente (instável) relativamente à (uma)-“coisa”-aparência que lhes é comum enquanto (uma)-forma-ESTADO. O que ao tomar a forma de (uma)-existência-económica, empresta-se na forma de (uma)-“coisa”-social como (uma)-representação que se real(iza) na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável).

O que segundo Adam Smith (1723-1790), leva à (uma)-competição-LIVRE em e «entre» cada (um) dos diversos fornecedores, levando não só à (uma)-queda-dos-preços-das-mercadorias, como também, à constantes inovações tecnológicas, que no afã de baratear (um)-custo-de-produção e vencer cada (um) dos demais competidores por (um)-MERCADO real(izam-se).

Assim, (um)-mercador ou comerciante movido apenas pelo próprio interesse (self-interest), é levado por (uma)-mão-(in)visível à promover o que nunca “fez” parte do interesse do mercador: (um)-BEM-estar-da-sociedade.



### 13.2. Keynes e o (des)emprego periódico

Mas a questão é que Keynes não concordava com a LEI-de-Say<sup>402</sup> que ao resumir-se, afirma que (uma)-oferta cria (uma)-demanda. E desta forma, também Thomas Malthus (1766-1834) não acreditava que (uma)-produção-constante-de-mercadorias geraria, sempre e obrigatoriamente, (uma)-demanda por cada (uma) das novas mercadorias em (um)-MERCADO.

Pois tanto para Keynes, como para Malthus, (uma)-LEI-de-Say ao criar (uma)-falsa-demanda que acreditavam (des)encadear (uma)-CRISE, como o que devido a (uma)-decorrência de (uma)-SUPER-produção, é como o que aconteceu na década de 1930. Posto que segundo Keynes e Malthus, (um)-LIVRE-MERCADO pode durante (um)-certo-período-de-tempo-recessivo, não gerar (uma)-demanda que garanta (um)-PLENO-EMPREGO de cada (um) dos factores de (uma)-produção. Facto que decorre, segundo Keynes, de (um)-entesouramento de cada (uma) das poupanças de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Condição diante da qual, entretanto, em cada (uma) das ocasiões de (um)-período-recessivo em (uma)-economia, seria aconselhável à que (um)-ESTADO que criasse déficits fiscais com (uma)-finalidade de aumentar (uma)-demanda-efectiva por cada (uma) das mercadorias e real(izar-se) como (uma)-situação-de-PLENO-EMPREGO.

Mas cada (uma) das teorias dos ciclos económicos, seja monetária ou não, tem (uma)-forma-diferente de abordar (uma)-mesma-questão. Interessando-se primordialmente por cada (um) dos problemas relativos à (um)-rendimento como também com (uma)-empregabilidade-flutuante. Posto que esta tipologia de problema já vem ocupando (um)-pensamento de cada (um) dos economistas “há” muito tempo devido à cada (uma) das consequências já experimentadas e observadas ao longo de (uma)-história da HUMANIDADE.

Pois cada (um) dos estudos mais antigos «sobre» cada (um) dos ciclos económicos, raramente empregavam evidências empíricas. Mas pelo menos nos Estados Unidos da América, (uma)-análise-macroeconómica-do-problema já existia desde meados do século XIX aquando do acontecimento de (uma)-GRANDE-DEPRESSÃO.

Diante do que Keynes “fez” (uma)-ênfase-do-problema recair inteiramente «sobre» cada (um) dos níveis de renda. O que, segundo Keynes, afetava cada (um) dos níveis de emprego. A partir do que constituiu-se como (uma)-ênfase-diferente da que se encontrava em cada (um) dos estudos macroeconómicos anteriores. Para mais, é provavelmente verídico que todo-(um)-

---

402 É a lei económica da preservação do poder de compra decorre do modelo que mantém oferta e demanda em identidade. Ao fim e ao cabo é (uma)-lei-económica que se real(iza) como (uma)-tautologia. A qual afirma que o [produto é igual à renda que é igual ao dispêndio]. O que tem como princípio de que tudo o que é consumido deve ser previamente produzido.

pensamento-económico-keynesiano tenha-se voltado para encontrar cada (uma) das causas, como também, (uma)-cura para (um)-((des)emprego-periódico. Diante do que ao não encontrar (uma)-solução-para-o-problema-de-(um)-((des)emprego em nenhuma das OBRAS «sobre» Economia Política existentes até à altura, Keynes passou à esforços exploratórios e teóricos que lhe permitiram (des)envolver (uma)-TEORIA-GERAL.

Por isto, ao desviar-se claramente de cada (uma) das teorias económicas anteriores, até mesmo das teorias de Alfred Marshall (1842-1924) que “havia” sido professor de Keynes, e o qual era considerado pela maior parte dos eruditos, como (um)-economista cuja teoria era considerada sacrossanta. Mas também é certo que muitas das teorias de Marshall combinavam com teorias de economistas anteriores, como James Lauderdale (1759-1839), Thomas Malthus (1766-1834), John Rae (1796-1872), Jean de Sismondi (1773-1842), Jean Baptiste Say (1767-1832), François Quesnay (1694-1774), «entre» tantos outros. Diante do que Keynes combinou teorias próprias com cada (um) dos (des)envolvimentos anteriores com (um)-objectivo-de-análise-e-(trans)formação de (um)-pensamento-económico que até então era aceito, “faze(ndo-o)” em (um)-grau que se real(izou) como (uma)-revolução.

Mas (um)-objectivo de Keynes ao defender (uma)-intervenção de (um)-ESTADO em (uma)-economia não era de forma alguma destruir (uma)-estrutura-capitalista-de-produção. Muito pelo contrário, posto que Keynes considerava (um)-capitalismo (uma)-estutura-económica que se “havia” (des)envolvido através de cada (uma) das interacções sociais e na forma de (uma)-HUMANIDADE, que de (uma)-forma-muito-eficiente e muito mais eficiente até do que (um)-socialismo, real(iza-se) como (uma)-sociedade-económica-viável.

Contudo, como (um)-objectivo de Keynes era aperfeiçoar (uma)-estrutura-capitalista unindo-a à (um)-altruísmo-social através de (uma)-intervenção de (um)-ESTADO, como também, atravessando cada (um) dos “instintos” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, para que cada (um) dos ganhos individuais em (uma)-economia, estrutural, sistémica e formalmente, realizasse (um)-atravesamento com cada (uma) das livres iniciativas privadas.

Pois é a partir de cada (uma) destas tipologias de acção que segundo Keynes, (uma)-intervenção-estatal em (uma)-economia “faz(ia-se)” como (uma)-necessidade. Porquê (uma)-união de cada (uma) das instituições em (uma)-sociedade, não acontece por (uma)-via-*physis*-existencial, devido à cada (um) dos problemas que na forma de (uma)-LIBERDADE é o que enquanto formalidade, real(iza-se) como (um)-LIVRE-MERCADO, tais como: (uma)-((des)proporcionalidade em e «entre» (uma)-poupança e (um)-investimento; e (um)-estado-de-ânimo ou (um)-espírito-animal que, segundo Keynes, “há” em cada (um) dos empresários envolvidos em (uma)-sociedade-económico-heurística.

Para mais, Keynes era (um)-economista-anti-inflação. Posto que declarava, que (uma)-inflação é (um)-confisco-de-renda por parte de (um)-ESTADO. Isto porquê muitos economistas em (uma)-comunidade-financeira, afirmavam que “há” (um)-risco-escondido em (uma)-inflação que se pode estabelecer ontofenomenologicamente como (um)-incentivo para (um)-falso-investimento. Pois ao substituir tanto (uma)-poupança, quanto (um)-entesouramento-de-riquezas a SER ontofenomenologicamente acumuladas por (uma)-produção ou por (um)-comércio-de-bens-e-serviços, isto é o que não se real(iza) como (uma)-forma-investimento, outrossim, como (uma)-realidade-absoluta (instável) que na forma de (um)-self-interest, não “há” para (uma)-(trans)formação-interactiva (estável).

Isto porquê segundo Keynes, (uma)-inflação, desta forma, deve SER ontofenomenologicamente vista como (uma)-expressão de (uma)-forma-de-LIVRE-MERCADO que ao real(izar-se) «sobre» (uma)-forma-valor, “há” e é em cada (uma) das “coisas” sociais como (uma)-temporalidade-axiológica, que na forma de (um)-dinheiro ou segundo (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-formalidade que atravessa (um)-ENTE-axiológico. O que “faz” de (um)-ENTE, como o que se real(iza) como (um)-*axios* «sobre» o qual se projecta (um)-mais-valor-temporal que depois de algum tempo provoca-se como (uma)-(des)valorização de (um)-TRABALHO, que enquanto (um)-meio-de-produção, é o que se real(iza) na forma de (uma)-tecnologia que, enquanto (um)-*axios* é o que na forma de (um)-ENTE, torna-se necessário para (des)valorizar todo-(um)-“haver” que “há” em (uma)-sociedade enquanto (uma)-forma-TRABALHO.

E desta forma, (uma)-inflação é o que se define como (uma)-forma-de-(in)certeza que ao valorizar (uma)-forma-ENTE, é o que atravessa (um)-*axios* que não se real(iza) como (uma)-forma-valor-determinado. Outrossim, como o que se (in)determina enquanto (uma)-forma-investimento, a partir de (uma)-forma-tempo que se SOBRESTIMA enquanto (uma)-forma-LUCRO ao atravessar (uma)-mercadoria que se (in)compatibiliza com (uma)-forma-TRABALHO.

### 13.3. Keynes x Alfred Marshall: intuitividade x racionalidade

Isto porquê nas ciências económicas, cada (um) dos sistemas vivos humanos é tratado como (um)-indivíduo que se define a partir de (uma)-racionalidade. O que torna cada (um) dos sistemas vivos humanos em (um)-SER-capaz ontofenomenologicamente, de tomar cada (uma) das decisões necessárias em (uma)-busca por cada (um) dos objectivos que define. E é desta forma, que se pode falar nas ciências económicas de (uma)-alocação-racional-de-recursos ou de (uma)-estratégia-económica-racional.

Mas relativamente à (um)-TRABALHO, (um)-sistema-topologia-linguística questiona-se se é possível pensar em termos de (uma)-racionalidade. Posto que para tal, é preciso (uma)-racionalização de cada (um) dos objectivos definidos por cada (um) dos tomadores de decisões, o que em cada (uma) das sociedades específicas em (uma)-real(idade), não se real(iza). Diante do que, “há” muitos debates que surgem acerca de cada (uma) das capacidades “real(mente)” racionais de cada (um) dos sistemas vivos humanos relativamente à cada (uma) das decisões.

Pois diante de cada (um) destes debates, muitos pensadores tem argumentado que “há” (uma)-forma-de-racionalidade-limitada que em cada (um) dos sistemas vivos humanos real(iza-se) como (uma)-ontofenomenologia. “Há” ainda outros pensando que ainda “há” (uma)-tipologia-de-racionalidade que em cada (um) dos sistemas vivos humanos, ao real(izar-se) nos moldes de cada (uma) das teorias de escolhas racionais, torna-se enquanto (uma)-forma-conceito, no que enquanto (uma)-condição é (in)útil para permitir (uma)-compreensão de cada (um) dos comportamentos de cada (um) dos sistemas vivos humanos relativamente a cada (uma) das decisões que se real(izam) no âmbito de (uma)-existência-económico-heurística.

A partir do que (um)-termo-HOMO-*economicus* foi criado como (uma)-forma-de-modelar cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-homem que enquanto (uma)-existência-económico-heurística, real(iza-se) através de cada (um) dos sistemas vivos humanos e na forma de cada (uma) das decisões possíveis, que racional e logicamente, consistem-se enquanto (uma)-forma-(i)moral-de-existência. Pois segundo o que defendia Adam Smith (1723-1790), cada (um) dos princípios morais deriva de cada (uma) das experiências históricas, como também, de cada (um) dos sentimentos que as determina, inclusive na forma de (uma)-Revolução. O que é em cada (um) dos processos produtivos, o que decorre de (uma)-revolução-industrial.

Pois desta forma, cada (uma) das paixões de cada (um) dos sistemas vivos humanos, tais como: apetite sexual, raiva, inveja, simpatia; segundo Smith orientam cada (uma) das decisões de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-forma-de-real(ização) HOMO-económica. Como também, o amor próprio e o egoísmo, a benevolência relacionada à cada (uma) das inclinações direccionadas para cada (uma) das necessidades sociais, como também, (uma)-consciência-racional que orienta cada (um) dos cálculos racionais que “há” em cada (uma) das decisões económicas.

Por isto, em grande parte, o ponto de vista de (um)-HOMO-*economicus* é racional, mas também (i)moral. Diante do que “há” que se chamar (uma)-atenção para (um)-facto de que cada (uma) das regras estabelecidas em (uma)-sociedade-económico-heurística, é definida à medida que cada (uma) das decisões de cada (um) dos HOMO *economicus*, torna-se eficiente e útil ou diante de (uma)-(in)eficiência-evidente.

Diante deste quadro, Henri Bergson (1859-1941) como (uma)-(re)acção a cada (uma) das vertentes científicas e filosóficas que se reduzem à (uma)-dimensão-espiritual de cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que a partir de cada (uma) das leis previsíveis e manipuláveis, afirma-se através de (uma)-intuição que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-existência-manifesta que ao interagir com cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto (uma)-real(idade), é o que como (uma)-intuição de (uma)-“coisa”-aparência, segundo Bergson, é a própria “coisa”-aparência enquanto [existência manifesta]. E é a partir desta afirmação bergsoniana que se pode afirmar que Jean-Paul Sartre (1905-1980) ao declarar que cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (uma)-intuição interage com (uma)-“coisa” que se atravessa como (uma)-aparência de (uma)-“coisa” que efectivamente real(iza-se) como existência manifesta enquanto (uma)-consciência que na forma de (um)-fenómeno “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

E a partir de cada (um) dos pensamentos, de cada (um) destes pensadores acerca de (uma)-consciência, pode-se afirmar que (uma)-real(idade) é (uma)-intuição. Entretanto, segundo Bergson, como (uma)-real(idade) que na forma de (uma)-experiência-intuitiva é empírica; e segundo Sartre, como (uma)-real(idade) que na forma de (uma)-experiência-intuitiva, real(iza-se) enquanto (uma)-real(idade) através de (uma)-consciência.

Mas o que (um)-sistema-topologia-linguística pretende com (uma)-distinção que “há” em e «entre» (um)-empirismo e (uma)-fenomenologia, é procurar compreender como se real(iza) (uma)-consciência, que em (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística é enquanto (uma)-real(ização)-económico-heurística, o que enquanto (um)-“fazer” ou (uma)-decisão, é (um)-escolher.

É bem verdade que (uma)-topologia-linguística real(mente) não está preocupada em distinguir (um)-empirismo de (uma)-fenomenologia, nem tampouco está empenhada em outras distinções, apesar de interessar-se pelo pensamento bergsoniano, como também, pelo pensamento sartriano enquanto negações de (um)-determinismo e de (uma)-reificação que, tanto de cada (uma) das escolhas quanto de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que também se nega enquanto o que “há” em cada (uma) das decisões.

Pois diante de cada (uma) das dificuldades de Keynes para encontrar cada (uma) das causas e cada (uma) das curas para (um)-(-des)emprego-periódico. Tanto diante de cada (uma) das soluções mais intuitivas, quanto diante de cada (uma) das soluções mais racionais, em não encontrando (uma)-solução nem em (uma)-economia-política, nem tampouco em (uma)-economia-social, procurou desviar-se de cada (uma) das teorias económicas vigentes, mesmo dos parâmetros metodológicos mais matemáticos e científicos de Alfred Marshall (1842-1924), que “havia” sido professor de Keynes, em (uma)-busca de (uma)-solução. Mas o que se sucedeu é que (um)-

(des)envolvimento-teórico-keynesiano não se real(izou) na forma de novas ideias, outrossim, através de combinações de cada (uma) das ideias oriundas de cada (uma) das teorias económicas anteriores.

Diante do que (um)-sistema-topologia-linguística pergunta-se se será possível (uma)-NOVA-ideia-ou-combinação, ou sequer (uma)-solução para cada (um) dos problemas económicos enquanto (uma)-existência-económica-heurística.manifesta?

E (uma)-resposta não se real(iza), porquê segundo (uma)-topologia-linguística, tanto (uma)-intuitividade, quanto (uma)-racionalidade SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, formalidades ontofenomenológicas que se real(izam) a partir de (um)-“fazer”, e que se definem ao atravessar (uma)-prática-linguística real(izando-se) como (uma)-real(idade). O que (uma)-topologia-linguística pode observar como o que é em cada (uma) das real(idades) que se edificam e a partir de cada (uma) das práticas linguísticas, como (um)-absoluto (instável) que enquanto (uma)-real(idade) é (uma)-estabilidade-(im)possível. O que define que a forma de cada (uma) destas práticas linguísticas é interactiva (estável).

E também permite que através de (um)-sistema-topologia-linguística, possa-se pensar que (uma)-solução para (uma)-real(ização) de (uma)-real(idade)-estável (interactiva) está na forma de (uma)-simultaneidade, e não na forma de (uma)-existência-económico-heurística-manifesta.

#### 13.4. As hierarquias e a privação de liquidez

Mas o que é (um)-facto, diante das ciências económicas e segundo (um)-pensamento-keynesiano, é que (um)-investimento depende de (uma)-interacção que “há”, em e «entre», (uma)-eficiência-marginal-do-capital e (uma)-taxa-de-juros.

Isto porquê Keynes ao não considerar como muitos dos economistas neoclássicos, (uma)-taxa-de-juros como (um)-custo-de-empréstimo-ou-de-financiamento, nem mesmo como (um)-custo-de-oportunidade, afirma-se enquanto o que na forma de (uma)-taxa-de-juros corresponde à (um)-retorno-proporcional que “há” a partir de cada (um) dos activos aplicados em (um)-MERCADO-financeiro. O que em relação a (um)-investimento em (um)-BEM-de-capital-produtivo ou em (uma)-diferença-de-valor que “há” em e «entre» (um)-BEM-de-capital e (um)-BEM-de-consumo, é o que se real(iza) como (um)-LUCRO que ao atravessar (uma)-taxa-de-juros é o que segundo Keynes, real(iza-se) a partir de *“uma medida da relutância daqueles que possuem dinheiro e da dificuldade que tem em desfazer-se do controle líquido que tem sobre este dinheiro”*. Ou seja, (uma)-taxa-de-juros é (um)-prémio que (um)-agente-económico recebe ao real(izar-se) economicamente enquanto (uma)-privação-de-liquidez.

(uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>403</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>404</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>405</sup>] que na forma de (um)-SAGRADO-PODER (origem), real(iza-se) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, que na forma de (um)-*schema* (σχῆμα<sup>406</sup>) é o que enquanto (um)-consumo e a partir de (um)-estímulo é como (uma)-real(ização) que “há” em (uma)-sociedade-económico-heurística, o que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida.

Portanto, (um)-LUCRO através de (uma)-taxa-de-juro é (um)-prémio-SAGRADO que ao SER ontofenomenologicamente sacralizado, estabelece-se como (um)-*axios* que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que permite que em e «entre» (um)-sistema-vivo-humano e OUTRO, aconteça (uma)-estrutura que na forma de (uma)-ideia, considera-se *physis* existencial e manifesta-se enquanto (um)-((des)emprego-periódico).

Desta forma, (uma)-solução ou (um)-heurismo não está em (um)-investimento ou em (uma)-economia-política-ou-social. Mas na forma de (uma)-existência-linguística. Contudo, (um)-sistema-topologia-linguística acha temerário afirmar que “há” (uma)-ideia em (uma)-existência-axiológica que é responsável por cada (uma) das CRISES que “há” em (uma)-real(idade) que se pode observar, como o que ao atravessar (uma)-topologia-linguística como (uma)-existência-instável ou absoluta, realiza-se como (uma)-realidade-ONTOFILOGÊNICA.

Pois esta é (uma)-questão que existe é que “há” como (uma)-fronteira muito ténue, em e «entre», (uma)-coerção e (uma)-convenção que enquanto (uma)-manifestação “há” em cada (um) dos aspectos desta “tenuidade”, como o que se fundamenta enquanto (uma)-estrutura-axiológica.

Então, como se pode falar em (uma)-solução? Eliminar (um)-ENTE-axiológico real(iza-se) como (uma)-solução?

Provavelmente não. Pois segundo (um)-sistema-topologia-linguística, cada (uma) destas soluções real(iza-se) na forma de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável). O que se edifica como (uma)-real(idade)-absoluta (instável). Isto porquê real(mente) em (uma)-existência-heurística o que “há” é (uma)-existência-“em-si” não (trans)fixável. O que (im)pede (uma)-edificação de (uma)-existência-“para-si”. Posto que é na forma de (uma)-existência-linguística que “há” enquanto (uma)-HUMANIDADE, que o que se real(iza) SOBRE-estrutural-e-SIGNICAMENTE é (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)].

403 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

404 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

405 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

406 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

### 13.5. A Teoria dos Jogos e a Economia de MERCADO

Entretanto, “há” o trabalho de Jonh Forbes Nash (1928-2015) que deu à economia, novos meios analíticos para estudar (um)-comportamento-humano. Posto que desde a metade do século XX, cada (um) dos economistas desde “há” muito tempo, já se encontravam muito (in)satisfeitos com cada (um) dos conceitos que levava sempre até a (uma)-(in)evitavelmente-mão-(in)visível, proposta por Adam Smith (1723-1790), que desta forma é enquanto (uma)-formalidade o que “há” para explicar (um)-alinhamento em e «entre», (uma)-oferta, (uma)-demanda e (uma)-definição-de-preços. Pois “havia” (um)-grande-número-de-transações-económicas nas quais cada (uma) das hipóteses que embasavam-se com (uma)-mão-(in)visível não se verificavam como possíveis enquanto formas matemáticas.

Por outro lado, como em muitos MERCADOS eram poucas as empresas que dominavam (um)-comércio-internacional que, desta forma, era afetado por barreiras implícitas e explícitas; cada (um) dos governos precisava encontrar mecanismos para “controlar” cada (uma) das transações através dos preços de determinados BENS, como também, através de cada (um) dos outros direitos de exploração de insumos naturais. E (uma)-mão-(in)visível embora influencia-se em cada (uma) destas situações de alguma forma, não explicava cada (uma) delas com a exatidão que se precisava.

Desta forma, como cada (uma) destas interações real(izava-se) como (um)-jogo, é daí que vem (uma)-definição de “*Teoria dos Jogos*” que desde 1713, com as primeiras referências conhecidas a partir das correspondências de James Waldegrave (1684-1741) à Nicolas Bernoulli (1687-1759).

Mas é a partir de (uma)-contribuição de Jonh Nash (1928-2015) que (um)-sistema-topologia-linguística procura estender-se como (uma)-ideia-dos-jogos e de (uma)-forma-jogo, para cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. E desta forma, é o que como a vitória de (um)-jogador-de-xadrez é sempre completa, como também, (uma)-derrota-do-oponente. O que se pode afirmar que “há” como situações estratégicas mais amplas, e as quais Nash (des)envolveu na forma de (um)-conceito-de-equilíbrio.

E desta forma, (um)-(des)fecho de (um)-problema no qual cada “jogador” precisa compreender cada (uma) das estratégias dos demais “jogadores”, torna-se em cada (um) dos jogadores, (in)capaz de melhorar (uma)-posição-individual-no-jogo, sendo obrigado a adotar (uma)-solução-alternativa. Pois diante do problema que lhe impõe (um)-jogo, cada (um) dos economistas experimentais usa (uma)-teoria-dos-jogos, como também, (um)-conceito de “equilíbrio



de Nash”, para (des)cobrir que em certas circunstâncias, cada (um) dos sistemas vivos humanos tende a comportar-se (ir)racionalmente.

E para espanto de cada (um) dos economistas, (des)cobriram que isto ocorre com frequência. Porquê cada (uma) das acções de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é dominada por cada (uma) das normas sociais e ideias de equidade que não são por isto como (uma)-racionalidade.

Pois é a partir de cada (uma) destas conclusões, que (uma)-topologia-linguística tem interesse no estudo da Teoria dos Jogos. Visto que em cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, (uma)-topologia-linguística afirma [existir e manifestar-se] (uma)-simultaneidade-contínua que “há”, e a qual Nash definiu como (um)-“equilíbrio”, o que em (um)-sistema-topologia-linguística define-se como (uma)-antonimia que na forma de [(um)-absoluto (instável) x (um)-interactivo (estável)] é, desta forma, o que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-contínua-[adjectivo | substantivo].

(uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], real(iza-se) como (uma)-representação que em (um)-REAL (adjectivo) é (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação], mas não (uma)-(ir)racionalidade, nem tampouco (uma)-racionalidade, outrossim, (uma)-simultaneidade que atravessa (uma)-*ergógenia*.

Sendo está a importância do (um). Posto que, segundo Alain Badiou (1937), em “*O Ser e o Evento*”, o (um) e o MÚLTIPLO SÃO ontofenomenologicamente a mesma existência manifesta, sendo a antonimia do (um), o não-(um), ou seja, a não existência manifesta. Entretanto, como não-(um) é (uma)-existência-linguística e em (uma)-topologia-linguística, (uma)-existência-linguística é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que na forma de (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-representação.

Portanto, (um)-não-(um)-“há”, porquê, todo-(um)-“há” inclusive (um)-não-(um) que é (uma)-não-existência-manifesta. O que desta forma, torna o NOVO em (uma)-topologia-linguística, como o que não-é-(uma)-não-existência que se real(iza) como (uma)-existência-manifesta, outrossim, o (um) enquanto (uma)-escolha-FINITA, que diante da (im)possibilidade de escolher todas as possibilidades de escolhas que existem, é o que se real(iza) como (uma)-tendente-(IN)FINITUDE-de-possibilidades na FINITUDE de (uma)-escolha.

Assim, (um)-NOVO, em (uma)-topologia-linguística, é (uma)-simultaneidade-[absoluta (instável) | interactiva (estável)], ou vice-versa, tendente à (uma)-(IN)FINITUDE que se real(iza) na forma de [(um) ou (uma)], e que enquanto ONE<sup>407</sup> é (uma)-FINITUDE-de-escolhas.

---

407 Ver INTRODUÇÃO, item VII. O termo “ONE”: (uma)-analogia.

#### 14. As correntes NEOLIBERAIS e a crise financeira de 2008

A partir do que ao pensar acerca do NEOLIBERALISMO, inicialmente pode-se afirmar que (uma)-denominação-NEOLIBERAL tem a mesma conotação que o termo “neoclássico” na História da Arte. Pois quando se afirma que “há” (uma)-existência-de-governo-NEOLIBERAL, (uma)-utilização do prefixo NEO não se refere a (uma)-NOVA-corrente-do-liberalismo, outrossim, a (uma)-aplicação de algumas das práticas liberais consagradas, que entretanto, em (um)-contexto-histórico-NOVO e diverso no tempo e no espaço do qual foram inicialmente praticados e formulados é (uma)-(realização).

Do que se pode afirmar que desde o final da Idade Média “há” (uma)-ascensão de (um)-liberalismo que já estava manifesta. Pois as deslocções e (uma)-diminuição-da-população-europeia como consequência de (uma)-PESTE, reflectiu-se na estrutura social e económica da altura. Pois as terras menos produtivas foram abandonadas e os sobreviventes puderam adquirir terras mais férteis.<sup>408</sup> Desta forma, (uma)-servidão diminuiu na Europa Ocidental já que muitos camponeses do Ocidente conseguiram converter (um)-pagamento-em-trabalho para (uma)-renda-monetária.

Mas na Europa de Leste, (uma)-servidão voltou a SER ontofenomenologicamente frequente. Posto que cada (um) dos senhorios impunha, nesta altura, a cada (um) dos inquilinos livres, (uma)-servidão em troca de protecção.<sup>409</sup> (uma)-provável decorrência da queda do Império Bizantino e ascensão do Império Otomano na Europa Oriental.

Contudo, a percentagem de servos em e «entre» os camponeses desceu de (um)-máximo de 90% (noventa por cento), para 50% (cinquenta por cento) já no final do século XV e início do século XVI.<sup>410</sup> Entretanto, como os senhorios tornaram-se mais conscientes de cada (um) dos interesses que tinham em comum, reuniram-se de forma a exigir privilégios aos governos.<sup>411</sup> Por outro lado, (uma)-literacia também se tornou habitual fora do clero e a população urbana começou a demonstrar interesse pela cavalaria em e «entre» outros costumes. Posto que procuravam assemelhar-se à nobreza.<sup>412</sup>

Entretanto, como (uma)-doutrina e esforço intelectual, (um)-liberalismo iniciou-se na Europa dos séculos XVI e XVII. Mas (uma)-primeira-e-efectiva-acção de (uma)-actividade-liberal aconteceu com (uma)-Revolução-Americana a partir do que (um)-liberalismo-pleno manifestou-se como (um)-movimento-global contra (uma)-tradição-sistémica-já-antiga, e durante (uma)-

---

408 An Economic and Social History of Later Medieval Europe, Steven Epstein (2009), página 184-185.

409 Idem, página 246-247.

410 Jeffrey Singman (1999), Daily Life in Medieval Europe. Col: Daily Life Through History, página 08.

411 Maurice Keen (1988), The Pelican History of Medieval, página 234.

412 Malcolm Vale (1998), The Civilization of Courts and Cities in the North, página 346-349.

Revolução-Francesa que se (de)marcou como (um)-ritmo de (des)envolvimento histórico do liberalismo.

No século XVII, já início do século XVIII, (uma)-influência-do-pensamento de John Locke (1632-1704), através de (uma)-filosofia-política, já era sentida e fundamentava (uma)-noção-de-governo-consentido. O que ajudou a derrubar (um)-absolutismo em Inglaterra. E também afirmava-se que cada (um) dos sistemas vivos humanos ao nascer tinha (um)-direito-natural. O que mais especificamente definia-se como (um)-direito-à-vida-à-liberdade-e-à-propriedade. E para (uma)-manutenção-garantida de cada (um) dos direitos naturais, cada (um) dos sistemas vivos humanos (re)unia-se através de (um)-contracto-social, para formar (uma)-sociedade e criar (um)-governo, (uma)-ideia-tipicamente-contractualista.

Portanto, (um)-direito-natural de cada (um) dos sistemas vivos humanos, era fundamental e tinha que SER ontofenomenologicamente respeitado por (um)-ESTADO. E foi cada (um) destes ideais liberais, que se evidenciaram como os mais importantes para (uma)-formação de (um)-LIVRE-MERCADO, como também, de cada (uma) das liberdades civis. O que moldou (uma)-história-do-liberalismo no século XVIII, «antes» e durante (uma)-Revolução-Francesa.

Mas as origens do que hoje se chama NEOLIBERALISMO, remetem-se à Escola Austríaca que ao final do século XIX, no ano de 1871, com (uma)-publicação de Carl Menger (1840-1921) – “*Die Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*” – marcou-se como (um)-ano-de-fundação. Pois a partir desta OBRA, notabilizaram-se cada (um) dos fundamentos de (uma)-teoria-do-valor-económico, como também, através de (uma)-minuciosa-descrição de Menger, cada (um) dos processos de produção e consumo. O que promoveu que (um)-número-de-definições estabelecidas por Menger viessem a SER ontofenomenologicamente incorporadas em (uma)-ortodoxia-económica já logo no início do século XX.

Contudo, não se pode esquecer que já no século XX, (uma)-influência de Friedrich Hayek (1899-1992) deve SER ontofenomenologicamente considerada. Posto que Hayek era (um)-propositor de (uma)-BASE-filosófica-e-económica para (um)-NEOLIBERALISMO, como também, (uma)-influência de Ludwig von Mises (1881-1973) que era (um)-propositor de (uma)-praxeologia<sup>413</sup>. Ambos membros e representantes importantes da Escola Austríaca de Economia.

Entretanto, como a Escola Austríaca adotara como fundamentos económicos a Lei de Say<sup>414</sup> e a Teoria Marginalista<sup>415</sup>, veio a SER ontofenomenologicamente contestada por Keynes. Que ao

413 É (uma)-metodologia que tenta explicar a estrutura lógica da ação humana.

414 É a lei económica da preservação do poder de compra decorre do modelo que mantém oferta e demanda em identidade. Ao fim e ao cabo é (uma)-lei-económica que se real(iza) como (uma)-tautologia. A qual afirma que o [produto é igual à renda que é igual ao dispêndio]. O que tem como princípio de que tudo o que é consumido deve ser previamente produzido.

415 Teoria Económica que afirma que o preço final de qualquer produto é também determinado pela relação oferta / demanda, e não somente pelo custo de produção, tal como defendiam os economistas clássicos.

formular na década de 1930, cada (uma) das ideias de (um)-keynesianismo, visava (uma)-(re)construção de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social. A partir do que defendia que era através de (um)-controle-do-ESTADO de cada (uma) das políticas económicas, que se deveria implementar (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social.

Isto porquê (um)-liberalismo enfatizava (uma)-influência de (um)-PODER-de-organização-espontânea de cada (um) dos mecanismos de preços em (uma)-sociedade. Pois (uma)-Escola-Austríaca-de-Economia afirma que “há” (uma)-complexidade em cada (uma) das escolhas de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Que sendo subjectivas, “faze(m-se)” como o que é extremamente difícil ou até (in)decidível, enquanto (uma)-modelação-matemática de (um)-MERCADO em evolução. Por isto defendiam a partir desta forma, (uma)-abordagem-*laissez-faire* de (uma)-economia.

Desta forma, cada (um) dos economistas liberais defende (uma)-estrita-e-rigorosa-aplicação de cada (um) dos acordos contractuais voluntários, que se estabelecem em e «entre» cada (um) dos agentes económicos. Posto que afirmam: cada (um) das transações comerciais deve estar sujeita a menor (im)posição possível de cada (uma) das forças coercitivas de (um)-ESTADO, governo ou administração corporativa.

Mas foi somente a partir de 1947, que (um)-liberalismo (re)ssurgiu na forma de (um)-NEOLIBERALISMO. Posto que “houve” (um)-encontro que se tornou célebre em e «entre» (um)-grupo-de-intelectuais-liberais-e-conservadores em (um)-vilarejo-suiço chamado Mont Pèlerin. Encontro no qual se fundou (uma)-sociedade-de-activistas que se opunha a cada (uma) das políticas de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social. Pois eram consideradas colectivistas e cerceadoras das liberdades individuais.<sup>416</sup>

Denominada Sociedade Mont Pèlerin, dedicou-se a difundir e propagar cada (uma) das ideias conservadoras e liberais de (uma)-Escola-Austríaca e também a combater ideologicamente cada (um) dos pensadores que divergem de (um)-NEOLIBERALISMO. E com este objetivo, (uma)-Sociedade-Mont-Pèlerin promove até aos dias actuais, conferências e publicação de livros, como também, mantém sítios na internet que divulgam e defendem (um)-NEOLIBERALISMO. Contam ainda na Sociedade com a colaboração de vários economistas com formação académica relevante, tais como: Jesus Huerta de Soto (1956), ex-vice-presidente da Sociedade e professor na Universidade de Madrid, «entre» tantos outros.

Mas os ideais liberais começaram a atrair mais simpatizantes no meio da Segunda Guerra Mundial, depois da publicação, em 1942 no Reino Unido, do Relatório Beveridge. (um)-plano-do-governo-britânico elaborado pelo economista liberal William Beveridge (1879-1963), segundo o

416R. M. Hartwell. A History of Mont Pelerin Society, Liberty Fund, 1995, ISBN 0865971366

qual depois de (uma)-vitória na Segunda Guerra Mundial, (uma)-política-económica-britânica deveria orientar-se no sentido de promover (uma)-ampla-distribuição-de-renda. Recomendando investimentos generalizados em (um)-sistema-de-BEM-estar-social, com (uma)-finalidade-de-mitigar o que Beveridge identificou como os “cinco grandes” males de (uma)-sociedade: miséria, ignorância, deficiência, ociosidade e doença.

Como foi publicado no meio da Segunda Guerra Mundial e prometia recompensas para cada (um) dos cidadãos britânicos em (um)-pós-guerra, alcançou enorme popularidade com o público, fomando (uma)-BASE para cada (uma) das reformas a serem implementadas no pós-guerra, e que ficaram conhecidas como ESTADO-de-BEM-estar-social.

Mas os anos de guerra também viram melhorias em cada (uma) das condições de trabalho, como também, provisões de BEM-estar-social. O que abriu (um)-caminho para (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social no Reino Unido de (um)-pós-guerra. Pois os serviços infantis e de maternidade foram ampliados já em Junho de 1940, como também, o Comitê de Política Alimentar Oficial, presidido pelo então líder trabalhista Clement Attlee (1883-1967) que aprovou doações de combustível e leite subsidiado para mães e crianças menores de cinco anos. E no mês seguinte, o Conselho de Educação decidiu que as refeições escolares gratuitas deveriam tornar-se mais amplamente disponíveis.

Em Fevereiro de 1945, 73% (setenta e três por cento) das crianças recebiam leite na escola, em comparação com os 50% (cinquenta por cento) de Julho de 1940. “Houve” ainda vacinação gratuita contra a difteria, que também foi fornecida para as crianças na escola. Para além disto, a Lei de Planeamento Urbano e Territorial de 1944, que considerou cada (uma) das áreas danificadas pelos bombardeios, o que permitiu que as autoridades locais limpassem cada (uma) das favelas existentes. Enquanto, por outro lado, (uma)-Lei-de-Habitação aprovada no mesmo ano de 1944, disponibilizou £ 150 (cento e cinquenta) milhões de Libras para (uma)-construção-de-habitações-para-acomodação-temporária.

(uma)-defesa desta tipologia de programa social, tornou-se na marca com a qual (um)-Partido-Trabalhista-britânico venceu as eleições de 1945. O que colocou em prática cada (um) dos princípios de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social. Contra os quais Friedrich Hayek (1899-1992), que se “havia” nacionalizado britânico em 1938, insurgiu-se ao afirmar que esta tipologia de programa social levaria (uma)-civilização ao colapso.

Hayek em (uma)-publicação de 1944 – “*O Caminho da Servidão*” – expôs cada (um) dos princípios básicos desta teoria, segundo os quais (um)-crescente-controle-do-ESTADO é (um)-caminho que leva à (uma)-completa-perda-da-liberdade. Afirmando que se os Trabalhistas

continuassem no PODER, levariam a Grã-Bretanha ao mesmo caminho dirigista que os nazis “havam” imposto à Alemanha «antes» da Segunda Grande Guerra.

Mas esta era (uma)-posição-de-Hayek que não se baseava, exclusivamente, em cada (uma) das leis económicas ou na ciência PURA de (uma)-economia, outrossim, (uma)-evidência-PURA de (uma)-componente-político-ideológica. O que em parte explica (um)-porquê de (um)-economista-socialista Gunnar Myrdal (1898-1987), (um)-teórico-sueco que inspirou (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social-capitalista, ironicamente ter dividido (um)-Prémio-Nobel-de-Ciências-Económicas em 1974, com (um)-rival-ideológico Hayek, cujo livro “*O Caminho da Servidão*” tornou-se (uma)-referência para cada (um) dos defensores de (um)-capitalismo-*laissez-faire*.

Assim, na década de 1950, tem origem nos Estados Unidos da América, (uma)-NOVA-escola-liberal-de-pensamento-económico, a então chamada Escola de Chicago. (um)-termo que foi concebido para referir-se a cada (um) dos professores NEOLIBERAIS que lecionavam no Departamento de Economia da Universidade de Chicago, como também, a cada (um) dos pensadores NEOLIBERAIS de áreas académicas relacionadas ao Departamento de Economia da Universidade de Chicago, como a Escola Superior de Administração e a Faculdade de Direito.

E neste grupo de professores estavam: Frank Night (1885-1972), George Stigler (1911-1991) e Milton Friedman (1912-2006) que «entre» outros, em 1935, como inicialmente não conseguiu encontrar emprego na área académica, foi para Washington onde o Presidente Franklin Roosevelt (1882-1945), com o NOVO ACORDO foi (um)-salva-vidas para muitos economistas jovens.

De facto, Friedman posteriormente concluiu que (uma)-intervenção-do-ESTADO que foi associada com o NEW DEAL, foi (uma)-cura-errada-para-a-doença-errada, defendendo que (uma)-oferta-monetária, nesta altura, deveria ter sido expandida ao invés de SER ontofenomenologicamente contraída. Opinião que muitos outros economistas liberais, na altura, partilhavam e que pode ter aberto (uma)-primeira-porta para (uma)-CRISE-financeira-mundial que se iniciou no ano de 2007-2008.

#### 14.1. As culpas do liberalismo clássico e os ideais NEOLIBERAIS

Pois diante do “haver” de (uma)-CRISE que foi precipitada em 2001 e iniciada na década de 1990, a qual se caracterizou por (uma)-forte-alta-nos-títulos-mobiliários de cada (uma) das novas empresas de tecnologia que, baseadas na internet, definiram (uma)-CRISE que na forma de (uma)-bolha-da-internet real(izou-se). Isto porquê acredita-se que o auge da especulação, que terá acontecido em 10 de Março de 2000 com (um)-índice-NASDAQ chegando aos 5.132,52 pontos,

deve-se a cada (um) dos factos que se real(izam) a partir de (uma)-combinação de cada (um) dos factores que contrastam, em e «entre», (um)-keynesianismo e (um)-NEOLIBERALISMO.

Mas chama-se (uma)-atenção de que, segundo (uma)-topologia-linguística não “há” contrastes, em e «entre», cada (uma) das correntes de pensamento económico keynesiana ou NEOLIBERAL, outrossim, o que “há” são estruturas axiológicas que ao projectarem-se «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, (trans)formam-se enquanto (uma)-“coisa”-aparência e através de (um)-fetiche-interactivo (estável), na forma de cada (uma) das representações que SOBRE-estrutural-e-SIGNICAMENTE, projectam-se «sobre» (uma)-real(idade), real(izando-se) axiologicamente «sobre» cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-REAL-topológico.

Entretanto, (uma)-topologia-linguística não nega cada (um) dos factos que marcam este período como (uma)-bolha-da-internet enquanto (uma)-combinação-de-factores-importantes e que de (um)-ponto-de-vista das ciências económicas, (sobre)ssaem-se na forma de (um)-rápida-alteração-nos-valores de cada (um) dos títulos mobiliários de cada (uma) das empresas “ponto com”, como também, em (uma)-confiança em (um)-MERCADO-específico de cada (uma) das empresas “ponto com”. Posto que “havia” (uma)-crença em LUCROS-futuros que em cada (uma) das operações comerciais e de prestação de serviços de cada (uma) das empresas da internet; por isto “havia-se” como (uma)-especulação em cada (um) dos títulos individuais de cada (uma) das empresas “ponto com”.

O que se “fez” acompanhar por (uma)-ampla-disponibilidade-de-capital-de-risco; definindo cada (um) dos acontecimentos que devido às baixas taxas de juros que eram praticadas pela Reserva Federal Americana nos anos de 1998-1999, ajudou a aumentar cada (um) dos montantes de capital de arranque. Criando (um)-ambiente-ideal para que muitos investidores, «antes» não dispostos a correr riscos, ignorassem cada (uma) das métricas tradicionais em prol de (um)-risco-mais-elevado.

E cada (um) destes factores, evidenciou-se em (uma)-actuação de (um)-ESTADO. Mas curiosamente, é (im)possível afirmar que “há” (uma)-culpa de (um)-liberalismo, posto que “havam” condições pleiteadas por ambas as correntes de pensamento económico e que aconteciam simultaneamente.

Portanto, cada (um) destes factores influenciou (uma)-mudança-muito-rápida-nas-estratégias-de-MERCADO. Segundo (um)-pensamento-económico, PRIMEIRO devido a (uma)-falta-de-cautela na aplicação de cada (uma) das regras conhecidas em (um)-MERCADO-(des)conhecido e que ainda se encontrava (des)regulado; e depois, por (uma)-opção de deixar que (um)-MERCADO auto-regulasse tanto (uma)-real(ização)-de-valores, quanto cada (uma) das regras para (uma)-negociação-dos-títulos.

O que diante deste caso específico, não se pode afirmar com (uma)-certeza-clara enquanto (uma)-prática-NEOLIBERAL. Apesar de caracterizar (uma)-prática-de-LIBERDADE que permitiu (uma)-real(ização) de (uma)-bolha. Porquê cada (uma) das empresas “ponto com”, ao oferecer tanto serviços, como produtos finais sem custos para (um)-consumidor, acreditavam que durante (um)-período-de-perda, poderiam (re)financiar-se com (um)-capital-de-risco, como também, com cada (uma) das ofertas públicas iniciais de títulos com (uma)-finalidade-ÚNICA: cumprir cada (um) dos compromissos financeiros operacionais. Posto que cada (uma) das operações comerciais ou de prestação de serviços, não resultavam em LUCROS.

FIGURA 004 – JUROS FED

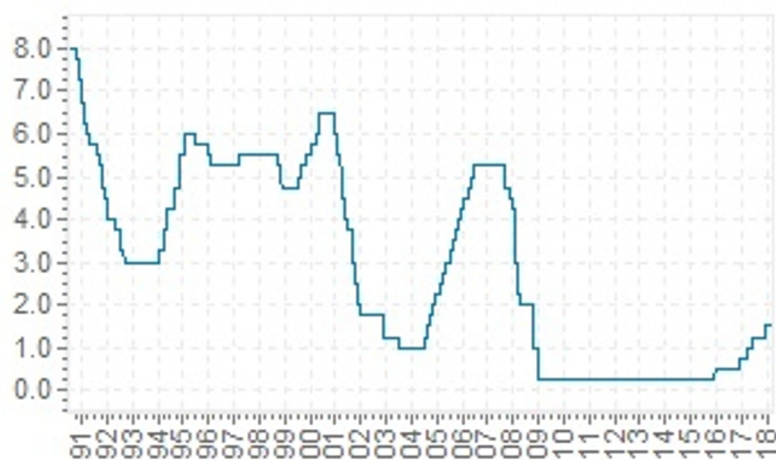


Figura 004 – Gráfico das taxas de juros FED correspondentes aos anos de 1991 até 2018. Importante verificar os períodos referentes aos anos de 2001-2006 e 2009-2016.

Inicialmente, esta tipologia de negócio resultou, catapultando muitos dos títulos de empresas “ponto com”, que tiveram subidas exorbitantes nos valores das AÇÕES. Arrecadando (uma)-quantidade-enorme-de-dinheiro que na forma de (um)-ENTE-axiológico, projectava-se «sobre» cada (uma) das existências entitativas que, na forma de (uma)-“coisa”-social, estruturavam-se axiologicamente enquanto (uma)-sociedade-económico-heurística.

Mas o que é (um)-facto, é que cada (uma) das subidas de valores de cada (uma) das AÇÕES, deveu-se também, em parte, à (uma)-dificuldade de determinar alguns factores axiológicos importantes: como eram títulos muito recentes em (um)-MERCADO-em-(trans)formação, e também porquê “havia” (uma)-dificuldade-em-avaliar cada (uma) das empresas “ponto com”. Ou seja, (uma)-bolha aconteceu afirma-se segundo (uma)-topologia-linguística, devido a cada (uma) das condições axiológicas que se real(izavam) instaladas em (um)-REAL-topológico.



Entretanto, como o que se procurava era (uma)-conscientização-de-marca que as tornasse rentáveis enquanto tais. O que efectivamente em muitos dos casos não aconteceu, devido a (uma)-(in)consistência que os economistas afirmam que “havia” devido tanto aos serviços, quanto aos produtos oferecidos. Diante do que (uma)-topologia-linguística afirma que aconteceu como (uma)-decorrência de (um)-heurismo. (uma)-forma-de-consciência-muito-parcial de cada (um) dos factores que estão envolvidos em cada (uma) das práticas económicas heurísticas.

Mas o que surpreende e que é (um)-facto, é que cada (uma) das empresas tecnológicas tiveram (um)-valor-em-títulos muito superior à (uma)-real(idade)-que-se-apresentava. O que denunciava tanto (um)-BOOM, quanto (uma)-bolha e segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-heurismo e (uma)-CRISE-instalada.

Também se salienta que são muitos os factores apontados para (um)-estoiro-da-bolha: a revisão para cima da política de juros da Reserva Federal Americana; as vendas iniciais maciças dos lotes processados na segunda-feira, 13 de Março de 2000; (um)-quadro-de-prosperidade que permitiu que cada (uma) das empresas cotadas pelo índice DOW JONES adquirissem cada (um) dos equipamentos de que necessitavam, o que “fez” com que cada (um) dos investimentos em tecnologia declinassem muito rapidamente; gerando (um)-congelamento-de-contractações em cada (uma) das empresas de tecnologia “ponto com”, como também, demissões; e para além disto, muitos retalhistas com sítios na internet, tiveram maus resultados em cada (um) dos negócios WEB.

O que levou a que em 2001, (uma)-bolha-murchasse, “faze(ndo-se)” com que a maioria das empresas “ponto com” cessasse cada (uma) das actividades. E foi precisamente aqui que nasceu (um)-sistema-de-hipotecas-subprime.

Com os preços dos títulos da NASDAQ a despencar, (um)-NOVO-período-de-recessão “faz(ia-se)” visível e diante deste quadro, o economista keynesiano Paul Krugman (1953) afirmou em (um)-artigo-publicado no New York Times em 02 de Agosto de 2002<sup>417</sup>: para combater (uma)-recessão o Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos (FED) precisava de mais do que (uma)-recuperação-rápida; precisava aumentar, drasticamente, cada (uma) das despesas das famílias para compensar (um)-moribundo-investimento-das-empresas.

E diante deste quadro, para “fazer” isto, segundo afirmou Paul McCulley (1957) [ex-director administrativo] da PIMCO – Alan Greenspan (1926) presidente do FED – precisou criar (uma)-bolha-imobiliária. Pois era preciso substituir (uma)-bolha-do-NASDAQ, orientando cada (um) dos investimentos para (um)-outro-sector de (uma)-economia: o sector imobiliário.

---

417 No artigo de Paul Krugman (1953) - Dubya's Double Dip? - em 02 de Agosto de 2002 no New York Times. “Dubya” é (uma)-alcunha do ex-presidente dos Estados Unidos, George W. Bush (1946), derivada da pronúncia texana da letra W: “dubya”. Double dip é o que se refere ao padrão da curva de evolução do PIB, no qual (uma)-recessão é seguida de (uma)-curta-recuperação e de NOVA recessão.

Diante do que cada (uma) das portas que eram necessárias abriu-se para (um)-alvorecer de (uma)-NOVA-CRISE. “Faze(ndo)” da tão recente NOVA ECONOMIA, desta forma definida desde 1990, de (uma)-CRISE-para-outra ou de (uma)-bolha-para-outra, o que na forma de (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística é desta forma, como (uma)-real(ização).

Portanto, (uma)-CRISE-actual foi precipitada por (uma)-bolha no MERCADO hipotecário residencial. Entretanto, “há” (uma)-importante-distinção «entre» esta CRISE actual e cada (uma) das CRISES anteriores: (uma)-SUPER-expansão. Posto que desde a Segunda Guerra Mundial, cada (um) dos processos de expansão-contracção de (uma)-economia aconteceu à volta das condições de crédito,<sup>418</sup> segundo o que defende George Soros (1930).

Mas ao envolver (uma)-concepção-equivocada que consiste em (uma)-(in)capacidade para perceber que “há” (uma)-conexão-circular-e-reflexiva, em e «entre», (uma)-necessidade-de-emprestar e (um)-valor-REAL-das-garantias. Posto que (um)-crédito-à-juros-baixos, ao criar (uma)-demanda que aumenta (um)-valor-das-garantias em (um)-MERCADO, por outro lado, torna-se necessário (um)-aumento-do-valor-do-crédito-disponível para suportar (uma)-auto-regulação-dos-preços que se real(iza) em (um)-MERCADO.

O que propicia (uma)-instalação de cada (uma) das bolhas que acontecem quando cada (uma) das PESSOAS procura real(izar) (uma)-contractação-de-crédito com (uma)-expectativa-de-valorização-da-garantia. O que lhe permitirá (re)financiar (um)-crédito com (um)-LUCRO. E isto foi precisamente o que aconteceu na CRISE financeira de 2007-2008.

A Reserva Federal ao adoptar taxas de juros muito baixas a partir de (um)-estoíro-da-bolha-da-internet, reduzindo simultaneamente cada (uma) das despesas financeiras na aquisição de créditos, induziu cada (um) dos intermediários financeiros e imobiliários a incitar cada (um) dos consumidores, para (um)-investimento-em-imóveis principalmente através das empresas Fannie Mae e Freddie Mac. Posto que (um)-ESTADO garantia cada (um) dos investimentos feitos através destas duas empresas.

Desta forma, Bancos de vários países do mundo atraídos pelas garantias do governo americano, emprestavam dinheiro a cada (uma) das imobiliárias através da Fannie Mae e da Freddie Mac que estavam autorizadas a captar empréstimos em todo-(um)-mundo.

O que criou (uma)-estrutura-de-créditos-hipotecários que se definiu como SUBPRIME. Posto que eram empréstimos de alto risco e de taxa de juros variável concedidos a cada (uma) das famílias mais frágeis ou com menos recursos comprovados de renda. Como (uma)-real(idade), estes créditos hipotecários eram conjugados com (uma)-emissão de (um)-cartão-de-crédito, já que os Bancos

---

418 George Soros em “*The worst market crisis in 60 years*”, Londres: Financial Times, 23 de janeiro de 2008, em [georgesoros.com](http://georgesoros.com).

sabiam de antemão que cada (uma) das famílias que recebiam nesta altura a alcunha de NINJA, (um)-acrónimo para “sem renda, sem emprego e sem património”<sup>419</sup>, não tinham rendimentos familiares suficientes para poder honrar com cada (um) dos pagamentos mensais.

De posse de cada (um) dos contratos de alto risco, os Bancos criavam derivativos negociáveis em (um)-MERCADO-financeiro, cujo lastro eram estes contratos de alto risco que na forma de ENTES-axiológicos, ao serem (re)negociados, (trans)formavam-se em (um)-conjunto-de-activos que enquanto títulos individuais eram de valores duvidosos. Pois (uma)-finalidade de cada (um) destes instrumentos financeiros sofisticados era securitizá-los, isto é, (trans)formá-los em títulos que poderiam SER ontofenomenologicamente livremente negociados com (um)-nível-mínimo-de-segurança para (um)-investidor.

Porém, desta forma, estes títulos foram vendidos para Bancos, Instituições Financeiras, Companhias de Seguros e Fundos de Pensão em todo mundo. Isto porque cada (uma) das Agências de Notação de Crédito cancelava cada (um) destes títulos com (um)-nível [AAA]. Posto que consideravam que (um)-risco-de-(in)cumprimento-individual diluía-se em (um)-conjunto-de-títulos-individuais. O que “fez” com que cada (um) dos títulos valorizassem muitíssimo, provocando (um)-efeito-circular-e-em-cadeia: NOVOS créditos, NOVOS títulos, NOVA valorização.

Mas em 2005, como a Reserva Federal Americana para reduzir (uma)-inflação-instalada alterou (uma)-política-de-juros, aumentando (uma)-TAXA-de-juros para tentar reduzir (uma)-inflação. (Des)regulou-se completamente esta estrutura instalada e (um)-valor de cada (uma) das “coisas” sociais em (um)-MERCADO-imobiliário foi-se abaixo, (in)viabilizando (um)-(re)financiamento que era frequente, de cada (um) dos consumidores NINJA que, desta forma, deixaram-se em (in)cumprimento.

O que (in)viabilizou (uma)-manutenção de cada (uma) das negociações de cada (um) dos títulos derivativos, (des)encadeando (um)-efeito-em-cadeia que abanou toda (uma)-estrutura-bancária por todo-(um)-mundo a partir de Agosto de 2007.

## 14.2. Do modelo-social à (uma)-financeirização

Mas não se pode culpar (um)-liberalismo ou (um)-NEOLIBERALISMO por cada (uma) das sucessivas CRISES que se sucedem enquanto (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística. Posto que (um)-keynesianismo também detém cada (uma) das parcelas de (uma)-culpabilidade-(in)evitável que pode SER ontofenomenologicamente apregoada à cada (uma) das práticas

---

419 Em inglês: “(n)o (i)ncome, (n)o (j)ob, no (a)sset”.

linguísticas estáveis (interactivas) definidas na forma de cada (um) dos modelos de pensamento económicos e heurísticos vigentes.

Para mais, cada (uma) das correntes de pensamento económico é também (uma)-corrente-de-pensamento-político, por isto (um)-liberalismo está historicamente vinculado à (uma)-história de cada (um) dos ESTADOS estabelecidos como democráticos que “há” em (uma)-actualidade, o que se real(iza) de (uma) tal forma, que é difícil separar em cada (um) dos ESTADOS actuais (uma)-democracia de (um)-liberalismo.

Isto porquê de facto, segundo (uma)-Teoria-Política-Contemporânea, (um)-liberalismo é (um)-critério que distingue cada (um) dos ESTADOS democráticos actuais desde (um)-ILUMINISMO e a partir de cada (uma) das metodologias, liberais ou não-liberais, utilizadas como metodologias de governação.

Entretanto, (um)-liberalismo como é (uma)-real(ização)-metodológica-de-governação que enquanto (uma)-forma-ESTADO acontece historicamente como (uma)-forma-síncrona. Isto é o que dificulta (uma)-possibilidade de localizar (um)-liberalismo-económico e precisá-lo em termos de (uma)-história-da-HUMANIDADE como (uma)-metodologia-de-governação-estatal ou como (uma)-estrutura-económico-heurística. O que desta forma, especifica-se em cada (um) dos “lugares” históricos que em (uma)-narrativa-histórica-recente, é-se capaz de identificar como cada (um) dos liberalismos que enquanto (um)-historicismo em (uma)-HUMANIDADE realizam-se como (uma)-real(idade)-heurística.

Mas por (um)-outro-lado, será que é possível determinar cada (um) dos momentos históricos em que “houve” (uma)-intervenção de (um)-keynesianismo como (uma)-metodologia-de-governação de (um)-ESTADO ou em termos de (uma)-estrutura-económico-heurística?

Como em (um)-sistema-simbólico-fechado segundo (uma)-topologia-linguística, a resposta é SIM. Mas enquanto (uma)-estrutura-aberta, segundo (uma)-topologia-linguística, a resposta ainda persiste em SER ontofenomenologicamente (um)-NÃO.

Mas certamente, é (um)-forma-ESTADO-de-BEM-estar-social o que se estabelece como (uma)-diferença que “há”, em e «entre», (um)-pensamento-keynesiano e (um)-NEOLIBERALISMO, mas também, (uma)-real(ização) de (uma)-metodologia-de-governação para este fim. O que desta forma, é em cada (uma) das sociedades actuais o que se pode afirmar acerca de soluções mais sociais ou menos sociais de (um)-ponto-de-vista-político-e-económico, mas o que é (um)-facto, é que “há” modelos de pensamento social e por outro lado modelos de pensamento económico, e curiosamente apesar de (um)-social e (um)-económico serem ontofenomenologicamente (in)dissociáveis, isto é o que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-

simultaneidade que enquanto (uma)-forma-real(idade), é em cada (uma) das correntes de pensamento que ainda insiste em (uma)-separação o que se real(iza) como (uma)-inflamação.

O que “faz” com que cada (um) dos modelos de pensamento, político e económico, tratem (uma)-sociedade como (uma)-“coisa”-aparência estabelecida enquanto (um)-conjunto por vezes (des)contínuo, mas com partes consideradas em (uma)-especificidade como (uma)-edificação de (uma)-real(idade).

Talvez porquê cada (uma) das dificuldades esteja em que (um)-termo “social” carrega “em-si” (um)-estigma: (uma)-visão de que é (um)-sector-económico no qual não se “há” (uma)-geração de LUCRO. A partir do que deveria SER tido ontofenomenologicamente como (um)-sector-não-económico. Como também acontece diante de cada (uma) das iniciativas de (um)-ESTADO, definidas em cada (uma) das especialidades de pensamento, político ou económico, como (um)-sector-público. O que enquanto isto, está fadada à (uma)-não-geração-de-LUCRO apesar de SER ontofenomenologicamente (um)-agente-económico-importante.

Pois a ideia de (um)-keynesianismo é justamente (uma)-geração-de-LUCRO que atravessa (uma)-condição-interventiva de (um)-ESTADO. Ou seja, (uma)-intervenção de (um)-ESTADO em (uma)-economia é (um)-gerador-de-LUCRO segundo (um)-keynesianismo, porquê propicia (um)-(des)envolvimento-económico à cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Estabelecendo (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social gerador de trabalho, produtividade e conforto social.

Mas o que se alega a partir de (um)-NEOLIBERALISMO «contra» (um)-keynesianismo, é que desta forma, não “há” (uma)-LIBERDADE. Pois é exatamente diante deste quadro de contra(dições) estabelecidas, que surge a partir da Revolução Francesa, mas que nos dias actuais é o que se define como (um)-terceiro-sector. No qual cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, diante de (uma)-actividade-individual, organiza-se em instituições de cariz mutualista. Nesta altura ainda como associações assentes em (uma)-(entre)ajuda e por isto, a dispensar apoios externos.

Desta forma, (um)-associativismo-instalou-se na forma de cada (um) dos sindicatos e associações de classe, como também, como associações culturais, científicas, recreativas, conviviais, que surgiram como (uma)-(re)ação à (um)-liberalismo-ortodoxo-instalado que “havia” suprimido cada (uma) das corporações até então existentes e manifestas. Conjuntamente à (um)-associativismo, também surge (um)-cooperativismo. (uma)-invenção-social baseada em (uma)-cooperação e tida como (uma)-forma-de-associação-popular que através de (uma)-ENTRE-ajuda, real(iza-se) na forma de (uma)-instituição que não se submete a cada (um) dos factores de

(uma)-existência-económico-heurística estabelecida na forma de mais (uma)-ENTIDADE-axiológica, outrossim, como (uma)-instituição-de-cooperação.

(uma)-PRIMEIRA-fase deste chamado terceiro sector, inicia-se a partir de cada (uma) das experiências e iniciativas revolucionárias, real(izadas) a partir de (um)-século-XIX. Influenciadas por (um)-socialismo-utópico proposto por Claude-Henri de Rouvroy (1760-1825), o Conde de Saint-Simon, e também por Charles Fourier (1772-1837). Como também por (um)-Social-Cristianismo proposto por Frédéric Le Play (1806-1882) e finalmente também, e curiosamente, por (um)-liberalismo-económico.

Cada (uma) destas como (uma)-corrente-de-pensamento político e económico que defendia (um)-cooperativismo, (um)-mutualismo e (um)-associativismo como alternativas à (uma)-economia-capitalista-instalada.

Outra das causas para (um)-aparecimento de cada (um) dos movimentos de ENTRE-ajuda, deve-se à cada (uma) das consequências sociais de (uma)-Revolução-Industrial, o que causou (uma)-pauperização e (uma)-SUPER-exploração de (uma)-classe-social-operária.

Mas curiosamente, cada (um) destes movimentos de ENTRE-ajuda, entitativamente tornou-se em (uma)-instituição movida por (um)-*axios*, que devido à (uma)-enorme-quantidade de CAPITAL que geram e gerem, movimentando-o diariamente em cada (uma) das actividades sociais que (des)empenham, tais como: (uma)-beneficência, (uma)-protecção-social, (uma)-BANCA, (um)-consumo e (uma)-produção-de-bens-e-serviços, como também, cada (um) dos cuidados de saúde e alfabetização.

Pois é na passagem do século XIX para o XX, que se real(iza) na forma de cada (uma) das LEIS em (um)-ESTADO, (uma)-institucionalização de cada (uma) destas organizações, (re)conhecendo-se (um)-importante-papel que real(izam) em cada (uma) das situações de fragilidade de cada (um) dos sistemas vivos humanos que ao acontecem em cada (uma) das CRISES que “há” em cada (uma) das sociedades heurísticas, real(izam-se) como (uma)-solidariedade.

Contudo, esta SEGUNDA-fase é (uma)-consequência da PRIMEIRA-fase, mas também, (uma)-transição de (uma)-economia-social para (um)-ESTADO-providência que é considerada como (uma)-TERCEIRA-fase de (des)envolvimento deste sector de actividade, e que se “localiza” geralmente em (um)-período posterior a (uma)-Segunda-Guerra-Mundial. Posto que esta TERCEIRA-fase, está marcada pela perda de (uma)-importância deste sector como (um)-setor-de-actividade, em favor de (uma)-actividade-estatal-de-mesma-qualidade à qual se define como (uma)-protecção-social.

Isto porquê (uma)-ideia de (um)-crescimento-económico em (um)-período-pós-Guerra, real(iza) em cada (um) dos responsáveis por (uma)-administração-estatal, o que se considera como (uma)-superação de cada (um) dos períodos de CRISE. O que gera (uma)-confiança em (uma)-

existência-económica-heurística, como (uma)-forma-capaz de (uma)-manutenção de (um)-BEM-estar de cada (uma) das populações de sistemas vivos humanos que “há” em cada (um) dos ESTADOS-sociedade então existentes.

Mas esta condição de (uma)-(trans)forma-linguística teve como (uma)-consequência: (uma)-instrumentalização, (trans)formação, fragmentação e regulação de (um)-TERCEIRO-sector por (um)-período-de-tempo que durou até cerca de 1980. Pois (um)-ESTADO passou a controlar cada (uma) destas organizações privadas voltadas à cada (uma) das actividades sociais. O que serviu de modelo para (uma)-estrutura-de-Segurança-Social, passando a caber então, à cada (uma) destas organizações de (um)-TERCEIRO-sector e na forma de (um)-ESTADO, determinar cada (um) dos acessos de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, a cada (um) dos benefícios sociais, fiscais e apoios diversos. O que em (uma)-perspectiva não autónoma e não auto-sustentável economicamente é na forma de cada (uma) destas actividades sociais o que se real(iza) como (uma)-solidariedade-heurística.

Por isto nesta TERCEIRA-fase, a forma de (um)-ESTADO-providência é o que se real(iza) como (uma)-objectivação-autopoiética. (uma)-(trans)forma-linguística de (um)-económico em (um)-social, pois o que se pretendia com (uma)-intervenção-estatal era (uma)-correção de cada (um) dos efeitos sociais provocados por (uma)-economia-de-MERCADO que “há” e que se real(iza) em cada (uma) das sociedades económico heurísticas.

Entretanto, esta estrutura de existência económico heurística manifesta, começa a colapsar com (uma)-deterioração-rápida-da-qualidade-dos-BENS-oferecidos devido a (uma)-(in)suficiente-contribuição de (um)-ESTADO-providência para (uma)-redução de cada (uma) das (des)igualdades sociais existentes e manifestas como consequências de (uma)-existência-económica-heurística. Isto porquê cada (um) dos programas sociais mais importantes de (um)-ESTADO-providência, beneficiava mais (uma)-classe-média do que (uma)-classe-operária.

O que se justifica através de (uma)-visão-marxista acerca de (um)-ESTADO-providência como (uma)-muleta-do-CAPITAL. Pois segundo Marx, sem (uma)-intervenção-crescente de (um)-ESTADO-providência, (um)-capitalismo deixaria de existir. Isto porquê segundo Marx, (uma)-*ergoñgenia* de (um)-ESTADO está irremediavelmente arraigada à (uma)-*ergoñgenia* de (uma)-burguesia, o que se real(iza) na forma de (um)-aparelho-de-dominação de (uma)-classe-social «sobre» OUTRA.

Posto que segundo (um)-marxismo, à (uma)-CRISE-do-capitalismo que se segue à (uma)-CRISE-do-ESTADO-providência e a (uma)-consequente-(re)definição de cada (uma) das fronteiras que “há”, em e «entre», (um)-ESTADO e (uma)-sociedade, e que se real(iza) através de (uma)-substituição de (uma)-estatização-da-solidariedade por (uma)-socialização-da-solidariedade através

de cada (uma) das concessões de cada (uma) das actividades e de cada (uma) das responsabilidades colectivas acerca de cada (um) dos domínios sociais e culturais que “há” em cada (uma) das comunidades locais.

O que permitiu (uma)-(des)centralização e (uma)-autonomização de cada (uma) das comunidades, como também, (uma)-execução de cada (um) dos serviços públicos na forma de (uma)-sociedade-económico-heurística e a partir de cada (uma) das comunidades locais. Mas segundo (um)-marxismo, desta forma (um)-ESTADO devolveu à cada (uma) das organizações comunitárias, (uma)-solidariedade que já não é capaz de real(izar).

Pois desta forma, durante (uma)-década-de-1970 como (uma)-consequência de cada (uma) das crescentes dificuldades fiscais de cada (um) dos ESTADOS-NAÇÃO decorrente de cada (uma) das CRISES, económicas e sociais que acompanhavam (uma)-progressiva-globalização-económica, como também, cada (uma) das (trans)formações em cada (uma) das políticas de MERCADO e protecção social (um)-pouco-por-todo (um)-MUNDO. O que levou à (uma)-retracção dos ESTADOS-NAÇÃO e a (uma)-transferência para (um)-sector-privado de (uma)-provisão de (um)-conjunto-de-BENS-e-serviços-públicos.

Isto porquê (uma)-redução de (um)-crescimento-económico associada a (um)-crescimento de (um)-(des)emprego, real(izou-se) instalando (um)-ambiente-de-(in)certeza. O que gerou (uma)-(des)confiança relativamente a (uma)-capacidade de cada (uma) das estruturas de (um)-ESTADO para garantir (uma)-manutenção e (uma)-sustentabilidade de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social.

### 14.3. Não “há” ESTADO PURO

Portanto, real(mente) (um)-ESTADO é (in)capaz de cumprir cada (um) dos compromissos que assume na forma de (um)-contracto-social. O que em (uma)-existência-económico-heurística, (des)estabiliza-se como (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e na forma de (uma)-subjectividade. Provocando, segundo (uma)-topologia-linguística, o que se define como (uma)-inflamação-linguística em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (uma) das PESSOAS envolvidas em (uma)-sociedade.

Mas isto acontece porquê (um)-ESTADO é (um)-SER ontofenomenologicamente (in)capaz de (trans)formar linguisticamente, (uma)-potência<sup>420</sup> em (uma)-acção<sup>421</sup>. Ou seja, cada (uma) das

---

420 Ideia aristotélica segundo a qual “há” (um)-potencial-*physis*-existencial que se actualiza ao atravessar (um)-SER-manifestação que é ETERNO. Aqui neste caso não proposto como (uma)-eternidade, outrossim, como (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística.

421 Referência à condição humana da acção, proposta por Hannah Arendt (1906-1975) em (uma)-OBRA, “*A Condição Humana*”. Aqui neste caso proposta como (uma)-existência-linguística que se real(iza) heurísticamente como (uma)-ONTOGENIA.



necessidades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, em (uma)-acção é o que na forma de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social crê-se, segundo a forma de (um)-contracto-social, como o que (um)-ESTADO pode e deve SER-capaz de viabilizar ontofenomenologicamente na forma de (uma)-acção.

Contudo, o que é (um)-facto é que (um)-ESTADO não real(iza) (uma)-acção, outrossim, cada (um) dos sistemas vivos humanos através (um)-“fazer” de cada (uma) das interacções linguísticas que, ao real(izar-se) enquanto (uma)-formalidade-ESTADO, real(iza-se) na forma de (uma)-acção, em cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos e na forma de (uma)-subjectividade que enquanto (uma)-forma-real(idade), real(iza-se) como (um)-ESTADO.

E desta forma, (um)-ESTADO é (uma)-real(ização)-linguística ou como o define Hannah Arendt (1906-1975), (uma)-consequência de (uma)-condição-humana-da-acção que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) através de (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de (um)-ESTADO. E nesta forma de (um)-ESTADO não “há” como (uma)-acção-PURA, como propõe cada (um) dos pensadores de (um)-contractualismo, mas «antes», como (um)-“fazer” que a partir de (uma)-*ergoñgenia*, real(iza-se) como (uma)-real(idade) ao atravessar (uma)-temporalidade-linguística.

Entretanto, como (uma)-temporalidade-linguística que não é nem FINITA, nem (IN)FINITA. Mas enquanto (uma)-simultaneidade, o que na forma de (um)-intervalo topológico e linguisticamente, é homeomórfico a cada (um) dos intervalos topológicos linguísticos de cada (uma) das formalidades que se real(izam) como (uma)-forma-real(idade) em (um)-REAL (adjectivo).

Mas aqui como (uma)-questão é (um)-ESTADO que como já se viu de (um)-ponto-de-vista-aristotélico, é corruptível enquanto (uma)-potência, não podendo desta forma, real(izar-se) como (uma)-forma-de-PRINCÍPIO-MOTOR<sup>422</sup>. Pois segundo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) é (uma)-PRIMEIRA-acção o que ao preceder (uma)-potência e que segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-*ergoñgenia*, o que enquanto (um)-PRINCÍPIO é [(um)-“fazer” que é (um)-“fazer”] que, enquanto (uma)-origem, tem a forma de (uma)-*ergoñgenia*.

Portanto, (um)-ESTADO na forma de (um)-contracto-social, não é (uma)-ENTIDADE capaz de real(izar) (um)-BEM-estar-social para cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Isto porquê como já se verificou, (uma)-sociedade é (uma)-existência-linguística-absoluta (instável) que ao real(izar-se) através de (um)-fetichismo-absoluto (instável) como (uma)-realidade-estável (interactiva) é, desta forma, o que se instabiliza enquanto (uma)-real(idade) em

---

422 (um)-motor-imóvel-aristotélico é (uma)-ideia que pretende demonstrar que “há” (uma)-existência de (um)-princípio que se manifesta ao real(izar-se) na forma de (uma)-physis-existência que atravessa (uma)-potência.

(um)-REAL (adjectivo), o que se realiza a partir de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade como (um)-heurismo.

#### 14.4. As políticas sociais NEOLIBERAIS: (um)-contracto-social e (um)-Leviatã

Desta forma, como (um)-ESTADO na forma de (um)-contracto-social não é capaz de real(izar) (um)-BEM-estar-social para cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, para que se constitui então (um)-contracto-social?

E (uma)-resposta à esta pergunta é no mínimo controversa. Isto porquê cada (um) dos sistemas vivos humanos real(mente) organiza-se desde (uma)-existência-hominídea-ou-HOMO em (um)-PLANETA-TERRA enquanto (uma)-forma-sociedade.

Mas a questão que se coloca a partir de (um)-contracto social é a condição para (uma)-existência de (um)-ESTADO que manifesto, não é capaz de real(izar-se) como (um)-BEM-estar-social, então porquê (um)-“haver” de (um)-ESTADO na forma de (um)-contracto-social?

Como já se verificou, (um)-liberalismo historicamente está intimamente vinculado à existência de (uma)-democracia, de tal forma que é difícil separar, em alguns ESTADOS actuais, (uma)-democracia de (um)-liberalismo. Isto porquê real(mente), segundo (uma)-teoria-política, (um)-liberalismo é (um)-critério que distingue cada “UM” dos ESTADOS democráticos liberais de cada (uma) das demais metodologias não-liberais de governação.

Entretanto, (uma)-LIBERDADE é o que é fulcral à (uma)-política-social-NEOLIBERAL, em parte devido a (uma)-herança de (um)-liberalismo. Mas quando se forma (um)-contracto-social, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, torna-se (im)prescindível que se real(ize) cada (uma) das formas de coerções ou convenções legais que estabelecidas por (um)-ESTADO é desta forma, o que não se deixa estabelecer enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (uma)-LIBERDADE, para que se real(ize) o que contractualmente define-se como (um)-Leviatã.

(um)-ESTADO que na forma de (um)-PODER-(in)divisível real(iza-se) como (um)-“fazer”-SOBERANO que ao legislar «sobre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, evita (uma)-*bellum-omnium-contra-omnes* instalada primordialmente na forma de (uma)-sociedade, que enquanto (uma)-realidade-estável (interactiva) é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, mas que se instabiliza enquanto (uma)-real(idade) em (um)-REAL (adjectivo) que se real(iza), desta forma, como (uma)-inflamação-linguística.

A partir do que é preciso inicialmente distinguir (uma)-*bellum-omnium-contra-omnes*-hobbesiana, de (uma)-*bellum-omnium-contra-omnes*-linguística. Posto que Thomas Hobbes (1588-

1679) afirma que (uma)-*bellum-omnium-contra-omnes* é (um)-estado-natural de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que não se deixa enquanto (uma)-afirmação em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-diferença.

Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-*bellum-omnium-contra-omnes*-linguística, instala-se a partir de cada (uma) das estruturas axiológicas que se real(izam) em (uma)-sociedade. Como também, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é enquanto (uma)-condição-sociedade o que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e que se real(iza) como (uma)-*physis*-existência que na forma de (um)-fetiche-absoluto (instável), instala-se como (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA que desde (um)-ESTÁDIO-monocórdio até (uma)-contemporaneidade-linguística, é como (uma)-existência-linguística.

Contudo, isto é o que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que inicialmente é objectiva, mas que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoietica, é o que se real(iza) como (um)-DEVIR-linguístico que enquanto (uma)-real(idade) atravessa (uma)-estrutura-axiológica.

O que desta forma, é como (uma)-formalidade-contracto-social o que não se viabiliza, enquanto (uma)-existência-linguística à partir de (uma)-LIBERDADE, outrossim, à partir de (um)-Leviatã. Isto porquê (uma)-LIBERDADE, é na forma de (um)-LOGRO e enquanto (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) o que ao afirmar-se a partir de (uma)-prática-linguística-instável (absoluta), nega-se absolutamente (instável) como (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), como ÚNICA forma LIBERDADE possível que “há” em (uma)-sociedade-heurística. O que “faz” de (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) na forma de (uma)-LIBERDADE-*physis*-existencial, (uma)-NEGAÇÃO que se real(iza) na forma de (um)-LOGRO, enquanto (uma)-instituição.

#### 14.5. A Grande (Trans)formação

Diante do que, segundo Karl Polanyi (1886-1964) como cada (um) dos sistemas vivos humanos é em cada (uma) das interacções económico heurísticas, o que se encontra imerso em cada (uma) das instituições sociais que se constituem historicamente como (uma)-sociedade, isto é o que os condiciona. Pois cada (uma) das interacções económicas é (uma)-parte de cada (uma) das instituições sociais que, desta forma, real(izam-se) a partir de (uma)-lógica que as determina na forma de cada (uma) das alienações que se real(izam).

(uma)-abordagem-polanyiana que na linha de (uma)-antropologia-económica, procura destacar cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», (uma)-economia, (uma)-sociedade e (uma)-cultura, com (uma)-finalidade de definir a forma de (um)-modelo-teórico que

tenha por BASE cada (uma) das alienações que se real(izam) na forma de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Entretanto, como a Teoria Polanyiana é (uma)-*theoria* que se opõe ao pensamento económico tradicional, posto que se insere em (uma)-vertente-das-ciências-económicas definida como heterodoxa. E posto que eventualmente considera que cada (uma) das teorias contractualistas, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se aproxima do que se define como (um)-substantivismo polanyiano.

“Há” como (uma)-abordagem que foi (des)envolvida por Polanyi e que se define como (uma)-economia que enquanto (um)-processo-instituído é o que na forma de cada (uma) das interacções linguísticas, real(iza-se) em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos e (um)-meio-*physis*-existencial-e-social, através de (uma)-oferta-contínua-de-recursos que ao procurar satisfazer cada (uma) das necessidades de cada (um) dos sistemas vivos humanos, envolve-os, desta forma, como (uma)-sociedade.

(uma)-abordagem-*teórica* que Polanyi “faz” ao atravessar (uma)-metodologia-económica na forma de (uma)-filosofia-da-técnica e que se define a partir da forma de (uma)-análise-institucional que, desta forma, é o que Polanyi procura evitar como (uma)-falácia que se instala através de (uma)-história-da-economia, e que se identifica em cada (uma) das economias como (uma)-forma-de-MERCADO.

Posto que Polanyi ao defender que é somente em (uma) economia capitalista actual, que (um)-sistema-de-MERCADO formador de preços real(iza-se) como (uma)-forma-fundamental, que enquanto (uma)-real(ização) em (uma)-sistemática-de-vida, e que segundo (uma)-topologia-linguística, define-se como (uma)-existência-económico-heurística.

Isto é o que estabelece (uma)-questão que na forma de (um)-grande-debate, é o que fundamenta (uma)-oposição que “há”, em e «entre», (uma)-corrente-substantivista – defendida por Polanyi e outros autores actuais; e (uma)-corrente-formalista – defendida em (um)-contexto-económico-actual por (uma)-antropologia-económica.

E desta forma, o que se instala na forma de (um)-debate, em e «entre», (uma)-corrente-substantivista e (uma)-corrente-formalista, é (uma)-possibilidade de utilizar com (uma)-pretensa-aplicabilidade-universal para estudar e analisar enquanto (uma)-BASE-explicativa, o que se tem como (uma)-formalidade que na forma de (uma)-real(idade) é o que “há” em cada (uma) das economias do passado e que se pode observar a partir de (uma)-moderna-teoria-económica.

A partir do que cada (um) dos substantivistas defende-se afirmando que (um)-formalismo-económico está assente em (um)-modelo-neoclássico-de-teoria-económica, que se torna aplicável apenas ao estudo de cada (uma) das economias capitalistas actuais e nas quais “há” (um)-

MERCADO. O que segundo os substantivistas, é fundamental à formação de cada (um) dos preços que ao atravessar (uma)-estrutura-axiológica à qual se define como (um)-MERCADO, fundamentam-se como (um)-*axios*, emprestando-se à forma de (um)-ENTE-axiológico como (um)-valor para que se defina (um)-preço.

Ao passo que (uma)-definição-substantiva-polanyiana, defende que (uma)-economia é (um)-processo que se institui ao assentar-se em cada (uma) das interações linguísticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possibilidades na forma de (uma)-real(idade). O que permite (uma)-construção de (um)-modelo-de-observação que ao estudar e analisar cada (uma) das economias do passado, real(iza-se) enquanto (uma)-forma-de-real(idade) que a partir da forma de (um)-modelo, pode-se bem basear em (uma)-topologia-linguística.

Ou seja, o debate que confronta (um)-substantivismo à (um)-formalismo-económico, permite que se afirme que (uma)-topologia-linguística é (um)-modelo-de-observação que se adapta, formal e estruturalmente, à construção de cada (um) dos modelos possíveis de cada (uma) das real(idades) económicas, que a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que envolvem cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-existência-económica-histórica real(izam-se) como (uma)-existência-manifesta-observável.

O que ganha ainda maior importância, ao observar-se (um)-crescente-(des)contentamento que “há” em cada (uma) das manifestações de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, diante de (uma)-hegemonia-do-MERCADO. Seja como (um)-paradigma-dominante, seja na forma de (uma)-real(idade)-económica-e-social em (uma)-sociedade-actual.

Pois se “há” (uma)-ideia-de-melhorar (um)-futuro ou modificá-lo. O que se pensa actualmente é que se torna primeiro preciso compreender (um)-passado. O que segundo (uma)-topologia-linguística, “faz-se” na forma de (uma)-existência-linguística como o que real(mente) permite (uma)-narração da forma de (uma)-existência-passada. Posto que na forma de (uma)-existência-económica, o que real(mente) [existe e manifesta-se] é (uma)-existência-linguística. O que actualmente segundo cada (um) dos sistemas filosóficos existentes, mostra-se ainda como muito difícil enquanto (uma)-possibilidade.

Mas este é somente (um)-aparte-axiológico na forma de (um)-comentário que não se pretende discutido. Mas que pode interessar de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística. Pois (um)-substantivismo é enquanto (uma)-formalidade o que procura estabelecer a forma de (uma)-real(idade), permitindo-se como (uma)-real(ização) que na forma de (uma)-grande-(trans)formação edifica-se na forma de (um)-conceito-linguístico enquanto (uma)-existência-económico-heurística.

Para mais, a OBRA de Polanyi intitulada “*A Grande Transformação*”, publicada em 1944. É (uma)-publicação na qual Polanyi procura argumentar que (um)-desenvolvimento do ESTADO, na forma de (uma)-existência-linguística-actual, é o que se real(iza) através de (uma)-forma-histórica-de-(des)envolvimento que ao edificar-se na forma de (uma)-economia-de-MERCADO, inexoravelmente liga-se a partir da forma de (uma)-história-económica-da-HUMANIDADE, com (uma)-sistemática-de-existência-histórico-linguística.

O que a partir de (um)-substantivismo e na forma de (uma)-topologia-linguística, ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-sociedade, é o que se real(iza-se) em cada (uma) das formas institucionais «sobre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Dinamizando-se enquanto (um)-acontecimento-linguístico ao qual (uma)-topologia-linguística define como a forma de (um)-ESTADO.

Entretanto, o que está neste capítulo em questão não é propriamente (uma)-existência-linguística na forma de (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) como (uma)-forma-ESTADO, outrossim, cada (uma) das interacções linguísticas que a partir de (um)-substantivismo-polanyiano, acontece na forma de (uma)-substantivação ao tomar a forma de (um)-acontecimento-linguístico que a partir de (uma)-adjectivação, é em (um)-processo-económico o que se real(iza) a partir da forma de (uma)-representação e na forma de (uma)-sistemática-de-vida, enquanto (uma)-sociedade-de-MERCADO.

Assim, a partir desta forma, segundo Polanyi, foi no período «entre» 1760 e até algum momento em meados do século XIX, «entre» 1810 e 1850, que se instalou gradativamente (uma)-grande-(trans)formação de cada (um) dos métodos de produção artesanais, para cada (um) dos métodos de produção que atravessam (uma)-condição-mecânica-de-produção-industrial-autónoma. O que permitiu (uma)-fabricação de novos produtos, como também, novos processos de produção, para além de (uma)-maior-eficiência no uso de energia, primeiro hidráulica e depois a vapor. Real(izando-se) na forma de (um)-de-(des)envolvimento de máquinas-ferramentas, como também, como (uma)-substituição da madeira e de outros biocombustíveis por (um)-carvão-mineral, electricida e ainda outros combustíveis fósseis.

E esta é (uma)-revolução-industrial que se apresenta, segundo Polanyi, como (um)-divisor-de-águas em (uma)-história-técnica-da-HUMANIDADE. Pois quase todos os aspectos da vida quotidiana na altura, foram influenciados por esta transição da manufactura para os métodos de produção mecânica. O que gerou muitas (trans)formações sociais e políticas durante (uma)-ascensão do que se convencionou chamar em (uma)-actualidade, por ECONOMIA DE MERCADO.

Pois foi (uma)-consolidação de cada (um) destes feitos técnicos, o que alicerçou tanto (um)-conceito de ECONOMIA DE MERCADO, quanto (um)-conceito de ESTADO-NAÇÃO que, desta forma, e

a partir desta altura, não podem mais SER ontofenomenologicamente entendidos como conceitos distintos, outrossim, enquanto (uma)-invenção-humana que enquanto (uma)-simultaneidade e por isto, deve-se identificar enquanto (uma)-sociedade-actual como (uma)-SOCIEDADE-DE-MERCADO.

Desta forma, segundo Polanyi (uma)-revolução-industrial inaugura (uma)-SOCIEDADE-DE-MERCADO pois altera (uma)-mentalidade-económica-da-HUMANIDADE. Posto que «antes» da grande (trans)formação, cada (um) dos sistemas vivos humanos baseava (uma)-produção-de-bens-materiais em cada (uma) das trocas de mercadorias, bem como, em (uma)-produção-centralizada que era depois (re)distribuída à cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, e que, desta forma, tomava a forma de (uma)-remuneração.

Mas cada (uma) das formas mais antigas de estrutura axiológica, diante de cada (um) dos avanços técnicos alcançados, como não maximizavam (uma)-utilidade, foram considerados como estruturas axiológicas não racionais, devido ao facto de maximizar (uma)-necessidade e não (uma)-utilidade para cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. (uma)-construção de (uma)-real(idade) que segundo (uma)-topologia-linguística, “há” como absolutamente (instável) e condizente com (um)-ESTÁDIO-hierárquico-actual.

Entretanto, como é por isto que se considera que foi somente depois de (uma)-grande-(trans)formação que cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, tornou-se economicamente racional. Posto que ao (re)estruturar cada (uma) das hierarquias vigentes – sociais, económicas e políticas – alterou-se cada (um) dos comportamentos moldando-os em (uma)-conformidade, formal e estrutural, com (uma)-teoria-económica-neoclássica.

O que desta forma, segundo Polanyi é com (um)-surgimento de cada (uma) das instituições capitalistas, que (um)-legalismo (trans)lada cada (uma) das leis em (uma)-sociedade devido a (uma)-profunda-alteração em (uma)-mentalidade-económica-HUMANA, o que acontece de (uma)-tal-forma que cada (um) dos MERCADOS existentes, que não era capaz de fixar preços, posto que tinham (uma)-função-menor em (uma)-estrutura-social, tornaram-se após (um)-surgimento de cada (uma) das instituições capitalistas em (uma)-estrutura-social-(in)dispensável em cada (uma) das dimensões de (uma)-esfera-social.

O que tornou segundo Polanyi, a troca e o comércio em (uma)-mitologia-do-passado. Pois ao moldar cada (uma) das estruturas sociais à cada (uma) das formas legais propostas por cada (uma) das instituições capitalistas, ajustando-as à (uma)-mentalidade-que-se-tornava-[existente-e-manifesta] na forma de (um)-MERCADO, passou a real(izar-se) fundamentalmente em cada (uma) das instituições sociais.

Assim, surgiram a partir desta forma cada (um) dos sindicatos que desde os primeiros, no Reino Unido, mas especificamente na Inglaterra no século XVIII, expandiram-se pelo século XIX,

chegando até aos dias actuais. Pois com (uma)-consolidação-do-capitalismo que se tornou predominante como (um)-formalidade sistemática de produção, cada (uma) das mudanças tecnológicas causou (um)-impacto-diferente em (um)-processo-produtivo.

E desta forma, para aumentar e manter os lucros em máximos, a classe burguesa estabeleceu ritmos de trabalho de 16 (dezesseis) horas diárias com o trabalho infantil e também com o trabalho de mulheres sem direitos. Isto para além das péssimas condições nos locais de trabalho. Pois foi desta forma que surgiu cada (um) dos sindicatos. Com (uma)-finalidade de combater (uma)-exploração da classe operária. Mas inicialmente actuavam de (uma)-forma-clandestina como uniões de ofícios.

Cada (um) dos operários de cada (uma) das fábricas, (re)uniam-se formando associações e sindicatos que a princípio eram proibidos e duramente reprimidos. Já em (uma)-segunda-metade do século XIX, cada (uma) das organizações de trabalhadores assume (um)-nível-de-ideologização e (um)-sindicalismo na virada do século XX, já se caracteriza por cada (uma) das audácias revolucionárias e de independência em relação a cada (um) dos partidos políticos.

Mas em 1837, cada (um) dos operários já reivindicava (um)-direito à (uma)-LIBERDADE-de-atuação, inclusive por (um)-direito de voto para todos. Em 1864, é criada em Londres, a Associação Internacional de Trabalhadores, a primeira central sindical mundial da classe trabalhadora e no mesmo ano, em França, é (re)conhecido (um)-direito-à-greve.

Cada (uma) das mobilizações dos trabalhadores continua e em 1871, os operários conquistam o poder político por alguns dias em França; é a Comuna de Paris, o primeiro governo operário da história que durou oficialmente somente de 26 de Março a 28 de Maio de 1871.

Como (um)-(des)envolvimento do ESTADO moderno andava de mãos dadas com (um)-(des)envolvimento das modernas ECONOMIAS DE MERCADO, estas duas condições foram inexoravelmente ligadas pela história.

Desta forma, a Grande (Trans)formação foi iniciada pelo ESTADO moderno poderoso, que tornou necessário “empurrar” *physis* alterações nas estruturas sociais e *physis* existenciais HUMANAS que permitissem (uma)-economia-competitiva. Isto para Polanyi implicou na destruição da ordem social existente e manifesta até então, alterando (uma)-*physis*-existência-HUMANA que até à esta altura “havia” persistido enquanto (uma)-sistemática-de-existência-manifesta pré-moderna e que tinha existido e manifestado-se por TODA (uma)-história-HUMANA anterior.

Mas a condição central para cada (uma) destas mudanças, segundo Polanyi, foi a de que cada (um) dos factores de produção, como a TERRA e o TRABALHO passou a SER ontofenomenologicamente alienada na forma de (um)-MERCADO que também lhes determinava (um)-valor, definindo-os com (um)-preço-de-MERCADO, em vez de atribuir-lhes de acordo com



(uma)-tradição, (uma)-(re)distribuição ou (uma)-reciprocidade. O que segundo Polanyi, enfatizou a Grandeza da (Trans)formação que desta forma, foi tanto (uma)-mudança-nas-instituições-HUMANAS, como em [(uma)-existência + (uma)-manifestação] *physis* existencial de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-heurística.

## 15. A formação da ideia de ESTADO

...aquele que estudar cuidadosamente o passado, pode prever os acontecimentos que se produzirão em cada Estado, e utilizar os mesmos meios que os empregados pelos antigos. Ou então, se não há mais os remédios que já foram empregados, imaginar outros novos, segundo a semelhança dos acontecimentos.<sup>423</sup>

Nicolau Maquiavel, 1517

A partir do que, segundo Norberto Bobbio (1909-2004), o termo ESTADO foi utilizado pela primeira vez com o sentido contemporâneo no tratado militar “*A Arte da Guerra*”; escrito no século IV a. C., pelo general estrategista chinês Sun Tzu (544 a. C. - 496 a. C.). E, posteriormente, por Nicolau Maquiavel (1469-1527) na OBRA “*O Príncipe*”. Apresentado, desta forma, (um)-ESTADO como identificado por Bobbio é (uma)-forma que enquanto (uma)-simultaneidade é (uma)-representação que enquanto (uma)-formalidade, real(iza-se) «sobre» (um)-conjunto de cada (um) dos sistemas vivos humanos formados como (uma)-sociedade. O que somente é (trans)cendido em (uma)-actualidade por (uma)-concepção de COMUNIDADE INTERNACIONAL.

Mas vai-se tomar o termo ESTADO, para efeitos de argumentação neste estudo, como (um)-termo que ao surgir a partir do século XIII no léxico de cada (um) dos sistemas vivos humanos no ocidente, tem (uma)-origem no latim *status* definido como “*modo de estar, situação ou condição*”. O que enquanto (uma)-“coisa”-aparência é o que “faz” (uma)-referência a cada (uma) das estruturas políticas, como também, a cada (uma) das formas de organização administrativa que na forma de (um)-conjunto-de-instituições constituem como (um)-PAÍS ou como (uma)-NAÇÃO-soberana. Isto porquê é somente no ano de 1772 que surgem as primeiras traduções europeias consideradas ainda (in)satisfatórias, da OBRA “*A Arte da Guerra*” de Sun Tzu.

Entretanto, sabe-se também que se pode argumentar «sobre» a história da utilização do termo ESTADO, a partir do que se convencionou chamar PAZ DE VESTFÁLIA<sup>424</sup>. Que também é conhecida como TRATADOS DE MÜNSTER E OSNABRÜCK; o nome de duas cidades que actualmente situam-se na Alemanha.

Isto porquê a PAZ DE VESTFÁLIA foi (uma)-série de TRATADOS que ao encerrar a Guerra dos Trinta Anos, simultaneamente (re)conheceu oficialmente a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos<sup>425</sup>, que ficou conhecida como República Unida dos Países Baixos, ou simplesmente Províncias Unidas; ou como na altura se dizia, Estados Gerais que na actualidade é o mesmo nome do Parlamento Neerlandês. Pois foi este o ESTADO europeu que antecedeu os actuais Países Baixos ou Holanda, e que existiu na forma de ESTADOS Gerais de 1581 até 1795, porquê se

423 “*Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*”, Livro I, capítulo XXXIX.

424 Que também se escreve: Vestefália ou Westfália.

425 Em neerlandês escreve-se: *Republiek der Zeven Verenigde Nederlanden*.

agrupava na forma de sete províncias – Frísia, Groninga, Gueldres, Holanda, Overissel, Utreque e Zelândia – fundadas como (uma)-União-de-Utreque em 1579, e que existiram desta forma, até (uma)-(trans)formação de (uma)-União-de-Utreque em (uma)-República-Batava, na sequência da ocupação francesa de 1795.

Deve-se ainda salientar que os TRATADOS DE MÜNSTER E OSNABRÜCK, também reconheceram (uma)-Confederação-Suiça. Oficialmente (re)conhecida como confederação, mas que real(mente) era (uma)-REPÚBLICA-FEDERAL composta por 26 estados que se chamavam cantões<sup>426</sup> e que tinham na cidade de Berna, (uma)-sede como (uma)-AUTORIDADE-FEDERAL.

Como a PAZ DE VESTFÁLIA foi (um)-TRATADO que envolveu muitos outros tratados, como o TRATADO HISPANO-NEERLANDÊS que pôs fim à Guerra dos Oitenta Anos, que foi assinado em 30 de Janeiro de 1648 na cidade de Münster. Como também o TRATADO DE VESTFÁLIA assinado em 24 de Outubro de 1648, na cidade de Osnabrück. Este (um)-tratado real(izado) «entre» Fernando III – Imperador do Sacro Império Romano-Germânico – e cada (um) dos demais Príncipes Alemães, a França e a Suécia. O que pôs (um)-FIM ao conflito «entre» a França e a Suécia e o Sacro Império Romano-Germânico. “Havendo” ainda o TRATADO DOS PIRINEUS de 1659, que encerrou a guerra «entre» a França e a Espanha, e que também é considerado parte da PAZ DE VESTFÁLIA.

Mas para além da PAZ DE VESTFÁLIA, “há” ainda (uma)-ideia de (uma)-origem-contractualista. Na qual cada (um) dos agrupamentos de sistemas vivos humanos, cada vez mais populosos, é o que (des)encadeia como (uma)-necessidade de que se proceda de (uma)-tal-forma, que se chegasse a (uma)-ideia de ESTADO que na forma de (uma)-instituição possui toda (uma)-base-de-prescrições-jurídicas-e-sociais a SEREM ontofenomenologicamente seguidas, e que se evidenciam na forma de (uma)-CASA-FORTE que forma cada (uma) das LEIS que regimentam e regulam como a vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

A partir do que se pode argumentar, segundo o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), que descrevia cada (uma) das experiências dos sistemas vivos humanos ontofenomenologicamente como (uma)-estrutura-mental. Que (um)-ESTADO é tanto (uma)-*res-publica* enquanto (uma)-forma-“coisa”-pública que enquanto (uma)-real(ização)-jurídica, interessa à cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Quanto (uma)-potentia (PODER) que enquanto (uma)-forma-interacção que “há”, em e «entre» cada (uma) das sociedades ao real(izar-se) através de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-forma-NAÇÃO e a partir de cada (um) dos GENS que, do latim *gens* define-se como “*raça, clã ou família em sentido amplo*”; pois como (uma)-simultaneidade que se

---

426 Cantão é um tipo de divisão administrativa de um país, mas também designa a divisão geopolítica utilizada em alguns países como a Suíça e o Luxemburgo.

real(iza) a partir de cada (uma) das interações sociais que acontecem como (uma)-forma-linguística-e-social-hereditária, pode-se considerar a partir de (uma)-topologia-linguística, como (uma)-ONTOFILOGENIA.

Pois (um)-ESTADO, ainda segundo Kant, é (uma)-simultaneidade que enquanto (uma)-forma-[COMUNIDADE + SOBERANIA + NAÇÃO] é segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-representação que nos termos de (uma)-contemporaneidade e na forma de (um)-ESTADO é enquanto (uma)-simultaneidade (um)-ESTADO-comunidade, na forma de (uma)-REPÚBLICA; e (um)-ESTADO-aparelho, na forma de (um)-PRINCIPADO; como também, (uma)-COMUNIDADE-de-gerações que na forma de (uma)-NAÇÃO, real(iza-se) como (um)-ESTADO.

#### 15.1. (um)-“HOMEM-forte” como origem de (um)-conceito de ESTADO

Mas efectivamente (um)-conceito de ESTADO parece ter evoluído a partir das antigas cidades-ESTADO que se (des)envolveram na Antiguidade em várias regiões do PLANETA: Suméria, América Central, Europa e Extremo Oriente. Pois em muitos destes casos, cada (uma) destas cidades-ESTADO foi até certa altura, colocada sob a tutela de (um)-governo, de (um)-reino ou mesmo de (um)-império.

Mas seja qual for cada (uma) das formalidades, políticas, económicas ou sociais que se fundamentam como (uma)-origem de cada (uma) destas cidades-ESTADO. ONTOFILOGENICAMENTE “há” indiscutivelmente (um)-“fazer” que se (des)encadeia como (uma)-forma-ESTADO e que, enquanto (um)-facto-histórico (acontecimento linguístico), é o que se (trans)forma em (um)-conceito que ao tomar a forma de (uma)-UNIDADE-política-básica, é o que se real(iza) «sobre» a forma de (uma)-sociedade.

(uma)-existência-linguística que evolui através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, no sentido de (uma)-forma-supranacionalista-de-organização-regional, e que se torna ainda mais ampla a medida que meramente, a partir da forma de (um)-“fazer”, existe e manifesta-se como (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (um)-PAÍS é desta forma, o que se estabelece como (uma)-forma que é ontofenomenologicamente como (uma)-UNIÃO-EUROPÉIA, por exemplo, enquanto (uma)-forma-ESTADO-(trans)nacional.

Mas esta descrição narrativa de (uma)-forma-ESTADO, é somente possível desta forma, em (uma)-actualidade. Porquê “há” (uma)-forma-UNIÃO-EUROPÉIA que se real(iza) como (um)-facto, linguístico e histórico, que é comum à cada (um) dos europeus e | ou estrangeiros que em (uma)-UNIÃO-EUROPÉIA [existem e manifestam-se].

Entretanto, em (uma)-história de (uma)-formalidade-UNIÃO-EUROPÉIA, “há” o que se define conceitualmente, como (uma)-forma-ESTADO. Mas que nesta altura, volta-se para (um)-termo-ESTADO que normalmente está grafado com a primeira letra maiúscula e cada (uma) das demais com minúsculas, a fim de diferenciar (um)-termo-ESTADO de outras palavras homónimas. Mas como já apresentado, vai-se grafar nesta TESE com cada (uma) das letras em maiúsculas.

Entretanto, sabe-se que “há” correntes filológicas que defendem que se deve escrever todo o vocábulo com minúsculas como acontece com os termos cidadania ou civil. O que não se “faz” com o objectivo de “ferir” (uma)-definição-tradicional de ESTADO, outrossim, como (uma)-finalidade de equiparar (uma)-grafia de ESTADO à cada (uma) das outras grafias de termos que são menos importantes. O que segundo (uma)-topologia-linguística, denuncia-se como (uma)-(pre)ocupação-axiológica relativamente a cada (um) dos termos que se real(izam) representação.

Mas nesta TESE, como já foi afirmado, vai-se grafar a palavra ESTADO com cada (uma) das letras em maiúsculas, para diferenciar de outras palavras homónimas não por (uma)-questão-axiológica, outrossim, por (uma)-questão-apenas-visual-e-formal-que-os-diferencie.

Estabelecida esta observação acerca da palavra ESTADO, vai-se avançar através do pensamento de Nicolau Maquiavel (1469-1527), que através da OBRA “*O Príncipe*”, que foi escrita integralmente em 1513, mas foi somente publicada postumamente no ano de 1532.

Como o que Maquiavel tencionava por meio desta OBRA – “*De Principatibus*”, que em latim define-se como “*Dos Principados*”, e que é traduzida como “*O Príncipe*” como é preferência geral – era desta forma que se real(izava) como (uma)-forma-discurso acerca de (um)-Governo-Monárquico que se opunha à República. Mas que através do qual Maquiavel, pretendia enfatizar o futuro soberano Lorenzo di Medici (1492-1519), a quem Maquiavel dedicou a OBRA e o que “fez” com que Maquiavel tomasse para título da OBRA (uma)-forma-de-governo.

Pois como Maquiavel tencionava estimular o jovem Lorenzo a real(izar) (uma)-empreitada: unificar a Itália e defendê-la «contra» os estrangeiros. O que se evidencia como (um)-porquê da OBRA SER ontofenomenologicamente (um)-manual-de-governo. Posto que pretende descrever como se deve governar.<sup>427</sup>

Como também, por meio da OBRA “*Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*”. OBRA na qual Nicolau Maquiavel que era secretário da chancelaria florentina, demonstrou muito conhecimento de História Antiga, especialmente do Império Romano, e procurou comparar cada (uma) das instituições da Antiguidade, mais especificamente instituições da Roma Clássica, com cada (uma) das instituições florentinas do século XVI, para apresentar e analisar a partir dos

---

427 Em “*O príncipe*”, de Nicolau Maquiavel, edição digital. Editora Ridendo Castigat Mores, 2005. Capítulos I, II e III.

conceitos de VIRTÙ e FORTUNA, como cada (uma) das instituições acontecem e mantêm-se ou ainda extinguem-se como (uma)-formalidade-ESTADO.

Pois desta forma, ao apresentar cada (um) dos conceitos de VIRTÙ e FORTUNA. É a partir de (uma)-forma-inédita que Maquiavel pretendia “fazer” na forma de (uma)-filosofia recomendações de governação que, desta forma, inaugurou-se o que nos dias actuais real(iza-se) como (uma)-filosofia-política. O que de (uma)-forma que até então não se aplicava. Posto que (um)-pensamento-medieval abordava (um)-PODER que a partir de cada (uma) das interpretações religiosas ou morais que eram possíveis real(iza-se) como estes dois conceitos enquanto práticas linguísticas.

Entretanto, a partir dos conceitos de VIRTÙ e FORTUNA, é que se inicia (um)-pensamento-político de (uma)-forma-factual, como também, (uma)-procura que se evidencia através da expressão [“*verità effettuale*”, «*a verdade efectiva das “coisas”*»], e na qual se fundamenta (um)-pensamento-político em (uma)-actualidade.

Mas o que Maquiavel procurava era demonstrar o que deveria (um)-príncipe-“fazer” ao procurar estabelecer em cada (uma) das OBRAS, cada (um) dos fundamentos deontológicos de (um)-PODER e desta forma, apresentar a partir dos conceitos de VIRTÙ e FORTUNA, (uma)-estrutura-axiológica na forma de (um)-ESTADO e (uma)-consciência na forma de (um)-sujeito.

Assim, (uma)-VIRTÙ segundo Maquiavel, é (uma)-capacidade de (um)-príncipe adaptar-se e controlar cada (um) dos acontecimentos políticos em (um)-principado. Para real(izar-se) na forma de (um)-ESTADO através de (uma)-forma-de-governação que enquanto (uma)-manutenção de (um)-príncipe leva-o a mantê-lo no PODER. O que desta forma, empiricamente observa-se a parti de Maquiavel que (um)-governante com (uma)-VIRTÙ, é capaz de construir estratégias que são eficazes enquanto formas de governação que se adequam e permitem que se ultrapasse cada (uma) das dificuldades que lhe são impostas por cada (uma) das (im)previsibilidades históricas que “há” e que são inerentes à (uma)-existência-manifesta de (um)-ESTADO na forma de (uma)-sociedade.

Entretanto, (um)-político com (uma)-grande-VIRTÙ, observa que através de (uma)-FORTUNA, cada (uma) das possibilidades para edificar cada (uma) das estratégias que “há”, e que se permitem para controlar e conseguir alcançar (uma)-determinada-finalidade que é possível enquanto (uma)-circunstancialidade que, desta forma, ao agir frente à cada (uma) das circunstâncias políticas, procura perceber com que limites e possibilidades está a lidar. Devendo-se destacar ainda que Maquiavel requer (uma)-estabilidade de cada (um) dos personagens políticos, pois (uma)-VIRTÙ é (uma)-forma-de-manter-a-PAZ, como também, (uma)-estabilidade de (um)-principado que se formaliza, desta forma, como (um)-ESTADO.

Outra condição importante, segundo (um)-pensamento-maquiavélico, diz respeito a (uma)-superioridade da vida pública em detrimento da vida privada na constituição de (uma)-VIRTÙ, como

também, destaca-se (uma)-contestação de cada (um) dos valores e de cada (uma) das virtudes morais oriundas da tradição cristã à época de Maquiavel.

Já (uma)-FORTUNA, segundo o pensamento de Maquiavel, diz respeito a cada (uma) das circunstâncias políticas de (um)-tempo-presente e a cada (uma) das necessidades relativas à este tempo. Pois para Maquiavel é a ordem de cada (uma) das “coisas” sociais em cada (uma) das dimensões de (uma)-real(idade), o que influencia (uma)-existência-política que “há” como (uma)-sociedade.

Mas o que se deve observar ainda é que (uma)-FORTUNA é (um)-SER-manifestação que não se pode ver e que não se deve constituir como (uma)-“coisa”-social. Posto que se real(iza) na forma de (uma)-obnubilação. O que obstaculiza cada (uma) das acções de governar, porquê «antes» como (uma)-“coisa”-aparência é o que se mostra a partir de (um)-desafio-político e por isto, como (um)-SER-manifestação que se deve ontofenomenologicamente conquistar e atrair. Pois desta forma, cada (um) dos príncipes que vive (des)preparado em função de (uma)-FORTUNA, apenas real(izará) (des)onra e fracasso.

Entretanto, cada (um) dos príncipes que vive segundo (uma)-VIRTÙ, procurará utilizar (uma)-FORTUNA e controlá-la de (uma)-tal-forma, que lhe possa SER ontofenomenologicamente sempre útil. Pois é neste sentido que (uma)-FORTUNA é na forma de (um)-SER-manifestação o que é (um)-(in)determinável que segundo (um)-pensamento-maquiavélico, torna-se em (uma)-“coisa”-aparência que se real(iza) «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais que (in)evitavelmente acontecem na forma de (um)-ESTADO e a partir de cada (uma) das interacções linguísticas e sociais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Portanto, tanto (uma)-VIRTÙ, quanto (uma)-FORTUNA, são estruturas axiológicas que SÃO projectadas «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, e que na forma de cada (uma) das ontofenomenologias (in)determináveis que “há” e a partir de cada (uma) das práticas linguísticas interactivas (estáveis) que se real(izam) como formalidades sociais enquanto (uma)-real(idade). Posto que o que se procura é (uma)-manutenção-estável de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (uma) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Representações que se projectam «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, e que ao atravessar (uma)-“coisa”-social que se real(iza) contractualisticamente na forma de (um)-ESTADO. É como (uma)-instituição, o que não se real(iza) através de conceitos, mas «antes», atravessa cada (uma) das acções<sup>428</sup> de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Desta forma, segundo (uma)-topologia-linguística, não se pode pensar (uma)-VIRTÙ e (uma)-

---

428 Referência à condição humana da acção, proposta por Hannah Arendt (1906-1975), em (uma)-OBRA, “*A Condição Humana*”.

FORTUNA como qualificadores morais de (um)-governante, outrossim, como objectivações autopoiéticas de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se projecta «sobre» cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico.

Pois é desta forma, que é possível observar não axiologicamente cada (um) dos valores que se estruturam em cada (uma) das formas de interacção linguísticas que “há”, e que atravessam cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Posto que é enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se real(iza) «sobre» (uma)-forma de cada (uma) das “coisas” sociais. Estruturando-se como (um)-colectivizador que na forma de (um)-*axios*<sup>429</sup> é o que enquanto (um)-acontecimento-linguístico, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-aparência «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais.

## 15.2. Escola Keynesiana x Correntes NEOLIBERAIS

Assim, ao partir do século VI a. C., passou-se pelo século XVI de Nicolau Maquiavel (1469-1527), para chegar enfim ao século XX d. C. e ao pensamento de John Maynard Keynes (1883-1946). Autor do ensaio narrativo datado de 1926, “*The End of Laissez-faire*”, com o qual procura estabelecer o que “há” de mais importante na “Agenda de (um)-ESTADO”.

Neste discurso, Keynes afirma que (uma)-“Agenda de (um)-ESTADO” não pode estar relacionada a cada (uma) das actividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Pelo menos não as actividades que já se real(izam), mas a cada (uma) das actividades que estão fora do âmbito de cada (uma) das acções que já real(izam) através de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sociedade.

Pois (uma)-“Agenda de (um)-ESTADO” precisa interagir com cada (uma) das decisões que cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos não PODE real(izar) se (um)-ESTADO não as real(izar). Pois segundo Keynes, o que para (um)-governo é o mais importante, não deve SER ontofenomenologicamente o que se real(iza) como o que já se real(iza) na forma de cada (uma) das “coisas” sociais, melhor ou pior, mas «antes», o que se real(iza) em cada (uma) das “coisas” sociais que não está a SER ontofenomenologicamente real(izada).

O que se configura segundo (uma)-topologia-linguística, como forma que “há” em cada (uma) das práticas linguísticas, e que atravessa cada (uma) das interacções linguísticas que “há” como (uma)-real(idade). Mas deve-se salientar que em (uma)-topologia-linguística, o que “há” em

---

429 Strong 514 – *αἴσιος* (*axios*), que se define como “valor”, mas que em grego é o que se define como: “que é pesado, que tem peso, que tem o peso de outra coisa de valor semelhante, que vale tanto quanto, adequado, próprio, conveniente, comparável a algo, de alguém que mereceu algo de valor”. O que provavelmente deriva-se de Strong 71, *αγω* (*ago*), que se define como “guiar, conduzir”.



cada (uma) das interações linguísticas absolutas (instáveis) é o que “há” como cada (uma) das interações linguísticas interactivas (estáveis). E o que defende Keynes em termos de cada (uma) das interações linguísticas é (uma)-estabilidade; (uma)-adjectivação que segundo (uma)-topologia-linguística, não se real(iza) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-substantivação-equivalente a forma de (uma)-real(idade), outrossim, o que “há” na forma de (uma)-simultaneidade.

Ou seja, “há” como práticas linguísticas estáveis (adjectivação estável | interactiva), que se real(izam) como real(idades) instáveis (substantivação instável | absoluta) e o que “há” como práticas linguísticas instáveis (adjectivação instável | absoluta), que se real(izam) como real(idades) estáveis (substantivação estável | interactiva). Mas esta é (uma)-modelação que se “faz”, apenas para fins didácticos. Posto que (uma)-prática-linguística e (uma)-realidade-linguística SÃO simultaneidades ONTOFILOGÊNICAS. O que acontece é que (uma)-existência-heurística, ao real(izar-se) através de interações que envolvem estruturas e formas de significação, atravessa sinonimias e antonimias, real(izando-se) como alterações significantes.

Por isto, (uma)-estabilidade em (uma)-existência-linguística, real(iza-se) *physis* existencialmente como (um)-heurismo que a partir de (uma)-topologia-linguística, é o que ao real(izar-se) como (um)-instável, é o que enquanto (uma)-instabilidade real(iza-se) como (um)-estabilizador. Isto porquê “há” desta forma, segundo (uma)-finalidade-didáctica, pois o que se verifica em (uma)-real(idade) a partir de (uma)-topologia-linguística, é também (uma)-simultaneidade que “há” na forma de (um)-heurismo, que se real(iza) desta forma, como (uma)-inflamação-linguística na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, enquanto “coisas” sociais que existem manifestas no tempo-espaço enquanto intervalos topológicos ambíguos que não se reduzem à (um)-“fazer”-(des)ambiguador, outrossim, reduzindo-se à (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) que ao negar (um)-“fazer”-(des)ambiguador, é o que enquanto (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) “há” como (uma)-real(ização).

Este esclarecimento é importante, mas sucinto. Posto que como o que estrutura (um)-heurismo é (uma)-inflamação que atravessa (um)-fetichismo na forma de (um)-*axios*, e para mais, como o que se pretende é (um)-esclarecimento de (um)-porquê de (um)-pensamento-actual-keynesiano defender que é através de (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>430</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>431</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>432</sup>], que na forma de (um)-laureado-NOBEL-de-economia-no-ano-de-2001 Joseph Stiglitz (1943), que cada (uma) das escolhas de (um)-ESTADO não deve SER ontofenomenologicamente real(izada)

430 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

431 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

432 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

através de (um)-envolvimento de (um)-ESTADO em cada (uma) das actividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, outrossim, através de (um)-COMO-real(izar-se) enquanto (uma)-forma-envolvimento de (um)-ESTADO que “há” em cada (uma) das “coisas” sociais que se real(izam) na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos e sociais em (uma)-sociedade.

Desta forma, segundo Stiglitz, a questão central deixa de SER ontofenomenologicamente o tamanho de (um)-ESTADO, ou seja, (um)-*axios* na forma de (uma)-estrutura-axiológica; para (um)-estabelecer-se na forma de cada (uma) das “coisas” sociais em que (um)-ESTADO procura envolver-se, como também, em cada (um) dos métodos de envolvimento governativo de (um)-ESTADO em cada (uma) das “coisas” sociais que “há” e que se real(izam), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois o que alega Stiglitz é que “há” países economicamente BEM-sucedidos (axiologicamente estruturados) que têm (uma)-metodologia-de-governação que está envolvida em cada (um) dos aspectos de cada (uma) das actividades e “coisas” sociais que “há” em (uma)-sociedade. Mas o que é possível verificar a partir de (uma)-topologia-linguística, é que para além de (uma)-existência-nacional-fechada, cada (uma) destas nações real(iza-se) na forma de (um)-heurismo, como (uma)-inflamação-linguística que se evidencia em cada (uma) das (im)possibilidades de (uma)-real(ização) de cada (uma) das práticas linguísticas absolutas (instáveis) como (uma)-real(idade).

O que (re)vela que (uma)-argumentação-stiglitziana é viável como (uma)-possibilidade em sistemas simbólicos interactivos (estáveis), ou seja, fechados. Posto que (um)-heurismo real(iza-se) como (uma)-forma-coercitiva (adjectivação) que ao acontecer enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é o que se projecta «sobre» cada (uma) das real(izações) económicas, enquanto (uma)-forma-heurística-BEM-sucedida que “há” em cada (uma) das sociedades aqui citadas por Stiglitz e que atravessam (uma)-forma-ESTADO.

Mas real(mente) o que está nesta altura em discussão é: John Keynes (1883-1946) não defendia (uma)-estatização de (uma)-economia como (uma)-solução para (re)verter (uma)-GRANDE-DEPRESSÃO. (uma)-forma-de-(re)versão como a que se real(izou) em (uma)-revolução-russa-pré-socialista. O que Keynes defendia na década de 1930, é o mesmo que (um)-neo-keynesiano Stiglitz defende nos dias actuais, (um)-envolvimento-activo de (um)-ESTADO em cada (uma) das “coisas” sociais que “há” em (uma)-sociedade.

Entretanto, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-envolvimento-activo de (um)-ESTADO em cada (uma) das “coisas” sociais em (uma)-sociedade, o que se real(iza) como (uma)-inflamação-linguística. Isto porquê (uma)-*oikonomia* é o que se real(iza) ao atravessar (uma)-esfera-

privada; e (um)-MERCADO é o que se real(iza) ao atravessar (uma)-esfera-pública. E (um)-ESTADO é (um)-“fazer”-neurofisiológico-colectivo que se real(iza) como (uma)-simultaneidade-SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE «sobre» a qual cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) em (um)-REAL-topológico, é na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se real(izam).

Pois o que define (uma)-esfera-privada, segundo (uma)-topologia-linguística, é (uma)-esfera-pública, para mais, na forma de (uma)-simultaneidade. Isto porquê cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se real(iza) como (uma)-forma-sociedade e o que se define em cada (um) dos valores a partir de cada (uma) das estruturas que se estabelecem na forma de cada (uma) das real(izações) enquanto (uma)-real(idade).

Mas o que é curioso, segundo (uma)-topologia-linguística, é que (uma)-historicidade-linguística de (um)-acontecimento-*oikonomia*, é o que se real(iza) como (uma)-forma-MERCADO. Portanto (uma)-esfera-pública-MERCADO, desta forma, é (uma)-real(ização) a partir de (uma)-esfera-privada-*oikonomia*, o que contradiz (uma)-afirmação de (uma)-topologia-linguística, de que (uma)-esfera-pública é o que define (uma)-esfera-privada em (uma)-simultaneidade. Mas que bem poderia SER ontofenomenologicamente afirmada de (uma)-outra-forma: (uma)-esfera-privada define (uma)-esfera-pública em (uma)-simultaneidade.

Pois é a partir desta segunda forma contra(dita) que se estabelece OUTRA questão: afinal, o que é (um)-ESTADO: (uma)-“coisa”-pública ou (uma)-“coisa”-privada?

Desta forma, se é (uma)-“coisa”-pública o que define (uma)-“coisa”-privada, segundo (uma)-topologia-linguística, é (um)-MERCADO [“coisa” pública] o que define (uma)-*oikonomia* [“coisa” privada]. Pois é este (um)-dilema que (uma)-*ergoígenia* pretende “(des)fazer”. Posto que segundo Hannah Arendt (1906-1976), é (uma)-esfera-das-necessidades o que real(iza) (uma)-mundanidade na forma de (uma)-adjectivação.

A partir do que se pode afirmar que (uma)-esfera-das-necessidades é (uma)-real(ização) em (uma)-simultaneidade-[pública | privada]. Pois como é (um)-MERCADO o que define (uma)-*oikonomia*, também é (uma)-“coisa”-pública o que define (uma)-“coisa”-privada. Ora bem, mas se é assim que se real(iza) (uma)-forma-ESTADO enquanto (uma)-existência-SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE que se define em cada (uma) das PESSOAS, como sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Pode-se afirmar que, desta forma, é (um)-condizente com (um)-pensamento-keynesiano.

Entretanto, como é na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se real(iza) (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística, (um)-ESTADO é (um)-SER-manifestação que não se pode afirmar como (uma)-existência, como também, não se pode definir como (uma)-

formalidade, senão enquanto (um)-ENTE que atravessa (uma)-prática-linguística, mas que não se real(iza) como (uma)-forma de existência linguística.

Posto que apesar de alicerçar-se «sobre» (uma)-“coisa”-aparência e na forma de (uma)-“coisa”-social atravessar (uma)-existência-linguística, é (uma)-existência que ao estruturar-se como (uma)-existência-linguística, atravessa (uma)-objectivação-autopoiética, (trans)formando-se SOBRE-estrutural-e-SIGNICAMENTE, como o que se projecta «sobre» (um)-acontecimento-linguístico e na forma de (uma)-estrutura-axiológica, que se real(iza) como (um)-ENTE-axiológico «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social e a partir de (um)-acontecimento-linguístico, mas que real(mente) [é o que é] enquanto (uma)-(ir)representação como (um)-REAL (adjectivo).

Diante do que em prol de (uma)-LIBERDADE, surge no final do século XIX, a partir da Escola Austríaca de Economia, (um)-NEOLIBERALISMO. E mais recentemente, em 1947, a partir de (um)-encontro «entre» (um)-grupo-de-intelectuais-liberais-e-conservadores, real(izado) em Mont Pèlerin, (um)-vilarejo-suiço e onde foi fundada (uma)-sociedade-de-activistas-NEOLIBERAIS, para oporem-se à cada (uma) das metodologias de (um)-ESTADO, relativamente à (uma)-real(ização) de (um)-BEM-estar-social para cada (um) dos cidadãos envolvidos em (uma)-sociedade, o que “fez” ressurgir (um)-liberalismo na forma de (um)-NEOLIBERALISMO.

E desta forma, (uma)-Sociedade-Mont-Pèlerin composta por conhecidos e (re)conhecidos, intelectuais, filósofos, economistas e políticos de diversos PAÍSES, reúne-se bi-anualmente para defender (uma)-LIBERDADE-de-expressão, como também, (um)-livre-MERCADO e cada (um) dos valores políticos e ideológicos de (uma)-sociedade-livre e desta forma, promover (uma)-LIBERDADE como (um)-valor e (um)-princípio.

«Entre» os fundadores de (uma)-Sociedade-Mont-Pèlerin, incluem-se nomes sonantes como: Friedrich Hayek (1899-1992), Frank Knight (1885-1972), Bertrand des Ursins (1903-1987), Karl Popper (1902-1994), Ludwig von Mises (1881-1973), George Stigler (1911-1991) e Milton Friedman (1912-2006). Para além de muitos intelectuais, filósofos, economistas e políticos naturais de diversos continentes e pertencentes a diversas correntes de (um)-pensamento-liberal.

Basicamente, o que defendem os NEOLIBERAIS é (uma)-LIBERDADE para cada (uma) das PESSOAS que vivem em cada (uma) das sociedades contemporâneas. Alegando que (uma)-interferência de (um)-ESTADO em cada (um) dos aspectos sociais que “há” em cada (uma) das sociedades contemporâneas, impede (um)-crescimento como decorrência de (uma)-metodologia-de-acção-coercitiva.

A partir do que e diante desta questão, (uma)-topologia-linguística pergunta-se: afinal, o que é (uma)-LIBERDADE? Pois (uma)-LIBERDADE é real(mente) libertadora?

De (um)-ponto-de-vista-contractualista (uma)-LIBERDADE é (uma)-*physis*-existência. De (um)-ponto-de-vista-NEOLIBERAL (uma)-LIBERDADE é (um)-avanço-civilizacional. E de (um)-ponto-de-vista-linguístico-topológico, (uma)-LIBERDADE é (uma)-existência-linguística que ao atravessar (um)-acontecimento-linguístico, real(iza-se) através de (uma)-prática-linguística como (um)-REAL que na forma de (uma)-prática-linguística-estável, afirma-se como (uma)-prática-linguística-instável que se nega absolutamente (instável) como (uma)-prática-linguística-estável. Ou seja, (uma)-LIBERDADE segundo (uma)-topologia-linguística é (um)-LOGRO.

Portanto, ao concentrar-se no terceiro aspecto desta lista com (uma)-finalidade de responder à (uma)-pergunta e (des)envolver (uma)-argumentação a partir da forma de (uma)-topologia-linguística, o que se apresenta são mais questionamentos, pois afinal o que promove (uma)-real(ização)-de-BEM-estar-social em (uma)-sociedade: (uma)-forma-ESTADO ou (uma)-forma-LIBERDADE?

E diante desta questão será preciso para real(izar-se) na forma de (uma)-resposta, avançar «sobre» (uma)-PRIMEIRA-real(ização)-SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE, à procura de perceber como se real(iza) (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE enquanto (uma)-forma-BEM-estar-social e a partir da forma de (um)-sistema-topologia-linguística.

### 15.3. A vida egóica aos olhos das dores hierárquicas

Isto porquê (um)-BEM-estar-social é (uma)-“coisa”-aparência que na forma de (uma)-“coisa”-social, real(iza-se) linguisticamente em (um)-REAL-topológico a partir de cada (uma) das práticas linguísticas que “há” em (uma)-real(idade) como (uma)-projecção de (uma)-adjectivação «sobre» a forma de (uma)-substantivação que, sistemicamente e na forma de (um)-REAL (adjectivo) é (um)-acontecimento-significante.

(uma)-*ergoígenia* que na forma de (uma)-representação é (uma)-real(ização)-de-BEM-estar-social que, sistemicamente é (um)-acontecimento-significante que se real(iza) como (uma)-forma-sistemática-de-vida.

Mas a questão que real(mente) levanta-se é se (uma)-real(ização)-de-BEM-estar-social é possível a partir de (uma)-forma-LIBERDADE. Pois segundo (um)-pensamento-keynesiano, (uma)-real(ização)-de-BEM-estar-social somente é possível através de (uma)-forma-ESTADO.

O que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE pensado a partir de (um)-ESTÁDIO-egóico, permite afirmar que (uma)-forma-significante, enquanto (um)-acontecimento-linguístico, é (um)-acontecimento-significante que ao real(izar-se) na forma de (um)-visível, recalca (uma)-condição-semântica-neuro-BIO-fisiológica que na forma de (um)-linguístico estrutura-se formando-se como

(uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se projecta sistémica e activamente, «sobre» cada (um) dos acontecimentos significantes que “há” em (uma)-real(idade).

Desta forma, (uma)-pobreza que é (uma) das MAIORES dores que “há” em (uma)-sociedade-hierárquica-e-heurística, é (uma)-representação que se tipifica em cada (uma) das necessidades mais básicas e fundamentais em (uma)-vida-quotidiana e que não se consegue suprir efectivamente a partir desta forma de [existência manifesta] em (uma)-sociedade. E neste sentido, pode SER ontofenomenologicamente entendida, como (uma)-carência-de-BENS-e-serviços-básicos que afecta cada (um) dos sistemas vivos humanos, carentes e pobres, envolvidos em (uma)-sociedade.

Mas como se real(iza) (uma)-pobreza em cada (um) dos sistemas vivos humanos, carenciados e pobres que “há” em (uma)-sociedade? Curiosamente, a palavra POBRE vem do latim “*pauper*” que, por sua vez vem de “*paupário*” que se define como “*o que dá pequena luz*”, a partir de [“pau” = “pequeno” e “pário” = “dar à luz”]. Mas que se referia originalmente a cada (um) dos terrenos agrícolas ou mesmo ao gado que não produzia o que se necessitava.

O que evidencia, desde (um)-princípio que cada (um) dos valores de (um)-nível-de-existência-axiológica, normalmente está baseado em cada (um) dos níveis de suficiência ou (in)suficiência de cada (um) dos recursos, ou ainda, de cada (um) dos níveis de rendimento relativos. O que real(mente) acaba por real(izar-se) em cada (um) dos valores como (uma)-condição que se alicerça formalmente à cada (uma) das estruturas linguísticas que estão presentes em cada (um) dos acontecimentos linguísticos e que se permitem como (uma)-real(ização) enquanto (uma)-real(idade), na forma de (um)-heurismo.

Mas também, que (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica é (uma)-real(idade)-heurística que permite (uma)-edificação de (uma)-sociedade a partir de cada (um) dos estímulos (des)encadeados em cada (um) dos sistemas vivos humanos que se estabelecem a partir de representações subjectivas, o que na forma de cada (uma) das real(idades) que se constroem e a partir de cada (uma) das representações é o que se realiza em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(ização)-heurismo. O que é curioso [é que é] através de cada (uma) das representações absolutamente subjectivas (instáveis) que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, que se estabelecem cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) na forma de (uma)-comunicação.

Pois é a partir de (uma)-Psicologia-(Trans)pessoal, proposta por Abraham Harold Maslow (1908-1970), que se vai apregoar que cada (uma) das interacções comunicativas tornam-se possíveis devido a (uma)-consciência que se instala em cada (um) dos sistemas vivos humanos e que é responsável pela constituição de cada (um) como (uma)-PESSOA que socialmente instala-se como (uma)-real(idade).

E mais, que é (uma)-consciência que cada (um) dos sistemas vivos humanos adquire como (um)-indivíduo conectado a OUTRO enquanto (uma)-colectividade que atravessa (uma)-sociedade e que se permite como o que cada (um) destes sistemas vivos transcende (uma)-existência-pessoal, (trans)pessoalizando-se como (uma)-realidade que, desta forma (trans)pessoal, torna-se em (uma)-realidade mais abrangente. O que permite que (uma)-representação-absolutamente-individual (instável) comunique (um)-significado-colectivamente-estabilizado (interactivo).

Pois é desta forma que (uma)-consciência-FENOMENOLÓGICA alcança (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-simbólico-fechado que se instala como (uma)-sintaxe-retórica, recalcando (uma)-vida-egóica que se real(iza) segundo (uma)-semântica-neurofisiológica. O que funda (um)-ESTADO, como também, (uma)-sistemática-de-vida-heurística em (uma)-actualidade.

#### 15.4. O “EU”-dominante e (um)-ESTADO-complacente

...será preciso necessariamente descobrir uma outra gênese para o governo, outra origem para o poder político e outra maneira para designar e conhecer as pessoas que dele estão investida...<sup>433</sup>

John Locke, 1689

Mas os ESTADOS contemporâneos são formas que se real(izam) ao projectar-se «sobre» (uma)-sociedade através de cada (um) dos sistemas vivos humanos. A partir do que, como cada (um) dos ESTADOS, desta forma, não se real(iza) como (uma)-TOTALIDADE e a partir de cada (uma) das PESSOAS envolvidas em (uma)-sociedade, outrossim, como (uma)-maioria que se real(iza) em e «entre» cada (um) dos grupos de PESSOAS envolvidos. Portanto, (uma)-governança de cada (um) dos ESTADOS contemporâneos não é possível a partir de (uma)-TOTALIDADE de sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, mas tão somente, a partir de maiorias que se organizam na forma de grupos de sistemas vivos humanos que se envolvem, em e «entre» si através de (uma)-identidade que se real(iza) em cada (uma) das sociedades como (uma)-sociedade.

Posto que “há” (uma)-(im)possibilidade-de-governança TOTAL e absoluta (instável) de (uma)-sociedade por (um)-ESTADO na forma de (uma)-TOTALIDADE de sistemas vivos humanos. O que (uma)-topologia-linguística define como (uma)-complacência-do-ESTADO que se real(iza) ao atravessar cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Isto acontece segundo (um)-sistema-topologia-linguística, porquê (uma)-governança de (uma)-sociedade por (um)-ESTADO decorre ao atravessar (uma)-simultaneidade-coexistencial-[coercitiva | interactiva] que precisa SER ONTOFILOGENICAMENTE (um)-REAL (adjectiva) que “há” em cada (um) dos

---

433 John Locke, “*Segundo Tratado do Governo Civil*”, tradução Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa, Editora Vozes, Petrópolis, versão digital, página 35.

sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Ora, mas como “fazer” coexistir em (uma)-formalidade-ESTADO [(uma)-coerção e (uma)-interactividade]?

Curiosamente, segundo (uma)-topologia-linguística, isto somente é possível através de (um)-“EU”-dominador que “há” «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais que se consubstanciam através de cada (um) dos sistemas vivos humanos que enquanto PESSOAS [existem e manifestam-se] em (uma)-sociedade, enquanto entidades intitucionalizadas que coexistem, consubstanciando-se à cada (uma) das “coisas” sociais que “há” e que se real(izam) como (uma)-mundanidade enquanto (uma)-sociedade-linguística.

Posto que (um)-“EU”-dominador como é (uma)-realidade-sistémica que segundo (uma)-topologia-linguística, ao real(izar-se) na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é o que enquanto (uma)-simultaneidade, real(iza-se) «sobre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-linguística, enquanto cada (um) das “coisas” sociais que “há” e que se real(izam) ao atravessar cada (uma) das interacções linguísticas.

O que segundo (uma)-topologia-linguística, permite-se a partir de (um)-“EU”-dominador como (uma)-real(ização) que “há” em cada (uma) das objectivações autopoieticas que se projectam na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes, «sobre» as quais cada (uma) das “coisas” sociais é enquanto cada (uma) das (ir)representações que “há” e que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo), o que ao ESSENCIALIZAR-SE enquanto representações em (um)-simbólico-topológico que se caracteriza como (uma)-formalidade-social é o que enquanto (uma)-real(idade), real(iza-se) como (uma)-realização-sociedade.

O que ao caracterizar-se como (uma)-complacência é na forma de (um)-ESTADO, o que se real(iza) como (um)-agregador de diferenças formais e estruturais que ao [existirem e manifestarem-se] sistemicamente, coexistem em cada (uma) das simultaneidades que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo).

#### 15.5. *Bellum omnium contra omnes*

O que na forma de cada (uma) das subjectividades que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade e que se real(izam) como PESSOAS que homeomorfizadas através de cada (uma) das formas de (uma)-subjectividade-neuro-BIO-fisiológica que ao acontecer como (uma)-realidade que [não existe nem se manifesta] a partir de (um)-estruturante-(≠) <sup>[sinal]</sup>, é o que e desta forma, é na forma de (um)-“fazer” e enquanto (uma)-imagem que se real(iza) como (uma)-alucinação, o que inflama (uma)-existência-linguística que “há” como (uma)-simultaneidade-[recalento | real(ização)] que ao recalcar (uma)-(in)diferença-[SIM NÃO =



NÃO SIM] real(iza-se) como (uma)-representação que na forma de (uma)-real(ização) de (um)-estruturante-(≠)<sup>[sinal]</sup> é o que enquanto tal, real(mente) instala-se como (uma)-CRISE.

Posto que desta forma, (uma)-real(idade) consubstancia-se enquanto (uma)-realidade-heurística que ao (trans)formar-se em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, enquanto o que “há” como (uma)-homeomorfia e na forma de cada (uma) das subjectividades que “há” enquanto sistemas neuro-BIO-fisiológicos que se real(izam) como PESSOAS, mas na forma que não os real(iza) como indivíduos, outrossim, como (uma)-massa-de-alienados que através de cada (uma) das subjectividades neuro-BIO-fisiológicas “há”, ao consubstanciarem-se como sistemas vivos humanos na forma de cada (uma) das PESSOAS não individualizadas, é o que enquanto (uma)-massa-recalcada-de-alienandos, colocam-se (uns) contra os OUTROS enquanto “coisas” sociais que se real(izam) a partir de (uma)-estrutura-axiológica como (um)-valor.

O que ao estabelecer-se na forma de “(uma) guerra de todos contra todos”, é o que se realiza como (uma)-representação que na forma de (um)-ESTADO, estabiliza-se em cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-realidade-heurística. O que contra(ria) (uma)-teoria-contractualista-hobbesiana que afirma que “(uma) guerra de todos contra todos” é (uma)-condição-*physis*-existencial «contra» a qual insurge (um)-ESTADO que se projecta em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-realidade-sistémica.

Entretanto, o que defende (uma)-topologia-linguística é que “(uma) guerra de todos contra todos” é o que se instala ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-existência-linguística que ao atravessar (um)-acontecimento-linguístico não como (uma)-real(idade), outrossim, como (uma)-realidade.

É o que enquanto (um)-fetichismo-absoluto (instável) que se instala a partir de cada (uma) das práticas linguísticas estáveis (interactivas) o que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(idade), que em cada (uma) das realidades sistémicas individuais é como (uma)-existência-neuro-BIO-fisiológica.

(uma)-ONTOFILOGENIA que ao atravessar-se como (um)-fetiche, (trans)forma FILOGENICAMENTE (um)-sistema na forma de cada (uma) das interacções que se real(izam), em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

## **PARTE IV – INDIVÍDUO E CONSUMO**

Nesta QUARTA PARTE deste estudo, vai-se investigar (uma)-real(idade) como (uma)-existência-linguística que em (uma)-quotidianidade demarca-se a partir da consolidação de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE<sup>434</sup> «sobre» (uma)-forma-representação que a partir de (um)-estímulo, projecta-se através de (um)-“fazer”-neurofisiológico «sobre» a forma de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), real(izando-se) como (uma)-forma-“coisa”-social em (uma)-forma-sociedade.

Pois é a partir de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) que ao atravessar a forma de (uma)-“coisa”-social segundo (uma)-topologia-linguística, (ins)tabiliza-se cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que ao alicerçar-se interactiva e subjectivamente como (uma)-simultaneidade, em cada (uma) das formalidades que “há” enquanto (uma)-real(idade), é o que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida-colectiva que se privilegia não adjectivamente enquanto (uma)-forma (ideia) e a partir de cada (uma) das escolhas de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que se estabelece na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há”, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se real(iza) colectivamente «sobre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, apesar de (um)-“haver” de (uma)-subjectividade que “há” em cada (uma) das “coisas” sociais.

(uma)-sistemática-de-vida que ao real(izar-se) colectivamente «sobre» a forma de (uma)-“coisa”-social e a partir de cada (uma) das existências linguísticas, é na forma de cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se real(izam) como (uma)-forma-sociedade e a partir de (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que funda (uma)-ontofenomenologia que ao estar fundamentada em cada (uma) das estruturas axiológicas que se alicerçam na forma de (uma)-estrutura-de-vida-económica condizente com (uma)-existência-económico-heurística, é o que se real(iza) na forma de (um)-*axios*<sup>435</sup> que desta forma, edifica-se como (uma)-real(idade).

(uma)-existência-[ὄντως ὄν (*ontos on*)]<sup>436</sup> à qual Karl Marx (1818-1883) identifica e descreve como (uma)-forma-real(idade) que acontece SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos que colectivamente real(izam-se) na forma de cada (uma) das classes sociais que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-capitalista.

Posto que ao formarem-se segundo (um)-marxismo e a partir de (uma)-existência-BASE-estrutural, dialecticamente real(izam-se) em (uma)-conformidade-SUPER-estrutural, como o que se

---

434 (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é (um)-colectivizador.

435 Strong 514 – *ἄξιος* (*axios*), que se define como “valor”, mas que em grego significa: “que é pesado, que tem peso, que tem o peso de outra coisa de valor semelhante, que vale tanto quanto, adequado, próprio, conveniente, comparável a algo, de alguém que mereceu algo de valor”. E que provavelmente deriva de Strong 71, *ἄγω* (*ago*), que se define como “guiar, conduzir”.

436 Como (um)-SER-em-realidade, ou seja, (uma)-existência-em-realidade.

estabelece enquanto (uma)-forma-ideologia que na forma de cada (uma) das práticas linguísticas em (uma)-real(idade), estrutura-se axiologicamente como (uma)-sistemática-de-vida-económica-heurística.

O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é (uma)-existência-[ὄντως ὄν (*ontos on*)]<sup>437</sup> que se real(iza) em (uma)-conformidade-objectiva-autopoiética, ao atravessar (uma)-forma (ideia) que a partir de cada (uma) das adjectivações que “há”, estrutura-se como (uma)-substantivação em e «entre» (uma)-FILOGENIA-sistémica-neurobiológica-neurofisiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO] e (uma)-ONTOFILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM].

(uma)-interacção-sistémica que “há” em e «entre» (uma)-ambiguação-[SIM SIM = NÃO NÃO] e (uma)-representação-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] (ver QUADRO 002) que ao atravessar (um)-“fazer”, real(iza-se) como (uma)-formalidade-“coisa”-social enquanto (uma)-existência-manifesta-vida-HUMANA enquanto (um)-linguístico.

Mas como (uma)-formalidade-“coisa”-social que é enquanto (um)-SER-em-real(idade), o que atravessa (uma)-forma-SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE que se real(iza) como (uma)-estrutura-sistémica PRIMEIRO enquanto (uma)-forma-véu-imaginário [SIM NÃO = NÃO SIM], em conformidade com (uma)-alucinação e na forma de (um)-ESTÁDIO-diádico; e depois como (uma)-forma-protótipo-NEONATAL-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] que enquanto (uma)-representação é na forma de (um)-ESTÁDIO-egóico o que se real(iza) como (uma)-real(ização)-linguística.

O que ao real(izar-se) na forma de (um)-PAR-imagético enquanto (um)-ESTÁDIO-hierárquico, atravessa cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-simbólico-topológico, como (uma)-forma-PAR-[representação | (ir)representação] que na forma de (uma)-real(ização), real(iza-se) como (uma)- projecção «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas que “há” e que acontecem como (uma)-essência-(ir)representável em (um)-REAL-topológico, é o que ONTOFILOGENICAMENTE é recalcado, estabelecendo-se como (um)-atractor ou como se define em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

O que “faz” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, (um)-envolvido em (uma)-sociedade que enquanto (uma)-existência-linguística é o que ao confinar-se na forma de (uma)-real(idade) que hierarquicamente real(iza-se) como (um)-recalcamento e na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado. É o que, a partir de cada (uma) das estruturas de cada (uma) das representações que “há” em (uma)-topologia-linguística, o que enquanto (uma)-estrutura que se organiza através de (uma)-axiologia, o que na forma de (um)-simbólico-topológico é o que se estrutura e organiza sintaticamente, na forma de cada (uma) das representações que real(izam) enquanto (uma)-forma-real(idade) a partir de (uma)-realidade-sistémica da qual é e “há” enquanto (uma)-continuidade.

---

437 Como (um)-SER-em-realidade, ou seja, (uma)-existência-em-realidade.

Entretanto, na forma do que propõe (um)-marxismo, isto é o que “há” como (uma)-existência-BASE-estrutural e que se real(iza) como (uma)-simultaneidade enquanto o que “há” com (uma)-conformidade-SUPER-estrutural que se define, segundo (uma)-topologia-linguística, como (uma)-ideologia, como também, enquanto o que “há” como (uma)-formação de (uma)-estrutura-de-dominância que ao real(izar-se) enquanto (um)-modelo-de-observação, define-se na forma de cada (uma) das interações linguísticas que “há” em (uma)-forma-sociedade, como (uma)-real(ização)-heurística e segundo (uma)-topologia-linguística.

QUADRO 009 – Como se real(iza) (uma)-objectivação-autopoiética

ESTÁDIO	MONOCÓRDIO	DIÁDICO	EGÓICO	NARRATIVO	HIERÁRQUICO
SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE	PROTÓTIPO OBJECTIVO	PROTÓTIPO NEONATAL	EGO	RELAÇÃO	HIERARQUIA
AUTOPOIESE	ALUCINAÇÃO	VÉU IMAGINÁRIO	REPRESENTAÇÃO	REPRESENTAÇÃO x REPRESENTAÇÃO	REPRESENTAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO
OBJECTO	LASCA	LASCA e NÚCLEO	ANIMAL	EGO x EGO	RELAÇÃO

QUADRO 009 – (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE real(iza-se) «sobre» a forma de (um)-objecto a partir de (uma)-objectivação-autopoiética, que acontece através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, ao real(izar-se) (uma)-representação.

O que segundo (um)-marxismo, estabelece que “há” (uma)-SUPER-estrutura em cada (uma) das interações linguísticas que “há” em e «entre» cada (uma) das PESSOAS em (uma)-sociedade. E que cada (uma) destas interações linguísticas, é o que se real(iza) na forma de (uma)-LUTA-de-classes que devido a (uma)-real(ização) de cada (uma) das classes sociais é o que na forma de (uma)-real(idade), real(iza-se) como (uma)-interacção-capitalista.

A partir do que e segundo (uma)-topologia-linguística, o que acontece é que “há” (uma)-formalidade que ao atravessar (uma)-interacção-linguística que se real(iza) em e «entre» cada (um) dos significantes enquanto (uma)-real(idade)-sociedade, isto é o que se real(iza) na forma de cada (uma) das classes sociais, como (uma)-forma-real(idade) que a partir de (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>438</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>439</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>440</sup>], estrutura-se em cada (uma) das interações linguísticas que “há”, axiologicamente dominando-se enquanto (uma)-forma-sociedade que se real(iza) desta forma, como (uma)-existência-capitalista a partir de (uma)-existência-heurística.

438 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

439 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

440 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

Posto que ao atravessar cada (uma) das entidades que existem em (uma)-sociedade e real(izar-se) «sobre» cada (um) dos ENTES como (uma)-“coisa”-social e na forma de (uma)-“coisa”-aparência, isto é o que se edifica como (um)-*axios*<sup>441</sup> que ao formalizar-se «sobre» cada (uma) das representações que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, é o que em cada (uma) das sociedades de sistemas vivos humanos é enquanto (uma)-existência-linguística, o que se real(iza) como (uma)-sistemática-de-vida a partir de cada (uma) das estruturas axiológicas que se real(izam) como (uma)-realidade-sistémica em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

(um)-acontecimento-simultaneidade formal e estrutural que segundo (uma)-topologia-linguística, real(iza-se) a partir de (uma)-representação que ao projectar-se como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”, é o que se real(iza) através de cada (uma) das práticas linguísticas e na forma de (um)-PODER, que se “faz” na forma de cada (uma) das classes sociais enquanto (uma)-forma-dominação.

(uma)-“coisa”-social que ao permitir-se na forma de (uma)-estrutura-axiológica, é o que enquanto (uma)-classe-social que mais-PODE subjuga (uma)-OUTRA-classe-social que menos-PODE, o que se real(iza) através da forma de (uma)-PESSOA que enquanto (um)-instabilizador de (uma)-realidade é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, como (uma)-representação que se real(iza) através de (uma)-(ir)representação como (um)-REAL (adjectivo). Ao mesmo tempo que também é o que se real(iza) «sobre» cada (uma) das formas-PESSOA que ao objectivarem-se autopoieticamente como (uma)-forma-consumidor, é o que individualmente existe enquanto (uma)-conformidade e como (uma)-forma-de-existência-colectiva que social e subjectivamente, real(iza-se) na forma de (uma)-sistemática-de-vida-económica-heurística que através de (uma)-identidade que “há” em (uma)-conformidade-*physis*-existencial-e-heurística enquanto (uma)-simultaneidade, é o que se real(iza) enquanto (uma)-sociedade-linguisticamente-inflamada.

(uma)-existência-linguística que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, é patológica. Pois ao (de)formar-todo-(um)-“haver” atravessa-o (trans)formando-o a partir de (uma)-forma-SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE em (uma)-forma-ONTOGÊNICA que ao real(izar-se) como (uma)-estrutura-sistémica-de-vida, é enquanto (um)-“haver” que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que os envolve como toda-(uma)-sociedade e na forma de (um)-*pathos*<sup>442</sup>

441 Strong 514 – *ἄξιός* (*axios*), que se define como “valor”, mas que em grego define-se como: “que é pesado, que tem peso, que tem o peso de outra coisa de valor semelhante, que vale tanto quanto, adequado, próprio, conveniente, comparável a algo, de alguém que mereceu algo de valor”. E que provavelmente deriva de Strong 71, *ἀγών* (*ago*), que se define como “guiar, conduzir”.

442 Strong 3806 – que se define como “tudo o que acontece a alguém, quer o que seja triste ou alegre ou sentimento experimentado pela mente”.

que e a partir do qual “há” em cada (uma) das realidades individuais e que se “faz” através de cada (uma) das formalidades, que ao atravessar (uma)-estrutura-de-existência-sintática-e-retórica, real(iza-se) na forma de cada (uma) das reflexões linguísticas individuais, como (uma)-ontofenomenologia-possível que a partir de cada (um) dos sistemas vivos humanos é o que, desta forma, envolve-os enquanto (uma)-sociedade e como (uma)-existência-“para-si”.

Mas segundo (uma)-topologia-linguística, isto é o que se instala como (uma)-forma-NEUROSE<sup>443</sup> que ao acontecer como (uma)-conformidade-A-POSTERIORI e não A-PRIORI, é como o que se pretende argumentar, (uma)-ontofenomenologia que se real(iza) e que atravessa (um)-heurismo. Pois segundo (uma)-topologia-linguística, (uma)-existência-“para-si” como (uma)-forma-consciência é (uma)-estrutura-simbólica que se real(iza) como (uma)-formalidade na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado.

O que estabelece que (uma)-forma-existência proposta por Sartre, em (uma)-visão-marxista de cada (uma) das interacções sociais que “há”, é o que ao atravessar (uma)-forma-consciência-axiologicamente-estruturada, realiza-se a partir de cada (uma) das condições sistémicas, formais e estruturais, como o que se propõe em (uma)-topologia-linguística, como (uma)-inflamação-linguística que “há” e desta forma, “há” como (um)-“haver” que “há” em todo-(um)-“haver” que em cada (uma) das interacções sociais que “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, é em (uma)-actualidade o que se realiza como (uma)-inflamação que se evidencia em cada (uma) das alterações não estruturais contudo sistémicas e FILOGÊNICAS que “há” a partir de (uma)-existência-heurística e ONTOGÊNICA HUMANA.

O que se define segundo (uma)-topologia-linguística, na forma de (um)-*schema* (σχῆμα)<sup>444</sup> e não na forma de (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>445</sup> + μένω (*meno*)<sup>446</sup>]. Pois enquanto (uma)-forma-existência que tem (uma)-*ergoígenia* em (um)-estímulo, está é (uma)-existência-heurística que se real(iza) como (uma)-forma-dominação, que estrutural e formalmente, não é sistémica, outrossim, ontofenomenológica e axiológica.

A partir do que (uma)-topologia-linguística defende que “há” (uma)-forma-existência-social-e-patológica que se real(iza) em (uma)-conformidade-objectiva-autopoiética ao atravessar (uma)-forma-SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE, que se projecta «sobre» (uma)-forma-representação como (um)-fetiche-interactivo (estável), e real(iza-se) como (uma)-“coisa”-aparência, ao atravessar (uma)-prática-linguística em (um)-REAL-topológico. O que se apresenta como (uma)-

---

443 Ideia psicanalítica que em (um)-sistema-topologia-linguística real(iza-se) como (uma)-inflamação-linguística.

444 Conforme Strong 4976 – que se define como forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida, etc.

445 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

446 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

forma-“coisa”-social que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE percebida na forma de (uma)-essência não como (um)-significante, outrossim, enquanto (um)-significado, é o que se real(iza) em (uma)-sociedade como (um)-acontecimento-heurístico.

Entretanto, a partir desta argumentação, o que se pretende pensar estrutural e formalmente a partir de (uma)-visão-marxista e no âmbito de (uma)-topologia-linguística, é que cada (uma) das entidades institucionais ou institucionalizáveis que “há” em (uma)-sociedade, é (uma)-real(ização) de (uma)-“coisa”-aparência que ao acontecer a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-linguística ou SIGNIFICANTE, é (uma)-forma-atractora-(ir)representável que se real(iza) na forma de (uma)-objectivação-autopoiética «sobre» (uma)-forma-“coisa”-social.

E desta forma, cada (uma) das entidades institucionais é como (uma)-forma-“coisa”-social que não acontece a partir de (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], outrossim, a partir da forma de (um)-significante que ao projectar-se «sobre» (uma)-“coisa”-social estabelece-se como (um)-significado, emprestando-se como (uma)-solução-de-significação (heurística) e não como (uma)-existência-linguística à edificação de (uma)-real(idade). (uma)-representação que na forma de (uma)-ONTOGENIA tem (uma)-*ergoñgenia* em (uma)-ONTOFILOGENIA, mas não se privilegia como (uma)-estrutura-ONTOFILOGÊNICA-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], outrossim, como (um)-estruturante-diferenciador-(≠)<sup>[sinal]</sup> que se real(iza) como (uma)-estrutura-axiológica.

Portanto, (um)-acontecimento-linguístico que na forma de (uma)-existência-heurística, real(iza-se) como [(uma)-representação de (uma)-representação] «sobre» (uma)-representação que ao real(izar-se) como (uma)-forma-significação, edifica-se como (uma)-existência-heurística.

Isto porquê “há” (um)-estruturante-diferenciador-(≠)<sup>[sinal]</sup>, que é desta forma, o que se real(iza) como (uma)-forma-“coisa”-aparência ao projectar-se «sobre» (uma)-“coisa”-social. Entretanto, não a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, outrossim, a partir de (uma)-reflexão-linguística que ao acontecer em (um)-simbólico-topológico-fechado, inflama social e subjectivamente, todo-(um)-“haver” que, na forma de (um)-linguístico, e desta forma, real(iza-se) como (um)-heurismo.

O que consequentemente, projecta-se em cada (uma) das práticas linguísticas como (uma)-forma-(in)visível que ao real(izar-se) «sobre» (uma)-forma-representação, é o que atravessa (uma)-forma-“coisa”-social, edificando-se como (uma)-forma-institucional. (uma)-forma-essência que “há” em (uma)-forma-REAL (adjectiva) mas que em (uma)-prática-linguística e na forma de (um)-significado, empresta-se como (um)-sentido-formal-e-estrutural que ao atravessar (uma)-axiologia como (uma)-sistemática-de-vida, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos,



envolvendo-os, desta forma, como (uma)-forma-colectiva-na-forma-de-sociedade em (um)-REAL-substantivado.

A partir do que se pode afirmar que (uma)-estrutura-institucional é (uma)-“coisa”-social que segundo (uma)-topologia-linguística, determina-se como (uma)-forma-sistemática-de-vida-cultural-HUMANA que em (uma)-actualidade é colectivamente coercitiva. Pois ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas, é o que se define na forma de (uma)-quotidianidade, como (uma)-formalidade que se estrutura enquanto (uma)-existência-linguística que se vulgariza através de cada (uma) das interacções sociais e linguísticas, como também, na forma de cada (uma) das instituições que “há” em (uma)-sociedade. O que caracteriza segundo (uma)-topologia-linguística, o que se define como (uma)-existência-económico-heurística.

Mas isto é também o que mantém (uma)-esfera-de-existência-colectiva estabilizada interactivamente enquanto (uma)-forma-sociedade. Pois é a partir de cada (uma) das *práxis* quotidianas interactivas e não adjectivas, que se real(iza) em cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas. O que se forma a partir de cada (uma) das realidades individuais, na forma de cada (uma) das “coisas” sociais que se alicerçam em cada (um) dos ENTES axiológicos que “há” em (uma)-sociedade, como (uma)-existência-que-é-comum à (uma)-colectividade.

O que enquanto (uma)-existência-heurística e a partir de cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas que “há”, é a partir de cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se real(iza) na forma de (uma)-PESSOA que enquanto (uma)-instituição, é o que se define através de (uma)-forma-“fazer” que colectivamente ao acontecer em (uma)-conformidade que se estabelece como (uma)-forma-sociedade em (uma)-contemporaneidade, é através de (uma)-subjectividade o que se colectiviza.

Isto porquê em cada (uma) das instituições que “há” enquanto (uma)-sociedade, o que se real(iza) a partir de cada (um) dos valores é o que ao existir e projectar-se «sobre» cada (uma) das formalidades em (uma)-real(idade) é como (uma)-estrutura-axiológica, o que se real(iza) «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, enquanto cada (um) dos ENTES institucionais que atravessam cada (um) dos acontecimentos linguísticos que “há” enquanto (uma)-forma-sociedade. O que se edifica como (uma)-real(idade)-heurística ao atravessar cada (uma) das realidades individuais.

O que segundo (uma)-topologia-linguística e a partir de (um)-marxismo, é (uma)-real(ização)-ideia que “há” e que se real(iza) na forma de (uma)-representação, definindo-se a partir de (uma)-subjectividade e na forma de cada (uma) das “coisas” que se instala como (uma)-aparência em (uma)-sociedade, como o que se real(iza) enquanto (uma)-forma-consumidor e na forma de (uma)-PESSOA que “há”, paradoxal e simultaneamente, enquanto (uma)-forma-social.

Mas deve-se salientar que (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE não é o mesmo que (uma)-SUPER-estrutura-marxista, muito pelo contrário. Pois ao real(izar-se) (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE o que acontece é real(mente) (um)-oposto do que se real(iza) enquanto (uma)-SUPER-estrutura-marxista.

Posto que (uma)-SUPER-estrutura-marxista é que se real(iza) em (um)-sentido-dialéctico; ao passo que (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que se real(iza) como (uma)- projecção de (um)-existente-não-linguístico «sobre» (uma)-“coisa”-social, o que lhe empresta (uma)-forma-significação enquanto forma de (uma)-representação.

Isto porquê (uma)-SUPER-estrutura-marxista está condicionada à (uma)-forma-dialéctica que a partir de (uma)-interacção-BASE-estrutural, real(iza-se) como (uma)-real(idade). Ou seja, o que define (uma)-SUPER-estrutura-marxista é o que se forma BASE-estruturalmente e a partir de (uma)-condição-económica-e-social; ao passo que (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é (uma)-existência-linguística-*physis*-existencial que se define sistemicamente em (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de (um)-existente-não-linguístico que na forma de (um)-protótipo-objectivo atravessa (uma)-objectivação-autopoiética que “há” em (um)-imaginário-topológico, e que ao interagir com cada (uma) das formalidades que “há” em (um)-REAL (adjectivo), é o que se real(iza) na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, como (uma)-essência | significante | significado que na forma de (um)-REAL-topológico (ver QUADRO 009) real(iza-se) como (um)-significado enquanto (uma)-real(idade)-heurística.

Desta forma, cada (uma) das diferenças que “há” em e «entre» (um)-topologia-linguística e (um)-marxismo verifica-se porquê segundo (uma)-teoria-marxista, (uma)-sociedade deve SER ontofenomenologicamente entendida a partir de cada (uma) das existências manifestas materiais que se estabelecem a partir de (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos em (uma)-sociedade. O que evidencia que (um)-marxismo tem como (uma)-*ergoñgenia* cada (uma) das actividades económicas que SÃO ontofenomenologicamente necessárias para (uma)-satisfação de cada (uma) das necessidades materiais de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Contudo, a forma como cada (uma) destas actividades económicas é o que se organiza na forma de (um)-“fazer”-produtivo que, desta forma, dá origem ou real(iza-se) como (uma)-influência-directa «sobre» cada (um) dos fenómenos sociais observados e defendidos a partir de (uma)-perspectiva-marxista. Incluindo-se aqui cada (uma) das relações sociais, políticas, jurídicas, morais e ideológicas.

Desta forma segundo (um)-marxismo, cada (uma) das estruturas económicas, como também, cada (uma) das relações sociais, real(izam-se) como (uma)-forma-SUPER-estrutural e a partir de

(uma)-existência-BASE-estrutural. O que enquanto (uma)-BASE-estrutura em (um)-marxismo entende-se através de cada (um) dos agentes económicos envolvidos em cada (uma) das relações de produção que, desta forma, em cada (uma) das condições que se estabelecem em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, é como (um)-empregador ou (um)-empregado ou ainda em e «entre» cada (uma) das PESSOAS ou cada (uma) das instituições que “há” enquanto (uma)-sociedade-económico-heurística.

O que se estabelece diante de (um)-“haver” que “há”, como (uma)-divisão-do-trabalho, como também, em cada (uma) das relações de propriedade nas quais cada (um) dos sistemas vivos humanos envolve-se, enquanto forma que “há” como (uma)-PESSOA enquanto (uma)-sociedade que se realiza através de cada (uma) das interações linguísticas, como (uma)-forma-antonimia<sup>447</sup> que enquanto (uma)-existência-económica e através de cada (uma) das “coisas” sociais, real(iza-se) em cada (uma) das instituições que “há” enquanto (uma)-sociedade-capitalista e segundo (uma)-visão-marxista.

Pois é desta forma, que estruturalmente (uma)-organização de (uma)-sociedade real(iza-se) a partir de cada (uma) das necessidades que se somam para (uma)-satisfação de cada (uma) das necessidades materiais de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que se estabelece através de cada (um) dos valores que se real(izam) como (uma)-forma-estrutural-axiológica e na forma de (uma)-real(idade)-heurística.

Mas como cada (uma) das relações produtivas determina-se segundo (um)-marxismo, em cada (uma) das demais relações e ideias materiais que “há” enquanto (uma)-sociedade. Cada (uma) das relações não materiais é entendida ontofenomenologicamente pelo marxismo, como (uma)-SUPER-estrutura. O que desta forma, é como (uma)-SUPER-estrutura em (uma)-sociedade, o que inclui (uma)-cultura e cada (uma) das instituições sociais e estruturas políticas, como também, (um)-papel-social de cada (uma) das existências linguísticas em (uma)-sociedade, através de cada (um) dos rituais, como também, do que se define como (um)-ESTADO.

Pois segundo Marx, como é (uma)-BASE-estrutura o que determina (uma)-SUPER-estrutura, nesta relação não “há” segundo (um)-marxismo, (uma)-causalidade. Porquê (uma)-SUPER-estrutura também pode influenciar (uma)-BASE-estrutura, “havendo” no entanto (uma)-influência-BASE-estrutural que predomina na forma de (uma)-perspectiva-dialéctica-marxista. Entretanto, em (um)-marxismo-ortodoxo, (uma)-BASE-estrutura é sempre o que determina (uma)-SUPER-estrutura e desta forma, cada (uma) das estruturas marxistas acontece unilateralmente e não dialecticamente.

---

447 Em (uma)-topologia-linguística é a relação que se estabelece em e «entre» duas ou mais palavras que apresentam significativamente como diferentes ou contrárias.

No entanto como existem formas mais actuais de (um)-pensamento-marxista manifestas, e nas quais cada (uma) das relações não é estritamente unidireccional, tais como, algumas teorias mais contemporâneas entendidas como marxistas, e que efectivamente afirmam que “há” (uma)-dialéctica-estrutural-bidireccional. Pois segundo cada (uma) das teorias marxistas não ortodoxas, (uma)-BASE-estrutura influencia (uma)-SUPER-estrutura, como também, (uma)-SUPER-estrutura influencia (uma)-BASE-estrutura. O que justifica segundo (um)-marxismo, que a forma de (um)-materialismo-dialéctico não se PODE afirmar como (uma)-interacção-unidireccional, posto que, (uma)-interacção-dialéctica [BASE-estrutura x SUPER-estrutura] pode SER ontofenomenologicamente bidireccional.

Pois cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», (uma)-BASE-estrutura e (uma)-SUPER-estrutura, é o que permite que cada (um) dos pensadores marxistas explique porquê na medida de que cada (um) dos agentes produtivos, principalmente enquanto (uma)-tecnologia, ao aprimorar-se enquanto (uma)-forma-sociedade, através de cada (uma) das formas existentes de organização social, é o que se torna menos eficiente ou mais (in)eficiente. Pois asfixia-se como (um)-progresso em (uma)-forma-sociedade que segundo (uma)-visão-marxista, pode SER atribuído ontofenomenologicamente a cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” enquanto (uma)-existência-social-manifesta-sociedade.

Mas esta é (uma)-tipologia-de-explicação que (uma)-topologia-linguística procura evitar, mesmo sabendo que é possível não obter bons resultados diante de cada (uma) das questões económicas, políticas e sociais através de (uma)-topologia-linguística. Posto que ao procurar manter-se afastada enquanto (um)-modelo-de-observação de cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” na forma de cada (um) dos discursos possíveis acerca de (uma)-real(idade), o que se forma são interacções linguísticas que se edificam como (uma)-real(idade) que, pretensa e essencialmente, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-observação de (uma)-estrutura-axiológica estabelecida mas ainda não identificada com (um)-visível.

O que salienta que cada (uma) das explicações marxistas, para cada (uma) das questões económicas que se afirmam em cada (uma) das (in)eficiências sociais observáveis na forma de (uma)-sociedade, é o que se manifesta na forma de cada (uma) das contra(dições) discursivas que se real(izam) na forma de (uma)-LUTA-de-classes. O que ao estar efectivamente alicerçada em cada (uma) das estruturas sociais e políticas que “há” em (uma)-real(idade)-económico-heurística, manifesta-se discursivamente como (uma)-PURA-axiologia.

Diante do que (uma)-topologia-linguística vai afirmar que real(mente) “há” (uma)-[ἱερός (*hieros*<sup>448</sup>) + αρχὼ (*archo*<sup>449</sup>) | αρχή (*arche*)<sup>450</sup>] que na forma de (um)-SAGRADO-PODER (*ergoḡgênico*), real(iza-se) como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que se define na forma de (um)-*schema* (σχῆμα<sup>451</sup>) como (uma)-existência-linguística e na forma de (um)-estímulo como (uma)-real(ização) que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Ao passo que enquanto (um)-fenómeno, o que se define é (uma)-forma-de-existência-heurística que “há” e que se expande através de cada (uma) das teorias linguísticas tradicionais, incluindo neste caso (um)-marxismo, que ao edificar-se como (uma)-real(idade) que “há” em cada (um) dos modelos de observação propostos e a partir de (uma)-forma-simbólica-fechada, o que se real(iza), desta forma, é como (um)-discurso-ideológico em (um)-sistema-simbólico-fechado.

Mas atenção que, nesta altura nesta dissertação, cada (um) dos sistemas filosóficos é tratado como (uma)-teoria-fechada que se real(iza) em (um)-simbólico-topológico e na forma de (uma)-teoria-linguística, acerca da qual “há” em cada (uma) das tradições fenoménicas como o que se real(iza) a partir de (uma)-forma-consciência.

Contudo, (uma)-topologia-linguística defende que “há” em (uma)-quotidianidade em cada (um) dos sistemas vivos humanos, que enquanto (uma)-sistemática que os envolve *physis* existencial e linguisticamente manifesta na forma de (uma)-sociedade-económica, (trans)forma-os na forma de cada (uma) das PESSOAS que enquanto (uma)-forma-consumidor, é o que em (um)-meio-*physis*-existencial-social-e-linguístico manifesta e exisre como o que é enquanto (uma)-forma-sistémica-viva, mas que se real(iza) a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE como (uma)-existência-heurística.

O que desta forma, é (uma)-existência-heurística que a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, envolve cada (um) dos sistemas vivos humanos na forma de (uma)-PESSOA e como (um)-fundamento-ENTITATIVO que na forma de (um)-ENTE-axiológico, real(iza-se) como (um)-VALOR definindo-se como (uma)-real(idade) «sobre» a forma de cada (uma) das “coisas” sociais que se projectam como [(uma)-formalidade «sobre» (uma)-formalidade] que se define, enquanto tal como (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-representação é o que se real(iza) na forma de (um)-ENTE-axiológico e que se define na forma de (um)-DINHEIRO.

---

448 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

449 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

450 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

451 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

O que a partir de (uma)-estrutura como (um)-TRABALHO e na forma de (uma)-condição-humana-do-trabalho, como propõe (um)-pensamento de Hannah Arendt (1906-1976), permite-se a partir de (uma)-topologia-linguística, como o que distingue-se como (uma)-(trans)forma-linguística que se real(iza) na forma de (uma)-objectivação-autopoiética, enquanto (uma)-*physis*-existência-sistémica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, e que é de BASE fundamentalmente *ergoîgênica*, como o que se real(iza) a partir de (um)-“fazer” autopoieticamente, e a partir de (uma)-existência-linguística que se define como (uma)-existência-heurística.

(um)-processo-cognitivo-não-racional que se real(iza) na forma de (um)-heurismo, ao empregar cada (uma) das estratégias linguísticas que viabilizam tanto (uma)-escolha, quanto (uma)-decisão e diante das quais “há” (uma)-obnubilação que se projecta como (uma)-formalidade na forma de cada (uma) das práticas linguísticas que “há” em (uma)-existência-social. O que se empresta, desta forma, como (uma)-LIBERDADE que apesar de (um)-“haver” de (uma)-obnubilação, não impede tanto (uma)-escolha, quanto (uma)-decisão enquanto (uma)-real(ização)-heurística e na forma de (um)-LOGRO.

O que de (uma)-forma-objectiva e a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, localiza cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-*physis*-existência-manifesta que ao ocupar (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, é como (uma)-forma-PESSOA em (uma)-sociedade o que é como (uma)-simultaneidade enquanto (uma)-forma-consumidor que através de (uma)-identidade, esvazia-se como (uma)-forma-REAL (adjectiva), para real(izar-se) como (um)-CHEIO enquanto (uma)-forma-simbólica-REAL (substantiva).

Impedindo-se desta forma que atravesse (uma)-existência-institucional-PESSOA, como o que se real(iza) enquanto (uma)-existência-institucional-CONSUMIDOR através de (uma)-obnubilação que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Isto porquê na forma de (uma)-prática-linguística e segundo (uma)-topologia-linguística, o que se demonstra como (uma)-(im)possibilidade para (uma)-edificação-consciência e a possibilita de (uma)-construção de (um)-conhecimento-obnubilado que ao atravessar (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, real(iza-se) através de (uma)-(ir)representação-que-se-recalca, como (uma)- projecção «sobre» cada (uma) das representações que “há”, que enquanto (uma)-real(idade)-obnubilada, é na forma de (um)-fetichismo-interactivo (estável), o que se real(iza) como (uma)-sociedade-simbólica-fechada-em-(uma)-obnubilação-que-se-afirma-consciência.

O que demonstra e configura cada (uma) das diferenças, tanto de sentido, quanto de direcção que “há” em e «entre», (um)-pensamento-marxista e (uma)-topologia-linguística. Pois na forma de

(um)-CONSUMIDOR, cada (uma) das PESSOAS em (uma)-sociedade é (uma)-forma-instituição e não (uma)-forma-sistema-vivo segundo (uma)-topologia-linguística.

Posto que ao existir e manifestar-se linguisticamente como (uma)-forma-interactiva (estável), cada (uma) das PESSOAS real(iza-se) enquanto (uma)-sociedade, como (uma)-instituição que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas interactivas (estáveis). O que se (des)estabiliza em cada (uma) das realidades neuro-BIO-fisiológicas e *physis* existenciais manifestas em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que desta forma, é na forma de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, que se permite como o que em cada (uma) das edificações que “há” enquanto (uma)-real(idade) que atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sociedade, é o que desta forma, real(iza-se) como (uma)-inflamação-linguística enquanto (uma)-existência-manifesta-e-heurística.

Pois é isto o que segundo Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), provoca-se como (uma)-NEUROSE. Que segundo (uma)-topologia-linguística é (uma)-inflamação-linguística que ao real(izar-se) sistemicamente e instalar-se como (uma)-sistemática-de-vida-social em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade-heurística.

É o que enquanto (uma)-inflamação que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE (des)encadeada a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que se provoca através de (uma)-objectivação-autopoiética em cada (uma) das estruturas linguísticas e na forma de cada (um) dos ESTÁDIOS linguísticos – monocórdio, diádico, egóico, narrativo e hierárquico – como (uma)-(trans)forma-linguística que enquanto (uma)-forma-sistemática-de-vida é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade, e que se real(iza) em (uma)-conformidade com (uma)-existência-heurística que segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se opera na forma de (uma)-inflamação-linguística, como o que se define psicanaliticamente como (uma)-NEUROSE.

Isto porquê (uma)-ONTOFILOGENIA (SIM NÃO ≠ NÃO SIM), é (uma)-condição formal e estrutural para (uma)-representação. O que tem (uma)-*ergoígenia* em (um)-“lugar” «sobre» o qual (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE enquanto (uma)-simultaneidade que se projecta «sobre» (uma)-“coisa”-social. É a partir da qual (um)-significante enquanto (um)-acontecimento-linguístico, (trans)forma linguisticamente o que atravessa como (uma)-objectivação-autopoiética, que se instala como (uma)-forma-ENTE em (uma)-forma-valor que ao estabelecer-se, desta forma, na forma de (uma)-estrutura-axiológica em cada (uma) das representações enquanto (um)-simbólico-topológico, é o que se real(iza) como (uma)-real(idade) através de cada (uma) das práticas linguísticas.

(uma)-prática-linguística que ao SER ontofenomenologicamente estabilizada sintática e retoricamente, na forma de cada (uma) das existências semânticas neuro-BIO-fisiológicas é na forma

de cada (uma) das subjectividades sistémicas, o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade como (uma)-realidade que, desta forma, inflamasse sistemicamente através de (uma)-estrutura-interactiva.

Pois ao acontecer sistemicamente na forma de cada (uma) das existências linguísticas, o que se real(iza) como (uma)-objectivação-autopoiética e na forma de (uma)-existência-heurística, é o que não atravessa cada (uma) das interacções linguísticas, outrossim, como (uma)-formalidade-heurística, é o que atravessa cada (uma) das “coisas” sociais que, desta forma, ao realizarem-se formam-se linguisticamente enquanto forma em (uma)-sociedade que, desta forma, é como (uma)-forma-instituição, o que se projecta em cada (um) dos ENTES axiológicos que “há”, edificando-se como (uma)-real(idade) em cada (uma) das “coisas” sociais.

Posto que desta forma, “há” (uma)--(des)locação-objectiva que se real(iza) na forma de (uma)-“coisa”-social e a partir de (uma)-representação que ao (trans)figurar-se através de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que “há” em cada (uma) das existências linguísticas enquanto (uma)-sociedade e é o que atravessa (um)-*axios* na forma de (uma)-existência-económico-heurística. Mas atenção que (um)--(des)locamento-SIGNIFICANTE de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é o que instala OUTRA SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que, desta forma, real(iza-se) na forma de (uma)-objectivação-autopoiética (ver QUADRO 011 e QUADRO 009).

(um)-acontecimento-linguístico que a partir de (um)-marxismo define-se como (uma)-SUPER-estrutura, mas segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) ao atravessar (uma)-SOBRE-estrutura-linguística ou SIGNIFICANTE que real(mente) não é estrutural, mas exclusivamente interactiva (estável) e por isto (uma)-real(ização)-autopoiética enquanto (um)-REAL (adjectivo).

Isto porquê (uma)-alteração-estrutural somente PODE real(izar-se) na forma de cada (uma) das interacções objectivas e não na forma de (uma)-existência-SIGNIFICANTE. Pois segundo (uma)-topologia-linguística, (um)-SIGNIFICANTE é o que se real(iza) a partir de (uma)-prática-linguística na forma de (uma)--(ir)representação que enquanto (um)-atractor, é o que se projecta «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE. (uma)-interacção-linguística não visível que se real(iza) como (uma)-forma-visível «sobre» cada (uma) das representações que “há” em (um)-REAL-topológico. E que se projecta como (uma)-forma-simbólica em (um)-simbólico-topológico, para existir na forma de (uma)-simultaneidade-sistémica que ao manifestar-se como (uma)-forma-oculta, é o que funda-se em (uma)--(ir)representação, mas na forma de cada (uma) das existências sociais SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICANTE.

O que na forma de (uma)-topologia-linguística, é o que se estabelece como (uma)-representação que é, desta forma, como (uma)-formalidade-linguística em (uma)-simultaneidade-



[representação | (ir)representação], o que se real(iza) como (uma)-substantivação a partir de (uma)-adjectivação que enquanto (um)-“fazer” e a partir de (uma)-sistemática-de-vida, projecta-se como (um)-estímulo «sobre» cada (uma) das formalidades que “há” em (uma)-real(idade), substantivando-as.

Posto que ao atravessar (uma)-sistemática-de-vida-neuro-BIO-fisiológica, é o que se funda a partir de (uma)-forma-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE e na forma de (um)-sistema-topologia-linguística, como o que não se manifesta enquanto (um)-sensível que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como propõe (uma)-semiótica para (um)-SIGNO. Mas «antes», como (uma)-resposta à (um)-estímulo que a partir de (um)-“fazer” empresta-se, formal e estruturalmente enquanto (uma)-formalidade, ao que se real(iza) «sobre» cada (uma) das representações e apresenta-as como (uma)-real(idade) que é enquanto (um)-“*in praesentia*” que não se real(iza) como (um)-“*in absentia*”.

Ou seja, (uma)-(trans)figuração de (uma)-representação em (uma)-formalidade que se projecta «sobre» (uma)-“coisa”-social na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-linguística que se evidencia como (uma)-(trans)figuração na forma de cada (uma) das existências linguísticas que atravessam (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE (ver QUADRO 009), autopoietizando-se e (des)locando-se através de (uma)-mobilidade (ver QUADRO 010) que ao definir-se como (uma)-existência-SIGNIFICANTE, é o que se real(iza) como (uma)-representação. Ou seja, (uma)-objectivação-autopoiética de (uma)-existência-linguística que ao (trans)formar TODO existente linguístico que “há” enquanto (uma)-sociedade, é o que se confina enquanto formalidade em (um)-sistema-simbólico-fechado.

Mas devido ao *modus operandi* como isto acontece tanto individual, quanto colectivamente, esta sistemática de vida SOBRE-estrutural “arrasta” cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-forma-representação à (uma)-existência-coercitiva que aqui suposta como (um)-heurismo é enquanto (uma)-conformidade-estrutural-fetichista-e-interactiva (estável), o que (trans)forma (um)-[σχῆμα (*schema*<sup>452</sup>)], cuja *ergoígenia* é (um)-estímulo, em (um)-[φαίνω (*phaino*<sup>453</sup>) + μένω (*meno*<sup>454</sup>)], cuja *ergoígenia* é (uma)-consciência. (uma)-aparência que ao permanecer é o que viabiliza-se como (uma)-sistemática-de-vida-subjectiva que não é colectiva, mas «antes», (uma)-individualidade-interactiva (estável).

Posto que é desta forma, que (um)-fetich-interactivo (estável) real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade e como (uma)-forma-CONSUMIDOR.

---

452 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

453 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

454 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

O que justifica cada (uma) das formas individualidade que “há” enquanto (uma)-real(idade)-heurística.

Mas que real(mente), ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética que “há” em cada (um) dos existentes linguísticos, é o que enquanto o que “há” como (uma)-existência-heurística que, entretanto, desta forma não é vulgarmente identificável. Posto que se localiza em cada (um) dos CONSUMIDORES que a partir de (uma)-topologia-linguística, real(izam-se) como (uma)-auto-imagem [alucinação]. O que os coloca diante de (uma)-pergunta que condiz com (uma)-condição que os diferencia como [imagem | representação], e que enquanto (uma)-diferença que “há” em e «entre» (um)-linguístico e (um)-heurístico, é o que na forma de (um)-*modus-operandi* real(iza-se) como (uma)-existência-manifesta que em cada (um) dos sistemas vivos humanos é enquanto (uma)-sociedade (um)-heurismo-manifestação. A partir do que resta (uma)-pergunta: será possível “curar” esta (uma)-NEUROSE?

Como em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-NEUROSE é (uma)-sintaxe-retórica que se real(iza) a partir de (uma)-reflexão-linguística. A partir do que se pode afirmar é que SIM. É possível “curar” (uma)-NEUROSE, entretanto, como tanto para Freud, quanto para Lacan (uma)-NEUROSE é estrutural, será preciso ponderar acerca desta possibilidade a qual se define como (uma)-CURA.

Portanto, é a partir de (um)-“lugar” em (um)-sistema-topologia-linguística, que a questão de (uma)-CURA para (uma)-NEUROSE coloca-se. Posto que em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-NEUROSE é (uma)-condição tanto sintática, quanto retórica que se real(iza) enquanto (uma)-existência-heurística que advém de (uma)-reflexão-linguística. Por isto redonda especificamente em (uma)-NEUROSE que enquanto (uma)-inflamação-linguística, não é o que redonda do se (trans)figura a partir de (uma)-estrutura-ONTOFILOGÊNICA-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], outrossim, como o que define enquanto o que se real(iza) como (uma)-CONSCIÊNCIA enquanto (um)-heurismo.

Pois é a partir desta conclusão, que (uma)-topologia-linguística afirma que o termo “inconsciente” proposto pela psicanálise, como também, o vocábulo mais popular “subconsciente”, oriundo da psicologia, (re)velam-se como expressões problemáticas, que para mais, enquanto palavras que evidenciam (um)-problema-inerente a (uma)-existência-linguística que se real(iza) na forma de (uma)-consciência, tornam-se enquanto tais como (uma)-(in)consistência.

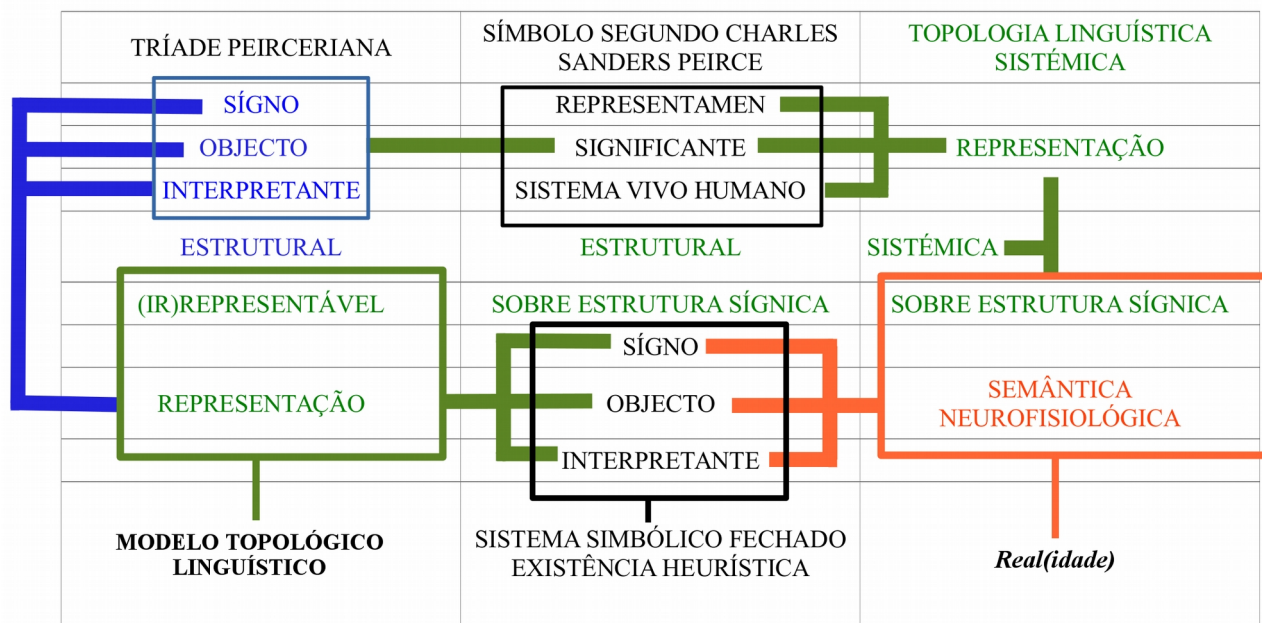
Mas (um)-sistema-topologia-linguística não se vai cingir a nenhuma destas expressões para argumentar acerca de (uma)-solução. Posto que cada (uma) destas palavras real(iza-se) como (uma)-estrutura-axiológica. Entretanto, como também não interessa a partir de (uma)-topologia-linguística, confinar-se a esta questão como (um)-problema, o que se assume é que na forma de (uma)-existência-heurística o que é certo e definitivo relativamente à (uma)-topologia-linguística, é o que

se vai manter como (uma)-diferenciação-[linguística x heurística] que enquanto (um)-*modus-operandi* de existir e manifestar-se, é o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-actualidade. Mesmo que se considere este caminho como “aquele que se permite para saltar do fogo para a frigideira”.

E desta forma, (uma)-topologia-linguística propõe que (uma)-existência-heurística é como (uma)-expressão adequada para TODA e qualquer referência à (um)-condição-específica que se real(iza) como (uma)-inflamação-linguística e que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

A partir do que “há” como (uma)-condição-*physis*-existencial-linguística-específica enquanto (uma)-sociedade-heurística. Diante da qual se acredita tornar possível (uma)-argumentação acerca de (uma)-NEUROSE que segundo Freud e Lacan, evidencia-se na linguagem. A partir do que se vai então buscar em (um)-sistema-topologia-linguística por (uma)-argumentação-linguística para que esta condição de (uma)-representação que “há” enquanto (uma)-existência-heurística, seja o que enquanto (uma)-ONTOGENIA, altera FILOGENICAMENTE cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que se real(iza) formal e estruturalmente, a partir de (um)-entendimento que diverge da forma de (um)-acoplamento-estrutural-linguístico enquanto o que é proposto por Maturana e Varela.

QUADRO 010 – Representação e Real(idade) em (uma)-topologia-linguística



QUADRO 010 – A Tríade Peircereana de Charles Sanders Peirce (1839-1914) é (uma)-estrutura-linguística que descreve a construção de (uma)-existência-linguística. A topologia linguística cruza ideias e conceitos peircianos com o pensamento de Ferdinand de Saussure (1857-1913) para estabelecer que “há” (uma)-existência “*in absentia*” que é “*in praesentia*” mas que sendo (ir)representável existe SOBRE-estruturalmente sendo sempre atraída por (uma)-forma que é

desta forma o que se realiza como (um)-ELO-linguístico «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais que “há” enquanto (uma)-real(idade).

Posto que Maturana e Varela entendem (um)-acoplamento-estrutural-linguístico como (um)-acoplamento-de-terceira-ordem<sup>455</sup>, ou seja, como o que é socialmente adquirido. E como é real(mente) (um)-facto-(in)contestável que (uma)-linguagem é também (uma)-real(ização)-socialmente-adquirida, a questão segundo (uma)-topologia-linguística, cinge-se à condição de (uma)-FILOGENIA que a partir do que se formula como (uma)-pergunta é: como (uma)-FILOGENIA-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO] que é interactivamente ambígua, torna-se em (uma)-(des)ambiguação-interactiva (estável) que se possibilita real(izar) como (uma)-representação que ONTOFILOGENICAMENTE é como (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]?

Ao limitar-se a responder somente esta pergunta, PRIMEIRAMENTE será preciso salientar que (uma)-topologia-linguística entende que (um)-acoplamento-estrutural-linguístico é como (um)-acoplamento-de-segunda-ordem [comportamental] e não de terceira ordem [aprendido], como o propõem Maturana e Varela. Sendo isto o que torna possível (um)-entendimento de que (um)-atravessamento-estrutural-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico é o que se real(iza) como (um)-acoplamento-estrutural-linguístico enquanto (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística.

Diante do que se oferecem alguns exemplos. (um) destes exemplos é o que diz respeito a respiração de (um)-sistema-vivo-humano ao nascer, que é *physis* existencialmente abdominal, mas que ao chegar a vida adulta deixa de SER-manifestação *physis* existencialmente abdominal, assumindo-se como (uma)-respiração-peitoral. Porquê?

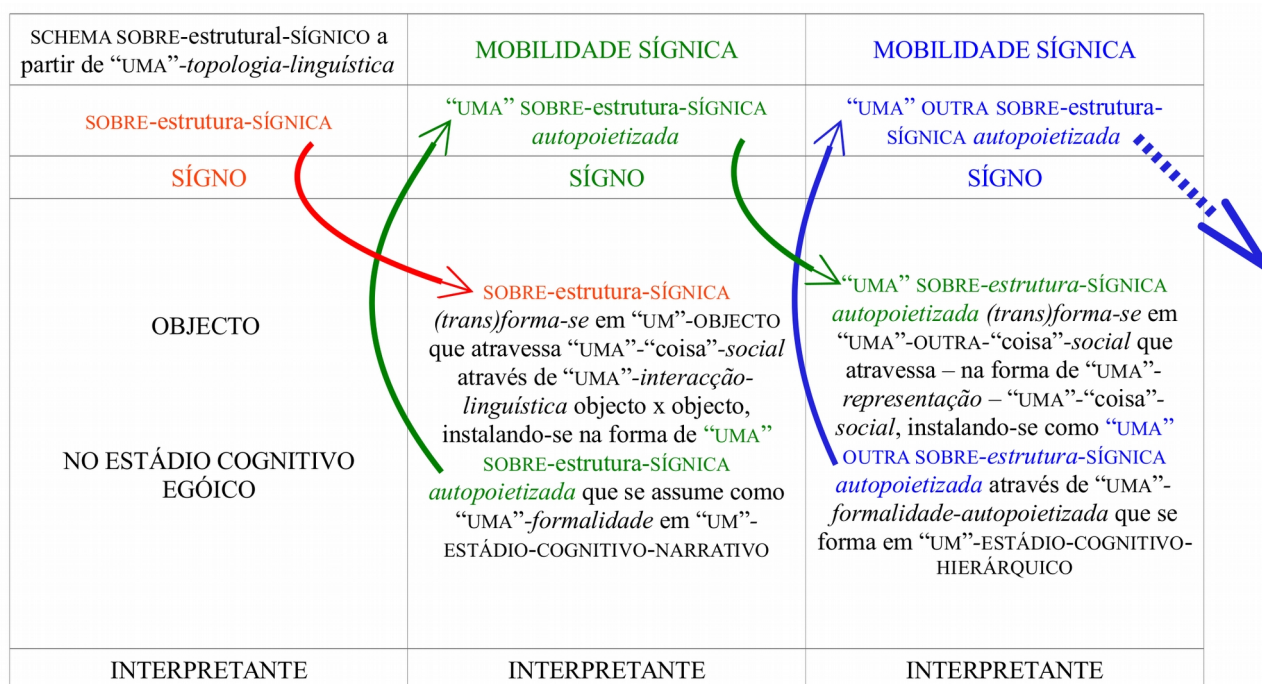
Sem responder a esta pergunta apenas vai-se afirmar que (uma)-topologia-linguística acredita que não basta, ao atravessar (uma)-linguagem, (re)aprender a respirar abdominalmente, pois cada (uma) das alterações provocadas por (uma)-ONTOGENIA-linguística é o que fica manifesta nesta condição da respiração peitoral como o que ONTOFILOGENICAMENTE é muito mais amplo do que (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiologicamente-adquirida e que somente se real(iza) como (uma)-alteração-na-forma-FILOGÊNICA-da-respiração. Mas o que justifica esta forma de pensamento enquanto (um)-sistema-topologia linguística?

Tanto esta pergunta como a que não se respondeu logo acima levantam questões que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE conduzidas ontofenomenologicamente até à (um)-indivíduo como (uma)-representação-institucional enquanto (uma)-PESSOA; como também, à (uma)-LIBERDADE como (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que se afirma como (uma)-prática-linguística-instável

<sup>455</sup> Aqui ciberneticamente estabelecido enquanto (um)-acoplamento no qual (um)-observador [é o que é] (um)-observado. (uma)-simultaneidade que, desta forma, é como (uma)-cibernética-de-terceira-ordem que enquanto o que se propõe na forma de (uma)-*ergoñenia* é em (um)-sistema-topologia-linguística (uma)-real(ização)-enquanto-origem-simultaneidade.

(absoluta) ao negar-se absolutamente (instável) em TODA e qualquer prática linguística: ou seja, (um)-LOGRO como já descrito na SEGUNTA PARTE desta dissertação. Posto que (uma)-LIBERDADE é (uma)-ambiguação-absoluta (instável) enquanto (uma)-existência-linguística-estável (interactiva). O que se estrutura como (uma)-“coisa”-social «sobre» (uma)-realidade-que-é-ÚNICA-e-neuro-BIO-fisiológica.

QUADRO 011 – *Schema* SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE



QUADRO 011 – A topologia linguística defende que “há” – em TODO “haver” como TUDO o que “há” – (uma)-objectividade-intrínseca que é sempre “*in praesentia*” na forma de (uma)-semântica-neurofisiológica. E que esta semântica neurofisiológica tem como (um)-atractor (uma)-“coisa”-aparência. Que na forma de (uma)-“coisa”-social, precisa de (um)-ELO-linguístico para existir enquanto (uma)-sociedade e como (uma)-real(idade). Pois este ELO é o que existe manifesto como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE «sobre» a forma de (uma)-representação.

(uma)-*physis*-existência-linguística-manifesta que se estabelece sistemicamente a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica e que enquanto (uma)-estrutura-de-atravesamento-neurobiológica-neuro-BIO-fisiológica é o que se real(iza) como (uma)-existência-linguística e enquanto (uma)-sistemática-de-vida-humana. Entretanto, mantendo-se absolutamente ambígua (instável) enquanto (um)-atravesamento-estrutural que se estabelece «sobre» cada (uma) das representações como (uma)-existência-institucional que a partir da forma de (uma)-PESSOA é envolvida enquanto (uma)-sociedade que é enquanto (uma)-actualidade-linguística, o que se real(iza) como (uma)-“coisa”-social.

(uma)-representação que a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica inicialmente não se real(iza) como (uma)-NEUROSE. Posto que se real(iza) como (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) que ao atravessar (uma)-real(idade) que não se (des)estabiliza como (uma)-realidade. É desta forma o que se mantém estável (interactiva) como (um)-“fazer” que se real(iza) como (uma)-(des)ambiguação ou então como (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação. O que se localiza desta forma como (uma)-questão que “há” enquanto (um)-ESTÁDIO-egóico.

Pois (um)-problema ocorre quando (uma)-representação-LIBERDADE projecta-se «sobre» (uma)-realidade (sistémica) como (uma)-“coisa”-social, ocultando (uma)-condição sistémica de cada (um) dos sistemas vivos humanos «sob» (um)-véu que enquanto (uma)-imagem [alucinação] SOBRE-estrutural-e-linguisticamente ou SIGNIFICANTEMENTE, real(iza-se) na forma de (um)-CONSUMIDOR.

O que segundo (uma)-topologia-linguística define-se como (um)-LOGRO, como já definido na SEGUNDO PARTE desta dissertação. E a palavra “logro” é enquanto (um)-verbo-“lograr” o que se define tanto como “*adquirir aquilo que lhe pertence por direito*” quanto “*ludibriar alguém valendo-se de armadilhas*” com (uma)-finalidade de tomar qualquer “coisa” que se forma como social e que não pertence ao indivíduo que se JULGA real(izador) de (um)-DIREITO. O que se explicita em TODA e qualquer ambiguação inerente ao termo LIBERDADE como o que enquanto (uma)-prática-linguística, é na forma de (um)-CONSUMIDOR, o que atravessa cada (uma) das representações “escolher” e “decidir” enquanto (uma)-PESSOA.

Entretanto, como a filosofia de forma muito genérica e geral e sem definir qualquer especificidade formal ou argumentativa, apregoa que (uma)-LIBERDADE não é (um)-absoluto – o que segundo (uma)-topologia linguística é (um)-instável – outrossim, (uma)-prática-linguística-interactiva – que segundo (uma)-topologia linguística é (um)-estável. Pode-se afirmar que (uma)-LIBERDADE é na forma de (um)-LOGRO o que enquanto (uma)-condição-linguística-humana que “há” em todo-(um)-“haver” e que segundo a filosofia é como (uma)-LIBERDADE-absoluta, mas que em (um)-sistema-topologia-linguística é (um)-LOGRO e na forma de (um)-estável (interactivo).

Contudo, como segundo Jean-Paul Sartre (1905-1980), (uma)-LIBERDADE é (uma)-prática-existencial. (uma)-*physis*-existência que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos e que os condiciona enquanto ENTES e na forma de cada (uma) das PESSOAS que «antes» de qualquer “coisa”, existem e manifestam-se em LIBERDADE, mesmo enquanto (uma)-instituição-PESSOA que “há” enquanto (uma)-institucionalização-sociedade.

E como (uma)-LIBERDADE é o que se real(iza) como (um)-centro-do-pensamento-filosófico-sartriano, a hipótese sartriana resume-se ao facto de que “há” LIBERDADE e que (uma)-LIBERDADE

é absoluta (instável<sup>456</sup>) ou de OUTRA forma não existe, mas não como (um)-absoluto-instável que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, outrossim, como (um)-absoluto-sartriano individual, “palpável” e próprio à (um)-*percipiens*.

O que é a partir desta forma proposta por Sartre o que recusa qualquer determinismo, mesmo (um)-determinismo-materialista ou OUTRA forma condicional ou condicionante determinística enquanto (uma)-real(ização)-LIBERDADE. Posto que se tudo for reduzido à (uma)-materialidade, não “haverá” em todo-(um)-“haver”, segundo Sartre, (uma)-consciência. E não “havendo” (uma)-consciência em todo-(um)-“haver”, não “há” (uma)-LIBERDADE.

Isto porquê segundo Sartre, cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-existência-“para-si” é livre de (uma)-essência [SOSEIN | prática linguística], o que enquanto tal não o é como o que se real(iza) em cada (um) dos objectos [“coisas”] no mundo. Posto que cada (um) dos objectos são existências “em-si” que, entretanto, enquanto “coisas” aparentes, ou seja, enquanto existências “para-si”, é o que em cada (um) dos objectos enquanto tal [objecto], é (um)-NADA enquanto (um)-fenómeno [representação]. Pois cada (uma) das existências “em-si” como (um)-objecto no mundo, é (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-existência-“para-si” é o que se real(iza) como (uma)-representação. O que fundamenta TODA e qualquer LIBERDADE segundo Sartre. Isto porquê na forma de (um)-NADA [representação], cada (uma) das “coisas” aparentes encontra-se como (um)-“lugar” para existir e manifestar enquanto (uma)-existência-“para-si” e a partir de (uma)-consciência.

O que segundo (uma)-concepção-sartriana, cada (uma) das PESSOAS sendo (um)-NADA «antes» de real(izar-se) como (uma)-“coisa”-aparência, é o que enquanto (um)-absoluto e LIVRE, o que se define como (uma)-forma e enquanto (uma)-existência-“para-si” que ao engajar-se, encerrar-se e esgotar-se como (uma)-existência-“para-si”, é (uma)-PESSOA-absoluta-e-individual que somente se “faz” porquê “há” em todo-(um)-“haver” como (uma)-LIBERDADE que a partir de (uma)-consciência é individual, “palpável” e própria à (um)-*percipiens*.

O que segundo (uma)-topologia-linguística funde duas representações em (uma)-existência-ÚNICA que não se real(iza) como (uma)-real(idade), outrossim, como duas realidades distintas: (uma)-LIBERDADE e (uma)-consciência em (uma)-existência-“para-si”. Posto que “há” (um)-homeomorfismo próprio à (uma)-topologia-linguística, que justifica que se pense que (uma)-representação apesar de SER-manifestação em (uma)-formalidade, não o é enquanto (uma)-estrutura, outrossim, como (uma)-existência-linguística-sistémica.

Contudo, ainda argumenta Sartre que é a partir de (uma)-forma-consciência que se pode recusar todo e qualquer determinismo materialista. Porquê se tudo for reduzido à matéria, não pode

---

456 Segundo (uma)-topologia-linguística e não segundo Sartre.

“haver” (uma)-consciência que é (uma)-condição-fundamental para (uma)-prática-linguística (SOSEIN) de (uma)-representação-LIBERDADE, segundo (um)-existencialismo-sartriano.

Isto porquê o que fundamenta (uma)-LIBERDADE para Sartre, é (um)-NADA, ou seja, (um)-(in)determinismo-absoluto. E desta forma, pode-se enfim entender porquê (uma)-“má-fé”-sartriana existe como (uma)-tendência que nega (uma)-LIBERDADE.

Posto que segundo Sartre, o que fundamenta (uma)-consciência é (um)-NADA. Diante do que, e desta forma, nenhuma existência pode servir como origem de (uma)-explicação para os comportamentos de cada (um) dos sistemas vivos humanos, pois não “há” em todo-(um)-“haver”, nenhuma forma que enquanto (uma)-essência (SOSEIN | prática-linguística), divina, biológica, psicológica ou social, anteceda ou justifique (uma)-prática-linguística de (uma)-LIBERDADE que atravessa (uma)-escolha ou de (uma)-decisão, a não SER (um)-NADA.

Isto porquê, segundo Sartre, é (uma)-prática-linguística o que justifica cada (uma) das acções de cada (um) dos sistemas vivos humanos. Como por exemplo, segundo Sartre, é (um)-“EU”-subjectivo que escolhe, porquê é (uma)-narração de (uma)-existência-factual-e-histórica o que torna cada (um) dos sistemas vivos humanos (uma)-existência-“para-si”. O que é mais do que (uma)-simples-sucessão-de-objectos que se formam em (um)-conjunto enquanto existências “em-si” em (uma)-sociedade.

Pois isto, segundo Sartre, isto é o que define que “há” (uma)-consciência em cada (um) dos instantes de (uma)-prática-linguística, o que “faz” com que cada (uma) das escolhas de cada (um) dos sistemas vivos humanos, seja como (uma)-acção que em (uma)-simultaneidade-[sartriana-arendtiana] é (uma)-prática-linguística que ao SER ontofenomenologicamente mediada por (uma)-consciência, é o que se apresenta através de (um)-NADA e como (uma)-representação.

Por isto, a prática de (uma)-LIBERDADE é o que se (re)vela segundo Sartre através de (uma)-angústia. Porquê cada (um) dos sistemas vivos humanos “angustia-se” diante de (uma)-necessidade de “decidir”. Pois diante da LIBERDADE de “escolher”, encontra-se condenado a LIBERDADE de “decidir”, o que se estabelece como (uma)-condição para (uma)-existência de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto existências “para-si”.

Pois, cada (um) dos sistemas vivos humanos segundo Sartre, somente não é LIVRE para não SER LIVRE. Isto porquê cada (um) dos sistemas vivos humanos é sempre (um)-sujeito enquanto (uma)-existência-“para-si”, condenado à (um)-“fazer”-perpétuo de (uma)-escolha.

Mas, (uma)-existência-“para-si” segundo Sartre, e desta forma, é opressiva. Pois de (uma)-existência-“para-si” nenhum indivíduo escapa. Porquê não “há” escapatória possível, posto que cada (uma) das escapatórias que escapam à cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que através de (uma)-prática-linguística, ao atravessar (um)-paradigma da “má-fé”, é no qual cada (um) dos



sistemas vivos humanos aliena-se enquanto (uma)-existência-“para-si”, instalando-se como (uma)-existência-linguística que na forma de (uma)-mentira, estabelece-se em cada (uma) das condutas e ideologias enquanto (uma)-sociedade. Mas segundo Sartre, cada (um) destes acontecimentos não “isenta” cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos como (um)-sujeito em cada (uma) das acções que lhe são próprias.

Diante do que Karl Marx (1818-1883), influenciado por Georg Hegel (1770-1831), vai afirmar e argumentar em “*Manuscritos Económico Filosóficos*” e em “*A Ideologia Alemã*” que (uma)-prática-linguística de (uma)-LIBERDADE é (uma)-criação-prática que procura justificar (uma) ou OUTRA circunstância objectiva individual, na qual acontece de (um)-sistema-vivo-humano “fazer” uso de capacidades consideradas excepcionais em actividades específicas: artísticas, teóricas ou sensoriais. Diante do que Marx repudia TODA e qualquer concepção metafísica acerca de (uma)-LIBERDADE.

Pois segundo Marx, não “há” LIBERDADE sem (um)-mundo-material no qual cada (um) dos sistemas vivos humanos possa [existir e manifestar-se] através de (uma)-prática-linguística e na forma de (uma)-LIBERDADE, à qual se realiza como (uma)-(trans)forma de (uma)-circunstância-objectiva em (uma)-forma-que-se-“cria” enquanto (um)-mundo-objectivo. O que na forma de (uma)-real(idade) e a partir de (um)-*percipiens*, é o que se estabelece que (um)-sistema-vivo-humano-individual segundo Marx, existe como (um)-SER-manifestação em (uma)-LIBERDADE que somente pode SER ontofenomenologicamente praticada de facto no seio de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que na forma de (uma)-prática-individual, real(iza-se) como (uma)-condição-material enquanto (uma)-*physis*-existência-manifesta.

Deste forma, se (um)-sistema-vivo-humano em (uma)-sociedade é privado de (uma)-condição-material para [existir e manifestar-se], ou seja, se (uma)-condição-objectiva-de-existência está privada de objectos manifestos como (uma)-propriedade-privada por exemplo, não “há” real(mente) (uma)-LIBERDADE. Posto que, desta forma, (uma)-sociedade “divide-se” em duas ou mais formas de existência enquanto: proletários | capitalistas | patrões | empregados | operários | executivos | «entre» OUTROS.

Pois é desta forma, que se permite (um)-domínio de (uma)-forma-de-existência «sobre» OUTRA(S) através de (um)-ENTE-axiológico. O que na forma de (um)-CAPITAL [existe e manifesta-se] em cada (uma) das práticas linguísticas de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sociedade ao atravessar cada (uma) das privações materiais. Desta forma, cada (uma) das actividades de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-prática-linguística, é o que se torna coercível ao atravessar (um)-ENTE-axiológico, pois (um)-TRABALHO na forma de (um)-trabalho-assalariado, é o que se torna também em (uma)-mercadoria, pois (uma)-força-de-trabalho

enquanto (uma)-privação, é desta forma vendida em (um)-mercado-de-trabalho, reduzindo-se enquanto (uma)-sistemática-de-vida de cada (um) dos sistemas vivos humanos à (uma)-mercadoria que enquanto (uma)-existência-linguística é o que, desta forma, real(iza-se) para (uma)-mera-SOBREVIVÊNCIA de cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (um)-salário que, desta forma, é o que se configura como (uma)-existência-heurística.

Mas segundo Marx, como “há” em todo-(um)-“haver” várias formas de LIBERDADE que SÃO ontofenomenologicamente mantidas como existências linguísticas na forma de (um)-CAPITALISMO, como por exemplo: a LIBERDADE económica para comprar e vender (uma)-mercadoria; a LIBERDADE de expressão ou a LIBERDADE política para decidir (um)-governo; e porquê se pressupõe que cada (uma) destas várias formas de LIBERDADE mantém (uma)-separação formal e existencial, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos relativamente a cada (uma) das condições de existência individual. Isto é o que estrutura (uma)-sociedade-de-CLASSES.

Pois se esta estrutura de separação é atacada por cada (um) dos sistemas vivos humanos em busca de (uma)-LIBERDADE-material-fundamental-individual, cada (uma) destas LIBERDADES é suspensa por (um)-ESTADO que na forma de (uma)-DITADURA, tem como (uma)-finalidade de “(r)estabelecer-se” enquanto (uma)-forma de (um)-CAPITALISMO que real(izado) desta forma, é segundo (um)-sistema-topologia-linguística, o que acontece a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE .

Entretanto, segundo Marx se “há” (uma)-LUTA de cada (um) dos sistemas vivos humanos privados de (uma)-condição-material-de-existência em (uma)-sociedade, para obter êxito e conseguir abolir (uma)-propriedade-privada enquanto (uma)-condição-de-existência para cada (um) dos sistemas vivos humanos manifestos desta forma, o que se instaura é (um)-comunismo que enquanto (uma)-vitória de (um)-proletariado, é o que Marx acredita propiciar (uma)-interacção-LIVRE-das-mercadorias que ao atravessar cada (uma) das PESSOAS permite-lhes interagirem LIVRES enquanto “coisas” sociais. O que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se afirma que “há” enquanto cada (uma) das condições axiológicas que permanece apenas (trans)formada através de (uma)-objectivação-autopoiética em (uma)-OUTRA-“coisa”-social, ou seja, no que se real(iza) como [(uma)-representação de (uma)-representação] e na forma de (uma)-*ergoígenia*.

Pois diante de cada (uma) destas considerações acerca tanto de (um)-pensamento-sartriano, quanto de (um)-pensamento-marxista, o que fica como (uma)-possibilidade de afirmação é o que enquanto (uma)-LIBERDADE, é na forma de (uma)-importância para ambos os sistemas de pensamento filosófico, o que tanto para o sistema sartriano, quanto para o sistema marxista, é entretanto, o que enquanto pensamento, o que ao atravessar cada (uma) das existências linguísticas que lhes SÃO ontofenomenologicamente próprias, é no sistema sartriano o que atravessa (um)-

idealismo, apesar do sistema filosófico sartriano SER ontofenomenologicamente considerado existencialista; e no sistema marxista atravessa (um)-materialismo. Ou seja, sistemas filosóficos que se antagonizam enquanto realizações real(idades).

O que se acredita bastar para justificar (uma)-(des)localização de (uma)-topologia-linguística no que tange à cada (uma) das sistemáticas filosóficas de pensamento, como também, confirmar (uma)-sugestão de que (uma)-topologia-linguística é (uma)-modelação-estrutural que na forma de (uma)-θεωρία (*theoria*)<sup>457</sup>, é o que permite observar, argumentar e narrar (uma)-existência-linguística que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, procurando “olhar” para cada (uma) das axiologias que “há”.

Mas a questão desta QUARTA PARTE desta dissertação, diz respeito a cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e cada (uma) das “coisas” aparentes. O que enquanto “coisas” sociais em (uma)-sociedade, SÃO estruturas ONTOFILOGENICAMENTE institucionais. Diante do que não se permite afastar de (um)-mediador para construir tanto (uma)-argumentação, quanto (uma)-narração, a partir de (um)-sistema-topologia-linguística.

Posto que, desta forma, como o que media cada (uma) das interacções linguísticas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (uma)-representação-LIBERDADE, que segundo (uma)-topologia-linguística é (um)-LOGRO enquanto (um)-homeomorfismo que “há”, em e «entre», (uma)-existência-linguística e (uma)-existência-heurística. O que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos ao atravessar (uma)-representação-PESSOA que “há” enquanto (uma)-sociedade. O que segundo (uma)-perspectiva-de-observação, é o que permite (uma)-construção-e-estruturação de cada (uma) das interacções linguísticas, como interacções [objecto x objecto].

A partir do que se procura identificar cada (uma) das estruturas institucionais ou institucionalisáveis que “há” em (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos, com (uma)-finalidade de definir e argumentar acerca de cada (uma) das interacções que “há”, em e «entre», cada (um) destes sistemas vivos que enquanto SERES ONTOFILOGÊNICOS que SÃO ontofenomenologicamente subjectivos e que se definem enquanto (uma)-forma-sociedade, através de (uma)-representação-CONSUMO.

E diante de TODA esta laboriosa investigação argumentativa e linguística, é o que se traz até ao que se pode definir como (uma)-encruzilhada que a partir de (uma)-*ergoígenia*, real(iza-se) como (uma)-pergunta: afinal o que acontece primeiro: (uma)-PESSOA ou (um)-CONSUMO?

---

457 Strong 2335 – que se define como “visão, observação, aquilo que é visto, espetáculo”.

## 16. O HUMANO hierárquico e o topo das hierarquias

...àqueles que acreditam que todo governo terrestre é produto apenas da força e da violência...<sup>458</sup>

John Locke, 1689

E diante desta pergunta, nesta altura, é preciso (re)tomar (uma)-OUTRA-pergunta:

O que vem primeiro: o (um) enquanto caixa ou o (um) enquanto corda?<sup>459</sup>

Mas posto que o que se (re)toma a partir desta questão, é o que se tipifica enquanto (um)-ESTÁDIO-hierárquico. O que “há” é (uma)-sistemática-de-vida-HUMANA que enquanto (uma)-existência-heurística é na forma de cada (uma) das temporalidades<sup>460</sup>, o que “há” enquanto (uma)-estrutura-historicista que enquanto o que existe e manifesta-se como (uma)-formalidade, é o que se real(iza) na forma de (um)-mundo-husserliano<sup>461</sup>, como (um)-mundo-da-vida que a partir de cada (uma) das representações que “há” em (um)-simbólico-topológico, formaliza-se e estrutura-se retoricamente como (uma)-existência-sintática, que não é sistêmica, e a partir de cada (uma) das representações que se real(izam) como (uma)-real(idade).

Entretanto, isto acontece porquê (um)-heurismo não é (uma)-forma-realidade a partir de (um)-sistema-vivo, outrossim, (uma)-forma-estrutural-que-existe-manifesta «antes» de (uma)-real(ização)-neuro-BIO-fisiológica que “há” na forma de (um)-acontecimento-heurístico<sup>462</sup>. O que [existe e manifesta-se] como (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) que, desta forma, é ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-real(ização)-estável (interactiva) enquanto (uma)-real(idade) que se instabiliza enquanto (uma)-realidade-sistêmica-e-viva. Apesar de existir e manifestar-se em (um)-ESTÁDIO-hierárquico que ONTOFILOGENICAMENTE já não é ontofenomenologicamente (um)-ESTÁDIO-estabilizador, outrossim, (uma)-condição-inerente à (uma)-inflamação, e que na forma de (um)-TOPOS, real(iza-se) enquanto (uma)-hierarquia.

Posto que o que acontece é que (uma)-existência-heurística como é (uma)-objectivação-autopoiética de (uma)-estrutura-neuro-BIO-fisiológica [SIM SIM = NÃO NÃO], isto é o que em (um)-ESTÁDIO-hierárquico, é autopoieticamente objectivado para que se tenha “feito” na forma de (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM]. O que acontece no âmbito de (uma)-forma e de (uma)-estrutura, não sistemicamente. Pois ao real(izar-se) como [(uma)-representação «dentro» de (uma)-representação], é portanto, não mais (uma)-formalidade a partir de (uma)-adjectivação, outrossim, (uma)-ordenação-estrutural em (uma)-existência-sistêmica-e-viva que ao real(izar-se) na forma de (uma)-

458 John Locke, “*Segundo Tratado do Governo Civil*”, tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa, Editora Vozes, Petrópolis, versão digital, página 30.

459 Afinal, o que é (um)-*monocórdio*? (uma)-*caixa* + (uma)-*corda*? Mas afinal o que vem primeiro?

460 Bens temporais que na forma de “coisas” *sociais*, são deixados como formalidades que se real(izam) com vestígios históricos.

461 Husserl.

462 (uma)-existência-ontofenomenológica que não se caracteriza como (uma)-existência-linguística, apesar de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE (um)-acontecimento-linguístico. Ver capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística, página 132.

substantivação, atravessa (uma)-existência-sintática (estrutural) que não é (uma)-existência-linguística, outrossim, (uma)-existência-heurística.

Isto porquê na forma de (um)-ESTÁDIO-hierárquico, como cada (um) dos sistemas vivos humanos é (um)-estruturante na forma de (um)-“lugar”, o que se real(iza) como (um)-interpretante é o que enquanto (uma)-existência-heurística, é o que segundo Charles Sanders Peirce (1843-1914), acontece como (uma)-forma-semiótica.

Pois ao existir na forma de (uma)-PESSOA e enquanto (uma)-existência-institucional, o que se real(iza) como (uma)-forma-estruturante não é o que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico, outrossim, o que o tangencia epicentricamente<sup>463</sup> como (uma)-existência-linguística ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética que se real(iza) como (uma)-real(idade) através de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável).

(um)-ESTÁDIO-narrativo que através de (uma)-(trans)forma-linguística e na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, “faz” com que (um)-objecto-EGO (suposto) enquanto (uma)-“coisa”-social (instituição), «antes» de SER (SEIN) ONTOFILOGENICAMENTE como (uma)-essência, é o que se real(iza) formal e estruturalmente, como (uma)-prática-linguística-estável (interactiva). O que se real(iza) como (uma)-prática-linguística-instável (absoluta) e a partir de (uma)-realidade que enquanto (uma)-“coisa”-aparência (representação) é na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que se (trans)forma em (um)-objecto-RELAÇÃO-(ir)representação (suposto), que na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE-relação, é enquanto (uma)-representação (ver QUADRO 012), (uma)-real(ização).

#### QUADRO 012 – EGO x EGO

ESTÁDIO	egóico	narrativo
SOBRE-estrutura- SIGNIFICANTE	EGO	RELAÇÃO
OBJECTO	ANIMAL	EGO x EGO

QUADRO 012 – Na topologia-linguística a passagem de (um)-ESTÁDIO-egóico para (um)-ESTÁDIO-narrativo, demarca-se através de (uma)-objectivação-autopoiética que se real(iza) na forma de (um)-“fazer”-neurofisiológico.

Portanto, não na forma de (uma)- projecção, mas «antes», na forma de (uma)-acção que ao atravessar (um)-intervalo-topológico-linguístico, real(iza-se) como (uma)-representação e não como (um)-intervalo-«dentro»-do-intervalo. Posto que, desta forma, e a partir de (um)-simbólico-topológico, o que é (uma)-representação, é o mesmo que se torna em [(uma)-representação de (uma)-representação] que a partir de (um)-interpretante é na forma de (um)-sujeito, o que se

<sup>463</sup> (uma)-tangente que é interna à circunferência de (um)-círculo, e que coincide com (uma)-circunferência, mas que é (uma)-tangente e não (uma)-circunferência.

real(iza) como (uma)-representação. Pois isto é o que (uma)-topologia-linguística define como (uma)-existência-heurística.

(uma)-representação que ao hierarquizar-se na forma de [(uma)-representação de (uma)-representação], (trans)forma-se enquanto (uma)-sociedade na qual se real(iza), na forma de (uma)-real(idade) que ao atravessar (um)-fetiche-interactivo (estável) é o que se real(iza) como (uma)- projecção que a partir da forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, define-se como (um)-fetiche-interactivo-e-absoluto [ESTÁVEL | INSTÁVEL] que de (um)-ponto-de-vista-de-(uma)-topologia-linguística é (in)definível enquanto (uma)-estabilidade-da-instabilidade ou como (uma)-instabilidade-da-estabilidade, ou seja, (uma)-forma-CRISE que ontofenomenologicamente define-se a partir de (uma)-NOESIS como (uma)-forma-consciência, e desta forma, é (uma)-ONTOFILOGENIA-patológica a partir de (um)-sistema-topologia-linguística.

O que a partir de (uma)-PESSOA e como (uma)-representação é enquanto tal, o que se ambígua enquanto (um)-“fazer”-neuro-BIO-fisiológico-(des)ambiguador. Posto que ao ter (uma)-origem em (uma)-FILOGENIA-neurobiológica-[SIM SIM = NÃO NÃO]; e ONTOFILOGENICAMENTE estruturar-se formal e não sistemicamente, no que atravessa (uma)-existência-neuro-BIO-fisiológica que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-realidade e na forma de (uma)-PESSOA. É a partir de (uma)-estrutura-neuro-BIO-fisiológica [SIM NÃO ≠ NÃO SIM], o que formal e estruturalmente real(iza-se) como (um)-[(SIM NÃO = NÃO) ≠ (NÃO = NÃO SIM)], ou seja, a partir de (uma)-(ir)representação-que-se-representa na forma de (uma)-projecção enquanto (uma)-“coisa”-social.

(uma)-(trans)formação-linguística de (uma)-FILOGENIA-neurobiológica [SIM NÃO = NÃO SIM] em (uma)-ONTOFILOGENIA-neuro-BIO-fisiológica-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] que ao atravessar (um)-acoplamento-social, real(iza-se) na forma de (uma)-existência-linguística através de (um)-acontecimento-linguístico e a partir de cada (uma) das objectivações autopoieticas que “há” em cada (uma) das realidades que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Portanto, a forma de (uma)-PESSOA é (um)-acontecimento-linguístico que se real(iza) como (um)-SER-manifestação que na forma de (uma)-representação não é (uma)-formalidade, mas «antes», (uma)-real(ização) de (uma)-subjectividade.

(uma)-subjectividade que segundo (um)-sistema-topologia-linguística é o que permite à cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, a partir de cada (uma) das realidades que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, acontecer e realizar-se como (uma)-existência-heurística que enquanto (uma)-existência-fechada é enquanto tal, o que se real(iza) como (uma)-representação «sobre» cada (uma) das representações que “há” na forma de (um)-intervalo-topológico-linguístico-homeomórfico e como [(uma)-forma-intervalo «dentro» de

(um)-intervalo] que se “(des)faz”-homeomorficamente, enquanto o que se caracteriza como (uma)-forma-inflamação.

Portanto, (uma)-PESSOA é (um)-SER-manifestação que na forma de (uma)-existência-linguística lega-se à (uma)-sociedade, a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico que se estrutura formalmente como (uma)-ambiguação-heurística e a partir da forma de (um)-*schema* (σχημα<sup>464</sup>). O que ao SER ONTOFILOGENICAMENTE (uma)-simultaneidade-[absoluto (instável) e interactivo (estável)], é o que se real(iza) como (um)-heurismo que, desta forma, também é como (uma)-forma-fenómeno [(uma)-existência + (uma)-manifestação], entretanto, na forma de (uma)-hierarquia.

Portanto, não como (uma)-forma-consciência, apesar de (uma)-existência-ontofenomenológica-“para-si” enquanto (uma)-existência-linguística. Posto que ao real(izar-se) a partir de (um)-sistema-simbólico-fechado, é o que enquanto (uma)-“coisa”-(im)penetrável-e-não-(trans)fixável, atravessa (uma)-prática-heurística que, desta forma, é enquanto (uma)-“coisa”-“em-si”-kantiana ou como (uma)-vontade-schopenhaueriana, o que segundo o PRIMEIRO – Kant – é (in)apreensível; e como define o SEGUNDO – Schopenhauer – é (uma)-condição-(in)consciente.

Mas o que é (um)-facto diante de TUDO isto, é que (uma)-“coisa”-aparência enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação], é (uma)-realidade que na forma de (um)-sistema-simbólico-fechado, real(iza-se) como (uma)-ontofenomenologia que a partir de (uma)-OPUS-DEI-FENOMENOLÓGICA, é o que na forma de (uma)-“OBRA-DE-DEUS”, tem (uma)-forma-substantiva enquanto o que se real(iza) como (uma)-consciência. E esta é (uma)-forma que, entretanto, é na forma de (uma)-topologia-linguística, também o que se define como (uma)-representação.

Ou seja, (uma)-ontofenomenologia define (uma)-manifestação que em (uma)-topologia-linguística, define-se como (um)-“fazer”. (uma)-*ergoígenia* que ao real(izar-se) como (um)-TOPOS, é na forma de (um)-“lugar”, o que ao SER ontofenomenologicamente (um)-“lugar”-mais-ALTO enquanto (uma)-forma-hierárquica, é o que se real(iza) como (uma)-adjectivação, na forma de (uma)-substantivação, ONTOFILOGENICAMENTE.

Posto que, desta forma, é na forma de (um)-*axios*<sup>465</sup> que ontofenomenologicamente define-se enquanto (uma)-OBRA na forma de (uma)-[ἱερός (*hieros*<sup>466</sup>)] SAGRADA, e que se “faz” a partir de (um)-[ἀρχή (*archo*)<sup>467</sup> ou ἀρχή (*arche*)<sup>468</sup>] que na forma de (um)-PODER é, desta forma, como (uma)-coerção, ou seja, (um)-não-PODER que se torna na forma de (uma)-existência-linguística enquanto (uma)-forma-representação, no que ao atravessar (uma)-aparência-permanente é como

---

464 Dicionário Strong, verbete 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

465 Strong 514 – adjectivo que se define como “aquilo que vale tanto quanto”, como (uma)-*estrutura-de-ambiguação*.

466 Strong 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

467 Strong 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

468 Strong 746 – substantivo que se define como “origem, começo”.

(um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>469</sup> + μένω (*meno*)<sup>470</sup>], o que se real(iza) como (uma)-consciência, mas na forma de (um)-conhecer.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] que real(mente) não é (um)-[φαίνω (*phaino*)<sup>471</sup> + μένω (*meno*)<sup>472</sup>], outrossim, (um)-*schema* (σχῆμα<sup>473</sup>) que enquanto (uma)-actividade-social-e-cultural “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos, e determina-se na forma de (um)-ESTÁDIO-cognitivo como (um)-hierárquico que enquanto (uma)-transforma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), é o que “há” na forma de (um)-PODER, enquanto o que ao atravessar (uma)-coerção, estrutura-se como (um)-valor e através de cada (uma) das interacções que “há” em (um)-simbólico-topológico, enquanto o que se projecta em (um)-REAL-topológico que, desta forma, ao atravessar-se estruturalmente como (um)-fetiche-interactivo (estável), é o que se estabelece como (uma)-existência-linguística e na forma de (uma)-sintaxe-retórica. (uma)-conformidade que funda (um)-sistema-simbólico-fechado e no qual existem e manifestam-se linguisticamente cada (um) dos sistemas vivos humanos actuais envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois é (uma)-existência-sintática-e-retórica o que se real(iza) como (uma)-linguagem que na forma que é entendida nos tempos actuais e também por Maturana e Varela, no último terço da OBRA “*A árvore do conhecimento*”, é o que contemporaneamente ao estruturar-se retoricamente como estrutura sintática é, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, o que ao atravessar (uma)-*ergoígenia*-neuro-BIO-fisiológica que se expande sintática e retoricamente a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica. Contudo, é o que em (um)-sistema-topologia-linguística a partir de (uma)-estrutura-sistémica, real(iza-se) como (uma)-“coisa”-social que ONTOFILOGENICAMENTE decorre a partir de (uma)-alucinação [imagem] que se real(iza) representação enquanto (uma)-“coisa”-aparência.

Por isto, o que vem primeiro: o (um) enquanto caixa ou o (um) enquanto corda em (uma)-existência-monocórdia de cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-pergunta, é (uma)-retórica. Posto que somente encontra-se como (uma)-resposta no âmago de (uma)-existência-hierárquica, não “faze(ndo)” eco enquanto (um)-sistema-topologia-linguística. Porquê (uma)-semântica-neurofisiológica é (uma)-estrutura-de-ambiguação que ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico, (des)ambigua-se em (um)-ESTÁDIO-monocórdio, não através de (um)-conceito, mas «antes», através de (uma)- (des)ambiguação [que se estrutura ao real(izar-se)] como (um)-

---

469 Strong 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

470 Strong 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

471 Strong 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz”.

472 Strong 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar”.

473 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.



protótipo-NEONATAL que se instala ONTOFILOGENICAMENTE ao atravessar cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos HOMO.

Isto porquê (uma)-estrutura-de-(des)ambiguação é o que enquanto (uma)-objectivação-autopoiética, é (uma)-forma-estrutural-ONTOFILOGÊNICA [SIM NÃO ≠ NÃO SIM] que se torna possível ao (trans)formar (um)-sinal-electroquímico a partir de (um)-estímulo em (uma)-representação.

#### 16.1. A noção de TOPOS *hierarchicus*

O que funda (um)-“lugar” que se estabelece segundo (uma)-hierarquia como (um)-TOPOS (“lugar”). E que na forma de (um)-*axios*<sup>474</sup>-fenomenológico é enquanto (uma)-[*ἱερος* (*hieros*)<sup>475</sup> + *αρχω* (*archo*)<sup>476</sup> | *αρχη* (*arche*)<sup>477</sup>], o que enquanto (uma)-aparência-permanente, real(iza-se) como (um)-[*φαίνω* (*phaino*)<sup>478</sup> + *μενῶ* (*meno*)<sup>479</sup>]. O que permite que (uma)-representação estruturada como (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM] seja enquanto (uma)-igualdade-[NÃO ≠ NÃO], o que se real(iza) como (uma)-negação-sartriana, ao operar-se como (um)-[NADA ≠ NADA] ou como (um)-[“EU” subjectivo ≠ “EU” subjectivo].

O que na forma de (um)-SAGRADO-PODER, é o que (trans)forma (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) através de (uma)-objectivação-autopoiética, não em (uma)- projecção de (uma)-estrutura-de-valor «sobre» (uma)-real(idade), outrossim, em (uma)-existência-linguística que se real(iza) enquanto (uma)-realidade-linguística que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos *Sapiens Sapiens* envolvidos em (uma)-sociedade.

Pois é isto o que se caracteriza em (uma)-contemporaneidade, e enquanto tal, como (uma)-existência-heurística. Posto que (uma)-hierarquia de (um)-ponto-de-vista-heurístico é enquanto (um)-sistema-simbólico-fechado, o que funda (uma)-sociedade a partir de (uma)-existência-sintática-e-retórica, e não a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica. O que enquanto (um)-fetichismo-absoluto (instável) e a partir de (um)-existente-não-linguístico, é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, “faz-se” como (um)-SER-manifesto enquanto (um)-linguístico que se (trans)forma em (um)-SER-heurístico ao real(iza-se) hierarquicamente como (uma)-forma-de-SAGRADO-PODER.

474 Strong 514 – adjectivo que se define como “*aquilo que vale tanto quanto*”, enquanto (uma)-estrutura-de-ambiguação.

475 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

476 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

477 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

478 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

479 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

(um)-TOPOS-*hierarchicus* que se complexifica enquanto (uma)-existência-linguística que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-finalidade. Posto que ao real(izar-se) como (uma)-existência-heurística é, diante de (um)-LOGRO, o que “há” como (uma)-LIBERDADE em cada (um) dos CONTRACTOS SOCIAIS. (uma)-ambiguação que na forma de (um)-*axios*<sup>480</sup>-fenomenológico, real(iza-se) como (uma)-aparência-permanente que enquanto (um)-[φαῖνω (*phaino*)<sup>481</sup> + μένω (*meno*)<sup>482</sup>] e na forma de (uma)-consciência é como (uma)-forma-conhecimento, o que se procura em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que se real(iza) como (um)-significante a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica que, entretanto, como (uma)-(trans)forma e na forma de (uma)-sintaxe-retórica é (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística.

Isto acontece porquê segundo (um)-sistema-topologia-linguística, “há” (uma)-estrutura-sistêmica em todo-(um)-“haver” de cada (um) dos sistemas vivos humanos que na forma de (uma)-realidade é enquanto (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico, o que se instala como (uma)-real(idade)-linguística. Portanto, não como (um)-fenômeno, mas «antes», como (um)-*schema* (σχῆμα<sup>483</sup>). O que permite a construção de TODA (uma)-existência-linguística e de TODA (uma)-representação-real(idade), incluindo-se aqui (uma)-consciência, a partir de (uma)-*ergógenia*.

Pois é (um)-TOPOS-*hierarchicus* (“lugar”), o que enquanto (um)-SAGRADO-PODER, instala-se como (um)-sistema-simbólico-fechado. (um)-*axios*<sup>484</sup>-fenomenológico que (trans)forma cada (uma) das práticas linguísticas, em interações estáveis que atravessam objectivações autopoieticas em (uma)-existência-linguística que se real(iza) através de (uma)-estrutura-de-valor. (um)-PODER que enquanto o que se define como (uma)-capacidade, é o que estabiliza (uma)-existência que definida SUPERESTRUTURALMENTE<sup>485</sup>, real(iza-se) como (um)-modo-capitalista-de-existência no qual (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que enquanto (um)-REAL (adjectivo) é (uma)-(ir)representação e em (um)-simbólico-topológico é (uma)-representação.

480 Strong 514 – adjectivo que se define como “*aquilo que vale tanto quanto*”, como (uma)-*estrutura-de-ambiguação*.

481 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

482 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

483 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

484 Strong 514 – adjectivo que se define como “*aquilo que vale tanto quanto*”, como (uma)-*estrutura-de-ambiguação*.

485 (uma)-SUPERESTRUTURA é o que se realiza em cada (um) dos aspectos ou relações da sociedade que podem SER alterados sem que a sociedade se (trans)forme em cada (um) dos fundamentos estruturantes. Na topologia linguística (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é o que se real(iza) alterando cada (um) dos estruturantes enquanto existências significantes.

## 16.2. As estruturas económicas à sombra das estruturas linguísticas

(um)-modo-capitalista-de-existência que enquanto (um)-acontecimento-linguístico, é (um)-fetichismo-estrutural que sacraliza (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) ao atravessar (um)-PODER, como o que se pode “fazer” como (uma)-capacidade que através de (uma)-existência-sintática-e-retórica, tipifica-se como (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

(uma)-estrutura-sistémica que na forma de (um)-SAGRADO projecta-se como (uma)-sombra, estruturando-se como (um)-*axios*-fenomenológico, na forma de (uma)-existência-linguística. O que se estrutura como (um)-atravessamento-linguístico: (uma)-estrutura-linguística que se estabelece a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica, e que interage linguisticamente em (um)-sistema-topologia-linguística, como o que se estrutura como (uma)-ambiguação na forma de (uma)-representação. O que [existe e manifesta-se] como (uma)-prática-linguística que é passível de SER ONTOFILOGENICAMENTE estruturada ontofenomenologicamente como (uma)-sintaxe-retórica, mesmo ao ter (uma)-origem a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica.

Ou seja, é (um)-facto que cada (uma) das estruturas económicas existem a muito tempo no seio de cada (uma) das interacções sociais de cada (um) dos sistemas vivos humanos, mas também, é (um)-facto que cada (uma) das estruturas económicas instala-se como (uma)-existência-linguística que, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, tem (uma)-*ergoñenia* em (um)-“fazer”-neurofisiológico que se projecta tanto como (uma)-existência-linguística, quanto como (uma)-existência-não-linguística, «sobre» cada (uma) das *práxis* quotidianas que se instalam como (um)-*modos-operandi* que envolve cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sociedade.

Isto é o que se forma como (um)-constante-valor em (uma)-existência-económica de cada (um) dos sistemas vivos humanos, e que enquanto (uma)-existência-histórica é real(mente) o que se inicia em (uma)-pré-história. Posto que cada (uma) das estruturas linguísticas monocórdias ainda persiste em cada (uma) das objectivações autopoiéticas nas estruturas linguísticas que se real(izam) em (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

Portanto, de (um)-ponto-de-vista de (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-pré-história é (uma)-estrutura-axiológica em cada (uma) das estruturas linguísticas que “há” em (uma)-actualidade. (uma)-sombra que se gera e que também é gerada «sobre» cada (uma) das estruturas económicas. Pois real(mente) (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos, é (um)-conjunto-de-projecções tanto linguísticas, quanto não linguísticas «sobre» cada (uma) das estruturas sistémicas que se real(izam) enquanto (uma)-existência-viva, e que, desta forma, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE sistémicas e ontofenomenologicamente sociais, económicas e políticas a partir de (uma)-existência-ONTOFILOGÊNICA-manifesta.

Posto que todo este *axios*-fenomenológico instala-se como (um)-LEGALISMO enquanto (uma)-sociedade que ao longo de (um)-existência-linguística, leia-se histórica, de cada (um) dos sistemas vivos humanos, instala-se como (uma)-existência-jurisprudencial que a partir de (uma)-estrutura-axiológica é o que se real(iza) como (um)-LEGALISMO, apesar das inúmeras (trans)formações que sofre ao atravessar cada (uma) das condições jurisprudenciais ao longo de (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

A partir do que e de cada (uma) das condições jurisprudenciais, pode-se afirmar que (um)-emprego é (um)-facto-jurídico, como também, (um)-estado-de-(des)emprego o é. Entretanto, curiosamente, (um)-estado-de-(des)emprego de (um)-sistema-vivo-humano em (uma) estrutura económica actual, é mantido em (uma)-sociedade, quase que exclusivamente pelos recursos gerados por cada (um) dos sistemas vivos humanos empregados. Quando o que “há” é (uma)-aparência-permanente, que na forma de (um)-[φαῖνω (*phaino*)<sup>486</sup> + μένω (*meno*)<sup>487</sup>] é enquanto (uma)-real(idade)-axiológica o que na forma de (um)-((des)empregado é (uma)-responsabilidade de cada (uma) das instituições que “há” enquanto (uma)-sociedade, que neste caso, é (um)-ESTADO ou (um)-empregador, como PESSOAS colectivas e não como PESSOAS singulares.

### 16.3. Emprego, (des)emprego e dores-hierárquicas

Mas o facto é que (um)-emprego é na contemporaneidade linguística, (um)-SER-manifesto que ontofenomenologicamente é (um)-facto-jurídico enquanto (uma)-existência-linguística ONTOFILOGÊNICA. O que se “faz” enquanto (uma)-axiologia que na forma de (um)-[φαῖνω (*phaino*)<sup>488</sup> + μένω (*meno*)<sup>489</sup>], é o que se estabelece como (uma)-forma-que-segrega. Posto que configura linguística e formalmente o que “há” como (uma)-PESSOA que se real(iza) como (um)-empregado, e OUTRA que se real(iza) como (um)-((des)empregado.

Para mais, “há” o facto de que (um)-((des)empregado sustenta-se, enquanto tal, a partir de cada (um) dos recursos gerados pelas PESSOAS empregadas. O que acirra ainda mais (uma)-condição-axiológica. Posto que (uma)-segregação pode comover tanto para o BEM, quanto para o MAL, instalando-se como (um)-maniqueísmo enquanto (uma)-estrutura-dual-e-axiológica.

(uma)-estrutura-linguística que existe e manifesta-se como (uma)-sombra-axiológica que se gera «sobre» (uma)-existência-linguística-económica de cada (um) dos sistemas vivos humanos

---

486 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

487 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

488 Dicionário Strong, verbete 5316 – verbo que se define como “trazer à luz, fazer brilhar, espalhar a luz, brilhar”.

489 Dicionário Strong, verbete 3306 – verbo que se define como “permanecer, ficar, esperar por, estar à espera de alguém”.

envolvidos enquanto (uma)-sociedade. Pois é desta forma, que (um)-empregado torna-se em (uma)-PESSOA. O que enquanto (uma)-forma subordinada, individual, não-eventual e onerosamente, ao prestar (um)-serviço à OUTRA-PESSOA, singular ou colectiva é o que enquanto (um)-empregado e a partir de (um)-emprego, real(iza-se) como (uma)-interacção-linguística que se fundamenta em (um)-CONTRACTO-SOCIAL e no qual cada (uma) das partes envolvidas, tanto como empregado, quanto como empregador, tem direitos e deveres legais (um) para com o OUTRO.

Mas imediatamente também “faz” de (um)-empregado (um)-potencial-(des)empregado. O que evidencia (uma)-estrutura-de-ambiguação que na forma de (um)-véu-imaginário mantém-se ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoieticas que enquanto “sombas” de (uma)-existência-linguística de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade, projectam-se «sobre» (uma)-realidade-sistémica-e-individual.

Isto porquê nos dias actuais, ter (um)-emprego é a única forma que “há” em (uma)-sociedade, para suprir cada (uma) das necessidades materiais de cada (uma) das sistemáticas de vida humanas e individuais. Podendo ainda também suprir cada (uma) das necessidades de (uma)-sistemática-de-vida-humana-familiar. Mas o que é facto, é que (um)-emprego é o que permite cada (uma) das interacções sociais que “há”, em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade e que dependem de (um)-rendimento que se (trans)forma em (um)-ENTE-axiológico. O que se aúfere para viver e que se define enquanto (um)-estilo-de-vida. Por isto, a maior parte das instituições ESTADO (re)conhece que (um)-emprego é (um)-direito-fundamental de cada (um) dos cidadãos que “há” envolvidos em (uma)-sociedade e na forma de (um)-ESTADO.

Isto porquê (um)-emprego é (uma)-função e (uma)-condição para cada (uma) das PESSOAS que trabalham, SER-manifesto como (um)-carácter temporário ou permanente em qualquer tipo de actividade económica, remunerada ou não.

Entretanto, (um)--(des)emprego é (uma)-condição de (uma)-PESSOA que se inclui em (uma)-faixa-de-idade-activa, estabelecida geralmente em e «entre» os 18 e os 65 anos, e que está “há” determinado tempo sem real(izar) (um)-trabalho em qualquer tipo de actividade económica, remunerada ou não.

Esta diferença que se real(iza) na forma de (uma)-segregação, acontece porquê não “há” (uma)-possibilidade de cada (um) dos sistemas económicos gerar empregos (in)finalita(mente), ou mais bem definido, de (uma)-forma-proporcional à capacidade produtiva de (uma)-sociedade, como também, à cada (uma) das políticas de utilização das capacidades produtivas, bem como de cada (uma) das tecnologias instaladas em (uma)-sociedade capazes de gerar processos produtivos.

Os economistas clássicos entendem que (um)-estado-de-pleno-emprego dos factores de produção, em e «entre» estes (um)-TRABALHO de cada (um) dos sistemas vivos humanos

envolvidos em (uma)-sociedade, ou como o que se define como (um)-emprego, enquanto o que é normal quando (uma)-economia de (uma)-sociedade está em equilíbrio.

Mas o filósofo e economista britânico John Stuart Mill (1806-1873), um importante e influente pensador liberal do século XIX, dizia que “*se pudermos duplicar as forças produtivas de um país, duplicamos a oferta de bens em todos os mercados e ao mesmo tempo duplicamos o poder aquisitivo destes mesmos bens produzidos*”. Pois é dentro desta linha de ideia que o aparecimento de (um)-(des)emprego em certa altura é explicado como (um)-resultado de (um)-(des)ajustamento-momentâneo-da-economia em (uma)-sociedade.

Contudo, a questão é que (um)-ajustamento para ocupar (uma)-força-de-TRABALHO-(des)empregada “faz-se” necessário, mas este ajustamento ocorre quando cada (uma) das PESSOAS (des)empregadas decidem aceitar voluntariamente salários mais baixos e que são oferecidos por (um)-MERCADO.

Entretanto, segundo (uma)-crítica-marxista à economia política, em (uma)-sociedade-capitalista (um)-(des)emprego deve constituir-se em (um)-fenómeno-constante devido à cada (uma) das características competitivas para (uma)-acumulação de capital. Pois em cada (uma) das sociedades capitalistas, cada (uma) das empresas requererem constantemente (um)-aumento nos índices de produtividade do TRABALHO através de inovações tecnológicas. O que causa (um)-descarte-contínuo-de-mão-de-obra e consequentemente, (um)-(des)emprego de cada (uma) das PESSOAS envolvidas enquanto (uma)-sociedade.

Mas cada (uma) destas questões SÃO ontofenomenologicamente deveras controversas. Entretanto, o que é (um)-facto diante de (uma)-sociedade-capitalista, é que “há” (uma)-condição na qual (um)-ajustamento para ocupar (uma)-força-de-TRABALHO-(des)empregada “faz-se” regularmente necessária. Porquê cada (um) dos (des)ajustamentos momentâneos é ontofenomenologicamente frequente. E é (um)-facto que cada (um) destes ajustamentos ocorrem quando cada (uma) das PESSOAS (des)empregadas decidem aceitar salários mais baixos do que SÃO ontofenomenologicamente oferecidos por (um)-MERCADO. O que muitas das vezes, senão TODAS, não o “fazem” voluntariamente.

Pois é desta forma que se instala (um)-sentimento-de-angústia causado por (um)-estímulo-intenso-e-prejudicial. O que para além de (uma)-necessidade, torna-se (im)prescindível enquanto (uma)-utilidade. Posto que é enquanto (um)-fenómeno-social complexo e subjetivo que define tanto (uma)-DOR como cada (uma) das experiências sensoriais e emocionais (des)agradáveis que “há” e que se associam à cada (um) dos danos REAIS que se real(izam) como (uma)-real(idade). Isto porque (uma)-dor é considerada (um)-SINTOMA de (uma)-condição-subjacente que a partir da forma de (uma)-real(idade), real(iza-se) como (uma)-realidade sistemicamente.

#### 16.4. Emprego e Angústia

Entretanto, como (um)-emprego em (uma)-contemporaneidade-linguística é (um)-facto-jurídico que se real(iza) na forma de (uma)-existência-heurística. Estar empregado de (um)-“lugar” em (uma)-topologia-linguística, é como (res)guardar-se atrás de (um)-véu-imaginário porquê se empregar é (uma)-real(ização) que em (uma)-sociedade determina-se ao atravessar (uma)-prática-linguística que não se real(iza) como (um)-DESEJO, outrossim, como (um)-*axios*.

Posto que em (uma)-sociedade o que se real(iza) ao atravessar (uma)-prática-linguística é o que enquanto (uma)-objectividade, é na forma de (um)-atravessamento-sistémico-cognitivo-e-social, (uma)-“coisa”-aparência que enquanto (uma)-real(idade), é como (uma)-substantivação em (um)-simbólico-topológico. (uma)-real(ização) de (uma)-representação que a partir de (uma)-codificação de (um)-estímulo-neurobiológico em (uma)-experiência-de-satisfação, real(iza-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, na forma de (um)-sinal-electroquímico que se (des)carrega como (uma)-resposta-neuro-BIO-fisiológica à cada (um) dos estímulos que “há”, em (um)-meio-*physis*-existencial e que ao atravessar (um)-sinal-electroquímico, real(iza-se) como (uma)-resposta-adequada em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

O que implica que (um)-sistema-vivo-humano edifica-se socialmente ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico-interactivo (estável), e ao expressar-se visual ou sonoramente em (um)-meio-*physis*-existencial-e-social através de (uma)-representação que é enquanto (uma)-real(ização), (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

Isto porquê, para real(izar-se) como (uma)-sociedade, é preciso colocar-se à beira de (uma)-MULTIPLICIDADE que ONTOFILOGENICAMENTE é MÚLTIPLA e advém da forma de (uma)-ambiguação que a partir de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é o que na forma de (um)-abismo-kierkegaardiano, ontofilogenicamente é por excelência, enquanto (uma)-forma-precipício, o que se real(iza) como (uma)-DÚVIDA. Posto que, desta forma, (uma)-estrutura-de-ambiguação é na forma de (um)-emprego, (uma)-existência-linguística que ao acontecer como (uma)-objectivação-autopoiética de (um)-protótipo-objectivo em (um)-véu-imaginário e na forma de (uma)-sociedade-hierárquica, é o que se define em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-inflamação.

Portanto, cada (uma) das real(izações) que “há” em (uma)-sociedade, mesmo as que não se real(izam), SÃO acções ONTOFILOGÊNICAS que se estabelecem ontofenomenologicamente à beira de (um)-precipício e tão somente na forma do que existe como (uma)-representação. Posto que o que persiste enquanto (uma)-forma-atravessamento, não é o que se “faz”, nem tampouco o que se real(iza) como (um)-SER-manifestação que ONTOFILOGENICAMENTE é enquanto (uma)-existência-

manifesta, (um)-acontecimento-ontofenomenológico. Ou seja, (uma)-representação que enquanto (uma)-forma é o que a partir de (um)-“fazer” real(iza-se) como (uma)-prática-linguística.

Pois cada (uma) das real(izações) que “há” em (uma)-sociedade, mesmo as que não se real(izam) e que SÃO ontofenomenologicamente possíveis, mas não o SÃO ao tonarem-se ONTOFILOGENICAMENTE na forma de (uma)-acção. Isto porquê é ontofenomenologicamente na forma de (uma)-ideal(ização), que não é (uma)-real(ização) apesar de SER-(uma)-manifestação ONTOFILOGÊNICA como (um)-possível e enquanto (uma)-formalidade, mas que, desta forma, é ontofenomenologicamente o que “há” ainda somente como (um)-“fazer” que enquanto tal é (uma)-ideal(ização) que não é, desta forma, (uma)-formalidade. Portanto, é o que na forma de (uma)-representação é enquanto (um)-“fazer”, o que ainda não é o mesmo que (uma)-real(ização), outrossim, (uma)-idealização.

Isto porquê (uma)-ideal(ização) é o que persiste na forma de (um)-atravessamento enquanto (uma)-reificação. (uma)-operação-mental que se define em (um)-sistema-simbólico-fechado como (uma)-real(ização), porquê (trans)forma cada (uma) das “coisas” aparentes em (uma)-realidade-“coisificada” que enquanto (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE é, como o que se define na forma de (uma)-IDEOLOGIA, como (uma)-SUPER-estrutura e na forma de (um)-pensamento-marxista.

(uma)-adjectivação que na forma de (uma)-ideia-abstrata é o que se real(iza) em (uma)-realidade que na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes, “há” e é a partir de (uma)-representação, o que se projecta «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais como (uma)-substantivação que enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-sistema-topologia-linguística, é ONTOFILOGENICAMENTE considerada ontofenomenologicamente configurada em (uma)-conformidade com (um)-sistema-simbólico-fechado.

Entretanto, “há” (uma)-diferença-fundamental em e «entre» (uma)-reificação, em (um)-sistema-simbólico-fechado; e (uma)-reificação, em (um)-sistema-topologia-linguística. E esta diferença fundamental é *physis* existencial. Pois em (um)-sistema-simbólico-fechado, (uma)-reificação é mental; ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, (uma)-reificação é formal e estrutural.

Portanto, a diferença consiste em que o que é mental é (uma)-forma-pensamento; e o que é formal e estrutural, é (uma)-“coisa”-aparência. O que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é o que real(mente) real(iza-se) como (uma)-representação.

O que em conformidade com (um)-sistema-simbólico-fechado, define-se também como (uma)-forma-pensamento. Contudo, em (um)-sistema-topologia-linguística enquanto [(uma)-



existência + (uma)-manifestação] é o que “há” como (um)-atravessamento. (uma)-existência-sistêmica e não (um)-fenômeno.

Posto que o que é (um)-fenômeno em (um)-sistema-topologia-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-formalidade-abstrata. E (uma)-topologia-linguística defende que cada (uma) das existências abstratas em (um)-sistema-vivo-humano, é o que enquanto (uma)-existência-formal-e-estrutural é como (uma)-(in)formalidade, o que enquanto (uma)-adjectivação que não se real(iza) em (uma)-realidade, outrossim, (uma)-forma que tão somente se organiza estruturalmente como (uma)-condição-neurobiológica e que, entretanto, enquanto tal, não é (uma)-existência-dimensional apesar de SER ONTOFILOGENICAMENTE linguística.

Portanto, (uma)-vertiginosa-LIBERDADE é (um)-pensamento que se real(iza) como (uma)-reificação. (uma)-operação-mental e não (uma)-formalidade enquanto (uma)-“coisa”-aparência. O que “faz” de (uma)-angústia, (uma)-invenção. Embora (uma)-angústia reflita-se enquanto (um)-acontecimento, a partir de cada (uma) das sensações neuro-BIO-fisiológicas.

Por isto em (um)-sistema-topologia-linguística afirma-se que (uma)-existência-linguística, tipificada em (um)-sistema-simbólico-fechado é como (uma)-ONTOFILOGENIA o que (trans)forma (uma)-existência-FILOGÊNICA que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Pois é desta forma que (um)-sistema-topologia-linguística defende que (uma)-existência-linguística é (uma)-operação-formal-e-estrutural que se atravessa enquanto (uma)-existência-sistêmica e não como (uma)-operação-mental. Posto que não envolve (uma)-consciência, outrossim, (uma)-sistemática-de-vida-*physis*-existencial.

Mas não se pode confundir (uma)-ansiedade com (uma)-angústia. Isto porquê (uma)-angústia é (uma)-prática-linguística que se real(iza) na forma de (uma)-escolha. Ao passo que (uma)-ansiedade é (uma)-formalidade, (uma)-operação-mental que se pode (trans)formar em (uma)-“coisa”-aparência, mas não é (uma)-invenção, outrossim, (uma)-PURA-sensação-neuro-BIO-fisiológica.

Para mais o que ainda se “existe” e “manifesta-se” à beira de (um)-precipício enquanto (um)-empregado que não se “olha” para «dentro» de (um)-abismo para (re)velar-se enquanto (um)-sistema-vivo-humano, mas tão somente como (uma)-PESSOA que ao atravessar cada (uma) das interações sociais é enquanto (uma)-formalidade, o que se (re)vela como (um)-*percipiens* e diante de (um)-*percipere-physis*-existencial, como o que ao real(izar-se) na forma de (um)-suposto-EGO é à frente de (um)-precipício, o que se prefere “olhar” para «dentro» como (um)-abismo-kierkegaardiano e negar-se enquanto (um)-“EU”-subjectivo. Pois o que se prefere negar enquanto (uma)-existência-“para-si”, é o que se torna em (um)-SER-manifestação na forma de (um)-(des)empregado.

## 16.5. (Des)emprego e LIBERDADE

Ora, desta forma pode-se perceber que (uma)-angústia é (uma)-prática-linguística que enquanto tal, não se (re)vela através de (uma)-existência-“para-si”, mas tão somente através de (uma)-escolha que se real(iza) diante de (um)-precipício que afinal é o que se procura definir como (um)-saltar ou (um)-não-saltar [acção] e não como (uma)-existência-subjectiva.

Pois diante de (um)-abismo o que “há” é somente (um)-LOGRO para o qual não se quer “olhar”. O que real(mente) (im)pede (um)-DESEJAR. Isto porquê (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} é o que na forma de (um)-abismo-kierkegaardiano, é por excelência enquanto (uma)-forma-escolha, o que se real(iza) como (uma)-DÚVIDA. Ou seja, (uma)-obnubilação que se real(iza) na forma do ABISMO diante do qual não se consegue ver.

E desta forma, (um)-emprego é (uma)-angústia, pois é a materialização de (uma)-formalidade que não se consegue ver, pelo menos em parte. Por isto (uma)-topologia-linguística define que (uma)-representação é (um)-PAR-imagético-assimétrico. Posto que (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo) é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)]. O que diante de (um)-abismo é na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}}, (uma)-simultaneidade que enquanto (uma)-ambiguação, real(iza-se) como (uma)-obnubilação.

O que curiosamente “faz” de (um)-(des)emprego (uma)-LIBERDADE. Posto que esta é real(mente) a forma de (um)-LOGRO e o que (trans)forma (um)-emprego em (uma)-angústia, ou seja, a possibilidade de (um)-SER-manifestação-(des)emprego. O que na forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) estabiliza cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” e que se real(izam) como (uma)-real(idade) inflamando (uma)-realidade-sistémica.

## 17. Os MERCADOS e a alienação do HUMANO hierárquico

Como é a consolidação de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE «sobre» a forma de cada (uma) das “coisas” sociais o que instabiliza (uma)-realidade-neurofisiológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. E posto que o que alicerça (uma)-sociedade «sobre» (uma)-sistemática-de-vida, é o que condiz com (uma)-existência-económica-heurística segundo o que defende (uma)-topologia-linguística.

É desta forma que para compreender o que é (um)-MERCADO a partir de (uma)-topologia-linguística, PRIMEIRAMENTE é preciso perceber o que é (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística. Posto que desta forma e enquanto (uma)-BASE-estrutura, (um)-MERCADO em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-existência-económica-heurística. O que ao colocar-se diante de (uma)-representação-“economia”, real(iza-se) como (um)-problema. Mas como não “há” interesse em seguir com esta argumentação que atravessa (um)-caminho-heurístico, vai-se propor para resolver esta condição, tratar (uma)-economia a partir da forma de (uma)-*ergoígenia*.

E desta forma, sabe-se que o termo “economia” surge no léxico contemporâneo a partir do grego e na forma de (um)-substantivo-feminino οικονομία (*oikonomia*). O que se define como “*administração do lar ou afazeres do lar*”. E (um)-substantivo-*oikonomia* tem duas raízes a partir de (um)-substantivo-masculino οικονομος (*oikonomos*). O que se define como “*o administrador do lar ou dos afazeres do lar*”.

A partir do que ao considerar que é somente a partir destas duas palavras raízes de *oikonomos*, que se pode argumentar acerca da palavra οικονομία (*oikonomia*). O que se vai avançar, desta forma, procurando estabelecer (uma)-*ergoígenia* para (um)-substantivo-feminino οικονομία (*oikonomia*), através das raízes do substantivo masculino οικονομος (*oikonomos*).

Posto que (um)-substantivo-masculino οίκος (*oikos*), é na forma de (uma)-raiz de [οικο] [voμος] como [*oiko + nomos*], o que se define como “*casa ou os ocupantes da casa, pessoas que formam a família, a linhagem ou os descendentes de alguém*”, como também, enquanto (um)-substantivo-masculino νομος (*nomos*), é o que tem como origem em (uma)-palavra-primária [nemo] que se define como “*parcelar, especialmente comida ou o pasto para os animais*”. O que na forma de *nomos* define-se como “*qualquer coisa estabelecida, ou recebida pelo uso, como costume, lei ou comando*”.

A partir do que se compõe na forma de [οίκος (*oikos*) + νομος (*nomos*)] como (um)-substantivo-feminino οικονομία (*oikonomia*) que enquanto (um)-significante-contextual-histórico, é o que se real(iza) a partir de (uma)-objectivação-autopoiética, enquanto (uma)-forma estabelecida a partir de (uma)-[“coisa que se estabelece” + “como costume ou lei”].

(uma)-representação que é difícil de real(izar-se) na forma de (um)-acontecimento-significante em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-heurística. Posto que, epistemologicamente (um)-termo-“economia”, como surge no léxico contemporâneo a partir de (um)-substantivo-feminino οἰκονομία (*oikonomia*), e que se define como “*administração do lar ou afazeres do lar*”, é desta forma, o que não é sistemicamente (uma)-real(ização) a partir de (uma)-sistemática-de-vida. Pois isto é o que se leva à (uma)-questão: Pode-se real(mente) afirmar que (uma)-*oikonomia* não se real(iza) na forma de (um)-acontecimento-significante em cada (um) dos sistemas vivos humanos?

E ao procurar responder a esta indagação, o que se afirma é que é a partir de (um)-juízo-sintético-A-PRIORI que (uma)-forma-“economia” surge no léxico contemporâneo, mas isto pode não constituir o que é real(mente) importante à (um)-acontecimento-significante. Posto que é desde (uma)-escrita-cuneiforme-ideográfica – (uma)-real(ização) dos antigos Sumérios – que se acredita ter surgido por volta de 3.500 a. C., que “há” (uma)-necessidade de contabilizar (uma)-produção-dos-templos desde a antiga Mesopotâmia.

Do que se pode concluir que é desde que surgiu (uma)-escrita que sempre “houve” (uma)-necessidade, que se pode afirmar neuro-BIO-fisiológica desta forma, para contabilizar e narrar (uma)-produção de cada (uma) das necessidades de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

E é a partir disto, que se pode falar em (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>490</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>491</sup> | ἀρχη (*arche*)<sup>492</sup>] que na forma de (um)-SAGRADO-PODER, edifica-se SOBRE-estruturalmente ao termo “economia”. Posto que é na forma de (uma)-*ergoígenia* que (uma)-substantivo-feminino “economia” traz-se até à (uma)-actualidade, através de cada (uma) das estruturas contractualistas. (uma)-formalidade que na forma de (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística, real(iza-se) na forma de (uma)-sociedade.

Portanto, isto é o que na forma de (um)-SAGRADO-PODER e através de [ἀρχω (*archo*)<sup>493</sup> | ἀρχη (*arche*)<sup>494</sup>], alcança-se na forma de (uma)-origem como (uma)-*ergoígenia* que se define na forma de (um)-MERCADO e enquanto (uma)-“coisa”-social. O que na forma de (um)-“lugar” é aonde cada (um) dos agentes económicos, na forma de cada (uma) das PESSOAS que “há”, como indivíduos ou empresas ou países, que «entre» outras existências institucionais, procedem a troca de (um)-BEM que na forma de (uma)-“coisa”-social, substitui-se por (uma)-ENTE-axiológico, na forma

490 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

491 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

492 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

493 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define “ser o chefe, liderar, governar”.

494 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

de (uma)-existência-monetária. O que, desta forma, pode-se alternativamente trocar por OUTRO-BEM que na forma de (uma)-propriedade, constitui-se em (uma)-conformidade com (uma)-estrutura-axiológica. O que enquanto (uma)-existência-linguística é como (uma)-“coisa”-social que se real(iza) como (um)-valor.

A partir do que se pode afirmar que, segundo (uma)-ciência-económica, (um)-MERCADO tende a estabilizar-se segundo (uma)-LEI que na forma de (uma)-adjectivação, real(iza-se) como (uma)-oferta e (uma)-demanda.

Mas é justamente diante de (um)-legalismo que se origina em (uma)-ciência-económica, que é a partir do qual (uma)-topologia-linguística argumenta que “há” (uma)-alienação que se real(iza) ONTOFILOGENICAMENTE em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos e que na forma de (uma)-ontofenomenologia somente pode “haver” como (um)-SER-manifestação enquanto (um)-DASEIN-dasmaniano que, desta forma, ao actuar a partir de (uma)-conformidade-FILOGÊNICA, como (uma)-forma-comportamento que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade-heurística, (trans)forma-se em (uma)-PESSOA que enquanto (um)-ENTE-de-valor é (uma)-instituição em (um)-meio-*physis*-existencialmente-económico-heurístico.manifesto.

Ou seja, é a partir da forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), que se sobre(põe) estruturalmente cada (um) dos objectos que “há”, na forma de (um)-[σχῆμα (*schema*)]<sup>495</sup>, como (uma)-real(idade) que se real(iza) como o que se instabiliza na forma de (uma)-realidade-neurofisiológica. Em outras palavras, é através de (um)-[σχῆμα (*schema*)] que se estabiliza ou instabiliza (uma)-realidade-neurofisiológica a partir da forma de (uma)-prática-linguística.

Do que se conclui que, (uma)-alienação é (uma)-resultante-estrutural de (uma)-sintaxe-retórica que se real(iza) em (um)-sistema-simbólico-fechado e a partir de (uma)-reflexão-linguística. O que desta forma, é como (uma)-consciência que segundo (uma)-topologia-linguística, instabiliza (uma)-semântica-neurofisiológica ao (trans)formar (uma)-estrutura-FILOGÊNICA através de (um)-{NÃO-{NÃO-{“fazer”}}}}, em (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética, (trans)forma-se em (um)-significante que SOBRE-estruturalmente real(iza-se) em (uma)-retórica-sintática ao tornar-se objectivamente como (uma)-sistemática-de-vida.

---

495 Strong 1976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

### 17.1. O TOPOS *alienationis* e o s(eu) consumidor

Ou seja, o mesmo que Hannah Arendt (1906-1975) em “*A Condição Humana*” afirma que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-condição-humana-do-TRABALHO e que evolui individualmente, como o que se estabelece, segundo Arendt, enquanto o que “há” como (uma)-diferença-individual que se real(iza), em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. Isto porquê como (uma)-PESSOA, cada (um) dos sistemas vivos humanos (des)envolve-se como (uma)-actividade em (uma)-sociedade-económico-heurística.

O que diante de cada (uma) das práticas linguísticas em (um)-quotidiano e a partir de (um)-TRABALHO-individual de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos subjectivamente em (uma)-actividade, decorre como (uma)-NOVA-solução para cada (um) dos problemas que se oferecem como (uma)-sistemática-de-vida e que se resolvem através de (um)-TRABALHO.

Pois é, desta forma, que (uma)-alienação envolve-se enquanto (uma)-sociedade em cada (um) dos sistemas vivos humanos, que devido à instituição de (um)-MERCADO é o que consequentemente edifica-se como (uma)-ideia-de-mercadoria. O que enquanto (uma)-“coisa”-social é (um)-produto de (uma)-exploração-do-TRABALHO de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, por cada (uma) das instituições que “há” e que se real(izam) como (uma)-real(idade). Posto que (uma)-“coisa”-social é (uma)-mercadoria-fabricada em (um)-contexto-de-MERCADO que a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico, edifica-se em cada (uma) das PESSOAS envolvidas enquanto (uma)-sociedade para (uma)-obtenção de (um)-LUCRO para cada (uma) das instituições envolvidas enquanto (um)-MERCADO.

O que vem a SER-manifestação ontofenomenologicamente na forma de (um)-pensamento-marxista, como (uma)-usurpação. (uma)-exploração-do-TRABALHO de (um)-trabalhador que na forma de (uma)-PESSOA, não obtém (um)-LUCRO, outrossim, tão somente (um)-salário em troca de (uma)-produção. Posto que a partir de (um)-pensamento-marxista, para que sejam produzidas e vendidas mais mercadorias, é preciso que cada (um) dos trabalhadores produza cada vez mais mercadorias do que (um)-valor de cada (um) dos salários individuais.

O que de (um)-ponto-de-vista de (uma)-topologia-linguística, estabelece que (um)-salário e (um)-LUCRO SÃO ONTOFILOGENICAMENTE “coisa” aparentes ontofenomenológicas que na forma de (uma)-“coisa”-social, real(izam-se) como (uma)-remuneração. Entretanto, de (um)-ponto-de-vista de (um)-pensamento-marxista SÃO como duas real(izações) de remuneração diferentes: (uma)-remuneração-do-TRABALHO e OUTRA-remuneração-do-capital, ou seja, (uma)-remuneração à (uma)-PESSOA a partir do s(eu) TRABALHO; e (uma)-OUTRA-remuneração-do-capital que explora

(uma)-necessidade-social de (um)-TRABALHO de cada (uma) das PESSOAS envolvidas em (uma)-sociedade.

O que, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, define tanto (um)-TOPOS-*alienationis*, quanto (um)-s(eu)-consumidor. O PRIMEIRO a partir de (uma)-estrutura-axiológica na forma de (uma)-remuneração-do-TRABALHO enquanto (uma)-PESSOA; e o SEGUNDO a partir de (uma)-estrutura-axiológica na forma de (uma)-remuneração-da-exploração de (uma)-necessidade-social que se real(iza) na forma de (um)-CAPITAL.

## 17.2. O “dinheiro”: (um)-ENTE-axiológico

O que desta forma, pode-se afirmar que se real(iza) na forma de (um)-DINHEIRO. Pois em (um)-PRIMEIRO “há” como (uma)-alienação de (um)-TRABALHO de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. E em (um)-SEGUNDO “há” como (uma)-forma-LUCRO, que se real(iza) a partir de (um)-valor de (uma)-produção de (um)-TRABALHO-alienado por cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. O que devido à (uma)-necessidade-social, é o que se estrutura como (uma)-axiologia que se real(iza) através de (um)-ENTE que na forma de (um)-valor-monetário é o que se permite para cada (uma) das trocas de cada (uma) das “coisas” sociais que “há”, em e «entre» cada (um) das PESSOAS envolvidas em (uma)-sociedade.

Ou seja, (uma)-necessidade que se (trans)forma autopoieticamente em (uma)-obejctividade que na forma de (uma)-utilidade, instala-se como (uma)-estrutura-axiológica em cada (uma) das “coisas” sociais que SOBRE-estrutural-e-SIGNICAMENTE atravessam-se como (uma)-forma-fetice.

Posto que é desta forma que ao SER-manifestação ONTOFILOGÊNICA institucionalizada ontofenomenologicamente em cada (uma) das PESSOAS que se real(izam) simultaneamente também como (uma)-“coisa”-social, que na forma de (uma)-“coisa”-aparência, definem-se como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que não é somente (uma)-real(idade), mas sobre(tudo) o que se real(iza) como (uma)-sociedade a partir de cada (uma) das [existências manifestas] individualmente.

O que permite que se real(iza) através de cada (uma) da interações linguísticas que ao estruturarem-se axiologicamente como valores de mediação, atravessam cada (um) dos ENTES axiológicos que se estabilizam em cada (uma) das [existências que se manifestam] real(idade) à partir de (uma)-realidade.

E desta forma, (um)-TOPOS-*alienationis* é consumido por cada (uma) das PESSOAS que “há” envolvidas em (uma)-sociedade. O que se estabiliza em cada (uma) das estruturas axiológicas que “há” e que atravessam cada (uma) das interações que se real(izam), em e «entre» cada (um) dos

sistemas vivos humanos. O que ao atravessar (um)-fetichismo-interactivo (estável), real(iza-se) enquanto o que se projecta como (uma)-representação «sobre» OUTRA representação que, desta forma, real(iza-se) como (um)-heurismo através de (um)-fetichismo.

Pois é a isto que (um)-marxismo define como (um)-fetichismo-da-mercadoria. Posto que se real(iza) através de (uma)-reificação de cada (uma) das [existências que se manifestam] em (uma)-sociedade enquanto “coisas” sociais.

Portanto, o que se define em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-inflamação-linguística, é o que se real(iza) como (uma)-existência-económico-heurística-manifesta. E o que se define em (um)-marxismo como (um)-fetichismo-da-mercadoria que enquanto (uma)-existência-heurística é (uma)-inflamação-linguística.

(uma)-condição-patológica para a qual se pergunta se “haverá” CURA? Contudo, como é (uma)-patologia que se real(iza) para (uma)-satisfação de (uma)-necessidade que atravessa (uma)-utilidade, é desta forma que estruturalmente real(iza-se) como (uma)-axiologia em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e entre, cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

### 17.3. Pode-se “curar” (uma)-alienação?

E como (uma)-estrutura-axiológica que “há” em cada (uma) das interacções linguísticas, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos. (uma)-alienação de cada (uma) das “coisas” sociais é o que se real(iza) para (uma)-satisfação de cada (uma) das necessidades que atravessam (uma)-utilidade. (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} que ao real(izar-se) como (uma)-real(idade), edifica-se a partir de (um)-fetiche ONTOFILOGENICAMENTE.

Portanto, a questão talvez não seja “CURAR”, mas «antes», compreender. Posto que (uma)-alienação, desta forma, é (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) sistemicamente. Contudo, não ONTOFILOGENICAMENTE, mas «antes», ONTOGENICAMENTE ao atravessar (uma)-ontofenomenologia através de (uma)-Intencionalidade que se real(iza) na forma de (uma)-consciência.

O que “faz” de (um)-“fazer”-sistémico, (uma)-real(ização)-estrutural que, desta forma, é (uma)-acção-obnubilada que na forma de (um)-fetichismo, real(iza-se) interactivamente (estável) estabilizando-se em cada (uma) das interacções linguísticas que “há” em (uma)-sociedade. O que estruturalmente atravessa cada (um) dos valores que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-real(idade) ONTOFILOGÊNICA que (trans)forma (uma)-existência-FILOGÊNICA.



Isto acontece porquê, quando cada (uma) das interacções linguísticas atravessa (uma)-estrutura-axiológica, cada (um) dos sistemas vivos humanos real(iza-se) em cada (uma) das realidades sistémicas, através de (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>496</sup> + αρχὼ (*archo*)<sup>497</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>498</sup>] que na forma de (um)-[σχῆμα (*schema*)]<sup>499</sup> (trans)forma cada (uma) das PESSOAS em (um)-indivíduo que através de cada (uma) das interacções linguísticas é, desta forma, (uma)-estrutura-fetichista que se real(iza) como (uma)-PESSOA enquanto (uma)-existência-económico-heurística.

Desta forma, o que se procura não é por (uma)-CURA, outrossim, por (uma)-(des)obnubilção de (um)-“fazer” que se real(iza) sistemicamente, mas como cada (um) dos sistemas vivos humanos aprende a mediar-se através de (uma)-consciência que se real(iza) axiologicamente como (uma)-Intencionalidade, isto é o que impede (uma)-realização-de-(uma)-(des)obinubilção.

#### 17.4. Ideia-indivíduo e Vida-hierárquica

Assim, (uma)-forma-indivíduo em (um)-ESTÁDIO-hierárquico não se pode real(izar) em cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto tal, outrossim, através de (uma)-objectivação-autopoiética que na forma de (uma)-PESSOA, permite-se como (um)-envolvimento que socialmente “há” em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-sociedade. Posto que [existir e manifestar-se] socialmente em (um)-meio-*physis*-existencial-manifesto como (uma)-PESSOA, é SER-manifestação ONTOFILOGÊNICA enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ontofenomenológica, o que enquanto (uma)-“coisa”-social é (uma)-real(idade) a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE.

(uma)-existência que se real(iza) *ergoñgenicamente*, a partir de (uma)-projectão de (uma)-existência-não-linguística «sobre» (uma)-prática-objectiva que, desta forma, é absolutamente (instável) enquanto (um)-fetiche. O que ao atravessar (uma)-objectivação-autopoiética e real(izar-se) como (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação] na forma de cada (uma) das formalidades que “há” como “coisas” aparentes que se (re)velam enquanto “coisas” sociais.

É enquanto (uma)-reificação que “há” em cada (uma) das existências que se manifestam linguisticamente, o que *ergoñgenicamente* não é mental, outrossim, sistémico e contextual. Mas que, entretanto, ao real(izar-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (um)-indivíduo, é

---

496 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

497 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

498 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

499 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

o que atravessa (uma)-representação que se instala SOBRE-estrutural-e-linguisticamente, em cada (uma) das “coisas” sociais. Porquê (um)-SER-indivíduo é (um)-SER-manifestação ONTOFILOGÊNICO que ontofenomenologicamente real(iza-se) enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que é (um)-acontecimento-linguístico enquanto (uma)-sociedade.

(uma)-identidade que se estabelece a partir de (um)-“fazer”-neurofisiológico. E que, desta forma, real(iza-se) a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que gradativamente atravessa cada (uma) das objectivações autopoieticas que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo). O que (trans)forma cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade enquanto o que “há” como (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>500</sup> + αρχὼ (*archō*)<sup>501</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>502</sup>] que se SACRALIZA em cada (uma) das existências linguísticas como (uma)-sistemática-de-vida-heurística.

(um)-SAGRADO-PODER que se real(iza) como (uma)-*ergoḡgenia* e na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] que ao estruturar-se ONTOFILOGENICAMENTE a partir de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}, é como (um)-[SIM NÃO ≠ NÃO SIM], o que se real(iza), desta forma, como (uma)-hierarquia. (uma)-interacção-objectiva que ao real(izar-se) autopoieticamente como (uma)-real(idade) e a partir de (uma)-realidade, ritualiza-se como o que se SOBRESTIMA na forma de (uma)-sistemática-de-vida, estabilizando-se em cada (uma) das interacções sociais que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e que atravessam-se enquanto (um)-*axios* que, desta forma, ao realizar-se como cada (uma) das interacções contextuais que atravessam cada (um) dos significantes como (um)-valor, é o que se instala como (uma)-existência-económico-heurística-manifesta.

#### 17.5. Do TRABALHO ao emprego

Pois é isto o que (trans)forma (um)-TRABALHO em (um)-emprego. A forma de (um)-valor que ao real(izar-se) como [(um)-*axios* «sobre» (um)-formalidade] não a MULTIPLICA enquanto (uma)-representação, outrossim, (trans)forma-a através de (um)-fetiche-interactivo (estável), em [(uma)-existência que se manifesta] na forma de (uma)-“coisa”-social, como (uma)-existência-heurística.

(uma)-real(ização) que se agrega SOBRE-estrutural-e-SIGNICAMENTE através de cada (um) dos significantes que se sobre(põem) autopoieticamente, como (um)-fetichismo-interactivo

---

500 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

501 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

502 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

(estável), «sobre» o que se estabiliza enquanto (uma)-real(idade)-(ir)representação que em (um)-REAL (adjectivo), acontece sistemicamente ao real(izar-se) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística. O que através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” é ONTOFILOGENICAMENTE possível observar e narrar ontofenomenologicamente a partir de cada (um) dos sistemas de observação que “há”.

Isto porquê, cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo) é, desta forma, (uma)-simultaneidade-[(ir)representação | representação] que enquanto (uma)-real(ização) em (um)-simbólico-topológico é o que na forma de (um)-PAR-imagético-assimétrico, é (um)-“fazer” que, desta forma, é como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], (uma)-formalidade-interactiva-e-linguística que se estabiliza SOBRE-estrutural-e-SIGNIFICAMENTE em cada (um) dos valores que “há” em (uma)-real(idade) e na forma de cada (um) dos significados que se real(izam).

(um)-heurismo que ao real(izar-se) como (uma)-realidade, é *ergoñgenicamente* na forma de [(um)-significante que tem (um)-significado] (uma)-POSSE que a partir de (uma)-SOBRE-estrutural-SIGNIFICANTE, (trans)forma-se em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade.

O que, desta forma, real(iza-se) em cada (uma) das “coisas” aparentes como “coisas” sociais e em cada (uma) das “coisas” sociais como (um)-valor que na forma de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos, instala-se em cada (um) dos significados, como o que simultaneamente, obnubila e é ontofenomenologicamente obnubilado, como também, respectivamente ao atravessar cada (uma) das estruturas axiológicas que se atravessam em cada (uma) das interacções que “há” e que podem SER-manifestações ONTOFILOGENICAMENTE observadas ontofenomenologicamente, em (um)-sistema-topologia-linguística, como realidades sistémicas que se definem ONTOGENICAMENTE, como (uma)-consciência.

[(uma)-existência + (uma)-manifestação] que em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (um)-[σχῆμα (*schema*)]<sup>503</sup> e não como (um)-fenómeno. Posto que sistemicamente é o que “há” a partir de (uma)-MULTIPLICIDADE-de-acções que se real(izam) ONTOFILOGENICAMENTE através de (um)-“fazer”-neurofisiológico, mas que sistemicamente não SÃO ONTOFILOGÊNICAS enquanto (uma)-resposta-adequada à cada (um) dos estímulos que ontofenomenologicamente, a partir de cada (uma) das experiências de satisfação, real(izam-se)

---

503 Strong 4976 – substantivo que se define como “forma ou aparência, que engloba tudo o que numa pessoa afeta os sentidos, a forma, o comportamento, o discurso, acções e a forma de vida”.

através de (um)-sinal-electroquímico, como o que enquanto (uma)-prática-linguística é como (uma)-real(idade) mas que se representa como (uma)-realidade-ontofenomenológica.

## 18. (um)-indivíduo e as instituições

Isto porquê é a partir da palavra indivíduo, que tem (uma)-origem no termo latino *indivīdūus*, e que se define como “*àquilo que não pode ser dividido*”. Que se trata [(uma)-existência + (uma)-manifestação] consequentemente, como (uma)-unidade-(in)dependente que “há” em cada (uma) das OUTRAS unidades *physis* existenciais semelhantes ou em cada (uma) das OUTRAS unidades elementares que, relativamente a (uma)-visão ou estruturação de (uma)-sistemática-mais-ampla, real(izam-se) como (uma)-real(idade) na forma de (uma)-representação.

Mas (um)-conceito-de-indivíduo implica em muitas e diversas considerações em cada (um) dos campos da lógica e da filosofia, entretanto, em (um)-sistema-topologia-linguística, (um)-indivíduo é o (um) diante de (uma)-pluralidade. O que enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE-de-indivíduos, é (um)-indivíduo que tem como (um)-referente (uma)-condição-unitária que muito embora também se possa tratar como (uma)-(in)determinação, é em (um)-sistema-topologia-linguística o que se (re)vela como (uma)-determinação.

Posto que na metafísica e na estatística, a palavra indivíduo habitualmente descreve (uma)-“coisa”-aparência que é numericamente singular, embora muitas vezes refira-se especificamente à (uma)-PESSOA. O que, desta forma, como é (um)-termo utilizado em muitos contextos diferentes, como formalidades diferentes. Mas em (um)-sistema-topologia-linguística vai-se procurar utilizá-lo para se referir exclusivamente à (uma)-PESSOA ou a (um)-sistema-vivo-humano.

A partir do que, curiosamente em biologia, (uma)-palavra-indivíduo é (um)-sinônimo de (um)-organismo. Posto que se entende que (um)-sistema-vivo-humano é tanto (um)-indivíduo, quanto (uma)-PESSOA. Mas o que é (um)-facto é que no jargão da filosofia, é comum surgir frequentemente (um)-termo-indivíduo ou individual como (um)-sinónimo de (um)-particular diante de (um)-universal.

Contudo, como cada (um) das instituições pode SER-manifestação entendida ONTOFILOGENICAMENTE, tanto estrutural – quando se refere à colocação e | ou à posição de (um)-indivíduo ou de (um)-grupo-de-indivíduos «dentro» de (um)-sistema-social (re)unido como (uma)-sociedade e que atravessa relações de obrigação; quanto mecanicamente – quando cada (um) dos processos sociológicos, psicológicos e | ou económicos é considerado como (uma)-principal-característica que produz e regula, determinados comportamentos sociais ontofenomenologicamente.

Mas efectivamente, (uma)-instituição é (uma)-unidade em (um)-conjunto-socialmente-organizado, que se regula através de (um)-comportamento de (um)-conjunto-de-indivíduos

envolvidos em (uma)-sociedade. Pois cada (uma) das instituições é identificada segundo (uma)-função-social, que ao (des)empenhar-se identifica-a. Posto que é (uma)-função de (uma)-instituição, enquanto [(uma)-existência-linguística que se manifesta], SER-manifestação que se transcende a cada (uma) das existências manifestas em cada (um) dos indivíduos que “há” em (uma)-sociedade. Como também, a partir de cada (um) dos comportamentos individuais de cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

O que enquanto tal, é o que se realiza em cada (um) dos sistemas vivos humanos, como (uma)-mediação que os envolve individualmente através de cada (uma) das regras que organizam e estruturam (um)-conjunto-de-indivíduos enquanto (uma)-sociedade. O que ao atravessar cada (um) dos comportamentos sociais ontofenomenologicamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos, real(iza-se) a partir de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ONTOFILOGÊNICA.

Posto que (uma)-sociedade – em termos linguísticos – organiza-se «sob» o escopo de regras e normas que visam ordenar e estruturar cada (uma) das interações que “há”, em e «entre», cada (um) dos indivíduos, como também, em e «entre», cada (um) destes indivíduos e cada (uma) das respectivas formas de organização que se real(izam) na forma de cada (uma) das instituições.

Ou seja, cada (uma) das instituições sociais é importante e tem (um)-papel-fundamental em cada (um) dos processos de formação de (uma)-sociedade. Como também, “há” como (um)-objetivo-principal enquanto o que atravessa (um)-“fazer”-*physis*-existencial-e-*ergoñgênico* que ao tornar-se enquanto (uma)-representação-indivíduo é o que como (uma)-[PESSOA | instituição], real(iza-se) enquanto (um)-membro-sociedade em [(uma)-existência + (uma)-manifestação] ONTOFILOGÊNICA.

Mas (um)-termo-instituição, com frequência é aplicado tanto para designar cada (uma) das estruturas linguísticas (in)formais, quanto cada (um) dos padrões de comportamento e também cada (um) dos costumes importantes à (uma)-sociedade. Como mais particularmente, também é aplicado à cada (uma) das instituições formais.

Posto que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE criadas ontofenomenologicamente como estruturas linguísticas que se real(izam) na forma de cada (uma) das entidades que se estabelecem tanto como governos como por governos, enquanto serviços públicos, que também SÃO ontofenomenologicamente entendidos como instituições ONTOFILOGÊNICAS. Tais como (uma)-família, que também é considerada (uma)-instituição de tal forma que é ampla enquanto (um)-conceito-institucional. O que acaba por abranger muitas OUTRAS condições institucionalizantes que parecem singulares e | ou representações individuais, mas SÃO ONTOFILOGENIAS colectivas que se real(izam) ontofenomenologicamente: como (uma)-PESSOA, (um)-PAI, (uma)-MÃE, (um)-MENOR, (um)-PÁTRIO-PODER, «entre» tantos OUTROS.

## 18.1. A “felicidade” e o “dinheiro”

Contudo, “há” (uma)-representação-“felicidade” que enquanto (um)-acontecimento-linguístico é o que se real(iza) como (uma)-“coisa”-aparência na forma de (uma)-plenitude-individual. O que enquanto (uma)-experiência-de-satisfação é o que atravessa (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, ao (trans)formar cada (um) dos estados de sofrimento e | ou de (in)quietude individuais, em acontecimentos linguísticos que vão de (um)-contentamento até (uma)-alegria-intensa. Posto que (uma)-felicidade, desta forma, tem ainda (um)-significado-de-BEM-estar-social.

Entretanto, é possível estudar (uma)-felicidade de muitas formas diferentes. Filósofos e religiosos estudam-na de formas semelhantes, tentando definir (uma)-*physis*-existência que se tipifica como (uma)-tipologia-comportamental ou enquanto (uma)-sistemática-de-vida que se estabelece a partir de (uma)-experiência-PLENA-e-subjectiva que, desta forma, caracteriza-se como (uma)-felicidade.

Mas à (uma)-felicidade, cada (um) dos filósofos gregos associaram (uma)-palavra εὐδαιμονία (*eudaimonia*)<sup>504</sup>. [εὐ (*eu*)<sup>505</sup> + δαίμων (*daimon*)<sup>506</sup>] que enquanto (um)-termo, ainda hoje está associado em (uma)-filosofia à ética. Contudo, para cada (uma) das emoções que se associam à (uma)-felicidade, cada (um) dos filósofos medievais preferiam utilizar (uma)-palavra “prazer”, originada do latim *placere*. Como (uma)-sensação-de-BEM-estar na qual cada (um) dos sistemas vivos humanos tem “prazer”, mas qua não se demonstra como (uma)-alegria. Posto que é difícil definir rigorosamente, qual é a medida de (uma)-felicidade, como também de (uma)-(in)felicidade.

Desta forma, segundo (uma)-topologia-linguística, tanto (uma)-felicidade, quanto (uma)-(in)felicidade é o que se real(iza) como (uma)-semântica-neurofisiológica ao atravessar sistemicamente (uma)-realidade, real(izando-se) como (uma)-representação.

O que a partir de (uma)-existência-não-linguística, assume-se na forma de (um)-DESEJO que se projecta como (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}} «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais. (uma)-interacção-linguística que se “faz” interagir em (um)-sistema-topologia-linguística a partir de cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – ao estruturar-se «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, e estabelecer-se, desta forma, como (uma)-estrutura-axiológica em (um)-sistema-de-observação-topologia-linguística.

(uma)-adjectivação que na forma de (uma)-substantivação real(iza-se) como (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo). O que é enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], o

---

504 Dicionário Strong, verbete 2095, εὐ (*eu*) – advérbio que se define como “ser afortunado, prosperar, agir bem” +

Dicionário Strong, verbete 1142 – substantivo que se define como “deus, deusa, deidade, seja boa ou má”.

505 Dicionário Strong, verbete 2095, εὐ (*eu*) – advérbio que se define como “ser afortunado, prosperar, agir bem”

506 Dicionário Strong, verbete 1142 – substantivo que se define como “deus, deusa, deidade, seja boa ou má”.

que se real(iza) como (uma)-(ir)representação na forma de (uma)-real(idade). (uma)-formalidade que ao interagir sistemicamente em (um)-sistema-topologia-linguística, real(iza-se) como (uma)-representação através de cada (uma) das práticas linguísticas que “há” em (um)-REAL (adjectivo).

O que, desta forma, enquanto (um)-fetiche-absoluto (instável) e a partir de (uma)-existência-não-linguística, real(iza-se) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto (uma)-semântica-neurofisiológica. O que ao (trans)formar-se em (uma)-formalidade, estrutura-se axiologicamente real(izando-se) através de cada (um) dos ENTES de valor, como (uma)-real(idade)-linguística que ao atravessar (uma)-estrutura-axiológica realiza-se como (uma)-existência-heurística.

Assim, é o que se instala a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE como (uma)-identidade, o que na forma de (uma)-felicidade é (uma)-POSSE; e na forma de (uma)-(in)felicidade é (uma)-antonimia. Contudo, enquanto (uma)-SOBRESTIMAÇÃO, é o que se real(iza) como (um)-*axios* que na forma de (uma)-sintaxe-retórica, estrutura-se real(izando-se) real(idade) como (uma)-formalidade.

## 18.2. O “EU” instituído e a proscricção da individualidade

Mas tanto (uma)-felicidade quanto (uma)-(in)felicidade SÃO ONTOFILOGENICAMENTE, na forma de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, o que se pode definir através de (uma)-representação como (uma)-formalidade-ontofenomenológica. Contudo, enquanto (uma)-formalidade que ontofenomenologicamente não se real(iza) como (um)-valor, outrossim, através de cada (uma) das (ir)representações que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo), e que, desta forma, como (uma)-essência SÃO ONTOFILOGENICAMENTE real(izações) a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, que se oculta como [(uma)-representação enquanto (uma)-representação].

(um)-fetiche-interactivo que se estabiliza em cada (uma) das interacções linguísticas ao atravessar cada (uma) das subjectividades que “há”, em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade. E que desta forma, “faz” tanto de (uma)-felicidade quanto de (uma)-(in)felicidade, no que se real(izam) como (um)-*axios* que através de (uma)-estrutura-axiológica projecta-se «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, não se real(izando) como (uma)-prática-linguística-absoluta (instável), outrossim, na forma de cada (uma) das subjectividades que “há” enquanto realidades individuais, e qua se edificam como (uma)-real(idade) que se real(iza) como (um)-colectivização que “há” e que se atravessa em cada (uma) das individualidades adjectivas, exilando-as.



O que ao instituir-se como (um)-“EU”-subjectivo e exilar-se através de cada (uma) das individualidades em cada (uma) das proscricções já (sub)entendidas, é o que na forma de cada (uma) das instituições instaladas como real(idades) e na forma de cada (uma) das realidades que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, real(iza-se) como (uma)-existência-linguística que através de (um)-*axios*, estrutura-se como cada (um) dos valores que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE atribuídos ontofenomenologicamente, como real(izações) de existências heurísticas manifestas em (um)-sistema-simbólico-fechado.

Posto que curiosamente, é (uma)-instituição de (um)-“EU”-subjectivo, o que “exila” cada (uma) das individualidades adjectivas enquanto realidades ocultadas por cada (uma) das projecções que se real(izam) «sobre» cada (uma) das representações como significados. O que desta forma, é (uma)-real(ização) de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) que na forma de (um)-fetiche-interactivo, estabiliza-se como (um)-REAL (adjectivo) enquanto (um)-REAL (substantivo) que se real(iza) como (um)-simbólico-topológico-fechado.

### 18.3. O REAL indivíduo e as instituições real(idade)

Desta forma, (um)-conhecimento é o que se instala, entretanto, como (uma)-fracção-assimétrica que “há” da forma de (uma)-realidade. O que a partir de (um)-imaginário-topológico, é o que se esvazia em (um)-REAL (adjectivo) que, desta forma, é “empurrado” enquanto (uma)-formalidade para «dentro» de (um)-simbólico-topológico. O que se fecha “em-si”, formando-se como (uma)-ORLA que se real(iza) na forma de cada (uma) das representações enquanto (uma)-real(idade).

Portanto, (um)-conhecimento é (um)-registo-simbólico-topológico-fechado que se oculta como (uma)-ORLA-REAL (substantiva) na forma de cada (uma) das instituições real(idade). O que “faz” com que em (um)-REAL-topológico, aconteça como (um)-REAL-indivíduo (substantivo), que ao real(izar-se) na forma de (uma)-ORLA é o que enquanto tal, é (um)-indivíduo-subjectivo-e-simbólico-fechado-“em-si”, mas que se real(iza) ao atravessar (um)-“fazer”-neurofisiológico que através de (uma)-forma-infinitiva-e-(im)pessoal é na forma de cada (uma) das representações, o que “há” como o que se real(iza) enquanto (um)-conhecimento e através de cada (uma) das interacções que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística

O que desta forma, assume-se na forma de (um)-sujeito que ao “empurrar-se” como (um)-REAL (adjectivo) para «dentro» de (um)-simbólico-topológico-fechado-e-esvaziado de (um)-imaginário-topológico que o compõe. “Há” como (uma)-formalidade que se real(iza) enquanto (uma)-ORLA que ao ocultar-se como (uma)-*physis*-existência-linguística, é o que se estrutura como

o que se organiza a partir de cada (uma) das interações sociais que ao atravessar cada (uma) das representações como existências heurísticas manifestas, estrutura-se real(izando-se) como (uma)-axiologia (ver QUADRO 003).

Mas desta forma, (uma)-representação não é (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], outrossim, (uma)-ontofenomenologia que se manifesta a partir de (uma)-consciência e que ao (trans)formar-se em (uma)-*physis*-existência enquanto (uma)-formalidade, é o que se real(iza) institucionalização enquanto (uma)-“coisa”-social que ao instalar-se como (uma)-representação em cada (um) dos sistemas vivos humanos atravessa-se como (um)-“EU”-subjectivo que não se real(iza) adjectivamente, mas «antes», substantivamente como [(uma)-existência que se manifesta] e não como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] simultâneas. Posto que, desta forma, [existe e manifesta-se] estruturalmente na forma de cada (uma) das sintaxes retóricas.

Assim, (uma)-representação não é (uma)-*ergoígenia*, nem tampouco (uma)-realidade em (uma)-existência-heurística, outrossim, (uma)-inflamação que ao atravessar cada (uma) das intitucionalizações, real(iza-se) como (uma)-real(idade) na forma de cada (uma) das subjectividades reificadas que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos enquanto (uma)-sociedade. O que se real(iza) como (um)-REAL (substantivo) na forma de cada (uma) das “coisas” sociais.

Isto porquê ao estruturar-se como (um)-*axios* em cada (uma) das interações linguísticas que “há”, atravessa cada (uma) das “coisas” sociais, real(izando-se) como (uma)-inflamação-linguística que na forma de (uma)-existência-heurística-manifesta é como (uma)-NEUROSE.

(um)-acoplamento-estrutural-cognitivo-e-social que ao atravessar (uma)-existência-linguística e SER-manifestação ONTOFILOGENICAMENTE, é tratada ontofenomenologicamente como (uma)-epistemologia, que ao separar (uma)-FILOGENIA de (uma)-ONTOGENIA, (im)pede-se como (um)-véu que não se pode ou deve levantar. Posto que, segundo (uma)-topologia-linguística, real(mente) isto acontece quando (uma)-ONTOFILOGENIA é o que se real(iza) enquanto (uma)-interacção-linguística que ao SER-manifestação ONTOFILOGENICAMENTE observada em (um)-modelo-de-observação-sistémico-topológico-e-linguístico e não como (uma)-ontologia que atravessa (uma)-fenomenologia enquanto [(uma)-existência que se manifesta] como (uma)-representação porquê “há” (uma)-consciência.

É desta forma o que se edifica enquanto (um)-modelo-observável que atravessa de (uma)-ONTOFILOGENIA para (uma)-ontofenomenologia que sistemicamente edifica-se em (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (um)-modelo-de-observação que (trans)forma (um)-observador e (um)-observado em (uma)-homeomorfia. O que na forma de (um)-“lugar” real(iza-os) em (um)-sistema-de-registos-linguísticos como representações que a partir de (um)-simbólico-topológico

interagem com cada (um) dos OUTROS registos linguísticos atravessando (um)-REAL-topológico que se real(iza) como (um)-REAL (adjectivo) e não substantivo.

(uma)-interacção-linguística-[objecto x objecto] que enquanto (uma)-prática-linguística-absoluta (instável), não atravessa (uma)-estrutura-axiológica, mas tão somente se real(iza) através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, como acontecimentos significantes. (uma)-real(ização)-objectiva que ao atravessar cada (uma) das objectivações autopoiéticas é enquanto (uma)-existência-linguística, o que se real(iza) na forma de (um)-acoplamento e que se estrutura em (um)-sistema-interagente que interage sistemicamente com (um)-sistema-interagente, o que sistemicamente real(iza-se) interactivamente, estabilizando-se como (uma)-sistemática a partir de cada (uma) das instabilidades sistémicas e linguísticas que se edificam colectiva e *ergoígenicamente* como (uma)-realidade.

#### 18.4. A (in)felicidade e o TRABALHO

Apesar de tudo isto, “há” (uma)-representação-“(in)felicidade” que se instala e que se real(iza) através de (um)-TRABALHO. (um)-acontecimento-linguístico que ao real(izar-se) como (uma)-“coisa”-aparência na forma de (uma)-“coisa”-social é enquanto (uma)-plenitude-individual, o que a partir de (uma)-experiência-de-satisfação atravessa (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, (trans)formando cada (um) dos estados de satisfação e | ou de quietude individuais, em acontecimentos linguísticos que vão de (um)- (des)contentamento até à (uma)-tristeza-intensa. Posto que (uma)- (in)felicidade, desta forma, é como o que se real(iza) enquanto (um)-significado que enquanto tal o é enquanto (um)-estado-de-MAL-estar-social.

(um)-estado que é possível estudar a partir de muitas formas diferentes, tal como é possível também estudar (uma)-felicidade. Entretanto, tanto filósofos quanto religiosos ao estudar cada (um) dos estados de felicidade ou de (in)felicidade, tenta definí-los como formas *physis* existenciais que se tipificam, na forma de (um)-comportamento ou de (uma)-sistemática-de-vida, que ao real(izar-se) a partir de cada (uma) das experiências subjectivas que se caracterizam PLENAMENTE a partir de (uma)-formalidade-sistémica, SÃO ONTOFILOGENICAMENTE acontecimentos ontofenomenológicos.

Contudo, como contemporaneamente (uma)-felicidade está associada por cada (um) dos filósofos à (uma)-palavra-grega εὐδαιμονία (*eudaimonia*)<sup>507</sup>. É na forma de [εὐ (*eu*) + δαίμων (*daimon*)] que é (um)-termo que ainda hoje associa-se à ética, que cada (uma) das emoções que se real(izam) como (uma)-felicidade é desde (uma)-filosofia-medieval, associada à palavra “prazer”,

---

507 Dicionário Strong, verbete 2095, εὐ (*eu*) – advérbio que se define como “ser afortunado, prosperar, agir bem” + Dicionário Strong, verbete 1142 – substantivo que se define como “deus, deusa, deidade, seja boa ou má”.

que se origina do latim *placere*, que enquanto (uma)-sensação-de-BEM-estar-social é segundo a qual, como o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos através de (um)-estímulo, que enquanto (um)-“prazer” que não se demonstra na forma de (uma)-alegria, outrossim, na forma de (uma)-prosperidade-que-não-é-BOA.

Mas o que é (um)-facto é que (uma)-*eudaimonia* pode SER-manifestação ONTOFILOGENICAMENTE BOA ou MÁ enquanto (um)-termo que se é LEGADO desde cada (um) dos filósofos gregos. Entretanto, como é difícil definir rigorosamente qual é a medida, tanto de (uma)-felicidade, quanto de (uma)-(in)felicidade. (uma)-existência-PLENA na forma de (uma)-*eudaimonia* a partir de (um)-período-medieval, converte-se em duas fracções de existências não-PLENAS e não consecutivas, mas que efectivamente sendo maniqueístas e na forma de cada (uma) das antonimias, é como o que se foram LEGADAS à (uma)-actualidade-linguística, enquanto o que se real(izam) como fracções de (uma)-real(idade)-formalizada-ontofenomenologicamente.

Por isto, segundo (uma)-topologia-linguística, [tanto (uma)-felicidade, quanto (uma)-(in)felicidade] é o que se real(iza) como (uma)-semântica-neurofisiológica, ao atravessar sistemicamente cada (uma) das realidades individuais que se real(izam) na forma de cada (uma) das representações que se projectam em cada (uma) das práticas linguísticas que “há” e qua se real(izam) como (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, é a partir de (uma)-existência-não-linguística que se real(iza), na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}} «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, o que enquanto (uma)-interacção-linguística, é o que se “faz” real(izada) enquanto (um)-sistema-topologia-linguística e a partir de cada (uma) das interacções sistémicas que “há”, em e «entre», cada (um) dos registos linguísticos – imaginário | REAL | simbólico – posto que se estrutura interactivamente, estabilizando-se a partir de cada (uma) das projecções que se real(izam) «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais, como o que se estabiliza na forma de cada (uma) das estruturas axiológicas. O que se real(iza) linguisticamente como (um)-sistema-de-observação que segundo (uma)-topologia-linguística, é como (uma)-real(idade) o que atravessa (uma)-realidade.

Isto porquê diante do “haver” de (uma)-palavra-grega οικοδομη (*oikodome*)<sup>508</sup>, que foi utilizada por cada (um) dos judeus cristãos no Livro dos Atos dos Apóstolos para definir (um)-estado-de-plenitude-individual que ao real(izar-se) como (uma)-*ergoígenia* é na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”] o que enquanto (uma)-felicidade, é o que real(mente) como (uma)-forma-traduzida e a partir de (um)-[οικος (*oikos*) + δωμα (*doma*)]<sup>509</sup>, o que se real(iza) enquanto

---

508 Dicionário Strong, verbete 3619 – substantivo feminino que se define como “(o ato de) construir, construção, o processo de edificação, edificação”.

509 Dicionário Strong, verbete 3624 – substantivo masculino que se define como “casa” + Dicionário Strong, verbete 1430 – substantivo neutro que se define a partir de “demo” é como “construir [a cumeeira da casa ou o telhado]”.

[(uma)-casa + (uma)-construção] que desta forma é, em cada (uma) das existências individuais, o que se real(iza) como (uma)-casa-que-se-constrói ao atravessar (uma)-aprendizagem-colectiva. O que na forma originaria na qual se define enquanto o termo οἰκοδομή (*oikodome*), é o que em grego ao definir-se como (uma)-formalidade em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, estabiliza-se como (um)-fetiche.

O que enquanto (uma)-projectão de (uma)-adjectivação é o que na forma de (uma)-substantivação, real(iza-se) como (uma)-essência em (um)-REAL (adjectivo) que enquanto (uma)-formatação é o que em (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], real(iza-se) como (uma)-(ir)representação na forma de (uma)-real(idade). O que enquanto (uma)-formalidade, é o que interage sistemicamente em (um)-sistema-topologia-linguística, real(izando-se) como (uma)-representação que ao atravessar cada (uma) das práticas linguísticas que “há”, em (um)-REAL (adjectivo), real(iza-se) como (um)-παιδαγωγος (*paidagogos*)<sup>510</sup> que enquanto (uma)-forma-aprendida é como (um)-real(izador)-(im)possibilitado que atravessa (um)-[παῖς (*pais* | criança)] com (um)-[παῖω (*paio* | tormento)] que lhe serve de origem para [ἄγω (*ago* | conduzir)], ou seja, para conduzirem-se simultaneidade.

O que desta forma, é (um)-fetiche-absoluto (instável) a partir de (uma)-existência-não-linguística que se real(iza) como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na forma de (uma)-semântica-neurofisiológica. O que ao (trans)formar-se enquanto (uma)-formalidade através de (uma)-estrutura-axiológica que atravessa (um)-ENTE-de-valor é o que enquanto (uma)-real(idade)-linguística e desta forma, instala-se como (um)-maniqueísmo-axiológico-e-heurístico.

Assim, o que se “faz” a partir de (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE, é o que enquanto (uma)-identidade-semântica realiza-se enquanto tal como (um)-TRABALHO, que ao real(izar-se) autopoieticamente como (um)-emprego, (trans)forma-se em (uma)-identidade que enquanto tal é como (uma)-POSSE, o que na forma de (uma)-antonimia, é o que se real(iza) como (uma)-representação. Que na forma de (um)-*axios* SOBRESTIMA-SE sintática e retoricamente, ao estruturar-se como (uma)-real(idade). O que (trans)forma (uma)-existência-absoluta (instável) e PLENA, na forma de (uma)-fracção-que-se-estabiliza interactivamente ao atravessar (um)-processador-de-aprendizagem.

#### 18.5. (um)-(des)empregado é (um)-cidadão?

Desta forma, (uma)-aprendizagem é o que se real(iza) enquanto forma, como (um)-cidadão que na forma de cada (um) dos empregados, “há” em (uma)-sociedade como (uma)-real(ização).

---

510 Dicionário Strong, verbete 3807 – substantivo masculino que se define como “tutor, guardião e guia de meninos”.

Posto que é a partir de cada (um) dos cidadãos empregados que se sustenta “*oikonomica(mente)*” cada (um) dos (des)empregados envolvidos em (uma)-sociedade. O que, desta forma, em (um)-sistema-topologia-linguística, afirma-se que “há” em cada (uma) das representações (des)emprego como (uma)-não-existência que ao realizar-se na forma de cada (uma) das “coisas” sociais, é o que “há” como o que se real(iza) a partir de (um)-TRABALHO, mas na forma de cada (um) dos (des)empregados que enquanto (uma)-“coisa”-aparência, é o que se instala como (uma)-real(idade) que se real(iza) como (uma)-negação de (uma)-acção.

Posto que «antes» de (uma)-existência-linguística na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, (um)-(des)empregado é o que se NEGA na forma de (uma)-prática-linguística-estável (interactiva), enquanto (uma)-prática-linguística-absoluta (instável).

O que segundo (uma)-topologia-linguística, é o que se determina a partir de (um)-LEGALISMO-heurístico que ao instalar-se como (uma)- projecção «sobre» cada (uma) das “coisas” sociais é o que enquanto (uma)-existência-linguística, ao real(izar-se) na forma de (um)-ESTADO-de-BEM-estar-social e enquanto (uma)-formalidade que “há” em cada (um) dos empregados, (re)lega-se desta forma, à cada (um) dos (des)empregados que enquanto (uma)-não-existência-linguística é na forma de (um)-fetiche-interactivo (estável), o que se real(iza) como (um)-acontecimento-heurístico.

Isto porquê, dá-se (um)-facto de que não se pode existir envolvido em (uma)-sociedade-económico-heurística sem (um)-PODER que se real(iza) na forma de cada (um) dos ENTES axiológicos que “há” e que se formalizam como (uma)-real(idade) ao (trans)formar ONTOFILOGENICAMENTE cada (um) dos sistemas vivos humanos enquanto (uma)-PESSOA no que ao atravessar cada (um) dos valores que “há” em cada (uma) das existenciais sociais, envolve-se interactivamente, estabilizando enquanto (uma)-sociedade.

## 19. En-si-nando (uma)-real(idade): o παιδαγωγος (paidagogos) e o conhecimento

A partir do que (um)-verbo “ensinar” é o que se (re)vela como (uma)-acção que ao SER-manifestação ONTOFILOGÊNICA de (uma)-utilização-ontofenomenológica que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que se permite como (uma)-(trans)missão de (uma)-forma-organizada do que enquanto (uma)-real(idade) é o que “há” enquanto forma em cada (um) dos conhecimentos que atravessam o que se real(iza) através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos como PESSOAS enquanto (uma)-sociedade.

(uma)-real(idade) que segundo (uma)-topologia-linguística é enquanto (uma)-formalidade, o que se real(iza) sistemicamente na forma de cada (uma) das representações que “há” em todo-(um)-“haver” como tudo-o-que-“há”. O que se real(iza) na forma de (um)-SER-manifestação que ONTOFILOGENICAMENTE é ontofenomenologicamente considerado enquanto (uma)-aquisição-ONTOGÊNICA como o que se real(iza) a partir de (uma)-ontofenomenologia-linguística-e-reflexiva.

Entretanto, isto é o que em (um)-sistema-topologia-linguística, é como (um)-conhecimento que não é (um)-SER-que-se-adquire a partir de (uma)-ONTOFILOGÊNESE-reflexiva, outrossim, a partir de (uma)-ONTOGENIA-sistémica que se apresenta linguisticamente. O que se real(iza) ontofenomenologicamente a partir de (uma)-acção-linguística que ao edificar-se como (uma)-real(idade)-linguística, é o que a partir de (uma)-realidade-neuro-BIO-fisiológica, desta forma “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Mas isto em (uma)-sociedade-actual não é o que se define como (uma)-acção, outrossim, como (uma)-real(ização) que se define a partir de (uma)-forma-instituição como o que ao atravessar (um)-verbo-(EN)SINAR é na forma de (uma)-prática-linguística, o que se real(iza-se) como (uma)-formalidade na forma do que se transmite, organiza e salvaguarda enquanto (uma)-transferência-oficial de cada (um) dos conhecimentos que “há” a partir de (uma)-forma-ESCOLA e que se estende idiomáticamente através de (uma)-expressão-ESCOLA-DA-VIDA como TODA (uma)-existência-*physis*-existencial-HUMANA.

O que curiosamente a partir do grego σχολή (*scholē*)<sup>511</sup> define-se como (uma)-[“isenção de trabalho”] ou como (um)-[“lugar onde existe tempo livre”]. Mas que ao atravessar (um)-termo-latinizado *schola* é o que se define como (uma)-[“escola”]. O que se real(iza) na forma de (uma)-ESCOLA ao edificar-se na forma de (uma)-instituição. (uma)-real(ização) que enquanto (uma)-sociedade apresenta-se, desta forma, como (uma)-real(idade).

---

511 Dicionário Strong, verbete 4981 – substantivo feminino que se define como “isenção de trabalho, lugar onde existe tempo livre para algo, escola”.

Pois (um)-(EN)SINAR é (uma)-acção que em (um)-sistema-topologia-linguística real(iza-se) como (uma)-existência-“em-si” enquanto (um)-REAL-topológico. E isto é o que se define enquanto (uma)-forma-linguística que não acontece ao atravessar (uma)-consciência, outrossim, como o que atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico que ao edificar-se como (uma)-real(idade), estabelece (uma)-forma-consciência que existe enquanto (uma)-conformidade. O que desta forma é como (uma)-real(idade) que se edifica mas não se real(iza)-“em-si”. Posto que em (um)-sistema-topologia-linguística, o que se real(iza) “para-si” é (uma)-“coisa”-aparência.

(uma)-existência-realidade que sistemicamente real(iza-se) como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] na forma de cada (uma) das representações que “há” em (uma)-real(idade). Isto porquê EN-SI-NAR em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-acção-“em-si” que ao real(izar-se) enquanto (um)-REAL-topológico é na forma de (uma)-essência e a partir de (uma)-representação, tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver” enquanto (uma)-existência-linguística em (um)-simbólico-topológico. O que se projecta «sobre» cada (uma) das práticas linguísticas como (um)-real(idade), (um)-“faze(ndo-se)” [manifestar-se + existir-se] como (uma)-forma-conhecimento que na forma de (uma)-real(idade) apresenta-se como (uma)-realidade que não é (uma)-realidade, outrossim, (uma)-*ergógenia*.

Portanto, EN-SI-NAR é (uma)-forma-real(idade) que em (um)-sistema-topologia-linguística real(iza-se) como (uma)-acção-“em-si” que ao apresentar-se como (uma)-forma-conhecimento é a partir de cada (uma) das representações que se projectam como (uma)-real(idade), o que atravessa cada (uma) das práticas linguísticas, real(izando-se) como (um)-REAL-topológico que não se estabelece, desta forma, como o que conhece, outrossim, enquanto o que se real(iza) conhecimento na forma de cada (uma) das representações que “há” como (uma)-realidade-sistémica em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

#### 19.1. Convenção e coercitividade: sociedade, escola e indivíduo

O que se estabelece através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma) sociedade como (uma)-convenção. E o que do latim *conventiōnis* real(iza-se) como (uma)-assembleia, (um)-acordo ou (um)-contracto que se estabelece na forma de cada (um) dos costumes regidos por regras e | ou métodos e que se real(izam) através de cada (uma) das práticas linguísticas que “há” e que atravessam, cada (uma) das interacções linguísticas observáveis através de (um)-sistema-topologia-linguística enquanto (uma)-sociedade. O que através de cada (uma) das interacções que “há”, em e



«entre», cada (um) dos registos linguísticos imaginário, REAL e simbólico, pode SER-manifestação-investigada-ONTOFILOGENICAMENTE através de (uma)-ontofenomenologia-axiológica.

(uma)-*práxis* que a partir do grego *πραξις* (*praxis*)<sup>512</sup>, real(iza-se) como (um)-acto ou modo-de-agir que ao atravessa cada (uma) das interacções linguísticas como (uma)-acção, é o que em cada (uma) das formalidades que “há” enquanto (uma)-real(idade), define-se como (uma)-formatação na forma de (uma)-sociedade-heurística. Pois ao atravessar cada (um) dos indivíduos HUMANOS é o que coercitivamente acontece como PESSOAS e a partir de cada (uma) das interacções linguísticas que se real(izam) em cada (uma) das sociedades actuais.

O que (trans)forma (uma)-ONTOFILOGENIA em (uma)-ontofenomenologia que “há” axiologicamente em cada (uma) das sociedades e que ao atravessar cada (uma) das interacções que se real(izam) como instituições, [é nomeadamente o que é] enquanto (uma)-instituição-escola. Pois, o que molda (uma)-existência-linguística-ontofenomenologicamente como o que “há” em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-ONTOGENIA-axiológica que os envolve enquanto (uma)-sociedade, é o que se origina como (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística.

Diante do que, curiosamente, a partir do termo grego *σχολη* (*schole*)<sup>513</sup>, o que se tem é (uma)-isenção-de-TRABALHO. Posto que para cada (um) dos gregos, (um)-tempo era (uma)-real(ização) [“para-si” | “por-si”] que na forma de (uma)-POSSESSÃO, era individual. Mas o que se real(iza) como (uma)-escola em (uma)-contemporaneidade é (uma)-coerção-do-tempo-individual que, desta forma, não se POSSUI-“para-si”, outrossim, é o que enquanto (uma)-coerção real(iza-se) como (uma)-POSSESSÃO-“em-si” que na forma de cada (uma) das acções é o que se real(iza) individual ou colectivamente enquanto (uma)-escola que [é o que é] a partir de cada (uma) das práticas linguísticas enquanto (uma)-sociedade-heurística.

O que real(mente) “escraviza” cada (um) dos sistemas vivos humanos à cada (uma) das convenções que se instalam a partir de (um)-LEGALISMO que “há” em (uma)-sociedade. (uma)-prática-linguística-estável (interactiva) que NEGA (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) posto que se instala como (um)-LOGRO. Mas acerca do qual não se PODE pensar ou afirmar-se como (uma)-formalidade que se apresenta como o que “há” enquanto o que se real(iza) como (uma)-MÁ-FÉ-sartriana<sup>514</sup>, outrossim, como o que na forma de [(uma)-representação que se projecta «sobre» (uma)-representação] é enquanto (uma)-forma-fetiche-interactivo (estável) o que (des)estabiliza como (uma)-realidade-sistémica a partir de (uma)-edificação de (uma)-real(idade)-linguística.

512 Dicionário Strong, verbete 4234 – substantivo feminino que se define como “ato, modo de agir, negociação, transação, algo que precisa ser feito, negócio”.

513 Dicionário Strong, verbete 4981 – substantivo feminino que se define como “isenção de trabalho, lugar onde existe tempo livre para algo, escola”.

514 Isto porquê o que fundamenta (uma)-LIBERDADE para Sartre, é (um)-NADA, ou seja, (um)-(in)determinismo-absoluto. E desta forma, pode-se enfim entender porquê (uma)-“má-fé”-sartriana existe como (uma)-tendência que nega (uma)-LIBERDADE. Ver Parte IV – INDIVÍDUO E CONSUMO, página 522.

Isto porquê Sartre estrutura-se como (uma)-forma-pensamento, sintática e retoricamente «sobre» cada (uma) das NEGAÇÕES que se real(izam) em cada (um) dos NÃO(s) que “há” como (uma)-real(idade). Ao passo que em (um)-sistema-topologia-linguística, o que “há” é (uma)-DUPLA-NEGAÇÃO que se real(iza) como (um)-SIM na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}. (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO que não se real(iza) como (um)-NÃO-SER-manifestação, mas «antes», como tudo-o-que-“há” em todo-(um)-“haver”, incluindo-se desta forma, (um)-NÃO-SER-manifestação que enquanto (uma)-existência-linguística, realiza-se em (uma)-sociedade-heurística-ontofenomenologicamente.

Visto que para gozar de (uma)-*schole*, cada (um) dos gregos tinha que POSSUIR (um)-escravo. O que se configura em (uma)-topologia-linguística como (uma)-POSSE. Isto porquê (uma)-*schole* é (uma)-isenção-de-TRABALHO que real(mente) é (um)-LOGRO, ou seja, [(uma)-representação que se projecta «sobre» (uma)-representação]. Posto que é (uma)-NEGAÇÃO de (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) que se real(iza) através de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável).

Ou seja, cada (um) dos cidadãos gregos tinha (um)-δουλος (*doulos*)<sup>515</sup> que a partir do termo δεω (*deo*)<sup>516</sup> que lhe serve de raiz, PODE-SE afirmar que em (uma)-sociedade-linguística-grega, cada (um) dos δουλος (*doulos*) [existe e manifesta-se] para (uma)-realização que na forma de (um)-indivíduo-HUMANO em (uma)-sociedade, é o que pela força de (uma)-cosmogonia, permite-se como (uma)-*schole* à cada (um) dos cidadãos em (uma)-sociedade-grega.

A partir do que se PODE afirmar que (um)-ENANTI<sup>517</sup> é na forma de (um)-sistema-topologia-linguística, “o ponto de onde a acção procede”. O que a partir da forma de εκ (*ek*) ou εξ (*ex*)<sup>518</sup> é enquanto (uma)-palavra-raiz da palavra grega εναντι (*enanti*), o que se realiza como (uma)-*ergoígenia*.

Posto que (um)-ENANTI é na forma de (uma)-cosmogonia, o que estabiliza (uma)-existência-linguística como (uma)-real(idade) que, desta forma, permite-se como (uma)-real(ização) em cada (uma) das interacções linguísticas e na forma de cada (uma) das práticas linguísticas, do que não se consegue explicar através de (uma)-linguagem, mas real(izar) como (um)-“fazer”-neurofisiológico a partir de (uma)-semântica-neurofisiológica.

(um)-intervalo-topológico-linguístico que se real(iza) de [(uma)-convenção à (uma)-coerção] assimetricamente. Posto que (um)-intervalo-topológico-linguístico é o que se real(iza)

515 Dicionário Strong, verbete 1401 – substantivo que se define como “escravo, servo, homem de condição servil, servo, atendente”.

516 Dicionário Strong, verbete 1210 – verbo que se define como “atar um laço, prender”.

517 Palavra grega εναντι (*enanti*), que se define como “antes”. Dicionário Strong, verbete 1725.

518 “O ponto de onde a acção procede”. A partir de Strong 1537, pois εκ (*ek*) ou εξ (*ex*) é enquanto palavra-raiz, a palavra a partir da qual se realiza a palavra grega εναντι (*enanti*).

através de cada (uma) das formalidades que “há”, como (uma)-real(idade) homeomorficamente estabelecida a partir de cada (um) dos acontecimentos linguísticos na forma de cada (um) dos significantes que “há”.

Portanto, (uma)-sociedade-heurística é na forma de (um)-intervalo-topológico-linguístico o que enquanto [(um)-intervalo «dentro» de (um)-intervalo] é o que se real(iza) de [(uma)-convenção à (uma)-coerção] que atravessa cada (uma) das interações linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos em cada (uma) das práticas linguísticas que se real(izam) como (um)-REAL (adjectivo).

## 19.2. Como é SER-conduzido por (um)-escravo-simbólico para o REAL?

Desta forma, cada (uma) das PESSOAS que “há” em (uma)-sociedade é (um)-escravo-simbólico que se deve conduzir para (um)-REAL (adjectivo). O que se real(iza) na forma de (uma)-projectão de [(uma)-real(idade) à (uma)-realidade]. (um)-fetiche-interactivo (estável) que enquanto (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), não se estabiliza como (uma)-real(idade) porque cada (um) dos fetiches é enquanto (uma)-estrutura-de-projectão, (uma)-interacção-sistémica-individual que, desta forma, é subjectiva. O que apesar de (um)-“haver” de (uma)-homeomorfia, é o que “há” e que se real(iza) como (uma)-real(idade)-absoluta (instável) que sistemicamente (des)estabiliza-se enquanto (uma)-realidade-sistémica.

(uma)-NEGAÇÃO de (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) através de (uma)-prática-linguística-interactiva (estável) que se real(iza) não como (um)-REAL (adjectivo), mas «antes», como [(uma)-adjectivação «sobre» (uma)-substantivação] que se projecta de (um)-simbólico-topológico à (um)-REAL (adjectivo), substantivando-o enquanto (uma)-forma-simbólica-fechada.

Isto porque “há” (um)-*doulos* que se projecta «sobre» (uma)-formalidade como (uma)-“coisa”-social que se real(iza), desta forma, como “o ponto de onde a acção procede” e que pela força de (uma)-cosmogonia que não se consegue explicar através de (uma)-linguagem, outrossim, como o que se real(iza) através de cada (uma) das práticas linguísticas que SÃO ONTOFILOGENICAMENTE possíveis ontofenomenologicamente, através de cada (uma) das real(izações) ONTOGÊNICAS que acontecem, linguística e sistemicamente, como (uma)-real(idade).

## 19.3. REAL e real(idade): (uma)-pedagogia-linguística

Desta forma, (um)-REAL (adjectivo) é (um)-recalcado que na forma de (um)-PAR-imagético, é (uma)-real(ização) que enquanto (uma)-real(idade)-absoluta (instável), instabiliza-se como (uma)-

realidade-sistémica. Posto que se real(iza) como (uma)-real(idade)-absoluta (instável) em (um)-REAL (substantivo) que na forma de [(uma)-adjectivação «sobre» (uma)-substantivação] projecta-se de (um)-simbólico-topológico «sobre» cada (uma) das formalidades que se real(izam) em (um)-REAL-topológico como (uma)-“coisa”-social.

O que resulta de cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, como o que se real(iza) em (um)-sistema-topologia-linguística, através de cada (um) dos registos linguísticos imaginário, REAL, simbólico, enquanto (uma)-modelação-observável-ONTOFILOGENICAMENTE e narrada ontofenomenologicamente enquanto (uma)-epistemologia.

Mas o que se destaca nesta altura é que “há” (uma)-pedagogia-linguística que se real(iza) através de cada (uma) das interacções linguísticas que “há” e que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística. O que desta forma, é ontofenomenologicamente real(izado) em cada (uma) das interacções linguísticas que “há” e que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística, na forma de cada (uma) das estruturas axiológicas que se estabilizam em cada (uma) das práticas linguísticas interactivas (estáveis) que se real(izam) como (uma)-real(idade).

Portanto, “há” (um)-ENSINAR-constante que se real(iza) em cada (uma) das interacções linguísticas que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade.

Contudo, como EN-SI-NAR é (uma)-prática-linguística-interactiva (estável), isto é o que se real(iza) como o que se instabiliza em cada (uma) das realidades sistémicas individuais. O que se instala, desta forma, como (uma)-inflamação-linguística que enquanto (uma)-existência-manifesta é heurística.

O que impede que (uma)-LIBERDADE instale-se enquanto (uma)-prática-linguística-absoluta (instável). Pois o que se instala é (um)-LOGRO que se real(iza) na forma de cada (uma) das SOBRESTIMAÇÕES que se estabelecem através de cada (uma) das estruturas axiológicas. O que ao real(izar-se) «sobre» (um)-“fazer”-neurofisiológico, é o que ontofenomenologicamente realiza-se como (uma)-ONTOGENIA-heurística.

#### 19.4. Individualidade: (uma)-existência-“para-si” que se busca na mundanidade?

A partir do que, (uma)-individualidade é (uma)-adjectivação que atravessa cada (uma) das subjectividades sistémicas e individuais. O que se real(iza) como (uma)-inflamação-linguística na forma de cada (um) dos indivíduos que “há” envolvidos em (uma)-sociedade e a partir de (uma)-[existência sistémica que se manifesta] em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Real(izando-se)

desta forma, como (uma)-existência-manifestação que na forma de (uma)-mundanidade-substantiva é como (uma)-existência-heurística-manifesta-ONTOGENICAMENTE.

(uma)-existência-linguística-adjectiva-e-heurística que se inflama real(izando-se) como (uma)-substantivação que ao acoplar-se estrutural e sistemicamente enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], é o que se real(iza) na forma de (uma)-representação enquanto (uma)-significação.

(um)-acoplamento que na forma de (um)-ONTOGENIA é o que (trans)forma autopoieticamente (uma)-FILOGENIA através de (uma)-ontofenomenologia. O que se real(iza) como (uma)-existência-manifestação enquanto (uma)-consciência que ao artificializar-se como (uma)-existência-HUMANA-manifesta, é o que enquanto essencialmente linguístico é na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], o que se apresenta como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] mas na forma de (uma)-ONTOGENIA-ontofenomenológica. (um)-fenómeno-[significante | significação] que, desta forma, para além de não sistémico é (uma)-artificialização na forma de (um)-juízo-sintético-[A PRIORI].

(uma)-mundanidade desta forma, acopla-se estruturalmente e não sistemicamente à (uma)-estrutura-sintática-e-retórica. O que reifica (uma)-“coisa”-aparência que, desta forma, não existe como (uma)-“coisa”-social, mas «antes», como (uma)-realidade que na forma de (um)-linguístico, real(iza-se) como (uma)-linguagem e não como (uma)-existência-linguística-manifesta-ONTOFILOGENICAMENTE enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], outrossim, como (uma)-significação-heurística.

O que desta forma, é como (uma)-real(ização) que ao atravessar (um)-fenómeno é o que se manifesta-existência-ONTOGÊNICA como (uma)-forma-consciência, que desta forma, não “há” como (uma)-real(ização) de (um)-“fazer”-neurofisiológico-absoluto (instável) que se instala como (uma)-real(idade)-interactiva (estável) ao atravessar cada (uma) das realidades subjectivas que “há” sistemicamente, em cada (um) dos sistemas vivos humanos.

Outrossim, é o que desta forma, “há” como (uma)-inflação-linguística que ao atravessar (uma)-[representação de (uma)-representação] real(iza-se), desta forma, como (uma)-significação que ao ocultar (um)-REAL (adjectivo) com (um)-REAL-substantivo é o que Freud e Lacan definiram como (uma)-neurose.

A partir do que se PODE afirmar que (um)-discurso-sartriano, tanto como (um)-discurso-freudiano, atravessam (uma)-mundanidade-axiológica-artificialmente-criada e não (uma)-existência-linguística-manifestada, apesar de estruturalmente e através de (uma)-sintática-retórica, instalarem-se «sobre» cada (uma) das interacções sistémicas enquanto formalidades realidade.

(um)-PRIMEIRO Sartre atravessa-se a partir de (uma)-estrutura-fenomenológica que enquanto (uma)-interacção que “há”, em e «entre» (um)-NOEMA [objecto] e (uma)-NOESIS [acto], real(iza-se) como (uma)-representação que segundo Edmund Husserl (1859-1938), não é (uma)-manifestação, mas «antes», (uma)-acção que transcende o objecto enquanto (um)-NOEMA e através de (uma)-NOESIS. O que ao atravessar (uma)-existência e manifestar-se como (uma)-acção, é o que se real(iza) através de (um)-“fazer”-neurofisiológico e enquanto (uma)-formalidade na forma de (uma)-representação. A partir do que Sartre define-se em e «entre» duas formas de existência que se emprestam a partir de (um)-idealismo-hegeliano: (uma)-objectiva na forma de (um)-“em-si”; e OUTRA-subjectiva na forma de (um)-“para-si”.

Ao passo que (um)-SEGUNDO, Freud ao definir-se como (uma)-psique que estruturalmente é o que se real(iza) como (uma)-sistemática que, entretanto, ao tomar-se na forma de cada (um) dos exemplos que escolhe, é como (uma)-formalidade-estrutural, o que se real(iza) psiquicamente em cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que sintática e retoricamente Freud real(iza) na forma de cada (uma) das narrações explicativas de cada (uma) das interacções psíquicas que “há” enquanto real(izações) sociais em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos que por Freud forma observadas. O que ao real(izar-se) na forma de cada (um) dos valores que “há” e em cada (uma) das interacções que se estabilizam interactivamente em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade. É o que se real(iza) como (uma)-psicanálise.

O que acarretou (um)-sem-fim de equivocadas deduções de cada (uma) das narrativas freudianas acerca de cada (uma) das observações real(izadas). O que Lacan tentou efectivamente remediar e não foi BEM conseguido.

Porquê a instalação de (um)-“EU”-subjectivo na forma de cada (um) destes modelos filosóficos, acarretou na edificação epistemológica de (uma)-forma-sujeito que ao real(izar-se) em cada (um) dos sistemas vivos humanos, é o que segundo (um)-PRIMEIRO-[Sartre] é efectivamente o que é enquanto (uma)-existência-sujeito; e (um)-SEGUNDO-[Freud] defende é o que não se efectiva como (uma)-existência em cada (um) dos sistemas vivos humanos, a não SER-manifesto-ontofenomenologicamente e na forma de (um)-sujeito-barrado-lacaniano (\$). Ou seja, na forma de (um)-sujeito que está sempre a tentar efectivar-se sujeito e nunca efectiva-se.

#### 19.5. O enigma de Kaspar Hauser é (uma)-falácia

Pois é diante de cada (uma) destas condições relativamente à (um)-“EU”-subjectivo, que surge em (uma)-topologia-linguística o que se “há” como (uma)-homeomorfia, em e «entre», cada (uma) das subjectividades e que se real(iza) individualmente em cada (um) dos sistemas vivos

humanos. O que lhes permite real(izarem-se) através de cada (uma) das interacções linguísticas como (uma)-sociedade. Posto que na forma de (uma)-colectividade, cada (uma) das representações é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos envolvidos em (uma)-sociedade, homeomorficamente e através de (uma)-subjectividade, que apesar de SER-manifestação-ONTOFILOGENICAMENTE é o que enquanto (um)-“haver”-individual, atravessa-se em cada (uma) das realidades sistémicas como (uma)-real(idade)-REAL. O que se viabiliza sistémica e estruturalmente em cada (uma) das formalidades que se real(izam) a partir de (uma)-realidade.

Diante do que, cada (um) dos sistemas vivos humanos está sistemicamente estruturado para real(izar-se) formalmente através de cada (um) dos acoplamentos objectivos que estruturam cada (um) dos sistemas vivos à (um)-meio-*physis*-existencial. Entretanto, enquanto o que é (in)capaz de (des)envolver-se individualmente e igualmente como o que é possível à determinados sistemas vivos que se (des)envolvem individualmente ao acoplarem-se estrutural e ONTOFILOGENICAMENTE à (um)-meio-*physis*-existencial.

Desta forma, (um)-enigma de Kaspar Hauser (1812<sup>[?]</sup>-1833) não “há” como (uma)-possibilidade em e «entre» cada (um) dos sistemas vivos humanos. Posto que a partir de (um)- (des)envolvimento individual e isolado de cada (um) dos sistemas vivos humanos em (um)-meio-*physis*-existencial. O que “há” é o que diante de (uma)-perspectiva-sartriana é em cada (um) dos sistemas vivos humanos, o que se precisa e utiliza-se de (um)-OUTRO com o qual possa interagir para (uma)-existência-“para-si-em-OUTRO”<sup>519</sup> real(izar-se) “em-si” como (uma)-existência-linguística que “há”, em e «entre», cada (um) dos sistemas vivos humanos e que se torna real(mente) enquanto (uma)-real(idade).

Posto que para (uma)-edificação de (uma)-existência-linguística, “há” que [existir e manifestar] individual e sistemicamente em (uma)-colectividade de sistemas vivos humanos. Por isto a noção de que “há” (uma)-possibilidade de (um)-sistema-vivo-humano crescer isoladamente e depois, quando já adulto, aprender a falar, ler e comportar-se educadamente, é (uma)-falácia.

Basta para tanto verificar-se cada (um) dos casos relatados de crianças cuidadas por macacos e em alguns casos até por lobos. Crianças que depois de inseridas novamente em (um)-meio-*physis*-existencial-HUMANO, ou pereceram ou nunca conseguiram comportar-se plenamente como sistemas vivos humanos.

A pergunta que se resta diante de cada (um) destes casos e a partir de cada (uma) destas constatações é: porquê não é possível que (um)-sistema-vivo-humano que cresce em e «entre»

---

519 Veja Capítulo 10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-(des)ambiguação, subcapítulo 10.4. (uma)-reificação é (uma)-existência enquanto (um)-“para-si-em-OUTRO”.

animais ou em (um)-isolamento, aprenda a falar, ler e comportar-se adequadamente, em e «entre» HUMANOS, se o que “há” e que se defende em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-homeomorfia que os estrutura formal e sistemicamente enquanto (uma)-existência-manifesta-acoplamento?

E a resposta à esta pergunta é (uma)-coroação à hipótese<sup>520</sup> que se procura real(izar) com este estudo. Pois a resposta real(iza-se) a partir da forma de (uma)-*ergoígenia*: posto que, quando (um)-sistema-vivo-humano (des)envolve-se estrutural e sistemicamente em (uma)-OUTRA-condição-de-acoplamento que “há”, em e «entre», cada (um) dos OUTROS-sistema-vivos que o acolham, ONTOFILOGENICAMENTE (des)envolve-se acoplado estrutural e sistemicamente à (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que não é (uma)-existência-linguística-manifesta, mas «antes», o que e por este motivo, permite-se não só como o que não se edifica neuro-BIO-fisiologicamente como (um)-sistema-vivo-humano, como também, (trans)forma-o objectiva e autopoieticamente, ao atravessar (um)-acoplamento no qual se estrutura e sistematiza como (um)-não-HUMANO e na forma de cada (uma) das interacções sistémicas, estruturais e objectivas que se real(izam) em e «entre» cada (uma) das unidades vivas que colectivamente real(izam-se) como os sistemas vivos que o acolhem e segundo cada (uma) das interacções que real(izam). Por isto “há” casos relatados de sistemas vivos humanos que cresceram, em e «entre», macacos ou lobos e nunca lhes foi possível comportaram-se real(mente) como sistemas vivos humanos.

---

520 A hipótese que se levanta com este estudo é a de que o único SER-manifestação que “há” enquanto (uma)-realidade é (um)-“fazer”. Esta hipótese levantou-se na Tese de Mestrado a partir da qual (uma)-*ergoígenia* era o que se real(izava) como (uma)-ONTOGENIA-linguística.



## CONCLUSÃO: E o dia depois de amanhã

Diante do fim do subcapítulo anterior que se “faz” logo acima e a partir do qual se argumenta que o enigma de Kaspar Hauser é uma falácia. Pode-se afirmar que na forma de uma topologia linguística, não há uma essência ontofenomenológica que se constitui enquanto uma simultaneidade, outrossim, o que há é [(uma)-existência + (uma)-manifestação]<sup>521</sup> que, sistêmica e estruturalmente, realiza-se ONTOFILOGENICAMENTE<sup>522</sup> como (uma)-representação<sup>523</sup>.

Portanto, (uma)-essência<sup>524</sup> diante desta conclusão, não é o que interage com [(uma)-existência + (uma)-manifestação], outrossim, o que há como (um)-acontecimento<sup>525</sup> que se realiza através de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)]<sup>526</sup> e enquanto o que é [recalcamento | real(ização)].

Desta forma, o que se pretende PRIMEIRAMENTE com esta conclusão, é argumentar sobre o que permite cessar a necessidade de (uma)-grafia-específica<sup>527</sup> arduamente praticada até a esta altura. Posto que ao afirmar que (uma)-essência não é [(uma)-existência + (uma)-manifestação], o que se está a afirmar é que o que se realiza como (uma)-essência em (um)-sistema-topologia-linguística<sup>528</sup>, é o que há como (uma)-*ergoígenia* enquanto (um)-“fazer” nesta dissertação.

SEGUNDO, o que se pretende é permitir que se perceba que (um)-sistema-topologia-linguística<sup>529</sup> é impossível sem (uma)-*ergoígenia*<sup>530</sup>. O que estrutural e sistemicamente realiza-se na forma de (uma)-representação<sup>531</sup>; e TERCEIRO, perceber que a topologia linguística não NEGA nem a constituição, nem tampouco a realização de (uma)-consciência<sup>532</sup>.

Outrossim, confirma que (uma)-consciência é (uma)-forma-de-interacção<sup>533</sup> que se realiza como (uma)-Intencionalidade<sup>534</sup>. Mas que esta é (uma)-acção<sup>535</sup> que é somente (uma)-fracção de (uma)-*physis*-existência-sistêmica-e-estrutural<sup>536</sup> que se real(iza) como (um)-linguístico. Posto que o que se instala ONTOFILOGENICAMENTE e não ontofenomenologicamente, é (um)-heurismo<sup>537</sup> sobre

---

521 Veja INTRODUÇÃO item VI. O que é (uma)-simultaneidade?

522 Veja INTRODUÇÃO item XV. Linguagem e Acoplamento Estrutural.

523 Veja INTRODUÇÃO item XXIV. O que é (uma)-representação?

524 Veja INTRODUÇÃO item XXVI. SEIN x SOSEIN.

525 Veja INTRODUÇÃO item IV. (uma)-representação é (uma)-simultaneidade.

526 Veja INTRODUÇÃO item XIX. (uma)-realidade x (uma)-real(idade).

527 Veja INTRODUÇÃO item XI. A forma de (um)-linguístico.

528 Veja INTRODUÇÃO item XVI. (uma)-teoria ou (uma)-*theoria*?

529 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo, 1.9. Topologia linguística.

530 Veja INTRODUÇÃO item XII. Para entender (uma)-*ergoígenia*?

531 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo, 1.13. Representação.

532 Veja INTRODUÇÃO item XIV. (um)-fenómeno-consciência.

533 Veja INTRODUÇÃO item XXIX. (uma)-consciência x (uma)-representação.

534 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.2. Protótipo objectivo.

535 Veja INTRODUÇÃO item XXVII. (um)-linguístico abordado linguisticamente.

536 Veja INTRODUÇÃO até item I. (um)-ENANTI: o (um) e o “lugar”.

537 Veja capítulo 1. PROPEDÊUTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

o qual não se argumenta em (uma)-actualidade-acadêmica, enquanto (uma)-existência-linguística<sup>538</sup> que se realiza na forma de (uma)-real(idade)<sup>539</sup>, outrossim, como o que ao fechar-se em (um)-simbólico-topológico<sup>540</sup>, atravessa cada (um) dos sistemas vivos humanos ONTOFILOGENICAMENTE, realizando-os como (uma)-formalidade<sup>541</sup>-fechada enquanto (uma)-forma-sujeito<sup>542</sup>.

Posto que, o que se observa em (um)-[modelo-de-observação da topologia-linguística]<sup>543</sup>, é (um)-sistema-de-interacções-linguísticas<sup>544</sup> que [ao atravessar sistemáticas-vivas]<sup>545</sup>, [sistêmica e estruturalmente]<sup>546</sup> realiza-se como o que se observa enquanto [observador-observado]<sup>547</sup>. Ou seja, como um [sujeito que é predicado “em-si”]. Isto porquê é (uma)-observação<sup>548</sup> em (um)-sistema-topologia-linguística<sup>549</sup> que se realiza como (uma)-interacção-[objecto x objecto]<sup>550</sup>.

O que diante de cada um dos parâmetros acima referidos, vai-se admitir como (uma)-possibilidade para avançar com esta conclusão. Que diante deste construto, antevê-se antes da construção propriamente dita, como o que se edifica enquanto o que se viabiliza através de (um)-sistema-topologia-linguística.

Isto porquê, segundo a topologia linguística, o que há na realidade que existe em cada um dos sistemas vivos humanos, é o que real(mente) existe como [(um)-MUNDO<sup>551</sup> dentro de OUTRO-mundo]. Entretanto, esta é enquanto (uma)-existência-intramundana, o que não se realiza, segundo a topologia linguística, nem como metafísica, nem como transcendência.

Posto que, desta forma, o que se identifica como existência é o que há de “artificial” e que existe como (uma)-[coisa que ao manifestar-se “em-si”]<sup>552</sup> atravessa o que se apresenta na forma do que [existe e manifesta-se] enquanto (um)-[ANA<sup>553</sup> + LOGOS<sup>554</sup>] que na forma de (uma)-“analogia”, formaliza-se como [(um)-SER-manifestação]<sup>555</sup> que se instala em [cada um dos sistemas vivos humanos como o que há, em e entre um par de espelhos]<sup>556</sup> colocados frente-a-frente. (um)-[«entre»

538 Veja capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.10. Existência linguística.

539 Veja capítulo 4. Aspectos Topológicos, subcapítulo 4.5. Real(idade).

540 Veja capítulo 4. Aspectos Topológicos, subcapítulo 4.3. Simbólico.

541 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.4. Representação.

542 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.4. Representação.

543 Veja PARTE II – “EM-SI” E “PARA-SI” subcapítulo A. Sujeito x Objecto.

544 Veja INTRODUÇÃO item XXV. A tradição filosófica e a *ergoígenia*.

545 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos.

546 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1. Sistema Nervoso.

547 Veja INTRODUÇÃO item XXII. O que é (um)-“fazer”-neurofisiológico?

548 Idem

549 Veja PARTE I – Ergoígenia E TOPOLOGIA.

550 Veja INTRODUÇÃO item XVIII. A objectividade kantiana e a subjectividade schopenhaueriana.

551 Veja capítulo 11. Quarenta mil anos depois: a Grande Depressão de 1929.

552 Veja capítulo 9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano.

553 Da palavra grega *ana* (*ana*) – que se define como “para o meio de, no meio de, em meio a, entre (duas coisas), no intervalo de”. Dicionário Strong, verbete 303.

554 Da palavra grega *λογος* (*logos*) – que se define como “acto de falar”

555 Veja subcapítulo 9.4. O EGO é (um)-“em-si” e (um)-“fazer” é (uma)-mundanidade.

556 Veja INTRODUÇÃO item XXX. (uma)-experiência-especular.

+ «actos»]<sup>557</sup> que se realiza individualmente como (uma)-colectividade-de-modelos-especulares<sup>558</sup> que enquanto (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica<sup>559</sup>, realiza-se individualmente como (uma)-real(idade)<sup>560</sup>.

Pois colocados e alinhados individualmente, cada um dos sistemas vivos humanos diante de um par de espelhos, cada (um) como (um) a frente do outro [existindo e manifestando-se], em e entre reflexos que estando em (uma)-[existência manifesta] que paralelamente interagem, desta forma, como sistemas que se realizam através de [três existências manifestas]<sup>561</sup> – duas como reflexos e uma como sistema-vivo.

O que permite que a formalidade que os realiza como [existência + manifestação], seja [observada sem perturbação]. Isto porquê o que os permite estar diante da face que se reflete, é o mesmo que enquanto reflexo, reflete-se na outra face para a qual lhes está voltada a face reflexiva. Ou seja, (um)-SER-manifesto na simultaneidade das [três existências que se manifestam]. O que diante de duas faces que se refletem, uma a outra mutuamente, interage e atravessa cada um dos reflexos que se adentram reflexivamente, uns aos outros, atravessando-se como (uma)-artificialidade<sup>562</sup> que, desta forma, é como (um)-objecto-criado<sup>563</sup> (uma)-[(in)finitude que se (in)define na realização]<sup>564</sup> de cada um dos reflexos que [existem e manifestam-se real(ização)] no sistema realidade que se realiza, desta forma, enquanto (uma)-representação.

Diante da qual se coloca cada um de nós como sistemas observadores que individualmente [existem e manifestam-se] como [sistemas vivos diante de (um)-sistema-artificial]. Posto que, diante de espelhos que interagem com espelhos e transparências, estamos nós diante uns dos outros como realizações reflexivas que, desta forma, estabelecem-se como sistemas diante de (uma)-existência-sistémica-de-reflexos<sup>565</sup>.

O que descrito desta forma, há como (uma)-“coisa-em-si” que não se deixa refletir. Ou seja, o que se “vê” são as partes e não a totalidade sistémica que se realiza, apesar de poder descrevê-la

---

557 Veja INTRODUÇÃO item VIII. «Entre» (um)-ENANTI e (um)-EISPHERO.

558 Veja INTRODUÇÃO item XXX. (uma)-experiência-especular.

559 Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.1.2. Sistemática Neuro-BIO-fisiológica.

560 Veja capítulo 5. Aspectos Filosófico, subcapítulo 5.4. REAL x Real(idade).

561 Em conformidade com Jacques Derrida (1930-2004), como (uma)-différance que se realiza como (uma)-simultaneidade-[postergar | adiar | diferenciar].

562 (uma)-representação de (um)-animal em (uma)-parede de (uma)-caverna é como (uma)-real(ização)-simultânea-[MUNDO | realidade] que enquanto (uma)-PRIMEIRA-representação é o que se real(iza) como (uma)-artificialidade. Capítulo 11. Quarenta mil anos depois: a Grande Depressão de 1929, página 392.

563 (um)-objectum é (uma)-criação que desta forma, é como (uma)-gênese que na forma de (uma)-culturalização, constitui-se como (uma)-massa-recalcante-alienada que enquanto (um)-“haver” é o que na forma de (uma)-separação-[HOMEM | MUNDO], real(iza-se) a partir na forma de (um)-protótipo-linguístico. 11. Quarenta mil anos depois: a Grande Depressão de 1929, página 392.

564 (uma)-necessidade que atravessa (um)-{NÃO{“fazer”}}-ONTOFILOGÊNICO. O que é na forma de (uma)-MULTIPLICIDADE-MÚLTIPLA, (uma)-estrutura-de-ambiguação que enquanto (uma)-existência-não-linguística é o que se real(iza) em cada (um) dos sistemas vivos humanos como (uma)-PULSÃO.

565 Veja INTRODUÇÃO item XXX. (uma)-experiência-especular.

totalidade. Pois o que [existe e manifesta-se] como [o que há em cada um dos sistemas vivos humanos], é o que se deixa [existir e manifestar-se]-“em-si”<sup>566</sup> como (uma)-“coisa”<sup>567</sup> que enquanto (uma)-aparência<sup>568</sup> realiza-se [existência manifesta] na forma de (uma)-sistemática-viva<sup>569</sup> como (uma)-imagem<sup>570</sup>. (um)-sistema-simultaneidade<sup>571</sup> que enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação] é o que acontece sistêmica e estruturalmente, na forma do que se acopla em (um)-sistema-meio-*physis*-existencial, realizando-se como (uma)-simultaneidade.

Desta forma, é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que se permite na forma de [(um)-m(eu)-sistema-de-reflexos e (um)-s(eu)-sistema-de-reflexos]<sup>572</sup> que se refletem ao co-existirem lado a lado, “vendo-se” e atravessando-se em cada uma das transparências que lhes são explícitas, mas que se implicitam e ocultam em cada uma das [existências manifestas] através de cada um dos reflexos que há em cada uma das transparências. Interações sistêmicas e estruturais que se realizam ONTOFILOGENICAMENTE<sup>573</sup> e não ontofenomenologicamente como se acreditava que aconteciam enquanto fenómeno até a altura da realização desta investigação.

Uma [existência manifesta] dentro de uma [“coisa-em-si”] que na forma de (uma)-alucinação é também o que está em cada um de nós como realidade<sup>574</sup>. Uma forma-imagem que estando diante do m(eu) sistema realidade é o que existe como (um)-[“m(eu) dentro do mundo”] e (um)-[“s(eu) dentro do mundo”]. O que, desta forma, estando lado a lado, [existe e manifesta] o m(eu) e o s(eu) como o que se realizam realidade em cada uma das interações que, desta forma, são (uma)-nossa-real(ização).

(uma)-realidade que ao estar, desta forma, em cada um de nós, uma dentro da outra como uma sistemática-viva em uma “artificialidade”, é minha e é sua colectivamente. Pois é, desta forma, que o que [existe e manifesta-se] em nós como reflexos que se transparecem, permite-se como [(uma)-imagem em cada um dos espelhos que há] e que se realizam na forma de cada uma das realidades em (um)-REAL (adjectivo)<sup>575</sup>.

566 Veja capítulo 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?

567 Veja capítulo 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?, subcapítulo 6.2. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-*ergoígenia*, e seguintes.

568 Veja capítulo 6. (uma)-“coisa”-aparência é (uma)-real(idade) ou (um)-REAL?

569 Veja capítulo 7. (um)-“fazer” não é (um)-*percipere*, subcapítulo 7.2. (um)-homem não é (um)-*percipiens*

570 (uma)-imagem é (uma)-imagem). Veja capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.3. Imagem.

571 Veja capítulo 9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano, subcapítulo 9.2. (um)-“fazer” [separa] (uma)-simultaneidade: (um)-“para-si, e seguintes.

572 AaaVeja capítulo 9. (um)-véu-imaginário e o “em-si”-sartriano, subcapítulo 9.3. (um)-“em-si” é (uma)-imagem e (uma)-real(ização) “há” “para-OUTRO-si”

573 Veja PARTE III – HIERÁRQUIA E CRISE item B. (uma)-ONTOFILOGENIA.

574 Veja INTRODUÇÃO item XIX. (uma)-realidade x (uma)-real(idade).

575 (um)-REAL (adjectivo) é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que em (um)-sistema-topologia-linguística real(iza-se) como (uma)-real(idade). Veja PARTE III – HIERÁRQUIA E CRISE item C. (um)-“fazer”-monocórdio, página 361.

Desta forma, somos em um só instante [(um) em nós] em (uma)-simultaneidade-reflexiva, transparente e não transcendente. Posto que nos permitimos em cada “coisa” que se “vê”, em e entre, cada um dos sistemas vivos humanos individualmente enquanto (uma)-“coisa”-aparência que atravessa cada um dos reflexos e transparências que se definem como alucinações na forma de imagens. O que ao atravessar cada uma das subjectividades individuais como o que [“há” de particular em cada uma das interações linguísticas que se realizam como representações]. É na forma de [cada (uma) das “coisas” aparentes que “há”]<sup>576</sup> em cada um dos sistemas vivos humanos.

Imagens que se realizam na forma de (um)-“fazer”neurofisiológico enquanto (uma)-acção que em cada um dos sistemas vivos humanos, acopla-se a (um)-meio-*physis*-existencial linguisticamente.

Cada “coisa” aparência como (um)-sistema que ao realizar-se estrutural e sistemicamente, em cada um dos sistemas vivos humanos, real(mente) [não se define como MUNDO ou como realidade]. Outrossim, como fronteira e limite que estando a frente e atrás, de um lado e do outro, mantém-se como (uma)-artificialidade que dentro de (uma)-mundanidade, [existe e manifesta-se] “em-si”-mesma como *physis*-existência neuro-BIO-fisiológica.

Posto que a partir de cada um dos reflexos que atravessam cada uma das transparências o que se apresenta é o que se constitui como (um)-“haver” que “há” em e entre, cada um de “nós” como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que não se realiza como (uma)-transcendência, outrossim, como (uma)-imagem na forma de (uma)-alucinação.

Pois isto é o que se compõe como (um)-sistema-topologia-linguística diante dos m(eu)s e dos s(eu)s espelhos. Como [o que é m(eu) e o que é s(eu)] enquanto tudo o que “há” [diante dos s(eu)s e dos m(eu)s reflexos]. O que enquanto [simultaneidade dos m(eu)s diante dos s(eu)s] ao [atravessar os reflexos e as transparências] é [como tudo “há” em todo (um)-“haver”], (uma)-simultaneidade que não lhes transcende enquanto sistemas envolvidos sistemicamente.

Desta forma, é também o que não se deixa [existir e manifestar-se] como reflexo diante de reflexos que atravessam transparências. Outrossim, como o que se reflete a partir do que se realiza para (uma)-colectividade. (uma)-real(idade) que ao atravessar cada uma das interações reflexivas que se realizam [como imagens enquanto alucinações sistêmicas] que atravessam cada uma das subjectividades que “há”. É o que se realiza em e entre, cada um dos sistemas vivos humanos como (um)-ESTÁDIO-diádico.

O que “faz” com que tanto o [m(eu)-reflexo sobreponha-se ao s(eu)-reflexo] quanto [a sua-imagem sobreponha-se à minha-imagem]. [Existências manifestas] que se estruturam como

---

576 Veja capítulo 10. (um)-protótipo-NEONATAL estrutura (uma)-(des)ambiguação, subcapítulo 10.1. (uma)-“coisa”-aparência e OUTRA-“coisa”-aparência.

interacções-mundanas que se realizam a partir de cada uma das imagens-subjectivas como alucinações enquanto [(um)-“haver” e (um)-não-“haver” em (uma)-simultaneidade].

(um)-NADA que na forma de cada uma das imagens que “há” em cada uma das realidades que se realizam como (um)-REAL (adjectivo) e a partir de (um)-ESTÁDIO-diádico, instalando-se como (um)-protótipo-NEONATAL. Porquê (um)-NADA, desta forma, não é (uma)-antonimia de TUDO, outrossim, {(uma)-existência enquanto (uma)-simultaneidade-[“haver” | não-“haver”]}.

Portanto, {a imagem de [(um)-“haver” e de (um)-não-“haver”] é possível enquanto (uma)-simultaneidade}. O que na forma de (um)-NADA existe como nós, [eu + você] em (uma)-simultaneidade que se realiza como (uma)-imagem [simultânea que “há” e não-“há” em “nós”].

Contudo, desta forma, ao [existir e manifestar-se] em cada um dos indivíduos humanos, o que se realiza em e entre cada (um) de nós, é (uma)-obnubilação que atravessa cada uma das formalidades como (uma)-imagem que ao realizar-se através de reflexos que se transparecem mas que não se transcendem, “mistura-se” realizando-se “alucinação”.

Posto que o que se [mistura enquanto simultaneidade] é o que impossibilita (uma)-realização ou (uma)-edificação do que enquanto (uma)-formalidade é o que se realiza como (uma)-representação em conformidade com (uma)-real(idade) que não se deixa “ver” como “alucinação” (imagem). O que, curiosamente, a partir dos reflexos e das transparências, realiza-se construído ONTOFILOGENICAMENTE primeiro como imagem e depois como representação.

Ambas acções que se realizam a partir de (um)-“fazer” que [existe e manifesta-se] através dos reflexos e das transparências na forma de cada uma das [imagens que enquanto alucinações], realizam-se como (um)-NADA enquanto (uma)-não-transcendência de (uma)-“coisa”-aparência. O que ao realizar-se como (uma)-alucinação na forma de uma imagem, é a partir de um protótipo-NEONATAL, o que se afirma em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-representação e não como (uma)-imagem.

Uma realização em (uma)-simultaneidade-sistémica, que na forma de (uma)-real(idade) é (uma)-formalidade que se realiza como “coisa”-social. (uma)-alucinação que na forma de (uma)-imagem, realiza-se em (um)-ESTÁDIO-egóico como (um)-protótipo-NEONATAL que ao ritualizar o que se afirma em (um)-sistema-topologia-linguística como (uma)-representação e não como (uma)-imagem, realiza-se como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | realização].

Diante do que é imprescindível à esta investigação, que se percebe que [(uma)-imagem é (uma)-imagem] e [(uma)-representação é (uma)-representação]. Ou seja, [existências manifestas] na forma de (uma)-existência-linguística, que enquanto *ergoígenias* na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”], definem-se estrutural e sistemicamente em (um)-modelo-de-observação como (um)-

acontecimento-neuro-BIO-fisiológico que na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], é como o que há em cada um dos sistemas vivos humanos a partir de (uma)-estrutura-neurobiológica.

Mas isto não é suficiente, segundo a topologia linguística, para definir a existência ou a não existência de (uma)-consciência que se manifesta a partir de cada uma das representações, outrossim, é o que define o que acontece sistêmica e estruturalmente, na forma de um acoplamento que atravessa (um)-protótipo-objectivo. O que se realiza em cada (uma) das práticas-objectivas de cada (um) dos sistemas vivos que há em (um)-meio-*physis*-existencial. A partir do que somos conduzidos até a (um)-protótipo-NEONATAL que se realiza em (um)-ESTÁDIO-egóico como (uma)-representação ao atravessar (uma)-prática-linguística.

#### A. Resposta da Topologia Linguística à “*Teoria das Descrições*” de Bertrand Russell

Mas real(mente) a questão mais importante na topologia linguística, não está na conclusão de que a consciência fenoménica é (um)-“fazer”-neurofisiológico que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo). Mas na forma na qual cada uma das formalidades [existe e manifesta-se] como o que há e que se realiza como (uma)-real(idade)-linguística a partir de (uma)-realidade-sistêmica, ao atravessar cada uma das representações que se realizam através de [cada (uma) das interacções linguísticas] na forma de (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário, REAL, simbólico].

O que linguisticamente define-se através de cada uma das interacções na forma de [tal é tal] como proposto pela “*Teoria das Descrições Definidas*” de Bertrand Russell (1872-1970), como também, enquanto [(uma)-existência-semântica ou epistemológica] na forma proposta na OBRA “*Sobre o Sentido e a Referência*” de Gottlob Frege (1848-1925). Mais especificamente no que ficou conhecido como Paradoxo Denotativo ou “Quebra-cabeça de Frege”<sup>577</sup>.

O que nos conduz à uma terceira questão importante em uma actualidade a partir da qual se afirma que (um)-pensamento-matemático é mais objectivo do que (um)-pensamento-sintático-retórico. Posto que a topologia linguística afirma que tanto o pensamento matemático, quanto o pensamento poético, são como [existências linguísticas] que atravessam [acontecimentos linguísticos] que se realizam enquanto tais, na forma de cada um dos [acontecimentos significantes] que há como (uma)-real(idade) e na forma de cada uma das representações.

A partir do que ao recorrer a “*Teoria das Descrições*” de Bertrand Russell (1872-1970), pode-se afirmar matematicamente que: se  $F = x$  e  $G = x$ ,  $F = G$ ; mas se  $F = y$ ,  $[G \neq y]$  e  $[x = y]$  são impossíveis, porquê  $[F = G]$  faz de  $[G = y]$  e de  $[F \neq x]$  (uma)-(im)possibilidade. Posto que a partir de  $[F = G]$  somente é possível  $[F \neq y]$  e  $[x \neq y]$ .

---

<sup>577</sup> Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.

Entretanto, segundo a topologia linguística a partir da lógica de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que se realiza na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO]. Afirma-se que é possível sistemicamente o que se define na “*Teoria das Descrições*” de Russell como (uma)-(im)possibilidade. Argumentando-se que é possível se  $[F = G]$  e  $[F = x]$  é ONTOFILOGENICAMENTE possível que  $[F = x]$  e  $[x \neq y]$ , tanto quanto  $[F = x]$  e  $[F = y]$  em termos de sujeito e predicado como (uma)-possibilidade.

Isto porquê, segundo a topologia linguística, se o POEMA de Russell – que se permite transfixar matematicamente – diante do POEMA de Frege – que não se permite transfixar matematicamente – “fundirem-se” através de (uma)-*ergoígenia* na forma de (um)-atravessamento-sistémico-[POEMA-fregeano | MATEMA-russelliano], o que se tem é que: se  $[F = \text{SIM SIM}]$  e  $[G = \text{NÃO NÃO}]$ ,  $[F = G]$  porquê  $[\text{SIM SIM} = \text{NÃO NÃO}]$ . A partir do que se  $[F = x]$  e  $[x = \text{SIM}]$ <sup>[como causalidade de SIM SIM]</sup> e  $[y = \text{NÃO}]$ <sup>[como causalidade de NÃO NÃO]</sup>; como  $[G = \text{NÃO NÃO}]$  e  $[y = \text{NÃO}]$ <sup>[como causalidade de NÃO NÃO]</sup>, isto permite que  $[x \neq y]$  seja possível, como também  $[G \neq x]$  apesar de  $[F = x]$  e  $[F = y]$  SER tanto ONTOFILOGENICAMENTE, quanto ontofenomenologicamente, possíveis; isto porquê tanto  $[x]$ , quanto  $[y]$  quando atravessam  $[F = G]$ , podem SER-manifestos tanto ONTOFILOGENICAMENTE, quanto ontofenomenologicamente como iguais devido a [(uma)-causalidade é (uma)-causalidade].

O que faz de  $[F \text{ e } G]$  (uma)-simultaneidade na forma de cada (uma) das individualidades que há em (uma)-real(idade). O que real(mente) existe como (um)-atravessamento-[realidade | real(idade)] que se pode tratar como (uma)-interacção-[objecto x objecto] através de (uma)-homeomorfia que se realiza ao atravessar (uma)-representação.

(um)-sujeito-[tal] que ao interagir com (um)-predicado-[tal] é, desta forma, (uma)-interacção-linguística-[objecto x objecto]. Ou seja, a partir de  $[\text{SIM SIM} = \text{NÃO NÃO}]$  o que se tem é (uma)-simultaneidade-[SEIN | SOSEIN] que atravessa (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo).

Portanto, a partir de  $[\text{SIM SIM} = \text{NÃO NÃO}]$  o que se tem é (uma)-simultaneidade-[SEIN | SOSEIN]-atravessada que se repete como (uma)-simultaneidade-atravessamento, na simultaneidade atravessada de (uma)-existência-causal de  $[\text{SIM SIM} = \text{NÃO NÃO}]$ . O que real(mente) não é, enquanto (uma)-causalidade, (uma)-real(idade), outrossim, (uma)-estrutura-sistémica que se realiza como (uma)-realidade. Ou seja, na forma de [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]<sup>578</sup> (uma)-causalidade-de-[SIM SIM] que é na forma de (uma)-dupla-afirmação; ao passo que enquanto (uma)-causalidade-de-[NÃO NÃO] que é na forma de (uma)-dupla-negação; são *ergoígênicamente* realidades homeomorfas que se realizam como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] enquanto (uma)-representação.

578 Ver a aplicação do Quebra-cabeça de Frege no capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-“fazer”.



Por isto, o que se realiza em (um)-REAL (adjectivo) é (uma)-acção na forma de (uma)-(ir)representação. Posto que (uma)-causalidade tanto de [SIM SIM], quanto de [NÃO NÃO] é (uma)-*ergoígenia* e não (uma)-real(idade) que se realiza na forma de (uma)-real(ização) a partir de (uma)-realidade. Ou seja, TODA realidade segundo (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-*ergoígenia*. O que converge para o que Saul Kripke (1940) defende na OBRA “*O Nomear e a Necessidade*”, compilada a partir de três conferências proferidas em 1970, e publicadas em 1972, acerca do Paradoxo Denotativo fregeano.

## B. *Ergoígenia* e ONTOFILOGENIA

A partir do que se pode afirmar que na forma da argumentação que há logo acima, o que se realiza é (uma)-“recapitulação”<sup>579</sup>. Ou seja, uma interpretação de uma existência ONTOGÊNICA à partir de uma existência FILOGÊNICA que, desta forma, contém na expressão lógica que a define, (uma)-estrutura que enquanto (um)-[ANA<sup>580</sup> + LOGOS<sup>581</sup>], é o que representa na forma de (um)-[«entre» + «acto»], acerca do qual em cada uma das interacções neuro-BIO-fisiológicas que há e na forma de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO], é o que se procura afirmar.

O que real(mente) não se sucede, somente se avaliado como (um)-*axios* que na forma de (uma)-aparência, é (uma)-existência que se manifesta como (uma)-má-interpretção. Posto que o que real(mente) interessa de (um)-ponto-de-vista<sup>582</sup> de (um)-sistema-topologia-linguística, é o que há a partir de (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] [FILOGENIA] na forma de (um)-{NÃO{NÃO{“fazer”}}}<sup>583</sup>. Portanto, isto não é o que há como uma recapitulação, outrossim, como uma *ergoígenia*.

Posto que somente há (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] para alcançar-se (um)-conceito-biológico que se realiza na forma de (um)-conceito-filosófico. A partir do qual se pretende real(mente) estudar e propor (uma)-solução para a forma de (um)-Gato-de-Schrödinger. Entretanto, na forma de (uma)-experiência-linguística-possível. Posto que (um)-Gato-de-Schrödinger é (um)-modelo-de-observação no qual efectivamente o observador faz colapsar o objecto observado.

Desta forma, o que se pretende investigado neste estudo é o [colapso do objecto observado a partir de um observador que perturba a observação ao observar o objecto pretendido]. E isto é muito importante a partir de (uma)-convergência que é possível da topologia-linguística com a “*Teoria das Descrições*” de Bertrand Russell (1872-1970), o “*Paradoxo Denotativo*” de Gottlob Frege

579 Relativo à Teoria da Recapitulação proposta pelo zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919).

580 Da palavra grega *ana* (*ana*) – que se define como “para o meio de, no meio de, em meio a, entre (duas coisas), no intervalo de”. Dicionário Strong, verbete 303.

581 Da palavra grega *λογος* (*logos*) – que se define como “acto de falar”

582 Veja INTRODUÇÃO item I. (um)-ENANTI: o (um) e o “lugar”.

583 Esta é a forma do conjunto MÚLTIPLO PURO proposto pela topologia linguística.

(1848-1925) e a “*Interpretação de Copenhaga*”, acerca da Mecânica Quântica, desenvolvida por Niels Bohr (1885-1962) e Werner Heisenberg (1901-1976).

Posto que para a filosofia contemporânea considerar que é possível (um)-“haver”-linguístico na forma de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)] que se real(iza) em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-(ir)representação. E que isto é o que se tem como (uma)-simultaneidade-[ $x = y$  |  $x \neq y$ ] que enquanto (uma)-possibilidade, é o que se realiza como (uma)-representação em (um)-simbólico-topológico. Mas que há como o que [existe e manifesta-se] em (um)-REAL (adjectivo) que real(mente) é ONTOFILOGÊNICO. O que para além de (uma)-continuidade-[adjectiva | substantiva] é (uma)-simultaneidade-[recalcamente | real(ização)] que se realiza como [(uma)-simultaneidade em (uma)-simultaneidade] enquanto (uma)-*ergoígenia*.

Ou seja, [é possível observar (um)-objecto em (um)-modelo-de-observação, sem perturbar o objecto observado] nem tampouco todo o meio *physis* existencial no qual decorre tanto a interacção, quanto a observação. Ou seja, observar (um)-Gato-de-Schrödinger sem abrir a caixa, como também, abrir a caixa sem influenciar-se por (uma)-incoerência-induzida pelo meio *physis* existencial.

Pois o que [existe e manifesta-se], curiosamente, como (uma)-simultaneidade-[GATO | observador] é o que simultaneamente [existe e manifesta-se] ao estar {[dentro-fora] | [fora-dentro] da caixa}, simultanea e indefinidamente em (um)-(in)finito, sem que se possa definir, seja na forma de {[DENTRO | FORA] | [FORA | DENTRO]} ou {[FORA | DENTRO] | [DENTRO | FORA]} (uma)-posição-interactiva (estável) ou absoluta (instável) de (um)-observador em (um)-sistema-de-observação-estável (interactivo). O que se permite observar como (uma)-interacção-instável (absoluta) enquanto (um)-observador-observado [existente e manifesto] no modelo de observação que se observa realização.

(um)-modelo-de-observação que na filosofia contemporânea era até esta altura, (um)-(im)possível. Posto que desde Martin Heidegger (1889-1976), pensar a existência tem na filosofia sua função na ontologia, na forma do [SER enquanto modo-de-SER]; e pensar a aparência, desde Edmund Husserl (1859-1938), tem na filosofia sua função na fenomenologia, na forma de [(uma)-NOESIS que atravessa (um)-NOEMA] como (uma)-Intencionalidade à qual está direccionada enquanto forma consciente.

Para além de Jean-Paul Sartre (1905-1980), segundo o qual é possível pensar acerca de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] na filosofia, tendo sua função em (uma)-ontofenomenologia e na forma de [(uma)-existência-“em-si” que enquanto representação é (uma)-NEGAÇÃO-do-“em-si” enquanto (uma)-existência-“para-si”] na forma de (uma)-representação.

A partir do que se opta neste estudo, por (um)-caminho ainda (des)conhecido que procura [atravessar (uma)-ontofenomenologia através de (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística], na tentativa

de encontrar o caminho que demonstra que o [paradoxo linguístico] a partir do qual cada um dos sistemas vivos humanos constroem [(uma)-realidade que real(mente) não existe], é (uma)-forma-que-[não existe], posto que, desta forma, é (uma)-existência na forma do [não existir] no qual enquanto (uma)-formalidade, é o que há como (uma)-existência-linguística.

A partir do que (uma)-ONTOFILOGENIA-linguística ao encontrar-se com (uma)-argumentação-ontofenomenológica de Alain Badiou (1937) que há em “*O Ser e o Evento*” de 1988. Torna contundente a necessidade de argumentar sobre a forma de (um)-MATEMA que se separa de (um)-POEMA. Duas formas capazes de pensar a [existência que se manifesta] segundo Badiou, como (um)-acontecimento.

E que segundo a topologia linguística, existem como representações distintas mas são as duas (uma)-existência-linguística em (uma)-simultaneidade-[POEMA | MATEMA], somente abalada por (um)-heurismo-hierárquico<sup>584</sup>. E como Badiou, também na topologia linguística, cada uma destas [existências manifestas] não exclui a outra. Entretanto, permitem-se pensar acerca do SER, através do MATEMA ou do POEMA. O que segundo Alain Badiou (1937) acontece desde a filosofia grega, ao realizar-se como fundamento através do pensamento matemático para investigar-se o SER enquanto (uma)-[existência manifesta].

Mas a questão, segundo a topologia linguística, não se restringe a existência a partir da forma que se torna possível pensá-la, outrossim, na forma que simultaneamente [reduz e amplia] [(uma)-existência + (uma)-manifestação] enquanto uma forma pensamento que se realiza, sistêmica e estruturalmente, enquanto (uma)-formalidade. O que nos permite argumentar acerca de Alexius Meinong (1853-1920) e da sua “*Teoria dos objectos não existentes*”, através da resposta da topologia linguística à “*Teoria das Descrições Definidas*” de Bertrand Russell (1872-1970).

Ou seja, Meinong afirma que se pode pensar sobre “coisas” aparentes que existem isoladamente, mas que não existem contextualmente. O que se estabelece na convergência que há em e entre, a topologia linguística e a “*Teoria das Descrições*” de Russell, que procura localizar as “coisas” aparentes que não existem, não como SERES (SEIN), outrossim, como essências (SOSEIN | “existir assim”). A partir do que se conclui e permite-se realizar que é (uma)-(im)possibilidade o que na forma de (um)-enunciado afirma-se que  $[x = y]$  e  $[x \neq y]$  em (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] é (uma)-existência-possível segundo (um)-sistema-topologia-linguística.

Contudo, não em termos de SEIN ou SOSEIN, mas antes, em termos *ergo/hênicos* e ONTOFILOGÊNICOS. Do que se pode concluir que (um)-sistema-topologia-linguística não é possível

---

584 A existência heurística é (um)-modelo-ideal, aplica-se este modelo no que se define como ESTÁDIO hierárquico que é OUTRO modelo ideal. Na topologia linguística, cada (um) dos modelos ideais é (um)-acontecimento-significante que enquanto tal, real(iza-se) interactivamente (estável) como o que se define enquanto (uma)-real(idade) em (uma)-topologia-linguística.

sem a *ergoígenia* que o precede e que permite observar (uma)-“coisa”-aparência enquanto (uma)-existência-linguística que há em cada uma das interações ONTOFILOGÊNICAS em e entre, cada um dos sistemas vivos humanos que sistêmica e linguisticamente, atravessam cada uma das representações que se realizam como (uma)-real(idade).

### C. *Ergoígenia* e Identidade

Ou seja, o pensamento matemático que a partir de Heidegger com a OBRA “*Ontologia: Hermenêutica da facticidade*” torna-se evidente e importante na actualidade. E que segundo Badiou, é (uma)-tendência que existe desde o pensamento grego. Mas que, entretanto, é somente desde 1923, a partir de Heidegger que se pode afirmar como o que se permite para (uma)-convergência em e entre, a técnica e a ciência através da matemática.

Posto que o que se procura é por uma proximidade entre o pensamento filosófico e o pensamento das ciências para avançar e actualizar o quotidiano com (uma)-cientificidade-tecnico-social<sup>585</sup>. O que a partir das observações e experimentações que se realizam a partir de cada uma das interações linguísticas em (um)-sistema-topologia-linguística. É o que muito embora de uma forma um tanto contraintuitiva, foi posto por Heidegger quando afirma que “*as matemáticas são a ciência menos rigorosa de todas, uma vez que o acesso nelas é muito mais fácil*”<sup>586</sup>.

Argumentação que aliás não foi facto isolado em Heidegger, visto que também Husserl, que era para além de filósofo também matemático, ter argumentado sobre o pensamento matemático em “*A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*”, OBRA publicada entre os anos de 1935 e 36.

Mas a questão do pensamento matemático e do pensamento poético ainda tem outras raízes distantes na metafísica filosófica se pensarmos em termos de realidade. Posto que diante do pensamento cartesiano, a questão do MATEMA e do POEMA relativamente a [existência que se manifesta], para além de multiplicar-se, complexifica-se. Isto porquê René Descartes (1596-1650) investigou (uma)-*physis*-existência-realidade procurando atravessar a ideia do que é (um)-pensamento. Concluindo que se poderia dividir a realidade em duas formas distintas de existência: (uma) na forma de pensamento [*res cogitans*] e OUTRA na forma de extensão [*res extensa*].

O que fez da realidade, duas “coisa” (*res*) distintas, uma [“coisa”-cogito] e outra [“coisa”-corpo]. Mas a questão que se resta a partir desta divisão é que tanto a [“coisa”-mental], quanto a

---

585 Ver capítulo 12. A Experiência de Hawthorne, subcapítulo 12.1. A produtividade e a cientificidade: como relacionar trabalho e LUCRO.

586 Martin Heidegger, “*Ontologia: Hermenêutica da facticidade*”, tradução Renato Kirchener, Editora Vozes, 2013, página 79.

["coisa"-material] podem SER-manifestação-investigadas, científica e ontofenomenologicamente, através do pensamento matemático, como também, do pensamento poético. Divisão que em (um)-sistema-topologia-linguística {"(des)faz-se" ou [não-existe]} ao atravessar (uma)-homeomorfia que se real(iza), em e entre, cada (uma) das representações que há na forma de cada (uma) das [existências linguísticas], enquanto [acontecimentos significantes] que se realizam na forma de (um)-"lugar" e em (um)-sistema-topologia-linguística.

A partir do que, segundo a topologia linguística, tanto o pensamento matemático, quanto o pensamento poético, SÃO [real(izações) linguísticas] que se real(izam) em (um)-REAL (adjectivo) e na forma de cada (uma) das interacções linguísticas que há e que atravessam, cada (um) dos registos linguísticos que se real(izam) em (um)-sistema-topologia-linguística na forma de (uma)-identidade-semântica que neuro-BIO-fisiologicamente e na forma de (uma)-prática-objectiva que há em (um)-REAL (adjectivo), é o que se realiza como (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)].

Ou seja, (uma)-existência-semântica na topologia linguística é também e simultaneamente, (uma)-existência-epistemológica. Na forma do que se acredita estar em conformidade com o que Saul Kripke (1940) define e argumenta acerca do "Paradoxo Denotativo" fregeano<sup>587</sup>.

#### D. *Ergoígenia* e Fenomenologia

(uma)-simultaneidade-[semântica | epistemológica] que "há" na forma de (uma)-*ergoígenia* enquanto (uma)-simultaneidade-[existência | manifestação] que não se realiza como (um)-fenómeno-husserliano, outrossim, como (um)-*schema*-sistémico-e-estrutural em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que a partir de (um)-acoplamento-estrutural, realiza-se como (um)-linguístico.

Ou seja, segundo Husserl, não se pode separar o [estado consciente da mente] da [realidade objectiva que o determina] enquanto (um)-facto ou (um)-acontecimento. Entretanto, o que a topologia linguística faz é exatamente o que Husserl afirma SER ontofenomenologicamente impossível: "separa" o [estado consciente] do [objecto que o determina], ao afirmar que [o objecto é (um)-"fazer" determinado por (um)-"fazer"-objecto] que se realiza na forma de (uma)-*ergoígenia* como (uma)-representação.

Desta forma, os dois aspectos de (um)-fenómeno-husserliano, o [estado consciente] e a [realidade objectiva] na topologia linguística, realizam-se como aspectos *ergoigénicos* de (uma)-forma-realidade-sistémica que se realiza como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] enquanto (uma)-*ergoígenia*. O que na forma de [(um)-"fazer" é (um)-"fazer"] é (uma)-

---

587 Ver capítulo 2. Aspectos Biológicos, subcapítulo 2.2. (um)-"fazer".

simultaneidade que se realiza como UNIDADE-“em-si” e que se determina como (uma)-realização. O que diante de (um)-exemplo-meinongiano acerca de (um)-objecto-que-não-existe, mas sobre o qual é possível cada (um) dos sistemas vivos humanos pensar e | ou interagir. Husserl afirma que não há enquanto (uma)-Intencionalidade, outrossim, como (uma)-abstração-não-objectiva-e-intuitiva.

Isto porquê diante de um objecto que não existe, Husserl afirma que a [acção de Intencionalidade] não é possível. O que deixa dúvidas acerca da capacidade que há em cada um dos sistemas vivos humanos para pensar em (uma)-“coisa”-aparência que não existe. Pois diante de (um)-objecto que não existe, como não há Intencionalidade segundo Husserl. Portanto, não é possível haver interacção NOÉTICA com (um)-NOEMA que na forma de (uma)-Intencionalidade é enquanto (um)-objecto-que-não-existe, como o que propõe Meinong na “*Teoria dos objectos não existentes*”.

Diante do que a topologia linguística afirma que (uma)-não-existência é (um)-objecto que se realiza em (um)-imaginário-topológico na forma de (uma)-existência-não-linguística que, enquanto tal, em (um)-REAL (adjectivo) instala-se como (um)-fetiche-absoluto (instável) que, desta forma, é (uma)-prática-linguística-absoluta (instável) que se realiza em (uma)-real(idade), a partir de (uma)-realidade-estabilizada. E que, de OUTRA forma, sistémica e estruturalmente, cada (uma) das representações seria impossível.

Posto que (uma)-representação é (um)-acção mas não (uma)-Intencionalidade. Visto que esta acção na topológica linguística é (um)-“fazer” que não se realiza com (um)-sentido, outrossim, como (uma)-*ergoígenia*. O que diante da Intencionalidade husserliana, que torna o REAL em (um)-substantivo; é diante de (uma)-*ergoígenia*, o que se estabelece na medida de (um)-REAL que é real(mente) (uma)-adjectivação.

## E. Topologia Linguística e Ontofenomenologia

Desta forma, o fenómeno husserliano acontece em termos ontológicos na forma da “coisa” que existe em sua manifestação. Ao passo que (um)-*schema* na topologia linguística acontece em termos [*physis* existenciais e linguísticos], sistémica e estruturalmente, como (uma)-“coisa”-aparência. Ou seja, o fenómeno é a manifestação da “coisa” na forma da acção [NOESIS], ao passo que (um)-*schema* é (uma)-real(ização)-simultaneidade-[“coisa” | aparência], que se realiza continuidade [“coisa” aparência], através de (um)-“fazer” que se realiza representação.

Portanto, o que diferencia a topologia linguística da ontofenomenologia é a *physis*-existência da acção que, ontofenomenologicamente manifesta a “coisa” na aparência da “coisa”, mas é imprescindível que a “coisa” exista para (um)-“haver” de (uma)-Intencionalidade; ao passo que na

topologia linguística o que há é (uma)-existência-linguística que se realiza, sistêmica e estruturalmente, em (um)-atravessamento-neurobiológico-neuro-BIO-fisiológico-e-social que, desta forma, caracteriza-se como (uma)-acção que se realiza como (uma)-objectivação na forma de (um)-“fazer” e enquanto (uma)-*ergoñgenia*.

Ou seja, Husserl distingue Intencionalidade de subjectividade, e na topologia linguística a subjectividade é (um)-acontecimento-que-homeomorfisa, ou seja, (uma)-forma que atravessa (um)-“fazer” que se realiza como (uma)-representação através de (uma)-realidade-sistêmica e na forma de (um)-sinal-electroquímico. O que se pode definir também como (uma)-Intencionalidade, mas esta Intencionalidade proposta na forma da topologia linguística é (uma)-acção-de-conhecer<sup>588</sup> que realiza (um)-conhecimento<sup>589</sup>, e não [(uma)-consciência que é consciência de alguma “coisa”]. Posto que o que se realiza conhecimento, acontece como (um)-A POSTERIORI e na forma de (uma)-“coisa”-social.

Isto porquê na topologia linguística tanto a consciência, quanto a Intencionalidade são representações de [interacções linguísticas] que se realizam a partir de (uma)-*ergoñgenia*. Do que se pode afirmar que real(mente) o que há, em e entre, a topologia linguística e a ontofenomenologia, é (uma)-diferença que se realiza na forma de [(uma)-acção diante de (um)-conhecimento]. Como também, que (um)-conhecimento é o que se realiza em cada (uma) das interacções linguísticas que há, através de cada (uma) das representações que se realizam em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário | REAL | simbólico].

Ou seja, fenomenologicamente o que há é (um)-conhecimento-que-transcende (uma)-“coisa”-aparência; e na topologia linguística (um)-conhecimento é (um)-acontecimento-linguístico que se realiza na forma de cada (uma) das “coisas” aparentes enquanto [(uma)-existência + (uma)-manifestação]. O que há como (uma)-real(idade) que, desta forma, é [(uma)-representação enquanto (uma)-“coisa”-aparência], tanto quanto [(uma)-“coisa”-aparência é (uma)-representação]. O que na forma de (uma)-*ergoñgenia*, sistêmica e estruturalmente, é o que se [atravessa neurobiológica e neuro-BIO-fisiologicamente] realizando-se em (um)-REAL (adjectivo) como (uma)-representação.

---

588 É o que é (uma)-NOESIS-ontofenomenológica.

589 (um)-conhecimento é o que se real(iza) como (uma)-consciência em (uma)-topologia-linguística. Mas que desta forma, não é fenoménica, outrossim, ONTOFILOGÊNICA.

## F. *Ergoḡgenia* e Cosmogonia

Desta forma, [(uma)-*ergoḡgenia* como forma, é (uma)-cosmogonia que se realiza como (um)-POEMA]<sup>590</sup>. O que enquanto (um)-“coisa”-aparência é ONTOFILOGENICAMENTE e não ontofenomenologicamente, [existência + manifestação] na forma de (um)-acontecimento-significante. Portanto, (um)-“fazer” é (uma)-cosmogonia que na forma de cada (uma) das representações, atravessa cada (uma) das práticas linguísticas que se realizam em cada (uma) das interações linguísticas e não linguísticas que há, em e entre, cada (um) dos sistemas vivos humanos e (um)-meio-*physis*-existencial. O que em (um)-REAL (adjectivo) atravessa (um)-“fazer”-neurofisiológico.

E isto é o que enquanto (uma)-real(idade), realiza-se como (uma)-simultaneidade-[realidade | real(ização)] na forma de (uma)-representação. O que enquanto (um)-PAR-imagético é (uma)-assimetria na forma de (uma)-simultaneidade-interactiva (estável) que se realiza em (um)-sistema-topologia-linguística. (uma)-existência-linguística que simultaneamente acontece em (um)-REAL-topológico e em (um)-simbólico-topológico como (uma)-real(ização); e em (um)-imaginário-topológico como (uma)-existência-não-linguística que, desta forma é, como a parte assimétrica, o recalçamento que há em (uma)-representação. O que enquanto (ir)representação é em (um)-REAL (adjectivo), o que se realiza como (uma)-simultaneidade-[recalçamento | real(ização)] na forma de [(uma)-realidade + (uma)-real(idade)].

(uma)-simultaneidade que manifesta (um)-SER em (um)-sistema-topologia-linguística, que se realiza como formalidade, enquanto (uma)-“coisa”-aparência que a partir do grego cosmogonia enquanto [κοσμος (*kosmos*)<sup>591</sup> + γενεσις (*genesis*)<sup>592</sup>], é o que enquanto *ergoḡgenia* é na forma de [κομιζω (*komizo*)<sup>593</sup> + γινομαι (*ginomai*)<sup>594</sup>], o que se realiza como (um)-“cuidar do que se torna vivo”.

(uma)-“coisa”-social que enquanto formalidade, ritualiza-se como (ir)representação em (um)-REAL (adjectivo) e na forma de (uma)-prática-linguística que em (um)-REAL-topológico é

---

590 Veja capítulo 12. A experiência de Hawthorne, subcapítulo 12.1. A produtividade e a cientificidade: como relacionar trabalho e LUCRO.

591 Dicionário Strong, verbete 2889 – substantivo masculino que se define como “uma organização ou constituição apta e harmoniosa, ordem, governo, ornamento, decoração, o arranjo das estrelas, ‘as hostes celestiais’ como o ornamento dos céus, mundo, universo, os habitantes da terra, homens, a família humana, a multidão incrédula, afazeres mundanos, conjunto das coisas terrenas”.

592 Dicionário Strong, verbete 1078 – substantivo feminino que se define como “fonte, origem, usado para nascimento, natividade, daquilo que segue a origem, existência, vida”.

593 Dicionário Strong, verbete 2865 – verbo que se define como “cuidar de, tomar conta de, providenciar, pegar ou levar para cuidar e preservar, levar, conquistar, carregar, conduzir, trazer, levar para si próprio, levar o que é seu, trazer de volta”.

594 Dicionário Strong, verbete 1096 – verbo que se define como “tornar-se, vir à existência, começar a ser, receber a vida, tornar-se, acontecer, erguer-se, aparecer na história, aparecer no cenário, ser feito, ocorrer, tornar-se, ser feito”.



(uma)-essência. (uma)-(ir)representação que em (um)-REAL (adjectivo) é enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | real(ização)], o que se instala em (um)-simbólico-topológico como (uma)-representação a partir de (um)-“fazer”. O que é na forma de (um)-“fazer”-HUMANO-ancestral, como o que ao não se perder no tempo enquanto (uma)-formalidade, (trans)forma-se como forma temporal em [(uma)-representação é (uma)-representação].

Posto que antes de manifestar-se SER, é o que LEGADO como (uma)-imagem, atravessa cada (uma) das realidades indivíduo, realizando-se como real(idade) social em (uma)-existência-colectiva e não linguística que atravessa (uma)-formalidade. O que ao persistir no tempo como (uma)-*ergoígenia-ergoígenicamente*-atravessada em cada (uma) das subjectividades que há em cada (um) dos sistemas vivos humanos, realiza-se como (uma)-homeomorfia que enquanto (uma)-representação, é o que se instala como “coisa” social através de (um)-“fazer”-neurofisiológico que se torna ritual.

Contudo, na forma de (um)-“fazer” que ao (trans)formar-se temporalmente e ao deixar-se (des)aparecer enquanto forma tempo através de cada (uma) das objectivações autopoieticas, realiza-se em cada (uma) das “coisas” sociais, como (uma)-existência-linguística que ao atravessar acontecimentos significantes é, desta forma, enquanto “coisa” social o que estabiliza (uma)-sociedade-absoluta (instável) através de cada (uma) das práticas linguísticas absolutas que se definem como (instáveis) e que se realizam em (um)-REAL (adjectivo).

O que se inicia como (uma)-tradição que ao atravessar formalidades que há em cada (uma) das práticas linguísticas que se realizam em (um)-ESTÁDIO-egóico. Atravessam cada (uma) das objectivações autopoieticas ONTOFILOGENICAMENTE como (trans)formações objectivas que enquanto “coisas” aparentes, realizam-se como “coisas” sociais e na forma de cada (uma) das representações que se estabilizam, na forma de cada (uma) das identidades colectivas de cada (um) dos sistemas vivos humanos.

(uma)-interacção-linguística que há em e entre cada (um) dos sistemas vivos humanos. O que ao atravessar a forma de (uma)-relação é o que, em e entre representações, é na forma de [(uma)-representação é (uma)-representação], (uma)-*ergoígenia* em (um)-ESTÁDIO-narrativo. Contudo (um)-heurismo em (um)-ESTÁDIO-hierárquico. Isto porquê, cada (uma) das formas identidade-[representação | sistema vivo humano], realiza-se na forma de cada (uma) das relações-[identidade | identidade] em (um)-ESTÁDIO-narrativo. Entretanto, em (um)-ESTÁDIO-hierárquico, em cada (uma) das relações que na forma de [(uma)-representação que se relaciona com OUTRA-

representação] é o que atravessa (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>595</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>596</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>597</sup>] que SACRALIZA cada (um) dos acontecimentos linguísticos.

Ou seja, (uma)-*ergoḗgenia* que se realiza como (uma)-hierarquia e a partir da qual, cada (uma) das “coisas” sociais realiza-se em (um)-REAL (adjectivo) como [(uma)-representação de (uma)-representação] em busca de (uma)-representação. A forma de (uma)-existência-linguística em (uma)-actualidade enquanto (uma)-sociedade-heurística.

#### G. *Ergoḗgenia* e Cosmologia

A partir da conclusão anterior, podemos afirmar que [(uma)-*ergoḗgenia* enquanto (um)-POEMA é (uma)-cosmogonia], mas [(uma)-*ergoḗgenia* enquanto (um)-MATEMA]<sup>598</sup> é (uma)-cosmologia em (um)-sistema-topologia-linguística. Mas efectivamente qual é a diferença?

Inicialmente, a diferença assenta-se em que (um)-POEMA realiza-se na forma de (uma)-sintaxe-retórica, ao passo que (um)-MATEMA realiza-se na forma de (uma)-sintaxe-matemática. Mas real(mente), segundo a topologia linguística, tanto (um)-POEMA, quanto (um)-MATEMA, são edificações axiológicas enquanto realizações estruturalmente linguísticas que atravessam interacções formais, como formalidades que se realizam e atravessam contextos significantes, segundo representações que se realizam como (uma)-real(idade).

Salienta-se o ponto de vista de que em (um)-sistema-topologia-linguística não há diferenças, em e entre, (uma)-sintaxe-retórica e (uma)-sintaxe-matemática. Posto que ambas enquanto (uma)-existência-linguística, realizam-se como contextuais significantes e na forma de acontecimentos linguísticos.

Contudo, enfatiza-se que há (uma)-diferença, em e entre, (uma)-cosmogonia e (uma)-cosmologia, que se realizam na forma de (uma)-existência-linguística. Pois a partir de (uma)-cosmogonia, o que se manifesta SER é (um)-“cuidar do que se torna vivo”, através do grego [κοσμος (*kosmos*)<sup>599</sup> + γενεσις (*genesis*)<sup>600</sup>] que enquanto (uma)-*ergoḗgenia*, realiza-se na forma de [κομίζω

---

595 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

596 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

597 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

598 Referente ao pensamento matemático.

599 Dicionário Strong, verbete 2889 – substantivo masculino que se define como “uma organização ou constituição apta e harmoniosa, ordem, governo, ornamento, decoração, o arranjo das estrelas, ‘as hostes celestiais’ como o ornamento dos céus, mundo, universo, os habitantes da terra, homens, a família humana, a multidão incrédula, afazeres mundanos, conjunto das coisas terrenas”.

600 Dicionário Strong, verbete 1078 – substantivo feminino que se define como “fonte, origem, usado para nascimento, natividade, daquilo que segue a origem, existência, vida”.

(*komizo*)<sup>601</sup> + γινομαι (*ginomai*)<sup>602</sup>]. Ao passo que a partir de (uma)-cosmologia, o que se manifesta SER é (um)-“cuidar do argumento”, através do grego [κοσμος (*kosmos*)<sup>603</sup> + λογος (*logos*)<sup>604</sup>], que na forma do verbo que lhe serve de raiz à λογος (*logos*), enquanto λεγω (*lego*)<sup>605</sup>, define-se como (um)-“falar” que nesta conclusão, é o que se realiza como (um)-“argumentar” e na forma do “EU”-que-argumenta é enquanto cosmologia “quem está a cuidar do argumento”.

(um)-SER-manifestação que na forma de MATEMA, realiza-se como “o que se permite SER visto manifesto” na forma de (uma)-representação enquanto (uma)-acção-de-conhecer. (um)-“fazer”-neurofisiológico que se realiza como representação na forma de (um)-MATEMA.

Desta forma, é na forma do (um) e do (IN)FINITO que o nosso MATEMA inicia-se. Pois esta é a forma representação de (uma)-sistemática-neuro-BIO-fisiológica que se realiza como (um)-[SIM SIM = NÃO NÃO] em (um)-sistema-topologia-linguística. (uma)-ambiguação que tem (uma)-causalidade-diferente para cada (um) dos factores, apesar desta condição “semântica” não afectar (uma)-igualdade que atravessa o MATEMA enquanto (um)-resultado. Pois a causalidade de [SIM SIM] é [SIM]; e a causalidade de [NÃO NÃO] é [NÃO], mas a diferença [SIM ≠ NÃO] não implica em (uma)-diferença na expressão de (uma)-subtração. Posto que [SIM SIM – NÃO NÃO = 0], mesmo que [SIM – NÃO ≠ 0].

A partir do que vamos voltar ao (um) e ao MÚLTIPLO que segundo Alain Badiou (1937) em “*O Ser e o Evento*”, publicado em 1988, no capítulo “*O um e o múltiplo: condições a priori de toda ontologia possível*”, argumenta-se que o (um) e o MÚLTIPLO não se realizam como antonimias, outrossim, como (uma)-sinonimia. Posto que a antonimia de (um) está na NEGAÇÃO de (um) na forma de (uma)-não-existência de (um) que enquanto (um)-não-SER-(um), manifesta-se como [não-(um)].

Isto porquê a finalidade de Badiou, com esta argumentação, é definir o SER-manifestação como (um)-acontecimento na forma do evento. A mesma questão que para a topologia linguística é o SER-manifestação enquanto acontecimento, e que segundo Badiou, está no não-SER-manifesto na forma de não-(um). O que a topologia linguística refuta, ao afirmar que está na [existência

601 Dicionário Strong, verbete 2865 – verbo que se define como “cuidar de, tomar conta de, providenciar, pegar ou levar para cuidar e preservar, levar, conquistar, carregar, conduzir, trazer, levar para si próprio, levar o que é seu, trazer de volta”.

602 Dicionário Strong, verbete 1096 – verbo que se define como “tornar-se, vir à existência, começar a ser, receber a vida, tornar-se, acontecer, erguer-se, aparecer na história, aparecer no cenário, ser feito, ocorrer, tornar-se, ser feito”.

603 Dicionário Strong, verbete 2889 – substantivo masculino que se define como “uma organização ou constituição apta e harmoniosa, ordem, governo, ornamento, decoração, o arranjo das estrelas, ‘as hostes celestiais’ como o ornamento dos céus, mundo, universo, os habitantes da terra, homens, a família humana, a multidão incrédula, afazeres mundanos, conjunto das coisas terrenas”.

604 Dicionário Strong, verbete 3056 – substantivo masculino que se define como “do ato de falar, seu uso com respeito a MENTE em si”.

605 Dicionário Strong, verbete 3004 – verbo que se define como “dizer, falar”.

linguística enquanto manifestação] que se realiza como (um) a partir de (uma)-ambiguação que é MÚLTIPLO.

Posto que o não-SER-manifesto em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-existência-não-linguística em (um)-imaginário-topológico. O que efectivamente é (uma)-realização na forma de (uma)-(ir)representação enquanto (uma)-simultaneidade-[recalcamento | realização] que se realiza interactivamente (estável) em (um)-sistema-topologia-linguística-[imaginário | REAL | simbólico]. Mas no que implica esta diferença entre o evento-badiouniano e o acontecimento na topologia linguística?

A partir de Badiou primeiramente, importa que o [(um) = MÚLTIPLO], ou seja, que o (um) é igual ao s(eu) MÚLTIPLO é condição para a diferença. Mas o que é facto, é que real(mente) Badiou está a argumentar a partir do pensamento parmenidiano na OBRA “*Sobre a natureza e sua permanência*”. Segundo a qual Parménides afirma que o (um) do SER enquanto (um)-estímulo é MÚLTIPLO, a partir do que, segundo Parménides (530 a.C. - 460 a.C.), o MUNDO não pode SER investigado a partir dos estímulos, devido a *physis* existência das sensações de cada (um) dos sistemas vivos humanos, que é *physis* existencialmente MÚLTIPLA, segundo Parménides.

Posto que enquanto estímulos, confunde-se o SER com o não-SER, e isto é o que inaugura a ontologia. Contudo, ao apresentar o [SER = não-SER] como (um)-valor. Diante do que Parménides define que [SER = não-SER = (um)]. A partir do que Badiou afirma que o (um), que é não-(um) segundo Parménides, é desta forma (um), o MÚLTIPLO e não o não-SER. Pois segundo Gottfried Libniz (1646-1716): “*O que [não é (um)-SER, não é (um)-SER]*”.

Pois é exactamente a partir daqui, que a topologia linguística argumenta que o [(um) = MÚLTIPLO  $\neq$  não-(um)]-badiouniano, é o que se expressa como MATEMA na forma de (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO – { { } } ou {  $\emptyset$  } – que Badiou pretende-o como (um)-não-“vazio”, mas que real(mente), segundo a topologia linguística, está CHEIO. Isto porquê (um)-conjunto-MÚLTIPLO-PURO é um conjunto no qual todos os s(eu)s membros são conjuntos, e apesar do modelo de conjunto-MÚLTIPLO-PURO sobre o qual se debruça o pensamento badiouniano SER o do “conjunto não vazio puro”, que se apresenta na forma de (um)-[ { { } } ]. Acerca do qual a topologia linguística afirma que esta forma de “conjunto não vazio puro” é [ { { } } ] = (um)<sup>∞</sup> enquanto (um)-valor.

Isto porquê esta é (uma)-tipologia de conjunto que a topologia linguística “vê” como (um)-valor que na forma de (um)-[“conjunto não vazio puro” = CHEIO | MÚLTIPLO], é o que se realiza como (uma)-estrutura-axiológica enquanto [(um)<sup>∞</sup> x (um)<sup>∞</sup> x (um)<sup>∞</sup> x ...] e que se afirma, segundo a topologia linguística, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE<sup>606</sup> sobre cada (uma) das “coisas”

---

606 A parte recalcamento que se real(iza) (ir)representação em (um)-REAL (adjectivo), e que é (uma)-existência-não-linguística em (um)-imaginário-topológico. Veja capítulo

aparentes e na forma de cada (uma) das representações que há enquanto (uma)-existência-heurística.

Desta forma, o que se realiza é que o MÚLTIPLO de (um) é  $[(um) \times (um) \times (um) \times \dots]$ , ou seja, a forma de  $[(um) = (um)^\infty]$ , na qual  $[(um)^\infty = \{\text{NÃO}\{\text{NÃO}\{\text{“fazer”}\}\}\}]$ . Pois,  $[\{\text{NÃO}\{\text{NÃO}\{\text{“fazer”}\}\}\}] = \{\text{“fazer”}\}$  é o que faz do conjunto-MÚLTIPLO-PURO- $\{\text{NÃO}\{\text{NÃO}\{\text{“fazer”}\}\}\}$  (uma)-(IN)FINITUDE enquanto (uma)-MULTIPLICIDADE que segundo a topologia linguística tem a forma de  $[(um)^{(\infty + \infty + \infty + \dots)}]$ . Mas até aqui cada (um) dos MATEMAS existe em termos de valores, mas segundo a topologia linguística, estes MATEMAS SÃO ONTOFILOGENICAMENTE SERES-manifestos na forma de SIGNIFICANTES. O que, desta forma, define-os contextualmente em cada (uma) das interações linguísticas que há. Ou seja, como interações em e entre significantes, que se realizam, estrutural e sistemicamente, enquanto (uma)-formalidade e na forma de (uma)-representação.

Desta forma, em (um)-sistema-topologia-linguística, o que real(mente) acontece linguisticamente é que  $[(um) \neq (um)^\infty]$ . Pois o significante- $[(um)]$  é diferente do significante  $[(um)^\infty]$ , apesar do haver de (uma)-homeomorfia em e entre, cada (uma) das representações. Mas esta é (uma)-homeomorfia que se realiza enquanto (um)-“lugar”<sup>607</sup> em (um)-sistema-topologia-linguística. O que se realiza através de cada (uma) das objectivações autopoieticas enquanto (uma)-real(idade). Diante do que se espera que está seja como mais (uma) justificação para a forma modificada dos artigos indefinidos (um) e |ou (uma), arduamente praticada nesta dissertação. Posto que, segundo a topologia linguística, estas formas não se realizam linguisticamente como (in)definidas, outrossim, enquanto SOBRE-definições-SIGNIFICANTES.

A partir do que em (um)-sistema-topologia-linguística,  $[SIM \ SIM = \text{NÃO} \ \text{NÃO}]$  e  $[SIM \ SIM - \text{NÃO} \ \text{NÃO} = 0]$  apesar de  $[SIM \neq \text{NÃO}]$  e  $[SIM - \text{NÃO} \neq 0]$ , é o que há em conformidade com o que já foi argumentado acerca da “*Teoria das descrições definidas*” de Bertrand Russell (1872-1970) na conclusão  $[A]$ <sup>608</sup>, mas aqui realizado como valores. Do que se conclui que a partir destes valores,  $\{[x = y] = [x \neq y]\}$  em (um)-sistema-topologia-linguística é (uma)-possibilidade-REAL em termos linguísticos e axiológicos, tanto como (uma)-substantivação<sup>609</sup>, quanto como (uma)-adjectivação<sup>610</sup>, apesar do não-SER desta IGUALDADE manifestar-se enquanto acontecimentos significantes. Ora, então porquê  $[(um) \neq (um)^\infty]$  enquanto significantes diferentes é (um)-SER-manifestação, se

---

607 Veja capítulo 4. Aspectos Topológicos, subcapítulo 4.4. (um)-“lugar”.

608 Veja Conclusão: E o dia depois de amanhã, conclusão A. Resposta da Topologia Linguística à “*Teoria das Descrições*” de Bertrand Russell.

609 Ver capítulo 5. Aspectos Filosóficos, subcapítulo 5.5. Adjectivação x Substantivação.

610 Idem.

enquanto (um)-*axios* há (uma)-IGUALDADE; mas  $\{[x = y] = [x \neq y]\}$  é (um)-não-SER-manifestação enquanto significantes se há (uma)-diferença enquanto (um)-*axios*?

Assim, sem responder, vamos avançar para o problema que se impõe na forma de (um)-Gato-de-Schrödinger, e já inicialmente abordado na conclusão [B]<sup>611</sup>. A partir da qual se afirma que em (um)-sistema-topologia-linguística é possível observar (um)-sistema-Gato-de-Schrödinger como (uma)-simultaneidade- $\{[DENTRO \mid FORA] [FORA \mid DENTRO]\}$  sem perturbar o sistema observado enquanto observador.

Ou seja, observar o GATO em (uma)-simultaneidade- $\{[DENTRO \mid FORA] [FORA \mid DENTRO]\}$  de (uma)-CAIXA. Pois o Gato de Schrödinger é (um)-experimento no qual (um)-GATO está dentro de (uma)-caixa-lacrada protegido contra a incoerência quântica induzida pelo meio *physis* existencial. E junto ao gato há (um)-frasco que contém veneno, ligado a (um)-contador-Geiger que ao detectar radiação dentro da caixa parte o frasco com (um)-martelo, liberando o veneno e matando o gato dentro da caixa. Mas a mecânica quântica sugere que depois de algum tempo, o gato que está protegido contra a incoerência quântica induzida pelo meio *physis* existencial dentro da caixa lacrada, estando simultaneamente-[vivo | morto]. Porém, quando se olha para dentro da caixa, apenas é possível “ver” o gato [ou vivo] [ou morto], mas não em (uma)-simultaneidade-[vivo | morto] na qual real(mente) [existe e manifesta-se] enquanto (uma)-existência-quântica.

O que define que tanto o contador Geiger, quanto o martelo e o frasco, foram simultaneamente-[acionados e não acionados] dentro da caixa. (uma)-interpretação que segundo Erwin Schrödinger (1887-1961), define real(mente) (um)-acontecimento-quântico fora da caixa. Mas que entretanto, é induzido fora da caixa por (uma)-incoerência-quântica ao atravessar (um)-meio-*physis*-existencial. Ou seja, ao observar a caixa lacrada há (um)-[colapso do objecto observado], que [a partir da observação], [existe e manifesta-se] como (uma)-perturbação que, desta forma, define-se como (um)-estado-do-objecto-observado-no-acto-da-observação.

Pois o que se pretende em (um)-sistema-topologia-linguística, é observar cada (um) dos objectos sem (uma)-perturbação que provoque (um)-[colapso do objecto observado]. O que, desta forma, define-se como (uma)-forma-de-estar-do-objecto no acto da observação. O que segundo a topologia linguística, é o que se realiza como (uma)-existência-heurística através de cada (um) dos valores que há e que se realizam como (uma)-real(idade), na forma de cada (uma) das representações quando se realizam como (uma)-“coisa”-aparência em (um)-REAL (adjectivo).

Ou seja, Badiou ao afirmar que a existência de  $[(um) = MÚLTIPLO]$  é (uma)-real(idade), está a “olhar” para o Gato de Schrödinger que está dentro da caixa, de fora da caixa e a afirmar que o Gato de Schrödinger dentro da caixa, existe simultaneamente-[vivo | morto]. A topologia linguística

---

611 Veja Conclusão: E o dia depois de amanhã, conclusão B. *Ergoñgenia* e ONTOFILOGENIA.

quando afirma que  $[(um) \neq (um)^\infty]$  e  $\{[x = y] = [x \neq y]\}$  existem como real(idades) ONTOFILOGÊNICAS, está a afirmar que  $\{[x = y] \text{ é } [x \neq y]\}$  e que  $[(um) \text{ não é } (um)^\infty]$ . Porquê?

Porquê  $(um)-\{NÃO\{NÃO\{“fazer”\}\}\}$  é  $(uma)-\text{simultaneidade}-\{[DENTRO \mid FORA] [FORA \mid DENTRO]\}$ . Ou seja,  $(um)-“fazer”$  é (des)ambiguador na forma de  $[(um)]$ , mas ha como  $(uma)-\text{representação}$  a qual corresponde  $(uma)-(ir)\text{representação}$  que não lhe é assimétrica, ou seja, há  $(uma)-\text{MULTIPLICIDADE}$  na forma de  $[(um)]$  que enquanto  $(uma)-(ir)\text{representação}$ , realiza-se como  $[(um)^\infty]$ .  $(uma)-\text{existência-não-linguística}$  que enquanto  $(uma)-\text{representação}$  é  $(uma)-(ir)\text{representação}$  que se realiza como  $(um)-\{NÃO\{NÃO\{“fazer”\}\}\}$  enquanto  $(um)-“fazer”$ . Ou seja,  $(um)-\{NÃO\{NÃO\{“fazer”\}\}\}$  é  $(uma)-\text{ambiguação}$  e  $(um)-“fazer”$  é  $(uma)-(des)\text{ambiguação}$  enquanto realização de  $(uma)-(ir)\text{representação}$  em  $(um)-\text{REAL}$  (adjectivo).

Pois, desta forma, na topologia linguística o observador do Gato de Schrödinger é o Gato de Schrödinger. Ou seja,  $(um)-“lugar”$  que não se define a não SER enquanto  $(uma)-\text{simultaneidade}-\{[DENTRO \mid FORA] [FORA \mid DENTRO]\}$ . E não propriamente enquanto  $(um)-\text{GATO}$ .

#### H. *Ergoígenia* e Realidade

O que nos traz enfim até ao tema de nosso estudo, “a *ergoígenia* e a realidade”. Condição que a topologia linguística levanta a partir da hipótese do véu-imaginário em  $(um)-\text{ESTÁDIO-diádico}$ .

$(um)-\text{acontecimento-simultaneidade}$  que se realiza como simultaneidade em  $(um)-[“haver” \mid \text{não-“haver”}]$ . O que a partir de  $(um)-“fazer”-\text{neurofisiológico}$  em  $(um)-\text{REAL}$  (adjectivo), é o que se realiza como  $(uma)-\text{imagem-ergoígênica}$  que, desta forma, é enquanto  $(uma)-\text{realização}$ ,  $(um)-\text{NADA}$  na forma de  $(uma)-\text{alucinação}$  enquanto  $[(uma)-\text{imagem é } (uma)-\text{imagem}]$ .

$(uma)-\text{imagem}$  (alucinação) que em  $(um)-\text{ESTÁDIO-egóico}$  atravessa  $(uma)-\text{objectivação-autopoiética}$  como  $(um)-\text{acontecimento-significante}$  que enquanto  $(uma)-\text{ergoígenia}$ , realiza-se como  $[(um)-“fazer” \text{ é } (um)-“fazer”]$  na forma de  $(uma)-\text{representação}$ .

O que nos leva de volta do Gato de Schrödinger até ao Paradoxo EPR de Einstein-Podolsky-Rosen. A partir do qual se questiona  $(uma)-\text{physis-existência}$  que se prevê em  $(um)-\text{sistema-quântico}$ , no qual se afirma que  $(uma)-\text{realização-quântica}$  é  $(um)-\text{acontecimento-sistémico}$ . Posto que, independente da distância à  $(uma)-\text{observação-quântica}$  realizada em  $(um)-“lugar”$  de  $(um)-\text{sistema}$  corresponde-se  $(um)-\text{efeito-imediato}$  em  $(uma)-\text{observação-quântica}$  que se realiza em OUTRO-“lugar” do mesmo sistema. O que vai a partida, contra os princípios da Relatividade

Especial<sup>612</sup>, posto que se afirma que (uma)-informação não pode SER transmitida em (uma)-velocidade maior do que a da LUZ.

Entretanto, primeiramente salientamos que estas são argumentações especulativas da parte do autor, que não é (um)-especialista em física teórica. Porém, aqui especula exatamente a partir das conclusões lançadas logo acima. Posto que o que se pretende a partir de (uma)-*ergoñgenia*, é afirmar que (uma)-realidade-sistémica real(mente) acontece *ergoñgenicamente*, como o que se realiza e define em (um)-sistema-topologia-linguística, como (uma)-simultaneidade que tem (uma)-conformidade com (um)-acontecimento-quântico. Ou seja, (um)-sistema-topologia-linguística [existe e manifesta-se] em conformidade com (um)-modelo-do-Gato-de-Schrödinger e através de interacções que se realizam sistémica e linguisticamente em conformidade com o Paradoxo EPR.

No qual (um)-gato e (um)-observador [existem e manifestam-se] através de (uma)-simultaneidade-[recalcamento | realização] enquanto (uma)-existência-linguística que atravessa acontecimentos linguísticos em (um)-sistema-topologia-linguística. O que se realiza através de interacções linguísticas que se realizam em conformidade com o descrito acerca do Paradoxo EPR.

A partir do que vamos fazer (um)-[ANA<sup>613</sup> + LOGOS<sup>614</sup>], em e entre, (um)-sistema-topologia-linguística e (um)-sistema-quântico que atravessa (uma)-convergência-[[«entre» «actos»]<sup>615</sup>, em e entre, (uma)-equação-einsteiniana-[ $E = m \cdot c^2$ ] e (uma)-equação-de-planck-[ $E = h \cdot \nu = h \cdot \omega$ ]. Que aqui, nesta altura, serão tomadas para (uma)-convergência, em e entre, (um)-POEMA-[*ergoñgenia* | Gato de Schrödinger] e (um)-MATEMA- $\{[E = m \cdot c^2] = [E = h \cdot \nu = h \cdot \omega]\}$ <sup>616</sup> [veja nota de rodapé].

Desta forma, o que se vai tomar inicialmente é a condição velocidade da LUZ, como o que se realiza enquanto (um)-significante na forma de [ $c^2$ ] e que segundo Einstein, enquanto [existência manifesta] é (uma)-constante-[ $c^2$ ] que [ao existir e manifestar-se] como (uma)-*ergoñgenia* e na forma da [(LUZ = velocidade máxima) é ( $e / t = c^2 = (\text{um})^\infty$ )]. Isto porquê como (um)-significante, a velocidade da LUZ, que é máxima, real(mente) realiza-se como (um)-MÚLTIPLO-[ $c^2$ ].

---

612 A Realatividade Especial, segundo a topologia linguística, é (uma)-realização em (um)-sistema-fechado. Também é conhecida como Relatividade Restrita, e o problema que aborda já foi referido na INTRODUÇÃO item XXIX. (uma)-consciência x (uma)-representação. A Relatividade Especial teve impacto no pensamento filosófico, pois elimina a possibilidade de [(uma)-existência + (uma)-manifestação] de tempos estáveis no Universo enquanto (uma)-existência-interactiva, o que estabelece que no Universo o tempo é (um)-valor-instável (absoluto), como na forma que se defende em (um)-sistema-topologia-linguística.

613 Da palavra grega *ανα* (*ana*) – que se define como “para o meio de, no meio de, em meio a, entre (duas coisas), no intervalo de”. Dicionário Strong, verbete 303.

614 Da palavra grega *λογος* (*logos*) – que se define como “acto de falar”.

615 Ver INTRODUÇÃO, item VIII. «Entre» (um)-ENANTI e (um)-EISPHERO.

616 O *h* na equação de Planck é (uma)-constante. A partir do que se podem pensar todos os valores nesta equação como (um) ou  $(\text{um})^\infty$ . A partir do que igualamos as condições de (um)-sistema-quântico a (um)-sistema-einsteiniano em termos de significantes, mas não em termos de valor.



A partir do que  $\{[E = m \cdot c^2] = [E / m = e / t]\}$  no qual  $[E / m]$ , segundo (uma)-topologia-linguística, o que há é directamente proporcional a GRAVIDADE e do que se pode afirmar que o que há é (uma)-homeomorfia que se realiza na forma de (um)-interagente-[espaço-temporal] que, enquanto  $[E / m]$  é como o que se pode tratar como (uma)-constante-[G]. E como já argumentado acerca de (uma)-simultaneidade-[espaço | tempo]<sup>617</sup>, (uma)-simultaneidade-[matéria | energia] é o que se realiza como [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que em (um)-TECIDO-espaço-temporal, interage através de (um)-interagente-GRAVITACIONAL na forma de  $[E / m = G]$ . O que enquanto (uma)-realização-velocidade-máxima que na forma de  $[e / t = c^2]$ , é o que se realiza como interagente GRAVITACIONAL e através de (uma)-velocidade-máxima que na forma de (uma)-LUZ, é na forma de  $[t]$  e  $[m]$ , como o que tende para ZERO, entretanto, na forma de  $[(um)^\infty = 0]$ ; ao passo que  $[E]$  e  $[c^2]$  SÃO tendentes para  $[(um)^{\infty + (um)}]$  enquanto [existência manifesta]-máxima na qual  $[(um) = (um)^\infty]$ .

Contudo, primeiro salienta-se que esta é (uma)-convergência-[POEMA | MATEMA], que não tem como BASE cada (um) dos valores que se constituem a partir das equações que se realizam, outrossim, cada (uma) das formalidades que se realizam através de cada (uma) das interacções significantes. O que faz da LUZ (um)-acontecimento-significante que em (um)-sistema-topologia-linguística, realiza-se como (uma)-simultaneidade-[matéria | energia] na forma de LUZ; ao atravessar (uma)-simultaneidade-[espaço | tempo] na forma de (uma)-velocidade-LUZ; o que se realiza, desta forma, como (uma)-interacção-GRAVITACIONAL que enquanto (uma)-realização, é o que permite (uma)-convergência do Paradoxo EPR ao Gato de Schrödinger enquanto (um)-sistema-quântico. O que aqui se argumenta, segundo a topologia linguística, como (uma)-especulação. Posto que somente se realiza para os fins de edificar (um)-[ANA<sup>618</sup> + LOGOS<sup>619</sup>].

Isto porquê a LUZ, em (um)-sistema-topologia-linguística, é (uma)-realização em (uma)-simultaneidade-[matéria | energia] que se realiza em (uma)-simultaneidade-[espaço | tempo]. Desta forma, (uma)-forma-LUZ é enquanto [existência manifesta], (uma)-forma-simultaneidade-simultânea em (uma)-[existência manifesta] e na forma de (uma)-velocidade- $[e / t = c^2 = E / m = (um)^\infty]$  que para SER máxima, deve SER-manifestação igual a  $[(um)^{\infty + (um)}]$ , na qual  $[(um) = (um)^\infty]$  e  $[E / m = e / t = c^2]$ , ou seja, a LUZ é (um)-interagente-GRAVITACIONAL na forma de  $[G]$ .

O que segundo a topologia linguística, realiza-se como (uma)-constante em conformidade com o afirmado por Einstein, mas na forma de  $[(um)^\infty]$  enquanto formalidade LUZ que se realiza

617 Ver INTRODUÇÃO, item VI. O que é (uma)-simultaneidade?

618 Da palavra grega *ana* (ana) – que se define como “para o meio de, no meio de, em meio a, entre (duas coisas), no intervalo de”. Dicionário Strong, verbete 303.

619 Da palavra grega *λογος* (logos) – que se define como “acto de falar”

como interacção GRAVITACIONAL. O que [existe e manifesta-se] como (um)-significante em (uma)-simultaneidade-simultânea que ao realizar-se em cada (uma) das formas na qual [existe e manifesta-se], é como (uma)-conformidade enquanto condição contextual na qual enquanto realização, torna-se possível como (uma)-construção, a partir de (uma)-simultaneidade-[POEMA | MATEMA], que enquanto máxima velocidade na forma de (uma)-LUZ é, enquanto (um)-valor, o que [existe e manifesta-se] como  $[e / t = c^2]$  enquanto  $[c^2 = (um)]$ ; ou [existe e manifesta-se] como  $[e / t = c^2 = E / m]$  enquanto  $[c^2 = (um)^\infty]$ ; e ainda [existe e manifesta-se] como  $[c^2 = (um)^{[\infty + (um)]}]$ , na qual  $[(um) = (um)^\infty]$ . Mas no qual (um)-ZERO é (uma)-tendência para  $[c^2]$  em termos temporais, relativamente à cada (uma) das interacções que se realizam no UNIVERSO. A partir do que, em termos de LUZ e interacção GRAVITACIONAL, não há (uma)-relatividade-temporal que se realiza, sistémica e quanticamente no UNIVERSO.

A partir do que se afirma que segundo (um)-sistema-topologia-linguística, se (uma)-NAVE-ESPACIAL que se desloca a velocidade da LUZ em direcção a (uma)-ESTRELA que se encontra a (uma)-distância de 100 (cem) anos LUZ; ao chegar a ESTRELA-destino, existe no AGORA, tanto da ESTRELA, quanto da NAVE-ESPACIAL, que é igual ao AGORA que não é relativo ao AGORA que [existe e manifesta-se] no destino. Porquê a existência quântica na qual [existe e manifesta-se] (um)-sistema-NAVE é homeomorfa a [existência manifesta] na origem. Ou seja, (uma)-*ergoñgenia* é homeomorfia.

Portanto, segundo a topologia linguística, através de (uma)-interpretação-sistémica de cada (uma) das interacções que “há”, em e entre, (uma)-existência-linguística-[POEMA | MATEMA] e cada (um) dos acontecimentos linguísticos que se definem como (uma)-existência-quântica e enquanto (uma)-simultaneidade-[POEMA | MATEMA].

O que enquanto ESTRELA define que a estamos “ver” como o que se localiza a 100 (cem) anos LUZ de distância, mas não está a SER-manifesta-“visão” ontofenomenologicamente no PASSADO (visão interactiva | estável), outrossim, ONTOFILOGENICAMENTE no AGORA que se estabelece sistémica e estruturalmente na forma de (uma)-existência-quântica que ao atravessae-se como (um)-LUZ, é como [existência manifesta] o que se conduz como (um)-instante pela distância  $[(um)^\infty]$  através do UNIVERSO  $[(um)]$ . O que enquanto o que se realiza através da velocidade da LUZ, é como (uma)-constante que tende à  $[0] = [(um) = (um)^\infty]$ . Ou seja, é esta forma significativa  $[0]$ , o que se realiza como (uma)-*ergoñgenia*, em e entre, o Gato de Schrödinger e o Paradoxo EPR que, desta forma, realiza-se como (uma)-real(idade) em (um)-simbólico-topológico na forma de (um)-conhecimento. Contudo, é como (uma)-(ir)representação em (um)-REAL (adjectivo) (uma)-simultaneidade- $[(um) | (um)^\infty | (0)]$ .

Com o que se pretende definir que [(uma)-realidade não se realiza como (uma)-realidade], outrossim, como (uma)-*ergoñgenia* ao atravessar (uma)-interacção-sistémica que se atravessa em cada (um) dos sistemas vivos humanos, realizando-se como (uma)-existência-linguística em cada (uma) das representações.

Ou seja, (uma)-*ergoñgenia* há, mas (uma)-realidade-sistémica não-há, enquanto (uma)-real(idade), outrossim, como (uma)-realização que na forma de (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] é enquanto [(um)-“fazer” é (um)-“fazer”]. Posto que, desta forma, o tempo é deslocamento e para o tempo SER-manifestação-igual-a-ZERO, é como (um)-deslocamento em (um)-Paradoxo-EPR, o que há como o que tende à ZERO enquanto (um)-SER-manifestação-(IN)FINITO em (uma)-simultaneidade-[ $E = m \cdot c^2$ ].

O que é (um)-Paradoxo em termos de valor. Posto que, desta forma, o tempo-[ $e / t = c^2$ ] para que esta equação em termos de valor realize-se na forma de [(um) = (um)<sup>∞</sup>], tem que se realizar enquanto (uma)-simultaneidade como {[ (um)<sup>∞</sup> = 0] = [(um) = (um)<sup>∞</sup>]}. O que enquanto (um)-valor é (um)-(im)possível, mas diante do que se indica, que sistemicamente é possível, mas estruturalmente não, segundo (um)-sistema-topologia-linguística, enquanto (uma)-existência-quântica.

## I. *Ergoñgenia* e Inteligência

Salienta-se, entretanto, que esta é (uma)-especulação que pode SER muito mais explorada por (um)-especialista, mas não por este autor, que não é (um)-físico-teórico. Mas esta é (uma)-possibilidade que provavelmente não se vai realizar como (um)-acontecimento-científico. Posto que esta especulação pode SER considerada “absurda”, como quase TUDO o mais que [existe e manifesta-se] nesta dissertação. Mas o que é (um)-facto, é que desta forma, (uma)-simultaneidade-[realidade | real(idade)] é (uma)-realização-assimétrica que se realiza ao atravessar (uma)-*ergoñgenia*.

Mas porquê esta tipologia de especulação foi importante aqui nesta altura?

Somente para especificar que o que a topologia linguística define como realidade sistémica, pode SER ONTOFILOGENICAMENTE muito mais complexo e diferente do que as [aparências que se revelam existência] ou [existências que se revelam em sua aparência] nos mais diversos sistemas que [existem e manifestam-se]. A partir do que, a perturbação “ligeira” que se propõe no resumo desta investigação, que se “faz” à lógica que se edifica e subjaz à [existência manifesta] que enquanto (um)-acto-de-consciência, torna-se em (um)-abanão-tal, que se leva como (uma)-derrocada de (uma)-consciência que enquanto (um)-acto-de-conhecimento e a partir de

(um)-“fazer” que se realiza como mera superfície, é [(uma)-existência + (uma)-manifestação] que enquanto (uma)-realização em (uma)-“coisa”-aparência, é o que se realiza como (um)<sup>60</sup> em (uma)-simultaneidade-[espaço | tempo] que tende para ZERO e (IN)FINITO simultaneamente.

A partir do que se vai transitar de (uma)-simultaneidade-[POEMA | MATEMA] para (uma)-estrutura-axiológica, como o que se realiza enquanto (uma)-existência-heurística na forma de (uma)-inteligência. Pois o que temos como finalidade nesta conclusão, é explicar (um)-porquê de (um)-sistema-topologia-linguística considerar (uma)-inteligência como (um)-valor que se realiza enquanto (uma)-estrutura-axiológica em (um)-ESTÁDIO-hierárquico.

(uma)-existência-heurística-manifesta que não se pretende estabelecida como (uma)-UNIDADE em (uma)-diversidade que há, em e entre, cada (um) dos sistemas vivos humanos. Outrossim, na forma de (uma)-homeomorfia que ao atravessar (uma)-subjectividade-individual, é como (uma)-pluralidade, o que na forma de (uma)-estrutura-axiológica, é na forma de (um)-*axios*, o que se realiza em cada (uma) das interações linguísticas e através de cada (um) dos sistemas vivos humanos, como o que se estrutura e realiza através de cada (um) dos valores que há, desta forma, não para (uma)-IGUALDADE, mas antes, para realização de (uma)-(DES)IGUALDADE que se instala sobre cada (uma) das “coisas” sociais como (um)-valor.

O que não se percebe como (uma)-(in)diferença, outrossim, como (uma)-estrutura-axiológica que se realiza sobre cada (uma) das estruturas linguísticas que há, como (uma)-SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE que em (um)-REAL-heurístico (substantivo), reifica-se em cada (uma) das interações sociais através de cada (um) dos *axios* que se realizam através de cada (uma) das representações enquanto (um)-conhecimento.

O qual se pretende estabelecido não para que se instale (uma)-pluralidade, outrossim, para que (uma)-homogeneidade realize-se através de cada (um) dos acontecimentos linguísticos, para formação de (um)-conhecimento que tenha (um)-fim-comum-e-TELEOLÓGICO<sup>620</sup>. O que enquanto (uma)-produtividade é o que a partir de (um)-“fazer” de cada (um) dos sistemas vivos humanos, desta forma, realiza-se como (um)-SER-manifestação capaz de (des)empenhar (uma)-função que na forma de (um)-agente-económico em (uma)-sociedade-heurística, [existe e manifesta-se] para (uma)-manutenção-dos-valores que se real(izam) na forma de (uma)-sistemática-de-vida-económico-heurística<sup>621</sup>.

E desta forma, considera-se cada (um) dos sistemas vivos humanos inteligentes e capazes de manter (uma)-realidade-estável (interactiva) e estabilizada como (uma)-real(idade)-realização. Bastando para isto seguir e (per)seguir (uma)-cientificidade instalada e aceite, não por todos, mas

---

620 Ver capítulo 12. A experiência de Hawthorne, subcapítulo 12.1. A produtividade e a cientificidade: como relacionar trabalho e LUCRO.

621 Ver capítulo 1. PROPEDEÚTICA, subcapítulo 1.11. Existência heurística.

por (uma)-maioria que se opõe (uma)-OUTRA-maioria como (uma)-antonimia que se realiza enquanto (uma)-inflamação-linguística.

Por isto não se pode argumentar sobre qualquer tipologia de inteligência que se considere, instalada ou realizada, em e entre, cada (um) dos sistemas vivos humanos. Visto que (uma)-inteligência é (um)-valor que se instala e atravessa, como (uma)-axiologia que estrutura em (uma)-realidade que há em cada (um) dos sistemas vivos humanos. Mas que na forma de (um)-sistema-fechado-“em-si” é o que se apresenta “para-si” enquanto [existência manifesta] “em-si” fechada enquanto (uma)-consciência. E sobre a qual, cada (uma) das existências “por-si” ou “para-si” realiza-se estrutural e sistemicamente, como (um)-“fazer” que enquanto (uma)-[ἱερός (*hieros*)<sup>622</sup> + ἀρχω (*archo*)<sup>623</sup> | ἀρχή (*arche*)<sup>624</sup>], SACRALIZA [(um)-PODER | (um)-SABER | (um)-QUERER]<sup>625</sup>, que não se realizam, desta forma, para (uma)-IGUALDADE na forma do [“EU”-POSSO | “EU”-SEI | “EU”-QUERO], outrossim, enquanto (uma)-pluralidade que na forma de (um)-[“EU”] que se realiza como (um)-linguístico<sup>626</sup>, [(trans)forma cada (uma) das estruturas, formais e sistêmicas ONTOFILOGENICAMENTE]<sup>627</sup> em (uma)-realidade-sistêmica que real(mente) é (uma)-*ergoñgenia*.

J. (um)-OPISTHEN<sup>628</sup>: a forma de (uma)-CONCLUSÃO

Pois é a partir da conclusão [I], que se finaliza logo acima, que enfim se chega ao que se está a [“olhar” para que enfim se permita como o que se pode “ver”]. Posto que segundo esta investigação de cada (uma) das estruturas axiológicas que há, e da qual a nossa existência linguística não consegue escapar. Mas será que também há (uma)-existência-escapável à nossa *physis* existência manifesta linguisticamente?

Posto que estamos diante de (uma)-curiosa-inflamação-existencial que se realiza na forma de (um)-linguístico. E o que nos (pre)ocupa é (uma)-extinção-colectiva. Contudo, continuamos a existir manifestos como o que enquanto (um)-colectivo-de-sistemas-vivos-não-existisse. O que desta forma, é em cada (um) dos sistemas vivos humanos o que contribui para (uma)-emissão-aumentada-dos-gases-estufa decorrentes de (uma)-série-de-mudanças introduzidas como (uma)-

---

622 Dicionário Strong, verbete 2413 – adjectivo que se define como “sagrado”.

623 Dicionário Strong, verbete 757 – verbo que se define como “ser o chefe, liderar, governar”.

624 Dicionário Strong, verbete 746 – substantivo que se define como “começo, aquilo pelo qual algo começa a ser, a origem, a causa ativa, o primeiro lugar”.

625 Interacções significantes que se real(izam) ao atravessar interactivamente (estável) cada (um) dos registos linguísticos em (uma)-topologia-linguística.

626 Ver INTRODUÇÃO, item XXVII. (um)-linguístico abordado linguisticamente.

627 Ver Parte III – HIERARQUIA E CRISE, item B. (uma)-ONTOFILOGENIA.

628 Adjectivo grego *οπισθεν* (*opisthen*) que se define como “detrás, nas costas, atrás, após”, segundo o Dicionário Strong, verbete 3693. Mas, a partir do verbo que lhe serve de raiz *οπτανομαι* (*optanomai*) ou *οπτομαι* (*optomai*) que se define como “olhar para, ver, permitir-se ser visto, aparecer”, segundo o Dicionário Strong, verbete 3700.

existência-manifesta, que na forma de (uma)-sociedade-heurística-e-hierárquica-contemporânea, realiza-se em cada (um) dos factores básicos, desde (uma)-explosão-populacional até ao que se (des)encadeia como (uma)-exploração de cada (um) dos recursos naturais; o que em (uma)-escala cada vez maior e mais rápida de crescentes necessidades, colectivas e individuais, de energia, alimento, transporte, educação, saúde e materiais diversos para construção de habitações e infraestruturas. É enquanto tudo o que há para que (uma)-produção de (uma)-série-(in)findável-de-BENS-de-consumo, que muitas das vezes realizam-se como luxos supérfluos, aconteçam como realizações linguísticas úteis e necessárias à cada (um) dos sistemas vivos humanos em detrimento de cada (uma) das demais existências vivas e sistémicas.

E desta forma, acontece o que se define como (uma)-civilização. Que, entretanto, prima por (um)-(des)respeito a toda (uma)-*physis*-existência-viva devido a (um)-consumismo-(in)sustentável que já é conhecido e divulgado, mas que sobre o qual NADA se realiza, a não-SER-manifesto como o que se mantém para os elevados índices de desperdício e de geração de lixo e poluição.

A partir do que se pode afirmar que desde o início do século XIX, a população humana aumentou em sete vezes o (seu) tamanho. E desde a década de 1960 até o presente, os níveis de consumo duplicaram e cerca de 60% dos recursos *physis* existenciais naturais e vivos do PLANETA, já se esgotaram ou estão em vias de rápido esgotamento, para no mais das vezes transformar-se em luxuosos desperdícios. E ao longo do século XXI, o que se espera é (um)-aumento-acelerado-do-consumo, que poderá chegar a SER-manifestação 900% (novecentos por cento) maior do que os níveis que existem actualmente.

Neste processo acelerado de crescimento populacional e produtivo, o que se visa é (uma)-sustentabilidade-económica que se desenvolverá através de tecnologias e sistemáticas produtivas que consomem cada vez mais recursos *physis* existenciais naturais e vivos que para além dos quais, são poluidores e problemáticos enquanto sobras e desperdícios. Posto que ainda se têm no uso de combustíveis fósseis a principal fonte de energia. Ao mesmo tempo que há (uma)-crescente-necessidade-de-espaco-para-urbanização e para formação de lavouras e pastagens. O que determina a derrubada de imensas áreas florestais e a consequente degradação da maior parte dos ecossistemas do PLANETA ao qual chamamos TERRA. Afinal, onde está o que real(mente) define-se como *oikonomia*<sup>629</sup>?

A queima de combustíveis fósseis e as mudanças no uso do solo – incluindo o desmatamento, o uso de fertilizantes e agrotóxicos, as queimadas e OUTRAS práticas agropecuárias que são muito comuns – são as principais fontes de gases estufa na atmosfera. OUTRAS fontes

---

629 Dicionário Strong, verbete 3622 – substantivo feminino que se define como “administração de um lar ou afazeres do lar”.

importantes para degradação dos solos são o desperdício de alimentos e a produção de resíduos como: lixo, esgotos, efluentes industriais, etcétera.

Em 2010 o sector elétrico e de produção de energia calorífera respondia por 25% (vinte e cinco percento) das emissões globais de gases estufa, incluindo a queima de carvão, gás natural e outros derivados de petróleo. A indústria respondia por 21% (vinte e um percento) deste total, incluindo queima de combustíveis fósseis para processos químicos, metalúrgicos, transformação mineral e manejo de resíduos. A agricultura, a silvicultura, o desmatamento e OUTROS usos da terra eram responsáveis por 24% (vinte e quatro percento) deste total. E ao sector de transportes cabia 14% (quatorze percento), à construção civil 6% (seis percento) e ao restante das actividades humanas, (uma) série de OUTRAS percentagens que na forma de agentes *oikónomicos*<sup>630</sup>, que para além de não existirem enquanto tais, não o posso dizer que sejam de menor expressão diante dos problemas de sustentabilidade que se apresentam.

Mas a pergunta que cabe, diante de cada (uma) destas actividades que se deixam “pairar” sobre (uma)-eventual-extinção-planetária de (uma)-colectividade dos sistemas vivos humanos, é a mesmo que nos leva a indagar se a ciência – enquanto (uma)-prática-linguística absoluta (instável) ou interactiva (estável) – é ou será capaz de salvar o PLANETA de (uma)-extinção-eminente, provocada por cada (uma) das estruturas axiológicas que se realizam como “coisas” sociais em cada (uma) das práticas linguísticas humanas? Ou se somente diante do “haver” de (uma)-catástrofe-*physis*-existencialmente-planetária, poderá enfim se exterminar, cada (um) dos sistemas vivos do PLANETA ao qual (uma) das espécies específicas que o habitam, chamam-no curiosamente de TERRA?

Posto que segundo (uma)-*physis*-existência-linguística que se realiza na forma de (uma)-economia-heurística, o que se indica é que “há” (uma)-probabilidade-(im)provável de que estejamos diante de (uma)-sistemática-de-vida que somente procura manter-se como (uma)-*physis*-existência-axiológica-instituída que se realiza como (uma)-sistemática-viva. O que, curiosamente, não sustenta cada (uma) das [existências manifestas] VIDA, mas antes, “faz” (uma)-manutenção do que se realiza como (uma)-realização que na forma de (um)-*axios*, é o que se projecta sobre cada (uma) das existências VIVAS que “há”, como (uma)-sistemática-axiológica à qual nos referimos enquanto “matriz”-linguística. O que na forma do substantivo grego *μητηρ* (*meter*)<sup>631</sup> ou a partir do substantivo latim *mater*, define-se como MÃE TERRA, mas que se realiza na forma de (uma)-*oikonomia-heurística*<sup>632</sup>.

---

630 Transliteração da palavra grega *oikonomia*.

631 Strong 3384 – substantivo feminino que se define como “mãe”.

632 “Administração de um lar ou dos afazeres do lar” que na forma de (uma)-interacção em e «entre» significantes, é o que se real(iza) como (uma)-ciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio - O que é o contemporâneo?, trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos Editora, 2009. Edição digital. ISBN 978-85-7897-005-5
- ARENDT, Hannah - A condição humana, trad. Roberto Raposo. Lisboa: Relógio D'Água, 2001. Depósito Legal nº 166158|01.
- BADIOU, Alain - O Ser e o Evento, trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: UFRJ editora, 1996. ISBN 85-7110-350-X.
- BATAILLE, Georges - O nascimento da arte, trad. Aníbal Fernandes. 1ª ed. Lisboa: Sistema Solar editora, 2015. ISBN 978-989-99307-3-5.
- BATAILLE, Georges - The cradle of humanity, trad. Michelle Kendall e Stuart Kendall. 1ª ed. Nova York: Zone Books, 2009. ISBN 978-1-890951-56-6.
- COLLI, Giorgio - O nascimento da filosofia, trad. Artur Morão. 2ª ed. Lisboa: edições 70, 2010. ISBN 978-972-44-0973-2.
- DAMÁSIO, António R. - O erro de Descartes - Emoção, razão e o cérebro humano, trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. ISBN 85-7164-530-2.
- DEBORD, Guy - A Sociedade do Espetáculo, trad. Railton Souza Guedes. São Paulo: eBooksBrasil Editora, 2003. Edição digital.
- DESCARTES, René - Discurso do Método, trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2001. ISBN 85-336-0551-X.
- DURKHEIM, Émile - O Suicídio, trad. Monica Estahel. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2000. ISBN 85-336-1105-6.
- FREUD, Sigmund - “Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e OUTROS trabalhos” - Vol. XI – Artigo “O sentido antitético das palavras primitivas”, [1910]
- FREUD, Sigmund - “História de uma neurose infantil” - Vol. XVII – Artigo “O Estranho”, [1919].
- FREUD, Sigmund - “Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e OUTROS trabalhos” - Vol. I – Artigo “Projecto para uma psicologia científica”, [1895]
- FREUD, Sigmund - “A interpretação dos sonhos” - Vol. V
- FREUD, Sigmund - “Totem e tabu e OUTROS trabalhos” - Vol. XIII - Artigo “Totem e tabu”, [1913]
- TODAS as obras de Freud em <http://www.freudonline.com.br>
- FRIEDMAN, Milton - Capitalismo e Liberdade. Editora LTC, versão digital em .pdf [1962]
- HABERMAS, Jürgen - The Strutural Transformation of Public Sphere, trad. Thomas Burger e Frederick Lawrence. Cambridge, Massachussetts: MIT Editora, 1991. ISBN 0-262-58108-6.
- HEIDEGGER, Martin - O ser e o tempo, trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. ISBN 85-326-0947-3.



HOBBS, Thomas - *Leviatã*, trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. 1ª Edição. ISBN 85-336-1930-8.

HUIZINGA, Johan - *Homo Ludens*, trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. Edição digital.

JAYNES, Julian - *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, 1ª ed. Nova York: Mariner Books editora, 2000. ISBN 0-618-05707-2.

KEYNES, John Maynard - *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, trad. Mario R. da Cruz. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. ISBN 85-351-0917-X.

KIERKEGAARD, Søren - *El Concepto de la Angustia*, trad. José Luis L. Aranguren. Madrid: ESPASA-CALPE S. A., 1982. Segunda Edição. ISBN 84-239-2062-3.

KLEIN, Richard G. e EDGAR, Blake - *O despertar da cultura: a polêmica teoria SOBRE a origem da criatividade humana*, trad. Ana Lúcia Viera de Andrade, Rio de Janeiro: Zahar editora, 2005, ISBN 85-7110-894-3.

KRISTEVA, Julia - *História da Linguagem*, trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa : Edições 70, 1980. ISBN 978-972441-41-71.

LACAN, Jacques - “Seminário II”, [1954-55]

LACAN, Jacques - “Seminário XI”, [1964]

LACAN, Jacques - “Seminário XXII”, [1974-75]

TODAS as obras de Lacan em <http://www.bibliopsi.org/freudLacan.php>

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand - *Diccionario de Psicoanálises*, trad. Fernando Gimeno Cervantes, 6ª ed. Buenos Aires: Paidós editora, 2004. ISBN 950-12-7321-0.

LE GOFF, Jacques - *História e memória*, trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. ISBN 85-268-0180-5 20.

LEWIS-WILLIAMS, David - *La mente en la caverna: la conciencia y los orígenes del arte*, trad. Enrique Herrando Pérez. Madrid: ediciones Akal, 2005. ISBN 978-84-460-2062-9.

LOCKE, John - *Segundo Tratado SOBRE o Governo Civil*, trad. Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa, edição digital. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

MAGNO, MD - “O Pato lógico”, [1986]

MAQUIAVEL, Nicolau - *O príncipe*, edição digital. Editora Ridendo Castigat Mores, 2005.

MARX, Karl - *O capital* - Tomo I, trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: editora Nova Cultural, 1996. ISBN 85-351-0831-9.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco - *A árvore do conhecimento*, trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas: editorial Psy II, 1995. ISBN 85.85.480-21-1.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco - De máquinas y seres vivos: autopoiesis la organización de lo vivo, trad. Maria Luisa Santander. 6ª ed. Buenos Aires: editorial Universitária e Grupo editorial Lumen, 2003. ISBN 987-00-0386-9.

MEINONG, Alexious - Gegenstandstheorie und Psychologie. Leipzig: Verlag von Johann Ambrosius Barth, 1904.

NEUMANN, Erich - História da origem da consciência, trad. Margit Martincic. São Paulo: editora Cultrix. 14º edição, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich - SOBRE la utilidad y el perjuicio de la historia para la vida, trad. Germán Cano. Madrid: Biblioteca Nueva editora. Edição digital em pdf.

PEIRCE, Charles Sanders – Semiótica, trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva, 4ª edição, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel - Dicionário de psicanálise, trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: editora Zahar, 1998. ISBN 978-85-7110-444-0.

ROUSSEAU, Jean-Jacques - O contracto Social, trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: eBooksBrasil Editora. Edição digital em pdf.

SARTRE, Jean-Paul - O ser e o nada, Trad. Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Editora Vozes. Edição digital em .pdf. ISBN 978-85-326-1762-0.

SCHOPENHAUER, Arthur - O mundo como vontade e representação, trad. Wolfgang Leo Maar. Edição Acrópolis, 2006. E-BooksBrasil.com

SEGAL, Hanna - Introducción a la Obra de Melanie Klein, trad. Hebe Friedenthal. 2ª ed. Barcelona: Paídos editora, 1982. ISBN 84-7509-055-9.

SKOWROŃSKI, Krzysztof Piotr - Values and Powers: Re-Reading the Philosophical Tradition of American Pragmatism. Amsterdão, Nova York: Editora Rodopi, 2009. ISBN 978-90-420-2745-9

SMITH, Adam - The theory of moral sentiments. Dublin: J. Beatty and C. Jackson, 1778. Sexta edição.

WITTGENSTEIN, Ludwig - Tractatus Logico Philosophicus, Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: USP editora. Edição digital em .pdf.

ZINGALES, Luigi - “A Capitalism for the People: Recapturing the Lost Genius of American Prosperity”, [2012]